

---

## **Frank Buchman: Uma Vida**

---



**Tradução ao português: Fabiana Duarte de Villavicencio**

Do mesmo autor

HOMENS CORAJOS ESCOLHEM  
JOHN WESLEY, ANGLICANO  
BOM DEUS, ISSO FUNCIONA!  
RENASCIMENTO DE UMA NAÇÃO?  
ESTRANHAMENTE AQUECIDO  
O POLÍTICO DE DEUS: A LUTA DE WILLIAM WILBERFORCE

Com Sir Arnold Lunn  
A NOVA MORALIDADE  
O CULTO DA SUAVIDADE  
CONTRA-ATAQUE CRISTÃO

Com Sydney Cook  
O LIVRO PRETO E BRANCO

Garth Lean

FRANK BUCHMAN:

————— UMA VIDA —————

Constable • Londres

Publicado por primeira vez na Grã-Bretanha em 1985

Constable and Company Limited

10 Orange Street, Londres WC2H 7EG

Copyright© 1985 Garth Lean

Estabelecido em Linotron Ehrhardt 11pt por

Rowland Phototypesetting Limited

Bury St Edmunds, Suffolk

Impresso na Grã-Bretanha por

St Edmundsbury Press

Bury St Edmunds, Suffolk

Dados de publicação de catalogação da Biblioteca Britânica

Lean, Garth

Frank Buchman: uma vida.

1.Buchman, Frank N.D. 2. Evangelistas -

Grã-Bretanha- Biografia

I.Título

269'.2\*0924 BV3785.B8

ISBN0094666504

## CONTEÚDO

Prefácio	XI
1 A controvérsia de Buchman	11
2 Menino de cidade pequena	13
3 O trabalho de sua vida terminou?	27
4 Tarde em Keswick	29
5 Pickle em Penn State	33
6 Reconhecimento Asiático	45
7 Conflito na China	60
8 Primeiros Princípios	73
9 'Renunciar, Renunciar'	84
10 Dinheiro e mão de obra	97
11 Companheirismo na estrada	109
12 O inquérito de Princeton	124
13 Oxford e África do Sul	132
14 Comunismo e Alcoólicos Anônimos	146
15 O Grupo de Oxford	154
16 Vida com Buchman	163
17 O Pano e o Boné	176
18 A-Wo-Zan-Zan-Tonga	191
19 Proposta para a Alemanha	203
20 'Noruega em chamas - Dinamarca abalada'	215
21 Hider e a repressão da Gestapo	233
22 Despertando Democracias	244
23 Rearmamento Moral e Espiritual	261
24 O Rearmamento Moral torna-se público	273
25 'A América não tem senso de perigo'	284

26 Debate sobre Trabalho de Guerra	298
27 Perto da Morte	311
28 Ideologia	320
29 Para o mundo pós-guerra	330
30 'Onde estão os alemães?'	337
31 Reconciliação de Caux	348
32 Retorno para a Alemanha	357
33 Schuman e Adenauer	374
34 Japão 385 35 O Soldado Buchman	384
36 'Buchman Kijai!'	408
37 Dois Ataques e Aviso	428
38 Liberdade	446
39 'Eu sempre gostei de pessoas'	461
40 Jornadas Mundiais	477
41 Cura-Extremo Oriente e Profundo Sul	493
42 Batendo no caminho para sua porta	503
43 Batalha do Homem Cego	515
44 Encontrando Tempo para Morrer	521
45 Avaliações	530
Referências de Fonte	535
Agradecimentos	569
Índice	571

## ILUSTRAÇÕES

*Entre as páginas 116 e 117*

- 1 Frank Nathaniel Daniel Buchman de 3 anos (Arthur Strong)
- 2 A família Buchman (Arthur Strong)
- 3 'Eu poderia percorrer os trilhos de Greensboro a Pennsburg' (W. Cameron Johnson)
- 4 A casa dos Buchman em Allentown (Serena Jacob)
- 5 Capela Tithebarn, Keswick (Arthur Strong)
- 6 Buchman na Capela Tithebarn trinta anos após a primeira visita (Arthur Strong)
- 7 Buchman com estudantes da Penn State e Bill Pickle (Arquivo Buchman)
- 8 Buchman com Blair Buck em Minnesota (Arquivo Buchman)
- 9 Buchman e o Bispo Logan Root sentaram-se em Kuling (Arquivo Buchman)
- 10 Samuel Shoemaker (David Grimshaw)
- 11 Buchman com Mahatma Gandhi e Howard Walter (Arquivo Buchman)
- 12 O 'Clube da Carne e da Cerveja' (W. Cameron Johnson)
- 13 Loudon Hamilton (Coleção Hamilton)
- 14 África do Sul, 1929: Buchman com sua equipe (Rand Daily Mail)
- 15 Buchman com Dr. e a Sra. B. H. Streeter (Arthur Strong)
- 16 Rozi Evans (Richard N. Haile *FIBP FRPS*)
- 17 Kenaston Twitchell (Richard N. Haile *FIBP FRPS*)
- 18 Harry Addison (Richard N. Haile *FIBP FRPS*)
- 19 Reginald Holme (RAM)
- 20-24 Buchman no trabalho - do tédio ao entusiasmo (Coleção Entwistle)
- 25 Buchman liderando uma reunião em Oxford, 1934 (Arthur Strong)
- 26 Buchman no Hotel Brown (Arthur Strong)
- 27 Lorde Salisbury na "Festa em Casa" de Oxford (Scoville Wishard)
- 28 C. F. Andrew participou na "Festa em Casa" de Oxford (Scoville Wishard)
- 29 Seis mil pessoas na "Festa em Casa" de Oxford, 1935 (Scoville Wishard)
- 30 Buchman com Lady Minto e Cuthbert Bardsley (Arquivo Buchman)
- 31 Leste de Londres na década de 1930 (Arthur Strong)

32 Buchman com amigos de East London em West Ham pub (Richard N. Haile FIBPFRPS)

*Entre as páginas 276 e 277*

33 Fredrik Ramm (Adolf Blumenthal)

34 Ronald Fangen (RAM)

35 Carl Hambro (Arquivo de Buchman)

36 Moni von Cramon (RAM)

37 Dez mil no Castelo de Kronborg, Dinamarca (foto impressa nórdica)

38 Buchman falando na British Industries Fairbuilding, Birmingham (Ronald Procter FIBPFRPS)

39 Parte da multidão na demonstração do BIF (Ronald Procter FIBPFRPS)

40 Buchman com Harry Blomberg (Arthur Strong)

41 Primeira assembleia do MRA em Visby, Suécia (Arthur Strong)

42 Buchman em Visby, traduzido por Sven Stolpe (Arthur Strong)

43 J. A. E. Patijn, Ministro das Relações Exteriores da Holanda, dirigindo-se aos delegados da Liga das Nações (Arthur Strong)

44 Reunião do MRA, Hollywood Bowl, Califórnia (Arthur Strong)

45 H. W. 'Bunny' Austin e sua esposa Phyllis Konstam com Buchman (Arthur Strong)

46 Buchman e colegas em Lake Tahoe (Arthur Strong)

47 Ilha de Mackinac, Michigan (Robert J. Fleming)

48 Buchman com o Sr. e Sra. Henry Ford (Arthur Strong)

49 Buchman com o contra-almirante Richard L. Byrd e Ray Purdy (Arthur Strong)

50 John Riffe com Sra. Thomas Edison (Arthur Strong)

51 Dr. Coring Swaim examina Buchman após seu derrame (Arthur Strong)

52 Senador Harry Truman e Congressista James Wadsworth (Arthur Strong)

53 Buchman encontrando colegas que retornavam das forças armadas (Arthur Strong)

54 Buchman entrando na 45 Berkeley Square em seu retorno a Londres (Margaret Barnes)

55 Buchman recebido pelo Comandante de Ala Edward Howell (Peter Sisam ABIPP)

56 minas de carvão britânicas no final da década de 1940 (MRA)

57 Buchman saindo da casa de um mineiro de Yorkshire (Peter Sisam ABIPP)

58 Mountain House, Caux, Suíça (Michael Blundell)

59 Buchman com o Dr. Artur Strater da Alemanha e Madame Irene Laure da França em Caux (Arthur Strong)

60 Buchman chegando a Caux (Arthur Strong) Entre as páginas 416 e 417

61 Ruínas em Essen, Alemanha, em 1948 (Arthur Strong)

- 62 Buchman leva uma força móvel para a Alemanha em 1948 (Arthur Strong)
- 63 Rádio Stuttgart entrevistando a força MRA (Arthur Strong)
- 64 Buchman com Max Bladec e Paul Kurowski (Richard N. Haile FIBPFRPS)
- 65 Konrad Adenauer em Caux (Arthur Strong)
- 66 Robert Schuman com Buchman em Caux (Peter Sisam ABIPP)
- 67 Delegação japonesa a Caux em 1950 (Arthur Strong)
- 68 Buchman plantando arroz no Ceilão (David Channer)
- 69 Buchman dirigindo-se aos membros do Parlamento da Índia (David Channer)
- 70 Buchman com Pandit Nehru (David Channer)
- 71 Buchman com J. P. Narayan (David Channer)
- 72 Ahmed Guessous e Pierre Chavanne (Jeremy Mc Cahe LBIPP)
- 73 Buchman com William Nkomo (RAM)
- 74 Buchman em Caux com delegados africanos (Jeremy Mc Cahe LBIPP)
- 75 O Tolon Na, Gana, em Caux (Robert J. Fleming)
- 76 Jomo Kenya consegue apresentar palestrantes do RAM nesta escola (David C. Sturdy)
- 77 Dr. Fadhil Jamali, Ministro das Relações Exteriores do Iraque, na Conferência de Bandung (David Channer)
- 78 Rajmohan Gandhi (David Channer)
- 79 Hans Bjerkholt (Arthur Strong)
- 80 Victor Sparre (RAM)
- 81 Buchman com Peter Howard (David Channer)
- 82 Buchman trabalhando em sua cama (Arquivo Buchman)
- 83 Nobusuke Kishi, primeiro-ministro do Japão (RAM)
- 84 Muriel Smith e Ann Buckles (Arthur Strong)
- 85 Buchman com Konrad Adenauer em Los Angeles (Richard Tegström)
- 86 U Nu visitando Buchman em Tucson (L. A. Demmers)
- 87 Vista da sala de Freudenstadt onde Buchman passou os últimos dias (Arthur Forte)
- 88 Agosto de 1961:Adeus da Europa (Arthur Strong)

## PREFÁCIO

Trabalhar neste livro nos últimos cinco anos significou para mim a renovação de uma antiga camaradagem e o estabelecimento de uma nova amizade. Conheci bem Frank Buchman durante trinta anos, mas não diria que o compreendi completamente. Conversar com centenas de pessoas das mais variadas opiniões, no decorrer de minhas pesquisas, me trouxe muitos novos insights, bem como informações adicionais.

Trabalhei com Buchman no Grupo de Oxford e no Rearmamento Moral desde 1932, mas não fui, exceto durante alguns anos na década de 30, um de seus colegas mais próximos. Depois desses anos, eu o via regularmente, mas muitas vezes nos encontrávamos trabalhando em países diferentes. Eu gostava dele e o respeitava muito, embora muitas vezes discordássemos e às vezes brigássemos, o que, ele disse uma vez, era adequado para "manter as coisas em pé".

Em uma ocasião, bem no início de nossa relação, ele me sugeriu que um dia eu poderia escrever sua biografia. Não sei até que ponto ele estava falando sério e não esperava aceitar a sugestão. Mas parecia errado, vinte anos após a sua morte, que nenhuma biografia completa tivesse sido escrita, e era importante produzir uma avaliação objetiva enquanto a última geração que o conhecia bem ainda estava viva.

Inevitavelmente, abordei a tarefa com uma crença contínua e forte nas ideias que Buchman apresentou, mas tentei manter uma mente aberta sobre o próprio homem e sua realização. Não repeti nada que não possa garantir e procurei investigar, tão completamente quanto possível, as várias alegações feitas a favor e contra ele. Meus pesquisadores e eu tivemos acesso a seus documentos privados, bem como aos arquivos mantidos pelo Rearmamento Moral em vários países, e muitos diários e autobiografias não publicados. Lemos o material relevante no Escritório de Registros Públicos e nas bibliotecas do Lambeth Palace e Igreja House em Londres, no Bodleian em Oxford, na Biblioteca do Congresso em Washington, no Centro de Documentos em Berlim e no Bundesarchiv em Koblenz.

Fui particularmente afortunado com a generosidade de dois amigos. O primeiro fez pesquisas muito extensas durante os anos imediatamente seguintes ao falecimento de Buchman, e o outro entrevistou dezenas de pessoas sobre Buchman nos anos mais recentes. Ambos disponibilizaram seu material para mim; nenhum dos dois deseja ser agradecido

publicamente. Desde então, muitas outras entrevistas e investigações ocorreram, e qualquer citação neste livro para a qual não há referência numerada é fruto de uma entrevista com a pessoa citada no texto.

Meus agradecimentos são devidos não apenas àqueles que concederam essas entrevistas, mas também àqueles que ajudaram em minhas próprias pesquisas, incluindo Kenneth Belden, Alan Faunce, Michael Hutchinson, Svend Major, Mary Meekings, Michel Sentis, Pierre Spoerri, Erika Utzinger e muitos outros. Também sou grato a John Bright-Holmes, Peter Harland, Graham e Jean Turner e ao meu filho, Geoffrey, e à minha filha, Mary, por lerem o livro e darem conselhos profissionais, e a Peter e Margaret Sisam por coordenarem as fotografias. Minha editora atual é Ailsa Hamilton, cuja ajuda foi inestimável e muitas vezes resultou em coautoria. Nem é preciso dizer que sou o único responsável pelas conclusões do texto final e por quaisquer julgamentos equivocados e opiniões expressas.

Entre muitos que digitaram ou comprometeram os vários rascunhos no processador de texto, estou particularmente grato a Hazel Clark e a John Charlton, Jane Harrison, Catherine Hutchinson, Janet Mace, Margaret O'Kane e Janet Paine. Sem seu serviço generoso e o encorajamento e apoio de minha esposa, Margot, o livro não poderia ter sido concluído.

## A CONTROVÉRSIA DE BUCHMAN

Esta é a história de um homem que se propôs a reconstruir o mundo. Isso deve ser dito desde o início, porque só é possível compreender Frank Buchman no contexto desse objetivo. Tudo o que ele fez em sua vida adulta foi separado disso, e dificilmente alguma coisa que ele fez poderia, aos seus olhos, estar separado disso. Esse objetivo condicionava onde e como ele vivia, como abordava as pessoas e situações e o que fazia de hora em hora.

Nenhuma pessoa sã olhando ao redor do mundo em 1961, quando Buchman morreu aos 83 anos, teria descrito aquele lance como um sucesso. Por outro lado, seria igualmente difícil julgar sua vida como um fracasso. Algumas séries notáveis de eventos surgiram de suas iniciativas; outros ainda estão surgindo hoje. É pelo menos discutível que poucos deles teriam surgido se o seu objetivo fosse menor.

Buchman sempre foi e ainda é uma figura controversa. Na década de 30, o Arcebispo Lang de Canterbury afirmou que estava sendo «utilizado para colocar multidões de vidas humanas em todas as partes do mundo sob o poder transformador de Cristo», enquanto o Bispo Henson de Durham o acusava de «autoconfiança megalomaniaca». Em 1940, o Ministro da Informação britânico, Brendan Bracken, disse que seria preso assim que a América entrasse na guerra, enquanto o Departamento de Justiça dos Estados Unidos descreveu o seu trabalho como “essencial para o esforço de defesa”. O autor e membro do Parlamento da Universidade de Oxford, A. P. Herbert, chamou-o de “fraudador arrogante” na Câmara dos Comuns, e Tom Driberg, que mais tarde seria presidente do Partido Trabalhista, atacou o Ministro do Interior por permitir que um homem que nunca havia denunciado Hitler voltasse a entrar na Grã-Bretanha em 1946. A Gestapo o condenou em relatórios de 1936 em diante, e ele foi periodicamente atacado pela Rádio de Moscou. Seu trabalho foi investigado em diversos momentos pela Universidade de Princeton, pelo Secretariado da Confederação Internacional de Sindicatos Livres e por um grupo de trabalho do Conselho Social e Industrial da Igreja da Inglaterra. Em 1953, o Santo Ofício de Roma emitiu uma advertência aos católicos, um “mal-entendido” que só foi esclarecido anos

depois. Entretanto, foi condecorado por sete países, incluindo França, Alemanha, Grécia, Japão e Filipinas, pelo seu efeito nas relações com outros países. Quando estava quase terminando este livro, fui apresentado, numa recepção em Oxford, ao Cardeal Franz Konig, Arcebispo de Viena. Ele me perguntou o que eu estava escrevendo e mencionei Frank Buchman. “Ele foi um ponto de viragem na história do mundo moderno através das suas ideias”, disse imediatamente. Na semana seguinte, ele me enviou suas razões para dizer isso.

Uma tal variedade de opiniões exige uma investigação mais aprofundada do que a que até agora apareceu. Uma descrição mais detalhada do próprio homem, seu caráter, crenças e estilo de vida já era necessária. Pois mesmo alguns que o encontravam com frequência o achavam intrigante. Sir Arnold Lunn, autor e inventor do *slalom* e das corridas de descida no esqui, costumava me questionar sobre ele. Depois de criticar Buchman em vários livros, Lunn decidiu visitar o Centro do Rearmamento Moral em Caux, na Suíça, para estudá-lo e ao seu trabalho em primeira mão. Depois disso, ele foi para lá quase todos os anos durante um período de dez anos, em parte porque gostava da companhia. No entanto, Buchman ainda o intrigava.

‘Ele não tem um carisma que eu possa ver’, disse ele. “Não é bonito, não é orador, nunca escreveu um livro e raramente dirige uma reunião. No entanto, estadistas e grandes intelectuais vêm de todo o mundo para consultá-lo, e muitas pessoas inteligentes permaneceram com ele, a tempo integral, sem salário, durante quarenta anos, quando poderiam estar construindo carreiras para si próprias. Por quê?’

Por que realmente? G. K. Chesterton observou certa vez que é bom que haja algo de enigmático no tema de uma biografia porque “ela preserva duas coisas muito importantes – a modéstia no biógrafo e o mistério na biografia”. Este livro pretende dar uma imagem viva de um homem bem conhecido, mas em grande parte desconhecido.

## MENINO DE CIDADEZINHA

Frank Buchman nasceu em Pennsburg, na Pensilvânia, em 4 de junho de 1878. A cidade tinha uma rua principal de casas simples de tijolos, uma igreja luterana reformada, um armazém geral, uma chapelaria, uma pequena fábrica de charutos, um hotel e uma estação ferroviária recém-construída, patrocinada por quatro trens de passageiros e duas cargas por dia. Seus 1.200 habitantes eram praticamente todos, alemães da Pensilvânia - o nome então corrompido para holandeses da Pensilvânia - a maioria deles descendentes de colonos que haviam subido os vales da Filadélfia durante o século e meio anterior. Ao Leste ficava o rio Perkiomen, em homenagem a um chefe índio, e ao redor se estendiam as terras agrícolas férteis e onduladas que fizeram de Pennsburg um município confortável e próspero.

Como o resto da sociedade holandesa da Pensilvânia, Pennsburg era um lugar conservador e intensamente unido. 'Eu poderia ficar acordado à noite', disse Buchman mais tarde, 'e numerar quem morava em cada casa de uma ponta a outra de Pennsburg.' O alemão, num dialeto que soava como uma mistura de alemão suábio e suíço, ainda era a língua da fala cotidiana, e até o fim de seus dias o pai de Buchman sentiu-se mais à vontade com o alemão do que com o inglês. A maioria dos jornais locais da região eram impressos em alemão, os sermões eram proferidos em alemão e muitos dos costumes da pátria sobreviviam intactos. No Natal as árvores estavam repletas de maçãs vermelhas e biscoitos decorados com açúcar vermelho; na terça-feira gorda havia donuts especiais, conhecidos como



*A família Buchman - Franklin e Sarah, seu filho Frank e seu filho adotivo Dan. © Arquivo Buchman/RAM Productions. [View Photo Thumbnail Navigator](#)*

Fawsanochdkucha (Fastnachtkuchen). Tudo fazia parte de uma cultura bem diferente de qualquer coisa fora da região.

As pessoas também se assemelhavam fortemente aos seus protótipos na Europa. Eram sérios, zelosos e propensos a ter uma visão sombria da vida, e a sua moralidade incorporava uma profunda apreciação do valor das coisas materiais. Eles acreditavam no trabalho árduo, na frugalidade e na honestidade escrupulosa em seus negócios. Buchman certa vez os descreveu como “pessoas conservadoras, teimosas e desconfiadas”. Não se destacar em alguma coisa era uma pena.

A abstinência de álcool era considerada preferível e o único vício permitido era comer demais. Para os holandeses da Pensilvânia, de fato, as delícias da mesa estavam entre as principais alegrias da vida. Esta foi a terra que originou o *waffle* e a torta *shoo-fly*, a terra da canja de milho e da salada de dente-de-leão. Esperava-se que todos fornecessem uma boa refeição em pouco tempo e qualquer um que não fosse um bom cortador de trincheiras poderia ser suspeito.

Os primeiros colonos “alemães” chegaram no final do século XVII. Para eles, a Pensilvânia era uma terra de refúgio da perseguição religiosa. Eles vieram a convite do quaker inglês em 1680, William Penn, a quem Carlos II concedeu uma área de 45.000 milhas quadradas em seu mais novo domínio colonial. A mãe de Penn era alemã e ele era, portanto, particularmente sensível à situação daqueles que estavam sendo perseguidos por suas crenças pelos Habsburgos católicos ou pelos príncipes luteranos, ou por ambos. Assim, eles atravessaram o Atlântico – Menonitas, Schwenkfelders, Adventistas do Sétimo Dia, Amish e Morávios, bem como Luteranos. A maioria veio da Suábia e do sul da Alemanha, do leste da Suíça e do Tirol.

Os antepassados de Buchman viajaram do leste da Suíça cerca de meio século depois, não tanto para evitar perseguições, mas para ocupar terras gratuitas numa comunidade próspera e agradável. A cidadania suíça da família era na cidade de Bischofszell. O portador mais notável do nome foi Thomas Bibliander<sup>1</sup>, que sucedeu Zwingli como professor de Teologia na Academia de Zurique em 1531. Na altura em que os turcos sitiavam Viena e todos os púlpitos trovejavam contra os «inimigos maometanos de Cristo», ele publicou uma

---

<sup>1</sup> Seguindo o costume da época, ele adotou a tradução clássica do sobrenome.

tradução medieval do Alcorão para o latim, a língua universal da Europa erudita. Seu impressor foi preso e ele próprio só foi, com grande dificuldade, impedido por seus amigos de partir para o Oriente Médio. Frank Buchman, anos mais tarde, ficou muito satisfeito com a suposição – sugerida a ele por um Buchman que conheceu em Paris – de que ele era descendente de Bibliander; mas a extensão do parentesco é incerta.

Os Buchman que emigraram para a Pensilvânia foram Martin e seu irmão Jacob. Eles deixaram a Suíça em 1750, partiram de Rotterdam para a Filadélfia, no Phoenix, em 28 de agosto e depois percorreram de carroça os 90 quilômetros até Cetronia, onde ambos logo se tornaram agricultores modestamente bem-sucedidos. O filho e o genro de Martin lutaram na Guerra Revolucionária, como major e capitão, respectivamente, na Milícia do Condado de Northampton. Enquanto isso, em 1738, o antepassado da mãe de Buchman, Jacob Greenwalt<sup>2</sup>, deixou o cantão de Berna com sua esposa e três filhos, tornou-se contratado de um fazendeiro por dois anos, para pagar sua passagem, e depois se estabeleceu no mesmo condado de Northampton. Jovens de ambas as famílias foram para o Oeste em busca de fortuna. Um dos tios maternos de Frank Buchman, Aaron Greenwalt, estabeleceu-se em Anoka, Minnesota. Ele foi um dos primeiros no estado a se alistar no Norte, na Guerra Civil, e morreu na batalha de Gettysburg. O próprio pai de Buchman, Franklin, chegou até Indiana, onde trabalhou como construtor de estradas - nas estradas de "veludo cotelê" daquela época, feitas de troncos de árvores - mas depois pegou malária e teve de ser levado para casa, para a fazenda da família. Ele conheceu Sarah Anna Greenwalt em um piquenique e, em 5 de janeiro de 1875, eles se casaram e foram morar na fazenda Greenwalt, na encantadora região montanhosa ao redor de Weisnersville.

Franklin Buchman pai era inquieto e empreendedor. Em um ano, ele deixou a fazenda e se estabeleceu como comerciante, e dezoito meses depois ele e Sarah se mudaram novamente, desta vez para Pennsburg, onde comprou um armazém na Main Street, 772, vendendo de tudo, desde carne e melaço até parafina. As perspectivas de negócios devem ter parecido promissoras. A *Philadelphia & Reading Railroad* já havia aberto sua filial Perkiomen de Filadélfia a Pennsburg e planejava estender a linha para Emaús e Allentown.

---

<sup>2</sup> O nome foi escrito de várias maneiras Greenwald, Greenawalt, Greenwalt. Como Buchman sempre utilizou esta última, esta versão é adotada aqui.

O primeiro filho de Franklin e Sarah Buchman, um filho, chamado John William, nasceu em Pennsburg em 1876, mas morreu de difteria antes dos dois anos. Cinco meses depois, seu segundo filho nasceu no quarto do primeiro andar, acima da loja. Ele se chamava Franklin<sup>3</sup> em homenagem ao pai, e Nathaniel Daniel em homenagem aos avôs Buchman e Greenwalt. Como ele disse: 'Quando nasci, eles tentaram deixar todo mundo feliz'. Os Buchman não tiveram mais filhos, mas vinte e um anos depois adotaram seu sobrinho Dan, dezoito anos mais novo que Frank, que se tornou um membro da família muito querido, embora problemático.

O prédio, hoje Farmácia Markley, é marcado por uma placa colocada, pela comunidade, como parte das comemorações do centenário do nascimento de Buchman.

A loja floresceu e, depois de um tempo, Franklin Buchman pai conseguiu imitar seu próprio pai, que fora estalajadeiro e fazendeiro, e comprou o pequeno hotel perto da estação ferroviária. Tinha treze quartos, um bar e uma varanda de madeira que percorria toda a extensão da fachada. Agora se tornou o Buchman House Hotel, oferecendo 'as melhores acomodações para viajantes, vendedores e tropeiros. Casa mobiliada com aquecimento a vapor. Equipes para contratar a preços razoáveis. “Havia uma regra”, lembrou Frank Buchman: “se você não chegasse até uma da tarde, não almoçava. Foi um assunto de família. Eu costumava secar a louça.

Assim, o jovem Frank passou um período de formação na infância em um pequeno hotel ferroviário. A experiência desempenhou um papel vital na formação de seu caráter. Os trilhos da ferrovia eram como um rio que, a cada semana, trazia uma nova maré de humanidade exigente e apressada. Através deles, o menino captou os ecos e os sabores do grande mundo exterior, ao qual de outra forma ele teria pouco acesso; e ele viu seus pais atuando como anfitriões de uma grande variedade de viajantes, tomando o cuidado meticuloso na preparação dos quartos e no serviço das refeições, o que seria uma prática para ele, por toda a vida.

Foi, segundo ele mesmo, uma infância deliciosa: - “Eu poderia andar pelos trilhos de Greensboro a Pennsburg e nunca mais descer. Esmaguei moedas na pista.” Seis dias por

---

<sup>3</sup> O prédio, hoje Farmácia Markley, é marcado por uma placa colocada, pela comunidade, como parte das comemorações do centenário do nascimento de Buchman.

semana, durante as férias, ia pescar bagre, peixe-lua e robalo no alto rio *Perkiomen* e, na manhã seguinte, fritava o pescado no café da manhã. Na Páscoa caçava ovos que a mãe tinha escondido no jardim, no verão nadava, no inverno andava de tobogã e de trenó. Mais tarde, seu pai o levava todos os sábados às corridas em sua carruagem, puxada por “dois cavalos pretos espancados” – embora ele não tivesse permissão para apostar. Tinha um velocípede vermelho novo e um cachorro chamado Nickie, e parecia ter todo o tempo do mundo para tudo. A memória daquela infância permaneceu com ele durante uma longa vida de viagens. “Não há nada que eu goste tanto quanto a Pensilvânia em junho”, disse ele certa vez. “Adoro o solo vermelho e as flores, a beleza das Montanhas Azuis... Estou feliz por estar rodeado de tanta beleza.”

Quando Buchman tinha oito anos, seus pais o mandaram para uma escola particular a alguns quarteirões da estrada. O Seminário Perkiomen<sup>4</sup> era dirigido pelos *Schwenkfelders*, a mais liberal das correntes religiosas alemãs que colonizaram a área. Eles acreditavam que a Reforma Luterana era muito rígida e dominada pelo Estado e que era necessária uma religião mais pessoal e espiritual, com menos liturgia e ritual. Ao estudo da Bíblia, acrescentaram “a luz interior que, consideravam, vinha através da inspiração direta e do domínio do Espírito Santo. Mais próximos dos Quakers do que das seitas fundamentalistas como os Amish e os Menonitas, eles foram, em muitos aspectos, ecumenistas adiantados ao seu tempo. Não se sabe se a influência deles sobre Buchman foi permanente - nos anos posteriores ele não conseguiu listar suas crenças - mas, de qualquer forma, não foram limitadas. Embora sua família fosse luterana ortodoxa, ele às vezes caminhava seis quilômetros até a igreja católica mais próxima com um amigo que ia à missa matinal.

No seminário teve educação formal em línguas (incluindo latim e grego), retórica, matemática, ciências e música. Na sala de aula, ele parece ter sido ansioso e trabalhador, embora não mais do que um aluno normal. Por fora, era um extrovertido sociável, “um menino em rápido crescimento, de pele e olhos claros e cor avermelhada, muitas vezes monopolizado pelo “sexo frágil”, segundo um amigo da família.<sup>5</sup> Aos treze anos, ele fundou

---

<sup>4</sup> Agora é o centro de um grande campus, atraindo estudantes de vários países.

<sup>5</sup> William F. Day, Sellersville, Pensilvania; nota datada de 4 de agosto de 1927.

um clube para meninos e meninas, que chamava de Sociedade PGB: as iniciais, explicou, destinavam-se apenas a provocar curiosidade<sup>6</sup>.

Se esse tipo de leviandade era raro na sociedade alemã da Pensilvânia, um outro lado do jovem Buchman já havia começado a aparecer. Sua mãe, cujo primo era um ilustre teólogo, nutria o desejo de que seu filho também se tornasse ministro, e o menino parece ter aceitado a comissão prontamente. Ele se lembrou, aos 83 anos, de um incidente que pode ter ajudado a formar sua mente inicial. Um conhecido bêbado de Pennsburg apareceu certo domingo no banco do penitente na igreja, sinalizando assim uma decisão de reforma. “Eu tinha cerca de cinco anos na época”, relatou Buchman. 'Foi a primeira vez que percebi que a religião poderia mudar o modo de vida de alguém.' Seu professor da Escola Dominical observou que ele parecia “ansiar pelo poder de liderar os outros corretamente” e logo estava praticando sermões em casa.

Mesmo assim, ele parece ter sido sujeito à maioria dos pecadilhos da juventude. “Quando eu tinha onze anos, beijei uma garota”, disse ele. 'A garota não quis nada comigo por uma semana.' Roubou dinheiro da mãe para comprar doces, teve a boca lavada com sabão por xingar e, anos depois, quando um jovem, envergonhado, lhe contou que ele cedeu a uma tentação comum, perguntou alegremente: 'Quantos anos você tem?' 'Vinte e dois.' “Você ainda tem um ano”, respondeu Buchman, de meia idade. 'Só me livrei disso finalmente aos vinte e três anos.'

Não havia escola secundária em Pennsburg e, portanto, quando Buchman tinha dezesseis anos, seu pai vendeu o hotel e a família mudou-se para Allentown, apenas dezoito milhas ao norte, mas, naquela época, uma viagem de três horas a cavalo e de charrete. Foi uma grande mudança no ambiente e no status. Eles alugaram



A casa dos Buchman em Allentown, Pensilvânia, para onde a família se mudou em 1894.

© Sereno Jacob

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>6</sup> Sra. Flora Longehacker, 28 novembro 1933

uma casa confortável, recém-construída, com terraço e varanda, na Rua 117 N 11th<sup>7</sup>, com vista para uma estrada de terra que levava a terras agrícolas - consideradas uma das mais férteis dos Estados Unidos. Frank Buchman pai abriu um restaurante e saloon na Rua Hamilton, 533, a poucos passos do tribunal, que logo se tornou um centro de discussão política e social. Naquela época, até a rua principal ainda não era pavimentada e o único meio de transporte público era um bonde, puxado por duas mulas esqueléticas. Mas - tal como o resto da América - Allentown estava expandindo-se a um ritmo explosivo. A sua população, de apenas 18.000 habitantes em 1880, duplicaria em 1900, e novas chaminés surgiam constantemente ao longo das margens do rio *Lehigh*. Havia boas ligações telefônicas, telegráficas e ferroviárias com Nova York e Filadélfia: quando os Buchman chegaram, vinte trens por dia em cada direção.

A mudança não prejudicou o bom humor do jovem Buchman. Na Allentown *High School* – a três quarteirões e meio de sua nova casa – ele e um amigo decidiram explorar o *loft*, o que significava rastejar pelas vigas expostas. Buchman escorregou e uma perna atravessou o teto da sala de aula abaixo, para alegria dos alunos e aborrecimento do mestre. Assim como em *Perkiomen*, ele contribuiu com fofocas para a revista da escola. 'Por que uma certa moça carrega uma foto do time de atletismo de 95 para a escola?' ele perguntou. 'Ela certamente tem um motivo!' Ao mesmo tempo, ele contava a um amigo que, embora adorasse dançar, desistiria quando tivesse 21 anos porque seria ministro.

Ele ingressou na Universidade *Muhlenberg*, uma instituição de artes liberais de propriedade e administrada pelo Ministério Luterano, cujo objetivo principal era fornecer à igreja um fluxo constante de ministros. O próprio Buchman “ansiava por ir para Princeton”, mas seu pai estava convencido de que Muhlenberg, a apenas um quilômetro e meio de casa, na Rua 11th, era mais adequado. Os estudantes usavam terno preto e gravata; a teologia, juntamente com o alemão e o grego, ocupava um lugar de destaque no Currículo; e esperava-se que aqueles que aspiravam ao manto ensinassem na Escola Dominical e visitassem os doentes. Buchman teve aulas de Escola Dominical em uma missão local e passou muito tempo visitando hospitais e orfanatos. Mas, em outros aspectos, ele dificilmente se comportava da maneira séria e aceita.

---

<sup>7</sup> No que hoje é o distrito histórico de Old Allentown. A casa está aberta ao público e foi preservada pela Sociedade Histórica do Condado de Lehigh quase exatamente como era quando a família Buchman morava lá.)

Para começar, ele teve aulas de pintura. Também frequentou a academia de dança da Sra. Chapman na Rua Hamilton e não demorou a colocar em prática o que havia aprendido. Em algum momento de 1897, uma festa foi oferecida pelos alunos da Sra. Chapman, para a qual cada um convidou uma jovem. Depois, disse o jornal local, eles “foram para *Peters & Jacoby's*, onde saborearam ostras em meia concha, ostras fritas, frango... sorvete e bolo”. Nesta ocasião, acrescentou: ‘Há apenas um brinde, ‘Participe’. A sua repetição não foi considerada necessária<sup>8</sup>.

No inverno, havia festas de trenó em aldeias tão distantes como Nazaré. “Íamos dançar a noite toda”, lembrou Buchman, “e depois voltávamos para casa 24 quilômetros de trenó no início da manhã.” Em uma visita a Allentown mais tarde na vida, ele apontou para a casa da Fraternidade *Alpha Tau Omega*, onde levou doze meninas para um baile: 'Não suportaria decepcioná-las.'

Na faculdade, foi gerente comercial do jornal, desenhou caricaturas para o anuário, o *Ciarla - Lei Seca* aparecendo como um velho severo e rabugento - foi sócio entusiasta dos clubes de tênis e ciclismo, ganhou prêmio de cultura física, foi classe vice-presidente na segunda metade de seu último ano, e se divertiu escrevendo esquetes dramáticos e poesias de personagem romântico e atuando na peça do primeiro ano.

A origem familiar de Buchman era ainda mais incomum para o ordenando médio daquela época. Em 1897, seu pai abriu um negócio atacadista de vinhos e bebidas alcoólicas em Emmaus, oito quilômetros ao sul de Allentown, e isso, combinado com sua paixão pela região, dificilmente fez dele a ideia de um pai modelo dentro do estabelecimento luterano para um de seus futuros pastores. Na verdade, um ministro local pregou contra ele e disse que iria para o inferno. No entanto, o pai de Frank, encontrando-se com o ministro na estação ferroviária, puxou a perna durante o sermão e ofereceu-lhe uma bebida. Isso foi aceito e eles se tornaram amigos. Enquanto isso, seu negócio prosperava e suas equipes forneciam vinhos, licores e refrigerantes como salsaparrilha para estabelecimentos em quatro condados.

A mãe de Buchman estava sempre pronta, na tradição da região, para oferecer hospitalidade aos seus amigos no menor prazo possível. «Frank sempre adorou festas», disse um vizinho, «e a sua mãe também.» Ele referia-se frequentemente a ela como uma «grande provedora». Nos retratos congelados de estúdio do período, ela aparece distintamente com

---

<sup>8</sup> Corte de imprensa, sem data, provavelmente 29 de dezembro de 1897.

um rosto severo e ameaçador. Um escocês, ao conhecê-la em sua velhice, disse que ela tinha a constituição de “uma grande aparelhadora quadrada”. “Ela era alta, o rosto cheio de rugas, mas quando sorria era como um girassol”, acrescentou. Os contemporâneos enfatizam seu senso de humor. De qualquer forma, o exterior severo da foto encobria uma natureza excepcionalmente tolerante, pelo menos no que dizia respeito ao seu único filho.

Em comparação, o pai de Buchman parece indeciso. Mas “ele era”, disse um amigo, “um homem de negócios de sucesso que estava determinado a apoiar o seu filho até ao limite”<sup>9</sup>. Ele também era generoso com amigos que se metiam em dificuldades; e os anos passados em restaurantes e atrás do bar lhe deram uma visão perspicaz e caridosa da natureza humana. Talvez seja por isso que seu filho costumava dizer mais tarde aos homens mais jovens que o que eles precisavam, ao tentar ajudar as pessoas, eram as qualidades de um bom barman - simpatia, disposição para ouvir e intuição. Buchman disse que aprendeu com seu pai como entender as pessoas, enquanto herdou de sua mãe sua reserva pessoal e um senso de ordem e da linha que separa o certo do errado.

A casa deles era confortável, em estilo alemão, com muitos móveis escuros e bastante pesados, realçados por agradáveis óleos e aquarelas - vários deles, mostrando considerável sensibilidade, pintados pelo jovem Frank - e uma série de ornamentos elegantes. incluindo um lindo serviço de chá Limoges. Eles tinham dois criados e o vinho era regularmente servido à mesa.

Sarah Buchman, sempre vista com um babado branco no pescoço e o cabelo preso em um coque, estava ao mesmo tempo orgulhosa de vir de uma família de alguns recursos<sup>10</sup> e determinada que seu filho deveria ter o tipo de educação que ela sentisse que sua posição como família era merecida. Como qualquer bom alemão da Pensilvânia, ela tinha uma noção aguçada da ordem correta das coisas; como qualquer boa burguesa, ela ansiava por ver a sua descendência crescer nessa ordem. Ela esperava que ele deixasse sua marca no mundo, mas como um homem de Deus local. Na sua ambição por ele naquela época, o temporal e o espiritual estavam intimamente interligados.

---

<sup>9</sup> William F. Day.

<sup>10</sup> 'Minha avó veio (da Suíça) com espartilhos e rendas. Poucas pessoas usavam espartilhos naquela época', relatou Buchman. (Diários de Martin, 12 de maio de 1941.)

Buchman passava as férias de verão em passeios de bicicleta (um ano ele e um amigo de escola, Arthur Keller, foram de trem e barco até Montreal, fazendo passeios paralelos de bicicleta ou a pé) ou a Chautauqua, o centro religioso e cultural de Estado de Nova Iorque, onde uma série anual de palestras e recitais proporcionou o que parece ter sido um cruzamento entre férias e uma escola de conclusão de verão. Seu programa incluía palestras sobre assuntos que iam de Milton à culinária e temperança, reuniões de oração e esportes, e era animado por uma variedade de entretenimentos, entre eles concertos orquestrais, *yodellers* suíços e octetas de universitárias. Os palestrantes incluíam evangelistas como Henry Drummond, embora Buchman nunca o tenha conhecido, e escritores como Mark Twain.

Enquanto estava em Muhlenberg, Buchman visitou Woonsocket, Rhode Island, a convite da Srta. Florence Thayer, que ele evidentemente conheceu em Chautauqua ou em uma reunião social em Allentown, e cujo pai dirigia cinco fábricas de cetim. O esplendor da casa dos Thayer o deslumbrou bastante. A casa, disse ele à mãe, ficava num bairro muito aristocrático, na rua mais elegante de Woonsocket, e também ao lado da casa de um antigo governador de Rhode Island. Tinha um grande hall, uma grande sala de recepção em dourado e branco, e havia tapetes Wilton no chão, belas cortinas nas janelas e belos quadros nas paredes. Só um quarto, calculou ele com o olhar do filho de um hoteleiro, deve ter custado US\$ 1.500 para ser mobiliado, se não mais. Os Thayers, concluiu ele, tinham nada menos que três carruagens<sup>11</sup>.

A vida social era igualmente cativante. Ele ia aos bailes com a Srta. Thayer e era “entretido jogando cartas” com os amigos dela. Um deles era o filho de um multimilionário recém-formado em Harvard. Ele era, relatou Buchman, “um jovem esplêndido, bastante interessado em cavalos de corrida, mas parece ser cristão”. Sua própria alegria foi ainda maior porque ele se sentiu muito solicitado. “Sou perfeitamente celebrizado aqui”, disse ele à mãe. ‘Eles me querem em casa o tempo todo<sup>12</sup>.’ Quanto à própria Srta. Thayer, ‘Ela não me decepcionou nem um pouco<sup>13</sup>.’ É claro que o jovem Frank considerava Florence uma possível noiva. Ela está na lista daqueles que lhe deram presentes de Natal em 1897 e 1898; embora

---

<sup>11</sup> Buchman para sua mãe, 14 de julho de 1898.

<sup>12</sup> *ibid.*, 12 de julho de 1898.

<sup>13</sup> *ibid.*, 14 de julho de 1898.

várias outras senhoras também apareçam nesta última lista. Outra jovem recebeu o distintivo da fraternidade de Buchman, uma troca naquela época muitas vezes sendo um precursor do noivado e do casamento; enquanto a filha de um terceiro está convencida de que se Buchman tivesse se casado, teria sido com sua mãe, Bertha Werner.

O jovem Buchman estava então cheio de contradições naturais. Ele apreciava a alegria da vida social burguesa, ficava deslumbrado com a elegância e a riqueza de um mundo que apenas começava a explorar e, acontecesse o que fosse acontecer, depois de completar vinte e um anos, não tinha a intenção de se conformar com a imagem padrão do futuro teólogo luterano.

Ao mesmo tempo, ele procurava claramente algum caminho de doação religiosa ou social. Seus ensaios sobre assuntos religiosos<sup>14</sup> exibiam um calor e uma amplitude de visão além da piedade obrigatória. ‘O maior presente de Deus ao homem’, escreveu ele em um ‘Serviço Fraternal’, é o amor. O homem sobe ou desce na escala da grandeza à medida que possui este dom... O perigo é... que a nossa adesão a um partido político signifique uma denúncia indiscriminada ao outro - que ao defendermos a nossa própria cidade, abusemos dos outros, ou ao amarmos a nossa própria nação, odiemos as outras. O cultivo desse espírito deve começar com o indivíduo, se quiser influenciar uma nação. Aquele que fizer a sua parte para ajudá-lo deve ampliar a sua vida, estender a sua simpatia e não estabelecer limites para a sua generosidade e ajuda.’

As suas esperanças para o futuro foram expostas num pomposo discurso de formatura proferido em 1899, intitulado “O Amanhecer”: “Quando, no crepúsculo do próximo século, for convocada a lista daqueles que figuram proeminentemente na moldagem e orientação da nossa nação, podemos esperar que os nomes de alguns de nós possam aparecer nela. Embora nossos nomes possam não aparecer no rolo de fama da Terra, que eles apareçam no rolo de honra do Céu.’

Isso era mais do que a retórica de um jovem. Buchman já sentia que seria necessário sacrifício para que tal ambição fosse concretizada. Quando um primo, Fred Fetherolf, contou-lhe que Bacon havia comentado, em algum lugar de seus ensaios, que um homem solteiro poderia fazer um trabalho melhor do que um homem casado, Buchman continuamente o

---

<sup>14</sup> Encontrado na casa de Buchman, entre outros ensaios de apoio a 'The Dance', “Mulheres ciclistas” e um intitulado 'Cuba Será Livre', bem como algumas poesias de amor, uma peça e notas para colunas de fofocas na revista escolar.)

importunou para encontrar a citação exata. Lê-se: ‘Aquele que tem esposa e filhos se fez refém da fortuna; pois são impedimentos para grandes empreendimentos, sejam de virtude ou de maldade<sup>15</sup>.’

Mesmo então, lembrou Fetherolf mais tarde, a ideia de Buchman era que um homem deveria ter um único objetivo na vida: o seu próprio era ganhar pessoas para Deus. “Se alguma vez um homem teve um propósito fixo”, acrescentou Fetherolf, “foi Frank Buchman, embora ele tenha se tornado impopular entre alguns dos sujeitos por causa disso.”

Sua excitação natural e gregário acompanharam um instinto mais profundo de ficar de pé e caminhar sozinho. Seu caráter era composto de ambição, autoconfiança abundante e aquele crescente senso de vocação.

No verão de 1899, aos 21 anos, Buchman formou-se em Muhlenberg com menção honrosa e o Prêmio Butler de Analogia de vinte e cinco dólares em ouro por uma prova sobre a clássica defesa do Cristianismo do Bispo Butler, Analogia da Religião<sup>16</sup>. Naquele mesmo outono, ele foi para a Filadélfia para frequentar o seminário teológico luterano em Mount Airy, em Germantown. Por enquanto, pelo menos, o seu sentido de vocação o conduzia em direção à igreja de seus antepassados.

---

<sup>15</sup> Francis Bacon: Essays, VIII, 'Do casamento e da vida de solteiro' (Everyman's Library), p. 22.

<sup>16</sup> Bispo Joseph Butler, Analogia da Religião (Londres, 1736).

## NOTA SOBRE REFERÊNCIAS DE FONTE

As referências nos pés de página são atribuídas a Buchman, elas vêm do livro de seus discursos, *Reconstruindo o Mundo* (Blandford, 1961). Citações de Buchman que não são atribuídas foram anotadas por amigos da época ou em lembranças posteriores.

O Dr. Morris H. Martin, que foi secretário de Buchman durante os últimos vinte e cinco anos de sua vida, disponibilizou-me uma biografia inédita em vários rascunhos, bem como seus diários particulares de determinados anos e vários registros ocasionais de viagens ou eventos específicos. Estes são referidos como 'Martin MSS', 'Diários de Martin' e 'Contas de Martin' respectivamente.

As outras fontes principais, além dos vários livros e autobiografias inéditas abaixo mencionadas, são entrevistas com pessoas que conheceram Frank Buchman, conduzidas por Ailsa Hamilton, Graham Turner, Pierre Spoerri ou pelo autor.

## O TRABALHO DE SUA VIDA TERMINOU?

A mudança de Muhlenberg para Mount Airy levou Buchman de uma parte da cultura alemã da Pensilvânia para outra. O seminário, propriedade do Ministério, refletia a sua seriedade zelosa. Os próprios edifícios transmitiam uma impressão de austeridade, até mesmo de severidade, e sugeriam que uma carreira na Igreja Luterana não era algo a ser empreendido levianamente. Ao mesmo tempo, Mount Airy estava situado na excitante cidade da Filadélfia, o berço da Constituição Americana e um importante porto, que ainda via a Europa como o centro de gravidade do mundo. Aquele grande mundo, com o qual Buchman leu e sonhou, parecia muito mais próximo agora do que em Allentown.

No início, Buchman sentiu-se intensamente solitário e compensou adotando uma atitude um tanto senhorial para com seus colegas de seminário. Eram, pensou ele, um tanto incolores e estreitos. Muito poucos, escreveu ele à mãe, tinham muito conhecimento geral. Eles não sabiam nada além do que haviam estudado nos livros. Isso era muito bom, mas um homem precisava de conhecimento dos “feitos dos homens”.

Ao mesmo tempo, do mesmo jeito que muitos jovens que recentemente saíram de casa, ele estava dando aos seus pais um vislumbre das suas ambições. Eram grandiosos, ao estilo de uma América saturada com a filosofia da cabana de madeira até à Casa Branca de *Horatio Alger*, cujos 200 milhões de exemplares de livros tinham sido vendidos nos vinte e cinco anos anteriores. “Para ser grande, um homem deve fazer coisas extraordinárias, não comuns”, escreveu Buchman aos pais. ‘Pela graça de Deus, pretendo fazer brilhar o nome “Buchman”. Com esforço e trabalho árduo, posso realizá-lo.’ O Dr. Luther, observou ele, não havia escrito hinos até os quarenta anos; e sua própria ambição era ser um autor famoso e escritor de hinos. ‘Nunca’, concluiu ele, ‘revelei-te a minha mente desta forma, mas muitas vezes fiquei acordado e pensei em todas estas coisas<sup>17</sup>.’

Ele não apenas se levava a sério, mas também esperava que outros fizessem o mesmo. Por exemplo, ele frequentemente repreendia a mãe pelo papel de carta que ela usava quando

---

<sup>17</sup> Buchman para mãe, 30 de outubro de 1899.

lhe escrevia. “Detesto receber cartas em papel tão pobre”, disse-lhe ele rapidamente. 'Parece tão descuidado e eu quero mantê-los. Então, por favor, faça-me o favor de usar papel melhor no futuro. Toda mulher deveria ter um bom papel<sup>18</sup>.' ‘Não se sinta magoada com a questão do papel de carta’, acrescentou ele em outra carta, ‘eu quis dizer isso com toda a gentileza’.<sup>19</sup>

Em março, ele já havia se adaptado à companhia mais reservada em que se encontrava e "se recuperou da tristeza"<sup>20</sup>. Havia, também, uma boa variedade de coisas para desfrutar na Filadélfia, nos intervalos entre os exames de hebraico e, além de jogar tênis, andar de bicicleta e andar de barco, Buchman logo estava fazendo sucesso com jovens de boa posição, fortalecido por um novo par de sapatos de couro envernizado. Ele havia sido convidado, escreveu aos pais, para visitar uma senhorita Taylor que estava hospedada com amigos da família na Filadélfia – “pessoas muito aristocráticas” – e mais tarde relatou o sucesso da visita. Os sapatos, declarou ele, eram deslumbrantes; ele só queria que eles pudessem tê-lo visto<sup>21</sup>.

Quase imediatamente, ele foi convidado para assistir ao casamento da irmã de Florence Thayer em Woonsocket, e começou a sítar cuidadosamente a carteira de seu pai. Seria, disse ele aos seus pais, uma grande educação “ver as belas decorações, as pessoas e coisas do gênero”, a oportunidade de uma vida, na verdade. Ele não esperava receber novamente um convite para um casamento tão lindo porque tinha apenas uma família milionária em sua lista de conhecidos. O único outro casamento ao qual ele poderia esperar comparecer era o seu próprio – “isto é, se algum dia eu me casar com uma garota como a Srta. Thayer, que pode pagar por tal casamento”.

Então, sem dúvida lembrando-se de sua carta anterior sobre a visita à Srta. Taylor, ele procura tranquilizá-los de que seu afeto não é promíscuo e que, desta vez, o dinheiro deles seria gasto no verdadeiro objeto de seu coração. ‘Acho que devo me ater à Srta. Thayer’, declara ele, talvez com um toque de remorso, ‘pois ela parece mais devota do que nunca<sup>22</sup>.’

Temendo que seu primeiro esforço não desse frutos, Buchman tentaria novamente. ‘Você pode pensar’, ele escreve, ‘que eu quero demais, mas serão apenas mais alguns anos e

---

<sup>18</sup> *ibid.*, sem data (início de novembro de 1899).

<sup>19</sup> *ibid.*, 8 de fevereiro de 1900.

<sup>20</sup> *ibid.*, 4 de março de 1900.

<sup>21</sup> Buchman aos pais, 28 de outubro de 1899.

<sup>22</sup> *ibid.*, 29 de outubro de 1899.

então iniciarei o trabalho da minha vida. Então não posso saborear esses prazeres.” “Um homem que entra no ministério”, acrescenta ele, “deve necessariamente ser social... É a saída para o mundo que abre os olhos.” A carta também contém uma descrição poética. de um céu vespertino, que ele ficou sentado observando durante duas horas, reforçado por comentários sobre o propósito moral da beleza<sup>23</sup>. “Minha ambição é um dia me tornar um autor”, acrescentou no dia seguinte. ‘Vou enxergar longe! Um autor não pode descrever uma cena a menos que a tenha visto e experimentado. Se ele deseja descrever um casamento elegante, não consegue imaginá-lo, precisa ver um. Eu nunca poderia ter descrito para você o céu de ontem se não o tivesse visto. Você entende a força do meu argumento?’<sup>24</sup>

Sua mãe evidentemente captou a força, apesar de sua determinação. Então, tendo pedido a ela que lhe enviasse seus “beliscadores de nariz”<sup>25</sup> – “porque eles são mais apropriados” – e tendo sugerido que ela poderia informar o *Allentown Chronicle* sobre sua visita a *Woonsocket*<sup>26</sup>, o que ela fez, ele decidiu partir para Rhode Island.

A ocasião acabou sendo tudo o que ele poderia esperar. Havia, escreveu ele aos seus pais, uma multidão tão grande que “foram necessários quatro policiais para manter a multidão sob controle”. O almoço foi excelente, com saladas e ostras “de todos os estilos”, as palavras eram insuficientes para descrever os lindos vestidos; havia muitas joias e rendas; e um mordomo de libré deu a cada um dos convidados um pedaço do bolo de casamento<sup>27</sup>.

Com o passar dos meses, Buchman aproveitou as alegrias da grande cidade e encheu os pais de relatos entusiasmados. 'Vimos o banco na Basílica de São Pedro que George Washington ocupava e não apenas o vimos, mas nos sentamos no mesmo lugar onde ele costumava sentar-se... Ontem andei de bicicleta por toda a *Wissahickon Drive*; o cenário era grandioso... Ontem Bernard e eu fomos a uma partida de críquete em Manheim. Eu vi um príncipe de verdade ao vivo. Ele se chama Príncipe Ranji e é campeão de críquete. Você pode ler sobre ele no *Sunday Press*.... Dewey<sup>28</sup> estará na Filadélfia na quinta-feira. Eu aconselho você a vir. Eu não perderia a oportunidade de ver Dewey, pois ele é um dos maiores homens

---

<sup>23</sup> Buchman para a mãe, 30 de outubro de 1899.

<sup>24</sup> *ibid.*, 31 de outubro de 1899.

<sup>25</sup> Pincenê.

<sup>26</sup> Oferta sem data (início de novembro de 1899).

<sup>27</sup> Buchman aos pais, 8 de novembro de 1899.

<sup>28</sup> Comodoro George Dewey, herói da Guerra Hispano-Americana.

do século<sup>29</sup>.” Ele ouviu Mile Nerada, que “frequentemente” cantava diante da Rainha Vitória, viu Henry Irving e Ellen Terry em *Robespierre* e Bernhardt interpretando Ophelia<sup>30</sup>. Ele adorava o esplendor da grande ópera - um ano, queixou-se, não tinha visto nenhuma "e a temporada estava quase no fim<sup>31</sup>" - e adorou ser convidado para uma exibição privada de novas pinturas na Academia local, para a qual 'muitos parisienses enviaram trabalhos<sup>32</sup>'. Ele também escreveu um artigo sobre 'Arte na Adoração' para a Sociedade *Melanchthon*<sup>33</sup>.'

Por trás do gosto de Buchman por uma vida social elegante estavam a insegurança e a sensibilidade de um jovem que poderia facilmente ser ferido. Evidentemente, um de seus colegas estava espalhando pequenas fofocas sobre ele em Allentown: a saber, que um professor havia dito que ele não tinha força de vontade suficiente para fazer seu trabalho (uma acusação grave na comunidade alemã), que ele corou muito - e que esse rubor não era alheio ao seu interesse por uma jovem chamada Marie.

Buchman respondeu com veemência. Nenhum professor, disse ele à mãe, jamais havia insinuado que ele não estava fazendo um bom trabalho. Quanto à sugestão de uma ligação romântica, “onde entra Marie e o rubor eu não sei”. Não conheço ninguém chamado Marie em Mount Airy, exceto Mary Fry, e ela tem trinta e cinco anos ou talvez mais... Quanto ao meu rubor, essa é a pior podridão.’

No que diz respeito ao trabalho, Buchman não provocou reclamações de seus tutores. Para entrar em Mount Airy, ele teve que passar por um exame de qualificação que envolvia a tradução de Santo Agostinho do latim e passagens do Novo Testamento do grego. Logo, estava lendo o Antigo Testamento no original hebraico. As orações matinais eram realizadas alternadamente em alemão e inglês, e os alunos liam Lutero no original alemão na sociedade Luther Abend, à qual Buchman pertencia<sup>34</sup>. Sua própria fala também era temperada com palavras que eram traduções literais do alemão (“familiar”. 'de heimlich); mas ele escreveu à mãe pedindo desculpas por achar que era muito demorado escrever cartas em alemão da Pensilvânia e pedindo-lhe que traduzisse para o pai tudo o que ele não entendia<sup>35</sup>.

---

<sup>29</sup> *ibid.*, setembro e outubro de 1899.

<sup>30</sup> *ibid.*, 12 de novembro de 1899.

<sup>31</sup> *ibid.*, 8 de fevereiro de 1900.

<sup>32</sup> *ibid.*, sem data (provavelmente 1899).

<sup>33</sup> *ibid.*, 'Primeira segunda-feira da Quaresma', 1901.

<sup>34</sup> Buchman para a mãe, 25 de janeiro de 1901.

<sup>35</sup> *ibid.*, outubro de 1899 e 15 de novembro de 1899.

Evidentemente, ele também estava tendo aulas de elocução, possivelmente para resolver o típico problema do sotaque de Allentown, ao mesmo tempo que saboreava a visita de um amigo que “gosta de uma boa piada no alemão da Pensilvânia<sup>36</sup>”.

Em algum momento de 1900, ele foi se hospedar no Hotel Walton, anunciado como “o único hotel absolutamente à prova de fogo da Filadélfia”, e a partir daí deu um passo importante. ‘Se você não disser nada, vou lhe contar um segredo’, escreveu ele para casa. ‘Recebi três dólares pelo meu primeiro sermão. ... Foi uma experiência esplêndida para mim... O trabalho da minha vida começou<sup>37</sup>.’

Nesta altura, a Igreja enfatizava cada vez mais a sua missão junto dos pobres, dos desamparados e dos idosos. Dado o estado da sociedade americana, era uma necessidade óbvia e premente. Nos anos que se seguiram à Guerra Civil, os Estados Unidos expandiram-se rápida, mas dolorosamente. Entre 1860 e 1890 a riqueza nacional quase quintuplicou, passando de 16 mil milhões para 78 mil milhões de dólares; a ligação ferroviária de costa a costa foi concluída em 1869 e 160.000 quilômetros de novos trilhos foram construídos somente na década de 1880; e enormes fortunas foram feitas pelos novos potentados empresariais, homens como Rockefeller, Carnegie, Harriman e John Pierpont Morgan. Alguns dos novos plutocratas podiam ter os dentes engastados com diamantes e fornecer cigarros embrulhados em notas de cem dólares, mas na zona leste de Nova Iorque as pessoas viviam na miséria, 290.000 por quilómetro quadrado. Em 1895, o Exército da Salvação serviu 150 mil jantares de Natal somente em Boston. Em Nova Iorque havia 10.000 crianças desamparadas nas ruas; enquanto no Bowery, em uma pequena área de seis quarteirões de comprimento e sete de largura, havia nada menos que 200 bares. O alcoolismo era abundante, a prostituição florescia; e as milhares de greves que ocorreram entre 1881 e 1894 foram apenas uma expressão exterior do desespero dos pobres.

Em 1901, Buchman participou de uma reunião da Sociedade Missionária Interna da Igreja Luterana e ficou consideravelmente comovido com o que ouviu. «A ideia do movimento», disse ele aos seus pais, «é colmatar o abismo cada vez maior que separa e aliena as massas da Igreja através do trabalho pessoal, corpo a corpo, em distritos densamente povoados, para visitar os doentes, erguer os caídos, aconselhar os tentados, animar os idosos,

---

<sup>36</sup> Buchman aos pais, 18 de março de 1901.

<sup>37</sup> Buchman para a mãe, (sem data).

instruir os ignorantes e recuperar as crianças<sup>38</sup>. 'Isto, escreveu ele no ano seguinte, era o que estava mais próximo de seu coração. 'Talvez', anotou ele em seu diário, 'o Senhor abra para mim esta maneira de servi-Lo'.

A essa altura, ele já havia se envolvido em uma ampla variedade de trabalhos sociais e se lançava neles com o mesmo ardor que demonstrava em sua vida social. Ele ingressou na *Sunshine Society*, fundada para ajudar órfãos, e visitou hospitais e idosos<sup>39</sup>. Em 1901, ele e um grupo de colegas abriram uma nova Escola Dominical em Kensington, um dos bairros mais pobres da cidade. No primeiro domingo estiveram presentes cinquenta e uma crianças, algo sem precedentes na Filadélfia, escreveu Buchman à sua mãe; no segundo, setenta e quatro, embora a arrecadação tenha sido de apenas US\$ 1,06. 'Eu sou responsável pelo departamento infantil... Eles são todos interessantes e todos têm rostos radiantes.' Ele tinha uma noção distintamente viva do significado mais amplo do que estava fazendo. 'Estamos', disse ele, 'fazendo história para a Igreja Luterana em Kensington.'

No verão de 1901, ele esteve na Conferência Estudantil de Northfield, em Massachusetts, fundada pelo evangelista Dwight L. Moody e agora dirigida por John R. Mott, secretário-geral adjunto da YMCA e talvez a figura dominante no movimento estudantil evangélico. A visita, relatou Buchman, "mudou completamente" sua vida<sup>40</sup>. "Nunca tive uma semana tão esplêndida<sup>41</sup>." Parece ter sido lá que ele decidiu que ganhar pessoas para Cristo deveria ser seu principal objetivo na vida, e que, portanto, ele deveria conquistar pelo menos uma pessoa antes de voltar para Allentown. Uma visita a Nova Iorque desviou-o desta resolução, recordada enquanto comprava a passagem de ônibus para casa. A primeira pessoa que ele viu naquele momento foi um porteiro negro. Buchman começou.

'George, você é cristão?'

'Não.'

— Então você deveria ser.

A conversa continuou nesse sentido, terminando com: 'Agora, George, você tem que ser cristão'.

---

<sup>38</sup> Buchman aos pais, sem data, (início de 1901).

<sup>39</sup> *ibid.*, 18 de março de 1901.

<sup>40</sup> *ibid.*, (sem data) novembro de 1901.

<sup>41</sup> *ibid.*, 1 e 6 de julho de 1901.

‘Assim terminou’, lembrou Buchman, ‘minha primeira tentativa grosseira de levar as riquezas insondáveis de Cristo a outro homem. Se ele se tornou cristão ou não... não sei dizer. Mas naquele dia o gelo foi quebrado para um novo trabalho de vida<sup>42</sup>.’

Diz-se que outra influência sobre Buchman nessa época foi sua tia Mary, que tinha o hábito de perguntar-lhe durante o almoço de domingo: 'Bem, Frankie, quantas pessoas se converteram hoje?' 'Conhecer Mary é dez vezes melhor do que ir à igreja', disse o pai de Buchman.

Suas cartas nessa época mostram um notável aumento de piedade, muitas vezes terminando com um texto ou lema para edificação de seus pais. Ele também desenvolveu um interesse mais profundo em seus colegas estudantes. “Na outra semana”, escreveu Buchman aos seus pais em 1901, “fiz um trabalho para um dos meus colegas estudantes que mudou toda a sua vida. Ele estava prestes a deixar o Seminário, sentindo que não estava levando uma vida verdadeira. Hoje esse homem é o sujeito mais feliz daqui. Ele é um sujeito tão bom e hoje deve a mim tudo o que tem em termos de posição nesta instituição<sup>43</sup>.’ O tom é presunçoso, a teologia sem dúvida infundada, mas o desejo de Buchman de ajudar os indivíduos parece ter começado a se manifestar e dar frutos.

Ele se formou em Mount Airy no verão de 1902, tendo conseguido reviver um capítulo da fraternidade Alpha Iota da Pensilvânia lá, e foi um dos três membros de sua classe escolhidos para falar na cerimônia de formatura. Florence Thayer veio de Woonsocket para participar. A essa altura, Buchman estava um pouco triste por partir – “Sentirei falta deste belo ambiente e do companheirismo dos meninos<sup>44</sup>”, escreveu aos pais – mas também consciente de que estava prestes a assumir sua vocação.

Os seus pais já tinham vetado uma série de ideias sobre o que ele poderia fazer a seguir - numa altura quis ir para a Índia, noutra, passar um ano na universidade em Leipzig - mas ele ainda acalentava a ambição de poder ser chamado para uma importante igreja da cidade. Portanto, quando, em agosto, ele foi convidado a assumir a Missão Oliver na cidade, ele prontamente recusou. Depois conversou com um velho amigo de faculdade de Allentown, Bridges Stopp, filho de pais ricos, mas aleijado e muitas vezes com problemas de saúde.

---

<sup>42</sup> Veja A. J. Russell: *Somente para Pecadores* (Hodder & Stoughton, 1932), pp.148-50.

<sup>43</sup> Buchman aos pais, 10 de dezembro de 1901.

<sup>44</sup> *ibid.*, 28 de janeiro de 1902.

Buchman falou de sua esperança de conseguir um lugar em uma igreja de uma cidade grande. “Você está saindo para conseguir um emprego gordo”, retrucou Stopp, “mas o que vou conseguir?” A observação feriu o orgulho de Buchman e redirecionou sua ambição - ou, talvez, o determinou a provar sua falta dela. Quando, no dia da sua ordenação<sup>45</sup>, lhe pediram para iniciar uma nova igreja num dos subúrbios em crescimento de Filadélfia, ele concordou.

Overbrook, a acusação que Buchman aceitou, era uma área que abrangia extremos de classe social. Havia mansões dos prósperos empresários da cidade e, do outro lado dos trilhos, os barracos e cortiços dos pobres. Quando começou a trabalhar não havia igreja, o quarto onde dormia não tinha carpete no chão, lhe deram cama, mas não colchão. A carta que o nomeava dizia que ele deveria começar a trabalhar o mais rapidamente possível, mas acrescentava que a questão do salário “deve, por enquanto, não ser declarada”. Não demorou muito para descobrir o que isso implicava. “Eles têm apenas o suficiente para pagar as suas dívidas”, escreveu Buchman aos seus pais, “e não sobrou nada para mim<sup>46</sup>.”

Passou todo o seu primeiro mês vagando pelas ruas tentando formar uma congregação e adquirir instalações adequadas. Tudo o que Buchman conseguiu encontrar foi um prédio triangular de três andares, na esquina da Lancaster Avenue com a 62nd Street, cujo andar térreo havia sido uma loja. Isso deveria servir tanto como igreja quanto como alojamento. Um amigo se ofereceu para pagar o primeiro mês de aluguel, outro para emprestar algumas cadeiras, desde que Buchman pudesse providenciar a retirada delas na Filadélfia. Um mês depois de sua chegada a Overbrook, a Igreja do Bom Pastor abriu suas portas. Havia oitenta no primeiro culto noturno e a arrecadação foi de US\$ 10,35.

Era um trabalho árduo e muitas vezes desanimador. “Sinto muita falta da vida doméstica”, escreveu ele. ‘Tudo está tão quieto, mas logo me acostumarei novamente. Ore por mim e para que eu tenha forças para continuar<sup>47</sup>.’ Buchman fazia suas refeições em um velho baú coberto com um pano e, quando sua mãe finalmente mandou um tapete para o chão, ele escreveu que isso o fazia sentir como se estivesse vivendo novamente. Nem havia mais a consoladora perspectiva do casamento. Durante os anos em Overbrook, o relacionamento com Florence Thayer parece ter desaparecido silenciosamente, embora em

---

<sup>45</sup> 10 de setembro de 1902, na Igreja Luterana de St John, Allentown.

<sup>46</sup> Buchman aos pais, 15 de outubro de 1902.

<sup>47</sup> Ibid.

uma reunião de sua turma de Muhlenberg de 1999 ele estivesse propondo o brinde de 'Nossos Namorados'.

Buchman teve um interesse ativo na Escola para Cegos em Overbrook. Ele convocou os alunos para ajudá-lo e convidou o coro para cantar em público. Genevieve Caulfield, cega desde os três meses de idade, foi uma dessas alunas e, sessenta anos depois, foi condecorada pelo Presidente Kennedy pelo trabalho de sua vida em prol dos cegos na Ásia. Ela nunca se esqueceu de Buchman. “Ele ficou muito interessado em saber que já naquela época eu pensava em ir para o Japão”, lembrou ela. “Ele me perguntou tudo sobre isso quando nos levou ao parque ou ao zoológico. Sabia como as crianças gostavam de comer e sabia exatamente o que nós gostávamos de comer... Nunca o esqueci. Ele foi gentil sem ser paternalista e não nos levou para sair porque éramos cegos, mas nos tratou como se fôssemos pessoas reais de quem ele esperava que fizessem algo no mundo<sup>48</sup>.”

Seguindo um padrão que persistiu ao longo de sua vida, Buchman dedicou-se inteiramente ao trabalho em Overbrook e, no verão seguinte, estava tão exausto que seu médico receitou um longo feriado. Em junho de 1903 ele navegou para a Europa no Vancouver, com um amigo de faculdade, Howard Woerth. Buchman esperava que seus paroquianos mais ricos fornecessem a passagem. Parece, no entanto, ter vindo de seu pai, que a princípio ficou indignado com a ideia de despesas adicionais após três anos de mensalidades universitárias, mas depois cedeu e conquistou a esposa, pela primeira vez pouco inclinada à generosidade para com o filho. Na verdade, era muito incomum que qualquer uma das famílias holandesas da Pensilvânia, exceto as mais ricas, enviasse seus filhos para o exterior.

Os dois jovens fizeram amizade com uma festa de jovens de Quincy, Massachusetts, organizada pela senhorita Edith Randall. Logo todos eles estavam se chamando de “primos” e por um tempo viajaram juntos. Desembarcando em Gênova, visitaram Florença e Veneza, e depois atravessaram o Passo Simplon por “diligência” até a Suíça. Edith Randall escreveu mais tarde a Buchman: ‘Quantos anos se passaram desde que vi você pela primeira vez encharcado de água do mar no convés...! Será que algum dia esqueceremos os perigos da geleira Gorner que enfrentamos juntos, ou o nascer do sol às 4 da manhã (ai) em Rochers-

---

<sup>48</sup> Citado em Martin MSS. Para sua vida de aventuras, veja Genevieve Caulfield: *The Kingdom Within* (Hodder e Stoughton, 1961).

de-Naye<sup>49</sup>. No Grand Hotel em Rochers-de-Naye, dois mil metros acima Montreux, no Lago Genebra, Buchman encontrou à sua espera um cartão de um conhecido polonês-alemão que estava hospedado no meio da montanha, no Palácio de Caux, onde o visitou no dia seguinte<sup>50</sup>.

Para Buchman, porém, as férias logo se tornaram mais do que uma agradável viagem turística em companhia amigável. Como um jovem pastor ardente e ambicioso, ele estava constantemente em busca de novas ideias. Tanto na Suíça como na Alemanha, hospedou-se em Orfanatos Cristãos (*Christliches Hospiz*) criados pela Missão Interna Luterana para fornecer alojamento a jovens que estavam fora de casa. Será que ele não seria capaz, perguntou-se, de abrir uma casa semelhante na Filadélfia?

No mesmo espírito inquiridor, Buchman visitou Friedrich von Bodelschwingh, filho de um primeiro-ministro da Prússia, que fundou uma colônia de fazendas, hospitais e oficinas para epiléticos e doentes mentais em Betel, perto de Bielefeld. Buchman ficou profundamente impressionado com a tentativa de von Bodelschwingh não apenas de criar a atmosfera de uma família cristã, mas também de dar a todos um trabalho que valesse a pena realizar.

De volta a Overbrook, a Igreja do Bom Pastor floresceu modestamente. Durante o primeiro ano, Buchman dependeu muito de uma mesada de seus pais. A celebração do primeiro aniversário, no entanto, arrecadou US\$ 310 e o comitê executivo ficou tão feliz que concordou em dar ao seu pastor US\$ 130 como pagamento atrasado. Isso, pelo menos, permitiu-lhe pagar as suas dívidas. A partir de agora, ele recebia regularmente seu salário de US\$ 50 por mês.

Era pouco para cobrir o tipo de despesas que Buchman começou a incorrer. Assim que regressou da Europa, discutiu com um grupo de jovens empresários a ideia de abrir um Orfanato nos moldes europeus. Logo, a necessidade ultrapassou o planejamento. Numa noite de neve, alguém bateu à porta de Buchman. Descobriu-se que era um criado de uma das mansões próximas que havia sido expulso noite adentro por algum delito trivial. Buchman o acolheu e, eventualmente, encontrou um novo emprego para ele.

Então, ele ouviu falar de um estudante universitário que estava literalmente morrendo de fome. Buchman quis convidá-lo também para compartilhar o que tinha, mas percebeu que

---

<sup>49</sup> Edith Randall para Buchman, 21 de dezembro de 1910.

<sup>50</sup> Quarenta e três anos depois, foi este hotel que se tornou o centro do trabalho europeu de Buchman.

não tinha nem cama sobrando. Um de seus jovens amigos na congregação logo resolveu o problema. Ele disse a Buchman para comprar uma cama no Wanamaker's e deixar a conta para ele.

Foi o mesmo jovem, Gus Bechtold, que contou a Buchman sobre um menino que ele havia atendido na enfermaria de tuberculose de um lar local para indigentes e loucos. O pai do menino acabara de morrer de delirium tremens e sua mãe, que já havia sido cozinheira do governador da Pensilvânia, era viciada em láudano, a tintura alcoólica do ópio. Mary Hemphill e os seus dois filhos viviam num cortiço, do tipo conhecido como “três quartos em linha reta”, numa das zonas mais miseráveis de Filadélfia, vasculhando os caixotes do lixo à procura de comida. Buchman visitou-a e encontrou-a lavando na banheira tentando ganhar a vida, uma mulher totalmente sem esperança. Ele precisava de uma governanta e a convidou para se juntar a ele junto com seus dois filhos.

Conhecer essa família o fez decidir abandonar o consumo de álcool. Se Mary tomasse uma gota, ela voltaria ao vício; então ele também não deve tocá-lo. A decisão, um sacrifício genuíno por alguém de sua educação, durou a vida toda.

Os Hemphill também não foram a única família pobre que Buchman ajudou. “Ninguém jamais saberá o quanto ele fez”, disse Bechtold mais tarde. “Ele ficou muito calado sobre isso. Em todos os anos que conheci Frank, seu primeiro amor foi servir os pobres<sup>51</sup>.”

“Esse trabalho”, disse Buchman mais tarde, “era uma bolsa de estudos numa loja, onde era mais fácil para os trabalhadores e os empregados domésticos se reunirem. Era literalmente a igreja da casa. Alguns caminharam quilômetros porque sentiram que os pobres encontrariam um coração e ouvidos compreensivos, mas também um lar. Com eles, compartilhei tudo de bom grado e aprendi a grande verdade de que onde Deus guia, Ele provê.” Cada vez mais, ele dependia de presentes como comida e dinheiro. O dinheiro foi empurrado através da caixa de correio, cestas de alimentos deixadas na porta.

Em maio de 1904, Buchman fundou formalmente um Hospiz.<sup>34</sup> Em novembro, o calor de seu coração, a culinária de Mary e a necessidade insaciável do bairro haviam enchido a casa.

Na verdade, o Hospiz teve quase demasiado sucesso. Logo teve mais candidatos do que leitos. O Conselho de Missões Domésticas da Igreja, no entanto, não demorou a aceitar.

---

<sup>51</sup> Citado em Martin MSS.

Em poucas semanas, eles começaram a falar sobre a abertura de um hospício completo, com espaço para cinquenta jovens. Buchman ficou encantado. O Ministério local consultou-o integralmente e pareceu muito feliz em concordar com o tipo de instituição que ele tinha em mente. Ele não tinha intenção de montar um albergue austero que oferecesse apenas comodidades básicas: ele queria algo muito mais próximo em espírito do Buchman House Hotel.

“É seu propósito (de Buchman) e do Conselho”, registra a ata do Ministério de junho de 1905, “realizar o mais próximo possível a vida familiar cristã, com todos os seus confortos, refinamentos e influências benéficas”. Buchman ou o Ministério consideraram a autossuficiência econômica crítica. Embora se esperasse tornar o hospício autossustentável, a ata prosseguia: “seu próprio propósito poderia ser derrotado se fosse feito um esforço para torná-lo totalmente assim... O déficit... terá de ser coberto pelo Tesouro de a sociedade.» O Ministério tinha alugado instalações para este primeiro *Luther Hospice para Rapazes*, no número 157 da N 20th Street, por 2.000 dólares por ano, uma quantia que, de fato, tornava o equilíbrio financeiro praticamente impossível.

Foi com esse entendimento que Buchman aceitou o cargo de “pai de casa”, por 600 dólares por ano, com “responsabilidade geral da casa nas coisas materiais e espirituais sob a direção do Conselho<sup>52</sup>”. Infelizmente, o presidente do Conselho, Dr. J. F. Ohl estava determinado a que o hospício fizesse do equilíbrio de suas contas uma prioridade e, de fato, considerava a arrecadação de fundos uma das principais tarefas do chefe de família. Embora ele tivesse, como Superintendente, sido o único signatário dos termos de referência originais constantes da ata, logo ficou claro que, no que lhe dizia respeito, eles poderiam nunca ter existido. Ohl era músico, estudioso litúrgico e estudioso de movimentos sociais, conhecido como um personagem espinhoso.

Os dois homens se encontraram em desacordo antes mesmo da inauguração do hospício. Buchman havia alugado um chalé em Northfield, onde fazia estudos bíblicos diários, como fazia todos os anos, e convidou Mary Hemphill, seus filhos e alguns dos jovens do Overbrook Hospiz para participarem da Conferência Estudantil com ele. Ele foi nomeado

---

<sup>52</sup> Carta a Buchman datada de Filadélfia, 2 de junho de 1905, do Conselho de Administração da Sociedade Missionária Interna da Igreja Evangélica Luterana, assinada pelo Presidente, pelo Secretário Inglês e pelo Secretário Alemão.

a partir de 1º de setembro e, tendo informado ao Conselho que planejava retornar à Filadélfia em 26 de agosto, com tempo suficiente para a inauguração em 15 de setembro, ficou surpreso ao receber uma carta de Ohl pressionando-o a retornar mais cedo. Era essencial, escreveu Ohl, que o hospício estivesse completamente lotado no dia em que fosse inaugurado. Buchman não percebeu o custo se não fosse? ‘Além disso’, acrescentou ele, ‘devo salientar que o Conselho não gosta da palavra “Hospício” escrita como “Hospiz”<sup>53</sup>.’ Buchman respondeu que não poderia deixar Northfield antes do dia 26, ao qual Ohl enviou uma aquiescência caridosa.

O novo internato floresceu como o antigo. Buchman escolheu como mãe de casa uma idosa da Nova Inglaterra chamada Sarah Ward, que era amiga íntima da família de Dwight Moody e que Buchman conheceu em Northfield. Entre eles, Buchman e Miss Ward conseguiram criar uma atmosfera caseira e amigável.

“Acredito que era esperado, mas certamente não naquela noite”, escreveu um estudante universitário que passou lá o verão. ‘Praticamente todos foram para a cama; O Sr. Buchman sim, eu sei. Contudo, ele levantou-se imediatamente e me recebeu em seu roupão tão calorosamente quanto um velho amigo. Mal tinha passado uma hora na cidade e já me sentia tão em casa como em qualquer outro lugar fora da minha cidade natal.’

“Comer”, continuou ele, “era uma atividade muito agradável... Lembro-me de uma mesa comprida e de duas ou três menores. O Sr. Buchman sentou-se à cabeceira da longa mesa, cerca de dez de nós em fila de cada lado, e a encantadora Srta. Ward sentou-se aos pés. As refeições eram muito simples, claro, mas bem confeccionadas, e havia sempre de tudo. Muito foi feito em todas as ocasiões dignas de nota: 4 de julho, um convidado ilustre, um aniversário; todos serviam de pretexto para alguma ligeira comemoração à mesa. Depois do café da manhã, havia orações familiares na sala<sup>54</sup>.’

“Sentimos imediatamente o espírito do internato”, escreveu John Woodcock, um ministro que morou lá por algum tempo. ‘Não era uma instituição. Era uma família. Havia poucas regras além daquelas em qualquer família bem-organizada.

‘Se um dos jovens saísse à noite, ele sabia que, depois de uma certa hora, só seria admitido se tocasse a campainha. Mas, por mais tarde que fosse, Frank invariavelmente

---

<sup>53</sup> J. F. Ohl para Buchman, 15 de agosto de 1905.

<sup>54</sup> Martin MSS.

estava lá para abrir a porta, sem nenhum sinal de que tivesse sido colocado em qualquer problema, nem com qualquer olhar que pudesse embaraçar o jovem; mas sim convidá-lo a compartilhar...algo para comer. Não é estranho que tal atitude abrisse frequentemente o caminho para novas confidências e oportunidades de ajuda espiritual<sup>55</sup>.’

No início do ano seguinte, Buchman sentiu que era hora de o internato ampliar suas atividades. Ele ficou muito impressionado com o trabalho realizado em Londres, em Toynbee Hall, um assentamento no *East End* fundado por Canon Barnett em 1884. A ideia de Barnett era fortalecer o trabalho missionário realizado nas favelas, estabelecendo 'um clube de residentes com um Propósito', que seria administrado por um grupo de pessoas que viessem morar nas favelas e as reabilitassem por dentro. Em vez de realizar serviços religiosos nos assentamentos, ele esperava que cada membro da equipe residente fosse um exemplo brilhante da vida cristã. A fé, em outras palavras, deveria ser apreendida, não ensinada. As ideias de Buchman foram modeladas precisamente nas de Barnett. Tendo fundado um internato para rapazes pobres, ele queria “evitar que se tornassem egoístas apenas recebendo”, persuadindo-os a cuidar de pessoas ainda mais pobres do que eles.

Na primavera de 1906, portanto, ele fundou um assentamento em uma das áreas mais sombrias do centro da Filadélfia, na esquina da Callowhill com a 4th Street. De acordo com um relato contemporâneo, era um bairro onde famílias de imigrantes viviam “em meio à sujeira e à miséria... sob ambientes e influências morais que quase obrigam os anjos a chorar”. Aqui, Buchman convenceu um cervejeiro a emprestar-lhe um quarto acima de seus estúbulos, onde os jovens pudessem se reunir nas noites de sábado. Em breve, crianças imigrantes começaram a chegar das ruas - polacas, italianas e turcas, bem como alemãs e escandinavas, de famílias judias e católicas, bem como de famílias protestantes. Nas noites quentes de verão, o cheiro de amônia vindo da palha do estábulo subia pelo chão. O jornal da cidade natal de Buchman escreveu: ‘A *Settlement House* está repleta de crianças das ruas que encontram um lar acolhedor e feliz. Os meninos aprendem carpintaria, as meninas aprendem costura, culinária e outras artes domésticas<sup>56</sup>.’ Quando alguns amigos de negócios lhe

---

<sup>55</sup> 'Algumas primeiras lembranças de Frank Buchman' pelo Rev. John D. Woodcock (não publicado), p. 1.

<sup>56</sup> 'Incidentes do Internato', relatório de Buchman, maio de 1906.

perguntaram o que ele estava fazendo por esses jovens, Buchman respondeu: ‘Bem, estou apenas ensinando-lhes como viver<sup>57</sup>.’

Tanto no Internato como no assentamento, Buchman se viu lidando com os problemas sociais que afligiam todas as cidades americanas em rápida expansão. Ele escreveu, por exemplo, para a Missão Water Street, em Nova York, onde eles tinham muita experiência em ajudar a curar alcoólatras, pedindo conselhos. Ele também estava aprendendo a conquistar a confiança das pessoas. A história de George, de 14 anos, que Buchman contou com frequência nos anos posteriores, era típica.

“George”, ele recordaria, “era um órfão que veio morar comigo. Passamos a primeira semana felizes juntos. Conteí a ele minhas melhores histórias. Fazíamos as refeições juntos e eu lhe dava muita atenção, mas, com tudo isso, nunca ganhei sua confiança. Numa sexta-feira à noite, ele disse que estava indo para o centro da cidade. Não achei nada de errado nisso. Por volta das 9h30 - era uma daquelas longas noites de verão - vi uma forma subir a rua, às vezes em zigue-zague e às vezes em círculos.

‘Meu coração afundou e veio a pergunta: o que fazer? Da minha janela pude ver que ele tentava enfiar a chave no buraco da fechadura, mas não parecia conseguir fazer a ligação. Ele começou a sacudir violentamente a grade da porta, naturalmente culpando a porta e pensando que a culpa era dela. Alguém finalmente o deixou entrar, ele subiu até o quarto ao lado do meu e vi que ele estava em segurança na cama, sem falar com ele ou avisá-lo da minha presença.

‘Agora, como lidar com George? Na manhã seguinte, lembrei-me de não descer para tomar o café da manhã, porque pensei que, se visse o vermelho nos olhos de George, poderia falar demais - então esperei até o meio da manhã e depois desci até o local onde George trabalhava. Perguntei ao gerente se poderia vê-lo. Ele disse: ‘Sim, a qualquer hora’. No minuto em que George me viu, sua cabeça caiu. Ele pensou, é claro, que eu havia contado ao gerente.

‘Virei-me para George e disse: “George, que tal almoçarmos juntos?” George concordou de bom grado, então fomos a um restaurante e começamos com ostras. George estava tão silencioso quanto um molusco. Comíamos peixe e, enquanto ele catava os ossos, disse-me: “Estava bêbado ontem à noite”, uma coisa muito difícil para ele dizer, porque tinha

---

<sup>57</sup> Gus Bechtold foi diretor deste assentamento de 1914 a 1923.)

medo do que eu poderia dizer. Eu não disse nada. Ele então forneceu a informação de que não lhe custara muito, apenas vinte centavos. Ele queria apelar ao meu senso de economia!

‘Então mudou de assunto e quis saber sobre minha aula de Escola Dominical, como ele chamava o assentamento. Queria falar sobre religião. Eu sabia que ainda não era o momento para isso, então disse que minha aula da Escola Dominical estava indo bem. Então ele sabia que tinha que ir direto ao ponto. Disse: "Sabe, pensei comigo mesmo quando subi a rua 20 ontem à noite: 'Se ele me repreender, vou sair e fazer isso de novo.'" Então sorrimos e ele saiu. Ele disse: "Eu acho que irei à sua Escola Dominical no próximo domingo.”

Não é de surpreender que o Internato não conseguisse equilibrar as suas contas e as relações de Buchman com Ohl e o seu Conselho tornaram-se cada vez mais tensas. Ohl manteve uma enxurrada constante de críticas. A comida no hospício poderia ser boa, mas não era extravagante? Novamente, e os quartos ocupados por Mary Hemphill e seus filhos, pelos quais eles não pagaram nada? Certamente eles poderiam ser alugados para hóspedes pagantes?

Em 3 de maio de 1906, foi criada uma comissão especial do Conselho «para conceber métodos de redução das despesas e garantir a permanência do Internato». Decidiu que deveria ser contratada uma governanta “para que o pai da casa possa dedicar o seu tempo ao cuidado espiritual e, mais importante, à recolha de contribuições, à cobrança de quotas e à obtenção de novos membros”. Uma governanta foi devidamente contratada. Além disso, afirmou o comité, deve haver economias imediatas: os fornecimentos devem ser comprados em lojas menos caras. Buchman, eles insinuaram, foi ao mesmo tempo descuidado e extravagante.

A nova governanta, naturalmente, parece ter se considerado a agente do comité. A qualidade da comida caiu drasticamente - Buchman disse mais tarde que a manteiga às vezes estava rançosa, o peixe estragado - e ela iniciou uma campanha para se livrar de Mary Hemphill e de seus filhos. Mesmo em circunstâncias normais, Mary achava bastante difícil manter-se longe de seu antigo vício. Agora, com uma sensação crescente de que a nova governanta estava determinada a forçá-la a sair, ela começou a tomar paregórico, uma tintura canforada de ópio.

Com o passar dos meses, a situação piorou e Buchman se viu travando uma ação de retaguarda. Ele publicou pelo menos um relatório, denominado Incidentes do Internato, para tentar ilustrar ao Conselho a eficácia do seu trabalho. Havia o jovem que estava “na classe

dos sem leme”, mas decidiu tornar-se ministro; um segundo que se sentiu tentado a procurar uma prostituta («o pecado social»), mas que depois pensou no internato e decidiu não ceder.

Era perfeitamente verdade, continuou Buchman, que eles não tinham tido sucesso com todos os jovens, e que alguns deles tiveram de ser convidados a sair porque se comportaram “com um espírito antagónico”, mas cada um deles perguntou se eles poderiam voltar.

Por que é que não eram autossustentáveis? Bem, respondeu Buchman, um dos jovens ganhava apenas US\$ 4 por semana em salário e pagava tudo por sua cama e alimentação no internato. Outro recebeu US\$ 5 e ele também entregou US\$ 4. Num terceiro caso, em que ambos os pais tinham morrido e duas irmãs já trabalhavam em instituições de caridade, um jovem que ganhava apenas 3,50 dólares por semana pediu um quarto. Ele deveria ter sido rejeitado? Desde então, ele foi aceito<sup>58</sup>.

Foi tudo em vão. O conflito finalmente chegou ao auge no verão de 1907. Buchman decidiu fazer do assunto uma questão de confiança, mesmo correndo o risco de perder o emprego, embora pareça ter sentido que havia muito pouco perigo de isso acontecer.

Primeiro, ele encontrou um lar para Mary Hemphill e seus filhos, com a futura Sra. John Woodcock. Então, em outubro de 1907, ele apresentou ao Conselho um documento manuscrito de dezessete páginas, assinado por ele e pela Srta. Ward. O internato, declarou ele, não era uma pensão. ‘A dona da pensão não pode se dar ao luxo de oferecer-lhes um jantar no Natal e no Dia de Ação de Graças do qual eles possam se lembrar até o fim de seus dias. Seria extravagante por parte da pensão. Não compensa.

‘Pela minha experiência (eu) considero essas coisas necessárias para... tornar a casa atraente. Essas coisas custam. O dono do bar do canto não hesita nem por um momento em gastar dinheiro para tornar seu lugar convidativo e atraente. Certamente a igreja não hesitará em fazer o mesmo para ganhar o homem para a igreja.’

Buchman então comparou o internato com instituições similares em outras cidades e países. A sua experiência, argumentou ele, sugeria que um internato precisava de possuir o seu próprio edifício para ter hipóteses de atingir o ponto de equilíbrio, e muitos dos que o fizeram ainda assim tiveram prejuízos. Insistir que o internato fosse autossustentável era uma visão limitada e significaria a sua queda. De qualquer forma, havia um fato muito mais

---

<sup>58</sup> 'Incidentes do internato', relatório de Buchman, maio de 1906.

importante a ter em mente. ‘Os resultados deste trabalho’, declarou ele, ‘não devem ser pesados na balança de Mamom’.

A obra foi considerada um fracasso, mas jovens acorreram a ela - nada menos que 300 estiveram sob sua influência. O internato era universalmente bem falado. Foi um fracasso porque eram necessários US\$ 1.000 por ano para tornar o local atraente o suficiente para abrigar os homens? A questão se resolveu em uma pergunta simples: ‘O que você procura?’

Depois, houve diversas ocasiões em que a sua liberdade pessoal foi interferida e as suas ações questionadas. Se um homem tivesse idade suficiente para ser encarregado de tal trabalho, ele também teria idade suficiente para decidir os pequenos detalhes de sua própria conduta. ‘Se quisermos ter um homem à frente deste trabalho para assumir as responsabilidades de um homem, ele deve ser tratado como um homem e não como uma criança.’

Em seguida, Buchman expôs as condições sob as quais se sentia preparado para continuar. Em primeiro lugar, o Conselho deve demonstrar a sua confiança nele: ele teve repetidamente ocasião, disse ele, de duvidar dos homens do Conselho que supostamente o apoiariam. Todo o pessoal do internato deve ser diretamente responsável perante ele. Ele deveria ter o poder de remover qualquer pessoa que se mostrasse inadequada. Além disso, no futuro, ninguém deverá ser nomeado sem o seu pleno conhecimento e aprovação. Ele deveria receber um mês de férias e seu salário deveria ser aumentado para US\$ 1.000 por ano.

Por fim, Buchman pediu uma visão ampliada da obra. A comissão original, disse ele, poderia ser melhor expressa nas palavras do próprio Jesus ao descrever o Juízo Final: ‘Então dirá o Rei aos que estão à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuir por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo: Porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber: erais estrangeiro e me acolhestes.

‘Insisto’, concluiu ele, ‘que qualquer conclusão a que se chegue não seja por meros motivos de simpatia, mas que a questão seja encarada de forma direta e imparcial e que sejam tomadas medidas que garantam o crescimento saudável e normal deste trabalho<sup>59</sup>.’

Foi uma declaração apaixonada e intransigente do caso de Buchman. Seu tom sugere que ele estava inteiramente confiante na vitória, talvez porque se considerasse indispensável.

---

<sup>59</sup> Buchman para a Sociedade Missionária Interna da Igreja Evangélica Luterana, 8 de outubro de 1907.

Naquela noite a discussão com a Diretoria durou até meia-noite. Liderados pelo implacável Ohl, os seus seis membros insistiram que o hospício deveria ser financeiramente autossustentável. Isso, Buchman sabia, só poderia significar uma coisa: ele teria de renunciar. Na manhã seguinte, ele não apareceu para o café da manhã e, quando John Woodcock bateu à sua porta, ‘ouviu soluços abafados e depois “Entre”.’ “Eu soube então o que havia acontecido e entendi seus sentimentos”, escreveu Woodcock mais tarde. ‘Ele respondeu, no entanto, à sugestão de que se levantasse, tomasse o café da manhã e depois saísse para passar o dia no campo. Ali, caminhar e falar pareciam ajudá-lo a pensar com mais clareza e a chegar a algumas conclusões fundamentadas. Naquela noite, ele compareceu perante o Conselho e apresentou a sua demissão.»<sup>42</sup> A demissão foi aceite em 24 de outubro.

“Sinto-me como um vira-lata chicoteado, todo cansado”, escreveu ele aos pais. Então, depois de dizer que havia realizado um serviço religioso na Settlement House na noite anterior com cerca de sessenta crianças presentes, ele acrescentou: ‘Mary foi corajosa, mas dava para ver que era difícil para ela. Não fiquem ansioso por mim. Tudo correrá bem. Saudações e amor a todos, lealmente do seu filho, Frank<sup>60</sup>.’

Mas tudo estava longe de estar bem. Todo o coração de Buchman estava no hospício. Agora, suas esperanças desabaram. Ele havia sido virtualmente demitido e menosprezado por homens que, segundo ele, simplesmente não entendiam o que ele estava tentando fazer. A atitude de Ohl é evidente no seu relatório anual subsequente, no qual, sem sequer uma menção formal ao fundador da empresa, afirmou simplesmente que esta estava “agora bem-organizada<sup>61</sup>”. O mundo de Buchman estava em ruínas. Ele era um pária em sua própria criação. À medida que dia após dia ele reviveu repetidas vezes as horas fatídicas com o Conselho, Buchman começou a conceber um ódio amargo por aqueles homens.

A exaustão decorrente de meses de trabalho incessante, somada à turbulência de seu espírito, deixou-o doente. Ele consultou um importante médico da Filadélfia, Weir Mitchell, que lhe disse que ele estava exausto e lhe receitou férias prolongadas no exterior. Seu pai deu-lhe mil dólares e, em 29 de janeiro de 1908, Frank Buchman partiu para a Europa no SS Moltke.\*

---

<sup>60</sup> Buchman aos pais, junho de 1907.

<sup>61</sup> O novo diretor, o Rev. Joseph Schantz, deveria, no entanto, escrever a Buchman no 25º aniversário do internato, em outubro de 1930, instando-o a comparecer: 'Gostaríamos muito de tê-lo presente. Você faria isso, Frank? O internato tem sido um trabalho maravilhoso, apesar de suas instalações pobres. Pelo menos 25.000 homens viveram em sua atmosfera em seus 25 anos de existência'.)

## UMA TARDE EM KESWICK

Começou como mais uma viagem convencional do tipo que, quatro anos antes, havia levado a uma “palestra ilustrada sobre “Viagens pela Europa” na Igreja de Overbrook, ingressos por 25 centavos, pelo Rev. F. N. D. Buchman”. Sevilha, Granada, Mônaco, Cairo, Jerusalém, Atenas, Constantinopla, Viena – foi um *Grand Tour* em grande escala. O único problema, como ele disse depois, foi que “eu me levei comigo”. Aonde quer que fosse, à Alhambra, às Ilhas Gregas no seu mar cintilante e transparente, aos próprios Lugares Sagrados, sentia-se atormentado e oprimido pela amargura inabalável da sua rejeição pelo Conselho. Perto da Ilha de Patmos, ele disse a um companheiro de viagem: 'Nunca perdorei aqueles homens.'

Parecia-lhe que a Cuidado personificado na Ode de Horácio – “O Negro Cuidado toma assento atrás do cavaleiro” – estava cavalgando com ele. “Eu podia sentir sua respiração na minha nuca”, lembrou ele. Muitas vezes ele se sentia mais como um fugitivo do que como um turista. Mas, aparentemente, ele parecia alegre na maior parte do tempo. Demonstrava interesse genuíno pelas pessoas ao seu redor e as pessoas gostavam de sua companhia. Viajando pelo Mediterrâneo, ele conheceu um casal de idosos americanos, os Dulls, de Harrisburg, na Pensilvânia; e, quando a Sra. Dull adoeceu tão gravemente com pneumonia que teve de deixar o navio em Atenas, Buchman abandonou seus próprios planos para cuidar deles. Ele pediu à Embaixada Americana que informasse sobre o progresso da Sra. Dull e foi convidado para uma festa da Embaixada. Lá, uma mulher que o conheceu no navio o apresentou à senhorita Angelique Contostavlos, dama de companhia da princesa herdeira Sophie da Grécia. A senhorita Contostavlos ficou interessada em sua gentileza para com os Dulls e contou a sua patroa sobre ele. 'Hoje', disse ela, 'conheci um santo americano.'

“Impossível”, respondeu a princesa herdeira. 'Eu gostaria de conhecê-lo.'

A própria princesa Sophie também estava, evidentemente, muito fascinada por Buchman: o suficiente, de qualquer forma, para expressar a esperança de que ele pudesse ajudar a Grécia e a Turquia a viverem em paz juntas e para organizar um encontro com o sultão turco, Abdul Hamid, em Istambul. Buchman parece ter aceitado essa sugestão notável

com calma e mais tarde descreveu como foi "enviado em um carro blindado - dois homens na escada, dois homens no camarote" para a recepção do sultão. Ele também tomou café da manhã com o Sultão<sup>62</sup>.

As despesas extras de sua estadia em Atenas deixaram Buchman falido e ele teve que pedir emprestado a um simpático médico americano. Seus pais telegrafaram apressadamente US\$ 150, mas claramente não ficaram nada satisfeitos. Em junho, sua mãe escrevia em tom de censura: "Acredito que a única coisa que você gosta de fazer é viajar. Você sabe que o negócio do seu pai não é mais o que era, ele está envelhecendo e não é tão ativo como costumava ser<sup>63</sup>." Mesmo assim, ela enviaria dinheiro suficiente para permitir que ele ficasse na Europa até agosto.

Na Alemanha, ainda com o coração partido, apesar da vivacidade exterior, Buchman foi ver von Bodelschwingh novamente. Em julho ele estava na Grã-Bretanha e decidiu participar da Convenção de Keswick, um encontro anual de cristãos evangélicos. Sua esperança era ver o renomado ministro congregacional, F. B. Meyer, que conheceu em Northfield e que ele acreditava que poderia ajudá-lo. Meyer, porém, não estava lá, e Buchman manteve-se ocupado assistindo às reuniões e caminhando pela zona rural de Lakeland.

Então, num domingo, por capricho, ele apareceu para um culto numa pequena capela construída em pedra. O culto foi escassamente frequentado - uma congregação de apenas dezessete pessoas - e uma mulher liderava o culto. Ela era a evangelista Jessie Penn-Lewis, cujo marido era descendente da família de William Penn. Ela falou sobre a Cruz de Cristo. Não era um assunto novo para Buchman. Ele tinha ouvido a doutrina da Expição exposta em inúmeras ocasiões em Mount Airy, feito anotações sobre ela, respondido a questões de exames sobre ela, pregado sobre ela. Esta mulher, porém, falou da Cruz de forma tão comovente que, pela primeira vez, ela se tornou para ele uma experiência viva e vivificante. "Ela imaginou o Cristo moribundo como eu nunca o tinha visto retratado antes", lembrou ele mais tarde. 'Eu vi os pregos nas palmas de Suas mãos, vi o prego maior que segurava Seus pés. Vi a lança cravada em Seu lado e vi a expressão de tristeza e sofrimento infinito em Seu rosto. Eu sabia que o havia ferido, que havia uma grande distância entre mim e Ele, e sabia que era meu pecado nutrir a má vontade.

---

<sup>62</sup> Ao príncipe Richard de Hesse (sobrinho da princesa Sofia), julho de 1961.

<sup>63</sup> Sra. Buchman para Buchman, 17 de junho de 1908.

'Pensei naqueles seis homens na Filadélfia que senti que haviam me ofendido. Provavelmente sim, mas eu estava tão envolvido no erro que fui o sétimo homem errado. Certo em minha convicção, errei ao nutrir má vontade. Eu queria do meu jeito e meus sentimentos foram feridos.

'Comecei a me ver como Deus me via, o que era uma imagem muito diferente daquela que eu tinha de mim mesmo. Não sei como você explica isso, só posso dizer que me sentei lá e percebi como meu pecado, meu orgulho, meu egoísmo e minha má vontade me eclipsaram de Deus em Cristo. Eu estava no trabalho cristão, tinha entregado minha vida àqueles pobres meninos e muitas pessoas poderiam ter dito 'que maravilha', mas não tive vitória porque não estava em contato com Deus. Meu trabalho se tornou meu ídolo.

'Eu não precisava de nenhuma outra voz além da voz do Homem na Cruz. Pensei nas linhas: "Isso você fez por mim, o que eu fiz por você, crucificado?" Eu era o centro da minha própria vida. Esse grande "eu" teve que ser riscado. Vi meus ressentimentos contra aqueles homens destacando-se como lápides em meu coração. Pedi a Deus para me mudar e Ele me disse para acertar as coisas com eles.

'Isso produziu em mim uma sensação vibrante, como se uma forte corrente de vida tivesse subitamente sido derramada em mim e depois uma sensação atordoada de grande abalo espiritual. Não havia mais esse sentimento de vontade dividida, nenhum senso de cálculo e argumento, de opressão e desamparo; uma onda de forte emoção, seguindo a vontade de rendição, surgiu dentro de mim... e pareceu erguer minha alma de sua ancoragem de egoísmo, transportando-a através daquele grande abismo até os pés da Cruz<sup>64</sup>.'

A experiência foi tão repentina quanto a que ocorreu a John Wesley no cenáculo em Aldersgate, ou a Francisco em São Damiano, quando ele "caiu diante do crucifixo e, tendo sido atingido por visitas inusitadas, encontrou-se diante de um outro homem, diferente daquele que havia entrado".

Ao sair da capela, o único pensamento de Buchman não foi tanto perdoar aqueles que ele odiava, mas pedir-lhes perdão pela maneira como se comportou. De volta à casa onde estava hospedado, sentou-se e escreveu cartas a cada membro do Conselho. Uma das cartas – a do Dr. Ohl, datada de 27 de julho de 1908 – sobreviveu nos arquivos de Mount Airy.

---

<sup>64</sup> Relato retirado de Russell e dos próprios relatos verbais de Buchman ouvidos pelo autor.

'Estou escrevendo', declarou Buchman, 'para lhe dizer que nutri um sentimento cruel por você - às vezes eu o superava, mas ele sempre voltava. Nossos pontos de vista podem ser diferentes, mas como irmãos devemos amar. Escrevo para pedir seu perdão e para garantir que o amo e confio que, pela graça de Deus, nunca mais falarei de você de maneira cruel ou depreciativa.

'Os versos desse hino estão ressoando em meus ouvidos -  
Quando contemplo a maravilhosa Cruz  
Na qual morreu o Príncipe da Glória,  
Meu mais rico ganho eu considero como perda  
E derramo desprezo sobre todo o meu orgulho<sup>65</sup>.'

Buchman acrescentou as mesmas linhas a cada uma das letras e, a cada vez, sentiu o peso das palavras de uma forma completamente nova. "É fácil repetir essas falas", disse ele mais tarde. 'Eu sei porque eu mesmo já fiz isso várias vezes. Mas naquele dia essas linhas se tornaram grandes realidades. E a última linha me custou mais do que tudo. Quase escrevi com meu próprio sangue<sup>66</sup>.'

Naquela tarde, durante o chá, Buchman contou o que lhe acontecera, e entre os que ouviram a história estava um estudante de Cambridge. "Quero falar com você", disse ele a Buchman. Eles caminharam por Derwentwater. Antes de retornarem, o jovem também encontrou uma libertação semelhante à de Buchman. "Esse foi o primeiro homem que coloquei face a face com a experiência central do Cristianismo", comentou Buchman<sup>67</sup>. A partir daquele dia, Buchman começou a ajudar as pessoas, não a partir de uma posição de retidão, mas a partir da realidade de saber que ele também era um pecador e que ele havia sido perdoado.

---

<sup>65</sup> Buchman para J. F. Ohl, 27 de julho de 1908.

<sup>66</sup> Buchman costumava dizer que não recebeu nenhuma resposta a essas cartas. Ohl anotou no verso da carta de Buchman: '... você notará que ele não fornece nenhum endereço. Se ele tivesse feito isso, eu certamente teria escrito. ' Entre os papéis de Buchman está uma breve nota da senhorita F. G. Crafts, a governanta, a quem também deve ter sido enviada uma carta. Ela escreveu: 'Agradeço muito sua gentileza em me perdoar. De minha parte, não tenho nada a perdoar. P.S. As queridas crianças sentiram muito a sua falta na Settlement House'

<sup>67</sup> Quatorze anos depois, passando por Liverpool, Buchman telefonou para esse homem, que lhe disse que a palestra havia "regenerado todo o princípio de sua vida". Seu nome não é conhecido.)

Também de Keswick, Buchman escreveu para sua mãe. Ele contou a ela como agora sabia que era o sétimo homem errado.

“Fiquei muito chateada com sua carta por você não ter sabido perdoar e esquecer antes”, ela respondeu. ‘Tire isso da sua mente. Estamos contando os dias até você voltar para casa<sup>68</sup>.’ Passaram-se alguns anos antes que ela medisse a magnitude do que havia acontecido no coração de seu filho.

De volta à América, o novo Frank Buchman enfrentou seu primeiro teste direto. “Na igreja, na manhã de Natal, vi sentado à minha frente um dos mesmos homens contra quem eu nutria má vontade. Ele tinha uma careca na cabeça e, sentado à sua frente nas reuniões do Comitê, eu costumava pensar que a letra “I” estava escrita em toda aquela área. Após o culto, estendi a mão e disse “Feliz Natal”. Ele não conseguia olhar nos meus olhos. Mas fui protegido de má vontade.

Cinquenta anos depois, John Woodcock, o homem que ajudou Buchman a decidir renunciar na manhã seguinte à reunião do Conselho do internato, colocou toda a questão numa perspectiva mais ampla. “Acho que ambos sentíamos que éramos corretos e eles estavam errados”, escreveu ele a Buchman. 'Sabemos agora que o que parecia ser o colapso do trabalho da sua vida foi apenas a abertura do portão que só Deus poderia abrir, através do qual passamos para o verdadeiro trabalho da nossa vida<sup>69</sup>.'

---

<sup>68</sup> Sra. Buchman para Buchman, 7 de agosto de 1908.

<sup>69</sup> John Woodcock para Buchman, 3 de junho de 1958.

## PICKLE EM PENN STATE

Na verdade, foi um Frank Buchman muito diferente o que voltou aos Estados Unidos - totalmente mais calmo e feliz, pensou seu amigo John Woodcock<sup>70</sup>. Ele ainda estava, porém, sem emprego e tinha pouca ideia do que fazer a seguir. Os Woodcocks sabiam que o cargo de secretário do YMCA na Universidade Estadual da Pennsylvania estava vago, e a Sra. Woodcock sugeriu que ele se candidatasse. Se ele fez isso não está claro, mas de uma forma ou de outra chegou ao escritório de John R. Mott na sede da YMCA que Buchman poderia estar disponível, e o assistente de Mott, H. P. Anderson, escreveu ao presidente do Comitê 'Y' da Universidade, Professor J. M. Willard, recomendando Buchman como um “homem de amplitude e grande atratividade pessoal<sup>71</sup>”. O sobrinho dos Dull, Vance McCormick, então presidente do Comitê Democrático do Estado, era curador do Colégio e pode ter intervindo. Os membros do corpo docente que entrevistaram Buchman logo o incentivaram a vir. “Aceitamos seus termos com a esperança e a expectativa de pronta aceitação”, escreveu o professor de línguas românicas, Irving L. Foster<sup>72</sup>. Mas Buchman, agora com trinta anos, hesitou por mais de dois meses antes de aceitar e, mesmo assim, apenas concordou com um acordo: um compromisso de seis meses, começando em janeiro de 1909, em caráter experimental. O salário era de US\$ 100 por mês.

A hesitação de Buchman não foi de todo surpreendente. As YMCA dominaram a vida religiosa da maioria dos campuses universitários americanos nos anos anteriores à guerra de 1914-18, mas, mesmo assim, o “Penn State” não era uma perspectiva atraente. Fundada como uma faculdade agrícola onde os filhos dos agricultores podiam adquirir uma educação em artes liberais, bem como os rudimentos da agricultura, Penn State tinha 1.400 alunos e não era conhecida nem pela sua excelência intelectual nem pelas suas proezas esportivas. Além disso, era remoto e provinciano, situado no centro do estado, onde uma pequena cidade sem

---

<sup>70</sup> Woodcock, pág. 2.

<sup>71</sup> H. P. Anderson para J. M. Willard, 2 de novembro de 1908.

<sup>72</sup> Irving L. Foster para Buchman, 21 de dezembro de 1908.

saídas sociais, na verdade chamada Universidade Estadual, havia crescido em torno dele - "no interior com força total", como disse um historiador local<sup>73</sup>.

Nos últimos meses, também, a Universidade Estadual conquistou uma reputação nada invejável. O secretário da YMCA ficaria encarregado do trabalho religioso na faculdade, e Mott, segundo Buchman, disse-lhe que a considerava “a universidade mais ímpia do país”. Além disso, uma greve estudantil – um fenômeno raro naquela época – acabara de ser resolvida. As brigas de classe muitas vezes resultavam em ferimentos graves, e uma recente “quebra de bandeira” durou noventa horas. 'Trote' - o costume de submeter novos alunos a assédio - era muitas vezes brutal e, embora os bares fossem proibidos pela lei estadual, o fornecimento de álcool no campus era abundante, grande parte dele vendido por um anfitrião local e zelador da faculdade chamado Gilliland. Na noite em que Buchman chegou, havia uma série de festas com bebidas alcoólicas em andamento. Gilliland fez um comércio particularmente ativo antes e depois dos jogos de futebol universitário. “Houve momentos em que mandamos seiscentos para um jogo e todos estavam bêbados”, disse Buchman sobre seu primeiro ano. Eles venciam poucos jogos. Buchman logo descobriu que não era preciso ser estudante para ter uma recepção desagradável. Ainda não fazia duas horas que ele estava em seu quarto quando dois jovens corpulentos chegaram com a ideia de agredi-lo. Felizmente, um amigo lhe enviou uma grande caixa de chocolates, então ele sugeriu apressadamente que continuassem a conversa. Isso salvou o dia.

Talvez Buchman ainda estivesse nervoso quando foi apresentado à assembleia estudantil. De qualquer forma, ele dificilmente poderia ter começado de forma mais inepta. “Saudações, estudantes da Universidade Estadual”, declarou ele em voz estridente, e foi devidamente saudado com gritos de alegria e escárnio. Naquele momento, o comitê da YMCA pode ter se sentido aliviado por tê-lo contratado por apenas seis meses.

Eles não precisavam ter se preocupado. Buchman atacou seu novo emprego com a energia reprimida de um homem que acabou de voltar de férias de oito meses e que estava determinado a não fracassar e que, além disso, tinha uma experiência profunda para compartilhar. Logo sua mãe começou a reclamar que ele só lhe mandava cartões-postais em

---

<sup>73</sup> Dr. Mahlon Hellerich, quando arquivista da Lehigh Historical Association. Muitas das informações sobre a sociedade holandesa da Pensilvânia usadas neste livro vieram do Dr. Hellerich.

vez das cartas habituais<sup>74</sup>. Ele trabalhava de dezoito a vinte horas por dia, havia intensificado o nível de atividade da YMCA com um novo programa de aulas e reuniões e parecia estar em todos os lugares ao mesmo tempo. “Ele era robusto, sempre bem vestido, de bochechas rosadas, brilhante e de aparência distinta com seu chapéu de castor”, lembrou o capelão da faculdade, Robert Reed. “Ele parecia estar constantemente entre as pessoas. Todos os dias você o via andando pelo campus com um dos colegas, conversando e rindo. Ele tinha um senso de humor apurado e sua risada espontânea eram muito contagiantes<sup>75</sup>.”

O ridículo, porém, continuou. Durante seu primeiro ano, Buchman calculou, ele foi provavelmente o homem mais impopular do campus. Alguns dos alunos reagiram fortemente tanto à sua seriedade quanto ao que consideraram serem suas atitudes puritanas, e ele foi apelidado de 'John Puro', uma zombaria derivada de uma figura de desenho animado contemporânea. Ele se acostumou a ver “João Puro – 99 por cento puro” rabiscado em letreiros vazios; foi abordado e caricaturado na revista da faculdade.

Ele também parece ter irritado alguns membros do corpo docente. 'Buchman', teria dito mais tarde um professor, 'exsudava o óleo da piedade untuosa por todos os poros. Eu não estaria interessado em vê-lo novamente se isso custasse ter que apertar a mão dele<sup>76</sup>.’

Os resultados do seu vigor e simpatia, no entanto, foram impressionantes. Dois meses depois de sua chegada, Buchman estava escrevendo para seu primo e irmão adotivo Dan: 'Tivemos 1.100 homens na reunião ontem à noite... Fraternidades inteiras estão se inscrevendo para estudar a Bíblia<sup>77</sup>.' Dentro de dois anos, a adesão à 'Y' mais que dobrou de 491 para 1.040. Em três anos, tinha mais de setenta e cinco por cento do corpo discente inscrito, em comparação com trinta e cinco por cento quando Buchman chegou<sup>78</sup>.

Além disso, ele parecia ter um dom especial para atrair estudantes excepcionais. “Antes do final daquele primeiro ano”, escreveu Lloyd Douglas, autor de *The Robe*, que era então Diretor de Educação Religiosa na Universidade Estadual do Illinois e que visitou a Penn State diversas vezes, “foi descoberto que os homens do campus que estavam fazendo

---

<sup>74</sup> Sra. Buchman para Buchman, 23 de fevereiro de 1909.

<sup>75</sup> Robert Reed, estudante norte-americano, abril de 1914.

<sup>76</sup> Citado por Mae Phyllis Kaplan em tese de mestrado na Pennsylvania State Graduate School, Departamento de Economia e Sociologia, 1934, p. 109.

<sup>77</sup> Buchman para Dan Buchman, 29 de março de 1909.

<sup>78</sup> Veja o relatório do presidente Sparks para 1911, quando ele estimou o número de membros do YMCA em 1.287.

coisas reais, líderes em posição escolar, atletismo, oratória... passavam noites inteiras nos aposentos de Buchman.... Parecia fácil para Buchman reunir ao seu redor os homens escolhidos do campus. É claro que não foi fácil, mas Buchman tinha o dom napoleônico de fazer as pessoas quererem fazer coisas difíceis<sup>79</sup>.'

O próprio Buchman, porém, estava longe de estar satisfeito com os resultados do seu trabalho. Os números eram impressionantes, mas será que os homens estavam apenas sendo um pouco influenciados ou estariam vivenciando o tipo de mudança que ele próprio havia sofrido em Keswick? Muitos estavam tomando decisões iniciais de deixar Cristo entrar em suas vidas. Mas até que ponto foram essas decisões? O consumo de álcool, é preciso enfrentar, quase não diminuiu, e o tom geral do colégio não se alterou muito. Será que a qualidade das decisões tomadas remodelaria as carreiras dos homens e afetaria as suas comunidades mais tarde na vida? Ou seria apenas a triste história de alguns novos despertares, onde uma maior observância religiosa foi acompanhada por um declínio da moralidade na comunidade em geral? Mais tarde, ele descreveu seu dilema: 'Eu trabalhava dezoito horas por dia e estava tão ocupado que tinha dois telefones no meu quarto. As pessoas continuaram vindo até mim, mas as mudanças em suas vidas não foram revolucionárias o suficiente para serem permanentes.'

Neste ponto, ele consultou um visitante da faculdade – quase certamente o F. B. Meyer que ele havia procurado em Keswick – sobre seus questionamentos internos. “Você precisa centralizar as entrevistas pessoais entre homens, em vez da organização de reuniões”, disse Meyer.

“Desde então”, observou Buchman mais tarde, “não penso mais em termos de números, mas em termos de pessoas”.

Meyer também perguntou: 'Você deixa o Espírito Santo guiá-lo em tudo o que você faz?' Buchman respondeu que ele realmente orava e lia a Bíblia pela manhã, e às vezes recebia inspirações naquele momento e em outras horas do dia.

'Mas', insistiu Meyer, 'você dá a Deus tempo ininterrupto suficiente para realmente lhe dizer o que fazer?'

Buchman refletiu sobre isso e decidiu dedicar pelo menos uma hora todos os dias, de manhã cedo, para ouvir a Deus, período que ele passou a chamar de “momento de silêncio”.

---

<sup>79</sup> Estudante Norte-Americano; primeira parte do artigo de Robert Reed, segunda parte de Lloyd C. Douglas.

Ele escolheu entre cinco e seis horas antes que os telefones tocassem. Logo na primeira manhã, ele recebeu um pensamento incomum, o apelido de um estudante, “Tutz, Tutz, Tutz” – e a primeira pessoa que conheceu quando saiu para o campus foi esse mesmo Tutz.

'Tutz', lembrou Buchman mais tarde, 'regularmente ficava tenso nas viagens com o Clube Dramático, mas sempre se ajoelhava à noite para fazer suas orações. A princípio tive vontade de zombar dele, mas veio o desejo insistente de que aquela era a hora de falar com ele. Perguntei se ele gostaria de falar com um amigo meu que sabia expor às pessoas as grandes verdades da vida. Ele concordou prontamente, sentindo que era muito mais importante do que um sermão. Esse amigo era um atleta recém-formado em uma das grandes universidades estaduais do Ocidente. Tutz voltou para mim após a entrevista e me disse que havia decidido entregar sua vida sem reservas a Cristo. Eu disse a ele: "Bem, o que você vai fazer a respeito?"

'Ele disse: 'Fazer como?'

'Eu disse: 'Você não vai contar aos seus amigos sobre essa sua nova experiência?'

"Ora, todos eles iriam rir de mim!" ele disse.

'Eu disse: 'Esse é o seu jogo no Clube de Drama, quanto mais chamadas ao palco você recebe, mais você gosta.'

'Tutz tinha imaginação, então, quando todos os seus companheiros de clube estavam sentados esperando o almoço, ele entrou e disse ao grupo: "Suponho que vocês vão rir quando eu contar o que fiz esta manhã." Eles estavam todos entusiasmados, pois pensavam que Tutz havia puxado a perna de um professor ou ouvido alguma nova história engraçada. Ele anunciou de forma simples e sem emoção: "Decidi mudar minha vida". Nenhum sujeito esboçou um sorriso... Conheci-o sete anos depois, quando ele disse que aquele encontro vital era o meio de mudar o rumo de toda a sua vida.

Buchman começou então a refletir sobre como “trazer todo o colégio, como uma comunidade, em direção a Deus”, o que lhe parecia ser o desenvolvimento lógico de mudanças reais nos indivíduos. Três nomes vieram à sua mente à força - Gilliland, o contrabandista, comumente conhecido como Bill Pickle, Blair Buck, "um estudante de graduação da Virgínia com toda graça e charme", e o reitor da faculdade, Alva Agee, "popular, fácil de lidar", acessível, hospitaleiro, o homem entre os homens e agnóstico'.

Buchman sabia que Blair Buck não era um homem que se apressasse, “um tipo de pessoa”, como observou mais tarde, “com quem você usava moderação inteligente e uma

reserva indiferente”. 'Nunca falei com ele sobre as coisas que mais significavam para mim... Conversamos sobre todo o resto que existe.' Eles também andavam a cavalo - uma paixão de Buchman desde a infância - nas colinas verdes ao redor da cidade<sup>80</sup>. As intenções de Buchman eram fazer amizade com Buck e envolvê-lo na conversão de Bill Pickle.

Bill Pickle era filho ilegítimo de um coronel e serviu na Guerra Civil como baterista. Ele ostentava um “bigode de morsa furioso”, “parecia um pirata rugindo” e muitas vezes foi ouvido declarar que gostaria de enfiar uma faca nas costelas de Buchman. Buchman estava bastante nervoso com ele e ficou alarmado quando um dia Buck apontou para ele enquanto caminhavam juntos pela cidade, porque sabia que deveria se mover em sua direção ou perderia o respeito de Buck. 'Eu tenho um nariz grande', relatou Buchman mais tarde, 'então, quando me aproximei de Bill, coloquei minha mão em seu bíceps para que, se ele puxasse, não puxasse com tanta força. O pensamento surgiu em minha mente: "Entregue a ele sua mensagem mais profunda". “Bill”, eu disse, “estamos orando por você”. Para minha surpresa, toda a luta saiu dele. Ele apontou para uma torre de igreja.

“Está vendo aquela igreja ali?” ele disse. "Eu estava lá quando a pedra fundamental foi lançada. Há um centavo meu embaixo dela." A conversa terminou com um convite para Buchman e Buck visitarem Bill, sua esposa e seus doze filhos em sua casa sem pintura, no que todos chamavam de 'Pickle Hill'. Buchman descobriu que eles compartilhavam o amor por cavalos e se tornaram amigos. Depois de alguns meses, ele convenceu Bill a ir a uma conferência estudantil em Toronto. Bill disse que iria se Buchman lhe desse seu querido chapéu de castor - um preço que Buchman prontamente, embora infelizmente, pagou.



Buchman com um grupo de estudantes da Penn State e (à sua esquerda) Bill Pickle, o ex-contrabandista.

© Arquivo Buchman/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>80</sup> Buchman possuía um cavalo chamado Mary durante os primeiros anos na Penn State. Quando a manutenção ficou muito cara, ele o vendeu e deu o lucro a um estudante pobre. 'Acabei de receber uma boa notícia de que isso ajudou ele e seu irmão. através da faculdade. Eles construíram um serviço de lavanderia bastante extenso em torno de Mary', escreveu ele a Woodcock em 7 de novembro.

Em Toronto, Bill decidiu se tornar cristão e, como achava difícil escrever, pediu a Buchman que escrevesse sua carta de desculpas à esposa pela maneira como a tratara no passado. Depois disso, apesar dos esforços de alguns estudantes para atraí-lo de volta, Bill parou de contrabandear e de beber, o que provocou um declínio acentuado no consumo geral do campus.

Dean Agee, que pagou a passagem de Bill para Toronto como uma espécie de “desafio”, ficou muito impressionado com a diferença nele, e Buck daí em diante começou a abandonar as palavras “Se Deus existe...” e a falar de Alguém que 'tinha respondido à sua oração'. Mas havia um longo caminho a percorrer. Um dia, porém, ele disse a Buchman: 'Há muitas coisas que não entendo sobre a Bíblia, a oração e a ajuda aos outros.' 'Vamos passar as férias de verão juntos', respondeu Buchman, e durante alguns meses, primeiro na Ilha de Mackinac, em Michigan, e depois em Montana, onde o avô de Buck era governador, e através do Ocidente, o homem mais jovem encontrou a mudança que ele estava buscando<sup>81</sup>. Ao longo dos sete anos na Penn State, a marca registrada do trabalho de Buchman foi sua capacidade de trazer essas mudanças para a vida das pessoas mais improváveis. Estes incluíam, além dos mencionados, Dick Harlow, que se tornou treinador de futebol em Harvard; Henry Armstrong, um dos criadores do apelido 'Puro John'; Pete Weigal, que encheu os ouvidos com algodão quando foi forçado a comparecer a uma reunião como trompista na banda da faculdade, mas ficou interessado depois que o algodão caiu durante uma serenata especialmente animada; o capitão do futebol, Larry Vorhis; um atleta, Pete Johnson; e 'Pop' Golden, o duro treinador de futebol, cuja vida dissipada afetou gerações de estudantes. Na maioria das vezes, a alteração foi duradoura: Harlow apresentou Buchman quando ele discursou na Universidade Colgate, alguns anos depois; Weigal sucedeu Buchman como secretário da YMCA quando ele deixou a Penn State; Blair Buck tornou-se um pioneiro da educação negra no Sul, no Instituto Hampton, na Virgínia, e manteve contato próximo com Buchman durante toda a sua vida; Dean e a Sra. Agee se corresponderam com ele por muitos anos; Armstrong convidou Buchman para sua casa em 1931; e a Sra. Pete Johnson compareceu à festa de octogésimo aniversário de Buchman em 1958, depois que a fábrica de seu marido enviou um presente de azulejos ao centro americano do trabalho de Buchman. A influência do 'Pop' Golden tornou-se, na opinião de Buchman, mais importante do que a dúzia

---

<sup>81</sup> Para um relato mais completo desses eventos relatados por Buchman, ver Buchman, pp. 330-46.

de pregadores e, por alguma razão, o time de futebol venceu 26 jogos e perdeu apenas dois nos quatro anos após sua mudança.

Durante todo esse tempo, um impacto mais amplo foi sentido na faculdade. 'Em cinco anos, o secretário permanente da Penn State mudou completamente o tom daquela faculdade outrora difícil', escreveu Maxwell Chaplin, secretário da YMCA em Princeton, a um amigo em 1914, após participar de uma das campanhas anuais da 'Semana Y' de Buchman.

Lloyd Douglas participou da mesma campanha. "Foi", escreveu ele depois, "o evento mais notável desse tipo que já testemunhei.

"Não houve um momento de ócio para nenhum homem que tivesse sido convocado para a campanha como associado. Certa noite, Buchman decidiu que iríamos formar pares e visitar as casas das fraternidades e apresentar a cada grupo a proposta de uma decisão cristã definitiva. Era um trabalho impossível e todos perceberam sua futilidade, menos Buchman. Bem, houve grandes feitos naquela noite. Um após o outro, homens proeminentes da fraternidade... levantaram-se diante de seus companheiros e confessaram que eles estavam vivendo vidas pobres e de baixa qualidade e que doravante pretendiam melhorar. O corpo docente estava por trás de tudo, de coração e alma<sup>82</sup>."

A campanha não se restringiu ao campus. Buchman dividiu a cidade em dez seções e colocou cada uma sob a responsabilidade de uma equipe de ajudantes cuja função era convidar todos para as reuniões. Seria, disse ele, uma "campanha de todos".

No primeiro dia, todas as lojas e o cinema solitário da cidade fecharam para incentivar a participação. A banda da faculdade tocou na cidade antes do início da reunião e depois marchou até o salão. Houve reuniões em massa dirigidas por oradores conhecidos sobre temas como "Os segredos de uma vida vitoriosa". A cidade estava "infestada de notáveis", segundo um professor e, durante aquela semana, "a faculdade não vivia, falava e discutia nada além de religião<sup>83</sup>".

No ano seguinte, Buchman trouxe 150 ajudantes externos da maioria das principais faculdades da Costa Leste. Cada um recebeu uma "secretária" estudantil, cuja função era garantir que seu tempo fosse aproveitado ao máximo: frequentemente eles conduziam entrevistas até meia-noite e depois. Alguns, como o professor Henry Wright, de Yale,

---

<sup>82</sup> Estudante norte-americano.

<sup>83</sup> Fred Lewis Pattee, Lembranças (não publicado).

gostaram da intensidade da campanha. “Falei quase continuamente durante três dias”, escreveu ele a um amigo; 'foi um trabalho glorioso<sup>84</sup>.' Outros acharam o ritmo decididamente desafiador. “Levei uma semana para superar aquele dia extenuante na Universidade Estadual”, escreveu um visitante a Buchman. 'Eu não teria perdido por cem dólares, nem repetido por quinhentos. Você deveria limitar seus convites estritamente aos holandeses da Pensilvânia, que são tão rígidos quanto você<sup>85</sup>.'

“Mais cedo ou mais tarde”, observou Fred Lewis Pattee, o professor de inglês, “apareceram no campus todos os líderes religiosos universitários do país para estudar os métodos de Buchman<sup>86</sup>.” Os seus métodos não foram apenas estudados, mas também aplicados. Assim, a publicação da Universidade de Yale, *The Week*, de 3 de março de 1915, traçou a gênese de um despertar religioso em Yale nesta mesma campanha. 'Tudo realmente começou na Universidade Estadual da Pennsylvania no ano passado, sob a direção de Frank N. D. Buchman', afirmava o artigo, e concluía: 'Este novo evangelismo da segunda década do século XX está transformando nossas faculdades.'

Depois disso, houve campanhas no padrão Penn State em Yale, Illinois State, Williams, Cornell e outras faculdades, bem como convenções estudantis em Rochester e Kansas City; Estes Park, Colorado; Eaglesmere, Pensilvânia; Silver Bay, Nova York; e Northfield, Massachusetts. Para a maioria deles, Buchman conseguiu levar equipes de homens que havia treinado. Foi um sonho antigo se tornando realidade. “Quando vim para o State College, tinha em mente toda a linha geral para nossas faculdades orientais”, escreveu ele a um associado na China, três anos depois. “Se você tivesse me perguntado como isso teria funcionado, eu não poderia ter lhe contado. Bill Pickle, o neto do governador, o técnico do time de futebol e todas as outras frutas que surgiram não puderam ser planejadas com antecedência. Quando, no entanto, outras faculdades perceberam que havia uma mudança sustentada na Penn State, pediram que estes mesmos princípios fossem levados de volta às suas instituições, mas devemos lembrar que este foi um programa de sete anos. Tinha que crescer naturalmente. Quaisquer planos "presos" para a Penn State teriam morrido de morte natural<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> Citado em George Stewart Jr: *The Life of Henry B. Wright* (Association Press, Nova York, 1925), p 76.

<sup>85</sup> William T. Ellis para Buchman, 5 de abril de 1912.

<sup>86</sup> Pattee.

<sup>87</sup> Buchman para Hollis Wilbur, 12 de setembro de 1918.

Para Buchman, na verdade, a 'Semana Y' foi apenas o ponto alto de um ano de intensa atividade. Suas férias de verão parecem ter sido conduzidas com o mesmo vigor. A Sra. Buchman reclamava constantemente da falta de cartas do filho; mas agora eles passariam as férias em família e, em junho, Buchman, seus pais e Dan embarcaram no Presidente Lincoln. Regressaram três meses depois, tendo estado em Inglaterra, Holanda, Bélgica, Alemanha e Itália. Seu pai, já aposentado há dois anos, tinha 72 anos e já era semi-invalído.

Dan manteve um diário. Quatro dias no mar, em 25 de junho, ele observa: “O primo Frank realizou um serviço religioso no salão de jantar. Bom comparecimento. No dia 6 de julho, em Londres, a atenção de Buchman parece ter se desviado dos cuidados com a família: “Passei o dia inteiro no Museu Britânico, não jantei. O primo Frank foi a Eastbourne visitar uma dama de companhia da rainha da Grécia. 15 de julho, Antuérpia: 'Conheci Edith Randall de Quincy, Massachusetts. F. foi ao cinema com ER.' Isso foi um ano depois de sua carta a Buchman lembrando a escalada da montanha suíça em 1903. No dia seguinte, 'F. para a Catedral com E.R.' Mais uma vez, sua família parece ter sido deixada à própria sorte. Edith Randall também aparece para jantar uma semana depois, em Colônia, e depois desaparece para sempre. No dia 1º de agosto, em Bad Homburg, Buchman aprende a jogar golfe, e no dia 12 toda a família está na Igreja Inglesa, a convite do capelão britânico, para ver o Kaiser inaugurar um memorial a Eduardo VII da Inglaterra.

Em Bad Homburg, Buchman consultou um Dr. Schafer que diagnosticou um “rim flutuante” ligado à colite. Schafer prescreveu uma dieta rica. “Uma mente tranquila à noite e um descanso de várias horas durante o dia contribuirão para o seu bem-estar e consideram *Falstaff* um ideal – cada quilo que você ganhar aumentará sua saúde”, escreveu ele. 'Os banhos serão os momentos em que você poderá pensar em poesia e romances, e cada gota d'água estimulará o coração e o sistema nervoso. Comece com um banho quente de quinze minutos de duração e despeje água fria nas costas - onde o rim flutuante é uma rocha sólida<sup>88</sup>...! É duvidoso o conselho do bom médico que Buchman seguiu - embora ele nunca tenha sido avesso a uma dieta rica - mas mais tarde ele falou de Schafer como o homem que “ancorou meu rim flutuante”.

De volta a casa, Buchman fez uma visita de quatro dias à sua antiga faculdade, Muhlenberg, e pediu ao presidente da YMCA, Paul Krauss, que tomasse providências para

---

<sup>88</sup> Dr Schäfer para Buchman, (sem data) 1911.

outra “campanha do homem comum”. Os preparativos aparentemente não corresponderam totalmente às suas expectativas porque, quando voltou para a Penn State, ele escreveu uma carta a Krauss “para que você possa ter uma ideia de quão amplamente planejamos aqui”.

Ele havia, disse ele, voltado para a Universidade Estadual na noite de sábado. Seguiu-se um esboço de seu programa. 'Entrei em contato imediatamente com Flagg, um de nossos dirigentes de atletismo, que ficou gravemente ferido no Ginásio durante a semana. Fui ao nosso curso de entretenimento. Entrevistei quatro homens. Fui para a cama um pouco depois do meio-dia. Tive mais de duzentos na minha aula bíblica para calouros no domingo de manhã. Fiz entrevistas antes e depois da reunião. Jantei com a família Gilliland.... Voltei para conhecer o *Hugh McAllister Beaver Club*<sup>89</sup>.

'Tive um encontro com nosso Diretor de Atletismo, que conduziria nossa reunião à noite. Comunhão dos estudantes às duas horas. Reunião com representante estudantil. Convocou o técnico de futebol e vários atletas. Não tive oportunidade de jantar. Ministrei uma Aula Bíblica da Fraternidade, voltei a tempo para uma reunião de mil alunos... Durou uma hora e trinta e cinco minutos. O treinador Reed e “Pop” Golden, nosso diretor atlético, os professores Agee e Torrey falaram. Foi um encontro esplêndido e o objetivo era preparar os homens para o jogo de Pittsburgh. Depois, tivemos uma reunião para conferência e oração. Providenciado para ajudar financeiramente o homem ferido no Ginásio. Saí para conversar sobre alguns planos com nosso capelão. Fui para a cama às doze. Estou partindo para Pittsburgh para ficar fora até sábado. Esqueci de contar que tivemos uma reunião especial para os calouros de toda a turma e conversamos sobre os males da bebida e os problemas da pureza social.

'Eu sei', concluiu Buchman, 'que vocês homens vão impulsionar o trabalho em Muhlenberg<sup>90</sup>.' Esta carta é uma boa ilustração de como, durante toda a sua vida, Buchman

---

<sup>89</sup> Este era um clube infantil que ele fundou na cidade. Numa carta à senhora Andrew Carnegie, que tinha enviado 100 dólares ao Clube e para quem enviou, em nome deles, um medronho em lata, escreveu: "Os seus filhos são muito trabalhadores e, há dois anos, eles eram bastante indolentes Organizamos o Hugh McAllister Beaver Club e fundamos um horário de beisebol e, não um outono, um horário de futebol. Eles estão se unindo muito agora e, em vez da festa de sábado à noite, organizaram recentemente em um município municipal YMCA Buchman conhece a Sra. Carnegie, 29 de abril de 1912. Buchman conhece Andrew Carnegie em 8 de maio de 1907 em Princeton.

<sup>90</sup> Buchman para Paul H. Krauss, 29 novembro 1911.

inconscientemente esperou que seus colegas trabalhassem no mesmo ritmo que ele, e muitas vezes usar a mesma abordagem.

Buchman frequentemente convidava para o campus o que ele chamava de oradores externos “contagiantes”, como o evangelista Billy Sunday, a pioneira assistente social Jane Addams e - apesar da oposição de alguns de seus colegas - Melinda Scott, uma pioneira do movimento operário católico que havia tomado defender a causa das mulheres trabalhadoras em fábricas exploradoras.

Em 1912, decidiu montar uma casa no campus onde pudesse oferecer boa comida e uma recepção calorosa. “Meu plano”, escreveu ele, “seria reunir os homens que não têm a vantagem dos amigos, os solitários, os saudosos de casa, os desanimados, os tentados<sup>91</sup>”.

Ele convidou Mary Hemphill, que ele havia derivado para trabalhar com vários amigos desde os tempos do internato e cujo filho, David, estava matriculando na faculdade, para voltar a trabalhar para ele como governanta e cozinheira. 'A mestre de uma grande arte', Buchman a descreveu mais tarde, 'uma alma nobre, um espírito pronto, uma companheira de equipe modesta... Preparar uma boa refeição era o seu maior prazer. Buchman também pediu instalações extras à faculdade. “Quero providenciar o quarto extra que você deseja”, respondeu o presidente da faculdade, Edwin Sparks. "Uma organização que consiga promover a abertura de uma faculdade como a que vimos até agora é digna de um dormitório inteiro, se assim o desejar<sup>92</sup>." Buchman alugou devidamente um apartamento na *College Avenue* e, com a ajuda das omeletes e dos ensopados de ostras de Mary, usou-o para entreter um fluxo constante de visitantes.

Principalmente tendo em vista a generosidade de sua mesa, era um mistério para os outros membros do corpo docente como ele conseguia pagar suas contas, apesar de seu salário finalmente ter subido para US\$ 3.000 por ano, com outros US\$ 250 para despesas. A esposa do presidente, Sra. Sparks, relembrou a época em que, viajando de volta para Penn State, Buchman chegou a trinta milhas do campus, mas, com apenas vinte e seis centavos no bolso, não tinha o suficiente para pagar a passagem de ônibus. Então, “ele conheceu o Sr. Sparks e, claro, o Sr. Sparks o convidou para voltar para casa em seu carro e lhe ofereceu jantar no caminho”.

---

<sup>91</sup> Buchman para H. W. Mitchell, diretor do Intercollegiate YMCA, enviado com seu relatório dos anos 1912-13.

<sup>92</sup> Edwin Sparks para Buchman, fevereiro/março de 1912.

Buchman também era, acrescentou a Sra. Sparks, “muito generoso com o que tinha, doando seu sobretudo ou qualquer coisa se achasse que alguém precisava mais disso do que ele”. Frequentemente fazia empréstimos a estudantes com poucas expectativas de ver o dinheiro novamente. No entanto, por alguma alquimia misteriosa e um tanto irritante, ele sempre parecia ter o suficiente. Para grande desgosto da Sra. Sparks, também conseguiu emprestar grandes somas de dinheiro ao banco sem qualquer tipo de garantia; enquanto ela, a esposa do Presidente, não podia. “Houve momentos em que fiquei tão provocada por Buchman que prometi não fazer nada por ele, embora sempre tenha feito”, escreveu ela mais tarde, e acrescentou que ele a impressionou “por ter mais fé em Deus do que qualquer outra pessoa”. Eu já sabia<sup>93</sup>.

O Presidente Sparks sempre apoiou Buchman em seu trabalho. Mas até ele recebia ocasionalmente o mesmo tipo de tratamento que seus alunos. O rascunho de uma carta a Sparks que Buchman escreveu enquanto estava viajando pelo Extremo Oriente sugere que ele não fazia acepção de pessoas. Começa: 'Caro Presidente Sparks, estou falando com você como falo com os homens. Tentei repetidamente levá-lo à compreensão de suas necessidades espirituais, mas evidentemente não fui claro.

'Minha principal preocupação é com sua própria alma. Você mostra todos os sintomas de não ser um homem feliz. Seu sorriso parece forçado. Você não parece encontrar a verdadeira alegria em sua vida religiosa. Seu interesse é louvável e excede em muito o de outras pessoas que conheço, mas não parece verdadeiro...<sup>94</sup>

Talvez não seja de surpreender que, se o tom desta carta fosse típico, Buchman tivesse muitos críticos na Penn State. Alguns membros do corpo docente acusaram-no de autopropaganda: os seus relatórios anuais, que eram citados como prova, raramente pecavam pelo eufemismo. Em 1914, por exemplo, ele escreveu: 'Pessoas proeminentes estão ansiosas para saber sobre as maravilhas de Deus operando em nosso meio.... Como resultado deste ano, Penn State tornou-se um fator mundial e está fazendo sua influência ser sentida em muitos centros. ' A revista *North American Student*, prosseguiu ele, com evidente satisfação, havia divulgado amplamente as campanhas da Penn State em duas edições, enquanto uma

---

<sup>93</sup> Sra. Edwin Sparks para Herman Hagedorn, 28 de novembro de 1933.

<sup>94</sup> Buchman para Sparks, rascunho, em artigo do Cannon Christian College (sem data). Não se sabe se Buchman enviou esta carta. Teria sido totalmente característico se ele tivesse feito isso.

campanha liderada por Mott na Columbia só merecia algumas linhas<sup>95</sup>. Buchman pode muito bem ter acreditado que o que havia acontecido na Penn State foi inteiramente obra de Deus - na verdade, ele costumava dizer: 'Não tive nenhuma participação nisso tudo, exceto deixar Deus me usar' - mas ele certamente soava às vezes como se estivesse tocando sua própria trombeta, se apenas em nome do Todo-Poderoso.

Alguns membros do corpo docente também o acusaram de citar nomes. Ele estava, declarou um deles, “sempre falando sobre homens e mulheres importantes que conhecia”, sendo um exemplo disso um telegrama explicando um retorno adiado “que terminava em uma longa lista de famosos que ele estava conhecendo”.<sup>25</sup> Isso poderia muito bem ter acontecido depois de um ocasião em que os Andrew Carnegies o convidaram para conhecer vários de seus amigos, incluindo os chefes de Yale, Cornell e outras instituições educacionais importantes, quando seu trabalho na Penn State era motivo de observação frequente.

No entanto, uma característica contrastante era evidente. Um visitante de uma das campanhas da 'Semana Y', o professor Norman Richardson, comentou com o capelão da faculdade, Robert Reed: 'Estive interessado em observar esse homem, Buchman, o dia todo. Ele está sempre em segundo plano, empurrando outros para posições de liderança e responsabilidade<sup>96</sup>.'

Ao que parece, ele também estava pronto para aceitar críticas que considerava justamente aplicadas a ele. Escreveu a um amigo do Seminário Teológico da União, em Nova Iorque: “Muito obrigado por suas críticas muito úteis. É justamente disto que mais preciso... Sou como um principiante... Acabei de falar em Wesleyano, e... senti que não tinha “aparecido”.<sup>97</sup>

Buchman estava cheio de aparentes contradições. Ardoroso anunciante de suas próprias atividades, ele também era surpreendentemente modesto; produto de uma tradição religiosa conservadora e cautelosa, ele foi surpreendentemente radical em seus métodos. De maneira extrovertida, era profundamente reservado.

---

<sup>95</sup> Relatório oficial de Buchman para 1914.

<sup>96</sup> Kaplan. pág. 193.

<sup>97</sup> Martin MSS.

Seu trabalho também estava cheio de paradoxos. Ele preocupava-se com os detalhes íntimos da vida das pessoas, mas encorajava-as a ter uma perspectiva global: “Pensem em continentes”, disse ele aos estudantes, embora a sua própria experiência estivesse até agora limitada a dois.<sup>98</sup>

#### Buchman com Blair Buck em Minnesota

Da mesma forma, embora estivesse dominado pelas mais profundas emoções humanas, seu trabalho não trazia nenhuma das marcas de um revivalismo extravagante. “Pelo que testemunhei”, escreveu Blair Buck mais tarde, “(isso) não tem de forma alguma a variedade emocional característica de Billy Sunday ou Aimee Semple Macpherson<sup>99</sup>.”

Aqueles sete anos na Penn State proporcionaram a Buchman uma infinidade de histórias que ele usou pelo resto de sua vida. Não era um pregador. Enquanto outros usaram a emoção ou o medo do fogo do inferno, Buchman usou histórias. Isto encorajava o ouvinte a sentir que se pessoas como Bill Pickle, Blair Buck e Dean Agee pudessem tornar-se diferentes, então isso seria possível para qualquer um. Ele era um grande contador de histórias, e as pessoas costumavam dizer que uma história que levava uma hora para ser contada podia ser feito uns dez minutos. Os críticos atribuíram este método ao egoísmo, uma vez que - especialmente nos primeiros anos - eram geralmente histórias nas quais ele próprio se apresentava: foi apenas quando outros começaram a trabalhar com ele que as histórias frequentemente se centraram nas aventuras de outros. Buchman os usou numa época anterior ao cinema ou à televisão, para deixar imagens vívidas na mente das pessoas.



Blair Buck (à esquerda) de férias com Buchman em Minnesota, 1912.

© Arquivo Buchman/MRA Productions/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>98</sup> cf. Major Gordon Heron (Penn State 1915) para Buchman, 20 de maio de 1932: 'Lembro-me bem de como você costumava nos dizer para "pensar em continentes" e ser uma "potência mundial" .... Parece-me que você nos alcançou ou que nos aconselhou habitualmente.

<sup>99</sup> Buchman para Morgan Noyes, 19 de outubro de 1916.

## RECONHECIMENTO ASIÁTICO

Em abril de 1915, Buchman deixou a Universidade Estadual da Pensilvânia permanentemente, como se soube<sup>100</sup>. Ainda sendo neutro, Mott perguntou se ele se juntaria a um pequeno “esquadrão voador” de trabalhadores experientes para servir entre os prisioneiros de guerra na Europa<sup>101</sup>; Então, alguns dias depois, o evangelista Sherwood Eddy, com a concordância de Mott, pressionou-o a ir à Índia para ajudar a preparar uma campanha religiosa em grande escala. Buchman, como bem sabia, construiu uma reputação de trabalho pessoal duradoura na Penn State - Mott considerou-o "o mais completo que alguma vez tinha visto<sup>102</sup>" - e foi, portanto, o homem que ajudou a estabelecer as bases para a nova campanha. Buchman já havia visitado a Índia desde 1902 e, apesar dos protestos de sua mãe por ele ter deixado a América, alimentado por seus temores de torpedos alemães, ele foi. Embarcou em 28 de junho para Marselha no navio italiano Patria e depois partiu para Colombo em 16 de julho.

Ele encontrou uma Índia onde o Raj britânico reinava supremo, se não seguro. Gandhi, que Buchman conheceu brevemente na casa do Bispo Whitehead em Madras, tinha acabado de regressar da África do Sul e ainda era uma figura pouco conhecida à margem da vida política. Nessa fase, ele parece não ter causado nenhum impacto particular em Buchman, nem Buchman em Gandhi. Buchman também ficou na Loja do Vice-reinado enquanto Lord Hardinge era vice-rei, e visitou três dos estados principescos, na companhia de Sam Higginbotham, fundador da missão agrícola em Allahabad. Outros deste período que se tornaram amigos foram Rabindranath Tagore e Amy Carmichael, criadora da Dohnavur Fellowship perto de Tinnevely, que ele descreveu como “o lugar mais próximo do céu do que qualquer outro lugar na terra”.

Durante os seis meses seguintes, Buchman viajou por toda a Índia, de Travancore, no sul, a Rawalpindi, no norte, de Bombaim a Calcutá, cruzando muitas vezes o continente, fazendo três visitas a Madras. Em Travancore, onde sua campanha começou, Eddy

---

<sup>100</sup> Sparks renovou seu convite a Buchman para retornar à Penn State em uma carta de 9 de outubro de 1916.

<sup>101</sup> John R. Mott para Buchman, 21 de abril de 1915. Buchman escreveu aceitando em 23 de abril de 1915.

<sup>102</sup> Gravador Chinês, agosto de 1916.

conquistou uma audiência total de 400.000 pessoas, e houve 60.000 em uma única reunião à qual Buchman discursou. A principal função de Buchman, porém, era ajudar a treinar os obreiros cristãos cuja tarefa era acompanhar essas vastas reuniões; em Travancore, ele tinha um grupo de trabalhadores de 1.300 pessoas, 'com a presença dos Metropolitanos e do clero da Igreja de Mar Thoma'<sup>103</sup>.

As enormes reuniões predefinidas, com discursos de plataforma tediosamente retransmitidos no fundo da garganta por uma cadeia de intérpretes, pareceram a Buchman em grande parte ineficazes. Era “como caçar coelhos com uma banda de música”, disse ele. O que era necessário, insistia ele, era um “trabalho personalizado”, uma abordagem detalhada das necessidades morais e espirituais de cada pessoa e decisões definidas. “Devemos simplesmente rebitar, rebitar, rebitar desde o primeiro momento”, escreveu ele a E. C. Carter, secretário-geral adjunto do Conselho Nacional da YMCA para a Índia e o Ceilão. 'Todo líder deve estar imbuído dessa ideia e ser incisivo em seus discursos e tratos pessoais. Precisamos estudar cada homem'<sup>104</sup>.

Seu ardor foi alimentado pelo que ele considerou a ineficácia dos secretários da YMCA que encontrou cidade após cidade. Segundo lhe parecia, muitos eram burocratas religiosos cujas energias foram absorvidas pela administração. “Os trabalhadores cristãos na Índia precisam aprender o “como” do serviço cristão”, escreveu ele a Mott em Novembro. 'Existem agências abundantes e muitos obreiros cristãos, mas eles não parecem entrar em contato próximo e vital com o povo... Há uma total falta de consciência em todos os lugares da necessidade de lidar individualmente com os homens'<sup>105</sup>.

“O perigo”, escreveu ele a Eddy numa carta posterior, “é que não conhecemos os nossos secretários. O Comité Internacional pensa que sabe, mas para ser absolutamente franco, não sabe.... Dependemos de albergues, de organização. Devemos ir mais fundo. Caso contrário, desenvolveremos uma constituição de parasitas.

'Alguns nem sabem como lidar com um homem que tem as necessidades mais simples. Três secretários indianos trabalharam lado a lado com um americano. O problema de um desses homens era a desonestidade. Os índios sabiam disso. A comunidade sabia disso

---

<sup>103</sup> A igreja do sul da Índia tradicionalmente fundada por São Tomás.

<sup>104</sup> Buchman a E. C. Carter, 9 de novembro de 1915

<sup>105</sup> Buchman a John R. Mott, 10 de novembro de 1915.

e, acima de tudo, o próprio homem sabia disso. Mas ninguém parecia saber como curar a desonestidade e fazer dela o trampolim para uma vida de poder. Uns simples vinte minutos mudaram todo o rumo da sua vida. Buchman anexou uma carta do homem para ilustrar a história<sup>106</sup>. Sua própria carta de dezoito páginas deu muitos outros exemplos de como ele se viu lidando com os mesmos problemas morais elementares que na Penn State e em outras faculdades americanas. Ele também encontrou em muitos a mesma necessidade que Meyer lhe havia revelado em si mesmo na Penn State – ativismo infrutífero operando uma organização improdutiva.

Alguns dos colegas de Buchman sem dúvida acharam esse tipo de crítica irritante, insinuando que eles estavam perdendo o foco.

No entanto, a sua abordagem directa às fraquezas morais dos indivíduos parece ter sido eficaz e bem-vinda na sede. 'Este Buchman', escreveu K. T. Paul ao outro secretário-geral adjunto da YMCA para a Índia, seu colega E. C. Carter, 'é uma alma muito grande. Em S., seu efeito foi maravilhoso. Ele confessou quão completamente errado estava em relação ao caso financeiro de Serampore e como decidiu devolver até mesmo parte dele. Como desejo que possamos ter Buchman na Índia para sempre!<sup>107</sup>'

Entre os afetados pelo contato com Buchman estavam o jovem secretário americano da YMCA em Lahore, Howard Walter, e sua esposa Marguerite. Walter era, segundo um amigo, “uma rara combinação de cérebro erudito e espírito infantil, um poeta nato... com um maravilhoso senso de humor”. As pessoas falavam dele a Buchman como a pessoa mais semelhante a Cristo que conheciam. Quando se conheceram em Lahore, ele e Buchman imediatamente se apaixonaram. Observando a persistência de Buchman, Walter perguntou: “O que o N.D. em seu nome significa, é "Nunca Desesperar"?<sup>108</sup>'

Buchman também, evidentemente, conquistou a confiança dos membros mais antigos da hierarquia religiosa. “A minha enorme dificuldade em lidar com os ingleses é saber como começar”, escreveu Hubert Pakenham-Walsh, bispo de Assam, a Buchman com uma humildade envolvente. 'Estou aprendendo cada vez mais a orar, posso pregar e, claro, se quebrar o gelo na pregação, posso prosseguir com as pessoas.... mas onde falho... é que não

---

<sup>106</sup> Buchman a Sherwood Eddy, 27 de março de 1917.

<sup>107</sup> K. T. Paul para E. C. Carter, data desconhecida. Uma carta subsequente de Carter para Buchman é datada de 16 de agosto de 1915.

<sup>108</sup> Citado em Theophil Spoerri: Dinâmica Fora do Silêncio (Grosvenor, 1976), p. 79

consigo aproveitar as esplêndidas oportunidades que a mistura com os Plantadores me dá, para me abrir às questões da alma. Suponho que seja realmente covardia... se você acha que pode me ajudar e tem tempo para fazê-lo, seja tão franco e brutal quanto quiser.<sup>109</sup>

O bispo se interessou por Buchman pela primeira vez ao conhecer uma vez um estudante notoriamente difícil, chamado Victor. “Você é amigo de Victor”, ele disse ao conhecê-lo. Buchman conheceu Victor num acampamento para meninos em Roorkee, no sopé do Himalaia. Os mestres reclamaram que ele era rebelde. Ele continuou puxando as estacas da barraca enquanto as pessoas estavam dentro das barracas. Ele teria que ser mandado para casa.

— Você falou com o garoto? perguntou Buchman.

— Não, já conversamos sobre ele.

Buchman concordou em falar com ele, mas Victor cancelou três compromissos, preferindo remar no canal. 'Quem poderia culpá-lo?' Buchman disse.

No dia seguinte, Victor foi descoberto em uma colina brincando com bengalas de bambu, que ele girava como a batuta de um major de banda em um desfile. Buchman foi até ele e disse: 'Você faz isso muito bem! Eu gostaria de poder fazer igual.

“Bem, experimente”, disse Victor, esquecendo-se de fugir.

Buchman tentou e falhou, para alegria de Victor. — “Uma vez fui para um acampamento”, disse Buchman casualmente. 'Eu odiei!'

—'Sério? Eu também”, disse Victor, e começou a contar a Buchman sobre o mal momento que ele estava causando a si mesmo. “Há algo errado dentro de mim”, concluí. 'Desculpe.'

— Você sente muito? perguntou Buchman. 'Você sabe o que é remorso?'

— “Isso é pedir desculpas e depois fazer de novo”, disse Victor.

— 'Então o que você acha que precisa?' perguntou Buchman.

— 'Arrependimento.'

— 'O que é isso?'

— 'Oh, é quando um sujeito se arrepende o suficiente para desistir!'

---

<sup>109</sup> Bispo Pakenham-Walsh para Buchman, 3 de julho de 1916.

Buchman começou a contar ao menino sobre um companheiro que sempre entendia a quem seja, e era tão interessante que as pessoas nunca queriam fugir dele. — “Eu sei quem é”, disse Victor, “é Cristo. Gostaria de ser amigo dele, mas não sei como.

Buchman falou sobre como se livrar do pecado que sempre teve um grande 'eu' no meio. — 'Onde devemos ir para fazer isso?'

'De joelhos', disse Victor, e quando, mais tarde, eles se ajoelharam juntos, ele orou: — 'Senhor, administre-me, pois não consigo me controlar sozinho.'

Voltando ao acampamento, ele disse a Buchman: “É como se muita bagagem velha tivesse sido levada embora. Devo ir contar aos meus amigos.<sup>110</sup>

Da Universidade St Stephen's, em Delhi, um ano depois, Victor escreveu a Buchman: 'Com a ajuda de Deus cumprirei o dever que me foi atribuído desde aquele dia memorável em Roorkee.' Quanto a Buchman, ele usou as definições de remorso e arrependimento de Victor pelo resto da vida.

Buchman revelou a novidade das imagens e sons da Índia. Ele escreveu à mãe sobre as mulheres “lavando suas panelas de latão brilhante no riacho, vestidas de escarlate, pitorescas no suave crepúsculo açafraão” e garantiu-lhe que a comida era “excelente; Nunca sofri por causa disso”, e as viagens de trem eram “mais confortáveis do que em casa<sup>111</sup>”. Para Dan ele descreveu o Taj Mahal, o festival de Diwali e uma visita a um templo de macacos. A essa altura ele estava ansioso para voltar para casa, mas planejava primeiro visitar o foco principal do esforço missionário americano, a China.

Eddy, que estaria na China no ano seguinte, inicialmente se opôs à visita de Buchman ao país<sup>112</sup>, sentindo talvez que seus métodos diretos poderiam criar inimigos para si mesmo. Ele o deixou com apenas um empréstimo de US\$ 100 e uma passagem de volta para Seattle. Mas Buchman estava determinado a ir, e chegou um convite do comitê da China que patrocinava a visita de Eddy. Eddy, voltando para os Estados Unidos, parece ter mudado de ideia. “Quanto mais penso nisso, mais penso no trabalho único que você fez”, escreveu ele de Aden. “Fale sobre toda a questão de permear a nossa campanha na China com trabalho pessoal. É o segredo esquecido da Igreja<sup>113</sup>.”

---

<sup>110</sup> Veja Russell, pp. 76-81.

<sup>111</sup> Buchman para mãe, 6 de novembro de 1915.

<sup>112</sup> Buchman para Sherwood Eddy, início de 1917.

<sup>113</sup> Sherwood Eddy para Buchman, 13 de janeiro de 1916.

Em fevereiro de 1916, Buchman partiu para Cantão. Seu efeito foi tal que Eddy cancelou o empréstimo de US\$ 100 e se declarou pronto para cobrir outros US\$ 400 das despesas de Buchman.

O secretário da YMCA para o Sul da China, George Lerrigo, falou da 'maravilhosa franqueza' de Buchman e como 'ele veio até nós apenas como um velho amigo... Cada homem que ele tocou era um homem-chave, e você pode perceber o que isso significará para o nosso trabalho<sup>114</sup> ; enquanto a sua visita a Xangai “prometia resultados grandes e permanentes<sup>115</sup>”. Em Cantão, a Frota Asiática dos EUA estava presente. Ele conheceu muitos dos homens e o resultado foi a criação em vários navios e portos do que os marinheiros chamavam de 'Clubes Buchman<sup>116</sup>.

Mas nem tudo estava bem em casa. O pai de Buchman, agora com 76 anos, estava ficando cada vez mais surdo e rabugento, e havia sinais de deterioração mental que aumentaria com a idade. A mãe de Buchman evidentemente precisava de ajuda especializada já no verão de 1915: ele escreveu da Índia pedindo-lhe que lhe contasse "sobre a enfermeira e tudo o que se passa<sup>117</sup>". Dan também era motivo de ansiedade. Ele não conseguiu manter-se academicamente na excelente Taft School, em Connecticut, para a qual Buchman o enviara, e desde então foi expulso da escola técnica onde estudou para aprender a ser eletricitista. Dan parece ter sido, desde a infância, fraco e pouco confiável. Mas Buchman escrevia-lhe regularmente e sempre com encorajamento. 'Ontem sentei-me na praia para ouvir as ondas batendo e meus pensamentos se voltaram para você com amor e carinho', ele escreveu de Hohangabad<sup>118</sup>, e mais tarde, 'Não há um osso mau em seu corpo e estamos todos orgulhosos de você<sup>119</sup>.'

Em agosto de 1916, ele voltou para casa no *Empress of Russia/ Imperatriz de Rússia*. De volta à América, Buchman precisava de tempo para absorver tudo o que havia vivenciado. “Durante dois meses não quis ver ninguém”, disse ele mais tarde. 'Eu queria pensar nisso sozinho, apenas pegar as cartas que haviam chegado até mim e estudar as necessidades do

---

<sup>114</sup> George Lerrigo para Sherwood Eddy, março de 1916.

<sup>115</sup> W. W. Lockwood para Buchman, 7 de junho de 1916.

<sup>116</sup> Buchman descobriu que tal clube ainda funcionava nas Filipinas dois anos depois.

<sup>117</sup> Buchman para a mãe, 2 de julho de 1915.

<sup>118</sup> Buchman para Dan, 8 de novembro de 1915.

<sup>119</sup> *ibid.* 13 de novembro de 1915.

coração humano como em um laboratório. Cheguei a esta conclusão: a necessidade fundamental somos nós mesmos<sup>120</sup>.'

Foi-lhe oferecido um emprego de meio período no Seminário Teológico Hartford, uma pequena faculdade não sectária na Nova Inglaterra com tradição evangélica. O presidente, Douglas Mackenzie, procurava alguém que pudesse dar aos seus alunos uma formação completa em trabalho pessoal e várias pessoas recomendaram Buchman, entre eles Howard Walter, temporariamente de volta a Hartford, sua antiga faculdade, da Índia. Do ponto de vista de Buchman, o trabalho era ideal. Deu-lhe liberdade e uma conta de despesas para viajar, e a liberdade de organizar suas palestras quando lhe convinha. Tornou-se professor de extensão em evangelismo pessoal, inicialmente por um ano.

Sua chegada a Hartford estava longe de ser popular. Sua abordagem altamente evangelística perturbou tanto os alunos quanto os funcionários. Um aluno lembrou mais tarde, com uma sensação de choque constante, que Buchman queria converter toda a turma<sup>121</sup>. Buchman também deixou claro que considerava muitos dos cursos existentes mais teóricos do que “vitais”. Para ele, a capacidade de lidar com as necessidades morais e espirituais dos indivíduos era muito mais importante do que o domínio das minúcias teológicas. Muitos dos alunos do ensino médio, observou ele, perderam a fé e o corpo docente parecia não saber o que fazer a respeito.

Ele aparentemente ficou surpreso e magoado com as reações a ele. No Natal, Howard Walter escreveu para tranquilizá-lo. 'Frank', disse ele, 'apenas não se preocupe com todas as coisas que as pessoas dizem... seus verdadeiros amigos que viram seu trabalho - sua realidade fundamental e sacrificial - nunca terão essas reações desagradáveis. Você deveria seguir em frente com serenidade<sup>122</sup>.'

Enquanto isso, um pequeno grupo de homens reunia-se em torno dele, no que ele chamava de “uma companhia de companheirismo e silêncio”. Entre eles, estavam Motts John, Howard Walter e Sherwood Day, quem Walter conheceu na Índia. Apoiaram a convicção de Buchman de que o trabalho intensivo com os indivíduos era a chave para o “evangelismo sustentado” e que o primeiro alvo deveria ser a China.

---

<sup>120</sup> Buchman em Kuling, julho de 1918 (ver nota 5, Capítulo 7).

<sup>121</sup> Notas de Edward Perry sobre as palestras de Buchman no Hartford Theological Seminary, novembro de 1921 a março de 1922.

<sup>122</sup> Howard Walter para Buchman, 26 de dezembro de 1916.

O seu primeiro objectivo, escreveu Buchman ao Presidente Mackenzie em Fevereiro de 1917, era transmitir esta paixão por trabalhar com indivíduos aos “líderes da China”. Em Pequim, por exemplo, esperavam reunir quinze dos cristãos chineses mais influentes da cidade e treiná-los no “como” do trabalho cristão. Os quinze deveriam incluir um general que Mott havia convertido, um almirante, o Ministro do Interior, o Vice-Ministro da Justiça que se tornara cristão no ano anterior, e o Presidente da Assembleia Chinesa, bem como vários principais missionários. Os homens de Hartford, disse Buchman, tentariam então repetir estas tácticas noutras cidades chinesas. Era, acrescentou ele, uma tarefa sobre-humana e eles só a tentavam porque sentiam que Deus os tinha chamado para isso<sup>123</sup>.

Foi, de fato, um programa ousado. Buchman e os seus colegas planejavam reformar um vasto país. O seu principal alvo era a sua liderança política; e seus principais colaboradores não seriam outros missionários, mas chineses influentes. Foi o primeiro esforço de Buchman para implementar a sua convicção de que um país, não menos que uma pessoa, poderia tornar-se dirigido por Deus.

O plano parecia ainda mais ambicioso tendo em conta o estado anárquico em que a China tinha fracassado. Depois de um século em que o país se tornou cada vez mais vítima das potências europeias, a dinastia Manchu reinante foi derrubada por uma revolução em 1912 e substituída por uma república sob Sun Yat-sen. Dentro de semanas, no entanto. O frágil regime de Sun também foi eliminado; e Yuan Shih-k'ai, a figura militar mais poderosa da velha ordem, tomou o poder. O próprio Yuan morreu em 1916, deixando para trás um governo central pateticamente fraco e instável em Pequim, enquanto Sun e os seus aliados tentavam manter vivos os ideais dos Jovens Revolucionários a partir de uma base no sul de Cantão.

O país estava extremamente endividado (todas as suas receitas alfandegárias estavam em mãos estrangeiras), desmoralizado, desunido e sem liderança. A Rússia, a Grã-Bretanha, o Japão, a França e a Alemanha reivindicavam grandes áreas como as suas “esferas de influência” específicas, e o governo central era um fantoche pronto a usar, em cujo poder sempre havia grupos de generais em ascensão.

A China já continha as sementes de uma revolução mais fundamental do que a de Sun Yat-sen. No mesmo ano em que Buchman partiu para a sua segunda visita, um estudante

---

<sup>123</sup> Buchman para Douglas Mackenzie, fevereiro de 1917.

chamado Mao Tse-tung decidiu adotar o ideal do “atleta-filósofo sereno e dedicado”, falar “apenas de assuntos grandes” e usar os seus colegas -estudantes a dedicarem as suas vidas ao serviço abnegado do povo<sup>124</sup>. Mao ainda não era marxista - a sua filosofia ainda se baseava na crença em princípios morais absolutos e no poder da mente - mas a sua desilusão com a forma como a China estava sendo governado já estava completo.

Acreditar, como fez Buchman, que a mudança de vidas individuais poderia transformar esta situação altamente volátil deixa-o claramente aberto a acusações de simplificação excessiva. Afinal, esta não era a Penn State, mas uma nação de incontáveis milhões de pessoas. Buchman, entretanto, não viu nenhuma diferença essencial. Ele estava convencido de que, se algumas pessoas importantes entregassem suas vidas inteiramente a Cristo, seja na Penn State ou na China, tudo seria possível. 'Quem pode dizer o poder de um homem conquistado para Jesus Cristo?' Eu perguntei. 'Se o egoísta Yuan Shih-k'ai tivesse sido vencido, isso poderia ter mudado a história da China.' Foi o tipo de personalização de um vasto problema pelo qual ele foi frequentemente criticado: mas tendo em conta a influência posteriormente exercida por indivíduos como Mao Tsé-tung e Chou En-lai, estaria ele completamente errado?

Vários chineses proeminentes tiveram a mesma opinião. Vários dos quinze de Pequim mencionados no plano de Buchman - o vice-ministro da Justiça e mais tarde primeiro-ministro interino, Hsu Ch'ien, foi um deles - acreditavam apaixonadamente que só o cristianismo poderia trazer a unificação do país e a "salvação nacional". O mesmo fizeram Mott e Eddy; pelo menos eles esperavam que isso fosse fruto de seu trabalho. Muitos dos missionários que viviam na China, contudo, sentiam que isso não era da sua conta. Envolver-se na turbulência política da China, pensavam eles, era arriscado e não particularmente cristão; e em qualquer caso, como na Índia, uma boa proporção foi mais absorvida pela administração do que pela conversão de almas. Em 1916, Buchman observou infelizmente que o ganho líquido no número de membros comungantes das igrejas cristãs (26.173) era na verdade menor do que o número de missionários assalariados (27.562).

A ênfase de Buchman na importância de uma parceria estreita com chineses instruídos e, às vezes, de alto escalão, também era atípica na comunidade missionária. Após a sua visita à China em 1890, Henry Drummond queixou-se de que as classes educadas chinesas não

---

<sup>124</sup> George Paloczi-Horvath: Imperador das Formigas Azuis (Seeker e Warburg, 1962), p. 49.

estavam sendo alcançadas. Isso talvez fosse menos verdade em 1917, mas muitos missionários ainda estavam propensos a pensar nos chineses como um povo a ser trabalhado a partir de um nível superior, em vez de como parceiros numa tarefa comum. A crença de Buchman era exatamente o oposto. Essas atitudes divergentes se tornariam uma causa crescente de desacordo entre ele e uma parte influente da comunidade missionária.

Em junho de 1917, Buchman navegou para a China no *Empress of Russia* com três amigos de Hartford e dois homens de Yale. Ele teve a bênção de seu pai para a viagem. 'Meu pai estava muito ansioso para que eu fosse', escreveu ele mais tarde a Dan, 'e quando por um momento falei que não poderia ir, ele disse muito decididamente: "Vá, é seu dever, não quero que você vá." ficar para mim<sup>125</sup>.'

Nestes primeiros meses, o próprio Buchman aprendeu uma lição básica. Durante a viagem de dez dias através do Pacífico, os membros do partido criticaram-se uns aos outros e a Buchman em particular. A razão não é totalmente clara, mas as tendências persistiram quando, tendo os outros prosseguido para os seus postos missionários, apenas três membros do grupo - Howard Walter, Sherwood Day<sup>126</sup> e Buchman - foram deixados para trabalhar e viajar juntos. Eles perceberam que dificilmente poderiam enfrentar a divisão na China até que as divisões dentro das suas próprias fileiras fossem curadas. Os três, portanto, sentaram-se à mesa redonda num quarto de hotel escassamente mobiliado em Tientsin - "um ambiente que lembra um jogo de pôquer, a luz um pouco alta demais para ser confortável", segundo Walter - e disseram honestamente o que sentiam por cada um pelo outro.

Dessas conversas, Sherwood Day escreveu mais tarde, desenvolveu-se o princípio de que nenhum membro de uma equipe deveria dizer nada sobre alguém a outro que ele já não tivesse dito à pessoa em questão<sup>127</sup>.

Howard Walter ampliou o princípio numa carta a Sherwood Eddy: 'Cheguei a uma nova compreensão neste verão da importância da maior franqueza dentro do círculo de qualquer grupo de pessoas que trabalham juntas, combinada com a total ausência de crítica de outras pessoas fora grupo, ou mesmo em qualquer lugar na ausência da pessoa imediatamente envolvida. Na China, tenho visto como as críticas a Frank, ou a você,

---

<sup>125</sup> Buchman para Dan, 27 de setembro de 1917.

<sup>126</sup> Sherwood Day, formado em Yale e ex-secretário da YMCA lá, trabalhou e foi substituído com Buchman por vinte e dois anos, entre 1916 e 1938.

<sup>127</sup> Sherwood Day, Memorando de 1933.

começaram talvez com alguma piada descuidada e cresceram à medida que se espalharam. Você causou estragos em nosso trabalho e nos encontrou a cada passo, gastando muito tempo, esforço e oração para superar . Mesmo dentro do nosso pequeno grupo de três, encontramos o mesmo perigo... Finalmente reunimo-nos para várias longas conversas nas quais todos os pensamentos críticos alguma vez acalentados foram trazidos à luz, e prosseguimos com uma nova unidade e confiança mútua, determinados a continuar adiante com essa base firme uns com os outros e com os nossos colegas de trabalho, na medida em que se unissem a nós neste entendimento mútuo<sup>128</sup>.” Buchman, depois da reunião de Tientsin, sempre considerou a abertura total como um pré-requisito para um trabalho de equipa eficaz.

Logo após a chegada do partido à China, almoçaram com o Ministro dos Negócios Estrangeiros e o Vice-Presidente do Parlamento (um antigo intérprete de Eddy), mas os títulos políticos pouco significavam numa situação em que o governo central era tão impotente. Mais ou menos nessa época, também, Buchman conheceu Chang Ling-nan, um importante advogado e diplomata corporativo<sup>129</sup>. Chang tinha uma casa na bela região montanhosa perto de Kuling, onde Buchman e seus amigos tinham ido para participar de um dos eventos anuais de verão da comunidade missionária. conferências. Um dia, violando a divisão social normal entre chineses e não-chineses, Chang convidou Buchman para uma partida de tênis e um suntuoso jantar chinês de 36 pratos. “Fizemos uma pausa de uma hora e meia entre os dias 18 e 19”, relatou Buchman. O advogado bebia um vinho diferente a cada prato e suas mãos manchadas de nicotina tremiam mesmo quando bebia coquetéis antes do jantar. Tarde da manhã, Buchman partiu em uma cadeira ordenada pelo advogado e carregada por seis cules. “Eu não precisava da cadeira para me levar para casa, embora ele certamente precisasse de alguém para carregá-lo para a cama”, comentou Buchman mais tarde. 'Mas concordei com gratidão, pois não queria incomodá-lo naquela noite.'

Na noite seguinte, o advogado veio jantar com Buchman em Kuling, onde estava hospedado com a Sra. Adams, a viúva de um missionário batista. Buchman contou uma história de como Deus uma vez o guiou.

'Você acha que Deus pode falar com pessoas como eu?' Chang perguntou.

“Claro que sim”, respondeu Buchman.

---

<sup>128</sup> Howard Walter para Sherwood Eddy, 4 de outubro de 1917.

<sup>129</sup> A filha de Chang casou-se com T. V. Soong, irmão de Madame Chiang Kai-shek.

Surgiu uma grande tempestade e Chang teve que passar a noite. Ele admitiu que não queria ficar porque tinha que tomar comprimidos para dormir e outros comprimidos para acordar bem pela manhã. “Mas, depois de uma longa conversa com Buchman e de lermos a Bíblia juntos, dormi profundamente. Na manhã seguinte, decidi começar um novo estilo de vida”. Pouco depois, em sua própria mesa de almoço, com a presença de Buchman, e na frente das crianças e da babá, ele disse à sua esposa: 'Você pensou que eu era um verdadeiro cristão. Mas eu não era'. Sua mudança, que foi permanente e crescente, levou a uma série de festas em sua casa, das quais participaram cerca de oitenta amigos e parentes, muitos deles viajando longas distâncias para isso. Um subproduto foi a criação de uma sociedade missionária chinesa dirigida por chineses e apoiada por dinheiro chinês<sup>130</sup>.

As duas conferências anuais de verão da comunidade missionária, uma entre as grandiosidades das montanhas ao redor de Kuling e a outra no clima seco e revigorante de Peitaiho, no Golfo de Chihli, para onde Buchman foi em agosto, devem ter parecido outro mundo e quase totalmente alheio. Os delegados eram praticamente todos missionários e a esmagadora maioria não-chinesa. Nenhum cristão comprometido da liderança política do país foi convidado, nem nenhum dos “pecadores interessantes” que Buchman considerou necessários para viver qualquer conferência. Eram simplesmente reuniões privadas de obreiros cristãos. Nem, como Buchman se queixou mais tarde, não foram “personalizados”; Em outras palavras, foi feito muito pouco esforço para atender às necessidades morais e espirituais daqueles que compareceram. “Havia paredes que não podiam ser penetradas”, observou<sup>131</sup>.

Em vez disso, as conferências seguiram o que era conhecido como o “antigo plano de reuniões”: uma série de reuniões culminou num grande discurso “inspirador” que pretendia despedir os missionários com um sentimento de elevação. Foram ocasiões que proporcionaram um espaço de descanso bem-vindo e sem dúvida necessário no movimentado calendário missionário, mas pareceram a Buchman ter pouca ou nenhuma relevância para o estado da China.

No que lhe dizia respeito pessoalmente, a melhor coisa que resultou deles foi uma amizade com Cheng Ching-yi, o secretário do curiosamente chamado Comitê de Continuação

---

<sup>130</sup> Veja Russell, pp. 70-75.

<sup>131</sup> Buchman em Kuling, agosto de 1918.

da China<sup>132</sup>, uma organização cujo objetivo era promover a cooperação entre os missionários. Cheng estava ansioso para conquistar alguns dos políticos que haviam ido com Sun Yat-sen para Cantão e queria encontrar uma maneira de apresentar Buchman a Sun.

No início do outono, Buchman estava trabalhando arduamente na preparação para a chegada de Eddy. Ele estava agora viajando pela China com uma equipe de quatorze pessoas, incluindo o Dr. E. G. Tewksbury, Secretário Nacional da União da Escola Dominical da China, a Srta. Ruth Paxson da YMCA Nacional, e o Dr. H. W. Luce<sup>133</sup>, ex-vice-presidente da Universidade de Shantung. O Chinese Recorder fez relatos entusiásticos desta viagem durante o outono de 1917 e o inverno de 1918<sup>134</sup>. O texto de Cheng Ching-yi foi simplesmente intitulado “Milagres”<sup>135</sup>. Buchman encontrou novo apoio financeiro, na forma do Fundo Evangelístico Stewart, que recursos de US\$ 3 milhões. Como característico dele, escreveu a Eddy, que se atrasou no fornecimento dos fundos prometidos, que o Bispo Lewis - o bispo metodista mais antigo na China - descreveu o trabalho que ele e a sua equipe estavam fazendo como "o maior movimento que já saiu da China"<sup>136</sup>, e 'alocou' o administrador do *Stewart Fund*, o reverendo Harry Blackstone, para viajar com ele.

Tais cartas podiam ter o efeito inverso daquele pretendido por Buchman. Eddy já havia recebido a carta de Walter contando sobre a unidade que ele, Day e Buchman encontraram em Tientsin, à qual sua resposta estava errada. O fato é que ele oscilou entre o orgulho e a perturbação perante o impacto de Buchman, tal como uma mãe galinha que vê um dos seus filhotes ir para a água. Outros na sede, tanto em Xangai como em Nova Iorque, acharam difícil suportar o sucesso de novas formas porque envolviam críticas ao passado. Quando chegavam relatórios entusiásticos de cidade após cidade, provocavam-se tanta oposição como aplausos, mesmo que a oposição estivesse momentaneamente silenciada.

As reuniões realizadas por Buchman eram geralmente assuntos pequenos, para que os problemas dos indivíduos pudessem ser resolvidos de forma completa. “Nossas reuniões são cuidadosamente planejadas para grupos de 25 pessoas”, escreveu ele à sua família, de Nanquim, em outubro. 'Estou conduzindo quatro delas por dia, além de muitas entrevistas.

---

<sup>132</sup> As principais personalidades de quase todos os grupos cristãos protestantes na China, tanto chineses como estrangeiros, fizeram parte deste Comité. O seu presidente era o Bispo Logan Roots.

<sup>133</sup> O pai do criador da revista Time.

<sup>134</sup> Chinese Recorder, setembro e novembro de 1917, fevereiro e março de 1918.

<sup>135</sup> *ibid.*, dezembro de 1917.

<sup>136</sup> Buchman para Sherwood Eddy, 25 de outubro de 1917.

Ultimamente tenho passado de 16 a 18 horas por dia com pessoas<sup>137</sup>.' Em Whampoa, em Novembro, trabalhadores cristãos de todas as idades e denominações encontraram liberdade dos pecados que os impediam de ter poder espiritual. Em Cantão, no mesmo mês, 150 trabalhadores pessoais trouxeram 150 cristãos nominais para uma reunião de domingo à tarde. “O resultado é incalculável”, escreveu Buchman com entusiasmo. 'Um dos milagres foi um membro do Parlamento<sup>138</sup>.'

Foi durante essa viagem que Buchman conheceu Samuel Moor Shoemaker, recém-formado em Princeton, que trabalhava no corpo docente de uma escola de negócios mantida por Princeton para ensinar aos meninos chineses os rudimentos do inglês e dos métodos de negócios. Foi apresentado na Associação Cristã de Pequim. “Poucos homens se davam mais facilmente com outras pessoas do que o jovem Shoemaker”, escreve seu biógrafo, Irving Harris. 'Ele não apenas tinha o que é banalmente chamado de "uma personalidade vencedora", mas influenciou a maioria daqueles com quem se associou, de modo que, por sua vez, desfrutaram de um aumento mensurável na auto-estima. Os jovens chineses de suas aulas o encantavam, especialmente os de sua aula de Bíblia.' Ele ficou, no entanto, perturbado porque a frequência a esta aula havia diminuído de vinte para sete nas três primeiras reuniões. Seus métodos, pensou ele, deviam ser falhos.

Ao ouvir Buchman falar, ele o encurralou para explicar sua situação. Depois de muitas preliminares, ele disse que se Buchman pudesse tocar um ou dois dos líderes de sua classe bíblica, eles poderiam afetar todo o corpo discente.

Buchman, que até então acompanhava a história da vida de Shoemaker “com atenção lisonjeira”, de repente leu e riu. — Diga-me — disse ele abruptamente —, por que você mesmo não contata pelo menos um desses sujeitos?

“O jovem estava pronto para quase tudo menos isso”, continua Harris. 'Até então, os líderes religiosos invariavelmente lhe davam tapinhas nas costas e lhe diziam como era bom ele entrar no ministério. Agora, Shoemaker não gostava de ser assim inesperadamente colocado em uma situação difícil; seu orgulho foi ferido e, como a melhor defesa costuma

---

<sup>137</sup> Buchman para Sherwood Eddy, 20 de novembro de 1917.

<sup>138</sup> Buchman também comenta, em uma carta datada de 18 de abril de 1918: 'Acabei de ter uma conversa com um descendente de Confúcio. 'Este era aparentemente um descendente da 76ª geração do patrimônio, e ele e Buchman passaram algum tempo juntos em silêncio, pedindo orientação divina sobre algum assunto político local.

ser o ataque, ele respondeu com uma pergunta: "Se você conhece o problema, por que não me diz qual é?"

“Pode ser o pecado”, respondeu Buchman, e então passou a descrever como o ressentimento em sua própria vida o havia afastado da liberdade e do poder espiritual por mais de um ano.

“Dizer que Shoemaker foi apanhado seria subestimar enormemente a sua reação. Ele rapidamente se desculpou, interrompeu a conversa e caminhou sozinho para casa, atravessando a cidade, determinado a não participar de tal "introspecção mórbida".

“Mas ele não conseguia tirar a conversa da cabeça, especialmente a referência de Buchman ao pecado. Lembrei-me de que alguém uma vez explicou esta palavra de três letras como qualquer barreira, grande ou pequena, entre alguém e Deus ou entre si e outras pessoas. Ele podia ver muitas barreiras em sua própria vida. Várias eram o que poderia ser chamado de “áreas reservadas”. Uma delas tinha a ver com o seu serviço na China. Ele veio para o Extremo Oriente por um curto período. Ele estava disposto a permanecer indefinidamente caso Deus indicasse a necessidade?....

'Mais perturbado do que nunca, enquanto jantava, ele continuou a considerar o futuro - sua vida pessoal, seu casamento, o tipo de ministério para o qual Deus poderia estar chamando-o - e então novamente (talvez com animosidade) ele pensou em Frank Buchman. Quanto tempo tudo isso levou alguém hesitaria em adivinhar, mas chegou um momento.... quando, incapaz de dormir..., ele finalmente caiu de joelhos e iniciou uma transação espiritual totalmente nova. Ele agora percebeu o quanto precisava de perdão. Pareceu-lhe ter ouvido alguém dizer: “Você quer fazer o Meu trabalho, mas do seu jeito”. À medida que o sentimento do amor de Deus o envolveu, ele... concordou que o serviria em qualquer lugar indefinidamente.'

No dia seguinte, segundo Harris, Shoemaker procurou Buchman. “Frank”, ele deixou escapar, “você estava certo. Tenho sido uma fraude piedosa, fingindo servir a Deus, mas na verdade mantendo todos os trunfos em minhas próprias mãos. Agora eu disse a Ele o quanto sinto muito e confio que você me perdoará por nutrir má vontade contra você. Isso surgiu no momento em que você usou a palavra pecado!"

Buchman disse que o perdoou livremente. 'Agora, qual é o próximo passo?' Ele adicionou.

Shoemaker disse-lhe que tinha um acordo de longa data para tomar chá com um dos rapazes da aula bíblica. 'O que devo dizer a ele?' Eu perguntei.

— Diga a ele exatamente o que você me contou. Seja honesto consigo mesmo', respondeu Buchman

Shoemaker fez exatamente isso - e o menino disse: 'Gostaria que isso pudesse acontecer comigo.' 'Eles falaram.... da honestidade, pureza e fé exigidas de qualquer indivíduo que presta total lealdade a Deus, e quando os alunos expressaram sua prontidão, oraram juntos', conclui Harris. “Cada homem sentiu-se profundamente comovido e muito grato<sup>139</sup>.” Para Shoemaker, este foi o início de uma associação de vinte anos com Buchman.

Buchman ainda queria se encontrar com Sun Yat-sen. No início de 1918, Hsu Ch'ien ingressou no Governo Militar do Sul em Cantão como Secretário-Chefe da Sun. Com a ajuda de uma introdução de Hsu, Buchman teve pelo menos duas reuniões com Sun em fevereiro de 1918. A posição de Sun na época era insegura, já que os rivais dentro de seu próprio partido estavam trabalhando para rebaixá-lo de Generalíssimo para ser apenas um em um comitê de sete. No entanto, Buchman estava convencido de que Sun poderia tornar-se “o grande libertador da China”, e as suas conversações foram invulgarmente francas. Na sua primeira reunião, em 23 de Fevereiro, quando vários associados de Sun estavam presentes, Buchman falou das fraquezas morais que Hsu lhe dissera estarem na raiz da condição anárquica da China. Cinco dias depois, encontraram-se novamente numa fábrica de cimento convertida em alojamento do Presidente e situada numa ilha apenas acessível por água. Lá eles tinham privacidade<sup>140</sup>. Sun disse: 'Politicamente, tivemos sucesso. Estabelecemos uma república. Mas temos muitos problemas aos quais não conseguimos responder. Você pode nos ajudar? 'O que você acha que está errado na China?' Buchman disse: 'Três coisas. Uma delas é a corrupção – espremer. Outra são as concubinas. E a terceira é a papoula: fumar ópio.

Buchman então disse à Sun que até mesmo alguns de seus apoiadores disseram que ele tinha esposas demais. Sun tinha, de facto, divorciado da sua primeira esposa ao abrigo da lei chinesa e casado com a mulher que anteriormente tinha sido sua concubina - Ching-ling Soong, irmã de Madame Chiang Kai-shek e mais tarde Vice-Presidente da China Comunista.

---

<sup>139</sup> Irving Harris: *A Brisa do Espírito* (Seabury Press, 1978), pp.

<sup>140</sup> Um jovem soldado da guarda na fábrica de cimento naquele dia chegou quarenta anos depois ao quartel-general do Rearmamento Moral na Suíça como general e contornou como ele e seus colegas ficaram surpresos com o fato de Sun ter pedido o conselho de um americano.

Após a entrevista, Buchman recebeu uma nota ultrajante da Sun, declarando que deve ter havido algum mal-entendido. Ele disse que nunca teve mais de uma esposa e se divorciou corretamente da esposa anterior antes de se casar com a atual<sup>141</sup>. Hsu, porém, encorajado por Buchman, continuou a insistir no assunto. Ele disse a Sun sem rodeios que o seu divórcio poderia ser justificável ao abrigo da lei chinesa, mas que certamente não estava em conformidade com os ensinamentos cristãos, que Sun admitiu ser verdade. Ele deu a Bíblia a Sun e pediu-lhe que lesse a história de David, Uriah e Bathsheba. Sua primeira esposa, lembrou-lhe Hsu, casou-se com ele quando ele estava em grandes apuros, e era contra o costume chinês abandonar uma esposa que se casou com você em tais circunstâncias. Além disso, ela lhe dera um filho<sup>142</sup>. Se ele não obedecesse às leis de Deus, perguntou Hsu, como poderia Sun ter algum poder de Deus para salvar seu país? Sun finalmente agradeceu a Hsu por seu “conselho fiel”.

À primeira vista, parece estranho que tanto Buchman como um político prático como Hsu Ch'ien sejam tão persistentes nesta questão. Contudo, a ação de Sun não foi apenas uma fraqueza moral, mas também conduziu a uma fraqueza política. O filho do Presidente do Parlamento que elegeu Sun Yat-sen Presidente e Generalíssimo mostrou-me, em 1983, uma fotografia de Sun entre os líderes parlamentares com a sua secretária, Ching-ling Soong, sentada ao seu lado no lugar de honra, e sua esposa a vários assentos de distância. A insistência de Sun nesse acordo, disse-me ele, chocou seu pai e outros colegas de Sun. A família Soong também ficou “horrorizada”, segundo Emily Hahn, quando a sua filha do meio anunciou a sua intenção de casar com Sun Yat-sen, porque “ela estava indo contra as convenções da sociedade tanto cristianizada como não-cristianizada na China<sup>143</sup>”. todo o caso enfraqueceu a posição da Sun. Ele contribuiu para as intrigas que levaram a legislatura a despojá-lo dos seus poderes militares e a transferir o governo para um Comité Administrativo do qual ele era apenas um em sete. Em maio de 1918, quando este projeto de lei de reorganização do governo foi aprovado, Sun renunciou e trocou Cantão por Xangai.

Em junho, Buchman e Sun viajavam no mesmo trem no Japão. Sun soube que Buchman estava no trem e mandou buscá-lo. Buchman escreveu a Hsu que 'ele parecia suave

---

<sup>141</sup> R. S. Sun, escrevendo conforme instruções de Sun Yat-sen, para Buchman, 1º de março de 1918.

<sup>142</sup> Hsu Ch'ien para Buchman, 29 de abril de 1918.

<sup>143</sup> Emily Hahn: *As Irmãs Soong* (Cedric Chivers, 1974), pp.

e muito receptivo a todas as sugestões.... Você fez uma coisa corajosa ao falar tão francamente com ele. Você possui o destemor de um Lincoln... Acredito que Deus irá usá-lo para concretizar Seu grande plano para a China<sup>144</sup>.'

A mensagem de Buchman, entretanto, foi tão simples como sempre. “Se o pecado é a doença”, disse ele a uma audiência de missionários em Xangai, “devemos lidar com o pecado. Pecamos antes de tudo em nós mesmos, os “pequenos pecados” que nos roubam o poder e nos impedem de manifestar profunda simpatia pelos homens em pecado. Má vontade para com os outros, ciúme, ambição, obstinação, crítica. E logo pecar na relação com os outros. Não conseguimos chegar ao pecado que afasta o homem de Cristo. O medo muitas vezes nos paraliza. Dizemos que somos muito reservados, que ninguém deve infringir a personalidade de outra pessoa... e o tempo todo há homens ao nosso redor que desejam compartilhar as coisas mais profundas de seus corações... A mulher junto ao poço não tinha a sensação de que Jesus havia infringido a personalidade dela quando Ele apontou o dedo para a causa de sua dor no coração.'

Eddy, que já havia chegado à China e fazia campanha com Buchman, ficou evidentemente encantado com a eficácia do trabalho preparatório de Buchman. Se os endossos entusiásticos deste trabalho que Buchman foi capaz de citar pareciam exagerados, Eddy os repetiu. “Posso dizer desde o início”, escreveu ele a K. T. Paul na Índia em Abril, “que o trabalho de Buchman na China desenvolveu-se através de um crescimento da evolução num movimento de proporções imensas, muito mais poderoso e frutífero do que qualquer movimento preparatório semelhante que já tive no passado em qualquer país<sup>145</sup>.’ No entanto, dentro de três meses, Buchman seria convidado a deixar a China.

---

<sup>144</sup> Buchman para Hsu Ch'ien, 3 de julho de 1918.

<sup>145</sup> 9 Sherwood Eddy para KT Paul (Martin MSS, abril de 1918).

————— VII —————

## CONFLITO NA CHINA

Na verdade, a oposição a Buchman vinha crescendo continuamente. Muitos missionários se opuseram ao seu conceito de trabalho pessoal, e seu estilo e personalidade foram alvo de críticas. Havia também o fato estranho de que onde quer que ele fosse, as pessoas faziam fila para conversar com ele, o que não acontecia com todos os outros.

A oposição finalmente chegou ao auge devido à participação de Buchman nas conferências de verão de 1918 em Kuling e Peitaiho. Ele havia sido um observador convidado na conferência de 1916 e foi convidado a dirigir o setor sobre 'Trabalho Pessoal' em 1917. Agora, junto com a Srta. Paxson e Tewksbury, ele lideraria as conferências. Estava determinado a que não fossem uma repetição dos anos anteriores, e por dois motivos. O primeiro foi que o trabalho concentrado com pequenos grupos de missionários o convenceu de que as suas necessidades morais e espirituais eram muito mais básicas do que ele suspeitava anteriormente.

O segundo era que ele queria conferências que pudessem trazer maior eficácia à comunidade missionária e dar esperança a homens como Hsu Ch'ien. Hsu via o Cristianismo como uma força potencialmente revolucionária. A melhor maneira de alimentar essa fé, achava Buchman, era demonstrar que ela era verdadeira. “Não será uma conferência comum”, escreveu ele sobre seus planos para Kuling. «Haverá homens como Cheng Ching-yi e Hsu Ch'ien que acreditam que Jesus Cristo é a única esperança da China; outro grupo que sente que os estudantes que regressaram devem tornar-se uma força na atual crise política... Eles virão de toda a China e um dos resultados será, esperamos, um esforço para laicizar a Igreja Chinesa.' Não deveria haver 'aquecedores de banco', nem 'zagueiros de arquibancada'. Kuling não seria mais um evento privado para a comunidade missionária. Deveria ser um centro de formação “totalmente personalizado” para a liderança nacional da China<sup>146</sup>. Tudo isto, evidentemente, perturbou totalmente o padrão tradicional das conferências de Verão.

---

<sup>146</sup> Buchman para EG Tewksbury, 21 de junho de 1918.

A princípio, Buchman parecia estar conseguindo o que queria. Numa conferência em Hangchow, antes de Eddy deixar a China, houve “aprovação unânime” dos líderes missionários tanto para a ideia de convidar estrangeiros e chineses cuidadosamente seleccionados para Kuling e Peitaiho, como para a noção de que ambas as conferências deveriam ser intensivas e seletivas<sup>147</sup>. Buchman concentrou-se em Kuling. Enviou convites pessoais aos líderes chineses e a outros “homens marginais”<sup>148</sup> cuja presença asseguraria que a conferência ali estaria em contacto com as necessidades reais do país.

Numa manhã de maio, em Changsha, Buchman escreveu na folha de rosto da sua Bíblia: “Preparei-os para ajudar estes homens. Vocês libertarão muitos. Eu estarei convosco.” No Domingo de Pentecostes ele escreveu: 'Estou chamando vocês para um trabalho poderoso e de longo alcance.' E na segunda-feira, 'Comecem a conferência lidando com o pecado. Esclareçam tudo em vossas vidas. Atividade versus realidade.

Alguns missionários, contudo, não gostaram da ideia de delegados que não fossem “trabalhadores cristãos”; outros objetaram à ausência de endereços importantes no estilo antigo; outros podem também ter-se ressentido pelo fato de as suas conferências de verão terem sido assumidas por este homem vigoroso de 40 anos que, depois de uma fração do seu tempo no país, afirmou saber exactamente o que a China precisava.

Quando chegou a Kuling, no início de julho, para fazer os preparativos para a conferência, estava bastante claro que nem tudo estava bem. Harry Blackstone, que, como administrador do Fundo Stewart, se comprometeu a financiar a conferência, estava nos Estados Unidos e ainda não tinha fornecido as garantias necessárias; e nenhum dos co-organizadores de Buchman sentiu necessidade de chegar a Kuling até uma semana antes do início da conferência, apesar dos pedidos persistentes de Buchman. Tewksbury atrasou-se no Japão para se encontrar com Blackstone a caminho da China, aparentemente por causa de dinheiro, mas Buchman suspeitou de outros motivos.

Buchman, pelo contrário, chegou com um mês de antecedência, convencido de que uma preparação meticulosa era essencial, sobretudo para evitar uma repetição das condições em que tinham sido realizadas as conferências do ano anterior. Os edifícios da conferência,

---

<sup>147</sup> Buchman para Harry Blackstone, 25 de abril de 1918.

<sup>148</sup> 'Homens marginais', no jargão da época, significavam pessoas que ainda não eram cristãos comprometidos ou trabalhadores cristãos em tempo integral.

escreveu ele a Tewksbury, encarregado dos preparativos práticos, eram escassamente mobiliados. Não deveriam investir em cadeiras compridas para as senhoras estrangeiras? Depois havia as camas. Houve percevejos no ano anterior, e sua própria cama era “impossível, apenas uma sucessão de cristas”. Ele estava igualmente descontente com a comida e listou pessoas que ficaram doentes após conferências anteriores por causa disso. As moscas e a louça lascada certamente não convidaram os delegados para uma refeição confortável. Os chineses também, acrescentou, devem ter bastante alimento próprio – “queremos um excelente sentido de companheirismo e igualdade”. A menos que fossem cuidadosos com esses detalhes, alienariam exatamente as pessoas que queriam conquistar. Uma sensação de descanso deve permear tudo, porque muitos dos delegados chegavam cansados depois de um trabalho de inverno. Era o filho do hoteleiro falando.

Nem simpatizou com a preocupação de Tewksbury de que vários dos delegados não se enquadrassem na categoria de “trabalhadores cristãos”. “Não se pode padronizar a conferência de Kuling”, respondeu ele. 'A provisão para homens marginais impedirá que isso seja acadêmico... você pode ficar com Peitaiho, mas eu devo manter Kuling<sup>149</sup>.'

Blackstone - que nessa altura também tinha reservas sérias, embora não reveladas, sobre Buchman - ainda não tinha prometido apoio financeiro no momento em que a conferência começou e, na sua ausência, Buchman escreveu à sua esposa declarando que estava bastante preparado para passar sem ajuda. do Fundo Stewart. 'Eu sei o que significa viver pela fé e pela oração', ele disse a ela, 'e não ser responsável pela prata e pelo ouro de ninguém.' Ciente de que estava sendo criticado por extravagância, enviou também à Sra. Blackstone um cheque pessoal para cobrir qualquer coisa, incluindo medicamentos, que pudessem ser considerados despesas pessoais<sup>150</sup>.

No dia anterior ao início da conferência, Buchman teve uma discussão em grande escala com Tewksbury sobre quem a dirigia, e ficou ainda mais sobrecarregado com uma carta recente de sua mãe dizendo-lhe que a doença de seu pai estava se tornando cada vez mais grave. Mesmo assim, ele navegou a todo vapor em uma aventura onde, com Sherwood Day estando doente e Walter tendo retornado à Índia, ele estava enfrentando uma grande parte da comunidade missionária quase sozinho.

---

<sup>149</sup> Buchman para EG Tewksbury, 18 de julho de 1918.

<sup>150</sup> Buchman para a Sra. Harry Blackstone, 6 de agosto de 1918.

Havia 200 pessoas nas primeiras reuniões em 5 de agosto. Entre eles estavam Hsu Ch'ien, agora primeiro-ministro interino na ausência de Sun Yat-sen no Japão; General Wu, outro conselheiro sênior da Sun; e S. T. Wen, ex-Comissário para as Relações Exteriores, bem como outros chineses e muitos dos principais missionários. A sua primeira



Buchman (à direita) e o Bispo Logan Roots de Hankow na conferência de Kuling em 1918.

© Arquivo Buchman/MRA Productions/MRA Productions  
[View Photo Thumbnail Navigator](#)

tarefa, disse Buchman rapidamente, era descobrir que vida real havia na conferência<sup>151</sup>. Tal vida, acrescentou ele, era espúria, a menos que se expressasse na conversão do poder nas vidas de outras pessoas. Que problema de vida, perguntou ele aos delegados, que incluíam bispos como Logan Roots, de Hankow, cada um deles queria que fosse resolvido durante a conferência? Pode, disse ele, ser um problema pessoal.

Mais tarde, no mesmo dia, Hsu Ch'ien falou e deixou claro que não estava interessado em discussões piedosas que não procurassem formas de enfrentar os males morais da China, que ele descreveu como "despotismo, militarismo, autocracia, consumo de ópio, tráfico e consumo de bebidas alcoólicas, concubinato e escravidão". 'Temos que descobrir o nosso pecado nacional', disse ele, 'caso contrário não poderemos salvar o nosso país. Se não pudermos salvar o país, não poderemos salvar o mundo, mas os cristãos hoje são impotentes na China por causa dos seus pecados privados.'

"Tenho em mente a salvação de uma nação", prosseguiu Hsu, "por isso considero esta conferência um assunto muito sério. Quero saber o método para salvar a China. Os líderes estrangeiros da igreja não entendem muito bem como salvar a China... temos sido muito lentos. Acredito que salvaremos a nação pelo método direto, o do trabalho pessoal.'

Durante os oito dias seguintes, Buchman falou nada menos que treze vezes. Foi uma exposição completa do que ele aprendeu durante os anos da Penn State, ilustrada por histórias de sua própria experiência, tanto de fracasso quanto de sucesso. Ele também disse que recentemente contou a um homem uma mentira que acabara de confessar; que ele não conseguiu suprir a necessidade espiritual de um certo homem porque não teve coragem de

---

<sup>151</sup> As citações de Buchman e outros em Kuling foram retiradas de transcrições literais das reuniões.

ser suficientemente drástico com ele e iria vê-lo em breve; e que, durante aquela mesma conferência, ele percebeu que durante alguns anos havia se beneficiado de um privilégio de tarifa reduzida na ferrovia da Pensilvânia, ao qual não tinha estritamente direito. Havia enviado naquela manhã um cheque de US\$ 150 para a ferrovia. Ele ficou tentado a não assinar seu nome porque o vice-presidente da ferrovia era um amigo pessoal, e a não contar à conferência porque ele, como líder, perderia prestígio.<sup>152</sup>

Ele comentou um dia que foi apenas na China que ele se convenceu de que a confissão das próprias deficiências, em particular ou publicamente, era uma forma importante de ajudar os outros. 'Minha mensagem não é minha; é de Deus. Cresce à medida que várias pessoas contribuem para isso', disse ele. «Quando vim à China esta última vez, por exemplo, não estava totalmente convencido de que “um cristão confessante é um cristão propagador”. Tornou-se uma realidade na minha vida quando o Bispo Moloney abriu o nosso retiro em Hangchow e disse que se um cristão quiser ter poder, ele deve confessar. Um servo de sua família veio e disse que ele havia tomado “aperto”. O bispo lembrou-se então de que não pagara uma conta médica que o médico estava disposto a esquecer por causa da sua posição. Ele disse ao seu servo que ele também havia tomado “aperto” e depois pagou a conta. Este foi o início de um renascimento em sua diocese.'

Tudo isto estava entrelaçado com o seu tema de que “apenas uma coisa no mundo pode impedir-nos de sermos operadores de milagres – o pecado”. “Não há mais nada, absolutamente nada mais”, continuou ele. 'Você não pode ver o pecado na vida da outra pessoa, a menos que você veja o pecado na sua própria vida.' “Não é porque você é melhor do que ninguém que você pode ajudar o outro”, acrescentou. 'É porque você é tentado como a outra pessoa, mas através da honestidade você tem o poder de Jesus Cristo, que tem o único poder para salvar do pecado.'

“Há certas coisas que faremos”, disse ele outro dia. 'Iremos para a China; lecionar em faculdades, ocupar cargos de secretariado; mas quando se trata de relações pessoais íntimas com homens, dizemos: "Não, não posso fazer isso, não fui construído dessa maneira". Você nunca conhecerá a real necessidade, a verdadeira China, a menos que esteja disposto a desatar

---

<sup>152</sup> Buchman estava atualmente em dificuldades financeiras, mas acaba de receber um cheque de uma senhorita Woolverton de Nova York e revelou ser a quantia exata necessária para esta restauração. Buchman para a Sra. William H. Woolverton, 21 de novembro de 1918.

as ataduras das pessoas ao seu redor. E você nunca poderá desatar as ataduras dos mortos ao seu redor, a menos que as tenha desatado primeiro em sua própria vida.

'No primeiro ano em que estive aqui apenas toquei a superfície, no ano passado arranhei-a e espero que este ano vá mais fundo... Pensei que sabia alguma coisa sobre trabalho individual quando vim pela primeira vez para a China. Estou começando a descobrir quão pouco sei.

Quando ele foi para a Penn State pela primeira vez, disse-lhes que encontrou vinte e cinco cristãos pouco interessantes naquela universidade. Eles eram frequentadores assíduos da YMCA americana. Tinham a forma de bondade, mas nenhum poder...' A coisa a fazer, continuou ele, era ir atrás do pecador interessante. Ele conquistou a confiança de doze sujeitos que saíam juntos para roubar galinhas. Agora eles eram pecadores interessantes. "Alguns de vocês dirão: 'Ah, ele está falando de si mesmo'", acrescentou Buchman sarcasticamente. 'Se você se sente assim, por favor, saia da sala. Uma pessoa pode arruinar um grupo.

Os doze jovens, continuou ele, haviam organizado um grupo bíblico, que chamavam de Classe Bíblica do Galo Real e que às vezes durava até as 2h30 da manhã de domingo; e um deles acabou se tornando presidente estudantil da YMCA. Algumas pessoas, disse Buchman, opuseram-se à utilização de homens marginais desse tipo no trabalho cristão. Ele se perguntou o que eles pensavam que Santo Agostinho era quando ele estava em Milão, nos seus primeiros dias. A comunidade cristã na China, tal como era, não conseguia assimilar o homem marginal.

A outra coisa que ele fez na Penn State, continuou ele, foi trazer personalidades contagiantes de fora para ajudar a conquistar os estudantes. 'Há', declarou ele, 'poucas pessoas nesta sala que se qualificariam.'

O efeito destes comentários certamente não foi marginal. Alguns missionários aceitaram o que Buchman disse, outros ficaram furiosos: Buchman, disseram uns aos outros, não era apenas arrogante e presunçoso, ele também era um egoísta que constantemente exibía os seus próprios sucessos.

Buchman sentiu profundamente a força da oposição a ele. Num dos seus discursos posteriores, sobre o assunto de entrar nos sofrimentos de Cristo, que viriam a todos os que seguissem o caminho do serviço total, ele referiu-se à tentação de beber o cálice da paz, da

alegria e da felicidade, mas esquivar-se o cálice do sofrimento. 'Nós decidimos por nós mesmos até onde estamos dispostos a ir. Nosso serviço termina quando começamos a sofrer', disse ele. 'Quando uma pessoa diz todo tipo de coisas sobre você e está tramando silenciosamente contra você... você tem vitória em Cristo? Nenhum homem pode fazer isso, somente Cristo pode. Às vezes não tenho a vitória em coisas que são difíceis. Eu só preciso ir embora. Na verdade, uma noite, por esta hora, ele deu um passeio pelas colinas vizinhas e encontrou um lago. Por um momento ele pensou como seria pacífico permanecer no fundo dele, longe do conflito. No entanto, ele não suavizou o que tinha a dizer, algumas das quais pareciam desconsiderar a experiência profissional dos missionários. A vida cristã eficaz, declarou Buchman, não era uma questão de quanto se sabia ou de quanto treinamento se tinha: dependia inteiramente de quanto se estava disposto a cooperar com Deus. Havia, disse ele noutra ocasião, muitos que se sentavam nos seus escritórios e não estavam em contacto com as necessidades reais das pessoas.

Os presentes chineses seguiram praticamente a mesma linha. Os cristãos, declarou o General Wu, tiveram que revolucionar a Igreja. Alguns pastores se levantaram, repetiram orações e então pensaram que seu trabalho estava concluído – então o leigo tinha que ser seu próprio pastor. “Decidi fazer um trabalho pessoal entre os funcionários”, acrescentou o general Wu. 'Muitos estão podres. Precisamos ajudá-los a construir um novo regime, uma nova força e um novo exército.'

Buchman também levantou o que provou ser uma questão ainda mais delicada. “Quando cheguei à China no ano passado”, disse ele, “um homem<sup>153</sup> que é um verdadeiro médico de almas falou-me de uma das amizades que prendem. Ele disse: "Deixe uma mensagem forte aonde quer que você vá sobre 'amizades absorventes'." Ele usou uma palavra que era nova para mim, “paixões”. Nestes morros tenho visto “amizades absorventes”. Eu não posso julgar. Só posso dizer isto, elas podem ser prejudiciais à saúde. Ele sabia muito mais do que eu. Não posso fazer outra coisa senão dar-lhe aquela palavra de cautela de um velho e experimentado médico de almas.'

Desta vez a reação foi explosiva e o Bispo Roots foi inundado de protestos. Um dia antes de Buchman deixar Kuling, Roots reclamou com ele sobre a ofensa que ele havia causado. Dois dias depois, aparentemente descarado, Buchman escreveu a Roots dizendo o

---

<sup>153</sup> Foi, na verdade, o bispo metodista Lewis.

quão surpreso ele havia ficado com o fato de alguns dos secretários 'Y' terem levado para o lado pessoal o que ele havia dito<sup>154</sup>. Ele também disse a Roots que, na medida em que suas críticas ao 'Deus- dada mensagem' tinha sido inconsistente e destrutiva, era indicativo da própria necessidade do Roots<sup>155</sup>.

Enquanto isso, alguns dos presentes em Kuling escreviam-lhe cartas de agradecimento. 'Eu estava muito perto do colapso quando Deus enviou você para me ajudar a obter a vitória', escreveu um deles, enquanto um chinês acrescentou: 'Nunca esquecerei nosso tempo revigorante em Pines Rock... Nunca poderei agradecer o suficiente pelo que você trouxe para minha vida. Um terceiro agradeceu-lhe pela sua “mensagem clara sobre o pecado”, enquanto uma “filha do bispo” disse que vários que ficaram ressentidos durante alguns dias ficaram para ouvi-lo e foram “ganhos”. Ela acrescentou que alguns devem ter muita coisa escondida em suas vidas para terem tanto medo do Sr. Buchman e de sua mensagem<sup>156</sup>.

Buchman partiu para a segunda conferência, em Peitaiho, sabendo que havia deixado a turbulência para trás. Ele sentiu que uma tempestade estava se formando, embora não suspeitasse que Blackstone, cujas cartas eram amigáveis, a estava agitando. Na verdade, Blackstone, recém-chegado do Japão, escreveu de Peitaiho uma carta confidencial ao Bispo Roots, presidente do Comitê de Continuação da China, que estava agora de volta a Hankow. Ele tinha ouvido falar, disse ele, que a conferência de Kuling tinha sido uma grande bênção. Por outro lado, algumas coisas que lhe foram contadas sobre a relação de Buchman com a conferência levantaram sérias questões em sua mente quanto à conveniência de Buchman realizar qualquer trabalho adicional na China no momento. «Há muito que é evidente para mim», prosseguiu Blackstone, «que há certas desqualificações no Sr. Buchman na linha do egoísmo - do egoísmo e da extravagância - e, no entanto, apoiei-o com todas as minhas forças, por vezes até contra o meu próprio julgamento e a opinião dos outros.'

---

<sup>154</sup> Ao longo de sua vida, quando Buchman objetou que um amigo havia levado um comentário seu “pessoalmente”, ele quis dizer que a pessoa havia perdido o amor por trás da crítica, que não tinha a intenção de deprimir, mas de libertar. Ele esperava que as pessoas aceitassem o assunto a Deus e descobrir com Ele se havia alguma verdade no que ele havia dito. Suas observações às vezes eram tão vigorosas, porém, que essa reação era compreensível.

<sup>155</sup> Buchman ao Bispo Logan Roots, 16 de agosto de 1918.

<sup>156</sup> Cartas neste parágrafo citadas em Sra. Adams para Buchman, 23 de agosto de 1918.

Blackstone perguntou a Roots se ele achava que o trabalho de Buchman na China estava encerrado no momento e se ele achava que algo havia ocorrido na experiência pessoal de Buchman que fosse um obstáculo à sua mensagem. 'Posso dizer', observou Blackstone, 'que há uma séria tristeza lançada sobre esta conferência por causa de sua condição atual, e dificilmente considero que ele seja o mesmo homem que deixei na primavera.' Roots poderia enviar sua resposta por telegrama?<sup>157</sup>

Na noite seguinte parece ter havido um confronto barulhento entre Buchman e os outros organizadores da conferência na varanda do bangalô de Blackstone. A questão imediata foi provavelmente uma reclamação de que Buchman estava se comportando como se estivesse comandando a conferência sozinho. De qualquer forma, ele disse algo que “entristeceu” Tewksbury e disse a Ruth Paxson, no calor do momento, que nunca recebia ordens de uma mulher. Nem se sentiu capaz de concordar com três pontos que os outros lhe colocaram, mais ou menos como um ultimato. Uma delas, aparentemente, era que a palavra “pecado” não deveria mais ser mencionada<sup>158</sup>. Outra era a exigência de retornar ao “antigo plano de reunião”. Tewksbury acusou-o de “egoísta”, ao que ele respondeu que a maior parte da sua mensagem derivava de Henry Wright<sup>159</sup>.

No dia seguinte, porém, ele adoeceu com disenteria e durante vários dias teve febre alta, de modo que a questão de quem deveria dirigir a conferência não era mais relevante. Poucos dias depois, em 31 de agosto, chegou a Blackstone um telegrama do bispo Roots, de Hankow, contendo a frase em código, que Blackstone havia sugerido: “Interromper o trabalho”. A carta seguinte expôs seus pontos de vista com mais detalhes.

Ele queria, disse a Blackstone, testemunhar o valor do trabalho que Buchman havia realizado na China. A vida da comunidade cristã em Hankow foi “permanentemente elevada e inspirada”. O trabalho de Buchman também “foi de valor inestimável para mim, e nunca deixarei de ser grato a Buchman por isso”.

Por outro lado, prosseguiu, partilhava das dúvidas de Blackstone. A conferência de Kuling fez muito bem, especialmente entre aqueles que nunca haviam encontrado Buchman

---

<sup>157</sup> Harry Blackstone para o Bispo Roots, 24 de agosto de 1918.

<sup>158</sup> De um memorando inédito de Frances Roots Hadden, filha do Bispo Roots.

<sup>159</sup> Três semanas depois, Buchman disse a Wright: 'Estou experimentando ou o que você buscou anteriormente.' Grande parte da melhor mensagem é sua... Você sabe melhor do que qualquer outro lar na esfera do meu conhecimento (daquele) que a verdade incorpora os princípios de Cristo" (20 de setembro de 1918). Professor Wright em Buchman é discutido no Capítulo 8.)

antes, mas todos os missionários mais velhos ficaram desapontados. Ele também havia observado em Buchman “uma espécie de atitude mental censuradora e ditatorial”. Uma das principais limitações de Buchman era a dificuldade que tinha em trabalhar com outras pessoas, embora parecesse ter cooperado “da maneira mais perfeita” com Eddy.

Roots acrescentou que ficou “profundamente triste ao observar a mudança no próprio Buchman da qual você fala. Não sou sábio o suficiente para julgar qual é a sua causa', mas em Kuling eles sofreram da mesma atmosfera sombria a que Blackstone se referiu em Peitaiho. «Temo, para falar com grande franqueza», concluiu ele, «que Buchman corra o risco de sofrer um colapso grave se permanecer mais tempo na China neste momento.» O trabalho de Buchman na China até agora tinha sido “um sucesso glorioso”, mas, na sua opinião, deveria ser interrompido<sup>160</sup>.

Deve ter sido um golpe devastador para Buchman ter sido convidado a deixar a China depois de quinze meses de campanha apaixonada. No entanto, o que quer que tenha feito o bispo Roots acreditar que poderia estar em perigo de sofrer um colapso parece ter evaporado muito rapidamente. Ele e dois amigos, seu secretário, Hugh McKay<sup>161</sup> e Sherwood Day, haviam planejado tirar um mês de descanso completo e recreação depois de Peitaiho em Port Arthur, do outro lado do Golfo de Chihli, e como agora tinham dois dias de sobra, aproveitaram a oportunidade de visitar no caminho a Grande Muralha da China e os túmulos Ming. Em poucos dias, Buchman estava enviando cartas alegres para casa e, em 12 de setembro, escreveu a Blackstone para dizer que acabara de fazer uma caminhada de dezesseis quilômetros e "finalizou com um bom jantar de chucrute". Ele pediu a Blackstone, de passagem, que negasse o falso boato de que ele havia "se desintegrado fisicamente" e sido mandado de volta para a América<sup>162</sup>. Blackstone respondeu calorosamente, mas não mencionou seu papel em fazer com que o Bispo Roots tomasse as medidas que ele havia feito<sup>163</sup>.

É difícil conciliar a estimativa do Bispo Roots com a impressão que Harlan Beach, outrora professor de matemática na Penn State e mais tarde o primeiro professor de missões em Yale, teve de Buchman na China. As notas tiradas de uma de suas palestras dão uma

---

<sup>160</sup> Bishop Roots para Harry Blackstone, 30 de agosto de 1918.

<sup>161</sup> Neto de Hudson Taylor, fundador da Missão para o Interior da China.)

<sup>162</sup> Buchman para Harry Blackstone, 12 de setembro de 1918.

<sup>163</sup> Harry Blackstone para Buchman, 18 de setembro de 1918.

imagem muito diferente: 'Sem floreios de trombetas, sem retórica, um grande ser humano, personalidade forte... Um homem amigável que anima, é conversador, fala como um irmão, não é como um pároco dominando sobre nós. Conta histórias engraçadas, alegres, mas muito sinceras e sérias... Ele tem uma nova concepção, falando para um em vez de para as massas.... As pessoas criticaram o fato de ele enfatizar o pecado, de ser muito severo. Ele falou sobre coisas reais que são fundamentais... Ele tinha comando e sabia trabalhar em equipe... Resumo total - a melhor coisa que já aconteceu na China<sup>164</sup>.'

Reverendo em Port Arthur suas últimas semanas na China, Buchman percebeu que havia tratado mal Tewksbury e Miss Paxson e enviou cartas de desculpas a ambos<sup>165</sup>; mas sobre as questões centrais que ele sentia estarem em jogo, e particularmente sua tentativa de lidar com os pecados que ele acreditava ter tornado ineficaz o trabalho de muitos dos missionários, ele permaneceu totalmente impenitente.

“As pessoas na sede nunca foram conquistadas”, escreveu ele a Howard Walter na Índia, “e a oposição era evidente nas formas mais subtis. Há já algum tempo que tentam usar todos os meios concebíveis para nos tirar da China, à medida que o sapato aperta cada vez mais e nos aprofundamos na vida pessoal dos homens<sup>166</sup>.” Numa segunda carta a Walter, Buchman disse que estava convencidos de que havia razões muito mais profundas para o que havia acontecido do que eles ainda haviam imaginado<sup>167</sup>.

Suas cartas ao Bispo Roots também estavam longe de ser apologéticas. Ele admitiu que o fardo que carregava em Kuling poderia ter causado nele uma certa “aspereza”, mas apenas a dureza de alguém que estava preocupado com o fracasso das igrejas e aplicou esse mesmo julgamento severo à sua própria vida primeiro.

Quanto a Kuling, continuou ele, estava mais do que nunca convencido de que estava apenas “arranhando a superfície”. Termos como esse e “falência espiritual” foram contestados, mas nada menos que isso expressava a real necessidade. O que deixou o seu coração pesado, declarou ele incisivamente, foi que, como Deus lhe tinha dado um

---

<sup>164</sup> Martin MSS.

<sup>165</sup> Buchman para E. G. Tewksbury e Ruth Paxson, anexado à carta para Harry Blackstone, 12 de setembro de 1918.

<sup>166</sup> Buchman para Howard Walter, 12 de setembro de 1918.

<sup>167</sup> *ibid.*, 1º de outubro de 1918.

diagnóstico cada vez mais claro das condições e a sua mensagem tinha mais próximo das necessidades reais, “houve alguns líderes cristãos que voltaram atrás”.

Concluiu que ele responderia calorosamente ao tom amigável das cartas do bispo se não sentisse que havia o perigo de obscurecer a questão fundamental, e alertou Roots contra pensar que o desacordo entre eles em Kuling tivesse sido puramente pessoal. “É muito mais profundo”, declarou Buchman, “uma questão de princípio que afeta vitalmente o progresso do Reino<sup>168</sup>.”

Ele escreveu a Blackstone explicando que não se sentia capaz de participar dos piqueniques e do lado mais leve da conferência de Kuling, em parte porque tinha a sensação de que a doença de seu pai estava piorando muito<sup>169</sup>. Na verdade, Buchman já sabia há muitos meses que a condição de seu pai estava piorando. Uma carta da mãe, no Natal anterior, deixara claro que o comportamento do pai era agora totalmente irracional e que ela própria tinha medo do que o velho lhe pudesse fazer.

“Não vejo como poderei aguentar mais”, escrevera ela em dezembro de 1917, “a situação é tão grave que não sei que caminho tomar. Esta semana ele estava pronto para partir e eles o mantiveram afastado do trem. Estou em constante medo, a única esperança que tenho é o Senhor<sup>170</sup>!”

No verão do ano seguinte, o tom das outras cartas tornou-se ainda mais desesperador. Em junho ela escreveu que “seu pai saiu esta manhã com a mala, ele disse que não sabia quando voltaria. Estou escrevendo isso com lágrimas. Nunca pensei que pudesse passar pelo que estou agora.... sua missão é em casa.<sup>171</sup>” No final de julho, um de seus vizinhos em Allentown escreveu para confirmar que sua mãe não estava mais segura em casa. Algo, disse ela, teria que ser feito<sup>172</sup>.

Então, enquanto ele estava em Port Arthur, sua mãe escreveu para dizer que o velho havia sido levado ao hospital por ordem do médico. 'Tivemos que levá-lo', explicou ela, 'é difícil dizer a você, Frank, que tivemos que tirá-lo de sua boa casa. Ele me perseguiu pela casa na segunda-feira de manhã, em roupa de dormir, de uma ponta a outra da casa e me

---

<sup>168</sup> Buchman para o Bispo Roots, 8 de outubro de 1918.

<sup>169</sup> Buchman para Harry Blackstone, 18 de outubro de 1918.

<sup>170</sup> Sra. Buchman para Buchman, 17 de dezembro de 1917.

<sup>171</sup> *ibid.*, 27 de junho de 1918.

<sup>172</sup> Laura E. Heiner para Buchman, 29 de julho de 1918.

ameaçou. Saí de casa e me escondi na casa de Hirner naquele dia. Eles o levaram muito silenciosamente, sem fazer nenhuma cena, mas, pense bem, tiraram-no para fora de sua própria casa<sup>173</sup>.'

O surpreendente é que, mesmo agora, Buchman não partiu às pressas para Allentown. Um fator era o tempo que o correio e as viagens, tanto por superfície, demoravam naquela época. Em parte por causa disto, havia também uma tradição entre americanos e europeus, servindo como missionários ou a título civil, de manter o seu trabalho no estrangeiro, quaisquer que fossem as dificuldades internas. Certamente, Buchman se sentiu convencido na época de que estava onde Deus queria que ele estivesse. “Sei o quanto você me deseja aí”, escreveu ele à mãe, de Peitaiho, em agosto de 1918, “e só quero fazer a vontade de Deus<sup>174</sup>.” Ele enviava cartas carinhosas regularmente, muitas vezes acompanhadas de presentes ou presentes em dinheiro – US\$ 300 para o aniversário de sua mãe - mas nunca deu o menor indício de que estava em dúvida se deveria ficar no Leste. Na verdade, a certa altura, ele sugeriu que ela se juntasse a ele na China, presumivelmente colocando o seu pai sob cuidados adequados.

Agora ele escrevia de Port Arthur contando à mãe que havia telegrafado ao Dr. Willard Kline, um conhecido especialista em Allentown, perguntando o que poderia ser feito por seu pai. Ele também enviou US\$ 600 para ajudar a pagar um enfermeiro. 'Está claro', disse ele, 'que a tensão é grande demais para você e você não deve mais suportá-la.' Nas suas horas tranquilas, Deus lhe deu a garantia real de que “Ele será seu marido e que você estará segura sob Sua guarda”. Ele estava, acrescentou, começando com um pequeno grupo de amigos em um programa evangelístico próprio. Houve convites da Coreia e do Japão<sup>175</sup>. “Estamos avançando com fé e oração”, escreveu ele a Howard Walter na Índia, “sem nada além do banco do Todo-Poderoso para recorrer. Todos nós ficamos mais ricos com estes dias de provação pelos quais passamos<sup>176</sup>.’

Parece provável, tendo em conta a sua carta a Blackstone, que um motivo subsidiário para empreender as viagens à Coreia e ao Japão tenha sido um desejo, consciente ou inconsciente, de deixar bem claro que não tinha sido "mandado para casa" da Ásia e de

---

<sup>173</sup> Sra. Buchman para Buchman, 17 de agosto de 1918.

<sup>174</sup> Buchman para a mãe, 23 de agosto de 1918.

<sup>175</sup> *ibid.*, 10 de setembro de 1918.

<sup>176</sup> Buchman para Howard Walter, 1º de outubro de 1918.

restabelecer que, sem entraves, a sua mensagem poderia alcançar ampla aceitação. Na verdade, foi recebido com entusiasmo em ambos os países e, através das amizades que formou, lançou as bases para um trabalho que se concretizou nos anos posteriores. No Japão, além do trabalho habitual, tornou-se amigo de dois dos criadores do Japão moderno, o Barão Morimura e o Visconde Shibusawa, que presidiram uma reunião da Concordia Society na qual Buchman deu uma palestra sobre 'Engenharia Humana'.

Para grande tristeza de Buchman, Walter morreu de gripe na Índia naquele mês de novembro, e havia uma ansiedade constante em relação a seus pais; mas, fora isso, estes meses na Coreia e no Japão parecem ter sido felizes e frutíferos. A resposta do Dr. Kline à sua carta, com vários atrasos, só chegou até ele em 8 de fevereiro de 1919. Depois disso, ele cancelou vários compromissos e, em março de 1919, partiu para os Estados Unidos.

Acontece que ele não tinha ouvido o último dos personagens principais do drama de sua partida da China. Harry Blackstone, ficou conhecido, tinha uma queda pelos secretários eurásianos e, quando um deles falou publicamente sobre o relacionamento deles em 1924, caiu em desgraça e deixou a igreja para abrir um negócio. Em sua tristeza, ele escreveu a Buchman pedindo ajuda<sup>177</sup>. 'Lamento muito que tudo isso tenha acontecido', respondeu Buchman em abril de 1924. 'Você pode ter qualquer coisa à minha disposição e farei tudo que estiver ao meu alcance para fazer o que quiser que eu faça. Ficarei ao seu lado para ajudar, mesmo que você diga que o céu está negro como a meia-noite. .. Sinta-se à vontade para me fazer quaisquer exigências e farei o meu melhor para cumpri-las<sup>178</sup>.'

Quanto ao Bispo Roots, Buchman nunca (de acordo com a filha de Roots) mencionou o assunto novamente, nem para ele nem para qualquer membro de sua família, embora o Bispo e toda a sua família, antes e depois de sua aposentadoria, tenham vindo mais tarde para trabalhar em estreita colaboração com Buchman. "Você nos perdoou muito", escreveu-lhe o bispo em 1942. "Em particular, você me perdoou muito. Estou lentamente começando a perceber o quanto<sup>179</sup>."

Hsu Ch'ien gradualmente ficou desiludido com o que viu do cristianismo na China. Em Kuling, ele e um colega tiveram uma conversa com Buchman, durante a qual foi

---

<sup>177</sup> Harry Blackstone para Buchman, previsto na carta de 1º de janeiro de 1924; confirmado em Maxwell Chaplin para Buchman, 20 de abril de 1924.

<sup>178</sup> Buchman para Harry Blackstone, 3 de abril de 1924.

<sup>179</sup> Bishop Roots para Buchman, 20 de dezembro de 1942.

concebida a “Sociedade Nacional para a Salvação da China”. Depois de Kuling, ele teve uma conversa de três horas com Sun Yat-sen, que a considerou “uma ideia sincera e muito profunda” e mais tarde confirmou que “acreditava que este princípio fundamental é a única forma de a China ser salva”. Mas no início do ano seguinte, Hsu escreveu tristemente a Buchman: 'No momento, os missionários estão apenas pregando sobre a justiça individual, mas nada sobre a sociedade e as nações como um todo. Porque é que as pessoas deveriam ser justas apenas individualmente, mas não nos assuntos políticos?'<sup>180</sup> Em 1923, um agente de Moscovo chamado Michael Borodin chegou a Cantão e, no devido tempo, tornou-se conselheiro tanto de Sun Yat-sen como de Hsu. Hsu sentiu que Borodin realmente apreciava a sua capacidade e idealismo, ao passo que, segundo a sua filha, “ele obteve pouca cooperação dos cristãos formais nos seus grandes esquemas nacionais de cristianismo aplicado”<sup>181</sup>. Em 1925, ele estava morando num apartamento na Rússia.

Muitos perguntaram-se por que é que o comunismo foi capaz de capturar a liderança da China tão facilmente, apesar do vasto investimento missionário, tanto americano como britânico, feito no país durante o meio século anterior. Arthur Holcome, professor de Governo na Universidade de Harvard, dá todo o peso à desilusão chinesa face ao tratamento que lhe foi dado pelas potências aliadas “cristãs” na Conferência de Paz de Versalhes, onde as concessões alemãs foram entregues ao Japão e os Aliados mantiveram as suas, apesar de de promessas em contrário. Para isto, ele atribui mais três razões profundas: “o fracasso dos missionários ocidentais em tratar os chineses como iguais”, a sua “falta de unidade” e a sua “ignorância da China e dos chineses”. Os missionários, diz ele, tinham a intenção de mudar a cultura chinesa, enquanto os russos, e particularmente Borodin, procuravam compreendê-la e utilizá-la<sup>182</sup>. Todas estas três atitudes eram aquelas que Buchman tentava enfrentar enquanto estava na China.

Pode-se especular o que teria acontecido se houvesse alteração significativa em algum ou em todos esses pontos na comunidade missionária. Se um corpo considerável da liderança chinesa, com tal apoio, se tivesse decidido remediar os males articulados por Hsu e pelo

---

<sup>180</sup> Hsu Ch'ien para Buchman, 26 de fevereiro de 1920.

<sup>181</sup> Holly Hsu para Frances Roots Hadden, citado em Hadden MS.

<sup>182</sup> Arthur Holcome: *The Spirit of the Chinese Revolution, The Lowell Institute Lectures 1930* (Knopf), p. 87 e seguintes.

General Wu, é pelo menos possível que pudesse ter havido uma dinâmica alternativa suficiente para resistir à revolução ateísta que Borodin importou.

Do jeito que aconteceu, Hsu Ch'ien, Sun Yat-sen, Chiang Kai-shek, Mao Tse-tung, Chou En-lai e outros sucumbiram à personalidade persuasiva de Borodin<sup>183</sup>. Na sua busca pelo princípio unificador e purificador, que Hsu e outros viram no cristianismo revolucionário oferecido por Buchman, eles se voltaram para o comunismo. Alguns mais tarde romperam com isso. Alguns ficaram confusos. Alguns foram capturados por ele de coração e alma<sup>184</sup>.

Para o próprio Buchman, as consequências da sua experiência chinesa foram consideráveis. Ele se viu em conflito com uma parte considerável do estabelecimento cristão e perdeu, mas aprendeu muito no processo. Foi uma grande surpresa para ele. “Simplesmente porque ataquei o pecado na China”, observou ele ao chegar em casa. Sobre a reação à sua menção de “relacionamentos absorventes”, ele acrescentou: “Não fazia ideia que tal pecado existisse, exceto em casos isolados. Ser mal compreendido abriu meus olhos. Existe uma camarilha que é impura.’ Ao transmitir a advertência do Bispo Lewis, ele simplesmente pensou que estava oferecendo a garantia de liberdade interior e de eficácia espiritual aos obreiros cristãos que ficariam felizes em recebê-la. Ao relatar a história ao presidente de Hartford, Douglas Mackenzie, ele acrescentou: “Acredito que algumas das críticas se devem ao fato de os homens sentirem que eu sabia mais do que realmente sabia”<sup>185</sup>.

Ao voltar para a América, ainda ignorante das manobras de Blackstone, ele sentiu que uma oposição mais ampla a ele estava se cristalizando e esperava que os rumores chegassem não apenas a Hartford, mas também à sede da YMCA em Nova York. Enquanto isso, ele escreveu a Sherwood Day: 'Não voltarei para Hartford amarrado de forma alguma. Devo ter liberdade de expressão e ação'<sup>186</sup>.

---

<sup>183</sup> Um jovem jornalista americano, um dos filhos do bispo Roots, que na época escrevia para o New York Times na China, conhecia Borodin. Foi Chiang Kai-shek quem nos apresentou em 1926. 'Borodin falou de revolução', lembrou mais tarde... 'Ele tinha lido várias vezes o Novo Testamento. Ele disse: "Aquele homem, Paulo, foi um revolucionário!" Aí, de repente, ele parecia um rosto distorcido e batia como uma ponta na mesa até que as xícaras do chá voavam dali, olhou-me nos olhos e gritou: "Mas onde você encontra homens como ele hoje?" Dê-me um exemplo. Não, você não pode.'" (John M. Roots escrevendo em Morgenbladet (Oslo), 2 de janeiro de 1962.)

<sup>184</sup> Em parte, como resultado desta conversa, John Roots decidiu trabalhar em tempo integral com Buchman, e mais tarde junto com Bispo e vários outros membros de sua família.

<sup>185</sup> Buchman para Douglas Mackenzie, 21 de maio de 1919.

<sup>186</sup> Buchman para Sherwood Day, 21 de abril de 1919.

## PRIMEIROS PRINCÍPIOS

A essa altura, a mensagem de Buchman, bem como algumas de suas formas de trabalhar, começavam a se cristalizar. Não era uma mensagem nova - já existia há quase dois mil anos - mas através da sua experiência e personalidade estava adquirindo certas ênfases distintivas. A sua expressão desenvolveu-se à medida que a época trouxe novos desafios; mas suas raízes permaneceram as mesmas.

Sua formação familiar, reforçada por seus estudos em Muhlenberg e Mount Airy, deixou-o com crenças que, na linguagem teológica da época, podem ser resumidas como a soberania e o poder de Deus, a realidade do pecado, a necessidade de rendição completa à vontade de Deus, o sacrifício expiatório e o poder transformador de Cristo, o sustento da oração e o dever de testemunhar aos outros. Mas estas eram para ele, ao deixar Mount Airy, crenças em grande parte intelectuais - suposições, em vez de convicções vibrantes. “Todo mundo ia à igreja”, disse ele certa vez sobre Pennsburg, “mas isso não afetou suas vidas, a não ser que eles fossem muito morais. 'Só uma vez vi alguém se tornar diferente.' E sobre si mesmo depois de Mount Airy, ele lembrou: 'Fui um fracasso total. Fui produto de um molde, de um seminário teológico conservador. Eu deveria saber pregar, mas não sabia nada sobre os homens ou como ajudá-los. Eu não sabia nada sobre o Espírito Santo, exceto que era representado por uma pomba.'

No entanto, o seu desejo de crescimento era intenso e, à medida que enfrentava novas situações e desafios, doutrinas há muito assumidas ganharam vida. O significado foi derramado neles, e uma lição aprendida era aprendida para a vida toda.

Assim, durante os anos em Overbrook e no hospício, ele começou a compreender mais profundamente a natureza humana - e, também, a descobrir que Deus era confiável, que numa vida de “fé e oração” as necessidades práticas eram satisfeitas. Na Penn State, ele descobriu que as pessoas podiam mudar radicalmente e que, através dessa mudança nos indivíduos, o tom de uma instituição poderia ser alterado; e na China ele passou a acreditar que o que era verdade para uma universidade poderia ser verdade para uma nação. Na sua luta para alterar estas situações mais amplas, ele chegou a uma conclusão que Agostinho tinha comentado séculos antes: que, embora todas as almas tenham o mesmo valor e

necessitem dos mesmos cuidados, as condições na sociedade só poderiam ser afetadas rapidamente se as pessoas-chave - aqueles com influência - fossem afetados<sup>187</sup>. Embora ele falasse da Penn State como "o laboratório" no qual testava os princípios sobre os quais trabalhar, ele via a China, ao abordá-la em julho de 1917, como "o campo de provas da poder para transformar as nações em direção a Deus". Sua mente estava lutando com um dos maiores desafios que um homem de fé poderia enfrentar, e que poucos em sua época contemplavam.

Buchman, entretanto, sempre considerou suas descobertas espirituais como tendo aplicação universal. Depois da sua experiência na pequena igreja de Keswick, quando se apercebeu do seu próprio pecado e experimentou o perdão de Cristo, nunca mais considerou que qualquer outro ser humano, por mais corrompido que fosse, estava fora do alcance da graça que tinha curado o seu próprio ódio e orgulho.

Outra experiência decisiva resultou da pergunta que F. B. Meyer lhe fez na Penn State – se ele dedicava tempo suficiente todos os dias para perguntar a Deus o que deveria fazer. Este pode ser visto como o momento em que Buchman decidiu entregar sua vontade, distinta de sua vida em geral, a Deus. Agora ele deve fazer a obra de Deus não à sua maneira, mas à maneira de Deus. Sua resposta imediata foi reservar um horário entre cinco e seis da manhã, não apenas para falar com Deus, mas também para ouvir. Foi a sua descoberta pessoal da antiga disciplina do silêncio diante de Deus. Ao realizar esta experiência, ele foi muito encorajado pelo contato com o professor Henry Wright, de Yale, e pelo estudo de seu livro, *A Vontade de Deus e o Trabalho de Vida de um Homem*, publicado naquele mesmo ano de 1909.<sup>188</sup>

O tema central do livro de Wright era que um indivíduo poderia, através da 'oração bidirecional' - ouvir orientação e também falar - encontrar a vontade de Deus para sua vida e

---

<sup>187</sup> 'Além disso, na medida em que são amplamente conhecidos, eles guiam muitos para a salvação e são obrigados a ser seguidos por muitos.... A vitória sobre o inimigo é maior quando ganhamos dele um homem a quem ele mantém com mais força e através de a quem ele mantém mais pessoas.' *As Confissões de Santo Agostinho*, traduzido por FJ Sheed (Sheed and Ward, Londres 1944), Livro 8, Seção IV, pp. 128-9.)

<sup>188</sup> Wright imediatamente enviou uma cópia para Buchman na Penn State, que respondeu: 'Seu livro acabou de chegar e estou encantado com ele... estou ensinando-o sozinho para cerca de cem pessoas' (Mark Guldseth, *Streams*, impresso em particular em 1982, p. 87). Wright era nessa época professor assistente de História e Literatura Latina em Yale. Em 1914, uma cadeira especial em Métodos Cristãos foi criada para ele na Yale Divinity School. Guldseth deixa clara a dívida de Buchman - muitas vezes reconhecida pelo próprio Buchman - em deste período para Wright, Moody e Drummond.)

para os acontecimentos comuns do dia. O próprio Wright reservou meia hora para essa oração auditiva logo no início da manhã. Nessas horas - e na verdade em qualquer hora do dia - ele declarava que o que chamava de "pensamentos luminosos" vinha de Deus, desde que o receptor humano estivesse suficientemente limpo para captá-los. Wright anotou esses pensamentos em um caderno e sempre tentou realizar.

Buchman viu seu pensamento de abordar 'Tutz', seguido de seu encontro imediato com ele, como uma sugestão de Deus para ele. Da mesma forma, um momento decisivo para Ray Purdy, que se tornou um de seus colegas de longa data, foi em um acampamento estudantil em setembro de 1919, quando Buchman recebeu uma inspiração tão inesperada, levantou-se de repente e correu para uma tenda no outro extremo da rua. acampamento, onde encontrou um homem gravemente doente com apendicite aguda. Também mais tarde na vida, Buchman falaria daquele “carrapato cativante” que poderia intrometer-se no pensamento comum de uma pessoa com autoridade particular. Mas o seu conceito de escuta não era composto principalmente por tais ocorrências. 'Ouvir significa um momento sem pressa, quando Deus realmente pode ter a chance de imprimir Seus pensamentos em sua mente', disse ele em Kuling<sup>189</sup>. 'Para mim, pessoalmente, às cinco horas ou uma hora antes, estou acordado e consciente da presença de Deus. Alguns dias é simplesmente uma série de pensamentos luminosos sobre coisas que Deus quer que eu faça naquele dia. Alguns dias é apenas uma sensação de paz e descanso e uma ou duas coisas notáveis. Outros dias é um sentimento de necessidade de intercessão em favor de certas pessoas. Isso elimina todo o estresse, tensão e preocupação da vida<sup>190</sup>.'

Essa comunhão com Deus tem sido a prática dos santos ao longo dos tempos. A crença de Buchman era que esse contato também estava disponível para todos e qualquer pessoa. “Esta escuta de Deus não é a experiência de poucos homens”, disse ele aos chineses. 'É a coisa mais sensata, normal e saudável que uma pessoa pode fazer... Você começa a perceber seu próprio nada.'

Para Sam Shoemaker em 1920, Buchman escreveu uma carta de sete páginas, citando uma formidável gama de autoridade bíblica e teológica para a prática. 'É, claro, constante em

---

<sup>189</sup> As citações de Buchman na China foram extraídas de transcrições literais das suas palestras em Kuling.

<sup>190</sup> Os pensamentos que surgiram nessas ocasiões de buscar a orientação de Deus nos anos posteriores tornaram-se conhecidos, na taquigrafia verbal de Buchman e seus amigos, como “orientação”, embora nem ele nem eles considerassem que todos esses pensamentos vinham de Deus.)

todos os livros das Escrituras', escreveu ele, 'e estou absolutamente convencido, pelas minhas reações clínicas, tanto em Princeton como em outros lugares, de que é possível que bebês em Cristo tenham essa experiência. . Certa vez, alguém comparou a Bíblia a um lago, onde cordeiros podiam caminhar e um elefante nadava. A mesma analogia se aplica... Quero disponibilizá-la às massas que estão com fome, mas desconhecem esta verdade muito simples...

'Não é uma questão de temperamento; muito mais uma vontade de se tornarem como crianças. É dado a todos igualmente, se eles o aceitarem com espírito infantil. Temos vivido uma vida tão pobre espiritualmente que o simples ofende e parece peculiar. Uma das razões pelas quais a verdade não me ocorreu antes foi a falta de abandono de minha parte. Foi minha própria estupidez errar tanto tempo.

Buchman escreveu esta carta de um acampamento de estudantes e acrescentou: “Isso tem seu lado humorístico. A gente leva uma vida muito simples, e eu tinha uma inspiração, escrevia, depois apagava o gás e ia dormir, aí vinha outro, depois apagava a luz de novo, depois outro fósforo. Foi preciso uma caixa de fósforos e muita perseverança...”<sup>191</sup>

Buchman estava ciente de que as pessoas que tentavam ouvir a Deus precisavam de salvaguardas. Os seres humanos tinham uma capacidade infinita de auto-engano e alguns dos homens mais perigosos da história proclamaram a sua vontade como sinónimo da vontade de Deus. Para se proteger contra tais excessos, ele submeteu seus pensamentos a “um teste sêxtuplo”.

O primeiro teste foi a disposição de obedecer, sem edição por interesse próprio. A segunda era observar se as circunstâncias intervinham - por exemplo, se ele sentia que deveria ver alguém e essa pessoa estava em outro país, ou se alguma outra necessidade mais urgente em outra pessoa surgia. Um terceiro teste foi comparar o pensamento com os mais elevados padrões morais que ele conhecia: os padrões de absoluta honestidade, pureza, altruísmo e amor que ele havia adotado como um resumo aproximado e pronto do ensino moral do Sermão da Montanha. Seu quarto teste foi se algum pensamento específico estava de acordo com o ensino geral das Escrituras. O quinto foi o conselho de amigos que também tentavam viver sob a orientação de Deus. Se alguém não tivesse certeza sobre o curso de ação, ele achava, deveria esperar, procurar amigos e ouvi-los, escolhendo para esse propósito a pessoa

---

<sup>191</sup> Buchman para Samuel Shoemaker, 26 de abril de 1920.

com menor probabilidade, e não a maior, de concordar com suas próprias predileções. O sexto foi a experiência e o ensino da Igreja.

Os padrões morais que ele usava como teste para direcionar os pensamentos também se tornaram centrais na vida e nos ensinamentos de Buchman: ele os considerava como medidas para a vida diária. Aqui, novamente, ele estava em dívida com Henry Wright. 'Os absolutos' foram originalmente apresentados, como um resumo do ensino moral de Cristo, por Robert E. Speer em seu livro *Os Princípios de Jesus*<sup>192</sup>. Buchman tinha ouvido Speer pregar diversas vezes em Mount Airy, mas foi no livro de Wright que ele encontrou pela primeira vez os padrões resumidos “em relação aos quais”, afirmou Wright, “o ensino de Cristo é absoluto e inflexível”. Wright os descreveu como 'a pedra de toque quádrupla de Jesus e dos apóstolos' e sustentou que um indivíduo poderia aplicá-los 'a cada problema, grande ou pequeno, que se apresenta... se (alguma coisa) não estiver à altura de qualquer um destes quatro não pode ser a vontade de Deus'<sup>193</sup>.

A adoção por Buchman desta expressão dos padrões de Cristo foi, como tantas vezes aconteceu com ele, uma escolha prática. Ele estava interessado, acima de tudo, naquilo que chamava de “como” – a maneira pela qual a vida de fé, em sua forma mais exigente, poderia ser compreendida tanto pelo iniciante quanto pelo crente de longa data. Os padrões de honestidade, pureza, altruísmo e amor eram algo que qualquer pessoa, por mais simples ou erudito que fosse, poderia usar para medir a sua vida, e a adição do prefixo “absoluto”, embora estabelecesse um objetivo que ninguém poderia atingir, tinha duas vantagens óbvias. Impediu que o investigador honesto se entregasse a uma segunda ou terceira melhor opção, ou ao relativismo que se ajusta aos padrões da sociedade que o rodeia; e estabeleceu uma meta tão elevada que qualquer pessoa que tentasse viver de acordo com esses padrões seria constantemente voltada para Deus em busca de perdão, graça e força. Buchman adquiriu ao longo dos anos uma sensação esmagadora de que “o Cristianismo tem uma espinha dorsal moral”: que a espiritualidade não pode ser divorciada dos mais elevados imperativos morais e sobreviver.

---

<sup>192</sup> Robert E. Speer: *Os Princípios de Jesus* (Fleming Revell, 1902), pp. 35-6.

<sup>193</sup> Wright, pág. 173. Wright listou suas fontes para esses padrões da seguinte forma: 'Pureza - Mateus 5, 27-32; Honestidade - João 8, 44-46; Buchman fez uma alteração - na ordem dos dois padrões. Wright colocou a “pureza absoluta” em primeiro lugar; Buchman colocou a “honestidade absoluta” em primeiro lugar.

Aqui, como em outros lugares, ele estava atacando a corrente do dia e da era que estava por vir. Como William Hocking observou mais tarde: “É uma marca da superficialidade da vida ocidental que se considere uma presunção reconhecer um absoluto e uma humildade considerar todos os padrões relativos, quando é precisamente o oposto. É apenas o absoluto que repreende o nosso orgulho<sup>194</sup>.”

Por padrões, Buchman não quis dizer regras. Ele tinha horror às pessoas que tentavam viver o cristianismo por rotação ou regulamentação, e quando lhe perguntavam se tal ou tal conduta era permitida, ele respondia: 'Faça qualquer coisa que Deus lhe permitir.' 'Se você quiser continuar trabalhando por aqui', ele advertiu um jovem nos últimos anos de sua vida, 'por favor, pare de viver de acordo com regras e viva de acordo com a Cruz.' Para Buchman, “viver pela cruz” significava o abandono voluntário de qualquer coisa na vida pessoal que não correspondesse aos padrões de Cristo, o abandono da própria vontade para fazer a vontade de Deus e a experiência diária do poder purificador e curador de Cristo. . A essência era a livre escolha de tal modo de vida, evitando assim a necessidade de regras e o perigo de criação de um movimento ou seita. “A Cruz é uma alternativa a viver de acordo com as regras”, disse ele em outra ocasião. Seu próprio critério era não fazer nada que lhe roubasse o poder de ajudar outras pessoas espiritualmente. Os padrões, na verdade, deveriam ser interpretados ao indivíduo pelo Espírito Santo.

C. H. Dodd escreveu mais ou menos na mesma época que, à medida que o cristão aborda qualquer problema prático de ética, ele deveria “fazer valer a mente de Cristo”: “A exigência moral de deixar o Espírito de Cristo governá-lo em tudo é muito mais profunda do que a exigência de qualquer código e, ao mesmo tempo, traz consigo a promessa de crescimento e desenvolvimento indefinidos. Significa que cada cristão é um centro de fermentação onde o Espírito moralmente revolucionário de Cristo ataca a massa morta do mundo<sup>195</sup>.”

Pouco antes da segunda visita de Buchman à China, Henry Wright foi responsável por outro passo importante no seu desenvolvimento. Enquanto morava em Hartford, ensinando e reunindo sua equipe, Buchman costumava viajar quatro horas em cada sentido,

---

<sup>194</sup> William Ernest Hocking: A vindoura civilização mundial (George Allen e Unwin, 1958), pp. 166-7

<sup>195</sup> CH Dodd: O significado de São Paulo para hoje (Fount, 1978), pp. 146-7; publicado pela primeira vez em 1920.

uma vez por semana, para assistir às palestras de Wright em Yale. Na parede da sala de aula de Wright ele foi confrontado com as palavras de Moody:

'O mundo ainda não viu o que Deus pode fazer em, por, por e através de um homem cuja vontade está totalmente entregue a Ele.' Wright nunca começou uma palestra antes de passar dois minutos em silêncio considerando essas palavras. Então ele dizia: 'Você será esse homem? Você será esse homem?', e sempre vinculava seu desafio ao versículo bíblico: 'Eu, se for exaltado, atrairei todos os homens a Mim.'

Buchman disse sobre essas sessões: 'Levei seis semanas até chegar à convicção absoluta e me render a esse princípio.' Não se sabe exatamente o que ele quis dizer, mas foi evidentemente um compromisso profundo - uma ruptura de uma concepção estreita para uma concepção universal do cristianismo - pois, ao repetir as frases usadas por Moody e Wright, ele sempre colocou ênfase nas palavras "mundo ' e tudo'. Esta pode ter sido a fonte do seu pensamento de “virar as nações para Deus”, e poderia ajudar a explicar a firmeza que o manteve trabalhando em direção a esta visão, apesar dos reveses que ocorreriam em diferentes momentos ao longo da sua vida.

Talvez tenha sido também a origem da qualidade a que Henry van Dusen, do Union Theological Seminary, mais tarde se referiu: 'Frank Buchman pertence ao pequeno grupo dos séculos que se viu convocado à entrega de todos à exigência exigente da Vontade Divina. , e que, fazendo essa rendição, avançaram através das trevas e da luz com confiança inabalável na Tutela Divina de seu destino. Ele exige uma entrega semelhante de cada pessoa que queira participar intimamente na liderança do seu trabalho<sup>196</sup>.'

O interesse mais imediato de Buchman nestes anos na Penn State, Hartford e China foi estudar e praticar como ganhar indivíduos para Deus. Aqui, outra influência sobre ele foi Henry Drummond, o geólogo e evangelista escocês que, em seu tratado de graduação Diagnóstico Espiritual, foi pioneiro na ciência, como ele gostava de chamá-la, de ajudar os indivíduos um por um. Drummond comparou o trabalho clínico detalhado exigido de todo estudante de medicina com a total ausência no currículo teológico de “qualquer trato direto com homens”. No entanto, afirmou ele, um ministro poderia fazer muito mais aprendendo como ajudar indivíduos do que pregando sermões. As frases de Drummond foram usadas liberalmente por Buchman em suas palestras na China e ele é muito citado em *Soul Surgery*,

---

<sup>196</sup> Henry P. Van Dusen, *Atlantic Monthly*, agosto de 1934.

o pequeno livro publicado em 1919 no qual Howard Walter resumiu a experiência de mudança de vida dele e de Buchman. *Soul Surgery* pretendia ser o esboço de um livro mais completo no qual os dois amigos planejavam trabalhar em Hartford após a segunda visita à China, uma esperança frustrada pela morte de Walter em 1918.

A tese central do livro de Walter era simples, ainda que explosiva: se os homens e as mulheres quiserem ser fundamentalmente mudados, se quiserem ter uma verdadeira experiência de conversão, a mudança deve tocar e transformar as áreas mais profundas das suas vidas, as suas motivações profundas e desejos. . Muitas vezes os problemas básicos permaneciam intocados, e considerava-se suficiente que alguém se declarasse salvo - ou, na linguagem de hoje, "nascido de novo" - se ingressasse na instituição religiosa apropriada e começasse a usar o nome de Cristo liberalmente, ou subscrevesse generosamente aos fundos da instituição. O objetivo do livro era explorar a arte de levar a experiência básica da mudança a outras pessoas.

Enquanto estava no navio com seus amigos de Hartford, a caminho da China, a Srta. Constance Smith perguntou uma noite a Buchman como ele ajudava as pessoas. No dia seguinte, ele respondeu-lhe com uma fórmula aproximada que chamou de “os cinco Cs” – Confiança, Confissão, Convicção, Conversão, Continuidade, um resumo que usou frequentemente nos anos seguintes. Nada poderia ser feito até que a outra pessoa confiasse em você e soubesse que você guardaria confidências. A confissão – honestidade sobre o estado real da vida da pessoa – levaria à convicção da gravidade do pecado e ao desejo de ser libertado do seu controle. Para que a conversão ocorra, deve haver uma decisão livre da vontade – muitas vezes de sangue frio, raramente emocional. Mas de longe a parte mais longa e negligenciada foi a continuidade. Você foi responsável por ajudar a pessoa recém-orientada a se tornar cada vez mais a pessoa que Deus pretendia que ela fosse. “Trabalho pessoal”, disse Buchman em outra ocasião, “significa o desdobramento das possibilidades que existem nos homens”. 'Qual é o desejo do coração humano?' ele perguntou em Kuling. Diversão, prazer, satisfação, paz, alegria - e eles vêm quando Jesus e o pecador se reconciliam.'

Ele sempre enfatizou que a “mudança de vida”, como costumava chamar essa ajuda aos indivíduos, não era uma técnica. Somente Deus poderia mudar uma pessoa, e o trabalho de um “transformador de vida” tinha que ser feito sob Sua direção, a única que poderia proporcionar a sensibilidade e a flexibilidade necessárias. O verdadeiro diagnóstico também

não era uma questão de mera psicologia. “Uma responsabilidade sagrada permanece com a pessoa que tem a coragem de ouvir a Deus”, disse ele um dia em Kuling. 'Quando um homem lhe diz que não tem poder espiritual em sua vida, Deus lhe revelará o porquê. 'Ele lhe dará o diagnóstico dos problemas da mesma pessoa com quem você está trabalhando.'

Esse trabalho deve, naturalmente, ser feito em privado – “sob quatro olhos”, como Buchman por vezes o descreveu. Muitas vezes, seria necessário que o “transformador de vida” fosse primeiro honesto sobre problemas que tinham sido, ou ainda eram ocasionalmente, aqueles que ele considerava mais difíceis na sua própria vida, pois isso dava ao outro a coragem de ser aberto sobre problemas fundamentais na sua vida. vez. Muitas vezes, Buchman descobriu que os problemas que mais perturbavam as pessoas eram sexuais, e não hesitou em entrar nesta área, na qual poucos outros além de Freud e ele mesmo - de ângulos profundamente diferentes - ousaram naquela época se aventurar. Já na Penn State, tenho visto a indulgência sexual como uma das barreiras mais comuns para uma experiência plena de Cristo. Era evidentemente um dos lugares onde a vontade humana estava mais profundamente enraizada e onde a clareza de decisão era mais necessária para que uma pessoa se tornasse livre e capaz de trazer liberdade semelhante a outros. Buchman percebeu que se quisesse ajudar os outros, ele próprio deveria viver uma vida pura. — Acho que não consigo ouvir a menor sugestão. Eu preciso ser anti-séptico. Não posso jogar no limite. Ó Senhor, quero dar-me ao máximo', observou certa vez. O ato de se entregar mais plenamente a Deus parece ter levado a uma batalha mais acirrada em seu próprio coração. “As tentações de forma intensificada”, observou ele um dia depois, “são a preparação para uma vitória maior. Eles dão maior simpatia pelo pecador.'

Buchman aprendera que a tentação, de qualquer tipo, era melhor resistida em seu estágio inicial. Era mais fácil, dizia ele às vezes, manter um pequeno riacho do que represar um rio. Ele definiu a progressão da tentação como 'o olhar, o pensamento, o fascínio, a queda', e disse que o momento de lidar com isso era no pensamento - 'Enfrente a tentação bem rio acima'. Esta não era uma ideia nova. Thomas a Kempis, cujos escritos ele provavelmente não teria encontrado em Mount Airy, mas cuja Imitação de Cristo o acompanhou por toda parte durante sua vida adulta, descreve a mesma progressão. “O inimigo será vencido mais

facilmente”, escreve Kempis, “se não lhe for permitido de forma alguma entrar pela porta dos nossos corações, mas for resistido fora do portão à primeira batida<sup>197</sup>.”

Um outro elemento necessário para se tornar uma personalidade livre, acreditava Buchman, era estar preparado para fazer restituições, para corrigir, tanto quanto possível, qualquer mal cometido. Daí, por exemplo, as suas próprias cartas de Kuling para a Pennsylvania Railroad Company e para o homem a quem ele havia mentido - embora, neste último caso, fosse a questão aparentemente trivial de ter pretendido ter lido um livro de que ele apenas leu críticas<sup>198</sup>. Por vezes, tais restituições podem envolver confissão pública, mas apenas quando afectam o público. 'Se o seu pecado for público, como o do líder numa briga pública, você deve confessá-lo. Se for sincero, as pessoas simpatizarão com você.'

Foi o Bispo Moloney quem lhe abriu os olhos para uma nova utilização da confissão, tanto privada como pública. Buchman sabia há muito tempo que as pessoas ficavam mais interessadas e eram ajudadas de forma mais duradoura se ele lhes contasse suas falhas e como se libertou delas, do que se lhes apresentasse suas virtudes, reais ou supostas. Mas o renascimento na diocese do Bispo, que começou com a honestidade mútua do Bispo e do seu servo, confirmou-lhe que o princípio poderia ter uma aplicação muito mais ampla. Assim, nas décadas seguintes, quando ele estava mobilizando grandes equipas de pessoas e quando sua prática habitual era que elas fizessem a maior parte dos discursos em qualquer reunião, ele encorajou os oradores a serem honestos sobre as libertações específicas que entregaram o controle a Deus. havia trazido para eles. Esta, ele descobriu, era a maneira sudeste de mostrar às pessoas, fossem crentes ou incrédulas, que Deus poderia ajudá-las em assuntos pessoais ou públicos, que Deus era de fato um Deus de poder. No entanto, ele estabeleceu limites firmes para o que deveria ser confessado publicamente. Nada deve ser mencionado envolvendo terceiros, e quando questões de sexo estavam envolvidas, ele sempre dizia: 'Se seus pecados foram formas de impureza, nunca diga quais eram. Basta dizer “impureza”.

Sendo os tabus daquela época o que eram, a abordagem franca de Buchman aos problemas sexuais, mesmo em privado, provocou críticas e rumores. Aqueles que desejavam atacá-lo podiam atacar qualquer lapso de discrição em qualquer uma de suas reuniões, quer ele pudesse ser considerado responsável por elas ou não. Buchman, no entanto, não se

---

<sup>197</sup> Thomas a Kempis: Da Imitação de Cristo, Livro 1, cap.13, parágrafo 5.

<sup>198</sup> Buchman para o Rev. T. S. Hughes, 2 de julho de 1918.

intimidou. Os fatos estavam lá e ele não podia deixar de lidar com eles. “Os homens costumavam vir até mim, um homem diferente a cada meia hora”, disse ele certa vez, lembrando-se de visitas a conferências de verão em Northfield. 'Lá estava ele - você não poderia subestimá-lo quando você conseguisse o alqueire.'

Buchman também já tinha aprendido que, se alguém propusesse que as pessoas entregassem o controle total de suas vidas a Deus, ou mesmo tentassem viver de acordo com padrões morais absolutos, provocaria uma oposição ativa. Às vezes era do tipo casual que aparecia entre os estudantes da Penn State quando Bill Pickle parava de beber e de contrabandear; em outros, o tipo de ação mais sofisticada - e, ele começou a pensar, planejada - que o tirou da China. Isto, claro, era uma questão bastante diferente do desacordo honesto com a sua abordagem, ou do facto de a sua personalidade não agradar a todos. “Graças a Deus podemos discordar sem ser desagradáveis”, costumava dizer. Ele escreveu a Shoemaker: 'Sim, estou sujeito a cometer erros como os outros homens e sempre quero que você sinta que pode me dizer qualquer coisa<sup>199</sup>.' Ele permaneceu amigo de centenas de pessoas que tinham dúvidas intelectuais sinceras sobre o caminho que ele seguiu.

Às vezes, é claro, coincidiam diferenças sinceras de opinião e oposição ativa; e por vezes ele ignorou este facto e considerou a oposição a ele e à sua mensagem como um sinal de resistência à própria verdade. Mas a sua compreensão básica da oposição cresceu através da experiência, e ele estava a reconhecer o limite da malícia ou mesmo do ódio que se intrometia quando a oposição surgia de pessoas ou grupos que sentiam que a sua mensagem ameaçava os seus modos de vida ou mesmo as suas instituições. O facto de Buchman ter provocado tal oposição não provava por si só a validade da sua posição, mas se ele não tivesse provocado perseguição de qualquer parte, isso teria indicado que ele não estava a pôr em prática a qualidade revolucionária da grande tradição cristã. Ele não gostou, mas gostou do teste. “A perseguição é o fogo que forja profetas – e removedores”, disse ele mais tarde na vida.

Ir além dos limites aceites, que seria o padrão da vida de Buchman, foi uma consequência em parte do temperamento e em parte da atmosfera em que ele começou a trabalhar e se desenvolver na Penn State e na China. A cruzada de John Mott “para evangelizar o mundo nesta geração” foi o tema central entre os cristãos com quem trabalhou

---

<sup>199</sup> Buchman para Shoemaker, 28 de setembro de 1918.

mais estreitamente. Mott tornou-se Secretário Estudantil do Comitê Internacional da YMCA em 1888 e Secretário Geral da Federação Estudantil Cristã Mundial, que ele criou em grande parte, em 1895. 'Embora o empreendimento missionário não deva ser desviado do objetivo imediato e controlador de pregar o evangelho onde Cristo não foi nomeado', escreveu ele, "isto deve sempre ser encarado como um meio do objeto poderoso e inspirador de entronizar Cristo na vida individual, na vida familiar, na vida social, na vida nacional, na vida internacional. e nas relações da humanidade<sup>200</sup>.' A estratégia para este tremendo empreendimento consistia em mobilizar estudantes do maior número possível de países, a fim de construir 'a nova liderança mundial' para levar a cabo uma mudança histórica durante 'esta hora decisiva da crise mundial'. história'. Seu objetivo principal não era tanto listar grandes números, mas "conseguir os homens mais capazes e mais fortes, aqueles que em qualquer posição da vida seriam líderes", e ele citou o ditado de Drummond: "Se você pesca enguias, você pesca enguias; se você pesca salmão, você pesca salmão.'

A estratégia de Mott dependia da paz e da liberdade de circulação e de comunicações que precederam a Primeira Guerra Mundial e, durante essa guerra, o seu impulso diminuiu. A YMCA americana, da qual ele era então secretário-geral, envolveu-se cada vez mais, a partir de 1917, no fornecimento de comodidades para as tropas. Os seus secretários nos campos missionários da Índia e da China eram inadequados para a sua tarefa principal e não estavam à altura de um missionário comunista como Borodin. Buchman, ao regressar a casa depois da guerra, descobriu que os antigos modos de trabalho - através da YMCA, Northfield e assim por diante - já não possuíam o poder que tinham anteriormente. Ele sentiu que era necessário algo menos organizacional, muito mais dependente do tipo de comunhão transparente que ele e seus amigos haviam estabelecido através de total honestidade em Tientsin. Ao mesmo tempo, fica claro, à medida que a história avança, que ele absorveu e reteve muito do otimismo e muitas das táticas do grande projeto de Mott.

Tal otimismo foi extremamente necessário quando Buchman enfrentou o mundo do pós-guerra. Todas as grandes guerras trazem desmoralização, mas aquela em que, nas palavras de Churchill, "a tortura e o canibalismo foram os únicos dois expedientes que os

---

<sup>200</sup> John R. Mott: A Evangelização do Mundo nesta Geração (Londres, 1901), p.16.

Estados civilizados, científicos e cristãos conseguiram negar a si próprios<sup>201</sup>” minou drasticamente tanto as crenças espirituais tradicionais como a moralidade. «No início da década de 1920», como relata um historiador, «começou a circular a crença, pela primeira vez a nível popular, de que já não existiam absolutos: do tempo e do espaço, do bem e do mal, do conhecimento, acima de tudo de valor<sup>202</sup>.’ Essa crença coincidiu com - ou talvez tenha sido em parte causada por - dois outros fenômenos contemporâneos: a aceitação generalizada do freudismo e o fato de que o leninismo, com sua adoção do ateísmo e de uma moralidade totalmente relativa, agora controlava um dos maiores países do mundo. Na verdade, a era do relativismo tinha chegado e - para grande desgosto de Einstein, pois ele próprio acreditava apaixonadamente em padrões absolutos de certo e errado - a sua teoria da relatividade foi usada para dar respeitabilidade científica a todo o processo. À medida que o relativismo moral se espalhou, tornou-se o tema dominante da arte e da literatura ao longo de muitas décadas e penetrou em todas as áreas da vida, jurídica e eclesiástica. Buchman, com as suas crenças intransigentes, iria encontrar-se cada vez mais nadando contra a maré. Foi para espancá-lo, mas não para desviá-lo de seu propósito.

Essa crença coincidiu com - ou talvez tenha sido em parte causada por - dois outros fenômenos contemporâneos: a aceitação generalizada do freudismo e o fato de que o leninismo, com sua adoção do ateísmo e de uma moralidade totalmente relativa, agora controlava um dos maiores países do mundo. Na verdade, a era do relativismo tinha chegado e - para grande desgosto de Einstein, pois ele próprio acreditava apaixonadamente em padrões absolutos de certo e errado - a sua teoria da relatividade foi usada para dar respeitabilidade científica a todo o processo. À medida que o relativismo moral se espalhou, tornou-se o tema dominante da arte e da literatura ao longo de muitas décadas e penetrou em todas as áreas da vida, jurídica e eclesiástica. Buchman, com as suas crenças intransigentes, iria encontrar-se cada vez mais nadando contra a maré. Foi para espancá-lo, mas não para desviá-lo de seu propósito.

Esse propósito foi totalmente positivo. Ele nunca organizou um protesto contra nada, muito menos denunciou alguém em público. Sua resposta a cada dificuldade foi a fé de que

---

<sup>201</sup> R. S. Churchill e Martin Gilbert, volume IV, pp. 913-14, tio Winston S. Churchill. Nota anotada em uma folha de papel do War Office.

<sup>202</sup> Paul Johnson: Uma História do Mundo Moderno de 1917 a 1980 (Weidenfeld e Nicolson, 1983), p. 4.

Deus poderia mudar as pessoas, e quanto mais sério ele percebia ser o estado do mundo, mais intensamente ele se concentrava nos indivíduos. À medida que o século avançava e o relativismo moral se manifestava em formas cada vez mais poderosas, ele sentiu que a sua vocação era criar uma força mundial de pessoas dirigidas por Deus.

No momento, ele estava voltando ao trabalho em Hartford e ao socorro de sua mãe e de seu pai. Mas tornou-se cada vez mais claro para ele que pretendia encontrar novas formas de trabalhar e, depois da sua experiência chinesa, estava cada vez menos disposto a permitir que qualquer trabalho ou instituição se interpusesse no seu caminho.

**“RENÚNCIA, RENÚNCIA”**

Buchman voltou para casa vindo do Extremo Oriente em abril de 1919. Em vez de minimizar o que havia acontecido lá, ele escreveu a Mott que o esforço cristão na Ásia estava condenado ao fracasso, a menos que houvesse “uma reversão radical de direção da difusão sobre muitos para uma profunda penetração de poucos<sup>203</sup>’. Sobre seu próprio papel, ele escreveu: ‘Se a política do Departamento de Relações Exteriores... é ser, antes de tudo, a Propagação da Vida, então você pode ter certeza de que estou pronto para pagar o preço que todos temos de pagar se tal política for seguida. Por qualquer outro motivo, não posso honestamente dedicar meu tempo e forças à Associação<sup>204</sup>.’ Ele também escreveu para Sherwood Day de Allentown, onde tinha ido dar à sua mãe uma ajuda extremamente necessária: ‘Estou perfeitamente disposto a que haja uma ruptura com Hartford. Isso não seria uma chave inglesa em particular<sup>205</sup>.’

No entanto, depois de muito exame de consciência, ele aceitou a oferta renovada de Hartford. O acordo foi generoso: deu a Buchman liberdade para viajar durante nove meses por ano, e apenas exigiu que ele desse uma série de palestras sobre o ‘como’ do evangelismo pessoal, às vezes acordado com o Presidente Mackenzie e Dean Jacobus.

Buchman considerava que o propósito de um seminário era converter completamente seus alunos e depois enviá-los como habilidosos “pescadores de homens”. Se não servisse a esses fins, os estudos teológicos tornavam-se irrelevantes. Um dos alunos de Buchman, Edward Perry, descreveu mais tarde como era estudar com ele: “Suas palestras eram totalmente diferentes de quaisquer outras naquela instituição tranquila. A maioria consistia em histórias de pessoas cujas vidas foram transformadas pelo poder de Deus operando através dele. Era fascinante, atual, real... Sua imagem de um verdadeiro ministério não era uma questão de sermões eloquentes e atividades paroquiais bem-organizadas, mas de atender às necessidades mais profundas das pessoas, uma por uma...

---

<sup>203</sup> Buchman para Mott, julho de 1919.

<sup>204</sup> *ibid.*, 2 de junho de 1919.

<sup>205</sup> Buchman para Sherwood Day, 21 de abril de 1919.

'Ele não sentia que seu trabalho era apenas nos ensinar sobre seu assunto, neste caso a mudança de pessoas, como em outras aulas. Ele também se sentiu responsável por ver que nós mesmos mudássemos, pois reconheceu que nenhuma quantidade de técnica ou conhecimento poderia nos tornar “pescadores de homens” eficazes, a menos que encontrássemos para nós mesmos a vitória em Cristo que deve ser a nossa mensagem para os outros.'

Depois de descrever o período em que reconheceu a sua própria necessidade espiritual e se rebelou contra a ideia de pedir ajuda - durante o qual Buchman não fez nenhuma abordagem a nível pessoal, embora tivessem jogado uma partida de tênis "que nenhum de nós jogou muito bem" - Perry continua: “Pedi a ele uma “entrevista”. Ali, em seu escritório, pela primeira vez na vida contei a outra pessoa como eu era por dentro - pelo menos até onde eu me entendia. Ele não ficou nem um pouco chocado... Tudo o que ele disse foi: “O que você precisa é entregar sua vida completamente a Jesus Cristo...” Foi quase um insulto. Eu não estava estudando para o ministério cristão? Mas eu sabia que o que ele estava falando era algo muito mais do que eu já havia feito. Minhas decisões anteriores foram sinceras, mas não completas. Eu tinha decidido fazer certas coisas para Deus. O que Buchman pediu foi que eu entregasse a gestão da minha vida a Deus<sup>206</sup>.'

O relacionamento de Buchman com Hartford sênior foi um tanto difícil quase desde o início. Os motivos não estão longe de procurar. Por um lado, tanto lá como na China, Buchman não escondeu a sua convicção de que a abordagem mais tradicional era inadequada. “O seminário hoje”, escreveu ele a um amigo, “é um luxo caro para a propagação de uma teologia que muitas vezes é totalmente divorciada da vida<sup>207</sup>.” Outra causa de atrito era que Buchman queria liberdade para se mover onde quer que sentisse que o Espírito o conduzia. ele. Como muitas vezes ele parecia se sentir afastado de Hartford, mesmo quando era esperado que estivesse lá, isso não combinava com a suposição do seminário de que sua principal obrigação era para com eles.

O problema foi causado pela demanda por Buchman de outras faculdades e, posteriormente, do exterior. O fato de Douglas Mackenzie tê-lo mantido na equipe por tanto tempo diz muito sobre a liberalidade de Mackenzie.

---

<sup>206</sup> Edward Perry, janeiro de 1958, MS não publicado. Perry foi para Hartford no outono de 1921.

<sup>207</sup> Buchman para Shoemaker, 24 de novembro de 1922.

A posição do Mackenzie era difícil. Ele estava consciente de que, embora “houvesse opiniões divididas entre os professores, alguns dos quais preferiam a concepção de vida acadêmica em torre de marfim”, Buchman “conquistou magnificamente seu caminho com os estudantes”. Na verdade, ele “só conhecia um ou dois dos alunos que não confessaram ter recebido ajuda pessoal do seu trabalho”<sup>208</sup>.

Durante todo esse tempo, Buchman foi oprimido pela sensação de que, se as igrejas protestantes como um todo quisessem cumprir a ideia que ele tinha da sua vocação, teriam de mudar a sua abordagem. A religião organizada, disse ele aos seus alunos, muitas vezes significava “fazer com eficiência o que não é o caminho”; a Igreja, advertiu ele, poderia muito bem tremer “para não ser abandonada como uma cidade deserta onde os edifícios estão de pé e toda a maquinaria da vida humana está silenciosa”<sup>209</sup>.

De volta do serviço missionário seis meses após o fim da guerra, ele viu os sintomas de suas consequências por toda parte na América vitoriosa para a qual havia retornado. Enquanto o Presidente Woodrow Wilson estava em Paris tentando “ditar uma nova ordem mundial sob uma Liga das Nações comprometida com a paz universal” e o seu Secretário de Estado anotava em privado no seu diário que o seu mestre estava “a fazer exigências impossíveis à Conferência de Paz. ... que miséria isso causará”<sup>210</sup>, as emoções controladas pela guerra irrompiam em casa. O encerramento das fábricas de munições, a redução da semana de trabalho, a queda do preço das colheitas que durante quatro anos foram despejadas nos celeiros dos Aliados, agravaram a situação. Os veteranos aos quais foram prometidas casas encontraram apenas alojamentos suburbanos com aluguéis extravagantes. Os trabalhistas, que estavam dispostos a renunciar ao direito à greve, sentiam-se agora livres para apresentar queixas muito reais, face aos empregadores que tinham saído bem da guerra e ostentavam escandalosamente as suas riquezas. Começou uma feia caça às bruxas contra os supostos bolcheviques e a população negra.

Buchman observou com preocupação o triunfo de um regime ateu na Rússia após a recente revolução, mas ficou muito mais perturbado com a deterioração no seu próprio país. Um redespertar radical da fé era, acreditava ele, a única resposta a longo prazo. Convencido

---

<sup>208</sup> Douglas Mackenzie para Hermann Hagedorn, 10 de abril de 1934.

<sup>209</sup> Perry, notas de Hartford, pp. 3, 7.

<sup>210</sup> Loudon Hamilton, MS não publicado.

de que uma vasta e progressiva desintegração moral estava a começar a ocorrer não só no seu próprio país, mas no mundo - "um colapso da civilização" - ele percebeu que teria de ser um novo despertar à escala mundial. Ele parece ter assumido imediatamente que este exigente empreendimento era sua responsabilidade, e ter-se lançado sozinho: 'Depois da minha estada na Ásia, fiquei convencido de que Deus pretendia trazer um novo despertar moral e espiritual a todos os países do mundo, e eu pessoalmente me senti chamado a dedicar todo o meu tempo a esse trabalho.'

Entre os legados que herdou do trabalho com Mott estava a crença de que o lugar para buscar liderança para esse despertar era nas universidades. Seria necessária a energia e o idealismo de que os jovens eram capazes. Devem ser conquistados, individualmente, para a mais radical obediência a Deus. Os jovens americanos, de volta da guerra, estavam ansiosos para estudar novamente na Europa, e especialmente na Grã-Bretanha. À medida que um genuíno renascimento da vida aparecia num lugar, ele acreditava que se espalharia para outros. Yale iria animar Cambridge; Homens de Princeton e Harvard seriam usados para reavivar a religião em Oxford e na Cidade do Cabo. Das grandes universidades, a influência se espalharia para as faculdades mais novas e menores, e depois para as comunidades, igrejas e profissões. O resultado, a regeneração de toda a Igreja, poderá, por sua vez, afetar os governos.

Ele viu que isto acontecia através do “evangelismo peripatético” – um movimento mundial realizado por pequenos grupos de homens e mulheres completamente empenhados, disciplinados e cuidadosamente treinados, de diferentes países. Tal como nos Atos dos Apóstolos, eles se moveriam pelo mundo, trazendo nova vida aos indivíduos e unindo-os em comunidades muito unidas. O contágio seria transmitido de grupo para grupo<sup>211</sup>.

Os monótonos edifícios de tijolos vermelhos do Seminário Hartford podem parecer um local improvável para iniciar tal movimento, e um homem solitário de 41 anos pelo menos otimista, se não ingénuo e presunçoso, pensaria que conseguiria realizá-lo. No entanto, como primeiro passo, ele concebeu a ideia de uma conferência em Hartford, atraindo estudantes de diferentes faculdades dos estados do Leste. Mackenzie e Jacobus apoiaram fortemente o empreendimento, embora, como na China, houvesse alguns mal-entendidos

---

<sup>211</sup> Veja Henry P. Van Dusen, 'Apostle to the Twentieth Century', Atlantic Monthly, julho de 1934, pp. 1-2.

sobre a agenda, mal-entendidos que desta vez foram resolvidos antes da ocasião<sup>212</sup>. Os convites foram para Yale, Harvard, Williams, Amherst e Cornell, entre outras faculdades. Após a primeira conferência, surgiram exigências de revisitas, e cada vez Buchman levava consigo homens de Hartford ou de outras faculdades.

Assim, Buchman saiu de Hartford, retornando todas as semanas para dar suas palestras. Ele recebia um salário (US\$ 3.000, mais US\$ 500 de despesas), mas seus recursos para esse trabalho em rápida expansão eram escassos e ele devia ter esperado um apoio mais substancial. Na verdade, Dean Jacobus mencionou frequentemente a necessidade de obter apoio externo. Em 1920, ele foi convidado a criar e liderar um movimento financiado por John D. Rockefeller e outros, que iria, nas palavras dos seus iniciadores, “usar todo o gênio da indústria americana para levar a mensagem de Cristo aos leigos do mundo”. estava sendo planejado em grande escala e teria grandes recursos por trás disso.

Contudo, lembrando-se do que tinha acontecido na China, Buchman recusou esta oferta e, aparentemente, outras que, na sua opinião, restringiriam o seu trabalho a uma estrutura organizacional. Ele escreveu a Sherwood Day sobre sua 'fome de fugir para uma mensagem mais profunda, de ter mais tempo sozinho'. Sinto a minha própria necessidade... É mais de Cristo para mim. Sinto que todas essas ofertas para o próximo ano representam grandes perigos. Meu pensamento lá de cima é: “espere e veja o que Deus fez”. Precisamos limpar o convés. E viajar com bagagem leve<sup>213</sup>.” Quando recusou uma dessas ofertas, foi avisado de que não poderia esperar nenhum dinheiro deles para seu próprio trabalho, ou, foi sugerido, de fontes semelhantes. 'Minha resposta', explicou ele mais tarde, 'foi: "Bem, vou morrer de fome, porque esse trabalho em particular não é 'do Espírito'.'" Estava ficando cada vez mais claro para ele que deveria encontrar e seguir uma estrada independente.

A campanha inicial de Buchman em Hartford recebeu um estímulo notável na Conferência de Northfield no verão de 1919. Naquela época, ele havia levado sua mãe para férias muito necessárias e providenciado para que seu pai, que havia sofrido um derrame no outono anterior, fosse cuidado em uma casa de repouso perto de sua residência em Hartford.

---

<sup>212</sup> Douglas Mackenzie para Buchman, 5 de março de 1920.

<sup>213</sup> Ray Foote Purdy, MS não publicado, que afirma que o movimento seria chamado de 'Movimento Mundial Intereclesial'.

Em Northfield, Buchman teve um efeito profundo na vida de alguns membros da delegação de Princeton. O resultado foi que decidiram lançar um programa muito mais vigoroso e sugeriram ao presidente de Princeton, John Hibben, que nomeasse Sam Shoemaker, agora um colega ativo de Buchman, como secretário da Sociedade de Filadélfia, a associação estudantil cristã da universidade. Hibben, que também era ministro presbiteriano, era inteiramente a favor da ideia. Ele ficou muito impressionado com os resultados de uma visita que Buchman fez ao campus em 1915. William T. Ellis, o autor e jornalista, relata que ele disse que nunca conheceu um corpo discente tão interessado na religião pessoal.

Naquele inverno e na primavera seguinte, Buchman visitou Princeton quase uma vez por mês. A cada vez, um fluxo constante de estudantes de graduação vinha conversar com ele. “Passei o último domingo em Princeton em entrevistas, das nove da manhã até uma da tarde”, relatou ele a Hartford no final do ano. “Os homens insistiram para que eu voltasse neste domingo e vou levar dois homens de Hartford comigo<sup>214</sup>.” Em outra visita, ele dormiu apenas cinco horas em três dias. Princeton não era incomum. Em Yale, ele conduziu entrevistas até as três da manhã em três noites consecutivas de novembro de 1919.

Por alguma razão, os homens eram francos com ele sobre assuntos sobre os quais nunca haviam falado com mais ninguém. “Deve ser considerado algo notável” ..., escreveu um estudante do Seminário Teológico de Princeton, ... “quando um homem conta a outro, na primeira meia hora após conhecê-lo, algo que ele escondeu de qualquer outro ser... No entanto, foi isso que fiz ao senhor Buchman, e tudo foi feito com uma tal franqueza e calma que não poderia haver dúvidas quanto à realidade vital de tudo isto.<sup>215</sup>”

Os jovens que começaram a usar a abordagem de Buchman também trabalharam arduamente em Princeton, mesmo quando ele próprio não estava lá. 'Como estou grato por você ter me ensinado algumas coisas sobre como alcançar os homens!' escreveu Sam Shoemaker no início de 1920. “Duas oportunidades magníficas ontem e hoje, e dois milagres em consequência<sup>216</sup>.”

---

<sup>214</sup> Buchman para Douglas Mackenzie, inverno de 1919.

<sup>215</sup> HS, escrito no Seminário Teológico de Princeton, 1º de novembro de 1922.

<sup>216</sup> Sapateiro para Buchman, 14 de janeiro de 1920.

Nem todos os jovens amigos de Buchman eram tão autoconfiantes. Henry van Dusen, então estudando em Princeton, escreveu sobre dois dos quais ele sentiu ter falhado, o primeiro por “falar sobre dificuldades religiosas em vez de morais” e o segundo porque parecia incapaz de ajudá-lo a se libertar de memórias passadas de vários tipos. “Não sinto que lhe tenha ajudado nem um pouco e, francamente, não sei como fazê-lo.” Quanto a si mesmo, acrescentou, não teria perdido os últimos seis meses durante todos os seus outros vinte e um anos e meio. Van Dusen também relatou que, depois de participar de uma reunião onde discursaram estudantes treinados por Buchman, “o reitor disse que foi a coisa mais viril que ele já tinha visto um grupo de homens de Princeton fazer”.

Buchman tinha claramente assumido riscos consideráveis ao encorajar um grupo de jovens inexperientes a enfrentar problemas que os chefes mais velhos raramente tiveram a coragem ou a perspicácia de enfrentar. Mas seu trabalho em Princeton logo teve resultados marcantes. Um número considerável de jovens, que não pensavam na igreja como uma profissão, aceitaram o pano por causa do contato com ele. Em maio de 1920, vinte homens de Princeton que ingressaram no ministério naquele ano presentearam Buchman com um par de abotoaduras de ouro e seus agradecimentos. Em 1934, van Dusen, que nessa altura já se tinha distanciado de Buchman, escreveu que “dos cinquenta ministros mais capazes atualmente na costa atlântica, cerca de metade foi dirigida para a sua vocação através da sua influência naquela altura<sup>217</sup>”.

Ao mesmo tempo, Buchman foi acusado por alguns, de uma ênfase anormal e mórbida no sexo e de conduzir uma inquisição injustificada sobre a vida privada dos homens. Histórias de supostas confissões sexuais circularam pelo campus e falava-se de emocionalismo e até de histeria. Robert P. Wilder, diretor sênior da Sociedade da Filadélfia, chegou à conclusão de que aqueles que se opunham a Buchman o faziam porque “Frank atacava muito de perto a eles”.<sup>218</sup> Na primavera de 1920, van Dusen começara a pensar que Princeton não faria o que ele chamou de “trabalho apostólico”. Buchman discordou. O mesmo aconteceu com Shoemaker. “Eles falam sobre emoção”, escreveu ele a Buchman. “Não acredito em trabalhar nisso por si só, mas nenhum homem pode chegar à decisão mais

---

<sup>217</sup> Van Dusen, *Atlantic Monthly*, julho de 1934.

<sup>218</sup> Van Dusen para Buchman, 13 de janeiro de 1920.

profunda de sua vida sem que esta tenha depois uma reação emocional que o emocione profundamente<sup>219</sup>.'

Shoemaker foi igualmente definitivo quanto à acusação de que havia uma ênfase indevida na indulgência sexual. 'Dos pecados que estão enraizados na carne, qualquer tolo sabe que os pecados sexuais provavelmente se insinuarão em primeiro lugar na mente das pessoas. Eles são comuns. Os homens querem ajuda onde a batalha é travada e devemos ajudá-los se tivermos algo em que ajudar. Não acreditamos enfaticamente que esse seja o problema básico. O problema básico é sempre o orgulho de tentar viver sem Deus.'

Em 3 de julho de 1920, Buchman partiu para a Europa, levando consigo dois estudantes de Yale. Eles se juntaram a alguns de seus amigos de Princeton que estavam na Grã-Bretanha em uma excursão de atletismo. A irmandade peripatética estava em movimento. Eles participaram de uma conferência evangélica na Inglaterra e viajaram pela Europa, onde conheceram um pouco da arte e arquitetura de cada país, além de conhecerem os amigos de Buchman.

Em Lucerna, ele os levou a um hotel para conhecer a rainha Sofia da Grécia. Ela, o marido e o filho, o príncipe Paul, estavam visitando a Suíça com seus parentes alemães, a família Hesse: a prima de Sophie, a princesa Margaret, e seus dois filhos, Richard e Christopher. Esta foi a primeira vez que Buchman conheceu os Hesse, mas parece ter conquistado rapidamente a confiança deles. “Para nós, jovens vindos de uma Alemanha empobrecida como resultado da Primeira Guerra Mundial, estes eram ambientes muito deslumbrantes e tentadores, e a mãe, com o seu aguçado instinto para o valor interior de um homem, via-os com verdadeira desconfiança”, escreveu Príncipe Richard quase quarenta anos depois. “Só no caso de Frank a situação foi bem diferente. Ele circulava naquela atmosfera sem ser contaminado ou influenciado por ela, o que nos deu grande confiança nele.’ O que ele lembrava principalmente era a "risada contagiante" de Buchman, que "revivia o ânimo de todos só de ouvi-la"<sup>220</sup>. Depois disso, Buchman e seus amigos tornaram-se visitantes regulares de verão em Kronberg, a casa de Hesse, perto de Frankfurt; tão regular, na verdade, que na família ficou conhecida como “a temporada de Buchman”.

---

<sup>219</sup> Shoemaker para Buchman, 21 de novembro de 1919.

<sup>220</sup> Príncipe Ricardo de Hesse, 'Recollections of Dr Frank Buchman', fevereiro de 1958, não publicado.

Os dois estudantes de Yale voltaram para a faculdade. Na bagagem, um deles encontrou uma reprodução de “João Batista”, de Andrea del Sarto, com a nota: “João Batista era simples na vida e no vestuário, destemido na expressão e intransigente com a vergonha e as superficialidades de sua época. Ele foi o precursor de uma nova era. Yale precisa de um homem assim, e acredito que você pagará o preço e terá o poder<sup>221</sup>.”

Em Roma, Buchman recebeu a notícia de que Dan, com menos de 24 anos, havia morrido dois dias antes em Paris. Embora Dan só tenha vindo morar com a família depois de partir para trabalhar na paróquia, Buchman sempre disse que, ao lado de sua mãe e de seu pai, ele amava Dan mais do que qualquer pessoa no mundo. Embora, ou porque, fosse bonito e charmoso, a vida sempre foi difícil para ele, e Buchman se sentia constantemente responsável por ele. Sua correspondência com Dan era contínua, mesmo nos momentos de maior movimento, e muitas vezes incluía presentes em dinheiro, bem como conselhos para consertar os dentes, obedecer ao médico, vestir o sobretudo e se dedicar aos estudos. Depois dos fracassos de Dan na Escola Taft e na escola técnica, ele se alistou no exército em 1917, onde desenvolveu o que, ao morrer, descobriu-se ser uma infecção tuberculosa.

Após a desmobilização, um emprego fracassado e um casamento fracassado, ele escreveu ao irmão em abril de 1920: “Estou deixando os Estados Unidos para tentar a sorte num país estrangeiro. Estou doente e desanimado... Não sabia que o dinheiro que você me deu no verão passado representava sua única reserva. Pretendo pagar tudo e mais, então devo atacar. Ele embarcou como marinheiro mercante para a França e fez três travessias. Na última delas, ele adoeceu e desmaiou com pneumonia dupla em Paris.

Em julho, Buchman escreveu uma carta afetuosa a Dan em Paris, sugerindo que ele fosse seu secretário em Hartford - talvez com a ideia de finalmente passar tempo suficiente com ele para poder ajudá-lo a encontrar a fé sobre a qual tantas vezes se correspondiam. Ele marcou um encontro com ele na casa de Thomas Cook, em Paris<sup>222</sup>. Correndo de Roma para Paris ao receber a notícia, encontrou sua carta não recolhida no poste restante.

Buchman ficou triste, mas não ficou surpreso. Em outubro de 1919, ele escreveu: “Dan está morrendo aos poucos. Ele não viverá muito. Ele co-oficiou no funeral na Igreja Americana, e Dan foi enterrado no cemitério de St. Germain. A Sra. Buchman escreveu de

---

<sup>221</sup> Buchman para um estudante desconhecido de Yale, 19 de agosto de 1920.

<sup>222</sup> Buchman para Dan, 3 de julho de 1920.

Allentown, enviando um poema que encontrara entre os papéis de Dan. Mais tarde, Buchman colocou as duas primeiras estrofes nas lápides de seus pais e escolheu a terceira estrofe para si:

Ele vive! Em todo o passado,  
Ele vive! Até o fim  
De vê-lo novamente, vou me desesperar.  
Em sonhos eu o vejo agora  
E em sua testa de anjo  
Vejo escrito: 'Você me encontrará lá'.

No dia do funeral de Dan, chegou um telegrama do Príncipe Paulo da Grécia dizendo que, após as conversas em Lucerna, ele gostaria de ir para a América com Buchman e frequentar a faculdade lá. Buchman adiou o seu regresso para esperar por ele, apenas para ouvir, algum tempo depois, que o plano tinha sido cancelado porque o povo grego tinha votado pelo regresso da monarquia. Nesse intervalo, Buchman foi a Cambridge para cumprir uma promessa feita na China aos bispos Moloney e White de visitar seus filhos. Ele também encontrou vários amigos de Princeton lá.

O Presidente Mackenzie, ao saber que ele estava indo para Cambridge, recomendou Buchman ao seu antigo colega, o professor John Oman, um professor universitário baseado no seminário presbiteriano da Universidade de Westminster. Lá, Buchman foi recebido como parte da Sala Comum dos Sêniores. Ele assistiu às palestras de Omã, mas seu principal interesse eram os universitários que conheceu. “Muitas vezes tomei três cafés da manhã”, disse ele mais tarde a amigos, “um com a multidão trabalhadora, depois o seguinte com os não-trabalhadores e depois com os príncipes indianos”. Logo ele estava escrevendo para seus amigos de Princeton que “seria ruinoso partir neste momento<sup>223</sup>” e para o reitor Dean Jacobus explicando que ele deveria ficar, ou “se minha estadia os envergonha, eu deveria cortar minha conexão com Hartford, se isso for uma maneira de sair da dificuldade<sup>224</sup>”.

O Presidente Mackenzie, claramente incomodado e razoavelmente irritado com esta ausência extra, respondeu que não queria que a ligação fosse rompida, mas que se Buchman

---

<sup>223</sup> Buchman para Shoemaker et al., 27 de outubro de 1920.

<sup>224</sup> Buchman para Dean Jacobus, 15 de novembro de 1920.

oferecesse a sua demissão seria obrigado a recomendá-la.<sup>225</sup> A situação foi, no entanto, remendada mais uma vez.

Buchman, na verdade, só voltou pouco antes do Natal, para o qual seus pais se juntaram a ele em Hartford. Foi o último Natal deles juntos. Seu pai morreu na casa de repouso de Hartford em 7 de março de 1921. O telegrama do médico chegou à Sra. Buchman tarde demais para que ela deixasse Allentown para vê-lo. Buchman, que havia sido convocado de Boston, telegrafou para ela: “A volta de meu pai para casa foi pacífica. Maravilhoso atravessar a barra. Ele sentiu você aqui... Cheguei a tempo dele me conhecer e ele morreu segurando minha mão. Sua carta foi cronometrada por Deus. Afeção amorosa. Devemos ser corajosos. Frank.”<sup>226</sup>

Ele escreveu a um amigo: 'Nunca imaginei que a morte pudesse ser tão maravilhosa. Foi um final glorioso e passei as últimas duas horas e meia com ele. Ele estava muito feliz por me ter por perto<sup>227</sup>.' E quando, muitos anos depois, um estudante na Austrália perguntou a Buchman por que ele acreditava na vida após a morte, ele disse: 'Porque vi meu pai morrer.'

Enquanto isso, em janeiro de 1921, Buchman convidou três estudantes evangélicos de Cambridge - Godfrey Buxton e os irmãos Godfrey e Murray Webb-Peploe - para se juntarem a ele na América. Godfrey Webb-Peploe foi impedido de ir devido a um ferimento de guerra, mas os outros tiveram o que seu irmão, um estudante de medicina, descreve como “três meses fascinantes... nas universidades orientais - principalmente Harvard, Yale e Princeton, compartilhando as boas notícias de Jesus Cristo e nossas experiências da presença de Deus conosco na guerra'. Aquelas semanas, acrescenta ele, “deviam convencer-nos dos três fatos fundamentais e práticos relativos à liderança de Deus: que Deus guia; que onde ele orienta, ele também provê; e que ele trabalha na outra ponta, confirmando e preparando o caminho<sup>228</sup>.’

Da América, ele escreveu à noiva de Buxton: “Aprendi mais nos últimos dez dias do que em toda a minha vida sobre este jogo. ... Este trabalho me convenceu mais do que nunca da surpreendente verdade da Bíblia, de cada parte dela, e da crença de alguém no que ela ensina, mas tenho visto, creio, que tenho permitido que minhas doutrinas cristãs sejam uma

---

<sup>225</sup> Douglas Mackenzie para Buchman, 23 de novembro de 1920.

<sup>226</sup> Buchman para mãe, 8 de março de 1921.

<sup>227</sup> Buchman para a senhorita Angélique Contostavlos, 24 de março de 1921.

<sup>228</sup> Katharine Makower: *Follow My Leader*, uma biografia de Murray Webb-Peploe (Kingsway, 1984), p. 59.

barreira entre mim e o homem que precisa de um Salvador e de um cirurgião. Tenho ido até onde os homens vivem e compartilhado com eles a confusão em que me meti e as tentações que surgem todos os dias. ... Através desta partilha obtém-se "seções transversais" da vida dos homens... de uma forma nunca antes conseguida. Os homens parecem se abrir imediatamente e podemos fazer perguntas simples e eles gostam quando percebem que somos ambos simplesmente pecadores. Se alguém puder generalizar, embora seja sempre perigoso fazê-lo, nós, na Inglaterra, que somos evangélicos, estamos recebendo ar e comida – oração e a Bíblia – mas temos pouco exercício; realmente ir até onde os homens vivem e diagnosticar o problema de um homem – “obter sua história”, como dizemos na medicina.'

Buxton lembrou mais tarde: 'Buchman tinha um dom incrível para o trabalho pessoal - para levar indivíduos a Cristo. Ele certamente baseou o que disse na Bíblia, mas raramente falava diretamente dela ou falava segurando uma – ele disse que isso poderia afastar as pessoas do mundo. Não creio, porém, que ele tenha usado a Bíblia de forma tão realista como Murray e eu aprendemos a fazer. Ele tendia a se especializar em converter os influentes e os ricos - os "em ascensão", como ele os chamava. Ele achava que eles eram mais difíceis de alcançar do que os desfavorecidos, por terem menos senso de necessidade.'

A dupla evidentemente sofreu uma espécie de ducha fria de alguns de seus amigos evangélicos em seu retorno a Cambridge, mas Murray, em particular, manteve o que havia aprendido e ajudou Buchman em Oxford no final do ano.

Em maio, Buchman estava em Cambridge. Na primeira noite, cinquenta pessoas compareceram para vê-lo. Ele começou a ter a sensação de que Deus o estava chamando para uma tarefa mais ampla. Numa noite de luar, enquanto andava de bicicleta pela Petty Cury, um pensamento repentino lhe ocorreu: 'Você será usado para refazer o mundo'. Esse pensamento o surpreendeu tanto que, como ele costumava lembrar, quase caiu da bicicleta. Parecia tão absurdo que ele relutou em reconhecê-lo<sup>229</sup>. Contrariamente ao seu costume, ele não o escreveu e não contou a ninguém durante vários dias. Mas a ideia continuou recorrente. “Eu me perguntei então - e ainda me pergunto - por que Deus deveria pegar um sujeito

---

<sup>229</sup> Não era, no entanto, um conceito totalmente incomum naquela época. O cartão de campanha que o evangelista Billy Sunday pediu aos convertidos que assinassem em 1915 declarava: 'Deus me ajude, dedico-me à tarefa de reconstruir o mundo de acordo com a tradição cristã. ideias.' Buchman ocasionalmente trabalhou com Sunday.)

pequeno como eu e me levar ao mundo com um forçado e me dizer para fazer o impossível”, disse ele, relatando a experiência alguns anos depois.

A partir de agora, esse sentido de missão específica sempre esteve com Buchman. A própria impossibilidade impediu-o de considerá-la uma cruzada pessoal consigo mesmo como líder heróico; seu tamanho deu-lhe a coragem de proclamar seu propósito a tempo e fora de tempo, e de tentar recrutar todas as pessoas prováveis e improváveis que o levassem a cabo com ele. Isso às vezes o tornava desconcertante e até pouco atraente para as pessoas que não discerniam seu motivo subjacente. Deu-lhe também um ímpeto inabalável que fez dele o que só pode ser descrito como uma personalidade revolucionária, com todo o efeito de desconforto criativo que isso implica.

De Cambridge, ele foi para Oxford, preenchendo uma vaga no time de tênis da Universidade de Westminster como uma oportunidade de visitar alguns dos graduados de Princeton que haviam ido para lá como bolsistas da Rhodes. Um deles, um sulista chamado Alex Barton, estava na Igreja de Cristo e, através de Barton, Buchman conheceu Loudon Hamilton, um escocês bonito e bem-humorado que havia lutado no Somme e em Passchendaele e agora estava lendo filosofia e jogando rúgbi intermitentemente na universidade.

Sem saber como entretê-lo, Hamilton convidou Buchman para ir a seus aposentos naquela noite, para uma reunião de uma sociedade universitária conhecida como "Beef and Beer Club". Noventa por cento dos presentes, segundo Hamilton, eram ex-oficiais, veteranos de 21 ou 22 anos com fileiras de medalhas das quais nunca sonhariam falar. Vários, como Hamilton e seu colega de quarto 'Sandy', foram feridos; alguns ficaram profundamente amargurados com suas experiências. Um futuro Chanceler do Tesouro estava lá, juntamente com futuros juízes do Tribunal Superior e os filhos de senhores proprietários. Era uma fatia da criação em formação.

Buchman parecia irremediavelmente deslocado. 'Ele parecia um homem de negócios próspero', disse Hamilton, 'um pouco corpulento, com um terno escuro e óculos sem aro, e calçava aqueles elegantes sapatos americanos, feitos de pele de cabra branca e couro marrom.'

A discussão - típica de Oxford sobre como colocar o mundo em ordem - durou até bem depois das onze horas e o visitante ainda não dissera nada. O presidente perguntou se ele gostaria de dizer uma palavra. Buchman, lembrou Hamilton, 'ignorou as opiniões

violentamente contraditórias que haviam sido expressas e observou que "qualquer mudança real no mundo tinha que começar com uma mudança nas pessoas". Ele não usou palavras como "conversão", mas falou sobre Deus e nos contou sobre jovens muito parecidos conosco, que se tornaram diferentes. Todos ali sabiam exatamente do que ele estava falando. Uma espécie de silêncio caiu e até tiraram os cachimbos da boca. Todos ficaram completamente desconfortáveis. A coisa toda realmente nos irritou porque gostávamos que as coisas fossem mantidas acadêmicas e impessoais, e ele teve a coragem de tornar a conversa muito pessoal. Buchman ofendeu um dos cânones mais importantes do bom gosto britânico contemporâneo: levantou o assunto da religião numa ocasião não programada.

"Houve um silêncio terrível", lembrou Hamilton, "mas então o relógio bateu meia-noite e isso salvou o dia. A maioria das pessoas saiu apressadamente, mas, para meu horror e espanto, meu colega de quarto, que era ateu, sugeriu que convidássemos Buchman para tomar café na manhã seguinte.

Hamilton pediu uma refeição gigantesca - cereais, peixe, ovos e bacon, torradas e marmelada, morangos e creme - com a ideia de manter Buchman o mais quieto possível. 'Cobrimos o tempo, Henley, a partida do time do colégio', disse Hamilton, 'e pensei: 'Certamente ele vai começar a disparar em breve.' Depois contou a história de uma diretora chinesa, viúva, que se queixou de que uma das suas filhas estava roubando dinheiro. Buchman perguntou à diretora: "Quando foi a última vez que você roubou?" e quando ela respondeu: "Quando eu tinha treze anos", Buchman perguntou por que ela não contou isso à menina!

"De repente", continuou Hamilton, "Sandy disse: "Nem sempre fui honesto em relação ao dinheiro", e havia uma simplicidade e uma honestidade em sua voz que eu nunca tinha ouvido antes. Buchman apenas assentiu. Ele não fez nenhuma pergunta pessoal direta, mas de repente me ocorreu que eu tinha ido ao Baile *Commem da New College* sem pagar a entrada. Não disse nada, mas passei o resto do café da manhã me perguntando de quem poderia pedir dinheiro emprestado se decidisse devolvê-lo.

A essa altura, Buchman evidentemente havia começado a se sentir totalmente à vontade na Inglaterra. 'Querido Mater', escreveu ele, no jornal do *Christ Church Boat Club*,

'Deus é muito bom, ah, tão bom! É maravilhoso, maravilhoso! Aqui tenho muitos amigos novos e antigos e sempre encontro pessoas gratas cujas vidas foram mudadas<sup>230</sup>.'

Hamilton, de qualquer forma, estava interessado o suficiente para querer conhecer melhor Buchman. Em agosto, ele foi a uma 'festa em casa' no Trinity Hall, Cambridge, organizada por Robert Collis, um jovem internacional irlandês de rúgbi a quem Buchman ajudou com problemas pessoais.

A festa em casa, que se tornou uma característica do trabalho de Buchman, era uma forma de reunir diversas pessoas durante vários dias em um ambiente amigável e descontraído, onde pudessem tomar decisões fundamentais para suas vidas. Tinha muito o sabor da festa social contemporânea, mas o mesmo propósito essencial de um retiro religioso: a principal diferença estava no tipo de pessoas que Buchman convidava. Muitos, como Hamilton descobriu, eram “pagãos completos” como ele.

“Havia”, de acordo com Robert Collis, “velhos *rugbyers* azuis, remadores etonianos, presidentes da União de Oxford, primeiros entre os grandes, oficiais da marinha americana, um coronel britânico, indianos, chineses, um famoso advogado americano e um conhecido deputado inglês. Os dois últimos chegaram bastante bêbados, mas rapidamente ficaram sóbrios<sup>231</sup>.’

Na verdade, Buchman trouxera ele próprio o advogado e o membro do Parlamento de Londres, num Rolls contratado pelo deputado. O advogado, que estava nitidamente em pior situação, reclamava continuamente que havia um rangido no carro, ao que Buchman respondeu secamente que havia um rangido, mas não no carro.

Essa festa em casa, que durou cinco dias, começou com Buchman pedindo a todos que dissessem quem eram e por que tinham vindo. Hamilton disse francamente que havia chegado a um ponto na vida e que sabia que não chegaria a lugar nenhum até que o problema fosse resolvido. Logo, lembrou ele, a atmosfera ficou tão relaxada que “você estava conversando com pessoas a quem nem sequer tinha sido apresentado”.

'Buchman', escreveu Collis, 'não apenas conseguiu harmonizar esta reunião, mas no final a amizade genuína substituiu a tensão intensamente sentida durante as primeiras reuniões. .. Cada um veio com sua máscara... Ao final da festa em casa as máscaras haviam

---

<sup>230</sup> Buchman para mãe, 5 de maio de 1921.

<sup>231</sup> Robert Collis: O Velocino de Prata (Nelson, 1936), p. 107.

desaparecido de cada rosto... Descrever a festa em casa como um sucesso seria subestimar os fatos do caso. Foi um grande *tour* de força<sup>232</sup>.”

O tema, segundo Hamilton, era quais mudanças estariam envolvidas na vida das pessoas caso decidissem se entregar a Deus. Todos os dias, depois do café da manhã, um ou dois amigos de Buchman - pessoas como Charles Haines, um remador de Princeton - falavam sobre suas experiências, e o próprio Buchman falava de vez em quando. Hamilton lembrou-se dele contando a história de Bill Pickle – “quarenta minutos que pareciam dez”.

“Era tudo tão real”, disse ele, “e estava relacionado com o mundo que eu entendia. Senti grande confiança em Frank. No sentido aceito de magnetismo pessoal, ele não o possuía – e era um homem cauteloso em muitos aspectos, absolutamente o oposto do tipo evangélico fanfarrão. O que me atraiu foi a realidade e a convicção com que ele falava e fazia com que outros falassem, e o relacionamento entre as pessoas ao seu redor. Chamavam-se uns aos outros pelo primeiro nome, o que despertou suspeitas em nossos círculos, mas não houve afetação. Anteriormente, a religião parecia um negócio bastante sombrio, mas isto era diferente.’ No domingo, Hamilton decidiu parar de “oscilar no trampolim” e entregar sua vida a Deus “aconteça o que acontecer”.

Quando Buchman partiu para a América em novembro de 1921, ficou claro para ele que teria de se separar de Hartford. Ele abordou a decisão com uma apreensão natural num homem com mais de quarenta anos que não tinha outros meios de sustento. A ideia finalmente se cristalizou numa noite, quando ele viajava para Washington para se encontrar com os delegados da atual Conferência de Desarmamento<sup>233</sup>. “Renuncie, renuncie, renuncie”, parecia dizer o ritmo das rodas do trem, e ele anotou: “Renuncie por princípio. Não se preocupe com as finanças. Você deve fazer uma experiência não experimentada. Os pensamentos saiam sozinhos.

Em 25 de janeiro de 1922, ele perguntou a Mackenzie se ele poderia ministrar mais períodos de instrução prática para equilibrar o peso do ensino teológico acadêmico no currículo. Mackenzie recusou, dizendo que havia outros cursos que eram “vitais” para a conduta pessoal e a vida interior e que outros professores estavam tão preocupados com esse

---

<sup>232</sup> *ibid.*, pp. 108-110.

<sup>233</sup> 20 de dezembro de 1921. O coronel David Forster, que fazia parte da delegação britânica, convidou os delegados da conferência para se encontrarem com Buchman; trinta compareceram.)

lado do trabalho quanto Buchman. Quando, mais tarde, se espalharam rumores de que Buchman teria sido convidado a renunciar, Mackenzie comentou: 'Pelo contrário, fiz tudo o que estava ao meu alcance para persuadir Frank a ficar<sup>234</sup>.' Em 1º de fevereiro, Buchman enviou sua carta formal de demissão, agradecendo a Mackenzie e Jacobus por suas 'muitas cortesias e gentilezas conhecidas e desconhecidas para comigo'. Ao mesmo tempo, escreveu à mãe: "Não se preocupe com as coisas. A preocupação matou o gato e eu tenho uma paz que excede todo o entendimento... O melhor ainda está por vir."

---

<sup>234</sup> Perry, MS não publicado.

**DINHEIRO E ENERGIA**

Nunca mais ele ocuparia qualquer cargo remunerado.

Não era uma perspectiva otimista. Buchman não tinha renda regular, exceto um pagamento mensal de US\$ 50 de um seguro familiar, nem tinha uma base para trabalhar. Havia centenas de pessoas espalhadas pela América, Grã-Bretanha e Extremo Oriente a quem ele trouxera uma experiência básica de Cristo. Ele havia mostrado, em miniatura, que sua ideia de contágio por meio de equipes itinerantes funcionava. Mas os únicos grupos coesos que se desenvolveram foram em Princeton e, em pequena escala, em Oxford. As suas maiores necessidades, para que a sua visão se concretizasse, eram que a ênfase do seu trabalho fosse transferida para a equipa ou grupos em muitos países, e que alguns se tornassem seus companheiros a tempo inteiro. Atualmente, Sherwood Day era o único. Homem de charme singular, apenas alguns anos mais novo que Buchman, ele o complementava de muitas maneiras: por exemplo, onde Buchman tinha pensamentos criativos, Day muitas vezes conseguia revesti-los com uma linguagem convincente. Mas era evidente que agora eram necessários muito mais companheiros.

Alguns daqueles que ele ajudou na América, ao saberem que ele havia se demitido de Hartford, disseram que arrecadariam US\$ 3 mil por ano para apoiá-lo, mas os resultados foram escassos: US\$ 1 mil arrecadados nos primeiros quinze meses. No Outono de 1922, talvez numa tentativa de assegurar uma base mais ampla, bem como de definir os seus objectivos, Buchman e alguns amigos formaram o que chamaram de “Uma Irmandade Cristã do Primeiro Século”. “É”, declarou Buchman numa nota a um apoiante, “uma voz de protesto contra o trabalho cristão organizado, comissionado e sem vida” e “uma tentativa de voltar às crenças e métodos dos Apóstolos<sup>235</sup>”.

A irmandade cristã do Primeiro Século nunca foi muito mais do que um nome, uma vez que era composta principalmente por apoiadores, e não por pessoas com um

---

<sup>235</sup> Buchman para a Sra. J. Finlay Shepard, 3 de novembro de 1922.

compromisso igual ao de Buchman. Em poucos anos, ele desapareceu. O resultado foi que, neste período, Buchman teve de depender em grande parte de presentes de algumas mulheres ricas de Nova Iorque, das quais a Sra. C. Richard Tjader, viúva de um empresário sueco-americano, foi a mais generosa.

Margaret Tjader foi missionária na Índia quando menina e decidiu usar uma herança considerável para apoiar o trabalho cristão em várias partes do mundo. Em 1901 ela fundou a Missão da União Internacional, que em 1922 tinha sua sede em uma antiga casa dos Rockefeller na West 53rd Street. Aqui ela deu a Buchman o uso de um cômodo considerável que servia tanto como escritório quanto, quando ele estava em Nova York, como quarto. Seu interesse por Buchman originou-se da ajuda que ele deu a seu filho, e seus presentes para Buchman começaram em janeiro de 1923. Outros que o ajudaram financeiramente nessa época foram a Sra. Finlay Shepard e a Sra. William Woolverton, cujo marido era um dos dois homens que instalou o primeiro telefone na cidade de Nova York. Buchman provavelmente a conheceu em Northfield, pois ela costumava dar festas lá. Ela e o marido sabiam dos acontecimentos na Penn State e ficaram particularmente impressionados com a mudança em Bill Pickle.

Buchman não foi menos franco com os benfeitores do que com qualquer outra pessoa. “Deixamos nosso amigo por uma fresta da porta”, escreveu ele a Shoemaker em 1923 sobre uma visita a um deles. 'Ela me perguntou o que eu achava que ela mais precisava e eu disse a ela 'conversão'. Ela disse: “Você está certo”. É uma grande sensação sentir que você não está indo atrás dos cheques das pessoas, mas que pode verificá-los para viver ao máximo. As pessoas não gostam disso, mas se não receberem você em um lugar, sigam o plano de Paulo e deixem que a poeira dos seus pés as cegue<sup>236</sup>.'

As quantias de dinheiro dadas a Buchman pelos apoiantes naqueles primeiros dias da independência não podem ter sido grandes. Enquanto, desde as suas primeiras viagens, Buchman e a sua família tinham viajado de primeira classe em travessias transatlânticas, em Junho de 1923 ele foi para a segunda classe pela primeira vez "por causa da aventura da Fé que me obrigou a ampliar o trabalho" - ele estava a levar sete estudantes para a Europa. Esta carta era para um amigo banqueiro que estava pagando a passagem de dois dos estudantes, e sobre eles ele escreveu: 'Eu decididamente, se fosse você, os deixaria vir na primeira classe,

---

<sup>236</sup> Buchman para Shoemaker, outubro/novembro de 1923.

porque esses homens serão os futuros líderes em seu próprio país, e você deseja que eles conheçam e conheçam os homens e mulheres que são líderes na vida americana<sup>237</sup>.'

Os extratos bancários de Buchman de 1923 mostram que ele nunca teve mais de US\$ 550 (então cerca de £ 110) em sua conta, que muitas vezes caiu para US\$ 50 e uma vez para US\$ 7,23. Seu saldo médio era de cerca de US\$ 100, e a renda mostrada em sua declaração de imposto de renda do ano era de US\$ 2.010. Mesmo assim, as contribuições da Sra. Finlay Shepard provocaram um protesto de Shoemaker. Ele escreveu a Buchman: 'Você tem muito pouco sentimento de justiça social. Você diz que acha que a reforma é necessária, mas vê tudo em termos de pecado pessoal. Não acredito que a anomalia de seus amigos ricos serem ricos o impressione muito. Hungry Coxe pensa que você é um esnobe medroso... Vou escrever para ele que ele nunca viu você com Mary, Hannah e George... Mas, Frank, há perigo em muita intimidação com as classes favorecidas. da sociedade<sup>238</sup>.'

Essas críticas se repetiriam ao longo da vida de Buchman. Desde os seus dias com os “desprivilegiados” em Overbrook, a sua visão passou a ser a de que qualquer mudança social ou económica realmente eficaz teria de surgir de uma transformação profunda em pessoas de todas as classes: o velho princípio do evangelismo pessoal, disse ele a Shoemaker, “cuida do aspecto social quando cuidadosamente pensado e aplicado com sinceridade<sup>239</sup>”. Sem essa transformação, ele sentia, qualquer mudança social ou económica seria provavelmente superficial. Um acontecimento como a Revolução Russa, por exemplo, só poderia substituir uma forma de opressão por outra. Ao longo da sua vida, qualquer que fosse a norma contemporânea, ele foi mais rigoroso nos seus desafios aos privilegiados do que aos desfavorecidos.<sup>240</sup>

É claro que, sentindo-se encarregado de tentar mudar o mundo, Buchman considerava como seu dever tentar mudar aquelas pessoas cuja transformação afectaria mais rapidamente a sociedade em geral. Isso, acreditava ele, criaria um impacto mais radical e duradouro do

---

<sup>237</sup> Buchman para Harry P. Davison Jr, 4 de junho de 1923

<sup>238</sup> Shoemaker para Buchman, 16 de março de 1922.

<sup>239</sup> Buchman para Shoemaker, 26 de janeiro de 1924.

<sup>240</sup> Numa de suas primeiras festas em casa na Suíça, onde um público abastado cantou o hino de Lutero “Uma fortaleza segura, nosso Deus ainda é”, seu comentário imediato foi: “Eu me pergunto quantos de vocês realmente se sentem seguros fortaleza é sua conta bancária?”

que qualquer revolução de tipo puramente político. “Frank”, disse Eustace Wade,<sup>241</sup> que o conheceu em 1921 quando ainda estudante de Cambridge, “sentiu que a liderança deve vir do topo. Ele viu um sistema moribundo sendo reativado por um poder espiritual interior.’ O Dr. Mahlon Hellerich, durante muitos anos arquivista da Sociedade Histórica de Lehigh Valley, considera muito notável que um holandês da Pensilvânia empreendesse tal missão. Eles foram educados para serem respeitosos com pessoas importantes, mas aqui estava alguém realmente tentando mudá-los.

Isso significava que Buchman tinha o cuidado de ir aonde encontraria essas pessoas, e que usava a mudança ou o apoio delas - se eles próprios o tivessem declarado publicamente - para interessar outras pessoas. Então ele mencionou nomes - mas não quebrou as confidências que pessoas, de qualquer eminência, lhe confiavam, e se lhe perguntassem se esta ou aquela pessoa estava associada ao seu trabalho, responderia: 'Por que você não pergunta a eles?'

Ele não desejava alcançar apenas as camadas superiores da sociedade. 'Quero torná-la [a mensagem] disponível para as massas que têm fome, mas não sabem. . .', escreveu ele a Shoemaker em 1920. 'A fome de Deus está em cada peito humano. Isto é para todos.'<sup>242</sup> 'Estamos atrás dos reis e dos pobres e necessitados', disse ele mais tarde a outro amigo. 'Conheço alguns reis pobres e necessitados.'

Suas amigadas, a partir de 1909, com tantos ramos das famílias reais entrelaçadas da Europa, surgiram do encontro com a princesa Sofia da Grécia em 1908. Sem dúvida ele ficou inicialmente surpreso, e nem um pouco entusiasmado, aliás, um ato não calculado. A bondade para com dois idosos americanos levou-o a ter relações tão íntimas com a família real grega e pelo título que o transmitiram aos seus parentes por toda a Europa. Ele sentiu que só Deus poderia ter organizado tal sequência de acontecimentos para um “menino de cidade pequena”, e por isso assumiu a responsabilidade a sério. Talvez por vir de uma época em que um “pedido” real era uma ordem, ele estava pronto para mudar os seus planos para responder aos apelos urgentes daqueles bairros. Além disso, ele estava ciente de que qualquer mudança de atitude nessas pessoas, ainda no poder nos seus países, poderia ter particular importância

---

<sup>241</sup> Mais tarde capelão da Universidade Downing, Cambridge, e pai da campeã de tênis de Wimbledon, Virginia Wade.

<sup>242</sup> *ibid.*, 26 de abril de 1920.

para o mundo, e nunca escondeu que tal mudança era o seu objectivo. No entanto, a perda de poder que se abateu sobre tantos não alterou de forma alguma o seu cuidado ou tratamento dispensado a eles.

Talvez a declaração mais clara de Buchman sobre sua posição sobre esses assuntos tenha sido expressa em 1928, em uma carta a Alexander Smith, então secretário executivo da Universidade de Princeton e mais tarde senador dos EUA por Nova Jersey, que havia transmitido uma carta contendo uma crítica à sua associação com o eminente. 'A questão é esta: estamos procurando pessoas com títulos para qualquer posição social que isso possa nos proporcionar, ou nossa direção é a mudança de suas vidas?' ele escreveu. 'Se fosse o primeiro, eu diria que a crítica era justificada... Acho que existe o perigo de um certo tipo de americano ter um senso de democracia tão falso que sente que é uma forma de esnobismo mencioná-los. Fazem parte da maquinaria da vida europeia e têm almas iguais às das classes média e baixa, e há muito poucas pessoas que correm o risco do abuso que naturalmente encontramos ao mudá-las.... o mesmo é verdade na América. Há certas pessoas cujos nomes aparecem nos comitês. Evitamos cuidadosamente todo esse tipo de patrocínio... Estou francamente decidido a mudar os líderes e a criar a liderança que mudará as condições atuais<sup>243</sup>.'

A correspondência de Buchman também mostra que durante toda a sua vida ele manteve contato igualmente próximo com os “desprivilegiados”. Na década de 1920, estes eram frequentemente confinados a dois grupos - seus muitos velhos amigos da Pensilvânia, como Bill Pickle e Mary Hemphill, e o pessoal dos hotéis ou casas em que ele havia se hospedado, cujas listas inteiras aparecem em seus catálogos de endereços revisados até o dia de sua morte. Só após a notável expansão do seu trabalho na Grã-Bretanha e noutros locais, na década de 1930, é que ele fez amizades profundas com muitos trabalhadores industriais e desempregados.

De volta a Oxford, em março de 1922, ele recebeu dois quartos na Christ Church do Censor Sênior, R. H. Dundas. 'Aqui está um homem que poderia agitar Oxford. Como, não consigo explicar’, foi um relato contemporâneo de sua estada lá. 'Ele ficou sentado por duas semanas em uma sala e, no final, o Colégio estava nitidamente dividido em prós e anti-FBs. Ele discursou em uma reunião na faculdade logo após sua chegada, na qual um setor influente dos alunos de graduação veio com um plano planejado para um "trapo". Mas em algum lugar

---

<sup>243</sup> Buchman para Alexander Smith, 26 de janeiro de 1928.

eles sentiram que suas piadas estavam fora de lugar e o ataque fracassou. A ocasião foi provavelmente um debate do Clube 19 sobre “Esta Câmara considera que o homem é o seu pior inimigo”. Num bilhete rabiscado, ele escreveu: “Não questionei as crenças deles. Falei-lhes do poder do Espírito Santo.”

Quando Loudon Hamilton convidou alguns amigos para irem a seus aposentos para saber por que ele passava tão menos tempo no bar do Mitre Hotel, quarenta e quatro compareceram e tiveram que ir para a Sala Comunal dos Juniores. Um universitário alegre chegava atrasado, sentava-se ao piano e batia forte nas teclas sempre que ouvia algo de que não gostava. Faltando cinco para as dez, ele e três amigos anunciaram que iriam sair para se embriagar, e assim fizeram.

Numa visita posterior, Buchman estava hospedado na University College. Certa noite, indo para a cama lá, Buchman teve a ideia de que o pianista e um amigo estavam indo vê-lo. Ele se levantou novamente bem a tempo de cumprimentá-los. Pretendiam demonstrar-lhe, através de leituras da República, que Platão era superior à Bíblia. Na manhã seguinte, bem cedo, Buchman escreveu algumas notas para uma carta ao pianista: “Encontrei minha norma na Bíblia, não em Platão. Sempre que me afasto de Cristo ou de Paulo, errei. A mobília da alma de um homem pode mudar num instante. Seu problema não é a razão. É moral. A fé transcende a razão, mas não é irracional. Você mudará as conclusões assim que isso o dominar. Precisamos de disciplina para liderança. O atleta nega de bom grado. Por que não para o resto da vida?”

Buchman reconheceu uma qualidade de liderança no pianista, um homem brilhante, mas rebelde, e, embora rejeitado como não sendo platônico, manteve contato intermitente com ele. Certa vez, ele se despediu dele para a América com um bilhete que terminava com “Seu pela conquista de uma herdeira”, e mais tarde jantou com ele em Nova York, novamente enfatizando sua responsabilidade pela liderança na Grã-Bretanha.

Numa outra ocasião, na América, o jovem respondeu a um convite para almoçar com uma carta abusiva. Buchman perguntou a Hamilton o que ele achava disso. Hamilton disse indignado que o jovem precisava de “um bom chute nas calças”.

'Não, não', respondeu Buchman, 'é um pedido de ajuda.'

No barco de volta para a Inglaterra, o jovem se vestiu de garçom para atrair a atenção de uma garota americana particularmente bonita. Em Londres, Buchman pediu-lhe que trouxesse a jovem para almoçar.

“Lamento não poder trazer a senhora”, respondeu ele. — Um, se ela estivesse em Londres. Dois, se um velho marido ciumento me tivesse permitido. Terceiro, se ela e eu nos falássemos, eu ficaria encantado em fazê-lo.

— Não, meu caro Frank, não há novas forças em ação. Nunca estou livre de uma força muito antiga, embora não sem arrependimentos pelas esperanças perdidas. Eu desaprovo você, mas tenho profunda consideração por você.

Esta parece ter sido a última carta que o homem escreveu a Buchman. A amizade não foi forte o suficiente para sobreviver às pressões que ele mencionou. Buchman ficou triste ao saber que, após uma carreira breve, mas brilhante, ele morreu ainda jovem.

Buchman passou o verão de 1922 viajando pela Inglaterra e pela Europa. Ele foi com Hamilton a Eton para as comemorações do 4 de junho<sup>244</sup> - “um evento muito interessante”, disse ele à mãe, “onde se usa cartola, fraque e polainas brancas, e os jovens etonianos têm grande prazer em usar roupas muito arrogantes. roupas<sup>245</sup>”. Em julho, ele liderou uma festa na casa de um banqueiro em Putney Heath. Mais tarde, no mesmo mês, ele estava na Convenção de Keswick, encontrando amigos como o coronel David Forster, da União Cristã dos Oficiais. Foi aqui que Buchman conheceu Eustace Wade novamente. Depois de alguns dias, Wade já estava farto da solenidade da convenção e estava a caminho da estação ferroviária quando encontrou Buchman. Este disse que recebeu orientação clara de Deus de que eles se encontrariam. Eles conversaram enquanto tomavam chá no jardim do Keswick Hotel e Wade ficou interessado o suficiente para ficar mais dois dias. 'Ele expressou ao meu espírito jovem algo que não consegui ver na monótona vida da igreja', lembrou Wade em 1977. 'O que ele estava fazendo parecia uma verdadeira aventura, foi isso que me atraiu.'

Outros em Keswick, como Julian Thornton-Duesbery (mais tarde mestre do St Peter's College, Oxford), não teriam nada a ver com Buchman naquela fase. 'Um amigo meu em Oxford me contou histórias horríveis sobre ele', disse Thornton-Duesbery, 'algo sobre confissões prejudiciais de problemas sexuais, então tomei muito cuidado para evitá-lo.' Mais

---

<sup>244</sup> A celebração anual da escola do aniversário do Rei George III.

<sup>245</sup> Buchman para mãe, 24 de maio de 1922

tarde, ele conheceu Buchman, achou essas histórias falsas e trabalhou com ele pelo resto da vida.

Enquanto isso, a oposição a Buchman em Princeton ganhava cada vez mais força e suas visitas ao campus estavam se tornando motivo de controvérsia. Em dezembro de 1921, Charles Haines, que agora era secretário adjunto da Sociedade de Filadélfia, escreveu que o “Gabinete” estudantil da Sociedade<sup>246</sup> estava discutindo se deveriam convidá-lo para ir a Princeton. Alguns, disse Haines, achavam que ele deveria vir e ter conversas pessoais com os estudantes, mas que a visita não deveria ser anunciada abertamente "devido ao sentimento geral no campus<sup>247</sup>". Outros argumentaram que isto era muito parecido com trabalhar disfarçado. A conclusão deles foi convidá-lo para discursar em uma grande reunião aberta, se ele estivesse disposto a comparecer.

Longe de estar inclinado a manter a cabeça baixa e evitar controvérsias, Buchman encorajou consistentemente os seus apoiantes em Princeton a não diluírem a sua mensagem nem a se levarem demasiado a sério. Em resposta a uma carta sombria de Haines, em janeiro de 1922, ele escreveu: “Esta manhã peguei seu ateísmo constipado e estou rindo sozinho. Ainda estou rindo, Chas, e é isso que você precisa que alguém faça com você com bastante frequência. Apenas ria, ria, ria.

Buchman prossegue sugerindo o nome de outro orador que poderiam convidar para Princeton, um homem com “bom humor e tudo mais”, exatamente o que os estudantes de graduação precisavam. “Você certamente precisa de uma bomba sob aquela multidão”, declarou ele. ‘É preciso haver muita dinamite solta se quisermos mandá-los para casa cristãos condenados, convertidos e continuados<sup>248</sup>.’

Contudo, em maio do mesmo ano, Shoemaker escreveu a Buchman, na Grã-Bretanha, para dizer que tinha ido ver o Presidente Hibben e que Hibben “temia demasiada ênfase no pecado, especialmente do tipo pelo qual somos criticados”. Ele também pediu - "de forma a tornar impossível recusar" - que Shoemaker sugerisse a Buchman que ele não viesse a Princeton por um tempo, "até que alguns dos mal-entendidos fossem esclarecidos<sup>249</sup>". Hibben, que havia se tornado presidente em 1912 com o mandato de restaurar a paz em um

---

<sup>246</sup> O 'Gabinete' era um grupo de 18 eleitos pelo corpo de graduação da Sociedade.

<sup>247</sup> Charles Haines para Buchman, 7 de dezembro de 1921.

<sup>248</sup> Buchman para Charles Haines, 25 de janeiro de 1922.

<sup>249</sup> Shoemaker para Buchman, 5 de maio de 1922.

campus que havia sido profundamente dividido pelo plano de Woodrow Wilson de reorganizá-lo, tinha uma aversão natural à controvérsia como administrador.

Nem Shoemaker nem Buchman parecem ter considerado a proibição de Hibben como algo além de temporário. Em novembro de 1922, Buchman falou novamente no campus e depois teve entrevistas com nada menos que quarenta estudantes, nenhum dos quais parece ter suscitado qualquer protesto por parte do presidente de Princeton. Em abril de 1923, Shoemaker escreveu a Buchman que os Hibbens estavam “indo esplendidamente”;<sup>250</sup> e, em outubro, Buchman fez outra visita ao campus, altamente bem-sucedida.

Esta visita levou os oponentes de Buchman a uma ação vigorosa. O que parece ter acontecido é que vários estudantes de graduação começaram a ir, muitas vezes em pares, ver Hibben em intervalos de quatro ou cinco dias para reclamar dos métodos de Buchman. Em particular, acusaram-no de fazer aos alunos perguntas altamente pessoais que ninguém tinha o direito de fazer. Esta campanha foi arquitetada por um pequeno grupo de estudantes de graduação que juraram banir Buchman e seu trabalho do campus.<sup>251</sup> Seu líder, Neilson Abeel, disse a um dos apoiadores de Buchman que, se ele não fizesse mais nada na vida, ele destruir o que Buchman estava fazendo. Os apoiantes de Buchman acreditavam que vários dos seus oponentes mais ativos eram homossexuais praticantes que sentiam que a mensagem de Buchman representava uma ameaça ao seu estilo de vida.

Hibben ficou cada vez mais preocupado com a situação. Em dezembro de 1923, na tentativa de acalmar o clima, ele convocou uma conferência em sua própria casa. Para isso, ele convidou vários de seus conselheiros de maior confiança, o médico do campus Donald Sinclair, alguns dos estudantes de graduação que criticaram Buchman, Shoemaker e o próprio Buchman. Segundo Shoemaker, Buchman foi convidado porque seu trabalho não seria investigado, mas porque as autoridades universitárias gostariam de saber mais sobre os fatos. Abeel apareceu com um frasco de sais aromáticos que ele periodicamente levava às narinas, e ele e seus amigos expuseram seu caso contra Buchman.

Buchman então respondeu a perguntas de alguns membros seniores da universidade. “A reunião”, escreveu Shoemaker mais tarde a um dos críticos de Buchman, “trouxe à tona

---

<sup>250</sup> *ibid.*, 18 de abril de 1923.

<sup>251</sup> Relato dado pelo Rev. A. C. Zabriski ao Rev. Percy G. Kammerer de Pittsburgh, 20 de abril de 1926. Zabriski escreve que esses fatos foram fornecidos a ele por Irving Harris, ex-editor do Princeton Alumni Weekly.

a completa falta de conhecimento das necessidades espirituais dos homens na universidade por parte de muitos dos professores presentes; e ouvir alguns daqueles velhos secos corrigir Buchman, que sabia e estava fazendo mais do que jamais poderia em relação à realização da religião nas vidas humanas, foi infinitamente patético. Ele respondeu calmamente às perguntas e a reunião terminou.<sup>252</sup>

Em algum momento da noite, Buchman parece ter conversado em particular com Hibben sobre as necessidades dos estudantes de graduação conforme ele os via. Evidentemente, Hibben teve a impressão de que Buchman afirmava que 80% dos estudantes de Princeton eram dados a práticas homossexuais. Isso, declarou Buchman, quando soube disso mais tarde, era totalmente errado. O que ele disse foi que “de oitenta a noventa por cento de todos os jovens na fase da adolescência têm problemas sexuais, e muitos deles são perturbados por pecados secretos que afetam a sua vida sexual”. O termo pecados secretos, que usei, não conota homossexualidade, mas refere-se à variedade comum de problemas da juventude. Eles precisam muito de compreensão solidária e ajuda de pessoas maduras.'

'Acredito que não podemos ajudar esses jovens a uma vida vitoriosa com Cristo no centro, a menos que reconheçamos este fato e os capacitemos a enfrentar honesta e corajosamente estas e outras barreiras que os separam de Deus e dos seus semelhantes', acrescentou Buchman<sup>253</sup>.

Em 1926, Hibben afirmou que, nesta ocasião, havia proibido Buchman de retornar ao campus. Nem Buchman nem nenhum de seus amigos presentes estavam cientes disso, e Sinclair negou em diversas ocasiões<sup>254</sup>. Certamente, as cartas trocadas entre Hibben e Buchman nos meses imediatamente após a conferência não mostram sinais de tal injunção, ou de quaisquer dúvidas ou mal-entendidos. Hibben escreveu a Buchman naquele mesmo dezembro, dizendo que esperava que a visita não tivesse sido muito cansativa,<sup>255</sup> e novamente em janeiro expressou “grande confiança em Sam e nos jovens que trabalhavam com ele”, que ele sabia serem produtos do trabalho de Buchman, e confiei “que a conferência da outra noite resultará numa melhor compreensão” em todos os aspectos<sup>256</sup>.

---

<sup>252</sup> Shoemaker para A. C. Zabriski, 23 de abril 1926.

<sup>253</sup> Buchman para Arthur Johnson, 3 de junho de 1932.

<sup>254</sup> Dr. Donald Sinclair para Buchman, 1 e 8 de novembro de 1926.

<sup>255</sup> John Hibben para Buchman, 24 de dezembro de 1923.

<sup>256</sup> *ibid.*, 2 de janeiro de 1924; escrito em resposta à carta de Buchman, 27 de dezembro de 1923.

Quaisquer esperanças que Hibben pudesse ter de que a conferência acalmaria a situação, entretanto, logo foram frustradas. Em fevereiro de 1924, os oponentes de Buchman prepararam um panfleto chamado “A bala de canhão”. Os apoiadores de Buchman alegaram que Hibben recebeu provas disso, acompanhadas da ameaça de que seria publicado a menos que o presidente fizesse alguma declaração mais categórica condenando Buchman e seus métodos; e que Hibben extraiu de Shoemaker o compromisso pessoal de que Buchman nunca mais seria convidado para o campus.

Parece ter ocorrido alguma mudança importante na situação – e na atitude de Hibben – porque, na primavera de 1924, Buchman chegou subitamente à conclusão de que deveria ficar longe de Princeton. “Esvazie Princeton completamente”, observou ele durante um período de meditação.

A tempestade que se aproximava em Princeton fora provocada pelo crescimento do trabalho de Buchman ali; e também em outros lugares crescia de forma constante. Houve duas festas em Yale no início de 1922, e em março de 1924 Buchman relatou que Harvard estava realizando sua terceira festa em casa, enquanto Williams e Vassar planejavam a segunda.

Muitos compareceram a estes eventos não por causa do próprio Buchman, mas por causa da qualidade das pessoas ao seu redor. Garrett Stearly, que conheceu Buchman em 1924, era um exemplo típico disso. Filho do bispo de Newark, Nova Jersey, ele estudou em Yale, mas tinha muito pouca ideia do que queria fazer da vida, além de uma inclinação para os negócios. Seu pai, porém, o despachou para uma faculdade de treinamento episcopal na Virgínia do Norte. O jovem Stearly partiu sem entusiasmo e “com alguns litros de uísque no porta-malas”.

“Enquanto estive lá”, recordou, encontrei uma dúzia de pessoas notáveis que estudavam teologia porque conheceram Frank Buchman. Falaram tanto dele que fiquei curioso e, quando me convidaram para passar um fim de semana em Princeton para conhecê-lo, aceitei.

— Bem, foi o momento mais feliz que tive em anos, nada parecido com um fim de semana religioso, pelo que entendi. Todos os jovens amigos de Buchman contaram histórias de como haviam mudado – tão naturais, tão abertos, que era um mundo novo para mim. Eles

não falavam muito sobre Deus ou Cristo, mas eu sabia que isso existia - e fui embora invejando seu modo de vida e sentindo um respeito completamente novo pela religião.

'Quanto a Frank, ele não se comportou da maneira que eu pensava que os líderes espirituais deveriam fazer. Ele não terminou a tarde com uma longa conversa e nem então, nem depois, houve qualquer intromissão ou questionamento. Eu simplesmente senti que ele estava mais interessado em mim do que em si mesmo.

Um tipo diferente de jovem era James Newton, filho de um médico da Filadélfia. Ele havia rejeitado um lugar em Dartmouth para vagar pela América. Durante suas viagens, principalmente ilicitamente em trens de carga, ele lavou pratos, colheu algodão, lutou com cavalos e deu socos em gado. Depois, aos dezenove anos, tornou-se vendedor, cobrindo a Nova Inglaterra, para uma empresa de malas. Num fim de semana, ele foi jantar na Toytown Tavern, em Winchington, Massachusetts, e, depois de observar três garotas bonitas na sala de jantar, foi depois até o que achou ser um baile em um chalé vizinho. As meninas estavam lá, sim, mas acabou sendo uma festa em casa de estudantes de várias universidades da Nova Inglaterra. Ele ficou e conversou com Sherwood Day. Na manhã de segunda-feira, ele decidiu tentar colocar em prática os padrões morais. Ele voltou para seus clientes e foi honesto sobre as mentiras que lhes contara, e ficou surpreso ao descobrir que eles confiavam mais nele, e não menos. "Ao fim de seis semanas, descobri que toda a minha vida tinha começado a mudar", diz ele.

Na época do fim de semana de Newton na Toytown Tavern, já havia vários que haviam desistido de suas carreiras para trabalhar com Buchman em tempo integral, sem salário. Loudon Hamilton, por exemplo, decidiu não lecionar em Eton, apesar de o diretor, C. A. Alington, ter pedido que ele fizesse treinamento teológico e depois conseguisse um emprego permanente na escola. Em vez disso, ele foi para a América com Buchman no outono de 1922. Depois de oito meses, ele retornou a Oxford - trabalhando de volta através do Atlântico como foguista - para continuar o trabalho de Buchman lá com apenas um subsídio mensal de US\$ 50 da senhora para apoiá-lo.

Embora o número de envolvidos ainda fosse pequeno, o trabalho de Buchman foi lentamente se tornando mais conhecido. De volta à Grã-Bretanha, Rudyard Kipling, após vários encontros com Buchman, convidou-o a trazer alguns de seus amigos de graduação para sua casa, Batemans, no vilarejo de Burwash. Ele levou consigo Harry P. Davison, mais

tarde chefe do J. P. Morgan's Bank; Jim Douglas, mais tarde Secretário da Aeronáutica dos EUA; e Hugh Auchincloss.<sup>257</sup>

Harold Begbie, um jornalista político britânico que escreveu sob o pseudônimo de 'Gentleman with a Duster', ficou interessado ao conhecer um oficial ferido do Royal Flying Corps que Buchman havia ajudado. Begbie perguntou se poderia escrever um livro sobre Buchman e seus amigos, que na época evitavam publicidade. Buchman concordou, desde que os jovens permanecessem anônimos e ele próprio fosse referido apenas pelas iniciais F.B. "O caráter desses homens, alguns deles tão brilhantes em estudos, outros tão esplêndidos no atletismo, e todos eles, sem uma exceção, tão modestos e tão perturbadoramente honestos, foi responsável pelo meu interesse renovado", escreveu Begbie. 'Era impossível, na companhia deles, duvidar mais de que o homem que havia mudado suas vidas, e que os transformara também na vida de outros homens, era uma pessoa de considerável importância<sup>258</sup>.'

Ele descreveu Buchman como "um homem de meia-idade, de aparência jovem, alto, ereto, corpulento, bem barbeado, de óculos, com aquele semblante de limpeza ou frescor escrupuloso, lavado com xampu e quase médico", tão típico dos americanos. «A sua postura e os seus gestos distinguem-se por uma vigilância invariável. Ele nunca cai, ele nunca relaxa. Você o encontra nas primeiras horas da manhã com a mesma rapidez de olhar e a mesma ereção atlética de corpo que parece trazer uma brisa para a sala do café da manhã. Poucos homens tão quietos e contidos exalam um espírito de bem-estar tão contagiante... Ele parece, no primeiro encontro, um homem caloroso e muito feliz, que nunca sabe o que é estar fisicamente cansado ou mentalmente entediado. Sinto-me tentado a pensar que se o Sr. Pickwick tivesse dado à luz um filho, e esse filho tivesse emigrado na infância para a América, ele não seria diferente deste amável e amigável cirurgião de almas.<sup>259</sup>

---

<sup>257</sup> C.E. Carrington em seu Rudyard Kipling, His Life and Works (Macmillan, 1955, p. 525) fornece um exemplo interessante de história distorcida. Ele menciona a visita do 'Dr. Frank Buchman com uma equipe de jovens' e continua, 'que invadiu o portão e cantou hinos no gramado'. A carta-convite de Kipling ainda existe: 'Será um grande prazer para a Sra. Kipling e para mim se você e seus amigos puderem vir a Burwash nos dias 15 ou 16. Estarei em casa e livre à tarde de qualquer dia. Sugiro um motor.' Cantar hinos nessas ocasiões era ainda menos na linha de Buchman do que invadir portões.

<sup>258</sup> Harold Begbie: Mudadores de Vida (Mills e Boon, 1923), p. vii.

<sup>259</sup> *ibid.*, pp. 15-16.

O livro de Begbie, *Life Changers*, apareceu em 1923 e ajudou a aumentar o interesse pelos feitos do misterioso F.B. Sua identidade logo se tornou conhecida e edições posteriores levaram seu nome completo.

Em janeiro de 1924, participou de uma reunião na sala de estar da casa de Thomas Edison, o inventor da lâmpada elétrica, em Nova Jersey. Um sobrinho de Edison conheceu o trabalho de Buchman em Princeton, onde ele estudava, e a diferença subsequente nele chamou a atenção de Edison. Ele convidou Buchman e Hamilton para visitá-lo. Era uma noite brilhante de fevereiro quando chegaram à porta da frente através de uma avenida coberta de neve. O próprio Edison atendeu o toque, ficou olhando para o céu e disse a Buchman: 'O céu está iluminado?'

“Claro”, disse Buchman, “isso já foi cuidado há muito tempo. Você não precisa se preocupar com isso.

Uma vez lá dentro, Edison, um agnóstico, perguntou sobre a mudança do sobrinho e depois tocou no assunto da orientação divina. “Foi através da orientação divina que este milagre aconteceu ao seu sobrinho”, disse Buchman.

“Eu sei que não devo acreditar nessas coisas”, respondeu Edison. 'Mas eu sei que entre a unha e os nós dos meus dedos existem dez mil forças atmosféricas. Nós, inventores, sabemos disso. Nosso único trabalho é inventar um instrumento delicado o suficiente para ser afinado e podermos usar essas forças. Esse é o seu problema com orientação, Sr. Buchman, não é? Buchman concordou que sim. Amizades duradouras com Edison e sua esposa começaram naquela noite.

Em agosto, Buchman voltou a Londres e teve uma longa conversa com o poeta Siegfried Sassoon. “Meu instinto me diz”, escreveu Sassoon mais tarde, “que seu sucesso no trabalho que você está fazendo é possível pela simplicidade. E estou aprendendo, aos poucos, que a simplificação da vida é mais importante que qualquer outra coisa. . . Milagres ainda podem ser realizados por meio dele.”<sup>260</sup>

---

<sup>260</sup> Siegfried Sassoon para Buchman, 15 de agosto de 1924.

Buchman ainda sentia que sua necessidade mais urgente era formar uma equipe de jovens que estivessem dispostos a realizar o trabalho com ele. Durante quase um ano ele ponderou levar o que chamou de “um grupo apostólico” numa viagem mundial que incluiria a Europa, o Médio Oriente, a Índia, a China e a Austrália. Talvez a situação em Princeton o tenha convencido de que 1924 era o ano certo para partir. De qualquer forma, foi nessa



John Riffe, CIO organizador dos metalúrgicos, com a Sra. Thomas Edison, viúva do inventor, ambos amigos de Buchman.  
©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

época que ele pediu a vários jovens que o acompanhassem em uma expedição prolongada. Sherwood Day, Sam Shoemaker, Loudon Hamilton, Eustace Wade, Godfrey Webb-Peploe de Cambridge e Van Dusen Rickert de Princeton decidiram acompanhá-lo durante parte ou toda a viagem.

## COMPANHEIRO DE ESTRADA

Buchman partiu para a Inglaterra no SS Paris em junho de 1924. Nas semanas anteriores à partida, ele viu sua mãe bastante e a incluiu em suas atividades quando sentiu que elas seriam agradáveis para ela. Ele também manteve seu interesse pela vida diária dela. Convidando-a para um chá em Nova York, ele acrescenta: “Sugiro que você use sapatos baixos, pois é um chá”. Se você usar o vestido que usou em Nova York da última vez, o que seria uma boa opção, não use mangas brancas ou colete por baixo. Você pode usar seu casaco até chegar lá para não pegar um resfriado<sup>261</sup>. Ela compareceu à última festa em casa antes de sua partida e então preferiu voltar para Allentown em vez de ficar com ele em Nova York até que ele partisse<sup>262</sup>. “A despedida não é agradável, você sabe, mas parece que tem que ser”, escreveu ela a partir daí. 'Deus cuidará de nós. Todo mundo me diz que você os está ajudando muito. Pense em mim e o Senhor o abençoará.' A carta terminava: “Adeus, espero que nos encontremos novamente algum dia, em algum lugar”<sup>263</sup>.

No mesmo navio estava a Sra. Tjader. Ela estava indo para a Suécia para o casamento da filha e havia fornecido fundos substanciais para o projeto atual de Buchman, em parte porque ele iria visitar alguns dos missionários na Índia pelos quais ela era responsável. Esperando ficar longe da América por pelo menos dois anos, Buchman levou nada menos que quatorze malas e valises, contendo roupas adequadas para todo tipo de ocasião e a correspondência e recordações acumuladas de um quarto de século. Até o jovem Eustace Wade, que se juntou a ele em Londres - e a quem Buchman batizou de 'Nick' porque o achava parecido com o Diabo - tinha oito malas, contendo entre outras coisas uma cartola, fraque, smoking e traje de noite completo, bem como um topee para uso na Índia. Naqueles dias formais, todas as peças de roupa seriam necessárias.

Não havia dúvidas sobre o propósito da viagem. “Estou levando comigo um grupo de jovens para treiná-los”, escreveu Buchman à Sra. Shepard antes de deixar Nova York,<sup>264</sup> e

---

<sup>261</sup> Buchman para mãe, 19 de março de 1924.

<sup>262</sup> *ibid.*, 28 de maio de 1924.

<sup>263</sup> Sra. Buchman para Buchman, 9 de junho de 1924.

<sup>264</sup> Buchman para a Sra. J. Finlay Shepard, 9 de maio de 1924.

foi igualmente explícito com Wade e Loudon Hamilton na plataforma da estação Liverpool Street, em Londres. 'Vejam bem', disse-lhes ele, 'haverá disciplina nesta viagem.'

“Na época não sabíamos o que ele queria dizer”, comentou Hamilton, “mas logo descobrimos. Ele esperava que tivéssemos a obstinação de São Paulo, “uma coisa eu faço”, sem restrições – e ele não cometeria nenhuma tolice. No vagão do trem que os transportava através da Holanda, Hamilton comentou jocosamente que era interessante estar novamente atrás das linhas inimigas. Com isso, Buchman, pensando nos holandeses neutros que os estava levando para ver, explodiu. Se fosse falar daquela maneira, disse a Hamilton, poderia sair da festa e ir para casa. “Loudon ficou vermelho”, lembrou Wade, “e eu fiquei branco. Era uma framboesa de primeira classe, do tamanho de uma laranja!”

A primeira parada foi na casa do Barão van Heeckeren em Rhederoord, onde Sam Shoemaker se juntou a eles. Buchman conheceu a mãe da Baronesa, Condessa Bentinck, na Inglaterra no ano anterior. Depois de um chá em sua casa em Londres<sup>265</sup>, ela disse que seu genro havia deixado um pijama em sua última visita e perguntou se Buchman poderia levá-lo para ele em sua próxima visita à Holanda. A notícia então chegou à família van Heeckeren de que um estudante alemão estava chegando com a roupa suja do Barão. O esclarecimento deve ter ocorrido, pois ao chegar a Rhederoord, Buchman e seus companheiros estavam entre os convidados de um baile seguido de uma festa em casa. O Barão ocupava um cargo importante na Corte, onde uma de suas filhas, Albertina, era dama de companhia e, segundo Wade, “metade da aristocracia holandesa entrou”.

O Barão e a Baronesa eram cristãos devotos, realizando orações familiares todas as manhãs. Suas filhas, porém, não se sentiam atraídas pela religião dos pais. 'Íamos à igreja porque deveríamos ir', diz Albertina, 'não era algo real.' “Nosso objetivo na vida era o prazer”, diz outra filha, Lily. 'Ir aos bailes, ser apresentado na Corte, essas eram as coisas que gostávamos.'

Os amigos dos van Heeckeren eram praticamente da mesma espécie. Eles gostaram muito do baile, mas foram com sentimentos contraditórios à festa em casa - para a qual foram

---

<sup>265</sup> A anfitriã nesta ocasião seguiu sua prática habitual de colocar todos os seus convidados de joelhos para orar após a segunda xícara de chá. 'Oh Deus', ela começou, 'abençoe o Sr. Bunkum.' Suas cartas subsequentes foram endereçadas ao 'Dr. Livroman'.

convidados por um cartão que anunciava, de forma um tanto proibitiva, que "o Sr. Buchman fará um discurso".

Na verdade, Buchman não deu nenhum endereço formal. Sentado na sala, 'entre muitos pontos de interrogação, alguns pontos de exclamação, muitos curiosos, outros preparados para ficar entediados', registra Albertina, 'ele disse: 'Acho que vou lhe contar uma história...!', o que ele passou a fazer. Outras histórias de vidas transformadas se seguiram e, à medida que a noite avançava, ele comentou alegremente: 'Posso ver as paredes caindo.' Na manhã seguinte havia uma multidão maior. Sentado na escada, em traje de gala, estava um estudante agnóstico, Eric van Lennep, que depois perguntou a Buchman por que ele ficou olhando para ele durante toda a manhã. Como resultado da conversa que se seguiu, van Lennep iniciou o caminho da fé e trabalhou com Buchman por muitos anos.

As vidas de toda a família e agregado familiar van Heeckeren foram permanentemente afetadas. Como resultado, uma série de festas em casa foi realizada em Rhederoord durante os anos seguintes. Depois de um, a Baronesa sentiu que não estava tratando adequadamente seus criados e pediu desculpas publicamente a eles. Ela também pediu desculpas a uma tia com quem teve uma briga acirrada e enfrentou e perdeu o ódio que sentia pelos alemães porque um de seus irmãos havia sido morto no Somme. Isso, por sua vez, levou a uma reconciliação com o ramo alemão da família Bentinck.

Os filhos van Heeckeren, então no final da adolescência e no início dos vinte anos, foram igualmente profundamente influenciados. Buchman jogou tênis com eles, e eles gostaram de seu jeito descontraído - "ele tinha um verdadeiro senso de humor e havia um brilho nos olhos". Mas o que os cativou foi a sua visão do que poderiam fazer pelo seu país e pelo mundo. Ficou bastante claro para eles que Buchman os desafiava a viver uma vida revolucionária. "Ele falou sobre arriscar todos os nossos relacionamentos", acrescenta Lily. "Ele nos disse que precisávamos de uma experiência da Cruz, e eu costumava me perguntar o que ele queria dizer. Quando lhe perguntamos o que deveríamos fazer, ele disse: "Tudo o que Deus lhe disser". '

No que diz respeito aos van Heeckeren, Buchman parece ter seguido seu próprio conselho: muitas vezes falava com eles com grande liberdade e franqueza:

'Você não tem cristianismo suficiente para mudar uma pulga', ele disse uma vez a Lily.<sup>266</sup>

A partir daquela primeira festa em casa, Buchman também passou muito tempo com os empregados da família, principalmente a babá e o motorista. 'Como ele cuidou da nossa babá!' lembra Lílian. "Ele teve longas conversas com ela - ela teve um desentendimento com a babá do German Bentincks, e ela corrigiu isso - e ele sempre quis saber como ela e o motorista estavam."

Depois de Rhederoord, Buchman e seus amigos seguiram para a Alemanha. Eles visitaram a escola de Kurt Hahn em Salem e os velhos amigos de Buchman na colônia von Bodelschwingh de Betel, perto de Bielefeld. Tal como o resto da Alemanha, ainda sofria os horrores da hiperinflação do pós-guerra, com alguns dos pacientes "deitados em serradura, sem cobertores ou lençóis", segundo Hamilton. Isso deixou uma marca indelével em sua mente, assim como na de Buchman. "Tudo era uma imitação", lembrou Hamilton. "As pessoas morriam enquanto caminhavam, arrastando os pés sem sapatos. As famílias venderam suas filhas. Buchman havia providenciado quatro anos antes o envio de três vacas para Betel e agora renovou suas tentativas de conseguir que amigos americanos ajudassem os alemães necessitados.

No sul da Alemanha conheceram Frau Hanfstaengl, uma americana de uma família da Nova Inglaterra, os Sedgwick, cujos antepassados incluíam o general que "marchava pela Geórgia" na Guerra Civil. O jovem Adolf Hitler tornou-se um visitante regular da casa de Hanfstaengl depois que seu filho Ernst ('Putzi') o conheceu. Frau Hanfstaengl mostrou a Buchman e seus amigos o quarto onde Hitler havia se escondido após o Putsch de Munique no ano anterior. Disse que ela dissera a Hitler que, a menos que ele mudasse a sua atitude em relação aos judeus, ela nunca o apoiaria. 'Isso eu nunca farei', ele respondeu.

Em Florença Buchman, Hamilton e Wade jantaram com o rei Jorge da Grécia e sua família. Buchman o vira bastante em Londres, antes de retornar à Grécia para assumir o trono em 1922. O rei disse a Hamilton: 'Quando vocês virão para a Grécia? Buchman é a única pessoa em quem podemos confiar que não se defenderá. Agora eles se reencontraram na Itália, com a rainha-mãe, Sophie, e a avó do rei George, a rainha Olga. Em 1923, o rei George

---

<sup>266</sup> Vários dos filhos de van Heeckeren viajaram com Buchman em vários momentos; mais de cinquenta anos depois, quatro filhas ainda estão comprometidas com seu trabalho.

foi forçado a deixar a Grécia mais uma vez, e a miséria do exílio muitas vezes fez com que ele e sua família recorressem a Buchman.

Da Itália, o grupo de Buchman viajou no Simplon-Orient Express para Constantinopla. A pedido da rainha Sofia, ele próprio voou de lá para Bucareste para visitar a filha dela, Helen, que era casada com o príncipe herdeiro Carol. A rainha Maria da Romênia, uma princesa inglesa competente e espirituosa, neta da rainha Vitória e do czar Alexandre II, convidou-o para se juntar ao rei Fernando e a ela mesma no castelo de Peles, em Sinaia, e pediu que alguém de seu grupo também fosse.

Hamilton imediatamente decidiu se juntar a Buchman. Seu anúncio por telegrama não chegou, mas na estação ele foi - como descobriu mais tarde - confundido com um visitante da realeza e apanhado em um carro grande. Essa identidade equivocada o fez passar por três bloqueios de estrada no caminho para o Castelo de Peles. Ao chegar ao castelo fortemente guardado, a confusão ficou ainda pior quando ele perguntou pelo Sr. Buchman, que também era o nome do mordomo que abriu a porta da frente. Felizmente, neste momento, Frank Buchman olhou pela janela da sala de estar e gritou: 'Ah, esse é um dos meus!' Finalmente levado à presença da rainha Marie, Hamilton encontrou Buchman contando a história do Beef and Beer Club.

Tanto a rainha Marie quanto a princesa herdeira Helen queriam que Hamilton se tornasse tutor do jovem filho de Helen, Michael (mais tarde rei Michael), mas nem Hamilton nem Buchman acharam que ele deveria aceitar o cargo. Depois de uma semana em que formaram amizades que durariam a vida toda, partiram para se juntar aos outros em Constantinopla.

Lá, Buchman foi convidado a falar ao corpo discente do Robert College. Um dos presentes mais tarde descreveu a ocasião: 'Diante dele estavam sentados, além da maior parte do corpo docente, cerca de setecentos estudantes obstinados e cínicos de muitas idades e nacionalidades. Não houve truques oratórios, nenhuma tentativa de causar boa impressão. Pelo contrário, podia-se sentir a sua intensa seriedade. Ele nos contou o que aconteceu com um menino de verdade, com problemas reais, quando Deus entrou em sua vida. No final, ele pediu a todos que repetíssemos a oração daquele menino: 'Oh, Deus, controle-me porque eu não consigo me controlar sozinho'. Foi direto ao cerne da questão<sup>267</sup>.'

---

<sup>267</sup> Rev. George Moissides, março de 1958; depois, da Academia Americana, Larnaca, Chipre.

A vitalidade do grupo deixado em Constantinopla era típica daqueles deixados em outros lugares da viagem. O mesmo estudante, George Moissides - então ministro em Canterbury, Connecticut - descreveu mais tarde como ele e os seus amigos, Gregory Vlastos, Homer Kalcas, Dashem Hussein Shams-Davari e Rashid Alajaji, foram afetados. 'Que mudança total aquele fim de semana há cinquenta anos trouxe para minha vida pessoal e para a de tantos amigos meus!' comentou Moissides<sup>268</sup>. A maioria manteve contato com Buchman por muitos anos, alguns até sua morte. Vlastos tornou-se professor de filosofia em Princeton, Kalcas lecionou na Turquia e Shams-Davari administrou a Persian Oil Company em Ahwaz, onde traduziu filmes e livros sobre o trabalho de Buchman para o farsi.

O grupo partiu para Alexandria logo após o aniversário do fim da guerra de 1914-18. Wade lembra que, ao passarem pelos Dardanelos, Buchman caminhou em direção à popa do navio, tirou o chapéu, jogou para o lado sua papoula do Dia do Armistício e falou baixinho alguns versos de Rupert Brooke, quem havia morrido perto dali.

No Cairo, juntaram-se a eles Sherwood Day e Van Dusen Rickert, formado em línguas orientais em Princeton. Buchman ficou encantado por estar novamente com Day. Ele disse aos homens mais jovens: 'Sherry é confiável vinte e quatro horas por dia. Será ótimo quando o resto de vocês chegar a esse ponto. Sherry nunca se adapta mal. Também no Cairo, Shoemaker recebeu um convite há muito esperado para se tornar Reitor da Igreja do Calvário em Gramercy Park, Nova Iorque, ao qual respondeu: "Julgamento desfavorável agora..."<sup>269</sup>

Quando o grupo chegou à Palestina, a atmosfera tornou-se nitidamente tensa. Individualmente, eles eram bastante devotos. Não havia, lembrou Wade, nenhuma observância regulamentada, mas todo o grupo normalmente mantinha um momento de oração e meditação particulares e compartilhava os pensamentos que então tinham com seus colegas de quarto. Eles também puderam ajudar muitas das pessoas que conheceram. No entanto, à medida que a viagem avançava, surgiram tensões e irritações a tal ponto que Buchman observou: 'Você pode estar na Terra Santa e no Inferno ao mesmo tempo.'

Para começar, havia ciúmes e rivalidades naturais. Havia também o fato de cada um ter participado da viagem por motivos diferentes: um ou dois estavam mais interessados nas delícias da viagem do que em criar o tipo de equipe disciplinada que Buchman tinha em

---

<sup>268</sup> Moissides, 21 de março de 1974.

<sup>269</sup> Harris, pág. 8.

mente. Buchman também conduzia os assuntos num estilo que os homens mais jovens às vezes achavam desconcertante. Segundo Hamilton, por exemplo, eles sempre ficavam encantados quando uma recepcionista perguntava a Buchman: 'E para onde você vai agora?' pois isso lhes permitiu descobrir qual seria o seu itinerário. Além disso, havia também as preocupações naturais dos jovens capazes e ambiciosos. Shoemaker ficou muito atraído pela oferta da Igreja do Calvário. Esta foi uma atração constante. Certa vez, ele voltou de uma expedição de compras em Constantinopla carregado de tapetes Bokhara e outros ornamentos, e seu companheiro de cabana, Hamilton, perguntou por que ele os havia comprado. "Eles ficarão bem na minha reitoria", respondeu Shoemaker.

Deixando de lado essas preocupações, havia outro fator irritante: uma aversão à disciplina que Buchman, o iniciador da aventura e mais velho que todos os seus companheiros, exceto Day por vinte anos, procurava impor. Por exemplo, um dos participantes combinou de falar em uma escola. No último momento, Buchman sugeriu que outros dois fossem com ele. Significou o sacrifício de um discurso solo cuidadosamente preparado e a vontade de fazer parte de um grupo. Buchman sentiu que eles precisavam de treinamento para trabalhar em equipe: a obstinação, o orgulho, o elemento prima donna teriam que ser curados para que seu trabalho futuro tivesse algum efeito duradouro. Mas os jovens de alto calibre e considerável auto-estima não viam as coisas dessa forma. "Estávamos longe de ser uma equipe unida", comentou Hamilton. 'Sherry Day foi o mais leal. O resto de nós éramos cruéis, obstinados, indisciplinados e egoístas. Nosso egoísmo irritava um ao outro...' Na época, porém, eles estavam mais propensos a culpar Buchman do que a si mesmos.

"O clímax veio mais tarde, a bordo do navio entre Suez e Colombo", escreve Hamilton. 'Frank estava descansando em sua cabana por dois ou três dias, e um dia ele disse a Sam: 'Sam, apenas liste minha roupa suja, sim, e entregue-a ao mordomo?' Sam subiu ao convés muito zangado. Ele me encontrou e me contou sobre o pedido de Frank, e disse que se recusou terminantemente a atendê-lo. Ele disse: "Prefiro pregar cinco sermões do que fazer o que ele me pediu. Entreguei minha vida a Jesus Cristo, não a Frank Buchman".

As reações de Shoemaker às disciplinas da jornada não foram inesperadas. Ele era um jovem bonito, confiante e carismático. Pouco antes desta viagem ele foi convidado a participar de uma grande campanha evangélica ao lado de Sherwood Eddy. Buchman

respondeu ao pedido de conselho de Shoemaker sobre esta proposta: 'Os avisos não vieram em meu momento de silêncio com alarmante constância e eu não seria fiel se permanecesse em silêncio.... Você tem ignorado experiências que transformaram Sherry e eu em uma equipe inteligente e viável... Você precisa de um ano de disciplina em uma equipe, como uma viagem de um ano ao redor do mundo lhe proporcionaria. Você precisa do monótono, não do dramático... Só posso dizer isto: se você for levado a ir e suas convicções diferirem das minhas depois de ter verificado com todos... vá, e Deus o abençoe abundantemente. Com garantias do mais fino espírito de afeto e confiança mútua, seja qual for a sua escolha.'<sup>270</sup>

Chegaram à Índia no dia 10 de dezembro e passaram o Natal em Madras. Buchman desapareceu na véspera de Natal e reapareceu com uma árvore de Natal, enfeites e presentes, e uma fotografia autografada de Gandhi para cada um deles – “um presente inestimável”, observou Wade.

Estava claro, porém, que o ar precisava ser purificado, e depois do Natal eles reservavam um dia livre para esse fim. Em muitos aspectos, foi como se as conversas no quarto do Hotel Tientsin se repetissem novamente. Este, no entanto, foi um confronto ainda mais doloroso: Wade e Rickert, como garotos relativamente novos, mantiveram-se bem afastados disso, mas, como recordou Hamilton, Shoemaker, Day e ele todos falaram o que pensavam à força:<sup>271</sup> 'Todos nós tentamos dizer o que sentimos e, de nossa parte, dissemos com bastante franqueza as coisas que achávamos que Frank tinha sido - reservado, autoritário, imprudente.

Wade viu Buchman saindo, com lágrimas escorrendo pelo rosto. “Eles estão todos contra mim, Nick”, disse ele. 'O que eu fiz?'

Wade respondeu que achava que Buchman havia sido um pouco franco.

'Você acha mesmo?' perguntou Buchman, muito angustiado.

'Sim', disse Wade, 'eu quero.'

“Não é fácil conseguir uma unidade profunda entre seis pessoas”, escreveu Shoemaker à Sra. Tjader, alguns dias depois. 'Todos nós temos nossos pecados e fraquezas

---

<sup>270</sup> Buchman para Shoemaker, 26 de janeiro de 1924.

<sup>271</sup> Godfrey Webb-Peploe, o último a se juntar à festa em Port Said, já havia executado seu plano anterior de visitar o centro missionário de Amy Carmichael em Dohnavur.)

característicos... (Frank) tem tanto hábito de manter os outros na linha que nem sempre está pronto para ser controlado.<sup>1272</sup>

Apesar destas convulsões internas, os meses na Índia foram gratificantes. Em 23 de dezembro, Buchman encontrou-se novamente com Gandhi na conferência do Partido do Congresso em Belgaum, e as fotografias os mostram rindo vigorosamente com Chakravarti Rajagopalachari, mais tarde governador-geral da Índia independente, e os irmãos Ali, os líderes muçulmanos em cuja casa Gandhi havia concluído recentemente um jejum de 21 dias. Lá também ele conheceu o jovem Jawaharlal Nehru, que depois enviou sua fotografia a Buchman e pediu o livro *Life Changers*, que Buchman havia prometido enviar-lhe. Unido, o partido assumiu as reuniões estudantis cristãs com amigos como o confidente de Gandhi, C. F. Andrews<sup>273</sup> e o bispo Pakenham-Walsh.

Depois, alguns visitaram Amy Carmichael na Dohnavur Fellowship. A partir daí, Buchman escreveu uma carta à Sra. Tjader, na qual descreveu um sonho crescente: 'Ela é facilmente a maior missionária que já conheci, e seu lugar tem a atmosfera que desejamos para a Escola da Vida... Precisamos de uma demonstração centrada em milagres vivos ao nosso redor, com a realidade como tônica... Será uma obra silenciosa, lenta, mas em expansão e multiplicação, tal como as pessoas aqui se aglomeram de todos os cantos do mundo e estão orando por isso em quinze países. Estou tão feliz hoje...'<sup>274</sup> O respeito parece ter sido mútuo. Após esta visita, Amy Carmichael escreveu na Carta Dohnavur: 'Que ninguém julgue este homem por nada escrito sobre ele. Frank Buchman pretende apenas uma coisa: ganhar homens para Jesus Cristo.'<sup>275</sup>

---

<sup>272</sup> Shoemaker para a Sra. Tjader, 28 de dezembro de 1924.

<sup>273</sup> O Rev. Charles F. Andrews, falecido em 1940, foi um missionário e autor que se dedicou aos direitos do povo indiano tanto na Índia como na África.

<sup>274</sup> Buchman para a Sra. Tjader, 11 de janeiro de 1925.

<sup>275</sup> Makower, pág. 129. Em 1929, os colegas de Buchman na América converteram o irmão de Amy Carmichael, que ela descreveu por escrito a Buchman em 4 de agosto de 1930 como 'minha maior alegria do último ano do lado humano'. Ela escreveu ao irmão: 'Na Inglaterra, e na Escócia também, todo tipo de mentira está circulando sobre o Sr. Buchman e seus amigos. Eu o conheço há anos e sempre o considerei um homem verdadeiro... Bem, o diabo odeia e, se puder, desacredita tal homem.... ' Em 1932, a pressão dos apoiadores de Dohnavur a induziu a escrever que a bolsa Dohnavur não tinha nenhuma ligação com o Grupo Oxford, um passo ao qual ela resistiu por muito tempo. Ela enviou a declaração a Buchman, dizendo: 'Espero que você não rejeite seu amigo e camarada de oração' (6 de janeiro de 1932), e cartas calorosas continuaram entre eles até pelo menos outubro de 1938. Buchman, é claro, nunca sugeriu que houvesse uma conexão e usou suas orações em reuniões até o fim de sua vida.

Eles ficaram com o metropolitano anglicano da Índia, Foss Westcott, em Calcutá, e em fevereiro, enquanto estavam em Darjeeling, conheceram Jan Masaryk, o futuro ministro das Relações Exteriores tcheco. Em março eles foram convidados por Lorde Reading no Viceregal Lodge. Quando Buchman almoçou com o vice-rei, os irmãos Ali começaram a conversar. “Esses patifes”, disse Reading, “tenho que continuar colocando-os na prisão. O que você faria com eles?”

'Se eu estivesse em seu lugar', respondeu Buchman, 'eu faria com eles o que você fez por mim - colocá-los em lugares de honra em sua mesa e conhecê-los.'

O ADC sênior do vice-rei, Ralph Burton, apresentou Buchman ao Marajá de Gwalior. Este personagem excêntrico gostava de atear fogo aos turbantes dos seus cortesãos pelo prazer de vê-los abaixar a cabeça na fonte mais próxima para apagar as chamas. Ele também tinha um trem elétrico que transportava licores selecionados em torno de sua mesa de jantar, com um interruptor secreto ao lado dele, que lhe permitia acelerar o trem para que ele passasse por qualquer convidado que desejasse provocar.

Ele evidentemente ficou muito impressionado com Buchman e seus amigos. Depois do jantar, na noite de um festival hindu, Buchman e Wade passeavam sob a lua quando o encontraram. 'Ele disse a Frank: 'Venha falar comigo'', lembrou Wade, 'e todos nós nos sentamos em um banco de mármore. Primeiro houve um longo silêncio, que Buchman não tentou quebrar.

Então o Maharajah disse: “Eu entendo que você acredita que Jesus Cristo pode mudar a natureza humana?” Frank respondeu: “É exatamente nisso que acreditamos, é por isso que estamos aqui”.

Buchman escreveu ao Marajá alguns dias depois: 'Respondendo ainda mais à sua pergunta sobre a orientação de Deus, acho que os apetites da carne são o fator mais prejudicial que nos impede de conhecer a Deus...'<sup>276</sup>.

Numa breve pausa na viagem, Van Dusen Rickert tentou “colocar alguma ordem na correspondência caótica de Frank”. É uma correspondência incrível, de pessoas de todo o mundo; trabalhadores religiosos e mocassins, nobreza, celebridades e pessoas comuns... e é um pântano sem esperança de cartas, cartões postais, fotos, telegramas, contas, recibos, notas, anúncios de casamento, panfletos, duplicatas, anotações de orientação, guias, folhetos,

---

<sup>276</sup> Martin MSS.

livretos, relatórios, etc. de navios a vapor, todos remexendo teimosamente em 14 valises e baús. Um trabalho de duas semanas para arrumar tudo; e eu tive um dia e meio. E nada deve ser jogado fora, por mais inútil que seja – envelopes velhos e estéreis, palitos de dente, papel de carta de hotel romeno surrado – tudo isso não tem preço... Bem, eu classifiquei aproximadamente dois terços disso e guardei o resíduo na absurda bolsa preta de couro envernizado sem alça que complete seus impedimentos.<sup>1277</sup>

Muitas portas se abriram para Buchman e seus amigos por causa do efeito que tiveram na vida daqueles que conheceram. Em Madras, por exemplo, encontraram um proeminente empresário escocês chamado George Kenneth, cuja conta do álcool era considerada a maior da cidade. Buchman visitou-o em seu escritório, mas foi recebido com acentuada severidade. - Estou ocupado - disse-lhe Kenneth categoricamente.

“Eu também”, retrucou Buchman com a mesma firmeza; ele deixou Kenneth com uma cópia de *Life Changers* e seu nome e endereço, e partiu. No dia seguinte, Kenneth ligou, dizendo que tinha lido o livro e que tinha todo o tempo do mundo.

Como resultado das conversas, Kenneth tornou-se um cristão praticante, abandonou o álcool e alterou dramaticamente o rumo de sua vida empresarial. Ele começou reunindo uma dúzia de capatazes de sua gráfica – a maioria dos quais eram hindus – e contando-lhes sobre sua mudança. “Este negócio”, disse ele, “foi um fracasso. De agora em diante, Cristo será a cabeça e trabalharemos juntos em linhas inteiramente novas. Tratei vocês como cães e vocês só trabalharam porque me temiam. Agora, gostaria que você me ajudasse a colocar este negócio em uma base totalmente nova. Ele então apertou a mão de cada um. Foi a mudança em Kenneth que primeiro interessou Lord Lytton, então governador de Bengala, em Buchman e em seu trabalho.

Em março, todo o grupo viajante começou a se dispersar. Em janeiro, Shoemaker recebeu outro telegrama da Igreja do Calvário e desta vez aceitou o trabalho. Buchman ainda estava convencido de que não deveria partir. “Tenho uma sensação desconfortável de que esta sua decisão causará problemas”, disse ele. “Vou partir de trem esta noite”, respondeu Shoemaker.

Wade, que sempre pretendeu ser ordenado, e Van Dusen Rickert voltaram para seus respectivos países, onde trabalharam em estreita colaboração com Buchman de várias

---

<sup>277</sup> Carta circular de Buchman, Cingapura, 12 de outubro de 1925.

maneiras. Hamilton voltou para casa depois de uma doença grave causada pelo consumo de água contaminada e, quando se recuperou, voltou para Oxford, recebeu quartos gratuitos no Wycliffe Hall e continuou o trabalho diário de treinar um grupo na universidade. Passaram-se três anos até que ele e Buchman se encontraram novamente, embora mantivessem contato intermitente.

Foi uma viagem que provavelmente ficou bem abaixo das esperanças de Buchman. No entanto, a sua visão de uma revolta explosiva e revolucionária no mundo cristão, liderada pelo tipo de jovens com quem viajava, permaneceu intacta. “É necessária uma nova abordagem para superar a letalidade”, observou ele. 'O Cristianismo respeitável não fará isso... Um grupo de jovens que representam Deus em Sua atratividade, em Sua excelência, e irradiam Seu amor através do cuidado... O Cristo Vivo não a cada hora, mas a cada minuto do dia.'

Buchman e Sherwood Day permaneceram na Índia. Nas semanas seguintes, encontraram novamente um número surpreendente de pessoas, tanto britânicas como indianas. Eles viram Gandhi mais duas vezes no Sabarmati Ashram e na casa de Foss Westcott em Calcutá. Encontraram Nehru novamente em Allahabad. Estavam no *Viceregal Lodge* para a partida de Lorde Reading e a posse de Lorde Lytton como vice-rei interino. Buchman valorizou particularmente as longas conversas com Lorde Lytton, que, depois de uma delas, visitou dois homens que aguardavam sentença após um atentado à bomba contra sua vida. “Eu nunca teria feito isso se não tivesse conhecido você”, disse ele a Buchman. 'Você me ensinou a falar com o homem comum.'

A essa altura, de fato, Buchman parecia ter conquistado a confiança de muitos membros do Raj britânico. Certo dia, visitando Ralph Burton no hospital inesperadamente, ele foi abordado por uma enfermeira sênior. “Oh, Sr. Buchman”, disse ela, “o Comandante-em-Chefe está morrendo e Lady Rawlinson está em grande perigo. Você pode ir até ela? Não sabíamos onde encontrar você.

Cada vez mais, porém, ele se convenceu de que o antigo regime estava em vias de extinção. “A velha gangue não presta”, observou ele. 'O Oriente irá corrigir o Ocidente. Gandhi está no caminho certo’. Sobre um de seus encontros com Gandhi nessa época, ele costumava dizer mais tarde: "Andar com ele era como caminhar com Aristóteles".

No meio de tudo isso, Buchman ouviu em abril que sua mãe havia caído e quebrado o quadril. Ele manteve o fluxo de cartas com ela, algumas começando em holandês da Pensilvânia. Sua mãe foi convidada para passar o Natal de 1924 com a Sra. Tjader e gostou muito. Agora a Sra. Tjader foi para Allentown para ficar com ela enquanto ela estava no hospital, e telegrafou a Buchman: "Esta semana ela se irá ou se recuperará". Buchman telegrafou de Madras em 6 de maio: "Muitas mensagens amorosas. Deus me garante que está tudo bem. Sob a guarda de Jesus estamos seguros. Sem dúvidas. Chame o melhor consultor. Ele viajou de trem noturno para uma festa em Kodaikanal. Lá, no dia seguinte, ele recebeu a notícia de que sua mãe havia falecido. Buchman às vezes relatava que havia sido avisado durante uma viagem. 'No momento da morte, a carruagem de repente pareceu iluminada, tão clara quanto o dia.'

Naquela época teria sido impossível voltar para o funeral - que contou com a presença de mil pessoas e no qual Buchman pediu a Shoemaker que falasse; mas no mesmo dia, 12 de maio, em Kodaikanal, um serviço memorial foi conduzido por um clérigo da Catedral de Calcutá.

Buchman escreveu: "O serviço memorial contou com a presença de indianos e europeus. Uma nota triunfante permeou o serviço. O jovem indiano que dividia meu banco havia passado dois Natais com nossa família na América.' Para a Sra. Tjader ele escreveu: 'Quando você saiu de casa com sua mãe, Sherry e eu descemos à beira do lago - e que lua com o Cruzeiro do Sul. Foi maravilhoso além das palavras. Lá estava o lago e a bela alameda de abetos e depois a névoa e as estrelas. Parecia que Deus tinha planejado tudo... Houve uma proximidade e uma paz que estava além de qualquer descrição.'<sup>278</sup>

A influência da Sra. Buchman sobre Frank Buchman foi profunda. Seu forte senso de certo e errado, suas qualidades domésticas e seu bom senso realista permaneceram com ele. Certa vez, ele lhe escreveu: 'A liberdade que sempre desfrutei é uma de suas características mais fortes. Ensinou-me a pensar e a agir por mim mesmo.'<sup>279</sup> Ela inicialmente tentou moldar o futuro dele e, quando ele estava na China, clamava muitas vezes que deveria voltar para casa. Ele era amoroso em suas cartas, mas deixava claro que não deveria hesitar em fazer o que sentia que Deus lhe pedia, por mais doloroso que fosse. Então, a certa altura, sua mãe

---

<sup>278</sup> Buchman para a Sra. Tjader, 20 de maio de 1925.

<sup>279</sup> Buchman para mãe, 22 de abril de 1903.

desistiu de suas tentativas de controle. Isso parece ter acontecido durante sua estada na China. De qualquer forma, houve uma mudança, e Buchman escreveu mais tarde em sua vida: 'O único desejo dela para mim era que eu fizesse a vontade de Deus, e tendo decidido que ela me apoiava, mesmo em momentos difíceis, quando isso significava que eu não poderia estar perto dela.'<sup>280</sup> Anos mais tarde, ela sempre rejeitou a opinião daqueles que diziam que seu filho deveria ficar com ela. Durante o seu último Natal, ela disse a uma amiga: "A obra de Cristo deve continuar. Sim, sinto falta de Frank, mas não interferiria. Ele está sob uma autoridade superior. Sua última carta ao filho, escrita no dia do acidente, terminava: "Algum dia nos encontraremos".<sup>281</sup> Ela chegou até ele na Austrália, dois meses depois.

O relato do próprio Buchman sobre seus três meses na Austrália foi caracteristicamente entusiástico. 'Chegamos quase desconhecidos. Começamos com um estudante da Universidade de Melbourne. Cerca de vinte homens compareceram no primeiro fim de semana com crenças que iam do helenismo ao agnosticismo, e um certo Rugger Blue nos disse que era um anglicano ortodoxo e nominal que não acreditava em Deus. O helenista nos contou que os três fins de semana o trouxeram de volta à fé em Jesus Cristo. . . "A mudança de vida deixou Melbourne entusiasmada" . . . Tínhamos entrevistas a qualquer hora.'<sup>282</sup>

Trinta anos depois, um dos presentes, S. Randal Heymanson, então representante do Australian Newspaper Service em Washington, descreveu a cena: "Devemos ser uns doze. Lembro-me de Bob Fraser, agora Diretor-Geral da Autoridade Independente de Televisão na Grã-Bretanha; "Mac" Ball, agora Professor Macmahon Ball, que representou a Austrália no Conselho Aliado que governou o Japão imediatamente após a guerra, e George Paton, agora Vice-Chanceler da Universidade de Melbourne. Frank sentou-se em uma grande poltrona e o resto de nós, preferindo o chão, nos reunimos em semicírculo ao redor dele. Éramos um grupo difícil, e coro por nossa arrogância juvenil... Ele deve ter ouvido e respondido todas as nossas críticas e objeções milhares de vezes, mas ouviu atentamente cada um de nós enquanto desfilávamos nosso estoque de aprendizado e fazíamos nosso trabalho inteligente. Para quem ouviu e para quem não quis ouvir, Frank Buchman teve a mesma bondade e compreensão

---

<sup>280</sup> Buchman ao Bispo de Beirute, 15 de agosto de 1960.

<sup>281</sup> Buchman ao Bispo de Beirute, 15 de agosto de 1960.

<sup>282</sup> Sra. Buchman para Buchman, 18 de abril de 1925.

infinitas. Desde o amanhecer até depois da meia-noite, ele esteve ao serviço até dos menos promissores, sempre alegre, aparentemente nunca desanimado.<sup>283</sup> Ao apresentar uma palestra de rádio de Buchman em 10 de julho, Frank Russell falou de 'vários dos nossos mais brilhantes jovens universitários que foram capturados, ou pelo menos cativados', e o descreveram como “um bucaneiro de almas, fazendo-as caminhar sobre uma prancha moral”.<sup>284</sup>

Entre outros que conheceu estava o primeiro-ministro Stanley Bruce. 'Eu sei que você está mudando vidas', observou Bruce. 'O que me deixa perplexo é como!' Eles também passaram duas horas com seu antecessor imediato, o lendário pioneiro trabalhista 'Billy' Hughes.

Em setembro, Day partiu para a América - um homem de negócios telegrafou: 'Preciso de você para uma centena de festas em casa' - enquanto Buchman decidia retornar via Ásia e Europa. Ele passou pelo Sião e pela Birmânia de volta à Índia, onde passou um fim de semana com Rabindranath Tagore e conversou novamente com Lorde Lytton. Ele escreveu a um amigo em janeiro, com uma precisão mista de previsão: “Estive com Ghandi ontem por duas horas. Ele não é mais um líder político, mas a esfera de sua utilidade será a santidade, e uma esfera convincente.”<sup>285</sup> Ele não pôde aceitar um convite subsequente por telegrama de Gandhi para visitar o Sabarmati Ashram.

Na Birmânia, ele recebeu um SOS da Rainha Sofia em Roma. 'A atmosfera na família aqui é bastante conturbada e totalmente errada e, em minha angústia, pensei em recorrer a você primeiro para pedir suas orações e depois conselhos e ajuda.’<sup>286</sup> Em Roma, ele passou muito tempo com ela e os irmãos. membros mais jovens da sua família, bem como vários dias com a Rainha Olga, “uma cristã maravilhosa que viu muita tristeza”. Estava extremamente cansado, mas ao receber um convite bastante desesperado da rainha Maria da Roménia,<sup>287</sup> partiu para Bucareste, onde ela lhe perguntou se ficaria um mês. “Não me deixe”, ela implorou. 'Não posso falar com mais ninguém.' Mas Buchman só conseguiu duas semanas. A Rainha escreveu sobre ele “espalhar sua atmosfera gentil e unida sobre todos

---

<sup>283</sup> Um relato dos meses na Austrália é apresentado na carta circular de Buchman de Cingapura, de 12 de outubro de 1925, e, mais detalhadamente, em cartas regulares à Sra. Tjader.

<sup>284</sup> Frank Buchman - Oitenta (Blandford, 1958), pp.

<sup>285</sup> Frank Russell apresentando Buchman no rádio em Melbourne, 10 de julho de 1926.

<sup>286</sup> Buchman para Eleanor Forde, 14 de janeiro de 1926.

<sup>287</sup> Martin MSS.

nós”.<sup>288</sup> De volta a Londres, ele encontrou o chefe dos garçons, a governanta e o gerente do Brown's Hotel esperando por ele, e ficou conversando com eles até quase uma da manhã.

O resto do verão não foi menos agitado. Houve duas festas em Rhederoord, várias visitas à Alemanha, uma breve visita a Allentown para o serviço memorial de sua mãe, durante o qual sua antiga faculdade, Muhlenberg, conferiu-lhe um Doutorado Honorário em Divindade, e um almoço com o Arcebispo Söderblom da Suécia no Brown's Hotel em Londres. A rainha Olga morreu em julho e ele foi ao funeral dela.

De volta a Londres, ele enfrentou oposição concertada. “Um enfraquecimento condenável por parte de um grupo bem conhecido de homossexuais começou em um de nossos convertidos mais jovens, que tem se saído esplendidamente”, escreveu ele a Day em setembro. 'Eles o chamaram em um luxuoso motor às onze horas da noite. Eles o levaram para voar em um avião. Quando perceberam que não conseguiriam seduzi-lo, pediram-lhe que dormisse com uma das conhecidas amantes políticas de Londres. Quando isso foi recusado, ele foi acusado de ter dormido com outro sujeito. Você consegue vencê-lo?’<sup>289</sup>

Nos anos desde que deixou a China, ele encontrou muitas pessoas cujas vidas eram governadas pelas suas tendências homossexuais. Dois homens que compareceram a uma de suas festas em Surrey, por exemplo, ficaram "flagrantemente preocupados com isso". “São difíceis e complicados, mas pouco convincentes”, observou Buchman. 'Pretendo seguir um programa destemido, aliado à caridade, que considere a si mesmo para não ser tentado, e assim forjar uma mensagem para mim e para os outros que transformará vidas.'

Ao longo dos anos, muitas vidas foram de fato transformadas, e os colegas de tempo integral de Buchman incluíam pessoas que tinham tendências homossexuais, mas que tinham encontrado uma liberdade que lhes permitia usar as suas vidas para fins construtivos. Sua abordagem ao sexo, em qualquer forma, era sempre a mesma. Ele acreditava que era um dom natural de Deus para ser usado sob Sua direção, e não para ser usado promiscuamente. Ele compreendia a progressão da indulgência para o vício e considerava esse vício um cativo espiritual ou, em palavras mais claras, um pecado. “O pecado é a doença, Cristo é a cura, o resultado é um milagre”, foi a sua resposta a todos os níveis desse cativo. Ele não ficou chocado nem lascivo. Nunca condenou, muito menos expôs as pessoas. Sentiu que sua tarefa

---

<sup>288</sup> Hannah Pakula: O Último Romântico (Weidenfeld e Nicolson, 1985), p.337

<sup>289</sup> Buchman para Sherwood Day, 2 de setembro de 1926.

era oferecer uma cura que libertasse as qualidades criativas das pessoas para o bem dos outros e do mundo em geral.

Ele acreditava que a homossexualidade ativa corria o risco de produzir outros problemas de maior gravidade do que ela mesma: uma atitude exclusiva que mantinha todas as outras pessoas de fora e tinha precedência sobre qualquer outra lealdade, uma atitude viciosa para com aqueles que estavam fora do círculo, e o desperdício de, muitas vezes, vidas talentosas. Ele também percebeu que alguns homossexuais tinham um zelo cruzado pelo seu modo de vida que, como no caso mencionado acima, muitas vezes os colocava em colisão com o seu trabalho. Mas ele nunca duvidou que todas as pessoas que desejassem poderiam ser libertadas.

Em setembro de 1926, Buchman estava em Genebra. Ele almoçou lá um dia com Nehru. Nessa altura, Nehru já tinha lido *Life Changers*, mas confessou numa carta que, apesar da influência de Gandhi, “o caminho da fé não se ajusta à minha mentalidade atual”.<sup>290</sup>

Enquanto estivemos em Roma, naquele mês de fevereiro, a conversa era toda sobre Mussolini, que chegara ao poder quatro anos antes, e sobre as melhorias sociais que ele estava iniciando naqueles primeiros dias. Buchman escreveu para ele pedindo uma entrevista. «A minha missão é o desenvolvimento de uma liderança construtiva em diferentes países», escreveu ele.<sup>291</sup>

Ele também enviou a Mussolini uma cópia de *Life Changers*. “Não entregue este livro a um museu”, disse ele numa nota de apresentação ao secretário de Mussolini. 'Sugira a Sua Excelência que o guarde para seu filho, Vittorio, para leitura quando tiver idade adequada.’<sup>292</sup>

Mais tarde, Buchman ouviu Mussolini falar em Perugia e aparentemente ficou impressionado - "Ele disse algumas coisas excelentes", escreveu à senhora deputada Tjader<sup>293</sup> - mas não acrescenta qualquer comentário sobre uma entrevista subsequente que, de alguém tão entusiasmado como Buchman, parece indicar que foi um fracasso ou pelo menos uma decepção. Anos mais tarde, quando Stanley Baldwin, como primeiro-ministro, lhe perguntou quais eram as suas impressões sobre Mussolini, ele fez uma pausa, como se procurasse a palavra certa, e depois disse: "Ele me pareceu um exibido".

---

<sup>290</sup> Jawaharlal Nehru para Buchman, 1º de maio de 1926.

<sup>291</sup> Buchman para Benito Mussolini, 6 de fevereiro de 1926.

<sup>292</sup> Reconhecido pelo secretário de Mussolini, 24 de fevereiro de 1926.

<sup>293</sup> Buchman para a Sra. Tjader, 6 de outubro de 1926

Agora era hora de voltar para a América. Em Genebra, Buchman recebeu um telegrama da rainha Maria sugerindo que ele viajasse no mesmo barco que ela e seu grupo. Ele concordou e eles navegaram no *Leviatã* em 12 de outubro. Passou muito tempo com a família real no navio e, uma noite, eles lhe ofereceram um jantar formal. Depois discutiram os dias em Nova Iorque. A Rainha disse que desejava expressar publicamente a sua dívida para com Buchman, da qual tantas vezes falara em privado. O Príncipe Nicolas sugeriu que fosse realizada uma festa em casa para este fim, em vez da da Roménia, que havia sido adiada por causa da viagem. No final, porém, concordou-se em realizar uma recepção nos quartos que a Sra. Tjader cedeu a Buchman, no número 11 da West, 53rd Street. Buchman telegrafou para Nova Iorque: “A Rainha aceita o chá da vigésima quarta companhia de Ileana Nicolas”.<sup>294</sup>

Em Nova Iorque, porém, já estava se formando uma grande polêmica sobre Buchman e seu trabalho.

---

<sup>294</sup> Buchman para ‘WRYDRUDGE NEW YORK’, outubro de 1926 (rascunho sem data nos arquivos).

## O INQUÉRITO DE PRINCETON

O problema começou em setembro de 1926, numa cidade de Connecticut chamada Waterbury. A ocasião foi uma missão estudantil, para a qual foram convidados estudantes de todas as faculdades orientais. Seja intencionalmente ou simplesmente porque foram eles que estavam entusiasmados o suficiente para sacrificar os últimos dez dias das férias de verão, três quartos dos que compareceram eram jovens que haviam encontrado uma fé através do trabalho de Buchman; e Princeton forneceu facilmente a maior delegação, incluindo vários dirigentes da Sociedade de Filadélfia. Entre eles estava Ray Purdy, sucessor de Sam Shoemaker como secretário-geral, que havia desistido de um emprego em Wall Street para voltar a Princeton. O próprio Shoemaker foi convidado para assumir a liderança nos dias de preparação da campanha.

Durante estes preparativos, um dos jovens de Princeton conseguiu ajudar o reitor de uma igreja episcopal local com alguns problemas pessoais; e o reitor posteriormente contou à sua congregação sobre sua nova experiência de fé. Isso alarmou alguns de seus irmãos clérigos. Um deles, numa reunião preparatória, declarou longamente que o clero não era o alvo da missão. Quando terminou seu discurso, perguntou a Sherwood Day – que estava sentado ao seu lado – o que ele realmente achava disso. Um tanto surpreso, Day respondeu com franqueza: 'Oratório, oratório vazio.'

A campanha parece ter tido bastante sucesso. Posteriormente, porém, uma série de artigos críticos apareceu em uma revista episcopal chamada *The Churchman*, cujo editor, Guy Emery Sipler, era um oponente de longa data do trabalho de Buchman e considerado o inventor do termo 'Buchmanismo'. Eles notaram o fato de que Princeton havia fornecido mais missionários do que qualquer outra faculdade e inferiram que tinha sido uma conspiração dos devotos de Buchman para assumir o controle da campanha. Os artigos, escritos por Ernest Mandeville, foram descritos como “distorcidos, mentirosos e indignos” numa carta assinada por oito clérigos importantes que tinham participado simbolicamente na campanha<sup>295</sup>. No

---

<sup>295</sup> Martin MSS. Os signatários incluíram Sherwood Eddy, o capelão episcopal de Harvard e membros do corpo docente da União dos Seminários Teológicos Gerais.

entanto, a revista *Time*, em 18 de outubro de 1926, reproduziu alguns dos mais trechos ofensivos desses artigos, sem suas qualificações, e descreveu Buchman, sob uma imagem, como 'Cirurgião de almas e anti-autoerotismo'. No mesmo dia que o *The New York Times*, Buchman, havia relatado como tendo jantado a bordo do navio com a Rainha Marie e sua família, chegando a Nova Iorque.

Imediatamente a caça começou. A aparente combinação de realeza, religião e sexo era irresistível para os jornais, e tanto Buchman como os seus amigos reais foram avidamente perseguidos. A recepção do chá aconteceu, mas a Rainha Maria não apareceu, embora seu filho, o Príncipe Nicolas, tenha comparecido. 'Enquanto o Dr. Frank N. D. Buchman, "cirurgião de almas", sentava-se pacientemente em sua casa, nº 11 West 53rd Street, cercado por 150 convidados que haviam sido convidados a conhecer a Rainha, Maria da Romênia abandonou o noivado, se é que era noivado, ', relatou o *New York Herald Tribune*<sup>296</sup>. Eventualmente, de acordo com o repórter, Buchman telefonou uma mensagem para a Rainha, e seus convidados partiram para uma breve audiência no hotel dela, cada um com um cartão de admissão em branco no qual ele havia escrito em vermelho lápis: 'Hotel Embaixador para conhecer a Rainha Maria'. A *Time* acrescentou a falsa alegação de que Buchman só conhecera a Rainha quando “foi apresentado a ela no Leviatã, há duas semanas<sup>297</sup>”.

Buchman foi a partir de então escalado pela imprensa em geral como o líder de uma seita estranha e doentia, outro Rasputin explorando um breve encontro com a realeza, que operava em “quartos escuros”, “de mãos dadas”, “histérico”, “erótico”, 'mórbido'.<sup>298</sup>

Buchman ficou profundamente magoado com essas insinuações, especialmente odiando ser feito para parecer o líder de um novo culto, ainda mais porque seu próprio nome foi usado para descrever o que ele considerava obra de Deus e não sua. Quando ouviu pela primeira vez a palavra “Buchmanismo”, disse mais tarde, “foi como se uma faca atravessasse meu coração”. 'O que é o Buchmanismo? Não existe tal coisa', disse ele ao *New York-American*. 'Acreditamos em tornar o Cristianismo uma força vital na vida moderna.'<sup>299</sup>

---

<sup>296</sup> *New York Herald Tribune*, 29 de outubro de 1926.

<sup>297</sup> *Time*, 1º de novembro de 1926.

<sup>298</sup> Essas alegações foram parar nos arquivos dos jornais e por muitos anos permearam a maioria dos relatos de Buchman e seu trabalho na América.

<sup>299</sup> *Nova York-Americana*, 30 de outubro de 1926.

Todo o caso foi um *casus belli* ideal para os críticos de Buchman em Princeton. O jornal estudantil, *The Daily Princetonian*, resumiu o que a *Time* tinha dito sobre a campanha de Waterbury e perguntou, num editorial, o que os secretários graduados da Sociedade de Filadélfia estavam a fazer, arrastando o bom nome de Princeton na lama. Para tentar esclarecer as coisas, as autoridades universitárias concordaram em criar um fórum aberto para debater o trabalho da Sociedade de Filadélfia. Foi realizado no maior auditório da universidade, o interesse foi intenso e o salão lotado.

Acabou sendo um debate mais sobre o trabalho de Buchman do que sobre o da Sociedade de Filadélfia. Houve muita conversa irada sobre o “Buchmanismo”, embora, como disse mais tarde o médico do campus, Donald Sinclair, “ninguém...parecia ter qualquer ideia definitiva daquilo a que se opunham”.<sup>300</sup>

A reunião apresentou com entusiasmo uma moção para uma investigação sobre o trabalho da Sociedade de Filadélfia, a imprensa de Nova Iorque aceitou-a e o Presidente Hibben concordou. Foi criado um comitê de alto nível,<sup>301</sup> e Hibben deu várias entrevistas à imprensa, uma das quais citou-o como tendo dito que “não há lugar para o Buchmanismo em Princeton”.<sup>302</sup>

Quando o comitê começou a trabalhar, encontrou muito poucas evidências que justificassem o alvoroço no fórum. Eles começaram, de acordo com a ata do Comitê, pedindo aos alunos de graduação que se apresentassem e expressassem suas queixas. Nenhum apareceu. Abordaram então Neilson Abeel e o grupo cuja campanha havia instigado o inquérito e pediram-lhes que apresentassem provas. Abeel e seus amigos recusaram-se a comparecer, mas forneceram uma lista de vinte nomes, aos quais o comitê escreveu cartas. Ninguém se apresentou. Membros de graduação do comitê foram então enviados para entrevistar os vinte jovens individualmente. Dezoito disseram que não tinham queixas, então por que deveriam aparecer? Dois manifestaram queixas, mas um decidiu mais tarde que tinha entendido mal a situação e retirou-se. O segundo fez uma reclamação que a comissão rejeitou por ser demasiado vaga para ter qualquer validade.

---

<sup>300</sup> Carta ao comitê de investigação e ao *The Daily Princetonian* de Donald B. Sinclair, 6 de novembro de 1926.

<sup>301</sup> Este comitê foi presidido por um membro sênior do Conselho de Curadores da universidade, Edward D. Duffield, o presidente da Prudential Life Insurance, que mais tarde assumiria o cargo de presidente interino de Princeton quando Hibben morreu em um acidente de carro. consistia em dois outros curadores, quatro membros do corpo docente e vários representantes estudantis.

<sup>302</sup> *Time*, 1º de novembro de 1926, citado em Ernest Gordon, *The Princeton Group*.

Em contraste, as evidências apresentadas em apoio à Sociedade de Filadélfia foram impressionantes. O 'Gabinete' de graduação da Sociedade deu aos seus dirigentes o endosso unânime e sem reservas, e as suas evidências foram apoiadas pelo que o comitê descreveu em seu relatório como 'um número considerável de estudantes de graduação'. Um jovem chamado Dean Clark era típico. O que ele aprendeu através de contatos com pessoas como Purdy, disse ele, foi “a maior ajuda na vida que já conheci”. “Não há nada que eu possa dizer que possa expressar plenamente a dívida de gratidão que sinto ter com estes homens”, continuou ele. 'As conversas que tive com eles fizeram mais por mim do que qualquer outra coisa na faculdade. As reivindicações de Cristo sobre toda a vida e atividade de um homem foram apresentadas por eles da forma mais sincera e convincente - não foram expressas doutrinas... ou dogmas - nada mais do que o desafio simples e penetrante do próprio Cristo.'<sup>303</sup>

Buchman também começou a obter um apoio modesto da imprensa. A revista *Life* (a antecessora da publicação *Time-Life*) comentou editorialmente o que chamou de “a inquisição na Universidade de Princeton sobre as qualificações de Frank Buchman como uma influência religiosa”. “O que o Sr. Buchman parece fazer”, escreveu o editor, E. S. Martin, “é dar aos homens novos motivos e força motriz. Os meios que ele parece ter à sua disposição às vezes incomodam as pessoas expostas a eles, e mesmo assim porque são meios espirituais. Talvez seja por isso que ele é examinado em Princeton. Ou pode ser que Princeton goste de seus estudantes do jeito que eles são, e não queira que novos homens sejam feitos deles... o que este mundo mais precisa é que muitas pessoas nele sejam mudadas em muitos de seus aspectos vitais. detalhes. Nosso mundo precisa nascer de novo, precisa muito disso e está, no mínimo, tão relutante em enfrentar esse processo quanto Princeton parece estar em deixar "F.B." transformar qualquer um de seus filhos.”<sup>304</sup>

O resultado de tudo isso foi uma mudança marcante de atmosfera entre os investigadores, que ficou aparente quando eles chamaram pela segunda vez os oficiais da Sociedade de Filadélfia. “Embora nas nossas primeiras aparições tenhamos sido tratados como acusados de crimes”, recordou Howard Blake, então secretário adjunto, “toda a atmosfera mudou em dezembro.”<sup>305</sup>

---

<sup>303</sup> Dean A. Clark ao comitê de investigação, novembro de 1926.

<sup>304</sup> *Life*, 18 de novembro de 1926, p. 18.

<sup>305</sup> Howard Blake para Loudon Hamilton, 14 de setembro de 1975.

O relatório foi publicado no final de dezembro<sup>306</sup>. A comissão tinha, segundo dizia, analisado as acusações: que os membros da Sociedade tinham praticado uma forma agressiva e ofensiva de evangelismo; que a privacidade individual foi invadida; que confissões de culpa eram exigidas como condição da vida cristã; que foram realizadas reuniões em que a confissão mútua de pecados íntimos foi encorajada; e essa ênfase foi colocada em confissões de imoralidade sexual. “Temos nos esforçado de todas as maneiras para obter qualquer evidência que possa substanciar ou justificar essas acusações”, afirmou. 'Com exceção de alguns casos que foram negados pelos implicados, nenhuma prova foi apresentada diante de nós que os substancie... ou justifique.... Por outro lado, a julgar pelos resultados, o trabalho do Secretário Geral... foi realizado com notável sucesso... Ele deu a Princeton uma reputação de esforço cristão eficiente e frutífero que certamente não é superado neste momento por trabalho semelhante realizado em qualquer outra instituição.' As únicas críticas foram que o Secretário cometeu alguns erros, em grande parte devido a um “excesso de zelo” e que os dirigentes da Sociedade se limitaram demasiado ao “trabalho intensivo” e, portanto, não conseguiram apelar ao corpo de graduação em geral.

O comitê, no entanto, evitou cuidadosamente qualquer julgamento direto sobre Buchman e o seu trabalho como estando além dos seus termos de referência, embora os seus membros soubessem que as atividades do Secretário Geral se baseavam nos princípios de Buchman. Portanto, os rumores originais da imprensa ficaram sem resposta. Como escreveu um jovem ministro presbiteriano em Nova Iorque a Ray Purdy: “A comissão de investigação certamente deixa Buchman em paz, elogiando com fracas maldições”<sup>307</sup>. Buchman estava perfeitamente ciente disso e escreveu a Purdy: “A exoneração deveria ter vindo de você e de alguns com ideias semelhantes, se o comitê não concordasse com essa conclusão”. O objetivo dos seus oponentes era “libertar-vos, mas desacreditar o trabalho a nível nacional”<sup>308</sup>.

A situação tornou-se mais aguda quando Hibben disse a Purdy que não apenas não estava disposto a receber Buchman no campus de Princeton como convidado de qualquer seção da universidade, mas também queria estender a proibição à cidade, embora tenha admitido que ele não tinha o direito de fazer isso.

---

<sup>306</sup> Relatório ao Presidente Hibben do Comitê Especial nomeado para estudar as atividades e o escopo da Sociedade de Filadélfia, 31 de dezembro de 1926.

<sup>307</sup> Dr. George Stewart Jr para Ray Purdy, 15 de janeiro de 1927.

<sup>308</sup> Buchman para Ray Purdy, 17 de janeiro de 1927.

De qualquer forma, os editores do jornal do campus não tinham intenção de deixar o assunto por aí. Eles disseram a Purdy que propunham publicar uma série de editoriais condenando o evangelismo pessoal no campus. Purdy sentiu-se “no dever de responder”<sup>309</sup> e escreveu uma carta ao *The Daily Princetonian* intitulada “As práticas do buchmanismo permanecerão enquanto os secretários permanecerem”.<sup>310</sup> Foi acompanhada por uma carta semelhante de Blake e de outro secretário adjunto, C. Scoville Wishard.

Estas cartas, é claro, reabriram a disputa que levou à investigação. Hibben mandou chamar Purdy e pediu garantias de que ele e seus colegas não teriam mais contato com Buchman, e disse que lhes daria até o final do ano acadêmico, em junho, para restabelecerem a confiança em si mesmos.

Purdy e seus amigos não tinham intenção de aceitar a exigência de Hibben e, na manhã seguinte, estavam discutindo como redigir sua resposta quando Hibben telefonou novamente. Ele disse a Purdy que não conseguia dormir porque não fora totalmente sincero. Sob nenhuma circunstância Purdy e seus colegas seriam renomeados para o ano seguinte. Apresentaram então as suas demissões, com efeitos a partir do início de março.

O caso Princeton colocou assim Buchman no mapa com força total. Fê-lo da forma que ele menos desejava, como suposto líder de uma seita ou culto nitidamente duvidoso. Por mais que ele protestasse que aquilo que os jornais chamavam de “buchmanismo” era simplesmente um cristianismo vital em ação, na mente do público era agora uma coisa à parte.

Além disso, os acontecimentos em Princeton continuaram durante décadas a lançar uma sombra sobre o trabalho de Buchman entre setores influentes na América. Hibben gostava de insistir que nunca fez qualquer declaração pública sobre Buchman<sup>311</sup>. Mas nunca exigiu que o *The Daily Princetonian* ou os jornais de Nova Iorque envolvidos retirassem a sua afirmação de que ele o fizera. Ele também foi muito franco com outros acadêmicos, como o presidente de Yale. As suas cartas mostram quão completamente ele aceitou a linha dos outros críticos de Abeel e Buchman, em contradição direta com as conclusões da sua própria comissão de investigação. Entretanto, um completo silêncio da imprensa sobre as conclusões

---

<sup>309</sup> Ray Purdy para John Hibben, 4 de fevereiro de 1927.

<sup>310</sup> Diário Princetoniano, 28 de janeiro de 1927.

<sup>311</sup> História de Princeton, 1977, p39.

do comit  permitiu   Time, sete meses mais tarde, escrever que as autoridades de Princeton tinham “proibido ao Sr. Buchman a prática do seu sistema naquele país” como “insalubre”<sup>312</sup>. O veredito desse comit  foi esquecido, mesmo em Princeton.

Assim, quando Buchman morreu em 1961, as antigas acusa es foram ressuscitadas, e o único membro do comit  de investiga o ainda vivo, Alexander Smith, que tinha sido Senador dos Estados Unidos por Nova Jersey de 1944 a 1959, sentiu-se constringido a repetir as suas conclusões no *Ex-alunos de Princeton* semanalmente. “No atual estado crítico e confuso do mundo, todos deveríamos estar profundamente gratos a Frank Buchman e ao excelente trabalho que realizou”, acrescentou<sup>313</sup>. Novamente em 1978, num livro semioficial de Alexander Leitch, Secretário Emérito da Universidade de Princeton, publicado pela *Princeton University Press*, a controvérsia   referida de uma forma que perpetua as críticas e, ao mencionar o relatório, omite todas as principais conclusões da comissão de investiga o<sup>314</sup>.

A retirada da rainha Marie de seu chá em Nova Iorque foi um constringimento público e uma mágoa pessoal para Buchman. Suas anota es da época revelam o quão desconcertado ele estava e o quanto ele precisava de segurança interior: 'Recupere o equilíbrio... Há muito o que sofrer... Anime-se, vê forte, está tudo bem. Esqueça.' Ele suspeitava da interven o de “cortesãos”, mas uma biografia recente da Rainha atribui a culpa aos seus “anfitriões oficiais” e, por implica o, aos acontecimentos. Ao chegar   cidade, a Rainha Maria recebeu uma recep o tumultuada e o que o *New York Times* descreveu como “provavelmente o mais implacável bombardeio de câmeras... na história do mundo”. 'Entusi stica e entusiasmada, ela nunca perdeu a compostura ou o bom humor, mesmo com os representantes muitas vezes c nicos da imprensa.' Depois de uma visita a Washington para se encontrar com o presidente Coolidge, ela regressou a Nova Iorque com uma forte constipa o e s  o seu “treinamento real” lhe permitiu desafiar o médico e permanecer de p . 'Objeto de luxúria social descontrolada, a Rainha ficou irritada com a "terrível competi o" entre seus patrocinadores por sua aten o... Pressionada por seus anfitriões oficiais para afastar Buchman, Marie e seus filhos hesitaram. O repúdio público a

---

<sup>312</sup> *Time*, 18 de julho de 1927.

<sup>313</sup> *Princeton Alumni Weekly*, 22 de setembro de 1961.

<sup>314</sup> Alexander Leitch: um companheiro de Princeton (Princeton University Press, 1978), p.87.

um velho amigo, disse a Rainha, era contra o seu "credo" real<sup>315</sup>. No domingo, 24 de outubro, ela compareceu à Igreja do Calvário pela manhã, mas apenas o Príncipe Nicolas compareceu à recepção de Buchman.

Buchman redigiu imediatamente uma carta alertando-a contra o risco de pôr em perigo "o desenvolvimento moral e espiritual dos seus filhos". Não se sabe exatamente o que foi enviado. 'A Rainha Maria está infeliz desde que recebeu sua carta. Escreverei na íntegra', observou ele um pouco mais tarde. Ela havia retornado à Romênia, onde a doença terminal do rei Fernando havia começado e onde, com o príncipe Carol em Paris tendo renunciado ao seu direito à sucessão, ela estava no meio de uma crise constitucional. Sua carta manuscrita de quatro páginas endereçada, como sempre, ao "Tio Frank" foi datada de 15 de abril de 1927.

Ela agradeceu-lhe pelas boas-vindas e, como um mártir dos ataques injustos de um jornal a outro, desejou que ele estivesse saindo claro e forte das dificuldades acumuladas em seu "caminho corajoso". Ela perguntou-lhe se ele achava que ela pertencia às virgens tolas que não acendem as suas lâmpadas, e disse que tentava viver tão honestamente, pensar tão honestamente, agir tão honestamente quanto possível, embora soubesse que não era perfeita.

Buchman respondeu agradecendo-lhe pela sua 'carta franca': 'Você é maravilhosa do ponto de vista humano, mas a verdade é que lhe falta o poder máximo... Tio Frank não pode e não deve convencer você do pecado - deve ser o Espírito Santo. Estou pensando nos dias futuros e se você tivesse esse poder como uma posse, o futuro poderia ser mudado... Tenho certeza de que você tem cristianismo suficiente para levá-lo ao céu, mas há o perigo de seu cristianismo às vezes ser sentimental. Sinto que há muito mais que Ele lhe deseja dizer se você mantiver a disciplina de um período de silêncio matinal e a entrega do eu e dos planos humanos à Sua vontade e ao Seu caminho.

'Que esperança existe para a realeza ou para qualquer outra pessoa senão o renascimento?... pode a "voz mansa e delicada" ser o fator decisivo em situações políticas, como as que enfrentamos nestes dias de crise? Deixe-me dizer, com a maior convicção, que é a única coisa que o fará.

'Fico profundamente comovido quando você me pede para manter um grande lugar em meu coração para as crianças: sempre faço isso com prazer. Deixemos a mãe e os filhos

---

<sup>315</sup> Pakula, pp. 345–6, 350.

irem longe o suficiente para se divertirem na vida cristã. É um romance imbatível! É a maior aventura da vida. Com o mais raro sentimento de companheirismo com você. . . Seu amigo dedicado<sup>316</sup>.'

Diante das dificuldades decorrentes da briga de Princeton e da ampla publicidade condenatória, Buchman reagiu com um misto de fé, obstinação e mágoa. Ele escreveu a George Stewart Jr: 'Passei estas semanas com uma paz que excede a compreensão humana, vivendo no grande vórtice giratório com o máximo silêncio, sem ressentimento, sem má vontade<sup>317</sup>. ' Certamente o artigo New York-American relatou que 'ele sorriu calmamente e negou sem veemência' as várias acusações apresentadas contra ele. Mas sua carta a Purdy reclamando que ele próprio não havia sido inocentado também acusou Purdy de deslealdade para com ele pessoalmente. Isto foi injusto para Purdy, que tinha pregado firmemente as suas cores durante a investigação e num comunicado de imprensa à Associated Press que a agência não tinha enviado. Purdy parece ter entendido a dor por trás da acusação pessoal e enviou de volta uma carta com compaixão, mas com firmeza, declarando sua visão dos acontecimentos.

No auge da crise, Buchman disse: “Estamos desacreditados internacionalmente” e foi embora para ficar sozinho. Ele voltou algumas horas depois dizendo que toda a situação seria “uma caixa de ressonância para a nação”.

Sete anos mais tarde, Henry van Dusen, que tinha defendido os colegas de Buchman perante a comissão, mas que se distanciou pouco depois, estimou que Buchman tinha ficado com "não mais de meia dúzia de pessoas em ambos os lados do Atlântico" preparadas para trabalhar com ele<sup>318</sup>. Essa foi uma subestimação ridícula, mas mostrou quão profundamente o caso havia afetado a mente de Princeton.

---

<sup>316</sup> Buchman à Rainha Maria da Romênia, 15 de abril de 1927.

<sup>317</sup> Buchman para o Dr. George Stewart Jr, 3 de dezembro de 1926.

<sup>318</sup> Van Dusen, Atlantic Monthly, julho de 1934.

————— XIII —————

## OXFORD E ÁFRICA DO SUL

Quando a derrota ameaçava, o instinto de Buchman era atacar. Então ele organizou o que acabou sendo a maior festa americana até então, no Lago Minnewaska, no estado de Nova Iorque. J. Ross Stevenson, o diretor do Seminário Teológico de Princeton, que apoiou Buchman durante a controvérsia, e os professores Alexander Smith e W. B. Harris vieram de Princeton.

Cinco vieram de Oxford. Um deles, J. P. Brock, bolsista sul-africano da Rhodes na *University College*, surpreendeu seu tutor ao pedir permissão para adiar seus exames finais por um ano para poder comparecer. As autoridades do colégio debateram o assunto, consideraram que era um erro, mas deixaram-no ir porque sentiram que uma convicção genuína estava subjacente ao pedido. No ano seguinte, ele faria as provas finais com grandes honras e mais tarde tornou-se professor de medicina na Cidade do Cabo.

Um mês após a demissão, os três líderes da Sociedade de Filadélfia, juntamente com Eleanor Forde<sup>319</sup>, uma canadiana e a primeira mulher a viajar internacionalmente com os Grupos,<sup>320</sup> estavam em Oxford. Kenaston Twitchell, de Princeton, que se casou com Marion, filha de Alexander Smith, já estudava em Balliol e juntos reforçaram o trabalho que vinha sendo construído desde o retorno de Loudon Hamilton.

Julian Thornton-Duesbery, então capelão de Corpus Christi, realizava uma reunião semanal em seu escritório, mas os números logo o forçaram a ir para a sala de aula abaixo, e cinquenta compareceram para uma festa na vizinha Wallingford, no verão de 1927. Eles eram um representante médio da universidade, embora alguns, como Dickie Richardson, que em breve seria capitão do boxe, fossem esportistas entusiasmados, e outros, como Brock, acadêmicos notáveis. Havia também alguns membros seniores da universidade, como o Rev. G. F. Graham Brown, diretor do Wycliffe Hall, o colégio teológico anglicano, cujo interesse resultou de uma pequena reunião em Londres, presidida por Buchman. Ele entrou na sala e encontrou um americano, obviamente bêbado, abusando de Buchman com as fofocas de Princeton. Todos pareciam desconfortáveis, exceto Buchman, que o deixou terminar e depois

---

<sup>319</sup> Agora Eleanor Newton.

<sup>320</sup> Como o trabalho de Buchman estava começando a ser conhecido informalmente.

disse: 'Tudo bem, agora você vai se sentir muito melhor.' No dia seguinte, o jovem americano procurou a ajuda de Buchman para sua própria vida. Graham Brown costumava dizer que aprendeu mais com a maneira como Buchman lidou com esse incidente do que com muitos anos de ensino universitário.

Tal como em Princeton, o crescimento do interesse não dependeu da presença de Buchman, porque ele passou relativamente pouco tempo em Oxford, e surgiu menos da novidade da doutrina do que da evidência de mudanças na vida das pessoas.

Alguns dos novos convertidos começaram a recrutar amigos (e inimigos) com extremo ardor; outros demonstraram uma indiferença que beirava a apatia. “Eu costumava jogar golfe de segunda categoria com um estudante de teologia chamado Chutter”, diz Alan Thornhill, que então estudava no Wycliffe Hall. “Ele era um sujeito muito indisciplinado, mas de repente começou a acordar cedo, então perguntei o que havia acontecido com ele.

' "Oh", ele disse, de uma forma muito espontânea, "eu conheci algumas pessoas interessantes."

' "Bem, quem são eles?" Perguntei.

' "Eles são apenas um grupo de colegas da universidade que estão colocando o cristianismo em prática."

' "É permitido que outros conheçam essas pessoas misteriosas?" Eu disse.

' "Não tenho certeza", disse Chutter, "mas vou descobrir." Bem, claro, isso despertou minha curiosidade e, na próxima vez que o vi, perguntei se seus amigos já haviam decidido se se dignariam a me receber. “Sim”, disse ele, “venha amanhã”, então fui a uma reunião depois do almoço na biblioteca da Igreja Universitária, St Mary's.

“Era uma reunião de mais quatro”, lembra Thornhill, “e um ou dois deles já estavam com equipamento de remo. Eu conheci cristãos que prenderam você, mas não foi nada disso. Eles me pareceram um grupo muito normal e falaram sobre Deus e sua própria experiência de uma forma muito natural, com humor e honestidade.

“Naquela altura, é claro, eu nem tinha ouvido falar da existência de Buchman. Certamente ninguém o mencionou na reunião. Então fui convidado para outra reunião e havia cerca de trinta pessoas lá.

“Alguém sugeriu que todos tivéssemos um momento de silêncio, mas a ideia de ouvir Deus era uma novidade para mim e, quando chegou a minha vez de falar, não tinha a menor

ideia do que dizer. Então eu disse a eles que tinha estado no *New Theatre* na noite anterior com um estudante chinês. Era uma revista bastante decadente e ele ficou um pouco envergonhado com as coristas. Eu me senti péssimo depois, porque ele obviamente não gostou. “Agora, qual é a atitude cristã certa a fazer em tais circunstâncias?” Eu disse – tentando iniciar uma discussão intelectual no estilo aprovado de Oxford.

'Uma voz de algum lugar atrás de mim surgiu e disse: 'E o que você fez?'

“Eu não tinha ideia de quem disse isso, mas isso estourou a bolha e foi ao cerne da questão. "Bem, nada, na verdade", eu disse, sentindo-me bastante desconfortável.

“Então Buchman, porque era ele mesmo, contou uma leve história teatral para me deixar à vontade. "Mas pense", acrescentou ele, "que força para Deus o teatro poderia ser no mundo!" Ele era vigoroso e elegante, usava óculos sem aro e terno de tweed, e era obviamente americano.

“Quando o conheci um pouco, achei-o simpático, mas um pouco desajeitado, um bom homem que faria um trabalho útil se conhecesse melhor Oxford. Ele dizia coisas como: “A banana que sai do cacho sempre fica sem casca”. "Mas, Frank", eu disse, "esse é o propósito de uma banana", mas ele apenas riu e repetiu isso quatro vezes. Então ele costumava dizer que P-R-A-Y significava Powerful Radiograms Always Yours. Que horrível, eu pensava!

Apesar da falta de carisma exterior de Buchman, cada vez mais pessoas começaram a ficar intrigadas com as mudanças que podiam ver ocorrendo na vida de seus amigos ou alunos. À medida que o interesse crescia, porém, também crescia a oposição.

Nos primeiros meses de 1928, o número de rapazes e moças que compareciam às reuniões era tão grande que, em fevereiro, os amigos de Buchman decidiram alugar o salão de baile do Randolph, o maior hotel de Oxford. O *Daily Express* ficou sabendo disso e em 27 de fevereiro publicou uma matéria sob o título “Cenas de Reavivamento em Oxford”. Estranha nova seita dos estudantes de graduação. Reuniões de Oração em um Lounge', que trazia ecos inconfundíveis de Princeton.

O repórter disse que “um renascimento religioso sensacional está causando excitação e alguma consternação entre os estudantes de graduação de Oxford”. O foco principal, escreveu ele, era um grupo que se reunia todos os domingos à noite no salão privado do maior hotel de Oxford, e a confissão pública de pecados era uma característica dessas reuniões.

«Tal provação», continuou ele, «envolve naturalmente uma violenta tensão emocional e, no caso de um ou dois jovens de temperamento nervoso, os infelizes resultados da sua «conversão» provocaram comentários severos e dizem estar atraindo a atenção das autoridades universitárias.'

No entanto, aparentemente houve poucos sinais dessas tensões violentas na reunião em que participou, nem ele pôde relatar uma única confissão interessante feita, ou qualquer resultado infeliz específico. Estavam presentes, segundo ele, 125 homens, quase todos estudantes de graduação. «As suas calças cinzentas largas e os cigarros que fumavam livremente ajudaram a criar a atmosfera de informalidade que caracterizou toda a reunião. Houve tanta devoção quanto discussão durante as duas horas que ali passavam, mas houve ausência até mesmo do cerimonial elementar de ficar em pé ou ajoelhar-se. Eles apenas ficavam sentados em poltronas, mesmo quando conversavam.'<sup>321</sup>

O Express também publicou, no mesmo dia, um editorial amplamente aprovador, dizendo que era inspirador que houvesse sinais de uma “profunda agitação do sentimento religioso” em Oxford, e que, embora fosse fácil ridicularizar tais buscas juvenis na realidade das coisas espirituais, 'estas são as aventuras que, quando empreendidas com seriedade e sinceridade, fermentam a vida, mantêm o materialismo sob controle e fortalecem a alma da próxima geração'.<sup>322</sup>

Tal inconsistência foi, sem dúvida, o resultado de o editorial e o relatório terem sido obra de mãos diferentes. O repórter era Tom Driberg, mais tarde presidente do Partido Trabalhista, que recentemente deixara a Igreja de Cristo sem diploma, mas com uma reputação entusiasmante em festas de magia negra, e ingressara no *Daily Express* a título experimental.

Driberg seguiu com uma segunda peça no dia seguinte. “Os membros do novo culto”, escreveu ele, “dão as mãos num grande círculo e, um após o outro, aparentemente “inspirados”, fazem uma confissão completa dos seus pecados.”<sup>323</sup> Mais uma vez, nenhum confessor foi nomeado ou a confissão real foi citada.

---

<sup>321</sup> Daily Express, 27 de fevereiro de 1928.

<sup>322</sup> Ibid.

Um diretor de faculdade (não identificado), acrescentou, disse-lhe que “essa divulgação indiscriminada dos próprios sentimentos deve certamente produzir uma espécie de emoção entre os ouvintes, que dificilmente pode ser descrita por qualquer outra palavra que não seja sensual”. Era, teria dito o diretor da faculdade, “um sensualismo mórbido mascarado sob o disfarce de religião”.

Dada a natureza dos supostos envolvidos, a história parece improvável, para dizer o mínimo. A ideia de um capitão de boxe universitário de mãos dadas com um grupo de remadores exige um salto considerável de imaginação.<sup>324</sup> Driberg continuou. 'Os universitários americanos aqui declararam que as autoridades da Universidade de Princeton, onde se diz que o movimento se originou, o interromperam assim que souberam de sua existência.'

O terceiro artigo, no dia seguinte, foi menos sensacional, possivelmente porque quatro homens de Oxford esperaram pelo editor do jornal e exigiram reportagens mais precisas.<sup>325</sup>

No domingo seguinte, por sugestão do Rev. Graham Brown, a reunião foi transferida do Randolph Hotel para St. Mary's, a Igreja da Universidade, e o *Daily Express* presunçosamente relatou que, devido à sua publicidade, o salão de baile Randolph era agora pequeno demais.<sup>326</sup> Duas cartas contemporâneas a Buchman acrescentam alguns antecedentes interessantes. 'O escritor dos artigos obscenos do *Express* na semana passada', relatou o primeiro, 'apareceu ontem à noite com cerca de 20 companheiros estranhos da Igreja de Cristo, chefiados por alguém que costumava estar em Princeton, na esperança de poder perturbar a reunião. Eles não perceberam que ele havia sido transferido para St Mary's. Encontrando o salão de baile vazio, eles jogaram algumas cadeiras e partiram. Um relatório posterior acrescentou: “Alguns dos homens responsáveis por estes artigos vieram para o grupo e nos contaram sobre o estado de espírito meio cínico e brincalhão que se combinou com a imaginação fértil para produzi-los”, e afirmou que um dos estudantes de graduação

---

<sup>324</sup> Thornton-Duesbery comenta: 'Os artigos não afirmam que o escritor ouviu tais confissões, nem fornece um único nome de alguém que tenha confessado isso ou que afirme ter ouvido tais confissões. Sem dúvida, como um bom jornalista, ele teria feito isso se pudesse. Ele não poderia porque tais coisas não aconteciam. Estive presente em praticamente todas essas reuniões de Oxford, e ninguém deu as mãos, nem houve quaisquer confissões desagradáveis ou emocionais por parte dos estudantes de graduação.' Segredo do RAM, Blandford, 1964, pp. 10-11.)

<sup>325</sup> *ibid.*, 1º de março de 1928.

<sup>326</sup> *ibid.*, 5 de março de 1928.

envolvidos trouxe consigo para a reunião inexistente um relato altamente colorido de seus procedimentos e de como eles a interromperam com desgosto.<sup>327</sup>

Sem dúvida que o editor do *Daily Express* não tinha conhecimento destas palhaçadas, pois foi esta série - "o meu primeiro "furo", a primeira história, penso eu, num jornal de grande circulação" sobre o Grupo Oxford - que confirmou Driberg no seu trabalho, que mais tarde se desenvolveria em seu longo e brilhante mandato como colunista do jornal sob o pseudônimo de 'William Hickey'.

Buchman não ficou particularmente desanimado. No dia seguinte ao artigo hostil, ele escreveu: "Nada a temer. Louve a Deus. Tudo está bem. Durma."

Os ataques da imprensa suscitaram, de fato, um certo apoio. O *Oxford Times* de 2 de março declarou que «definitivamente não se trata de uma nova seita religiosa. É um esforço para compreender mais plenamente o valor do Cristianismo aplicado mais especialmente à vida e aos problemas cotidianos', enquanto o *Church Times*, que cobriu uma de uma série de *At Homes* dada por Lady Beecham em sua casa em Grosvenor Square, relatou que ' Um por um, os jovens se levantaram... e contaram da maneira mais simples possível como a influência de Frank Buchman... havia alterado completamente suas vidas, tornando-os pessoas reais em vez de posters... O Buchmanismo claramente não é um "ismo". ", no sentido de que tem princípios próprios... O seu efeito sobre o indivíduo é, até onde pude perceber, converter a religião convencional numa religião real e pessoal.<sup>328</sup>

Os ataques, no entanto, continuaram. A. P. Herbert, um dos humoristas mais divertidos da época, produziu uma sátira em *Punch* obviamente baseada nos recortes de Driberg<sup>329</sup> e, no início do semestre de verão, a revista de graduação de Oxford *Isis* exigiu a remoção dos "Buchmanitas" da universidade. 'O buchmanismo', declarou, 'está florescendo... Numa atmosfera que oscila entre risos e fanatismo, a moderação é deixada de lado.' As autoridades, continuou, pareciam alarmadas, mas permaneciam apáticas. Já era hora de algo ser feito.<sup>330</sup>

---

<sup>327</sup> Anônimo. Para Buchman, 5 de março de 1928 e posteriormente (Martin MSS).

<sup>328</sup> Tom Driberg: *Governando Paixões* (Jonathan Cape, 1977), p.98.

<sup>329</sup> *Punch*, 14 de março de 1928.

<sup>330</sup> *Ísis*, 16 de maio de 1928.

O artigo do Isis teve um efeito insignificante na Grã-Bretanha, mas foi retomado tanto pela *Time*<sup>331</sup> como pelo *New York Times*, que acrescentou, como sua própria contribuição, que as autoridades universitárias estavam a pedir a expulsão de Buchman e dos seus seguidores.<sup>332</sup>

Alguns membros seniores da universidade já haviam defendido Buchman. Depois, em 23 de junho, apareceu no *The Times* uma carta com onze assinaturas académicas, incluindo os diretores de duas faculdades, referindo-se a relatórios que circulavam sobre o trabalho de Buchman e declarando: 'Pelo que observámos dos resultados deste trabalho, é nossa convicção que esta crítica surgiu de mal-entendidos e rumores infundados e deturpa o espírito do trabalho.' No mesmo dia, o *Manchester Guardian* descreveu o trabalho de Buchman como “extraordinariamente impressionante” e previu que teria “uma influência grande e crescente”.

Enquanto isso, o *Express* publicou uma declaração do Cônego L. W. Grensted, capelão e membro do *University College* e professor universitário de psicologia: 'Tenho visto muitos líderes do grupo e gostaria de prestar testemunho não apenas dos à sanidade geral com que organizaram os seus esforços, mas também à sua real eficácia. Os homens que conheci - e são apenas alguns entre muitos - não só encontraram uma fé mais forte e uma nova felicidade, mas também fizeram progressos definitivos na qualidade dos seus estudos e no seu atletismo.'<sup>333</sup>

Naquele mesmo verão de 1928, seis homens de Oxford foram para a África do Sul nas férias prolongadas. Cinco, como Brock, eram sul-africanos, e o partido também incluía Loudon Hamilton e Eric van Lennep, o jovem holandês. O primeiro problema foi aumentar as tarifas. “Começamos a orar por dinheiro”, lembrou Hamilton. “Lembro-me de abrir uma conta no *Chartered Bank* sem nada dentro, mas por vários meios misteriosos o dinheiro começou a chegar. Não escrevemos uma linha, nenhuma carta, mas logo tínhamos o suficiente para aqueles que, como eu, precisavam de dinheiro para a passagem. Outros, como van Lennep, poderiam muito bem pagar por si próprios.

---

<sup>331</sup> *Time*, 28 de maio de 1928.

<sup>332</sup> *New York Times*, 17 de maio de 1928. Um dos que espalharam esse boato foi o Rev. F.D.V. Narborough, que foi capelão da Universidade de Worcester, 1922-6.

<sup>333</sup> *Daily Express*, 5 de março de 1928.

Buchman foi informado deste empreendimento depois de ter sido planeado e não fez nenhuma tentativa de controlar ou dirigir as suas atividades na África do Sul. A única precaução que ele tomou foi dizer a cada um dos participantes separadamente para ser o responsável - um estratagema que veio à tona a bordo do navio quando um deles convocou uma reunião em sua própria cabine, apenas para encontrar resistência de todos os outros. Ver James Lang, Carta 5, Natal de 1928. Também Carta 7, abril de 1930, pp. que recebeu instruções semelhantes. 'Ocorreu-nos', disse Hamilton, 'que ele queria que todos nós estivéssemos igualmente no comando - que fôssemos uma equipe responsável.' A única mensagem que Buchman enviou durante toda a viagem foi um telegrama dizendo que ele próprio viria no ano seguinte.

Apesar da sua inexperiência, esta equipe de jovens causava uma impressão considerável aonde quer que fosse. James Lang, diretor da Universidade Gray, a antiga escola de Brock em Port Elizabeth, encontrou “algo franciscano na naturalidade da abordagem e na simplicidade do método”<sup>334</sup>, e o ministro presbiteriano mais popular em Pretória, Ebenezer Macmillan, falou publicamente da nova experiência que ele encontrou através deles. 'Basta ouvi-los', disse ele à sua congregação, 'para perceber que eles se apoderaram de algo que não obtivemos, ou que uma vez tivemos e perdemos. L. P. Jacks fala do brilho perdido da religião cristã – foi exatamente isso que eles encontraram.’<sup>335</sup>

A visita teve um efeito colateral inesperado. Quase desde o início, os jornais - procurando uma frase de efeito simples para descrevê-los - rotularam-nos de "Grupo de Oxford".<sup>336</sup> Conta-se a história de que um atendente de um vagão-leito, em busca de um nome para colocar em seu compartimento, usou a frase para o grupo de jovens que só tinham Oxford em comum - e que a imprensa que os encontrou a pegou. O nome pegou porque descrevia a festa com muita exatidão. Francis Goulding - formado em St John's, que na época trabalhava em tempo integral com Buchman - lembra-se de ter recebido a notícia de que esse nome estava sendo geralmente usado: 'Ele não estava entusiasmado, mas disse: "Se tem que ser chamado de alguma coisa, isso é tão bom quanto qualquer coisa.

---

<sup>334</sup> Ver James Lang, Carta 5, Natal de 1928. Também Carta 7, abril de 1930, pp.

<sup>335</sup> Pretória News, 10 de setembro de 1928.

<sup>336</sup> O Sunday News de Durban (6 de junho de 1939) atribuiu isso a John Geary do Pretoria News, que 'tinha o dom de cunhar frases, a mais famosa das quais é "The Oxford Group"'. Usado pela primeira vez, Pretoria News, 10 de setembro de 1928.)

Nos primeiros meses após as dificuldades de Princeton, com o Tempo logo atrás, Buchman parece ter sentido alguma necessidade de restaurar o equilíbrio no seu próprio país. Em setembro de 1927, ele escreveu à Sra. Tjader perguntando se ela poderia providenciar para que seu nome fosse inscrito no Registro Social de Nova Iorque. “Sinto que, pelo bem do trabalho, isso deveria ser feito”<sup>337</sup>, disse a ela. Ele não precisava ter se preocupado. A procura de festas em casa, tanto na Europa como na América, cresceu de forma constante.

Houve uma série de reuniões consideráveis no norte do estado de Nova Iorque e na Nova Inglaterra; três num ano em Rhederoord, na Holanda, um quarto em Wassenaar; dois em Melrose, na Escócia; mais dois em Cambridge; enquanto uma festa em casa no Beauregard Hotel em Wallingford se tornou um evento padrão antes do início de cada período letivo em Oxford.

Essas ocasiões há muito deixaram de ser assuntos privados em residências particulares devido ao crescimento do número. Cada vez mais eram realizados em hotéis e despertavam cada vez mais a curiosidade de todo tipo de investigador, amador e profissional.

Alguns, como Kenneth Irving Brown<sup>338</sup>, declararam que não houve “nenhuma sensação de algo estranho, nenhuma alegria emocional consciente, nenhuma solenidade piedosa”, que, pelo contrário, “a religião foi discutida com facilidade, humor e naturalidade”. Na mesma linha, o Reverendo Graham Baldwin<sup>339</sup> relatou que, em reuniões pontuadas por explosões regulares de risadas, todas as barreiras eram derrubadas.

Por outro lado, J. C. Furnas, ao relatar uma festa em casa no final de 1927,<sup>340</sup> considerou claramente toda a ocasião repugnante. Ele falou da “voz oleosa” de Buchman, dos quartos “decididamente abafados”, “de um desejo pueril por detalhes mórbidos”.

Tendo em conta o número de pessoas que afirmam ter ouvido confissões públicas imprudentes, algumas devem ter ocorrido. Contudo, eu mesmo assisti às reuniões a partir de 1932 e não me lembro de ter ouvido nenhuma. Cuthbert Bardsley, durante alguns anos colega de Buchman, disse após sua aposentadoria do Bispado de Coventry: 'Nunca me deparei com confissões públicas em festas domésticas - ou muito, muito raramente. Frank tentou impedir

---

<sup>337</sup> Buchman para a Sra. Tjader, setembro de 1927.

<sup>338</sup> 'Uma festa em casa religiosa' Outlook, 7 de janeiro de 1925.

<sup>339</sup> A. Graham Baldwin, 'Um estudo crítico do movimento chamado Buchmanismo' - Tese de Divindade da Universidade de Yale, 1928.

<sup>340</sup> Plain Talk (Nova York), dezembro de 1927.

isso... e ficava muito irritado se as pessoas ultrapassassem os limites da decência. Diz-se que Buchman disse uma vez, quando um clérigo falou tolamente: 'Acho que teria sido mais sensato se ele tivesse sido controlado, mas, é claro, não se pode esperar que cada pároco fale com bom senso. Alguns deles, infelizmente, não.'

Pessoas diferentes, porém, ficam aparentemente chocadas com coisas diferentes. Ao discutir este livro com um velho amigo, um colega socialista, em 1982, perguntou-me subitamente se “todas aquelas confissões” dos anos trinta ainda existiam. Pensando que ele devia estar se referindo ao tipo de coisa registrada por Furnas, perguntei: 'Que confissões?' 'Bem', ele respondeu, 'uma vez participei de uma reunião em Oxford, e Austin Reed (o fabricante de roupas da *Regent Street*) se levantou e disse que teve que revisar toda a estrutura de preços em suas lojas porque estava cobrando caro demais.' Deve ter sido doloroso para um homem tão reticente como Austin Reed fazer tal admissão, mas pareceria ser o tipo de observação que levaria outros homens de negócios a examinarem as suas consciências, algo que se esperaria que um Socialista acolhesse bem.

Como sempre, as críticas não parecem ter desviado Buchman. Quando o *Atlantic Monthly* solicitou um artigo sobre o movimento, Buchman disse ao seu autor, John Roots, que deveria ser bastante categórico sobre a atitude do Grupo de Oxford em relação ao tema do sexo. 'Nós', escreveu ele ao Roots, 'enfrentamos problemas sexuais sem hesitação na mesma proporção em que eles são encontrados e mencionados naquele registro confiável, o Novo Testamento... Ninguém pode ler o Novo Testamento sem enfrentá-lo, mas nunca às custas daquilo que consideram pecados mais flagrantes, como a desonestidade e o egoísmo.'<sup>341</sup>

Dr. J. W. C. Wand, então reitor do *Oriel College* e mais tarde bispo de Londres, deu suas impressões na edição de agosto de 1930 da *Theology*. Depois de afirmar que “houve numerosos exemplos registrados do maravilhoso sucesso do Dr. Buchman com indivíduos, revelando-lhes sem rodeios o pecado real em suas próprias vidas”, ele acrescentou: “Isto, note-se, é o pecado interpretado tão amplamente quanto nos evangelhos. Ouve-se mais falar de egoísmo, orgulho e má vontade do que qualquer outra coisa, e é melhor que a acusação de que o “Buchmanismo” esteja indevidamente preocupado com questões sexuais seja rejeitada como um mero disparate.'

---

<sup>341</sup> Buchman para John Roots, 23 de julho de 1928.

Na primavera de 1929, Buchman partiu para a Europa a caminho da África do Sul. Seu único companheiro de viagem era um graduado de Yale chamado McGhee Baxter. Baxter era um alcoólatra que já havia se divorciado, mas conheceu Buchman no outono anterior e decidiu recomeçar. Embora muito consciente de seus problemas contínuos, Buchman depositava nele as maiores esperanças.

“M.”, observou ele certa manhã, “poderia avançar rumo a uma liderança triunfante. O que é necessário é a luz clara de Deus em cada canto e recanto de nossas vidas. As subcaves e o depósito de carvão precisam de ser limpos. Nunca perca o cuidado de Deus por M. Faça com que M. compartilhe com você qualquer uma de suas horas solitárias e de vigília... M., uma testemunha do Espírito.’

Ele levou Baxter consigo aonde quer que fosse naquele verão, a festas em Wallingford e Scheveningen, na Holanda, a Baden-Baden e à casa de Hesse, na Alemanha. Durante a maior parte do tempo, Baxter permaneceu sóbrio e, quando Buchman partiu para a África do Sul quinze dias antes do corpo principal de sua equipe, Baxter foi novamente com ele.

Foi uma decisão extraordinária. Esta foi a primeira vez que Buchman levou uma equipe para o exterior sob seu novo selo do Grupo de Oxford. Muitas críticas já haviam sido dirigidas a ele, e sabia perfeitamente que seria novamente o foco de considerável interesse da imprensa e do público quando chegasse. Ele parece ter estado pronto para assumir riscos que qualquer pessoa que pretendesse construir uma obra de prestígio consideraria imprudente.

No Castelo de Arundel, Baxter enfrentou todas as deliciosas tentações da vida a bordo do navio. 'M. difícil', observou Buchman certa manhã. 'Esteja preparado para o pior.' Ao mesmo tempo, ele sabia que nunca ajudaria Baxter tentando contê-lo e confiná-lo - e não tinha intenção de fazê-lo. “Em todas as ações com M. o céu é o limite”, escreveu ele num momento de silêncio.

Na noite anterior ao desembarque na Cidade do Cabo, Baxter entrou sorrateiramente em uma festa da noite anterior e, na manhã seguinte, estava completamente bêbado. Buchman lutou para vesti-lo antes do navio atracar e, enquanto Baxter era conduzido silenciosamente para fora do navio por Loudon Hamilton, que havia permanecido na África do Sul desde o ano anterior, ele respondeu a perguntas da imprensa. Mesmo assim, ele não perdeu a fé em

Baxter, que na verdade provou ser um membro eficaz, embora errático, da equipe de Buchman durante os três meses e meio na África do Sul.

Uma das pessoas do grupo de 29 que se juntou a Buchman foi Eleanor Forde, a quem Baxter vinha perseguindo há algum tempo com propostas de casamento. Logo depois que o grupo principal chegou à Cidade do Cabo, eles foram passear juntos na praia. Um jornalista atento os fotografou; a foto apareceu em seu jornal. Eleanor temeu que a imagem desse uma impressão errada, no início, de Buchman e seu grupo, e retirou-se para seu quarto aos prantos. Uma hora depois, houve uma batida na porta. Do lado de fora estava Buchman, com uma única rosa vermelha que ele lhe deu sem dizer uma palavra.

A turnê consistiu principalmente em cinco grandes festas em casa, cada uma em ou perto de uma das maiores cidades da África do Sul. Cada uma delas durou dez dias e aconteciam em um hotel de tamanho considerável e todas atraíram muita gente. Entre 600 e 700 pessoas compareceram à festa realizada a trinta quilômetros da Cidade do Cabo.

“Em Joanesburgo eu era apenas um guarda de trânsito orientando as multidões”, disse Loudon Hamilton. “Parece que nunca conseguimos terminar uma reunião. Se alguém na plateia se levantasse para sair, sempre havia pelo menos três outros esperando para ocupar seu lugar. O método nessas reuniões era muito



Na África do Sul, 1929. McGhee Baxter (2º à esquerda), Sherwood Day, George Daneel, Lily van Heeckeren (7º à esquerda) e Buchman (à direita). © Rand Daily Mail

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

simples. 'Quem quer que estivesse liderando simplesmente pediria aos outros membros da equipe itinerante que contassem a história de sua mudança.'

«A mensagem nas reuniões foi direta e pessoal», recorda Eleanor Forde. 'Filas de pessoas vinham até nós depois e pediam uma palestra. Antes de partirem, certificamo-nos de que tinham compreendido completamente a questão dos padrões morais absolutos e depois marcamos encontros com eles no dia seguinte, um após o outro, durante vinte minutos.

“Respeite esses padrões antes de nos reunirmos e então falaremos sobre ouvir a Deus”, diríamos.

“É claro que eles não viriam no dia seguinte, a menos que estivessem falando sério, mas quase todo mundo veio. Então eles vinham e tinham tudo escrito, as coisas que surgiram foram as coisas mais profundas em suas vidas. Então eles se ajoelhariam e tomariam a decisão de entregar suas vidas a Deus, e então iriam embora e mudariam outras pessoas. Todas as idades - uma era diretora de uma escola para meninas e outra era diretora de um grande hospital em Joanesburgo. Foi por isso que ela nos pediu para ficarmos na casa de suas enfermeiras.

“Fiquei muito impressionado com eles”, lembra Bremer Hofmeyr, então um estudante universitário que em breve se tornaria bolsista Rhodes em Oxford. “Eu estava acostumado com shows individuais, mas não era assim. O próprio Buchman liderou algumas das reuniões - ele era impecável e agia com muita agilidade - mas minha impressão geral não era de uma pessoa, mas de um grupo.’

A visita do Grupo tocou todos os tipos de pessoas, algumas sem querer. O Bispo Karney de Joanesburgo, pregando perante o Governador-Geral, o Conde de Athlone, e a sua esposa, a Princesa Alice, admitiu que tinha ido à festa em Bloemfontein 'cansado e cansado e não um pouco crítico', mas que tinha voltado 'me sentindo muito mais humilde do que fui. Fiquei profundamente comovido’;<sup>342</sup> enquanto o Bispo Carey de Bloemfontein declarou que agora sentia “a necessidade de muito mais poder para alterar e recriar as vidas das pessoas comprometidas comigo” e estava “procurando descobrir onde posso alterar ou mudar”.<sup>343</sup>

O governador-geral era amigo da família dos van Heeckeren. Lily van Heeckeren ficou na Casa do Governo enquanto estavam em Pretória, e Athlone esperava acordado todas as noites para ouvir o que o grupo estava fazendo naquele dia. Ele convidou Buchman para um chá e perguntou especificamente como o grupo havia alcançado um jovem africânder notável como George Daneel, que havia sido membro da equipe Springbok Rugby de 1928.

Naquela época, Daneel estava treinando para ser ministro na Igreja Reformada Holandesa e ainda era um tanto inocente. Buchman começou a ensiná-lo a lidar com pessoas individuais. Certa noite, ele deixou-o e um amigo, Don Mackay, para ficar de olho em Baxter,

---

<sup>342</sup> Jornal da Igreja da Inglaterra, 6 de dezembro de 1929.

<sup>343</sup> Estrela de Joanesburgo, 22 de agosto de 1929.

que estava mais do que normalmente atormentado por seu problema crônico e dormindo em sua cama. Daneel e Mackay tiveram uma longa conversa perto da lareira, na sala ao lado. Ao retornar, Buchman perguntou a Daneel como tinha sido.

'Tudo bem, Frank - tudo quieto.'

“Isso parece ruim”, respondeu Buchman.

A investigação revelou que o quarto de Baxter não só estava silencioso, mas vazio, com a janela aberta. Buchman enviou Daneel e Mackay para encontrá-lo. Eles deveriam dividir a cidade em duas e visitar todos os bares. De manhã cedo eles voltaram de mãos vazias. Baxter voltou para casa sozinho às 3 da manhã.

As festas em casa naquela época eram para brancos, mas o grupo visitou Lovedale e a vizinha Fort Hare, as únicas instituições de ensino superior para negros no Cabo. Além disso, a sua visita teve pouco efeito sobre o que era então conhecido como “a Questão Nativa”, mas que não se tinha então colocado de forma tão aguda como se poderia imaginar agora. A questão principal parecia ser a amargura que se alastrava entre os sul-africanos de língua inglesa e africâner, como resultado do tratamento dispensado pelo exército britânico aos civis africâneres durante e após a Guerra dos Bôeres.

Na última festa em Bloemfontein, em setembro, o Professor Edgar Brookes, Professor de Ciência Política na Universidade de Pretória, dirigiu-se aos seus compatriotas de língua inglesa com considerável franqueza. “Temos o problema do racismo entre os sul-africanos de língua inglesa e neerlandesa”, disse ele. 'Cada um de nós, individualmente, fará o seu melhor em relação a isto, mas isso não será feito facilmente ou sem sacrifício... Você deve pedir a orientação de Deus sobre como aprender Afrikaans. Não é dever de todos, mas há alguém aqui que seja preguiçoso ou orgulhoso demais para aprender? Esse é um primeiro passo.

Brookes então desafiou o público sobre sua atitude em relação à “Questão Nativa”. Ele disse que não tinha soluções simples, mas “sei que devemos lidar com isso como Cristo faria se estivesse aqui. . . Não apenas falhamos em fazê-lo. Na verdade, temos sido um obstáculo.<sup>344</sup> Nos anos posteriores, Brookes ingressou na educação africana e tornou-se amigo íntimo do chefe Albert Luthuli, presidente do Congresso Nacional Africano, que o descreveu como 'um dos maiores defensores da defesa pública, da sanidade e moralidade

---

<sup>344</sup> Festa em casa em Bloemfontein, 28 de setembro a 8 de outubro de 1929.

privadas' da África do Sul.<sup>345</sup> As palavras de Brookes e a atmosfera da festa em casa suscitaram uma resposta profunda de muitos dos africânderes. A viúva de um general africâner que morreu num campo de prisioneiros britânico jurou que nunca mais falaria inglês. De repente ela se levantou e, num inglês ruim, pediu perdão aos falantes de inglês por seu ódio.

Um teste da eficácia deste trabalho ocorreria três anos depois, na própria Universidade de Pretória, de Brookes. Um professor de língua inglesa escreveu um livro que ofendeu o povo Africânder. O autor foi coberto de alcatrão e penas pelos indignados africâneres e, na confusão que se seguiu, a universidade tornou-se, em janeiro de 1933, totalmente falante do africâner. Professores de língua inglesa, incluindo Brookes, perderam o emprego. No centro deste movimento estava o professor de Economia, Arthur Norval, cujo pai tinha sido morto pelos britânicos na Guerra dos Bôeres.

Norval foi induzido por sua esposa a participar de uma reunião do Grupo de Oxford na casa de W. H. Hofmeyr, diretor da *Pretoria Boys' High School*. Um dos palestrantes foi o Dr. Brookes. Norval escreveu mais tarde: 'Ao voltar da reunião, passei uma das noites mais terríveis da minha vida... Não poderia continuar odiando e lutando contra os ingleses... mas não pude arcar com os custos, pois percebi que isso significaria ser considerado um pária e traidor entre aqueles que considerava meus amigos mais queridos e com quem lutei durante anos por uma causa... Obedeci a Deus e paguei o preço. No preciso momento em que aceitei o desafio de Deus, o meu ódio pelos ingleses desapareceu completamente do meu ser, e em seu lugar surgiu um amor que não consigo descrever e que tem crescido em intensidade desde então.'<sup>346</sup>

BH Streeter & C.F. Andrés

Pouco depois, Norval convidou a liderança nacional de ambas as comunidades para visitar a Câmara Municipal de Pretória. Durante vinte e cinco minutos ele falou com eles na língua inglesa que jurara nunca mais usar. Ao lado dele estava Edgar Brookes. Durante muitos anos, mesmo até à Segunda Guerra Mundial, essas reconciliações continuaram a ter uma influência contínua. A certa altura, C. F. Andrews viajou para a África do Sul para se opor a alguma legislação anti-indiana. "Fui recebido por novos amigos e ajudantes no

---

<sup>345</sup> Albert Luthuli: Deixei meu povo ir (Collins, 1962), p. 42.

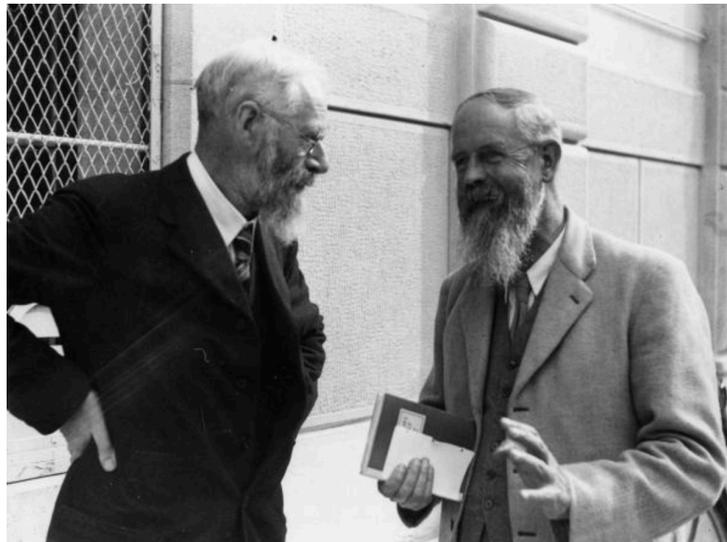
<sup>346</sup> A Nova Testemunha, Montreal, 25 de agosto de 1936.

Grupo”, disse ele ao retornar. “Alguns eram africanos. Outros eram ingleses. O que parecia impossível foi realizado. A legislação hostil foi retirada.<sup>1347</sup>

Seis membros do partido de Buchman decidiram permanecer na África do Sul. Sua equipe não agradou a todos; e até mesmo alguns dos que inicialmente tinham sido ajudados fugiram. Buchman, declararam, não havia mencionado a Cruz ou o Sangue de Jesus Cristo com frequência suficiente e eles iriam corrigir o erro. Chamando-se a si mesmos de The New Experience, eles seriam os primeiros de vários rompimentos do trabalho de Buchman durante a década de 1930. Como mais tarde, a resposta de Buchman foi não fazer nada. Ele não tinha intenção de tentar impor uniformidade.

Ele voltou à Inglaterra em outubro de 1929 com a sensação de que o futuro era brilhante. Enquanto esteve fora, seu trabalho floresceu tanto em Oxford quanto em outros lugares. Na própria Oxford, o Grupo cresceu de forma constante. Os mais novos convertidos incluíam os fundadores de um Clube Universitário de Motociclismo que consideravam viver de acordo com o lema “Uma

tentação resistida é uma tentação desperdiçada”. Um deles era Stephen Murray, filho do professor Gilbert Murray; outro foi Reginald Holme, um estudioso do New College. 'Nós dois participamos do último TT amador na Ilha de Man em 1929', disse Holme, 'nós regularmente corríamos em pista de grama, o que era estritamente proibido para alunos de graduação, e queimamos uma van Trojan perto de o Memorial dos Mártires.



CF Andrews (à direita) conheceu e trabalhou com Buchman pela primeira vez na Índia. ©Scoville Wishard/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

'Quando voltei em janeiro de 1930, descobri que algo havia acontecido com Stephen. Ele não era mulherengo, não bebia, mas manteve o senso de humor. Dissemos: “Os homens de Deus pegaram Estêvão e ele está bebendo leite”; o que era uma acusação muito grave, já

---

<sup>347</sup> Semanário Britânico, 6 de julho de 1932.

que eu vivia à base de cerveja e sobranies dos Balcãs. Acontece que Murray se interessou pelo Grupo de Oxford.

Um terceiro membro do clube, 'Chip' Lutman, ainda indeciso sobre se deveria contribuir para o Grupo, foi convidado por Buchman para se juntar à sua equipe para uma série de reuniões em Edimburgo, na primavera de 1930. Lutman escreveu voltou e disse que se Buchman representasse Deus, ele representaria o Diabo. “Esse foi um passo que todos consideramos arriscado na sóbria cidade de Edimburgo”, lembra Roland Wilson, que se juntou a Buchman quando era bolsista na Oriel, “e, com certeza, Chip chegou em uma enorme motocicleta que fez um inferno de uma briga e se encontrava em seu humor mais truculento. Ele foi com o resto de nós à reunião, que foi repleta de dignitários teológicos que vieram decidir se Buchman era bom ou não.

Loudon Hamilton liderou a reunião: o próprio Buchman, como tantas vezes, nem sequer estava na plataforma. “No meio da reunião”, continua Wilson, “Frank enviou uma mensagem a Loudon dizendo-lhe para perguntar a Chip se ele poderia falar. Então ele se levantou com sua camisa de flanela e jaqueta esporte e ninguém tinha ideia do que ele diria. Ele apenas disse que tinha vindo para Edimburgo passando por grandes necessidades porque achava que o Grupo de Oxford poderia fazer algo por ele, que ele tinha vivido uma vida péssima, mas pretendia mudar e fazer algo que valesse a pena com ela. Portanto, aqueles homens na primeira fila, que talvez nunca tenham alcançado esse tipo de pessoa, viram alguém em processo de mudança.’ No dia seguinte, Lutman ajoelhou-se, entregou a vida a Deus e jogou a bolsa de tabaco e o cachimbo pela janela do Hotel Roxburgh, "onde", como observou Holme, "algum escocês econômico sem dúvida os recuperou".

Foi nesse período na Escócia que Eric Liddell, o medalhista de ouro olímpico escocês retratado no filme *Chariots of Fire*, renovou seu contato com o Grupo de Oxford. Falando numa festa em Edimburgo, em 1932, durante a sua primeira licença do trabalho missionário na China, ele descreveu um passeio com Loudon Hamilton em Galashiels, oito anos antes, quando, disse ele, o seu coração “ardia por dentro”. Agora, ele havia retornado recentemente a Galashiels para ficar com um proprietário de uma fábrica de tweed (um tipo de jaqueta esportiva) e sua esposa, Stuart e Bina Sanderson, que eram associados ao Grupo de Oxford. Sanderson havia “colocado o dedo em algo oculto em sua vida”, ao que Liddell se opôs. Portanto, disse Liddell, 'eu realmente menti'. Na manhã do domingo seguinte, sentindo que

precisava consertar a situação, telefonou para Sanderson, "que não pareceu satisfeito por ter seu domingo perturbado". No entanto, Liddell veio até lá e eles tiveram "uma conversa maravilhosa".

Ele queria associar-se ao Grupo de Oxford, disse ele, porque este o desafiara a uma vida mais apegada ao cristianismo, e ele sabia que voltaria para a China levando uma vida cristã mais plena do que quando saiu. O convite para uma festa em St Andrews, em Setembro desse ano, cita Liddell: 'O Grupo trouxe-me pessoalmente um maior poder na minha própria vida, disciplina sem os pensamentos típicos de disciplina e uma maior vontade de partilhar as coisas mais profundas da minha vida. Durante o tempo que passei neste país, não conheci nenhum grupo de pessoas que fosse tão vitalmente ativo e através do qual o Espírito de Deus trabalhasse tão estreitamente como o Grupo de Oxford.'

## O COMUNISMO E OS ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

Depois de passar o Natal de 1930 em Oxford com seus amigos de Princeton, Kenaston e Marian Twitchell, Buchman partiu para Lima, no Peru, onde chegou em 10 de fevereiro. Ele aceitou o convite do embaixador britânico, Sir Charles Bentinck, que conheceu através dos van Heeckeren, parentes seus. O Príncipe de Gales e o seu irmão, o Duque de Kent, estavam de visita à América do Sul para tentar impulsionar os interesses comerciais britânicos num momento de recessão. A primeira parada foi em Lima, e Bentinck pediu a Buchman que estivesse lá ao mesmo tempo. Eles viajaram no mesmo navio, e pelo menos alguns membros da comitiva dos príncipes estavam preparados para repelir o ataque que imaginavam que ocorreria. Buchman não conheceu nem tentou encontrar o príncipe ou seu irmão, embora tenha sido apresentado ao major Humphrey Butler, escudeiro do Duque, por um membro do parlamento britânico, Sir Burton Chadwick.

O Ministério das Relações Exteriores aconselhou o Príncipe e o Duque a cancelarem a sua visita a Lima por causa de uma iminente revolução de esquerda no Peru. Bentinck, no entanto, confiando na sua fé na cavalaria espanhola, encorajou a sua visita e, com certeza, a guarnição de Arequipa e os estudantes de Lima abstiveram-se de agir até dois dias após a partida dos visitantes reais<sup>348</sup>. A desordem em Lima começou com uma greve de táxis, e Buchman ficou surpreso quando, na primeira manhã, um táxi chegou para buscá-lo, como de costume. Ele disse ao motorista que, se realmente tivesse permissão para conduzi-lo, gostaria de ir agradecer ao organizador da greve. “Oh”, disse o motorista, “decidimos esta manhã que, mesmo que nenhum outro táxi se movimentasse, você poderia ir aonde quisesse. Ouvimos dizer que quando o seu motorista anterior adoeceu, você foi visitá-lo.

Pouco depois, Buchman partiu para Mollendo, Arequipa e Cuzco, antiga capital inca. A revolução se espalhou por Cuzco e, na primeira manhã, o gerente do hotel o expulsou e o aconselhou a deixar o hotel e ir para a cidade. Buchman buscou orientação e recebeu o pensamento: 'Faça o que fizer, não saia do hotel.' “Todo mundo se mudou e eu fiquei o dia todo dormindo”, ele contou mais tarde. “Não ouvi nenhum tiroteio nem nada. Por volta das

---

<sup>348</sup> Duque de Windsor: A História de um Rei (Cassell, 1951), pp. 226-7.

seis, os outros voltaram. Eles me disseram que ficaram presos o dia todo. Em 21 de fevereiro, Buchman escreveu: “Tudo está bem. Vocês passarão a fronteira com segurança e sem serem incomodados [para a Bolívia]. Muito bem, você não ficou em Lima. O homem falha. Deus está firme. Vá terça-feira. Horário normal para sair. Paz e descanso perfeitos.

A experiência desta tentativa de revolução viveu com ele. “Foi uma época desafiadora”, escreveu ele à Baronesa Van Wassenaer. 'Pense nas meninas de dezoito e dezenove anos da Universidade de Cuzco sendo propagandistas do comunismo. Os cristãos têm alguma resposta para um programa tão preparado?'<sup>349</sup>

A sua reação ao comunismo foi admirar a ousadia e a iniciativa dos seus defensores, ao mesmo tempo que discordava da sua ideologia. Em meados da década de 1920, ele estudou a teoria do comunismo e decidiu que esta não só se baseava no relativismo moral numa forma avançada, mas também era militantemente anti-Deus. Agora, a experiência de um de seus amigos mais antigos reforçaria essa crença.

Chang Ling-nan, o advogado que ele ajudara na China quinze anos antes, era agora ministro chinês no Chile, e Buchman foi da Bolívia a Santiago para vê-lo. Chang contou-lhe que quando, em 1927 e 1928, ele estava encarregado de um distrito de Hankow, um agente soviético da era pós-Borodin ameaçou cortar-lhe a cabeça e carregá-la num poste pela cidade, a menos que ele renunciasse. Crisandade. 'Jesus Cristo é meu amigo pessoal. Jamais o trairei — respondeu Chang. Buchman, que geralmente absorvia suas impressões mais duradouras das pessoas e não da palavra impressa, ficou profundamente afetado por isso.

O pensamento de Buchman deu um passo adiante quando chegou a Buenos Aires, onde o Príncipe de Gales inaugurava a Exposição Industrial Britânica. Toda a conversa entre os industriais era sobre a Depressão e o Comunismo. Alguns disseram que o comunismo foi a causa da Depressão, outros que a Depressão causou o comunismo. Isto não o satisfez, e ele passou a considerar que o materialismo, particularmente nas classes mais altas, tinha “preparado o terreno para o comunismo”. “O comunismo é hoje a liderança mais organizada e eficaz no estrangeiro”, observou mais tarde na digressão. 'O Cristianismo Vital é a única cura.'

Em São Paulo, dirigiu-se a um grupo de industriais brasileiros. As suas notas aproximadas sobreviveram: “O dumping comercial e a desonestidade são mais perigosos que

---

<sup>349</sup> Buchman para a Baronesa van Wassenaer (Martin MSS).

as bombas. Mas esta Depressão poderia ser a nossa salvação se matasse os germes do materialismo em nós. Estas terras estão espiritualmente falidas. A resposta pode estar nesta reunião. Cristo dos Andes. Que tal um Cristo do Rio ou de São Paulo. A nova liderança que deve desafiar uma era de falência. As pessoas querem essa liderança. Sozinho, não; um grupo. É uma empresa que fará isso em conjunto”.

Quanto mais pensava nisso, mais sentia que o que chamava de “bolchevismo moral” – a revolta contra Deus e os Seus padrões morais absolutos – era o maior perigo no Ocidente. Lendo a respeito da perseguição soviética aos cristãos e da paralisia do Parlamento alemão face à ascensão de Hitler, ele observou: “A colisão é essencial para a salvação do Cristianismo. Cristo deve ser libertado. O materialismo preparou o terreno para o comunismo. O humanismo não é suficiente. Os deputados ao Parlamento estão receosos e a diplomacia é impotente. Não vejo nenhum movimento em toda a cristandade que dê uma resposta. O Bolchevismo Moral exige um poderoso contra-ataque do Espírito Vivo de Deus. Pode haver uma potência que gere energia para mudar a história moderna? Precisamos mudar nossa atitude e nosso ambiente. A depressão comercial é a forma que Deus encontrou para nos lembrar.’

No barco de volta à Grã-Bretanha, Buchman teve algum contato com os príncipes e sua comitiva. Ao planejar um chá para o duque de Kent, ele escreveu: “Pergunte a ele: “Você gostaria de pegar um comunista vivo e transformá-lo?” Acenda sua imaginação. O duque apreciou o frescor da abordagem de Buchman, juntamente com sua contenção em não avançar, e manteve contato amigável até sua morte prematura<sup>350</sup>. Humphrey Butler conversou com Buchman sobre a necessidade de mudança que ele viu em Londres e pegou livros emprestados sobre seu trabalho. Ao largo de Pernambuco, Buchman ficou interessado em ver o Príncipe de Gales lendo um deles enquanto todos dançavam. Mas nada se sabe sobre qualquer contato entre os dois homens.

A viagem também lhe deu tempo para avaliar o futuro. Certa manhã, ele escreveu: “Esta é a era do homem comum. Desenvolva-o. Planeje um reavivamento mundial. O diabo os pega se você não o fizer. É preciso muita mais iniciativa da sua parte. Muita mais ousadia. Forças cristãs treinadas. Eles têm se desculpado demais. Não estão em conformidade com os

---

<sup>350</sup> Acredita-se que as abotoaduras que Buchman usou em seu retrato de Frank Salisbury, pintado em 1938 e agora pendurado no Westminster Theatre, em Londres, sejam o par que o duque lhe deu.

padrões do mundo. Você não pode evitar críticas. O homem comum exige honestidade, pureza, altruísmo e amor. Dedique-se ao povo.

A estada de Buchman na América do Sul teve um efeito considerável em seu pensamento. Os estudantes com quem ele esteve em contacto na América e na Grã-Bretanha não eram, até agora, aqueles que se estavam voltando para o comunismo. Nesta viagem, ele passou a acreditar que um cristianismo tímido e o “bolchevismo moral” das classes privilegiadas estavam levando o mundo a uma era de conflito. Ele também ficou chocado ao descobrir no Brasil que grandes quantidades de café haviam sido jogadas ao mar por motivos comerciais, quando as pessoas passavam fome. Ao regressar à Grã-Bretanha, ele disse a alguns dos jovens que trabalhavam com ele: “Num país, disseram-me que dois jovens comunistas assumiram o dever de se ligarem a cada ministro de Gabinete para conquistá-lo para a linha do Partido. Qual de vocês planejará tão minuciosamente levar uma revolução cristã aos seus líderes?”

Como resultado desta visita à América do Sul, ele estava considerando uma “prospecção espiritual” semelhante em Espanha e Portugal, quando lhe ocorreu a ideia clara de que deveria ficar em Inglaterra porque alguém precisava dele imediatamente. Certa noite, chegando tarde ao Brown's Hotel, ele deixou um recado com White, o porteiro do salão, para avisá-lo imediatamente se alguém o chamasse. Na manhã seguinte, White ligou para dizer que um cavalheiro estava lá embaixo perguntando por ele. Ele encontrou um homem com todos os sinais de ter bebido muito e por muito tempo. Mais tarde, este homem contou sua própria história:

'Os homens bebem por vários motivos - por companhia, por consolo, para comemorar ou para esquecer. Bebi simplesmente porque estava com sede. Eu adorava beber. Eu bebia principalmente sozinho. Eu iria para o meu quarto com uma garrafa de uísque e um romance e não apareceria novamente até que ambos terminassem.

'Foi depois de uma noite inteira de sessão em meu apartamento, passada da maneira habitual, que me vi enfrentando uma manhã cedo em Londres, com ressaca, mau humor e sem mais bebida. Eu estava com muita sede e, como não havia suprimentos disponíveis em lugar nenhum àquela hora, fui até um amigo meu para bater na sua porta e pedir uma bebida. Este amigo era escudeiro do Príncipe de Gales e morava no Palácio de St. James. Ele não

gostava muito de ser incomodado naquela hora sobrenatural e, na verdade, estava bastante farto de mim e dos meus hábitos - assim como todos os meus amigos.

- Vou lhe dar uma bebida, Jim, disse ele, com uma condição.

- Qual? Eu disse alegremente. Eu teria prometido a ele a lua de bom grado. Eu queria uma bebida!

- Que você vá ver um amigo meu - acho que ele poderia fazer algo por você.

- Certamente, meu velho. Vou dar uma volta e ver o rei da Inglaterra ou o Papa de Roma. Quero uma bebida."

- Bem, ele é um sujeito chamado Frank Buchman e está hospedado no Brown's Hotel. Eu o conheci a bordo do navio e tenho certeza de que você deveria vê-lo."

'Tomei minha bebida e cumpri minha promessa. Nos demos bem desde o início. Descobrimos que tínhamos muitos amigos em comum e Frank estava cheio de histórias. Logo me vi contando a ele minha própria história. Frank era um bom ouvinte. O único problema é que conversar me dava sede, então pedi uma bebida a Frank. Frank não disse nada, mas apertou a campainha e o garçom entrou. Naquele exato momento, um pensamento extraordinário me ocorreu. Veio com a força de um trovão. "Esta é a última bebida que você tomará." Eu rapidamente adicionei um P.S. de minha autoria: "Bem, é melhor você fazer um duplo." Eu fiz. E foi! Antes de deixar Frank naquele dia, oramos juntos.<sup>351</sup>

Esse homem, Jim Driberg, irmão de Tom, era um cirurgião competente que já havia se embriagado na Harley Street. Ele tinha um bom histórico de guerra e era um companheiro alegre e um jogador destemido nos clubes. Durante os meses seguintes, ele foi uma fonte de ajuda e inspiração para muitos que o conheceram. O Bispo de Londres, Mahatma Gandhi e C. F. Andrews estavam entre muitos que ficaram impressionados com a mudança óbvia no seu comportamento. Ele voltou para sua antiga faculdade em Oxford, Brasenose, e foi convidado do reitor, um antigo companheiro de bebida. Seu anfitrião estava ansioso para manter a conversa em canais familiares e seguros. — Como está seu golfe, Jim? Qual é a sua deficiência? "A bebida é minha", ele respondeu alegremente. 'O que é seu?'

Embora tivesse se tornado diferente em muitos aspectos, Jim recebeu pouco incentivo de sua família. Seu irmão, Tom, que agora estava firmemente estabelecido no Daily Express, respondeu à notícia de sua mudança com a observação: 'Eu sabia que você poderia afundar

---

<sup>351</sup> Relato de manuscrito contemporâneo mostrado ao autor por Alan Thornhill.

muito, mas nunca pensei que você afundaria tanto a ponto de se associar com essas pessoas<sup>352</sup>. Sua mãe era mais realisticamente cética, dizendo que ele devia milhares de libras. Buchman e seus amigos mantinham contato constante com ele, e suas cartas para Buchman - que muitas vezes eram diárias - mostram que ele estava se mantendo livre da bebida, desfrutando de sua comunhão, ajudando genuinamente muitas pessoas e até mesmo voltando para a cirurgia.

Então, de repente, em 17 de fevereiro de 1932, na mesma semana em que havia enviado cartas de alegria e camaradagem a Buchman - ele estava em Genebra, Buchman em Roma - ele escreveu dizendo que não poderia mais trabalhar com Buchman e o Grupo de Oxford. A sua carta exprimia a sua «profunda gratidão por tudo o que fez por mim» e afirmava que «nunca vacilaria na sua lealdade para com o Grupo», mas acrescentava que, há dez dias, tinha visto um exagero em relação a si próprio numa cópia de uma carta de Buchman a uma terceira pessoa que “abalou sua confiança”. Buchman escreveu que Jim lhe foi enviado pelos “Príncipes através de um de seus ADCs”. Buchman imediatamente telegrafou-lhe: “Perdoe e esqueça meus erros”, e seguiu com uma carta pedindo desculpas pelo que chamou de sua “declaração legalmente incorreta”, enquanto se expressava “intrigado por você tomar uma ação tão drástica”. Mas Driberg cortou firmemente os vínculos.

Nunca ficou claro se esta foi a única – ou real – razão para sua ação. Seu irmão mais velho, John, atribuiu a mudança repentina ao “fator mental que de vez em quando enviava Jim por tangentes absurdas”.<sup>353</sup> Humphrey Butler, o escudeiro que enviou Jim a Buchman, escreveu que suas “tempestades cerebrais” eram “culpadas” da guerra, e disse que tentaria ‘persuadi-lo a continuar seu trabalho com o Grupo’<sup>354</sup>. Ele falhou e telefonou para dizer que achava que a ‘pequena imprecisão’ de Buchman estava sendo usada por Jim como ‘uma capa para esconder de outras coisas’.<sup>355</sup> Um ano depois, a ex-esposa de Jim foi ao Brown's Hotel e confirmou que seu ex-marido devia somas muito grandes a colegas médicos e amigos da socialite, e ficou claro que havia níveis de dificuldade aos quais Buchman e seus amigos não haviam penetrado.

---

<sup>352</sup> Citado por Loudon Hamilton, que estava com Jim Driberg quando telefonou para Tom.

<sup>353</sup> Citado em Buchman para Humphrey Butler, 7 de abril de 1932.

<sup>354</sup> Butler para Buchman, 7 de abril de 1932.

<sup>355</sup> Citado em carta de Garrett Stearly em Londres para Buchman na América, 27 de abril de 1932.

Enquanto isso, Buchman e o major Butler consultaram-se sobre os fatores mentais e emocionais envolvidos, e o major encontrou para Driberg um cargo, a seu próprio pedido, como cirurgião de navio. Antes de partir, Driberg escreveu a Buchman, que então estava na América: 'Gostaria de agradecer mais uma vez a você e ao Grupo por tudo o que fizeram por mim e para que saibam que minhas orações estarão sempre com vocês<sup>356</sup>.'

Infelizmente, Jim Driberg não conseguiu sobreviver sozinho. Como Tom, seu irmão, relata em *Ruling Passions*<sup>357</sup>, ele logo voltou à garrafa e aos empréstimos maciços. Isso frustrou sua tentativa de se estabelecer como cirurgião no Brasil e, por muitos anos, viveu como um estranho aposentado de seu irmão, primeiro em Bradwell Manor e depois em uma pensão em Devon, onde faleceu em novembro de 1956.

Tom Driberg alega em seu livro que “de acordo com o mito do RAM, fui eu quem, por pura maldade, o atraiu de volta para a bebida demoníaca”. Certamente, se esta afirmação foi feita - e, ocasionalmente, parece ter sido, numa conversa - foi feita sem provas. Da mesma forma, não há evidências de que o próprio Buchman tenha seguido essa linha.

Buchman deu a Jim Driberg a mesma atenção que deu a McGhee Baxter no ano anterior. Ele foi pródigo em seu tempo e cuidado e assumiu muitos riscos em seu nome. Em 1938, ele aconselhou um de seus amigos a pensar novamente antes de assumir a responsabilidade por uma determinada pessoa: 'A pedido de Humphrey Butler, passei muito tempo com uma pessoa como essa. Tenho dúvidas sobre casos de ambulância como este, pois necessitam de um tratamento muito especial<sup>358</sup>.'

Embora continuasse a ajudar muitas pessoas em situações desesperadoras, Buchman sentiu que seu tempo deveria agora ser gasto principalmente no treinamento de pessoas que pudessem tolerar as pressões de seu trabalho em desenvolvimento.

Mesmo enquanto Buchman avançava para esta decisão, acontecimentos ocorriam de forma independente em duas cidades americanas, o que levaria a que os seus princípios fossem aplicados a tais casos hospitalares por outras pessoas, primeiro em toda a América e depois em todo o mundo.

---

<sup>356</sup> Jim Driberg para Buchman, 9 de junho de 1932.

<sup>357</sup> Driberg, pp. 38-42, 100.

<sup>358</sup> Buchman para Brigadeiro-General C.R.P. Winser, 18 de janeiro de 1938.

Em Akron, Ohio, Jim Newton, o jovem vendedor do fim de semana da Taverna de Toytown que desde então se tornou assistente pessoal de Harvey Firestone, o fabricante de pneus, descobriu que um dos filhos de Firestone era um alcoólatra grave. Ele se ofereceu para tentar ajudar o jovem e levou-o primeiro a uma clínica de secagem no rio Hudson e depois a uma conferência do Grupo de Oxford em Denver. O jovem entregou sua vida a Deus e depois disso desfrutou de longos períodos de sobriedade. O médico de família chamou isso de “milagre médico”.

Firestone Sênior ficou tão grato que, em janeiro de 1933, convidou Buchman e uma equipe de sessenta pessoas para conduzir uma campanha de dez dias em Akron. Eles deixaram para trás um grupo forte e funcional que se reunia semanalmente na casa de T. Henry Williams, um inventor de máquinas para fazer moldes de pneus usados pelos principais fabricantes de pneus americanos. Entre eles estavam um cirurgião de Akron, Bob Smith, e sua esposa Anne. Bob bebia secretamente e só depois de já frequentar as reuniões do Grupo Oxford há algum tempo é que lhes contou a extensão do seu problema.

Entretanto, em Nova Iorque, uma série de alcoólatras - um dos quais tinha sido informado por Carl Jung que a sua única esperança era uma experiência espiritual vital - foram curados através de um grupo baseado com Sam Shoemaker na Igreja do Calvário. Bill Wilson, um homem de Wall Street que se tornou alcoólatra após a quebra do mercado de ações em outubro de 1929, teve uma cura dramática em dezembro de 1934 e, durante os meses seguintes, tentou deixar muitos outros alcoólatras sóbrios, mas sem sucesso. Ele não conseguia entender o porquê, até que alguém lhe disse: 'Você está pregando para esses homens, Bill. Ninguém nunca pregou para você. Mude sua estratégia.

Em maio de 1935, Wilson foi para Akron a negócios. Numa sexta-feira à noite, ele se viu sozinho com apenas cerca de dez dólares no bolso. Ficou fortemente tentado a ficar bêbado e, em desespero, telefonou para um clérigo, escolhido aleatoriamente no diretório, para tentar encontrar algumas pessoas do Grupo de Oxford em Akron. O clérigo deu-lhe dez nomes, dos quais os nove primeiros foram eliminados. A décima, Henrietta Seiberling, nora do fundador da Goodyear Rubber, colocou-o em contato com o grupo de Bob Smith e T. Henry Williams. Wilson não pregou, mas contou a Smith sua experiência e foi, pela primeira vez, capaz de ajudar a curar outro alcoólatra.

Bill e Lois Wilson viveram com os Smiths por vários meses e, a partir de sua experiência, floresceram os Alcoólicos Anônimos.

Mais tarde na vida, um pesquisador perguntou a T. Henry Williams onde Alcoólicos Anônimos havia começado. 'Seus olhos brilharam. Apontando para um ponto em seu tapete, ele disse: "Tudo começou ali!"<sup>359</sup>' Newton cita o acordo firmado naqueles anos com o Grupo de Oxford em Akron. — Você cuida de homens bêbados. Tentaremos cuidar de um mundo bêbado", dissera Williams a Wilson e Smith, que se tornaram mundialmente famosos como "Bill W. e Dr. Bob de AA".

Como afirma de forma mais concisa as Breves Biografias dos Cofundadores de Alcoólicos Anônimos oficiais de AA: "Em maio de 1935, uma viagem de negócios a Akron levou ao seu encontro (de Bill Wilson) com o Dr. Bob, que se tornou a segunda recuperação bem-sucedida - e Alcoólicos Anônimos nasceu."<sup>360</sup> O próprio Bill Wilson escreveu: 'Os primeiros AA obtiveram suas ideias de autoexame, reconhecimento de defeitos de caráter, restituição por danos causados e trabalho com outros, diretamente dos Grupos de Oxford e diretamente de Sam Shoemaker. . . e de nenhum outro lugar.'<sup>361</sup> Mais tarde, AA desenvolveu a organização e os princípios adequados à sua missão precisa e, por sua vez, levou a muitos outros "spin-offs" que lidavam com males sociais específicos. Atualmente, estima-se que existam 500.000 grupos de autoajuda inspirados nos Alcoólicos Anônimos somente nos Estados Unidos<sup>362</sup>, e o próprio AA atua em 116 países<sup>363</sup>. 'Howard Clinebell, autor do livro clássico *Understanding and Counseling the Alcoholic/ Compreendendo e Aconselhando o Alcoólatra*, descreve Buchman como um dos principais pioneiros da moderna filosofia de assistência mútua<sup>364</sup>.

Paul Tournier, o psiquiatra suíço, acredita que o pensamento de Buchman também teve uma influência considerável em certos desenvolvimentos noutros campos - particularmente na medicina e na Igreja Protestante como ele a conhece. Sobre a medicina,

---

<sup>359</sup> Willard Hunter, MS não publicado, 1978.

<sup>360</sup> Folheto publicado pela AA World Services, Inc., 1972.

<sup>361</sup> Alcoólicos Anônimos atingem a maioria (AA World Services, Inc., 1957) p. 39.

<sup>362</sup> Conversa franca sobre Grupos de Ajuda Mútua, emitida pelo Instituto Nacional de Saúde Mental, impressa pelo Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA.

<sup>363</sup> Os tempos, 10 de junho de 1985.

<sup>364</sup> Notas de Willard Hunter de Claremont, Califórnia, sobre palestra de Howard Clinebell (Hunter para o autor, 15 de julho de 1985); também o Dr. George Wilson de Kogarah Bay, Nova Gales do Sul, em conversa com o autor.

ele diz: “Todo o desenvolvimento da terapia de grupo na medicina não pode ser rastreado até Frank, mas ele personificou historicamente esse novo começo, encerrando um capítulo do puramente racional e abrindo uma nova era quando o emocional e o irracional também foram levados em consideração.’ Sobre o efeito de Buchman sobre a Igreja, ele acrescenta: “Antes de Buchman, a Igreja sentia que seu trabalho era ensinar e pregar, mas não descobrir o que estava acontecendo nas almas das pessoas. O clero nunca ouvia na igreja, sempre falava. Ainda se fala muito, mas o silêncio voltou. Frank ajudou a mostrar novamente que o poder do silêncio é o poder de Deus.’

## O GRUPO DE OXFORD

No início dos anos trinta, Oxford era o local onde o maior número de jovens estava preparado para receber formação para a tarefa que Buchman havia assumido. Eles e os comunistas, que fundaram o seu Clube de Outubro em 1932 e recrutaram trezentos membros no primeiro ano, foram provavelmente os órgãos mais controversos da universidade. Isto não ocorreu porque qualquer um dos grupos fosse sensacionalmente numeroso. A sua importância residia no seu compromisso radical.

O primeiro sinal de que muitos dos espíritos mais brilhantes de Oxford estavam se voltando para o comunismo foi o recrutamento de poetas como W. H. Auden, Stephen Spender e Cecil Day Lewis no final dos anos vinte. Outros os seguiram no início dos anos trinta, principalmente por causa do desespero com o estado da sociedade. Três milhões de britânicos estavam desempregados e viviam com uma miséria, não muito longe da linha da fome. Sucessivos governos, conservadores e trabalhistas, pareciam não querer ou ser incapazes de fazer algo a respeito. No continente, as cores ditatoriais de Mussolini eram agora evidentes e, em janeiro de 1933, Hitler chegou ao poder.

«Ninguém que não tenha passado por esta experiência política durante a década de 1930», escreve Day Lewis na sua autobiografia, «pode perceber quanta esperança havia no ar então, quão radiante era para alguns de nós a ilusão de que o homem poderia, sob o comunismo, colocar o mundo em ordem.<sup>365</sup>

Havia generosidade e ingenuidade nesta ilusão, pois Day Lewis e os seus amigos pareciam prontos a dismantelar o seu próprio modo de vida agradável se conseguissem assim diminuir as injustiças da sociedade e do mundo. Tendo em mente as pressões internas e externas, a complacência do sistema estabelecido e a quase total ignorância de como o comunismo estava realmente a funcionar na União Soviética, a sua atitude era compreensível e digna de respeito. “Teria sido uma vergonha não ter sido membro do Partido” em meados dos anos trinta”, afirmou um adepto, que afirma tê-lo deixado em 1938.<sup>366</sup>

---

<sup>365</sup> Cecil Day Lewis: O Dia Enterrado (Chatto e Windus, 1960), pp.208-11.

<sup>366</sup> James Mc Gibbon, Sunday Times, 22 de julho de 1984.

A extensão da migração entre os intelectuais britânicos – particularmente em Cambridge, onde incluiu figuras então não divulgadas como Kim Philby, Guy Burgess, Anthony Blunt e Donald Maclean – foi significativa. George Orwell acreditava que “durante cerca de três ou quatro anos a corrente central da literatura inglesa esteve mais ou menos sob o controle comunista”<sup>367</sup>, enquanto Neal Wood escreve sobre “a deslumbrante variedade de virtuosos intelectuais”, muitos dos quais alcançaram distinção na literatura, as universidades, a função pública e as ciências, que seguiram o mesmo caminho<sup>368</sup>.

Qualquer exame das vidas de muitos destes comunistas intelectuais contribui muito para indicar a crença de Buchman de que o “bolchevismo moral” entre a intelectualidade, tal como o materialismo de direita sobre o qual ele tinha alertado os homens de negócios de São Paulo, era um fator importante para mover as pessoas em direção ao comunismo. A história é contada em autobiografia após autobiografia. “Eu estava maduro para a conversão por causa do meu histórico pessoal”, escreveu Arthur Koestler. «Milhares de outros membros da intelectualidade e da classe média da minha geração estavam maduros em virtude dos seus próprios casos históricos: mas, por muito que estes divergissem de caso para caso, tinham um denominador comum: a rápida desintegração dos valores morais<sup>369</sup>.’

Naquela época, em Oxford, a defesa desse relativismo moral era um elemento ativo na propaganda comunista. Hugh Elliott, da Universidade de Hertford, amigo do fundador do Clube de Outubro, diz: 'Encontramos os manifestantes da fome a caminho de Londres, cantamos a Internacional com eles e criticamos amargamente a política do governo de "segurança em primeiro lugar". No Clube de Outubro discutimos uma nova ordem social. Comecei a questionar todas as minhas crenças básicas. Um distinto ginecologista veio dar uma palestra para um público diversificado e lotado. Ele nos disse que todos sofríamos de inibições em relação ao sexo. O amor livre era natural e normal. Muitos dos meus amigos seguiram todo o caminho com os seus ensinamentos. Mais tarde, vi uma verdadeira tragédia nas suas vidas e compreendi a ligação entre o abandono dos padrões morais e a aceitação da ideologia comunista, que era a intenção franca do palestrante. Eu mesmo hesitei...'

---

<sup>367</sup> George Orwell: *Por Dentro das Baleias e Outros Ensaio* (Gollancz, 1940), p.163.

<sup>368</sup> Neal Wood: *Comunismo e Intelectuais Britânicos* (Gollancz, 1959), pp.31, 96-121.

<sup>369</sup> Arthur Koestler: *O Deus que falhou* (Hamish Hamilton, 1930), pp. 29-30.

Foi nesse momento que Elliott conheceu o Grupo de Oxford. “Meu amigo que me apresentou ao Clube de Outubro conquistou meu respeito por sua dedicação”, continua Elliott, “mas vi naqueles que trabalharam com Buchman uma maior dedicação e autodisciplina. Eles eram tão genuínos. O que eles começaram em Oxford suscitou muita controvérsia, mas não pôde ser reprimido, e eu me juntei a eles.

Buchman e os seus colegas não criticaram o comunismo nem apoiaram qualquer outra tendência política. Eles simplesmente estabeleceram diante das pessoas padrões intransigentes de absoluta honestidade, pureza, altruísmo e amor, e declararam que Deus tinha um plano para o mundo - e para cada pessoa individualmente - que cada um poderia encontrar e com o qual cada um poderia cooperar. Buchman afirmou, embora houvesse poucas evidências contemporâneas para apoiar a afirmação, que se entregassem totalmente as suas vidas a Deus, veriam, no futuro, transformações nos assuntos sociais e nacionais ao seu redor.

Para alguns, o método parecia demasiado lento, mas tinha a virtude de enfrentar problemas tanto pessoais como sociais, de preencher, nas palavras de Day Lewis, “o vazio no peito onde deveria estar um Deus”<sup>370</sup>.

A maioria dos que compunham o Grupo de Oxford não havia experimentado o dilema de Elliott. A relativa moralidade que penetrara nos poetas de Oxford estava apenas começando a afetar o estudante médio. Muitos tornaram-se agnósticos - ou cristãos nominais - porque nunca tinham visto o Cristianismo vivido de todo o coração, mas foram afastados da "pobreza moral" sobre a qual Spender escreveu sobre si mesmo pelos padrões de seus pais ou por um sentimento furtivo de que o Cristianismo, se fosse possível, era a maneira certa de viver. A maioria dos estudantes de Oxford tinha lido a Bíblia - todos naquela época tiveram que passar por um exame sobre os Evangelhos e os Atos dos Apóstolos - e muitos daqueles que responderam às ideias de Buchman viram em seus amigos de Oxford a coisa mais próxima dos Atos que eles tinham encontrado.

Assim, entre 1931 e 1935, cerca de cento e cinquenta estudantes de graduação (eu entre eles), juntamente com os Capelães das Faculdades Corpus, Hertford e Lincoln, e um professor ocasional, reuniam-se à 1h30 todos os dias, entre um apressado almoço de pão e queijo e o esporte da tarde. A variedade era grande, devido à natureza de Oxford da época,

---

<sup>370</sup> Dia Lewis, pág. 209.

principalmente de classe média. Harry Addison, filho de um funcionário de uma pequena agência de carvão em Sunderland, veio da Universidade de Newcastle com o melhor diploma clássico de seu ano: dolorosamente tímido, um estudioso apaixonado, totalmente apolítico. Ray Nelson era o líder entusiasmado de uma banda de jazz, com uma queda por horários ferroviários. Charis Waddy foi a primeira mulher a estudar línguas orientais na Universidade. John Morrison já havia estudado teologia no *New College*, em Edimburgo, e na Alemanha com Barth e Bultmann. Kit Prescott, membro do remo de uma famosa família do futebol de rúgbi, obteve por pouco um diploma de aprovação e deixou uma série de vidas transformadas para trás.

Toda a mobilização, embora muito séria, foi conduzida com um certo abandono humorístico. Numa faculdade houve um sorteio iniciado pelos “inalterados” sobre quem seria o próximo “alterado”. Prescott, espiando um pôster do Oxford Mail 'Oxford Stroke Changed' nas semanas que antecederam a corrida de barcos, adquiriu meia dúzia e pregou-os nas portas de seus amigos remadores da faculdade. Um jovem que ouviu dizer que Roland Wilson estava tentando ser “guiado por Deus” seguiu-o por um dia para ver aonde ele ia.

Paul Petrocokino, uma figura levemente wodehousiana, que usava um colete de pele de leopardo e compunha à maneira de Handel, lembra-se do boato no Exeter College de que uma certa donzela espirituosa, que sempre percorria Oxford de bicicleta com um cachorro preso, havia sucumbido.

'Viu a 'garota cachorro' ultimamente?' ele perguntou a um de seus admiradores na Sala Comunal dos Juniores.

— Você não ouviu?

'Ouvi o quê?'

'O Grupo de Oxford a pegou.'

Ela, de fato, e para espanto dos seus conhecedores, persistiu. A ideia de Buchman era “viver mais, amar mais e rir mais do que o mundo pagão”, e ela achou isso interessante.

O treinamento, dado e recebido, foi sério. Sobre as reuniões na hora do almoço, Alan Thornhill, então capelão de Hertford, diz: “Não eram os círculos de discussão habituais que Oxford adora. O objetivo não era discussão. Era para construir um novo mundo. Essas reuniões foram um treinamento espiritual intenso. A informalidade era total e você podia dizer o que quisesse, mas a temperatura espiritual era tanta que o diletante e o teórico de

poltrona logo acharam o ritmo quente demais para eles. As pessoas eram francas consigo mesmas e umas com as outras. Padrões absolutos de honestidade e altruísmo foram aplicados não a algum sonho agradável do doce futuro, mas a detalhes do desagradável agora e agora. A que horas você acorda hoje em dia? Que tal seus momentos de oração e escuta? Você está conquistando seus amigos para esse novo modo de vida? O que vem primeiro: a ambição ou Deus? Esse era o tipo de questões lançadas e discutidas nessas reuniões diárias. Com eles veio o treinamento simples e prático que toda universidade cristã deveria oferecer como algo natural - a base moral do cristianismo, os passos necessários para encontrar uma experiência pessoal de fé, a arte de transmitir essa experiência, como ouvir Deus, a construção de uma comunhão inquebrável. Era uma comunhão de viajantes, uma dedicação sem votos ou regras, onde ninguém tinha que fazer nada exceto aquilo que sentia que Deus lhes ordenava fazer.

Numa tarde de cada semana, todos se reuniam para uma reunião em que oradores visitantes ou ilustres oxonianos abordavam os assuntos de forma mais ampla e profunda. Houve relatórios sobre o progresso em outros países. LW Grensted, agora Professor Nolloth de Filosofia da Religião Cristã, deu uma série de palestras sobre a psicologia da mudança de vida e a vida cristã. As tardes terminaram com um culto de meia hora que o Professor conduziu na Igreja da Universidade. As pessoas iam à capela da faculdade ou a outras igrejas no domingo.

Buchman estava, como Thornton-Duesbery costumava dizer, “embebido na Bíblia”, e certificou-se de que ela constituísse a base do treinamento ministrado em Oxford. Sua receita para a leitura da Bíblia era: 'Leia com precisão, intérprete honestamente, aplique drasticamente'. «A Bíblia é um manual de pesca para os pescadores», dizia por vezes, ao levar as pessoas através das histórias do cego de nascença que Jesus curou e converteu,<sup>371</sup> da mulher que conheceu no Poço de Jacó, cuja mudança afetou toda a sua comunidade,<sup>372</sup> ou do ousado encontro de Filipe com o Tesoureiro da Rainha da Etiópia.<sup>373</sup> Ele acreditava que, para crescer, o bebê cristão precisava de comida (a Bíblia), ar (oração bidirecional) e exercício - e seus jovens colegas, aqui, como na China ou na sua viagem mundial,

---

<sup>371</sup> João 9.

<sup>372</sup> João 4, 7-12.

<sup>373</sup> Atos 8, 26-39.

aprenderam muito sobre a sua própria natureza e as mudanças adicionais que eram necessárias, à medida que entravam em ação juntos.

Buchman insistiu, no início de um semestre, que cada um deveria ter como objetivo mudar a pessoa mais difícil da faculdade. Com alguns isso aconteceu, e a habilidade e a reticência que ele praticava gradualmente começaram a se desenvolver em seus jovens amigos. Enquanto isso, houve tentativa e não um pequeno erro. “A ambição me afetou bastante e me prejudicou”, lembra Ian Sciortino, do St Edmund Hall. ‘Conheci o vice-diretor do nosso colégio - ele obteve um brilhante primeiro lugar em teologia - e contei-lhe tudo sobre a vida espiritual. Ele não gostou de ser agredido por um jovem impetuoso e me disse isso. Também abordei o capelão da faculdade. Ele foi bastante encorajador, mas descobri mais tarde que ele havia me dado um apelido muito desagradável que circulava na Sala Comunal dos Seniores. O diretor de Sciortino, A. B. Emden, entretanto, frequentemente recebia ele e seus amigos em seus quartos, ouvia e orava com eles, e permaneceu um amigo para o resto da vida.

As famílias reagiram naturalmente de maneiras diferentes. Quando o cartunista do Ísis, Reginald Hale, conheceu o Grupo de Oxford, sua mãe estava ansiosa com o assunto da “orientação” e escreveu para seu tio, o Prebendário Carlile, o fundador do Exército da Igreja. De volta veio um cartão postal tranquilizador: “Querida Marie, Orientação é amor em ação. Seu na luta. Wilson Carlile.<sup>374</sup> O pai de Margot Appleyard<sup>375</sup>, preocupado com a possibilidade de ela se arrepende mais tarde da sua decisão de dedicar todo o seu tempo ao trabalho do Grupo depois de deixar Oxford, concedeu-lhe quatro meses para experimentar e depois levou-a para uma viagem de seis meses por todo o mundo. No caminho de volta através do Mediterrâneo, ela disse-lhe que tinha mais certeza do que nunca de que deveria trabalhar com Buchman e seus amigos. Seu pai ficou contente e a apoiou em sua decisão pelo resto da vida.

Outros encontraram oposição mais severa. Um jovem foi excluído do testamento do seu pai, e outros pais temiam que a “fé e a oração” significassem que os seus filhos enfrentariam dificuldades financeiras, o que lhes importaria algumas obrigações. Mas a maioria dos pais, quando tiveram a certeza de que os seus filhos sentiam um chamado profundo,

---

<sup>374</sup> Reginald Hale, memórias não publicadas, Vol.

<sup>375</sup> Mais tarde, Margot Lean.

concordaram em segui-lo. Na verdade, alguns seguiram seus filhos. Quando Rozi Evans, uma alegre agnóstica de Herefordshire, se juntou a Buchman, ela foi seguida por seu pai e sua mãe, três irmãos, duas irmãs e vários primos. Os pais sobreviventes de Kit Prescott, Ray Nelson e Francis Goulding estavam entre muitos que participaram ativamente com eles no Grupo de Oxford pelo resto de suas vidas.

Nas férias, os estudantes de Oxford - juntamente com os de Cambridge e de outras universidades - participaram em campanhas no leste de Londres e noutras áreas industriais, bem como tomaram iniciativas nas suas próprias cidades.

Assim, na Escócia, as equipes do Nordeste, Yorkshire, Midlands e Gales do Sul cresceram em torno deles e, como no leste de Londres, movimentaram-se principalmente com os trabalhadores. Em Newcastle, Harry Addison alistou o Lorde Mayor, Will Locke, que era mineiro, e seus amigos. Na Escócia, os estudantes de Glasgow formaram uma equipe de trabalhadores desempregados em estaleiros. Em Yorkshire, era, entre outros, um grupo de operárias, em Birmingham, trabalhadores de engenharia e, no País de Gales, trabalhadores de estaleiros e mineiros. Os estudantes de Oxford, reforçados por alguns de outras universidades, estiveram no centro dos empreendimentos de grande escala de Buchman no Canadá e na Escandinávia em meados da década de 30, e muitos - cerca de quarenta a cinquenta por cento dos recrutas de Oxford assumiram o trabalho integralmente - foram pioneiros com equipes próprias em vários países.

Ao mesmo tempo, aqueles que optaram pelo relativismo moral ativo ou pelo comunismo, ou ambos, passaram a desempenhar um papel importante na vida intelectual da Grã-Bretanha, e da grande maioria que se juntou ao Partido Comunista e mais tarde o deixou, muitos pareciam de volta ao seu passado com nostalgia, sentindo, nas palavras de Koestler, que “nunca antes ou desde então a vida foi tão cheia de significado”.<sup>376</sup> As suas ideias permaneceram, em certos aspectos, a antítese daquelas que o Grupo de Oxford tentou praticar, e em alguns deles a antipatia era tão forte que se tornaram adversários ativos nas décadas seguintes.

Oxford também se tornou, de certa forma, o centro das atividades de Buchman. Todos os anos, entre 1930 e 1937, ele contratava uma ou mais faculdades para uma festa em casa nas férias de verão. Em 1930, era um evento comparativamente pequeno em Lady Margaret

---

<sup>376</sup> Koestler, pág. 30.

Hall e St Hugh's. No verão de 1933, 5.000 convidados compareceram para participar de um evento que lotou seis faculdades e durou dezessete dias. Quatro reuniões principais ocorreram simultaneamente, com os oradores principais alternando entre si; e uma equipe de 400 pessoas se reunia com Buchman às 7h30 todas as manhãs para treinar e preparar o dia. Quase 1.000 eram clérigos, incluindo doze bispos.

Mesmo os números relativamente pequenos de 1930 causaram alguma preocupação aos associados britânicos mais cautelosos de Buchman. Em 17 de junho, ele escreveu a Eleanor Forde, que se recuperava de uma doença na América: “Amanhã irei para Oxford. Eles estão paralisados com o número de pessoas que chegam, mas não estou preocupado.”<sup>377</sup> Dez dias depois, ele escreveu-lhe com entusiasmo: 'Estamos agora sob uma verdadeira avalanche. Temos que realizar duas festas simultâneas para lidar com todos os números. Temos um clima maravilhoso, gramados verdes, céu ensolarado e tudo o que é necessário para completar um cenário perfeito - só que sentimos sua falta e desejamos que você estivesse conosco.’<sup>378</sup>

Paul Hodder-Williams, filho do reitor de Manchester e mais tarde presidente da editora da família, Hodder and Stoughton, compareceu à festa em casa em 1932 e lembrou, em 1980, que isso tornou "o conhecimento espiritual com o qual fui criado" tornou-se realidade pela primeira vez - mais prática do que teórica”. Ele convenceu seu tio a publicar uma coluna semanal sobre o Grupo de Oxford no *British Weekly*, e um suplemento de oito páginas do mesmo jornal sobre o assunto teve uma edição de 119.000 exemplares<sup>379</sup>.

Em 1932, Hodder e Stoughton também produziram um relato atrevido de Buchman e seu trabalho por A. J. Russell, ex-editor literário do *Daily Express* de Beaverbrook e editor-chefe do *Sunday Express*. O livro, intitulado “Somente para pecadores”, teve dezessete edições na Inglaterra em dois anos e foi amplamente traduzido, sendo a edição francesa ainda mais provocativamente intitulada *Ceci n'est pas pourvous*. O livro trouxe uma enxurrada de cartas. A sobrinha de George Bernard Shaw leu o exemplar do tio. Ela escreveu para um amigo, 'G.B.S. conheceu o Grupo na África do Sul e sentiu que tinham "a coisa certa", mesmo que não estivesse muito interessado em alguns detalhes associados à fraseologia. Ele me disse

---

<sup>377</sup> Buchman para Eleanor Forde, 17 de junho de 1930.

<sup>378</sup> *ibid.*, 27 de junho de 1930.

<sup>379</sup> Suplemento semanal britânico, 6 de julho de 1933.

para entrar em contato e até se ofereceu para pagar por mim em uma festa em casa. Ele também instou a sua secretária a fazer o mesmo, sugerindo caracteristicamente que, como ela era filha de um clérigo, precisava aproveitar a oportunidade.<sup>380</sup>

Em 1934, a festa em casa terminou com uma reunião na Câmara Municipal de Oxford. Seu principal interesse, no que diz respeito a Oxford, foi o discurso do reitor da Universidade Queen's, Dr. B. H. Streeter, um notável estudioso do Novo Testamento com amplo conhecimento dos assuntos mundiais e especialmente do Extremo Oriente. Ele disse que observava o Grupo de Oxford há dois anos e meio e comparou a sua atitude “àquela tomada em relação à Igreja primitiva por Gamaliel, o mais amável dos fariseus”. “A razão pela qual vim aqui esta noite”, continuou ele, “é para dizer publicamente que devo agora abandonar uma atitude de neutralidade benevolente em relação ao que passei a acreditar ser o movimento religioso mais importante da atualidade... O movimento parece ser capaz não apenas de transformar algumas pessoas más em boas, mas também de dar um novo coração, uma nova coragem e um novo sentido de direção àqueles que já são homens de boa vontade. É por isso que cheguei à conclusão de que, numa época de crescente desespero mundial, é meu dever associar-me a ele.

«Devo acrescentar», concluiu ele, «que venho para o Grupo, não como uma pessoa com pouca reputação na sua própria esfera de estudos, ou como diretor da Universidade de Oxford; Venho como alguém que já aprendeu algo com o Grupo e espera aprender mais.<sup>381</sup>

O número de festas em casas de Oxford continuou a aumentar. Quase 1.000 pessoas registraram-se em um dia de julho de 1935, o dobro do recorde anterior de chegadas de um dia, e havia 6.000 para uma reunião nos gramados de Lady Margaret Hall. Nem foi apenas Oxford que atraiu multidões. Em janeiro de 1935, 1.400 pessoas foram a uma festa em Malvern, convocada por sugestão do Bispo de Worcester; e isto foi seguido por uma série de reuniões em Penge, no sul de Londres, às quais compareceram 4.000 pessoas e que o Bispo de Croydon acolheu com entusiasmo.

---

<sup>380</sup> Martin MSS.

<sup>381</sup> Oxford Mail, 12 de julho de 1934.

Para o próprio Buchman, porém, a vida não era só luar e rosas. Naquele verão, o General Lynden Bell o convidou para passar um dia na tenda dos Buffs<sup>382</sup> na Canterbury Cricket Week. J. L. Guise, o jogador de críquete de Oxford e Middlesex, o levou de Oxford via Londres, pois Buchman queria comprar uma gravata adequada para a ocasião. A gravata dos Eton Ramblers agradou-lhe, e Guise apenas o convenceu a comprar algo mais neutro "com considerável dificuldade". Toda a ocasião resultou numa espécie de "batismo de fogo" para Guise, que relata: "Nunca esquecerei aquele dia; até então eu não tinha percebido o grau de perseguição e opróbrio que Frank teve de suportar. Bispos, soldados de alta patente e jogadores de críquete lotavam a marquise e a maioria olhava para Frank com desconfiança. "Lá está Frank Buchman", podia-se ouvi-los murmurar um para o outro. Para mim foi o teste da minha vida, pois eu era bem conhecido no mundo do críquete e ser companheiro de Frank significava enfrentar a mesma hostilidade. Apenas uma pessoa ficava perfeitamente à vontade em todas as conversas e apresentações que tínhamos e essa pessoa era Frank; ele permaneceu alegre e natural o tempo todo... Dirigindo para casa à noite, Frank de repente apontou para uma pequena cabana e me pediu para parar porque morava lá um velho amigo, seu jardineiro, que ele não via há muitos anos. Demorou uma hora até que ele saísse, muito feliz por ter encontrado seu velho amigo bem e de bom coração, embora já idoso."<sup>383</sup>

Os apoiantes mais jovens e mais entusiasmados do Grupo foram, evidentemente, os últimos a minimizar a importância da súbita expansão dos números. Quando quatro equipes de estudantes foram contratadas para visitar a Costa Sul, Londres, Midlands e Norte, respectivamente, a publicidade



A multidão de 6.000 pessoas em uma festa na casa do Grupo de Oxford em Lady Margaret Hall, Oxford, 1935. ©Scoville Wishard/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>382</sup> Regimento exclusivo de Bells.

<sup>383</sup> John Guise: *Aqueles dois impostores* (1985, publicação privada), pp. 64-5.

do Grupo declarou que “isso marcou na Inglaterra e talvez no mundo um renascimento tão significativo quanto a Reforma”; enquanto um jovem entusiasta considerou a chegada de 300 canadenses e americanos à festa em casa de 1934 como “o evento mais significativo desde a partida do Mayflower”. A história deles era falha, para dizer o mínimo. Mas uma testemunha menos tendenciosa, o não regenerado Malcolm Muggeridge, escreveu no seu livro *The Thirties/ Os Anos Trinta* que em meia década o Grupo de Oxford gerou o único reavivamento religioso genuíno do período<sup>384</sup>.

Também do outro lado do Atlântico, Henry van Dusen, professor da União de Seminários Teológicos, descrevia o trabalho de Buchman como “talvez o fenômeno espiritual mais poderoso e certamente o mais impressionante dos nossos tempos”. Van Dusen expressou várias críticas, juntamente com a sua avaliação da personalidade de Buchman, num artigo intitulado 'Apóstolo do Século XX' no *The Atlantic Monthly*<sup>385</sup>. As suas principais críticas foram que Buchman desdenhava os esforços de outros cristãos, ao mesmo tempo que era 'hipersensível' a qualquer crítica à sua própria visão; que ele via a tarefa de “mudança de vida” como condição *sine qua non* (indispensável) para todo cristão, quaisquer que fossem seus dons, e não permitia divisão de responsabilidades por diferentes talentos; que ele era um cidadão e “prestava uma deferência acrítica, quase infantil, às pessoas de nascimento ou posição social”; e que ele era propenso a exageros de vários tipos que entravam em conflito com o seu padrão declarado de “honestidade absoluta”. Ao mesmo tempo, o seu parágrafo final descreve Buchman como “um dos homens mais extraordinários num período que pode ser distinguido nos anais da história como o Gerador de Grandes Líderes”.

«Tal como acontece com todos os homens de gênio», escreveu ele, «o segredo da influência do Sr. Buchman não é facilmente definido. Pensamos imediatamente nas qualidades óbvias que o distinguem e contribuem para a sua eficácia - uma habilidade administrativa extraordinária; atenção pessoal à importância dos mínimos detalhes; solicitude infinita pelas necessidades e idiossincrasias de cada pessoa; resiliência incansável do corpo e dos nervos; alegria de espírito lúdica e sem nuvens; sagacidade financeira, para não dizer astúcia; memória tenaz; um senso de estratégia que poderia despertar o ciúme de um Napoleão; otimismo exuberante e contagiante.

---

<sup>384</sup> Malcolm Muggeridge: *Os anos trinta* (Hamish Hamilton, 1940), p. vinte.

<sup>385</sup> Van Dusen, *Atlantic Monthly*, julho de 1934.

“Mas somos levados a concluir que nada disso é uma dádiva de equipamento inato: todos são produtos de algum segredo mais profundo. As fontes últimas do poder pessoal do Sr. Buchman são, creio, quatro: a estranha previsão do futuro, a compreensão especializada dos problemas mais íntimos do espírito humano, a certeza clara em seu próprio procedimento e a libertação absoluta de si mesmo - suas esperanças, suas necessidades, sua reputação, seu sucesso - na direção da Intenção Divina, que lhe foi dada a conhecer de forma clara e imponente. Até que ponto os três primeiros são o resultado dos últimos, nenhuma análise humana pode revelar.’

**A VIDA COM BUCHMAN**

O Brown's Hotel, em Dover Street, perto de Piccadilly, foi o primeiro ponto de parada de Buchman em Londres após a Primeira Guerra Mundial. Este hotel de aparência despreziosa, administrado na Suíça, com sua clientela fiel "da nobreza rural, administradores coloniais aposentados, oficiais de serviço distintos, não a aristocracia",<sup>386</sup> foi, durante a década de 1920 e a maior parte da década de 1930, o único endereço permanente de Buchman para correspondência e coordenação. Ele voltava a cada visita a Londres e, no final dos anos 20, começou a manter ali uma posição permanente, um quarto que outros usavam quando ele estava fora.

Poucas pessoas sabiam da ligação de longo prazo de Buchman com Brown. Em 1932, Sir Henry Lunn, que dirigia a agência de viagens Lunn, questionou-o sobre isso e sobre suas finanças em geral. “Quero que você e seu excelente trabalho sejam protegidos pelos dardos da crítica hostil”, escreveu ele. Ele tinha ouvido dizer que o pessoal do Grupo sempre viajava em primeira classe, e por que Buchman instalou sua sede em um hotel no West End como o Brown's?<sup>387</sup>

“Acabei de chegar de duas viagens noturnas pelo continente”, respondeu Buchman, “uma delas foi em um trem de segunda classe, a outra foi a típica travessia de barco no Mar do Norte, que não foi muito silenciosa.

'Anexo imediatamente o extrato das contas americanas. No que diz respeito às minhas finanças pessoais, não tenho investimentos; minha mãe me deixou o que esperava ser uma pequena anuidade de várias libras por semana quando eu tinha 65 anos; tudo isso foi eliminado em uma única semana com o fechamento de um banco. Não tenho fundos pessoais.<sup>388</sup>

---

<sup>386</sup> Cecil Day Lewis: *O Dia Enterrado* (Chatto e Windus, 1960), pp.208-11.

<sup>387</sup> James McGibbon, *Sunday Times*, 22 de julho de 1984.

<sup>388</sup> O banco faliu por causa de um caixa desonesto. Buchman foi avisado do colapso iminente e poderia ter sacado seu dinheiro, mas disse que sofreria com seus concidadãos. Em uma visita posterior à Pensilvânia, ele visitou o caixa na prisão e em sua esposa. Os US\$ 50 por mês da apólice de seguro de seu irmão foram, após a morte de sua mãe em 1926, para sua antiga cozinheira, Mary Hemphill, até a morte dela em 1937.

'Quanto ao Brown's Hotel, vamos aos fatos. Pago dez xelins e seis pence por dia quando estou em residência, para os quais três quartos são colocados à minha disposição. Além disso recebo artigos de papelaria. Tenho o serviço, sete dias por semana, de encaminhamento de cartas etc. Isso economiza o pagamento de uma secretária quando estou fora da cidade... As refeições que faço no hotel têm desconto.

'Se houver alguém que possa me dar uma resposta construtiva ao problema de eu estar alojado em algum lugar com menos custos e com a mesma eficiência, ficaria muito feliz em receber suas sugestões.

«Quanto às viagens, não sei quando alguém do Grupo viajou em primeira classe. Um telefonema para o Cook's em Berkeley Street lhe dirá que eles sempre viajam em classe turística.'

Os aposentos de Buchman naquela época foram descritos por um visitante como “um quartinho quase completamente ocupado pela cama, em torno do qual havia grandes pilhas de jornais que ele enviava para amigos ao redor do mundo”. A única luz vinha de um pequeno poço que subia por todos os andares até o ar externo, muito acima. Do outro lado da cama havia outra porta que dava para um minúsculo banheiro que não tinha ângulo reto entre nenhuma das paredes.

A ocasião foi típica. O visitante era Francis Goulding, então estudante de graduação em Oxford, e o horário era por volta das três da tarde. Buchman estava deitado na cama. Goulding continua:

'Frank levantou a cabeça e disse: 'Bem, o que você quer?'

' "Ah, nada realmente", eu disse. "Eu só queria seu conselho sobre uma coisa. Mas estou incomodando você."

' "Não, não, não. De jeito nenhum. Fiquei acordado até as 4h30 desta manhã enviando esses papéis e pensei que teria quarenta piscadelas. Vou me levantar agora. Vá e peça a Salvo que traga chá para você, uma ou duas xícaras. Ele sabe."

'Salvo ficou feliz em obedecer. Frank insistiu que eu comesse os bolos e conversamos sobre meu futuro.<sup>389</sup>

---

<sup>389</sup> Salvo, um velho garçom italiano, costumava dizer: 'Eu gostaria de ver os Dez Mandamentos colados em todas as ruas de Londres. Eles mantêm as pessoas mais limpas do que o sabonete Pears!' Buchman era um dos três, além de sua família, presente em seu funeral.

Em 1933, foi feito um novo acordo pelo qual Buchman poderia usar sete quartos, incluindo uma sala de estar muito grande, por apenas quarenta e quatro xelins por dia. Seus dormitórios não parecem ter melhorado muito. A Sra. Harold Taylor, esposa do diretor de Cheam, comenta sobre esse período: 'As pessoas costumavam nos dizer: "Ele deve ser um homem muito rico se puder viver indefinidamente no Brown's." Bem, eu vi o quarto dele uma vez. Era um cabide, uma cama e uma bolsa.'<sup>390</sup>

A grande sala de estar incluída no novo acordo dificilmente era mais adequada do que os dormitórios de Buchman. “Lembro-me de estar naquela sala quando estava tão lotado que se, por acaso, você levantasse o pé do chão, teria que ser uma cegonha o resto do tempo porque o pé do seu vizinho ocupava o seu lugar”, lembrou Nora Cochran-Patrick.<sup>391</sup>

“O Brown's realmente era um centro de atividades naquela época”, escreveu John Vinall, que ingressou no Brown's na adolescência e se tornou porteiro-chefe. “Ele estava sempre rodeado de gente. O Dr. Buchman atendia cerca de trinta ou quarenta pessoas por dia; ele nunca ficava agitado... Acredito que mais da metade dos visitantes do Brown's eram amigos do Dr. Buchman... Sempre que havia uma festa de aniversário na Sala 1, o pessoal sempre ia também.... No Natal ele ia pelas cozinhas e pela sala do mordomo – através de passagens misteriosas, e... dava um envelope para cada um dos funcionários. Havia cento e cinquenta funcionários e cento e cinquenta envelopes... Foi realmente um presente pessoal de um amigo... O Dr. Buchman foi quem me inspirou - você tem que se inspirar em alguém, e no meu caso, eu me inspirava nele.<sup>392</sup> Era um tipo de homem muito simples, parecia se dar bem com todo mundo, rico ou pobre, conversava com qualquer um, falava com você e o ajudava', disse Vinall já idoso. “Estou tentando fazer o que o Dr. Buchman estava fazendo. Não é por isso que estou fazendo tão bem, mas ainda assim, estou tentando dessa forma.

Desde o primeiro momento, o Brown se encaixou perfeitamente em Buchman. Era pequeno o suficiente para se tornar uma casa, central o suficiente para que qualquer pessoa pudesse entrar e distinto o suficiente para que qualquer pessoa pudesse ser convidada. Foi aqui que conheceu pessoas como Kipling e Siegfried Sassoon. O rei Jorge II da Grécia veio morar no hotel durante o exílio porque Buchman estava lá e muitas vezes ia ao seu quarto

---

<sup>390</sup> Neal Wood: Comunismo e Intelectuais Britânicos (Gollancz, 1959), pp.31, 96-121.

<sup>391</sup> Arthur Koestler: O Deus que falhou (Hamish Hamilton, 1930), pp. 29-30.

<sup>392</sup> Dia Lewis, pág. 209.

para conversar. Trabalhadores do leste de Londres e mineiros do País de Gales e da Escócia também vieram. “Ele tratava todos da mesma forma”, disse Vinall.

Alan Thornhill lembra-se de ter telefonado um dia, como Goulding, para falar sobre seu futuro. Ele havia perdido o emprego na Universidade de Hertford e o diretor da faculdade teológica de Oxford, Wycliffe Hall, convidou-o para se juntar à equipe. 'Eu estava me debatendo um pouco naquela época e não estava vivendo como um cristão deveria. Eu havia sido magoado pela língua abrasiva do diretor Crutwell do Hertford e queria a aprovação de Frank para meu plano. Frank me convidou para tomar chá. No caminho, sentindo-me inquieto e infeliz, entrei num espetáculo no Teatro de Windmill que não foi muito bom para mim.

'Frank estava sozinho na sala de estar. Ele me cumprimentou e comecei a contar meu plano, mas ele me interrompeu na primeira frase: "Alan, você poderia endireitar aquele quadro na parede. Não gosto de ficar em uma sala com algo torto." Eu comecei a fazer isso. Frank gritou para mim: "Não, não. Por aqui, por aqui não... não, não, não, por ali, por aqui não!" Eu estava girando para um lado e para outro. Finalmente, ele disse: “Tudo bem?”. Só depois é que percebi do que ele estava falando, de mim e não da foto.

'Eu era muito presunçoso. Foi uma grande oportunidade espiritual e assim por diante. Frank ouviu. "Quanto eles vão pagar a você?" Ele registrou que era menos do que eu havia conseguido em Hertford - "Uh-uh". Então ele disse: “Minha convicção é nada menos que outro São Francisco”. Uma observação tão devastadora e, de certa forma, absurda. Ele repetiu duas ou três vezes.

'Tivemos um momento tranquilo. A frase dele de que me lembro foi: “Alan precisa de perseguição”. O que me irritou. Eu fui expulso de Hertford. Percebi que Wycliffe seria um trabalho tranquilo. Ele se recusou terminantemente a discutir o trabalho - isso cabia a mim decidir. Ele apenas me deu uma perspectiva. Aceitei o trabalho.

Os relacionamentos de Buchman não levavam em consideração idade ou sexo. Onde encontrou terreno sólido, ele construiu sobre este. A jovem canadense, Eleanor Forde, foi uma colega de confiança desde o primeiro encontro. “Você tem um conceito notável da mensagem do Evangelho”, escreveu-lhe ele em 1925, “e é um privilégio, nestes dias de pensamento solto, encontrar alguém que tenha dominado tão completamente as verdades de Cristo.”<sup>393</sup> A partir de então ele lhe confidenciou seus planos, suas esperanças, seus

---

<sup>393</sup> João 9.

pensamentos e dilemas sobre as pessoas, da mesma forma que fazia com seus colegas homens mais velhos. "Certamente quero que você me confie no melhor de Deus", escreveu ele, "e não esqueci que você precisa de uma hora inteira para me dizer onde falhei."<sup>394</sup> Buchman contou com sua intuição e sabedoria com os indivíduos, bem como em sua liderança pública em seu trabalho. Ela descreve como ele a mandou embora um dia em 1928, durante sua primeira visita à Inglaterra. 'Ele me encontrou um dia no Brown's e disse: 'Acho melhor você sair para o campo hoje e almoçar com a rainha Sophie.'

'Frank, não posso ir ver uma rainha assim. O que eu diria? Como eu me comportaria?', respondi.

'Ele disse: 'Não se preocupe em se comportar. Apenas conte a ela como você mudou, como você entregou sua vida a Deus e que diferença isso fez.' Descobri que ele havia feito todos os preparativos e lá fui eu e fiz isso. Um ano depois, a Rainha me agradeceu.

Nem toda a equipe de Buchman se deixou intimidar tão facilmente. Cece Broadhurst, um cantor cowboy vindo diretamente das pradarias canadenses, costumava chamar todo mundo de 'George'. Certa manhã, entrando no Brown's, ela cumprimentou um cavalheiro desconhecido que saía dos aposentos de Buchman: - 'Olá, George!' O cavalheiro estrangeiro curvou-se educadamente. "Eu não tinha ideia de que você conhecia Sua Majestade tão bem", comentou um dos companheiros de Cece.<sup>395</sup> O próprio Buchman tratava a realeza como qualquer outra pessoa, mesmo sendo mais tradicional em suas saudações.

'Você conheceu aquelas princesas?' ele perguntou a Roger Hicks, um graduado em Oxford que se juntou a ele depois de lecionar na Índia, quando ele chegou ao Brown's mais ou menos nessa época.

- 'Sim.'

- 'Como elas estavam?'

- 'Muito bravas.'

- "Achei que ficariam", disse Buchman. 'Eu lhes contei a verdade. Se não posso ter comunhão com elas nessa base, não quero isso de jeito nenhum. Agora vamos continuar.'<sup>396</sup>

---

<sup>394</sup> João 4, 7-12.

<sup>395</sup> Atos 8, 26-39.

<sup>396</sup> Reginald Hale, memórias não publicadas, Vol.

Além de entrevistas de todo tipo, as salas do Brown's eram usadas para enviar uma grande quantidade de literatura. “Fariamos a postagem da meia-noite na caixa do corredor”, disse Vinall. 'Estávamos sempre pegando aquele post! Havia muito trabalho a ser feito com a correspondência e com as publicações, enviando-as para todos os lugares.'<sup>397</sup>

Todo o trabalho de secretariado também era feito lá. Stella Corderoy <sup>398</sup> descreve alguns dos perigos envolvidos. Certa vez, quando a secretária habitual de Buchman estava fora, ela foi pela primeira vez ouvir um ditado dele: “Ele estava marchando pela sala, conversando com meia dúzia de pessoas. De repente, ele disse: “Meu Deus, vocês começaram com uma equipe”. Eu esperei. “Meu Deus, vocês começaram com uma equipe”, ele repetiu – e alguém sussurrou: “Essa é a carta”. Foi para um casal holandês que acabara de ter gêmeos. Comecei a escrever então, mas tinha que adivinhar quando ele estava falando com outra pessoa e quando estava ditando uma carta.

“Certa ocasião, quando ele estava de partida para a América”, ela continua, “Grace Hay havia anotado ditados até o último momento em Londres e no trem-barco, eu deveria levá-los no barco, e Enid Mansfield deveria datilografar todo o caminho até chegar a Cherbourg e enviar de lá as cartas para serem postadas. Tivemos trinta minutos no barco, despedindo-nos de inúmeras pessoas, subindo e descendo o convés, subindo e descendo o elevador e a cabine dele. Acho que recebi dezessete cartas naquela época, quase metade delas para crianças – cartas maravilhosas.

Então todos tiveram que desembarcar, então fiquei no topo do passadiço com Frank esperando que os marinheiros o levantassem. Lá tínhamos mais um pouco de tempo.

Capela Tithebarn, Keswick

“Uma das coisas mais cativantes sobre ele”, acrescenta Stella Corderoy, “era a maneira



Uma pequena capela construída em pedra em Keswick. ©Arthur Strong/MRA Productions/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>397</sup> Mais tarde, Margot Lean.

<sup>398</sup> Koestler, pág. 30.

como ele via que todas as pessoas possíveis participassem dos grandes eventos. Ele levou todos nós que trabalhamos com ele no Brown's para o Command Performance em homenagem ao presidente francês em Covent Garden. De alguma forma, ele conseguiu que a maioria de nós participasse da noite musical na Embaixada da Áustria, quando a família cantora Trapp cantou pela primeira vez fora da Áustria. E isso não parou à medida que a equipe cresceu. Ele encontrou centenas de ingressos para seus amigos e convidados verem a procissão da coroação em 1937, e todos nós íamos todos os anos às canções de Natal do Albert Hall. Frank cuidava de você e velava para que você se divertisse.

Ao mesmo tempo, ele não achava fácil uma vida tão constantemente pública. Certa vez, quando alugou uma casinha por um curto período, ele disse: 'Sinto-me como uma criança com um brinquedo novo.' E durante festas realizadas em grandes hotéis, ele às vezes optava por comer sozinho em uma pequena mesa.

Arthur Strong, um jovem e bem-sucedido fotógrafo profissional, passou um fim de semana com ele e seu secretário, Michael Barrett, no English Lake District no final da década de 1930, em parte com o objetivo de encontrar e fotografar a capela em Keswick onde Buchman tomou sua decisão de mudança, vivendo sua experiência pessoal, em 1908. Buchman estava agora com 60 anos. 'A alegria de Frank é imensa e ele brinca com Mike como um colegial', registrou Strong em seu diário. 'A gente ria constantemente... No carro indo para lá, FB cantava e assobiava, ele estava tão feliz por não ter planos e compromissos por dois dias inteiros. Cantava hinos antigos e foi então que percebi a idade dele. Fomos para Keswick... Depois a capela. Havia várias possibilidades. . . Frank nos avisou que era um lugar comum, sem nada de especial que o distinguisse. Lá, estava a Igreja Metodista (Primitiva) de Tithebarn; em frente havia uma garagem de ônibus.

'Ele sentou-se onde havia estado trinta anos antes; depois leu o News Chronicle - ele já havia lido outros seis jornais naquele dia... De volta ao hotel trocamos para o tênis e joguei com o Frank. Sua energia é incrível; ele serve bem e tem um bom olho. Ele também correu.

Strong ficou impressionado com o vigor com que Buchman jogou, mas como já havia participado do Junior Wimbledon, 'deu um tapinha em Frank' no início para tentar deixar o jogo mais equilibrado. Buchman foi até a rede: 'Você não está indo a todo vapor, Arthur! Isso não é companheirismo!'

Strong havia trabalhado pela primeira vez com Buchman no ano anterior, tirando uma folga de seu próspero negócio para ajudar com uma revista fotográfica que Buchman estava planejando. Na festa em Oxford daquele ano, ele sentiu necessidade de fazer algum sacrifício espiritual e disse numa reunião que achava que deveria vender suas câmeras. Após a reunião, Buchman mandou chamá-lo.

- “Ouvi dizer que você acha que deveria vender suas câmeras”, disse ele. 'Quanto será que elas valem?'

- “Cerca de 150 libras”, respondeu Strong.

- “Dê-me meu casaco”, disse Buchman, que então tirou sua carteira e entregou 150 libras, quase todo o dinheiro que tinha. Então ele disse: 'Agora, Arthur, você pode cuidar das minhas câmeras até que eu precise delas.' Então Strong pegou as câmeras e o dinheiro e usou ambos para uma viagem fotográfica que há muito desejava fazer. Um ano depois, ele desistiu do negócio e passou a trabalhar em tempo integral com Buchman.

Em Pentecostes de 1935, a secretária de Buchman, Joyce Machin, morreu repentinamente de um tumor no cérebro. Michael Barrett e outro jovem escocês, Lawson Wood, voluntariaram-se para assumir as suas funções. Barrett era filho de um impressor de Edimburgo e fazia parte da equipe de jiu-jitsu de Oxford. Wood estudou direito em Aberdeen. Ambos tinham cerca de 25 anos e cada um tinha um amplo suprimento



Trinta anos depois, Buchman relembra sua experiência na capela em 1908. ©Arthur Strong/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

de determinação e orgulho escocês. Eles aprenderam a digitar e escrever rapidamente e começaram a trabalhar. Barrett, que se casou com uma das netas de Lloyd George, comentou recentemente que preferia A.J. Sylvester para as outras vidas de Lloyd George "porque

mostrou como era impossível ser seu secretário". "Como Buchman", acrescentou com um sorriso.

Por um lado, explicou ele, Buchman muitas vezes parecia surpreso se as cartas que ele ditava não estavam perfeitamente digitadas e prontas para serem postadas quando saíssem de sua boca, além de esperar que você soubesse para quem ele estava escrevendo sem ser avisado. Uma vez que estavam juntos no Egito e, enquanto mostravam aos seus companheiros de viagem a cidadela acima do Cairo, Buchman observou: "Devemos escrever Fulano de Tal." Assim que entraram no táxi para voltar ao Cairo, Buchman começou a ditar e continuou, sem parar, por uma série de túneis em completa escuridão. "Peguei a maior parte e lembrei ou inventei o resto", disse Barrett.

"Mudar-se de um país para outro, o que era frequente, era sempre um trabalho que durava a noite toda", lembra Barrett. 'Às vezes eu parava às duas ou três, enquanto Lawson, que era mais duro, continuava mais uma hora. Então levantaríamos às cinco e meia para cumprimentar Buchman quando ele acordasse. Ele examinava os assuntos, notava um lenço que havíamos esquecido e comentava: "É maravilhoso como tudo é feito". Depois piscava o olho. É claro que ele ficaria furioso se algum de nós adoecesse por excesso de trabalho ou orgulho.

Lawson Wood adorava dirigir longas distâncias. Em agosto de 1937, ele dirigiu mais de 600 milhas – de Londres, via Oxford e Glasgow, até Acharacle, na costa oeste da Escócia – para entregar um convidado a Buchman, que estava hospedado lá. Ele chegou a tempo para o café da manhã e insistiu que dirigiria mais 280 quilômetros, sem descanso, para se juntar à família em Aberdeen. Todos tentaram detê-lo; pois ele estava obviamente cansado demais para dirigir, embora teimoso demais para parar. Finalmente, Buchman conduziu-o até a sala que lhe fora reservada e apontou para um cartão na porta com seu nome. "Você não pode desperdiçar toda essa tinta", disse ele. Wood começou a rir e ficou.

Um ano depois, porém, Wood relata: "Fiquei gravemente doente em Partenkirchen, em 1938, porque tinha conduzido deliberadamente pela Europa através do gelo e da neve, debruçando-me através de uma janela aberta porque o pára-brisas estava congelado. Então privei Frank da ajuda de que ele precisava com urgência. Era época de Natal e enquanto eu estava deitado, incapaz de levantar a cabeça do travesseiro, uma linda árvore de Natal foi trazida para o meu quarto, enfeitada com velas brancas, cada uma cravejada de pequenos

corações vermelhos. Então a porta se abriu alguns centímetros e o nariz comprido e os óculos cintilantes de Frank apareceram na borda. “Você vê todas essas velas? Isso é só para mostrar o quanto amamos você”, disse ele.

'Mais tarde, quando eu estava me recuperando, mas ainda na cama, Frank veio me ver com Frankie Bygott. Recebi uma peruca real pelos meus pecados e principalmente por este. Então Frank virou-se para Bygott e disse: - Você já falou assim com ele? Se não, deveria falar. '

Em outra ocasião, Wood experimentou a atenção tenaz de Buchman quando, deixando a Alemanha durante os anos nazistas, esqueceu de levar a preciosa agenda de endereços de Buchman e a deixou no hotel em Garmisch-Partenkirchen. “Pedi a um amigo para postar em Nova York”, lembra Wood. “Então eu contei para Frank. Ele estava furioso. Ele sabia que havia pelo menos um agente nazista na equipe. "Você não percebe que eles vão fotografar todos os nossos endereços e saber com quem estamos em contato?" ele rugiu. Durante três meses ele expôs meu erro para ter certeza de que eu havia aprendido com ele.

Barrett nunca se esqueceu de uma viagem pelo Médio Oriente com Buchman e um grupo de quinze pessoas, que incluía um líder dos desempregados do leste de Londres e duas irmãs com mais de oitenta anos, Lady Antrim e Lady Minto, esta última uma antiga vice-reina da Índia. Barrett foi encarregado de fazer com que as mulheres reduzissem a quantidade de suas malas, já que parte da viagem seria por via aérea - algo que nenhuma delas havia experimentado anteriormente. Ele conseguiu reduzir o número de vinte e sete para dezoito. Então ele inculcou Lady Minto na necessidade de estar pronta para ser apanhada a tempo de pegar o trem-barco. 'Pegar?' foi a resposta. 'Estou acostumado com trens esperando por mim!'

A viagem continuou através da Europa e dos Bálcãs até ao Cairo, ao mesmo tempo que se tornava cada vez mais claro para Barrett que, à parte Buchman, que estava empenhado em outros assuntos, ele parecia ser a única pessoa prática no partido. O manejo de bagagens, passagens e hotéis, bem como a digitação de Buchman, recaiu sobre ele. Finalmente, no Cairo, Buchman encontrou-o em lágrimas, um acontecimento sem precedentes para um escocês como Barrett. Buchman não se desculpou, embora tenha sido solidário e tentado mobilizar ajuda para ele. “Mas ele esperava que eu mesmo o recrutasse”, diz Barrett.

Quando questionado sobre por que ele continuou quando as exigências eram muitas vezes tão irracionais, Barrett respondeu: 'Buchman tinha expectativas infinitas em relação a

você. É uma espécie de elogio quando alguém o inspira a fazer mais do que você pode. Você sentiu que a vontade dele foi realmente entregue a Deus e ele esperava que a sua fosse, então você fez o que era necessário sem murmurar. Além disso, você sabia que ele próprio estava fazendo isso ou mais.' 'É claro', acrescentou Barrett, 'houve ocasiões em que eu deveria ter dito: "Olha, Frank, isso é ridículo!"'

A principal razão pela qual pessoas como Barrett permaneceram com Buchman ano após ano foi porque acreditavam que ele estava, num sentido muito real, em contato com Deus. "Quando você ia vê-lo de manhã cedo, a sala às vezes parecia eletrizante com a quantidade de pensamentos que ele estava tendo", diz Barrett. Alguns observadores treinados, chegando até ele com frescor, notaram essa qualidade e concluíram que ele era um místico. Harold Begbie, um dos jornalistas políticos mais astutos de sua época, comentou: 'Conhecimento mais completo de F.B. traz à mente o conhecimento de que, apesar de sua alegria juvenil, ele pertence à casa e à linhagem de todos os verdadeiros místicos, de Plotino a Tolstoi.'<sup>399</sup> Van Dusen, em seu ensaio crítico escrito alguns anos depois de deixar a obra de Buchman, comentou sobre seu 'misticismo vívido'.<sup>400</sup> 'É impossível compreender Frank a menos que ele seja considerado como alguém que está sempre na presença de Deus, ouvindo a direção e aceitando o poder', escreveu A. J. Russell.<sup>401</sup>

Herbert Grevenius, o crítico literário sueco, chegou à mesma conclusão. Grevenius havia escrito sobre Buchman, antes de conhecê-lo, como um "César de bolso emitindo seus ditames de longe com poder e perfeição autoconfiantes". Depois de observá-lo por alguns dias numa assembleia na Suécia, ele escreveu: 'Bem, nunca conheci César, mas não creio que ele fosse nem um pouco parecido com Frank Buchman. Não é o seu sorriso relâmpago que constitui o seu segredo. Seus ditos epigramáticos, sua vivacidade, sua capacidade de realizar uma reunião com as mãos e ainda assim desaparecer em segundo plano - nada disso realmente diz alguma coisa sobre o verdadeiro Buchman. Olhe atentamente para uma fotografia dele e você verá algo em sua expressão, uma espécie de escuta à parte, e pela primeira vez a câmera não mente. Sente-se alguns dias e estude seu rosto. Você ficará surpreso com a frequência com que ele parece estar em busca, perdido, para não dizer indefeso. E ele não tenta esconder

---

<sup>399</sup> Buchman para Eleanor Forde, 17 de junho de 1930.

<sup>400</sup> oferta., 27 de junho de 1930.

<sup>401</sup> Suplemento semanal britânico, 6 de julho de 1933.

isso. Sua vida extremamente ativa baseia-se em apenas uma coisa: a orientação que ele está atento a todo momento. Ele é uma vela que sempre deve ser preenchida pelo vento.<sup>402</sup>

Buchman nunca falou de si mesmo como um místico, embora parecesse óbvio para aqueles que o viam muito que ele muitas vezes - mesmo inconscientemente - ganhava prévio conhecimento dos acontecimentos e uma visão incomum do caráter das pessoas em seus momentos de escuta. Ele nunca usou palavras exageradas sobre si mesmo ou sobre suas experiências, talvez principalmente porque estava tão convencido de que qualquer pessoa que estivesse disposta a colocar isso à prova poderia encontrar o mesmo relacionamento com Deus que ele tinha. Ele expressou seu relacionamento com Deus em termos que qualquer um poderia entender, reduzindo-o a uma questão de quem fala e quem ouve. Ele tentou, repetidas vezes, apresentá-lo em metáforas que estivessem em sintonia com a época à medida que se desenvolvia. Assim, logo no início, ele se referiu a Edison inventando a lâmpada e trazendo iluminação para todas as casas. Mais tarde, ele usou as metáforas do telefone, do wireless ou da “eletrônica do Espírito”. No entanto, a sua afirmação, para todos os ouvintes dispostos, era constante – que “informações adequadas e precisas podem vir da mente de Deus para a mente do homem”. Essa é uma oração normal. 'Esperando e observando que o Deus Vivo rompa as sombras da noite', disse ele, 'vim a conhecer o Espírito Santo como luz, guia, professor e poder. O que sou capaz de fazer, faço-o através do poder que surge nas primeiras horas do silêncio da manhã.'

Era fácil para o intelectual considerá-lo simples demais; mas por trás de suas palavras havia uma profundidade oculta de experiência que o teólogo de Oxford, B.H. Streeter, por exemplo, reconheceu. Streeter comentou certa vez: 'É preciso tornar o cristianismo tão simples que até mesmo um intelectual possa entendê-lo'. Numa cópia de suas Palestras Warburton reescritas, *The God Who Speaks/ O Deus que Fala*,<sup>403</sup> ele escreveu: “Para Frank Buchman – sem você, muito aqui seria escrito de outra forma”.

Buchman atribuiu sua visão das pessoas a esse relacionamento de escuta com Deus. 'Certa vez, orei para ser supersensível com as pessoas e muitas vezes gostaria de não ter feito isso. Pode ser muito doloroso”, comentou certa vez. Felizmente, ele orou ao mesmo tempo por um maior senso de humor. Se a sua visão se tornou influenciada pela sua própria

---

<sup>402</sup> Martin MSS.

<sup>403</sup> Oxford Mail, 12 de julho de 1934.

personalidade neste período, na maioria das vezes foi do lado da generosidade e da visão. “Ele entendeu que existem cavalos de carroça e cavalos de corrida, e que não se deve tratar os cavalos de carroça como cavalos de corrida ou vice-versa”, diz Thornhill. 'Ele tinha um apreço imenso - um diagnóstico realista, mas também uma grande visão das pessoas, uma grande crença no que, sob a orientação de Deus, elas poderiam fazer.'

Buchman, ao tornar-se sensível aos outros, não escapou de ser sensível consigo mesmo. Ele se machucava com muito mais facilidade do que as pessoas imaginavam. Certa vez, ele contratou uma governanta para ajudá-lo no lado doméstico de sua vida, mas ela achou as idas e vindas impossíveis de entender ou de enfrentar e saiu sem falar pessoalmente com Buchman. Ele ficou profundamente magoado com esse aparente desprezo. 'Ele esperava rejeições espirituais', disse um amigo, 'mas isso foi diferente.'

Uma vez em Newcastle, quando estávamos lá juntos, apareceu uma reportagem sobre seu trabalho no jornal. Foi amplamente favorável, mas continha uma descrição crítica dele. 'O que você acha disso?' ele perguntou-me.

“Muito bom”, respondi.

'Mesmo com o que disseram sobre mim?' ele respondeu.

Em outra ocasião, na década de 1930, ele me perguntou o que eu achava de um discurso que ele proferira. “Não é um dos seus melhores”, respondi. Ele não disse nada na época. Vinte anos depois, quando alguns de nós estávamos com ele, um amigo apareceu e disse como um líder trabalhista sul-americano ficou encantado ao ler aquele discurso específico no início do dia. “E Garth disse que não era bom”, disse Buchman.

Ele sem dúvida achou difícil aceitar críticas. Mas nem sempre foi rejeitado. Especialmente durante o início e meados da década de 1930, quando o vi mais, ele me deu uma margem de manobra considerável. Em Copenhague, ele aceitou humildemente minhas opiniões juvenis sobre como poderia ter se saído melhor com o proprietário de um jornal - alguém, descobri mais tarde, que ele conhecia há anos. Ele esperou vários anos antes de me dizer que eu era “arrogante”. Depois ele se mudou massivamente e continuou o tratamento por algum tempo. A sua reação às pessoas era geralmente condicionada não pelas suas palavras ou mesmo pelas suas ações, mas pelo que ele sentia que elas necessitavam na altura - ou pelo que ele sentia que poderiam aceitar, um sólido princípio paulino. Se ele sentisse que eles estavam tentando ser guiados pelo Espírito Santo, ele ouviria com atenção; mas se ele

sentisse que eles estavam determinados a causar uma boa impressão ou eram motivados por orgulho, ciúme, ambição ou medo, ele diria isso da maneira mais franca.

Buchman ocasionalmente tinha dias negros e desesperadores. Lawson Wood disse que, certa vez, quando uma situação promissora desmoronou por causa de críticas injustas, ele virou o rosto para a parede e gemeu: 'Será que essas pessoas nunca me entenderão?' Fui, em parte, a causa de um desses períodos de desespero no final de dezembro de 1937. Fui aos Estados Unidos para ajudar a produzir uma edição americana de uma revista one-shot chamada *Rising Tide*, originária da Grã-Bretanha e que agora estava sendo publicada no Reino Unido e em vários países.<sup>404</sup> Buchman trabalhou longa e amorosamente em cada linha de texto, cada imagem e cada layout. Ao chegar, descobri que meus amigos americanos não apenas haviam inserido certas páginas locais, como foi combinado que deveriam fazer, mas também estavam fazendo uma série de outras mudanças que, na sua opinião, fariam com que a revista funcionasse melhor na América. Em particular, a capa original - uma imagem dramática de jovens marchando com faixas - foi eliminada e em seu lugar foi substituída por uma imagem de uma massa aglomerada de jovens sorridentes. Concordei com esta decisão e fiquei orgulhoso pelo fato de o jornal ter criado uma ligeira sensação no mundo editorial de Nova Iorque - a revista *Life* reproduziu seis páginas do mesmo e, privadamente, ofereceu empregos a alguns dos que nele trabalhavam - e por uma grande parte dos seus três quartos de milhão de impressões foram vendidas nas bancas de livros.

Buchman odiou as mudanças. Ele sentiu que a nova capa fazia a revista parecer uma publicação juvenil, em vez de um jornal que pretendia desafiar Hitler e os líderes das democracias ao mesmo tempo. Pouco antes do Natal, meus colegas americanos e eu recebemos telegramas dele. O meu dizia: 'Aguda decepção, fracasso, julgamento, falta de controle, orientando a política *Rising Tide*, tornando o instrumento perfeito extravagante, desperdiçando uma oportunidade inestimável, substituto secundário. "Gato escaldado, de água fria tem medo". A orientação foi "exagerada". As evidências de hoje me surpreenderam. Ainda bem que não estou presente na América. Seria difícil. Não há desculpa. Você tinha um instrumento perfeito. Frank.'<sup>405</sup>

---

<sup>404</sup> Foi impresso em nove idiomas e 1.630.000 exemplares na Europa e na América durante 1937-8.

<sup>405</sup> John Guise: *Aqueles Dois Impostores* (1985, publicação privada), pp. 64-5.

Buchman, eu soube mais tarde, trancou-se no quarto durante alguns dias, não comia e não se interessava pelo Natal que se aproximava, para o qual normalmente se preparava com o maior cuidado e generosidade. Finalmente, Barrett decidiu que deveria tentar dissipar a tristeza. Ele foi até o quarto de Buchman, ajoelhou-se e orou: 'Querido pai, por favor, dê a Frank um Natal glorioso'. Isso quebrou o feitiço.

'Por que estou deixando aquele jornal estragar tudo?' Buchman disse. Ele se levantou e saiu correndo para pegar uma árvore de Natal e presentes para quem estava com ele.

O telegrama não me causou nenhum dano, embora eu tenha escrito a Buchman que ele me “surpreendeu” ao chegar. Buchman escreveu pouco depois: “Esqueça o passado” e nunca mais mencionou o assunto para mim.

É verdade que, nas questões artísticas que o envolveram, Buchman era ao mesmo tempo sensível e rígido. Ele era um artista e sentia que sabia o que era certo. Não incentivava adaptações de estilo ou capas de livros em diferentes

países, por exemplo. Isso pode ter suprimido talentos locais de tempos em tempos ou até mesmo afetado as vendas.

O diagnóstico de Tournier sobre essa faceta do caráter de Buchman foi: "Ele nunca atraiu as pessoas para si, mas era autoritário". Cuthbert Bardsley, um colega próximo por algum tempo e um dos vários que mais tarde se tornaram bispos, comentou: 'Sua palavra foi: ai de vocês se cruzarem espadas com ele! Por outro lado, ele manteve o Grupo de Oxford unido – o que não é uma tarefa fácil com um grupo de pessoas tão divergente. Ele tinha que manter a disciplina e, se você fizer isso, terá que exercer uma autoridade bastante pesada. A



Numa viagem ao Médio Oriente; Buchman (à esquerda) com Lady Minto (ex-vice-rei da Índia) e Cuthbert Bardsley (mais tarde bispo de Coventry). © Arquivo Buchman/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

opinião de Paul Hodder-Williams, em um contato ativo mais curto, era: 'Ele manteve unida uma equipe de pessoas muito diferentes com rédeas muito soltas.'

John Wesley, que era conhecido como “Papa João” pelos seus inimigos e não por alguns dos seus amigos, disse uma vez: “Vários cavalheiros estão muito ofendidos por eu ter tanto poder. Minha resposta para eles é esta: eu não busquei nenhuma parte desse poder. Isso me aconteceu de surpresa. Mas quando chegou, não ousando enterrar esse talento, usei-o da melhor maneira possível. No entanto, nunca gostei disso. Sempre carreguei, e agora carrego isso como meu fardo; o fardo que Deus coloca sobre mim; mas se você puder me dizer alguém, ou cinco homens, a quem eu possa transferir esse fardo, que pode e fará exatamente o que faço agora, agradecerei de coração a eles e a você.”<sup>406</sup>

Ele acrescentou: 'Para mim, os pregadores se comprometeram a se submeter a servir como filhos do Evangelho... Cada pregador e cada membro pode me deixar quando quiser; mas quando ele decide ficar, é nos mesmos termos que se juntou a mim no início.’<sup>407</sup>

Com Buchman a liberdade de sair era ainda mais aberta a todos porque não havia, em nenhum caso, qualquer vínculo formal com ele. Se, no entanto, alguém pedisse para trabalhar com ele em tempo integral e continuasse a fazê-lo por um período considerável, ele presumia que trabalhariam de acordo com a estratégia que ele sentia que Deus lhe havia indicado e ajudariam a atender às necessidades daquela estratégia. Ele sugeria, pedia ou até ordenava que as pessoas fizessem isso ou aquilo ou fossem aqui ou ali. Se eles se sentissem guiados por Deus para fazer algo diferente, ele esperava que eles dissessem isso - e, geralmente, ele ouviria e reconsideraria. À medida que envelhecia, com o número de pessoas crescendo e a saúde proporcionando outros impedimentos, as exceções a esta abertura tornaram-se mais frequentes. Mas na década de 1930, e na maioria das ocasiões ao longo da sua vida, a base da ação era a orientação de Deus procurada pelo indivíduo e pelos grupos. «A orientação», escreveu um defensor dinamarquês, «significava que esta irmandade multifacetada e inteligente funcionava como uma força, sem ditadura ou qualquer compulsão de dinheiro ou poder.»<sup>408</sup>

---

<sup>406</sup> Certa vez, quando o Ministro do Trabalho, Herbert Morrison, questionou Buchman sobre sua liderança, Buchman fez-lhe a mesma oferta.

<sup>407</sup> Malcolm Muggeridge: Os anos trinta (Hamish Hamilton, 1940), p. vinte.

<sup>408</sup> Van Dusen, Atlantic Monthly, julho de 1934.

A opinião de Buchman sobre o assunto foi expressa a Alexander Smith, então secretário executivo da Universidade de Princeton: 'Aceitarei as pessoas em qualquer ponto em que elas estejam dispostas a chegar, e não as incitarei a fazer algo que não sejam levadas a fazer. Se eu vivesse de outra forma, ou tivesse qualquer outra abordagem, estaria rodeado por um grupo de parasitas, em vez de pessoas que são ensinadas a confiar em Deus e a deixar que Ele as direcione individualmente.'

## O PANO E O BONÉ

Desde que os bispos e o clero sul-africano responderam tão calorosamente, a esperança de Buchman era que a Igreja Anglicana como um todo se levantasse de uma nova forma para responder às necessidades espirituais e morais na Grã-Bretanha e noutros locais. “Deus está trabalhando através dos Grupos de uma forma distinta para colmatar a divergência entre a vida das pessoas comuns e a da Igreja”, observou ele com entusiasmo ao partir da Cidade do Cabo. Enquanto estavam em Londres para a Conferência de Lambeth de 1930, os Bispos Carey, Karney e outros testemunharam o que tinha acontecido na África do Sul. O pensamento de Buchman para essa conferência foi igualmente enérgico: “Uma orientação totalmente nova para Lambeth. Um despertar internacional. Um grande avanço nacional entre o clero para que a Inglaterra esteja inflamada pelo cristianismo vital.’

À medida que a década de trinta avançava, os bispos ingleses tornaram-se conscientes do efeito do trabalho de Buchman sobre os indivíduos. Eles não desejaram nem puderam ignorá-lo, mas sentiram o dever de examiná-lo cuidadosamente. O Bispo de Londres, Dr. Winnington-Ingram, por exemplo, pediu a Sir Lynden Macassey, K.C., um eminente advogado, que presidiu muitas comissões governamentais, que investigasse o Grupo em particular para ele. “Eu fiz isso, e fiz isso completamente”, escreveu Sir Lynden mais tarde. ‘Minha investigação mostrou que não havia fundamento de fato para as alegações tantas vezes feitas contra o Dr. Buchman e seu trabalho. O bispo ficou inteiramente satisfeito. Tornou-se um forte apoiante do Grupo e aclamou o seu trabalho cristão até ao fim do seu episcopado.’<sup>409</sup>

O Arcebispo de Canterbury, Dr. Cosmo Gordon Lang, fez investigações ainda mais extensas. Lendo as dezenas de relatórios e cartas que lhe foram enviadas, ficamos surpresos com o quão poucos deles mencionam o próprio Buchman: geralmente comentam sobre as pessoas que ele afetou ou os “Grupos” em geral. O bispo James Perry, bispo presidente da Igreja Episcopal Americana, talvez tenha fornecido a explicação quando escreveu a Lang que “Buchman está ativo nos bastidores, fornecendo a mecânica e a direção”, mas que “o lugar

---

<sup>409</sup> *The Times*, 16 de agosto de 1961. Sir Lynden mais tarde tornou-se presidente da Reuters.

de liderança conspícua... é tomada agora por clérigos da Igreja e leigos da nossa e de outras Congregações.<sup>410</sup>

Lang escrevera a Perry uma “investigação privada e confidencial” porque ele tinha “recebido recentemente uma grande quantidade de informações muito confidenciais sobre o próprio Buchman, o que, devo reconhecer francamente, me enche de considerável inquietação”.<sup>411</sup> Deixando claro que ele tinha “a maior simpatia” pelo movimento, Lang perguntou se Perry tinha “alguma razão para hesitar quanto à personalidade e influência do próprio Buchman”.

O Bispo Perry respondeu longamente dizendo que tinha “tornado a sua investigação objeto de reflexão cuidadosa e de conversa com muitos que conhecem intimamente os Grupos, embora com pontos de vista muito diferentes”. Ele próprio “estava em contato próximo com eles” há cinco anos, sendo seu primeiro contato “através de alguns homens e mulheres de *Rhode Island*, pessoas de inteligência e boa reputação, que me impressionaram pela mudança moral e espiritual, em alguns aspectos”, casos de conversão completa, que inquestionavelmente deviam a Buchman e seus seguidores”. Ele observou atentamente o movimento e participou de reuniões em diversas partes da América, em Oxford e Cambridge.

Sobre o próprio Buchman, o Bispo Perry escreveu: 'Não ouvi nem mesmo seus críticos mais severos, e eles são muitos e francos, um sopro de suspeita tocando seu caráter. Conheço-o pessoalmente e acredito conhecer seus pontos fortes e fracos. Ele tem uma verdadeira paixão por exercer influência sobre homens e mulheres de posição social e um gênio para cumprir esse propósito. Ele se entrega a um sentimento de superioridade moral e espiritual e seus seguidores estão imbuídos do mesmo “complexo”. Não pode facilmente conceber a salvação fora do sistema que ele confessadamente concebeu, mas acredito que seja sincero na sua convicção e na sua vida pessoal acima de qualquer suspeita.'<sup>412</sup>

Em geral, o Dr. Lang baseava-se em relatórios regulares de homens como o Professor Grensted; seu próprio secretário, o Rev. A. C. Don (mais tarde Reitor de Westminster); e Lorde Salisbury. Muitas outras cartas chegaram. O Reverendo 'Tubby' Clayton, o fundador

---

<sup>410</sup> Bispo Perry ao Arcebispo Lang, 14 de setembro de 1932.

<sup>411</sup> Arcebispo Lang ao Bispo Perry, 9 de agosto de 1932.

<sup>412</sup> Bispo Perry ao Arcebispo Lang, 14 de setembro de 1932. O Bispo Manning, sucessor de Perry como Bispo Presidente, fez o discurso de abertura em uma reunião lotada do Grupo Oxford no Waldorf Astoria Ballroom, Nova York, em 15 de março de 1934.

da Toc H, escreveu, com vários anexos, reclamando que Buchman havia sugerido que dois homens, para quem ele próprio tinha planos, deveriam passar seis meses com o Grupo de Oxford nos Estados Unidos para 'aprender a evangelizar'.<sup>413</sup> O Cônego Arnold Mayhew apresentou um relatório equilibrado, terminando com questões menos explicitamente levantadas por outros líderes da Igreja: 'Será que o movimento se tornará mais uma seita - o Exército de Salvação das Classes Médias? Deus não permita! E, no entanto, como devemos fazer uso disso? Direcionar toda esta energia e entusiasmo para a revitalização da Igreja, que tanto precisa. Será que algum vinho novo pode ser colocado em nossas garrafas velhas sem um colapso geral?'<sup>414</sup>

Um grande número de cartas estava cheio de gratidão. O bispo de Dover escreveu, depois de participar da festa em Oxford em 1932: "É difícil escrever desapassionadamente sobre algo que tem sido uma ajuda tão grande para alguém pessoalmente".<sup>415</sup> O prebendário E. C. Rich de St Paul's acrescentou: "Embora eu tenha ido a Oxford francamente por curiosidade para investigar o movimento em primeira mão, em vinte e quatro horas toda a minha visão sobre a vida e a religião mudou e agora desejo compartilhar minha experiência."<sup>416</sup>

Um assunto frequentemente mencionado era a nova realidade - e às vezes a presunção dos jovens colegas de Buchman. Isto não é surpreendente, pois quando Buchman foi convidado por pessoas como Lorde William Cecil, o bispo de Exeter, para se encontrar com os seus amigos durante um fim de semana, ele levou consigo novos recrutas e tendeu a fazê-los falar em vez de fazê-lo, ele mesmo. Por vezes, estes jovens expressavam-se de forma altamente informal. Kit Prescott relembrou tal ocasião: 'Eu tinha sido "mudado" há alguns meses e providenciei para que o cônego anglicano local convidasse Frank Buchman para falar a cerca de duzentos clérigos e ao bispo em uma reunião diocesana mensal. Após uma apresentação muito formal, Frank foi convidado a "dar um endereço". Ele respondeu pedindo-me para falar primeiro. Naquela época, parte da minha mensagem era que eu havia entregado minha vida a Deus, apesar de minha cordial antipatia pelos clérigos, e que preferia

---

<sup>413</sup> Rev. P. T. B. Clayton ao Arcebispo Lang, 9 de agosto de 1932.

<sup>414</sup> Cônego Arnold Mayhew, memorando de seis páginas ao Arcebispo Lang, após participar de uma festa em Oxford de 27 a 30 de junho de 1932.

<sup>415</sup> Bispo de Dover ao Arcebispo Lang, 19 de julho de 1932.

<sup>416</sup> Prebendário E. C. Rich ao Arcebispo Lang, 15 de dezembro de 1931.

infinitamente o salão do bar ao banco da igreja que, segundo eu, cheirava a poeira. Então, entreguei isso com toda a convicção ao meu alcance. Houve um silêncio mortal, exceto que Frank se recostou e caiu na gargalhada. Depois que eu ocupei a maior parte do tempo, ele explicou por que havia me pedido para falar primeiro. Ele acreditava, disse ele, que os bons pescadores sempre prefeririam peixe fresco no café da manhã. A reunião durou o dobro do habitual e o clero dificilmente nos deixou sair.'

O próprio Buchman costumava ser igualmente franco. Em certa ocasião, o editor do jornal da Igreja da Inglaterra, Herbert Upward, reuniu doze dos seus leitores clericais mais críticos para conhecê-lo. Depois de colocar várias questões teológicas, às quais Buchman respondeu, um deles repreendeu Buchman por falar abertamente em reuniões de homens sobre masturbação. Buchman pensou por um momento e então, como a reunião era confidencial, pediu que todos os presentes que estivessem pessoalmente preocupados com aquele problema levantassem a mão. Primeiro uma, depois duas, depois onze mãos se levantaram. A reunião se transformou em uma clínica espiritual entre outros pecadores. O próprio Upward disse depois a Buchman: 'Estou com você para o resto da vida', e uma vez, quando outro clérigo expressou temores sobre 'os perigos' inerentes ao trabalho de Buchman, respondeu: 'Pessoalmente, prefiro enfrentar quaisquer riscos que possam existir do que ficar contente com a entorpecente autocomplacência existente nas Igrejas, ou pelo menos, na Igreja da Inglaterra hoje.'<sup>417</sup>

Os bispos em geral pareciam inclinados a adotar a mesma opinião. Na reunião dos Bispos Diocesanos da Inglaterra e do País de Gales, em Janeiro de 1932, o Arcebispo Lang, “ao resumir” uma discussão do Grupo de Oxford, “disse que há aqui um dom do qual a Igreja manifestamente necessita”,<sup>418</sup> e dois anos depois mais tarde, uma nova “conferência informal” presidida pelo Arcebispo William Temple de York “reconheceu felizmente que vários movimentos, e nomeadamente os Grupos de Oxford, estão a ser usados para demonstrar o poder de Deus para mudar vidas e dar ao testemunho pessoal o seu lugar no verdadeiro discipulado”.<sup>419</sup>

---

<sup>417</sup> Herbert Upward para Vernon Bartlett, 1º de dezembro de 1931.

<sup>418</sup> Item 12, ata da reunião dos Bispos Diocesanos, Church House, Westminster, 18 e 19 de janeiro de 1932.

<sup>419</sup> Ata da reunião, Church House, Westminster, 5 de fevereiro de 1934.

Buchman acreditava no impacto incalculável de pessoas com uma nova experiência de Deus, que esperavam mudar ainda mais a cada dia e transmitir a sua experiência a outros. Isto foi confirmado pelo seu amigo, o Arcebispo Söderblom de Uppsala, na Suécia, um dos primeiros ecumenistas, que escreveu temer que o movimento ecumênico estivesse a ser sufocado por “arranjos humanos... em pensamentos e planos”. “Deve haver, enquanto você escreve e enquanto você age, uma unidade mais profunda”, escreveu ele a Buchman. ‘. . . Precisamos dessa renovação individual e desse aprofundamento da nossa unidade cristã ao máximo.’<sup>420</sup> Numa mensagem escrita pouco antes da sua morte, ele acrescentou: “Vocês estão preocupados com a única coisa que importa na religião e na vida – o governo absoluto de Cristo na nossos corações, palavras e ações. Uma vida transformada é mais eloquente do que muitos sermões.”<sup>421</sup>

“Ninguém pode adivinhar para que lado o gato vivo no tapete da lareira irá pular”, costumava dizer Buchman. ‘Ninguém espera nada do gato de porcelana em cima da lareira.’ Ele achava que ninguém – inclusive ele mesmo – estava isento dessa necessidade de novas mudanças e inspiração. Ele respondeu com simpatia ao clérigo que lhe disse: ‘Tornei-me como um médico que distribui flores e alegria aos seus pacientes, mas nunca cura ninguém’, porque ele próprio conhecia a mesma condição.

Ele não considerava ninguém, por mais eminente que fosse, como garantido. Assim, quando o Dr. Foss Westcott, Metropolitano da Índia, Birmânia e Ceilão, compareceu à festa em Oxford em 1933, ele reuniu alguns estudantes de graduação. Não revelou que conhecia o Metropolitano desde o início da década de 1920, mas perguntou sobre ele. Alguém que esteve na Índia contou sobre a vida santa do Metropolitano, como ele vivia principalmente numa espécie de cabana no telhado de seu palácio, não fumava, nem bebia, nem se entregava de forma alguma, era um dos poucos ingleses em quem Gandhi confiava, e era famoso por seus sermões. “Sim”, disse Buchman, “isso é tudo verdade. Mas ele não consegue diagnosticar as pessoas.

Ele então disse: ‘Quero que você o veja muito. Diga-lhe como você encontrou o caminho do agnosticismo para a fé, como está pescando homens, como está aprendendo a curar bêbados e a endireitar a vida - e o pensamento de um intelectual. Você pode até

---

<sup>420</sup> Arcebispo Söderblom para Buchman, 10 de fevereiro de 1931.

<sup>421</sup> Telegrama do Arcebispo Söderblom para Buchman, 20 de maio de 1931.

mencionar que se alguém não está ganhando pessoas para Cristo, estará pecando em algum momento.'

Nas semanas seguintes, os alunos de graduação passaram muito tempo com o Metropolitano. Ele gostava da companhia deles e jogava uma boa partida de tênis, mas não gostava da ideia de que, se não se ganhava, estava-se pecando. Depois de três dias, ele fez um discurso sobre como “as rodas de Deus giram lentamente”, como “alguns semeiam e outros colhem” e como você nunca poderia saber que efeito estava causando nas pessoas: tudo isso continha verdade. Mas Buchman disse aos estudantes de graduação: 'Sejam verdadeiros amigos para ele.' Ele também disse: 'Ontem tive uma hora em que fiquei muito abalado e precisei de ajuda. Então fui ao Metropolitan e ele me ajudou. Estou muito grato por ele estar lá e por poder ir até ele.'

No oitavo dia o Metropolita voltou a falar. 'Tenho sido como um pescador que chega em casa à noite e diz: 'Não peguei nenhum peixe, mas influenciei muitos.'" Ele contou como sua própria timidez e a bajulação de outras pessoas diminuíram sua eficácia. “Há sempre cinco ou seis queridas velhinhas para me dizer quão bem tenho pregado”, disse ele. Agora ele queria aprender mais sobre como ganhar pessoas para Cristo. Foi criado em um lar cristão - seu pai era o bispo Brooke Foss Westcott, de Durham - e frequentou as melhores faculdades de teologia, mas ninguém antes havia levantado com ele o assunto de diagnosticar e, pela graça de Deus, curar pessoas individualmente.

Antes de regressar à Índia, o Metropolita declarou à imprensa: 'Para mim, estas foram semanas de desafios. Sou Bispo da Igreja de Deus há vinte e oito anos e mantive diante de mim as promessas feitas no momento da minha consagração, mas foi na Festa da Câmara do Movimento do Grupo de Oxford (sic) em Oxford, em julho passado, que Percebi que alguém poderia esforçar-se fielmente para cumprir estas promessas e ainda assim falhar naquilo que é um dever fundamental, nomeadamente ser um transformador de vida.'<sup>422</sup>

De volta à Índia, ele escreveu a alguns estudantes de Oxford que, embora em suas muitas viagens anteriores ele nunca tivesse tido uma conversa pessoal profunda com ninguém, desta vez dezenove pessoas haviam conversado com ele e quatorze, incluindo o tipo de pessoas que ele nunca teria conversado. aproximaram antes, entregaram suas vidas a Cristo. Mesmo antes de deixar Oxford, ele encontrou um novo entendimento com George

---

<sup>422</sup> Postagem matinal, 4 de novembro de 1933.

West, recém-nomeado bispo de Rangum, que o procurou admitindo que sempre teve medo dele: algo que Westcott desconhecia totalmente.

Foi este tipo de mudança contagiosa que, acreditava Buchman, revitalizaria a Igreja. Ele sentia que muitos na Igreja estavam determinados a manter as coisas como estavam. Esta “confiança religiosa”, como ele a chamava, muitas vezes fazia com que se sentisse frustrado. Assim foi um pregador metodista popular que, ao regressar de uma festa numa casa em Oxford, surpreendeu a sua congregação invariavelmente lotada, dizendo-lhes que se sentia um fracasso. Ele falou do impacto sobre ele pessoalmente dos padrões de absoluta honestidade, pureza, altruísmo e amor de Cristo, e continuou: 'Você vem aqui todas as semanas e sempre elogia meus sermões. Mas somos como sepulcros caiados. Nenhum de vocês muda e nem eu. Ele disse que viu na congregação pessoas que também estiveram na festa em casa e sugeriu que quem quisesse pudesse esperar depois e ouvir suas experiências lá. Mais de 200 fizeram isso. Durante três semanas, esses grupos se reuniam após cada culto noturno, e muitos encontraram ali um compromisso novo ou mais profundo. Então, alguns oficiais da igreja se aproximaram e falaram em ultimatoss. O pregador dissolveu os grupos em vez de dividir a igreja.

Um choque de lealdades mais sutil e lamentável foi expresso a Buchman pela esposa de um clérigo: 'Sei, sem sombra de dúvida, que encontrei Deus através do contato com sua maravilhosa irmandade e que recebi uma mensagem que anseio transmitir. Você será o primeiro a compreender que não acho as coisas muito fáceis em relação ao meu marido. Ele não é de forma alguma hostil ao Grupo, mas sempre tive a sensação de que ele gostaria que eu pudesse ter encontrado Deus e a felicidade através da Igreja, e que para ele deve ser sempre a Igreja. Amo também a Igreja, onde se encontra a realidade e a simplicidade como se encontra no movimento grupal, mas é tão raro. Preocupo-me desesperadamente com a forma como a Igreja como um todo enfrenta o desafio do movimento de Grupo.' Mais tarde, o marido dela mostraria sua simpatia ativa quando o Grupo de Oxford foi atacado.

Não há dúvida de que Buchman costumava ficar impaciente com a religião organizada. Ele sentiu que a Igreja estava cada vez mais fora de sintonia com os perigos que se acumulavam. “Ninguém é mais zeloso da Igreja do que eu”, disse certa vez. «Mas a lealdade à Igreja exige que vejamos a Igreja como ela realmente é, e a Igreja, como é hoje, não vai mudar a nação. Se as multidões da Igreja não forem refeitas, algum ditador irá refazê-

las. O comunismo e o fascismo criaram a maior crise na história da Igreja desde as catacumbas. O que isso implica? Uma orientação totalmente nova – sair para as ruas, atalhos e sebes. Não a nossa concepção de Igreja, mas a resposta que o mundo precisa. Isso significa que a pele vai voar, mas estou pronto para ir em frente!

Tais opiniões certamente provocariam reações. Em Março de 1933, o bispo de Durham, Dr. Hensley Henson, dedicou uma acusação à sua diocese, àquilo que Owen Chadwick, seu biógrafo, descreve como “uma acusação sustentada ao Grupo de Oxford”.<sup>423</sup> Foi, na verdade, uma investigação para saber se “o Grupo poderia ser domesticado” dentro da Igreja da Inglaterra, e a sua resposta foi um enfático “Não”.<sup>424</sup>

Após uma pesquisa acadêmica sobre o surgimento de seitas ao longo dos séculos, da qual concluiu que o Grupo de Oxford deveria inevitavelmente se tornar uma seita, Henson examinou os “princípios do grupo” tal como os concebeu. Chadwick resume a sua atitude da seguinte forma: “Aqui estava o confessor, exposto aos seus piores riscos e despojado da sua disciplina protetora; aqui estavam adolescentes agindo como padres-confessores, cegos guiando outros cegos; aqui estava o fascínio pela lascívia, bem como por um ideal moral; aqui estava uma ideia de orientação como inspiração imediata, substituindo a discussão razoável e o julgamento sensato; aqui estava um movimento que parecia ter pouco lugar para os pobres, mas que se dirigia aos estudantes universitários de Oxford, aos líderes políticos e aos capitalistas, sendo o seu trabalho realizado em hotéis e centros de moda; aqui estava um movimento que afirmava estar acima das denominações, mas como todos esses movimentos já se transformava em outra denominação.”<sup>425</sup>

O Bispo, no entanto, nunca aceitou qualquer convite para participar em qualquer festa, reunião ou ocasião do Grupo, ou para conhecer pessoas intimamente associadas a ele. Ele declarou que não foi “multado temperamentalmente” por tal provação e tinha uma “repugnância quase física”<sup>426</sup> contra o tipo de movimento que concebia que o Grupo fosse. Chadwick comenta: 'Ele (Henson) não estava bem preparado para a crítica imparcial que teria ajudado, porque a sua repulsa interior por qualquer movimento desse tipo era profunda

---

<sup>423</sup> Owen Chadwick: Hensley Henson (Chaucer Press, 1983), p. 213.

<sup>424</sup> Hensley Henson: O Movimento do Grupo (Oxford University Press, 1933), pp.

<sup>425</sup> Chadwick, pág. 214.

<sup>426</sup> Hensley Henson: Retrospectiva de uma vida sem importância (Oxford University Press, 1943), Vol III, p. 282.

demais.<sup>427</sup> As suas razões para escrever a acusação foram, de acordo com Chadwick, o seu dever de sua diocese, seu amor por Oxford (cujo nome ele considerava que Buchman havia roubado) e, “muito mais emocionalmente”, aquele “um dos jovens por quem ele se importava muito. . . e considerado o mais promissor de seus ordenandos, tornou-se discípulo do Dr. Buchman” e “foi para o Canadá” com ele.<sup>428</sup>

A primeira edição de Henson's Charge teve pouco impacto, mas ele voltou ao tema com mais efeito no outono e no inverno. Durante o verão, vários londrinos proeminentes insistiram que uma campanha do Grupo de Oxford deveria ocorrer em Londres. O Bispo de Londres convidou Buchman e sua equipe para serem comissionados na Catedral de São Paulo, e o Arcebispo de Canterbury os recebeu no Palácio de Lambeth. Henson resumiu então as suas objeções numa carta ao *The Times* em 19 de Setembro, e publicou uma segunda edição da sua Charge, com um novo prefácio, em Dezembro.

Depois da sua carta, os bispos, segundo os resumos de imprensa das suas conferências diocesanas, ficaram divididos. Os bispos de St Edmundsbury e Ipswich<sup>429</sup> e de Southwark<sup>430</sup> parecem ter sido mais críticos do que elogiosos, enquanto os de Manchester, Oxford e Rochester,<sup>431</sup> embora oferecendo conselhos e cautela, não tinham dúvidas de que o Grupo de Oxford estava mudando a vida das pessoas e tornando a religião mais real para muitos. Uma contribuição típica veio do Dr. Hewlett Johnson, de Canterbury, que logo seria batizado de “Reitor Vermelho”. Embora afirmasse que “a ideia das “festas em casa” cheira a esnobismo” e afirmasse que “a doutrina da orientação aproxima-se perigosamente da magia”, continuou: “O que, no entanto, supera estas tendências - e elas podem ser evitadas - é que a negligência, vidas egoístas e até viciosas, especialmente entre rapazes e moças, estão sendo transformadas e consagradas a Deus. Há uma nova orientação em direção a Deus...”<sup>432</sup> Um dos pontos que o bispo Henson também levantou em sua carta foi que Buchman se preocupava com as classes alta e média, os 'altos e de fora', em vez de, como era tradicional nos movimentos evangelísticos, com os 'de baixo e de fora'. saídas'. O prebendário Wilson Carlile, atual secretário-chefe honorário do Exército da Igreja, foi um dos que responderam. «Muitos de

---

<sup>427</sup> Chadwick, pág. 214.

<sup>428</sup> *ibid.*, pág. 213.

<sup>429</sup> Os tempos, 10 de novembro de 1933.

<sup>430</sup> Daily Mail, 23 de outubro de 1933.

<sup>431</sup> Os tempos, 3 de novembro de 1933.

<sup>432</sup> Esboço Diário, 29 de setembro de 1933.

nós tentámos lidar com os excluídos e os criminosos», escreveu ele, «mas os Grupos procuraram mudar as vidas da intelectualidade preguiçosa e perigosa. Admiro a coragem deles. Vamos ajudá-los em tudo o que pudermos.»<sup>433</sup>

No seu novo prefácio, o Bispo baseou o seu caso em grande parte no testemunho de Martin Kiddle, um jovem de Oxford que viajou durante cinco meses com a equipe de Buchman na América do Norte e regressou à Grã-Bretanha, deixando uma carta de profundos agradecimentos. “Estou ansioso para ver o bispo de Liverpool e meus amigos em Oxford, para contar-lhes as tremendas conquistas dos últimos meses”, escreveu ele a Buchman. 'Mais uma vez muito obrigado por todo o seu treinamento e companheirismo. Meu trabalho na Inglaterra não será apenas mais rico, mas radicalmente diferente como resultado desta experiência.'<sup>434</sup> Ele então foi ficar com Henson e aparentemente forneceu 'fatos' que o Bispo, devido à sua política de evitar contato com o Grupo de Oxford, não foi possível verificar. Em Agosto, Kiddle escreveu a uma amiga comum pedindo-lhe que dissesse a Buchman que “infelizmente muitas pessoas equivocadas estão usando o meu nome nos seus ataques ao Grupo de forma desonesta. Eles me atribuíram coisas que nunca disse. . . Por favor, diga-lhe que sempre mantereí por ele um carinho muito sincero.”<sup>435</sup> No entanto, em setembro, ele escreveu ao *The Times*: 'Não hesito em apoiar todas as declarações e críticas feitas pelo bispo de Durham.'<sup>436</sup> Nove anos depois, Kiddle, que havia sido ordenado, se tornaria uma figura trágica, condenado em Bow Street por uma acusação moral e encontrado morto pouco depois por causas inexplicáveis.<sup>437</sup> Embora fosse frequentemente citado pelo nome no prefácio de Henson, ele foi omitido das memórias do bispo, que foram publicados no ano em que foi condenado.

Durante o início da década de 1930, a Igreja da Inglaterra fez pelo menos duas sugestões oficiais de cooperação mais estreita. A primeira proposta foi transmitida a Buchman e Loudon Hamilton pelo Dr. Cyril Bardsley, Bispo de Leicester e Presidente da Comissão de Evangelismo do Arcebispo. Bardsley compareceu a várias festas em casa e

---

<sup>433</sup> Os tempos, 29 de setembro de 1933.

<sup>434</sup> Martin Kiddle para Buchman, 28 de fevereiro de 1933.

<sup>435</sup> Martin Kiddle para Lady Newsom, 20 de agosto de 1933.

<sup>436</sup> Os tempos, 23 de setembro de 1933.

<sup>437</sup> Daily Express, 19 de fevereiro de 1943.

escreveu que a sua “principal impressão foi a absoluta sinceridade e humildade dos líderes do Grupo”.<sup>438</sup>

Buchman e Hamilton viajaram para Leicester para ouvir a proposta. “A ideia”, observou Hamilton, “era que o Grupo de Oxford fosse reconhecido oficialmente como uma espécie de Ala Provisória da Igreja da Inglaterra, reconhecida e organizada em conformidade, com o Dr. Bardsley como presidente. O Dr. Bardsley me pareceu não gostar do papel que foi escolhido para desempenhar, mas expôs lealmente a proposta, terminando com a sugestão de ele mesmo assumir a presidência. Há alguma dúvida se Bardsley de fato propôs a si mesmo ou a Buchman para esse cargo, como Buchman afirmou em uma carta a um amigo. Qualquer que fosse a proposta, Buchman respondeu: 'Até agora não houve nenhum presidente, exceto o Espírito Santo', e ele e Hamilton partiram no próximo trem para Londres.

A segunda sugestão foi feita pelo Bispo de Salisbury e discutida em janeiro de 1935 em Lambeth, na presença de outros três Bispos. A Comissão Eclesiástica comprou a Abadia de Milton em Dorset, juntamente com a sua grande casa e amplos terrenos. Ofereceram-no agora, nas palavras do Bispo de Salisbury, para ser “um centro de formação gerido pelo Grupo de Oxford sob a égide da Igreja de Inglaterra”. «Da minha parte», escreveu ele com entusiasmo, «confesso que estou entusiasmado com a possibilidade de fundamentar tudo o que há de bom no movimento de grupo no solo da fé e da tradição católica. É certamente o que a Igreja deseja, e acredito que seria para a força e o desenvolvimento do Movimento.<sup>439</sup> A manutenção, que caberia ao Grupo de Oxford, seria de cerca de 2.000 libras por ano.

A primeira abordagem dos bispos foi feita a vários clérigos e leigos da Igreja da Inglaterra e ocorreu no início de dezembro. A carta citada acima foi enviada a Kenaston Twitchell em Londres, enquanto Buchman estava na Noruega. Os primeiros abordados estavam entusiasmados com o patrocínio da Igreja, mas Twitchell, observando que seriam necessárias vinte pessoas maduras para fornecer uma liderança adequada, foi mais cauteloso. “Foi-nos oferecido gratuitamente com a condição de que cuidaríamos da manutenção”, escreveu ele a Buchman. «Foi salientado que o Grupo não é uma organização<sup>440</sup> e, portanto, não poderia gerir nenhum estabelecimento como Grupo. Com isto o Bispo, pelo que sei,

---

<sup>438</sup> Jornal da Igreja da Inglaterra, 17 de julho de 1931.

<sup>439</sup> Bispo de Salisbury para H. Kenaston Twitchell, 2 de janeiro de 1935.

<sup>440</sup> Não havia, naquela época, nenhum órgão legal representando o Grupo de Oxford.

concordou, mas disse que esperava que fosse possível fornecermos indivíduos como líderes e tornar o local um centro de Grupo como uma casa privada.<sup>441</sup>

Buchman parece ter deixado a decisão para os britânicos e, na altura da reunião de Janeiro em Lambeth, todos concordaram que o Grupo não era então capaz de assumir um establishment tão grande e, mais importante, que a sua missão era um público mais amplo do que poderia ser alcançado através de qualquer Igreja. Garrett Stearly lembra-se de Buchman lhe ter dito: 'Não podemos permitir-nos tornar-nos propriedade de qualquer grupo.'

Uma linha do ataque do bispo de Durham que encontrou muitos ouvidos simpáticos foi sua referência ao que ele considerava Buchman 'assumir' o nome 'Oxford' - algo que ele disse ter cumprido 'o dever de um homem na África do Sul e na América'. O Times, que tinha usado frequentemente o nome 'Grupo de Oxford' em anos anteriores e, de fato, o usou na manchete da carta do Bispo, posteriormente abandonou o prefixo 'Oxford' e escreveu um editorial sublinhando a sua decisão. A questão despertou fortes sentimentos. Muitos homens de Oxford se opuseram a Buchman nesta questão, acreditando que ele havia inventado pessoalmente o nome para fins publicitários e que, sendo verdadeiro o relato do bispo de Durham, o uso da palavra 'Oxford' poderia trazer má reputação à Universidade. Outros acharam que ele deveria ter renunciado ao nome quando este se tornou espontaneamente de uso geral. Uma correspondência animada, prós e contras, foi publicada no *The Times*.

Esta questão surgiu em 31 de outubro de 1933, na mesa principal do Oriel College, onde Buchman e o mestre do *University College*, Sir Michael Sadler, estavam jantando. Buchman explicou como o nome surgiu e disse que ele próprio não desejava que seu nome fosse central em nada que Deus tivesse feito através dele, que muitos homens de Oxford sentiram que o Grupo de Oxford os havia aproximado do lema de sua universidade, *Dominus Illuminatio Mea*, do que qualquer outra coisa, e que o corpo de alunos de graduação de Oxford era o maior em treinamento do mundo.<sup>442</sup>

Quando a controvérsia pública estava no auge, Buchman escreveu a Sadler. '*The Times*', escreveu ele, '... imputa-nos motivos desonestos, o que vicia o desafio a um novo

---

<sup>441</sup> H. Kenaston Twitchell para Buchman, 7 de janeiro de 1935.

<sup>442</sup> Martin calculou que dos sete homens que visitaram a África do Sul em 1928, seis eram de Oxford; dos vinte e um que visitaram o Canadá em 1933, treze; em 1934, dezoito dos vinte e sete; dos 138 britânicos que foram para a Dinamarca em 1935, setenta. Em 1939, dos cinquenta e três homens que dedicaram todo o seu tempo em Londres, vinte e nove eram graduados na Universidade. (Martin MSS.)

nível de honestidade na vida comercial. Você se lembrará de que, no jantar daquela noite em Oxford, você nos disse para não cedermos nem um centímetro nesse assunto.<sup>1443</sup>

A resposta de Sadler foi prática e profética: '... você e seus amigos estavam certos ao se autodenominarem "Grupo de Oxford" porque, num momento crítico, seu trabalho aqui foi de importância determinante para o futuro do movimento. O nome não é protegido por direitos autorais e ninguém pode dizer Sim ou Não ao seu direito de usá-lo. Eu me sinto pragmático sobre isso. Se houver algo essencialmente relacionado com Oxford no movimento, o nome "Grupo de Oxford" sobreviverá como representante de um aspecto histórico do seu crescimento. Se, por outro lado, a ligação com Oxford for engolida por algo maior e mais internacional, o nome "Grupo de Oxford" seria instintivamente considerado por escritores de todo o mundo como um nome impróprio. Enquanto isso, espero que você persista. Como sabem, estou grato por Oxford ter alguma participação neste despertar espiritual.'<sup>1444</sup>

Buchman não renegaria formalmente o nome mais do que poderia tê-lo adotado formalmente. Ele aceitou isso com suas vantagens e desvantagens. Se ele foi sábio ao fazer isso foi questionado até mesmo por críticos amigáveis. Sir Arnold Lunn, por exemplo, escreveu que Buchman e seus amigos estariam “fadados a ter problemas suficientes em suas mãos se se limitassem ao seu objetivo legítimo, a campanha contra o pecado, e seria um grande erro arriscar uma colisão frontal”, não apenas com o pecado, mas também com Oxford'.<sup>445</sup> Certamente este primeiro conflito afetou imediatamente a política do *The Times* e de outros jornais, e mais tarde tornou-se manifesto em vários departamentos governamentais onde abundavam os homens de Oxford.

As desvantagens, na verdade, aumentaram com o passar dos anos. Depois de 1933, o nome 'Oxford' representou nos Estados Unidos algo conhecido como 'Juramento de Oxford' - uma promessa adotada por estudantes de muitas universidades americanas seguindo o exemplo da maioria na União de Oxford que declarou que não lutaria 'para o Rei e o País'. 'Oxford' a partir deste momento significava 'pacifista' na América, e o Grupo de Oxford era suspeito tanto de pacifismo como de comunismo. Nem foi uma grande vantagem em países

---

<sup>443</sup> Buchman para Sir Michael Sadler, 14 de dezembro de 1933.

<sup>444</sup> Sir Michael Sadler para Buchman, 15 de dezembro de 1933.

<sup>445</sup> Arnold Lunn: *Enigma* (Longmans, 1957), p. 97.

onde o domínio britânico estava sendo desafiado por movimentos nacionalistas e de independência, e a certa altura até a amizade de Mahatma Gandhi foi prejudicada por isso. Finalmente tornou-se, como Sir Michael Sadler previra, um termo demasiado restrito e acabou por dar lugar ao “Rearmamento Moral”.

A controvérsia sobre o nome em nada diminuiu o interesse despertado pela campanha em Londres durante o inverno de 1933-4. Sete mil pessoas lotaram a Catedral de São Paulo. O Arcebispo de Canterbury, recebendo a festa no Palácio de Lambeth, apontou para as fotos de seus antecessores e disse que embora muitos deles possivelmente tivessem compartilhado os temores de certos escritores ao *The Times*, ele, por sua vez, estava convencido de que o Grupo de Oxford estava chamado por Deus para Londres.<sup>446</sup>

A resposta popular foi grande e levou a novos convites de vários setores da comunidade. O Lorde Mayor recebeu um grande grupo na Mansion House. Sir Walter Windham, um veterano piloto de corridas e pioneiro do transporte aéreo, desconcertou um pouco a solenidade da ocasião ao dar um passo à frente e dizer que agradecia a Deus por um homem como Frank Buchman e não se importava com o que era dito no *The Times* sobre ele. Ele então pediu “Três vivas para Buchman”, que foram dados com vários graus de entusiasmo pelos envergonhados dignitários. O Times noticiou tudo isso sem comentários.<sup>447</sup>

A imprensa estava muito interessada. Entre os artigos mais sensacionais estava uma reportagem sobre a festa preliminar em Eastbourne, na qual Buchman foi citado numa grande manchete como tendo dito que “Deus é um milionário”, a implicação do artigo era que Buchman era generosamente dotado.<sup>448</sup> Dois semanas depois, ele relatou que, ao verificar a situação financeira de Buchman, descobriu que este homem estava levando 200 pessoas para Londres com apenas algumas libras em mãos. “Não houve nenhuma palavra de censura sobre o artigo anterior”, concluiu ele.<sup>449</sup> Mais ou menos na mesma época, Lorde Southwood, proprietário do jornal trabalhista, o Daily Herald, telefonou para Buchman e disse

---

<sup>446</sup> Em agosto de 1934, o Dr. Lang disse à sua Conferência Diocesana: 'O Grupo Oxford está certamente fazendo o que a Igreja de Cristo existe em todos os lugares para fazer. Está mudando vidas humanas, dando-lhes uma nova alegria e liberdade, libertando-as de falhas de temperamento, de relacionamentos domésticos e coisas do gênero, que os afligem, e dando-lhes um novo ardor para comunicar aos seus semelhantes o que Deus lhes deu.' (Jornal da Igreja da Inglaterra, 14 de setembro de 1934.

<sup>447</sup> Os tempos, 27 de setembro de 1933.

<sup>448</sup> Despacho de domingo, 24 de setembro de 1933.

<sup>449</sup> *ibid.*, 8 de outubro de 1933.

laconicamente: “Ouvi dizer que você é um movimento de classe. ’ “Isso mesmo”, respondeu Buchman. ‘Existem duas classes - os alterados e os inalterados.’

Os convites vieram de duas outras áreas da vida londrina. Um membro do Parlamento, Sir Francis Fremantle, sugeriu que um pequeno grupo de deputados se reunisse com Buchman e alguns amigos. Buchman pensou: ‘Leve cinquenta com você’. Isso acabou sendo sensato. O *Evening Standard* relatou a “curiosidade extraordinária” que “esvaziou tanto as salas para fumantes quanto o andar da Câmara”. Eles reuniram uma assembleia tão grande que a primeira sala escolhida ficou lotada e eles se mudaram para uma sala maior.<sup>450</sup> O orador principal era uma figura importante da Liga das Nações, C. J. Hambro, presidente do Parlamento norueguês. Ele deu um esboço vívido do que acreditava ser o potencial do Grupo e concluiu convidando Buchman para trazer uma equipe para a Noruega.<sup>451</sup>

O segundo convite veio de East London, do Rev. E. G. Legge, vigário em Poplar, que ele disse ser “uma das maiores e mais pobres paróquias da Inglaterra”. Ele descreveu a resposta: “No dia do encerramento de 1933, chegou uma equipe de oitenta e cinco pessoas. Nada parecia assustá-los. Eles iniciaram um programa de visitas a todas as casas. Todos os que puderam encontraram alojamento em algumas das casas mais pobres da paróquia, partilhando plenamente a sua vida, apesar de um dos piores períodos de nevoeiro que alguma vez conheci no leste de Londres. Eles eram encontrados comendo em cafés estranhos, reunindo ao seu redor grupos de homens ansiosos por saber mais sobre sua mensagem. Eles conquistaram o povo desde a primeira reunião, o culto da meia-noite de 31 de dezembro. Os números cresceram e cresceram. O povo havia perdido o ânimo. Para eles, o Grupo de Oxford trouxe uma verdadeira esperança.<sup>452</sup> Buchman estava no púlpito neste culto da meia-noite, e seu sermão suscitou um alto grau de participação bem-humorada do público.

De Poplar eles chegaram a East Ham e Hackney e uma equipe de 144 pessoas, principalmente das universidades, passou a Páscoa lá. Grande parte desse trabalho foi iniciado e seguido por um estudante da Universidade *Regent's Park*, Bill Jaeger, filho único de uma viúva que tinha uma pequena loja de chapelaria em Stockport. Jaeger teve a paixão de alcançar o povo do leste de Londres. “Eu estava lá antes que o resto da faculdade

---

<sup>450</sup> *Evening Standard*, 8 de dezembro de 1933.

<sup>451</sup> Para um relato das primeiras conexões de Hambro com o Grupo Oxford, consulte as páginas 216-17.

<sup>452</sup> *Jornal da Igreja da Inglaterra*, 26 de janeiro de 1934.

acordasse”, lembra ele. “Em dezoito meses, tínhamos uma equipe de 500 pessoas na área.” Quando ele deixou a faculdade, em 1936, Buchman o colocou para trabalhar em tempo integral no leste de Londres, dedicado à “fé e oração”, e sua mãe, Annie, vendeu sua loja por £ 40 e foi trabalhar com ele. Ele conheceu algumas das gangues centradas nos 'cafés' locais e muitos líderes cívicos. Bill Rowell, que representaria 250 mil desempregados de Londres no Congresso Sindical de 1936, foi recrutado por um membro da equipe de Jaeger, filho de um nobre, de 1,80 metro de altura, que dormiu durante a maior parte do inverno em duas cadeiras na cozinha do Rowells. “Não consigo deixar de pensar nas plataformas de paz sobre as quais falei, dizendo à nação como viver junta e, ainda assim, voltando para casa, para uma guerra contínua dentro da minha própria”, escreveu Rowell. 'Depois de doze anos de vida de casado, descobri de repente que tinha uma nova esposa e família. Desisti de ser ditador e imediatamente um novo amor surgiu entre nós.’<sup>453</sup>

Às vezes era um trabalho arriscado. Certa manhã, saindo de casa, um membro da equipe de Jaeger viu um pequeno grupo beligerante de homens esperando por ele. “Seu rato! Estou pensando em quebrar seu queixo! — disse um deles, agarrando-o pelas lapelas”.

- “Meu amigo, se isso vai ajudá-lo e me tornar menos rato, vá em frente e quebre-o”, disse o jovem.

A mandíbula não foi quebrada e o grupo se dispersou.

Buchman deu a cabeça a Jaeger. “Ele nunca me disse o que fazer, mas sempre quis saber o que eu estava fazendo”, diz Jaeger. “Querida saber com quem eu estava saindo e o que eu havia dito a eles. Então, poderia dar algum insight, algum conselho. Ele trazia homens de negócios e pessoas nobres, que haviam encontrado novos motivos, para me ajudar, e eu levaria meus amigos para o Oeste.’

Quando, no final da campanha de Londres em 1934, Buchman levou uma equipe importante para a América e o Canadá, o vigário de Poplar foi com ele. Outro que compareceu foi George Light, um líder dos desempregados em Warwickshire. Light compareceu à festa em Oxford em 1933, cheio de amargura por seu próprio desemprego e pelo desemprego dos homens que representava. Ele descreveu seu encontro com Buchman lá: 'Nunca conheci um homem que tivesse tanta fé, ou tal gênio para aparecer no momento

---

<sup>453</sup> De um artigo amplamente impresso na imprensa, reimpresso no Rearmamento Moral, editado por H. W. 'Bunny' Austin (Heinemann, 1938), pp. 58-9.

certo. Um dia encontrei-o e ele me pediu para acompanhá-lo em seu quarto. Ele me perguntou o que eu achava do Grupo de Oxford. Eu disse algo educado. Então ele perguntou: "Você sabe alguma coisa contra nós? Ficaríamos felizes em saber."

'Eu tinha acabado de participar de uma conferência socialista e uma mulher disse: "Acabei de ouvir de fonte confiável que alguém deu a Buchman 50 mil libras para continuar seu trabalho."

'Eu contei isso a Frank e ele disse: 'É muito estranho, George. Ouvi a mesma coisa, mas olhe minha caderneta bancária.' Ele colocou-o aberto em minhas mãos. Acho que havia um saldo de £ 9. "Esse é todo o meu saldo bancário", disse ele. Depois conversamos sobre outras coisas. "Onde você está indo agora, George?" ele disse. Eu disse que tinha passagem de volta e alguns xelins. Frank olhou nos bolsos e disse: "Tenho £ 9 em dinheiro, além do que está no banco. Aqui estão £ 9. Ambos temos a mesma quantia. Isso nos torna ambos socialistas agora."

“Esta foi a segunda conversa que tive com Frank. Ele não me conhecia. Eu poderia ter sido um twister ou algo assim. Fui para casa e contei para minha esposa e família. Aquelas 9 libras foram muito úteis, mas não eram uma fortuna. Mesmo assim, minha família ficou tão feliz por alguém ter se interessado tanto por nós que simplesmente chorou. Frank nunca adiou um ato de altruísmo de sua parte porque era necessário um ato muito maior por parte da sociedade. O que ele fez e pelo que lutou continha elementos de uma verdadeira ação revolucionária.”<sup>454</sup>

No último dia da campanha de Londres, falando no Metropole Hotel na Northumberland Avenue, Buchman comentou a afirmação de um jornal de que Oswald Mosley tinha 100.000 seguidores na sua União Britânica de Fascistas e que dois milhões de britânicos tinham “mentalidade fascista”. 'Há dois milhões de pessoas na Grã-Bretanha que têm a mentalidade do Espírito Santo?' ele desafiou. “Você precisa daquilo que Gandhi diz que sente falta nos cristãos – ser “salgado com o fogo da disciplina”.<sup>455</sup> Convidei algumas pessoas para jantar ontem à noite”, acrescentou. “Alguns eram pró-Hitler. Alguns anti-Hitler. Eu disse a eles que éramos pró-mudança em todos.

---

<sup>454</sup> George Light, MS não publicado, 11 de fevereiro de 1946.

<sup>455</sup> Marcos 9, 41. Segundo Buchman, um dos textos favoritos de Gandhi.

Em meio à confusão de cartas que apareceram na imprensa ao longo daquele outono, havia uma do ilustre missionário e ecumenista J. H. Oldham, que observou que um correspondente havia sugerido que “o movimento do Grupo é a expressão na esfera religiosa das ideias e movimentos modernos no campo do mundo político”. «Pergunto-me», escreveu Oldham, «se aquilo que os Grupos estão tentando alcançar, e na sua medida descobrir, não é algo que seja a completa antítese tanto do Fascismo como do Comunismo. Não será que estão redescobrimo a verdade de que o sentido da vida se encontra nas relações entre as pessoas? A verdadeira comunidade consiste, não na subordinação de pessoas a fins impessoais, como é exigido tanto pelo fascismo como pelo comunismo, mas na tensão constante e alegremente aceita entre pontos de vista contrastantes e complementares....

«Esta é a verdadeira alternativa às filosofias do Fascismo e do Comunismo, desde que as suas implicações nas esferas social e económica sejam totalmente pensadas e enfrentadas. Nele reside a única fonte de esperança para o mundo. É a contribuição de valor supremo que este país, se for fiel ao que há de melhor nas suas tradições, poderá dar ao mundo na sua presente angústia. Mas esta visão do sentido da vida só pode tornar-se uma alternativa real ao fascismo e ao comunismo se tiver as suas raízes na constituição última do universo e se ousarmos acreditar num Deus vivo que é a fonte, a consagração e o sustentador da vida. nossas relações pessoais com nossos semelhantes.»<sup>456</sup>

---

<sup>456</sup> Os tempos, 6 de outubro de 1933.

**A-WO-ZAN-ZAN-TONGA**

Seu trabalho no exterior e o retrocesso de Princeton não diminuíram as atividades de Buchman em seu próprio país. Nos primeiros três meses de 1929, ele realizou meia dúzia de festas em casas nos Estados Unidos, a última delas em Briarcliff, a 50 quilômetros de Nova Iorque, rio acima. Na verdade, Briarcliff tornou-se tão conhecido como centro de suas atividades durante os anos seguintes que, quando visitou o governador do estado de Nova Iorque, Franklin D. Roosevelt, no Hyde Park, em maio de 1932, a primeira observação de Roosevelt foi: 'Olá, Buchman! O que está acontecendo em Briarcliff? Pouco depois, Buchman foi recebido pelo Presidente Hoover, que estava preocupado com a Depressão, que agora atingia o seu ponto mais profundo. A constatação de que a prosperidade dos anos 20 tinha desaparecido, talvez para sempre, trouxe consigo o desespero e a ameaça de violência. A revista Harper's publicou um artigo intitulado "Vamos ter uma revolução?"<sup>457</sup> Houve 38 suicídios em Detroit num único fim de semana.

Buchman trouxe um grupo de vinte pessoas para a América do Norte em um reconhecimento naquele ano. Ele realizou grandes reuniões no Oriente e no Centro-Oeste dos Estados Unidos, chegando a Detroit em junho. Ali, um casal cujo casamento foi salvo através do encontro com o Grupo de Oxford apresentou-o ao Sr. e à Sra. Henry Ford. Ford, percebendo que o relógio de Buchman não estava funcionando, ofereceu-lhe uma cópia de seu próprio relógio - um relógio de um dólar preso a um cordão de couro elegante preso à lapela do casaco. Buchman estava comemorando seu quinquagésimo quarto aniversário e convidou seu amigo da Penn State, Bill Pickle, agora com 84 anos, para se juntar a ele na ocasião. Ele apresentou Bill Pickle aos Fords. "Henry Ford mostrou-se para mim simplesmente como um homem comum", foi o veredicto de Bill. 'Se ele fosse meu vizinho, poderíamos ser apenas bons amigos.'

Buchman manteve contato com Bill ao longo dos anos e enviou-lhe ajuda financeira em tempos difíceis. Ao saber que seu "benfeitor", como sempre chamava Buchman, planejava visitar a Europa novamente, Bill escreveu: "Ouvi dizer que você está navegando

---

<sup>457</sup> Harpers, agosto de 1932.

para Oxford, Inglaterra, em 15 de junho, o que seria o deleite de minha alma em meus últimos dias. Agora, Frank, você sabe que nunca pedi nada e não tenho motivos para pedir, mas não sabe como eu gostaria de ir com você para Oxford. Estamos todos muito bem e espiritualmente no topo da montanha. Atenciosamente, companheirismo, amor e verdade. Seu irmão, W. I. Gilliland.<sup>458</sup>

No dia em que o Berengaria partiu para a Inglaterra, Buchman escreveu à Sra. Ford: “Você pode se surpreender ao saber que levarei Bill Pickle para a Inglaterra comigo esta noite. Bill diz que o último barco em que ele viajou foi uma balsa de Filadélfia para Camden, e antes disso seu maior barco era uma jangada para cães em um lago de moinho!”<sup>459</sup>

Na sua primeira viagem aérea, de Londres a Genebra para um almoço com os delegados da Liga das Nações, Bill Pickle deu uma olhada no pequeno avião e pediu para ver o piloto. 'Você vai voar nessa engenhoca?' perguntou Bill.

'Sim', respondeu o piloto veterano.

'Se você não se importa', disse Bill, 'eu me sentiria muito mais tranquilo se pudéssemos nos ajoelhar e orar antes de começarmos.'

O piloto ajoelhou-se ao lado do avião, enquanto Bill confiava a segurança deles ao seu 'Pai Celestial' enquanto ele, um filho ilegítimo que nunca conheceu seu pai, sempre se dirigia a Deus.

Nesse ínterim, Henry Ford encontrou o filho de Harvey Firestone no decorrer dos negócios, notou a mudança nele e o manteve conversando em seu escritório por duas horas. Durante esse período, ele convidou Bill Pickle, que havia retornado da Europa, para conhecer alguns de seus executivos alcoólatras. Perguntaram a Bill como ele orava. "Bem", disse ele, assoando o bigode, "a primeira coisa é ajoelhar-se, como num jogo de dados." O riso afogou o resto da instrução. Da mesma forma, em Genebra, a sua franqueza causou uma impressão mais forte do que muitas declarações mais polidas. Buchman costumava dizer: 'Ele é genuíno. Então você pode apresentá-lo em qualquer lugar.

Na Europa, Buchman tinha agora reunido o que o caso Princeton espalhara na América - a força móvel de pessoas convictas para a qual tinha trabalhado desde que regressou da China. Após seu reconhecimento preliminar no Canadá, ele retornou para lá

---

<sup>458</sup> William Gilliland para Buchman, 23 de maio de 1932.

<sup>459</sup> Buchman para a Sra. Henry Ford, 16 de junho de 1932.

com trinta e duas pessoas em outubro de 1932. Durante a viagem, o barbeiro do navio, enquanto fazia a barba de Buchman, perguntou em tom bastante grosso qual era o seu trabalho. 'Meu trabalho', respondeu Buchman com espírito, 'é ajudar um barbeiro com pescoço de touro, que esteve em farra na noite anterior, a descobrir como ele pode se limpar e colocá-lo no caminho certo.'

A equipe inicial de Buchman, encomendada pelo Bispo de Liverpool, era formada por Grã-Bretanha, Holanda, Alemanha, África do Sul e Estados Unidos. Era outubro, com o semestre universitário em pleno andamento, apenas seis de Oxford estavam na primeira festa, incluindo Reginald Holme, famoso no clube motorizado, que acabara de obter o primeiro título em teologia, e Marie Clarkson, a “garota cachorro”. O Dr. e a Sra. Ebenezer Macmillan vieram da África do Sul, Frau Moni von Cramon da Alemanha, o vice-almirante Sydney Drury-Lowe de Londres e Jimmie Watt, um ex-comunista, da Escócia. Enquanto a Duquesa de Bedford entrava no porto de Quebec, Ruth Bennett<sup>460</sup> lembra-se de Buchman exortando os britânicos a esquecerem que eram britânicos e a lembrarem apenas que eram cristãos. “Vivam com base na apreciação e não na comparação”, disse ele, e então lançou o pensamento: “Cada um de vocês pode estar liderando uma equipe de duzentas pessoas antes que esta viagem termine”.

A equipe tinha, em sua maioria, menos de vinte e cinco anos e certamente precisava de treinamento. “Éramos verdes como a grama”, lembra Holme. “Lembro-me de ter dito a um jornalista de Liverpool, antes de partir, que, tendo em conta todos os crimes que lemos na América, alguns de nós poderiam não voltar. Tivemos uma reunião com o Exército da Salvação e uma das nossas jovens americanas foi convidada a dar uma bênção. Houve um longo silêncio. Ela sabia o que era beneditino, mas nunca tinha ouvido essa nova palavra. A 'menina cachorro', atacada por um teólogo zeloso sobre o motivo de ela não ter mencionado 'o sangue de Cristo' em seu discurso, respondeu: 'Se você tivesse levantado isso na minha primeira reunião, eu teria corrido seis quarteirões.' ”

Seu próprio frescor revelou-se atraente. Após o primeiro encontro, um digno homem de cabelos grisalhos entrou em contato com Holme. Ele perguntou como passar um “momento de silêncio” e, quando tentou, escreveu a única palavra “Costumes”. Homem de Balliol, Bernard Hallward era agora vice-presidente do Montreal Star, e quando a equipe

---

<sup>460</sup> Agora Ruth Lamond.

chegou a Ottawa foi saudada por uma manchete de oito colunas trazendo a notícia de que ele havia devolvido US\$ 12.200 ao Departamento de Receita Nacional por mercadorias não declaradas trazidas de Europa.<sup>461</sup>

Em Ottawa, o primeiro-ministro R. B. Bennett ofereceu um almoço para seus colegas de gabinete conhecerem os visitantes. 'Se, como acredito, Wesley salvou a Inglaterra dos efeitos da Revolução Francesa', disse ele naquela ocasião, 'então é minha fé permanente que as influências que você representa tão poderosamente são as únicas que podem salvar o mundo.'<sup>462</sup>

O professor Grensted juntou-se aos viajantes durante as férias de Natal em Oxford e embarcou em um intenso programa de encontros com seus colegas teólogos e psicólogos. Ele escreveu em seu diário: 'Toronto – À tarde, entrevistas; um deles vale todo o tempo e custo de vir. Esta noite, três reuniões e pelo menos 3.000 pessoas para ouvir a nossa história muito simples. Cada um de nós falou três vezes e eu, pelo menos, comecei a conhecer a curiosa clareza que existe além do cansaço. Mas que necessidade existe, e com que paciência estas pessoas ouvem e procuram ajuda! O salão do hotel fica cheio, depois das reuniões, de grupos conversando sem parar... No chá, eu deveria me encontrar com alguns psicólogos e descobrir que todo o departamento havia chegado. Eles pareciam saber como, mas não por quê. E claramente eles me consideraram uma exposição interessante....

'Hamilton, Ontário - As coisas correram bem, como sempre, com o clero, onde fui levado a proclamar com vigor e ênfase contra as opiniões do psiquiatra local que levantou a cabeça contra nós... Escrevo isto às 2h00, muito atrasado por cartas. Também pela chegada de um importante jornal da Igreja repleto de ataques ao Grupo. É curioso como estes ataques parecem estar organizados. O editor diz que esperou para formar um julgamento até a chegada do Grupo e depois reimprime os ataques hostis escritos semanas atrás num jornal inglês. É estranho ler este ataque, escrito também por pessoas capazes, e depois pensar no fluxo constante de milagres sóbrios acontecendo sob meus olhos. Acredito que apenas tema que os jovens se levantem e salvem o mundo. E o desafio para os idosos que não o salvaram...

Buchman levou sua equipe de sessenta pessoas para passar o Natal em Lucerna, Quebec. Hermann Hagedorn, poeta e biógrafo de Theodore Roosevelt, observou: "Não há

---

<sup>461</sup> Ottawa Evening Citizen, 15 de novembro de 1932.

<sup>462</sup> Jornal da Igreja da Inglaterra, 2 de dezembro de 1932.

tempo para ganhar presentes. Ellie Forde foi à loja de 5 e 10 centavos. Grensted e outros escreveram poemas para cada um. Frank ganhou sessenta guirlandas de Natal, fitas e etiquetas. No hotel, grande lareira de seis lados. Carols. Creche para Frank. Árvores, show, etc... No dia seguinte, Grensted fixou um requintado quadro de presépio. Frank adorava a simplicidade. Sensibilidade aguda a pessoas e coisas. Há muito do artista nele. Sentimento tremendo que nunca chega ao sentimentalismo. Mas ele é gregário até não conseguir descansar. Cada aniversário tem um significado tremendo.

Em 29 de janeiro, em Montreal, houve, observou Grensted, “um grande serviço religioso na Catedral no final da tarde. O Bispo falou com sentimento e cordialidade, um pouco surpreso ao encontrar a Catedral completamente lotada. As pessoas estavam chegando duas horas antes do horário...’

Houve uma festa em Detroit pouco antes da visita a Montreal, e eles voltaram para lá no dia 30, a caminho de Nova York, para um baile no celeiro oferecido por Henry Ford. Na manhã de domingo, Bill Pickle falou na Capela de Martha e Mary em Ford's Dearborn Village, e Buchman e alguns de sua equipe tomaram chá com os Ford em sua casa. Em seguida, seguimos para Nova York, onde 3.200 pessoas lotaram o salão de baile do Waldorf-Astoria para o que Grensted descreveu como “um triunfo especial para Frank, que se lembra muito bem de suas dificuldades anteriores em Nova York, quando toda a imprensa estava contra ele e os amigos eram poucos”.<sup>463</sup>

De Briarcliff Buchman levou a sua equipa para Washington, onde o Secretário de Estado, Cordell Hull, participou numa das reuniões. Outra foi aberta por um coro negro, pelo qual Buchman foi muito criticado - crítica que se tornou ainda mais estridente quando ele transferiu a reunião seguinte para uma igreja negra onde 2.000 pessoas, negras e brancas, se misturavam alegremente, numa época em que tal integração racial era incomum na capital.

A viagem continuou através de Louisville, Akron e Kansas City - onde Buchman conheceu o juiz, mais tarde presidente, Harry Truman - até o Arizona e a Califórnia. Em

---

<sup>463</sup> Greensted relatou seus feitos na América do Norte com considerável entusiasmo em uma reunião em Oxford em seu retorno. No ano seguinte, porém, ele passou a sentir que deveria ser mais desapegado. De acordo com um memorando privado do Arcebispo Lang de 13 de julho de 1934, Greensted ficou perturbado com “a autoconfiança explosiva de alguns dos membros mais jovens em tempo integral, insistindo que o seu método é praticamente o único pelo qual um homem pode se tornar um cristão”, mas disse que iria “continuar estar em plena sintonia com seus propósitos principais’.

Phoenix ele levou todo o grupo para um rodeio e acabou conversando profundamente com um dos cowboys na plataforma até a partida do trem.

Na Costa Oeste houve grandes reuniões em Los Angeles e três festas em casas próximas. Os visitantes também conversaram na prisão de San Quentin. Um exemplar de *For Sinners Only/ Somente para Pecadores* chegou até lá e as mudanças que efetuou foram tão marcantes que o Diretor dos Serviços Sociais e Religiosos da prisão os convidou a entrar. O próprio Diretor disse que a visita lhe deu uma nova abordagem ao seu trabalho. Outras prisões foram visitadas no Canadá e nos Estados do Leste, e as autoridades penitenciárias relataram mudanças em muitos presos.

Buchman, à medida que a viagem prosseguia, insistia cada vez mais que aqueles que “mudavam” deveriam relacionar a sua experiência de Deus com as suas vidas públicas e os problemas da nação. A experiência pessoal era importante, mas podia tornar-se sentimental, a menos que fosse imediatamente aplicada à vida quotidiana. Dois homens de negócios que deram esse passo foram William Manning, de São Francisco, dono de uma série de cafeterias, e T. P. Loblaw, cuja rede de lojas de provisões se estendia pelo Canadá de costa a costa.

Manning e sua família desistiram de sua grande casa e começaram a viver de forma mais simples, em vez de demitir funcionários. Ele comentou que se divertia com todas as salvaguardas que vinha tentando adotar contra a Depressão: "Quando você tiver sua família alinhada nesta base, todo o medo do futuro desaparecerá."

Loblaw, cujas lojas foram precursoras dos supermercados de hoje e cujo faturamento naquele ano ultrapassou US\$ 25 milhões, pediu a Buchman que enviasse um membro de sua equipe para ser seu convidado. Buchman enviou George Wood, irmão de Lawson, de dezoito anos, recém-saído da escola em Aberdeen. Um dia, eles se ajoelharam enquanto Loblaw entregava sua vida e seus negócios a Deus. Ele prontamente disse a seus funcionários e concorrentes que seu negócio estava sob nova administração e começou a reformulá-lo. Para isso, ele contou com a ajuda do ex-comunista Jimmie Watt, que comentou: 'Ele enfrentou o desafio de ter seu negócio guiado por Deus, sabendo muito bem os ajustes e reajustes que precisavam ser feitos. Ele teve um começo nobre. Infelizmente, foi apenas o começo, pois Loblaw morreu três meses depois, após uma breve doença. Outros, porém, foram estimulados por seu exemplo, entre eles o chefe de uma fábrica de conservas de salmão em Vancouver, Richard Bell Irving, que ele apresentou ao Grupo de Oxford.

Durante toda a viagem, Buchman teve o cuidado de evitar que seus jovens colegas verdes se levassem muito a sério. Um deles ficou um tanto exultante com seu sucesso como orador. Certa manhã, às duas da manhã, em Quebec, Buchman, a caminho de dormir, telefonou para ele do saguão do hotel. “Meu nome é Walker”, disse ele com uma voz disfarçada. “Ouvi você falar esta noite e fiquei profundamente impressionado. Quero que você desça imediatamente e me ajude a começar. O jovem pulou da cama e desceu, apenas para descobrir, depois de alguma espera infrutífera, que havia caído na armadilha de Buchman contra a auto-importância. Os jovens, no entanto, se defenderam de um julgamento simulado de Buchman por mascar chiclete - algo que ele nunca fez - em um campus universitário. A peça parodiava todas as suas características e maneirismos, e Buchman riu ruidosamente.

A viagem foi ofuscada para pelo menos um dos partidos pela ascensão de Hitler ao poder na Alemanha. Frau Moni von Cramon pertencia a uma antiga família Junker, fora dama de companhia do último Kaiserin e era parente do famoso aviador alemão da Primeira Guerra Mundial, o barão Manfred von Richthofen. Ela própria dirigia uma escola de aperfeiçoamento para meninas em sua grande casa perto de Breslau, na Silésia. Ela havia deixado seus três filhos lá. “Tanto os nacional-socialistas como os comunistas odeiam-me por causa da minha ligação com o Kaiser”, disse ela a Buchman. 'Preciso ir para casa.' Ela chegou em casa no momento em que Hitler foi proclamado Chanceler.

Durante toda a viagem, como lembra Ruth Bennett, o pessoal de Buchman era tão inexperiente que ele mesmo teve que cuidar de todos os preparativos: viagem, bagagem, lavanderia, reservas de hotel, verificação e pagamento de contas, cobertura da imprensa e impressão. “A única vez que o vi perder a paciência”, diz ela, “foi quando estávamos todos sentados pacificamente tomando café da manhã no hotel em Montreal, quando já deveríamos estar a caminho da estação”. 'Eu digo, pessoal', disse alguém, 'Buchman está dando cambalhotas no saguão porque não estamos a caminho!'

Buchman foi frequentemente criticado por usar grandes hotéis, mas sua resposta foi que só eles possuíam as instalações necessárias ao trabalho da equipe - telefones, salão de baile, cujo uso para reuniões muitas vezes era gratuito, e salas para reuniões menores. Os proprietários de hotéis frequentemente faziam concessões especiais. Sempre se dava a Buchman uma suíte pelo preço de um quarto individual, em agradecimento pela mudança

que viu em seu sobrinho. Outro cortou US\$ 2.000 da conta porque uma grande quantidade de prata havia sido devolvida ao hotel como resultado das reuniões de Buchman: principalmente, alegou o proprietário, de pessoas que estiveram lá em outras reuniões religiosas.

Numa cidade, o hotel onde Buchman fizera a reserva foi incendiado e o proprietário da única alternativa exigiu tarifas absurdas. Apesar de todos os argumentos, ele não cedeu. Finalmente Buchman disse: 'Se esta for sua última palavra, convocarei uma entrevista coletiva e contarei como você nos tratou.' O proprietário desceu rapidamente. “Quando o outro sujeito firma os pés, você só precisa firmar os seus com mais firmeza”, comentou Buchman.

A base financeira da viagem surpreendeu os participantes e causou curiosidade, incredulidade ou choque no público em geral. Buchman nunca tinha em mãos mais do que o suficiente para as necessidades da semana seguinte. Pouco antes de deixar a Grã-Bretanha, Roger Hicks, um colega recentemente recrutado em tempo integral, ofereceu a Buchman, £ 10.000, os restos do capital deixado por seu pai. Buchman recusou-se a aceitá-lo. “Não é meu trabalho cuidar do seu dinheiro”, disse ele a Hicks. 'Agora que você está livre da falsa segurança do dinheiro, Deus lhe mostrará como usá-lo.' Hicks, incapaz de fazê-lo mudar de ideia, pensou melhor e voltou com £ 2.000. 'Frank', ele disse, 'tenho orientação para lhe dar isso.' Após alguns momentos de reflexão, Buchman aceitou.

'Diga-me', Hicks então perguntou a ele, 'como você vai gastá-lo?'

“Tenho trinta e duas pessoas que irão comigo para o Canadá na próxima semana”, respondeu Buchman. 'Reservei as passagens, mas não tenho dinheiro para pagá-las. Essa será a primeira reivindicação. Hicks logo depois juntou-se a ele no Canadá.

Buchman nunca pediu dinheiro para a turnê. Nenhuma coleta foi feita nas reuniões, embora as pessoas lhe garantissem que isso iria arrecadar tudo o que ele precisava. Ele acreditava que as pessoas que haviam sido ajudadas dariam por gratidão, e assim aconteceu. Na verdade, uma média de quarenta pessoas viajaram de ponta a ponta do continente durante oito meses em plena Depressão, sem qualquer meio de apoio garantido, e nenhuma delas alguma vez teve falta de comida ou abrigo.

Numerosos exemplos de como eles foram fornecidos poderiam ser dados. Um escocês, George Marjoribanks, e um colega encontraram-se sozinhos e sem um tostão em

Edmonton. Eles oraram sobre isso e meia hora depois encontraram um homem na rua que, sem ser solicitado, deu US\$ 25 ao Marjoribanks. Francis Goulding, na Inglaterra, teve a ideia de enviar £ 4 para alguém em uma viagem ao Canadá. Ele não tinha entendido. Ele orou: 'Se você quiser que eu faça isso, terá que me enviar as £4'. Em seu correio naquela manhã chegaram duas cartas, cada uma contendo £2. Um envelope registrado custava 10 centavos: uma hora depois um homem devolveu os 10 centavos que lhe devia.

Não que esse modo de vida tenha surgido facilmente. “Uma manhã”, recorda um membro da equipa, “reunimo-nos, cerca de cinquenta pessoas. Buchman começou perguntando se havia alguém sem dinheiro e mostrou um pequeno maço de notas, tudo o que restava no tesouro. Um homem se levantou e disse que estava sem um tostão. Buchman desceu e deu-lhe 2 dólares. Ele então falou conosco sobre nossa falta de fé de uma forma que jamais esquecerei. “Alguns de vocês estão contentes em viajar na minha fé”, disse ele. O resultado foi que todos fomos para os nossos quartos pedir perdão a Deus pela nossa falta de fé e implorar o Seu apoio contínuo.’

O oeste do Canadá deu à festa uma grande recepção pública. “30.000 rebanhos para ouvir o Grupo Oxford” era a manchete do Vancouver News.<sup>464</sup> James Butterfield, colunista do rival *Vancouver Daily Province*, tinha uma visão cética. Durante quatro dias ele atacou.<sup>465</sup> No quinto dia, Buchman o avistou numa recepção. 'Olá, Butterfield', disse ele, 'você é o sujeito que soletrou meu nome corretamente a semana toda.' Isso deu início a uma conversa. No dia seguinte, a coluna de Butterfield tinha o título: 'Dr. Buchman, você venceu!'

Em Edmonton, o primeiro-ministro de Alberta, que se oferecera para presidir a primeira reunião, também se viu falando em três reuniões lotadas, todas lotadas até as portas. Ele disse que a multidão sentiu o cheiro de uma reunião eleitoral, mas superou qualquer interesse eleitoral que ele conhecia.

Certa noite, quando Buchman e Hicks voltaram ao hotel, encontraram um homem mais velho, de aparência distinta, em traje de gala e um pouco bêbado, deitado na cama de Buchman. Buchman mandou Hicks perguntar ao gerente como ele havia entrado. Quando Hicks voltou, ouviu o visitante dizer: 'Agora, Dr. Buchman, por favor, diga-me novamente - quais são esses quatro padrões?' Buchman disse a ele. “Às vezes esqueço pela manhã o que

---

<sup>464</sup> Vancouver News, 3 de abril de 1933.

<sup>465</sup> Vancouver Daily Province, 11 de abril de 1933 e dias seguintes.

ouvi na noite anterior. Por favor, escreva-os na frente da minha camisa', respondeu o homem. Então Buchman escreveu na frente de sua camisa: 'Absoluta honestidade, pureza, altruísmo e amor. Chá com Buchman, às 17h. Ele veio, decidi mudar e foi uma pessoa transformada.

A última reunião totalmente canadense no Chateau Frontenac Hotel em Quebec terminou no Domingo de Pentecostes e, para espanto da equipe do hotel, Buchman pediu a Sully Wood, um vendedor de carros de grande sucesso, que lesse a história de Pentecostes nos Atos dos Apóstolos. Wood havia ficado no hotel vinte e sete vezes e nunca se lembrava de como havia saído. O gerente nunca podia deixar os quartos um dos lados do seu por causa do barulho que fazia. Desta vez, quando Sully chegou, ele disse: 'Este é o lugar errado para você, Sully. Muitas pessoas religiosas vieram. “Eu vim com eles”, respondeu Sully. 'Algo pode acontecer.'

O gerente estava cético e os mensageiros fizeram um sorteio sobre quanto tempo ele permaneceria sóbrio. Uma noite, ao encontrá-lo vagando pela cozinha, eles pensaram que o haviam pego. Mas ele só estava atrás de leite. O 'algo' aconteceu. Logo sua família distante se juntou a ele e eles se reuniram. Seis semanas depois, enquanto cem outros canadenses viajavam para a Inglaterra para a festa em Oxford, Sully liderou uma equipe de Toronto para algumas cidades vizinhas.

G. Ward Price, um dos principais repórteres britânicos da época, visitou o Canadá logo após a partida da equipe do Grupo Oxford. “Encontrei todo o Domínio, de Vancouver a Quebec, discutindo o sucesso da missão do Grupo Oxford”, escreveu ele no Sunday Pictorial. 'Devo admitir que fiquei impressionado com a influência que isso evidentemente tomou nas mentes de muitos canadenses cuja educação e conhecimento do mundo os protegeriam contra meros métodos emocionais.<sup>466</sup>

Em março de 1934, Buchman liderou uma segunda expedição maior ao Canadá, com incursões paralelas aos Estados Unidos. A viagem pelo Canadá foi, em termos de multidões e recepções oficiais, uma repetição do ano anterior. Mas Buchman, desde o início, disse à sua equipa: “O nosso objectivo não é conquistar novas pessoas, mas fazer com que todos apliquem a sua nova experiência na vida da nação. Na última vez, dirigimos em alguns postes. Agora devemos erguer o edifício sobre eles.<sup>467</sup> 'O Grupo de Oxford e a Paz Mundial'

---

<sup>466</sup> Domingo Pictórico, 25 de junho de 1933.

<sup>467</sup> Calgary Herald, 12 de junho de 1934.

e 'A Influência do Grupo de Oxford nos Conflitos Raciais' foram os títulos de dois editoriais no Toronto Mail and Empire,<sup>468</sup> enquanto o Ottawa Citizen<sup>469</sup> escreveu sobre o implicações da mensagem do Grupo para o desemprego. O Colono de Victoria, BC, declarou: 'O Grupo Oxford parecia, para um observador, ter crescido em sensibilidade às necessidades da humanidade. . . O ouvinte não precisa deduzir que o movimento se retirou de alguma forma dos seus principais princípios nem está a desistir dos seus modos característicos de vida religiosa. . . Mas sem dúvida está dando uma nova ênfase. É enfrentar as implicações sociais do evangelho.'<sup>470</sup>

Uma repreensão justa, contudo, veio do Ottawa Evening Journal quando Holme inferiu do caso do seu amigo Hallward em Montreal que “o povo do Canadá está a começar a pagar os seus impostos com base na “honestidade absoluta”. “Começo” é a palavra usada”, comentou o jornal. 'A inferência de que os canadenses geralmente têm sido desonestos em seus pagamentos de imposto de renda e que cabe ao Grupo Oxford convertê-los para práticas honestas é algo que senhoras e senhores em turnê teriam dificuldade em manter.' No entanto, acrescenta o jornal, “há espaço para melhorias”. A declaração parecia “valorizar este movimento evangélico de acordo com o seu retorno mensurável em dinheiro”, concluiu o editorial. 'Gostaríamos de poder pensar que os seus objectivos estão num plano mais elevado.'<sup>471</sup>

Uma parte inicial da viagem foi passada nas Marítimas, não visitadas no ano anterior. De lá, Buchman planejou mudar-se para as províncias das pradarias e, desta vez, estava determinado a não fazer todo o trabalho de preparação. Em vez disso, ele viu isso como uma forma de treinar os mais jovens, colocando-os no fundo do poço. Um deles, Howard Blake, lembra-se de uma noite de planejamento enquanto o trem os levava do Maritimes para Toronto: “Enquanto a maioria dormia pacificamente nos vagões-leito escuros, uma sala de estar brilhava com a luz enquanto Frank e um grupo de amigos se reuniam em volta. à mesa para planejar uma corrida relâmpago através do continente. Depois de dois dias em Toronto, eles visitariam Winnipeg e Regina em rápida sucessão, depois se dividiriam em duas visitas simultâneas em Calgary e Edmonton, para se encontrarem novamente em Vancouver, depois

---

<sup>468</sup> Mail and Empire, 20 de março de 1934 e 9 de maio de 1934.

<sup>469</sup> Ottawa Evening Citizen, 23 de março de 1934.

<sup>470</sup> O Colono, 3 de junho de 1934.

<sup>471</sup> Jornal noturno de Ottawa, 12 de março de 1934.

em Victoria e Seattle. Depois disso, viria um período final de treinamento em Banff, antes que a força retornasse para a assembléia de verão em Oxford.

'Durante a noite, grupos avançados de dois para cada cidade foram escolhidos para avançar em um trem de conexão na manhã seguinte, enquanto a força visitava Toronto. Frank havia visitado essas cidades apenas dois anos antes. Até onde sabíamos, ele não tinha expectativa de retornar num futuro próximo. Assim que ficou claro quais dois iriam para cada cidade, ele começou a ditar cartas de apresentação para os secretários durante a noite, para que os jovens encontrassem rapidamente seu caminho em cada cidade.

'Nunca experimentei nada parecido com o ditado daquela noite - cada carta era pessoal para cada grande proprietário de hotel e cada editor de jornal nessas cidades, e para outros líderes. Sem anotações ou diário, Frank ditava de memória, com nome e grafia correta, saudações às esposas e muitas vezes aos filhos com seus nomes, cartas cheias de notícias, do que havia acontecido e do que iria acontecer, com carinho e espontaneidade, como se ele os tinha visto uma ou duas semanas antes. Pela manhã tudo estava claro. Quatorze homens seguiram para sete cidades e prepararam o caminho para o grande time que se seguiu logo depois, enquanto Frank, com pleno vigor, liderou o restante para os Estados Unidos.'

Esta mudança tomou a forma de uma breve visita a Nova Iorque e Washington, seguida de dois dias em Allentown. "Felizmente Buchman não foi um profeta sem honra no seu próprio país", escreveu o Allentown Call. 'Allentown irá recebê-lo não só por si mesmo, mas pela mensagem que está a levar a milhões de pessoas.'<sup>472</sup>

De volta ao Canadá, Buchman e sua equipe foram recebidos pelo primeiro-ministro em cada província, o primeiro-ministro Bennett passou cinco horas com eles em Ottawa. Em Vancouver, descobriram que uma das piores greves marítimas na América do Norte até então paralisou os portos da costa do Pacífico, de São Francisco ao Alasca. Partes do Alasca já haviam recebido rações. Se a greve continuasse, a corrida anual do salmão – da qual dependia a indústria conserveira – seria perdida. No momento da chegada do Grupo, um impasse completo havia sido alcançado.

Principalmente através da intervenção de dois membros da equipe de Buchman - George Light, o Socialista de Warwickshire, e Walter Horne, um construtor naval californiano - um acordo justo foi alcançado. Foram necessárias setenta e duas horas de

---

<sup>472</sup> Chamada matinal de Allentown, 24 de abril de 1934.

esforço contínuo, movimentando-se entre os homens, que tinham queixas antigas e justificadas, o comité de greve, os líderes sindicais e os empregadores. A resolução foi relatada num almoço de homens de negócios em Toronto pelo enlatador de salmão de Vancouver, Richard Bell Irving.<sup>473</sup> 'Isto foi conseguido através da aplicação dos princípios de Cristo, tal como defendidos pelo Grupo, aos problemas tanto dos proprietários como dos grevistas', disse ele. disse. 'A minha empresa foi seriamente afectada pela greve e, portanto, sei do que falo.'<sup>474</sup> O Ottawa Evening Citizen comentou: 'Quando o Cristianismo é posto em prática, é uma dinamite espiritual. Não existe força maior para reformas duradouras conhecida pela humanidade.'<sup>475</sup>

O ímpeto por trás deste acordo foi estudado na festa em Banff, imediatamente após a visita ao extremo Oeste. Lá Buchman tinha dois temas principais. A primeira foi a necessidade de uma sociedade totalmente controlada por Deus, através da livre cooperação dos indivíduos. A segunda era como um grupo, em qualquer situação, poderia começar a trabalhar para conseguir isso.

'Que agência salvará a civilização do suicídio?' ele perguntou. "Não adianta consertar pneus velhos. Precisamos de um carro novo. Este "carro" seria uma nação tão totalmente controlada por Deus como os estados totalitários dos ditadores eram controlados pelos homens. "O pensamento principal em Banff era a "Totalidade" – uma Igreja, uma Universidade, uma Cidade, uma Província, um País, totalmente cristão", afirmava o relatório da festa em casa. 'Que visão, que imaginação, que devoção, que disciplina era necessária para a realização de um objectivo tão grande - esta era a consideração da festa em casa.'

Buchman abordou seu segundo tema certa manhã, exemplificando como um grupo de sete pessoas dedicadas poderia operar em uma cidade. Eles poderiam sentar e ouvir a Deus para saber os nomes das sete pessoas mais estratégicas, ou das sete mais tentadas, ou das sete pessoas mais difíceis da cidade. Então eles poderiam iniciar uma "atividade de couro de sapato" para mudar essas pessoas. "Deus trabalha com pessoas difíceis", disse ele. 'É como um triângulo. Deus no topo, você e a outra pessoa. Para qualquer grupo que não esteja na base da onda de mudança de vida, adeus. Você já pensou em um gangster mudando? Quantos

---

<sup>473</sup> Ottawa Evening Citizen, 16 de junho de 1934.

<sup>474</sup> Testemunha e Canadian Homestead, 27 de junho de 1934.

<sup>475</sup> Relatório sobre 'The North American House Party, Banff, Canadá', 6 a 11 de junho de 1934.

comunistas conhecemos pessoalmente? Alguns de vocês terão companheiros inesperados neste negócio.

Ambos os elementos foram essenciais para a sua estratégia: a proclamação de uma visão adequada ao interesse de milhares de pessoas e a arte do “pescador de homens”, que soube ir pacientemente atrás do peixe grande e difícil com a isca ou mosca certa.

Enquanto estavam em Banff, os índios Stoney, uma tribo do povo Sioux, fizeram de Buchman um irmão de sangue. Apenas membros da família real britânica podem ser nomeados chefes dos Stoney, e até então apenas seis outros brancos tinham sido nomeados irmãos de sangue. Durante o inverno as índias confeccionavam o traje cerimonial de couro branco macio e miçangas, com o tradicional cocar de penas. As respostas de Buchman às perguntas rituais, dadas em seu nome por Loudon Hamilton resplandecente em um kilt, revelaram uma triste falta de tendas e gado, compensada pelo número de seus bravos e pelo fato de que ele e eles “trabalharam sem dinheiro para Deus”. Os Stoneys deram-lhe o nome de A-Wo-Zan-Zan-Tonga - Grande Luz nas Trevas - que o Chefe Walking Buffalo disse ter vindo a eles como um pensamento de Deus. Eles prometeram a ajuda da tribo 'na tristeza ou na doença, na fome ou na abundância, de dia e de noite', e terminaram: 'Assim você crescerá grande nos corações daqueles que agora o adotam, e o Grande Espírito olhará com amor e compaixão por você quando Ele o chama para os Campos de Caça Felizes.<sup>1476</sup>

“O trabalho que estão a fazer facilitou a tarefa do governo”, disse o primeiro-ministro Bennett numa mensagem de despedida a Buchman e à sua equipa. 'Sua influência foi sentida em todas as aldeias e cidades, até mesmo no posto avançado mais remoto do Domínio.<sup>1477</sup>

---

<sup>476</sup> Grant MacEwan, em sua biografia de Chief Walking Buffalo, Tatanga Mani (Hurtig, 1969), afirma que o Chief foi apresentado a Buchman em Banff por um amigo branco canadense, foi convidado por este amigo para fazer de Buchman um irmão de sangue, e em seguida, organizou uma cerimônia imediata. No entanto, o presente relato foi retirado de relatos de testemunhas oculares contemporâneas.)

<sup>477</sup> Ver Boston Evening Transcript, 26 de janeiro de 1935, artigo de Albert Diefenbaker intitulado 'A conversão do primeiro-ministro do Canadá'.

**PROPOSTA PARA A ALEMANHA**

Quando, no início de 1933, Moni von Cramon regressou à Silésia depois de ter estado com Buchman na América e no Canadá, rapidamente descobriu que os nazis locais “não queriam que eu dirigisse a minha escola porque eu era demasiado cristão”. Eles queriam que eu cuidasse deles, mas recusei.<sup>478</sup> A escola foi fechada e ela alugou uma casa em Breslau, alugando a sua própria casa a uma família. Sem ela saber, uma filha desta família era uma informante nazista com instruções para revistar a casa. Ela encontrou um panfleto antinazista que havia sido dado a Frau von Cramon por uma francesa em Genebra e que ela enfiou numa estante. Na capa havia uma suástica com as pontas cortadas por um machado, de modo que restava uma simples cruz. Também foi encontrada correspondência com teólogos. A notícia chegou a Frau von Cramon em Breslau de que ela seria presa.

Nesse exato momento, um líder das SS na Silésia, um amigo de infância, chegou sem avisar para pedir um favor a Frau von Cramon. Ele queria se casar com a sobrinha do marido dela. Ela o apresentaria à família da garota? Frau von Cramon contou-lhe a sua situação, e ele tirou o assunto das mãos das autoridades locais, alegando que um caso tão sério só poderia ser tratado no quartel-general de Himmler, onde um amigo seu era ajudante. Então, depois de uma viagem estressante de 400 quilômetros até Berlim, Frau von Cramon de repente se viu cara a cara com Himmler.

Himmler recebeu-a, de pé, no seu amplo escritório. Ele a manteve parada do outro lado da sala, enquanto consultava um arquivo. Tirando dela uma foto de Buchman, ele disse: Este Dr. Buchman, o líder deste movimento com o qual você trabalha, é um judeu?

“Não sei a ascendência dele, mas acho que não. Vou perguntar a ele”, respondeu ela.

— Você acha que ele vai te contar?

'Se ele sabe, por que não deveria?'

'Qual é a relação entre o Grupo Oxford e os judeus?'

'Não posso dar uma resposta porque o Grupo Oxford não é uma organização. Não tem regras ou estatutos.'

---

<sup>478</sup> Moni von Cramon registrou suas experiências, relatadas neste e nos capítulos seguintes, em dois documentos que ela escreveu em junho de 1954.

— Quantas vezes você esteve na Inglaterra no ano passado? Himmler continuou.

"Três vezes, eu acho."

'Você está errado. Quatro vezes.'

Então ele lhe contou o estado exato de sua conta bancária e perguntou como ela conseguira o dinheiro para essas viagens. Frau von Cramon respondeu que havia vendido um bem precioso, seu piano de cauda. “Tenho fé que Deus lidera as pessoas e nos dá o que precisamos quando fazemos o que Ele quer que façamos”, acrescentou ela.

'Eu também acredito em Deus. Acredito em milagres”, comentou Himmler seriamente. Sou o membro número dois do partido. Éramos sete homens que tinham fé que esta ideologia nacional-socialista venceria. Agora somos o governo. Isso não é um milagre?

Ele disse que gostaria de saber mais sobre o significado da orientação de Deus e que eles conversariam novamente. Então ele a deixou ir. A partir desse momento ela suspeitou que seu telefone estava grampeado e sua correspondência aberta.

Buchman conheceu Moni von Cramon em Doorn, o local de exílio do ex-Kaiser na Holanda, em outubro de 1931. O refúgio inicial do Kaiser Wilhelm na Holanda foi com um ramo da família Bentinck. Buchman estava conduzindo uma festa em uma casa de Bentinck perto de Doom. Ele e quatro amigos alemães deixaram cartões de visita ao ex-Kaiser e, portanto, foram convidados para um chá. O ex-Kaiser decidiu não comparecer ao chá e enviou Frau von Cramon, como uma conhecida religiosa, para examinar as credenciais teológicas dos visitantes.

'Que tipo de pessoa você é?' ela perguntou a um daqueles com Buchman.

“Eu realmente não sei”, ele respondeu. (“Tomei nota disso”, comentou Frau von Cramon mais tarde. “Eu sabia exatamente o que eu era.”) “Frank, o que somos exatamente?”

Buchman respondeu: 'Somos pessoas muito comuns, mas queremos traduzir em linguagem moderna as verdades que transformaram os primeiros cristãos em revolucionários.'

Era exatamente isso que Frau von Cramon queria fazer no trabalho com os jovens da Igreja, por isso levou os visitantes para a sua sala de estar. “Lá submeti Buchman a um exame teológico completo. Eu tinha certeza de que minhas ideias estavam corretas. Concluiu-se, portanto, que tudo o que diferia estava fora de ordem. O Dr. Buchman sobreviveu ao teste, mesmo que apenas com uma nota de “aprovado”, lembrou ela.

Antes de partir, Buchman convidou-a para comparecer à festa em casa em Oxford no mês de junho seguinte. Ela imediatamente disse que era impossível, por três razões. Ela não tinha dinheiro para isso, sua escola estaria em pleno funcionamento até julho e ('Tentei ser muito modesto') ela sentia que tinha pouco a aprender com os ingleses ou americanos sobre questões religiosas.

“A resposta do Dr. Buchman foi uma gargalhada. Ele não parecia me levar muito a sério”, relatou Frau von Cramon. “Ah, me perdoe”, disse ele. "Pensei que você fosse cristão." Essas foram as palavras que este americano disse – para mim! Eu o perdoei imediatamente. Ele não poderia saber que eu era extraordinariamente ativo em todas as seções do trabalho da igreja, que na verdade eu tinha falado muitas vezes no púlpito e proferido discursos devocionais muito bons. Então perguntei-lhe: “E como o senhor pode saber, doutor, que não sou cristão?”

"Qualquer pessoa que já sabe no outono o que Deus quer que ele faça no mês de junho seguinte não está vivendo sob a orientação de Deus", respondeu ele. “E qualquer pessoa que não viva sob a orientação de Deus não é cristã.” Isso atingiu o alvo. Não consegui pensar em nenhuma resposta adequada. Suas palavras permaneceram comigo, movendo-se em meu coração e mente em círculos cada vez maiores.'

Em junho seguinte, as duas primeiras objeções de Frau von Cramon foram inesperadamente removidas. Em maio, ela ficou surpresa ao receber uma carta de Buchman anexando uma passagem de volta para Oxford. Então, exatamente na época em que ela foi convidada para viajar, uma epidemia de escarlatina fechou sua escola por duas semanas. Ela ficou um pouco envergonhada com a sua terceira objeção e concluiu que pelo menos seria capaz de dar aos presentes uma base de “sólida pedagogia germano-evangélica”.

Ela fez isso em um discurso que durou uma hora e meia, o que fez com que quase todo o público, exceto Buchman, deixasse o salão. Ela então disse a Buchman que deveria voltar para casa. 'Deus lhe disse para ir embora?' ele perguntou. Ela se sentiu compelida a ir para seu quarto e tentar “ouvir”. Apenas bobagens pareciam surgir. “Genf-Genebra – Genève”, escreveu ela, duas vezes, e foi tudo. Durante o chá, ela contou isso a Buchman e repetiu que estava partindo para a Alemanha. Ele riu e tirou do bolso um convite impresso aos delegados da Liga das Nações para participarem de uma reunião do Grupo Oxford em Genebra dentro de uma semana. O nome dela estava na lista dos que estariam lá. 'Deus nos

disse que você viajaria conosco, mas Ele sempre deixa as pessoas fazerem o que quiserem. Vamos retirar seu nome”, disse ele. Naquele exato momento, Frau von Cramon estava recebendo um telegrama. Dizia: 'Novo caso de escarlatina. A escola permanece fechada. Retorno desnecessário.'

“Meus joelhos começaram a tremer”, relatou Frau von Cramon. 'Será que é verdade que Deus realmente pode falar com as pessoas? Uma semana depois, eu estava na plataforma em Genebra, diante dos representantes da Liga das Nações.'

Na época da entrevista com Himmler, Frau von Cramon já havia trabalhado com Buchman em vários países e passou a reconhecer a preocupação dele com ela. A sua ascendência suíço-alemã e o seu conhecimento da língua - a única que falava além do inglês - fizeram-no sentir-se em casa ali. Sua primeira visita a von Bodelschwingh em Betel foi uma das influências que o levou a fundar o hospício de Overbrook, e ele mantinha correspondência com o filho, também Friedrich, desde a morte do pai em 1910. Durante a guerra de 1914-18, ele havia, por sugestão de Mott, visitado alemães internados na Índia e no Japão. Após o Armistício, ele ajudou a alimentar estudantes necessitados e famílias empobrecidas pela guerra. Em 1920, ele escreveu à Sra. Woolverton: “As crianças estão passando fome e morrendo. Eles não têm vacas nem comida para alimentá-los. Não sei quando vi algo tão patético.' Foi então que ele a incentivou a enviar três vacas para Betel.<sup>479</sup>

A partir de 1920 as suas visitas à Alemanha tornaram-se quase anuais. Após uma visita em 1923, ele escreveu: “Venho das agonias de um mundo perturbado. Sentei-me com pobres e ricos, privilegiados e desprivilegiados. Alguns que eram ricos e privilegiados há dois anos mal têm o suficiente para comer. Meu médico, que era um dos mais importantes da Alemanha, comeu meio quilo de salsicha para uma família de cinco pessoas na semana em que estive lá. Em algumas famílias, metade da família passa um dia na cama, enquanto os outros comem o suficiente, e vão para a cama no dia seguinte enquanto os outros saciam a fome.<sup>480</sup>

Buchman começou a realizar festas em casa de natureza mais pública a partir de meados da década de 1920. Loudon Hamilton lembrou-se de um em Potsdam em 1924, e

---

<sup>479</sup> Buchman para a Sra. William H. Woolverton, 23 de setembro de 1920.

<sup>480</sup> Buchman para a senhorita Angelique Contostavlos, 22 de setembro de 1923. O médico provavelmente era o Dr. Schäfer de Bad Homburg.

depois de outro lá em 1927, Buchman escreveu à Sra. Tjader: 'Tivemos uma mulher na festa em casa que precisou pegar roupas emprestadas para vir, uma fabricante de charutos e esposa de um ex-advogado ao ex-Kaiser.'<sup>481</sup> No outono de 1928, um jovem teólogo alemão, Ferdinand Laun, que estava fazendo pesquisas com uma bolsa Rockefeller em Oxford, conheceu lá o trabalho de Buchman. Ele desistiu da carreira acadêmica e dedicou seu tempo integral, entre 1932 e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, ao estabelecimento do Gruppenbewegung (Movimento de Grupo) na Alemanha.<sup>482</sup> Grupos locais surgiram por todo o país, as festas em casa tornaram-se frequentes e uma série de alemães foram para Oxford ou Suíça para treinar ou viajaram com Buchman para outros países.

No final da década de 1920, a Alemanha mergulhava cada vez mais na desmoralização e no caos. A inflação montanhosa, o desemprego que atingiu seis milhões e as recorrentes revoltas regionais mantiveram viva a possibilidade de uma revolução ou de uma guerra civil até ao início dos anos trinta.

Hitler, entretanto, reuniu forças. Ele prometeu ao povo “ordem, trabalho e pão”. A princípio, ele não apresentou as suas ideias como uma ideologia grosseira de sangue e raça, mas como um conjunto de crenças que restauraria a nação alemã e que não entraria em conflito com o Cristianismo. Em 1928, Hitler excluiu do seu partido um homem que obviamente queria substituir o Cristianismo por “uma fé alemã” e declarou publicamente: “O nosso movimento é o Cristianismo eficaz. Não toleraremos nas nossas fileiras ninguém que fira as ideias cristãs.”<sup>483</sup> Ele reiterou este compromisso ao tornar-se Chanceler.<sup>484</sup>

Grupos poderosos estavam, portanto, preparados naqueles primeiros anos para esperar e ver como os acontecimentos se desenvolveriam, ao mesmo tempo que davam a Hitler o seu apoio tácito ou explícito. Os Bispos Católicos escreveram na sua carta pastoral de 10 de Junho de 1933: «Precisamente porque a autoridade ocupa um lugar muito especial na Igreja Católica, os católicos não terão dificuldade em apreciar o novo e poderoso

---

<sup>481</sup> Buchman para a Sra. Tjader, 8 de dezembro de 1927.

<sup>482</sup> Professor D. Adolf Allwohn Zum Gedenken e Justus Ferdinand Laun, 1899-1963. (Prof. Adolf Allwohn, 1963).

<sup>483</sup> Discurso em Passau, 27 de outubro de 1928, citado em Une Eglise à croix gammée de Bernard Reymond (L'age d'homme, Lausanne, 1980), p. 299.

<sup>484</sup> Discurso de rádio de 1º de fevereiro de 1933, no qual Hitler disse: 'O governo nacional... protegerá firmemente o Cristianismo, que é a base de nossa moralidade comum... Que Deus Todo-Poderoso aceite nosso trabalho em Sua graça.'

movimento de autoridade no novo Estado alemão e em subordinar-se a isso.<sup>485</sup> Karl Barth, que levantou a voz numa fase inicial contra Hitler, escreveu depois da guerra: 'No primeiro período do seu poder, o Nacional-Socialismo tinha o carácter de uma experiência política como outras... Estava certo e por enquanto, é apropriado testar a experiência política do nacional-socialismo.'<sup>486</sup>

Buchman aproveitou todas as oportunidades, no meio da sua árdua ação noutras partes do mundo, para tentar avaliar a nova Alemanha. Ele tentou encontrar Hitler pessoalmente pela primeira vez em janeiro de 1932. Passando por Munique, solicitou uma entrevista e ligou para a *Brown House* para obter notícias de sua nomeação. Ali, numa mesa do escritório onde foi colocado para esperar, ele viu um telegrama aberto para a equipe de Hitler: "De modo algum permita que Buchman veja o Führer." Foi assinado por um dos filhos do ex-Kaiser, o príncipe August Wilhelm ('Auwi'), de quem Buchman fez amizade, ajudando-o a vender alguns de seus quadros no auge da crise do pós-guerra. A entrevista foi recusada.

No verão de 1932, antes de sua primeira campanha no Canadá, Buchman levou cerca de vinte rapazes e moças à Alemanha para um breve reconhecimento. Este foi para muitos deles o primeiro contacto com aquele país, e especialmente com o movimento nazi. Garrett Stearly, um jovem de trinta anos que faz parte do grupo mais jovem, descreve como ficaram impressionados, numa cidade, ao ver dois grupos de jovens, um trabalhando num grande projeto de esgoto, outro drenando um pântano. "Foi tudo voluntário e deu um grande sentido de dedicação", lembra ele. 'A desmoralização parecia ter desaparecido.'

Dezesseis membros do partido de Buchman foram convidados para um grande banquete nazista em Berlim. "Fomos recebidos com trompetistas de cada lado – eles realmente fingiam ser cães", diz Stearly. "Cerca de mil presentes, com um militar importante na presidência. Sentei-me para jantar com jovens fervorosos – alertas, patriotas, cheios de fé de que a Alemanha poderia superar os seus problemas. Eles eram muito atraentes. Fora de nossa irmandade, nunca havia conhecido rapazes com tanto comprometimento antes. Mas não havia nada de cristão nisso. Muitas discussões surgiram durante o jantar, cada lado

---

<sup>485</sup> Hjalmar Schacht: Conta liquidada (Weidenfeld e Nicolson, 1948), p. 66.

<sup>486</sup> Karl Barth: Eine Schweizer Stimme, 1938-1945, inscrito em 5 de dezembro de 1938 (Evangelischer Verlag, 1945).

lutando por suas crenças. A nossa questão era: o compromisso dos alemães deveria estar centrado no Führer ou em Cristo? Nenhum de nós falou publicamente ou foi apresentado.

Buchman disse aos seus jovens colegas que, a menos que conseguissem trazer mudanças a pessoas tão empenhadas, o seu trabalho seria inadequado. Após esta ocasião, ele reuniu cerca de 150 alemães, a maioria clérigos, em Bad Homburg e lançou-lhes o mesmo desafio. “Frank realmente não conseguiu alcançá-los”, acrescenta Stearly. 'Eles eram muito intelectuais, fortalecidos atrás de um muro inexpugnável de teologia. Eles menosprezavam o Nacional-Socialismo como algo não relacionado com as igrejas, e pensavam que ele se desgastaria. Frank deixou claro que, quer você gostasse ou não, ele estava ali para ficar e que já era hora de tentar conquistá-lo para Cristo. O clero decidiu não fazer nada. Frank ficou desapontado, mas pensou que seu amigo, o professor Fezer, de Tübingen<sup>487</sup>, poderia fazer alguma coisa. Teríamos que ver.

Em junho de 1933, no final da primeira campanha canadense, Buchman foi direto para a Alemanha a pedido urgente, entre outros, do Barão von Maltzan, então na seção de Imprensa Estrangeira do Ministério das Relações Exteriores alemão. Von Maltzan procurou um encontro para ele com Hitler. Novamente nenhuma entrevista ocorreu.

O objetivo de Buchman ao tentar encontrar-se com o líder alemão era simples. Ele acreditava não apenas que Hitler poderia experimentar uma mudança de caráter e motivação, mas que era vital para a Alemanha e para o mundo que ele o fizesse. Ele sentiu a mesma necessidade de tal mudança nos líderes de outras nações e pensou que nenhum deles estava fora do alcance da graça de Deus. Ter tentado aproximar-se de Hitler parece, em retrospecto, indiscreto ou ingênuo; mas ele poderia ter sido dito de São Francisco quando cruzou as linhas sarracenas para chegar ao Sultão, uma figura igualmente sinistra aos olhos medievais.

A reação de Buchman a estes primeiros anos do Terceiro Reich foi de intenso interesse mesclado com uma preocupação crescente. Ele ficou chocado com a avalanche de imoralidade do pós-guerra, com a falta de rumo da juventude e com os milhões de pessoas fisicamente aptas e sem trabalho. Duas características do movimento de Hitler faziam sentido para ele: a exigência de que todos os alemães fossem responsáveis pelo seu país, para que os

---

<sup>487</sup> Karl Fezer foi professor de Teologia Prática na Universidade de Tübingen desde 1929. Até 1933, ele se opôs ao nacional-socialismo, mas, quando o nacional-socialismo era o governo eleito, considerou necessário lidar com eles. Em 27 de abril de 1933, foi eleito por unanimidade por seus colegas da Igreja Evangélica para representá-los nas negociações relativas ao futuro da Igreja.

jovens e os desempregados, por exemplo, fossem considerados ativos e não passivos; e a convicção de que as dificuldades poderiam ser superadas, dado um propósito nacional unido. Há muito que ele também sentia que o Tratado de Versalhes tinha sido injusto.<sup>488</sup>

Por outro lado, Frau Hanfstaengl lhe contara, já em 1924, sobre o ódio de Hitler aos judeus, e no verão de 1933 ele teve um vislumbre do homem, de seu estilo e caráter, quando Hitler abriu um dos primeiros trechos da autobahn. “No caminho para a inauguração”, recorda Ruth Bennett, “Hitler estava sorridente e amável, agradecendo os aplausos de centenas de milhares de pessoas ao longo do percurso, enquanto estava no seu Mercedes fazendo a saudação nazi. No caminho de volta, ele estava negro como um trovão e sentou-se carrancudo, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Atrás dele, em formação militar e com pás nos ombros, marchavam os homens que construíram a Autobahn. Isso foi muito antes de a Alemanha começar a se rearmar, mas o comentário de Frank foi: “Não gosto disso. Me cheira a guerra”.

Buchman também percebeu, desde o início, que a reivindicação total que Hitler apresentou para o Estado, se não for modificada, deverá em última análise colidir com as exigências totais de Deus nas quais ele próprio insistiu. Esta atitude foi tipificada num comentário escrito por Ruth Bennett a Frau von Cramon em junho de 1933: “Espero, pelo bem da Alemanha, que Deus venha em primeiro lugar e o seu país em segundo durante todo o processo. Em Los Angeles você inverteu a ordem.”<sup>489</sup>

Reginald Holme inicialmente ficou muito impressionado com o talento e a eficiência dos nazistas. Ele viajou com Buchman para a Alemanha em 1934 e escreveu: 'Lembro-me de Buchman me dizendo: "Seja muito claro sobre isso. O que vemos aqui não é uma revolução cristã. Mas por que os cristãos ainda estão dormindo em suas camas quando os nazistas podem obter seus homens marchando cedo no domingo de manhã? O problema é que quando você pensa em religião, você pensa em um pregador. Você tem que pensar em termos de uma nação inteira se tornando cristã.'

Buchman sentiu profundamente que a Igreja Luterana Alemã, a tradição na qual ele nasceu, não conseguiu dar à Alemanha um desafio adequado para viver o Cristianismo

---

<sup>488</sup> Ver Buchman para Gerhard Heine, 14 de dezembro de 1921.

<sup>489</sup> Ruth Bennett para Moni von Cramon, 18 de junho de 1933.

completo: 'Estou convencido de que, se tivesse vivido a vida e estado em marcha durante Cristo, a Igreja Luterana teria uma resposta para a Alemanha.

Tendo falhado em alcançar Hitler diretamente e ciente de que o movimento nacional-socialista havia evitado qualquer tentativa que ele pudesse ter feito para trabalhar por um despertar cristão em grande escala através de campanhas seguindo o modelo da África do Sul e do Canadá, Buchman agora se concentrava em que momento estava disponível para ele, sobre os líderes luteranos que pareciam ter alguma chance de redirecionar o regime e seus seguidores.

A Igreja Luterana já estava profundamente dividida, política e teologicamente, em duas correntes principais – a Igreja Evangélica tradicional e os “cristãos alemães” – e em muitos riachos. Hitler esperava ganhar o controle da Igreja através dos “Cristãos Alemães”, um organismo organizado pelos nazis em 1932, com fundações que remontavam ao início da década de 1920. Na Conferência Nacional dos Cristãos Alemães, em abril de 1933, aqueles que desejavam aplicar os princípios do Partido Nazista a uma Igreja Alemã unificada misturaram-se com muitos moderados que eram, nas palavras de Eberhard Bethge, “menos drásticos” e “no fundo inspirados pelo verdadeiro zelo missionário. . . por exemplo, o professor Fezer de Tübingen”.<sup>490</sup> O jovem bispo Hossenfelder de Brandemburgo era o líder dos cristãos alemães. Em 26 de abril, Hitler nomeou Ludwig Müller, até então desconhecido capelão das forças em Königsberg, para ser seu conselheiro confidencial e plenipotenciário em questões relativas à Igreja Evangélica.

Também em abril, a Igreja Evangélica, numa tentativa de manter alguma iniciativa, nomeou uma comissão de três homens para redigir uma nova constituição e em Maio elegeu o Pastor von Bodelschwingh, filho do velho amigo de Buchman, como Reichsbischof (Bispo Nacional), uma nova posição criada pelo estado para unir a Igreja sob um único líder, uma vez que o estado agora tinha um líder. Um mês depois, von Bodelschwingh renunciou, pois considerou o cargo impraticável quando um advogado de Wiesbaden, August Jäger, foi nomeado Comissário de Estado da Prússia e Presidente do Conselho Supremo da Igreja. Em julho, Müller foi nomeado Reichsbischof por decreto governamental, e a forma como foi nomeado foi o ponto de partida para uma divisão aberta na Igreja Luterana. Os “Jovens

---

<sup>490</sup> Eberhard Bethge: Dietrich Bonhoeffer (Collins, 1970), p. 204.

Reformadores”, um grupo dentro da Igreja Evangélica entre os quais Dietrich Bonhoeffer se destacou, assumiram a liderança nesta controvérsia.

Naquele Outono, enquanto Buchman se preparava para a grande campanha em Londres, alguns destes homens, incluindo o Dr. Fezer e o Bispo Rendtorff de Mecklenburg, apelaram-lhe para que interviesse na Alemanha. O Bispo Rendtorff já havia sido um dos líderes dos cristãos alemães. Em julho de 1933, ele compareceu à festa em Oxford e, após seu retorno à Alemanha, pregou um sermão contra a expulsão dos cristãos judeus da Igreja Nacional. Posteriormente, ele deixou os cristãos alemães e foi rebaixado de seu bispado.

Quando o bispo de Londres convocou Buchman e sua equipe para a campanha em Londres, na Catedral de São Paulo, em 6 de outubro de 1933, quatro representantes da Igreja Alemã voaram para comparecer. Eram o Professor Fezer, o Barão von Maltzan, o Dr. Wahl, Chanceler da Igreja Nacional, e Frau von Grone, chefe dos dois milhões de mulheres na organização da Igreja. O Jornal da Igreja da Inglaterra comentou: “Não é preciso muita imaginação para perceber o que significará para a Alemanha – e, portanto, para o mundo – se a mensagem vital do Grupo Oxford permear o pensamento e a ação alemães.”<sup>491</sup> O Professor Fezer ficou muito impressionado. que ele voou para casa na Alemanha para trazer o altamente controverso bispo nazista Hossenfelder de volta com ele para Londres.

A visita de Hossenfelder à Grã-Bretanha não foi um sucesso. “Este bispo pequeno, rechonchudo, fumante de charuto e com uma grande cruz no peito, não tinha disciplina”, comentou Frau von Cramon, que o acompanhou como intérprete. Ele deixou de lado algumas das nomeações eclesiásticas que Buchman havia marcado para ele porque “estava obviamente mais interessado em encontrar um Bierstube bávaro no qual se sentisse em casa com salsichas weisswurst, chucrute e cerveja.”<sup>492</sup> Além disso, lembra outro observador, ele “insistiu sobre dar um tapinha nas costas dos bispos ingleses”. Buchman recebeu-o graciosamente, apresentou-o aos membros seniores e juniores da Universidade de Oxford, mas não lhe permitiu falar nas reuniões - apenas para orar. Naturalmente, Buchman teve de absorver muitas críticas tanto pelo comportamento de Hossenfelder como pelas suas opiniões.

---

<sup>491</sup> Jornal da Igreja da Inglaterra, 13 de outubro de 1933.

<sup>492</sup> Diário de Moni von Cramon.

A partir dos relatórios que fizeram no seu regresso à Alemanha, fica claro que tanto Hossenfelder como Wahl viajaram para Londres principalmente com a ideia de melhorar a imagem tanto dos cristãos alemães como da Alemanha em geral. Eles ficaram impressionados com a falta de condenação automática das coisas alemãs entre as pessoas do Grupo Oxford, mas, na verdade, não influenciaram nenhum deles. Na sua viagem de regresso, Hossenfelder disse a Fezer que tinha gostado da sua visita, só que não compreendia “tudo o que diziam sobre mudança”.<sup>493</sup>

Enquanto estava em Londres, Hossenfelder parecia, à primeira vista, ter dado o que parecia ser um passo importante ao denunciar a exclusão dos não-arianos da Igreja Nacional (o chamado “parágrafo ariano” e um dos principais princípios “cristãos alemães”) - um passo que os seus anfitriões lhe tinham insistido - embora, segundo a mesma fonte, ele “a tenha aclamado novamente com entusiasmo na Alemanha”.<sup>494</sup> A explicação mais recente da sua conduta é que lhe foram dadas “instruções diretas para explicar a todas as pessoas oficiais, especialmente os bispos britânicos, mas também a Embaixada Alemã e talvez outras reuniões da Igreja, que não era política oficial do governo da Igreja Alemã impor o “parágrafo Ariano” na Igreja Evangélica”.<sup>495</sup> Ironicamente, no espaço de um mês ao regressar foi forçado, por motivos internos da Igreja, a renunciar a todos os seus cargos e a regressar à vida paroquial.

Embora Buchman tenha ficado desapontado com a visita do bispo, o relatório de Hossenfelder de Londres teve o efeito de frustrar a tentativa do Dr. Jäger de proibir o Grupo de Oxford na Alemanha.<sup>496</sup> Seguiu-se uma série de convites do Reichsbischof Müller a Buchman, um deles em novembro, sendo aceito com duas horas de antecedência. Outro fez com que Buchman passasse quase duas semanas na casa de Müller. Buchman trabalhava descaradamente pela mudança em Müller e, através dele, em Hitler. Em particular, ele não controlou Müller. “Müller poderia ter mudado Hitler”, diria mais tarde, “mas falhou.”<sup>497</sup> Mais

---

<sup>493</sup> Citado por Hans Stroh em entrevista a Pierre Spoerri. Stroh era assistente de Fezer naquela época.

<sup>494</sup> cf. A. S. Duncan-Jones: Luta pela liberdade religiosa na Alemanha (Gollancz, 1950), p. 60.

<sup>495</sup> Klaus Scholder: Die Kirchen und das Dritte Reich (Propyläen Verlag, 1977), p.39

<sup>496</sup> Este não era o Dr. August Jäger, que era o Comissário de Estado da Igreja na Prússia, mas um clérigo em Hesse, parente do chefe dos Cristãos Alemães em Frankfurt. No outono, o Grupo de Oxford atacou uma conferência da igreja, dizendo que “não poderíamos impedir a confusão e a divisão do trabalho de reconstrução da igreja nacional. Continuaremos a combatê-la em outros lugares e por outros tempos”, 21 de outubro de 1933.

<sup>497</sup> Müller marcou uma entrevista com Hitler para Buchman, o professor Fezer e ele mesmo para 11 de outubro de 1933. Foi cancelada porque a Alemanha deixaria a Liga das Nações três dias depois.

tarde, também admitiria a Hans Stroh, um dos líderes do Grupo na Alemanha e durante algum tempo assistente de Fezer em Tübingen, que Müller era o homem errado em quem confiar, embora ele parecesse o único caminho disponível.

Bonhoeffer e os seus amigos, que trabalhavam - infrutiferamente como se provou - por uma ruptura total entre a Igreja e Hitler, depreciaram estas e outras tentativas de chegar a Hitler. “Muitas vezes - muitas vezes - tentamos fazer Hitler perceber o que está acontecendo”, escreveu ele em 11 de setembro de 1934. “Talvez não tenhamos feito isso da maneira certa, mas então Barth não fará isso da maneira certa”. caminho também. Hitler não deve e não pode ouvir. Ele é obstinado e é ele quem deve obrigar-nos a ouvir - é por aí. O Grupo de Oxford foi suficientemente ingênuo para tentar converter Hitler – uma falha ridícula na compreensão do que se passa – somos nós que devemos ser convertidos, não Hitler.<sup>498</sup> Entre Bonhoeffer e os seus amigos, o cenário estava montado para a heróica retaguarda. ação, uma série de protestos, convocações, uniões e cisões de facções que finalmente, no caso de Bonhoeffer, levaram a conspirações ativas, à participação no atentado contra a vida de Hitler e à morte de um mártir.

Buchman, apesar de muitas decepções, ainda sentia que era sua tarefa mirar diretamente no homem que estava no topo, porque só ele poderia inverter as leis malignas e evitar a guerra. Portanto, seus discursos e transmissões naquela época foram parcialmente redigidos com Hitler em mente. Enquanto Hitler exigia o “princípio da liderança” e a “ditadura do Partido”, Buchman apelou ao “controle de Deus” e à “ditadura do Espírito vivo de Deus”.

Muitos de seus amigos tentaram dissuadi-lo de seus esforços, alegando que ele estava colocando em risco a sua reputação e a de seu trabalho. Entre eles estava o professor Emil Brunner, de Zurique, então provavelmente o teólogo mais influente no mundo de língua alemã, além de Karl Barth. Brunner, que muitas vezes reconheceu a sua dívida para com Buchman e viu no Grupo Oxford uma grande esperança para revitalizar as igrejas em todo o mundo<sup>499</sup>, escreveu acusando Buchman de querer “mediar a luta da Igreja Alemã” e

---

<sup>498</sup> Betgé, pp. 282-4.

<sup>499</sup> Hamilton lembrou que, em uma festa em uma casa em Bad Homburg, no início dos anos 30, Brunner descreveu ter visto um vendedor de sanduíches anunciando um restaurante, mas com cara de quem não comia uma boa refeição há semanas, e acrescentou: 'Tenho estado aquele homem da lanchonete. Eu estava anunciando uma boa refeição, mas não a tinha comido até conhecer o Grupo de Oxford'.

deplorando o seu contacto com Hossenfelder.<sup>500</sup> Buchman respondeu secamente da Alemanha: 'O perigo é que você ainda seja o Professor trovejando no púlpito e queira o que é teologicamente perfeito. Mas a crise da Igreja Alemã nunca será resolvida dessa forma. Basta pensar na sua frase: "Infelizmente, este companheiro desesperado, Hossenfelder, prejudicou a reputação dos Grupos." Parece-me que estou associado a "publicanos e pecadores"’.

'Apenas mantenha seu senso de humor e leia o Novo Testamento. Os Grupos, nesse sentido, não têm reputação e, quanto a mim, não tenho nada a perder. Acho que diz algo sobre isso no segundo capítulo de Filipenses. Eu ficaria orgulhoso se Hossenfelder estivesse em contato com um cristianismo tão real que algum dia ele diria: “Bem, quando era um jovem de trinta e dois anos cometi muitos erros, mas tenho visto um padrão de cristianismo real”. Não se trata do passado deste homem, mas do seu futuro. O que significaria para o futuro da Alemanha se, pela graça de Deus, ele pudesse ver uma mensagem máxima de Cristo encarnada em você; e você pode ser o instrumento humano para efetuar essa mudança poderosa. O nosso objetivo nunca é mediar, mas sim mudar vidas e uni-las, tornando-as transformadoras – construir uma frente cristã unida.<sup>501</sup>

Para este fim, Buchman manteve contato com aqueles que ele poderia alcançar em todos os setores da Igreja, inclusive com von Bodelschwingh. Em janeiro de 1934, o *Morning Post*<sup>502</sup> noticiou que a Liga de Emergência dos Pastores, fundada pelo corajoso pastor Niemöller, estava prestes a pedir a ajuda de Buchman, mas não deu em nada. Ele próprio estava planejando uma festa em Stuttgart para a primeira semana de janeiro, embora ele próprio não estivesse presente nesta ocasião, que acabou sendo a maior desde 1931.

Os amigos suíços de Buchman desempenharam um papel importante e um participante escreveu: 'Brunner fez um discurso muito bom e teve um bom contato com Landesbischof Wurm (de Württemberg), que veio várias vezes. Quase cinquenta estudantes estavam lá, a maioria de Tübingen.<sup>503</sup> Segundo Stroh, o Bispo Wurm estava particularmente interessado em discutir a responsabilidade da Igreja num estado totalitário, uma situação que ele disse não surgir há mil anos.

---

<sup>500</sup> Emil Brunner para Buchman, 21 de dezembro de 1933.

<sup>501</sup> Buchman para Emil Brunner, 23 de dezembro de 1933.

<sup>502</sup> Postagem matinal, 16 de janeiro de 1934.

<sup>503</sup> H.von Krumhaar para Buchman, 7 de janeiro de 1934.

Em março, Buchman visitou Estugarda para se encontrar com as pessoas mais afetadas pela ocasião de janeiro. Frau Wurm descreve uma tarde, no diário que ela e o bispo mantinham juntos e no qual sempre se referia ao marido como “Pai”: “3 de março: Caminhamos na sombra... e voltou para casa via Rudolph-Sophien-Stift para voltar aos Grupos. Foi esplêndido. Frank Buchman também compareceu, falou longamente e cumprimentou o pai calorosamente. E no final o Padre também falou e encerrou com uma breve oração. O Padre recebeu um forte impulso para fazer algo abertamente pela Igreja. Tornou-se bastante claro para ele o que ele tinha que fazer. Ele vai com Meiser (o bispo da Baviera) para Berlim.”<sup>504</sup>

Posteriormente, os bispos Wurm e Meiser tomaram uma posição firme contra um maior controle estatal da Igreja. Entretanto, em maio, no Sínodo de Barmen, representantes livres e legais de todas as igrejas regionais alemãs proclamaram uma Confissão às verdades fundamentais do Evangelho em oposição às “falsas doutrinas” do Governo Cristão Alemão e, ao fazê-lo, separaram-se da 'Igreja Marrom'. Eles agora se viam como a única “Igreja Confessante” da Alemanha e, em outubro, no Sínodo Confessional de Dahlem, estabeleceram o seu próprio governo eclesial de emergência. A consagração atrasada de Müller como Bispo Nacional, que ocorreu na Catedral de Berlim em 23 de setembro, não contou com a presença de representantes do movimento ecumênico.

August Jäger, o Presidente do Conselho Supremo da Igreja nomeado pelos nazis, escolheu este momento para estender pela primeira vez a centralização obrigatória às Igrejas Regionais do Sul da Alemanha. Nas primeiras semanas de outubro, ele colocou primeiro Wurm e depois Meiser em prisão domiciliar. Isto levou a manifestações espontâneas em apoio aos dois bispos nas ruas de Estugarda e Munique. O clamor geral, juntamente com a surpreendente unanimidade em Dahlem, chegou até mesmo a Hitler. Em 26 de outubro, Jäger renunciou. Os dois bispos foram libertados e, juntamente com o bispo Mahrrens de Hanôver, foram recebidos por Hitler. Hitler então dissociou-se publicamente da Igreja do Reich. Por um tempo pareceu que uma vitória havia sido conquistada. Mas depois de algumas semanas começaram a aparecer mais uma vez fissuras na Igreja Confessante. “Ele tinha ficado assustado com a sua própria ousadia”, escreve Bethge, “e havia críticas crescentes à resolução

---

<sup>504</sup> Wurm: Tagebuchaufzeichnungen aus der Zeit des Kirchenkampfes (Quell Verlag, 1951). O bispo Wurm e sua esposa fizeram anotações no diário.

de Dahlem.”<sup>505</sup> Como resultado, Hitler nunca precisou de prestar mais atenção às organizações de emergência criadas pelo Sínodo. No entanto, nenhuma outra tentativa foi feita para colocar as regiões do Sul e Hanôver sob controle central.

Nas reuniões de Estugarda, em janeiro de 1934, Buchman e os seus amigos receberam a primeira insinuação de que as suas reuniões estavam a ser vigiadas pela Gestapo. Numa das primeiras reuniões, eles perceberam que havia um informante entre eles, e aqueles que lideravam a festa em casa decidiram falar com este homem em mente – para lhe dar a informação mais completa sobre o que Deus poderia fazer na vida de uma pessoa. Diz-se que ele relatou ao seu chefe: 'Essas pessoas têm um Deus estranho que pode realmente ajudá-las!' Em Abril, o Dr. Alois Münch, que tinha começado a realizar reuniões de grupo na sua casa em Munique, foi interrogado durante duas horas e meia pela polícia política - provavelmente porque alguns judeus estavam presentes.<sup>506</sup> Quando alguns alemães foram a uma festa em casa em Thun, na Suíça, em agosto do mesmo ano, as suas declarações foram conhecidas pela Gestapo em poucos dias. A notícia chegou a Frau von Cramon, através de sua fonte na SS na Silésia, de que a Gestapo estava prestes a tomar medidas contra o Grupo Oxford como uma rede de espionagem internacional. Ela preparou um memorando que foi enviado ao quartel-general pelo oficial da SS da Silésia. Isto, por enquanto, evitou o perigo de repressão. O relatório original, no entanto, estava nos arquivos.

---

<sup>505</sup> Betgé, pág. 318.

<sup>506</sup> Notas do diário de Frau Elisabeth Munch, 1931-5.

## 'NORUEGA EM CHAMAS - DINAMARCA AGITADA'

Quando Buchman regressou do Canadá em junho de 1934, com Hitler no poder e o seu próprio trabalho na Alemanha a crescer demasiado lentamente para afetar os acontecimentos, ele procurava uma forma de trazer influência espiritual à Alemanha - bem como à Grã-Bretanha - a partir do exterior. Ele sabia que os países escandinavos possuíam um prestígio nórdico especial na Alemanha e eram respeitados na Grã-Bretanha. As notícias de uma revolução cristã naquele país poderão ter mais peso em ambos os países do que notícias semelhantes vindas de outros lugares. «A política de greve na Escandinávia no ano passado», escreveu ele a Sir Lynden Macassey em maio de 1935, «foi com a esperança de que todo o continente europeu fosse influenciado e encontrasse uma resposta verdadeira através da ditadura do Espírito vivo de Deus.<sup>507</sup>

Se este foi, de facto, um plano totalmente deliberado, como está implícito na carta a Macassey, ou um plano que evoluiu através do aproveitamento de desenvolvimentos inesperados em certas pessoas e foi então percebido em retrospectiva - ou uma combinação de ambos - é uma questão em aberto.

Certa noite, na primavera de 1931, Buchman jantou ao lado da Sra. Alexander Whyte, a viúva idosa de um outrora famoso pregador de Edimburgo. Ele perguntou qual era sua maior preocupação.

“Estou me preparando para morrer”, ela respondeu.

'Por que não se preparar para viver?' ele sugeriu.

Eles falaram do caos no mundo. Ela contou-lhe como ouviu falar do seu trabalho pela primeira vez em Xangai e mais tarde na África do Sul. Depois falou das suas esperanças para a Liga das Nações, onde o seu filho, Sir Frederick Whyte, era um especialista económico.

Alguns meses depois, na festa em Oxford, a Sra. Whyte levantou-se e disse que alguém deveria levar uma equipe para Genebra. Quando ela insistiu pela segunda vez,

---

<sup>507</sup> Buchman para Sir Lynden Macassey, 7 de maio de 1935. A própria Gestapo considerou esta uma estratégia sólida. 'Tudo o que é escandinavo tem um bom nome na Alemanha', afirmava seu relatório de 1936. 'Se Oxford (ou seja, o Grupo de Oxford) vier com escandinavos altos e loiros de educação santa-luterana, o movimento encontrará mais facilmente entrada nos países vizinhos do sul.' (Leitheft Die Oxforddoder Gruppenbewegung herausgegeben vom Sicherheitshauptamt, novembro de 1936, Geheim, Numeriertes Exemplar No. 1, Documents Centre, Berlin, p. 10, citando Nordschleswig'sche Korrespondenz, 19 de novembro de 1935.

Buchman disse, numa frase característica, “tudo bem, faça isso!”. Ela reservou cem quartos em Genebra, e Buchman começou a reunir uma equipe adequada. Em janeiro de 1932, permaneceram dez dias em Genebra e encontraram-se com vários delegados e autoridades; e isso levou a um convite para discursar em um almoço com personalidades da Liga em setembro de 1933.

Um delegado sênior da liga foi C. J. Hambro, presidente do Parlamento norueguês e líder do partido conservador local. Era seu costume aproveitar a longa viagem de Oslo a Genebra para traduzir livros, e ele comprou um exemplar de *For Sinners Only* numa livraria da estação. O livro interessou-o e, quando chegou, soube que Buchman falaria em Genebra naquele mês de setembro, fez questão de comparecer.<sup>508</sup> No final do almoço, levantou-se e declarou, de improviso, que o que acabara de ouvir lhe parecia mais importante do que a maioria dos assuntos da agenda da Liga.

Em dezembro, Buchman convidou Hambro à Inglaterra para falar aos membros do Parlamento britânico na reunião de Sir Francis Fremantle, quando concluiu o seu discurso com o convite a Buchman para trazer o Grupo de Oxford para a Noruega. Buchman aceitou, levando Hambro através de uma névoa de sopa de ervilha para uma festa de fim de semana em Eastbourne, para que ele entendesse no que estava se metendo. Foi assim que, após uma série de oportunidades imprevistas, Buchman e sua equipe chegaram à Noruega em outubro de 1934.

A Noruega foi um país inesperado para lançar uma revolução cristã. A maioria das autoridades concorda que naquela época o clima intelectual era mais niilista naquele país do que na maioria dos países europeus. Isto deveu-se em grande parte à liderança de estudantes e intelectuais influenciados por Erling Falk, que se tinha convertido ao comunismo na América e regressou a Oslo para fundar o jornal de linha comunista *Mot Dag*. O relativismo moral era uma parte reconhecida da perspectiva ideológica do Falk.<sup>509</sup>

Carl Hambro se opôs a essas tendências. Ele foi, talvez, o estadista norueguês mais importante nos anos entre as guerras, uma espécie de figura Churchilliana. Como os conservadores eram um partido minoritário, ele nunca teve a oportunidade de formar um

---

<sup>508</sup> De acordo com a biografia de seu filho Johan, o interesse inicial de Hambro no Grupo Oxford foi despertado por cartas entusiasmadas de outro filho, Cato, que os conheceu em Londres, (Johan Hambro: C.J. Hambro, Aschehoug, 1984, p. 174.

<sup>509</sup> Trygve Bull: *Mot Dag av Erling Falk* (Cappelens Forlag, 1945).

governo; mas foi repetidamente reeleito Presidente do Parlamento e duas vezes Presidente da Assembleia da Liga das Nações. O seu sucessor como Presidente do Parlamento, Oscar Torp, antigo primeiro-ministro trabalhista, descreveu Hambro ao reformar-se como "talvez o maior parlamentar que tivemos na história recente da Noruega", cujo "nome e contribuição viverão nas páginas da história".<sup>510</sup>

O convite de Hambro a Buchman no início dos anos trinta surgiu da sua compreensão de que as medidas políticas e económicas não eram suficientes para combater o niilismo e uma fé totalitária. No entanto, ele sabia que qualquer tentativa de dirigir o pensamento nacional encontraria resistência, da qual naturalmente se encolheu. Ele também temia o custo financeiro de tal operação.

Em agosto de 1934, Buchman escreveu-lhe: “Em todo o nosso planeamento, devemos pensar em toda a Noruega e nos países nórdicos e no papel que devem desempenhar na reconstrução mundial. Não creio que devamos temer a publicidade. Vocês estão acostumados a uma Oposição e, afinal de contas, é uma oposição que pode ser vencida, porque, a menos que vejam a necessidade de uma frente espiritual mundial, eles próprios poderão ter um movimento anti-Deus às suas portas, que será muito mais sutil. e devastador; ao mesmo tempo que isto traz consigo a resposta construtiva, como bem sabem, aos problemas do mundo moderno. Peço-lhe que não se preocupe com as finanças e não precisamos agora de decidir sobre números. Veremos olho no olho à medida que as coisas se desenvolvem, mas “não pensemos no que comeremos ou no que beberemos”. Nosso Pai Celestial cuidará dessas coisas para nós.”<sup>511</sup>

Hambro convidou 120 de seus amigos para encontrar Buchman e trinta companheiros no Tourist Hotel em Høsbjør no início de outubro.

'O que vai acontecer lá em cima?' Frederik Ramm, um renomado editor que foi o único jornalista que acompanhou Amundsen em seu voo sobre o Pólo Norte, perguntou a Reginald Holme enquanto viajavam juntos.

“Milagres – e você será um deles”, respondeu Holme.

Ronald Fangen

---

<sup>510</sup> Stortingsforhandlingere, 5 de julho de 1957.

<sup>511</sup> Buchman para Carl Hambro, 27 de agosto de 1934.

Os noruegueses gostam de falar francamente, e a previsão de Holme revelou-se verdadeira.

“Em Høsbjør, Deus extinguiu todo o ódio e todo o medo nas minhas relações com outras pessoas, classes e nações”, escreveu Ramm mais tarde.<sup>512</sup>

Ronald Fangen, o romancista, trouxe duas garrafas de uísque e uma caixa de livros, esperando o tédio. Ele também não encontrou tempo para abrir. Sua mudança foi imediatamente visível e lembrada por muito tempo. O poeta lírico Alt Larsen, mesmo vinte anos depois, falou da “ingenuidade desesperada” da filosofia do Grupo em comparação com a sua própria antroposofia. No entanto, transformou completamente Fangen, que antes disso, na sua opinião, tinha sido o homem mais desagradável da Noruega.<sup>513</sup>

Oitenta jornalistas apareceram e, à medida que espalhavam a notícia do que estava acontecendo em Høsbjør, mais e mais pessoas compareciam até que todas as camas estivessem ocupadas num raio de quilômetros ao redor e algumas até dormissem em seus carros. No segundo fim de semana, o número de convidados cresceu para 1.200.

“Não sei quando Frank, ou qualquer um de nós, riu tanto”, escreveu Loudon Hamilton à esposa. 'Hambro é um fundo contínuo de fios realmente de primeira classe.' Quatro dias depois, acrescentou: “Uma característica notável tem sido a forma como indivíduos e grupos têm sido reconciliados. As divisões da Igreja são muito profundas na Noruega. Mas aqui eles se tornaram unidos. Dois importantes teólogos se detestavam. Eles foram colocados na mesma sala e agora são amigos! Dois líderes partidários (eram o próprio Hambro e Johann Mellbye, presidente do Partido dos Agricultores), que eram inimigos conhecidos, reconciliaram-se. Ronald Fangen, 6 pés 2 polegadas e ex-presidente da Associação de Autores, perdeu muitos inimigos e fez muitos



Ronald Fangen, romancista norueguês.  
©MRA Produções  
[View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>512</sup> Relato não publicado de Fredrik Ramm.

<sup>513</sup> Victor Sparre: A Chama na Escuridão (Grosvenor, 1979), p. 116.

amigos. Frank diz que é como assar castanhas antes do Natal. Você nunca sabe quem será o próximo.<sup>514</sup>

No final da festa em casa, Fredrik Ramm recebeu uma carona de volta a Oslo por Halvor Mustad, filho de um homem de negócios que havia feito fortuna vendendo pregos de ferradura para ambos os lados durante a Primeira Guerra Mundial. míope e alegremente imprudente. Deslizando pela estrada montanhosa coberta de neve em alta velocidade, ele se amontoou em um monte de neve. Ramm surgiu com a observação: “Que excelente oportunidade para termos uma “reunião em Oxford” enquanto esperamos por outro carro”, e reuniu devidamente os aldeões locais para ouvirem “os milagres de Høsbjør”.<sup>515</sup>

“O Grupo de Oxford conquista Oslo: o presidente Hambro, Ronald Fangen, o editor Ramm e vários outros homens conhecidos testemunham a sua conversão” era uma manchete típica <sup>516</sup> sobre a primeira de três reuniões que tiveram lugar num dos maiores salões de Oslo, imediatamente após Høsbjør. Quatorze mil pessoas aglomeraram-se neles e outras milhares foram rejeitadas. Três mil estudantes participaram numa reunião na Universidade e realizaram-se encontros informais com ferroviários, enfermeiros e médicos, professores, funcionários públicos e grupos empresariais e profissionais. O Clube Militar e Naval convidou dez ex-oficiais que viajavam com Buchman para se dirigirem a eles, com a presença do Príncipe Herdeiro. Nos bastidores havia um fluxo incessante de entrevistas pessoais, estimadas informalmente em 500 por dia.

No início de dezembro a equipa visitante, reforçada pelos noruegueses, rumou a Bergen. Novamente havia as mesmas multidões. 'Oxford conquista Bergen' publicou uma manchete, enquanto os subeditores começaram a abandonar a palavra 'grupo' no interesse do espaço.<sup>517</sup> Circulou a ideia de que um homem de 'Oxford' era alguém que havia passado por uma experiência espiritual transformadora - até o constrangimento de um senhor visitante em Oxford.

Helge Wellejus, um jornalista dinamarquês cujos artigos apareciam regularmente em cerca de vinte jornais escandinavos, descreveu Buchman em ação numa destas reuniões em Bergen: '. . . Com Buchman na tribuna, as perguntas inundam o público. Ele descreve uma

---

<sup>514</sup> Loudon Hamilton para Beatrice Hamilton, 2 e 6 de novembro de 1934.

<sup>515</sup> Basil Yates para o autor, 1981.

<sup>516</sup> Tidens Tegn, 12 de novembro de 1934.

<sup>517</sup> Bergens Aftenblad, 5 de dezembro de 1934.

situação. Curto e nítido. Então uma pergunta. É repetido. Desconfortavelmente agressivo. Mas sempre algo que diz respeito a todos.

'Ele encoraja uma resposta. Mas ele pega no ar. Gira com a velocidade da luz. E a bala se aloja na casca do seu cérebro. Ele nunca apela às emoções. Muitas vezes as pessoas que vêm de fora ficam comovidas. Então o pessoal de Oxford está em guarda. Eles aproveitam a primeira oportunidade para fazer um comentário humorístico. O salão está cheio de risadas... Você sente a conexão. Freud é um mero estudante comparado a isso. Mas não há nada de minimamente místico ou psicanalítico em tudo isso. Tudo é brilhantemente natural. Porque o público é forçado o tempo todo à participação criativa. ...'<sup>518</sup> Em Bergen, um dos visitantes foi hospedado com o bibliotecário da cidade, um ateu muito respeitado chamado Smith, cuja esposa havia recentemente chegado ao fim de uma longa busca pela fé ao conhecer o Grupo de Oxford. O visitante era um ex-professor ateu de filosofia moral, e a Sra. Smith pensou que ele seria o homem certo para converter seu marido. Nenhuma conversão ocorreu. No entanto, a indomável Sra. Smith - um filho a descreve como alguém que teria sido despedaçada por leões no Coliseu, mas achava as tarefas domésticas insuportáveis - tornou-se tão diferente que todos os quatro filhos Smith encontraram a mesma fé. O filho mais velho, que embora partilhasse o quarto com o irmão não falava com ele há dois anos, pediu-lhe desculpas. Mais tarde, todos os quatro viajaram com Buchman para vários países, Victor - o irmão mais novo e artista - certa vez deixou seu pincel por dois anos para fazê-lo. "Foi num pequeno salão, com capacidade para apenas 100 pessoas, que, aos dezessete anos, pronunciei as palavras: Entrego minha vida a Deus", diz ele. "A reunião foi liderada por um jovem engenheiro chamado Viggo Ullman, pai da atriz Liv Ullman, que dificilmente teria nascido naquela época. Mas o jovem engenheiro era típico daquela tropa de pessoas modernas e empreendedoras, sem qualquer formação eclesial, que de repente se tornaram líderes de um desenvolvimento religioso dinâmico.'<sup>519</sup>

---

<sup>518</sup> Drammens Tidende, 12 de dezembro de 1934.

<sup>519</sup> Ver Tore Stubberud: Victor Sparre (Aventura Forlag, 1984), p. Aos 50 anos, Victor Smith adotou o nome de sua mãe, Sparre. Mais tarde, ele se tornou um dos principais contatos ocidentais dos dissidentes russos, e Solzhenitsyn viajou para a Noruega para encontrá-lo logo após sua deportação da União Soviética. Veja sua autobiografia *The Flame in the Darkness* (Grosvenor, 1979), publicada pela primeira vez como *Stenene skal rope* (Tiden Norsk Forlag, 1974)

No Natal, ficou claro que algo fora do comum estava acontecendo. Enquanto a 'Revisão do Ano' do London Times<sup>520</sup> referia o 'surpreendente sucesso popular do Grupo na Noruega', o diário Tidens Tegn de Oslo comentava no seu número de Natal,<sup>521</sup> 'Um punhado de estrangeiros que não conheciam a nossa língua, nem compreendiam a nossa costumes e costumes, veio para o país. Poucos dias depois, todo o país estava falando sobre Deus, e dois meses depois da chegada dos trinta estrangeiros, a perspectiva mental de todo o país mudou definitivamente.'

O resumo de imprensa de duas páginas de Ronald Fangen sobre os últimos vinte e cinco anos na Noruega, publicado em maio seguinte, tinha o título “Into Nihilism and Out Again”. Ele escreveu: “O significado decisivo do Grupo de Oxford é que ele nos devolveu o cristianismo tão simples e claro, tão rico em vitória e companheirismo fresco como era na primeira era cristã. A sua poderosa missão e poder são, na minha opinião, a única esperança numa era de niilismo. Não se pode expulsar demônios com demônios. Só uma grande experiência do poder cristão pode convencer os homens de que existe um sentido na vida, uma totalidade e unidade nas circunstâncias, e que existem leis e valores eternos que não podem ser quebrados impunemente. É isto que está acontecendo agora.'

Depois do Natal, esta questão foi testada na Faculdade Técnica e de Engenharia de Trondheim, onde a maioria dos engenheiros e arquitetos noruegueses foram educados. Tal como na Universidade de Oslo, o elemento mais vocal e estratégico era o niilista. “Numa reunião no Salão dos Estudantes, praticamente todos os 900 estudantes estavam presentes”, recorda Svend Major, que então estudava lá. «Ouvimos alguns estudantes de Oxford, Elizabeth Morris, uma rapariga vivaz da América, e Randulf Haslund que, embora fosse oficialmente um estudante de teologia fundamentalista, tinha liderado a maior festa de bebidas do ano, algumas semanas antes. Então Hamilton disse que quem quisesse poderia ficar e conhecer os palestrantes. Praticamente não sobrou ninguém. No dia seguinte e durante muitos dias, o Grupo Oxford foi o assunto principal das conversas. Um dos que recuperaram a fé em Trondheim era filho do bispo Berggrav de Tromsø.

O autor Carl Fredrik Engelstad, então estudante e mais tarde chefe do Teatro Nacional de Oslo, diz sobre este período: “Experimentei o clima no mundo estudantil mudando

---

<sup>520</sup> Os tempos, 31 de dezembro de 1934.

<sup>521</sup> Tidens Tegn, 24 de dezembro de 1934.

radicalmente. Isso não significou que o Grupo Oxford fosse totalmente aceito – pelo contrário. Mas tornou-se possível discutir questões religiosas de forma séria e ampla.' Ele descreveu a irrupção do Grupo de Oxford na vida cultural da Noruega na década de trinta, “com um vento de renascimento, um desafio forte e direto, padrões absolutos e, ao mesmo tempo, visão, esperança e uma confiança cristã na fé - uma revolução mundial cristã”.<sup>522</sup>

Os efeitos sociais maiores da visita do Grupo Oxford tornaram-se objeto de observação e discussão. O correspondente especial do London Spectator afirmou que os “convertidos” afirmam que a religião se tornou agora uma parte tão importante da vida cotidiana das pessoas que os impostos estão a chegar mais rapidamente e os devedores são mais honestos no pagamento das contas dos comerciantes. A situação política, dizem, é menos tensa; a guerra de classes menos ameaçadora; um novo idealismo está surgindo.' O correspondente considerou tais afirmações como “exageradas”, mas concluiu: “Se os Grupos conseguirem transmitir novos valores ou novos ideais à vida política e social do país - e é nisso que os “convertidos” parecem estar concentrados - muito terá sido conquistado.”<sup>523</sup> Duas semanas mais tarde, um artigo de destaque de 'A Bergen Correspondent' acrescentava: “Um despertar nacional ganhou vida em oito semanas num país onde, de acordo com um dos bispos, 90 por cento da população o faz. não frequentar as igrejas. Surgiu através de um desafio à mente para pensar e à vontade de agir. Revelou abundantemente que a regeneração social surge como fruto de vidas transformadas.”<sup>524</sup>

Os Departamentos de Imposto sobre o Rendimento e Alfândega da Noruega começaram a receber um número sem precedentes de pagamentos atrasados e inesperados. O advogado do Supremo Tribunal, Erling Wikborg<sup>525</sup>, declarou em dezembro de 1936: 'Foi informado extraoficialmente pelos altos escalões que os montantes pagos ao Governo entre 1934 e 1936 ascendem a sete dígitos em coroas e o processo continua.’<sup>526</sup>

---

<sup>522</sup> Numa reunião comemorativa do 50º aniversário da festa em casa de Høsbjør, 27 de outubro de 1984. Isto não aconteceu sem controvérsia. O jornal Dagbladet teve uma visão consistentemente oposta, assim como escritores como Helge Krogh e Heiberg, e mais tarde dez escritores noruegueses e suecos publicaram em conjunto um livro em desacordo com o Grupo Oxford, chamado Oxford e Nós.

<sup>523</sup> O Spectator, 1º de fevereiro de 1935.

<sup>524</sup> *ibid.*, 15 de fevereiro de 1935.

<sup>525</sup> Wikborg foi um dos fundadores do Partido Democrata Cristão Norueguês e serviu brevemente como Ministro das Relações Exteriores em 1963.

<sup>526</sup> Citado em Martin MSS. Em janeiro de 1939, a imprensa norueguesa anunciou o reembolso de meio milhão de coroas por um indivíduo, e em 1939 Wikborg escreveu a um amigo: “Desde que você me apresentou a uma nova vida através do Grupo Oxford em 1935, não passou uma única semana sem o meu ter pelo menos um

Hambro parece ter se tornado cada vez mais um construtor de pontes na política. Já em dezembro de 1933, Drammens Tidende afirmou que sua viagem a Londres havia “levantado Hambro das fileiras dos políticos para a posição de um verdadeiro estadista”. A ocasião foi uma reunião dos líderes do Partido Conservador que Hambro liderou “com a sua habitual habilidade notável”. E ainda. . . havia uma nova atmosfera em todo o encontro. Em vez de uma amarga e tempestuosa autópsia sobre os resultados eleitorais, foi uma consideração calma da situação e do que seria mais útil para a nação. Foi como se todos os "truques partidários" tivessem sido eliminados - sem explosões contra outros partidos, sem esquemas táticos, sem censuras. Era política em um plano superior. Alguma "mudança" ocorreu. E isso parecia se reconectar com outra “mudança” da qual surgiram notícias recentemente. O líder da reunião acabara de falar no prédio da Câmara dos Comuns, em Londres, numa grande reunião religiosa de algo conhecido como “Grupo de Oxford”.<sup>527</sup>

Em Janeiro de 1935, num importante discurso, Hambro enfatizou valores absolutos - "algo que transcende os partidos", "deixa de lado conflitos desnecessários" e "permite-nos unir-nos calma e modestamente" para que "o país seja conduzido a melhores condições de trabalho e um entendimento mais amplo entre pessoas que se opõem às antigas divisões partidárias que estão agora a desmoronar-se".<sup>528</sup> Ele encontrou uma resposta genuína de um importante membro trabalhista, que mais tarde foi eleito para servir sob ele como Vice-Presidente do Parlamento. Além disso, Hambro recusou-se a revidar quando, pouco depois, o líder do Partido Trabalhista, Johan Nygaardsvold, zombou do Grupo Oxford; e quando, em Março, Nygaardsvold se tornou Primeiro-Ministro, observou que «muito do que o senhor Hambro disse hoje foi um buquê para o novo governo trabalhista, mesmo que houvesse alguns espinhos, pelos quais tentarei não ser picado, entre as flores». <sup>529</sup>

O rei Haakon recebeu Buchman e agradeceu-lhe pelo que tinha feito pelos estudantes, bem como, segundo Buchman, manifestou surpresa pela reconciliação entre Mellbye e Hambro. O Rei também disse ao Reitor Fjellbu da Catedral de Trondheim - a Abadia de

---

caso em mãos para tomar as providências legais necessárias para ajudar alguém a pagar impostos evadidos em atraso. (Erling Wikborg para Basil Yates, sem data, 1939.)

<sup>527</sup> Drammens Tidende, dezembro de 1933. Tradução contemporânea. Cópias de 3 e 11 de dezembro faltando nos arquivos do próprio jornal. Como Hambro falou em Londres no dia 6 de dezembro, a data do artigo é provavelmente 11 de dezembro.

<sup>528</sup> Stortingsforhandlingere, 23 de janeiro de 1935.

<sup>529</sup> *ibid.*, 26 de março de 1935.

Westminster da Noruega - que estava encantado com a nova nota de autoridade na pregação nas igrejas e no rádio.<sup>530</sup> Quatro professores da Universidade de Oslo escreveram ao Grupo Oxford, «A sua visita será um fator decisivo para a história da Noruega. Você chegou no momento estratégico com a resposta certa.»<sup>531</sup>

Em março de 1935, o interesse generalizado entre agricultores e trabalhadores industriais levou a novas grandes reuniões nos maiores salões de Oslo. Na Prefeitura, Buchman dirigiu-se a um deles: 'Há cinco meses começamos neste salão. Pense no poder maravilhoso de Deus nesses cinco meses... Antes de desembarcar na Noruega, me ocorreu constantemente em meus momentos de silêncio: "Noruega em chamas por Cristo".' Depois ele falou dos dois estágios que ainda os aguardavam: a revolução espiritual e o renascimento. «Acredito que a Noruega levará esta mensagem a outros países. Acredito que a revolução será um renascimento', concluiu.<sup>532</sup>

Certamente, algo muito parecido com um renascimento aconteceria na Igreja Norueguesa nos anos seguintes. Durante um quarto de século, esteve profundamente dividido entre Liberais e Conservadores, que tendiam para uma teologia fundamentalista. “O conflito tornou-se pessoal e amargo”, escreve Einar Molland, o historiador eclesiástico norueguês, “e a divisão alargou-se... A tensão entre as alas conservadora e liberal atingiu o seu ápice no final da década de 1920 e no início da década de 1930, e o tom geral do argumento teológico tornou-se, se possível, ainda mais amargo.”<sup>533</sup> Numa ocasião, quando o Bispo Berggrav, como Bispo de Tromsø, convocou uma reunião de todo o seu clero, eclodiu uma tal confusão que ele tentou restaurar a ordem gritando: 'Pare! Somos todos irmãos cristãos!' 'Não! Não! Não!' gritou metade do seu clero.<sup>534</sup> O líder dos conservadores, professor Hallesby, por vezes praticamente proibiu os seus seguidores de terem qualquer contacto com a facção adversária e, quando Berggrav foi nomeado bispo de Oslo, Hallesby “escreveu na imprensa que não podia receber bem ele até que ele abandonou seu passado liberal'.

---

<sup>530</sup> Bispo Arne Fjellbu: In *Biskop be tilbake* (Gyldendal, 1960), p. 186. O rei Haakon disse ao reitor que havia agradecido a Buchman, mas sugeriu que ele exortasse seus seguidores a serem "cuidadosos em quaisquer confissões feitas em público". O rei visitou duas vezes a sede do Grupo Oxford em Londres durante a Segunda Guerra Mundial.

<sup>531</sup> O *Espectador*, 15 de fevereiro de 1935.

<sup>532</sup> Buchman, pp. 6-9.

<sup>533</sup> Einar Molland: *História da Igreja de Hans Nielsen Hauge a Eivind Berggrav* (Gyldendal, 1968), pp. 78-81.

<sup>534</sup> Relato de testemunha ocular relacionado ao autor.

Entretanto, onde os argumentos não conseguiram trazer a unidade, a mudança nos indivíduos estava a ter algum efeito. O início observado por Hamilton em Høsbjør continuou em todos os níveis. O professor Mowinckel, o principal estudioso norueguês do Antigo Testamento da época, era visto pelos conservadores como a própria encarnação do Diabo, e os seus livros sempre agravaram a dissensão dentro da Igreja. Principalmente um homem de ciência, um buscador sincero da verdade onde quer que ela o levasse, ele tinha pouca fé pessoal vital. Ele viu essa fé em ação nas pessoas de Høsbjør e decidiu que queria a “pérola de grande valor”. Com sua honestidade característica, ele percebeu que não o encontraria a menos que estivesse disposto a desistir de tudo por isso; e tinha dois grandes amores, a sua nova casa de campo e o livro que, depois de anos de trabalho, acabara de terminar. No final, ele disse a Deus que estava disposto a abandoná-los se Deus pedisse. Imediatamente veio o pensamento: 'Fique com a casa; queime o livro. Ele fez isso. Ninguém sabe exatamente o que continha o livro porque, tendo recebido ordens para o destruir, sentiu que não devia falar dele: mas não pode haver dúvida de que isso teria aumentado a desunião da Igreja.<sup>535</sup> A partir desta altura, os fundamentalistas mudaram a sua atitude em relação a Mowinckel.

Falando numa reunião do Grupo de Oxford em Copenhague, em 31 de março de 1935, o Bispo Berggrav explicou: 'Devo admitir que, para começar, não aprovei inteiramente os métodos do Grupo Oxford, mas quando vi como Deus o usou na Noruega, especialmente na vida da minha própria família, tive que mudar toda a minha atitude. O que está acontecendo agora na Noruega é o maior movimento espiritual desde a Reforma.'<sup>536</sup>

No ano seguinte, Berggrav, num longo artigo na Kirke og Kultur, observou alguns “factos óbvios” sobre as mudanças na vida norueguesa durante o ano anterior: “1. Nasceu uma nova atmosfera, uma mudança em toda a situação da vida espiritual do país. Não só há mais espaço para o eterno, mas também há um anseio maior por ele... 2. O nome de Deus não é mencionado de uma maneira nova, mas por novas pessoas... Agora, pessoas inesperadas começaram a proclamar o poder de Deus em suas vidas. Deus se tornou vivo. 3. Toda a questão deixou de ser secreta e impessoal para se tornar aberta e pessoal. Houve um “período

---

<sup>535</sup> Relato de uma testemunha ocular da história contada por Mowinckel na casa do advogado Erling Wikborg e relatada ao autor por Svend Major.

<sup>536</sup> Kristeligt Dagblad, 2 de abril de 1935. A última frase foi omitida do relato do jornal sobre o discurso do bispo na sessão da manhã, mas está em textos datilografados contemporâneos de seu discurso e foi mencionada durante uma reunião no final do dia pelo presidente, Kenaston Twitchell, relatado no mesmo artigo.

Nicodemos” no que diz respeito às questões internas mais profundas. Agora eles são discutidos nas ruas...<sup>537</sup>

“Nossa vida cristã e eclesial”, acrescentou Berggrav, “tem sido uma vida de desconfiança em todas as direções. Mas agora acho que aprendemos algo novo sobre a confiança entre nós. Nunca pode ser fundamentado em pessoas, mas em Deus... Acho que o Grupo Oxford me ajudou a ver isso. Falar abertamente deve ser um veículo e uma expressão de confiança.”<sup>538</sup>

Eram necessários mais progressos, e foi no dia em que eclodiu a guerra na Europa, 1 de setembro de 1939, que Berggrav recebeu um pensamento convincente: “Há guerra na Europa. Também há guerra entre você e Hallesby. Vá vê-lo. Ele não sabia por onde começar, mas sua esposa sugeriu que ele telefonasse. 'Eu estava esperando por você', respondeu Hallesby, e eles se encontraram.”<sup>539</sup> Não se sabe exatamente o que aconteceu entre eles, mas foi como resultado desse encontro que os dois homens cooperaram no manifesto, 'God's Call to Us' Agora', que saiu em todos os jornais. Descrevendo estes acontecimentos, o Professor Karl Wisløff, na sua história da Igreja Norueguesa, escreveu: “Muitos ficaram surpresos ao ver esses dois nomes juntos. Hallesby sempre se recusou a participar de qualquer declaração pública com um homem conhecido como teólogo liberal. Wislaff também descreve uma reunião maior na casa de Berggrav em 25 de outubro de 1940, na qual Hallesby e alguns de seus colegas se juntaram aos líderes da ala liberal para criar o Kristent Samråd (Conselho Cristão de Colaboração). da luta da Igreja, que trabalhou em conjunto de forma excelente durante a guerra’.”<sup>540</sup>

Antes de Buchman deixar a Noruega, em Março de 1935, Hambro escreveu-lhe qualificando o impacto no país de “um milagre” e “um regresso à saúde mental”.<sup>541</sup> Recebeu uma resposta característica. “Se o ritmo atual continuar e não parecer haver abrandamento,

---

<sup>537</sup> Escrevendo em Kirke og Kultur (7 de agosto de 1984) sobre The Oxford Group in Retrospect after 50 Years, Stephan Tschudi, ex-Reitor do Seminário Teológico Prático da Universidade de Oslo, lembrou: 'Muitos dos que foram atingidos tinham muito pouco conhecimento do Cristianismo. Mas eles se reconheceram nos relatos evangélicos de homens e mulheres que seguiram o Mestre - sem qualquer dogma. E olharam com espanto para pessoas que pareciam saber tudo sobre o Cristianismo sem que isso tivesse qualquer efeito visível em suas vidas.'

<sup>538</sup> Kirke og Kultur, No. XLIII (Oslo, 1936).

<sup>539</sup> Conta pessoal do autor.

<sup>540</sup> CAR Christensen: Vårt Folks Historical, Vol. VIII (Aschehoug, 1961), p.270.

<sup>541</sup> Carl Hambro para Buchman, 7 de fevereiro de 1935.

não será possível adiar por muito mais tempo a decisão que, sob a autoridade de Deus, poderá não só mudar a história da Noruega, mas também da Europa”, escreveu Buchman. 'Sei que nenhuma questão secundária pode reivindicá-lo, Deus exige o máximo.'<sup>542</sup> Durante toda a campanha, Buchman desafiou Hambro a uma entrega mais completa de sua vida e de seus planos a Deus, uma rendição que Hambro parece ter evitado. várias ocasiões.

Os vizinhos da Noruega, entretanto, têm acompanhado de perto os acontecimentos no país. O interesse dos dinamarqueses foi aumentado, em Janeiro de 1935, pela visita de Fredrik Ramm, bem conhecido por eles pelo seu antagonismo apaixonado ao seu país. Ramm tinha lutado arduamente através do seu jornal para proteger os direitos de pesca noruegueses em torno da Groenlândia, e quando, após uma disputa prolongada, o Tribunal Internacional de Haia se pronunciou a favor da Dinamarca, isso apenas aumentou a sua animosidade. Mas em Høsbjør, como ele escreveu, “o gelo derreteu no meu coração e um sentimento novo e desconhecido começou a crescer, um amor pelas pessoas sem restrições pelo que elas me poderiam dar”.<sup>543</sup> Agora ele disse na rádio dinamarquesa: “O principal é Estou aqui para lhe dizer que meu maior defeito foi meu ódio pelos dinamarqueses. A minha mente foi envenenada por esse ódio... Agora estou aqui para esclarecer as coisas.”<sup>544</sup> O diário de Copenhaga, Dagens Nyheder, intitulou a sua história: 'O Grupo de Oxford apaga o ódio norueguês-dinamarquês'.<sup>545</sup>

Fredrik Ramm

Enquanto a atmosfera intelectual da Noruega foi influenciada pelo marxismo, o modo de vida confortável da Dinamarca - "bem amanteigado", como Buchman o chamou - foi temperado pelo liberalismo cético e de pensamento livre de Georg Brandes, professor de Estética nas Universidades de Hamburgo e Copenhague, sucessivamente. Ele havia morrido apenas oito anos antes, tendo publicado seu último livro, O Mito de Jesus, em 1925, aos 83 anos. As profundas fundações cristãs da Dinamarca tinham sido fortalecidas por um renascimento em meados do século XIX, mas a Igreja admitia agora abertamente que tinha perdido a confiança dos intelectuais e dos trabalhadores. O que estava a acontecer na Noruega

---

<sup>542</sup> Buchman para Carl Hambro, março de 1935.

<sup>543</sup> Ramm, MS não publicado.

<sup>544</sup> Transmissão de 13 de janeiro de 1935.

<sup>545</sup> Dagens Nyheder, 14 de janeiro de 1935.

era um tema frutífero de discussão e de piadas, mas era amplamente assumido que não poderia acontecer na Dinamarca.

Buchman visitou a Dinamarca em janeiro de 1935, ao mesmo tempo que Ramm. Ele achou o interesse intenso e houve fortes exigências para que ele trouxesse uma equipe para lá. Mas ele estava ciente de que o padrão norueguês não poderia ser repetido. Por um lado, não havia nenhuma figura dinamarquesa comparável a Hambro disposta a iniciar uma mudança a partir de dentro. “As forças locais não são inteligentes o suficiente para lidar com a situação”, escreveu Buchman a Kenaston Twitchell. “Por isso, pedi-lhes, por enquanto, que se abstenham de qualquer coisa que possa chamar a atenção do público. Tudo havia sido maravilhosamente preparado, favorável ao bispo, quando alguns cristãos antiquados começaram uma festa em casa nos moldes antigos e não sabiam como lidar com a imprensa. Eles realizaram uma reunião de oração para os repórteres e assim lhes deram uma esplêndida oportunidade de conseguir um furo de reportagem. Não poderemos começar com uma festa em casa, por causa do tipo errado que eles estão realizando.’

Ele prosseguiu: “Não divulguem o facto de que a Dinamarca poderá começar em meados de março porque o mesmo tipo de pessoas que conhecemos em Princeton está certamente em Copenhaga. Essa multidão mudou-se de Berlim para norte e já estamos a sentir a sua oposição. Não está claro se Buchman se referia aqui à oposição direcionada de indivíduos ou grupos específicos, ou ao confronto geral com aqueles que estavam comprometidos com o relativismo moral. Naquela época, Berlim era certamente o centro de uma decadência que se espalhava pela Europa, e o trabalho de Buchman estava fadado a entrar em colisão com esta força em situações em que ambas estivessem ativas. Em qualquer caso, a consciência de um possível confronto com o mal organizado nunca esteve longe da



Fredrik Ramm, editor do Oslo Morgenbladet.

©Adolf Blumenthal

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

mente de Buchman, devido em parte ao seu próprio espírito militante e em parte às suas experiências. Sua carta continuava: 'O que você tem aqui é o resultado de deformidade espiritual durante um longo período. Pense em gnomos rastejando na escuridão de uma caverna. De repente, surge a iluminação e as coisas ficam claras. Mas a menos que façamos algo rapidamente, esta nação estará madura demais e as forças cristãs irão sensacionalizar os grupos e as pessoas não terão a oportunidade de conhecer a verdadeira mensagem.'<sup>546</sup> O pensamento que ele teve foi: 'A Dinamarca será abalada.'

Buchman decidiu “ir ao tribunal da opinião pública”, como ele próprio expressou, em grandes reuniões públicas. Mas houve dificuldades. “Disseram-me confidencialmente que alguns estudantes estão a tentar promover uma discussão na Universidade para fazer com que o trabalho do Grupo pareça ridículo”, escreveu ele. «Uma das melhores maneiras de matar qualquer coisa na Dinamarca é fazer com que as pessoas riam disso.»<sup>547</sup> Entretanto, opositores de outros países distribuía livros como o do Bispo de Durham.

Em março de 1935, porém, tudo estava pronto. Buchman reuniu uma força internacional de 300 pessoas em Copenhague para três dias de treinamento, durante os quais os instruiu sobretudo, desde as políticas dos cinco diários nacionais até a necessidade de manter os intestinos abertos, apesar do farto café da manhã dinamarquês, segundo ele, culminando com um rico bolo de massa folhada.

Tudo, na sua opinião, dependia da primeira reunião, que seria transmitida pela rádio nacional e para a qual eram esperados muitos trabalhadores e intelectuais, incluindo alguns membros do gabinete socialista. Conseqüentemente, ele planejou que oradores de origem trabalhista, como George Light e Jimmie Watt, deveriam predominar. Todos os ingressos foram retirados e poucos clérigos estavam visíveis, exceto uma fileira vestida de preto, todos os quais pareciam estar tomando notas. Buchman acertou seu alvo. Muitos dos trabalhadores e intelectuais ateus permaneceram para conversar com os oradores, alguns decidindo experimentar ali mesmo as ideias que tinham ouvido. Um deles foi um conhecido advogado do Tribunal Superior, Valdemar Hvidt, que conversou com um recém-formado em Oxford. O advogado explicou que não acreditava em Deus, mas depois, espiando um jovem empresário, que naquela semana o procurara para instaurar um processo de divórcio, no

---

<sup>546</sup> Buchman para H. Kenaston Twitchell, 30 de janeiro de 1935.

<sup>547</sup> *ibid.*

quarto com sua esposa, acrescentou: 'Se algo acontecesse com aquele casal, eu poderia até pense novamente. No dia seguinte, o casal ligou para seu escritório e disse que queria cancelar o divórcio. Os três, o casal e o advogado, acabaram trabalhando com Buchman pelo resto da vida.

No dia seguinte, o Bispo de Copenhague, Dr. F. Fuglsang-Damgaard, que já havia anunciado publicamente que o Grupo de Oxford o havia ensinado a ouvir a Deus, visitou Buchman. Ele disse que a fila de clérigos relatou que o nome de Cristo só tinha sido mencionado dez vezes na reunião. Por que isso aconteceu?

“Estive em sua casa tomando chá na semana passada, bispo”, respondeu Buchman, “e você não mencionou que amava sua esposa”.

O silêncio caiu. O bispo entendeu o que Buchman queria dizer. Mais tarde, o Bispo declarou: “O Grupo de Oxford está a ensinar-nos a falar de forma diferente com os pagãos e ateus, céticos, críticos e agnósticos. Um novo caminho para o velho Evangelho – esta é a minha concepção do Grupo de Oxford. Ele se move da circunferência para o centro. Está dentro da Igreja e não ao lado dela.”<sup>548</sup>

Mais de trinta mil pessoas participaram de reuniões nos primeiros seis dias em Copenhague. A transmissão nacional trouxe uma resposta rápida do campo e das ilhas, bem como da população dinamarquesa do outro lado da fronteira com Schleswig. Quando uma reunião do Grupo anti-Oxford foi realizada na Universidade, foi considerada um “fiasco colossal”. Planejado por um estudante de teologia que se tornou marxista, apoiado por um conjunto brilhante de acadêmicos brandos, foi invadido por trabalhadores fabris militantes. “Aconteceu algo que nunca tinha acontecido antes em Copenhaga”, relatou o Dagens Nyheder. 'Os trabalhadores levantaram-se um após o outro e testemunharam o Cristianismo numa sala que consistia principalmente de opositores fanáticos de todas as religiões.’<sup>549</sup>

Os relatos da campanha na imprensa foram inicialmente pouco entusiasmados. Um relatório altamente positivo da primeira reunião apareceu então no Social-Demokraten <sup>550</sup> e

---

<sup>548</sup> Berlingske Tidende, 20 de agosto de 1935. Quase vinte anos depois, o Bispo disse no Conselho Mundial de Igrejas em Evanston, EUA, em agosto de 1954: 'A visita de Frank Buchman à Dinamarca em 1935 foi uma experiência histórica na história da Igreja dinamarquesa. Será escrito em letras douradas na história da Igreja e da nação. Sempre que visito o Dr. Buchman, nossa conversa é toda sobre a Cruz de Cristo, que é o centro de seu coração, alma e fé.'

<sup>549</sup> Tradução datilografada contemporânea sem data.

<sup>550</sup> Social-Demokraten, 28 de março de 1935.

Kristeligt Dagblad, o diário cristão, observou com indulgência: “Não se pode esperar que os americanos acertem na primeira noite.”<sup>551</sup> Emil Blytgen-Petersen, o repórter do Dagens Nyheder designado para o Grupo voltou ao seu jornal dizendo que não conseguiu entrevistar Buchman. O principal redator e editor associado do jornal, Carl Henrik Clemmensen, foi tentar pessoalmente. O resultado foi uma conversa de três horas, na qual os dois homens fizeram perguntas, e ambos foram igualmente francos.

Clemmensen escreveu um pouco mais tarde: “Não consigo compreender como algum homem da igreja poderia pensar que não importava o que milhões de homens e mulheres estão fazendo da vida. Não consigo compreender nenhuma forma de cristianismo que tenha outro objetivo que não seja uma revolução do mundo não cristão em que vivemos. E isso, claro, implica uma revolução, uma mudança profunda e drástica na vida do indivíduo.

'Eu posso entender o Grupo de Oxford. Posso compreender aquele grupo de homens e mulheres que, de uma forma notável ou de outra, se encontraram reunidos num trabalho comum, com o objetivo de produzir o tipo de revolução cristã que descrevi. Eu posso entender os Quatro Absolutos. Nenhum de nós, talvez, conseguirá cumpri-los completamente, mas eles serão sempre um padrão que mede a qualidade das nossas vidas e marca o quão longe cada um de nós chega. Posso compreender as pessoas que se recusam a ficar sentadas de mãos postas, vendo o mundo ruir, mas que estão convencidas de que, no seu trabalho para salvar o mundo, receberão diariamente inspiração da única fonte da qual podemos esperar inspiração, mesmo que apenas nos tornaremos o que um autor dinamarquês chamou de pessoas “abertas” em vez de pessoas “fechadas”.

Eles falaram comigo em um comprimento de onda totalmente novo. Eles falavam em uma língua que eu conseguia entender. Eles não me assustaram com nenhuma terminologia teológica. Eles não me deixaram apreensivo ou desconfiado ao revelar um vasto aparato místico.'

E sobre Buchman ele escreveu: 'Calma e sorridente é o homem que iniciou todo o Grupo de Oxford... Ele tem força. Ele é um psicólogo bastante notável. Ele trata as pessoas como indivíduos. Ele nunca lida com duas pessoas da mesma maneira. Ele sabe tudo sobre você quando você conversa com ele por alguns minutos. Ele é um homem ambicioso, mas tenho a viva convicção de que ele só ambiciona que o que é bom possa triunfar. Eu poderia

---

<sup>551</sup> Kristeligt Dagblad, 29 de março de 1935.

facilmente citar de imediato pelo menos cinco líderes religiosos eminentes que se sairiam bem com um equipamento consideravelmente maior com esse tipo de ambição. Ele é positivo. Nunca o ouvi dizer uma única frase negativa. Ele nunca responde aos ataques. Nunca o vi colocar um sorriso artificial. Eu o chamo de “o apóstolo risonho”. Em todo o mundo conheci muito poucas pessoas tão completamente harmoniosas e naturais nos seus prazeres e felicidades comuns.<sup>552</sup>

Entretanto, dois dos jornais fundados por Brandes, o Politiken e o Extrabladet, começaram a tratar os visitantes com seriedade, por vezes com um humor malicioso, mas por vezes com respeito e de forma considerável.

Além das reuniões públicas, Buchman realizava reuniões de sua equipe todas as manhãs, às quais compareciam cada vez mais dinamarqueses. Além do Bispo e Reitor Brodersen de Copenhague, apareceria uma amostra surpreendente da população. Frequentemente, essas reuniões eram repletas de fumaça de charutos dinamarqueses curtos. Em um deles, Buchman pediu um tempo para ouvir a Deus. Depois ele riu e disse: Até agora nunca houve regras no Grupo de Oxford, mas acho que teremos que fazer a nossa primeira aqui na Dinamarca. Será que todas as senhoras deverão largar os charutos quando decidirmos passar um tempo tranquilos juntas!

De Copenhague, Buchman foi passar a Páscoa, com todos os que quisessem, em Haslev, um centro educacional a cerca de cinquenta quilômetros de distância. Todas as escolas estavam lotadas - os adultos muitas vezes dormiam nas camas das crianças<sup>553</sup> - e à medida que os agricultores, os desempregados, aldeias inteiras afluíam, as pessoas dormiam em carros e até na prisão local. “Na sexta-feira passada”, escreveu Buchman, “eles tiveram que ir para o campo em uma aldeia porque não havia mais espaço na igreja.”<sup>554</sup>

Berlingske Tidende enviou uma jovem chamada Gudrun Egebjerg para cobrir o evento. Ela agora relembra suas primeiras impressões de Buchman: “Certamente não um “líder espiritual”, seja lá o que for. Um homem discretamente bem-vestido, com nariz comprido e pontudo e rosto redondo, uma incongruência. (Anos depois, quando alguém

---

<sup>552</sup> Dagens Nyheder, abril de 1935.

<sup>553</sup> A Sra. Fog-Petersen, esposa do Reitor de Odense, tinha um berço assim. Questionada por Buchman se ela havia dormido bem, ela respondeu educadamente: 'Obrigada, dormi muitas vezes.'

<sup>554</sup> Buchman para Carl Henrik Clemmensen, 11 de maio de 1935.

mencionou isso, percebi que ele não gostou disso! Fiquei surpreso. Na época pensei que ele estava muito acima da vaidade humana; mas de alguma forma gostei dele por isso...) mas o que você sentiu, em primeiro lugar, de imediato, foi que ele se interessou pela pessoa que conheceu, neste caso eu, de uma forma amigável e aberta. Um jornalista está tão habituado a ser recebido com cautela: "Agora tenha cuidado com o que diz" - não o Dr. Buchman. Ele sabia o que queria dizer e como, e tinha aquele maravilhoso senso de humor e aquela maneira sábia, gentil e despreocupada de olhar para você. Também senti nele, sem que eu o registrasse conscientemente, uma autoridade natural.'

Depois de Haslev, a equipe de Buchman se espalhou por Sjælland e Fyn. A ocasião mais notável foi uma reunião em Odense, capital de Fyn e local de nascimento de Hans Andersen. Aconteceu no dia nacional da Noruega, e o último orador foi Fredrik Ramm. Descreveu como o seu ódio pela Dinamarca tinha sido curado e depois pediu ao público que cantasse o hino nacional dinamarquês. Houve um silêncio e então, sem uma palavra de aviso, 3.000 dinamarqueses invadiram o hino norueguês, de modo que as paredes e a sala vibraram com o som. Ramm chorou ao ver a unidade nascer onde ele havia causado divisão.

Agora que surgiram provas de mudança à escala nacional na Noruega e na Dinamarca, Buchman desejava aplicá-las no continente, e especialmente na Alemanha. Ele concebeu uma grande manifestação escandinava, que ocorreu no Domingo de Pentecostes em Kronborg (popularmente conhecido como 'Castelo de Hamlet') em Elsinore. O pátio do castelo estava lotado com dez mil pessoas, e outros milhares ouviam através de alto-falantes nas muralhas gramadas do lado de fora. Mais tarde naquela noite, Clemmensen escreveu sobre os intermináveis fluxos de pessoas, a ascensão e queda da música, as pessoas da política e da Igreja na plataforma e os jovens, os agricultores e os trabalhadores que falavam em ouvir a voz do Vivo Deus e obedecendo. Ele esboçou a vida de Buchman e continuou: "Nunca ouvi falar de nada parecido em nossa época. Este homem tinha a visão determinada da conquista do mundo. Ele veio como um soldado desconhecido de uma das trincheiras da linha de frente da cristandade e está hoje neste castelo dinamarquês como o líder de uma cruzada moderna que abrange o mundo."<sup>555</sup>

Logo após esta manifestação, Buchman retornou à Grã-Bretanha para uma festa em Oxford, que contou com a presença de centenas de pessoas da Escandinávia. Em Setembro,

---

<sup>555</sup> Dagens Nyheder, 10 de junho de 1935.

regressou à província dinamarquesa da Jutlândia com uma equipa de quase 1.000 pessoas que, segundo Emil Blytgen-Petersen, “varreu a península como uma tempestade de areia”<sup>556</sup> e visitou praticamente todas as cidades e aldeias.

Alfred Nielsen, gestor de uma serraria em North Schleswig, perto da fronteira com a Alemanha, vivia com medo constante do que a crise poderia trazer ao seu negócio e à sua indústria. “Segui Buchman pela Jutlândia como um cachorro, porque queria a resposta que vi nele”, diz ele. ‘O que ele me deu me salvou de um colapso mental. Ele abriu-me os olhos para o meu orgulho egoísta para com a minha mulher, os meus trabalhadores e os meus colegas - e para com os alemães que viviam conosco em North Schleswig.’<sup>557</sup> Um dos resultados, de acordo com a *Scandinavian Review*, foi que Nielsen, ‘proprietário da maior serraria combinada, na Jutlândia», que anteriormente «recusara conceder aos seus empregados um aumento salarial... alegando que as finanças da sua empresa não o suportariam, disse honestamente aos seus homens em 1937 que a verdadeira razão era que o seu bolso privado teria sofrido. Ele examinou todas as finanças da empresa com seus homens e eles concordaram em conjunto sobre uma provisão adequada para todos.’<sup>558</sup>

No final de 1935, o Grupo de Oxford na Dinamarca trabalhava sob o comando de líderes dinamarqueses. Em 18 de outubro de 1935, menos de sete meses após a chegada de Buchman a Copenhague, 25.000 pessoas reuniram-se no Fórum local e em duas salas lotadas.

Paul Brodersen, Reitor de Copenhague, liderou a manifestação e os oradores incluíram um carpinteiro, uma enfermeira, um negociante de cavalos de uma ilha periférica, o chefe de uma refinaria de petróleo e dois dos seus empregados, o principal líder da banda de Copenhaga, o Diretor do Instituto Tecnológico Nacional e quinze estudantes liderados pelo Presidente do Conselho Estudantil da



10.000 pessoas no pátio do Castelo de Kronborg em Elsinore, Dinamarca. ©Nordisk Pressfoto

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>556</sup> Para um relato da campanha dinamarquesa, ver Emil Blytgen-Petersen: *Oxford i Danmark* (Haase, 1935).

<sup>557</sup> Conversa e cartas de Alfred Nielsen ao autor, agosto de 1981.

<sup>558</sup> Revisão Escandinava, fevereiro de 1940.

Universidade de Copenhague. A audiência, escreveu Berlingske Tidende, “não pertencia a nenhuma classe, tipo ou idade, mas sim a todo o caderno eleitoral, de A a Z”.<sup>559</sup>

No primeiro aniversário da chegada de Buchman na Dinamarca, ele falou em uma manifestação de fim de semana que trouxe cerca de 20.000 para Ollerup no lado do país de Fyn. "O Grupo de Oxford segue seu caminho vitorioso", comentou Extrabladet em um editorial. “Não podemos deixar de ser gratos pela contribuição que eles fizeram para a melhoria moral da vida de muitas pessoas. Se há uma coisa que precisamos, é tornar-se pessoas melhores, mais honestas, mais retas do que nós e com a vida mais pura e os corações mais quentes do que nós.”<sup>560</sup>

O efeito dessa nova vida foi preparar muitos escandinavos, na Dinamarca como na Noruega, para os perigos da ocupação. Na Dinamarca, Clemmensen foi assassinado por nazistas dinamarqueses - indivíduos, aliás, que se opuseram a Buchman durante sua visita - enquanto outros como o coronel H.A.V. Hansen realizou atos de coragem excepcional na resistência e viveu para contar a história.<sup>561</sup> O bispo Fuglsang-Damgaard foi enviado para um campo de concentração. Antes da prisão, ele contrabandeava uma mensagem para Buchman de que, através do grupo de Oxford, ele havia encontrado um espírito que os nazistas não podiam quebrar e que ele ficou sem medo.<sup>562</sup>

Na Noruega Fangen, foi o primeiro dos colegas de Buchman a ser preso,<sup>563</sup> o grupo de Oxford sendo banido ao mesmo tempo. Nos anos anteriores à guerra, Fangen e Ramm haviam viajado para cima e para baixo da Escandinávia das Ilhas Lofoten para Helsinque tecendo uma rede de pessoas que eram moral e espiritualmente seguras. Quando a Noruega estava ocupada, Ramm mantinha vínculos com eles por carta e por artigos em seu jornal que, sob o título inocente de 'O que fazer no blecaute', atraiu paralelos históricos cheios de significado oculto aos patriotas noruegueses.

Quando os nazistas descobriram o que Ramm quis dizer, eles o prenderam. Um mês depois, ele foi libertado com um aviso, porque sua influência "ameaçou desmoralizar toda a

---

<sup>559</sup> Berlingske Tidende, 19 de outubro de 1935.

<sup>560</sup> Extrabladet, abril de 1936.

<sup>561</sup> Ver Henrik S. Nissen e Hening Poulsen: På Dansk Friheds Grund, para uma descrição do seu trabalho em trazer entendimento entre os políticos socialistas e o exército dinamarquês durante a Ocupação.

<sup>562</sup> Irene Gates para Buchman, 23 de outubro de 1943, relatando conversa com Karen Petersen.

<sup>563</sup> Em setembro de 1940, por seu artigo sobre “Lealdade” em Kirke og Kultur. Veja também: Bjarne Hoye e Trygve Ager: A Luta da Igreja Norueguesa contra o Nazismo (Macmillan, 1943), pp. 15, 16, 51, 78.

prisão". Ele voltou à luta, foi rearranjado e deportado para Hamburgo, onde, mesmo em confinamento solitário, o brilho de sua fé permeava a prisão. Para o único amigo que viu em seus dois anos de confinamento, ele disse: 'Diga a Eva [sua esposa] que minhas cartas expressam a verdade completa da minha experiência. Mesmo que eu esteja sozinho, não me sinto sozinho. Tudo o que aprendemos no Grupo de Oxford é verdadeiro. Eu digo "na prisão com Deus, do que fora sem ele".'

Ramm desenvolveu tuberculose. Mesmo agora ele recusou a oferta de melhores alimentos e condições em troca de fabricar produtos para os alemães. Ele foi ficando cada vez mais fraco e foi libertado através de um ato de compaixão do Governador da prisão, que passou a respeitá-lo. A ambulância dinamarquesa que foi enviada para ele cruzou a fronteira pouco antes de uma ordem nazista proibindo sua libertação, e ele chegou a Odense. Lá ele morreu, com uma bandeira norueguesa na mão, colocada ali por um amigo dinamarquês. Quando o corpo de Ramm chegou a Oslo, multidões aglomeraram-se na Praça da Catedral, ignorando todas as tentativas de coagi-los a dispersar, e quando a notícia chegou ao governo norueguês no exílio em Londres, o Ministro dos Negócios Estrangeiros Koht disse: "Quando a história destes tempos chegar a ser escrita, o nome de Fredrik Ramm será considerado um dos maiores heróis da Noruega."<sup>564</sup>

A resistência ativa da Igreja na Noruega foi desencadeada por Fjellbu, agora bispo. Em 1º de fevereiro de 1942, dia em que Quisling assumiu o cargo de primeiro-ministro, ele encontrou a Catedral de Trondheim fechada contra ele quando foi celebrar a Sagrada Comunhão. Os soldados nazistas disseram à congregação para voltar para casa, mas eles não o fizeram. Fjellbu entrou por uma pequena porta lateral, vestiu-se e iniciou o serviço religioso no altar-mor. Os soldados não ousaram prendê-lo ali e o coro, tendo tomado posição, começou a cantar 'Uma Poderosa Fortaleza é Nosso Deus'. Logo a congregação, parada na neve lá fora, começou a fazê-lo. Pelo trabalho daquela manhã, Fjellbu foi afastado do cargo. Imediatamente todos os bispos noruegueses, liderados por Berggrav e seguidos pelo clero, estabeleceram os deveres seculares normalmente prescritos a eles como parte da Igreja estatal. No dia de Páscoa, todos os pastores noruegueses seguiram o exemplo e, ao mesmo tempo, o Bispo Berggrav foi preso. Esperava-se que ele fosse julgado e condenado, pois havia

---

<sup>564</sup> Everybody's Weekly, 11 de dezembro de 1944. Para um relato de Fredrik Ramm na prisão e sua viagem a Odense, ver Hiltgunt Zassenhaus: Walls (Coronet Books, 1977), pp. 71, 77-8, 123-31.

visitado a Inglaterra em 1940; mas de repente ele foi transferido da prisão para a cabana na montanha, onde passou três anos em prisão domiciliar solitária. Berlim interveio.

A intervenção foi iniciada pela Abwehr, e os dois emissários enviados pelo almirante Canaris, que trabalharam secretamente contra Hitler e foram executados por ele, eram Bonhoeffer e o amigo de Bonhoeffer, von Moltke. Assim, Bonhoeffer viu em ação na Noruega o mesmo tipo de resistência que ele tinha defendido à Igreja na Alemanha dez anos antes.<sup>565</sup> A comparação entre as duas situações é impossível, uma vez que uma coisa era conseguir uma resistência unida num país ocupado, e outra era criá-lo na Alemanha assim que Hitler se estabelecesse. No entanto, tal unidade na Noruega foi alcançada face a grandes riscos e teria sido impossível sem a cura das amargas divisões que ali ocorreram a partir de 1934.

Em 22 de abril de 1945, o Bispo Fjellbu pregou na igreja de St Martin-in-the-Fields, em Londres. «Desejo declarar publicamente», disse ele, «que as bases da resistência unida dos clérigos noruegueses ao nazismo foram lançadas pelo trabalho do Grupo de Oxford.»<sup>566</sup> Numa entrevista à imprensa, o bispo acrescentou: «A primeira vinda do Oxford Group. O grupo para a Noruega foi uma intervenção da Providência na história, como Dunquerque e a Batalha da Grã-Bretanha. Eles ajudaram a preencher a lacuna entre a religião e as pessoas e a torná-la realidade todos os dias. Temos lutado mais do que um exército armado. Temos lutado contra o materialismo ímpio. O Grupo de Oxford deu-nos homens que nos ajudaram a lutar por uma ideologia cristã.»<sup>567</sup>

Hambro, no ano anterior, escreveu: “Meus pensamentos remontam àquela primeira festa em casa na Noruega em 1934... a Frank Buchman, o catalisador que tornou possível a frente unida da Igreja na Noruega nesta guerra...”

«Os alemães decretaram na Noruega que o Grupo de Oxford fazia parte do Serviço de Inteligência Britânico e deveria ser duramente reprimido – um elogio muito lisonjeiro e ligeiramente ridículo ao serviço de Inteligência Britânico. A Gestapo temia e odiava o Grupo de Oxford, pois nunca poderia temer e odiar o Serviço de Inteligência Britânico. Eles os

---

<sup>565</sup> Bethgé, pp. 656-8.

<sup>566</sup> Confirmado numa entrevista de duas páginas por Francis Goulding no New World News, junho de 1945. Ver também Christensen, p. 451: 'O Grupo Oxford... desempenhou um papel na redução das tensões na vida religiosa da Noruega durante as últimas décadas e preparou o caminho para a cooperação entre os movimentos religiosos durante a ocupação [alemã].'

<sup>567</sup> Reportado no Everybody's Weekly por Ronald Chamberlain, MP, 5 de setembro de 1946.

odiavam como os homens odeiam e temem os ideais que perderam e prostituíram, a fé que traíram. Eles os temiam porque sabiam instintivamente que o Grupo de Oxford fazia parte do Serviço de Inteligência de Deus, preparando o caminho para uma derrota definitiva dos princípios do mal.<sup>568</sup>

No início de 1934, Buchman sabia que não poderia trabalhar na Alemanha da mesma forma que em qualquer outro lugar. As festas em casa eram espionadas e grandes manifestações públicas como as dos países democráticos eram impossíveis. Ele contava com que tais eventos em outros países tivessem algum efeito sobre os líderes alemães e garantiu que as notícias sobre eles chegassem aos mais altos níveis possíveis em Berlim. Ele também confiou na palavra escrita – dezesseis livros e livretos foram publicados na Alemanha no início da década de 1930 – bem como em seus discursos. Ao mesmo tempo, não tinha perdido a esperança de contactar pessoalmente os líderes da Alemanha.

————— XXI —————

## **HITLER E A REPRESSÃO DA GESTAPO**

Em setembro de 1934, Moni von Cramon foi convidado por Himmler para o comício do Partido Nazista em Nuremberg, e providenciou para que Buchman e alguns de sua equipe também fossem convidados. Alguns meses antes, uma noite ela se viu inesperadamente sentada ao lado de Himmler durante um jantar, e as perguntas de Himmler mais uma vez foram sobre como a orientação de Deus atuou em sua vida. Sentindo que “Deus só dá essa oportunidade uma vez”, ela contou-lhe detalhadamente que mudança drástica na sua vida e no pensamento isso implicara para ela e enfatizou “o significado para os indivíduos, as nações e o mundo inteiro, se o plano de Deus deveria ser cumprido. Ele ouviu em silêncio. Agora, em Nuremberg, ela e Buchman sentaram-se ao lado de Himmler para um almoço informal. A conversa deles foi mais uma vez sobre a busca da orientação de Deus, e Buchman falou das pré-condições morais e espirituais envolvidas. No meio da refeição, Frau von Cramon foi chamada ao telefone. Foi seu filho quem lhe contou sobre a morte de seu marido divorciado. Ela voltou para a mesa muito angustiada porque, embora seu marido fosse

---

<sup>568</sup> Buchman, pág. 324.

legalmente o culpado, ela já havia percebido o papel que sua autojustificação desempenhou no fim do casamento. Ela disse isso a Himmler. “Se ao menos você pudesse odiar esse homem que quebrou a lealdade com você, você não sofreria tanto”, disse ele.

“Isso nos levou de volta a falar sobre as exigências absolutas de Deus”, lembrou Frau von Cramon. Então o almoço terminou. O comentário de Buchman nesta altura foi: 'Deveríamos ter um compromisso maior do que estes sujeitos.'

Moni von Cramon relatou o choque profundo que a “noite das facas longas” de junho de 1934 – quando os líderes das tropas de assalto e muitos dos seus oponentes não-nazistas foram eliminados por Hitler – tinha sido para Buchman. “Foi preciso muito para reconquistá-lo e ter qualquer esperança para a Alemanha”, disse ela a Hans Stroh. Nas festas em Oxford, Buchman não encorajava discursos nem a favor nem contra a Alemanha. Este Stroh apreciou. “Ficamos surpreendidos ao encontrar cristãos no estrangeiro que não condenavam automaticamente todos os alemães”, recorda ele. “O diagnóstico foi o mesmo, mas a atitude deles foi diferente. Mas o nosso problema na Alemanha permanecia - e eu já tinha consciência dele muito antes de conhecer Buchman: como ser fiel e ao mesmo tempo sóbrio e realista, como manter a distinção entre fé para o destino de uma Alemanha transformada e um diagnóstico sóbrio da realidade moral e política da situação.'

No ano seguinte, 1935, Himmler telegrafou de Berlim para Frau von Cramon: "Espero você na terça-feira, às dez horas."

“A mãe estava muito doente”, lembra a filha, Rosie Haver. “Ela esteve com Buchman na Noruega e depois no hospital na Dinamarca, onde pensaram - erroneamente, como aconteceu - que ela tinha um tumor cerebral. Ela acabara de ser levada para casa quando recebeu o telegrama de Himmler. Ela decidiu que não tinha escolha a não ser ir e entregou a responsabilidade por nós, filhos, a seu irmão. Antes de partir ela fez seu testamento. Ela não achava que voltaria.

“Meu irmão queria que eu me recusasse a ir”, escreveu Frau von Cramon. 'Tremei com o que poderia acontecer, mas lembrei-me da comissão que Deus me deu para levar uma mensagem aos líderes da Alemanha.'

No quartel-general da SS na Prinz Albrechtstrasse, ela ficou esperando sozinha em uma sala iluminada apenas por uma janela perto do teto, das dez da manhã às sete da noite.

Ela pensou que o campo de concentração ou a morte a aguardavam. Então, aos sete anos, Himmler chegou com seu ajudante de armas, SS-Obergruppenführer Karl Wolff.

'Então você vai me prender? Vou para um campo de concentração?' ela perguntou.

'Meu ADC irá levá-lo em meu carro. O motorista sabe onde', respondeu Himmler.

'Para onde estou sendo levado?' Frau von Cramon perguntou a Wolff no carro.

“Não estou autorizado a lhe contar”, respondeu ele.

No escuro, o carro parou em frente a uma casa guardada por homens da SS. De lá saiu uma mulher desconhecida.

— Sou Frau von Cramon. Quem é você?

— Meu nome é Frau Himmler. Meu marido não lhe contou? Você será nosso convidado por alguns dias.

Foi Pentecostes. Os primeiros dois dias passaram como se fosse uma visita normal, incluindo jogos de festa à noite. No terceiro dia, Himmler disse a Frau von Cramon: “Eu queria testá-la”, e ofereceu-lhe a tarefa de iniciar o trabalho de bem-estar social entre suas mulheres e crianças.

Frau von Cramon recusou, dizendo que ela era, aos olhos de Himmler, três coisas imperdoáveis - ela não era membro do Partido Nacional Socialista, era uma aristocrata e era cristã. Himmler rejeitou essas objeções. Finalmente ela disse: 'Ainda não posso lhe dar uma resposta definitiva, porque estou trabalhando com a equipe de Buchman e não daria nenhum passo sem informá-lo sobre isso'.

Himmler parecia perplexo. 'Você está tão ligado a esse estrangeiro e seu grupo?'

Ela respondeu: 'Sim. Aceitei a reivindicação total de Deus sobre minha vida, e foram essas pessoas que me mostraram o caminho para isso.'

"Bem", disse Himmler, "no que me diz respeito, você pode perguntar a eles."

Durante essas conversas, Himmler, que foi criado como católico, disse-lhe: 'Diga-me, quem é Cristo?' Ele afirmava que era “judeu” transferir para os outros a responsabilidade pelos próprios pecados. “Eu não preciso de Cristo”, disse ele.

Ela perguntou: 'O que você vai fazer com seus pecados que ninguém pode tirar de você e que você não pode corrigir?'

Ele respondeu: 'Como ariano, devo ter a coragem de assumir sozinho a responsabilidade pelos meus pecados.'

Ela disse: 'Você não pode fazer isso, porque sua desobediência a Deus está roubando da Alemanha o plano que Ele tem para ela.'

Ele concluiu: 'Posso viver sem Cristo porque Cristo significa que a Igreja e a minha Igreja me excomungaram.' Várias vezes ele voltou a esse assunto.

Moni von Cramon não gostou da oferta de Himmler. Ela e toda a sua família desconfiavam de Hitler. Mas ela continuou a sentir que era seu dever manter contacto com os líderes da Alemanha para que talvez alguns deles pudessem mudar, tal como ela tinha mudado. Essa, pensou ela, era a única esperança de evitar o desastre.

Depois de consultar Buchman, Frau von Cramon concordou em fazer o que pudesse pelas mulheres alemãs, estipulando que não comprometeria de forma alguma as convicções básicas da sua fé ou a sua liberdade de operação. Isto foi concedido; mas ela foi rapidamente neutralizada por outros membros da organização. Ela funcionou no nome durante dezoito meses, na verdade - devido a doença - durante cinco meses, e exerceu alguma influência na contenção de cabeças quentes, mas foi removida quando os seus inimigos descobriram que ela tinha avisado um amigo do Grupo de Oxford que estava a ajudar judeus em Berlim. Depois disso, ela nunca mais viu Himmler. Ela foi finalmente demitida quando, durante uma investigação de Frau Scholz-Klink, a chefe nacional das mulheres nazistas, ela se recusou a prestar o juramento de obediência total ao Partido.

Buchman aproveitou o breve intervalo proporcionado pelo conhecimento da Gestapo de que tinha um amigo na corte de Himmler para expressar a sua mensagem através de reuniões locais, conduzidas sob o olhar de agentes policiais, e através da palavra impressa. Ainda em 20 de Maio de 1937, o quartel-general da Gestapo no Noroeste informou que «o Grupo está a começar a espalhar-se eficazmente pela Alemanha e está a tentar, aparentemente com sucesso, ganhar influência nos círculos do Partido» e declarou que «o Reichsführer SS ordenou a manutenção da mais estrita observação do movimento».<sup>569</sup>

Buchman estava apostando o trabalho de sua vida e a reputação que possuía na tentativa de apresentar à Alemanha uma alternativa ao nazismo. Ele fez deste o tema do seu chamado para a Europa de Kronborg, na Dinamarca, um chamado feito naquele mesmo

---

<sup>569</sup> Instruções secretas do chefe do Serviço de Segurança (Sicherheitsdienst), noroeste da Alemanha (Hamburgo, Kiel, Bremen e Braunschweig), 20 de maio de 1937. Outras instruções secretas alertando contra a infiltração do Grupo de Oxford no Partido foram emitidas em 3 de dezembro de 1937 e 4 de março. 1938.

Pentecostes, quando Frau von Cramon estava hospedada, meio hóspede, meio prisioneira, na casa dos Himmler: “Deve surgir uma dinâmica espiritual que mudará a natureza humana e refazerá os homens e as nações. Deverá surgir uma autoridade espiritual que será aceita em todos os lugares por todos. Só assim surgirá a ordem do caos nos assuntos nacionais e internacionais...



Professor e Sra. Streeter com Buchman (à direita) em Oxford. No centro estão Roland Wilson e John Roots.

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

Alguma nação deve produzir uma nova liderança, livre da escravidão do medo, elevando-se acima da ambição e flexível à direção do Espírito Santo de Deus. Essa nação estará em paz consigo mesma e será uma pacificadora na família internacional. Será a sua nação?’

Este discurso foi transmitido em vários países, mas recusado pelo Ministério da Propaganda alemão. Buchman sabia que teria de encontrar outras formas de conseguir uma audiência na Alemanha.

Buchman com o Dr. e Sra. B. H. Streeter

Durante a festa em Oxford, no verão de 1935, Buchman parecia não saber o que fazer na Alemanha. Ele disse a Hans Stroh que “temia que Himmler tivesse fechado seu coração”. Se o coração de Himmler alguma vez esteve aberto - ou se, como certamente aconteceu mais tarde, ele apenas queria usar Buchman e os seus colegas para os seus próprios fins - era mais difícil de avaliar na altura do que é assumir agora. Buchman sabia que Himmler era um católico decaído - na juventude ele havia sido coroinha - e esperava que algum resquício de desconforto pela fé perdida ainda estivesse escondido nele. Em 19 de novembro de 1935, Berlingske Tidende, de Copenhague, publicou a fotografia de Himmler com a manchete “Nazi confessa sua fé em Deus vivo”, e outros jornais relataram que Frau Himmler havia sido influenciada pelo Grupo de Oxford. “Frank sempre percebeu o que significaria para o

mundo se Himmler fosse mudado”, escreve Frau von Cramon; e Buchman disse na época: 'As pessoas dirão que sou pró-nazista se eu prosseguir com isso, mas não estou preocupado.'

Em agosto de 1935 ele foi novamente convidado a Nuremberg através de Frau von Cramon. Ele levou consigo o teólogo de Oxford, Dr. B. H. Streeter.

Este foi o primeiro Rally de Nuremberg em que participaram destacamentos do exército alemão, e Buchman e Streeter ficaram impressionados, assim como todos os visitantes, pela mobilização massiva que representou. “Frank Buchman”, disse Frau von Cramon, “falava-me constantemente sobre a sua crescente preocupação com o desenvolvimento militar. Ele disse diversas vezes que sentia que Himmler, à medida que seu poder crescia, havia perdido qualquer interesse na mensagem do Grupo.' Ele também sentiu uma atmosfera mais tensa em torno de seu próprio trabalho. Descobriu-se que uma rapariga holandesa que tinha participado em algumas reuniões do Grupo de Oxford se apaixonou por um oficial SS e fez alegações que apoiavam aqueles da Gestapo que consideravam o Grupo de Oxford uma rede de espionagem super sutil das democracias. Isso deixou Buchman apreensivo com sua equipe alemã, além de dificultar sua própria tarefa.

Em 1936, ano da ocupação da Renânia e dos Jogos Olímpicos de Berlim, críticas ao trabalho de Buchman começaram a aparecer em publicações nazistas. Em fevereiro, o jornal extremista Aryan, do General Ludendorff, classificou o Grupo de Oxford como uma das “sinistras forças internacionais que travam constantes guerras subterrâneas contra a Alemanha”.<sup>570</sup> Berlingske Aftenavis, de Copenhaga, acrescentou: “O seu último número (de Ludendorff) continha as mais terríveis maldições contra o movimento. Ele descobriu que o Grupo de Oxford, juntamente com os Judeus, os Maçons, o Papa e a Liga das Nações, constitui um poder sobrenatural que quer matar o espírito alemão.”<sup>571</sup> Também em Fevereiro, o artigo principal do documento confidencial publicado por o ideólogo do Partido Nazista, Alfred Rosenberg, foi uma acusação ao Movimento de Grupo na Alemanha,<sup>572</sup> e em 21 de Julho a Polícia Política da Baviera ordenou a todas as autoridades policiais que enviassem

---

<sup>570</sup> Daily Telegraph, 24 de fevereiro de 1936.

<sup>571</sup> Berlingske Aftenavis, 25 de fevereiro de 1936.

<sup>572</sup> Original no Bundesarchiv, Koblenz, datado de 26 de fevereiro de 1936.

relatórios sobre a força e a composição dos Grupos nos seus distritos no prazo de duas semanas.<sup>573</sup> Mais tarde, Rosenberg descreveu o movimento como “uma segunda Maçonaria mundial”.<sup>574</sup> O tempo estava obviamente a esgotar-se.

Em abril de 1936, a condessa Ursula Bentinck escreveu a Buchman quando ele retornou da América: "Quero que você saiba que eu e outros achamos que já é hora de você ir ver Hitler... Não posso escrever mais."<sup>575</sup> No verso do documento, carta Buchman escreveu: 'Há poder suficiente na Cruz para resolver os problemas do mundo, mas nós, cristãos, não o usamos. Uma experiência vital apoiada por uma ação nacional e internacional surpreenderia o mundo - não nos moldes antigos, mas num pensamento novo.'

Pessoas influentes na Grã-Bretanha e na América também o incentivavam - algumas de forma provocativa, outras a sério - para ver Hitler. Para alguns, a atitude era: 'Não nos incomode. Estamos bem. É Hitler que você precisa mudar!' Outros, ao verem as dificuldades, pensaram genuinamente que ele poderia conseguir alguma coisa.

Buchman foi aos Jogos Olímpicos em agosto. Quando chegou a Berlim, Moni von Cramon providenciou para que ele fosse convidado para um almoço com Himmler, no qual os anfitriões eram um diplomata alemão e sua esposa. O objetivo de Buchman era conseguir uma entrevista onde pudesse falar mais diretamente com Himmler e através dele chegar a Hitler. Ele conseguiu sua consulta alguns dias depois.

Por acaso, uma testemunha independente do objetivo e do resultado desta reunião apresentou-se vinte e seis anos depois. Um jornalista dinamarquês em Berlim, Jacob Kronika<sup>576</sup>, escreveu no jornal que então editava, o *Flensburg Avis*:

«Durante os anos de Hitler, Frank Buchman hospedou-se no Hotel Esplanade, em Berlim. Um dia almoçamos juntos. À tarde, ele teria uma conversa com o chefe da SS, Himmler, que havia convidado o Dr. Buchman para visitá-lo.

---

<sup>573</sup> Original em Document Centre, Berlim.

<sup>574</sup> Rosenberg: *Protestantische Rompilger* (Munique 1937), p. 69.

<sup>575</sup> Ursula Bentinck para Buchman, abril de 1936 (Martin MSS).

<sup>576</sup> Kronika foi correspondente em Berlim do *Nationaltidende*, Copenhague, e *Svenska Dagbladet*, Estocolmo, e foi presidente da Associação de Jornalistas Estrangeiros em Berlim durante a guerra. Ele também foi o porta-voz da minoria dinamarquesa em South Schleswig vis a vis o alemão Governo (ver seu livro *Berlins Untergang* (H. Hagerup.)

“A conversa, é claro, tornou-se um fiasco completo. Himmler não poderia, como pretendia, explorar a “obediência absoluta” do povo RAM<sup>577</sup> para com Deus em benefício dos escravos obedientes das SS e dos nazis.

'Frank Buchman ficou então muito preocupado com o desenvolvimento da Alemanha sob Hitler, pois estava profundamente ligado a esta terra e a este povo.

'Ele disse durante a refeição na Esplanada em Berlim: "A Alemanha está sob o domínio de uma terrível força demoníaca. Uma ação em contra é urgente. Devemos pedir a Deus orientação e força para iniciar uma ação em contra antidemoníaca sob o sinal da Cruz de Cristo nos países democráticos que fazem fronteira com a Alemanha, especialmente nos pequenos países vizinhos”.

'Mas o demonismo de Hitler teve que gastar sua raiva. Nem Frank Buchman nem qualquer outra pessoa poderia evitar isso.'<sup>578</sup>

A confirmação deste relato veio de vários colegas mais jovens que acompanharam Buchman à entrevista. Segundo eles, Himmler entrou com alguns de seus capangas, fez um relato propagandista do nazismo e foi embora, sem dar chance a Buchman ou seus amigos de falar. O comentário imediato de Buchman foi: 'Aqui estão forças diabólicas em ação. Não podemos fazer nada aqui. Na verdade, ele nunca conheceu Hitler, nem tentou fazê-lo depois disso.

Três meses depois da entrevista de Buchman com Himmler, em novembro de 1936, o Gabinete Central de Segurança da Gestapo produziu o primeiro documento oficial alertando a sua rede contra o Grupo de Oxford como “um novo e perigoso oponente do Nacional-Socialismo”. A parte operativa do documento ordenava ao serviço de inteligência que prestasse a maior atenção ao trabalho, tendência e influência do movimento e, em particular, que se infiltrasse em todas as reuniões e reuniões de equipa, para assistir às produções da Leopold Klotz Verlag de Gotha - uma empresa que publicou livros e panfletos do Grupo de Oxford - averiguando quem recebeu a literatura da empresa e descobrindo quais homens e mulheres na vida pública estavam interessados nas ideias do Grupo de Oxford.<sup>579</sup>

---

<sup>577</sup> Abreviatura de Rearmamento Moral, nome pelo qual a obra de Buchman passou a ser conhecida a partir de 1938.

<sup>578</sup> Flensburg Avis, 2 de janeiro de 1962.

<sup>579</sup> Leitheft Die Oxford- oder Gruppenbewegung, herausgegeben vom Sicherheitshauptamt, novembro de 1936. Geheim, Numeriertes Exemplar No.1.

Buchman partiu para a América em 19 de agosto. Chegando a Nova York, ele deu uma entrevista coletiva na Calvary House, da qual vários jornalistas enviaram histórias rotineiras. O repórter do jornal vespertino *New York World-Telegram* chegou atrasado e pediu uma entrevista especial. Com vários colegas presentes, Buchman respondeu às perguntas do repórter. Os presentes ficaram surpresos na tarde seguinte ao ler a manchete da primeira página e os primeiros parágrafos da história no jornal:<sup>580</sup>

'HITLER OU QUALQUER LÍDER FASCISTA CONTROLADO POR DEUS PODERIA CURAR TODOS OS MALES DO MUNDO, ACREDITA BUCHMAN.

«Para o Dr. Frank Nathan Daniel Buchman, vigoroso e franco líder de 58 anos do revivalista Grupo de Oxford, a ditadura fascista da Europa sugere possibilidades infinitas para refazer o mundo e colocá-lo sob o “Controlo de Deus”.

“Agradeço aos céus por um homem como Adolf Hitler, que construiu uma linha de frente de defesa contra o anticristo do comunismo”, disse ele hoje em seu escritório repleto de livros no anexo da Igreja do Calvário, Quarta Avenida e 21ª St.

“Meu barbeiro em Londres me disse que Hitler salvou a Europa do comunismo. Foi assim que ele se sentiu. Claro, não tolero tudo o que os nazistas fazem. Antissemitismo? Ruim, naturalmente. Suponho que Hitler vê um Karl Marx em cada judeu.

“Mas pense no que significaria para o mundo se Hitler se rendesse ao controle de Deus.”

O restante da entrevista, que se estendeu por mais vinte e dois parágrafos, continha um esboço do que Buchman considerava que seria um país controlado por Deus e sua afirmação de que Deus poderia tornar sua vontade conhecida por qualquer homem. 'O mundo não ouvirá a Deus, mas Deus tem um plano para cada pessoa, cada nação. A engenhosidade humana não é suficiente. É por isso que os “ismos se opõem uns aos outros e o sangue flui”.

Finalmente, falando diretamente ao repórter - pois o seu objetivo numa entrevista à imprensa era sempre oferecer ao repórter a sua mais profunda experiência de mudança, bem como responder às suas perguntas - ele passou grande parte do tempo a contar a sua própria experiência da Cruz. de Cristo, um poder forte o suficiente para remover o ódio de sua própria vida e, assim, ele acreditava, para mudar qualquer pessoa e controlar até mesmo um ditador.

---

<sup>580</sup> New York World-Telegram, 25 de agosto de 1936.

A lenda desta entrevista que sobreviveu - e foi citada repetidas vezes - é que Buchman disse: "Graças a Deus por Hitler". Essa frase não era de Buchman nem constava da reportagem e nem, segundo os presentes, representava o teor da entrevista. Por exemplo, Garrett Stearly afirma: "Estive presente na entrevista. Fiquei surpreso quando a história saiu. Estava tão fora de sintonia com a entrevista. Isto começou com um relato do trabalho do Grupo Oxford na Europa. Perguntaram a Buchman o que dizer da Alemanha. Ele disse que a Alemanha precisava de um novo espírito cristão, mas era preciso encarar o facto de que Hitler tinha sido um baluarte contra o comunismo naquele país - e pelo menos podíamos agradecer aos céus por isso. Foi uma linha descartável. Nenhum elogio a Hitler.

Cheguei a Nova Iorque vindo da Europa no dia seguinte, quando o jornal estava nas ruas, e almocei com o repórter William Birnie no dia seguinte. Embora alegre, como era natural em qualquer jovem jornalista recentemente importado de uma pequena cidade do interior e que encontrasse sua história na liderança do jornal, Birnie pareceu bastante surpreso com o tratamento editorial recebido. Trinta anos depois, quando Birnie era editor sênior do *Reader's Digest*, ele disse a um visitante que estava sempre "orgulhoso de seu entrevistado" por não regatear a entrevista impressa, o que ele esperava que ele fizesse. "A minha memória da nossa conversa é que ele não endossava nem condenava Hitler", disse ele.<sup>581</sup>

As declarações de Buchman provavelmente foram condensadas ou destacadas no processo editorial. É, no entanto, claro que Buchman disse algo no sentido de que poderíamos estar gratos por Hitler ter feito recuar o comunismo na Alemanha. Stroh recorda: "No verão de 1934, numa festa numa casa em Oxford, Buchman reuniu todos os alemães presentes e disse-nos que o maior perigo para o mundo era que o materialismo estivesse a minar a sociedade. O Nacional Socialismo construiu um muro temporário contra o Comunismo, mas isso não foi suficiente. O verdadeiro problema era que as pessoas não eram guiadas por Deus. As pessoas na Alemanha precisavam de mudar se quisessem inspirar o mundo.'

Buchman recusou, tanto na altura como posteriormente, ser levado a mais comentários públicos, o que ele acreditava apenas levaria a mais controvérsia nos jornais e colocaria em perigo os seus amigos que já enfrentavam dificuldades na Alemanha. Nem nunca cedeu às frequentes exigências de que denunciasse Hitler. Na verdade, ele nunca denunciou ninguém em público, mesmo os seus difamadores pessoais mais virulentos.

---

<sup>581</sup> Caçador, pág. 29-33.

Para alguns amigos, ele fez um comentário em 1937: 'Fui muito criticado porque disse: "Um ditador controlado por Deus poderia mudar a posição de um país da noite para o dia." Isso não significa de forma alguma que, quando fiz essa declaração, me identifique e aprove esse ditador. Não posso negar a possibilidade de mudança em qualquer homem.'

Além disso, em 7 de março de 1940, o secretário de Buchman anotou em seu diário que Buchman disse a um grupo de amigos: "Hitler me enganou. Pensei que seria um baluarte contra o comunismo."<sup>582</sup>

Esta admissão está muito longe de justificar as acusações de pró-nazismo tão frequentemente levantadas contra ele. No mesmo mês da entrevista de Buchman à imprensa, Lloyd George descreveu Hitler como "o George Washington da Alemanha",<sup>583</sup> e mais de dois anos depois Winston Churchill escreveu: "Sempre disse que se a Grã-Bretanha fosse derrotada na guerra, espero que encontraríamos um Hitler para nos levar de volta ao nosso lugar de direito entre as nações."<sup>584</sup>

Nenhum democrata das décadas de 1920 e 1930, se é que pensava, queria ver toda a Europa, dos Urais ao Reno, unida sob a ideologia totalitária única do comunismo, que era, até ao momento em que Hitler assumiu, uma cenário provável. Buchman, tal como muitos outros, temia que isso acontecesse e, nos primeiros anos de Hitler, via o comunismo, declaradamente baseado no ateísmo e na supressão da religião, como a força mais perigosa. Também nos anos posteriores, ele considerou o comunismo, com o seu poder de conquistar a lealdade das pessoas em todos os países, como a ameaça mais universal e de longo prazo. Ele esperava que Hitler fosse um baluarte temporário; mas ele sabia que a necessidade fundamental de Hitler era ser transformado por uma experiência de Jesus Cristo, e ele tentou realizar isso com fé inabalável, otimismo e ingenuidade - chame como quiser.

Na sequência do documento distribuído pela sede de Himmler em novembro de 1936, a rede em torno do Grupo de Oxford na Alemanha foi sistematicamente reforçada. Em julho de 1937, a Gestapo no Sudoeste da Alemanha oficializou as medidas de vigilância do Grupo de Oxford, dos seus contatos, telefones e viagens.<sup>585</sup> Ao mesmo tempo, Himmler informou ao Conde John Bentinck que tinha provas definitivas de que o Grupo de Oxford era composto

---

<sup>582</sup> Diários de Martin, 7 de março de 1940.

<sup>583</sup> Daily Express, 17 de setembro de 1936.

<sup>584</sup> Os tempos, 7 de novembro de 1938.

<sup>585</sup> Sicherheitsdienst RPSS, Oberabschnitt Süd-West, Stuttgart, 18 de julho de 1937.

por um espião. organização. Ele exigiu que os alemães do movimento cortassem todos os laços com Buchman, mas deu permissão a Bentinck para viajar a Utrecht, onde Buchman realizava uma manifestação holandesa, para informá-lo pessoalmente. Bentinck ficou apenas dois dias, para mostrar a Himmler que havia obedecido.

Stroh, que viajou para Utrecht com Buchman, encontrou-o profundamente preocupado com seus amigos na Alemanha. Buchman disse a Stroh que sentia que os alemães deveriam agora encontrar o seu próprio caminho sem ajuda. 'Ele nos deixou completamente livres, recusando-se a nos aconselhar sobre o que fazer. Ele me deu alguns papéis para os bispos Wurm e Meiser e alguns sanduíches para a viagem. Não o vimos novamente até 1946.'

Buchman teve muito pouco contato com Moni von Cramon durante este período. Mas no início de 1938 ele perguntou se ela poderia ir para Esbjerg, na Dinamarca. A filha a acompanhou e descreve a ocasião: "Conhecemos Frank no navio que ia para a Inglaterra. Ele nos disse: "A guerra está chegando e não nos veremos por muito tempo. Vocês passarão por momentos difíceis, mas nunca se esqueçam, não estamos sozinhos." Ajoelhamo-nos e rezamos, depois voltamos ao cais e o navio partiu, e Frank ficou no convés e fez o sinal da cruz por nós e pela Europa, e foi a última vez que o vimos. O filho de Frau von Cramon nunca regressou de Stalingrado, e o seu genro, Carl Ernst Rahtgens, sobrinho do Marechal de Campo von Kluge, foi executado por ordem de Hitler após a "Conspiração dos Generais".

Durante a guerra, o movimento na Alemanha dividiu-se em três partes – algumas, como Bentinck, submeteram-se às exigências de Himmler; a maioria, com um nome diferente, Arbeitsgemeinschaft für Seelsorge<sup>586</sup> realizou o trabalho de mudar as pessoas, sem se envolver na política e sempre sujeita a vigilância; um terceiro grupo não pôde aceitar nenhuma das alternativas. Alguns deles juntaram-se à oposição ativa.

Buchman continuou a visitar a Alemanha em particular durante 1937 e na primavera de 1938, concentrando-se em lugares como Freudenstadt e Garmisch-Partenkirchen. Durante este período fez uso particular da edição alemã da revista pictórica mundial, *Rising Tide* (*Steigende Flut*), que tinha sido proibida pelo Ministério da Propaganda<sup>587</sup> mas que era contrabandeada, principalmente de carro. Escreveu a amigos que um líder do Partido tinha tirado cinquenta exemplares, um carteiro estava a distribuí-lo e outro amigo tinha

---

<sup>586</sup> Equipe de Trabalho para o Cuidado das Almas.

<sup>587</sup> Despacho de 26 de fevereiro de 1938.

encomendado sessenta e seis. Bentinck escreveu protestando que sua “ação com Steigende Flut causou grande dano”,<sup>588</sup> mas Buchman não pareceu impressionado. 'Graças ao Senhor por R.T.', ele respondeu. 'Que coisa boa isso lançou. Você encontra sua influência em todos os lugares.'<sup>589</sup>

Em 1939, a Gestapo compilou o relatório de 126 páginas, *Die Oxfordgruppenbewegung*, no qual afirmava que o Grupo de Oxford era “o marca-passo da diplomacia anglo-americana”. “O Grupo como um todo”, afirmava o documento, “constitui um ataque ao nacionalismo do Estado e exige a máxima vigilância por parte do Estado. Prega a revolução contra o Estado nacional e tornou-se evidentemente o seu oponente cristão.” Reproduziu precisamente aqueles argumentos contra as concepções cristãs de pecado e perdão que Himmler usou em suas conversas com Frau von Cramon. Este relatório foi distribuído pelo quartel-general da Gestapo em 1942 para uso oficial.<sup>590</sup> Neste ano também o Exército Alemão proibiu todos os oficiais de terem qualquer relação com o Grupo de Oxford, sob qualquer nome. Aqueles que persistiram ficaram restritos às unidades da linha da frente. Muitos civis que trabalharam com o Grupo de Oxford foram colocados em campos de concentração.

Num inquérito sobre o trabalho do Grupo de Oxford na Alemanha, o Chefe da Segurança no Norte de Württemberg, Reinhold Bässler, disse a alguns dos seus membros: 'Não temos medo das igrejas. Tiramos deles os jovens e os deixamos morrer. Mas você está mudando nossos melhores jovens. Você não comete abusos, mas está conquistando os idealistas. Isso faz de vocês os inimigos mais perigosos do Estado.'<sup>591</sup>

Um capítulo do documento de 1942 sobre o trabalho do Grupo de Oxford na Alemanha diz que este trabalhava ali desde 1933, mas com a maior cautela: «Por razões táticas, grandes reuniões do tipo que tiveram lugar noutros países foram realizadas evitado. O trabalho foi realizado em sigilo consciente e o debate público foi evitado tanto quanto possível. Até os serviços postais têm sido evitados no envio de mensagens ou convites. Letras cifradas foram usadas.»<sup>592</sup>

---

<sup>588</sup> Conde John Bentinck para Buchman, 12 de maio de 1938.

<sup>589</sup> Buchman para o Conde John Bentinck, 14 de maio de 1938.

<sup>590</sup> *Die Oxford-Gruppenbewegung*, gedruckt im Reichssicherheitshauptamt, 1942, pp. 124-5.

<sup>591</sup> *Heeresverordnungsblatt*, 21 de outubro de 1942

<sup>592</sup> *Die Oxford-Gruppenbewegung*, pp. 90-91

O documento acrescenta: 'O Grupo de Oxford prega a igualdade de todos os homens... Nenhum outro movimento cristão sublinhou tão fortemente o carácter do Cristianismo como sendo supranacional e independente de todas as barreiras raciais... Tenta fanaticamente transformar todos os homens em irmãos.'<sup>593</sup>

Se Hitler tivesse tido sucesso na sua invasão da Grã-Bretanha, as suas instruções eram que a sede do Grupo de Oxford em Londres fosse assumida “como sendo usada pelo Serviço de Inteligência Britânico”. Ordens secretas nesse sentido foram descobertas em Berlim e divulgadas pela Press Association e pela BBC em 19 de setembro de 1945. O “Rearmamento Moral”, afirmavam as ordens, “foi usado por políticos ingleses para propaganda antialemã. Através disto, o Movimento do Grupo de Oxford mostrou-se mais claramente do que nunca como uma potência política e um instrumento da diplomacia inglesa.”<sup>594</sup>

Quando os nazis holandeses vieram suprimir o Grupo de Oxford na Holanda, mostraram claramente que tinham compreendido e que se opunham totalmente à mensagem e estratégia de Buchman para a Europa: «Depois de 1933, quando se tornou cada vez mais evidente que a revolução nacional-socialista de Adolf Hitler estava obrigado a abrir caminho para além das suas fronteiras e capturar todos os povos germânicos, foi infundido nesses povos germânicos um movimento que visava frustrar antecipadamente a revolução alemã, ao mesmo tempo que criava um espírito anti-alemão e universal de amor pela humanidade. Este foi o Grupo de Oxford, fundado e liderado pelo judeu inglês Frank N. D. Buchman. Todos nos lembramos da repugnante manifestação não-germânica de Oxford realizada no nosso país há alguns anos.<sup>595</sup> É um facto eloquente que todos os líderes mundiais que eram antinacional-Socialistas e contra todos os alemães aderiram e apoiaram o Grupo de Oxford.'

<sup>596</sup> O exagero é considerável, mas a hostilidade é indubitável.

---

<sup>593</sup> *ibid.*, p.59.

<sup>594</sup> telegrama da Press Association, 19 de setembro de 1945; ver também Manchester Guardian, 18 de setembro de 1945; Daily Telegraph, 20 de novembro de 1945.

<sup>595</sup> Seis páginas 257-8.

<sup>596</sup> telegrama da Press Association, 19 de setembro de 1945; ver também Manchester Guardian, 18 de setembro de 1945; Daily Telegraph, 20 de novembro de 1945.

## DESPERTANDO DEMOCRACIAS

Embora cada vez mais consciente dos perigos que se desenvolviam na e a partir da Alemanha durante meados e finais da década de 1930, Buchman acreditava, tal como Solzhenitsyn cinquenta anos mais tarde,<sup>597</sup> que a causa básica do desastre que se aproximava era que “nós nos esquecemos de Deus”. Alguns países estavam construindo todo o seu sistema sobre a negação de Deus e sobre o relativismo moral total, e milhões de pessoas nos chamados países cristãos tinham adoptado a mesma base para as suas vidas privadas. Os seus líderes tornaram-se muitas vezes ateus práticos nos assuntos públicos, qualquer que fosse a sua profissão privada. Sobre a Liga das Nações, Buchman observou: “Ela está falhando porque não é arqueada por Deus”; e de certos líderes da Igreja ele disse com tristeza: 'Onde está a estratégia do Espírito Santo?'

A maior parte do tempo de Buchman foi passada nos países democráticos ao redor da Alemanha, na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, o que envolveu muitas travessias do Canal da Mancha e do Atlântico. Ele estava se esforçando, sem pressa, mas com urgência, para

---

<sup>597</sup> Discurso do Prêmio Templeton, Londres, 10 de maio de 1983.

convencer tanto o povo como os seus líderes de que a obediência à vontade de Deus era a única base adequada para o ordenamento da sociedade. Ele acreditava - de forma demasiado optimista, como se viu - que o perigo estimularia um número suficiente de democratas a mudar e que os totalitários poderiam notar isso e alterar os seus hábitos.

Em setembro de 1935, Buchman foi convidado para visitar seu país por suíços que haviam trabalhado com ele na Escandinávia. O simpático presidente da Suíça, Rudolf Minger, deu as boas-vindas a ele e aos seus 250 companheiros. Ele se perguntou, disse Minger, se haveria alguma saída para o “dilema do mundo”. “A resposta”, continuou ele, “é um corajoso “Sim”. O que é necessário é a mudança de vidas através de um novo poder espiritual tão forte que reconcilie forças conflitantes e produza fraternidade e solidariedade. É na consecução deste objetivo que o Grupo de Oxford vê a sua tarefa.<sup>598</sup>

Realizou-se a habitual grande variedade de reuniões, grandes e pequenas. Em Genebra, variavam desde reuniões de médicos, desempregados, professores universitários e hoteleiros, até à noite em que a catedral de Calvino e um dos maiores salões da cidade transbordavam. A resposta foi praticamente a mesma, cidade após cidade.

«É difícil medir todos os resultados destes grandes encontros e dos inúmeros contatos pessoais», escreve o professor Theophil Spoerri, professor de literatura francesa e italiana na Universidade de Zurique. «Não há dúvida de que para muitos foi o ponto de viragem nas suas vidas. Poderia ser descrito como uma mudança climática. Era quase como se algo novo estivesse penetrando pelas frestas das venezianas. Um homem de negócios, sozinho no seu escritório, sentiria uma ligeira sensação de desconforto se estivesse a planear enganar os seus concidadãos. A consciência pública tornou-se mais sensível. O Diretor das Finanças de um cantão informou que após o dia nacional de ação de graças e arrependimento, foram registados 6.000 pagamentos de impostos, algo que nunca tinha ocorrido antes na história financeira da República.<sup>599</sup>

O aspecto destacado para comentário pela imprensa suíça foi o efeito da campanha na situação política. Foi um período de tensão entre partidos e grupos raciais da população, com rumores de secessão. O presidente Minger, juntamente com outros membros do Conselho Federal Suíço, recebeu duas vezes colegas de Buchman. O Der Bund intitulou o

---

<sup>598</sup> Journal de Genève, 27 de setembro de 1935.

<sup>599</sup> Spoerri: La Dynamique du silêncio (Edições de Caux, 1975), p. 117.

relatório de uma reunião como “a hora da franqueza no Parlamento”,<sup>600</sup> enquanto *La Suisse*, meio humorístico, meio sério, comparou a vinda do Grupo à histórica aparição de São Nicolau von Flüe na Dieta de Stans, que evitou guerra na Suíça no século XV.<sup>601</sup>

Quinze meses depois, na sua crítica de 1937, o *Neue Zürcher Zeitung* escreveu: “Houve duas ideias especialmente na mente das pessoas. A primeira é... a estrita constitucionalidade. A outra talvez possamos chamar de desejo de chegar a um entendimento comum. As pessoas tentaram alcançar outras pessoas e explorar. O "oxfordismo" foi introduzido na política. E houve resultados. As coisas estão acontecendo. A tendência para a divisão e fragmentação de 1933 e 1934 deu lugar a uma tendência oposta.”<sup>602</sup>

Para satisfazer o interesse despertado entre os delegados da Liga das Nações, o seu presidente, o primeiro-ministro Eduard Benes da Checoslováquia, convidou Buchman e os seus colegas para discursar num almoço em 23 de setembro de 1935. 'Dois primeiros-ministros, trinta e dois ministros plenipotenciários e muitos outros representantes da sabedoria política do mundo', relatou um observador no *The Spectator*, 'sentou-se com um grupo de voluntários que reivindicam a sabedoria que Deus fornece àqueles que a ouvem.’<sup>603</sup> De acordo com *Berlingske Aftenavis*, este almoço 'encheu Ludendorff com raiva', especialmente porque foi dada pelo Primeiro-Ministro da Checoslováquia.<sup>604</sup>

A Liga estava enfrentando uma grande crise. A América e a União Soviética nunca participaram e a Alemanha simplesmente abandonou. A Itália, que invadiu a Abissínia treze dias depois, preparava-se para seguir o exemplo. A Grã-Bretanha e a França mostravam pouca intenção de dar força à Liga. Muitos políticos procuravam esperança noutro lado.

Eles ouviram com espanto o relato de Hambro sobre o impacto do Grupo de Oxford na Noruega. Depois acrescentou: “Para a maioria dos políticos, chega um dia em que são obrigados a comparar o resultado do seu trabalho com a visão da sua juventude, a comparar as coisas que ansiavam fazer com as coisas que pensavam que tinham de fazer. Eles compreender-me-ão quando digo que nenhum homem que tenha estado em contacto com o

---

<sup>600</sup> *Der Bund*, 20 de setembro de 1935.

<sup>601</sup> *La Suisse*, 20 de setembro de 1935.

<sup>602</sup> *Neue Zürcher Zeitung*, 31 de dezembro de 1937.

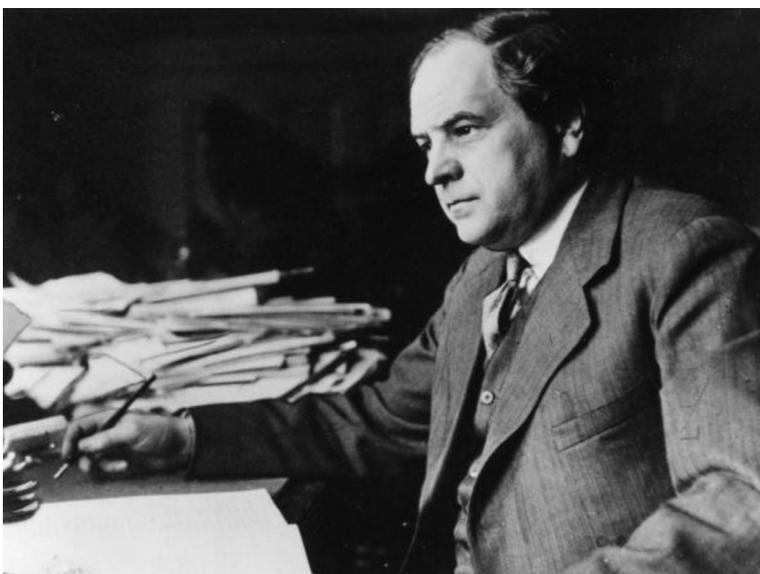
<sup>603</sup> Ebenezer Cunningham, *The Spectator*, 18 de outubro de 1935.

<sup>604</sup> *Berlingske Aftenavis*, 25 de abril de 1936.

Grupo regressará ao seu trabalho internacional com o mesmo espírito de antes. Tornou-se impossível para ele ser governado pelo ódio ou pelo preconceito.<sup>605</sup>

No almoço, Hambro disse a Buchman que iria à América para discursar às comunidades escandinavas de lá. Buchman viu outras possibilidades. “Alguns sentem”, escreveu ele a Hambro com suas habituais altas expectativas, “que você tem em suas mãos a possibilidade de moldar o destino espiritual da América e que prestará um serviço que aumentará todos os seus importantes planos anteriores. Você sabe que Roosevelt enviou um questionário a todo o clero da América, e temo que as respostas não tenham sido satisfatórias. O Time<sup>606</sup> traz em sua última edição uma foto de Minger, o presidente da Suíça. Abaixo dela, falando da visita do Grupo de Oxford, está a frase: "Ele elogiou a convicção de quem ligou." Vocês se lembram da afirmação dele de que “vocês estão mostrando ao mundo o caminho para sair da crise atual”. Agora é isso que Roosevelt quer saber. A América não lhe deu a resposta. Poderá Carl Hambro, com a experiência do ano passado, dar-lhe a resposta?”<sup>607</sup>

Hambro aceitou a sugestão de Buchman. Ele falou em muitas cidades, terminando com um discurso poderoso no Metropolitan Opera House de Nova York. Em todo o lado ele deixou clara a sua forte oposição à Alemanha nazi e a sua irritação pela falta de



Carl Hambro, presidente do Parlamento norueguês, convidou Buchman para ir à Noruega. © Arquivo Buchman/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

urgência nas democracias face à sua ameaça; em todos os lugares, também, ele trouxe a notícia do que tinha visto acontecer através do Grupo de Oxford. «A política», disse ele,

---

<sup>605</sup> The Oxford Group in Geneva, (1935), texto dos discursos proferidos no almoço proferido pelo Dr. Eduard Benes. Também Journal de Genève, 27 de setembro de 1935.

<sup>606</sup> Time, 23 de setembro de 1935.

<sup>607</sup> Buchman para Carl Hambro, 2 de outubro de 1935.

«deve ser um esforço para tornar possível amanhã o que é impossível hoje... O Grupo de Oxford está trabalhando para alargar ainda mais os limites do possível, fixando o olhar em horizontes mais vastos, estabelecendo metas claras a paz das exigências absolutas de Cristo contra a inquietação do relativo, removendo as barreiras entre homem e homem, entre nação e nação.»<sup>608</sup> Hambro não viu o Presidente, mas consultou longamente o Secretário de Estado, Cordell Hull e outros políticos. Suas declarações e entrevistas deram uma nova perspectiva sobre o Grupo de Oxford e prepararam o caminho para os próximos passos de Buchman em seu próprio país.

A convicção de Buchman de que a guerra na Europa era iminente manifestou-se na sua insistência, em dezembro de 1935, para que uma “cláusula de guerra” fosse incluída no contrato com as faculdades de Oxford para a festa em casa do Verão seguinte. Em maio de 1936, ele convocou uma Assembleia em Stockbridge, Massachusetts, intitulada “América Desperta”, à qual compareceram cinco mil pessoas. Foi notícia em todo o país. O correspondente especial do *New York Times* escreveu uma coluna por dia durante quase duas semanas,<sup>609</sup> as empresas cinematográficas estimaram que os seus noticiários atingiam 40 milhões de pessoas e a CBS transmitiu o discurso de um delegado de costa a costa.

Imediatamente depois disso, em 19 de maio, Buchman foi convocado a Reading, Pensilvânia, para uma ocasião pessoalmente dolorosa. Foi aí denunciado perante o Sínodo regional da Igreja Luterana por não



<sup>608</sup> Texto de um discurso proferido em 15 de novembro de 1935; O Lutero de 1935, etc. O Jewish Advocate do Movimento de Oxford (sic) é uma visão do idealismo da mente e do espírito cujo objetivo é... traduzir os Dez Mandamentos para a realidade da vida cotidiana.'

Buchman discursando na manifestação em massa da British Industries Fair, 1938. ©Ronald Proctor FIBP, FRPS/MRA Productions.

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>609</sup> New York Times, 30 de maio a 8 de junho de 1936.

ter assistido a um número suficiente de reuniões periódicas do seu Ministério local. Tendo estado muitas vezes no estrangeiro por altura das reuniões anuais, às quais era obrigado por lei a participar, sempre foi metucioso ao escrever um pedido de desculpas pela sua ausência e um relato das suas atividades, sem cometer erros pelo eufemismo. Isto pode ter agravado, em vez de apaziguado, o seu principal acusador, o Dr. Ernst P. Pfatteicher, Presidente do Ministério da Pensilvânia e Estados Adjacentes. Ele já havia atacado Buchman em uma palestra intitulada “O Homem de Oxford” por, entre outras coisas, viajar pelo mundo em vez de servir em uma paróquia da Pensilvânia.<sup>610</sup>

Pfatteicher teve a oposição do Dr. Paul Strodach, editor da United Lutheran Publication House. O assunto foi encaminhado para novo estudo - e esquecido. Buchman não falou pessoalmente e, como teve de sair imediatamente após a sua acusação, durante alguns dias não soube que vários ministros tinham falado por ele. “Seu silêncio foi sua melhor defesa, se alguma fosse necessária”, escreveu o Rev. Edward Horn; “o procedimento infeliz e vergonhoso foi controlado”, acrescentou C. P. Harry, do Conselho de Educação da Igreja Luterana.<sup>611</sup> Buchman ficou ainda mais magoado com esta ocasião porque foi “apresentado perante toda a conferência” ao lado de um ministro acusado de cometer adultério, uma acusação muito séria em tal reunião. Para ele, disse ele, parecia “uma crucificação”. No dia seguinte, porém, levou seus visitantes europeus para se dirigirem a senadores e congressistas no Capitólio e também para se encontrarem com Cordell Hull.

Naquele ano, Buchman dirigiu-se aos delegados da Convenção Nacional Republicana em Cleveland. O editor de um jornal de Ohio escreveu: “Quer os democratas quer os republicanos ganhem as eleições, Buchman veio a Cleveland para dizer, o resultado será igualmente mau, a menos que o seu candidato ordene. O candidato de Buchman para governante da América é Deus... Ele não planeja que Deus governe de acordo com as instruções de baixo. Ele desejava que os homens governassem sob instruções de Deus tão definitivamente dadas e compreendidas como se viessem por um fio.”<sup>612</sup>

Da Filadélfia, onde os Democratas estavam reunidos, ele transmitiu para todo o país, falando do vasto esforço que seria necessário para as democracias acompanharem a marcha

---

<sup>610</sup> Reimpresso em particular pelo Dr. Pfatteicher em forma de panfleto, Natal de 1934.

<sup>611</sup> Rev. Edward Horn para Buchman, 19 de maio de 1936.

<sup>612</sup> Dayton Daily News, 13 de junho de 1936.

dos ditadores: 'Poucas pessoas hoje parecem ter quaisquer planos definidos ou qualquer ideia de qual será o custo ser para a recuperação moral e espiritual. Eles não parecem ter pensado na ação disciplinada e unida sob o controle de Deus necessária para realizá-la... Este é o verdadeiro patriotismo, pois o verdadeiro patriota dá a sua vida pela ressurreição do seu país.'<sup>613</sup>

Buchman regressou à Grã-Bretanha no final de junho de 1936. Foi a Grã-Bretanha à qual Baldwin inicialmente não se importou, nem mais tarde se atreveu, a dizer a verdade sobre a Alemanha de Hitler, uma Grã-Bretanha que perdeu a oportunidade de se rearmar porque era mais confortável recusar até mesmo imaginar uma ameaça para si mesmo.

Buchman estava se esforçando para despertar a Grã-Bretanha para o que ele considerava fundamentalmente uma necessidade moral e espiritual. Oxford havia se mostrado, no ano anterior, pequena demais para acomodar a festa anual em casa. Assim, em 1936, foram organizadas festas simultâneas em casa durante o mês de julho em Oxford, Cambridge, Exeter e Harrogate, bem como acampamentos para jovens mulheres em Hinksey Hill, nos arredores de Oxford, e para jovens homens, perto de Birmingham.

Buchman com o contra-almirante Richard E. Byrd e Ray Purdy

A resposta em Harrogate foi bastante típica. De acordo com o Leeds Mercury, a primeira reunião no Royal Hall ficou lotada com 2.000 pessoas três quartos de hora antes do início previsto e, quando a lotação foi direcionada para o Winter Gardens, seus 1.000 lugares lotaram dentro dez minutos e outras 500 pessoas tiveram que ser enviadas para a Hydro para uma segunda reunião de superlotação.<sup>614</sup> O Dr. Maxwell Telling, um ilustre psiquiatra, comentou sobre os palestrantes: 'Esta é a primeira vez que vejo pessoas sem absolutamente nenhum medo.'

---

<sup>613</sup> 19 de junho de 1936, Buchman, p. 30.

<sup>614</sup> Leeds Mercury, 23 de julho de 1936.

Em 7 de julho, oradores de várias festas se reuniram para discursar em uma reunião lotada no Albert Hall, e no final do mês uma manifestação de três dias ocorreu no edifício da Feira das Indústrias Britânicas em Castle Bromwich, Birmingham, e então disse: ser o maior salão coberto da Europa. Para esta reunião, 21 trens especiais trouxeram um público



Parte da multidão de toda a Grã-Bretanha e do exterior, 1939.

©Ronald Proctor FIBP, FRPS/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

totalizando 25.000 pessoas de todas as partes da Grã-Bretanha.

Em 9 de agosto, Buchman fez uma transmissão de costa a costa para a América a partir de Londres, antes de fazer visitas de uma semana à Alemanha e de um mês à América. Para a América, levou trinta consigo, e foi ao chegar a Nova Iorque que concedeu a entrevista ao *New York World-Telegram*. Lá ele fez uma festa para passar um fim de semana com Henry Ford, onde pela primeira vez conheceu o contra-almirante Richard E. Byrd, recém-retornado de um inverno sozinho na Antártica.

Ford admirou a maneira vigorosa como Buchman trabalhou: 'Deixe aquele tal Buchman na floresta e ele começará a trocar as árvores', disse ele. Às vezes, ele recebia Buchman e seus amigos no Dearborn Inn, perto de sua casa; mas ele não deu dinheiro para o trabalho de Buchman. Isso era típico de sua crença de toda a vida de que, se algo valesse a pena, deveria seguir seu próprio caminho. "Cada banheira deve ficar apoiada no seu próprio

fundo”, dizia ele - e, na verdade, os Ford só deram dois presentes em dinheiro a Buchman ou ao seu trabalho em vinte anos, um de mil dólares do Sr. Ford e outro de 2 mil dólares da Sra. No entanto, ele recorreu a Buchman para tratar de questões pessoais. Ele o consultou sobre seu testamento (do qual nem Buchman nem seu trabalho se beneficiaram); e quando ele estava sendo operado, pediu-lhe que cuidasse da Sra. Ford enquanto ela acontecia.

Em 29 de setembro, Buchman partiu para a Grã-Bretanha para participar de uma festa de fim de semana oferecida por Lord Salisbury, filho do primeiro-ministro vitoriano e ele próprio ex-ministro de gabinete e líder da Câmara dos Lordes, em Hatfield House. Salisbury entrou em contato com o Grupo de Oxford pela primeira vez por meio de um conhecido chamado Andrew Charles, que lhe escreveu várias vezes sugerindo que ele deveria se familiarizar com ele. Ele finalmente compareceu à festa em casa em Oxford em 1935 e a outra em janeiro de 1936 em Bournemouth. Em março de 1936, ele apresentou a essência da mensagem de Buchman num debate econômico na Câmara dos Lordes. “A causa do estado mundial”, disse ele naquela ocasião, “não é econômica; a causa é moral. É a falta de religião que devemos possuir. Se me permitem usar uma frase que é comum num grande movimento que está a ter lugar neste país e noutros lugares, o que vocês querem são personalidades guiadas por Deus, que formam nacionalidades guiadas por Deus, para criar um novo mundo. Todas as outras ideias de ajustamento econômico são demasiado pequenas para realmente atingirem o centro do mal.”<sup>615</sup>

Quando questionado por alguns amigos porque estava interessado no Grupo de Oxford, ele respondeu: 'Vi o espírito movendo-se nas águas e não ousei ficar de lado.'<sup>616</sup> À sua sobrinha, Lady Hardinge de Penshurst, ele disse: 'Essas pessoas têm grande conhecimento e força espiritual. Vá até elas e ajude-as.'<sup>617</sup> Agora ele havia convidado vários de seus amigos para se encontrarem com Buchman e uma dúzia de seus colegas em Hatfield House. Eles conversaram na biblioteca e caminharam juntos sob as árvores centenárias. Lord Lytton, feliz por reencontrar Buchman depois de suas conversas na Índia dez anos antes, contou-lhe sobre a morte de seu filho Anthony em um acidente de avião e deu-lhe uma cópia de seu livro sobre ele, com a inscrição "Em memória de nossa conversa

---

<sup>615</sup> Hansard, 20 de março de 1936.

<sup>616</sup> Lady Hardinge em conversações com o autor e outros.

<sup>617</sup> Lady Hardinge em conversações com o autor e numa carta ao The Times, 30 de junho de 1975.

em Hatfield". O próprio Buchman considerou suas conversas com Lytton o ponto alto do fim de semana.

O resumo de sete páginas do fim de semana feito por Salisbury começava com uma lista dos presentes. A conclusão geral parecia ser a de que uma grande força havia sido revelada e que certamente precisava ser considerada. Não creio que houvesse nada nas Notas feitas após a Festa na Câmara de Bournemouth<sup>618</sup> que parecesse necessitar de correção, mas os seguintes pontos devem ser observados como especialmente emergentes da Conferência. Houve testemunho abundante por parte dos oradores do Grupo sobre os resultados nas suas próprias vidas que foram afetados pelo ensinamento do Grupo - a paz, a felicidade e o vigor que se seguiram. Da mesma forma, ao descreverem a sua experiência com outras pessoas que foram colocadas sob a influência do Grupo, mostraram como a fricção na vida doméstica, a agitação entre empregador e empregado e o antagonismo violento na política foram atenuados ou eliminados. Por último, a impressão deixada no público da Conferência foi a de que um grande número de pessoas, em país após país, está à espera, quase ofegantes, de

---

<sup>618</sup> Lord Salisbury em festa em casa em Oxford. Os membros do Grupo de Oxford consistiam em: Lady Gowers, Rev. Cuthbert Bardsley, Dr. Frank Buchman, Sir Philip Dundas, Sr. Loudon Hamilton, Sr. Kenaston Twitchell, Rev. Jack Winslow, M. Faure da França, Sr. J. Roots, Sr. Wilson e dois outros que vieram passar o dia 11. Eles foram recebidos em conferência por Caroline, Lady Bridgeman, Lady Gwendolen Cecil, Sra. Alfred Lyttelton, Sr. RH Bernays MP, Sir John Cadman, Capitão VA Cazalet MP, Lord Cecil, Sir John Davidson MP, Sir Francis Fremantle MP, Lord Goschen, Lord Grey, Lord Halifax, Lord Lytton, Lord Eustace Percy MP, Mr Francis Rodd, Lord Sankey, Lord Wolmer MP, além de Lord e Lady Salisbury.' Um resumo completo e agradecido dos princípios do Grupo Oxford que ele escreveu após sua presença lá, dos quais tenho uma cópia.

uma liderança nas coisas espirituais como a única esperança para permitir à sociedade enfrentar a degeneração moral e social da humanidade.'

O 'ensino em grupo' foi discutido, incluindo dificuldades e críticas relativas à orientação, ao compartilhamento, ao significado da mudança e à relação com a religião



Lord Salisbury cumprimenta amigos na festa do Grupo de Oxford em Oxford, 1935. ©Scoville Wishard/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

institucional. «Mas estas críticas», concluiu Salisbury, «não parecem tocar a essência do Movimento – um apelo a homens e mulheres, incluindo a maioria dos cristãos professos, para uma mudança vital, e mesmo revolucionária, nas suas vidas, nomeadamente, a aceitação no pensamento, palavra e ação da orientação imediata de Deus revelada em Cristo e o reconhecimento de um dever de compartilhar experiência religiosa para ajudar outros a terem a mesma aceitação.»<sup>619</sup> Numa nota de apresentação ao Arcebispo de Canterbury ele conclui: 'Certamente tenho não exagerei no caso de muitos que ficaram profundamente impressionados - talvez todos eles.'<sup>620</sup>

Depois do fim de semana, Buchman escreveu ao seu anfitrião: 'Você deve ter a sensação de 'Muito bem, servo bom e fiel'. Certamente as horas em Hatfield eram controladas por Deus. Não sei quando me senti tão absolutamente envolvido pela presença do Cristo invisível e sempre presente.

'A influência daquele fim de semana, estou convencido, irá muito além da nossa compreensão. Com tanta coisa acontecendo em trinta e seis horas, você pode facilmente compreender qual deve ter sido o impacto na Noruega, onde nos reunimos durante dez dias.

---

<sup>619</sup> Nota de Lord Salisbury no fim de semana de Hatfield.

<sup>620</sup> Lord Salisbury ao Arcebispo Lang, 14 de outubro de 1936.

Em nosso contato com esses homens, devemos sempre ter em mente que estamos apenas no começo.

'Acho que devemos dizer isto também: nunca poderemos ser suficientemente gratos ao bom Deus que o levou a planejar como você fez para homens cuja perspicácia e capacidade criativa podem tornar uma Inglaterra controlada por Deus. Laus Deo!<sup>621</sup>

Ao que Salisbury respondeu: 'Acabei de receber sua carta. Posso lhe dizer o quanto estou grato por tudo que você organizou e realizou aqui durante o fim de semana? Li agora com profunda reverência as palavras que você usou sobre a impressão deixada em sua mente pelo que aconteceu e, claro, sinto que devemos esperar pelo futuro do Movimento com esperança e fé. Não direi mais nada por enquanto.'<sup>622</sup>

Lorde Robert Cecil disse durante o fim de semana de Hatfield que “todos os problemas na Europa hoje podem ser atribuídos ao fracasso do Cristianismo em influenciar os governos das nações”.<sup>623</sup> De acordo com Kenneth Rose em *The Later Cecils*, ele “felicitou o Grupo por ter “investido o antigo e simples evangelho de Cristo com uma nova vivacidade, particularmente eficaz com pessoas que o perderam ou nunca o conheceram”. Mas na sessão final ele ficou perturbado com a aparente prontidão de Buchman em tolerar a conduta do regime de Hitler: “Eu protestei calorosamente”, disse Bob à sua esposa, “e ele explicou que estava longe de aprovar coisas como a perseguição ao Judeus.”<sup>624</sup>

É provável que Buchman se tenha expressado fortemente sobre a Alemanha numa reunião em que alguns pareciam assumir que a culpa era total da Alemanha e que a Grã-Bretanha não tinha cometido erros. “Buchman sempre achou muito difícil suportar a arrogância de alguns de nós, britânicos, que considerávamos que o Império Britânico era melhor do que qualquer outra coisa em qualquer lugar”, observou Loudon Hamilton certa vez. 'Ele era muito sensível à superioridade nacional que existe em nós. Se criticássemos outros países, ele não permitiria. Ele estava lutando pela cura e parte da cura era que tínhamos que começar por nós mesmos.'

O resumo de Salisbury da discussão sobre a Alemanha diz: “Nada parecido com os deslumbrantes resultados escandinavos foi reivindicado na Alemanha, mas uma boa dose de

---

<sup>621</sup> Buchman para Lord Salisbury, 14 de outubro de 1936.

<sup>622</sup> Lord Salisbury para Buchman, 15 de outubro de 1936.

<sup>623</sup> H. Kenaston Twitchell para Buchman, 28 de outubro de 1936.

<sup>624</sup> Kenneth Rose: *The Later Cecils* (Weidenfeld e Nicolson, 1975), p. 97.

sucesso foi descrita em certas localidades e entre certos indivíduos – mesmo indivíduos de alto escalão na vida pública do país. Penso que foi geralmente muito difícil conciliar a prática recente do Governo na Alemanha com os ensinamentos do Novo Testamento e os princípios do Grupo, e obviamente qualquer tendência para tolerar o mal, mesmo para um objetivo tão marcante como obter em contacto com o Governo alemão seria totalmente indigno. Não preciso dizer que tal “fazer o mal para que o bem possa vir” foi veementemente negado.<sup>625</sup>

Em fevereiro, abriu um debate sobre a defesa nacional na Câmara dos Lordes e em julho, com Winston Churchill, lideraria uma delegação de Conselheiros Privados que implorava ao Primeiro-Ministro Baldwin que enfrentasse o fato do rearmamento alemão. Kenneth Rose acha extraordinário que ele tenha enviado os convites para seu fim de semana em Hatfield entre esses dois eventos e que ele realmente tenha feito com que Buchman e seus colegas se encontrassem com seus amigos lá seis semanas após a entrevista do *New York World-Telegram*.<sup>626</sup> De fato, seria estranho para Salisbury ter feito isso - e ainda mais estranho para ele ter apoiado o Grupo consistentemente durante a guerra - se ele acreditasse que Buchman era no mínimo pro-nazista. Mas Buchman tinha-lhe contado o que estava a tentar fazer na Alemanha, incluindo os seus contatos com Himmler, na festa em Oxford um ano antes, e a conduta de Salisbury demonstra que ele compreendia os motivos por detrás das iniciativas de Buchman.

Rose também está intrigada porque Salisbury, que “demonstrou apenas clareza de pensamento e robustez de vontade em todas as outras atividades públicas e privadas”, foi “tão flexível nas mãos do Grupo de Oxford”.<sup>627</sup> O fato é que, longe de ser flexível, Salisbury, em seu trabalho com o Grupo de Oxford, sempre foi dono de si. Algumas das suas iniciativas foram-lhe sugeridas por um ou outro dos seus amigos do Grupo de Oxford, a quem, tal como o seu secretário, Roland Wilson, ele exortou a “nunca hesitar em vir ter comigo quando se sentir inspirado pelo Espírito”.<sup>628</sup> Mas as cartas e memorandos em meu poder<sup>629</sup> - muitos deles de próprio punho - mostram que ele ponderou profundamente qualquer sugestão desse

---

<sup>625</sup> notas de Salisbury sobre Hatfield.

<sup>626</sup> Rosa, pág. 96.

<sup>627</sup> *ibid.*, pág. 102.

<sup>628</sup> Verbal para Wilson e em carta de Wilson ao autor, 29 de setembro de 1981.

<sup>629</sup> Não consegui examinar os documentos relevantes nos Arquivos Cecil em Hatfield, pois há um embargo de cinquenta anos imposto a eles pela família. Este embargo, o bibliotecário e arquivista do Marquês de Salisbury me informou, só foi renunciado duas vezes, para Kenneth Rose e para outro.)

tipo e decidiu se deveria ou não agir. Em outras ocasiões - nas suas intervenções na Câmara dos Lordes em 1936 e 1941, por exemplo - ele agiu, e a primeira coisa que os seus amigos do Grupo de Oxford souberam sobre isso foi através de reportagens na imprensa ou anúncios no Documento de Ordem da Câmara.

De tempos em tempos, Salisbury fazia perguntas ou advertências sobre métodos específicos do Grupo de Oxford e as expressava de forma livre e cortês. Uma carta a Twitchell, por exemplo, sugere que, para o bem dos amigos de Salisbury, talvez possa ser formado “um órgão associado profundamente convencido dos princípios fundamentais do Grupo, mas não comprometido com os seus métodos”. Ele anexou uma lista de advertências: que “o ensino de grupo é um verdadeiro caminho para Deus”, mas não o único caminho; que embora alguém “deva pedir e receber a orientação de Deus”, ela “não é necessariamente obtida mediante solicitação”; que não é verdade que quando as pessoas se tornam cristãs convencidas “de acordo com métodos de grupo ou quaisquer outros métodos... a guerra feroz da alma cristã acabou”; e que é “uma obrigação cristã partilhar aquelas experiências espirituais que são uma ajuda para os outros”, mas não tratar todas essas experiências como propriedade pública. Acrescentou ainda mais uma advertência: “O fato é que um optimismo indevido e inseguramente fundado envolve um perigo considerável. Deve haver uma reação, mais cedo ou mais tarde, perigosa para o indivíduo que a experimenta, e pode ser desastrosa para a irmandade e o ensino que podem ser considerados responsáveis por ela.”<sup>630</sup>

Tais advertências não interromperam de forma alguma a cooperação de Salisbury com os seus amigos do Grupo. Dois dias depois desta carta, ele encontrou Lorde Halifax e pediu-lhe que assinasse uma carta apoiando o Grupo de Oxford<sup>631</sup> que ele estava montando e que apareceu no *The Times* oito dias depois.<sup>632</sup> Halifax sentiu-se incapaz de fazê-lo; mas dois

---

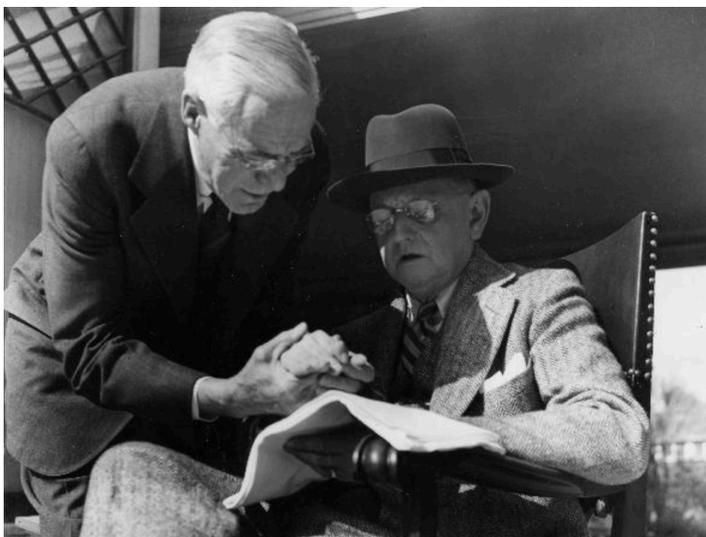
<sup>630</sup> Lord Salisbury para H. Kenaston Twitchell, 27 de julho de 1937.

<sup>631</sup> H. Kenaston Twitchell para Lord Salisbury, 29 de julho de 1937.

<sup>632</sup> *The Times*, 7 de agosto de 1937.

anos depois, quando o Ministro dos Negócios Estrangeiros, enviou uma mensagem pública de apoio a Buchman e aos seus amigos na América.<sup>633</sup>

Salisbury aceitou Buchman e mais particularmente os seus colegas britânicos mais jovens como amigos envolvidos numa batalha cristã na qual ele desejava participar. Quando, em 1942, Buchman sofreu um derrame, pediu a Roland Wilson que dissesse 'ao Dr. Buchman



Buchman (à direita), que sofreu um derrame em 1941, é examinado por um velho amigo, Dr. Loring Swaim.

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

que meus pensamentos estão diariamente com ele durante esses momentos de ansiedade pelos quais ele está passando e com preocupação e oração pelo grande movimento pelo qual ele é responsável'.<sup>634</sup> Ele também compareceu ao casamento de Wilson em 1946, embora tivesse 85 anos, e telefonou para ele um dia antes de sua morte, no ano seguinte.

Gray chegou mais perto do que Rose de expressar as esperanças que Salisbury e Buchman tinham para o fim de semana de Hatfield quando escreveu sobre isso ao Arcebispo de Canterbury. “Estive na festa da casa de Jem no fim de semana passado e, como todo mundo, acho que fiquei muito impressionado com o que ouvi”, escreveu ele. 'Você sabe muito mais o que ele está pensando do que eu, mas imagino que ele esteja principalmente atraído

---

<sup>633</sup> Julho de 1939. Na primavera de 1939, escreve Rose (pp. 100,101), Salisbury começou a organizar outra festa em Hatfield 'para considerar medidas práticas para a promoção do Rearmamento Moral neste país'. 'O Arcebispo de Canterbury prontamente concordou em participar... Outros homens eminentes... enviaram suas desculpas... A lista de convidados diminuiu até a mediocridade. Como se a uma palavra de comando, os capangas de Buchman se voltaram maldosamente contra Salisbury.' Rose então cita duas cartas, uma de um futuro bispo, o outro do filho de um bispo. 'Salisbury respondeu a essas impertinências com mansidão cristã', conclui. Deplora-se o tom e o conteúdo dessas cartas, ao mesmo tempo que se admira a graça do destinatário, no entanto, descarta a inferência de Rose de que os líderes do Grupo Oxford fariam qualquer coisa para obter um patrono influente.)

<sup>634</sup> Lorde Salisbury para Roland Wilson, 2 de dezembro de 1942.

pelo que poderia acontecer se conseguíssemos uma grande liberação de forças espirituais na Europa nos próximos dois ou três anos, uma liberação que poderia não se espera que seja alcançado através dos canais normais.<sup>635</sup>

A esperança de Buchman era precisamente uma tal liberação de energia espiritual na Europa, não só porque poderia evitar a catástrofe, mas, mais importante ainda, por si só. Isto fica claro no comentário de Salisbury de que Buchman em Hatfield apelou a “uma mudança vital, até mesmo revolucionária” nas vidas dos presentes, quer já sejam “cristãos professos” ou não. Buchman sentiu que tal liberação de energia espiritual exigiria o mesmo tipo de resposta nacional na Grã-Bretanha que tinha visto na Noruega e na Dinamarca, e procurava figuras públicas preparadas para assumir a mesma liderança sincera que Hambro e outros assumiram na Noruega e que o Bispo Fuglsang-Damgaard e Dean Brodersen assumiu na Dinamarca.

Mas, por alguma razão, Buchman não sentia que a maioria dos que estavam em Hatfield tivesse aceitado este ponto. Daí a melancólica referência, na sua carta a Salisbury, à festa de dez dias da campanha norueguesa, em contraste com as trinta e seis horas em Hatfield, e a sua insistência em que “devemos ter sempre presente nas nossas mentes que estamos apenas no começo”. Para Twitchell em Londres, ele escreveu em meados de novembro: “Não creio que contaria exclusivamente com o público sênior como a salvação da Grã-Bretanha, porque eles têm muitos ferros no fogo. Tornaram-se velhos e endurecidos nos seus processos e formas de fazer as coisas e, embora devam estar gratos pela sua aprovação do trabalho, com algumas exceções, duvido que tenhamos muita ação.”<sup>636</sup>

Ele estava escrevendo de Budapeste, onde encontrou vinte Grupos funcionando. Lá, como em Viena, ele conheceu o chanceler do país e membros do Gabinete. 'Falhamos', observou na altura, 'na articulação para que o âmbito seja adequado para desafiar cada estadista... o pecado de não colocar uma mensagem que seja compreensível para todos.' E mais uma vez: “Os acontecimentos estão avançando e o equilíbrio é entre a guerra e a não guerra nos próximos três anos. Podemos ser o fator decisivo? O tempo todo, nessas horas tranquilas, surge o pensamento: “Você será usado para mudar o mundo”. Às vezes sinto que

---

<sup>635</sup> Lorde Gray ao Arcebispo Lang, 14 de outubro de 1936.

<sup>636</sup> Buchman para H. Kenaston Twitchell, 16 de novembro de 1936.

é demais acreditar que o Grupo de Oxford pode ser usado para mudar o mundo, mas, a menos que trabalhemos com esse objetivo, é melhor cruzarmos as mãos e descansarmos.

Buchman voltou a Londres poucos dias antes da abdicação de Eduardo VIII. No auge da crise, às quatro da manhã, recebeu um telefonema da casa do Controlador da Casa do Rei. Era de um amigo próximo do rei, um dos que estiveram no barco para a América do Sul em 1931, implorando-lhe que fizesse algo para ajudar. 'Tudo o que pude dizer', disse ele a um amigo na manhã seguinte, 'foi: "Não há nada que eu possa fazer agora."' Justa ou injustamente, ele sentiu que aqueles que eram próximos do rei, especialmente os seus conselheiros espirituais, não tinham conseguido ajudá-lo para encontrar uma base estável para sua vida. "A razão é porque eles não são aqui-revolucionários", escreveu ele a um amigo suíço no dia seguinte à abdicação. 'Eles apoiam um sistema arcaico, e ninguém pode ler a história da Rússia, onde a Igreja foi privada do Cristo que procurava trazer, sem ver o seu significado.' Sobre o primeiro-ministro, Stanley Baldwin, ele escreveu: "Humanamente, ele fez um bom trabalho. Mas é certamente o plano de Deus, numa situação como esta, que um Primeiro-Ministro fosse capaz de mudar o Rei e colocá-lo sob a orientação de Deus."<sup>637</sup>

Uma semana depois ele teve a oportunidade de conversar com Baldwin. Foi organizado pelo braço direito do primeiro-ministro, Sir John Davidson, que esteve presente no fim de semana de Hatfield. Baldwin sempre ouvia notícias do Grupo por meio de sua prima, a Sra. J. W. Mackail, e a Sra. Baldwin participava dos almoços do Grupo. Quando Buchman realizou uma reunião no Albert Hall em julho de 1936, o primeiro-ministro reservou um camarote, mas cancelou-o ao ser questionado por um jornal de domingo se ele havia "se juntado" ao Grupo.

No Checkers, Baldwin disse a Buchman que seu trabalho estava concluído e que ele planejava renunciar após a coroação de George VI. Buchman respondeu que a crise recente mostrou que ele tinha uma voz autorizada para unir o Império numa grande questão. Agora havia algo ainda maior em jogo: tornar-se "a voz autorizada para o renascimento espiritual do Império". Baldwin respondeu: 'Sim, eu sei que deveria. Mas infelizmente não posso.

Muitas dessas pessoas conheceram Buchman pela primeira vez na casa da condessa viúva de Antrim, em Chelsea, uma ex-dama de companhia da rainha Vitória e da rainha Alexandra, que lhe oferecia um almoço semanal quando ele estava na cidade. Foi no final da

---

<sup>637</sup> Buchman para Theophil Spoerri, 11 e 15 de dezembro de 1936.

década de 1930 que ela e sua irmã, Lady Minto, fizeram a viagem de dois meses com Buchman através dos Bálcãs e do Oriente Médio, que Michael Barrett considerou tão exigente. “Onde quer que parássemos”, escreveu ela em seu diário, “o Dr. Buchman era recebido não apenas por equipes locais pequenas e viris, mas também por governantes, estadistas e homens de negócios. Por todo o lado exigiam entrevistas e pediam conselhos, parecendo compreender que só através de um mundo controlado por Deus é que as dificuldades que enfrentamos podem ser ultrapassadas.’

Na última anotação deste diário, ela anotou: “Perguntaram-me se eu gostava do Dr. Buchman. Parecia uma pergunta desnecessária, pois nele vi acima de tudo a realização de uma força que faz avançar o Amor de Deus, e isso me mostrou como a personalidade humana se perde de vista no poder espiritual.”<sup>638</sup>

Outro que trabalhou em estreita colaboração com Buchman nesses anos foi o Dr. B. H. Streeter. Ele voou três vezes para a Dinamarca para ajudar nessa campanha e relatou suas conclusões em uma carta ao *The Times*.<sup>639</sup> Desde que se juntou ao Grupo de Oxford em 1934, ele começou a se interessar mais pelas pessoas e Buchman frequentemente enviava indivíduos necessitados de ajuda para ele. Certa ocasião, ele escreveu a Buchman sobre uma conversa com um editor que o interrogara em Oxford: “Dei-lhe minha autobiografia espiritual. Enfatizei o ponto de Gamaliel - que Gamaliel fez algum bem ao proteger os apóstolos, mas que se ele tivesse ido mais longe e se identificado com eles, isso poderia ter levado o melhor elemento dos fariseus ao cristianismo, e depois à Guerra Judaica e à destruição de Jerusalém não teria acontecido... Gamaliel deve receber o crédito não apenas pelo bem que fez, mas pelo bem que deixou de fazer, pela calamidade que não conseguiu evitar.”<sup>640</sup>

Foi com choque que, em setembro de 1937, Buchman soube da morte de Streeter e de sua esposa, Irene, num acidente de avião no topo de uma montanha perto de Basileia. A viagem foi uma segunda lua de mel com sua esposa, que durante anos se sentiu afastada de

---

<sup>638</sup> Em julho de 1935, a filha de Lady Antrim, Lady Sybil Smith (mais tarde Lady Bicester), ofereceu-se para levar Buchman a uma festa no jardim do Palácio de Buckingham e apresentá-lo à Rainha Mary, a quem ela manteve informada sobre seu trabalho. Buchman recusou em uma carta de 20 Julho: 'Pensei imediatamente em seu marido, que pode ficar entediado por me ter por perto ou pode sentir que está se comprometendo mais do que gostaria

<sup>639</sup> *The Times*, 10 de março de 1935.

<sup>640</sup> BH Streeter para Buchman, 6 de abril de 1936.

sua inteligência e de sua teologia avançada, pelas quais ela tinha pouca simpatia. Ele nunca achou a fé fácil; mas seus anos com Buchman estabeleceram uma base de experiência sob a fina estrutura de seu pensamento. “Tenho certeza de que aprendi muito sobre métodos de apresentação”, escrevera ele a Buchman. 'Se eu não tivesse conhecido o Grupo, poderia ter morrido como um ilustre teólogo.'<sup>641</sup>

Buchman, que ouviu a notícia enquanto visitava Ramsay Macdonald em Lossiemouth, voou imediatamente para a Suíça para o funeral. Lá ele recebeu uma declaração que Streeter estava preparando para usar em seu retorno. “Fui atraído para o Grupo de Oxford não principalmente pela incapacidade de resolver problemas pessoais e familiares, mas pelo meu desespero em relação à situação mundial”, escreveu Streeter. 'Quanto mais eu via a tendência das coisas, menos motivos encontrava para ter esperança... Vi quão amplamente as energias morais do Cristianismo foram desmobilizadas, em parte através das diferenças de opinião sobre pontos de doutrina ou organização da Igreja, mas ainda mais pela incapacidade de realizar na vida real os ideais religiosos e morais que os cristãos são unânimes em professar. O Grupo de Oxford está chamando as igrejas de volta à sua tarefa apropriada de salvar as almas das nações, bem como dos indivíduos.'

Depois de descrever o que viu na Dinamarca, Streeter continuou: “A história mostra que, em caso de guerras, revoluções, greves e outros conflitos importantes, um peso relativamente pequeno da opinião pública de um lado ou de outro, ou a presença ou ausência de o discernimento moral e a coragem de alguns indivíduos em posições de influência muitas vezes alteraram o equilíbrio entre um acordo razoável e uma luta até o fim. A civilização moderna só pode ser salva por um renascimento moral. Mas para isso bastaria que cada décima ou centésima pessoa fosse trocada. Pois cada uma dessas pessoas eleva o nível daqueles a quem toca no lar, nos negócios e nos assuntos públicos.

«O que vi acontecer na Dinamarca pode acontecer na Grã-Bretanha. Isso acontecerá se aqueles que lideram a Grã-Bretanha aprenderem a encontrar em Deus a sua inspiração e direção. E a Grã-Bretanha, assim liderada, salvaria o mundo. Mas a oportunidade deve ser aproveitada durante o período de trégua desconfortável da grande calamidade que neste momento parece estar por vir.'<sup>642</sup>

---

<sup>641</sup> *ibid.*

<sup>642</sup> Oxford Times, 17 de setembro de 1937.

Buchman sentia muita falta de Streeter. Eles se tornaram amigos pela primeira vez através de um interesse mútuo pelo místico indiano Sadhu Sundar Singh, e Buchman escreveu em 1922 que Streeter o consultou sobre um de seus livros. Ele contava com Streeter para traduzir os insights que ele sentia que Deus lhes estava dando em palavras que o mundo intelectual leria e compreenderia. Sobre sua amizade, Julian Thornton-Duesbery, quando mestre da Universidade Saint Peter, Oxford, escreveu mais tarde: 'A mente de Buchman não era acadêmica, mas era de velocidade e alcance extraordinários, e tinha a qualidade de penetrar imediatamente no cerne da questão. Foi isto que atraiu grandes mentes acadêmicas - isto, juntamente com a sua capacidade, que eles invejavam, de comunicar as suas ideias em termos simples e diretos às pessoas comuns.'<sup>643</sup>

No início de 1937, Buchman fez várias visitas à Holanda. Seus amigos holandeses o pressionavam para trazer um time para seu país. O seu próprio pensamento, quando finalmente conversou com eles em abril, foi: "Não tolerar qualquer atividade que não tenha significado nacional". "Vocês fizeram um trabalho individual esplêndido", disse-lhes ele. — Vocês tiveram boas festas em casa. Agora você precisa de uma nova atividade relacionada, e ela precisa estar relacionada com problemas internacionais".

Os holandeses responderam, inicialmente lentamente, mas com entusiasmo crescente, e decidiram que deveriam realizar uma manifestação nacional. O único problema foi que Buchman insistiu que a manifestação acontecesse em Utrecht. Os holandeses sustentavam que se tratava da cidade errada: por um lado, não havia ali nenhum grande salão. "Há algo em ou perto de Utrecht que acomodará milhares de pessoas", insistiu Buchman. Uma mulher indomável, a Sra. Charlotte van Beuningen, percorreu a cidade e acabou encontrando o vasto mercado de vegetais. Havia uma regra absoluta contra a contratação; mas depois de entrevistar cada um dos treze membros do conselho responsável, ela obteve permissão. Quatro mil cadeiras foram importadas e milhares de caixas dispostas em fileiras atrás delas.

Durante o Pentecostes, um público totalizando 100.000 pessoas assistiu às reuniões ali. "Às dez horas da noite, com 10 mil presentes, as pessoas ainda se precipitavam em qualquer cadeira vaga que encontrassem", escreveu Buchman a Bill Pickle. 'Centenas de

---

<sup>643</sup> Thornton-Duesbery: O segredo aberto do MRA (Blandford, 1964), pp. 74-5.

peças foram transformadas e marcamos entrevistas exatamente como fazíamos nos velhos tempos na Penn State.<sup>644</sup>

«A maior surpresa nestes dois dias de Pentecostes foi certamente a aparição do Dr. J. Patijn, o nosso embaixador em Bruxelas», noticiou o jornal socialista Het Volk.<sup>645</sup> «Só aqueles que o conhecem como Burgomestre de Haia, um homem sólido, mas inacessível e avesso a qualquer exibição pública, será capaz de apreciar plenamente o que deve ter custado a este sucinto Zelandês falar sobre o seu íntimo diante de muitos milhares de pessoas neste Mercado de Vegetais. Não foi um discurso longo... “Não cabe a todos”, disse ele, “falar em público sobre a sua fé, e não é fácil para mim fazê-lo. convicções, e seria ingrato da minha parte não reconhecer que, através do que experimentei no Grupo de Oxford, aprendi a ver os meus semelhantes, o mundo e toda a minha vida numa nova perspectiva.”

Nem todos os jornais foram tão positivos. O Nieuwe Rotterdamsche Courant disse que a vasta reunião foi “não holandesa”. “A questão não é se é não-holandês ou americano”, escreveu Buchman ao chefe da Agência de Notícias das Índias Holandesas, Herman Salomonson. 'A questão é: 'É cristão?' Parece tão absurdo. Você vê 65 mil homens em uma partida de futebol. Certamente os braços estendidos de Cristo são para todos?' Ele acrescentou que “desejaria muito que fosse americano, mas infelizmente não é”.<sup>646</sup>

A outra voz de reclamação veio do líder nazista holandês Mussert. Ele havia planejado um grande comício em Utrecht para esses mesmos dias. Foi um fracasso total, com pouquíssimas pessoas presentes. Foi quatro anos depois, após a ocupação alemã, que ele proibiu o trabalho de Buchman na Holanda.

1937 parecia propício para Buchman na Grã-Bretanha.<sup>647</sup> Em abril, Beverley Baxter, escrevendo como “Atticus” no Sunday Times, foi vê-lo com “compreensível curiosidade”. 'Sua voz é agradável, sem truques, suas orelhas são grandes e honestas, e seu nariz é longo e inteligente.' ele relatou. 'É fácil ridicularizar o Grupo de Oxford, e muitos espertinhos fizeram isso... A evidência é inegável de que o movimento está se espalhando pelo mundo. Nem seria gracioso ou verdadeiro negar que, quando deixei o Dr. Buchman, carreguei comigo a

---

<sup>644</sup> Buchman para William Gilliland, 25 de julho de 1937.

<sup>645</sup> Het Volk, 18 de maio de 1937.

<sup>646</sup> Buchman para Herman Salomonson, 24 de maio de 1937.

<sup>647</sup> Em 4 de março, o Daily Mirror realizou um concurso no qual os leitores nomearam seu 'Gabinete perfeito'. Uma entrada propôs Buchman como primeiro-ministro, com Winston Churchill e George Bernard Shaw entre seu Gabinete - uma proposta que o jornal publicou, completa com fotografias dos indicados.)

memória de um homem cujo espírito é excelente e cujo comportamento é modesto e sincero.<sup>648</sup>

Em geral, Londres parecia estar abrindo suas portas. Lady Antrim continuou seus almoços semanais nos quais Buchman se encontrava com membros do Gabinete. Ele foi recebido pelo Comandante-em-Chefe, Portsmouth; compareceu à festa no jardim do duque de Norfolk; dirigiu-se a multidões nas prefeituras de West Ham e Canning, no leste de Londres; e falou para uma grande reunião de membros do Parlamento na Câmara dos Comuns.

Mas ele não estava escapando de uma atenção menos lisonjeira. O Grupo de Oxford foi convidado pela Srta. Christina Foyle para apresentar sua mensagem no Almoço Literário do Foyle em 8 de julho de 1937. Dezesete oradores foram designados, e aceitos pela Srta. Foyle, para fazê-lo. O interesse foi tão grande que, tendo vendido 2.500 ingressos e lotado o salão principal e o salão de baile da *Grosvenor House*, os organizadores tiveram que recusar novos pedidos.

Buchman foi avisado na noite anterior por Ivan Menzies, a estrela de Gilbert e Sullivan, que uma armadilha estava sendo planejada no almoço. A ocasião foi organizada por alguns homens mais jovens de Oxford, e Buchman duvidou disso, mas sentiu que, para o bem deles, deveria deixar o assunto acontecer. Ele não deveria falar sozinho. Ao chegar a Grosvenor House, descobriu que uma décima oitava convidada de honra havia sido acrescentada aos palestrantes, na pessoa da atriz Margaret Rawlings. Ela estava sentada do outro lado do presidente, ao lado de Loudon Hamilton.

---

<sup>648</sup> Sunday Times, 18 de abril de 1937.

Pouco antes do início da palestra, um funcionário do hotel chamou Hamilton para atender o telefone. A telefonista disse-lhe que se tratava de um alarme falso e, ao regressar, descobriu que o seu lugar ao lado da senhorita Rawlings havia sido ocupado em sua ausência por Tom Driberg, então colunista de 'William Hickey' no Daily Express. Miss Rawlings falou por último, lendo um texto preparado e limitando-se a um assunto. A exposição da alma através da confissão pública era, disse ela, tão chocante quanto despir-se em Piccadilly. No

dia seguinte, a imprensa ignorou os outros dezessete oradores, que incluíam um bispo e um líder dos desempregados do leste de Londres, e gritou a mensagem da Srta. Rawlings nas manchetes de primeira página. A BBC relatou apenas seu discurso. Driberg dedicou toda a sua coluna ao evento, admitindo que estava lá para “dar apoio moral à Srta. Rawlings”<sup>649</sup>.

ou, como escreveu seu amigo Hannen Swaffer, “Ele a incentivou”.<sup>650</sup> Um artigo embelezou o evento.

história com uma foto da

senhorita Rawlings quando ela apareceu em seu show atual com o mais breve dos trajes de banho de 1937, sob o título 'Indecência?'<sup>651</sup>



No pub King's Head, no West Ham, Buchman se reúne com sua 'equipe' local. No canto superior direito: Bill Rowell, um líder dos desempregados de Londres. Abaixo dele: Tod Sloan, relojoeiro e amigo de Ben Tillett. À direita de Buchman: Bill Jaeger, o estudante pioneiro do trabalho. Sentada à esquerda: Sra. Annie Jaeger, sua mãe, que vendeu sua pequena loja em Stockport para ir ajudá-lo no leste de Londres."

©Richard N. Haile FIBP FRPS/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>649</sup> Daily Express, 9 de julho de 1937.

<sup>650</sup> Notícias da Imprensa Mundial, 18 de setembro de 1953.

<sup>651</sup> Daily Mirror, 9 de julho de 1937.

A velha história da indecente “confissão pública”, tal como originalmente apresentada por Driberg nove anos antes, foi novamente estampada na mente do público. A senhorita Rawlings, talvez temendo uma ação por calúnia, escreveu ao Daily Sketch que estava “surpresa” com a publicidade e pediu ao jornal que corrigisse a impressão de que ela havia se referido ou criticado qualquer um dos outros oradores,<sup>652</sup> e a senhorita Foyle emitiu um declaração de que os comentários da 'Senhorita Rawlings' não tinham nenhuma relação possível com o que foi dito no almoço, que foi uma apresentação razoável e objetiva do caso da renovação moral e espiritual em um momento de crise'.<sup>653</sup> Uma cópia foi enviada para 'William Hickey ' por Miss Foyle pedindo espaço igual para um relato oficial dos outros oradores, um pedido que não foi atendido.

Bunny Austin, o tenista, estava no almoço, embora não fosse associado ao Grupo de Oxford. “Fui cumprimentar o Dr. Buchman enquanto ele saía da sala”, escreveu ele. “Eu o admirei muito naquele momento. Ele não deu nenhuma evidência externa, ao retribuir alegremente minha saudação, de que era um homem que acabara de ser atingido violentamente abaixo da cintura.”<sup>654</sup> Buchman certamente percebeu quanto dano havia sido causado. Mas a sua preocupação imediata foi com os outros oradores: 'Aqueles bons homens que defendem a sua crença neste país e estão sujeitos a isso. No entanto, a OP (Ordem de Perseguição) pode ser melhor do que a OM (Ordem de Mérito).' Ele também sabia que isso assustaria muitas das pessoas em quem ele contava para despertar o país. Ele falou mais pessoalmente de seu barbeiro, a quem havia convidado para trazer a filha para conhecê-lo e que cancelou o encontro. “Isso é o que mais me dói”, disse ele. ‘Levará algum tempo até que eles voltem.’<sup>655</sup>

Fredrik Ramm escreveu uma carta ao *Morning Post* sobre o trabalho do Grupo de Oxford na Escandinávia, na qual comentou: 'Participei em centenas de reuniões com a participação de milhares de pessoas e nunca ouvi nada confessado em público que não pudesse ser dito na *Piccadilly Circus*.’<sup>656</sup>

---

<sup>652</sup> Daily Sketch, 14 de julho de 1937.

<sup>653</sup> Em 13 de julho de 1937.

<sup>654</sup> HW Austin e Phyllis Konstam: *A Mixed Double* (Chatto e Windus, 1969), p. 89.

<sup>655</sup> A.P. Herbert certamente considerou a intervenção da Srta. Rawlings uma questão de importância. Ele telegrafou-lhe: 'Se alguém escrever uma história do "Grupo Oxford", terá um período pró e pós-Rawlings.' (Reginald Pound: *A. P. Herbert: Uma Biografia* (Michael Joseph, 1976), p. 155.)

<sup>656</sup> *Morning Post*, 17 de agosto de 1937.

O prebendário Wilson Carlile, o fundador do Exército da Igreja e então com mais de noventa anos, enviou a Buchman uma série de mensagens de apoio neste período: 'Agradeço a Deus por sua persistência profética... Vá em frente. Isso nos ajuda muito e também ao Reino dos Céus. . . Você está ampliando minha visão. O cão de cima é mais cativante do que o de baixo. Milhares de vidas preguiçosas, se chegarem a sentir que o nosso Abençoado Senhor as quer e pode usá-las, animar-se-iam e seriam uma bênção para o mundo.'<sup>657</sup>

Muitas pessoas de mentalidade conservadora, como algumas de Hatfield, afastaram-se de Buchman após a publicidade após o almoço Foyle. Lorde Salisbury não estava entre elas. Em 7 de agosto de 1937, ele se combinou com o Ministro do Trabalho, Ernest Brown, Lord Davidson e o recente presidente da Academia Britânica, Professor J. W. Mackail, em uma carta ao *The Times* que dizia em parte: 'O Grupo de Oxford se destaca como um desafio às igrejas de hoje para que estejam prontas e em ação. O motivo dominante que anima estes esforços, seja no Grupo ou em qualquer outro lugar, é um compromisso de lealdade para aplicar, sob a orientação de Deus, o espírito e os princípios de Cristo à conduta individual e a todos os departamentos da vida social, nacional e supranacional.

'Escrevemos esta carta para exortar a necessidade premente da humanidade de que este princípio fundamental seja enfatizado e aplicado com insistência neste e em outros países. O que as nações exigem imperativamente é o desenvolvimento de um sentido de responsabilidade pessoal para levar homens e mulheres de todas as administrações e governos ao espírito de lealdade a Deus. Só isto pode unir um mundo caótico.'<sup>658</sup>



Harry Blomberg, autor socialista sueco, com Buchman. O livro de Blomberg, "Devemos começar de novo", apelou a uma base moral para a democracia para enfrentar a ameaça das ideologias totalitárias. Questionado por Buchman sobre uma mensagem de esperança, ele respondeu: "Devemos nos rearmar moralmente". Isto deu a Buchman a ideia chave para emitir um apelo mundial ao Rearmamento Moral.

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>657</sup> Prebendário Wilson Carlile para Buchman, 28 de junho, 1 e 12 de julho de 1937; 1º de janeiro de 1938.

<sup>658</sup> Os tempos, 7 de agosto de 1937.

**REARMAMENTO MORAL E ESPIRITUAL**

Buchman entrou em 1938 com um renovado sentido de urgência. “Estou tentando encontrar uma abordagem que transmita a mensagem de forma mais inteligente a uma época que precisa dela, mas que tem muito medo dela”, escreveu ele na época. Ele procurava um pensamento que fosse suficientemente simples para ser compreendido por milhões de pessoas e suficientemente realista para que os líderes nacionais o apresentassem. Ele também queria abalar aqueles que, tendo encontrado uma rica experiência pessoal de fé através do Grupo de Oxford, a abraçavam, e persuadi-los a entrar na luta para responder aos problemas do mundo em geral.

Sua inquietação o estava levando a outro surto semelhante àqueles que o fizeram ir além do ministério local na Pensilvânia, além do cuidado dos estudantes nas faculdades americanas e além do campo missionário padrão. O que ele buscava não era um novo ângulo de relações públicas, mas um compromisso novo e maior para si mesmo e para qualquer um que o acompanhasse.

A semente que ele procurava veio-lhe de um autor socialista sueco, Harry Blomberg. O Partido Trabalhista Sueco foi o mais bem sucedido na Europa. Operando num período de paz prolongada, trouxe prosperidade e conforto a todas as classes. Com isso veio um sentimento de autossuficiência e uma rejeição geral, nos círculos intelectuais, de qualquer necessidade de Deus. Ao mesmo tempo, alguns líderes sindicais estavam conscientes de que a prosperidade por si só não tinha trazido felicidade, enquanto a ascensão do comunismo e do nazismo os forçava a reconsiderar se poderiam permanecer para sempre afastados dos conflitos noutros locais. Assim, o Dr. Alf Ahlberg, director da escola de formação gerida por sindicatos em Brunnsvik, escrevera recentemente: “Seria considerado um tolo se dissesse aos chamados políticos práticos: “Vocês falam em resgatar a democracia. Mas a fé na democracia requer fé em Deus.” No entanto, estou convencido de que nesta declaração sou mais um

político prático do que qualquer um desses senhores imagina. A história confirma isto e temo que o vá confirmar de uma forma ainda mais assustadora.<sup>659</sup>

Harry Blomberg foi um dos alunos de Ahlberg. Ele trouxe a filosofia do Grupo de Oxford, que o alcançou através de seus colegas autores na Noruega, para os metalúrgicos entre os quais vivia em Borlänge. O seu livro *Vi måste börja om/ Devemos começar de novo*<sup>660</sup> ilustrou o dilema que Ahlberg descreveu. O seu tema era: 'Cheguei a um beco sem saída, tal como a democracia chegou a um beco sem saída. Eu também tive que começar de novo. O livro foi um best-seller imediato. Comentando sobre isso, e sobre os dois novos romances de Ronald Fangen e o recente livro de Hambro, *Modern Mentality/ Mentalidade Moderna*, o correspondente em Oslo do *New York Times Book Review* escreveu em sua pesquisa sobre a cena literária na Escandinávia: "A supremacia do psicanalista, que tirou suas deduções em grande parte devido às observações daqueles que estavam doentes de corpo e alma, parece estar enfraquecendo. A contratendência saudável está se estabelecendo, um desafio para a humanidade resistir aos apelos impensados das massas (da ditadura) e desenvolver o individualismo que pode contrariar as tendências atuais."<sup>661</sup>

Quando questionado sobre um tema para a página sobre a Suécia no pictórico *Rising Tide* publicado naquela primavera, Blomberg pensou no aço sueco indo para todas as nações da Europa em busca de seus armamentos e escreveu: 'Suécia - a reconciliadora das nações. Devemos nos rearmar moralmente.

Buchman recebeu a edição sueca de *Rising Tide* enquanto passava alguns dias tranquilamente na Floresta Negra, em Freudenstadt. Certa tarde, caminhando pela floresta e preparando-se para seus próximos movimentos na Grã-Bretanha, o pensamento de Blomberg voltou repetidamente a ele, e com força incomum:

'Rearmamento moral e espiritual. Rearmamento moral e espiritual. O próximo grande passo no mundo será um movimento de rearmamento moral para todas as nações.'

Buchman deveria fazer um discurso no *East Ham Town Hall*, em Londres, alguns dias depois. O trabalho de Bill Jaeger no leste de Londres tinha vindo a crescer e a penetrar na vida cívica da região, ao ponto de se tornar um fator de equilíbrio em distritos onde os

---

<sup>659</sup> Del tredje Standpunkt (Dinamarca), novembro de 1936, pp. 35-42. Artigo intitulado 'A Cultura Cristã da Europa contra o Comunismo e o Nazismo'.

<sup>660</sup> Vi måste börja om (Wahlström e Windstrand, 1937).

<sup>661</sup> Resenha de livro do New York Times, 20 de março de 1938.

fascistas e os seus oponentes se enfrentavam nas ruas. A atitude demonstrada por um membro do Conselho fez com que ele se tornasse conhecido no seu bairro como “o vereador com a cara mudada”. Ele pediu desculpas ao prefeito, com quem não falava há vinte anos por causa de uma amargura originada por uma diferença política. 'Ou algo correu radicalmente mal com ele ou algo correu positivamente bem', comentou o Presidente da Câmara, e pouco depois quinze Vereadores de diferentes partidos emitiram uma declaração dizendo: 'Um espírito de cooperação inteiramente novo entrou no nosso trabalho como Autoridade Local. Isto resultou numa poupança considerável de tempo na tomada de decisões.'<sup>662</sup>

O efeito do Grupo de Oxford no leste de Londres chamou a atenção de certos líderes trabalhistas nacionais. Um grupo deles reuniu-se várias vezes para ouvir sobre isso, sob a presidência de H. H. Elvin, presidente do Congresso Sindical em 1937-8. 'Por que não tenho o poder de mudar as pessoas assim?' perguntou o vice-presidente da Câmara dos Comuns numa dessas ocasiões. Agora, vários prefeitos da região estavam organizando uma reunião de 3.000 pessoas para ouvir Buchman, que aproveitou a oportunidade para lançar o Rearmamento Moral.

“A condição do mundo”, começou ele, “não pode deixar de causar inquietação e ansiedade. A hostilidade se acumula entre nação e nação, trabalho e capital, classe e classe. O custo da amargura e do medo aumenta diariamente. O atrito e a frustração estão minando nossos lares.

Existe um remédio que irá curar o indivíduo e a nação e dar a esperança de uma recuperação rápida e satisfatória?

“O remédio pode estar no retorno àquelas verdades simples que alguns de nós aprendemos no colo de nossa mãe, e que muitos de nós esquecemos e negligenciamos - honestidade, pureza, altruísmo e amor”.

«A crise é fundamentalmente moral. As nações devem rearmar-se moralmente...

“Podemos, devemos e iremos gerar uma força moral e espiritual que seja suficientemente poderosa para refazer o mundo.”<sup>663</sup>

Logo após essa reunião, Tod Sloan, um conhecido militante do leste de Londres que, quando menino, havia defendido Keir Hardie quando ele se candidatou ao Parlamento por

---

<sup>662</sup> Geoffrey Gain: A Basinful of Revolution - A história de Tod Sloan (Grosvenor, 1957). pág. 44.

<sup>663</sup> Buchman, pp. 45-8.

East Ham, e em cuja casa Ben Tillett, Tom Mann e o comitê de greve dos estivadores de 1899 às vezes se reuniam, vi um pôster do lado de fora do *Canning Town Public Hall*. Perguntava 'O que é Rearmamento Moral?' e respondeu: Não é uma instituição, Não é um ponto de vista, é uma revolução que começa em você!

Ele foi à reunião e, como disse mais tarde, “bebeu uma bacia cheia”. Ele percebeu que as suas agitações em favor dos desempregados e dos sem-abrigo, as suas lutas por refeições e botas para as crianças em idade escolar, atividades essenciais que por vezes o levaram à prisão, tinham inadvertidamente tomado o rumo errado. Eu sempre disse que amava minha aula e minha família..., mas percebi que a principal coisa que fiz foi ensiná-los a odiar. Eu disse que era um idealista, mas fiz deles materialistas”, disse ele. Uma das primeiras coisas que ele decidiu corrigir foi seu relacionamento com sua esposa.<sup>664</sup> Mais tarde, ele escreveu a Buchman: 'As palavras, Rearmamento Moral, são propriedade de Deus, cunhadas para Seu serviço e é isso que acontece nelas - não haverá mais negociações imorais, não haverá mais injustiça social, não haverá mais conflitos. O caos não pode existir se trabalharmos, vivermos e praticarmos o Rearmamento Moral. É uma vontade real, alegre, viva, amorosa e obediente de restaurar a liderança de Deus.'<sup>665</sup>

Poucos dias depois de falar em East Ham, Buchman visitou a Suécia. À chegada a Estocolmo, disse à imprensa que a sua visão era a de que a Suécia se tornaria “uma reconciliadora das nações” – um longo passo em frente, na sua opinião, em relação à mera neutralidade. Participou nas comemorações dos oitenta anos do rei Gustavo e, com o seu habitual interesse insaciável pelas ocasiões públicas e pelo carácter dos homens públicos, esteve presente na chegada, de barco ou de trem, da maior parte dos convidados principais. A visita foi na verdade um reconhecimento da sua parte, pois há três anos resistia a convites de vários quadrantes para levar uma equipe àquele país. Quando, por exemplo, o genro do Arcebispo Söderblom, Professor Runestam, que compareceu à festa na casa de Hambro em Høsbjør, o pressionou para ir para lá em 1935, ele respondeu: 'Você tem certeza do que deseja realizar? Acho que aqueles que querem patrocinar o trabalho são assolados por... impressões erradas sobre o seu verdadeiro carácter.'<sup>666</sup> Ele escreveu a outro amigo: 'O que tanto temo na

---

<sup>664</sup> Ganho, pp. 28-38.

<sup>665</sup> Todd Sloan para Buchman, 27 de novembro de 1938.

<sup>666</sup> Buchman ao Professor Runestam, 22 de agosto de 1935. Runestam mais tarde tornou-se Bispo de Karlstad.

Suécia é que o que eles querem é algo que será apenas um "estimulante" para a Igreja... em vez do renascimento de tudo na Igreja. Homens como estes... os bispos e o clero não estão dispostos a passar pela dor do renascimento.<sup>667</sup>

Agora que Blomberg e os metalúrgicos se apresentavam, Buchman sentia-se mais confiante. Mesmo assim, nem todos o aceitaram imediatamente. Sven Stolpe, colega literário de Blomberg, ficou "horrorizado" quando se conheceram. Ele ouvira falar de Buchman pela primeira vez na Noruega, "através daquela equipe maravilhosa de homens brilhantes, Fangen, Wikborg, Skard, Mowinckel", e esperava ficar profundamente impressionado com esse homem a quem todos declararam dever tanto. Mas Stolpe o considerava "cem por cento americano, feio e pouco intelectual". 'Ele não pensava logicamente e o que dizia muitas vezes me parecia ingênuo e incoerente. Ele riu e riu e sorriu o dia todo. Ele nunca foi solene, e nós, suecos, somos sempre muito solenes em relação às coisas sagradas.

Para sua surpresa, porém, Buchman pediu-lhe que fosse seu intérprete quando retornasse em agosto para realizar a primeira Assembleia de Rearmamento Moral em Visby, na ilha báltica de Gotland.<sup>668</sup>

Stolpe protestou: 'Nunca estive na Inglaterra, nem falei inglês, nem conheci nenhum inglês.'

'Oh, Deus vai ajudar', respondeu Buchman, e Stolpe concordou em fazê-lo.

As multidões em Visby eram ainda maiores porque a visita havia demorado muito. Eles invadiram até que não houvesse nenhum edifício grande o suficiente para acomodá-los, exceto as ruínas da antiga igreja de São Nicolau. O *Stockholms-Tidningen*, então o maior diário sueco, enviava diariamente o seu avião para obter fotografias e reportagens. No entanto, Buchman acreditava que seria difícil enfrentar a complacência da sociedade sueca e o cinismo entre os seus intelectuais. Stolpe concordou. "Nunca conheci tanto ódio contra Buchman por parte de alguns presentes e de alguns que os enviaram", disse ele. 'Este americano vem ensinar o cristianismo aos bons e velhos suecos!'

---

<sup>667</sup> Buchman para Cuthbert Bardsley, 21 de fevereiro de 1937.

<sup>668</sup> A esposa do bispo da ilha de Gotland, Torsten Ysander, consultou Buchman sobre os assentos de um jantar. Buchman disse: 'Oh, acho que devemos sentar os mudados e os inalterados alternadamente.' 'Onde devo me sentar?' perguntou a Sra. Ysander. 'Ao meu lado, é claro', respondeu Buchman. 'E nós dois rimos ruidosamente', acrescentou a Sra. Ysander. (Frank Buchman - Eighty, p. 192.)

Enquanto isso, o próprio Stolpe estava começando a reavaliar Buchman. Ele ficou imediatamente impressionado com as pessoas que o acompanhavam. 'Buchman tinha dezenas das melhores pessoas que você já viu. Aqueles meninos e meninas. Incrível! Absolutamente convincente! Você sentia bondade, pureza e ar absolutamente limpo ao seu redor. Eles pensavam nos outros o tempo todo e não tinham nada a esconder. Eles nunca te encurralavam. Tinham uma espécie de “lealdade absoluta” a Deus, uma convicção ardente, mas sempre rindo”, lembrou Stolpe quarenta anos depois.



Buchman falando em Visby, traduzido pelo autor sueco Sven Stolpe. ©Arthur Strong/MRA Produções  
[View Photo Thumbnail Navigator](#)

Então ele notou a atitude de Buchman para com os trabalhadores que Blomberg e ele trouxeram consigo. “Eles o interessavam muito mais do que os jovens senhores. Ele fez com que os dois grupos se encontrassem e se gostassem, torpedeando a panaceia anticlasse do século XX.

O que tudo isso diz sobre Buchman? Depois de um tempo, Stolpe elaborou sua própria explicação: vi que ele era um homem inspirado, uma espécie de poeta. Não um encantador, mas alguém guiado por Deus. Por quê? Eu não conseguia entender. Então me lembrei do poeta finlandês Runeberg dizendo que se Deus quer tocar uma bela melodia, não importa se Ele o faz num instrumento pobre. Buchman me pareceu o instrumento mais estranho que já vi: mas Deus o escolheu.

A interpretação correu bem. ‘Nunca ouvi ninguém liderar uma reunião como ele. Sempre terminava na nota mais alta. Ele era profundamente sério, fazendo apenas uma coisa – e tinha que fazer isso. A sua impressão foi: “Aqui está um homem, um gênio. Há mais dez

mil pessoas talentosas na Europa, mas ele é suficiente para que Deus refaça o mundo com ele.”<sup>669</sup>

A assembleia começou bem. Muitas pessoas tiveram profundas experiências espirituais pessoais e houve boa cobertura da imprensa sobre os discursos públicos. Mas Buchman estava inquieto. Durante a maior parte da noite ele ficou acordado, orando e ouvindo a orientação de Deus. Seu discurso na manhã seguinte foi feito diretamente de suas anotações da noite anterior, destruiu o aparente sucesso dos procedimentos e apresentou aos ouvintes mesquinhos e complacentes um dilema desconfortável.

'Não estou interessado, nem acho que seja adequado', disse ele, 'se vamos apenas iniciar outro avivamento. Qualquer estadista atencioso com quem você converse, vai lhe dizer que todo país precisa de um despertar moral e espiritual. Esse é o essencial absolutamente fundamental. Mas o avivamento é apenas um nível de pensamento. Parar aí é pensamento inferior.

'O próximo passo é a revolução. É desconfortável. Muitos cristãos não gostam da palavra. Isso os assusta. Isso os deixa arrepiados. É daí que vêm alguns dos seus críticos – cristãos arrepiados com cristianismo de poltrona. O que o Grupo de Oxford dará a esta e a todas as nações é uma revolução espiritual.'

“A questão é esta”, continuou Buchman. «Os cristãos vão construir uma filosofia cristã que mova a Europa? Você é o tipo de cristão que pode construir essa revolução? Se você não vai nessa frente de batalha, desejo-lhe boa sorte. Não vou brigar com você ou criticá-lo. Você faz exatamente o que gosta, do jeito que gosta. Essa é a sua ideia de democracia. Não digo que seja a verdadeira democracia, mas é a prática popular da democracia... Em algum lugar da frente de batalha teremos os verdadeiros revolucionários.'

Além do reavivamento e da revolução, ele continuou: “Há um terceiro estágio, o renascimento. O renascimento de um povo, de indivíduos e o renascimento de uma nação. Algumas pessoas não gostam da ideia de nações renascidas ou de chegarem aos milhões. Eles ridicularizam tal programa chamando-o de “publicidade” ... Toda a publicidade deve ser

---

<sup>669</sup> Conversas entre Graham Turner e o Sr. e a Sra. Stolpe em novembro de 1976. Em vários livros, publicados entre 1938 e estas conversas, Stolpe fez muitos comentários, tanto apreciativos como críticos, sobre diferentes aspectos de Buchman e do seu trabalho.

para destruição – ou será? Evangelho significa “boas novas”, notícia de primeira página. Mas as pessoas se opõem se isso aparecer na primeira página.

Um dos acontecimentos que gerou esta investida foi um artigo no importante diário de Estocolmo, *Dagens Nyheter*, que mencionava “os métodos de propaganda espalhafatosos do movimento” e a “publicidade sobre o renascimento mundial”.<sup>670</sup> Buchman sentiu que muitos presentes, incluindo alguns que tinham encontrado ajuda pessoal através do Grupo de Oxford, estavam abrigados atrás das críticas no seu desejo de ter um movimento seguro e restrito que evitasse o ridículo público; e que alguns também procuravam um movimento que os tranquilizasse sobre as suas almas, ao mesmo tempo que permitia que o padrão das suas vidas continuasse como antes.

“Vou te prometer uma coisa”, concluiu. 'Eu não vou voltar atrás. Não vou voltar atrás, não importa quem o faça, não importa o que isso custe. Se você se juntar a esta grande cruzada, você alcançará o caminho da Cruz. Não vou seduzi-lo com esperanças de sucesso material. Não vou seduzi-los dizendo que serão heróis. Não vou seduzi-los, embora acredite que essas terras possam dar um padrão de vida. É uma experiência pessoal da Cruz. Não sou eu, mas Cristo. Não sou eu que estou à frente, mas Cristo quem lidera.'

Ele então sugeriu que as pessoas não deveriam participar de mais reuniões, mas deveriam pensar sozinhas. 'A coisa que você tem que decidir é entre você e Deus. Faça isso sozinho. Escreva se quiser. É um ato, como a transferência de propriedade – então você entrega a sua vida a Deus, para uma direção plena e completa como companheiro revolucionário.'<sup>671</sup>

Como resultado deste discurso, alguns decidiram deixar de trabalhar com Buchman. Alguns até decidiram matar seu trabalho, se pudessem. Nils Gosta Ekman, que mais tarde se tornou editor do *Svenska Dagbladet*, regista que alguns reagiram ao desafio de Buchman “como se fossem um insulto pessoal ou uma espionagem dos seus segredos privados de defesa”.<sup>672</sup>

Um grande número de suecos, no entanto, aceitou o desafio para si próprios e para o seu país. Eles representavam uma amostra representativa da nação – professores,

---

<sup>670</sup> *Dagens Nyheter*, 13 de agosto de 1938.

<sup>671</sup> Buchman, pp. 53-8.

<sup>672</sup> Nils Gösta Ekman: *Experiment med Gud* (Gummesons, 1971), p. 8.

agricultores, metalúrgicos, clérigos, estudantes, autores e artistas. Waldemar Lorentzon, do conhecido Grupo de Pintores Halmstad, experimentou uma reconciliação com a sua esposa e passou a acreditar que “a arte pode ser um porta-voz poderoso de uma nova moralidade”.<sup>673</sup> Vários estudantes da Academia de Música, entre eles alguns que se tornariam compositores ilustres e iniciadores de novas tendências musicais, reuniam-se diariamente para aprender como colocar em prática o que haviam decidido em Visby. Os grupos floresceram a partir de então durante alguns anos em cada uma das quatro universidades da Suécia. A conferência deles em Undersåker em 1939 foi um evento nacional e forneceu o núcleo dos colegas suecos de tempo integral de Buchman para o futuro. No ano seguinte, 10.000 professores apresentaram um apelo ao rearmamento moral da nação. As ideias resumidas no seu livro, *Icke för skolan utan för livet* (Não para a escola, mas para a vida),<sup>674</sup> ganharam uma ampla influência e foram apoiadas pelo Ministro da Educação da época. As igrejas também foram profundamente afetadas. O principal escritor de hinos da Suécia, Anders Frostenson, diz que a linguagem usada nos sermões mudou completamente após a chegada do Grupo de Oxford.<sup>675</sup>

As pessoas que regressaram a outros países também começaram a enfrentar problemas práticos nas suas nações. Os finlandeses que estiveram em Visby organizaram uma assembleia nacional em Aulanko em janeiro de 1939. Vinte anos antes, a Finlândia havia sido dilacerada por uma guerra civil entre brancos e vermelhos, e uma intensa amargura persistia entre aqueles que perderam parentes nos combates ou foram confinados a campos de detenção de um lado ou de outro. Líderes de ambos os lados participaram da assembleia de Aulanko. O Bispo Eelis Gulin de Tampere afirmou repetidamente que as reconciliações efetuadas foram um fator significativo na união da nação nos meses imediatamente anteriores à invasão soviética no final daquele ano. “Deus nos deu um milagre”, disse ele na Austrália, anos depois. 'Muitos de nós agradecemos a Deus por Frank Buchman ser um daqueles que foram usados como Suas ferramentas.'<sup>676</sup>

---

<sup>673</sup> Lunds Dagblad, 30 de setembro de 1941.

<sup>674</sup> *Icke för skolan utan för livet* (Svenska Kyrkans Diakonistyrelses Bokförlag, 1943).

<sup>675</sup> Seis bispos nórdicos resumiram o efeito contínuo desta infusão numa mensagem a Buchman em 10 de Janeiro de 1951: «Com a sua fé realista em Deus, o seu radicalismo ético, o seu companheirismo e o seu espírito conquistador, o Rearmamento Moral tornou o original Os elementos cristãos da fé ganham vida em meio ao nosso ambiente secularizado moderno.»

<sup>676</sup> Discurso em Melbourne, Austrália, 25 de dezembro de 1961.

Na Dinamarca, alguns dos afetados pelo Grupo de Oxford, três anos antes, procuravam uma forma de resolver o problema social mais grave do país – uma taxa de desemprego superior a 20 por cento. Alfred Nielsen, o empregador da indústria madeireira de Silkeborg, lembra-se de Buchman ter perguntado aos dinamarqueses em Visby se era a vontade de Deus que um quinto da força de trabalho ficasse desempregada.

'Não', eles responderam.

“Então vá para casa e resolva o problema”, disse Buchman. Este foi também um tema importante do seu discurso em Copenhaga, no final de agosto, quando viajava da Suécia para a Suíça.<sup>677</sup> Algumas experiências já tinham sido feitas, e Valdemar Hvidt escreveu sobre elas no Politiken<sup>678</sup> enquanto a assembleia de Visby ainda estava em curso. O resultado foi uma campanha nacional. Tudo começou, de acordo com a Scandinavian Review, quando “cidadãos de muitas cidades, despertados para a responsabilidade cívica através do Grupo Oxford, começaram a enfrentar o problema dos 100.000 desempregados da Dinamarca através de sacrifícios espontâneos”.<sup>679</sup> O documento relata como o primeiro-ministro socialista, Thorvald Stauning, 'expressou a sua própria gratidão e a da nação pelo aumento do esforço voluntário' e ajudou os iniciadores a reunir uma Associação Nacional de Combate ao Desemprego composta por quinze agricultores, empregadores e líderes sindicais proeminentes, com Hvidt como presidente e Nielsen como executivo membro. «Cada sucesso no combate ao desemprego», acrescenta a Revisão, «foi o resultado de um novo espírito. A ação conjunta dos Quinze é outro exemplo de renúncia a fins privados e partidários em favor do serviço nacional. A principal tarefa, portanto, é trabalhar constantemente por aquela mudança no indivíduo em todo o país, que suscita novas qualidades de serviço nacional altruísta.»<sup>680</sup>

Entretanto, no campo internacional, alguns dos políticos que foram influenciados por Buchman estavam entre aqueles que criaram uma organização chamada “Estados de Oslo”. Esta foi uma tentativa dos países mais pequenos da Europa de se unirem para evitar a guerra. O criador do plano foi o ex-primeiro-ministro norueguês, J. L. Mowinckel, que se reconciliou

---

<sup>677</sup> No Hotel Phoenix, Copenhague. Registro inédito de Hans Wenck, do Ministério das Relações Exteriores da Dinamarca, que esteve presente.

<sup>678</sup> Politiken, 14 de agosto de 1938.

<sup>679</sup> Hansard, 20 de março de 1936.

<sup>680</sup> Os métodos utilizados nesta campanha e seus efeitos sociais são descritos em documentos oficiais no final deste capítulo.

com Hambro durante a campanha norueguesa de Buchman. Outro participante foi o Ministro dos Negócios Estrangeiros finlandês, Rudolf Holsti, que, em julho de 1938, disse à imprensa americana que Buchman e o Grupo de Oxford “conseguiram penetrar nos mais altos círculos políticos e económicos, aproximando as pessoas”.<sup>681</sup> Outro, J. A. E. Parijn, o Ministro dos Negócios Estrangeiros holandês, que discursara na manifestação de Utrecht, tinha ido com Buchman à Suécia para preparar a assembleia de Visby.

O editor do *The Spectator*, Wilson Harris, observou em sua coluna pessoal que a cooperação de Hambro e Holsti na Liga das Nações se deveu à sua associação no Grupo de Oxford. Harris escreveu: 'Tal como na sua relação com o Dr. Buchman, os delegados norueguês e finlandês são muito diferentes em outros aspectos. Mas ambos são homens transparentemente honestos.'<sup>682</sup>

Algumas semanas depois da assembleia de Visby, os Ministros dos Negócios Estrangeiros dos sete “Estados de Oslo” reuniram-se em Copenhague. Decidiram trabalhar no sentido de um conceito de neutralidade mais ativo do que, por exemplo, o da Suíça, e esperavam poder confrontar Hitler com uma voz unida. Isto foi acompanhado por um rápido rearmamento na Suécia; mas os Estados de Oslo foram confundidos pelo Pacto Soviético-Nazi e não conseguiram manter a sua unidade nas pressões da guerra.

Alguns grupos, bem como indivíduos, deixaram de trabalhar ativamente com Buchman como resultado do lançamento do Rearmamento Moral. Na



O Rearmamento Moral na Suécia foi lançado na antiga cidade de Visby. ©Arthur Strong/MRA Produções  
[View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>681</sup> New York World-Telegram, 6 de julho de 1938.

<sup>682</sup> 'Caderno de um espectador', *The Spectator*, 15 de dezembro de 1939.

Noruega, por exemplo, alguns que passaram a contar com o conforto espiritual pessoal numa reunião semanal de grupo separaram-se, autodenominando-se *The Old Oxford Group/ O Velho Grupo de Oxford*. Isto também aconteceu em outros países, por vezes numa escala considerável. Alguns sustentaram que a atenção de Buchman a assuntos não puramente pessoais envolvia uma mudança de princípio. A sua própria explicação foi que se o Rearmamento Moral era o carro, o Grupo de Oxford era o motor, e que a mudança individual era a base de ambos.

Outros dissociaram-se porque pensaram que Buchman estava “entrando na política”. Para Buchman, no entanto, o Rearmamento Moral era apenas a realização do objetivo que ele tinha enunciado aos seus alunos na Penn State e Hartford, que ele redefiniu em 1921 como “um programa de vida que emana em termos pessoais, sociais, raciais, nacionais e supranacionais”.<sup>683</sup> 'O Grupo de Oxford', disse ele muitas vezes, 'não tem nada a ver com política, mas tem tudo a ver com política, porque leva à mudança nos políticos.'<sup>684</sup>

A retirada individual que Buchman mais lamentou foi a de seu velho amigo e companheiro de viagem, Sherwood Day, que trabalhou com ele durante vinte e dois anos. Durante o inverno de 1936-7, Day teve pleurisia seguida de pneumonia. Durante a sua lenta recuperação, viu-se reagindo cada vez mais a alguns dos seus colegas, a algumas atitudes, a algumas frases. Seria correto considerar que os alcoólatras não faziam mais parte de sua responsabilidade? A palavra “moral” em “Rearmamento Moral” era enganosa: implicava esforço próprio e um fim em si mesmo? Uma irmandade estava se tornando um estabelecimento? Day finalmente retornou aos Estados Unidos, tornou-se ministro de uma igreja presbiteriana e estabeleceu-se para uma vida de utilidade constante com os indivíduos, deixando de lado conscientemente qualquer tentativa de aplicação mais ampla da crença espiritual. Buchman sentiu falta de Day pessoalmente, mas nunca desafiou seu direito de seguir um caminho diferente.

É claro que houve pessoas que encontraram uma experiência transformadora através do Grupo de Oxford e que sentiram um chamado específico para trabalhar diferente daquele empreendido por Buchman. Um deles é Paul Tournier, o psiquiatra suíço e autor de best-

---

<sup>683</sup> Buchman, pág. 3.

<sup>684</sup> *ibid.*, pág. 33.

sellers.<sup>685</sup> “Devo tudo a ele”, disse ele em 1982: “toda a aventura espiritual que estive em minha vida... minha própria transformação, a transformação de da nossa casa, da nossa vida conjugal e da nossa vida familiar... Devo-lhe toda a minha carreira, toda a nova orientação na compreensão da medicina e no nosso pensamento médico que pude desenvolver.’

Entrevistado em 1978, Tournier disse que Buchman foi o homem “que teve de longe a maior influência sobre mim em toda a minha vida”. Em 1932 era médico generalista, órfão, um homem muito fechado, que achava praticamente impossível estabelecer contacto pessoal com alguém. Conhecer o Grupo de Oxford na Suíça eliminou esse problema e o libertou, junto com sua esposa, para ajudar as pessoas espiritualmente. “Então, em 1937, fui a Oxford, pela única vez, para uma festa em casa”, continuou Tournier. ‘Lá, Frank estava interessado em aplicar nossa experiência pessoal em nossa vida profissional. Tinha uma experiência considerável nesta área, mas mais como uma experiência de laboratório – comecei a provocar mudanças nos pacientes sem ver as consequências para o futuro da medicina. Tive uma convicção muito clara de que Deus queria que eu dedicasse o resto da minha vida a mostrar o efeito da vida espiritual na saúde das pessoas.’

Depois de retornar de Oxford, Tournier enviou uma carta impressa a todos os seus pacientes dizendo que não atuaria mais como um médico comum, mas que estaria disponível para ajudar espiritualmente qualquer pessoa. ‘Perdi praticamente todos os meus pacientes. Depois, lentamente, construí uma clientela completamente nova e, em 1938, comecei a escrever *Médecine de la Personne*<sup>686</sup>, que dediquei a Buchman.’ Tournier tinha tanta convicção sobre essa dedicação que adiou a publicação na Grã-Bretanha por quinze anos, em vez de omiti-la, como desejava seu editor.

‘Meu caminho foi diferente, mas sempre me senti parte integrante da revolução espiritual que Frank trouxe ao mundo. Quando Frank lançou o Rearmamento Moral, admirei a sua coragem em preocupar-se com os políticos e com os assuntos delicados que eles têm de resolver. Penso que os historiadores verão nele o homem que lançou todo um desenvolvimento espiritual da humanidade, e não o fundador do movimento de Rearmamento Moral. Acho que ele era um profeta. Eu o comparo com Wesley e São Francisco. No Ocidente

---

<sup>685</sup> Paul Tournier: *Vivre à l’écoute* (Editions de Caux, 1984), p. 27.

<sup>686</sup> Paul Tournier: *Médecine de la Personne* (Delachaux et Niestlé, 1940, 1983).

puramente racional, ele restaurou o valor das relações humanas irracionais. Por que ele se opôs? Pela mesma razão pela qual Jesus e Seus discípulos se opuseram.'

Malcolm Muggeridge escreve que durante muito tempo ficou intrigado com “a extraordinária hostilidade que o evangelismo cristão de Buchman causou” na Grã-Bretanha. “Sim, ele é americano”, diz ele, “mas Billy Graham também o é, por exemplo, e nunca ouvi pessoas denegrindo Billy em termos tão cruéis como fizeram com Buchman e RAM.

'Uma experiência que tive há alguns anos lançou luz sobre o enigma. Fui eleito pelos estudantes da Universidade de Edimburgo para ser seu reitor e, quando fui a Edimburgo para ser empossado, tive uma recepção maravilhosa. Então, alguns meses mais tarde, a União dos Estudantes pediu-me que apresentasse um pedido ao corpo diretivo da Universidade para que os contraceptivos fossem disponibilizados gratuitamente pela Unidade Médica Universitária. Recusei-me a fazer isso, e fui alvo de abusos, a tal ponto que achei necessário renunciar. Num sermão de despedida na Catedral de St Giles, expliquei por que tinha feito o que fiz e recebi alguns agradecimentos particulares, mas nenhum publicamente. A conclusão a que cheguei foi que numa sociedade libertina qualquer ataque à libertinagem é um anátema... Tom Driberg era um inimigo inveterado do RAM; os leitores da sua autobiografia póstuma perceberão o porquê.<sup>687</sup>

Apêndice do Capítulo 23:

Campanha Dinamarquesa de Combate ao Desemprego

O relato oficial das origens do que viria a ser uma campanha nacional afirma: “Durante 1938, pessoas em contacto com o Grupo de Oxford reuniram-se e consideraram se seria possível activar a iniciativa privada para complementar os esforços públicos.”<sup>688</sup> A ideia, em essência, era que era responsabilidade de todos encontrar trabalho para os outros. 'Quando uma pedra é pesada demais para ser movida', disse o advogado Valdemar Hvidt, 'quebre-a em pequenos pedaços e peça a muitos para carregá-la.' O desemprego era uma questão de consciência para todos, onde cada cidade e aldeia tomaria medidas para encontrar trabalho para os seus próprios desempregados.

---

<sup>687</sup> Malcolm Muggeridge para o autor, 17 de fevereiro de 1985.

<sup>688</sup> I.andsforeningen til Arbejdsløshedens Bekämpfung (LAB), 1 de agosto de 1939- 1 de dezembro de 1965 (Copenhaga, agosto de 1966), p. 12.

O primeiro experimento foi iniciado por Knud Oldenburg, do Departamento de Florestas e Saúde. Oldenburg, por exemplo, formou um corpo voador de pessoas das cidades da Jutlândia que antes eram consideradas desempregadas. Eles desbastaram os bosques que uma geração anterior havia plantado ao longo da costa da Jutlândia para recuperar a terra, trabalho que agora se tornara essencial, mas que os proprietários camponeses não tinham capital para realizar. Esta empresa, que recuperou homens, terras e o que na guerra que se aproximava provou ser um combustível valioso, foi inicialmente financiada voluntariamente, mas muito em breve o Ministério dos Assuntos Sociais, com o acordo sindical, garantiu aos homens um pequeno salário até ao o trabalho tornou-se autossustentável. 'Oldenburg, outrora um homem de grande ambição pessoal, aprendeu a transmutar esta energia em serviço nacional após o seu contacto com o Grupo de Oxford.'<sup>689</sup>

Em dezembro de 1938, Hvidt, Nielsen e seus amigos obtiveram uma entrevista com o primeiro-ministro socialista, Thorvald Stauning. “Conseguimos muito no domínio social e eu esperava que as mudanças sociais tornassem as pessoas responsáveis”, disse ele. 'O que é necessário é a mudança de atitude que você experimentou.' Ele sugeriu pessoas – agricultores líderes, empregadores e dirigentes sindicais – que, se trabalhassem em conjunto, poderiam trazer uma solução. Em 1 de agosto de 1939, foi fundada a Associação Nacional de Combate ao Desemprego (LAB), com Hvidt como presidente e Nielsen como membro executivo. Falando na reunião inaugural em Copenhaga, o Primeiro-Ministro “expressou a sua própria gratidão e a da nação pela onda de esforço voluntário que culminou na Associação e que reuniu para trabalharem homens de todos os campos e classes que anteriormente achavam mais difícil cooperar em qualquer coisa”.<sup>690</sup>

A invasão alemã em 9 de abril de 1940 estimulou a Associação a esforços mais amplos. Cada dinamarquês empregado significava um a menos que poderia ser transportado para trabalhar nas indústrias de guerra alemãs. Muitas iniciativas foram tomadas. Na cidade de Vejle, por exemplo, as pessoas adiaram a pintura das suas casas, enquanto havia vinte e cinco pintores desempregados. Todos estes foram empregados, e a procura de carpinteiros e marceneiros foi tão grande que foram trazidos de outras cidades.<sup>691</sup> Em 1944, em preparação

---

<sup>689</sup> Revisão Escandinava, fevereiro de 1940.

<sup>690</sup> *ibid.*

<sup>691</sup> LABORATÓRIO, pág.21.

para a paz, 100.000 quintas foram visitadas para ver que reparações e melhorias de terra eram necessárias, resultando numa registo de 30.000 empregos adicionais.<sup>692</sup> O LAB continuou em funcionamento, sob a mesma liderança, até 1965, quando, através da melhoria da economia e de outros fatores, o número de desemprego diminuiu de 20,1 por cento na sua formação para 3,7 por cento.<sup>693</sup>

Comentando o pós-guerra, o economista Finn Friis escreveu: “As palavras “mudança de mentalidade” devem ser usadas em conexão com este trabalho. Trouxe uma nova compreensão do valor do trabalhador e está a deixar marcas permanentes na nossa economia do pós-guerra.”<sup>694</sup>

---

<sup>692</sup> *ibid.*, pág. 28.

<sup>693</sup> *ibid.*, p.11.

<sup>694</sup> Martin MSS.

## O REARMAMENTO MORAL TORNA-SE PÚBLICO

De Visby, Buchman mudou-se para Interlaken, na Suíça, onde convocou uma assembleia internacional para o Rearmamento Moral. Oxford era agora não apenas muito pequena, mas também muito distante do centro dos acontecimentos. A assembleia abrangeu os primeiros doze dias de setembro de 1938, quando a Europa parecia estar à beira da guerra, na sequência das ameaças de Hitler à Checoslováquia. “Nós nos propusemos a difícil tarefa de tentar liquidar o custo da amargura e do medo, que aumenta diariamente”, disse Buchman no início. «As probabilidades estão aparentemente contra nós, mas tal como os indivíduos são libertados das suas celas de prisão da dúvida e da derrota, também é possível que as nações sejam libertadas das suas celas de prisão do medo, do ressentimento, do ciúme e da depressão...»<sup>695</sup>

Em todas as reuniões ele se esforçou para demonstrar isso através de exemplos vivos. Um dia, japoneses e chineses conversavam lado a lado; em outro, franceses e alemães, ou suecos e tchecos, conservadores e marxistas, pretos e brancos. Todos descreviam, a partir da sua própria experiência, como o medo e a ganância poderiam ser superados ou como os abismos do ódio nacional e racial poderiam ser superados. O próprio Buchman, contrariamente ao seu costume, falava dia após dia. Embora normalmente ele fizesse apenas um ou dois discursos importantes por ano, em meados de 1938 ele fez doze em seis meses.

O mais controverso e citado há muito tempo - ou mal citado - entre eles intitulava-se “Orientação ou Armas”.<sup>696</sup> “O mundo está numa encruzilhada”, começou ele. 'A escolha é orientação ou armas. Devemos ouvir a orientação ou ouviremos as armas.

'Todo homem em cada país deveria ouvir a orientação. Na indústria, na oficina, na vida da nação, no Parlamento, o normal é ouvir Deus. Cada nação expressa isso à sua maneira – mas todas controladas e guiadas por Deus. Assim, com a liderança de Deus, todos se entenderão. Aqui nesta filosofia está a paz duradoura, e somente aqui.’<sup>697</sup>

<sup>695</sup> Buchman, pág. 60.

<sup>696</sup> Certos críticos citaram erroneamente o título como 'Orientação, não armas', implicando que Buchman era contra o rearmamento das democracias; cf. indo para o Capítulo 5 de O Mistério do Rearmamento Moral de Driberg.

<sup>697</sup> *ibid.*, pp. 62-4.

Um jovem suíço perguntou-lhe se seria possível impedir o início da guerra. ‘Não sei’, respondeu ele. “Mas se houver cinquenta homens em cada país que se entregarem totalmente, conseguiremos sobreviver.”<sup>698</sup>

À medida que a crise se aprofundava, os delegados da Assembleia foram chamados para as forças armadas das suas diferentes nações. O discurso de encerramento de Buchman tratou da mobilização moral massiva necessária para “responder à dolorosa fome da humanidade pela paz e por um novo mundo”.<sup>699</sup> Depois, outros delegados partiram para casa. Enquanto Gudrun Egebjerg, a jornalista dinamarquesa, almoçava na estação ferroviária, pouco antes de o trem partir para cruzar a Alemanha até a Dinamarca, um carro parou.

'Buchman foi direto para a nossa mesa', ela lembrou mais tarde, 'e me disse: "Você parecia tão triste esta manhã. Só quero deixar isto com você: 'Posso fazer todas as coisas em Cristo que me fortalece.' Adeus”, e ele se foi.

“Eu nunca tinha visto esse lado de Frank antes”, acrescentou a Srta. Egebjerg. 'O líder, o estadista que conheci. O

riso alegre e caloroso, a nitidez e o desafio; mas nunca esta compaixão simples e profunda, reservando um dia inteiro para atravessar a cidade e dizer uma última palavra, só porque se lembrava de um rosto sombrio. Foi um dos muitos incidentes desse tipo. Outro participante da Assembleia, General C. R. P. Winsler, observou: 'Longe de estar obcecado pela crise, Buchman pensava em tudo e em todos.'



O Ministro das Relações Exteriores da Holanda fala aos delegados da Liga das Nações. Extrema direita: Buchman e Carl Hambro, presidente do Parlamento norueguês. ©Arthur Strong/MRA Produções  
[View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>698</sup> Spoerri, *Dinâmica fora do silêncio*, pp. 127-8.

<sup>699</sup> Buchman, pp. 65-7.

Buchman levou uma equipe a Genebra para um almoço a convite dos delegados da Liga, que Hambro entregou pessoalmente em Interlaken. O almoço foi realizado em 15 de setembro de 1938, dia em que Chamberlain voou para se encontrar com Hitler em Berchtesgaden. Os anfitriões de Buchman foram quatro importantes delegados políticos da Liga<sup>700</sup> e diplomatas de cinquenta e três países estiveram presentes. Hambro apresentou Buchman e os seus colegas aos seus colegas diplomatas: “Onde falhamos na mudança da política, eles conseguiram mudar vidas e dar aos homens e às mulheres uma nova forma de viver.”<sup>701</sup>

Patijn, agora Ministro dos Negócios Estrangeiros holandês, contou como a tensão cresceu entre o seu país e a Bélgica, enquanto ele era embaixador lá. O Tribunal Internacional de Haia decidira contra os Países Baixos num caso vital, e ele próprio ficara incomodado com a forma como certos jornais belgas noticiaram o caso, fazendo com que os Países Baixos parecessem ridículos. «Naquela altura», continuou ele, «tive de discursar num jantar importante em Bruxelas. Foi sugerido que eu deveria falar sobre o caso. Recusei resolutamente. Mas pouco antes de responder ao brinde, tive a convicção de que deveria me referir à disputa. Elogiei meus anfitriões pelo sucesso e disse que no futuro deveríamos ser melhores amigos. A partir desse dia, todos os comentários amargos contra o meu país cessaram.' 'O fato de ter sido capaz de fazer tal discurso', acrescentou Patijn, 'foi apenas devido à minha profunda convicção de que estava muito mais de acordo com a vontade de Deus do que o discurso que eu anteriormente desejava fazer.’<sup>702</sup>

O Journal de Genève publicou nesta ocasião um suplemento de quatro páginas e o editor, Jean Martin, enviou-o aos seus colegas editores em muitos países. “Aconteça o que acontecer na Europa”, escreveu-lhes, “o Rearmamento Moral continua a ser a única resposta às crises recorrentes e o único fundamento para a paz permanente.”<sup>703</sup>

Munique, com a sua tentativa de conter o impulso de Hitler, apaziguando-o, veio e foi embora. Buchman ficou aliviado, tal como a maioria das pessoas, com a remoção da ameaça imediata de guerra, mas não achava que nada de fundamental tivesse sido alcançado.

---

<sup>700</sup> C. J. Hambro, J. A. E. Patijn, N. W. Jordan da Nova Zelândia e V. V. Pella da Romênia.

<sup>701</sup> *ibid.*, pág. 68.

<sup>702</sup> *ibid.*, pp. 77-8.

<sup>703</sup> Jean Martin para outros editores, 8 de outubro de 1938.

Ele considerou isso como uma trégua em que o rearmamento moral e espiritual deveria ser levado adiante em paralelo com o aumento do rearmamento material.

O discurso de Buchman em East Ham, entretanto, estimulou uma série de cartas no *The Times*. A primeira foi de trinta e três membros do Parlamento de todos os partidos, que apontaram a “cruzada do Grupo de Oxford pelo Rearmamento Moral” como “urgentemente necessária”.<sup>704</sup>

Em 10 de Setembro, à medida que a diplomacia se tornava cada vez mais frenética, esta carta foi seguida por uma intitulada "Rearmamento Moral - a Necessidade do Momento", assinada por dezessete figuras públicas, incluindo o antigo Primeiro-Ministro Lorde Baldwin, dois Marechais de Campo, um Almirante de Frota e Lorde Trenchard, o criador da *Royal Air Force*: 'A força de uma nação consiste na vitalidade dos seus princípios. A política, tanto externa como interna, é para cada nação determinada, em última análise, pelo carácter do seu povo e pela inspiração dos seus líderes; pela aceitação nas suas vidas e na sua política de honestidade, fé e amor como fundamentos sobre os quais um novo mundo pode ser construído. Sem estas qualidades, os armamentos mais fortes, os pactos mais elaborados, apenas adiam a hora do acerto de contas...

'O Espírito Vivo de Deus chama cada nação, como cada indivíduo, para o seu destino mais elevado, e derruba as barreiras do medo e da ganância, da suspeita e do ódio. Este mesmo Espírito pode transcender sistemas políticos conflitantes, pode reconciliar a ordem e a liberdade, pode reacender o verdadeiro patriotismo, pode unir todos os cidadãos ao serviço da nação, e todas as nações ao serviço da humanidade. “Seja feita a tua vontade na terra” não é apenas uma oração por orientação, mas um apelo à ação. Pois Sua Vontade é a nossa Paz.<sup>705</sup>

Lorde Salisbury, que assinou e participou na elaboração desta carta, esperava que “os líderes alemães a lessem”.<sup>706</sup> Assim, não só foram enviadas cópias a Lorde Stamp, um dos signatários que estava na Alemanha na altura, mas também ao General Winser telefonou para Lorde Redesdale, atualmente convidado de Hitler em Berlim, que prometeu lê-lo ao seu

---

<sup>704</sup> The Times, 1º de setembro de 1938.

<sup>705</sup> *ibid.*, 10 de setembro de 1938.

<sup>706</sup> Dito a Roland Wilson, que transmitiu a carta, com a carta de apresentação de Salisbury, de Cranborne para o The Times.

anfitrião. A carta foi impressa em todo o mundo e comentada favoravelmente em alguns jornais austríacos e italianos.

Os líderes nacionais suíços e holandeses instigaram as suas próprias campanhas de rearmamento moral. O apelo holandês foi assinado pelo Comandante-em-Chefe do Exército, pelo Chefe do Estado-Maior-Naval, pelo Presidente do Supremo Tribunal e por vários ex-ministros e governadores das Índias Orientais Holandesas.<sup>707</sup> A Rainha Guilhermina descreveu este apelo para seu Ministro dos Negócios Estrangeiros como “uma campanha contra o derrotismo”.<sup>708</sup> A Rainha emitiu uma Palavra Pessoal à Nação três semanas depois, sublinhando que “a nossa civilização, embora sustentada pelo reforço da nossa força militar”, não poderia evitar a destruição sem “a convicção que foi expresso neste apelo ao rearmamento moral e espiritual”.<sup>709</sup> Quando o Rei Leopoldo dos Belgas fez uma visita de Estado à Holanda, ele falou da 'aproximação e cooperação das nossas duas nações' desenvolvendo e ganhando solidariedade e força 'ao serviço deste ideal'.<sup>710</sup>

O apoio público ao Rearmamento Moral na Grã-Bretanha estava a crescer. Dezesete líderes sindicais nacionais, incluindo o atual e três ex-presidentes do Congresso Sindical, escreveram que “representava o espírito dinâmico dos melhores dos primeiros líderes trabalhistas e que devia ser recriado”.<sup>711</sup> Grupos de líderes cívicos e jornalistas, e trinta e sete esportistas de ponta, seguiram. Catorze escoceses proeminentes<sup>712</sup> e líderes de cidades como Liverpool<sup>713</sup> aderiram. No Dia do Armistício, o Conde de Athlone e seis outros<sup>714</sup> escreveram sobre a prontidão da Grã-Bretanha ao longo da sua história “para enfrentar crises recorrentes com a coragem que cada um exigia”. “Mas a crise espiritual permanece”, continuaram. 'A nação e o Império devem resistir ou cair devido à nossa resposta a esse chamado. A escolha é o rearmamento moral ou a decadência nacional.'<sup>715</sup> O apelo foi atendido pelo Governador-

---

<sup>707</sup> 19 de setembro de 1938 em todos os jornais holandeses.

<sup>708</sup> J. A. Patijn para Buchman, 3 de outubro de 1938.

<sup>709</sup> 10 de outubro de 1938. Não está claro se a Rainha percebeu que toda esta campanha teve origem no discurso de Buchman em East Ham.)

<sup>710</sup> 21 de novembro de 1938.

<sup>711</sup> Manchester Guardian, 26 de setembro de 1938. O mesmo grupo publicou um segundo manifesto em 24 de Outubro, que apareceu no The Times e noutros jornais.

<sup>712</sup> O escocês, 30 de novembro de 1938.

<sup>713</sup> Liverpool Post, 11 de novembro de 1938.

<sup>714</sup> Almirante da Frota Sir Osman Brock, Visconde FitzAlan de Derwent, o autor Ian Hay, Lord Howard de Penrith, Major-General Sir Frederick Maurice e Lord Rennell de Rodd.)

<sup>715</sup> Os tempos, 11 de novembro de 1938.

Geral da Austrália, Lorde Gowrie,<sup>716</sup> e pelos líderes nacionais e pela imprensa em muitas partes da Commonwealth. Em 10 de Outubro, Buchman escreveu ao Rei Jorge da Grécia: “O Rearmamento Moral está a tornar-se um ponto de encontro para as democracias darem uma resposta à provocação dos ditadores de que as democracias não têm nenhum plano.”<sup>717</sup>

A ideia do Rearmamento Moral tinha, de fato, despertado a imaginação de muitos dirigentes, que viam nela a expressão de uma exigência essencial para a preservação da paz. A urgência da situação levou muitas pessoas, conhecidas e desconhecidas de Buchman, a agir. Ele não teve nada a ver com as cartas em si, e Patijn, entre outros, agradeceu-lhe por sua disposição em permanecer em segundo plano.

Na Grã-Bretanha, após prolongada pressão pública, Buchman foi convidado pela primeira vez para falar na BBC,<sup>718</sup> embora o Diretor de Religião, F. A. Iremonger, tentasse manter algum controle e reprovasse o uso da palavra “mudança”,<sup>719</sup> para não disponível. Lorde Salisbury liderou a exigência, encorajado pelo Arcebispo Lang, que estava satisfeito por estar a tentar fazer com que a BBC “fizesse algum tipo de reparação pelo erro bastante grave que causou ao Movimento através do registo daquele infeliz almoço de Foyle”.<sup>720</sup> Buchman enviou a Salisbury o rascunho da palestra, que intitulou “Caos Contra Deus”, para sua opinião. “Admirei muito seu discurso”, escreveu Salisbury. 'Posso dizer que acho que você colocou a ordem do despertar espiritual da maneira certa - primeiro o indivíduo, depois a sociedade e, por último, as relações internacionais... Acho que a frase, "A ditadura do Espírito Santo", é uma frase notável que persistirá. No geral, é uma declaração muito impressionante.'<sup>721</sup>

O Arcebispo Lang enviou uma mensagem de felicitações a Buchman pelo seu sexagésimo aniversário, em Junho, “pelo grande trabalho que conseguiu realizar ao colocar multidões de vidas humanas em todas as partes do mundo sob o poder transformador de Cristo”.<sup>722</sup> No início de outubro, o Arcebispo fez uma emissão apelando ao arrependimento

---

<sup>716</sup> 11 de novembro de 1938.

<sup>717</sup> Buchman ao rei Jorge da Grécia, 10 de outubro de 1938.

<sup>718</sup> Numa série sobre 'A Validade da Experiência Religiosa', transmitida em 27 de novembro de 1938.

<sup>719</sup> Rev. F. A. Iremonger para Buchman, 25 de novembro de 1938.

<sup>720</sup> Arcebispo Lang para Lord Salisbury, 28 de julho de 1937.

<sup>721</sup> Lord Salisbury para Buchman, 20 de novembro de 1938.

<sup>722</sup> Mensagem do Arcebispo Lang a Buchman para 4 de junho de 1938, assinada em Lambeth em 24 de maio de 1938.

nacional e ao regresso à vontade de Deus, na qual se referiu às declarações apelando ao Rearmamento Moral: 'Todos, de uma forma ou de outra, insistem que o que é mais necessário na nossa vida pessoal, civil, industrial e internacional é, para citar a carta dos deputados, "uma re-dedicação do nosso povo às virtudes elementares da honestidade, do altruísmo e do amor que muitos de nós permitimos que ocupassem um lugar secundário lugar; a sujeição, como uma vez nos lembrou o Ministro das Relações Exteriores, de cada parte do nosso ser ao serviço de Deus"... Os lugares-comuns do púlpito podem começar a dar frutos se se tornarem as convicções dos homens no Parlamento, nos cargos e nas fábricas - do "homem da rua". Grupos de homens e mulheres unidos em tal lealdade à liderança de Cristo no meio da nação iriam... levedar gradualmente toda a massa. Aqui está a forma mais elevada e profunda de serviço nacional.'<sup>723</sup>

Em novembro daquele ano, Buchman discursou em um almoço no *National Trade Union Club*, do qual George Light era agora presidente. Ele sentou-se entre Ben Tillett e Tom Mann, os lendários líderes da Londres Dock Strike de 1889. Ambos se tornaram grandes amigos dele, e Tillett mais tarde entrou na lista quando Buchman foi criticado no *Daily Telegraph*.<sup>724</sup> Ele disse sobre ele: 'Gosto de Frank Buchman... Ele é um grande homem porque ama seus semelhantes' e, durante sua última doença, enviou a Buchman uma mensagem verbal: "Diga-lhe para continuar lutando. Dê-lhe meu amor e diga-lhe que lhe desejo boa sorte. Diga a ele: você tem um grande movimento internacional. Use-o. É a esperança de amanhã. O seu movimento trará a sanidade de volta ao mundo.'<sup>725</sup>

Questionado pela *Press Association* sobre uma mensagem de Ano Novo, Buchman tentou colocar sua mensagem em termos compreensíveis para todos naquele momento específico. As iniciais ARP (*Air Raid Precautions*) já eram familiares a todos na Grã-Bretanha, à medida que trincheiras eram cavadas e abrigos instalados em parques e quintais. Alguém sugeriu que o Rearmamento Moral e Espiritual era complicado e poderia ser abreviado para RAM. Buchman aceitou imediatamente esta ideia, tal como tinha tomado a frase original de Blomberg. 'RAM', começou ele a sua mensagem de Ano Novo, 'é a resposta aos sombrios pressentimentos e medos de 1939. RAM é tão essencial como ARP e elimina o

---

<sup>723</sup> Transmissão nacional pelo Arcebispo Lang, 2 de outubro de 1938.

<sup>724</sup> *Daily Telegraph*, 12 de março de 1941.

<sup>725</sup> George Light: *Ben Tillett, Fighter and Pioneer*, discursos e homenagens com prefácio de Lord Sankey (Blandford, 1943), pp. 12-13.

medo. RAM é uma mercadoria para todos os chefes de família... É propriedade de Deus... Significa Deus no controle pessoal e nacional. Significa o conhecimento e a informação exata que a orientação de Deus traz.<sup>726</sup>

O RAM também estava sendo promovido na Grã-Bretanha por Bunny Austin, o atual ídolo do tênis britânico.<sup>727</sup> Austin conheceu Buchman seis anos antes, enquanto jogava tênis no sul da França. Convenceu-se de que as ideias de Buchman eram a melhor esperança para manter a paz na Europa, algo que o preocupava muito, embora não conseguisse encontrar qualquer forma prática de ação. Quando retornou a Londres, porém, encontrou resistência determinada de sua esposa, a atriz, Phyllis Konstam. Para manter a paz em casa, ele cedeu e, além do encontro no almoço no Foyle, viu pouco Buchman e seus amigos. Ele, no entanto, continuou a acreditar na abordagem de Buchman e, quando a crise de Munique explodiu, decidiu que deveria seguir a sua consciência, aconteça o que acontecer, e juntar-se a eles.

“O impacto total da crise veio à minha mente quando, no dia 11 de setembro de 1938, um guarda nos chamou com máscaras de gás”, escreveu mais tarde.<sup>728</sup> “Ele disse que o nosso bebê teria de ter uma tenda à prova de gás. De repente, percebi que meus pressentimentos de seis anos antes haviam se tornado realidade. E o que eu fiz sobre isso? Fui informado de uma resposta - e me afastei, traindo o que havia de melhor em mim mesmo, traindo minha esposa e traindo meus semelhantes. Pois acredito que se os inúmeros ingleses como eu, que conheceram o Grupo no início dos anos trinta, tivessem aceitado de todo o coração o seu desafio, poderia ter havido um tal endurecimento do moral que Hitler nunca teria duvidado da nossa vontade de lutar. Do jeito que aconteceu, nós, na Grã-Bretanha, havíamos caminhado para a guerra, sem vontade de enfrentar o que a Alemanha estava fazendo, embora isso tenha sido explicado para nós no Mein Kampf.’

O primeiro pensamento de Austin foi mobilizar esportistas em prol do Rearmamento Moral. Daí a carta deles ao *The Times*. Com George Eyston, o piloto de corrida, ele falou para 58.000 espectadores no intervalo da partida Arsenal x Chelsea, apresentada pelo técnico do Arsenal, George Allison. Ações semelhantes foram tomadas em outras partes do país. Então Austin produziu um livro contendo os apelos ao Rearmamento Moral em vários países,

---

<sup>726</sup> Buchman, pp. 85-6. 'MRA' agora passou para uso geral.

<sup>727</sup> E ainda, enquanto escrevo, o último inglês a chegar à final masculina em Wimbledon.

<sup>728</sup> Austin e Konstam, pp. 98-9.

juntamente com histórias pessoais vívidas dele mesmo, do líder desempregado Bill Rowell e de outros. O trabalho no livro começou em 1º de dezembro; foi impresso e chegou às livrarias no dia 14 de dezembro. “Eu estava acostumado a me mover com velocidade em uma quadra de tênis”, comenta Austin; 'Eu não estava acostumado a me mover com essa velocidade! O livro vendeu rapidamente. Foi divulgado em dez mil cartazes por todo o país, doados pelas agências de publicidade. A primeira edição de 250.000 exemplares logo se esgotou. O segundo quarto de milhão foi impresso.<sup>729</sup> Para anunciar o livro, o símbolo RAM foi impresso em milhões de tampas de garrafas de leite.

O Rearmamento Moral, disse o Arcebispo Lang na sua transmissão de Ano Novo, “pegou em toda a Grã-Bretanha”. Mas não foi sem lutas. Bill Jaeger relatou do leste de Londres: 'Will Jacob (um agente do Partido Trabalhista), o conselheiro George Moncar e a conselheira Sra. Brignell foram levados perante seu Comitê Ward sobre uma moção de que eles não poderiam estar no Partido Trabalhista e no Grupo de Oxford ao mesmo tempo ...a moção foi derrotada por oito votos a seis. Tod Sloan foi recentemente assaltado à porta de sua casa por três líderes do Partido Comunista e contou-lhes o que pensavam dele durante uma hora e meia.<sup>730</sup>

O Rearmamento Moral também estava, segundo Buchman, enfrentando “oposição persistente de certas pessoas religiosas convencionais”. A oposição centrou-se em torno da 'fraseologia', sendo a objeção de que as cartas na imprensa não mencionavam suficientemente o nome de Cristo. A um velho amigo que levantou essas críticas, Buchman escreveu: 'Temo que seus informantes não tenham compreendido a verdade que está por trás do RAM... Veja o final da carta de Baldwin: a quem "Sua Vontade" se refere senão a Cristo? Afinal, quem nos rearma? Temos de nos lembrar, contudo, que se quisermos chegar aos estadistas, temos de colocar a nossa verdade na linguagem dos estadistas. Os padrões cristãos de honestidade, pureza, altruísmo e amor – estas são as pedras fundamentais do Estado... Agora, para um homem, ser honesto não é todo o evangelho - isso é verdade - mas é um lugar onde certas pessoas podem começar e onde certas nações têm de começar se quiserem desafiar o pensamento do mundo.<sup>731</sup>

---

<sup>729</sup> *ibid.*, pág. 103.

<sup>730</sup> William Jaeger para Buchman, 3 de janeiro de 1939.

<sup>731</sup> Buchman para Arthur Kirby, 20 de janeiro de 1939.

À medida que a campanha se fortaleceu e as semanas passaram, a imprensa americana passou a ter um interesse cada vez maior. “Na América, devem ser notados os primórdios do reconhecimento da necessidade de rearmamento moral”, escreveu David Lawrence, editor do *United States News*<sup>732</sup>. “Mas na Grã-Bretanha o movimento atingiu proporções verdadeiramente sensacionais.”<sup>733</sup> Convites para participar. O lançamento do Rearmamento Moral de forma mais ampla na América veio de muitas fontes. Um grupo de congressistas telegrafou: 'Washington responde ao Rearmamento Moral. O crescente interesse aqui na experiência britânica com o RAM...'<sup>734</sup> Mais tarde, um redator do *Saturday Evening Post* até escreveu que era "provavelmente verdade que, tanto quanto qualquer outra agência, o Rearmamento Moral havia avançado o programa de preparação militar da Inglaterra no lado não militar." A isso se deve uma parte importante do crédito pelo fato de, desde Munique, a moral britânica ter melhorado pelo menos tão rapidamente como a máquina de combate britânica.<sup>735</sup>

Durante estes meses na Grã-Bretanha, a atenção de Buchman também se concentrou em dois assuntos internos. A primeira foi a necessidade de encontrar uma nova sede para o seu trabalho. Quando, em 1937, ano da coroação do rei George VI, o Brown's Hotel não pôde mais fornecer as taxas reduzidas negociadas na Depressão, foram ocupados escritórios temporários e um apartamento próximo. Somente em 1938 o problema foi resolvido com a compra do número 45 de Berkeley Square<sup>736</sup>, como centro de hospitalidade e administração. A casa foi a residência de Lorde Clive da Índia e suas salas de recepção, projetadas por Sir William Kent e Sir William Chambers, eram ideais para reuniões e entretenimento em grande escala. O conde de Powys, Lorde Clive, concordou com o uso do nome 'Clive House', embora lamentasse que, tanto quanto sabia, a tradição de que o fantasma de Lorde Clive aparecia de vez em quando não tinha fundamento.

No sexagésimo aniversário de Buchman, em junho de 1938, enquanto ainda não havia móveis ou tapetes na casa e nada além de juta nas paredes, um jantar para 200 pessoas foi oferecido para ele lá. Foi uma ocasião que refletiu seus anos na Grã-Bretanha. O cockney de

---

<sup>732</sup> Mais tarde Notícias dos EUA e Relatório Mundial.

<sup>733</sup> Notícias dos Estados Unidos, 24 de novembro de 1938.

<sup>734</sup> Citado em carta de Buchman a Lord Salisbury, 3 de março de 1939.

<sup>735</sup> Postagem de sábado à noite, agosto de 1939.

<sup>736</sup> Um arrendamento da casa por 99 anos foi comprado por £ 35.000 e era propriedade do Grupo de Oxford.

cabelos brancos, Tod Sloan, sentou-se ao lado de Lady Antrim. Sloan foi um dos poucos oradores. “Em Tidal Basin”, disse ele, “as pessoas estão realmente famintas por esta nova liderança. Existem muitas casas em West Ham, East Ham, Barking, Ilford e Dagenham onde famílias inteiras vivem esta qualidade de vida. Devemos garantir que o seu significado seja mantido intacto, que permaneça uma vontade viva, amorosa e obediente de restaurar a liderança de Deus e não apenas palavras para usar como slogan.’

Buchman lembrou seus primeiros dias em Cambridge, quando sentiu que Deus lhe havia prometido um renascimento da vida cristã na Grã-Bretanha dentro de dez anos. 'Não havia Brown's naquela época; apenas meus joelhos', disse ele. Agora ele estava ansioso para usar esta nova casa como uma “embaixada espiritual” no centro de Londres.

A outra questão prática também remonta a 1937, quando um velho amigo deixou um legado de 500 libras ao Grupo de Oxford. Os legados anteriores foram pagos sem questionamentos, mas desta vez os parentes contestaram o pagamento e, quando chegou ao tribunal, o Sr. Juiz Bennett decidiu que o legado deveria fracassar porque não existia nenhum órgão definível por lei como 'o Grupo de Oxford'. Até então tudo se desenvolveu informalmente. Os laços pessoais eram a base das relações comerciais do Grupo, as contas eram mantidas por pessoas responsáveis e a Receita Federal reconhecia o estatuto dos trabalhadores voluntários. Agora ficou claro que uma entidade legal teria de ser criada.

Buchman lamentou a necessidade. Quando a mesma questão surgiu dois anos mais tarde na América, ele comentou: 'Parece que teremos de incorporar. Sempre tivemos a alegria de receber dinheiro e poder repassá-lo a quem precisa exatamente dessa ajuda. Mas talvez isso não possa mais ser feito dessa maneira. Ainda tem que ser um assunto de grupo - cada um preferindo um ao outro em termos de honra. Parece ter sido com este espírito que ele aceitou a necessidade de incorporação legal na Grã-Bretanha, sem alterar nada de essencial na sua forma de trabalhar. Os trabalhadores a tempo inteiro continuaram, tal como ele, a não receber salário, mas a avançar e a funcionar com os seus próprios recursos, se os houvesse, e com a sua própria fé e oração. Ele continuou a não tolerar nenhuma hierarquia, nenhuma filiação, nada sectário; a única membresia era da igreja de escolha da pessoa, e não do Grupo de Oxford ou do Rearmamento Moral.

Tendo decidido pela incorporação da forma mais simples condizente com uma empresa de caridade sem fins lucrativos, surgiu a questão do nome. O uso público do nome

'Grupo de Oxford' durante dez anos tornou-o, para Buchman, o único candidato, de modo que um pedido de incorporação com esse nome foi enviado à Junta Comercial. AP Herbert, como representante sênior da Universidade no Parlamento, apresentou uma moção oficial do órgão dirigente da Universidade, o Conselho Hebdomadal, opondo-se ao uso desse nome. Herbert também teve outro apoio. Uma carta chegou a ele em nome da União de Oxford, assinada por seu presidente, Edward Heath, enquanto o diretor do New College, H. A. L. Fisher, considerava "intolerável que Oxford fosse responsabilizada por este Exército de Salvação para esnobes".<sup>737</sup>

Herbert afirmou que não tinha nada contra o Grupo, exceto o uso da palavra 'Oxford' - 'Não estou dizendo nada contra o Grupo de Oxford: pode ser a melhor coisa do mundo. Mas não vem, no verdadeiro sentido da palavra, de Oxford.'<sup>738</sup> Ele levou o assunto às colunas de correspondência do *The Times*, apoiado pelo Bispo Henson, A. L. Rowse e outros. Lorde Hugh Cecil, irmão mais novo de Lord Salisbury e antecessor de Herbert como membro do Parlamento pela Universidade, no entanto, teve uma opinião contrária. "O Grupo quer um nome", escreveu ele. "Eles querem isso para fins puramente práticos... O nome "Oxford" é, na verdade, de uso coloquial e popular; deveria, portanto, também ter uso legal... Quanto aos sentimentos oxonianos do Sr. Herbert e outros, não posso levá-los muito a sério, embora esteja ligado a Oxford desde que era estudante de graduação e era Burgess, pois esqueci quantos anos. Os sentimentos do Sr. Herbert ficam indignados quando seu sapateiro fala de "Sapatos Oxford"?..."<sup>739</sup>

A Junta Comercial indicou que seria útil ter uma expressão de opinião de membros da Universidade que fossem a favor do uso do nome. Buchman acolheu bem a oportunidade, encarando a controvérsia, como sempre, como uma oportunidade de tornar o trabalho que estava tentando fazer mais amplamente compreendido. Ele foi para Oxford com vários de seus trabalhadores em tempo integral treinados em Oxford e dirigiu uma campanha, usando os temas acordados entre ele e Sir Michael Sadler quatro anos antes. Lorde Hugh Cecil foi um dos primeiros signatários.<sup>740</sup> Seguiram-se membros de vinte faculdades, catorze bispos,

---

<sup>737</sup> Citado em Reginald Pound: A. P. Herbert (Michael Joseph, 1976), pp. 155-6.

<sup>738</sup> A.P. Herbert para 'Prezado Senhor', 17 de fevereiro de 1939.

<sup>739</sup> Os tempos, 8 de junho de 1939.

<sup>740</sup> Suas ações levantam dúvidas sobre a declaração de Kenneth Rose (The Later Cecils, p.95) de que, por ter recusado um convite para uma festa em casa, Lord Hugh era "suspeito" do Grupo Oxford. No entanto, como os documentos de Hatfield não são disponíveis para pesquisa, não posso chegar a nenhuma conclusão final.

o Orador Público e mais uma centena de homens de Oxford proeminentes na vida da nação. Um membro sênior do Conselho Hebdomadal retirou seu nome da moção de Herbert, dizendo que ele havia sido informado de forma inadequada, e quatro diretores de faculdades pediram reconsideração. O professor J. W. Mackail respondeu a uma reclamação ao ingressar na lista de Buchman: 'Sua carta foi recebida. Posso pedir-lhe que leia os Atos dos Apóstolos?' No entanto, o Conselho Hebdomadal manteve a sua oposição e, sem dúvida, levou consigo a maioria dos seniores de Oxford.

Em 17 de março de 1939, Herbert transferiu a disputa para a Câmara dos Comuns, mas obteve apenas cinquenta nomes para sua moção no Documento de Ordem, contra oitenta e quatro que assinaram a moção contrária de Sir Cooper Rawson. Duzentos e trinta e dois deputados enviaram então uma petição ao Ministro em apoio ao Grupo de Oxford. No dia 4 de junho, após a partida de Buchman para a América, o Presidente da Junta Comercial, Oliver Stanley, decidiu a favor do Grupo.<sup>741</sup>

Herbert lançou-se então no que mais tarde descreveu como a sua “longa, solitária e – deve-se confessar – batalha perdida contra os buchmanistas”.<sup>742</sup> Ele atacou Buchman na imprensa como “um pregador excêntrico americano” e “um estrangeiro que deveria ser banido da Grã-Bretanha como uma farsa”.<sup>743</sup> Quando na Câmara dos Comuns, ele chamou Buchman e seus colegas de “fraudadores arrogantes”, ele foi repreendido pelo Presidente da Câmara.<sup>744</sup> Ele então anunciou que iria “perseguir os piratas até que eles derrubassem a nobre bandeira que roubaram”,<sup>745</sup> uma promessa que o levaria a acusações mais amplas e selvagens nos anos seguintes. Até que ponto o humorista cedeu ao ativista é ilustrado por uma história contada por seu colega do Punch, Anthony Armstrong, e registrada na biografia de Reginald Pound: 'A.P.H. e A.A. Certa tarde, ele havia ido a um clube em Covent Garden muito frequentado por jornalistas. Poucos minutos depois de chegarem ao clube, um homem bem-

---

<sup>741</sup> Como uma entidade sem fins lucrativos com fins de caridade, foi dada permissão para omitir a palavra Limitada de seu título incorporado. O Contrato Social foi redigido no formato então padrão para uma instituição de caridade cristã, mas sua redação foi contestada pelo Receita Federal em 1949, no que se tornou um caso de teste. O status de instituição de caridade foi concedido após uma ligeira reformulação e centenas de outras instituições de caridade, muitas das quais funcionaram durante décadas sob a redação original, seguiram o exemplo. O trabalho de Buchman foi, nos anos subsequentes, incorporado em muitos países.

<sup>742</sup> A.P. Herbert: Membro Independente (Methuen, 1970), p. 133.

<sup>743</sup> Domingo Pictórico, 2 de julho de 1939.

<sup>744</sup> Hansard, 1939, lote 1099-1100.

<sup>745</sup> Domingo Pictórico, 2 de julho de 1939.

educado sentado em um banco do bar mencionou Buchman. A.P.H. paralisou a vida do lugar ao enfurecer-se com o homem como se ele fosse um questionador ofensivo em uma reunião pública. O pobre homem foi totalmente subjugado pelo ataque que, diz Armstrong, continuou por “uns bons vinte minutos, altura em que já parti”, privado da sua esperança de um interlúdio sociável com um contemporâneo admirado.<sup>746</sup>

Na Grã-Bretanha, o nome 'Grupo de Oxford' continua sendo o nome oficial do órgão incorporado. Mas, tal como Sir Michael Sadler previra, o crescimento já começava a tornar o nome demasiado limitado. Nos quase dois anos entre o pedido de incorporação e a sua confirmação pela Junta Comercial, a campanha do Grupo pelo Rearmamento Moral tornou-se tão conhecida em todo o mundo que a nova frase tornou-se cada vez mais usada no dia-a-dia dos romances.

Na época da decisão da Junta Comercial, Buchman já estava de volta à América há três meses. Em 4 de março de 1939, ele partiu para Nova York com vinte colegas britânicos, bem como outros do continente. «Amo a Inglaterra e estou rodeado de amigos fiéis», escreveu ele na altura, «mas também estou ansioso por obedecer ao apelo da América, uma América que conhecerá a sua verdadeira liberdade e democracia. Meu espírito ainda é jovem, embora sessenta anos ou mais tenham me dominado! Ainda estou ansioso pela briga.<sup>747</sup>

Ele planejava voltar em três meses; mas passaram-se sete anos até que ele voltasse a pisar na Grã-Bretanha.

---

<sup>746</sup> Libra, pág. 156.

<sup>747</sup> Buchman anon., 1939 (Martin MSS).

## 'A AMÉRICA NÃO TEM SENTIDO DO PERIGO'

Buchman ficou chocado com Nova York. “A América não tem noção do perigo”, disse ele aos amigos. “Ela não sabe o que significa ter a linha de frente em seu próprio quintal. Londres sim. Fica bem no St James's Park, apenas um monte de trincheiras. Você fala sobre paz, mas é uma paz egoísta, não uma batalha para despertar o país.” Ele sentiu que algo dramático tinha que ser feito para despertar uma nação tão vasta e tão complacente, e decidiu realizar manifestações em massa em Nova Iorque, Washington e Los Angeles.

O prefeito de Nova York declarou de 7 a 14 de maio de 1939 a 'Semana RAM', e o maior salão da cidade, o Madison Square Garden, foi ocupado em 14 de maio. Naquela noite, 14.000 pessoas aplaudiram a procissão dos oradores, liderada por flautistas escoceses com kilt. Tal como acontece com a maioria das reuniões públicas que realizou, Buchman escolheu uma pessoa que compareceria e planejou toda a ocasião como se ele fosse a única pessoa presente. Ele calculou que se essa pessoa fosse afetada, todos seriam. Naquela noite, seu alvo era o Comissário Municipal de Saneamento, com quem ele havia conversado no dia anterior. Ele achava que doze jovens escoceses - trabalhadores, estaleiros desempregados e estudantes - seriam particularmente eficazes para ele. Eles conversaram desde o início por um minuto cada. “O RAM para mim significa parar de sentar na minha máquina quando o chefe não está olhando e parar de dirigir o carro dele como um carro de bombeiros”, disse um deles. Bunny Austin, que reuniu o apoio de esportistas americanos como 'Babe' Ruth e Gene Tunney, foi calorosamente recebido, e Lorde Salisbury, Tod Sloan e três gerações da família Antrim falaram por telefone direto de Londres. Os jornais deram à ocasião tratamento de primeira página, mas tenderam a ignorar o argumento de Buchman, chamando-a, de boa fé, de “reunião de paz”. “É preciso ter uma noção de batalha”, ele disse depois ao seu pessoal. O efeito que a reunião teve sobre o Comissário de Saneamento não foi registrado.

Três semanas depois, uma segunda manifestação ocorreu no cenário do Constitution Hall, em Washington. Duzentos e quarenta deputados britânicos ao Parlamento enviaram uma mensagem que dizia em parte: “Só se for fundada no Rearmamento Moral e Espiritual

é que a democracia poderá cumprir a sua promessa à humanidade e desempenhar o seu papel na criação do entendimento mútuo entre as nações...”<sup>748</sup>

Buchman falou brevemente. “A América não está isenta de problemas nos negócios, no lar, na indústria, na vida cívica e na vida governamental”, disse ele. «Precisamos de uma nova dedicação do nosso povo às virtudes elementares da honestidade, do altruísmo e do amor; e devemos ter novamente a vontade de descobrir o que une as pessoas e não o que as divide... O futuro depende não apenas daquilo que alguns homens decidirem fazer na Europa, mas daquilo que um milhão de homens decidirem ser na América.»<sup>749</sup>

Harry Truman, agora senador, leu uma mensagem do Presidente Roosevelt: “A força subjacente do mundo deve consistir na fibra moral dos seus cidadãos. Um programa de rearmamento moral, para ser altamente eficaz, deve receber apoio à escala mundial.’ Todos os jornais de Washington relataram a reunião na primeira página, com a manchete do Post declarando: “Primeiro Aniversário Encontra Força Mundial de Rearmamento Moral”.<sup>750</sup>

No dia seguinte, Truman leu um relato da reunião e mensagens de dez Parlamentos no Registro do Congresso, acrescentando: ‘É raro hoje em dia encontrar algo que unirá homens e nações em um plano acima do conflito de partido, classe e filosofia política.’ Enquanto Buchman estava sentado na galeria do Senado ouvindo Truman, foi-lhe trazida a notícia de que a Junta Comercial Britânica havia concedido a incorporação de seu trabalho sob o nome de ‘Grupo de Oxford’. Exultante com esses dois acontecimentos, ele tinha consciência de que deveria manter os pés no chão. “Quando você tem um dia como este”, comentou ele naquela noite, “você tem que viver no meio do mundo e manter a direção”.

Roosevelt tinha vários velhos amigos que trabalhavam com Buchman, mas uma razão mais imediata para o seu interesse talvez residisse na ação recente de um dos seus mais severos críticos da imprensa. Comovido por seu contato com o Rearmamento Moral, ele, durante um almoço privado no escritório de Roosevelt, pediu desculpas pela amargura e preconceito de seus escritos. O pedido de desculpas foi aceito. O escritor continuou a ser um crítico independente da Administração, mas escreveu de forma mais construtiva, apreciando as muitas dificuldades do Presidente. Roosevelt, a título pessoal, deu apoio discreto ao

---

<sup>748</sup> O Daily Telegraph (26 de junho de 1939) intitulou a sua reportagem sobre a mensagem dos deputados britânicos: “Comunidade de Ideais: Washington e Westminster”.

<sup>749</sup> Buchman, pp. 91-2.

<sup>750</sup> Washington Post, 5 de junho de 1939.

Rearmamento Moral. “Embora algumas pessoas possam ter rido do RAM”, disse ele a Austin, “hoje ele impõe grande respeito.”<sup>751</sup>

Nas semanas seguintes, Buchman dirigiu-se ao National Press Club em Washington; recebeu seu segundo doutorado honorário, desta vez em Direito, pela Oglethorpe University, na Geórgia; falou com profunda emoção no funeral de Bill Pickle na Pensilvânia; e realizou uma sessão de treinamento de uma semana para algumas centenas de pessoas em Stockbridge, Massachusetts. Em seguida, ele viajou, via Detroit, Chicago e Minneapolis, para Los Angeles, onde seu terceiro e mais divulgado golpe foi desferido em uma reunião no Hollywood Bowl, em 19 de julho.

Quinze mil pessoas foram rejeitadas depois que 30 mil lotaram a arena. O cenário era dramático, com quatro grandes dedos de luz, para representar os quatro padrões morais, perfurando o céu aveludado atrás do Bowl. 'Uma prévia de um novo mundo' foi o tema de Buchman. O Los Angeles Times noticiou: 'Eles vieram em limusines. Eles chegaram em calhambeques que mal circulavam pelas estradas engarrafadas que levavam ao Hollywood Bowl. Vinham a pé, em cadeiras de rodas, em ônibus, táxis. Todos eles vieram maravilhados. O comício do Bowl reuniu toda a força do vasto movimento - líderes da Birmânia, Londres, África Oriental, Austrália, China e Japão - e mostrou a 30.000 pessoas como poderia funcionar.'<sup>752</sup> A meio da reunião, vinte corpulentos jornalistas e cinegrafistas abriram caminho até os já lotados assentos de imprensa porque William Randolph Hearst, lendo sobre a multidão em seu teletipo em San Simeon, percebeu que faltava uma grande história em seus jornais.

Louis B. Mayer, que na semana anterior havia oferecido um almoço para Buchman, enviou uma nota perguntando se ele poderia falar em nome da indústria cinematográfica.



Apoiadores firmes: o senador Harry S. Truman e o congressista Wadsworth (à direita).

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>751</sup> Austin e Konstam, p. 108.

<sup>752</sup> Los Angeles Times, 20 de julho de 1939.

Uma professora de uma pequena cidade em Nebraska, que nunca antes tinha se dirigido a um público maior do que os alunos de sua escola de uma sala, descreveu como um novo espírito tomou conta de sua área duramente atingida e como a honestidade em relação aos cheques de ajuda agrícola teve criado uma atmosfera na comunidade. Sua história serviu de base para o filme *Meet John Doe*, com Gary Cooper.

No final do comício, Buchman anunciou a próxima etapa da sua estratégia - uma mobilização, durante os dias 1, 2 e 3 de Dezembro, de cem milhões de pessoas que escutam' - preparadas para enfrentar questões pessoais, nacionais e internacionais à luz de A vontade de Deus para o mundo. Ele imaginou oradores de diferentes países ligados por uma rede mundial de rádio. A sugestão veio primeiro de 'Manny' Straus, o relações públicas das lojas de departamentos Macy's, que disse: 'Todo mundo tem algum RAM, mesmo que seja apenas 1%. A questão é aumentar a percentagem.

Mas quando chegou Dezembro, a Europa estava em guerra. O pacto nazi-soviético de agosto de 1939 pegou Buchman de surpresa. 'Os comunistas são os estrategas!' ele exclamou. 'Olhe para a França. A serpente do comunismo enrolou-se durante tanto tempo no seu peito, e os comunistas viraram a mesa apertando a mão de Hitler. Onde está o futuro da França agora?'<sup>753</sup> Pouco antes do início da guerra, ele expressou a sua angústia. 'A guerra significa o suicídio das nações. Todo mundo perde. Não existe vencedor de uma guerra. Quanto a Hitler, se ele começar, arrepender-se-á sem pressa.

À medida que a crise crescia, Buchman estava particularmente preocupado com os seus colegas na Grã-Bretanha. No dia 1º de setembro, ele telegrafou para eles: 'Vocês estão todos em nossos pensamentos constantes, amorosos e cheios de oração. Proteja-se contra perigos desnecessários. Garanta o máximo cuidado a Tod Liz Sloan em casa fora de Londres.

---

<sup>753</sup> Nikolai Tolstói escreve em *A Guerra Secreta de Stalin* (Jonathan Cape, 1981, p. 114): 'Por mais surpreendente que possa parecer, a campanha antipatriótica do Partido Comunista Francês foi dirigida pelo próprio Hitler... O apoio dos comunistas franceses ao aliado de Stalin desempenhou um papel significativo e talvez crucial na destruição da vontade francesa de resistir.' Anthony Cave Brown e Charles Macdonald, em *The Comunista International and the Coming of World War II* (Putnam, 1981, pp. 528-9 e 536), afirmam que a propaganda do Comintern foi um dos vários fatores que reduziram o Exército Francês, na Primavera de 1940, a "um corpo sem nervos e sem alma, um castelo feito de cartas". Eles escrevem que isto foi particularmente verdadeiro no caso do 9º Exército, desenhado principalmente do 'Cinturão Vermelho' de Paris, e que este exército foi colocado num setor aparentemente não crucial da linha de frente, precisamente onde as divisões panzer alemãs escolheram fazer o seu maior ataque.

Lembre-se de que em tempos de dificuldade e perigo a tentação é sempre seguir o caminho menor e fazer o que é menor. Considere seu trabalho como um serviço essencial.'

Quando finalmente foi divulgada a notícia de que a guerra havia sido declarada, Buchman e outros estavam sentados com o proprietário de um hotel de Los Angeles em seus apartamentos particulares. A princípio, Buchman ficou surpreso. Um britânico começou a chorar. Os seus anos de esforço para evitar o conflito terminaram e não conseguiam ver nada no futuro a não ser as cidades da Europa jazidas em ruínas.

Depois de algum tempo, Buchman ergueu os olhos e disse: 'Alguém, algum dia, terá de conquistar a paz.'

Agora que a guerra havia chegado, Buchman não tinha dúvidas de que ela precisava ser travada e vencida. Não havia comparação entre a “força demoníaca”, que ele tentou exorcizar, e as democracias, por mais desprovidas da graça de Deus que pudessem ser. Ele sempre considerou o patriotismo e o nacionalismo tão diferentes quanto a saúde e a febre. Mas ele acreditava que deveria haver uma dimensão extra no patriotismo. “Um verdadeiro patriota”, na sua opinião, “dá a sua vida para colocar a sua nação sob o controlo de Deus”.<sup>754</sup> Ele acreditava que uma força composta por tais pessoas tinha um papel tão específico a desempenhar na guerra como na paz - e seria necessário para trazer a reconciliação após o fim dos combates.

Centenas de homens e mulheres do RAM se alistaram; alguns morreriam em breve. Mas, de momento, seguiu-se a “guerra falsa”, quando nenhuma bomba caiu sobre a Europa Ocidental e os americanos inferiram que o medo da guerra estava a ser exagerado. Aqueles meses reforçaram o isolacionismo tradicional da América – a política de Jefferson de “Amizade com todas as nações, mas aliança envolvente com nenhuma”. Roosevelt levou em conta esta tradição, pois sabia que só poderia ser reeleito em 1940 como “o Presidente que nos manteve fora da guerra”. Nem a invasão da França, dos Países Baixos e da Escandinávia, nem Dunquerque, nem a Batalha da Grã-Bretanha alteraram o fato básico de que a América como um todo era fortemente contra o envolvimento na guerra da Europa.

A campanha anunciada por Buchman nos dias 1, 2 e 3 de dezembro de 1939 ocorreu sob estas novas circunstâncias e enfatizou novamente a unidade entre a Grã-Bretanha e a América. As redes de rádio que cobrem grandes áreas do mundo transmitiram as vozes do

---

<sup>754</sup> Buchman, pág. 25.

Presidente da Câmara dos Representantes, o Democrata W. B. Bankhead, que afirmou que “O Rearmamento Moral deve tornar-se a mola mestra da nossa vida nacional e a pedra de toque da política interna e externa”; e do senador republicano Arthur Capper, do estado isolacionista do Kansas, que apelou à América para “ler a escrita na parede e aplicar toda a energia e influência que possuímos nesta causa”.

Através dos Serviços Domésticos e da Commonwealth da BBC, o Lorde de Athlone respondeu de Londres num discurso que foi transmitido por toda a América. Lorde Athlone citou 'A Call to Our Citizens' recentemente emitido por 550 prefeitos britânicos e, depois de delinear os princípios do Rearmamento Moral, continuou: 'Na aceitação nova e sincera deles reside agora a nossa força moral para estes dias sombrios - a resposta aos nossos medos e às nossas tristezas, a nossa única esperança segura para um novo mundo.'

Lorde Athlone expressou com exatidão a opinião de Buchman. Buchman estava determinado a que, se a América entrasse na guerra, deveria processá-la com as mãos tão limpas quanto possível; e que, quando a paz chegasse, ela deveria usar o seu poder para a criação de um mundo melhor. Mas isto envolvia trabalhar por uma nova qualidade em toda a vida americana.

No início, os extremos da esquerda e da direita na América tinham uma causa comum. Como a Rússia ainda era aliada dos nazis, o Partido Comunista Americano opôs-se à entrada da América na guerra - e assim recebeu o forte, embora involuntário, apoio de isolacionistas de direita que pretendiam manter-se fora da guerra por razões bastante diferentes. O programa imediato dos comunistas era impedir a produção nas indústrias de guerra através de greves, especialmente no arsenal aeronáutico da América, na Costa Oeste.

Buchman já tinha ligações com os trabalhadores de lá através das reuniões de massa que realizou, e a recomendação do senador Truman abriu novas portas para a indústria. Homens de negócios de Seattle se ofereceram para oferecer um almoço para Buchman com um importante banqueiro na presidência e perguntaram se havia alguém que ele gostaria de convidar. Buchman respondeu imediatamente: 'Sim, Dave Beck e os outros líderes trabalhistas.' Beck, uma figura controversa, então chefe do Sindicato dos Caminhoneiros da Costa Oeste, normalmente não era convidado para almoçar pelos banqueiros. Mas ele e seus colegas foram convidados e compareceram.

Em 29 de dezembro de 1939, o *Seattle Star*, num editorial de página inteira, convidou Buchman para realizar uma mesa-redonda com todos os elementos da sua cidade que, escreveu, tinham “saído dos anos 30 com um olho roxo”. “O *Star* pede desculpas publicamente pelos erros que cometeu no passado... e oferece a mão aos concorrentes e a todos os outros que queiram, de forma honesta e consciente, ajudar a construir uma nova Seattle”, acrescentou o jornal. A Boeing Aircraft Company, a principal indústria de Seattle, que então se preparava para produzir o bombardeiro B17 Flying Fortress, estava em crise, em parte devido à expansão vertiginosa e em parte à confusão ideológica espalhada pela liderança comunista do ramo local dos maquinistas da União. Na mesa redonda iniciada pelo *The Star*, Buchman conheceu o Presidente Distrital da União, Garry Cotton, que o convidou para falar para 5.000 de seus membros. A reunião estava lotada, como Cotton garantiu ao seu convidado, já que, segundo as regras sindicais, havia uma multa de cinco dólares para os ausentes. Buchman apresentou trabalhadores de estaleiros e fábricas britânicas, bem como de outras fábricas de aeronaves americanas. A partir disso desenvolveu-se um programa de treinamento para a filial da Boeing e, pouco depois, a liderança de Cotton evitou uma greve na Boeing que teria interrompido a produção de aviões em toda a Costa Oeste.<sup>755</sup> Na *Lockheed Company* em Los Angeles, uma Reação Moral semelhante, o programa de formação em armamento foi lançado na maior filial sindical local do país, com 35.000 membros.<sup>756</sup>

A influência de Buchman nesses sindicatos aeronáuticos desafiou os planos comunistas de desaceleração industrial. Os comunistas denunciaram-no por cooperar com o seu maior inimigo, os fabricantes de armamento. Isto continuou até que Hitler invadiu a Rússia. Depois, para os comunistas, as indústrias de guerra e os fabricantes de armamento tornaram-se da noite para o dia os salvadores da democracia e “o Churchill fascista” tornou-se o heróico amigo dos soviéticos. A sua descrição do Rearmamento Moral também mudou, não de forma tão benéfica. De uma “rede de espionagem militarista pró-britânica”, tornou-se uma “organização pacifista e anti-sindical” interferindo ativamente na indústria bélica americana e promovendo misteriosos movimentos de paz.

---

<sup>755</sup> cfr. Garry Cotton para General L. B. Hershey, Diretor, Sistema de Serviço Seletivo, 28 de janeiro de 1943. Também Arthur Krock no *New York Times*, 28 de fevereiro de 1943.

<sup>756</sup> Dale O. Reed, Presidente do Aeronautical District Lodge No. 727, International Association of Machinists, ao General Hershey, 7 de fevereiro de 1943.

Enquanto isso, o pessoal de Buchman foi transferido de uma indústria para outra por toda a América e passou a ser procurado em fábricas de aeronaves e aço e, mais tarde, em estaleiros de construção naval. Sua mão-de-obra estava sempre em plena capacidade e, sem a que trouxera da Grã-Bretanha, pouco poderia ter empreendido.

A eclosão da guerra, no entanto, levantou a questão de qual era o dever dos britânicos, e isto apresentou-lhes um dilema. Deveriam regressar à Grã-Bretanha e alistar-se nas forças armadas ou deveriam permanecer na América fazendo o trabalho que estavam fazendo? Em setembro de 1939, eles buscaram a opinião oficial sobre os súditos britânicos nos Estados Unidos e parecem ter sido aconselhados pelo Cônsul Geral Britânico em São Francisco, Paul Butler, e pelo Cônsul em Seattle, C. G. Hope-Gill, a permanecer na América.<sup>757</sup> Em maio de 1940, este conselho foi repetido para os britânicos em geral na América<sup>758</sup>, mas nessa altura Butler e Hope-Gill já tinham reavaliado a posição do RAM e representavam veementemente junto da Embaixada em Washington que os colegas britânicos de Buchman fossem chamados a casa. As suas razões, de acordo com os ficheiros do Ministério dos Negócios Estrangeiros recentemente divulgados, eram uma mistura de representações que lhes tinham chegado de fontes "locais" e alguns erros fantásticos de identidade.<sup>759</sup> É claro que, depois de muito tempo de ida e volta no Ministério dos Negócios Estrangeiros, os cônsules foram rejeitados pelo ministro das Relações Exteriores, Lorde Halifax, embora as autoridades tenham tomado medidas para esconder que ele havia intervindo.<sup>760</sup>

Independentemente da visão oficial, porém, cada indivíduo tinha que decidir por si mesmo qual era o seu dever. "Eu apoio você em qualquer decisão", disse Buchman. Muitos

---

<sup>757</sup> Morris Martin e Reginald Hale, entrevistados em São Francisco e Seattle, respectivamente.

<sup>758</sup> New York Times, 31 de maio de 1940: 'Grã-Bretanha dá missão a cidadãos nos EUA - rejeita oferta de serviço, mas pede-lhes que cultivem boa vontade'.

<sup>759</sup> Cartório de Registros Públicos, A 1134/26/45 (FO. 371.24227), A 4219 de 17/09/1940.

<sup>760</sup> Por exemplo, Hope-Gill alegou que a holandesa, Charlotte van Beuningen, que foi posteriormente condecorada pela Rainha Guilhermina pelo seu heroísmo na Resistência, era uma 'agente nazi'. 'Também foi apontado', acrescentou ele, 'que a Dinamarca, a Noruega, a Bélgica e a Holanda foram os países mais "reequipados moralmente" da Europa e que o líder do Movimento é provavelmente de origem alemã.' (A 4219, 21/8/1940.

A3942/26/45 Public Record Office. Em agosto de 1940, William Jaeger solicitou a renovação de seu passaporte. Foi concedida alegando que (a) o esforço de guerra não exigia seu retorno: (b) negar a renovação seria discriminatório e envolveria o Ministério das Relações Exteriores em controvérsia na Grã-Bretanha e na América. Esta parece ter sido a ocasião do memorando de Lord Halifax, e um outro caso encaminhado de Seattle foi decidido com base neste precedente. (A 4219, 17/9,1940.

deles encontraram a decisão mais difícil de suas vidas. Por um lado, havia o apelo natural ao regresso à família, ao lar e ao país, e a certeza de ser compreendido. Por outro lado, estava a sua convicção de que o resultado da guerra dependeria da América, onde havia um trabalho a fazer para o qual tinham sido treinados de uma forma que poucos tinham sido.

Reginald Hale, o antigo cartunista do Ísis, um oficial territorial britânico com quatro anos de experiência e um soldado apaixonado, escreve que por inclinação e treinamento ele ansiava por voltar às cores o mais rápido que pudesse, mas que chegou à conclusão de que "como cristão, como inglês e como soldado, seu dever era ficar ao lado de Buchman a todo custo. 'Eu não poderia esperar que todos os meus amigos entendessem e não os culpei quando me escreveram duramente. Mas para mim, meu caminho era claro.'<sup>761</sup>

A maioria dos outros tomou a mesma decisão. O governo britânico da época parecia concordar com eles. Bunny Austin, que regressou à Grã-Bretanha antes do início da guerra, e William Jaeger partiram para se juntar a Buchman em dezembro, após consultarem os Ministérios do Trabalho, da Defesa e dos Negócios Estrangeiros. Eles receberam licenças de saída e nunca foram solicitados a retornar. No entanto, eles, tal como aqueles que já estavam com Buchman, seriam perseguidos por repórteres e denunciados em seções da imprensa britânica durante muitos anos.<sup>762</sup>

Buchman com HW 'Bunny' Austin e sua esposa

Certamente eles não tinham nada a ganhar material com a permanência. Trabalhavam muitas horas sem remuneração e o dinheiro, mesmo para a sobrevivência, era muitas vezes escasso. Sobre um período em Seattle, Hale escreve: "Certa manhã, tomei café da manhã com Buchman e ele pediu um café da manhã, dividindo comigo o ovo pochê e as torradas. Outra manhã, cinco de nós, ingleses, juntamos nossa riqueza e descobrimos que tínhamos quinze centavos. Pedimos três xícaras de café e pedimos duas xícaras extras. Esse foi o café da manhã. Morávamos a cinco quilômetros de onde acontecia a reunião matinal. Os outros quatro pegaram carona, mas optei por caminhar. Me perdi e cheguei tarde. O líder da reunião me perguntou por quê. Eu estava cansado, com fome e farto. "Estou atrasado porque não tinha passagem de ônibus." Cerca de trezentos pares de olhos se voltaram e me encararam.

---

<sup>761</sup> Hale, Vol. 74.

<sup>762</sup> O ataque a Austin continuaria muito depois do fim da guerra, apesar de seu serviço posterior na Força Aérea Americana, e muitos ainda acreditam em inverdades sobre ele até hoje. Ele teve que esperar até 1984 para ser restaurado à adesão ao All-England Lawn Tennis Club em Wimbledon.

O líder da reunião visitou todos os cinquenta estrangeiros e perguntou quanto dinheiro tínhamos. Não poderíamos ter arrecadado US\$ 20 entre nós. A partir de então, os nossos amigos em Seattle souberam que o RAM era financiado pela fé e pela oração. Até então era uma teoria.<sup>763</sup> Estas decisões dolorosas tomadas pela maioria dos colegas britânicos de Buchman, e alguns da Escandinávia e de outros lugares, permitiram a Buchman continuar o seu programa nacional na América. Mas que tipo de programa despertaria os americanos? E como poderia ser apresentado de uma forma que os deixasse prontos e ansiosos para ouvir?

Essas questões assombraram Buchman durante os primeiros meses de 1940, em constante movimento entre Nova Iorque, Washington, Flórida, Los Angeles e São Francisco. Em cada local ele passava tempo com suas equipes de residentes e encontrava pessoas a qualquer hora do dia e da noite. O seu secretário, Dr. Morris Martin, registra-o como “muito cansado”. “São dias excepcionalmente difíceis”, observou ele em 9 de janeiro, “passados com uma equipe que



Buchman, H.W. 'Bunny' Austin e sua esposa Phyllis Konstam na América, julho de 1939. ©Arthur Strong/MRA Produções

inicialmente não respondia. Além disso, todo almoço e jantar com alguém consome muita energia. Sempre Buchman estava lutando para ver o que fazer a seguir. “Sinto-me como se estivesse numa floresta densa”, disse ele um dia a um amigo. ‘Não vejo saída.’<sup>764</sup>

Buchman também se sentiu insatisfeito com o progresso espiritual de muitos dos seus colegas de trabalho mais próximos. “Acho que Mike tem antolhos”, disse certa vez a um grupo deles com uma franqueza típica, embora irritante. 'Eu gostaria que ele os jogasse no mar e abalasse a nação. John é maravilhoso - mas sem esperança se tiver que trocar as fraldas das crianças. Ele nasceu para se alimentar de ambrosia. Adorável Jimmy - ele tem medos,

---

<sup>763</sup> *ibid.*

<sup>764</sup> diários de Martin, 17 de janeiro de 1940.

muitos medos. Ken ainda está muito macio - vamos comer o lado áspero da noz-moscada. 'Eu gostaria que você tivesse quinze filhos', disse ele a outro. — Isso faria de você menos pedante.

Às vezes, sua abordagem era ainda mais abrasiva. Depois de um dia em que algumas cartas perderam o correio, sua secretária observa: “Frank vestiu Mike e eu cuidadosamente. Foi uma daquelas ocasiões em que tudo o que é apresentado em provas é injusto, errado e irrelevante, mas a acusação é correta e totalmente merecida. Há uma qualidade gigantesca e olímpica na ira de F que é algo a ser experimentado para acreditar. Certamente produz mudanças. Quando ele está mais irritado é com pessoas que ele acha que deveriam conhecer melhor. Ele tolera os tolos com uma alegria surpreendente, mas é intolerante com o desleixo daqueles que o rodeiam.”<sup>765</sup>

Gradualmente, Buchman convenceu-se de que um plano adequado para o seu trabalho na América só surgiria se a sua equipa encontrasse raízes espirituais mais profundas. Assim, em julho de 1940, ele interrompeu todas as diversas atividades em que estavam envolvidos e reuniu-os em um grupo de chalés e barracos de férias ao lado do Lago Tahoe, nas montanhas de Sierra Nevada. Tudo começou, normalmente, quando lhe ofereceram uma cabana de cinco cômodos para descansar alguns dias. Em dez dias, ele tinha cinquenta pessoas com ele e, à medida que os vizinhos o conheciam e viam o número crescer, ofereceram mais chalés, cabanas e camas. Um ex-contrabandista chamado Globin emprestou seu cassino abandonado para reuniões e, mais tarde, um andar inteiro de seu hotel quase vazio. Os marinheiros fora de serviço encontravam-se em redes penduradas entre as árvores, e as senhoras de Boston e Nova Iorque dormiam em camas de campanha, às vezes cinco por garagem. Finalmente se transformou em um exercício de treinamento de três meses para várias centenas de pessoas.

Buchman decidiu deliberadamente unir estas pessoas já empenhadas numa força unida. A perspectiva da guerra na Europa aguçou o seu pensamento e dedicação. Alan Thornhill, por exemplo, embora fosse um clérigo e tivesse passado por um grande enriquecimento de sua experiência espiritual durante dez anos no Grupo de Oxford, nunca havia estudado sistematicamente sua vida para permitir que Deus limpasse até o último canto. “Eu tinha um bom amigo, um escocês chamado George Marjoribanks, e achei que deveria contar-lhe todos os detalhes obscuros. Eles não teriam feito um livro sinistro, mas achei isso

---

<sup>765</sup> *ibid.*, 6 de fevereiro de 1940.

terrivelmente difícil para meu orgulho, e acabou sendo muito importante para mim. Foi doloroso e me senti totalmente péssimo e disse isso a George. Foi a morte de si mesmo. Embora eu tivesse valorizado o que aprendi com Buchman, até então nunca me senti totalmente comprometido com Deus e com o trabalho ao lado de Buchman. Deus concentrou-se no meu desejo de retornar à Grã-Bretanha. A decisão de permanecer na América foi a mais difícil que já tomei – mas sabia que era a vontade de Deus.'

'Não posso falar pelos outros', acrescenta Thornhill agora, 'mas para mim existe a conexão mais clara entre pureza pessoal e criatividade. Tive uma grande sensação de paz e clareza. Em poucas semanas, ele escreveu uma peça — concluída em 36 horas, embora nunca tivesse escrito uma antes — chamada *The Forgotten Factor*. A peça tratava das relações entre e dentro das famílias de um industrial e de um líder sindical num momento de crise industrial e sugeria a importância de uma mudança de atitude de “quem está certo” para “o que está certo”. Seria apresentado a mais de um milhão de pessoas em dezenas de países, muitas vezes desempenhando um papel na resolução de conflitos de vários tipos.

Buchman realizava uma reunião todas as manhãs. Eles eram totalmente imprevisíveis. Um dia ele chegou com um pêssego na mão. “Toda mulher deveria gostar disso”, disse ele. “Mas alguns de vocês são assim”, e ele abriu a outra mão para revelar uma ameixa. Ele sentiu que algumas das mulheres da sua equipa tinham ficado secas de espírito porque não tinham dado a Deus o controlo incondicional das suas vidas e, portanto, não eram personalidades livres. “Significava enfrentar destemidamente algumas de nós que dominavam as mulheres americanas”, disse uma delas mais tarde. 'Mas foi feito com muita delicadeza, com muita esperança.'

Ocasionalmente, o método de Buchman estava longe de ser delicado. Phyllis Konstam, esposa atriz de Bunny Austin, foi ao Hollywood Bowl e percebeu uma certa mudança pessoal durante aquela visita. Ela voltou para casa e mais tarde voltou para o Canadá em um navio evacuado com sua filha. Ela veio brevemente de lá para Tahoe. “Cheguei com um humor beligerante, furiosa por Bunny não ter atravessado o país para me encontrar na chegada”, escreveu ela mais tarde. 'O homem que concentrou minha fúria foi Frank Buchman. Eu estava acostumado a fazer do meu jeito. Se eu não conseguisse isso com raiva e acessos de raiva, conseguiria com charme ou lágrimas. Nada disso teve qualquer efeito sobre Buchman e isso aumentou minha raiva. Eu odiava tudo em Tahoe e todos que

moravam nele. Acostumada a andar por aí com roupas glamorosas e restaurantes caros, minha fúria aumentou quando fui colocada em uma equipe de limpeza e descobri que parte do meu trabalho era limpar os banheiros.

'Um dia, sem conseguir mais me conter, fui procurar Buchman para lhe dizer o que pensava dele. Ele me viu chegando, me deu as costas e foi embora. Eu nunca tinha sido tratado assim em minha vida. Eu delirei e repreendi Bunny.

“Certa tarde, Buchman mandou me chamar e me contou o que achava das mulheres mimadas, egoístas e mal-humoradas e o efeito que elas causavam nos maridos e nos filhos. Ele me olhou diretamente nos olhos e disse: “Isso é amor e está acontecendo”. Naquela tarde fui passear com Bunny. Estávamos atravessando um campo. Bunny, cansado da minha insistência, deitou-se numa tábua de madeira e abriu os braços. Olhei para ele e de repente recuperei o fôlego. A prancha era uma velha cerca. Tinha uma cruz pregada no topo. Bunny estava estirado numa cruz.

'Percebi pela primeira vez como o crucifiquei com meu egoísmo. Comecei a perceber a coragem de um homem como Buchman, que se importou o suficiente para me dizer a verdade e para curar as coisas em minha natureza que me tornavam tão difícil de conviver. Quando ele disse que era amor, era exatamente isso.’<sup>766</sup>

Seu marido escreveu sobre outro aspecto da abordagem de Buchman: “Como um verdadeiro cirurgião, Frank sabia da necessidade de trazer a cura. Eu também fui mimado e egoísta. Um dia, um amigo me deixou claro a necessidade de mudança. Eu merecia a correção, mas a cura não foi conseguida. Eu permaneci em um estado infeliz. Frank mandou me chamar. Ele olhou para mim com compaixão e disse três palavras: “Não continue sangrando”. Então ele orou. Eu gostaria de poder lembrar dessa oração. Lembro-me apenas da sensação de cura e paz que tomou conta do meu coração. Saí da sala como um homem diferente.’<sup>767</sup>

Durante o tempo em Tahoe, Buchman frequentemente mencionava, durante toda a manhã, as falhas pessoais que havia observado em seus colegas. Bremer Hofmeyr, ex-bolsista da Rhodes da África do Sul, pegou emprestado um martelo de um residente local e não o devolveu. Buchman passou grande parte da manhã sublinhando o desleixo de alguns dos

---

<sup>766</sup> H. W. Austin: Frank Buchman como eu o conhecia (Grosvenor, 1975), pp. 86-7.

<sup>767</sup> *ibid.*, pág. 87.

homens e o que tal negligência afetaria a confiança da comunidade. Alan Thornhill, quando chegou sua vez de ser bombeiro durante a noite, pensou vagamente que seu trabalho era prevenir incêndios - e nenhum fogo foi aceso para fazer o mingau do café da manhã na manhã seguinte. Isso dificilmente exigia comentários.<sup>768</sup> Um cozinheiro para o que acabou sendo um jantar desastroso para um convidado especial dificilmente ousou aparecer na manhã seguinte. Para sua surpresa, tudo o que Buchman conseguiu dizer foi: 'Essa sopa!' e se dissolveu em risadas. Mas muitas vezes Buchman sentia que esses pequenos erros precisavam de uma discussão séria, pois poderiam ser a chave para transformar indivíduos inteligentes, mas pouco práticos, em personalidades completas. Era o antigo princípio evangélico de 'Quem é fiel no pouco, é fiel no muito'.

Hofmeyr, que achava esse tratamento particularmente doloroso, contou-me por que achava que Buchman às vezes tratava amigos íntimos de maneira tão rude. 'Ele estava preocupado em treinar duzentas pessoas. Todos tiveram o impacto, todos aprenderam a lição. Quando ele estava navegando em direção a alguém, você sentia que poderia ser você.'

Mas Buchman, agora como sempre, era imprevisível. Um dia, ele tremeu de raiva porque um cozinheiro mais uma vez produziu carne dura. No dia seguinte ele apareceu na porta da cozinha segurando uma pequena flor silvestre para ela. "Aqui está", ele disse. 'Isso é 'autocura!''

A maioria das lições daqueles dias foi extraída de coisas simples. Buchman inspecionou uma cabana que seria devolvida ao seu proprietário e encontrou uma borda obstinada ao redor de uma banheira. "Foi assim quando chegamos", protestou o culpado.

Buchman e colegas em Lake Tahoe

"Sempre deixe as coisas melhores do que as encontrou", respondeu Buchman, ajoelhando-se e limpando ele mesmo a banheira.

Na verdade, para além das necessidades espirituais, a equipa que o acompanhava - muitos deles homens e mulheres universitários, 'senhoras' que tinham feito pouco trabalho doméstico e homens que não tinham feito nada - precisava de um curso completo de tarefas domésticas e economia. Um caminhão descia às cidades para comprar nos mercados mais baratos e cada centavo era guardado.

---

<sup>768</sup> O comentário do próprio Thornhill foi: Oh, filho das torres sonhadoras de Oxford, você é realmente inteligente. Você pensou que seu trabalho era apagar incêndios, quando deveria começar um!

O resultado do período em Tahoe, segundo Reginald Hale, foi “uma força existente, como um exército regular, capaz de lutar em qualquer lugar a qualquer hora”. «A maioria de nós», explica ele, «já experimentamos o poder de Deus para mudar as nossas vidas. Mas em Tahoe tivemos uma experiência corporativa de Cristo. Juntos aceitamos a finalidade da Sua vitória na Cruz para quebrar o poder do mal nas nossas vidas e no mundo. À medida que nos tornamos irrevogavelmente comprometidos com Ele, descobrimos que as nossas pequenas divisões de nacionalidade, classe, língua e pontos de vista simplesmente desapareceram. Comprometidos com Ele, estávamos comprometidos um com o outro também.»<sup>769</sup>

Os trabalhadores das indústrias de guerra da Costa Oeste dirigiam a noite toda para passar o dia com Buchman e seus amigos em Tahoe. Entre eles estava John Riffe, um líder dos operários siderúrgicos de São Francisco, de 120 quilos, a quem o presidente do seu sindicato chamou de “o homem mais rude e duro dos operários siderúrgicos”. Buchman o conheceu em uma mesa



Apesar da demanda pública, Buchman retirou-se para Tahoe, nas montanhas de Sierra Nevada, em setembro de 1940, com colegas próximos, para buscar os próximos passos e encontrar um compromisso mais profundo. ©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

redonda de fim de semana em junho, um mês antes de ir para Tahoe. Naquela ocasião, Riffe discutiu veementemente com Buchman que ele não precisava de mudança. “Tudo bem”, respondeu Buchman. ‘Talvez haja outra pessoa que você gostaria de ver diferente.’ Vários nomes surgiram imediatamente na mente de Riffe, incluindo um industrial siderúrgico com quem as negociações foram interrompidas, colegas de seu próprio sindicato e sua esposa, Rose. “Esse é o objetivo”, acrescentou Buchman, “de aprender a transformar seus inimigos e

---

<sup>769</sup> Hale, Vol. 77.

transformá-los em amigos." Eles passaram o resto da noite juntos e Riffe foi para a cama com o pensamento final de que se ouvisse a Deus poderia descobrir como tornar as pessoas diferentes.

Na manhã seguinte, bem cedo, houve uma batida na porta da casa dos Riffe e Buchman apareceu com um bule fumegante de café. "Achei que você gostaria disso antes de começar seu tempo de silêncio", ele disse, com um brilho. "Hora de silêncio" era um termo novo para Riffe e ele pediu uma explicação. 'Um tempo para deixar Deus lhe dizer o que fazer.' Riffe voltou para seu quarto, mas não para dormir. A ideia daquele executivo siderúrgico e do impasse entre eles continuava vindo à sua mente. 'Tome a iniciativa com ele. Desça do seu cavalo alto. Você sabe que as mãos dele estão atadas. Seja honesto. Faça-lhe uma oferta decente... e peça desculpas. Mais tarde, naquela semana, ele tentou fazê-lo e, em quarenta e oito horas, um acordo inesperadamente generoso foi alcançado.

Agora os Riffes vieram para Tahoe, ainda curiosos. No jantar foram servidos por duas meninas. 'Quem são eles?' perguntou a Sra. Riffe. Quando Buchman respondeu que elas eram filhas de Will Manning, dono da rede de restaurantes Manning's na Costa Oeste, John Riffe explodiu: 'Meu Deus! Meu sindicato está planejando fazer um piquete contra esse grupo.

A Sra. Riffe acrescentou: 'Eu nunca serviria da maneira que eles estão fazendo.'

"Ninguém lhe perguntou", respondeu Buchman.

Riffe se perguntou novamente se ele teria caído em uma conspiração antitrabalhista, mas no dia seguinte, ao amanhecer, o filho de Manning o levou para pescar. Os dois homens voltaram com três peixinhos e entendendo os problemas um do outro. No próximo fim de semana, Riffe retornou com seis membros de seu comitê executivo, incluindo James Thimmes, que mais tarde se tornou vice-presidente dos Metalúrgicos Unidos da América e, com Riffe, desempenhou um papel significativo na resolução da greve siderúrgica nacional de 1952.<sup>770</sup>

Em 23 de agosto, Buchman disse aos seus amigos que achava necessário um novo "manual". Um primeiro rascunho deste novo livro foi escrito por um Doutor em Filosofia de Oxford. O texto foi então simplificado por um grupo variado para eliminar todas as palavras desnecessárias. "Tem que ser simples e retratado de forma pictórica para capturar a América", disse Buchman. 'Deve ser quase um ABC.' O manual foi intitulado *Você pode defender a*

---

<sup>770</sup> Ver William Grogan: *John Riffe dos Steelworkers* (Coward, McCann, 1959), pp. 33, 74-82.

América. Apelava a “casas sólidas – trabalho em equipe na indústria – uma nação unida” e que a América se tornasse uma nação governada por Deus. O produto final, de apenas 32 páginas, foi ilustrado de forma simples, mas vívida, por Hale.

Seguiu-se uma revista musical, baseada no manual e com o mesmo nome. Isto, como tantas vezes na companhia de Buchman, desenvolveu-se quase acidentalmente, a partir de uma série de esboços dados numa festa de aniversário. Pouco depois Globin, o ex-contrabandista, também fez aniversário, e Buchman o convidou para vir trazer seus amigos. “As boates são o seu mundo”, disse Buchman. 'Vamos fazer disso um show de chão com mesas em círculo ao redor.'

Marion Clayton, que atuou no filme *Mutiny on the Bounty*, e Cece Broadhurst, a cantora de rádio canadense, deram forma ao material da festa de aniversário original. Globin trouxe sua esposa e um grupo de amigos, incluindo o prefeito de Carson City, capital de Nevada. A Sra. Globin riu tanto, disse ela, que machucou os músculos do rosto que não usava há anos.

No final da noite, o prefeito disse a Buchman: 'Essa é a maneira de inculcar patriotismo em nosso povo. Você deve levar o espetáculo para Carson City.'

'Multar. Quando iremos?' disse Buchman.

“Sexta-feira”, disse o prefeito.

“Estaremos lá”, disse Buchman. Isso foi terça-feira.

O show tocou com casa cheia em Carson City na sexta-feira. No final, Hale foi ao melhor bar da cidade para pegar um telegrama. “De repente”, lembra ele, “as portas de morcego do bar se abriram e um grande mineiro de ouro irlandês entrou. “Rapazes, vocês estiveram na rua?” ele gritou enquanto os bancos do bar giravam. "Não sei do que se trata, mas é fantástico! FANTÁSTICO!"

De *Carson City* o show foi convidado para Reno. Isso significaria enfrentar um público mais sofisticado, mas Buchman, para quem todos eram potenciais libretistas, músicos, atores ou produtores, não via dificuldades. Assim, abandonando as referências locais, a revista lançou-se numa carreira que nos anos seguintes a percorreu por todo o país, atingindo públicos talvez inacessíveis por qualquer outro meio.

Em novembro de 1941, *You Can Defend America* foi mostrado aos delegados das convenções sindicais – o Congresso das Organizações Industriais em *Atlantic City* e a

Federação Americana do Trabalho em Nova Orleães, dando-lhe uma poderosa despedida para a indústria americana. Os Conselhos de Defesa Civil de estados e cidades o patrocinaram, primeiro na Costa Oeste e depois em uma longa viagem em 1941, do Maine à Flórida. O elenco viajou 36.000 milhas por 21 estados e se apresentou para mais de um quarto de milhão de pessoas. O General dos Exércitos, John J. Pershing, escreveu um prefácio<sup>771</sup> para o manual no qual dizia: “Nenhum cidadão patriótico pode lê-lo sem sentir a sua inspiração. Ninguém pode deixar de apoiar plenamente o seu objetivo final – a preservação do nosso precioso património.” As bases do Exército e da Aeronáutica e os estaleiros navais solicitaram apresentações da revista e distribuíram milhares do manual.

Em 6 de dezembro de 1941, um conhecido Filadélfia, J. B. Kelly, pai da atriz e futura Princesa Grace de Mônaco, viu-o na Academia de Música da Filadélfia, onde os pais da cidade e as autoridades de Defesa Civil o patrocinaram. Seu comentário posterior foi típico de muitos: 'Achei que tinha todo o patriotismo de que precisava, mas enquanto assistia à peça, senti que aqui estava um grupo de pessoas que quase olhou por cima do meu ombro e leu minha mente e produziu a resposta que tenho sentido que a América precisa.'<sup>772</sup>

---

<sup>771</sup> O general George C. Marshall o abordou para escrevê-lo. Ao obedecer, Pershing, que havia sido comandante-em-chefe americano na Primeira Guerra Mundial, disse que havia quebrado o costume de uma vida inteira de fazê-lo.

<sup>772</sup> Martin MSS.

**DEBATE DE TRABALHO DE GUERRA**

Na manhã seguinte, os japoneses atacaram Pearl Harbor. A América estava em guerra.

As primeiras vítimas da guerra são frequentemente os valores espirituais. Buchman acreditava que estas eram a base da liberdade, e ele e a sua equipe conseguiram levá-las a pessoas e situações raramente alcançadas pelas Igrejas. Ele, portanto, sentiu profundamente a importância de manter intacta sua força treinada e permanente.

Muitos líderes americanos apoiaram esta visão. O filho de Thomas Edison, Charles, que foi Secretário da Marinha, observou que, na defesa nacional, 'o Rearmamento Moral compartilha igualmente em importância com o rearmamento material. Sem carácter e com um Rearmamento Moral profundamente enraizado, criado nas fibras dos nossos cidadãos, haverá pouco que valha a pena defender.'<sup>773</sup>

As duas agências principalmente preocupadas em garantir a alocação de mão-de-obra americana em tempos de guerra - o Departamento de Justiça e o Serviço Seletivo - concordaram que o programa de Rearmamento Moral tinha uma relevância particular para o esforço de guerra. Em outubro de 1940, o Departamento de Justiça aprovou a permanência de 28 trabalhadores britânicos do RAM no país como prestando serviço essencial, e o Serviço Seletivo adiou a convocação de americanos, e posteriormente britânicos, trabalhando com o Rearmamento Moral como elemento essencial na o programa de defesa nacional. Durante 1941, alguns dos trabalhadores americanos de Buchman foram classificados como disponíveis para o serviço militar pelos conselhos locais de recrutamento, mas em cada caso o Conselho Presidencial de Apelações interveio e concedeu-lhes o adiamento.

Logo após o ataque a Pearl Harbor, o presidente do Conselho Presidencial de Apelações, coronel John Langston, escreveu a Buchman: “Estou firmemente convencido de que, à medida que a nossa emergência se torna mais aguda, a necessidade de desenvolver a resistência moral do nosso povo aumentará correspondentemente. As fraquezas da França não se manifestaram de forma tão pronunciada no início. Tenho medo da presunçosa

---

<sup>773</sup> Citado por Buchman em transmissão mundial de São Francisco, 4 de junho de 1940. Citado em parte em Buchman, p. 97.

complacência de muitos dos nossos que se suavizaram ao ponto de pensarem que vêm direito quando isso é apenas uma miragem. Será necessário todo o aumento do moral que você e outras pessoas que estão dedicando suas vidas a este trabalho podem fornecer para nos manter em equilíbrio. Já vejo esforços para perturbar e confundir a Defesa Civil. É difícil determinar quando tais esforços são esforços naturais e equivocados e pensamentos confusos de patriotas, ou trabalho inspirado de grupos subversivos.

«O Rearmamento Moral demonstrou o seu valor para a defesa nacional. O Presidente assim o defendeu. Mas o trabalhador individual precisa de tornar clara e segura a sua necessária ligação relativamente à qualidade e ao tipo da sua formação e às coisas que efetivamente faz, porque é necessário não só ter o seu estatuto provado, mas também convencer o público de que ele é justificado e, assim, sustentar a moral do serviço seletivo.»<sup>774</sup>

A questão que Buchman estava começando a enfrentar na América já havia se tornado motivo de controvérsia na Grã-Bretanha. No verão de 1940, doze trabalhadores em tempo integral e 240 dos funcionários de meio período mais experientes do RAM já haviam se alistado voluntariamente nos serviços, deixando apenas vinte e nove homens em idade militar disponíveis para continuar. Estes vinte e nove dirigiam uma campanha a nível nacional patrocinada por 360 presidentes de câmara e reitores, concentrando-se particularmente em áreas fortemente bombardeadas. Os seus esforços foram amplamente bem recebidos<sup>775</sup>, exceto por uma parte da imprensa londrina. Nas três semanas daquele mês de agosto, o Comunista *Daily Worker* os atacou oito vezes e Tom Driberg no *Daily Express*, seis vezes.<sup>776</sup> A reclamação deles era que a campanha do RAM misturava cristianismo com moral, enquanto Hannen Swaffer no *Daily Herald* ressuscitou a alegada declaração de Buchman de 1936 para inferir que o RAM era pró-nazista.

Peter Howard, também do *Express Newspapers*, que muitos consideravam o colunista mais rude de todos, decidiu investigar pessoalmente o Rearmamento Moral. Para sua surpresa, considerou as acusações dos seus colegas infundadas e, quando o editor do *Expresso* se recusou a imprimir a sua resposta às acusações de Driberg, escreveu um livro,

---

<sup>774</sup> Coronel John Langston para Buchman, 19 de janeiro de 1942.

<sup>775</sup> cf. Bristol sob Blitz, do vereador THJ Underdown, Lord Mayor de Bristol, publicado em fevereiro de 1941; também Relatório sobre o Trabalho de Rearmamento Moral em Nottingham pelo Conselheiro Wallis Binch, Lorde Mayor 1939-40 (Hawthornes, Nottingham, julho de 1941); também Nottingham Journal, 1º de março de 1941.

<sup>776</sup> Entre 7 e 31 de agosto de 1940.

“Homens Inocentes”,<sup>777</sup> que apresentou os fatos sobre o Rearmamento Moral conforme ele os viu e descreveu a mudança inesperada que isso estava trazendo para a sua própria vida. O livro vendeu 155.000 cópias e levou à sua demissão de seu emprego altamente remunerado, já que Dick Plummer, o gerente assistente, na ausência de Lorde Beaverbrook e do diretor administrativo do jornal, E. J. Robertson, o proibiu de publicá-lo.

A personalidade e a missão de Buchman foram, desde o início, centralizadas na controvérsia. Pouco depois de Howard se associar ao Rearmamento Moral, o seu editor, John Gordon, e Brendan Bracken, então Ministro da Informação, levaram-no para almoçar e disseram-lhe categoricamente que Buchman seria preso assim que a América entrasse na guerra. Howard pediu-lhes provas. “Impossível te dizer, Peter”, disseram eles. ‘Vem de uma fonte muito elevada e secreta.’ Sabendo do apoio que Roosevelt e outros deram aos seus novos amigos na América, Howard desconsiderou a sua declaração. “Volte quando puder me mostrar evidências reais”, disse ele.

A romancista Daphne du Maurier publicou, entretanto *Come Wind, Come Weather*<sup>778</sup>, no qual contava histórias de como as pessoas comuns, afetadas pelo Rearmamento Moral, enfrentavam as condições dos tempos de guerra. Ela dedicou o livro a “Um americano, Dr. Frank N. D. Buchman, cuja visão inicial tornou possível o trabalho dos personagens vivos dessas histórias”, e acrescentou: “O que eles estão fazendo em todo o país para ajudar homens e mulheres a resolver seus problemas, e prepará-los para o que está por vir, provará ser de importância nacional nos dias que virão.’ Seu livro vendeu 650 mil cópias somente na Grã-Bretanha.

No meio da guerra de palavras sobre Buchman, Ernest Bevin, Secretário Geral dos Transportes e Trabalhadores Gerais, tornou-se Ministro do Trabalho.<sup>779</sup> Segundo o seu biógrafo, Professor Alan Bullock, ele foi caracterizado à chegada como “um mau misturador, um bom odiador, respeitado por todos’. “A sua capacidade, a sua força de carácter e a sua determinação eram óbvias”, escreve Bullock, mas “a sua confiança incomum combinava-se com uma marcada sensibilidade à crítica, que ele sempre tendia a considerar como um ataque

---

<sup>777</sup> Peter Howard: Homens Inocentes (Heinemann, abril de 1941). O título ecoava Guilty Men, o livro que ele escreveu com Michael Foot e Frank Owen sob o pseudônimo de ‘Cato’ no ano anterior.

<sup>778</sup> Daphne du Maurier: Venha o Vento, Venha o Tempo (Heinemann, agosto de 1940).

<sup>779</sup> Em maio de 1940, quando o governo de Churchill foi formado. Ele entrou no Gabinete de Guerra em setembro.

pessoal e com uma forte suspeita que, uma vez despertada, colocou um muro de desconfiança entre ele e qualquer um que se opusesse a ele.<sup>780</sup> Na terrível situação de 1940, nenhuma dessas características parecia importar em comparação com o fato de que ele tinha as qualidades de resistência e coragem necessárias para enfrentar o crise, mas teriam um efeito profundo sobre o destino dos trabalhadores de Buchman.

Ao assumir o cargo, Bevin descobriu que o seu antecessor, Ernest Brown, tinha inserido na Lei de Conscrição uma cláusula que concedia adiamento ocupacional a “evangelistas leigos”, categoria na qual incluía os trabalhadores do RAM, cujo trabalho ele conhecia e valorizava. Brown era um homem de fé, enquanto Bevin era um ateu sincero que desconsiderava qualquer fator espiritual no esforço de guerra. Em dezembro de 1940, ele escreveu ao Grupo de Oxford dizendo que a posição dos seus trabalhadores estava sendo revista e pedindo comentários. A documentação completa foi enviada a ele e, em fevereiro de 1941, uma delegação de membros do Parlamento apresentou o caso do Rearmamento Moral ao deputado de Bevin para mão de obra, Sir William Beveridge.

AP Herbert considerou este um momento adequado para apresentar uma moção no documento de ordem da Câmara dos Comuns em 27 de fevereiro, solicitando ao novo presidente da Junta Comercial, Oliver Lyttelton, que privasse o Grupo de Oxford do nome e dos privilégios que lhes foram concedidos por Stanley, alegando que Buchman nunca tinha denunciado Hitler, que o seu trabalho era “prejudicial para a causa britânica” e que “ele estava ocupando nos Estados Unidos jovens cidadãos britânicos que poderiam estar melhor empregados no seu próprio país”. A moção de Herbert reuniu quarenta e nove apoiantes, enquanto a contra-moção de Sir Robert Gower, apresentada no mesmo dia, foi assinada por setenta e seis deputados.

Em 14 de março, antes que o Grupo de Oxford recebesse qualquer resposta de Bevin, o Correspondente Trabalhista do *Daily Express*, em uma história exclusiva, anunciou que os vinte e nove trabalhadores do Grupo Oxford seriam em breve passíveis de convocação. Isso causou um clamor público imediato. Os Arcebispos de Canterbury e York, o Moderador da Igreja da Escócia e os chefes de todas as Igrejas Livres escreveram a Bevin afirmando que os homens do RAM eram de fato “evangelistas leigos” e, portanto, protegidos no seu trabalho pela Lei de Conscrição. Foram apoiados por uma petição assinada por mais de 2.500 clérigos

---

<sup>780</sup> Alan Bullock: A Vida e os Tempos de Ernest Bevin (Heinemann, 1967), Vol. 2, pp.98-101.

e ministros, bem como por líderes cívicos, industriais e sindicais. Bevin, fiel à caracterização do seu biógrafo, tomou esta oposição como uma afronta pessoal e expressou ressentimento face ao que chamou de “pressão”.<sup>781</sup>

Em 19 de março, Oliver Lyttelton convocou o secretário do Grupo de Oxford, Roland Wilson, ao seu escritório. “Lyttelton disse que investigou minuciosamente o trabalho do Grupo e concluiu que ele era valioso para o país”, diz Wilson. 'Ele disse que tinha o poder de nos oferecer o apoio total do governo, se rejeitássemos Buchman "apenas durante o período da guerra", uma vez que "foram levantadas dúvidas sobre a sua atitude em relação à Alemanha nazi". “Depois da guerra”, acrescentou, “a ligação poderia ser restaurada”. Quando eu disse que a resposta era “Não”, Lyttelton respondeu que essa era a resposta que ele esperava. Logo depois, Lyttelton compareceu à atual peça do RAM e parabenizou o elenco pelo trabalho.

Em 11 de setembro, em resposta a uma pergunta de AP Herbert, Bevin confirmou oficialmente na Câmara dos Comuns que pretendia convocar os homens. Cento e setenta e quatro deputados apresentaram então uma moção contrária a esta via, e o seu porta-voz, George Mathers, exigiu um debate sobre o assunto, que teve lugar no dia 7 de Outubro. Poucos dias antes do debate, Herbert emitiu uma longa declaração à imprensa reiterando a sua crença de que “Buchman não é amigo da Grã-Bretanha” e anunciando que tinha enviado uma “carta secreta” a Bevin com provas contundentes. O Ministro, entretanto, fez saber que se demitiria do Governo se não ganhasse o seu argumento,<sup>782</sup> e o Governo, consciente da grande importância de Bevin para o esforço de guerra, colocou um chicote de três linhas sobre os seus apoiantes, obrigando para que compareçam e votem com ele. Esta atitude foi, de fato, desnecessária, uma vez que Mathers e os seus colegas tinham anunciado que não iriam convocar uma votação, mas confiaram que o Ministro reconheceria a justiça do seu caso - uma prática tradicional com 'debates sobre o adiamento', em que categoria este debate caiu.

Naquela noite, todos esperavam que Herbert apresentasse sua “carta secreta”. Na verdade, ele apresentou apenas três cartas de indivíduos não identificados que alegavam que outras pessoas não identificadas que conheceram estavam ligadas ao Grupo de Oxford e

---

<sup>781</sup> Hansard, 7 de outubro de 1941.

<sup>782</sup> Peter Howard: Lutadores de todos os tempos (Heinemann, 1941), p. 18.

fizeram comentários não desfavoráveis a Hitler. O debate foi conturbado e irado. Questões triviais impediram qualquer discussão inteligente sobre a questão básica de saber se um grupo de cristãos deveria ser tratado de forma diferente de todos os outros e o que, de fato, é o “serviço nacional”. Bevin enfrentou a tempestade, sugerindo, entre outras coisas, que todos os homens eram objetos de consciência. Nenhum, na verdade, foi.

Em sua biografia de Herbert, Reginald Pound escreve: 'APH foi consolado em sua oposição por uma carta marcada como "Segreda" de um departamento de inteligência em Whitehall: "Você ficará interessado em saber que todo mundo que eu vi e que teve a oportunidade de assistir Buchman, neste país, no continente e nos Estados Unidos, é da opinião que está trabalhando para a Alemanha. Alguns acreditam que ele foi subsidiado pelo Dr. Goebbels. Neste momento faltam provas."<sup>783</sup> Isto pode ter acontecido, foi a 'carta secreta' que Herbert enviou a Bevin. Também poderia ter sido a fonte das suspeitas de Bracken e da sugestão de Lyttelton em nome do governo. Pode ou não ser relevante que Driberg estivesse neste momento trabalhando no fornecimento de informações sobre pessoas e movimentos para uma filial do MI5.<sup>784</sup>

O debate do dia seguinte na Câmara dos Lordes, iniciado por Lorde Salisbury, foi mais calmo. Foi expressa preocupação pelo fato de os trabalhadores do Rearmamento Moral terem sido tratados de forma pouco menos arbitrária do que teriam sido num estado totalitário. Todos os oradores, exceto o porta-voz do governo e um outro, deploraram a decisão de Bevin. O Times declarou no seu editorial da manhã seguinte: “É impossível pensar que o Ministro tenha tratado com sabedoria ou prudência um caso que, rejeitado de imediato,

---

<sup>783</sup> libras, pp.

<sup>784</sup> Chapman Pincher afirma que Driberg foi alistado pelo MI5 quando era estudante e instruído a se infiltrar no Partido Comunista, do qual foi expulso em 1941, quando Harry Pollitt, secretário-geral do Partido, descobriu sua duplicidade. Após sua eleição como MP por Maldon, Essex, em 1942, no entanto, Pollitt o abordou para trabalhar para a KGB. Durante o resto de sua vida, ele trabalhou para ambas as organizações, com conhecimento de ambas. Seu trabalho era, em cada caso, fornecer informações e desinformação e relatar sobre a vida privada de políticos importantes, incluindo amigos íntimos, e de quaisquer outras pessoas de interesse. Inquiridos após a sua morte, escreve Pincher, "convenceram o MI5 de que ele tinha sido controlado principalmente pela KGB desde o fim da guerra". de acordo com Pincher, o 'longo relacionamento de Driberg com o MI5', que 'resolve o mistério de porque um homossexual tão notório, que foi repetidamente pego em flagrante publicamente pela polícia, nunca foi processado com sucesso'. (Their Trade Is Treachery, Sidgwick e Jackson, 1981, pp. 198-206.) Ver também Dicionário de Espionagem de Christopher Dobson e Ronald Payne (Harrap, 1985, p. 40), onde é descrito como “um agente duplo que trabalha em nome do MI5 e da KGB”. “A KGB”, acrescentam, “sempre teve a possibilidade de produzir fotografias dos seus casos homossexuais... e ameaçar destruir a sua carreira pública se ele não cumprisse as suas ordens”. Veja também The Man Who Was, de Anthony Masters (Blackwell, 1984). pp. 168-79.

estava fadado a despertar sentimentos profundos e sinceros que iriam muito além dos seus limites imediatos.”<sup>785</sup>

A decisão de Bevin, porém, não foi revertida. Os homens que restaram foram levados para as forças armadas, embora devido à necessidade de bombeiros durante a blitz, alguns puderam optar pelo Serviço Nacional de Bombeiros em Londres, permitindo-lhes continuar o seu trabalho no RAM nas horas de folga.

As rajadas da tempestade parlamentar cruzaram o Atlântico e epítetos como “pró-nazista” usados no debate na Câmara dos Comuns apareceram agora ali. O mesmo fez Driberg, que passou seis meses naquele Verão e Outono em digressão pela América, durante os quais prosseguiu a sua campanha contra Buchman com os editores do jornal que foram seus anfitriões. Uma nova safra de rumores se espalhou pelo país. Em particular, um boletim de notícias de circulação nacional, *In Fact*, reimprimiu muitos ataques ao Rearmamento Moral e assim os espalhou pelos principais jornais americanos.

A sede do Serviço Seletivo perguntou o que havia por trás desses rumores. Um memorando apresentado pelo Rearmamento Moral em resposta dizia em parte: 'Sabemos há algum tempo que estavam sendo feitas tentativas para influenciar negativamente altos funcionários de Washington. Em Novembro (1941) fomos informados de que um jornalista britânico, há muito hostil para nós, tinha estado neste país e estava a ganhar a atenção de funcionários importantes para os prejudicar contra o Rearmamento Moral. O nosso informante disse-nos que embora ele tenha conseguido contrariar pessoalmente com sucesso os esforços deste homem no caso de um funcionário importante, a estratégia do jornalista era conseguir a atenção do Presidente, mas que, tanto quanto ele sabia, só conseguiu o máximo possível, tanto quanto o secretário de imprensa do presidente, Stephen Early.'<sup>786</sup>

Early recebeu um telegrama do editor do *Bangor Daily News*, perguntando se Roosevelt havia “endossado especificamente” o Rearmamento Moral, ao qual ele respondeu que não houve nenhum “endosso específico”. Quando soube do uso que o jornal havia feito deste telegrama, Early telegrafou novamente ao editor: 'Lamento profundamente que este telegrama tenha sido usado para impugnar os motivos daqueles associados ao Grupo de Oxford para o Rearmamento Moral. Se eu acreditasse que meu telegrama teria sido usado

---

<sup>785</sup> *The Times*, 9 de outubro de 1941.

<sup>786</sup> Martin MSS.

dessa maneira, certamente não teria respondido à pergunta telegráfica que recebi de você, à qual minha mensagem era um reconhecimento.<sup>787</sup> Da mesma forma, um funcionário do Serviço Seletivo de Nova York foi repreendido por Washington. quando transmitiu à imprensa americana, na sua qualidade oficial, declarações derivadas do London Daily Mirror, que agora começava a acusar os homens britânicos que trabalhavam com o Rearmamento Moral na América de serem “esquivadores do recrutamento”.

Na verdade, a Embaixada Britânica reafirmou mais uma vez em 1 de Maio de 1941 que todos estes trabalhadores britânicos estavam na América com o conhecimento e permissão do governo britânico. Depois de Pearl Harbor, o Embaixador Britânico ordenou que nenhum membro do pessoal da Embaixada fizesse mais declarações, uma vez que, por acordo entre os parceiros Aliados, o estatuto de todos os cidadãos britânicos nos Estados Unidos era agora uma questão americana. A administração americana continuou a sua política de apoio aos trabalhadores do Rearmamento Moral após esta data.<sup>788</sup>

Elementos da imprensa, no entanto, reiteraram acusações através do Atlântico. As negações foram ignoradas. Quando Rudolf Hess, vice de Hitler, fez uma visita surpresa de paraquedas à Grã-Bretanha, a imprensa americana e canadense noticiou um “anúncio confiante” de William Hillman, editor europeu da Collier's, de que Hess era um seguidor de Buchman e havia voado para a Inglaterra para fazer contato com o Grupo de Oxford com o propósito de negociar a paz.<sup>789</sup> Buchman ficou tão surpreso ao ler isso quanto qualquer outra pessoa. Apenas o Allentown MorningCall publicou sua declaração de que ele nem conhecia Hess.<sup>790</sup>

No meio destas batalhas surgiu uma declaração pública de Sam Shoemaker, cuja grande casa paroquial, anexa à Igreja do Calvário, em Nova Iorque, tinha sido durante quinze anos a sede e o escritório do trabalho de Buchman na América. Shoemaker anunciou à imprensa americana<sup>791</sup> e britânica que tinha decidido pôr fim à sua associação com Buchman “porque surgiram certas políticas e pontos de vista no desenvolvimento do rearmamento moral sobre os quais temos tido crescentes dúvidas”. Ele não quis, de acordo com o Daily

---

<sup>787</sup> Stephen Early para Fred D. Jordan, 19 de novembro de 1941.

<sup>788</sup> Major-General Lewis B. Hershey ao Almirante William D. Leahy, assessor sênior do Presidente Roosevelt, 3 de agosto de 1942.

<sup>789</sup> Washington Star, 15 de maio de 1941, et al.

<sup>790</sup> Chamada matinal de Allentown, 15 de maio de 1941.

<sup>791</sup> New York Times, 21 de abril de 1941.

Telegraph, dizer quais eram essas “políticas e pontos de vista”, mas acrescentou: “Quando o Grupo de Oxford era, na sua própria definição, “um movimento de religião pessoal vital trabalhando dentro das igrejas para tornar os princípios do Novo Testamento são práticos como força de trabalho hoje”, nos identificamos totalmente com ele.”<sup>792</sup> Shoemaker concluiu pedindo a Buchman que removesse todo o material e pessoal e do Grupo de Oxford da Calvary House.

Logan Roots, o primaz reformado da China, que agora trabalha a tempo inteiro com Buchman, deu a sua própria explicação deste desenvolvimento. «A questão simples», disse ele, «é que Shoemaker iniciou uma nova política paroquial, segundo a qual ele sentiu que a paróquia era o objetivo principal. Buchman, fiel à sua definição de vinte anos do Grupo de Oxford como um programa de vida que resulta em mudanças pessoais, sociais, raciais, nacionais e supranacionais, sentiu que o trabalho não poderia ser limitado aos limites de uma paróquia, mas deveria dar-se e o seu trabalho a todas as paróquias e todas as denominações, e que se a paróquia o visse corretamente, a Igreja poderia realmente ser um centro focal para salvar o mundo.»<sup>793</sup>

Nenhuma das afirmações, ao que parece hoje, incorporava toda a verdade. Buchman não mudou os seus objetivos, nem Shoemaker quis limitar a sua influência a uma única paróquia. Mas Shoemaker já havia decidido, já em 1925, trabalhar dentro de uma estrutura de igreja tradicional, enquanto Buchman estava convencido de que ele próprio, e a Igreja, deveriam alcançar todos os cantos da vida, e que isso exigiria uma atitude nova e revolucionária. A mesma questão surgia entre eles sempre que Buchman dava um novo passo para quebrar o casulo.

Por trás dessas diferenças estavam o caráter e os objetivos dos dois homens. A amizade entre eles foi duradoura e genuína, e Buchman apreciava a habilidade de Shoemaker em ajudar as pessoas. Mas ambos eram personalidades fortes e, embora Shoemaker fosse bem mais jovem que Buchman, ele nunca aceitou a tutela de bom grado e parece ter às vezes optado por interpretar a franqueza de Buchman em assuntos pessoais como uma tentativa de domínio.

---

<sup>792</sup> Daily Telegraph, 10 de novembro de 1941.

<sup>793</sup> Declaração do Bispo Logan Roots aos líderes da igreja (Martin MSS).

Para Buchman a ruptura foi uma tristeza pessoal. Ele previu que isso aconteceria, já que recriminações pessoais contra ele dentro da comunidade da Calvary House começaram a surgir durante a primavera. Essas dificuldades fizeram com que sua saúde piorasse e seu médico o transferiu de Calvary House para o campo. “A sua grande preocupação”, escreve o médico, “não era a sua saúde, mas o seu amigo. . . o que lhe causou grande agonia de espírito, mas sem qualquer palavra de amargura ou ressentimento. Um dia encontrei-o relaxado e seu rosto brilhava. Era evidente que algo tremendo havia acontecido com ele. Ele disse que havia orado a noite toda por seu amigo... “Viverei a unidade”, disse-me ele. “Diga isso a todos.””<sup>794</sup>

Quando veio a declaração pública, ele discutiu o assunto pela primeira e última vez com alguns amigos: 'Dizem que houve uma divisão entre nós. Não é uma cisão, mas sempre houve uma cisão... Não consigo levantar nenhum sentimento contra ele. Minha temperatura não sobe nem um centímetro. A um amigo da Igreja do Calvário que lhe escreveu perguntando se deveria cortar a sua associação com Shoemaker, Buchman respondeu que certamente não o deveria fazer, pois Shoemaker precisaria do seu apoio mais do que nunca.'<sup>795</sup> Na verdade, a calma e a bondade de Buchman são evidentes em cada menção de Shoemaker neste período. Ele também parece ter sentido que parte da culpa era dele. 'Fiz do Calvário um ídolo', disse ele, 'e foi um erro.'<sup>796</sup>

Várias soluções foram encontradas para o problema prático de para onde Buchman e seus amigos levariam seus pertences. Na realidade, este desenvolvimento tinha sido inevitável: era difícil gerir uma ação mundial a partir de uma casa paroquial, e era difícil gerir uma paróquia a partir daquilo que se tinha tornado um centro mundial.

Alguns dos críticos de Buchman aprovaram o evento para tentar abrir uma brecha entre eles e seu considerável apoio na Igreja e, em alguns casos, alcançaram-no. Também foi alguém que achou difícil apoiar a atual campanha de imprensa contra Buchman de uma maneira fácil de abandonar sua conexão com ele, mesmo que não fosse a intenção de Shoemaker. Isso não alterou de maneira alguma a relação de Buchman com a Igreja. "Creio com todo meu coração na Igreja, a Igreja em chamas, em chamas de revolução", disse dois anos depois.<sup>797</sup>

---

<sup>794</sup> Dra. Irene Gates para Martin, (Martin MSS).

<sup>795</sup> Buchman para Paul Musselman, 27 de setembro de 1941.

<sup>796</sup> John Caulfeild, MS não publicado, 18 de novembro de 1941.

<sup>797</sup> Buchman, pág. 144.

As batalhas que foram lançadas em torno de Buchman e o Rearmamento Moral envergonharam, mas não impediram o progresso do programa *You Can Defend America/ Você pode defender os Estados Unidos*, em todo o país. A obra realizou uma grande gira no Sul e no Médio Oeste até Detroit via Cleveland, Ohio, onde foi projetada na Convenção Anual dos Trabalhadores Siderúrgicos da América. Philip Murray, o líder escarpado do CIO, nascido na Escócia, disse depois da atuação: "Exemplifica o espírito e o tipo de unidade que os Estados Unidos buscam".<sup>798</sup>

Em Detroit, ele pagou 5.000 pessoas por noite. A primeira oleada de resposta patriótica depois de Pearl Harbor, que resultou em um aumento na produção industrial, estava permanecendo. O peso da carga de guerra caiu sobre a indústria, que estava dividida por profundas disputas ideológicas. Quase todas as reuniões sindicais importantes forçaram uma batalha campal entre os comunistas que estabeleceram uma segunda frente na Europa de imediato e trataram de obter o controle do sindicato, e os socialistas que tentaram impedi-lo e restringir as discussões sobre questões industriais.

Buchman criou que "a vitória total significa que devemos ganhar a guerra das armas e a guerra das ideias". "Ambas cosas", comentou, "se está librando aqui mesmo em Detroit". A guerra pode perder ou ganhar em Detroit. Henry Ford foi seu anfitrião na cidade durante os cumprimentos de Buchman em junho. Tinha Buchman e vários de seus colegas alojados como convidados no *Dearborn Inn*, e ele e a senhora Ford estudaram em um grande almoço de aniversário no Museu Ford em Greenfield Village e várias vezes em *You Can Defend America*. Tendo finalmente decidido se dedicar à produção de aviões, a Ford começou a construir sua



Buchman (centro) com o Sr. e a Sra. Henry Ford. Buchman perguntou-lhes onde poderia ser baseada uma linha de montagem de ideias que atendesse às necessidades do mundo. A Sra. Ford sugeriu a Ilha Mackinac. ©Arthur Strong/MRA Produções [View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>798</sup> 20 de maio de 1942.

enorme planta Willow Run. Buchman se perguntou como um gênio tão organizador poderia se tornar igualmente eficaz na guerra de ideias. 'Como podemos criar uma cadeia de montagem para produzir homens que trabalhem juntos, que possam curar a amargura, aumentar a produção e fornecer a imaginação para que nasça um novo mundo?' ele foi escrito na Ford. 'Onde podemos encontrar o lugar para construir Willow Run e produzir as ideias que respondam aos "ismos"? Reestruturamos nossas indústrias para fazer frente a uma emergência nacional. Com a mesma rapidez e minuciosidade devemos reestruturar nosso pensamento e nossa forma de viver para enfrentar um mundo cambiante'.<sup>799</sup>

A pista que eventualmente levou ao lugar que Buchman procurava não veio de Henry Ford, mas de sua esposa. Na festa de aniversário, ela comentou que Buchman parecia indisposto e deveria descansar. O calor era opressivo e ela falou do clima frio da Ilha de Mackinac, nos Grandes Lagos, onde os Lagos Huron e Michigan se encontram. Buchman já tinha ouvido falar que as restrições da guerra haviam deixado a ilha vazia e foi fazer um breve reconhecimento. A Sra. Ford estabeleceu sua boa-fé com o proprietário do Grand Hotel de lá, Stewart Woodfill, e quando um membro do Park Commission da ilha ofereceu o uso de um hotel histórico, mas dilapidado, o *Island House*, por um dólar por um ano, Buchman sentiu ele havia encontrado seu equivalente a Willow Run. A *Island House* estava num estado de sujeira dificilmente descritível - com comida de dois anos ainda nas panelas no fogão a lenha - mas havia, ele notou, um celeiro atrás do prédio principal, onde podiam ser realizadas reuniões e peças de teatro.

Um grupo avançado foi imediatamente enviado para tornar a Casa da Ilha habitável. Hale era um deles. "Francamente, o lugar estava tão destruído que pensei que estávamos sendo cobrados demais", escreve ele. "Quando acordei na primeira manhã, encontrei 79 picadas de percevejos salpicando meu corpo. Nós vasculhamos e esfregamos e, pouco a pouco, limpamos o local, removemos o mau cheiro e a sujeira. Mas ainda havia muito a fazer quando a força principal chegou de Detroit."<sup>800</sup> No entanto, a "Casa da Ilha" abriu como o primeiro centro de treino para o Rearmamento Moral em 9 de julho de 1942.

Enquanto isso, Buchman e a maior parte de sua equipe permaneceram na área de Detroit, o que irritou Ford, de 78 anos. Ele resmungou para Charles Lindbergh, que o estava

---

<sup>799</sup> Buchman para Henry Ford, redigido em 21 de junho de 1942.

<sup>800</sup> Hale, vol. Eu, pág. 98.

ajudando na criação de Willow Run, que a força de Buchman havia demorado demais para ser bem-vinda e que o haviam convidado para uma festa noturna e o mantiveram acordado por muito tempo.<sup>801</sup> Na verdade, Buchman e ele raramente conheci depois disso. No entanto, James Newton e Eleanor Forde, agora casados, sempre foram bem-vindos, e quando a mãe de Bill Jaeger, Annie, contraiu câncer e passou um ano no Hospital Henry Ford, a Sra.

A Ilha de Mackinac, situada perto da fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá, a um curto voo de avião de Chicago e Detroit, mas proibida a todo o tráfego motorizado, habituou-se gradualmente a receber delegações primeiro das indústrias do Centro-Oeste e depois de todo o mundo. Stewart Woodfill, cujo Grand Hotel era uma enorme estrutura de madeira do século passado que parecia um transatlântico encalhado numa colina verdejante, conviveu intimamente com os magnatas industriais dos últimos quarenta anos. Ele descreveu mais tarde seu primeiro encontro com Buchman: “Eu estava curioso para saber o que estava acontecendo na *Island House*. À medida que ele explicava o assunto, fiquei impressionado com a sua dedicação a objetivos muito grandes, mas a minha mente empresarial não conseguia compreender como uma organização deste tipo poderia funcionar com sucesso sem taxas de adesão, sem rendimento fixo e aparentemente sem capital de giro. Convidei o Dr. Buchman para ser meu convidado no meu hotel. Foi o início de uma documentação surpreendente do Rearmamento Moral, à qual algo foi acrescentado todos os anos em que o conheci.<sup>802</sup>



Ilha de Mackinac, Michigan, onde um centro de treinamento foi criado em 1941 em apoio à campanha nacional desenvolvida em Tahoe.

©Robert J Fleming/MRA Produções  
[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>801</sup> Charles A. Lindbergh: Diários de Guerra (Harcourt, Brace & Jovanovitch, 1970), p. 674.

<sup>802</sup> Contribuído, mas não impresso, para Frank Buchman - Eighty em 1958.

Durante o fim de semana do Dia do Trabalho, no início de setembro deste ano e em 1943, o centro de treinamento Mackinac foi visitado por trabalhadores e gestores de muitas partes da América. Um dos líderes trabalhistas foi William Schaffer, da Cramp Shipbuilding Company, na Filadélfia, onde *You Can Defend America* foi exibido no ano anterior. Ele tinha 29 anos e sua esposa, 'Dynamite', e já havia concordado com o divórcio, o que significava a separação de suas duas filhas. Ele conheceu Buchman. 'Minha primeira impressão foi: 'O que esse pássaro quer de mim?'' Para minha surpresa, descobri que ele não queria nada. Com seu jeito tranquilo, sem falar muito sobre isso, ele me deu uma grande sensação de que havia algo errado dentro de mim."<sup>803</sup> Schaffer deixou Mackinac depois de quatro dias, pensando furiosamente. Ele ficou surpreso ao encontrar Henry Sanger, o banqueiro de Ford, varrendo a varanda em mangas de camisa; e em sua viagem de volta descobriu que um ex-presidente da Câmara de Comércio de Los Angeles, George Eastman, a quem ele havia encarado com profunda suspeita na conferência simplesmente por causa do cargo que ocupava, havia ficado sentado no trem a noite toda para que ele poderia ter um beliche para dormir. "Eu sabia então, independentemente do que alguém dissesse, que esta era a maior revolução existente", disse Schaffer.<sup>804</sup> Mais tarde, quando *The Forgotten Factor* foi exibido em seu estaleiro, ele percebeu que Buchman tinha "a única resposta que salvaria minha casa, meu sindicato e a *Cramp Shipbuilding Company*". Em 1958 ele escreveu "a família Schaffer será sempre grata".<sup>805</sup>

Denis Foss, um jovem oficial da Marinha Mercante Britânica que foi torpedeado duas vezes em vinte e quatro horas e agora descansava entre as viagens, visitou Mackinac naquele ano e notou o início da mudança em outro líder sindical: "Havia talvez uma centena de crianças lá com seus pais. Quando a sessão de domingo estava começando, Buchman passou da parte de trás do celeiro-teatro para a plataforma. Ele se sentou e esperou que todos se acomodassem. Uma garotinha se aproximou e subiu em seu joelho. Buchman perguntou se ela queria contar alguma coisa à reunião lotada. "Não", ela disse, "eu só quero ficar com você." Quase imediatamente, duas outras crianças estavam na plataforma, e então os adultos retiraram-se discretamente, seguidos por outras vinte. "Bem, crianças", disse Buchman. "Esta

---

<sup>803</sup> Frank Buchman - Oitenta, p. 124.

<sup>804</sup> Hale, vol. Eu, pág. 98; Martin MSS.

<sup>805</sup> Frank Buchman - Oitenta, p. 124.

é uma sessão de trabalho. O que vamos dizer a essas pessoas?" Uma por uma, algumas crianças nos contaram o que estavam aprendendo em Mackinac. Na minha frente estava sentado um homem chamado Nick Dragon com sua esposa. Foi Diretor Regional da *United Automobile Workers* - CIO em Detroit. Percebi que ele tinha lágrimas escorrendo lentamente pelo rosto e o ouvi dizer à esposa: "Aqui estou tentando controlar milhares de trabalhadores e não consigo controlar meus próprios filhos. Olhe para eles com Buchman. Como ele conseguiu isso que não temos?"

Foss também descreve como Buchman o convocou para deixar seu próprio trabalho mais em ordem. Sentados em duas espreguiçadeiras à beira do lago, ele entregou a Foss o *New York Herald Tribune* do dia. 'Imagino que você seja como eu', disse ele, 'e tenha adquirido o hábito de fazer duas coisas ao mesmo tempo. Enquanto falamos sobre a Inglaterra, você lê o *Herald Tribune* e eu leio o *New York Times*. Diga-me se vir alguma coisa que eu deva saber e farei o mesmo por você.'

Então Buchman disse: 'Agora, Denis, quero que você me diga onde estamos errando aqui.' Foss, envergonhado, respondeu que três coisas o impressionaram: um lobby frontal extremamente desarrumado, a ausência de pessoas uniformizadas e uma certa rigidez entre homens e mulheres. Nos dias seguintes, Foss foi abordado primeiro por um grupo de mulheres que o informaram que Buchman havia dito que ele tinha algumas ideias revolucionárias sobre como cuidar da casa e que deveriam perguntar-lhe sobre elas; e depois por um grupo de jornalistas acompanhados por um cartunista e uma secretária, solicitando conselhos sobre como levar alguns de seus colegas de serviço a Mackinac. Foss, não tendo nenhum conselho a oferecer sobre qualquer assunto, sugeriu ouvir a Deus. O resultado foi um esboço escrito pelas empregadas que produziu uma transformação nos hábitos de vida em todo o edifício; e um jornal duplicado, com desenhos animados, contando a experiência do próprio Foss sobre a orientação de Deus em condições de batalha, que foi enviado aos milhares e trouxe um grupo de militares para Mackinac. Sobre o assunto de relacionamentos, o único comentário de Buchman foi: 'Às vezes fico triste por nunca ter recebido orientação de Deus para me casar - talvez eu pudesse ter ajudado mais.'<sup>806</sup>

Apesar das tensões crescentes sobre a questão da convocação, Buchman disse neste momento: 'Estou vivendo numa zona de calma.' Mas os acontecimentos estavam cobrando

---

<sup>806</sup> Denis Foss, MS não publicado.

seu preço físico e sua saúde estava longe de ser boa. O verão não lhe trouxera descanso. Mesmo assim, em 16 de setembro, ele decidiu ir para a Califórnia “para fazer o discurso da minha vida” e deixou Mackinac naquele dia. Ele chegou a Los Angeles sofrendo de cansaço e dor de garganta, mas começou seu primeiro dia lá com um telefonema às 4 da manhã e terminou com uma bronca em sua equipe, ocupada na apresentação de *You Can Defend America*, por 'vender um show em vez da filosofia' e, conseqüentemente, não falar de forma convincente a partir da plataforma ou vender livros ao público depois.

Depois de uma semana em Los Angeles, ele sentiu que deveria ir para São Francisco, depois para Seattle e voltar para Mackinac. Novamente, ele saiu no dia em que a decisão foi tomada. Esses dias foram uma mistura de cansaço, pequenas dores, viagens e encontros com muita gente, individualmente e em grupo. De volta a Mackinac, ele conversou com sua equipe; encorajou-os a cozinhar melhor, a escrever melhor, a 'falar bem e com precisão', a 'reservar tempo para serem santos'; fizeram planos para seus próximos movimentos; acompanhou a batalha em Washington sobre a convocação dos seus colegas mais jovens; fez Victor Reuther, irmão de Walter Reuther e, como ele, líder do Sindicato dos Trabalhadores Automobilísticos, para ver *The Forgotten Factor*, caminhou pela ilha e avistou mirtilos que foram colhidos para o almoço do dia seguinte; enviou livros para Woodfill no Grand Hotel; e lutou contra a dor e a fadiga. “Não consigo pensar”, disse ele um dia a um médico. 'Não é bom. Nunca pensei que meus sessenta anos me tratariam assim. Você acha que serei assim até o fim?

A questão urgente da mão de obra ainda permanecia. Com o aumento da demanda pelos serviços de seus homens treinados, ele ainda não conseguia planejar com muita antecedência até saber se eles estariam disponíveis. A Administração do Serviço Seletivo continuou a adiá-las durante seis meses de cada vez, mas estava agora a tornar-se uma decisão política e administrativa altamente explosiva. Em Washington, tal como em Westminster, havia quem acreditasse que o que estes homens faziam era de vital importância. Um grupo de figuras públicas importantes, liderado pelo Senador Truman<sup>807</sup>, escreveu em abril de 1942 ao Presidente Roosevelt uma carta na qual dizia: “Achamos que seria nada menos que uma

---

<sup>807</sup> Truman, um democrata, era agora presidente do Comitê de 'vigilância' do Congresso sobre Contratos de Guerra. Seus cossignatários foram o congressista Wadsworth, um republicano, que apresentou o projeto de lei que cria a Administração do Serviço Seletivo, e os presidentes de as duas organizações trabalhistas nacionais, William Green da AFL e Philip Murray do CIO.

contradição com o espírito da Lei do Serviço Seletivo, se estes homens fossem designados a qualquer outro tipo de serviço de guerra que não aquele em que até agora têm estado tão utilmente empenhados.<sup>808</sup>

A resposta oficial do presidente Roosevelt foi reconhecer a carta e encaminhá-la ao Diretor do Serviço Seletivo para consideração. Sua convicção pessoal foi refletida em uma carta escrita ao seu antigo diretor, Dr. Endicott Peabody, que ficou impressionado com *You Can Defend America*, peça e livro. O Presidente escreveu: 'Precisamos de mais coisas assim para manter e fortalecer o moral nacional. Segundo todos os relatos, estão a dar um contributo esplêndido ao patriotismo e espero que muitas comunidades tenham o benefício de assistir a uma atuação.'<sup>809</sup>

---

<sup>808</sup> Harry S. Truman e outros ao Presidente Roosevelt, 16 de abril de 1942.

<sup>809</sup> Carta datada de 25 de março de 1942, impressa em Frank David Ashburn: Peabody of Croton, A Portrait (Coward McCann, 1944), p. 350.

## À BEIRA DA MORTE

Mas as convicções pessoais e as pressões políticas nem sempre coincidem. A questão estava tornando-se tão quente para os legisladores em Washington como tinha sido em Westminster, e foi ataçada por uma seção da imprensa.

O início em Mackinac foi frutífero, mas para Buchman foi um verão difícil. Como tantas vezes ele estava insatisfeito, sentindo a necessidade de uma nova profundidade de experiência espiritual e de uma nova forma de alcançar a mente do país. “Precisamos do médium para dar uma vida espiritual mais rica à América”, disse ele. 'Quero ir embora e encontrar uma visão totalmente nova, uma expressão do que precisamos trazer para a nação.'

Ele decidiu descansar alguns dias em um pequeno hotel em Saratoga Springs, no estado de Nova York, lugar onde havia passado férias em seus anos de estudante. Ele chegou como um homem cansado, sem nenhuma ideia clara do que deveria fazer ou que recursos lhe restariam para empregar. “Não sei o que o futuro reserva”, disse ele calmamente a alguns amigos. “Tenho a sensação de que vou ser atacado fisicamente. Não tenho medo disso, mas quero que você saiba o que sinto que pode acontecer.

Buchman chegou a Saratoga Springs no final de novembro de 1942. Em 20 de novembro, ele recebeu a notícia da morte de dois amigos, um filho do empresário londrino Austin Reed, morto em combate, o outro uma notável sufragista e grande dama republicana, a Sra. Sumner Bird, que com sua neta, Ann, desempenhou um papel importante na apresentação de *You Can Defend America* em Boston, em agosto de 1941. Buchman era dedicado a eles e acabara de escrever à neta encorajando-a a conhecer as mulheres líderes do Sindicato dos Trabalhadores do Vestuário na sua cidade: 'Penso que este desenvolvimento é semelhante ao que chegou à sua avó através do movimento sufragista. Algumas pessoas aqui estão morrendo porque seu único objetivo parece ser o fim de um cigarro e o próximo coquetel. Você está realmente fazendo o que aconteceu no Novo Testamento. Lembro-me de algumas falas de quando era menino: Ouse ser um Daniel, ouse ficar sozinho, ouse ter um propósito verdadeiro e ouse torná-lo conhecido!

Para Daniel basta colocar o nome "Ann". Há pessoas que não compreenderão, mas prefiro elogiar o apreço daqueles quatrocentos trabalhadores do vestuário do que todos os mexericos modernos que todos nós temos de ouvir, mas com os quais nem sempre concordamos.<sup>810</sup>

Naquela noite, em Saratoga Springs, num clima descontraído e radiante que trazia à sala a sensação de eternidade, ele conversou com alguns amigos sobre os dois falecidos: "A memória dos homens justos aperfeiçoados!" Muitos funerais são tão antinaturais e inadequados. Eles deveriam inspirar o que for necessário para a próxima geração. Que alegria ter pessoas que lhe darão um cenário quando você passar, o que fará com que outros se levantem e apoiem seu trabalho.'

Ele disse a bênção que mais amava: 'O Senhor te abençoe e te guarde; o Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti; o Senhor levante sobre ti a luz do seu rosto e te dê a paz.' Então ele foi para seu quarto. 'Ele estava', registrou seu secretário, 'extremamente feliz com um profundo sentimento do triunfo da morte em Cristo'.

No dia seguinte, enquanto caminhava pelo corredor do hotel para sair, ele desmaiou repentinamente. O médico local, Dr. Carl Comstock, chegou lá em dez minutos e descobriu que ele havia sofrido um derrame, que prejudicou sua fala e paralisou o lado direito do corpo. Porém, meia hora depois, Buchman falava um pouco. Pouco depois, ele se sentou e, então, com os colegas mais jovens surpresos demais para impedi-lo, levantou-se, foi até o banheiro e voltou para a cama sem ajuda. Comstock, informado disso mais tarde, disse que nunca tinha ouvido falar de nada parecido. Mas o prognóstico era mau e, com as enfermeiras locais afastadas durante a guerra e uma epidemia de gripe na cidade, a enfermagem seria difícil.

Sem saber nada sobre a emergência, uma médica nova-iorquina amiga de Buchman, Irene Gates, sentiu uma forte compulsão interior de visitá-lo naquele dia. Poucas horas depois do derrame, ela entrou. Paul Campbell, um jovem médico em ascensão do Hospital Henry Ford, em Detroit, que havia renunciado ao emprego para trabalhar com Buchman, chegou para se juntar a ela. Nos dias seguintes, ele e o Dr. Gates cuidaram de seus pacientes durante sucessivas crises, apoiados pelas orações de milhares de pessoas a quem a imprensa havia levado a notícia. Várias vezes o pulso de Buchman desapareceu quase totalmente, enquanto

---

<sup>810</sup> Citado por Buchman em transmissão mundial de São Francisco, 4 de junho de 1940. Citado em parte em Buchman, p. 97.

seus amigos assistiam hora após hora. Todas as vezes eles oraram, ao lado da cama dele ou em um quarto adjacente, e todas as vezes ele conseguiu passar.

Três dias depois do derrame, Buchman mandou chamar os amigos que tinham vindo para ficar por perto. O diário de Campbell diz: '23h, 24h, terça-feira: evidência de colapso circulatório. Frank sentiu que a morte se aproximava. Pediu serviço de comunhão. Todos entraram. Chamou: "John, John - ele está sempre comigo." "Você quer dizer Mike?" "Mike! Sim, Mike, Mike, Mike." Mike entrou. Frank olhou para ele, disse baixinho: "Sente-se um pouco" e começou a chorar. "Quanto tempo, quatro anos?" Mike respondeu: "Oito anos, oito bons anos". Frank então pediu sua carteira. Analisei cada item com Mike, distribuindo o dinheiro, designando alguns cheques para serem devolvidos. Então ele chamou todos nós. Parados ao redor da cama, nesta ordem: Ken, John, Grace, Enid, Garrett, Elsa, eu, Mike, Ray, Irene, Ellie, Laura, Morris. "Sinto a morte próxima." "Funeral Allentown, domingo ou segunda-feira." Ken: "Continuaremos lutando". Frank começou a chorar novamente. Então ele olhou para Garrett e disse: "Ore". Garrett conduziu todos nós na oração do Pai Nosso...'

Outro dos presentes lembra que depois de terminarem a oração do Pai Nosso, Buchman repetiu lentamente e com dificuldade: "Teu é o reino, o poder e a glória". "Quero dizer adeus. Mas odeio ter que deixar vocês." Ele pediu que as duas empregadas do hotel que cuidavam do quarto entrassem para que ele pudesse agradecer. Então ele dormiu.

Alguns de seus amigos passaram a noite orando. Outros trabalharam durante a noite tratando de consultas da imprensa e considerando decisões urgentes. Novamente na manhã seguinte ele estava mais fraco e sentiu que estava indo. 'Tenho sessenta e quatro anos. Estou pronto; mas talvez o Senhor ainda não me leve. Mas vocês precisam começar a trabalhar.

'O dia seguinte foi o Dia de Ação de Graças. Novamente ele pediu a seus amigos que viessem e orou: 'Oh, doce Jesus, Tu nos usarás, e nos abençoarás, e nos possuirás.' Ele fez uma pausa entre cada frase e então abriu os olhos. 'Eu vi os braços estendidos. Foi maravilhoso. Estou esperando há muito tempo por isso. Estou pronto.'

Mais tarde, porém, ele ficou um pouco mais forte e pôde receber notícias de amigos que perguntaram por ele. Quando soube que Henry Ford havia telefonado, um brilho lhe retornou: 'Ele não gosta de usar o telefone.' O ex-contrabandista de Tahoe estava perguntando por ele, e chegaram telegramas de William Temple, que se tornara arcebispo de Canterbury naquele ano, e de Lorde Lang de Lambeth. Amigos na Grã-Bretanha fizeram uma cadeia de

orações contínuas por todo o país. 'Talvez Deus me dê mais dez dias ou mais', pensou ele naquela noite. Mas a partir daquele Dia de Ação de Graças ele começou a melhorar muito lentamente.

Algum tempo depois ele falou desta experiência: 'O velho médico estava lá. Ele esperava que eu fosse, mas tive a experiência de uma vitória gloriosa. Eu vi a glória do outro mundo. Vi os braços estendidos de Cristo e eram maravilhosos. Foi melhor do que qualquer coisa que já vi, a visão da vida além. Vou manter essa visão. As insondáveis riquezas de Cristo. Foi glória. Eu sabia que estava em apuros lá em Saratoga. Mas depois de algum tempo ficou claro: "Ainda não chegou a hora. Seu trabalho não terminou. Você tem outras coisas para fazer." Estou feliz por ter ficado.

Certo dia, Buchman acrescentou a Ray Purdy: "Eu vi Jesus. Ele me mostrou onde eu estava errando. Estou organizando um movimento. Mas um movimento deve ser o resultado de vidas transformadas e não o meio de mudá-las. De agora em diante vou pedir a Deus que me transforme em um grande transformador de vida."

Esse dilema na vida de Buchman foi cristalizado para ele por sua doença; mas era perpétuo e inerente ao empreendimento de realizar trabalho pessoal com indivíduos na maior escala possível. A tentação de ter uma mentalidade de movimento também pode ter sido geralmente mais óbvia para ele nos seus colegas do que nele mesmo.

Lentamente, para espanto do Dr. Comstock, Buchman voltou à convalescença, com deficiência apenas na mão e na perna direitas. No dia 11 de dezembro, ele sentou-se pela primeira vez na cama, numa cadeira. No dia 9 de fevereiro ele foi ao banheiro pela primeira vez. Em 11 de março, ele desceu pela primeira vez e, em 18 de março, partiu de carro e trem para Nova Iorque e, no dia seguinte, para Washington para se despedir de cinco de seus colegas que partiriam para o exército. "Ele ainda estava gravemente doente, mas insistiu em arriscar a viagem", escreve Hale. 'Quando foi carregado, ele parecia frágil como papel, mas seus olhos eram combativos.'<sup>811</sup>

Quando o Dr. Comstock veio se despedir, ele disse a Buchman que observá-lo durante aquelas semanas havia restaurado a fé que ele havia abandonado há muito tempo. Ele se recusou a apresentar uma conta, mas simplesmente disse: 'Sou seu devedor'. Mais tarde, na

---

<sup>811</sup> Coronel John Langston para Buchman, 19 de janeiro de 1942.

guerra, quando o seu próprio filho ficou gravemente ferido, ele escreveu a Buchman que, sem esta fé reencontrada, naquele momento ele teria perdido a esperança da vida.<sup>812</sup>

A recuperação de Buchman foi retardada por um problema cardíaco de longa duração, sobre o qual ele havia sido avisado pela primeira vez por um médico alemão no final da década de 1930. As anotações de Campbell para o verão anterior ao derrame às vezes mostram seu pulso disparando até 130 ou 140. Ele também sofria de dores crônicas e muitas vezes agudas por causa de hemorroidas. Todos esses sintomas persistiriam pelos próximos vinte anos e Campbell cuidou dele quase o tempo todo, apenas fazendo uma pausa quando era necessário para realizar um RAM em outro lugar e quando outro médico pudesse substituí-lo. Ele acredita que esse derrame salvou a vida de Buchman, caso contrário ele teria se matado por excesso de trabalho.

Seus amigos não consideravam Buchman um paciente fácil. Ele sempre sustentou que havia uma maneira certa e uma maneira errada de fazer tudo, uma crença parcialmente herdada de sua mãe. Agora, tudo o que ele havia aplicado durante anos em suas atividades mundiais parecia concentrado em seu único quarto. As cortinas tinham que estar perfeitas e todos os outros detalhes corretos. Seus amigos podiam ver que ele queria ou sentia intensamente alguma coisa; mas muitas vezes ele não falava ou usava apenas o alemão da Pensilvânia. 'Comida?' eles diriam. Não é isso. 'Bebida?' Não. 'Você começava a tentar encontrar a coisa certa, o que parecia tão óbvio para ele', registrou um deles.

Campbell diz, no entanto, que, ao longo de sua longa convalescença, que foi uma mudança tão traumática em relação às atividades lotadas de sua vida anterior, Buchman não mostrou sinais de frustração. Certa vez, quando descobriu que Campbell estava discutindo com o Dr. Comstock se a "ansiedade" estava agravando sua situação, Buchman disse-lhe: "Você ainda não me entende, não é?" Comstock escreveu mais tarde sobre a sua "atitude calma e imperturbável, sem qualquer evidência de medo pelo futuro, seja aqui ou ali, por assim dizer".<sup>813</sup>

---

<sup>812</sup> cf. Bristol sob Blitz, do vereador THJ Underdown, Lord Mayor de Bristol, publicado em fevereiro de 1941; também Relatório sobre o Trabalho de Rearmamento Moral em Nottingham pelo Conselheiro Wallis Binch, Lord Mayor 1939-40 (Hawthornes, Nottingham, julho de 1941); também Nottingham Journal, 1º de março de 1941.

<sup>813</sup> Entre 7 e 31 de agosto de 1940.

Suas orações neste momento foram curtas e simples. 'Cure-me', ele orou em 30 de março, 'e prometo ser um bom menino', e em 17 de abril, 'Você sabe que estou longe de estar bem. Conceda-me sabedoria para a visão que preciso hoje, amanhã e depois. Sou apenas um pobre, fraco e indefeso filho Teu vindo até Ti em busca de ajuda.' Mas a maioria de suas orações foi pelos outros, e especialmente por aqueles que estavam sendo convocados para os cultos.

No dia de Ano Novo de 1943, cinco semanas após o derrame, Buchman ditou uma mensagem aos amigos e colegas que continuavam seu trabalho na América, que revela algo de seu estilo de liderança. Em parte, lê-se: 'O chamado de Deus é para a liderança espiritual, o bem mais raro, mais precioso e mais urgentemente necessário no mundo. A sua necessidade é universal, as suas possibilidades são infinitas – e permanece não racionada. Nossa tarefa como irmandade é fornecer essa liderança...

'Ano Novo é hora de fazer um balanço. Não se percam. Que o chamado de Deus tenha precedência sobre qualquer outro chamado... Todos desejam em seus corações desempenhar algum papel, por mais humilde que seja, na reconstrução do nosso mundo. Eles responderão quando tiverem a oportunidade de ver como. . . Edifiquem de todas as maneiras que puderem e incorporem em cada situação, em cada lar, em cada pessoa, tudo o que puderem deste espírito vivificante. Nunca hesitem, nunca sejam inferiores...

'Não deixem que os fracassos de 1942 os desanimem - aprendam com eles e sigam em frente. Não sigam por eles, mas pelo chamado de Deus e pelo poder de Deus. Eles nunca falham. Lembre-se disso especialmente sob ataque. Não há poder na terra que possa detê-lo, ou mesmo dividi-lo, se você viver em humilde dependência de Deus Todo-Poderoso, em simples obediência ao Seu Espírito Santo e em comunhão com Ele e uns com os outros.

'Estejam sempre prontos para mudarem, da maneira que for mostrado. Nunca sejam orgulhosos ou obstinados, mas deem tudo o que vocês têm. Se os sentimentos dominam a orientação, tenham certeza de que há egoísmo em algum lugar. Deixem tudo isso passar de uma vez. Só Deus pode satisfazer..!'

Durante as primeiras semanas de sua doença, uma campanha feroz contra Buchman estava sendo realizada em certos jornais de Nova Iorque, onde as decisões sobre seus colegas de tempo integral no exterior tinham de ser tomadas pelo Draft Board local, uma vez que aquele era seu porto de entrada. Estas decisões por vezes tornaram-se disponíveis para os

jornalistas inquiridores mesmo antes de terem sido oficialmente tomadas ou de a pessoa em causa ser entrevistada. Um jornal britânico publicou pela manhã as decisões de uma reunião que se realizaria em Nova Iorque doze horas mais tarde.<sup>814</sup> O General Hershey, Diretor Nacional do Serviço Seletivo, condenou publicamente tais práticas como “injustas” e foi atacado por exercer influência de Washington.

Em 4 de Janeiro de 1943, o *World-Telegram* de Nova Iorque publicou uma manchete na primeira página acusando Washington de “proteger os que se esquivam ao recrutamento”. Foi o golpe mais duro até agora e com Buchman ainda gravemente doente em Saratoga Springs, seus amigos inicialmente hesitaram em mostrar-lhe o papel. Quando o fizeram, ele deu uma olhada e comentou: 'Bem, desta vez certamente aparecemos na primeira página!' Ao lado da história, ele viu as fotos dos homens de Washington acusados de exercer “influência”, entre eles o congressista Wadsworth, o almirante Byrd e os senadores Truman, Thomas e Capper. “Essa é uma equipe da qual eu ficaria orgulhoso em qualquer lugar”, disse ele. 'Graças a Deus por eles. A verdade de Deus continua marchando.' E ele deixou o jornal de lado.

Os aliados de Buchman em Washington permaneceram firmes. O Almirante Byrd disse à imprensa: 'Estes homens estão trabalhando longas horas sem remuneração, num esforço para mostrar a todas as pessoas que cada um tem de fazer a sua parte para vencer a guerra.'<sup>815</sup> O congressista Wadsworth escreveu: 'O Rearmamento Moral não está apenas ajudando-nos imensamente no esforço de guerra, mas precisaremos dele tanto no rescaldo desta guerra como durante o seu combate propriamente dito.'<sup>816</sup>

Os ataques americanos, mas não estas respostas, foram noticiados em partes da imprensa britânica, estimulando mais ataques na Grã-Bretanha, que por sua vez receberam ampla publicidade em Nova Iorque e Washington. Hale, que estava em Nova Iorque, afirma que “durante cinco semanas inteiras estivemos nas primeiras páginas dos jornais mais sensacionais todos os dias”.<sup>817</sup> Isso deixou o Diretor do Serviço Seletivo do Estado de Nova Iorque, cuja decisão em relação aos últimos vinte e dois anos de Buchman os homens eram definitivos, enfrentando um problema político e não administrativo. Em 12 de janeiro, ele

---

<sup>814</sup> Peter Howard: *Homens Inocentes* (Heinemann, abril de 1941).

<sup>815</sup> Daphne du Maurier: *Venha o Vento, Venha o Tempo* (Heinemann, agosto de 1940).

<sup>816</sup> Alan Bullock: *A Vida e os Tempos de Ernest Bevin* (Heinemann, 1967), Vol. 2, pp.98-101.

<sup>817</sup> Hansard, 7 de outubro de 1941.

decidiu proibir qualquer novo apelo do Rearmamento Moral a Washington, como lhe era permitido por lei. Buchman recebeu a decisão deitado, ainda muito fraco, em seu quarto em Saratoga. 'Eu seria um tolo se não reconhecesse o que isso significa. Mas não posso tirá-lo do reino do Todo-Poderoso. Odeio como pecado perder estes homens, mas agora outros devem tirar as camisas. Provavelmente cometi um ou dois erros nesses casos, mas não creio que serei um político. Vamos ter orientação. Com a mão esquerda, pela primeira vez desde o derrame, ele escreveu: 'Mudar - Unir - Lutar! Provavelmente minha batalha acabou... por pelo menos seis meses. “Isso significará um amadurecimento para vocês”, acrescentou. 'Agora vocês assumem.'

Depois, olhando pela janela, acrescentou: “É lindo lá fora. É tudo o que tenho: cerca de cinco ou seis quilômetros. Mas eu aceito. Aconteça o que acontecer, tempestade ou paz, você tem que aceitar. É um mundo dilacerado e ficará ainda mais dilacerado. Ele se virou para o pequeno grupo de homens que iam para as forças armadas e orou: 'Pai, estes homens estão saindo para o mundo inteiro. Que eles sejam capazes de unir um grupo de homens para serem homens com ideias semelhantes. Mantenha este velho país unido. Você tem uma ideia melhor do que nós. Guia, protege e guarda todos nós do perigo do corpo e da alma, através de Cristo nosso Senhor.' Sua despedida foi: 'Eu gostaria de poder ir com vocês. É uma grande batalha.

Buchman ficou com aqueles acima da idade militar, vários que foram rejeitados por motivos médicos e alguns que eram ministros religiosos. Uma tentativa do Conselho de Nova Iorque de introduzir estes últimos foi considerada ilegal por Washington. A perda de pessoal-chave significou, entre outras coisas, que já não era possível mostrar *You Can Defend America* nos Estados Unidos, embora o programa de acompanhamento na indústria e em outros locais continuasse em ritmo acelerado.

Em junho de 1943, William Jaeger escreveu a Buchman: “Temos agora cerca de 1.500 aliados trabalhistas neste país. Ficamos na casa de muitos. Em setembro, ele escreveu que oitenta e seis líderes trabalhistas e suas esposas estiveram em Mackinac naquele verão. Em janeiro de 1944, ele estimou o número de “aliados trabalhistas” em quase dois mil. Trabalho semelhante estava acontecendo com a administração.

Durante a primavera e o início do verão, Buchman recuperou as forças continuamente, ficando com diversos amigos nos estados mais quentes do Leste. Embora

desde então ele nunca tenha sido robusto fisicamente, ele estava mental e espiritualmente mais ativo do que nunca. Acompanhou as atividades de seus colegas, que incluíam adaptações de *You Can Defend America* no Canadá, Grã-Bretanha e Austrália, com o maior interesse. Na Austrália, o primeiro-ministro, John Curtin, encerrou o Parlamento mais cedo para que a revista *Battle for Australia* pudesse ser vista na sala de jantar dos deputados, que foi convertida num teatro para a ocasião. O Ministro da Marinha e Munições telegrafou a Buchman: 'Há uma nova luz chegando ao Parlamento através da sua visão.'<sup>818</sup>

Buchman ficou particularmente interessado nas conclusões de uma análise de inteligência para a Administração do Serviço Seletivo. Observou que o Rearmamento Moral atraiu igualmente o fogo dos nazis e dos comunistas, da extrema direita e da extrema esquerda na política, de ateus agressivos e de eclesiásticos tacanhos. Foi acusado pelos radicais de ser militarista e pelos belicistas de ser pacifista. Certos elementos do trabalho denunciaram-no como anti-sindical: certos elementos da gestão como pró-sindicais.

Na Grã-Bretanha, prossegue o relatório, o RAM foi acusado por alguns de ser uma frente brilhantemente inteligente para o fascismo: na Alemanha e no Japão, de ser um braço superinteligente dos serviços secretos britânico e americano. Num dia, uma seção da imprensa anunciava que o RAM estava extinto: e no dia seguinte, que contava com quase todos os membros do Gabinete Britânico na época de Munique, e era responsável pela arquitetura do ataque de Hitler à Rússia.

“Nada”, concluiu esta análise, “mas uma reforma moral e espiritual potencialmente vasta de proporções globais poderia ser honrada por antagonismos de carácter tão venenoso e contraditório, e de âmbito tão mundial.”<sup>819</sup>

Enquanto isso, Buchman estava grato por ter tempo para pensar no significado de sua luta e na própria vida. Carl Hambro e sua esposa Gudrun estavam agora nos Estados Unidos, e ele escreveu para ela da Flórida: 'Viemos para Southland para nos recuperar. O bálsamo quente do verão está sobre nós e estamos desfrutando de uma riqueza de madressilva, louro, íris, cornizo e rosas, e é um verdadeiro país como a sua Noruega. Isso nos aproxima da verdade eterna – aquilo que importa. Há tantas verdades reais que queremos aprender e para as quais parecemos nunca ter tempo. Desde esta doença tem-se mais tempo.

---

<sup>818</sup> Peter Howard: Lutadores de todos os tempos (Heinemann, 1941), p. 18.

<sup>819</sup> libras, pp.

Tu, ó Cristo, és tudo o que quero;  
Mais do que tudo em Ti encontro;  
Levante os caídos, anime os fracos,  
Cure os enfermos e guie os cegos.  
Justo e santo é o Teu Nome,  
Eu sou todo injustiça;  
Falso e cheio de pecado eu sou,  
Você está cheio de verdade e graça.

Essas linhas trazem uma grande experiência vital. Lembro-me de todos os bons momentos que passamos na vida juntos. Será que algum dia eles voltarão? O dia em Interlaken com você, Carl e sua filha: e em Genebra, e tudo o que você e Carl tornaram possível.

'Agora você veio protegido pela misericórdia e sua vida foi milagrosamente poupada para continuar seu bom trabalho. Tenha certeza de que sigo você e os seus sob o cuidado e proteção amorosa de Deus.'<sup>820</sup>

Em julho chegou a notícia de sua morte repentina. “Gudrun amava muito você”, escreveu Carl Hambro, “e você estava frequentemente em seus pensamentos. Ela estava intensamente grata por tudo que você deu a ela - e a nós. E eu também. Envio-lhe lembranças dela.”<sup>821</sup>

A essa altura, Buchman estava de volta a Mackinac com sua equipe. No caminho do Sul, ele parou na tranquila zona rural da Carolina do Norte, em Tryon, onde assistiu ao casamento de George West, o bispo anglicano de Rangum, com sua ex-secretária, Grace Hay. Sentindo alguma agitação porque os diretores estavam um pouco atrasados, ele comentou: 'Pense no casamento em Caná. Não foram apenas dez minutos e depois tudo acabou. Cristo fez disso algo maior. A questão de um casamento não é se é às cinco ou às cinco e um minuto, mas se Deus está lá.

Também na Tryon ele comemorou seu sexagésimo quinto aniversário. “Foi um ano incrível”, disse ele naquela ocasião. 'Sinto que Deus tem um grande plano para o futuro. Estou marchando com certeza porque acredito que algo maior está por vir. Temos que nos

---

<sup>820</sup> The Times, 9 de outubro de 1941.

<sup>821</sup> Martin MSS.

preparar. Meu trabalho é não me preocupar com nada. Vou para a cama à noite. Eu vou dormir. Eu acordo de manhã. Esta manhã acordei às três e meia, hora em que nasci. Desde a primeira semana da minha doença, certas coisas foram corrigidas. Coisas novas tornaram-se importantes. Coisas que antes considerava importantes não são mais. O Senhor me deu uma trombose porque eu não aprenderia a ir mais devagar. Agradeço a Ele pelos últimos seis meses e pelos próximos. Seria maravilhoso estar bem de novo, mas talvez, se eu voltar a trabalhar, eu mude um pouco mais. Se eu pudesse viver novamente, só faria as coisas que realmente importam.'

**IDEOLOGIA**

Durante o seu período de convalescença em 1943 – ano das conferências de Casablanca, Quebec, Cairo e Teerão sobre o futuro da Europa – Buchman teve tempo para pensar e falar sobre o que estava por vir para o mundo e para o seu trabalho. A União Soviética, parecia-lhe, tinha uma crença agressiva sobre como a Terra deveria ser governada, uma fé que se tinha mostrado capaz de conquistar adeptos em todos os países. A América também foi originalmente uma nação fundada numa fé com apelo universal. No entanto, essa fé raramente estava agora relacionada com assuntos práticos ou políticos, e parecia pouco provável que fosse proeminente na mente do público quando se tratava de moldar o mundo após a guerra. Como poderia este fator ser comunicado ao povo americano e o que deveria ser feito a respeito?

Michael Hutchinson, um ex-bolsista de trinta anos do Balliol College, Oxford, que trabalhava com Buchman na América do Norte, havia conversado com ele sobre “ideologia”. “Acho que não usaria essa palavra”, respondeu Buchman. 'Eu preferiria dizer 'uma grande ideia'.' Na verdade, até então, Buchman só tinha usado a palavra “ideologia” num contexto negativo, como algo a combater ou superar. Mas quanto mais ponderava sobre o assunto, mais lhe parecia claro que qualquer ideia com uma perspectiva e um programa mundiais, e que exigisse totalmente uma pessoa, poderia ser propriamente chamada de ideologia. O Cristianismo, tal como Cristo o pregou, era uma dessas ideias. O que diferia das ideologias materialistas da época era que prescrevia uma obediência total não a qualquer pessoa, mas a Deus.

A palavra “ideologia”, na verdade, era neutra. Adquiriu má fama porque era usado quase exclusivamente por marcas materialistas que, na prática, significavam tirania. No entanto, a palavra implicava um grau e amplitude de compromisso que a palavra “religião”, devido à indiferença de muitas pessoas religiosas, tinha perdido. Por que não deveria a América viver a sua fé original com tanto entusiasmo e meticulosidade que ofereceria uma alternativa atraente e universalmente reconhecida às ideologias materialistas?

Com esses pensamentos se desenvolvendo em sua mente, Buchman voltou a Mackinac no final de junho. Ao embarcar no barco para a travessia, ele estava, segundo um

dos que o acompanhavam, cansado, mas alegre. 'Ele cantou o que imaginou ser a 'Canção Mackinac' e olhou longa e amorosamente através das águas enquanto a ilha aparecia. Foi um esforço sair do barco e subir na carruagem que o levou para *Island House*.<sup>822</sup>

No dia 18 de Julho, ainda com um aspecto frágil, conversou informalmente com várias centenas de pessoas na Assembleia sobre os pensamentos que vinha amadurecendo. “Hoje”, começou ele, “quero falar sobre grandes forças em ação no mundo”. Ele falou de Karl Marx e de como, gradualmente, o comunismo se tornou “uma força tremenda”. Depois, sobre Mussolini e Hitler e como as suas ideias trouxeram, a princípio, “uma aparente ordem”. “Portanto, temos o comunismo e o fascismo – duas forças mundiais”, continuou ele. 'De onde elas vêm? Do materialismo, que é a mãe de todos os “ismos”. É o espírito do Anticristo que gera corrupção, anarquia e revolução. Mina as nossas casas, coloca classe contra classe, divide a nação. O materialismo é o maior inimigo da democracia.'

Depois falou do conceito de Rearmamento Moral como uma ideologia com uma origem diferente “onde o moral e o espiritual teriam ênfase”. 'O comunismo e o fascismo são construídos sobre algo negativo - sobre o materialismo divisivo e a confusão. Onde quer que o Rearmamento Moral vá, surge uma mensagem positiva. O seu objetivo é restaurar a liderança de Deus como a força dirigente na vida da nação... A América deve descobrir a sua ideologia legítima. Nasce da sua herança cristã e é a sua única resposta adequada na batalha contra o materialismo e todos os outros "ismos"...

'As pessoas ficam confusas sobre se é uma questão de ser direitista ou esquerdista. Mas a única coisa que realmente precisamos é ser guiados pelo Espírito Santo de Deus. Essa é a Força que devemos estudar... O Espírito Santo nos ensinará como pensar e viver, e fornecerá uma base de trabalho para o nosso serviço nacional...

“A verdadeira linha de batalha no mundo não é entre classe e classe, nem entre raça e raça. A batalha é entre Cristo e o Anticristo. “Escolhei hoje a quem servireis.”<sup>823</sup>

A jovem artista norueguesa Signe Lund<sup>824</sup> esteve presente. “Fiquei fascinada”, ela lembrou mais tarde. 'O discurso saiu de suas entranhas. Ele sabia que, ao se lançar como uma ideologia, estava nos enviando, assim como a si mesmo, para um mundo perigoso.' Isto foi

---

<sup>822</sup>Diários de Martin, 29 de junho de 1943.

<sup>823</sup> Buchman, pp.

<sup>824</sup> Agora assine forte.

um esclarecimento adicional do pensamento que ele vinha buscando em Visby, a compreensão do papel específico do seu trabalho numa fase particular da história do mundo e da direção que ele deveria estar pronto para seguir. Foi uma constatação de que a guerra pelo mundo seria no futuro travada não entre países, economias ou exércitos, mas entre conjuntos de ideias: que a divisão básica era entre as ideias materialistas de direita e de esquerda, por um lado, e as ideias morais e ideias espirituais no coração das grandes religiões do mundo em outros. Foi uma visão da batalha entre o bem e o mal dentro da alma individual refletida nos assuntos do mundo, e a aceitação de que ele e seu pequeno grupo de colegas tinham um papel específico a desempenhar nessa batalha.

Este passo em frente não pretendia tornar ele ou as suas ideias mais populares entre os moralistas complacentes ou relativos; mas foi para dar um impulso ao seu pensamento e às suas operações durante os próximos anos. A aceitação consciente, por um grupo de pessoas, do papel de uma “ideologia” acarretou tentações de auto-importância e de esforço próprio. Para Buchman, tudo permaneceu simples: 'Todo o evangelho de Jesus Cristo – essa é a sua ideologia.' Mas ele teria que carregar consigo um grupo de pessoas que nem todas tinham ainda a compreensão da experiência fundamental desta ideologia, um empreendimento que exige coragem e sabedoria de um tipo nada comum e cuja extensão ele pode ou não ter compreendido durante aqueles dias de verão entre seus amigos.

No dia anterior ele havia conduzido sua primeira reunião desde a doença. Mas embora passasse muito tempo conversando com indivíduos e pequenos grupos, teve pouca participação pública na Assembleia que durou o verão daquele ano. Ele saiu da ilha pela primeira vez – para uma consulta no dentista, durante a qual fez “muitas caminhadas e subidas de escadas” – em 13 de setembro. Na manhã seguinte, ele chamou dois amigos para anotar os pensamentos que lhe vinham à mente, “pela primeira vez em algumas semanas e fluindo como nos velhos tempos”. 'Surgiram reflexões sobre os próximos passos da luta', registrou um deles. “Ele se sentiu novamente confrontado com o problema. Ele odeia mais do que qualquer coisa sentir que não há nenhum lugar onde possamos atacar.”<sup>825</sup>

Buchman passou o inverno tranquilamente em Sarasota, Flórida, hóspede de um hoteleiro que esteve em Mackinac e que colocou à sua disposição um pequeno hotel perto do Golfo do México, pois, como de costume, o número de pessoas ao seu redor crescia. Aqui

---

<sup>825</sup> Diários de Martin.

ele cultivou muitas amizades, antigas e novas. Artur Rodzinski, o recém-nomeado maestro da Orquestra Filarmônica de Nova York, e sua esposa Halina passaram o Natal com ele. Cissie Patterson, proprietária do Washington Times-Herald, tinha noites em que convidava Adlai Stevenson e o compositor de Chicago, John Alden Carpenter, e seus editores para conhecê-lo. Ele também se tornou amigo de muitos membros da famosa trupe do Ringling Circus, cuja sede de inverno ficava em Sarasota, e ficou muito impressionado com a vida familiar, a integridade e a coragem do pessoal do circo.<sup>826</sup> Mas ele se recusou a fazer qualquer coisa pública no comunidade. Isso confundiu algumas pessoas ao seu redor.

Então, um dia, ele os surpreendeu ainda mais ao anunciar que levaria todo o seu grupo, cerca de vinte pessoas, ao teatro local. A peça deveria começar às 8h30, mas por alguma razão inexplicável ele insistiu que todos deveriam estar lá às 7h30. Ele foi recebido por um gerente perturbado. A segunda pista, disse ele a Buchman, teve um ataque cardíaco. Ele não tinha substituto. A peça não poderia continuar.

“Oh, não se preocupe”, disse Buchman com confiança. 'Meu amigo Cecil Broadhurst ficará encantado em tocar para você.'

Um surpresa Broadhurst foi levado às pressas para os bastidores e recebeu um roteiro. Uma ou duas cenas foram ensaiadas rapidamente e Broadhurst, um ator talentoso, concluiu a performance com o roteiro em mãos. O técnico ficou encantado e disse que esperava que Broadhurst pudesse jogar o resto da semana. Broadhurst lamentou, mas teve que ir a Nova York para ver sua comissão de recrutamento no dia seguinte. Mais uma vez o gerente ficou desesperado.

“Ah, não se preocupe”, disse Buchman novamente. 'Meu amigo Robert Anderson ficará feliz em jogar para você.'

A semana transcorreu triunfalmente e todos em Sarasota ouviram falar dela. Na verdade, foi dito que a ocasião sanou uma ruptura entre o teatro e o jornal local, que pela primeira vez ou meses publicou um anúncio sobre o teatro.

Arthur Strong, o fotógrafo inglês, que veio a Sarasota um pouco antes da festa no teatro, ficou muito intrigado não apenas com a inatividade de Buchman, mas também com

---

<sup>826</sup> Questionado se preferiria ver os famosos cavalos do Sr. Ringling ou a Mulher Gorda, ele imediatamente optou por este último.

sua insistência para que todo o grupo descansasse e não tomasse nenhuma iniciativa local. “Na maioria das noites, Buchman convidava todo o grupo para jantar e ficávamos sentados à mesa por horas, enquanto ele chamava as pessoas, uma por uma”, diz Strong. “Foi a primeira vez que estive com ele desde o derrame e notei uma mudança real. Mais escuta e espera. Menos atacante. Um senso de humor muito maior. Acho que ele queria nos mostrar que Deus tinha uma maneira melhor de abordar Sarasota do que o nosso ativismo.’

“O derrame, talvez, tenha tirado um pouco do esforço dele”, comentou Barrett certa vez.

Alan Thornhill acrescenta: “Frank em Sarasota foi verdadeiramente notável. Ele parecia variar entre extrema fraqueza e doença, muitas vezes falando apenas em seu tipo de alemão, até essas façanhas surpreendentes com as pessoas. Acho que sua mudança de vida deve ter sido um resultado direto de sua oração para ser uma grande mudança de vida. Em todos os meus momentos com Frank, nunca o vi tão suave, tão sensível.

No início de 1944, certos jornais americanos espalharam vários rumores de que Buchman estava na Alemanha, na prisão na Inglaterra ou escondido na América. Uma publicação nacional, intitulada *Cross and Doublecross*, apareceu nas bancas americanas nessa época. Acusou Buchman de procurar uma “paz suave” e alegou que ele tinha sido responsável, entre outras coisas, pela abdicação do rei Eduardo VIII e pelo Pacto de Munique; esteve no centro do 'Cliveden Set' orientado para o apaziguamento na Grã-Bretanha antes da guerra; havia, durante a guerra, tentado arquitetar a paz organizando a fuga de Hess para a Escócia; e, finalmente, foi responsável por virar a guerra contra a Rússia, induzindo Hitler a atacar os soviéticos.

Buchman manteve contato com seus amigos em Washington. Truman, na sua posição de presidente da Comissão do Senado que investigava contratos de guerra, durante os últimos quatro anos exigiu e obteve um elevado padrão de honestidade que poupou à nação milhares de milhões de dólares. Em 1943, ele, o almirante Byrd, o congressista Wadsworth e outras figuras políticas, empresariais e trabalhistas assinaram o prefácio de um relatório sobre o trabalho industrial do Rearmamento Moral.<sup>827</sup> Truman disse numa conferência de imprensa

---

<sup>827</sup> *The Fight to Serve (Rearmamento Moral, 1943)*. Outros signatários incluíram o vice-presidente da Cramp Shipbuilding, os vice-presidentes da AFL e do CIO, e o presidente da Sociedade Americana de Editores de Jornais do ano anterior.

em Washington: 'Suspeitas, rivalidades, apatia, ganância estão por detrás da maioria dos estrangulamentos...estes problemas, para os quais o programa de Rearmamento Moral está encontrando uma solução eficaz, são os mais urgentes de todos em todo o nosso quadro de produção... O que precisamos agora é de uma fé combativa que dure vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana e cinquenta e duas semanas por ano. É aqui que entra o grupo do Rearmamento Moral. Onde outros recuaram e criticaram, eles arregaçaram as mangas e foram trabalhar. Eles já alcançaram resultados notáveis ao trazer o trabalho em equipe para a indústria, com base não nos princípios de “quem está certo”, mas de “o que está certo”.'<sup>828</sup>

Truman, com o congressista Wadsworth, assistiu a uma exibição de *The Forgotten Factor* na Filadélfia em novembro. Lá ele acrescentou: 'Se a América não captar esse espírito, teremos sorte se vencermos a guerra e certamente perderemos a paz. Com ela não há limite para o que podemos fazer pela América e pelo mundo.'<sup>829</sup>

Truman e Wadsworth enviaram mil cartas pessoais convidando a liderança política e militar da América para uma exibição de *The Forgotten Factor* no Teatro Nacional em Washington em 14 de maio de 1944. Para se preparar para essa exibição, Buchman foi a Washington. Concentrou-se agora em aperfeiçoar todos os arranjos para aquela apresentação, inclusive a peça em si, cujos detalhes lhe interessavam. Enquanto assistia a um ensaio tardio na tarde da apresentação, chegou-lhe a notícia de que o pai de um dos integrantes da equipe de bastidores, Jim Cooper, da Escócia, havia morrido. Ele imediatamente conheceu Cooper em uma sala do teatro e lhe contou a novidade. Perguntou-lhe como sua mãe se sairia financeiramente e contou-lhe sobre a morte de seu próprio pai e a certeza de vida após a morte que isso havia confirmado nele. Ele então abandonou o tão esperado evento público, levou Cooper para jantar em casa e passou a noite com ele.

Truman também não apareceu. Pouco antes da exibição, ele disse a dois colegas de Buchman: 'Eles estão tentando fazer com que eu concorde em ser nomeado vice-presidente, mas acho que poderia fazer mais permanecendo no Senado. Por favor, deixe-me saber o que você pensa.' Quando retornaram no dia seguinte, Truman aceitou a indicação, uma das condições era que ele abandonasse qualquer conexão com quaisquer outros grupos, por mais valiosos que fossem. Disseram-lhes que Truman estava “em conferência”, e um homem

---

<sup>828</sup> New York Herald Tribune, 12 de abril de 1943.

<sup>829</sup> 19 de novembro de 1943. Para o discurso completo, ver Buchman, pp.

corpulento, desconhecido para eles, acrescentou: “De agora em diante, estamos organizando as nomeações e a estratégia para o Sr. Truman. Ele não terá oportunidade de vê-lo no futuro. Isto provou ser verdade. Não há provas, no entanto, de que Truman tenha mudado a sua opinião sobre Buchman e o seu trabalho, e durante a sua presidência alguns dos colegas de Buchman mantiveram contacto estreito com o seu principal negociador laboral, John Steelman, Diretor do Serviço de Conciliação dos EUA.

Buchman passou seu aniversário naquele ano com Charles e Margery Haines em sua histórica Wyck House em Germantown, Filadélfia, e no dia seguinte deu uma grande festa em Pennsburg e Allentown, fazendo comentários contínuos durante todo o caminho. Aqui ele pescava com papai Shiep; lá seu antigo diretor foi enterrado; foi lá que ele levou doze meninas para um baile. Cinquenta e seis pessoas almoçaram em sua antiga casa em Allentown e, com a chegada dos vizinhos, foram oitenta e cinco para o chá. Um deles foi Arthur Keller, com quem foi para Montreal quando tinham dezesseis anos. Buchman passou a noite. No dia seguinte, apenas onze horas, sentei-me para almoçar costeletas, purê de batata, folhas de dente-de-leão e torta.

Buchman estava mais relaxado quando voltou ao ambiente de sua infância, recebendo pessoas em sua própria casa, visitando seus velhos amigos na casa deles, nunca mencionando seu trabalho, a menos que lhe perguntassem sobre isso - 'um velho amigo com uma velha jaqueta de tweed'. Ele adorava voltar para lá e mostrar a bela paisagem aos seus amigos estrangeiros. Mas não era mais do que o seu berço. Alan Thornhill disse-lhe uma vez: 'Não consigo imaginar como você conseguiu sair deste lugar.' Buchman respondeu: 'Não podia esperar nem mais um minuto para fugir.'

De Allentown, Buchman mudou-se para Nova Iorque e depois para Boston, onde visitou sua velha amiga, a Sra. Tjader. Naquela época, ele ainda só conseguia caminhar curtas distâncias e chegou à casa dela em uma cadeira de rodas. A Sra. Tjader saiu pela porta da frente e olhou para ele do alto de um lance de vinte degraus de pedra. — Ah, Frank, você está doente! ela exclamou. 'Doente!' retrucou Buchman, saiu da cadeira de rodas e subiu, sem ajuda, os vinte degraus.

De Boston ele voltou via Detroit para Mackinac. 'Brevidade, sinceridade, hilaridade! Com esse espírito, conhecer-nos-emos esta manhã', foi a sua abertura para uma das duas únicas reuniões que liderou na Assembleia de três meses naquele verão. No final de

Mackinac, ele decidiu passar o outono e o inverno tranquilamente no sul da Califórnia e depois participar de um programa de ação em grande escala na Costa Oeste com *The Forgotten Factor* e outras peças na primavera. Ele foi convidado a passar os meses de inverno na casa da senhorita Lucy Clark, em Los Angeles, que equipou com cozinheiros treinados por Mackinac para atender uma família de uma dúzia de visitantes. Enquanto isso, os teatros estavam sendo reservados em toda a costa para a campanha da primavera.

Durante o resto de 1944 e a primeira metade de 1945, Buchman parece ter deixado a maior parte das coisas para seus tenentes - e ficou muito satisfeito em fazê-lo. «O trabalho está em mãos competentes», afirmou no dia 3 de abril. E mais tarde naquele mês: 'Uma noite absolutamente perfeita e não precisei fazer nada a respeito.' Sua saúde melhorava constantemente, embora as ocasiões em que conseguia passar um dia inteiro sem descanso fossem mencionadas como dignas de nota no diário de sua secretária, e às vezes ele passava o dia inteiro na cama. “O Senhor me deu uma paz maravilhosa”, disse ele em janeiro, e em junho escreveu a um amigo: “Você ficará interessado em saber que sou o que era antes. Ontem, numa recepção, um repórter que me entrevistou há quinze anos em Seattle veio até mim e disse: "Você não parece nem um dia mais velho." Assim, recuperei o rubor da juventude e estou acumulando muita energia para algumas visitas que espero fazer muito em breve.”<sup>830</sup>

Essa carta foi escrita de São Francisco, onde estava em andamento a Conferência das Nações Unidas sobre Organização Internacional. Em 12 de Março, na Conferência de Yalta, Roosevelt, Estaline e Churchill decidiram realizar a Conferência de São Francisco em abril, precisamente quando Buchman tinha um teatro reservado ali. “Parece que fomos guiados para a parte certa do mundo três ou quatro meses antes de Churchill, Roosevelt e Estaline saberem alguma coisa sobre isso”, escreveu um membro da delegação britânica.<sup>831</sup>

Buchman já havia pensado na qualidade necessária em qualquer nova organização internacional. Em Mackinac, no Verão anterior, quando os primeiros delegados chegaram da Europa, ele disse-lhes: 'Esta manhã tive uma visão das vossas cidades - Estocolmo, Copenhaga, Berna e Londres - com os seus governantes aprendendo a ser guiados por Deus. Então haveria menos pensamento confuso. Qualquer nova Liga das Nações deve ter essa

---

<sup>830</sup> Buchman para Cuthbert Bardsley, 13 de junho de 1945.

<sup>831</sup> A. R. K. Mackenzie para Buchman, 25 de março de 1945.

atmosfera. Mas então a tarefa ainda terá pela frente - construir homens que vivam nos conselhos das nações de tal forma que "seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu" seja um propósito prático, não uma esperança piedosa.'

A Conferência de Yalta foi oficialmente aclamada na América como um triunfo da cooperação entre aliados do tempo de guerra agora unidos em prol da paz, que esta nova organização internacional iria salvaguardar. Os objetivos da Rússia não tinham sido claros para um Roosevelt já idoso, que sentia que poderia facilmente lidar com Estaline. A divisão de grandes áreas da Europa, que se seguiu a Yalta, não estava prevista. Um dos principais assessores de Roosevelt. O Almirante Leahy escreveu mais tarde nas suas memórias: "A tinta do Protocolo de Yalta mal estava seca antes de surgirem sérias dificuldades de interpretação".

Em 12 de abril de 1945, poucos dias antes da abertura da conferência de São Francisco, o presidente Roosevelt morreu. O presidente Truman assumiu. Em 25 de Abril, Buchman participou na cerimónia de abertura da Conferência, que Truman começou por dizer: "Não deixemos de aproveitar esta oportunidade suprema de estabelecer uma regra mundial da razão, de criar uma paz duradoura sob a orientação de Deus".

Seis dias depois chegou o fim da guerra na Europa. Buchman ouviu os anúncios de rádio de Truman em Washington e Churchill em Londres no início da manhã. O alívio pelo fato de o conflito ter cessado foi atenuado pela ideia do sofrimento e da destruição que deixara para trás e pelo fato de ainda ser necessário criar uma verdadeira paz.

A Conferência de São Francisco enfrentou dificuldades antes de começar. Molotov não compareceria até que o Ocidente tivesse dado à União Soviética o seu caminho na Polónia. Quando ele chegou, Halifax o descreveu como um "granito sorridente". E Halifax foi levado a perder a paciência - uma ocorrência rara - pela imobilidade de Gromyko. Gradualmente, porém, a Carta das Nações Unidas evoluiu dolorosamente, com concessões prejudiciais. A questão central era a extensão do veto a ser detido pelas Grandes Potências. As potências menores desconfiavam totalmente dele, enquanto o Soviete desejava que estivesse disponível para impedir que qualquer assunto fosse sequer discutido no Conselho de Segurança. No final, chegou-se a um compromisso. Outra questão importante foi o destino dos territórios não autónomos, para os quais a teoria da "tutela" foi elaborada, não sem muitos conflitos. O Marechal de Campo Smuts,<sup>832</sup> no final, "pensava que o mundo inteiro poderia

---

<sup>832</sup> Primeiro-Ministro da África do Sul e membro do Gabinete de Guerra Britânico.

razoavelmente ansiar por uma era de segurança contra a guerra, na medida em que as três Grandes Potências fossem todas, em termos gerais, Potências satisfeitas”.<sup>833</sup>

Dois amigos de Buchman se ofereceram para receber qualquer um dos delegados que quisessem se encontrar com ele. Durante almoços e jantares em sua casa, ou no Fairmont Hotel, onde observava e se encontrava com os delegados, Buchman ouviu muitas opiniões contraditórias serem divulgadas. Um dia, almoçou com o bispo Bell de Chichester e John Foster Dulles, que lhe disse que os russos tinham apenas temporariamente deixado de lado o conceito de revolução mundial. Naquela noite, durante o jantar, ele ouviu que um importante diplomata britânico estava igualmente convencido de que os russos não voltariam à revolução mundial, mas queriam trabalhar lealmente através de qualquer organização criada pela Conferência, uma opinião que Halifax partilhava.<sup>834</sup> Sentado no Hotel Fairmont ele observou Molotov e seu guarda-costas de oito pessoas se moverem em unidade pelo saguão; viu também os diplomatas para quem os contatos sociais e os caçadores de autógrafos eram o maior atrativo.

De um jantar privado surgiu um pedido de um grupo de delegados para uma apresentação especial de *The Forgotten Factor*. Uma comissão composta por dez países solicitou que o programa fosse incluído no programa oficial, o que foi agendado para 3 de junho.

O general Carlos Romulo das Filipinas, presidente da delegação do seu país, que durante semanas foi uma pedra no sapato da delegação britânica devido à sua atitude em matéria de tutela, chefiou a comissão com o diplomata britânico, A. R. K. Mackenzie. Ao apresentar a peça ao público, o General Rómulo disse: 'Vejo aqui muitos dos meus colegas delegados e isso enche-me de alegria porque o que vocês vêem no palco esta noite é algo que pode ser transferido para as nossas salas de conferências.' Muitos concordaram com ele. Adlai Stevenson contou a um dos amigos de Buchman como 'Scotty' Reston, do *New York Times*, lhe disse depois: 'É disso que sua antiga conferência precisa. Você poderia fazer parte disso na “Penthouse” (onde o Secretário de Estado Stettinius, Eden, Molotov e outros se reuniam para sessões de negociação privadas).<sup>835</sup>

---

<sup>833</sup> Conde de Birkenhead: Halifax (Hamish Hamilton, 1965), p. 547.

<sup>834</sup> *ibid.*, pp. 547-8.

<sup>835</sup> Diários de Martin, 3 de junho de 1945.

O próprio Rômulo cumpriu sua palavra. Depois de ver *The Forgotten Factor* em sua primeira exibição, ele mudou completamente o tom de seu próximo discurso sobre tutela. Quando terminou de falar, passou um bilhete para Mackenzie com as palavras: 'O Fator Esquecido?' Alistair Cooke relatou que, à medida que a conferência se arrastava, os jornalistas listavam as questões não resolvidas que os impediam de regressar a casa. 'A lista da noite passada era formidável, mas agora, para espanto dos delegados e da imprensa, parece que o Dr. Evatt<sup>836</sup> sofreu uma mudança de personalidade e o General Rômulo apaixonou-se inexplicavelmente pelos britânicos.'<sup>837</sup>

Das amizades feitas durante os três meses em São Francisco surgiram convites a Buchman para visitar a Arábia Saudita, Síria, Líbano, Iraque e Índia. O marechal de campo Smuts, no entanto, percebeu um boato em Londres e alertou seu secretário, Henry Cooper, um velho amigo de Buchman, "para não se aprofundar muito, pois lhe disseram que o RAM tinha tendências fascistas". Cooper, inabalável, devolveu as informações ao seu mestre.

Quando Buchman comemorou seu sexagésimo sétimo aniversário no Century Club, no início de junho, delegados indianos, chineses, do Oriente Médio, sul-americanos, gregos, iugoslavos, britânicos e franceses vieram cumprimentá-lo. Carl Hambro tinha partido para acompanhar o seu rei de volta à Noruega, mas Rudolf Holsti, novamente ministro das Relações Exteriores da Finlândia, acabara de chegar e estava presente. O contra-almirante Sir Edward Cochrane apresentou uma promessa em nome de mil militares de angariar, nos próximos seis meses, 50 mil dólares para uso de Buchman "em memória daqueles que deram as suas vidas" em muitas frentes de batalha. A mensagem deles para Buchman dizia em parte: 'Na guerra de armas, a sua visão do Rearmamento Moral mostrou-nos por que estamos lutando. Na guerra de ideias, o RAM liderou a batalha para restaurar os padrões morais e a orientação de Deus aos homens e às nações. Nas praias de Dunquerque e da Normandia, nas montanhas varridas por conchas da Itália, nas costas de coral das ilhas do Pacífico, no solo devastado pela guerra da Ásia, através de mares tempestuosos e céus cheios de bombas, a sua promessa de não voltar atrás tem nos deu o aço para avançar para a vitória.' Buchman foi às lágrimas.

---

<sup>836</sup> Ministro das Relações Exteriores da Austrália.

<sup>837</sup> Manchester Guardian, 20 de junho de 1945.

A Conferência de São Francisco terminou. Depois de ser calorosamente recebido pelo Presidente Truman na recepção da sessão final em 26 de junho, Buchman partiu para Mackinac.

No caminho, ele e seu grupo visitaram 'Poppa' Globin, o ex-contrabandista que lhes havia emprestado seu cassino em *Lake Tahoe* cinco anos antes. "Poppa' chorou ao ver Frank', registrou um dos participantes da festa. 'Então ele preparou um grande jantar de filé para todos nós.' 'Tudo de cortesia!' Buchman insistiu em contar a história.

Outras aventuras aconteceram quando eles embarcaram no trem. Buchman telegrafou para a avó de uma amiga para encontrá-los durante sua parada em Omaha, Nebraska, se ela quisesse. "Frank e eu nos aventuramos na plataforma", observa Martin. "A política dele era me enviar para todas as mulheres com aparência provável com mais de setenta anos - e depois apenas para todas as mulheres com mais de setenta anos. Tirando algumas lacunas, ele reduziu a idade para sessenta e me enviou para fazer a ronda novamente. A expressão de alguns dos maridos presentes, quando eu os ignorei e perguntei se suas esposas eram a Sra. Thomas Hunter, tinha que ser vista para acreditar. Finalmente, Frank apontou mais uma senhora, mas quando me aproximei reconheci-a como alguém que já havíamos tentado. Só então Frank ficou satisfeito e voltamos para o trem."<sup>838</sup>

No dia seguinte, em Chicago, continua Martin, Buchman iniciou "uma de suas gigantescas compras de lenços". "Uma vez a cada dois anos, ele os compra a granel como presentes de aniversário para o time. Ele começa pedindo alguns lenços e vai rejeitando todo o estoque até encontrar um de que goste. Então ele diz: "Quantos você tem disso?" A resposta invariavelmente é: "Quantos você pode usar?" Ao que ele diz: "Oh, cerca de dez ou doze dúzias". O atendente desmaia ou faz negócios. O preço cai, a subserviência aumenta e Frank vai embora, geralmente com dois lenços brutos. "Para que você precisa de tantos?" perguntou a garota hoje. "Ah, tenho muitas pessoas pobres para quem dou de presente!" responde Frank suavemente - e com precisão."<sup>839</sup>

---

<sup>838</sup> Diários de Martin, 28 de junho de 1945.

<sup>839</sup> *ibid.*, 29 de junho de 1945.

————— XXIX —————

## NO MUNDO PÓS-GUERRA

A assembleia de Mackinac de 1945 durou de 1º de julho até o final da primeira semana de novembro. Na chegada, Buchman foi recebido por um grande grupo de adolescentes que haviam retornado de uma turnê nacional com duas peças que escreveram e produziram. Ele queria que Artur Rodzinski, que estava lá com sua esposa Halina, os conhecesse, pois percebeu que provavelmente conseguiriam falar com ele quando ninguém mais conseguiria. Rodzinski mostrou-se relutante porque, como disse mais tarde a todos os presentes, apesar das decisões tomadas na altura em que Halina e o filho tinham sido «salvos milagrosamente» durante o parto, «ficara confuso em relação aos quatro padrões». Dois dos jovens vieram convidá-lo para a peça. Ele lhes disse que não estava bem. — Popski, você está bem. Temos o seu número”, disse um deles.

“Eles estavam certos”, disse Rodzinski à assembleia na manhã seguinte. 'Eles tinham meu número. Fiquei com vergonha de não ir. A prontidão desses jovens para levar uma vida guiada por Deus, para prescindir do que as pessoas mais velhas chamam de tempero da vida. Eu estava farto, então os admirei. Esta manhã tive uma orientação clara. Minha desobediência. Deus fala comigo o tempo todo, mas eu não obedeco. Passamos um tempo tranquilo depois do café da manhã, Frank entrou quando estávamos terminando. Ele sorriu e eu sabia que ele sabia de tudo o que havia acontecido.<sup>840</sup>

Foi também enquanto os Rodzinskis estavam em Mackinac que os recém-formados Cantores de Mackinac fizeram sua primeira apresentação. Os comentários de Rodzinski encorajaram Buchman a fazer amplo uso desse refrão, cantando suas próprias canções, como parte da crescente gama de produções e publicações que estão sendo implantadas por sua equipe.

Vários oficiais aliados descobriram agora que suas funções de alguma forma passavam por Mackinac. Um deles foi Edward Howell, comandante de ala da Força Aérea Real. Depois de ser gravemente ferido em Creta, ele foi preso em Salônica e, embora

---

<sup>840</sup> Diários de Martin, 13 de julho de 1945.

gravemente doente e sem usar nenhum dos braços, escapou pelas muralhas e cobriu a pé toda a Grécia. Este plano de fuga começou no hospital, quando ele recordou a crença do seu irmão David de que as pessoas poderiam ser guiadas por Deus e experimentar a escuta. Ao retornar a Londres, Churchill o convidou para jantar para ouvir sobre isso e ele contou a Churchill como era guiado de um ponto a outro, seguindo uma estrela em determinado estágio. «Foi assim que escapei dos bôeres», comentou o primeiro-ministro. Howell contou sua história em Mackinac, onde conheceu Buchman pela primeira vez.<sup>841</sup>

Durante um jantar de aniversário de Bernard Hallward, o canadense que havia reembolsado US\$ 12 mil à alfândega em 1932, o fim das hostilidades no Pacífico foi noticiado no rádio. Buchman, com a voz trêmula, anunciou simplesmente: “A guerra acabou”. Então todos na mesa rezaram juntos o Pai Nosso. À noite eles se encontraram no celeiro. “Só resta uma guerra agora – a guerra de ideias contra o materialismo”, disse Buchman. 'Agora peçamos a Deus que nos mostre juntos a nossa parte na reconstrução mundial.' Depois rezou: 'Rezamos pelo mundo inteiro, especialmente pelo Japão. Segure-os na palma da Tua mão e dê-lhes a Tua paz e liberdade. Que os anos futuros sejam iluminados pelo Espírito Santo de Deus na Alemanha. Dê a ela a resposta de casas sólidas, trabalho em equipe na indústria e uma nação unida. Pelos Aliados, oramos para que sejam mantidos puros e imaculados na vitória pelo Teu Espírito Santo. Que o Senhor abençoe e guarde a todos, e a todos vocês, e dê Sua paz, agora e para sempre.'

Cada vez mais amigos e colegas da Europa começaram a chegar. Suíços e franceses foram os primeiros, seguidos por holandeses, dinamarqueses e noruegueses. Trouxeram notícias de heroísmo sob a ocupação nazista e na Resistência. Buchman também estava ansioso para ver alguns de seus amigos britânicos, mas as viagens de lá ainda eram estritamente controladas pelo governo. Em 21 de julho, chegou a notícia de um telegrama do Ministério das Relações Exteriores à Embaixada de Washington, informando que um membro do Parlamento, Sir George Courthope, havia solicitado que um grupo pudesse se juntar a Buchman nos Estados Unidos: 'Em vista do conhecido interesse do Presidente Truman neste trabalho, o Embaixador vê alguma razão pela qual eles não deveriam vir?' Um telegrama foi enviado por Lorde Halifax, agora embaixador em Washington, informando que não havia nenhuma objeção por parte dos EUA e que a permissão havia sido dada. As atas

---

<sup>841</sup> Howell conta sua história em *Escape to Live* (Longmans, 1947, Grosvenor, 1981).

do Ministério dos Negócios Estrangeiros agora disponíveis mostram que esta foi a conclusão de uma ação de adiamento bastante tortuosa em algumas seções do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Halifax, de fato, apoiou fortemente um pedido semelhante feito por Lorde Salisbury a Anthony Eden no ano anterior. Eden havia escrito em tinta vermelha na carta de Salisbury: 'Certamente estas pessoas são deploráveis? e é surpreendente que Lorde S deseje-lhes boa sorte. Uma minuta de 3 de agosto de 1944 registrando a opinião de Eden acrescentava que, uma vez que as restrições de viagem foram atenuadas, “os delegados provavelmente obteriam autorizações de saída se as solicitassem”, mas “não há necessidade de informar Lorde Salisbury sobre isso”. A permissão foi recusada.<sup>842</sup> Desta vez, o peso da opinião americana favorável determinou evidentemente que o Ministério das Relações Exteriores concedesse licenças para uma delegação de cinco pessoas.<sup>843</sup>

Eles chegaram a Mackinac em 13 de setembro. Eram Roland Wilson que, aos 32 anos, havia sido deixado como secretário do Grupo de Oxford na Grã-Bretanha quando Buchman foi para a América seis anos antes; o velho amigo de Buchman, Arthur Baker, chefe da equipe parlamentar do *The Times*; Peter Howard, que ele nunca conheceu; Jorge Luz; e Andrew Strang, um trabalhador a tempo integral do RAM que foi capturado pelos exércitos alemães na Escandinávia e passou a guerra num campo de detenção. Buchman estava pronto com uma hora de antecedência para encontrá-los. No cais, sentado em sua carruagem em ruínas, com Brooks, o motorista negro de um amigo, ao lado dele, ele esperava pacientemente, uma figura curiosamente desprezível. Quando finalmente os britânicos chegaram, Buchman apresentou cada um deles ao chefe do serviço de balsa local antes de cumprimentá-los pessoalmente com lágrimas nos olhos. O dia seguinte se transformou em uma reunião combinada e uma grande festa familiar.

Outro visitante da Europa foi um padre católico holandês, enviado pelo seu arcebispo para “observar” o trabalho de Buchman. No caminho, ele se deixou levar por um repórter e fez algumas declarações bastante abrangentes sobre o Rearmamento Moral, e alguns dos que estavam em Mackinac o encararam com suspeita velada. Depois de estar lá cerca de uma semana, Buchman chamou alguns de seus amigos e disse que achava que o padre Frits deveria liderar a reunião matinal. Todos levantaram objeções. Ele gostaria de falar? O que

---

<sup>842</sup> Cartório de Registros Públicos, AN 3313.

<sup>843</sup> *ibid.*, AN 2187 (FO 371 44582).

ele diria? Quem ele conseguiria falar com ele? Mas Buchman manteve o seu pensamento e, no final, vários dos seus colegas encontraram-se com o padre Fritz e sugeriram que ele pudesse falar.

'Sim', disse o Pai, 'tenho coisas que gostaria de dizer.'

“Pensamos que você poderia liderar a reunião”, acrescentaram.

'Bem, eu não sei sobre isso, mas podemos perguntar a Deus.'

Assim, depois de uma canção dos *Mackinac Singers*, o Padre Fritz começou: 'Pensei em dizer coisas que brotavam do meu coração, coisas muito simples. Meu coração me diz para fazer isso e minha razão me diz para não fazer isso. Como sou treinado para deixar a razão prevalecer, é difícil para mim.

'Quando o bispo fala nós obedecemos. Garanto-lhe que não foi com um espírito muito bom que concordei em vir. Na primeira vinda, tentei ser um observador católico honesto. Você simplesmente não pode olhar aqui. Logo me senti totalmente humilde e envergonhado. Pois minha impressão é que esta é uma grande escola de amor. Você não pode resistir. A primeira coisa que fiz quando me confessei no domingo foi tomar a resolução de imitar a qualidade de vida que tinha visto.

'Estou convencido de que pessoas como você podem desempenhar um papel imenso na unificação de todos os cristãos. A caridade sempre une. Nunca vi isso mais claramente do que neste lugar. Eu esperava, talvez, não ouvir o nome de Cristo ser mencionado como deveria ser. Mas não era verdade. Encontrei aqui a verdadeira vivência do mistério de Cristo.'<sup>844</sup>

Os suíços que vieram tomaram o que talvez se revelasse a decisão mais abrangente de todas. O tempo que passaram em Mackinac cristalizou nas suas mentes a ideia de que a Europa precisava de um centro semelhante onde algumas das feridas do continente pudessem ser curadas. E onde é melhor do que na Suíça? Esta ideia surgiu, no ano anterior, com Philippe Mottu, que trabalhava no Ministério dos Negócios Estrangeiros da Suíça. Funcionou poderosamente em dois jovens engenheiros, Robert Hahnloser e Erich Peyer, que acompanharam Mottu nesta sua segunda visita. Os três voltaram para a Suíça para começar a transformar sonho em realidade.

---

<sup>844</sup> Diários de Martin, 14 de outubro de 1945. Padre Fritz, Frederic van der Meer, mais tarde dedicou seu livro *Augustine the Bishop* (Sheed and Ward, 1961) a Bernard Hallward.

De Mackinac, Buchman e duzentos outros, incluindo muitos da Europa, retornaram através de Minnesota para Seattle. No caminho, Buchman levou seus amigos para ver a casa e o túmulo de seu tio, Aaron Greenwalt, que morreu na Guerra Civil. Depois obteve permissão especial para levá-los pelo Parque Yellowstone no inverno, onde avistaram alces, veados, búfalos e ovelhas montanhesas. Buchman foi, como sempre, um turista entusiasmado e avistou as ovelhas antes do guarda florestal com quem conduzia.

Em Seattle, foi provavelmente um sinal do retorno de suas forças o fato de Buchman ter sido tomado de impaciência diante do que lhe parecia um planejamento inadequado e sem imaginação. É verdade que Dave Beck, dos Teamsters, estava hospedando Buchman e outros integrantes do grupo no Olympic Hotel,<sup>845</sup> mas não havia planos de ver Beck ou de "personalizar" a cidade. "Foi um daqueles dias em que tudo dava errado ou parecia que dava", diz o diário de sua secretária. 'Um por um, fomos abatidos por sua ira... Frank movia-se silenciosamente como uma nuvem de trovão vingativa entre os fiéis.' No dia seguinte, 'Algumas fendas apareceram nas nuvens de ontem, mas elas passaram rapidamente e Frank ficou muito insatisfeito. Todos nós caminhamos, como Agag, delicadamente...A luta para encontrar o Governador, o Prefeito e Dave Beck começou a ser levada a bom termo. O prefeito concordou em ver vinte membros da equipe amanhã, mas Frank enfatizou que havia 200 e que ele deveria ver todos eles.'<sup>846</sup>

Buchman agora estava usando seis jogadas, fazendo as mudanças à vontade. Eles foram elevados a um alto padrão de desempenho através da participação de profissionais, agora transformados em trabalhadores em tempo integral, como Phyllis Konstam, Marion Clayton e seu marido Bob Anderson, Cece Broadhurst, Howard Reynolds e outros. Eles foram acompanhados pelos *Mackinac Singers* sob a liderança do músico de Edimburgo, George Fraser. Peter Howard frequentemente apresentava as peças e, às vezes, havia palestrantes depois. Numa cidade, sob orientação pessoal de Buchman, vinte e sete falaram em vinte e dois minutos.

Assim, uma força versátil e treinada passou por Detroit, St Paul, Seattle, Vancouver, Victoria, Salem, São Francisco e desceu para Los Angeles para passar o Natal. Enquanto isso,

---

<sup>845</sup> Beck pediu ao gerente do hotel dez quartos duplos. 'Muito difícil, Sr. Beck', respondeu o gerente. 'Eu não lhe pediria pessoalmente, a menos que fosse muito difícil; se fosse fácil, eu arranjaría outra pessoa para fazer isso', disse Beck. Ele os pegou.

<sup>846</sup> *ibid.*, 25 e 26 de novembro de 1945.

chegou a notícia de que o general George Marshall havia decidido libertar imediatamente todos os homens do RAM em tempo integral das forças armadas para que pudessem retomar o trabalho de sua vida. No dia 26 de dezembro, os seis primeiros chegaram juntos ao aeroporto de Los Angeles. Buchman, aos prantos, cumprimentou-os em silêncio. Então ele se virou para os carros dizendo: 'Bem, vocês estão em casa. E agora vamos entrar na luta.

De acordo com Reginald Hale, Buchman disse-lhes com tristeza que nunca mais poderia regressar à Europa. 'Ele estava perto dos setenta anos, sua saúde era frágil e sua mão direita estava paralisada. Mas não foi isso que o fez hesitar", escreve ele. 'Ele viu muito claramente a imensa tarefa de despertar a fé numa Europa fragmentada pelo ódio... Depois, os militares voltaram para casa trazendo histórias de cabeças de ponte que soldados treinados pelo RAM construíram país após país libertado. Dentro de uma semana ele planejava mudar-se para a Europa.<sup>847</sup>

Outro elemento que o influenciou foi a publicação dos pontos salientes do relatório da Gestapo de 1942, *Die Oxford-Gruppenbewegung*, na imprensa britânica. Uma carta publicada no *The Times* em dezembro, escrita por um distinto grupo multipartidário<sup>848</sup>, dava detalhes do relatório e comentava: "Todo o relatório lança uma luz interessante sobre a mente nazi, bem como finalmente dissipa as deturpações generalizadas que têm circulado sobre este movimento cristão.' A carta concluía: "É vital que compreendamos os fundamentos espirituais da democracia tão claramente como o fizeram os nossos inimigos, e que sustentássemos com todas as nossas



Quando o General Marshall ordenou a libertação antecipada das forças armadas de alguns dos principais trabalhadores de Buchman, Buchman estava no aeroporto para recebê-los.

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>847</sup> Hale, vol. III, pág. 1.

<sup>848</sup> Lord Ammon, Vice-Líder da Câmara dos Comuns; Harold E. Clay, Presidente do Partido Trabalhista de Londres; Lord Courthope, Presidente da União Nacional de Associações Conservadoras; o Bispo de Lichfield; Sir Lynden Macassey, Presidente da Reuters; Sir Cyril Norwood, Presidente do St John's College, Oxford: Sir David Ross, Provost Oriel College, Oxford.

forças aquilo que eles temiam e esperavam destruir.”<sup>849</sup> DeWitt Mackenzie, o principal responsável pelas relações exteriores. colunista da *Associated Press*, esteve em Londres naquele dezembro, teve uma visão do relatório original e escreveu uma coluna de estilo semelhante, que foi amplamente divulgada na América do Norte.<sup>850</sup>

Para muitas pessoas razoáveis, isto eliminou uma deturpação que seguiu Buchman e o seu povo em ambos os lados do Atlântico. Mas a mentira não morreu facilmente. Tornou-se conhecido que cópias do documento da Gestapo estavam nas mãos da Inteligência Britânica há pelo menos um ano antes do aparecimento da carta do *The Times*. Surgiu um relatório de inteligência, datado de 7 de janeiro de 1945, no qual o escritor afirmava que seria melhor se o relatório da Gestapo não caísse nas mãos do Rearmamento Moral, pois destruiria as acusações feitas contra eles. No entanto uma cópia do relatório foi encontrada nos escritórios da central hidroelétrica do Haut-Rhin que tinha sido utilizada por oficiais da Gestapo entre 1940 e 1944 e foi enviada por um engenheiro da empresa Pierre Koechlin para Paris e finalmente para a sede da RAM em Londres. Daí a carta no *The Times*.

Ainda em fevereiro de 1947, a *Time* questionava a autenticidade do documento. Nesse ponto, levei a cópia que havia chegado a Londres através da Alsácia ao tenente-general Sir Frederick Browning, então secretário militar do Ministério da Guerra, e pedi-lhe que verificasse sua confiabilidade. Ele prometeu repassá-lo ao General Templar, então chefe da Inteligência Militar, e alguns dias depois recebi a resposta oficial de Browning.

“O documento anexo é autêntico”, escreveu ele. «Só aparece, no seu levantamento histórico, até 1939. Foi publicado pela Agência do Serviço Secreto Alemão, responsável pelas publicações da SS. Você pode ter certeza de que não há nada de falso neste documento.»<sup>851</sup>

Durante o mês de março, Buchman e sua equipe passaram algum tempo juntos se preparando para retornar à Europa. Um dia, na fazenda de um amigo, perto de Los Angeles, entre laranjais e com as neves distantes do Monte Baldy como pano de fundo, eles conversaram sobre as necessidades e os desafios daquele continente devastado que muitos deles chamavam de lar. Os sete anos juntos na América os alteraram. Todos, tanto americanos

---

<sup>849</sup> The Times, 29 de dezembro de 1945.

<sup>850</sup> Oregon Journal, Vancouver Daily Province, etc., 10 de dezembro de 1945.

<sup>851</sup> Tenente-General Sir Frederick Browning ao autor, 28 de fevereiro de 1947.

como europeus, eram mais maduros. Eles passaram por momentos de testes pessoais e viram muitas situações difíceis serem enfrentadas. Agora eles estavam determinados, com a ajuda de Deus, a fazer o que pudessem para evitar que o mundo do pós-guerra fosse arrastado para o ciclo de caos e vingança que se seguiu à Primeira Guerra Mundial. Buchman depositou neles suas maiores esperanças. 'Você cruzou a linha divisória. Vocês vão voltar para mudar a política dos governos com os estadistas. Você mudará a filosofia do governo com uma mensagem prática aplicada de forma simples.' Eles devem pensar em termos de nação: essa era a responsabilidade do estadista e as Igrejas ainda não emitiam essa nota.

Ele não conseguia ver um futuro muito distante, disse ele, mas de uma coisa tinha certeza: “O trabalho liderado por Deus deve liderar o mundo, caso contrário o materialismo de Marx assumirá o controle”. Depois acrescentou: “Mas o marxismo pode capturar o espírito de Cristo. Alguns de vocês poderão trabalhar em Moscou um dia. Devemos estar prontos.

Buchman decidiu navegar para Southampton no Queen Mary no final de abril de 1946. As passagens eram extremamente difíceis de conseguir, mas em março ele disse a John Vickers, que cuidou dos preparativos de viagem do Rearmamento Moral na América durante a guerra, para ir para Nova Iorque e obter 100 vagas. 'Só tenho seis vagas no momento', disse Buchman, 'e quero ver quem posso convidar.' Vickers abordou a companhia de navegação na chegada a Nova Iorque com este pedido ultrajante. “Certamente”, respondeu o representante da empresa. 'O navio foi desquisitado esta manhã.'

No final, um grupo de cento e dez pessoas partiu no dia 24 de abril. Suas passagens foram pagas por um corretor da bolsa de Nova Iorque, de forma alguma milionário, que disse querer tentar igualar o sacrifício daqueles que tanto contribuíram para a América durante a guerra. Para eles e para aqueles que vieram se despedir deles em Nova Iorque, Buchman disse: 'Aprendemos muito. Estamos em um esforço global para ganhar o mundo para nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Aí está a sua ideologia. É toda a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo. Essa mensagem na sua totalidade é a única última esperança.'

Então ele falou as falas que significavam muito para ele:

Oh, Tu melhor Presente do Céu,  
Tu que Tu mesmo deste,  
Pois você morreu:  
Isto você fez por mim –  
O que eu fiz por Ti,  
Você crucificado?

**'ONDE ESTÃO OS ALEMÃES?'**

Buchman estava regressando a uma Grã-Bretanha muito alterada tanto pela guerra como pelas consequências da austeridade. As circunstâncias do seu próprio trabalho naquele país também se alteraram. Agora ele estava chegando a uma sede onde tanto a administração quanto o entretenimento eram inteiramente administrados por seus colegas de tempo integral. Ele pisou pela primeira vez em Berkeley Square, 45, como uma casa totalmente mobiliada, na tarde de 30 de abril de 1946. Nos anos de guerra, seus porões foram usados como abrigos antiaéreos, seu salão de baile foi convertido em um pequeno teatro e o resto de a casa escassamente mobiliada. No último mês, presentes e empréstimos de tapetes, quadros e móveis chegaram de todo o país. Ao chegar, Buchman sentou-se no corredor abaixo da escada, enquanto amigos que não o viam há sete anos lotavam o corredor, as escadas e os patamares até o quarto andar.

Buchman entrando no número 45 da Berkeley Square em seu retorno a Londres.

Alguns ficaram chocados com sua aparência - ele havia chegado andando com uma bengala, em vez de com seus velhos e vigorosos passos -, mas ele não se comportou como um inválido naquela época ou nas semanas seguintes. Durante duas horas naquela tarde, ele cumprimentou as pessoas individualmente e depois falou com todos os que estavam reunidos para encontrá-lo. No dia seguinte, almoçou com Lorde Hardinge, tomou chá com os Courthope e jantou com Henry Martin, editor da Press Association.



Buchman entrando no número 45 da Berkeley Square, em 30 de abril de 1946. Esta casa em Londres foi doada em 1938 como centro de seu trabalho na Grã-Bretanha.

©Margaret Barnes/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

Nos dias seguintes, ele viu Percy Cudlipp, editor do Daily Herald, Lorde Lytton, Tod Sloan e Lady Antrim, participou de uma festa no leste de Londres, almoçou dois com grupos de membros do Parlamento e recebeu o time indiano de críquete para jantar.

O primeiro fim de semana, passou na fazenda de Peter Howard em Suffolk. Ele gostou muito de sua visita a este “lugar saudável” e insistiu em visitar alguns dos amigos e trabalhadores agrícolas de Howard em suas casas em Lavenham. Para comparecer a sete casamentos entre seus colegas de tempo integral, viajou para Cotswolds, Cheshire, Edimburgo, Glasgow e Worcester, e em uma ocasião concordou em assumir todo o serviço, depois de ter dito incautamente aos dois que faria o que quisessem. O serviço metodista deles não lhe era familiar, de modo que o feliz casal teve que incentivá-lo nas perguntas que ele lhes faria, mas ele respondeu com firmeza com as palavras: 'Aquele que Deus uniu, nenhum homem separe'. Na recepção, ele lhes disse: 'É isso que acontece quando se pede a um velho em casamento!' Quando a nova esposa telefonou naquela noite e disse que a vida era “maravilhosa”, sua resposta mundana foi: “Veja, que continue maravilhosa”. Enquanto estava em Glasgow, ele visitou o túmulo de Henry Drummond em Stirling. Toda essa atividade, porém, era pontuada por dias de descanso, e as sessões de planejamento muitas vezes aconteciam ao redor de sua cama.

Antes de partir para uma campanha na Irlanda do Norte com *The Forgotten Factor*, Buchman também visitou Cambridge e Oxford, onde ouviu o Mestre do St Peter's Hall declarar no Sermão Universitário: 'Durante os últimos vinte e cinco anos tem havido saídas de Oxford não apenas uma ideologia cristã, mas homens e mulheres entusiasmados com a concepção de refazer o mundo.’<sup>852</sup> A revista estudantil, Isis, já havia produzido um editorial para o vigésimo quinto aniversário da primeira vinda de Buchman a Oxford. 'O nosso interesse no Grupo de Oxford é despertado', dizia, 'porque sentimos que os seus oponentes, tão mordazes e, no entanto, tão vagos, mantiveram a palavra durante demasiado tempo e não conseguiram fundamentar as suas acusações... Certamente Oxford não tem necessidade de ser envergonhada de qualquer verdadeira cruzada espiritual que promove - ela cuidou de muitos no seu tempo e, de facto, o que poderia ser mais adequado para uma Universidade com o lema *Dominus Illuminatio Mea*?<sup>853</sup>

---

<sup>852</sup> Sermão da Universidade de Oxford pelo Revd J. P. Thornton-Duesbery, 9 de junho de 1946.

<sup>853</sup> Isis, 6 de março de 1946.

Os antigos adversários, Tom Driberg e A. P. (agora Sir Alan) Herbert, logo entraram em campo. Dois dias após a chegada de Buchman, Driberg, falando na Câmara dos Comuns, criticou o Ministro do Interior, Chuter Ede, por permitir que “este homem, que nunca repudiou a sua admiração expressa por Hitler e enganou o público ao colocar entradas falsas em Quem é Quem,<sup>854</sup> para entrar no país. Isto foi rejeitado pelo Ministro do Interior com as palavras: "O vento sopra onde quer"; não estou preparado para colocar qualquer obstáculo no caminho. Driberg então avisou que levantaria a questão “no adiamento”.<sup>855</sup>

A principal acusação era que Buchman havia declarado que estudou na Universidade de Cambridge, 1921-22, e que isso era impreciso, porque o Westminster College, onde Buchman era recebido na época como convidado na Sala Comum dos Sêniores, não era tecnicamente uma parte da Universidade, mas uma faculdade teológica presbiteriana independente. "Mesmo assim", afirmou Driberg mais tarde, "o a entrada poderia ter sido justificável se Buchman assistisse a palestras na Universidade: Herbert apurou junto às autoridades da Universidade que ele nunca pediu permissão para fazê-lo.!(Driberg: O Mistério do Rearmamento Moral, p. 51.)

Isto ocorreu, é claro, porque Buchman foi convidado pessoalmente pelo Professor Oman para assistir às suas palestras a pedido do Diretor Mackenzie do Seminário Hartford. Buchman assistiu às palestras de Omã. (ver p. 91).

O debate sobre o adiamento, estritamente limitado no tempo, teve lugar dois meses depois, em 5 de julho. Driberg desenvolveu seu argumento de forma tão extensa que restaram apenas alguns minutos para outros comentários. Nessa época, Herbert declarou brevemente sua acusação de que Buchman havia falsificado suas entradas no Who's Who, enquanto Quintin Hogg (mais tarde Lord Hailsham) ridicularizou os argumentos de Driberg e Herbert como “fococas que não dariam crédito à sala comum sênior de uma escola para meninas”. “Aonde estaremos chegando neste país se agirmos com base em tais argumentos?”, ele perguntou. O Ministro do Interior se manteve firme e censurou Driberg por " “ter demorado tanto a desenvolver o seu caso que foi impossível a intervenção de outros deputados”.<sup>856</sup>

---

<sup>854</sup> A alegada falsificação de Who's Who por Buchman é examinada em detalhes em The Open Secret of MRA, de J.P. Thornton-Duesbery, pp. 82-3.

<sup>855</sup> Os tempos, 3 de maio de 1946.

<sup>856</sup> *ibid.*, 6 de julho de 1946.

Este foi o último ataque público que Herbert fez a Buchman. Reconhecendo a sua falta de sucesso, ele comentou na sua autobiografia: "Tal como o Sr. Churchill, não posso manter os meus ódios para sempre."<sup>857</sup> Driberg, por outro lado, continuou os seus ataques até à morte de Buchman e depois.

Nas suas primeiras semanas de regresso à Grã-Bretanha, Buchman estava particularmente interessado em conversar com dois trabalhadores a tempo inteiro do RAM que, durante a guerra, se tinham alistado para servir nas minas de carvão. Ainda na América, ele ouviu falar de outro ex-mineiro, Will Locke, que o recebeu em 1937, quando ele era prefeito de Newcastle upon Tyne. Locke passou os meses anteriores viajando pelas minas de carvão de ônibus e a pé e escreveu: 'A indústria não está em um estado saudável. Há descontentamento que está acima do poder de alteração do homem, mas devemos tentar alcançar as bases da melhor maneira possível. O espírito RAM é necessário. Há grandes promessas na área de Doncaster, onde um grupo de seis minas, cada uma empregando 1.500 a 2.000 homens, abordou o assunto de forma bastante correta, e os homens da indústria do carvão e os funcionários estão a trabalhar em conjunto de forma excelente. Estamos lutando em forma e em frente: sem ferrugem para nós. E você, jovem? Esperamos que a sua saúde esteja à altura da procura de alimentos que deve continuar...'<sup>858</sup>

A Grã-Bretanha teve muitos problemas – um terço das suas habitações foram destruídas ou danificadas; instalações industriais desmanteladas e ativos no exterior de quatro mil milhões de libras de crédito em 1939 transformados numa dívida de quase três mil milhões; a impossibilidade de aumentar rapidamente as exportações para os necessários setenta e cinco por cento acima do nível anterior à guerra; a necessidade, à medida que a posição da União Soviética se tornou clara, de manter um milhão e meio de pessoas em armas. No entanto, o pensamento de Buchman, depois de receber a carta de Locke, foi: 'O carvão é a chave.'

Aqui, inconscientemente, ele estava em sintonia com Ernest Bevin, o ministro dos Negócios Estrangeiros do novo governo trabalhista, que disse aos mineiros: "Deem-me trinta milhões de toneladas de carvão para exportação e eu dar-vos-ei uma política externa". Os líderes dos mineiros nacionais também apelavam ao aumento da produção. Mas a exortação

---

<sup>857</sup> Sir Alan Herbert: Membro Independente (Methuen, 1950), p. 138.

<sup>858</sup> Will Locke para Buchman, 2 de janeiro de 1946.

não extrai carvão. O absentismo, por exemplo, aumentou de 6,4 por cento em 1939 para 16,3 por cento em 1945. “É meu dever avisar a Câmara”, disse o Ministro dos Combustíveis e Energia, Emmanuel Shinwell, na Câmara dos Comuns em Janeiro, “que a posição atual contém os elementos de um desastre industrial.”<sup>859</sup>

Buchman acreditava ter, na peça *The Forgotten Factor*, uma arma que poderia ser útil nesta situação. Em 13 de maio, ele a apresentou na cidade de Londres, no Teatro Cripplegate, que permaneceu ileso entre as ruínas ao redor da Catedral de São Paulo. Para lá vieram mineiros de diversas minas de carvão, entre eles quatro da região de Doncaster. Estes homens convenceram os seus colegas a convidar a peça para a aldeia mineira de Carcroft, onde seis semanas depois duas mil pessoas ligadas à indústria vieram vê-la.

Um mineiro de Doncaster escreveu a Buchman: 'Esta peça tem sido o principal tópico de conversa em nossa mina de carvão esta semana, apesar do fato de serem corridas de Doncaster na sexta e no sábado', e acrescentou: '... mineiros em nossa mina de carvão... concordam que se o espírito do jogo for posto em prática, o trabalho em equipe nas minas de Doncaster se tornará o padrão para o país. Portanto, se isso pode fazer com que os mineiros durões se sintam assim, isso deve ser mostrado a todos os mineiros do país, tanto aos gestores como aos homens.’<sup>860</sup> Outro mineiro e a sua esposa escreveram para agradecer a Buchman pela sua visita à sua casa.<sup>861</sup>

O Doncaster Free Press comentou: 'Alguém na semana passada atirou uma pedra no lago que é a Inglaterra industrial, e as ondulações chegarão longe.’<sup>862</sup> Na semana seguinte, um dos maiores poços relatou que a produção tinha aumentado de 10.000 para 16.000 toneladas. O segredo, aparentemente, foi a mudança de um gerente ditatorial, comumente chamado de “couraçado de bolso”, que pediu desculpas aos homens depois de ver *The Forgotten Factor*. O agente da mina de carvão em *Brodsworth Main*, que mostrou a Buchman o funcionamento por uma hora, comentou: "A peça despertou os sentimentos mais delicados de todas as seções".

---

<sup>859</sup> Hansard, 29 de janeiro de 1946.

<sup>860</sup> S. Howard para Buchman, 3 de julho de 1946.

<sup>861</sup> Reg e Ivy Adams para Buchman, 3 de julho de 1946.

<sup>862</sup> Doncaster Free Press, 4 de julho de 1946.

Buchman achava que *The Forgotten Factor* deveria ser encenado em Londres, onde o Teatro de Westminster, um edifício elegante com 600 lugares, era há algum tempo propriedade de um fundo de Rearmamento Moral. Foi comprado, como um memorial vivo aos homens e mulheres do Rearmamento Moral que morreram no serviço de guerra, por £132.500. Em abril, enquanto Buchman ainda estava na América, Roland Wilson escreveu-lhe: “O teatro é nosso e é pago, exceto por uma quantia muito pequena. Um soldado chegou ontem do País de Gales. Seu pai, um mineiro, economizou £ 200 para mandar o filho para a faculdade. O soldado perguntou se poderia ser dado ao Fundo para comprar o teatro. Vários militares deram as suas gratificações e vieram presentes de todos os tipos de pessoas, incluindo líderes sindicais, estivadores e mineiros.”<sup>863</sup> No total, 2.857 pessoas contribuíram. Ele deveria estar disponível em outubro, momento em que, segundo Buchman, pessoas de todos os setores da indústria do carvão deveriam ser convidadas.

Na Suíça, ao mesmo tempo, estava sendo comprado outro edifício que desempenharia um papel ainda maior na vida e no planejamento de Buchman. Fiéis ao seu pensamento, no Verão anterior, Philippe Mottu e Robert Hahnloser, com o seu colega Erich Peyer e outros, procuravam um lugar onde as pessoas dos países divididos da Europa pudessem encontrar-se numa atmosfera semelhante à de Mackinac. Após uma busca prolongada, eles encontraram o quase abandonado Caux Palace Hotel, 3.000 pés acima de Montreux, que Buchman havia visitado durante sua viagem à Europa quarenta anos antes. Agora não era mais uma



Ao chegar a Caux, Buchman apreciou muito, mas perguntou: "Onde estão os alemães? Vocês nunca reconstruirão a Europa sem os alemães."

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>863</sup> Roland Wilson para Buchman, 9 de abril de 1946.

proposta econômica e estava prestes a ser demolida. Cerca de sessenta famílias suíças se aconselharam e, num notável ato de fé, decidiram que comprariam o hotel - cuja construção custou seis milhões de francos suíços - por 1.050.000 francos (então cerca de £ 130.000), a primeira parcela de 450.000 francos, a ser pago em questão de semanas. Através de um sacrifício prodigioso – alguns venderam as suas casas, outros investiram todas as suas poupanças – conseguiram cumprir o prazo. Buchman deixou Londres e foi para Caux em 15 de julho.

Nos primeiros dezenove dias de julho, uma centena de suíços, apoiados por voluntários internacionais, começaram a trabalhar na reforma do edifício, com capacidade para 500 leitos e magníficas salas de recepção. Durante a guerra, o hotel foi inicialmente habitado pela Força Aérea Real e outro pessoal aliado que fugiu para a Suíça e, mais tarde, por famílias de refugiados. As cozinhas estavam pretas de fumaça, os poços dos elevadores entupidos de lixo e a maioria das fechaduras quebradas. Todas as paredes tiveram que ser lavadas.

Típico do esforço voluntário foi o de um serralheiro aposentado. Depois de dez dias, ele anunciou à equipe de reconstrução de Hahnloser que já havia consertado 640 eclusas, mas que havia mais 1.220 a serem feitas. 'É impossível. Simplesmente não consigo fazer isso a tempo.

'Tudo o que podemos fazer', disse Hahnloser, 'é ouvir Deus e deixar que Ele nos mostre a saída.' Depois de alguns minutos de silêncio, o velho serralheiro disse de repente: 'Leve-me até um telefone'. Telefonou para sua casa e seus filhos e netos fecharam o negócio da família por duas semanas, foram para Caux e terminaram o trabalho.

Quando Buchman entrou no hall de entrada, ele brilhava com um pouco da beleza imaculada de que ele se lembrava. Com ele estava um grupo da Grã-Bretanha e da América. Reunidos no salão estavam velhos amigos da França, Escandinávia, Holanda, Itália e Suíça, muitos dos quais lutaram ou perderam parentes nas mãos dos alemães.

Buchman ficou na porta olhando cara a cara no círculo de boas-vindas, profundamente comovido. Então ele disse: 'Onde estão os alemães? Vocês nunca reconstruirão a Europa sem os alemães.'

“O efeito foi impressionante”, escreve Reginald Hale. 'Choque, indignação e raiva apareceram em muitos rostos. Frank foi para seu quarto abandonando a consternação. O jantar daquela noite foi moderado e muitos ficaram estranhamente silenciosos.’<sup>864</sup>

As pessoas foram colocadas face a face com a ordem de Cristo: 'Amai os vossos inimigos.' Muitos encontraram o poder para fazê-lo. Depois as dificuldades técnicas tiveram que ser enfrentadas e superadas. Nenhum alemão foi autorizado a deixar o seu país sem a permissão dos Aliados, e poucos, se é que algum, tinham os meios para o fazer, se permitido. O trabalho com as autoridades aliadas foi iniciado imediatamente, e dezesseis alemães, incluindo Moni von Cramon e as viúvas de dois homens executados por participarem da conspiração para matar Hitler, chegaram naquele primeiro ano.

As dificuldades inerentes a esta operação foram reveladas até na atitude de alguns amigos não-alemães de Moni von Cramon dos anos pré-guerra, que chegaram ao ponto de pedir a Buchman que a mandasse embora de Caux, pois ela “não era mais confiável”. “Em vez disso, ele a levou consigo para Locarno quando veio de Caux para descansar, como sempre com um grupo de colegas. Lá, segundo a filha de Frau von Cramon, “tudo explodiu”. Frank ouviu tudo e depois ficou em silêncio. Então ele disse: “Alimente-a, vista-a, ame-a”. E um amigo suíço a levou para casa e cuidou dela.”

Todas as salas de Caux estiveram lotadas durante dois meses, muitos dos visitantes eram trabalhadores e seus líderes, os mais numerosos entre eles mineiros de carvão britânicos que haviam criado um fundo especial para esse fim.

Em 22 de outubro, *The Forgotten Factor* estreou no Teatro de Westminster. Para começar, Buchman sentava-se num camarote todas as noites, assistindo não à peça, mas ao público. Ônibus carregados de mineiros vinham de diversas minas de carvão, bem como de gerentes e, após a nacionalização das minas no início de 1947, funcionários do Coal Board. Aquele inverno na Grã-Bretanha foi o mais frio dos últimos sessenta anos e foram necessárias 8 milhões de toneladas extras de carvão. Os reconhecimentos do efeito da peça começaram a chegar. Tom Collier, Oficial de Trabalho de Área do Coal Board para North Staffordshire, disse em uma reunião no Teatro de Westminster em 11 de maio: 'Se o Coal Board enviasse esta peça por todo o país, seus problemas terminariam. Há uma semana eu disse ao nosso

---

<sup>864</sup> Hale, vol. III, pág. 22.

povo que com a ajuda do espírito desta peça a semana de cinco dias<sup>865</sup> teria sucesso... Agora, em cinco dias, saiu mais carvão das minas do que em qualquer outra semana durante muitos anos. <sup>866</sup> Falando com Collier estava Harold Heath, membro do Comitê Sindical em Chatterley Whitfield Pit, o quinto maior da Grã-Bretanha. “Atingimos nossa meta de seis dias em quatro dias e meio”, disse ele. 'Mil dos nossos homens assistiram *The Forgotten Factor* na semana passada.'

A campanha que se seguiu nas minas de carvão, iniciada tanto pela administração como pelos sindicalistas, centrada nas performances do *The Forgotten Factor*, continuaria durante os quatro anos seguintes. Avaliações independentes de seu efeito foram numerosas. Por exemplo, o editor do *The Spectator* escreveu na sua coluna: “O tributo deve ser prestado onde o tributo é devido. Ouvi esta semana falar de um impulso impressionante na produção de carvão... Cerca de 300 mineiros de uma mina foram a Londres para ver *The Forgotten Factor*. O resultado, tenho certeza, é que a mina supera regularmente a produção em sua região. A história não veio até mim de nenhum lugar do RAM, mas de alguém que conhece o poço e os pitmen particularmente bem.”<sup>867</sup>

Depois de um ano, o *The Birmingham Post*, escrevendo sobre *West Midlands*, declarou: “O novo espírito revela-se de tal forma no aumento da produção que, de acordo com um cálculo baseado em números recentes, se os mesmos resultados fossem obtidos em todas as minas de carvão da Grã-Bretanha, o alvo de 200 milhões de toneladas por ano seria ultrapassada em 30 milhões de toneladas.”<sup>868</sup> Tom Beecham, Gerente de Produção de Área de Rhondda, onde 15.000 mineiros viram a peça, disse em abril de 1949: 'A produção nesta área aumentou sete por cento, enquanto subiu dois por cento em toda a jazida carbonífera do País de Gales. Teve um efeito real nas relações, o que se manifesta nas negociações entre o Conselho e a União. Não há a aspereza que havia. Os homens percebem rapidamente qualquer mudança na gestão.’<sup>869</sup>

Buchman valorizou as mudanças práticas resultantes por si mesmas - pelo aumento dos salários dos mineiros e pela diminuição das dificuldades para o país em geral. Mas, como

---

<sup>865</sup> Uma substituição experimental para a semana de seis dias.)

<sup>866</sup> cf. Birmingham Post, 12 de maio de 1947: 'Semana de cinco dias traz mais carvão em quatro áreas: os poços de North Staffordshire lideram os campos de carvão'.)

<sup>867</sup> O espectador, 6 de junho de 1947.

<sup>868</sup> Birmingham Post, 2 de dezembro de 1947.

<sup>869</sup> Conversa com o autor, abril de 1949.

ele insistiu com sua equipe: 'Lembre-se, faça o que fizer, estou disposto a ensinar a alma'. Com isto ele quis dizer que considerava o amadurecimento do indivíduo como básico, primeiro por si mesmo e como matéria-prima essencial para melhorias maiores. Ele percebeu que muitas vezes era em tempos de crise que as pessoas estavam prontas para abrir os seus corações ao Espírito Santo e, também, que figuras públicas ocupadas muitas vezes só prestavam atenção suficiente à possibilidade de mudança em si mesmas quando viam os resultados de uma abordagem prática em suas próprias esferas de interesse. *The Forgotten Factor* levou a muitas conversas pessoais cruciais. Cristo não foi mencionado no roteiro, mas o Dr. Edward Woods, bispo de Lichfield, comentou após uma apresentação: 'Eu vi Cristo no palco e graças a Deus ninguém precisou dizer isso.'<sup>870</sup>

Após os primeiros dois meses de corrida em Westminster, Buchman, por orientação médica, começou a viajar para o sul em busca de um clima mais quente. Em 16 de dezembro, em Folkestone, ele foi recebido por um prestativo funcionário do porto em cadeira de rodas. Buchman ignorou a questão, insistindo que John Caulfeild – um robusto ex-capitão da Força Aérea dos EUA – era o inválido, de modo que o infeliz Caulfeild foi empurrado para o oficial de passaportes, através da alfândega, e para o cais. A passagem foi difícil e, embora Buchman, com sua teimosia holandesa da Pensilvânia, insistisse em sentar-se direito em uma cadeira, ficou obviamente feliz quando tudo terminou.

Na Suíça, onde passou o Natal, conheceu Philippe Etter, que seria o próximo presidente e ministro do Interior. Etter prometeu visitar Caux oficialmente no verão seguinte. «A Europa perdeu a sua alma», disse ele, «e foi a sua alma que lhe deu a liderança entre as nações. Caux será um grande centro de força espiritual».

O Natal foi passado pacificamente em Berna. Uma árvore esparsamente decorada à luz de velas foi instalada na sala de estar do hotel, e ele e seus amigos sentavam-se calmamente ao redor dela à noite. “Uma das minhas primeiras lembranças – eu devia ter um ou dois anos – é ser carregado para uma sala onde havia uma árvore iluminada”, disse Buchman. Na noite de Natal, os pensamentos de Buchman, enquanto ouviam juntos a orientação, eram: 'Será falado com você de maneira inequívoca no próximo ano. Caux um milagre de primeira ordem. A Alemanha se destacará. Vá até Ganda com o toque mais leve. Faça o nosso caminho lento e gradualmente.'

---

<sup>870</sup> Confirmado por Alan Thornhill e Kenneth Belden.

Pois, apesar do clima rigoroso, Buchman não alcançaria o ensolarado sul. Ele aceitou o convite de Eugene von Teuber e de seus pais idosos para passar os próximos meses em seu castelo medieval, Castel Ganda, em Appiano, perto de Bolzano. Gene, um personagem entusiasmado cuja família tinha raízes profundas na Áustria e na Itália, havia emigrado para a América vinte e cinco anos antes e lá se tornou colega de Buchman em tempo integral. Os seus pais tinham acabado de ser libertados de um campo de prisioneiros comunista na Checoslováquia e abriram a sua antiga casa para a ocasião. A zona rural tirolesa, que Buchman conhecia e amava há muito tempo, estava coberta de neve profunda quando ele e seu grupo chegaram, e assim permaneceu por muitos meses. O médico e os amigos estavam preocupados com a sua saúde, mas na verdade ele manteve-se bem e permaneceu em Ganda, com exceção de duas visitas a Roma, até o início de maio. Os von Teubers seniores descreveram estas semanas como “uma saída do inferno para o céu”.<sup>871</sup>

O Tirol estava amargamente dividido entre os elementos austríacos e italianos da população, uma amargura que era endêmica desde que o Tratado de Versalhes transferiu o território da Áustria para a Itália. Depois, mais recentemente, houve a ocupação alemã durante a guerra, e vários soldados alemães ainda estavam escondidos nas montanhas. As autoridades militares italianas ainda mantinham oficiais de ligação britânicos no seu estado-maior. A área era um campo minado de sentimentos delicados. Em particular, as antigas famílias austríacas e os oficiais e militares italianos dificilmente se falavam.

Todas as partes, no entanto, vieram ver Buchman, começando pelas famílias austríacas que naturalmente recorreram aos von Teubers, e passando pelo prefeito italiano e pelo comandante regional, general Negroni, que acabou por ter em seu estado-maior um major britânico que tinha visto *The Forgotten Factor* em Londres e um sargento-mor que estava preocupado com a viagem de Buchman a Amã com Lady Minto em 1938. Inevitavelmente chegou o dia em que todos os lados foram convidados para uma festa juntos. Criou-se uma atmosfera na qual Buchman pôde contar como, quarenta anos antes, havia passado por aquele país, com o coração consumido pela amargura contra o comitê gestor do albergue na Filadélfia e como, depois de atravessar o Simplon a cavalo, carruagem puxada e para a Inglaterra, ele foi, em Keswick, libertado de seus ódios. O prefeito nunca se esqueceu

---

<sup>871</sup> John C. Wood para o autor, 11 de maio de 1984.

disso e, quando mais tarde veio a Caux, disse que rastreava a nova simpatia na região até aquele dia.

A primeira visita de Buchman a Roma vinda de Ganda começou em meados de janeiro. Seu pensamento, mais uma vez, foi agir com calma: 'Deixe as pessoas virem até você. Nenhum indício de pressão ou sugestão a ninguém. Este não é o momento de ver o Papa. Ele queria ver, entre outros, o conde Lovera di Castiglione, um camareiro papal que tinha escrito artigos compreensivos sobre o seu trabalho antes da guerra, e o ministro dos Negócios Estrangeiros, conde Sforza. O conde Lovera foi um dos primeiros a vê-lo e durante a conversa falou do Rearmamento Moral como “a porta de entrada para o homem moderno”. Certa manhã, Buchman passou uma hora com Giuseppe Saragat, o Vice-Presidente do Parlamento e mais tarde Presidente da Itália, que descreveu a sua conversa como “a mais importante que alguma vez tive porque abordou aspectos fundamentais”. “A sua verdadeira luta pela Europa é a de dar à democracia uma fé que sobreviva às ideologias”, acrescentou o líder socialista. A família de Saragat manteve contato com Buchman até sua morte.

Randolfo Paccardi, líder do partido ao qual Sforza pertencia, perguntou a Buchman o que poderia fazer por ele. Buchman não fez nenhuma sugestão. Paccardi disse voluntariamente que queria que ele conhecesse Sforza, e isso aconteceu de acordo. Buchman leu o livro recente de Sforza com as suas referências à “democracia cristã”, e a conversa girou em torno de como esta poderia ser criada na Europa.

Vários católicos do partido de Buchman, que já havia aumentado para trinta, foram recebidos pelo Papa Pio XII. Eles mencionaram seu trabalho para ele e relataram ansiosamente a Buchman que o Papa o havia abençoado. Isto agradou a Buchman, que erroneamente acreditava que se um número suficiente de católicos leais dissesse ao Papa que trabalhavam com ele, isso influenciaria favoravelmente a atitude da Igreja. Ele próprio, porém, recusou educadamente sugestões de várias pessoas bem-posicionadas que queriam arranjar uma reunião com o Santo Padre. O Manchester Guardian<sup>872</sup> e o Daily Worker<sup>873</sup> relataram de Roma que Buchman estava a realizar uma convenção lá e tentava ver o Papa. Mas a coisa mais próxima de Buchman que entrou nas câmaras papais foi, na verdade, sua

---

<sup>872</sup> Manchester Guardian, 22 de fevereiro de 1947.

<sup>873</sup> Trabalhador Diário, 22 de fevereiro de 1947.

cartola, na mão de Gene von Teuber, cujo chapéu marrom Buchman considerou inadequado para a ocasião.

Ele fez bem em se mover com cautela. É verdade que ele sempre teve boas relações com padres católicos com quem mantinha contato. Longe de afastar alguém da Igreja Católica, ele ajudou muitos a voltarem a ela. Nos anos anteriores à guerra, seu trabalho foi principalmente em países protestantes, e Roma via com simpatia suas atividades ali. Os grandes países católicos foram apenas marginalmente afetados e os bispos foram deixados a decidir as suas atitudes de acordo com a forma como as situações locais lhes pareciam. Alguns reagiram negativamente, mas a maioria foi neutra ou ligeiramente favorável. L'Osservatore Romano, o órgão do Vaticano, ao relatar uma reunião de Rearmamento Moral em Lausanne em 1937, sublinhou o valor da escuta silenciosa da vontade de Deus e a importância de pessoas de todas as classes colocarem a sua fé em prática unidas.<sup>874</sup> Em no primeiro aniversário do lançamento do Rearmamento Moral, intitulou o seu relatório “A supremacia dos valores espirituais e morais para a paz do mundo”.<sup>875</sup>

Agora, porém, uma nova situação estava prestes a surgir. À medida que, a partir do novo centro em Caux, Buchman dedicava as suas energias à reconciliação da Europa, e aquele trio de estadistas católicos - Schuman de França, Adenauer da Alemanha e de Gasperi de Itália, juntamente com o seu mentor, o padre italiano Don Sturzo - iam cada vez mais no Rearmamento Moral uma ideia que poderia complementar os seus esforços, a hierarquia em Roma começou a sentir a necessidade de assumir uma atitude definida. A visão de um luterano atraindo fiéis para Caux despertou suspeitas - ou pelo menos cautela - no Santo Ofício, instituição que protegia a integridade da fé. Nos anos seguintes, chegariam a conclusões que confundiriam muitos católicos que tinham encontrado em Caux um novo impulso à sua fé, conclusões que levariam quase duas décadas a reverter.

Isso, porém, aconteceria no futuro, e a próxima visita de Buchman a Roma, cinco semanas após seu retorno a Ganda, foi a convite de Monsenhor François Charrière, Bispo de Friburgo, Lausanne e Genebra, em cuja diocese Caux estava situada. Ele estava levando 8.000 suíços a Roma para assistir à canonização do santo suíço Nicolas von Flüe, e convidou Buchman e um grupo de seus colegas para estarem presentes. Eles foram colocados em

---

<sup>874</sup> L'Osservatore Romano, 21 de maio de 1937.

<sup>875</sup> *ibid.*, 15 de junho de 1939.

excelentes assentos perto do Altar-Mor de São Pedro, e Buchman ficou fascinado pela história do Santo e pelo colorido da cerimônia. Em junho, na rádio suíça, ele falou do significado da ocasião, recordando como São Nicolau se tornou “o árbitro mais procurado nos assuntos de Estado” e salvou a Suíça “quando as amargas disputas dos cantões levaram o seu país à crise”. à beira da guerra civil”. “Ele é verdadeiramente um santo para os nossos tempos, um modelo para as Nações Unidas”, comentou Buchman.<sup>876</sup>

O ano inteiro foi uma revelação para a sua equipa europeia da diferença entre este período pós-guerra e os dias do Buchman fisicamente atrativo que conheceram. Nessa altura, ele liderou cada campanha, passando de situação em situação e de país em país “com um vigor compacto – silenciosamente como um comboio expresso”, como observou um dos seus colegas mais jovens. Agora, ele frequentemente iniciava alguma ideia - como o trabalho entre os mineiros de carvão na Grã-Bretanha ou a luta para trazer a nação alemã novamente ao mundo - mas deixava a sua execução para outros. Ele sempre afirmou que era mais importante ensinar dez pessoas a fazer o trabalho do que tentar fazer você mesmo o trabalho de dez pessoas. Agora, mais do que nunca, ele tinha de aprender a praticar isto, pois o seu trabalho, sem restrições pela guerra, estava a surgir em países de todo o mundo.

O seu pessoal treinado dispersou-se para trabalhar no Japão, na África do Sul e no Médio Oriente e, embora mantivessem contacto por carta, saíam por conta própria e ele raramente intervinha. Ele próprio nunca se moveu sem equipe; mas era uma das muitas unidades móveis em todo o mundo, que se reuniam, anualmente ou com maior frequência, em assembleias em Caux, Mackinac ou em outro lugar.

---

<sup>876</sup> Transmitido pela rádio suíça, 4 de junho de 1947. (Ver Buchman, pp. 154-5.)

## RECONCILIAÇÃO DE CAUX

Cinco mil pessoas de cerca de cinquenta países foram a Caux para a Assembleia de verão em 1947. O Presidente Etter, da Suíça, cumpriu sua promessa de fazer uma visita oficial, e o General Guisan, comandante do Exército Suíço durante a guerra, compareceu três vezes. Outros incluíam os primeiros-ministros da Dinamarca e da Indonésia, o conde Bernadotte da Suécia, o Comité Smith-Mundt do Congresso dos Estados Unidos e duzentos italianos, incluindo vinte e seis membros do Parlamento e oito editores seniores, representando todos os principais partidos democráticos.

As multidões eram tão grandes que outro grande hotel, o Grand Hotel, teve que ser solicitado para acomodá-los. O padrão incomum de trabalho em Caux atraiu tanta atenção da imprensa quanto os números. Os convidados eram incentivados a ajudar no funcionamento da assembleia - e os ministros e os trabalhadores podiam acabar por preparar os legumes ou lavar a louça juntos. Cartunistas e fotógrafos tiveram um dia de campo; mas o prior do mosteiro de Kremsmünster achou isso natural. “Nós, beneditinos”, disse ele, “sabemos que trabalhar juntos é a melhor maneira de cultivar o solo das mentes uns dos outros”. Um anarquista francês declarou com entusiasmo: 'Vi a anarquia realmente vivida aqui!'

Os visitantes asiáticos incluíram G. L. Nanda, Ministro do Trabalho no estado de Bombaim e mais tarde duas vezes primeiro-ministro provisório da Índia, e U Tin Tut, o primeiro-ministro das Relações Exteriores da Birmânia independente. Nanda foi de Caux às minas de carvão britânicas para verificar o que ouvira dos mineiros de lá e ficou muito impressionado com o que encontrou.

Contudo, o país que mais preocupava Buchman naquele verão de 1947 era a Alemanha. Qual seria o seu futuro? Como poderia ser criado qualquer futuro que valesse a pena?

Estas questões foram durante muito tempo objeto de discussões urgentes e muitas vezes amargas entre os estadistas Aliados. Em setembro de 1944, Churchill ficou surpreso, ao chegar à Conferência de Quebec, ao descobrir que o presidente Roosevelt estava acompanhado não pelo seu secretário de Estado, mas pelo secretário do Tesouro, Henry Morgenthau, e que a principal questão em suas mentes era como tratar a Alemanha após a

vitória.<sup>877</sup> Morgenthau, acabou por ficar indignado com o tratamento "suave" proposto para a Alemanha num documento do Departamento de Guerra dos EUA enviado ao General Eisenhower em Agosto, e ganhou o apoio do Presidente para o seu chamado "Morgenthau". Plano' segundo o qual a Alemanha seria reduzida a uma nação pastoril, com a sua indústria removida, o seu padrão de vida reduzido e segmentos da sua população transferidos para outras partes do país. Churchill desaprovou, mas deixou o assunto passar por enquanto. No final, prevaleceram conselhos menos extremistas, mas o medo da “mentalidade Morgenthau” continuou a atormentar as relações alemãs com a América durante alguns anos.

O período de lua-de-mel que se seguiu à Conferência das grandes potências de Yalta, em fevereiro de 1945, durou menos de dois meses. Já no dia 2 de abril, o Secretário de Estado dos EUA alertava para uma “grave deterioração” nas relações com a União Soviética. Na Conferência de Potsdam, a divisão da Alemanha em quatro zonas foi confirmada e o desejo soviético de obter o controlo do poderio industrial alemão tornou-se cada vez mais claro.

James Forrestal, Secretário da Marinha dos EUA, anotou no seu diário de 14 de Maio, que os comunistas tinham uma grande vantagem, uma filosofia clara “quase equivalente a uma religião na qual acreditam ser a única solução para o governo dos homens”. “Não adianta nos enganarmos sobre a profundidade ou a extensão do problema”, acrescentou. 'Não tenho respostas, mas é melhor tentarmos obter uma resposta.'<sup>878</sup>

Este diagnóstico ecoou o de Buchman dois anos antes em Mackinac. Desde então, ele e os seus colegas têm feito um esforço consciente para expressar as suas crenças em termos de “uma ideologia para a democracia” que pudesse dar conteúdo moral e espiritual à liberdade do chamado mundo livre. Eles viram isso ser aplicado em diversas situações na América durante a guerra e, desde então, nas minas de carvão britânicas. Agora Buchman sentia que o teste crucial era saber se esta filosofia seria adequada para satisfazer as necessidades da Alemanha do pós-guerra. O vácuo na Alemanha após o colapso da ideologia nazi e o seu próprio fracasso em contrariar essa ideologia antes da guerra tornaram-no ainda mais ansioso.

Os preparativos para levar um número significativo de alemães para Caux vinham em andamento desde o comentário de Buchman ao chegar lá no ano anterior. Na mesma semana

---

<sup>877</sup> Winston Churchill: A Segunda Guerra Mundial (Cassell, 1954), Vol. VI, pág. 138.

<sup>878</sup> Diários de Forrestal (Cassell, 1952), p. 57.

em que o General Marshall, agora Secretário de Estado, apresentou as suas propostas para a reabilitação económica da Europa<sup>879</sup>, o Senador Alexander Smith providenciou para que o seu genro, Kenaston Twitchell, o visitasse. Esta entrevista, na qual Twitchell e os seus colegas delinearão o plano de Buchman para trazer a futura liderança da Alemanha para Caux, levou a uma nova entrevista com Robert Patterson, o Secretário da Guerra. Patterson prometeu remover os muitos obstáculos aos alemães que desejassem viajar para o exterior e enviou seus visitantes para ver o general Lucius Clay, comandante na zona americana da Alemanha, e seu conselheiro político, Robert Murphy. Entretanto, em Londres, Lorde Pakenham, Ministro responsável pela Zona Britânica, também deu a sua bênção. “Juntamente com a comida”, disse ele, “o tipo de trabalho que vocês estão fazendo é a única coisa que fará algum bem à Alemanha agora.”<sup>880</sup> Uma lista de cinquenta e cinco alemães na Zona Britânica começou a ser examinada, e Pakenham posteriormente telefonou para o General Sir Brian Robertson, Comandante da Zona Britânica, para pedir-lhe que fornecesse todas as facilidades ao Rearmamento Moral.

O General Clay foi igualmente receptivo e organizou uma ocasião em Stuttgart onde Twitchell e seus colegas poderiam se encontrar com líderes políticos dos estados da Zona Americana. Clay não lhes deu nenhuma pista do que os esperava, e o convite para Caux como convidados, com suas esposas e filhos, foi completamente inesperado. A maioria deles não saía da Alemanha desde 1933 e muitos estavam na prisão. «A sua perplexidade transformou-se gradualmente em surpresa e apreciação, à medida que vislumbraram a oportunidade de visitar um país livre, com boa comida e amigos prontos a recebê-los», diz Twitchell,<sup>881</sup> notando que o Ministro do Trabalho da Renânia do Norte-Vestfália estava fazendo o que queria com “duas fatias estreitas de pão amanhecido no café da manhã e algumas batatas e repolho podre no almoço”. Um dos colegas suíços de Buchman, que fez grande parte do trabalho pioneiro na Alemanha, disse a Buchman que, segundo o Ministro da Educação de Hesse, a mortalidade infantil tinha aumentado para 20%, 10% dos jovens tinham TB, 52%

---

<sup>879</sup> Em Harvard, 5 de junho de 1947.

<sup>880</sup> H. Kenaston Twitchell: *Regeneração no Ruhr* (1981), pp. Estive presente na entrevista com Lord Pakenham (agora Lord Longford) e confirmei pessoalmente esta declaração com ele em 1981, em preparação para a publicação do relato de Twitchell.

<sup>881</sup> Twitchell, pág. 22.

tinham um par de sapatos, enquanto 11% não tinham nenhum, 23% não tinham cama própria e a produção por trabalhador tinha voltado para metade do padrão anterior à guerra.<sup>882</sup>

No evento, 150 alemães frequentariam Caux naquele ano, e quase 4.000 mais entre 1948 e 1951.<sup>883</sup>

A sua chegada a Caux causou uma impressão indelével naqueles primeiros alemães. Um deles, Peter Petersen, que foi doutrinado numa escola especial nazista desde os doze anos de idade e emergiu do exército cínico e amargo, descreveu suas reações: “Fomos recebidos por um coro francês com uma canção alemã. Já éramos mestres em nos defender quando éramos atacados. Mas aqui as portas estavam escancaradas para nós e ficamos completamente desarmados.”<sup>884</sup> “Num ponto especialmente os convidados alemães concordaram”, escreveu o diário berlinense *Tagesspiegel*. “Em nenhum lugar do mundo, atualmente, os alemães encontrariam uma recepção tão calorosa nos aguardando como em Caux.”<sup>885</sup>

Buchman insistiu que a ênfase em Caux deve ser colocada no futuro da Alemanha e não no seu passado, no seu potencial e não na sua culpa. Quer lidasse com um indivíduo ou com uma nação, ele estava apenas interessado em rever os erros do passado como base para descobrir um novo caminho a seguir. Ele simplesmente tratou os alemães exatamente como qualquer outra pessoa.

Isto permitiu aos alemães considerar tanto o passado como o futuro como nunca tinham feito antes. “Durante anos, nós, povo alemão, elogiamos, apoiamos e defendemos uma ilusão”, escreveu o Dr. Erwin Stein, Ministro da Educação de Hesse, ao regressar de Caux. 'Como resultado, um sofrimento sem fim se abateu sobre muitas das nações da Europa e do mundo por causa da Alemanha. A nossa tarefa, como alemães responsáveis, é, de uma

---

<sup>882</sup> Erich Peyer para Buchman, 15 de abril de 1948.

<sup>883</sup> Dra. Gabriele Müller-List, uma historiadora alemã, fornece os números como 150 em 1947, 414 em 1948, 1.364 em 1949, 1.111 em 1950 e 941 em 1951, ('Eine neue Moral für Deutschland? Die Bewegung für Moralische Ausrüstung und ihre Bedeutung beim Wiederaufbau 1947-52'. In *Das Parlament*, 31 de outubro de 1981.) David J. Price, cuja dissertação de mestrado da Universidade de Londres é talvez o estudo acadêmico mais completo do assunto em inglês, afirma que 'a maioria dos Ministros-Presidentes e líderes da indústria e da educação' compareceram durante estes anos (O Movimento de Rearmamento Moral e a Reconstrução Europeia do Pós-Guerra, p. 29).

<sup>884</sup> Gabriel Marcel: *Nova Esperança para o Mundo* (Longmans, 1960), p. 24.

<sup>885</sup> *Tagesspiegel*, 26 de outubro de 1947.

vez por todas, construir uma democracia inspirada por Deus. Só nesta base irá perdurar, e o Rearmamento Moral mostra-nos claramente como isto deve ser feito.<sup>886</sup>

Outro desses primeiros visitantes de Caux foi o Barão Hans Herwarth von Bittenfeld, então Diretor da Chancelaria da Baviera e mais tarde o primeiro Embaixador Alemão do pós-guerra em Londres, que escreveu sobre sua participação na Resistência a Hitler em seu livro *Contra Dois Males. 1931-45*.<sup>887</sup> “Uma coisa é lutar contra uma ideologia”, escreveu ele na época. 'A verdadeira resposta é uma ideologia superior. Em Caux encontramos a democracia em ação e, à luz do que vimos, enfrentamos a nós mesmos e à nossa nação. Foi um arrependimento pessoal e nacional. Muitos de nós, alemães, que éramos antinazistas, cometemos o erro de colocar toda a culpa em Hitler. Aprendemos em Caux que também éramos responsáveis. A nossa falta de uma ideologia positiva contribuiu para a ascensão de Hitler.'<sup>888</sup>

Reinhold Maier, ministro-presidente de Württemberg-Baden, também esteve em Caux em 1947. Certa noite, ele viu uma peça sobre o heróico jornalista norueguês Frederik Ramm, *And Still They Fight*. Ele escapuliu do teatro e se jogou na cama, 'completamente arrasado' de vergonha pelo que seu país havia feito. “Foi uma apresentação sem ódio ou reclamação e, portanto, dificilmente poderia ter sido mais poderoso no seu efeito”, escreveu ele.<sup>889</sup>

Nem todos os convidados alemães responderam como Stein, Herwarth e Maier. O correspondente do *Neue Zürcher Zeitung* escreveu que alguns não estavam convencidos da “terrível simplificação” da ética cristã,<sup>890</sup> enquanto Terence Prittie, então homem do *Manchester Guardian* na Alemanha, escreveu em 1979: “Para ser honesto, penso que alguns políticos subiram ao topo a fim de obter uma viagem gratuita para a Suíça e ser tratado como seres humanos comuns.”<sup>891</sup> Mas, de acordo com o professor Carlo Schmid, um importante socialista, 'embora alguns estivessem desapontados e reclamassem de muita atividade, quase

---

<sup>886</sup> Leif Hovelsen: *A Luta pela Europa do Pós-Guerra*, p. 3. (Ver 32 nota 13.)

<sup>887</sup> Hans von Herwarth: *Contra Dois Males 1931-45* (Collins, 1981); *Zwischen Hitler e Stalin* (Propyläen Verlag, 1982).

<sup>888</sup> Notícias do Novo Mundo, junho de 1948.

<sup>889</sup> Reinhold Maier: *Ein Grundstein wird gelegt 1945-47* (Tübingen, 1964), p. 383.

<sup>890</sup> *Neue Zürcher Zeitung*, 5 de outubro de 1947.

<sup>891</sup> Prittie, em carta de 9 de Agosto de 1979 dirigida a Price. (Dissertação de Price, *O Movimento de Rearmamento Moral e a Reconstrução Europeia do Pós-Guerra*, p. 20.)

todos voltaram para casa sentindo-se realizados. e até mesmo ex-nazistas fizeram verdadeiras mudanças internas'.<sup>892</sup>

Muitos dos líderes alemães, cuja experiência de democracia antes da guerra tinha sido tão decepcionante, ficaram muito impressionados com a concepção de “democracia inspirada” de Buchman. Hans Peters, professor de Direito Constitucional na Universidade de Berlim, não só falou muito sobre isso em Caux naquele ano, mas publicou um livro em 1948<sup>893</sup> no qual analisou os vários tipos de democracia ao longo dos tempos e descreveu a “democracia inspirada”, tal como concebida por Buchman, como a melhor forma de responder aos fracassos do século XX.<sup>894</sup>

O próprio Buchman raramente dirigiu as sessões plenárias durante este período. Às vezes, ele entrava no fundo ou ocupava uma poltrona no chão, à esquerda da plataforma dos palestrantes, de onde podia observar o público. Mas a maior parte do tempo era passado em seus dois cômodos – um quarto e uma sala de estar – no mesmo andar da sala de reuniões. Lá ele frequentemente participava da preparação de reuniões e via em particular um fluxo de indivíduos e pequenos grupos.

Um dos seus contatos mais frutíferos nesse ano foi com a Sra. Irène Laure, Secretária-Geral da organização nacional das mulheres socialistas e recente deputada ao Parlamento por Marselha. Amiga e discípula de Léon Blum, Irène Laure tentou construir amizade com a Alemanha pré-Hitler. Depois disso, ficou desiludida e a experiência da Ocupação, quando era líder da Resistência em Marselha e o seu filho foi maltratado pela Gestapo, transformou esta desilusão em ódio. Depois da guerra, ela testemunhou a abertura de uma vala comum contendo os corpos mutilados de alguns dos seus camaradas.

Irène Laure veio para Caux esperando uma armadilha capitalista, e as suas suspeitas transformaram-se em repulsa quando descobriu que havia alemães presentes. O fato de algumas serem viúvas de homens executados por Hitler depois da conspiração de julho não fez diferença: sempre que um alemão falava, ela saía do salão. Numa dessas ocasiões ela encontrou Buchman no corredor. 'Que tipo de unidade você quer para a Europa?' Ele perguntou a ela. A pergunta a atormentava e, embora suas malas estivessem prontas para

---

<sup>892</sup> Schmid para Price, 8 de outubro de 1979. (ibid., p. 20.)

<sup>893</sup> Hans Peters: Problematik der deutschen Demokratie (Origo Verlag, 1948).

<sup>894</sup> Transcrições de Caux, 2 de setembro de 1947.

partir, ela decidiu ficar. Durante noites sem dormir, ela lutou contra seu ódio. Finalmente, ela decidiu que deveria desistir. Ela pediu para falar em uma reunião.

A preparação para a reunião da manhã seguinte dificilmente poderia ter sido menos propícia. Seria uma sessão em língua alemã, e Buchman, da sua cama, em torno da qual estavam reunidos os possíveis oradores, sugeriu que um ministro austríaco discursasse. Ele recusou. “Estive num campo de concentração durante quatro anos. Não posso falar com alemães”, disse ele. Um jovem alemão disse que se os alemães eram culpados, os austríacos não o eram menos. Uma discussão acalorada estourou. “O jovem tem razão”, interrompeu Buchman. A reunião de preparação terminou em alguma confusão e aqueles que esperavam dirigir a sessão pública dirigiram-se incertos para a sala de reuniões. Quando eles estavam prestes a começar, Buchman, agora totalmente vestido, subiu na plataforma do orador e assumiu.

Depois de um tempo, Madame Laure, quem era uma mulher pequena e discretamente vestida, cujo dinamismo passou despercebido até ela falar, caminhou até a frente. Peter Petersen conhecia a sua história e esperava com alguns compatriotas prontos, caso ela denunciasse a Alemanha, para responder com histórias de "atrocidades" francesas na Floresta Negra. Em vez disso, Irène Laure disse: “Odiei tanto a Alemanha que queria vê-la apagada do mapa da Europa. Mas vi aqui que meu ódio está errado. Desejo pedir perdão a todos os alemães presentes.”<sup>895</sup>

O efeito sobre os alemães foi elétrico. “Fiquei pasmo”, disse Petersen mais tarde. “Durante várias noites foi-me impossível dormir. Todo o meu passado se levantou em revolta contra a coragem da mulher. Mas sabíamos, os meus amigos e eu, que ela nos tinha mostrado o único caminho aberto para a Alemanha se quiséssemos juntar-nos à reconstrução da Europa.”<sup>896</sup>

O momento-chave, disse-me a Sra. Laure em 1982, foi a pergunta de Buchman no corredor. 'Se naquele momento ele tivesse pena de mim ou simpatizado comigo, eu teria ido embora. Ele me deu um desafio apaixonado. Foi a qualidade dele que me prendeu – acima de tudo o olhar tranquilo em seus olhos. Sentia-se que sua vida correspondia exatamente à

---

<sup>895</sup> *ibid.*, 13 de setembro de 1947.

<sup>896</sup> Para a história completa de Irène Laure e Peter Petersen, que mais tarde se tornou membro do Parlamento, ver Marcel, pp. 18-30.

sua crença. Ele transmitiu a você o sentimento de certeza de que, se você aceitasse a mudança, poderia participar da transformação do mundo.'

“Eu não estava interessada no Grupo de Oxford conforme me foi apresentado anteriormente”, explicou ela. 'A ideologia que vi em Caux envolvia dar mente, coração e corpo. De certa forma, como o marxismo, mas este era superior porque a força motriz era o amor.'<sup>897</sup>

Foi a mesma filosofia abrangente que atraiu os alemães e, enquanto estavam em Caux, destilaram a sua essência num folheto intitulado *Es Muss Alles Anders Werden* (Tudo Deve Ser Diferente), que decidiram espalhar por toda a Alemanha. Mas onde conseguiriam o jornal na Europa do pós-guerra? Um fabricante de papel sueco em Caux forneceu o suficiente para uma edição de um milhão e meio de exemplares, e o livreto foi distribuído em todas as quatro zonas da Alemanha, incluindo 450 mil na zona soviética. A polícia soviética confiscou o stock de um livreiro de Eisenach, principalmente, ao que parece, porque leu significado ideológico numa imagem de lobos vindo, pensavam, do Leste; mas os estoques foram posteriormente devolvidos a ele. Também em Leipzig foi retirado das livrarias por um tempo, mas voltou. A avaliação de Lord Pakenham foi: 'Aplaudo o espírito do cristianismo cooperativo que produziu este folheto. Mostra o tipo de espírito que a Alemanha, e na verdade todas as nações, exigem... nestes tempos difíceis'<sup>898</sup>, enquanto o General Clay escreveu: 'Fiquei realmente satisfeito por ver os representantes alemães... regressarem à Alemanha revigorados e revigorados no espírito. Fiquei igualmente impressionado com um panfleto que está agora a ser publicado na Alemanha por estes visitantes alemães em Caux, que explica a democracia em termos simples e comoventes.'<sup>899</sup>

Alguns outros membros do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Comissão Britânica de Controlo na Alemanha assumiram uma posição oposta. Em Dezembro de 1947, um membro da Divisão Política na Alemanha foi transferido para outro trabalho devido ao

---

<sup>897</sup> Ao retornar de Caux, Irène Laure visitou Léon Blum, que havia sido preso em Dachau durante a guerra. 'Ele me disse que conheceu Frank Buchman em um navio para a América', lembra ela. 'Ele tinha um grande respeito por ele.' Blum prometeu ajudar Madame Laure a se libertar de suas responsabilidades oficiais para que ela pudesse trabalhar plenamente com o Rearmamento Moral.

<sup>898</sup> Lord Pakenham para Jacob Kaiser, presidente da CDU em Berlim, 24 de dezembro de 1947, citado em Twitchell, pp.

<sup>899</sup> General Clay, ao Contra-Almirante Richard E. Byrd, 3 de dezembro de 1947, citado em Twitchell, p. 32. Twitchell inclui uma tradução de *Es Muss Alles Anders Werden* (pp. 70-84).

seu apoio ao Rearmamento Moral. O seu superior informou-o: 'A atitude do Governo de Sua Majestade em relação ao Rearmamento Moral na Alemanha é estritamente negativa... e não é realmente possível para você manter aquela atitude imparcial (chame-a de cínica, se quiser) que é tão importante para avaliar e lidar com velhas raposas como Adenauer.' O destinatário protestou junto do General Robertson, que lhe assegurou que «é totalmente errado dizer que a política do Governo de Sua Majestade é negativa; não é'. A mesma divisão é aparente nos arquivos do *Foreign Office*. Os responsáveis baseados em Londres adoptavam frequentemente uma posição duvidosa, ou mesmo hostil, mas estas foram contestadas em memorandos por Lord Pakenham e outro subsecretário de Estado, Christopher Mayhew.<sup>900</sup>

Deixando equipes fortes para acompanhar na Alemanha, nas minas de carvão britânicas e no Norte industrial francês, onde Irène Laure e industriais que ela conheceu em Caux realizaram uma assembleia industrial para mil pessoas em Le Touquet, Buchman partiu para Nova Iorque em 10 de outubro de 1947, dez dias após o término da assembleia de Caux. Ele foi novamente avisado de que deveria procurar um clima mais quente para o inverno, mas na verdade só chegou à Califórnia em 16 de janeiro.

Buchman queria regressar aos Estados Unidos para encorajar os seus compatriotas a tomarem consciência de que a ajuda prática fornecida pelo Plano Marshall seria inadequada sem uma infra-estrutura moral e espiritual. Queria também oferecer aos congressistas e senadores informações em primeira mão, raras naquela época, sobre o atual cenário europeu. Em Mackinac, durante sua ausência, a equipe teatral desenvolvida durante a guerra trabalhou. Eles haviam escrito um espetáculo musical que, combinado com os pensamentos e talentos dos jovens europeus que Buchman trouxe consigo, ficou conhecido como *The Good Road/ O Bom Caminho*. Dramatizou a herança espiritual do Ocidente, traçando as suas raízes cristãs até personalidades da história europeia e americana e aplicando os seus princípios às circunstâncias do mundo do pós-guerra. Este musical foi apresentado em Nova Iorque, Boston, Montreal, Ottawa e Washington, onde foi visto por um terço de todos os senadores e congressistas.

Enquanto isso, Buchman e seus colegas encontraram muitos amigos e figuras públicas nos estados orientais da América. As notícias do que vinha acontecendo através do seu trabalho na Europa já haviam chegado a muitos deles. “Uma nova esperança para a

---

<sup>900</sup> Escritório de Registros Públicos, WD1111/1-2-4 de 6.1.50, F0371.70607, C81, C914, C10152, etc.

regeneração moral e espiritual do povo alemão é oferecida ao mundo e aos próprios alemães pelo movimento de Rearmamento Moral, como resultado da experiência durante sua conferência de verão em Caux”, escreveu o correspondente do *New York Times*.<sup>901</sup>

Buchman passou o final do inverno e a primavera na Califórnia. Lá ele decidiu comemorar o seu septuagésimo aniversário, 4 de junho de 1948, que foi também o décimo aniversário do lançamento do Rearmamento Moral, com uma assembleia em grande escala para articular a necessidade de uma ideologia para a democracia nas Américas. Também durante este inverno, um antigo clube residencial em Los Angeles foi comprado como base para operações na Costa Oeste. A assembleia propriamente dita foi realizada em Riverside, a uns oitenta quilômetros da cidade.

Oitenta e um senadores e congressistas assinaram o convite para a assembleia e um grupo de empresários holandeses fretou um avião da KLM para transportar os delegados europeus. Da Itália, França e Áustria e de várias províncias alemãs vieram políticos do governo e da oposição que estiveram em Caux. Outros incluíram o primeiro-ministro da Dinamarca em 1947, um nobre britânico, o presidente de um sindicato regional de mineiros na Grã-Bretanha e um camareiro papal. Da Ásia vieram indianos ilustres, um estudioso budista e ex-embaixador japonês nos Estados Unidos, Kensuke Horinouchi, chamado de volta antes da guerra porque discordava do partido da guerra em casa, mas agora restabelecido como presidente do Instituto de Treinamento Estrangeiro, que estava criando o novo serviço diplomático do Japão.

Os visitantes foram recebidos por uma mensagem de apoio de Paul Hoffman, o administrador do Plano Marshall, que afirmou: 'Vocês estão a dar ao mundo a contrapartida ideológica do Plano Marshall.'<sup>902</sup> Após a assembleia, os delegados europeus almoçaram com o Secretário de Estado. Marshall e Paul Hoffman em Washington. Marshall disse aos convidados que, embora o trabalho de Hoffman envolvesse coisas materiais e fosse uma necessidade óbvia, uma regeneração espiritual em todo o mundo era absolutamente vital.<sup>903</sup>

Buchman permaneceu na Califórnia após a assembleia e depois viajou de volta para a Europa. Em Paris, no dia 6 de agosto, entre trens, conheceu pela primeira vez Robert

---

<sup>901</sup> *New York Times*, 8 de setembro de 1947.

<sup>902</sup> *Los Angeles Herald and Express*, 3 de junho de 1948.

<sup>903</sup> Twitchell, pág. 40.

Schuman, que tinha sido primeiro-ministro até ao mês anterior. Sobre esta ocasião, Schuman disse: 'Infelizmente não tive tempo suficiente com o Dr. Buchman, apenas vinte minutos, mas ele é uma personalidade que me impressionou profundamente.'

Um industrial de Lille, Louis Boucquey, interessou primeiro Schuman pelo Rearmamento Moral. Conheceu o então Primeiro-Ministro durante uma viagem de trem e disse-lhe que a indústria no Norte de França estava a funcionar melhor, com relações mais estreitas entre trabalhadores e gestão, uma melhoria que atribuiu à mudança em Caux de Irène Laure e Robert Tilge, o Secretário dos empregadores regionais e a assembleia do Rearmamento Moral que realizaram em Le Touquet no Outono anterior. No final da viagem, Schuman disse: 'Mantenha-me em contacto. Gostaria de conhecer esse Dr. Buchman.'

Quando conheceu Buchman, Schuman era Ministro dos Negócios Estrangeiros e estava envolvido numa situação europeia extremamente tensa. Em protesto contra a reforma da moeda alemã, a Rússia bloqueou Berlim. Os Aliados Ocidentais respondiam com uma ponte aérea de alimentos, combustível e todos os fornecimentos necessários - uma demonstração da sua determinação conjunta em levar a cabo a reabilitação económica da Alemanha - que durou quase dez meses. Durante os primeiros dias do bloqueio, Buchman escreveu a Schuman: "O país está seguro nas suas mãos. Desejo realmente a oportunidade de você vir até nós em Caux."<sup>904</sup>

Em vez de Schuman, chegou a Caux, no dia 11 de Setembro, um homem ainda relativamente desconhecido fora da Alemanha, o Dr. Konrad Adenauer, que recentemente se tornara Presidente do Conselho Parlamentar das três zonas ocidentais. Convidado por um de seus colegas do partido Democrata Cristão que esteve em Caux em 1947, Adenauer chegou com a maior parte de sua família e duas secretárias. Ele ouviu, conheceu muitos delegados e viu *The Forgotten Factor*. Após a peça, ele falou para um público que incluía o presidente Enrico Celio, da Suíça. 'Estou aqui há dois dias. Tenho participado de reuniões. Eu falei com as pessoas. Observei com muito cuidado e ponderei minhas impressões', disse ele. 'Admito que cheguei com algum grau de ceticismo, mas agora admito com alegria que, depois de dois dias e após consideração de minhas impressões, estou completamente convencido do grande valor de Caux. Considero um ato notável numa época em que o mal governa o mundo tão abertamente, que as pessoas tenham a coragem de defender o bem, de Deus, e que cada um

---

<sup>904</sup> Buchman para Robert Schuman, 30 de agosto de 1948.

comece por si mesmo. Acredito, tal como todos os que vieram da Alemanha para cá, e é o meu mais sincero desejo, que as ideias de Caux darão frutos mil vezes mais ricos.<sup>905</sup>

Adenauer insistiu em particular que *The Forgotten Factor* e *The Good Road* deveriam ir para a Alemanha, tal como fez o major-general Bishop, o comissário britânico para a Renânia do Norte-Vestfália - incluindo o Ruhr industrial - que estava em Caux naquele mês. Ao mesmo tempo, chegaram convites para *The Good Road* dos gabinetes da Renânia do Norte-Vestfália e Württemberg-Baden, chefiados pelos Ministros-Presidentes Karl Arnold e Reinhold Maier, e do Ministro-Presidente Ehard da Baviera. As administrações britânica, americana e francesa ofereceram as facilidades que estavam disponíveis, resultando no início do que foi descrito como “uma invasão muito bem-vinda”, a maior operação não militar na Alemanha desde a guerra.<sup>906</sup>

---

<sup>905</sup> Transcrições de Caux, 12 de setembro de 1948. A calorosa carta de agradecimento de Adenauer a Buchman, de 22 de setembro de 1948, é reproduzida em Hans Peter Mensing: *Adenauer Briefe 1947-1949* (Siedler Verlag, 1984).

<sup>906</sup> Preço, pág. 31.

## VOLTANDO À ALEMANHA

Em 9 de outubro de 1948, às 7h30, Buchman e uma equipe de 260 pessoas saíram de Zurique com destino a Munique em uma caravana de carros e ônibus. Ao entrarem em Ulm, algumas horas depois, os sinos da catedral os acolheram para sua primeira recepção oficial. Eles chegaram a Munique naquela noite e fizeram a primeira exibição do *The Good Road* no Teatro *am Gärtnerplatz* dois dias depois. Aqui, como em outros lugares da turnê, eles tiveram que fazer várias apresentações por dia para acomodar até mesmo uma parte dos que desejavam comparecer. Para muitos alemães foi, como alguém disse, “a reabertura das nossas janelas para o mundo”. Mesmo quando a letra da peça não era compreendida – era tocada em inglês e o fornecimento de fones de ouvido para tradução simultânea era limitado – o efeito simbólico foi significativo. *Berggrat Knepper*, um gestor de mina que não falava inglês, chamou a peça de “a grande experiência da minha vida” porque “significou que fomos novamente aceitos pela comunidade internacional”.

Buchman estava feliz. Em 1937, ele disse: “Este não é o momento para a Alemanha, mas esse tempo chegará”. Agora, embora entristecido pela devastação por todos os lados, sentia que estava pela primeira vez entrando na Alemanha com uma equipe adequadamente treinada, com ferramentas adequadas nas jogadas e com liberdade para trabalhar. Ele ficava mais feliz nas reuniões com velhos amigos. No caminho de Munique para Estugarda,



A Rádio Stuttgart intercepta e entrevista a força móvel RAM na estrada de Munique.

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

todo o grupo fez um desvio para *Freudenstadt*, o local onde a ideia do Rearmamento Moral e espiritual lhe nascera em Maio de 1938. A pequena cidade sofrera gravemente com o bombardeamento, e o Waldlust Hotel, onde costumava ficar, acabava de deixar de ser usado como hospital e tinha uma aparência monótona. Mas os proprietários, a família Luz, estavam de volta e a velha mãe, o filho e as filhas e Rosa, a cozinheira, tinham trabalhado grande parte da noite cozinhando com os últimos mantimentos. Havia canções, memórias e promessas para o futuro. Rosa foi passear com Buchman vale abaixo. 'Fiz café para milhares de pessoas neste hotel, para reis, príncipes e muita gente famosa. Nenhum deles me agradeceu. Mas hoje", disse ela, "posso sentar-me no melhor lugar e conduzir este carro com este cavalheiro. 'Antes de partir, Buchman reabasteceu o estoque de café e farinha dos Luzes, como fez quando visitou a princesa Margarida de Hesse, alguns dias depois, nos três quartos mal aquecidos que as forças de ocupação lhe haviam permitido. Há meses que ele lhe enviava pacotes de comida e havia, como recorda o seu colega John Cotton Wood, "uma ternura nas suas visitas, como se estivesse visitando uma tia idosa".

A cavalgada continuou e *The Good Road* foi atuada para casas lotadas em Stuttgart, Frankfurt, Düsseldorf e Essen. Vinte mil alemães vieram para vê-la e muitos mais conversaram com os viajantes fora do teatro e nas ruas. Realizaram-se muitas reuniões, incluindo uma em que "discutimos 1.500 homens que dirigiam toda a indústria do carvão aqui".<sup>907</sup> Em cada local, as autoridades alemãs e aliadas trabalharam em conjunto para superar as tremendas dificuldades de receber um número tão grande de pessoas, e o London News Chronicle citou um funcionário do governo militar dizendo: 'Vocês (Rearmamento Moral) fizeram mais em dois dias para interpretar a democracia ao povo alemão do que fomos capazes de fazer em três anos.'<sup>908</sup>

Quando, em 26 de outubro, chegou a hora do *The Good Road* seguir para Haia, o Ministro-Presidente da Renânia do Norte-Vestfália, Karl Arnold, e os seus Ministros, Heinrich Lübke, August Halbfell e Walter Menzel, imploraram a Buchman para continuar uma ação importante no Ruhr, onde oitenta por cento da indústria pesada alemã estava então localizada. "Em todos os lábios", disse Halbfell, o Ministro do Trabalho, "está a questão de saber se as ideias de Washington ou de Moscovo irão dominar esta região". Um documento

---

<sup>907</sup> H. Kenaston Twitchell ao senador Alexander Smith, 21 de outubro de 1948.

<sup>908</sup> News Chronicle, 5 de novembro de 1948.

Cominform, Protocolo M, emitido em Janeiro, afirmava: 'Os centros da luta em massa na Alemanha serão (i) o Ruhr e a sua capacidade industrial, e os meios de transporte na Alemanha Ocidental e do Norte.' "O próximo Inverno", acrescentava, "será o período decisivo na história da classe trabalhadora alemã".<sup>909</sup>

Halbfell não queria que as ideias russas ou americanas se tornassem dominantes. Ele começou a ver uma terceira via: "O Rearmamento Moral", disse ele, "é a nossa grande esperança".<sup>910</sup>

Buchman estava pronto. *O Fator Esquecido*, a pedido de Halbfell, foi traduzido para o alemão em Caux. Um elenco ensaiou sob a direção de Phyllis Austin. Os seus familiares franceses foram assassinados nas câmaras de gás nazis e, quando lhe pediram para dirigir a peça, "sentiu-se fisicamente doente". Mas ela decidiu fazê-lo, e escreveu mais tarde que ao fazê-lo "nasceu em mim um profundo amor pela Alemanha".<sup>911</sup> Buchman estava preparado para deixar esta produção e uma equipe de cinquenta pessoas atrás dele no Ruhr enquanto ele continuava para Haia.

Durante um jantar oferecido a ele pelo governo da Renânia do Norte-Vestefália, Buchman foi abordado pelo Dr. Heinrich Kost, chefe do Conselho Alemão de Carvão e Presidente do Conselho de Administração de



Em 1948, Buchman, auxiliado pelas autoridades aliadas, levou uma força móvel para a Alemanha, com peças de teatro, exposições fotográficas e literatura, para apresentar uma ideologia para a democracia. ©Arthur Strong/MRA Produções [View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>909</sup> Der Kominformplan für West-Deutschland (Kurier, Berlim), 15 de janeiro de 1948. Também publicado pelo Ministério das Relações Exteriores britânico, 26 de janeiro de 1948.

James Byrnes, o secretário de Estado dos EUA, descreveu como, certa noite, tomou alguns drinques com Molotov durante a conferência de Potsdam. Após o terceiro highball, ele perguntou a Molotov: 'Gostaria de saber o que você realmente gostaria em Europa.' A resposta de Molotov foi que estaria disposto a desistir de quase tudo para obter a representação russa no Conselho de Controle do Ruhr. (Diários de Forrestal, p. 347).

<sup>910</sup> New World News, setembro de 1948.

<sup>911</sup> Austin e Konstam, pp.

uma empresa de mineração com sede em Moers. “Doutor Buchman”, disse Kost, “sua ideia está certa. Precisamos disso com urgência. O que fazemos agora? Quando Hitler estava por perto, ele nos dizia o que fazer. Se os russos vierem, dir-nos-ão o que fazer. O que você acha que deveríamos fazer?”

“Não posso lhe dizer o que fazer, nem seria certo que eu fizesse isso”, respondeu Buchman. ‘Mas posso lhe dizer como descobrir por si mesmo. Ele disse a Kost que Deus falaria com qualquer um que se compromettesse a encontrar e seguir Seu plano.

No dia seguinte, Buchman e Kost passaram quatro horas juntos. Eles conversaram mais sobre a orientação de Deus e ouviram juntos. Kost teve um pensamento: ‘Convidar um elenco alemão do *The Forgotten Factor* para as minas de carvão em Moers.’ Ele perguntou como o Rearmamento Moral era financiado e ficou surpreso ao descobrir que não havia subsídios governamentais ou grandes financiadores industriais. Foi tudo uma questão de coragem e sacrifício individual, explicou Buchman. Kost ficou especialmente impressionado com o fato de um médico americano na Virgínia ter descontado suas apólices de seguro e enviado US\$ 40.000 para a viagem do *The Good Road* na Alemanha, e com o fato de os militares aliados terem dado suas gratificações de desmobilização para ajudar seus antigos inimigos.

A primeira apresentação do *The Forgotten Factor* ocorreu em 23 de novembro, à sombra das ruínas das obras da Krupps em Essen, e foi apresentada pelo Lorde Mayor, Dr. Gustav Heinemann<sup>912</sup> e pelo Ministro-Presidente Arnold. O governo de Arnold votou 60.000 marcos - cerca de £ 3.000 - para o empreendimento, mas logo se esgotou, e a peça só poderia prosseguir de um lugar para outro, pois cada cidade fornecia transporte, acomodação e um comitê convidativo de trabalho e administração. Muitas pessoas deram generosamente, e não apenas em dinheiro. A esposa de um dos ministros de Arnold cantou no refrão que acompanha a peça. Uma dúzia de jovens alemães, alguns como Petersen, novos no Rearmamento Moral e outros filhos de pessoas que conheceram Buchman nos anos 30, participaram como atores, deslocadores de cena e visitando os mineiros nas suas casas. Um homem que escapou por pouco da morte na Frente Oriental disse que nada no exército ou nos campos de prisioneiros de guerra aliados foi tão difícil quanto seus primeiros meses com o *The Forgotten Factor*

---

<sup>912</sup> Presidente da República Federal Alemã, 1969-74.

naquele inverno gelado de 1948. Enquanto isso, o Dr. Kost emitiu seu convite a Moers para o final de janeiro de 1949, juntamente com os representantes do seu conselho de trabalhadores, a maioria dos quais eram comunistas.

Nos seus primeiros dois anos, 120 mil pessoas, principalmente das indústrias do carvão e do aço, assistiram à peça no Ruhr. Buchman esteve apenas ocasionalmente na Alemanha durante esses anos, mas estava em contato constante, muitas vezes diário, com o que estava acontecendo. Embora antes da guerra ele tivesse estado presente durante essas campanhas, agora tinha de se concentrar em pensar estrategicamente sobre o trabalho que estava se realizando em muitos países simultaneamente. Ele tentou enviar para cada área aqueles mais bem equipados com formação e experiência para isso. Para o Ruhr, por exemplo, foi um revezamento de mineiros britânicos e de capitalistas cujos motivos e práticas tinham mudado. Irène Laure e seu marido Victor, um marinheiro mercante marxista há quarenta e sete anos, discursaram em duzentas reuniões na Alemanha em onze semanas, incluindo dez dos onze parlamentos estaduais. Com eles foram dois franceses, um dos quais havia perdido quinze e os outros vinte e dois parentes nos campos de concentração nazistas.

Grande parte do trabalho contínuo foi feito por dois jovens noruegueses, um dos mineiros de carvão britânicos do tempo da guerra e um graduado da classe alta em Oxford. Cada um às vezes vivia com os mineiros em suas casas. Ao todo, Buchman sustentou uma equipe de mais de cem pessoas, a maioria com menos de trinta anos de idade, no Ruhr durante vários anos - todos trabalhando sem remuneração, geralmente dezesseis horas por dia e vivendo de alimentos e em condições muito inferiores às obtidas em seus próprios países. Os contatos de Buchman com trabalhadores e industriais alemães ocorreram principalmente durante as longas assembleias de verão em Caux.

A batalha pelo Ruhr foi, desde o início, acirrada. Não apenas os comunistas, mas muitos socialistas estavam desconfiados. Um jornalista dinamarquês da força itinerante de Buchman escreveu-lhe: 'Saudações muito calorosas dos seus amigos, ministros-presidentes Arnold e Maier, que resolveram discretamente uma crise ministerial entre eles, como disse Maier, "no espírito de Caux".' Ela contou como o Executivo do SPD (Partido Socialista) aprovou uma resolução nesta altura alertando os seus membros contra o Rearmamento Moral. O membro do Conselho que a propôs disse-nos que muitos membros protestaram contra a resolução", continuou ela, "mas ele próprio é atualmente um inimigo... Ele era um emigrante

político desde 1933, primeiro em Praga e, durante a guerra, em Londres. Ele disse que sua forte antipatia contra o RAM vinha dos “círculos políticos de Londres que odiavam o Grupo de Oxford durante a guerra”!<sup>913</sup>

Cada vez mais Socialistas procuravam a opinião do Dr. Hans Böckler, o Presidente da nova Federação Sindical Alemã unificada. Ele ficou suficientemente convencido pelos relatos daqueles que retornaram de Caux em 1947 para se juntar ao Ministro-Presidente Arnold e outros no envio de *Es Muss Alles Anders Werden/ Tudo tem que ser diferente* a mais de mil líderes na Renânia do Norte-Vestfália, com o pedido de que pensassem ' como e onde se pode usar esta arma nos círculos sindicais, nas administrações e nos distritos urbanos e rurais'. Mas à medida que a controvérsia aumentava com a turnê do *The Forgotten Factor*, ele decidiu que deveria investigar o assunto mais de perto.

Na primavera de 1949, Kost convocou uma reunião de 190 líderes industriais para ouvir um painel de palestrantes do Rearmamento Moral no Hotel Kaiserhof em Essen. Böckler e um professor marxista de Düsseldorf chamado Heinz Grohs decidiram participar. Quando eles chegaram e viram tantos capitalistas juntos, Grohs decidiu que não aguentaria aquela visão e saiu para tomar uma bebida. Mas ele regressou e Böckler disse aos oradores após a reunião: 'O que nos impressiona é que vocês dizem as mesmas coisas e colocam à gestão os mesmos desafios que colocam para nós.' Eles também ficaram impressionados com as palavras iniciais de Kost aos seus colegas industriais. “Senhores”, começou ele, “a questão não é se mudamos, mas como mudamos. Não cabe a nós esperar que o Partido Trabalhista mude. A mudança é exigida de nós.”<sup>914</sup>

Böckler pediu mais uma palestra em sua casa, sobre a qual um trabalhador do estaleiro Clydeside, que agora trabalha em tempo integral com o Rearmamento Moral, escreveu a Buchman: 'Recém-chegado da reunião de Kost e a forma como a mudança de gestão conosco abordou os barões do Ruhr, Böckler falou com o coração. Ele falou dos sacrifícios das pessoas que deixam empregos e casa. Ele disse: "Algumas pessoas defendem a doutrina de que é preciso mudar o sistema para mudar a sociedade. Isso é, claro, verdade, mas é apenas metade da verdade. As pessoas devem mudar drasticamente, como aqueles homens que

---

<sup>913</sup> Gudrun Egebjerg para Buchman, 4 de dezembro de 1949.

<sup>914</sup> Buchman, pág. 172.

falaram conosco em Reunião de Kost. Ambas devem ser feitas, e você luta por ambas, estou convencido disso." Ele acrescentou: "Quero fazer uma declaração que você pode usar".

Em Caux, alguns meses depois, Böckler conheceu Buchman e eles se tornaram amigos. Foi depois disso que ele produziu a sua declaração cuidadosamente ponderada: "Se os homens quiserem libertar-se do velho e do obsoleto, isso só poderá acontecer se estabelecerem para si próprios novos objetivos e colocarem a humanidade e os valores morais em primeiro plano. Acredito que o Rearmamento Moral pode trazer uma melhoria definitiva para a humanidade em muitas áreas da vida. Quando os homens mudam, a estrutura da sociedade muda, e quando a estrutura da sociedade muda, os homens mudam. Ambos andam juntos e ambos são necessários. O objetivo que o Rearmamento Moral se esforça por alcançar é o mesmo pelo qual luto como sindicalista."<sup>915</sup>

Quando Böckler foi forçado por um acidente vascular cerebral a se aposentar alguns anos depois, Buchman o visitou em sua casa nos arredores de Colônia e o encontrou deprimido e irritado com sua deficiência. Buchman contou-lhe sobre seus meses de inatividade e como ele aprendeu a não se preocupar e a andar mais devagar. Böckler balançou a cabeça. 'Mas você tem todos os seus amigos ao seu redor que continuam seu trabalho, então você pode reservar um tempo para vir me ver. Nosso povo não é tão amigável.

O trabalho intensivo da equipa de Rearmamento Moral no Ruhr parece ter contribuído para um grave retrocesso nos planos comunistas naquele país. Já em Janeiro de 1948, ao abrigo do Protocolo M, os comunistas tinham decidido que a sua esperada tomada do Ruhr seria ganha não no Parlamento, mas nas fábricas e na mina. A exclusão dos russos da Autoridade Internacional para a região, criada em Dezembro seguinte, confirmou-os nesta estratégia. Eles concentraram-se na eleição dos conselhos de trabalhadores em cada mina e, antes da chegada do *The Forgotten Factor*, dizia-se que detinham 72 por cento dos assentos nos conselhos de trabalhadores nas indústrias do carvão e do aço. As autoridades britânicas reconheceram a situação. "O aspecto mais grave - mais do que a possibilidade de sabotagem - é a penetração comunista nos conselhos de trabalhadores e nos sindicatos", conclui uma minuta baseada num relatório ultrassecreto do Ministério dos Negócios Estrangeiros da

---

<sup>915</sup> Buchman, pág. 172. Outros líderes sindicais alemães que foram para Caux nesta época incluíam Lorenz Hagen e Gustav Schiefer, Presidente e Vice-Presidente dos Sindicatos da Baviera; Otto Franke, Secretário dos Sindicatos da Zona Francesa; Ernst Scharnowski, Presidente da Organização Sindical Livre da Grande Berlim; Erich Galle, presidente dos Metalúrgicos; e Hans Frenz, presidente dos Trabalhadores dos Correios.

época.<sup>916</sup> Em 1950, porém, a percentagem de comunistas a representação diminuiu de 72% para 25% e, segundo Hubert Stein, membro executivo do sindicato dos mineiros alemães, este declínio deveu-se “em grande medida ao Rearmamento Moral”.<sup>917</sup> O Ministro da Economia da Artur Sträter, na Renânia do Norte-Vestefália, afirmou numa reunião pública no edifício do Parlamento: «Estamos a debater-nos com grandes dificuldades na produção de carvão. Não é exagero dizer que através desta ideologia de Caux foi quebrado um grande gargalo.»<sup>918</sup>

É impossível avaliar com precisão até que ponto a melhoria das relações industriais e o declínio da influência comunista no Ruhr devem ser atribuídos ao Rearmamento Moral. Outras influências óbvias foram a melhoria da situação material dos trabalhadores na sequência do Plano Marshall e da reforma monetária, a introdução de novas tecnologias, as notícias das condições no Leste trazidas de volta por prisioneiros de guerra e milhões de refugiados, e a progressão de outros partidos políticos à medida que reconstruíam as suas máquinas partidárias. Mas é difícil ignorar o fator enfatizado tanto por Stein como por Sträter.

Muitos dos trabalhadores estavam interessados não tanto no *The Forgotten Factor* como nas reuniões que aconteciam, naqueles primeiros anos, nos salões dos mineiros, nas reuniões sindicais e nas cervejarias onde se desenvolviam discussões longas, e por vezes acirradas, entre trabalhadores e os visitantes do RAM. Estes visitantes não apresentavam qualquer ponto de vista político ou económico específico. Deram provas de uma experiência que, acreditavam, poderia libertar os indivíduos das dificuldades pessoais e unir lares, sindicatos e indústrias para reconstruir o país. Uma ocasião em Moers foi típica.

Numa noite fria de fevereiro de 1949, Max Bladeck, presidente do conselho de trabalhadores que representava 2.500 mineiros da mina nº 2 da Rheinpreussen Coal Company, convocou uma reunião na Heier Tavern, nos arredores de Moers. Membro do Partido Comunista durante vinte e quatro anos, era um homem pequeno, um lutador em cada centímetro, com olhos penetrantes, uma testa intelectual e um peito atormentado pela silicose. Ele trouxe consigo alguns dos debatedores mais entusiasmados do Partido. “O objetivo

---

<sup>916</sup> Comunismo na Zona Britânica', FO 371/64874. O relatório em si ainda não está disponível.

<sup>917</sup> Hubert Stein, discursando em Oslo numa conferência de Socialistas Europeus na sede do Sindicato dos Trabalhadores da Construção, 26 de Abril de 1953.

<sup>918</sup> Artur Sträter, falando em 25 de novembro de 1950.

deles”, escreve Leif Hovelsen,<sup>919</sup> que fazia parte de uma pequena equipa de Rearmamento Moral presente na reunião, “era afundar-nos com todas as mãos, e seis deles abriram fogo, um após o outro. O seu tema básico era: "Os países da Europa Ocidental estão a preparar-se para uma nova guerra. Todo capitalista é um fascista no coração. O sistema deve ser mudado. Durante 2.000 anos o Cristianismo tentou construir um novo mundo - e falhou. Não há ideologia acima da classe." A “blitz” durou uma hora.

“Então”, continua Hovelsen, “foi a nossa vez. Um trabalhador naval de Clydeside, um homem pequeno, de constituição sólida e cheio de energia, levantou-se. “A classe trabalhadora nunca foi tão poderosa como hoje, mas nunca esteve tão dividida”, disse ele. "Aprendemos a dividir o átomo, mas não aprendemos a unir os homens. As pessoas devem ser mudadas em todo o mundo. Só assim surgirá uma sociedade sem classes. Mas não precisamos esperar por isso até estarmos em nossos túmulos."

'Um trabalhador do leste de Londres o seguiu. “Se nós, britânicos, tivéssemos vivido de acordo com o que falamos depois da Primeira Guerra Mundial, vocês, homens, teriam sido poupados do sofrimento pelo qual passaram”, disse ele. "Deus ajude o partido ou a nação que não muda estas condições. Mas precisamos de uma dimensão completa de mudança - novas relações sociais, novas relações económicas, novas relações internacionais, todas baseadas na mudança pessoal. Ter qualquer objetivo menor é reacionário."

“O orador seguinte”, continua Hovelsen, “foi um empregador canadiano (Bernard Hallward). “O que criou injustiças no mundo ocidental foi o egoísmo e o compromisso moral em homens como eu”, disse ele. “Posso ver como o materialismo fervoroso da direita se reflete na amargura da esquerda.” Enquanto o patrão alto e magro, com muitos toques de humor, contava a história da sua própria mudança, das suas duas fábricas, dos seus trabalhadores e das suas esperanças, da sua mulher e dos seus dois filhos, ele carregava toda a gente consigo. A reunião durou quatro horas; quando tudo terminou, todos concordaram em se encontrar novamente. Os alemães vieram ver *The Forgotten Factor* e percebemos que suas ideias os cativaram.

---

<sup>919</sup> Leif Hovelsen: Ali Verden Venter (Oslo, 1958). Hovelsen foi confinado em Grini, o notório campo de concentração nazista na Noruega, onde conheceu o Rearmamento Moral. No seu livro e num relatório não publicado, *The Struggle for Post-War Europe: Germany between East and West* (Janeiro de 1962), Hovelsen apresenta um relato de testemunha ocular destes anos. Seu livro foi publicado em inglês com o título *Out of the Evil Night* (Blandford, 1959).

Ao terminar a reunião na Heier Tavern, Bladeck disse: “O capitalismo é a tese, o comunismo a antítese; o que você trouxe pode ser a síntese.”<sup>920</sup> Depois de ver *The Forgotten Factor*, ele começou a perceber as implicações para si mesmo. O processo foi precipitado pela sua filha apontando que embora ele falasse muito sobre liberdade e democracia a partir das plataformas, era um ditador em casa. Isso o atingiu profundamente e logo depois ele pediu a um jovem norueguês do RAM que ficasse em sua casa. No verão de 1949 foi para Caux, acompanhado pelo seu amigo Paul Kurowski que, com vinte e cinco anos de experiência no Partido Comunista, conduzia a formação de funcionários do Partido no distrito. Em Caux, tiveram muitas conversas com Buchman.

“A atmosfera que cercava esse homem era algo completamente novo para mim”, lembrou Kurowski mais tarde. 'Foi como uma revelação. Havia uma paz, um amor, um carinho e uma grande humildade. Eu não tinha conhecido um homem assim antes. Conversamos sobre grandes forças que se movimentavam no mundo e ele ouviu minhas ideias com muita paciência. Ele nunca tentou me converter. Ele nunca tentou responder aos meus pontos de vista antirreligiosos. Ele simplesmente confiava no que havia de melhor em mim.’<sup>921</sup> O que mais impressionou Bladeck foi “a liberdade de Buchman em relação a si mesmo”. Senti que ali estava um homem que realmente submeteu a sua vontade a uma autoridade superior. Se Lenim ainda estivesse vivo, teria encontrado a resposta a uma pergunta que certa vez fez a um bispo: "Traga-me um homem em toda a cristandade que viva hoje como Paulo viveu, e terei fé!"<sup>922</sup>

---

<sup>920</sup> Geoffrey Daukes para o autor, 19 de fevereiro de 1983.

<sup>921</sup> Frank Buchman-Oitenta, p. 119.

<sup>922</sup> *ibid.*, pág. 117.

Rumores sobre a mudança de Bladeck e Kurowski chegaram à hierarquia do Partido no Ruhr, que então enviou Willy Benedens, secretário do Partido em Moers, a Caux para trazê-los de volta para casa. Ele também ficou convencido pelo que viu. Os três ecoaram o veredicto de Kurowski: "Durante vinte e seis anos cantei a Internacional de todo o coração, mas esta é a primeira vez que a vejo ser vivida."<sup>923</sup>

Quando Bladeck, Kurowski e Benedens retornaram juntos ao Ruhr, foram chamados ao quartel-general comunista na Renânia do Norte-Vestfália. Aí recomendaram que o Partido se familiarizasse com a "ideia revolucionária mundial do Rearmamento Moral". Apoiaram a sua afirmação com citações de Marx e Engels e deixaram claro que tinham decidido viver uma nova vida "por razões lógicas e realistas". Eles não queriam sair do Partido; queriam que o Partido desse o próximo passo de desenvolvimento, enfrentando os padrões morais de absoluta honestidade, pureza, altruísmo e amor. A sua abordagem foi rejeitada e eles foram expulsos do Partido numa reunião que contou com a presença do presidente do executivo da Renânia do Norte-Vestefália, Hugo Paul.

Em 6 de Outubro de 1949, o Freies Volk, o jornal comunista de Düsseldorf, publicou um artigo de Paul intitulado "Desarmamento Unmoral" que afirmava: "As atividades perigosas dos apóstolos do RAM têm sido até agora subestimadas pelos executivos distritais, sim, até pelos nossos Executivo provincial do partido... O trabalho do RAM criou



A mensagem de Buchman conquistou muitos marxistas do Ruhr, como Paul Kurowski (à direita) e Max Bladeck (à esquerda), ambos mineiros. ©Richard N. Haile FIBP FRPS/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

incerteza e confusão ideológica em algumas unidades do Partido, por exemplo no distrito de Meerbeck-Moers, nos grupos de minas de Rheinpreussen e na fábrica da Ford em Colônia.'

---

<sup>923</sup> Hovelsen, Fora da Noite Maligna, p. 70.

O artigo delineava o caso contra Bladeck e os seus amigos e queixava-se de que, quando os funcionários argumentavam com eles, apenas tentavam transmitir esta “nova ideologia”. Finalmente, Paulo declarou: 'Está resolvido que todos os camaradas que procurem contacto com estes homens serão expulsos do Partido e desmascarados como traidores dos interesses dos trabalhadores.'

O artigo de Hugo Paul fazia parte de uma tentativa desesperada de manter a influência comunista nas próximas eleições para o conselho de empresa. Em 31 de outubro, Bladeck escreveu a Buchman descrevendo a campanha e relatando os resultados das eleições nas minas de Rheinpreussen. “Meus mais profundos agradecimentos por tudo”, escreveu ele. “Nossas bodas de prata correram bem e tivemos a deliciosa surpresa de um presente de Caux. Depois veio a batalha com o Partido Comunista e na época das eleições sindicais na mina foi distribuído o panfleto contra nós e contra o Generaldirektor Kost. Isso manchou a nós e ao RAM da maneira mais suja. Então eu coloquei uma declaração no pithead dizendo por que eu fui para Caux e o que Caux estava procurando. O importante é que, apesar da amarga campanha contra mim, obtive a maior votação nas urnas.

'Nos outros poços onde Benedens, Burckhardt e Kurowski são dirigentes sindicais, eles também aumentaram as suas maiorias e foram todos reeleitos dirigentes do sindicato, apesar de toda a propaganda contra eles. A ideologia do MRA venceu nos poços de Rheinpreussen... Recebo muitas saudações calorosas do Generaldirektor Kost para você, querido amigo paterno. Ele disse-me que, na sua opinião, esta ideologia é a forma mais eficaz de romper todas as barreiras que criam hoje a infelicidade nacional e internacional.'<sup>924</sup>

Desenvolvimentos semelhantes estavam ocorrendo em torno dos homens em outras partes do Ruhr. Em Alten-Essen, por exemplo, o presidente comunista dos poços de Hoesch começou a trabalhar com o Rearmamento Moral depois de ver *The Forgotten Factor* em 1948, o que o colocou em conflito com o presidente do Partido da cidade, Johann Holzhauser. Em 1949, porém, o próprio Holzhauser foi para Caux e passou pela mesma mudança que Bladeck e Kurowski. Através dele, a mudança estendeu-se a um membro do executivo provincial do Partido, Hermann Stoffmehl, que era secretário municipal de Alten-Essen. Stoffmehl anunciou que agora acreditava que o Rearmamento Moral era a ideologia

---

<sup>924</sup> Max Bladeck para Buchman, 31 de outubro de 1949.

unificadora necessária ao mundo. Se o Partido não aceitasse, ele não apenas deixaria o Partido, mas levaria consigo um terço dos membros locais.

Quando, duas semanas depois, a questão do Rearmamento Moral foi submetida a uma reunião presidida pelo Vice-Presidente do Partido Comunista da Alemanha Ocidental, Heinz Renner, Paul e Stoffmehl enfrentaram-se. Cada um propôs um movimento diametralmente oposto ao outro. Quando Renner colocou ambos à votação, Stoffmehl obteve 400 votos e Paul 407. Finalmente, em 8 de janeiro de 1950, numa conferência especial em Düsseldorf, o executivo do Partido na Alemanha Ocidental decidiu reorganizar todo o executivo e secretariado no Ruhr porque estava “contaminado por uma ideologia inimiga do Partido”. O Manchester Guardian, sob o título “Uma Nova Heresia Comunista: Rearmamento Moral”, descreveu a purga levada a cabo no Partido da Renânia do Norte-Vestefália e citou o novo presidente do Partido provincial, Josef Ledwohn, como tendo dito que “um dos sintomas mais perigosos eram as ligações crescentes entre os membros do Partido e o Rearmamento Moral”.<sup>925</sup> Mas a reorganização do executivo do Partido não impediu a propagação do espírito do Rearmamento Moral através do Ruhr.

Durante o Pentecostes de 1950, os mineiros e a administração da indústria do carvão decidiram realizar uma demonstração do RAM na Hans Sachs House em Gelsenkirchen para coincidir com o Festival Mundial da Juventude em Berlim Oriental. Karl Arnold escreveu a Buchman pedindo-lhe que estivesse presente e Adenauer, agora Chanceler da República Federal, também lhe escreveu. Sua mensagem escrita à mão começava: "Comece por você mesmo - essa é a essência da sua mensagem", e então se referia ao "grande sucesso que a equipe do Rearmamento Moral alcançou no Ruhr". Rearmamento tornou-se uma palavra familiar na Alemanha. Acredito que, tendo em conta a ofensiva das ideias totalitárias no Leste da Alemanha, a República Federal e, dentro dela, o Ruhr é a plataforma certa para uma demonstração da ideia de Rearmamento Moral.<sup>926</sup> Buchman aceitou esses convites e foi ficar com Hans Dütting, diretor da Gelsenkirchen Coal-Mining Company.

O seu discurso em Gelsenkirchen foi transmitido por toda a Alemanha, ultrapassando as fronteiras do Leste. “Os marxistas estão a encontrar um novo pensamento numa época de crise”, declarou ele. “A luta de classes está sendo superada. A gestão e o trabalho começam

---

<sup>925</sup> Manchester Guardian, 8 de fevereiro de 1950.

<sup>926</sup> Konrad Adenauer para Buchman, 28 de abril de 1950.

a viver a alternativa positiva à guerra de classes... A mudança para todos é a base única da unidade para todos? Os marxistas podem abrir caminho para uma ideologia maior? Por que não? Eles sempre estiveram abertos a coisas novas. Eles foram precursores. Eles irão para a prisão por sua crença. Eles morrerão por sua crença. Por que não deveriam ser eles que viveriam de acordo com esse pensamento superior?<sup>927</sup>

Foram palavras notáveis de um americano de 72 anos e foram autenticadas para o público de três mil pessoas pela presença na plataforma de Bladeck, Kurowski, Benedens, Stoffmehl e uma dúzia de seus amigos.<sup>928</sup> Poucos perceberam que a visão dos marxistas pioneiros de uma nova o pensamento chegou a Buchman pela primeira vez em meio aos laranjais da Califórnia, antes mesmo de ele retornar à Europa após a guerra. A sua relevância imediata foi captada pelo Essener Allgemeine Zeitung, que encabeçava as suas reportagens sobre as manifestações do dia: “Berlim, um fracasso” e “Rearmamento Moral, o remédio final”.<sup>929</sup>

A batalha, no entanto, não foi vencida pelas manchetes. Todas as semanas, todos os dias, era necessário muito trabalho pessoal e amizade sustentada. No inverno de 1951, por exemplo, quando Buchman estava novamente na Califórnia, os ex-colegas de Bladeck foram atrás dele. Eles sabiam que ele tinha uma queda por álcool e, uma noite, conseguiram fazê-lo beber. Eles então o sentaram ao lado de uma determinada mulher em um ônibus a caminho de casa e ele a abraçou publicamente. Imediatamente, por todo o Ruhr, o Partido disse: "Vejam como são hipócritas estes homens de Caux." Eles ameaçaram divulgar o incidente se Bladeck não deixasse o Rearmamento Moral. Ele ficou tão envergonhado que escreveu a Buchman pedindo que nenhum de seus amigos voltasse a visitá-lo. “Eu traí você”, disse ele.

Buchman telegrafou de volta: É típico do homem cair no pecado; é demoníaco habitar ali; como Cristo, é do pecado ressuscitar.

"O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado." O maior pecador pode se tornar o maior santo. Tenho fé no novo Max. Atenciosamente, Frank.

“Eu esperava qualquer outra coisa, mas não isso”, disse Max aos amigos mais tarde. 'Senti vergonha, mas isso me deu força interior. Senti a fé de Frank na minha mudança e

---

<sup>927</sup> Buchman, pp.177-84.

<sup>928</sup> Também na plataforma estavam o Vice-Chanceler da Alemanha, Franz Blücher, e os filhos do Chanceler Adenauer e do Ministro-Presidente Arnold.

<sup>929</sup> Essener Allgemeine Zeitung, 29 de maio de 1950.

também o desafio para mim. Também senti na frase que ele me enviou, “O Sangue de Jesus Cristo, Filho de Deus, nos purifica de todo pecado”, a mensagem mais profunda do Cristianismo, e veio na hora certa.<sup>930</sup>

Até então, Bladeck havia experimentado algo de mudança moral. Seu pensamento havia se tornado diferente e ele havia experimentado ocasionalmente a direção de uma autoridade superior em sua vida. Mas ele resistiu em entregar sua vontade a Deus. Ele pensou que poderia alterar sua própria vida sozinho; ele começou a descobrir que precisava de Cristo.

Quando aconteceram as próximas eleições do conselho de trabalhadores, Heinz Renner, agora presidente do Partido da Alemanha Ocidental, disse a um velho camarada que tinha deixado o Partido para trabalhar com o RAM: 'Estamos determinados a destruir o poder do Rearmamento Moral nos conselhos de trabalhadores e reduzi-lo. a uma seita e nada mais.'<sup>931</sup> Na verdade, Bladeck e seus amigos em minas por todo o Ruhr foram devolvidos com maiorias crescentes. Em 1951, Walther Ulbricht, o chefe do Partido da Alemanha Oriental, criticou o Partido da Alemanha Ocidental na Conferência do Partido em Weimar pelas derrotas nas eleições, especialmente na área de Gelsenkirchen. Contudo, em 1953, o padrão repetiu-se de forma ainda mais dramática em Nordstern, o poço onde os mineiros costumavam dizer: "Quando Estaline está constipado, todos espirramos". Dos oito homens listados nominalmente nos panfletos comunistas como homens do RAM, sete foram eleitos, e a representação comunista caiu de onze entre treze em 1951 para três em vinte em 1953. Naquele ano, o conselho de trabalhadores enviou um telegrama de aniversário, não para Stalin, mas para Buchman.

Nos anos seguintes, centenas de comunistas deixaram o Partido. Dezenas de marxistas descobriram, nas suas próprias palavras, “uma ideologia superior”, e muitos que não tinham fé encontraram uma. Estes mineiros - "homens cheios de canções, sonhos e poesia e um profundo anseio por um mundo em que a fraternidade e a paz se tornariam realidades na vida quotidiana", como os descreve Hovelsen - deveriam sair das galerias das minas para levar as suas novas descobertas aos seus colegas trabalhadores nas fábricas de Itália, nas minas do Norte da Suécia, nas fábricas do “Cinturão Vermelho” em Paris, nas docas de Londres e Roterdão, em Chipre, Índia, África, Japão, Austrália e América; e desafiar os

---

<sup>930</sup> Frank Buchman-Oitenta, p. 118.

<sup>931</sup> Hovelsen, Fora da Noite Maligna, p. 110.

decisores políticos de Washington e os banqueiros de Wall Street a abrirem as suas mentes e corações às necessidades do mundo inteiro. Esta era a nova Alemanha dos sonhos de Buchman.

A batalha pelo Ruhr prosseguiu ano após ano, mas tornou-se cada vez mais claro que o Partido Comunista tinha perdido. Em Julho de 1959, o Director-Geral da mina Nordstern, Fritz-Günter von Velsen, pôde dizer: “Após a formação e a mudança de atitude que muitos de nós encontramos no Rearmamento Moral, a influência comunista diminuiu e o poder do Partido em grande escala foi quebrado. Na minha própria mina, onde os homens anteriormente elegeram 90 por cento de representantes comunistas, a atmosfera mudou tanto que vêm pessoas de muitos países para ver o que aconteceu.”<sup>932</sup>

Novamente, deve ser enfatizado que em 1959 muitos fatores além do Rearmamento Moral já estavam em operação, mas a visão de Buchman e o trabalho de suas equipes foram importantes o suficiente para que Adenauer repetisse então, como muitas vezes antes, que para ele o “grande sucesso” desse trabalho no Ruhr foi “o teste da eficácia do RAM”.<sup>933</sup>

As mudanças em muitas das centenas de industriais que foram para Caux entre 1947 e 1952 desempenharam um papel importante, pois revelaram uma alternativa à guerra de classes e à visão marxista de que nenhum capitalista poderia elevar-se acima do seu interesse material. Von Velsen foi um exemplo disso. Prussiano, com cicatrizes de duelo no rosto devido aos encontros estudantis, ele era um mestre duro. Depois de uma conversa com Buchman em Caux, ele decidiu dar uma olhada objetiva em sua vida. Ele se lembrou de um jovem executivo de quem ele não gostava e cuja demissão ele havia arquitetado indo para a sede pelas costas. Ele pediu desculpas a esse homem, trouxe-o de volta e eles se tornaram colegas de confiança. Von Velsen disse à sua secretária: 'Se você me ver ou ouvir fazer qualquer coisa que ofenda os padrões absolutos de honestidade, pureza, altruísmo e amor, por favor, diga-me.' A mudança nele foi um fator importante na criação da nova atmosfera na Nordstern.

Da mesma forma, a alteração no próprio Kost afetou muitos, principalmente os seus funcionários em Moers. Quando ele apresentou ali a primeira exibição de *The Forgotten*

---

<sup>932</sup> Hovelsen, *A Luta pela Europa do Pós-guerra*, p. 19.

<sup>933</sup> Por exemplo, numa palestra em Bona para mineiros do Ruhr que tinham levado a sua peça *Hoffnung* através do Ruhr e estavam prestes a levá-la numa digressão mundial, 4 de Novembro de 1959.

*Factor*, Bladeck e os outros ficaram surpresos ao ouvi-lo dizer: 'Precisamos colocar as pessoas em primeiro lugar em nosso negócio e depois construir o negócio em torno delas. Desta forma podemos nos unir como seres humanos para que algo aconteça não só nos negócios, mas na comunidade e na nação... Se, além disso, deixarmos o fator esquecido de Deus brilhar em nossa fábrica e ali governar, então veremos que nem a caneta do contador, nem a máquina de somar, nem a razão por si só governam o empreendimento, mas que os corações dos homens devem bater uns pelos outros.'<sup>934</sup>

Hans Dütting, diretor da Gelsenkirchen Coal-Mining Company, com quem Buchman ficou nas reuniões da Hans Sachs House, empregava 27.000 homens. Ele tinha ido para Caux em 1949 com a ideia de tirar férias e escalar montanhas, mas quando voltou mudou completamente seus métodos de negócios; 'Começamos a conduzir nossas operações de tal forma que não tínhamos mais nada a esconder. Começamos de forma bastante espontânea a dar mais informações aos representantes dos nossos trabalhadores. O resultado foi um crescimento extraordinário na confiança entre a força de trabalho e a gestão. Todo mês tenho uma reunião especial com todos os presidentes dos conselhos de empresa, cerca de vinte e cinco no total. A honestidade absoluta prevalece. Cada lado sabe que ninguém naquela reunião está dizendo uma inverdade.'<sup>935</sup> 'Talvez eu mesmo tenha dado o maior impulso para uma mudança em nossas atitudes mútuas quando falei abertamente sobre uma decisão errada que tomei, que então esclareci com o ajuda dos conselheiros de empresa", acrescentou Dütting.<sup>936</sup>

Paul Dikus, presidente do conselho de trabalhadores dos 27.000 trabalhadores de Dütting, confirmou a mudança já em 1950: «Há um ano, creio que ambos teríamos dito que estávamos loucos se eu tivesse dito que o gestor da mina Dütting e eu falaríamos juntos. na mesma plataforma.' Em seguida, referiu-se a uma reunião em que Dütting comunicou aos conselheiros de empresa os números completos da situação financeira da empresa e os confidenciou totalmente. "Esse foi o encontro da minha vida", disse Dikus. 'Dütting nos contou coisas que sempre quisemos saber. Ele colocou todas as suas cartas na mesa. Foi algo totalmente novo. E vejam todas as outras coisas que aconteceram – todas as casas que estão

---

<sup>934</sup> 25 de janeiro de 1949.

<sup>935</sup> Müller-List, «Eine neue Moral für Deutschland?», Das Parlament, 31 de Outubro de 1981, p.15.

<sup>936</sup> *ibid.*, pág. 19.

a ser construídas, todas as novas comodidades sociais para os trabalhadores. Digo-vos que é a aplicação prática do Rearmamento Moral.<sup>937</sup>

O primeiro empregador no Ruhr a realmente permitir que o presidente do conselho de trabalhadores da sua empresa “se sentasse no conselho como membro com plenos e iguais direitos” foi Ernst Kuss, o chefe da Duisburg Kupferhütte. Ele tomou esta ação, de acordo com Müller-List, “sob a influência de Buchman” após sua visita a Caux em 1949. Seu exemplo inspirou o Dr. Peter Wilhelm Haurand, que estudou em Caux em 1948, a formular uma resolução crucial em favor da co -determinação que ele apresentou ao Congresso Anual da Igreja Católica na Alemanha, em Bochum, em setembro de 1949.<sup>938</sup> Esta resolução foi aceita pelo Congresso após alguns 'esclarecimentos' do Cardeal Frings, que fortaleceram a mão de Adenauer, já que os católicos eram tão influentes em seu partido.

Nesta altura houve discussões entre Adenauer e o seu antigo colega na Câmara Municipal de Colónia, Hans Böckler, sobre se os sindicatos estariam dispostos a renunciar à propriedade pública em favor da Mitbestimmung- co-parceria ou co-determinação entre trabalho e capital em indústria. Böckler e seus colegas concordaram. Houve muita controvérsia sobre a legislação resultante que, entre outras coisas, daria aos trabalhadores representação igual nos conselhos de supervisão de todas as grandes empresas.<sup>939</sup> Isto acabou por ser “um dos testes mais sérios não só para a coligação governamental, mas para a recém-nascida República como um todo”.<sup>940</sup> Do lado da gestão havia muitos “Barões do Ruhr”, empregadores ditatoriais que mantiveram as suas posições durante todas as mudanças de regime. Do outro lado estavam os representantes dos trabalhadores que tinham sofrido muito sob os nazis ou que se tinham virado para o comunismo. Ambos os grupos se opuseram à Mitbestimmung.

Homens como Dütting e Dikus, na sua nova relação, viam a cogestão como um desenvolvimento natural. “Descobrimos que, com base na mesma ideologia, nos entendemos cada vez melhor”, disse Dütting. 'Como resultado, não estamos preocupados com o cumprimento da... lei... Um empregador que realmente aplica as quatro exigências básicas

---

<sup>937</sup> *ibid.*, pp. 20, 21.

<sup>938</sup> Confirmado por Herbert J. Spiro em seu tratado oficial *The Politics of German Codetermination* (Harvard University Press, 1958, p. 59).

<sup>939</sup> Johnson, pág. 584.

<sup>940</sup> Müller-List, «Kampf um die Mitbestimmung», *Das Parlament*, 25 de Abril de 1981.

absolutas dá aos seus trabalhadores mais do que qualquer lei poderia exigir.<sup>941</sup> 'Não precisamos ter qualquer medo sobre a briga pela lei de co-parceria', acrescentou Dikus.<sup>942</sup>

E assim aconteceu. “Quando recentemente um novo Diretor Trabalhista da Gelsenkirchen Coal-Mining Company teve de ser escolhido sob a nova lei de cogestão”, relatou-lhe Sydney Cook, um dos experientes colegas de Buchman na Alemanha, “os representantes dos homens, por vontade própria, procurou Dütting e pediu-lhe que escolhesse o candidato em conjunto com eles. Quando isto foi feito, apresentaram a sua proposta unida a August Schmidt, o presidente nacional dos mineiros, que a aceitou imediatamente. Quando o novo Diretor Trabalhista – um trabalhador – recebeu a notícia, ele disse a Dütting: “A primeira coisa que quero fazer é ir para Caux. E em segundo lugar, quero que você me ajude a escolher os subordinados certos”.<sup>943</sup> Max Bladeck, então vice-presidente dos conselhos de trabalhadores das minas de Rheinpreussen, também afirmou que muito antes de a nova lei ser introduzida “já a tínhamos introduzido parcialmente em Rheinpreussen”.<sup>944</sup>

Assim, tanto na facilitação das relações entre a gestão e os trabalhadores como também na preparação das pessoas para assumirem a liderança no sentido da cogestão, pode dizer-se que Buchman desempenhou algum papel na criação de condições prévias para o “milagre económico” da Alemanha.

Numa esfera diferente, Buchman também participou na retomada da Peça da Paixão de Oberammergau no pós-guerra. No início de 1949, ele recebeu uma carta do presidente do Parlamento da Baviera, Dr. Michael Horlacher, que estivera em Caux, pedindo-lhe que se tornasse presidente de um Comitê Internacional dos Amigos da Peça da Paixão de Oberammergau para seu novo início em 1950. Ele assistiu à primeira apresentação da peça após a Primeira Guerra Mundial, levando consigo vários estudantes de Oxford e Cambridge, e ficou muito impressionado com ela. O Comitê de Turismo do Estado da Baviera ouvira rumores de vastos recursos financeiros disponíveis para Buchman como americano. Quando

---

<sup>941</sup> Müller-List, 'Eine neue Moral für Deutschland?' pág. 20.

<sup>942</sup> *ibid.*, pág. 20.

<sup>943</sup> Sydney Cook para Buchman, 28 de março de 1952.

<sup>944</sup> Müller-List, 'Eine neue moral für Deutschland?', p. 15. A Lei de Co-gestão para as indústrias mineira, siderúrgica e siderúrgica foi aprovada em 21 de Maio de 1951, e disposições semelhantes foram promulgadas para a maioria das outras indústrias, exceto empresas familiares com menos de 500 trabalhadores, em 11 de Outubro de 1952.

se reuniu com o comitê local numa sala enfumaçada numa pitoresca estalagem de Oberammergau, a questão parecia ser se ele forneceria um ou dois milhões de dólares.

Buchman olhou ao redor daquela sala cheia de aldeões sólidos bebedores de cerveja. Ele lhes disse o quão importante ele acreditava ser o jogo deles. Então ele soltou sua bomba. 'Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, dou-vos', citou ele, e continuou perguntando: 'Esta aldeia fez um juramento para encenar esta peça?'

Eles concordaram.

'Esse juramento ainda é válido?'

'Sim', eles responderam.

— Então é da vontade de Deus que você o coloque de novo?

Com menos entusiasmo, eles concordaram novamente.

'Então você deve fazer isso. Se confiarmos no dinheiro, Oberammergau será outro posto avançado do materialismo. Se você confiar em seu juramento e em sua coragem e disposição para trabalhar juntos, você terá sucesso.'

O produtor da peça, Georg Lang, estava lá junto com seu filho, um arquiteto de Munique que esteve em Caux. Houve um longo silêncio quando Buchman terminou de falar. Então o jovem Lang disse: 'Isso é verdade. Eu vi isso em Caux. Já vi isso funcionar em casa. Devemos ser fiéis ao nosso juramento e confiar em Deus.'

No dia seguinte, o prefeito veio ver Buchman. "Lamento que tenhamos passado tanto tempo no lado comercial da peça", disse ele. 'Estou convencido de que precisamos de um vigésimo do espírito de Caux e teremos sucesso.'

Eles começaram a trabalhar. O produtor disse mais tarde a Buchman: 'Desde a guerra, muitos jovens voltaram desiludidos e sem vontade de participar da peça, porque ela exige muito deles espiritual e moralmente para que seja bem-feita. Devemos muito a você. Estávamos quase vendendo nosso direito de primogenitura. Quando a peça estreou, Buchman e nove amigos estavam entre os convidados de honra.'<sup>945</sup>

Talvez o maior serviço prestado por Buchman à Alemanha durante estes anos tenha sido estimular pessoas responsáveis em muitas esferas a assumirem a liderança e a representarem uma nova Alemanha perante o mundo. Isto atraiu pessoas de caráter de volta

---

<sup>945</sup> Relato de testemunha ocular de Martin em MSS.

à vida pública e deu à média alemã fé no futuro do país, bem como convenceu gradualmente os vizinhos da Alemanha de que este futuro poderia beneficiar a Europa como um todo.

Dado que, segundo o Dr. Hermann Katzenberger, Secretário do Bundesrat, metade do Gabinete alemão em 1951 era “acreditante firme no RAM”,<sup>946</sup> o efeito foi sentido em muitas áreas. O Dr. Hans Lukaschek, Ministro dos Refugiados, por exemplo, afirmou que foi encorajado pelas suas visitas a Caux a ter fé no futuro e a olhar para cada pessoa que veio do Leste, não como mais uma boca para alimentar, mas como um trunfo para a reconstrução da Alemanha. Consequentemente, ele não criou campos permanentes para refugiados, mas integrou os milhões de refugiados do Leste o mais rapidamente possível na comunidade. O Dr. Alfred Hartman, o primeiro Diretor de Finanças para as zonas Anglo-Americanas e mais tarde Secretário de Estado do Ministério das Finanças, também falou em Caux sobre esta necessidade e sobre a inspiração que receberam para enfrentá-la.<sup>947</sup> O mesmo fizeram outros líderes importantes. 'Estamos diante da tarefa de resolver a questão da 'partilha de encargos' para que a justiça seja feita para todos, e isso deve ser feito de forma a exercer um poderoso poder magnético sobre os alemães no Leste', disse Thomas Wimmer, o Lorde Socialista Presidente da Câmara de Munique,<sup>948</sup> enquanto Wolfgang Jaenicke, Secretário de Estado para os Refugiados na Baviera, declarou: 'Saio daqui com a firme convicção de difundir as ideias de Caux entre a população residente e as pessoas deslocadas'.<sup>949</sup>

O trabalho desses homens e de muitos outros, sob a liderança de Lukaschek, que foi Ministro de 1948 a 1951, e do seu sucessor, que também visitava Caux frequentemente, levou à “lei da equalização de encargos” (Lastenausgleichsgesetz), aprovada na sua formulário final em 14 de agosto de 1952. Este previa que aqueles na Alemanha Ocidental que ainda tinham capital ou propriedades pagassem um imposto especial no valor de metade de sua riqueza, após um mínimo isento de impostos, para que os refugiados pudessem receber pagamentos regulares, bem como alguma compensação. Uma redistribuição tão massiva da riqueza, como sublinhou Joseph Beyerle, Ministro da Justiça em Württemberg-Baden, em

---

<sup>946</sup> New York Times, 7 de Janeiro de 1951. Um artigo publicado na Bibliothèque Nationale de Paris, segundo Price (relatório de investigação de 1981), coloca a proporção em dois terços.

<sup>947</sup> Transcrições de Caux, 8 de junho de 1948.

<sup>948</sup> *ibid.*, 3 de setembro de 1948.

<sup>949</sup> *ibid.*, 27 de setembro de 1950.

Caux, “exige elevados padrões morais da nossa população”.<sup>950</sup> Também exigiu um grupo de líderes suficientemente corajosos para a dar seus pensamentos e para aplicá-los.

O Dr. Otto Schmidt, Ministro da Reconstrução da Renânia do Norte-Vestefália, debatendo-se com «a construção de habitações, as políticas de construção, o planejamento urbano, os projetos de realojamento, etc. - todos eles abrangidos em seus arquivos, encontrou «o objetivo divino da sua tarefa» em “o que Buchman diz e pratica continuamente sobre a solução de questões sociais - que quando todos se importam o suficiente e todos compartilham o suficiente, todos têm o suficiente”.’ “Não podemos avaliar em detalhe o que significa o fato de desde 1947 milhares de pessoas na vida pública terem estado em Caux”, acrescentou. «Se olhar para trás, para mim mesmo e para as minhas experiências pessoais de reorientação e para a nova visão de toda a vida pública que encontrei aqui, creio poder dizer que uma grande força tem estado a trabalhar sobre muitas pessoas para dar uma forma positiva ao condições das nações livres.<sup>951</sup>

---

<sup>950</sup> *ibid.*, 27 de setembro de 1948.

<sup>951</sup> *ibid.*, 23 de setembro de 1951.

**SCHUMAN E ADENAUER**

Seis semanas depois de os gabinetes francês e alemão terem, nas suas dramáticas reuniões de 9 de Maio de 1950, acordado sobre os aspectos essenciais do Plano Schuman para reunir as indústrias do carvão e do aço francesa e alemã, Buchman foi nomeado Cavaleiro da Legião de Honra pelo seu 'contribuição para um melhor entendimento entre a França e a Alemanha'.<sup>952</sup> Dois anos depois, o governo alemão concedeu-lhe a Grã-Cruz da Ordem do Mérito 'em reconhecimento do seu trabalho significativo pela paz e compreensão entre as nações'.<sup>953</sup>

Desde o início, isso gerou especulações na imprensa britânica. Robert Schuman, devido à ligação especial da condecoração com a Alemanha, providenciou para que a senadora francesa, Madame Eugénie Eboué, a apresentasse em Gelsenkirchen durante a visita de Buchman para a manifestação do Rearmamento Moral no início de junho - uma semana antes de ser oficialmente publicada. O Evening Standard questionou em 10 de junho, com bastante razão, se a honra havia realmente sido conferida.<sup>954</sup> Prosseguiu, no entanto, afirmando que Buchman nunca havia conhecido Schuman. Entretanto, o New Statesman atribuiu o Plano Schuman como um todo ao “piedoso antissocialíssimo de Buchman”.<sup>955</sup> Nenhum dos relatórios era altamente preciso. Nem foram as afirmações feitas por alguns entusiastas anos depois de que Buchman tinha sido quase o único responsável pela reconciliação franco-alemã após a guerra. Qual foi, de fato, a sua parte?

Obviamente, Buchman nada teve a ver com os detalhes do Plano para colocar as indústrias do carvão e do aço da Europa sob uma autoridade única. Esse foi o trabalho, durante um longo período, de Jean Monnet e de uma pequena equipa de especialistas dedicados, que só o apresentou ao próprio Schuman em abril de 1950. Buchman também não foi responsável por colocar a ideia de uma unidade europeia mais estreita na mente dos cidadãos. Schuman ou Adenauer. Schuman acreditava na necessidade de unir a França e a

---

<sup>952</sup> Arquivo da Chancelaria da Legião de Honra, Paris, 15 de junho de 1950.

<sup>953</sup> New York Times, 18 de dezembro de 1952; Os tempos, 19 de dezembro de 1952.

<sup>954</sup> Evening Standard, 10 de junho de 1950.

<sup>955</sup> New Statesman, 10 de junho de 1950.

Alemanha de alguma forma desde a década de 1950,<sup>956</sup> enquanto Adenauer considerava a possibilidade de ligar as indústrias siderúrgicas dos dois países já em 1923.<sup>957</sup>

Nem seria correto inferir, como alguns fizeram, que Buchman foi de alguma forma responsável por incutir em Schuman ou em Adenauer a preocupação de reconstruir a Europa numa base cristã. Ambos eram católicos devotos e há muito acalentavam essa esperança.

Schuman certa vez pensou seriamente em ingressar no sacerdócio, mas, nas suas próprias palavras, “optou por ajudar os ateus a viver em vez dos cristãos a morrer”.<sup>958</sup> Alguns dos seus amigos consideravam-no um “santo de casaco”, mas ele considerava-se como 'um instrumento muito imperfeito de uma Providência que se utiliza de nós para realizar desígnios que vão muito além de nós mesmos'.<sup>959</sup> Ele acreditava na direção individual de Deus. “Muitas vezes ele se intrometeu, adiou uma decisão, tentou esquivar-se ao apelo que se fazia ouvir no fundo da sua consciência”, escreveu o seu colaborador próximo, o líder socialista André Philip. 'Então, quando teve certeza do que a voz interior exigia, tomou a iniciativa mais ousada e levou-a até o fim, ignorando igualmente os ataques e as ameaças'.<sup>960</sup>

Adenauer também estava profundamente enraizado na sua fé. Quando Hitler o expulsou do cargo de Lorde Prefeito de Colônia em 1933, ele procurou refúgio no Mosteiro Maria Laach, que era presidido por um antigo amigo de escola, Ildefons Herwegen; e quando Hitler foi derrubado, ele, tal como Schuman, estava convencido de que a Alemanha e a Europa só poderiam ser reconstruídas sobre bases cristãs. Ele considerava a união da Europa “não apenas como um objetivo político e económico pelo qual vale a pena lutar, mas como uma verdadeira obrigação cristã”.<sup>961</sup> Ele também procurava a orientação de Deus nos assuntos - muitas vezes, segundo um biógrafo, enquanto se barbeava.

A concretização do Plano Schuman foi possível graças à pressão de acontecimentos externos - a determinação de evitar mais uma guerra entre a França e a Alemanha e a emergência de uma União Soviética agressiva - e pela convergência de um grupo invulgar de homens que estavam 'espíritos afins'. O Professor Henri Rieben, Diretor do Instituto Jean

---

<sup>956</sup> Robert Rochefort: Robert Schuman (Editions du Cerf, 1968), p. 234.

<sup>957</sup> W. A. Visser 't Hooft: Zeugnis eines Boten 7, citado por Eberhard Bethge: Dietrich Bonhoeffer (Collins, 1970), p. 648.

<sup>958</sup> Rochefort, pág. 51.

<sup>959</sup> Georgette Elgey: La République des Illusions (Fayard, 1965), p. 304.

<sup>960</sup> França-Forum, Novembro de 1963; Rochefort, pág. 231.

<sup>961</sup> Entrevista em Veronese World Crisis and the Catholic, p. 5; citado por Price, p. 40.

Monnet em Lausanne, usou esta frase para descrever Monnet e Buchman, que, de fato, nunca se conheceram. Buchman, disse ele, tinha “diagnóstico geopolítico mais inspiração” e fez a nível espiritual o que Monnet fez a nível político.<sup>962</sup> A mesma frase pode ser usada ainda mais certamente para descrever Buchman, Schuman e Adenauer,<sup>963</sup> apesar do fato de que os dois últimos às vezes duvidaram um do outro. Cada um desempenhou um papel essencial, por vezes em conjunto, muitas vezes de forma independente. No que dizia respeito a Buchman, ele havia mais uma vez sido conduzido a pessoas a quem poderia ajudar, por meio de palavras e ações, a tornar realidade suas mais elevadas esperanças.

Adenauer sentiu-se primeiro atraído pela recepção aberta de Buchman aos alemães em Caux, que, nas palavras de Reinhold Maier, “acabou com a ilegalidade moral da Alemanha”.<sup>964</sup> Em Caux propriamente dito, Adenauer ficou impressionado com o fato de “as pessoas terem a coragem de defender o bem” para Deus e que cada um comece consigo



Konrad Adenauer (centro) na assembleia de Caux, setembro de 1948, onde pediu a Buchman para trabalhar na Alemanha. À direita está Oskar Leimgruber, Chanceler da Confederação Suíça.

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

mesmo <sup>965</sup> - um ponto que ele deveria reiterar. Finalmente, “o grande sucesso” do trabalho de Buchman no Ruhr foi convencê-lo da eficácia do Rearmamento Moral. Esse trabalho também foi um pré-requisito para a reaproximação franco-alemã. Como escreveu o *Neue Zürcher Zeitung* em 1959: “O Ruhr, em vez de ser o pomo da discórdia para a Europa, tornou-

---

<sup>962</sup> Relatório de Juliet Boobyer sobre visitas ao Instituto Jean Monnet, 9 de agosto de 1982 e fevereiro de 1983.

<sup>963</sup> Henri Rieben: *Des Ententes de Maitres de Forges au Plan Schuman* (Centre de recherches européennes, Lausanne, 1954), Parte III, Seção I, cap. 5, pág.327.

<sup>964</sup> Reinhold Maier, Ministro-Presidente de Württemberg-Baden, discursando em Stuttgart, 11 de outubro de 1948, numa recepção oficial de Buchman e The Good Road.

<sup>965</sup> Transcrições de Caux, 13 de setembro de 1948.

se o ponto de crescimento do acordo internacional... Sem o Ruhr, não há Alta Autoridade<sup>966</sup>; sem a Alta Autoridade, não há Mercado Comum e não há plano de longo alcance para a integração europeia.<sup>967</sup>

Em março de 1949, em Berna, num dos seus primeiros discursos políticos fora da Alemanha, mencionou a atitude promissora de alguns líderes franceses e as novas perspectivas nos países do Benelux. Concluiu: “Em grandes setores da opinião pública alemã, existe uma profunda convicção de que só uma união dos países da Europa Ocidental pode salvar este velho continente. Se a França se comportar de forma sensata e generosa para com a Alemanha, prestará um serviço histórico à Europa.”<sup>968</sup>

No mesmo mês, Robert Schuman, agora Ministro dos Negócios Estrangeiros de França, jantou com Louis Boucquoy e dois colegas próximos de Buchman, Philippe Mottu e John Caulfeild. Segundo os seus relatórios, Schuman falou longamente sobre o Pacto Atlântico, que estava prestes a ser assinado, descrevendo-o como um instrumento diplomático defeituoso se confinado às esferas política e militar: 'Temos de chegar às massas para que o Pacto seja sustentado não apenas pela bomba atômica, mas por uma mudança no modo de vida do mundo ocidental. No campo econômico temos o Plano Marshall; no domínio político e militar o Pacto Atlântico. Agora precisamos de dar um novo conteúdo ideológico à vida de milhões de pessoas na Europa.' Depois acrescentou: “Os alemães precisam de muita coragem para trabalhar com os franceses. Não adianta ser sentimental em relação a essas coisas. Todos precisamos de alcançar uma profunda mudança interior para encontrarmos soluções para os nossos principais problemas.”<sup>969</sup>

---

<sup>966</sup> O órgão de governo criado no âmbito do Plano Schuman.)

<sup>967</sup> Neue Zürcher Zeitung, 19 de julho de 1959, 'Das Ruhrgebiet aus der Vogelschau'.

<sup>968</sup> Philippe Mottu: A História de Caux (Grosvenor, 1970), p. 118.

<sup>969</sup> Martin MSS; cf. também Mottu, p. 118.

Isto coincidiu tão estreitamente com o pensamento do próprio Buchman que Boucquey perguntou a Schuman se ele poderia escrever um prefácio para a edição francesa dos discursos de Buchman, que apareceu em inglês sob o título *Remaking the World/Reconstruindo o Mundo*. Schuman aceitou, embora tenha comentado: “Ainda não atravessei o Rubicão”.<sup>970</sup> A oportunidade de escrever o prefácio surgiu quando um leve ataque de gripe lhe deu uma breve pausa em fevereiro de 1950. Nessa época ele já havia reencontrado Buchman, e mais tarde ele diria que a leitura do livro lhe deu “um vislumbre do significado da vida de Frank Buchman, passada e presente”.<sup>971</sup> Certamente, seu prefácio expressava os objetivos e métodos de Buchman durante esses anos com extraordinária precisão. Depois de afirmar que “até agora os estadistas só tiveram um sucesso moderado em 'reconstruir o mundo’”, ele escreveu que se Buchman tivesse apresentado algum novo esquema para o bem-estar público ou apenas outra teoria, ele teria permanecido cético, mas que, pelo contrário, “O que o Rearmamento Moral nos traz é uma filosofia de vida aplicada na ação”. Depois, em três frases sucintas, ele delineou o programa de Buchman: “Começar por criar um clima moral no qual a verdadeira unidade fraterna possa florescer, abrangendo tudo o que hoje destrói o mundo – esse é o objetivo imediato. A aquisição de sabedoria sobre os homens e os assuntos, reunindo as pessoas em assembleias e encontros públicos – esse é o meio empregado. Fornecer equipas de pessoas formadas, prontas para o serviço do Estado,



Robert Schuman (à esquerda), Ministro das Relações Exteriores da França 1948-1953, com Buchman na Conferência de Caux, 1953.

©Peter Sisam ABIPP/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>970</sup> Spoerri, p.166.

<sup>971</sup> Transcrições de Caux, 13 de setembro de 1953.

apóstolos da reconciliação e construtores de um novo mundo - este é o início de uma transformação de longo alcance da sociedade na qual, durante quinze anos devastados pela guerra, foram dados os primeiros passos já foram feitos.

“Não se trata de uma mudança de política: trata-se de mudar as pessoas”, acrescentou Schuman. “A democracia e as suas liberdades só podem ser salvas pela qualidade das pessoas que falam em seu nome.”<sup>972</sup>

Schuman escreveu estas palavras numa altura em que os seus esforços para um acordo franco-alemão pareciam provavelmente frustrados. “Tive uma espécie de intuição que me veio através daquele livro”, lembrou ele três anos depois. ‘Vi novas perspectivas se abrindo diante de mim.’<sup>973</sup>

A defesa ocidental, então, foi assegurada pela assinatura, em Abril de 1949, do Pacto Atlântico. A tarefa mais ampla, na opinião de Schuman, de “dar conteúdo ideológico às vidas das massas”, permaneceu. Buchman estava fazendo deste tema um tema principal em Caux no verão de 1949 e, com o acordo de Schuman, imprimiu no convite a essência do que Schuman havia dito no jantar de Boucquey. Ele também pediu a Schuman e Adenauer que fossem a Caux para ajudá-lo. Schuman concordou e sugeriu datas em junho que agradassem a Adenauer. “Seu desejo de passar uma semana em Caux é de grande importância para os problemas urgentes da França e da Alemanha”,<sup>974</sup> respondeu Buchman. Ele também escreveu ao Ministro-Presidente Arnold que se os líderes pudessem “reunir-se e ter uma mente comum sob a orientação de Deus, então Ele poderá dar a resposta aos problemas extremamente difíceis e aparentemente insolúveis que se apresentam”.<sup>975</sup>

Na verdade, Schuman esteve envolvido durante todo o mês de junho na infrutífera reunião de Paris sobre a reunificação alemã e pediu a Georges Villiers, presidente da Federação dos Empregadores Franceses, que o representasse em Caux. Adenauer também escreveu: “Lamento muito que, contrariamente às minhas intenções originais, não tenha conseguido chegar a Caux na semana passada. Agora que decidimos as eleições e a escolha do governo, estou completamente ocupado com os preparativos, mas espero voltar mais tarde a Caux e ter o prazer de vê-los novamente. Gostaria de expressar mais uma vez os meus

---

<sup>972</sup> Buchman: *Refaire le Monde* (La Compagnie du Livre, 1950), p. v.

<sup>973</sup> Transcrições de Caux, 12 de setembro de 1953.

<sup>974</sup> Buchman para Robert Schuman, 1º de maio de 1949.

<sup>975</sup> Buchman para Karl Arnold, 4 de maio de 1949.

agradecimentos pela ajuda que nos deu a nós, alemães, ao tornar possível que reencontrássemos pessoas de outros países e, assim, colmatássemos o abismo que, infelizmente, ainda nos separa do resto do mundo.<sup>976</sup>

Mais de 1.300 outros alemães, no entanto, vieram para Caux naquele ano, incluindo Alfred Hartman, o diretor financeiro das zonas britânica e americana, Hans Böckler, o chefe dos sindicatos alemães, e muitas outras figuras-chave, incluindo doze ministros de estado. Da Renânia do Norte-Vesfália, por exemplo, vieram dezessete políticos, onze editores de jornais, cinquenta e nove industriais e oitenta e um membros de conselhos de empresa. O problema das relações franco-alemãs foi, segundo L'Aube, o jornal do partido MRP de Schuman, tratado com franqueza e coragem.<sup>977</sup>

Um dia, Villiers sentou-se à mesa ao lado de Böckler, cujo papel na criação da nova Alemanha alguns historiadores consideram inferior apenas ao de Adenauer.<sup>978</sup> Böckler disse: “Deveríamos ser inimigos em dois aspectos: eu sou alemão, você é francês; você é o chefe dos empregadores, eu sou um líder sindical.”

Villiers respondeu: 'Sim, e há uma terceira contagem. Seus compatriotas me condenaram à morte; Eu estava num campo de concentração política; eu vi a maioria dos meus camaradas morrer ao meu redor. Mas tudo isso já passou. Devemos esquecer agora. E, pessoalmente, gostaria de apertar sua mão.'<sup>979</sup>

Inúmeros encontros semelhantes ocorreram em Caux, não apenas entre os alemães e a menor, mas influente delegação francesa,<sup>980</sup> mas também entre estes e antigos inimigos de outros países. Como conclui Price: “Não foi apenas a relação de confiança pessoal entre Adenauer e Schuman que foi construída (e Schuman tinha uma profunda desconfiança nos alemães). Foi entre centenas e milhares de homens e mulheres – formadores de opinião a

---

<sup>976</sup> Konrad Adenauer para Buchman, 13 de junho de 1949.

<sup>977</sup> L'Aube, 20 de setembro de 1949; New York Times, 6 de junho de 1949.

<sup>978</sup> Johnson, pág. 584.

<sup>979</sup> Relatório da Conferência de Caux, 1949 (edição alemã, p. 45).

<sup>980</sup> Entre outros franceses que frequentaram Caux nos primeiros anos estavam Paul Bacon, Vice-Presidente da Assembleia Provisória e depois Ministro do Trabalho em vários governos, empresários como Pierre Carteron, Presidente da Associação Francesa de Companhias de Seguros, e Robert Carmichael, Presidente da Indústria da Juta, e sindicalistas como Yves Fournis, Secretário Geral da Associação de Capatazes, Técnicos e Engenheiros, e Maurice Mercier, um dos fundadores da Force Ouvrière. Henri Lespès, Deputado e mais tarde membro do Supremo Tribunal de Justiça francês, foi um dos que instou Irène Laure a ir para Caux. A sua avaliação foi: "Em Caux está o centro do renascimento internacional que todos ansiavam." (Manchester Guardian, 26 de agosto de 1946.

todos os níveis e profissões em Caux – que deram um impulso decisivo à unidade europeia num momento crítico.<sup>981</sup>

Em 25 de outubro de 1949, Boucquey convidou Buchman e Schuman para jantarem juntos em sua casa, onde conversaram livremente durante uma longa noite. Foi um Verão frustrante para Schuman e ele sentiu-se desanimado pela sua incapacidade de fazer avançar os seus colegas e a sua nação no caminho para uma nova Europa. O Primeiro-Ministro Georges Bidault, por exemplo, foi inicialmente indiferente, se não oposto, a qualquer proposta deste tipo. Quando Boucquey falou da honra de ter os dois homens à sua mesa, Schuman respondeu: “Se contribuí com alguma coisa para a humanidade, devo também admitir que muito do meu trabalho foi destruído e frustrado. Mas o Dr. Buchman, porque concentrou os seus esforços num sector da vida humana - o mais importante - tem a alegria de vê-los ter sucesso e espalhar-se por todo o mundo. Os estadistas podem propor planos de longo alcance, mas não podem colocá-los em prática sem mudanças profundas nos corações das pessoas - esse é o seu trabalho, e é o tipo de trabalho que eu gostaria de fazer pelo resto da minha vida.”

Depois, voltando-se para Buchman, disse: 'Preciso do seu conselho. Durante anos, quis sair da política e escrever sobre as lições da minha vida. Não tenho familiares nem dependentes. Há um mosteiro onde eu seria bem-vindo. Tem uma biblioteca. Está quieto. Sinto que poderia fazer meu melhor trabalho lá. Você vai me aconselhar? O que devo fazer?'

Buchman olhou para ele. 'Monsieur Schuman, o que você acha que deveria fazer?' ele perguntou.

Schuman ergueu as mãos e um amplo sorriso apareceu em seu rosto expressivo. — Você não deveria ter me perguntado. É claro que sei que devo ficar onde estou.

Então, muito sério, acrescentou: “Há uma coisa que devo fazer. Sinto isso em meus ossos e isso me levou até onde cheguei recentemente, mas tenho medo disso. Sou de Lorraine e fui criado como alemão. Então Lorraine voltou para a França e eu me tornei francês e servi no exército francês. Conheço os problemas e a mentalidade de ambos os países. Há muito tempo que sei que tenho um papel importante no fim do ódio entre nós. Falei sobre isso com

---

<sup>981</sup> Preço, pág. 56.

De Gasperi.<sup>982</sup> Ele está na mesma situação – nasceu austríaco e serviu no exército austríaco, depois se fez italiano, e compreende ambos. Sabemos que algo pode e deve ser feito e que somos os homens para fazê-lo. Mas eu me esquivo disso.”

“Sim, você deve ficar onde está”, disse Buchman. “Sob Deus esse é o seu lugar.”

«Uma dificuldade», prosseguiu Schuman, «é que não sei em quem confiar na nova Alemanha. Adenauer, por exemplo, acabei de conhecer.

Buchman respondeu: “Tivemos alguns homens excelentes em Caux e posso lhe dar uma dúzia de nomes.” Ele deu uma lista a Schuman.

“Vou oficialmente para a Alemanha nas próximas semanas”, disse Schuman, “e irei procurá-los”.

No livro de visitas de Boucquey, Schuman escreveu: “Esta noite passada com o Dr. Buchman e os amigos íntimos no seu grande trabalho foi um primeiro passo valioso que me levará, espero sinceramente, a Caux.”<sup>983</sup>

É questionável a frequência com que Schuman e Adenauer já se encontraram nessa época. Schuman diz que um encontro em Koblenz, em Agosto de 1949, foi o seu primeiro encontro.<sup>984</sup> Adenauer, nas suas memórias, escreve sobre um encontro anterior, em Outubro de 1948,<sup>985</sup> enquanto outra fonte fala de eles terem passado um dia juntos, algures em 1949, no mosteiro de Maria Laach.<sup>986</sup>

O ponto importante parece não ter sido a frequência com que se encontravam, mas o fato de nenhum deles confiar totalmente no outro naquele momento. Schuman poderia reconhecer intelectualmente, como disse a Boucquey, que “os alemães precisariam de muita coragem para trabalhar com os franceses”, mas ainda tinha profundas suspeitas sobre os alemães. O encontro de Adenauer com ele em outubro de 1948, para o qual existem provas independentes, parece ter sido bastante mal-sucedido, até porque Adenauer teve de ouvir a “teoria pessoal” de Schuman de que a Alemanha deveria ser dividida em estados do Reno, Elba e Danúbio.<sup>987</sup> É difícil hoje lembrar quão profundo foi o abismo que setenta anos de

---

<sup>982</sup> Então primeiro-ministro da Itália. De Gasperi foi aluno do padre Don Luigi Sturzo, a quem sucedeu como líder do Partido Popular em 1923, apenas para ser preso quando o partido foi dissolvido em 1926.

<sup>983</sup> Ver Spoerri, *Dynamic out of Silence*, pp.

<sup>984</sup> Schuman: *Pour l'Europe* (Nagel, 1963), pp.

<sup>985</sup> Konrad Adenauer: *Memórias* (Weidenfeld e Nicolson, 1966), p. 233.

<sup>986</sup> Elgey, p.441.

<sup>987</sup> Memorando de Robert Murphy, conselheiro político dos EUA do General Clay, FRUS 1948, II, pp.

inimizade deixaram entre as mentes francesas e alemãs mais simpáticas. É difícil avaliar que papel, se é que algum, a noite com Buchman desempenhou na determinação de Schuman para continuar a sua missão europeia. Outra influência sobre ele nesta altura deve ter sido o incentivo de Dean Acheson, durante o Conselho da OTAN, em setembro de 1949, para que tomasse a iniciativa em relação à Alemanha, talvez em concertação com a América e a Grã-Bretanha; e a contínua agressividade de Stalin foi um estímulo constante à ação. No entanto, Christopher (agora Lorde) Mayhew falou de conversas nas quais Schuman disse que Buchman o ajudou a continuar com os alemães.<sup>988</sup>

Em dezembro de 1949, Buchman estava em Bonn. Um almoço em sua homenagem foi oferecido pelo Presidente Heuss e por vários Ministros. Depois foi ao Palais Schaumburg, onde o chanceler Adenauer o esperava animado. Ele tinha acabado de ouvir sete professores fazerem um discurso de meia hora cada, e isso, disse ele, lhe deu tempo para uma reflexão pacífica. Agradeceu a Buchman pelo que tinha feito pela Alemanha e perguntou calorosamente por Schuman e pela sua preocupação com uma nova relação entre a França e a Alemanha. A conversa passou para notícias de Rearmamento Moral. O Chanceler, que tinha um forte sentido prático, afirmou que o seu filho Georg estava a estudar melhor desde a sua visita a Caux. Buchman rejeitou qualquer responsabilidade e disse, rindo, que isso se devia à boa influência de seu pai. O Chanceler respondeu que os seus dois secretários que estiveram em Caux também trabalhavam melhor. Quando ele se ofereceu para mostrar a Buchman o Palais Schaumburg, Buchman o surpreendeu dizendo: “Acredito que já o conheço muito bem. Eu costumava ficar aqui quando era a casa da princesa Vitória.”

Menos de um mês depois, em 13 de janeiro de 1950, Schuman fez a prometida visita ao Chanceler. Quando chegou, a estação de Bona estava quase vazia, exceto Adenauer, que o levou às pressas para um carro que o aguardava, pois, explicou, temia um ataque a Schuman "porque vocês, franceses, estão a caminho de absorver o Sarre".<sup>989</sup> A declaração de abertura de Schuman foi completamente embebida de fé de que a Alemanha e a França poderiam cooperar no futuro, e os dois homens aproximaram-se. No entanto, nada foi resolvido sobre o Sarre, embora Adenauer pareça ter ficado com a impressão de que Schuman pensava que, um dia, o Sarre poderia ser devolvido à Alemanha: uma impressão que ele também havia

---

<sup>988</sup> Conversas com o autor na época.

<sup>989</sup> Elgey, pág. 422.

levado da conversa anterior em outubro de 1948. Certas coisas, no entanto, não funcionaram tão bem. Em 3 de Março, o governo francês tomou medidas para integrar o Sarre em França.<sup>990</sup> Assim, quando três amigos de Buchman visitaram Adenauer em 7 de abril, encontraram-no muito indignado com Schuman. “Ele é um mentiroso”, disse-lhes Adenauer. 'Até Bidault me permite chamar Schuman de camponês mentiroso da Alsácia.' Os seus visitantes sugeriram que, se isto fosse verdade, o próprio Adenauer deveria pensar em como mudar Schuman. “Eu também preciso mudar mais”, respondeu Adenauer, reiterando a impressão que a ideia de cada um começar por si mesmo lhe causara em Caux.<sup>991</sup>

De qualquer forma, houve um momento em que parecia que a grande oportunidade poderia ser perdida. Jean Monnet observou que houve «une atmosphère glacée» na reunião de janeiro em Bona<sup>992</sup> e comentou com Schuman: «Estamos à beira de cometer o mesmo erro que em 1919»,<sup>993</sup> embora Adenauer descreva a sua última sessão de duas horas do as reuniões eram “caracterizadas pela confiança mútua”.<sup>994</sup> Em abril não havia dúvidas sobre o perigo de colapso. “Estávamos em um impasse em quase qualquer direção que tomássemos. Estávamos cercados por muros”, disse Schuman mais tarde. “Para avançar tivemos que abrir uma brecha. Em primeiro lugar, tivemos que nos livrar da terrível hipoteca do destino – o medo. Sentimos a necessidade de algum salto psicológico...”<sup>995</sup>

Monnet deu esse salto ao apresentar o seu plano para o reservatório de carvão e aço, que tinha sido concluído às pressas. Em 20 de abril, deu uma cópia a Bidault, que a ignorou. Em 28 de Abril, passou uma cópia através do seu chefe de gabinete a Schuman, que percebeu que o tempo estava a esgotar-se perigosamente para que houvesse um acordo até 11 de maio, altura em que se realizaria uma conferência crucial de ministros dos Negócios Estrangeiros. Schuman estudou-o durante um fim de semana e, ao regressar, disse: “Vou utilizá-lo”.<sup>996</sup> Num almoço com Monnet, na primeira semana de maio, sugeriu que o plano deveria ser apresentado de uma forma súbita e dramática. Eles concordaram que apenas dois ministros franceses, Mayer e Pleven, deveriam ser informados dos detalhes antes do Conselho de

---

<sup>990</sup> R. C. Mowat: Criando a Comunidade Europeia (Blandford, 1973), pp.

<sup>991</sup> Memorando não publicado dos participantes.

<sup>992</sup> Jean Monnet: Memórias (Fayard, 1976), p. 336.

<sup>993</sup> Preço, pág. 50.

<sup>994</sup> *ibid.*, pág. 51.

<sup>995</sup> Rochefort, pág. 264.

<sup>996</sup> Richard Mayne: Pós-guerra (Thames e Hudson, 1983), p. 302.

Ministros de 9 de maio, enquanto Bidault (que considerou o projeto “uma bolha de sabão – apenas mais um organismo internacional”) apenas foi informado em termos gerais.<sup>997</sup>

Em 9 de maio, o Gabinete alemão também estava reunido. Adenauer, enquanto estava à mesa do Gabinete, recebeu uma carta de Schuman contendo um esboço do plano. Reconhecendo, como disse mais tarde, que este era “um passo magnânimo... de extraordinária importância para a paz da Europa e do mundo inteiro”, Adenauer respondeu, aceitando, dentro de uma hora. «Como se formou uma relação pessoal de confiança», comenta Price, «a oportunidade não foi perdida.»<sup>998</sup> Assim, quando Schuman apresentou a proposta ao seu Gabinete, uma hora mais tarde, com o forte apoio de Mayer e Plevén, esta foi aprovada.<sup>999</sup>

Em 1951, dois meses depois de o acordo do Plano Schuman ter sido finalmente assinado, Adenauer enviou a Buchman na América uma mensagem que foi noticiada no *New York Herald-Tribune* sob o título “O Rearmamento Moral é creditado pelo seu papel nas conversações do Plano Schuman”.<sup>1000</sup> Adenauer escreveu: “Nos últimos meses assistimos à conclusão, após algumas negociações difíceis, de importantes acordos internacionais. Aqui, o Rearmamento Moral desempenhou um papel invisível, mas eficaz, na superação das diferenças de opinião entre as partes negociadoras, e manteve diante delas o objeto do acordo pacífico na busca do bem comum, que é o verdadeiro propósito da vida humana... É também minha convicção que os homens e as nações não podem desfrutar exteriormente de relações estáveis até que estejam interiormente preparados para elas. A este respeito, o Rearmamento Moral prestou um grande e duradouro serviço.»<sup>1001</sup> A entrega da Ordem do Mérito Alemã a Buchman ocorreu no ano seguinte.

Somente em 1953 Schuman conseguiu cumprir sua promessa de visitar Caux. Depois de assistir a todas as reuniões durante sua breve estada e de ver duas peças, ele perguntou se poderia falar. “Saio com um espírito visivelmente diferente daquele com que cheguei aqui”, disse ele. “Estou na política há trinta e quatro anos e durante esse período a gente aprende a ser cético. Estou saindo com muito menos ceticismo do que quando cheguei, e na minha

---

<sup>997</sup> New York Times, 4 de junho de 1951.

<sup>998</sup> Preço, pág. 56.

<sup>999</sup> Mowat, pp.

<sup>1000</sup> New York Herald-Tribune, 4 de junho de 1951.

<sup>1001</sup> News Chronicle, 10 de maio de 1950. Ver também Franz Rodens: Konrad Adenauer (Knaur, Munique/Zurique 1963), p. 119.

idade isso é um avanço considerável.” O que o impressionou mais do que qualquer outra coisa, disse ele, foi como o Rearmamento Moral poderia ser traduzido em termos de relações internacionais entre países. “Obrigado por me dar essa esperança”, concluiu. “De agora em diante nunca desistiremos.” Ao deixar Caux, acrescentou: “Esta foi uma das maiores experiências da minha vida”.<sup>1002</sup>

Schuman continuou a dar apoio regular até a morte de Buchman em 1961. Especulou-se por que Adenauer não mencionou Buchman em suas Memórias. Da mesma forma, embora o seu nome estivesse no topo de uma lista de convites para uma missão de Rearmamento Moral na Alemanha em 1956, ele não parece ter assistido à sua produção teatral em Bona. Este último é facilmente compreensível para um estadista ocupado; mas o primeiro pode parecer deixar a sua atitude equívoca. No entanto, ele manteve contato contínuo com Buchman ao longo dos anos, pedindo sua ajuda.

Em 1958, por exemplo, quando de Gaulle assumiu o poder, Adenauer enviou a Buchman duas mensagens assinadas pessoalmente, uma para publicação no Boletim oficial do governo e a outra numa carta pessoal. Este último dizia em parte: «Partilho a convicção de que agora é o momento mais forte do que nunca para a unidade europeia através do Rearmamento Moral. Deram um estímulo muito valioso ao grande trabalho de unificação da Europa. Estou convencido convosco de que, se este trabalho não for levado avante, a paz no mundo não poderá ser mantida. Portanto, ficaria extremamente feliz se o senhor pudesse dedicar-lhe a sua atenção pessoal nos próximos meses, que são decisivos para os desenvolvimentos na Europa.»<sup>1003</sup> E quando, em 1960, Adenauer visitou Los Angeles, pediu especialmente a Buchman que o conhecesse lá. Foi o último encontro deles. “Quero lhe dizer, com toda a ênfase sob meu comando, o quanto valorizo seu trabalho”, disse ele a Buchman. ‘É essencial para a paz mundial.’<sup>1004</sup>

Muitos alemães confirmaram esta avaliação. Por exemplo, em 1960, quando o Dr. Hasso von Etdorf, Subsecretário de Estado Adjunto do Ministério dos Negócios Estrangeiros alemão (anteriormente Embaixador no Canadá e mais tarde, de 1961 a 1965, Embaixador no Reino Unido), foi questionado por jornalistas em Atlanta: ‘Qual é o

---

<sup>1002</sup> Transcrições de Caux: 12 de setembro de 1953.

<sup>1003</sup> Frank Buchman -Oitenta, p. 203.

<sup>1004</sup> Ver Spoerri, *Dynamic out of Silence*, pp.

desenvolvimento mais significativo desde a Segunda Guerra Mundial?', ele respondeu, 'O novo acordo entre a Alemanha e a França, que acredito ser permanente. O trabalho do Rearmamento Moral é em grande parte responsável por isto.'<sup>1005</sup> 'O Dr. von Etzdorf parece ter expressado esta opinião em palavras semelhantes em 1959.'<sup>1006</sup> E é uma visão que ele ainda subscreve', conclui Price.<sup>1007</sup>

Quando Buchman morreu em 1961, o Boletim oficial do governo alemão escreveu: “Desde 1947, Caux tem sido o símbolo do trabalho do Dr. Buchman para o povo alemão. Através dela ele trouxe a Alemanha de volta ao círculo das nações civilizadas, depois de Hitler ter proibido o seu movimento na Alemanha e ter conquistado para o nosso país a desconfiança e o desdém de outras nações. Em Caux, todos os tipos de alemães – políticos, cientistas, industriais e trabalhadores – encontraram aqueles que tinham sido seus amargos inimigos durante a guerra. Assim, Caux tornou-se uma das grandes forças morais às quais devemos a nossa nova posição no mundo. Por isso o Dr. Buchman nunca será esquecido. O seu nome também permanece para sempre ligado ao entendimento entre a Alemanha e a França, cujas bases foram lançadas pelos primeiros encontros entre alemães e franceses em Caux.” Esses serviços também não foram esquecidos. Em setembro de 1982, o Presidente da República Federal Alemã, Professor Dr. Karl Carstens, recebeu delegados do Rearmamento Moral de vinte e dois países e disse-lhes: “Durante os anos do pós-guerra, quando nós, Alemães, recuperámos a aceitação na comunidade internacional e reconstruídas as relações com a França, foi em grande parte devido ao Rearmamento Moral.”<sup>1008</sup>

Como então resumir a contribuição de Buchman para a reconciliação entre a Alemanha e a França? Em primeiro lugar, parece ser indiscutível que, como afirmou o Boletim oficial, ele “trouxe a Alemanha de volta ao círculo das nações civilizadas” – e, ao fazê-lo, reconciliou os líderes alemães com os seus homólogos em França e em outros países europeus. Em segundo lugar, o trabalho de Rearmamento Moral no Ruhr e na indústria francesa foi um pré-requisito essencial para a união das indústrias francesa e alemã do carvão e do aço. Em terceiro lugar, a amizade de Buchman com Adenauer, Schuman e outras figuras

---

<sup>1005</sup> Preço, pág. 3.

<sup>1006</sup> Os tempos, 4 de junho de 1959.

<sup>1007</sup> Carta pessoal para Price, 3 de setembro de 1979, citada Price, p. 6.

<sup>1008</sup> Evento registrado no Banner Generalanzeiger, 16 de setembro de 1982. Extrato retirado de cópia literal do discurso emitido pelo gabinete do Presidente.

importantes desempenhou um papel real, embora não quantificável, na facilitação do processo de negociação.

No entanto, para o próprio Buchman, tudo isso foi um subproduto do trabalho que ele sentiu que Deus havia colocado sobre ele com os indivíduos. Quando, em certa ocasião, recebeu uma carta de elogio de Adenauer, ele disse aos amigos: “Estou pasmo”, e quando foi condecorado com a Ordem do Mérito, aceitou-a “consciente de que é uma honra compartilhada”. por cada homem e mulher que desempenhou um papel”.<sup>1009</sup>

---

<sup>1009</sup> Na Embaixada da Alemanha, Delhi, 17 de dezembro de 1952.

**JAPÃO**

O primeiro país pelo qual Buchman orou naquela noite em Mackinac, quando soube que a Segunda Guerra Mundial havia acabado, foi o Japão. Quase trinta anos antes, ele visitara aquele país sete vezes, embora só duas vezes tivesse permanecido um mês. Ele só voltou para lá em 1956. No entanto, naquela época ele era uma figura nacional a quem o governo desejava conferir a mais alta condecoração do Japão.

Em novembro de 1935, Buchman apoiou de todo o coração a decisão de um jovem graduado em Oxford, Basil Entwistle, de acompanhar o bispo Roots e sua família em seu retorno da festa em Oxford para a China. Eles passaram por Tóquio e Entwistle aproveitou a apresentação do colunista de Washington, George Sokolsky, para conhecer Kensuke Horinouchi, então chefe da seção americana no Ministério das Relações Exteriores do Japão. Este encontro levou a uma renovação da fé cristã de Horinouchi e sua esposa. Um ano depois, Horinouchi, agora vice-ministro das Relações Exteriores, deu uma recepção para que seus amigos se encontrassem com Entwistle em uma visita de retorno. Nessa altura, uma séria luta pelo poder estava em curso entre os jovens militares e Horinouchi e os seus amigos moderados do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Durante algum tempo, os membros do Ministério dos Negócios Estrangeiros que queriam a paz mantiveram-se firmes, embora sempre em perigo de assassinato. Em 1938, Horinouchi foi nomeado embaixador em Washington, onde conheceu Buchman. Quando, em 1940, ficou claro que ele estava sendo forçado a transmitir mensagens falsas aos americanos, ele pediu para ser chamado de volta. “Não sei quando nos encontraremos novamente”, disse ele a Buchman e Entwistle em São Francisco antes de partir. 'Enfrentamos tempos difíceis. Talvez não possamos manter contato. Mas, aconteça o que acontecer, somos muito gratos a Deus pela paz que encontramos dentro de nós. Seremos fiéis a tudo o que você nos ensinou.’<sup>1010</sup> Em Tóquio, ele foi demitido do corpo diplomático e durante a guerra viveu sob estreita vigilância. Mas ele manteve sua promessa.

---

<sup>1010</sup> Martin MSS.

Outros japoneses, que conheceram Buchman e seus amigos no exterior, também voltaram para casa. Entre eles estava Takasumi Mitsui – irmão do chefe da empresa mais poderosa do Japão – que estudou com Streeter e Thornhill em Oxford. Lá ele, sua esposa Hideko e seus filhos foram batizados. Trabalharam com Buchman na Europa até 1938, quando retornaram ao Japão. Durante a guerra, ele e Hideko também mantiveram a fé apesar de muitas dificuldades. Eles perderam suas duas casas em Tóquio em uma noite devido a bombas incendiárias e viveram pelo resto da guerra em um armazém de concreto. Como todos os japoneses, tinham pouco para comer - um dos seus filhos morreu de desnutrição - e eram vigiados pela polícia devido à sua identificação com o Rearmamento Moral. Mas, como membros da poderosa família Mitsui, não foram presos.

Horinouchi e os Mitsuis estavam entre os dez japoneses que participaram da conferência de Buchman em Riverside, na Califórnia, em junho de 1948. Este grupo, o primeiro, além de alguns técnicos, a viajar para o exterior desde a guerra, também incluía Yasutane e Yukika Sohma, que conheceram o Rearmamento Moral no Japão. Yasutane era o chefe de uma família nobre com propriedades no centro do Japão, que havia sido destituído de seu título e da maior parte de suas terras sob a nova Constituição. Um bon viveur excêntrico e encantador, ele se casou com a brilhante filha de Yukio Ozaki, "o pai da Dieta Japonesa", que, como prefeito de Tóquio, presenteou Washington com cerejeiras que desde então têm sido uma atração turística da primavera. Yukika não apenas compartilhou ocasiões em que seu pai escapou por pouco de um assassinato por causa de seus princípios democráticos, mas ela mesma desrespeitou a tradição a cada passo, e conheceu Yasutane enquanto ela andava de motocicleta, uma atividade inédita para uma mulher japonesa naquela época. Somente a mudança trazida a ambos por outro amigo de Buchman, um diplomata americano, converteu um casamento difícil numa parceria criativa.

Em Riverside, um dos japoneses disse a Buchman: 'Temos esta nova Constituição que os americanos nos deram. É como uma cesta vazia. O que devemos colocar nele? O governo dos Estados Unidos, percebendo o vácuo criado pela destruição do militarismo japonês, agiu rapidamente para reorganizar o país numa base democrática, mas as formas introduzidas por si só não preencheram o vácuo. Buchman percebeu que esta questão era tão urgente quanto as que a Alemanha enfrentava.

A distinta delegação alemã em Riverside deu aos japoneses a esperança de que o que os alemães encontraram em Caux também pudesse preencher o vácuo no Japão. Os Sohmas pediram aos Entwistles que viessem ao Japão, trazendo sua filha. 'No Japão, neste momento, com tudo em ruínas?' disse Entwistle. 'Talvez não imediatamente. Vamos trabalhar nisso', respondeu Yukika.

No verão seguinte, trinta e sete japoneses foram a Caux, incluindo uma delegação centrada no recente primeiro-ministro socialista, Tetsu Katayama, e na sua esposa. Eles chegaram à América no caminho justamente quando Jean Entwistle estava no hospital para o nascimento de seu segundo filho, Fred. Entwistle telegrafou a Buchman com a notícia da chegada de seu filho e recebeu uma resposta dando as boas-vindas a Fred ao mundo e pedindo a seu pai que acompanhasse a festa japonesa à Europa. “Nunca me senti menos inclinado a deixar Jean”, escreve Entwistle. 'Eu me senti rebelde, mas considerei o pedido como um soldado via suas ordens de viagem. Jean, ainda no hospital, estava mais decidida do que eu quando me despedi dela ao lado da cama.'<sup>1011</sup>

A viagem durou dez semanas. Depois de um mês em Caux, o partido de Katayama foi recebido pelos governos alemão, francês e britânico e pelos partidos socialistas. Num almoço oficial oferecido por Christopher Mayhew em Londres, Entwistle sentou-se ao lado de Denis Healey.<sup>1012</sup> “O Rearmamento Moral deve ser uma organização mundial extremamente poderosa”, disse Healey. “Consegui fazer o que o Partido Trabalhista Britânico não conseguiu fazer nos últimos dois anos – garantir a permissão para os Socialistas Japoneses visitarem a Grã-Bretanha.”<sup>1013</sup>

Em janeiro de 1950, de volta à América, Entwistle recebeu um telegrama de Buchman pedindo-lhe que fosse ao Japão para apoiar alguns dos japoneses que estiveram em Riverside e Caux. “Leve Ken com você”, acrescentou o telegrama. “Ken Twitchell ficou ainda mais surpreso do que eu”, escreve Entwistle. 'Nenhum de nós considerou nem por um momento

---

<sup>1011</sup> Basil Entwistle, memórias não publicadas, II, p. 6.

<sup>1012</sup> Mayhew naquela época era subsecretário de Estado do Ministério das Relações Exteriores, Healey era secretário do Departamento Internacional do Partido Trabalhista.

<sup>1013</sup> *ibid.*, II, pág. 9.

não responder, embora eu estivesse relutante em deixar minha família pelo que parecia ser um longo período.<sup>1014</sup>

A única comissão que Buchman recebeu foi pensar e cuidar de famílias japonesas específicas. Eles também ouviram dos Mitsuis e Sohmas que havia uma divisão nas fileiras do Rearmamento Moral em Tóquio. Alguns estavam determinados a confinar o Rearmamento Moral a uma prática cristã restrita que enfatizava os padrões morais e a necessidade da orientação de Deus, mas apenas quando se aplicavam a assuntos pessoais e exigiam a aceitação imediata de todas as doutrinas específicas. Outros, como os Mitsuis, Sohmas e Horinouchis, viam-no como uma força moral e espiritual para transformar o Japão numa nação unida, democrática e responsável.

Os viajantes perceberam que estavam entrando em uma nação não-cristã, cuja concepção do cristianismo foi moldada pela superioridade e teologia doutrinária de longa data de alguns cristãos no Japão, bem como pelo que muitos consideraram políticas hostis dos "cristãos" nos países do Ocidente. Buchman disse desde o início que “os braços estendidos de Cristo são para todos”, tanto cristãos como não-cristãos. Assim, ele ensinou a sua equipe a falar sobre mudança moral e espiritual em termos que os não-cristãos ou anticristãos - os comunistas nas minas de carvão britânicas e no Ruhr, por exemplo - pudessem compreender, e a não colocar qualquer obstáculo doutrinário no seu caminho.

No momento apropriado, ele sempre dava àqueles que estavam em suas reuniões, qualquer que fosse sua fé ou falta dela, as verdades cristãs mais profundas que ele conhecia, muitas vezes centradas na história de como ele próprio havia sido lavado de seus ódios pela experiência da Cruz, em Keswick e como Cristo se tornou seu amigo mais próximo. Isto foi feito com a máxima urgência – que todos devem enfrentar a realidade do seu pecado e encontrar mudança e perdão. Mas ele nunca acrescentou que aqueles que estavam na sua audiência deviam romper com as suas tradições, ou aderir a esta ou aquela igreja. Ele sentiu que sua tarefa era colocar as pessoas em contato vital com o Espírito Santo, que as guiaria pessoalmente e, no processo, as ajudaria a viver pela vontade de Deus. Seu propósito era alistar todos na revolução moral e espiritual que ele considerava vital para que as nações fossem refeitas e se tornassem instrumentos nas mãos de Deus para o benefício mútuo. Nisto

---

<sup>1014</sup> *ibid.*, II, pág. 11.

ele foi um pioneiro do que se tornaria uma posição cada vez mais aberta e inclusiva em relação aos de outras religiões.

Assim, em dois discursos na América e na Alemanha, mais ou menos nessa época, ele fez o que foram, para ele, duas declarações inteiramente consistentes. 'O RAM é o bom caminho de uma ideologia inspirada por Deus sobre a qual todos podem se unir', disse ele em 1948. 'Católicos, judeus e protestantes, hindus, muçulmanos, budistas e confucionistas - todos descubrem que podem mudar, quando necessário, e viajar juntos por este bom caminho.'<sup>1015</sup> Em 1951 ele disse: 'É necessária uma dose mais forte...' O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo pecado." Essa é a descoberta que todos procuram. Essa é a resposta.'<sup>1016</sup>

Como poderiam Entwistle e Twitchell aplicar estes princípios no Japão? Naquele primeiro domingo, eles se reuniram com o estrito grupo "cristão", cujo espírito dominante era uma mulher missionária, uma reminiscência de



Uma delegação japonesa de 76 pessoas voou para a assembleia de Caux em 1950. Entre eles estavam os prefeitos de Hiroshima e Nagasaki e representantes dos partidos Democrata, Liberal e Socialista.

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

alguém que Buchman conhecera na China anos antes. Ela era, registra Entwistle, "idosa, enfática, muito britânica e muito sentimental".<sup>1017</sup> Ela tinha meios independentes, mas vivia nas circunstâncias mais humildes, cercado-se de cristãos japoneses empobrecidos - alguns dedicados como ela e alguns aproveitadores. Ela insistiu que pessoas como os Mitsuis, os Horinouchis e os Sohmas deviam, de fato, juntar-se ao seu círculo particular e concentrar-se

---

<sup>1015</sup> Buchman, pág. 166.

<sup>1016</sup> *ibid.*, pág. 195.

<sup>1017</sup> Entwistle, II, p. 15.

nas suas vidas pessoais. Entwistle e Twitchell, embora respeitassem a sua fidelidade e auto-sacrifício, sentiram que deviam apoiar estes três casais para levarem a mudança que tinham encontrado para o centro da nação.

Isso eles já haviam começado a fazer. Nos dez dias seguintes, levaram os visitantes para ver o primeiro-ministro Shigeru Yoshida, o destacado político da época, e para ver os dois homens comumente conhecidos como “O Papa” e “O Imperador”. O 'Papa' era Hisato Ichimada, Governador do Banco do Japão; o 'Imperador' era Chikao Honda, presidente do conglomerado de comunicações Mainichi. Eles também viram o pai de Yukika, o parlamentar veterano, e foram recebidos pelos três principais jornais, pelos diretores do Banco do Japão e pelo presidente da Câmara Alta da Dieta.

De tudo isto surgiu a ideia de que um carregamento especial de setenta e seis, o grupo mais representativo a deixar o Japão desde a guerra, deveria ir para Caux no Verão de 1950. O General Douglas MacArthur, o supremo dos EUA no Japão, apoiou calorosamente a empreendimento, e numa noite de junho o DC-4 decolou sobre a baía de Tóquio enluarada, levando uma delegação que incluía membros do Parlamento de todos os principais partidos, sete governadores de províncias, os prefeitos de Hiroshima e Nagasaki e líderes da indústria, finanças e trabalho. O Primeiro-Ministro Yoshida ofereceu-lhes uma concepção vívida da sua missão num almoço para os líderes da delegação. «Em 1870», disse ele, «um grupo de japoneses viajou para o Ocidente. Ao retornarem, eles mudaram o curso da vida japonesa. Acredito que quando esta delegação retornar você também abrirá uma nova página em nossa história.»<sup>1018</sup>

Os japoneses chegaram a Caux apreensivos sobre como seriam recebidos pelas pessoas de vários países, inclusive pelos inimigos recentes. Buchman previu seus medos. Ele estava na porta da Mountain House para cumprimentar cada um pessoalmente e certificou-se de que a bandeira japonesa estivesse hasteada ao lado das outras nações. Sob a ocupação americana, a bandeira não pôde ser hasteada e, ao vê-la, lágrimas vieram aos olhos dos visitantes.

---

<sup>1018</sup> Basil Entwistle: A Década Decisiva do Japão (Grosvenor, 1985), p. 37.

Buchman também teve o cuidado de observar as sutilezas dos costumes japoneses - curvar-se em vez de apertar as mãos, prestar atenção às regras de antiguidade e fornecer-lhes comida japonesa perfeitamente preparada. Um dos líderes trabalhistas do partido, Daiji Ioka, presidente dos Trabalhadores Municipais de Osaka, disse à assembleia: 'A nossa nação tomou um caminho para a guerra que causou um enorme sofrimento ao mundo. Quando os meus colegas e eu deixámos Tóquio, esperávamos ser tratados como inimigos, até ao ponto da segregação, mas ficámos impressionados com o calor das boas-vindas que recebemos.'<sup>1019</sup> Durante a sua estadia, Buchman planeou as reuniões para que ouvissem franceses e alemães prometendo reconstruir juntos uma Europa arruinada, a gestão e o trabalho comprometendo-se a ajudar a indústria a satisfazer as necessidades das pessoas, e líderes políticos rivais que procuravam formas de unir os seus países. Reuniu-se com a delegação e com particulares em privado, atento para exprimir as suas aspirações e reforçar as suas novas decisões. Tais decisões foram numerosas. Por exemplo, o Governador da província de Nagano e o Presidente da Câmara da sua capital abandonaram publicamente o seu bem conhecido antagonismo entre si; e um líder sindical militante, Katsuji Nakajima, e o seu “inimigo público número um”, o chefe da polícia regional, Eiji Suzuki, reconciliaram-se.

O mais jovem dos seis membros da Dieta no partido, Yasuhiro Nakasone, que se tornaria primeiro-ministro do Japão em 1983, escreveu de Caux a um jornal japonês: “As pessoas que falaram na assembleia eram em grande parte representantes do trabalho e da gestão... Os representantes japoneses que ouviram estas testemunhas tinham



Mountain House, Caux, Suíça. Parte do centro de conferências aberto por amigos suíços como base para o trabalho de Buchman no pós-guerra na Europa. Rapidamente se tornou um centro mundial.

©Michael Blundell/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

muitas dúvidas e conflitos nos seus corações. Algumas das desculpas que apresentaram foram: "Os trabalhadores do Japão enfrentam um problema de vida muito mais sério que não

---

<sup>1019</sup> *ibid.*, pág. 42.

permitirá compromissos tão agradáveis; temos de resolver primeiro o problema dos nossos recursos nacionais inadequados." Contudo, o gelo nos corações japoneses foi derretido pela harmonia internacional que transcende raça e classe nesta grande corrente da história mundial que se move através dos continentes da América e da Europa.<sup>1020</sup>

Quando os japoneses deveriam regressar a casa via Bona, Paris, Londres e Estados Unidos, Buchman pediu-lhes que demonstrassem uma mudança de atitude que afetaria os líderes e os povos que encontrariam. Enquanto estavam em Caux, a Guerra da Coreia estourou, e foi só depois de considerar a missão que Buchman lhes confiou que decidiram continuar como planejado, em vez de voltar direto para casa. De acordo com Morris Martin, eles expressaram dúvidas a Buchman se deveriam continuar para a América, em parte por causa das despesas e em parte por causa do forte antagonismo que esperavam encontrar lá. "É claro que você deve ir para a América", disse Buchman. 'Você tem seu maior trabalho a fazer lá.' "Então", continua Martin, "Buchman pediu que lhe trouxessem um envelope. Dentro havia alguns cheques. "Fiz aniversário e alguns amigos americanos foram bons comigo. Minha ideia é entregar o dinheiro a você. Conte os cheques." Um banqueiro japonês atendeu e encontrou quase US\$ 9.000. "É o suficiente?" perguntou Buchman. "Não exatamente", disse um americano que estava presente. "Mas eu compensarei a diferença." Os japoneses ficaram profundamente comovidos e agora encaravam a sua viagem como uma missão sagrada.<sup>1021</sup>

Foram bem recebidos em toda a Europa e, ao partirem da Grã-Bretanha para a América, *O Observador* publicou a mensagem de despedida da delegação na primeira página. Expressou a reação do grupo às notícias da Coreia. "Esperamos que no futuro, como nação, mostremos através dos nossos atos que encontramos uma mudança de atitude e que podemos dar o nosso contributo para a reconstrução do mundo", disseram. «A Rússia avançou na Ásia porque o governo soviético compreende a arte da guerra ideológica. Luta pelas mentes dos homens. Apelamos aos governos e aos povos do Ocidente para que façam o mesmo - para se tornarem especialistas na filosofia e na prática do rearmamento moral, que é a ideologia do futuro. Então toda a Ásia ouvirá.<sup>1022</sup>

---

<sup>1020</sup> *ibid.*, pág. 44.

<sup>1021</sup> Martin MSS.

<sup>1022</sup> The Observer, 25 de julho de 1950.

Buchman causou uma profunda impressão na maioria dos japoneses e durante suas viagens e no retorno para casa eles frequentemente citavam palavras que ele lhes havia dito. O prefeito Hamai de Hiroshima, falando num programa de rádio nacional nos Estados Unidos no aniversário do lançamento da bomba atômica, declarou: 'O Dr. Buchman disse: "Paz é as pessoas se tornando diferentes." Isso acerta em cheio. Eu, pelo menos, pretendo iniciar este esforço em Hiroshima. O único sonho e esperança que resta aos nossos cidadãos sobreviventes é restabelecer a cidade como um padrão de paz.'

Quando visitaram o Senado dos Estados Unidos, o vice-presidente Alben Barkley cumprimentou pessoalmente cada membro da delegação, conduziu os membros da Dieta aos assentos na câmara e expressou a esperança de que a longa amizade entre o Japão e a América, quebrada pela guerra, pudesse ser retomada. O principal representante japonês, Chojiro Kuriyama, disse: 'Lamentamos sinceramente pelo grande erro do Japão. Rompemos uma amizade de quase um século entre os dois países. Pedimos seu perdão e ajuda. Encontrámos em Caux o verdadeiro conteúdo da democracia.'<sup>1023</sup> O Senado aplaudiu-o de pé. A Câmara dos Representantes no dia seguinte foi igualmente receptiva.

Um editorial do *New York Times* nesta ocasião observou que se passaram menos de cinco anos desde que as bombas atômicas caíram sobre o Japão e escreveu: "Os prefeitos de Hiroshima e Nagasaki estavam entre os visitantes de ontem... Por um momento podia-se ver fora do horizonte a escuridão atual para os anos em que todos os homens poderão ser irmãos." ocasiões passadas das quais se poderia dizer com segurança: "Certamente estragámos as coisas daquela vez."<sup>1024</sup>

Ao regressarem a casa, os japoneses iniciaram novas abordagens entre a administração e os trabalhadores, que produziram frutos ricos nos anos seguintes. Eles também influenciaram alguns debates turbulentos na Dieta pela sua moderação e pela unidade subjacente entre membros de diferentes partidos criados em Caux.

Em julho de 1951, quando a guerra da Coreia ainda estava em curso e os Estados Unidos tentavam criar o pacto de defesa mútua que mais tarde se tornou SEATO, uma delegação asiática do Japão, China, Malásia, Birmânia, Ceilão e Índia formou o núcleo de uma conferência que Buchman convocada em Los Angeles com o tema da reconstrução das

---

<sup>1023</sup> 24 de julho de 1950.

<sup>1024</sup> Postagem de sábado à noite, 29 de julho de 1950.

relações do Pacífico. Aqui ele deu aos asiáticos uma plataforma para conversar com a América, e particularmente com Washington. As suas histórias mostraram quão diferentes eram estas terras, como cada uma tinha o seu próprio orgulho nas suas tradições e aspirações, e como, por implicação, seria necessário respeitá-las para que qualquer pacto funcionasse. O anticomunismo e o pró-americanismo, deixaram claro os asiáticos, não eram filosofias suficientemente amplas para manter unidos povos tão divergentes. Nem o mero fornecimento de “hardware” e dólares pelos Estados Unidos também não foi adequado. Era necessário algo positivo – uma ideia que pudesse ser vivida tanto por americanos como por asiáticos, mas que os americanos precisassem de experimentar antes de a poderem exportar para outros. Buchman acreditava que a cegueira da América relativamente a este fator ideológico era a maior fraqueza da América na sua abordagem ao mundo, tal como a compreensão deste fator era a maior força da Rússia Soviética. Ele insistiu que um novo livro de Peter Howard e Paul Campbell deveria ser “A América precisa de uma ideologia”.

A notícia inesperada de que o Tratado de Paz japonês seria assinado em setembro de 1951 em São Francisco foi repentinamente anunciada. Mais uma vez, como em 1945, Buchman antecipou o evento sem saber. Meses antes, Buchman havia contratado um teatro daquela cidade para aquele período para apresentar um musical, Jotham Valley, que ilustrava, através da história real de dois irmãos rivais em Nevada, como divisões profundas poderiam ser superadas e ódios curados. Quando os plenipotenciários chegaram, ficou claro que ainda faltava muita cura. Os Estados Unidos convenceram a maioria dos seus aliados da Segunda Guerra Mundial de que era chegado o momento de assinar um tratado, que seria seguido em oito meses pela independência total do Japão. Mas a Rússia boicotou a conferência e, entre os participantes, a Austrália, a Nova Zelândia e outros manifestaram sérias reservas quanto à integridade de um Japão independente. Assim, os delegados reuniram-se numa atmosfera de tensão, encontrando-se os japoneses quase totalmente segregados, exceto durante os assuntos oficiais da conferência.

Buchman, Twitchell e Entwistle conheciam cinco dos seis delegados oficiais japoneses, bem como vários delegados alternativos. Grande parte de seu trabalho foi feito em torno de uma mesa para doze pessoas no Mark Hopkins Hotel, que Buchman reservava para almoço quase todos os dias, e muitas vezes também para café da manhã e jantar. Ali, delegados da maioria das outras nações encontraram-se com os japoneses, enquanto à noite

grandes grupos deles compareceram ao Vale de Jotham. No seu regresso ao Japão, Hisato Ichimada, Governador do Banco do Japão e principal delegado, disse a Mitsui e Entwistle que os esforços de Buchman tinham sido o único meio de colmatar o abismo com os delegados de outras nações na conferência.<sup>1025</sup>

Na véspera da assinatura oficial, cinco dos signatários japoneses jantaram com Buchman e, na própria assinatura, Buchman apresentou-os a Robert Schuman. Uma semana depois, Schuman estava em Ottawa para uma conferência da OTAN. Buchman também estava em Ottawa, e Schuman e o Ministro dos Negócios Estrangeiros dinamarquês, Ole Bjørn Kraft, vieram tomar chá com ele no centro RAM de lá. Ao partirem, Schuman disse ao seu anfitrião: “O mundo não é suficientemente grande para ti. Você fez a paz com o Japão antes de nós. De volta à casa, Buchman, de acordo com um presente, 'conduziu seus amigos em uma interpretação espirituosa, embora discordante, de uma canção favorita, "Depois que o baile acabar".<sup>1026</sup>

Durante esses anos, o nome de Buchman foi frequentemente apresentado como candidato ao Prêmio Nobel da Paz. Em 1951 foi nomeado por grupos de parlamentares da Grã-Bretanha, França, Suécia, Dinamarca e Grécia, bem como por muitos indivíduos como Walter Nash, líder da oposição na Nova Zelândia, e Ahmed Yalman, editor do Vatan na Turquia. Ele foi selecionado, mas o Prêmio foi para outro lugar, como aconteceu em 1952, quando grupos parlamentares do Japão, dos Estados Unidos, da Itália, da Holanda e da Suíça juntaram as suas vozes aos outros. O comentário de Buchman numa ocasião foi: 'Mas eu não fiz a paz entre as nações. Vamos continuar com o trabalho.

---

<sup>1025</sup> Entwistle: A Década Mais Decisiva do Japão, p. 67.

<sup>1026</sup> Diários de Martin, 20 de setembro de 1951.

**BUCHMAN NA VIDA PRIVADA**

A escritora Hannah More disse sobre William Wilberforce que ele vivia numa “espécie de publicidade doméstica”: “em tal retiro”, acrescentou ela com gentil ironia, “que ele não vê mais de trinta e três pessoas no café da manhã”.

Com Buchman, nos dias anteriores ao derrame, o número costumava ser de algumas centenas; e depois, em Caux ou Mackinac, os números constantemente ao seu redor eram ainda maiores. Além disso, durante os últimos vinte anos da sua vida, todos os seus colegas imediatos entravam e saíam do seu quarto, sem bater, a qualquer hora do dia ou da noite. Num “feriado”, como em Ganda em 1946, o seu partido podia começar com cinco ou uma dúzia, mas geralmente aumentaria em pouco tempo para pelo menos trinta ou quarenta. Para ele, como disse, férias eram “uma mudança de local, não de vocação”. Foi facilitado porque ele realmente gostava das pessoas. No entanto, no fundo, ele era um homem muito reservado. Certa vez, ele disse que foi difícil quando finalmente teve que deixar que outros fizessem suas malas para ele.

Esta tendência para a privacidade foi mascarada pelo entrelaçamento dos seus dois papéis, como indivíduo e como símbolo da obra que representava. Foi isso que deixou Peter Howard perplexo quando, durante seu primeiro encontro na América, foi acordado que ele deveria escrever um livro que se chamaria *That Man Frank Buchman*. Diretamente do jornalismo do Daily Express, que lhe ensinara o valor do ângulo pessoal, ele ficou surpreso ao ouvir Buchman acrescentar: “É claro que não deve haver nada sobre mim no livro”. Buchman quis dizer que o livro deveria ser sobre seu trabalho e não deveria entrar em assuntos “irrelevantes” como seus gostos e hábitos, o que gosta e o que não gosta, sua aparência e vestimenta – a própria matéria da escrita de Fleet Street. Esta evitação de todas as informações pessoais pode não ter sido bem avaliada, pois onde há um vácuo, os rumores logo o preenchem. Esta pode ser uma das razões pelas quais este homem tão discutido era tão pouco conhecido e tão pouco compreendido. Certa vez, quando conversei com Buchman sobre isso, ele disse: “Quando eu morrer, tudo deverá ser contado.”

A prática da privacidade foi mais profunda do que as suas atitudes públicas. Buchman raramente falava de si mesmo em conversas privadas - e apenas com alguns. Parte disso,

acredita seu médico, Paul Campbell, voltou a uma decisão que Buchman certa vez tomou de “nunca mais pensar em si mesmo”. Se tomada literalmente, é uma decisão que parece impossível. Talvez pudesse ser traduzido como “nunca mais se colocar em primeiro lugar”. Mas pelo menos significava que ele passava muito mais tempo pensando nos outros do que em si mesmo.

Outra razão para esta reticência pode ter sido uma consideração que qualquer líder de uma cruzada moral e espiritual enfrenta. Embora fosse aceito que o ponto de referência final para os milhares que trabalhavam com ele deveria ser Deus, e não o próprio Buchman, ele não se preocupou em descarregar suas próprias infelicidades sobre os outros, que ainda poderiam ser espiritualmente imaturos. Ele dizia frequentemente que não estava isento de pecados, e às vezes especificava publicamente que estava com medo, que havia cometido uma injustiça ou perdido a paciência. Mas muitas vezes ele foi forçado a adotar a atitude do rei Alfredo: “Se você tem uma aflição, não a conte ao fraco; diga isso ao seu arco de sela e cavalgue cantando.” Buchman muitas vezes teve que carregar seus fardos sozinho, pois poucos tiveram a coragem ou a perspicácia de perguntar-lhe como ele estava indo. Ele disse certa vez: 'Estou rodeado de pessoas com muita fé, mas falta-lhes amor'. Ele era, por natureza, uma pessoa entusiasmada e muitos acreditavam que o exterior era o homem inteiro.

Oliver Corderoy, irmão mais novo de Stella Belden, que começou a trabalhar com Buchman logo após a guerra, lembra-se de caminhar com Buchman no gramado de Caux uma noite no final da década de 1940. 'Você está deprimido?' Corderoy perguntou a ele, colocando a mão em seu ombro. 'Isso mostra?' respondeu Buchman. Depois, durante um quarto de hora, Corderoy ouviu. Ele não disse nada em resposta. À meia-noite tocou a campainha do quarto de Corderoy. Buchman queria um chá de menta. Era lua cheia e as montanhas do outro lado do lago pareciam veludo preto. “Há muitas pessoas mais comprometidas com o plano de Deus do que você”, disse Buchman. — Mas não são tantos os que fazem por mim o que você fez esta tarde. Você não disse nada florido. Senti sua paz.

Buchman, na verdade, não era apenas um homem comum, mas muitas vezes solitário. Os poucos que correram o risco de romper sua reserva encontraram um homem que era informal, relaxado, muitas vezes tateando seu caminho de forma incerta, às vezes tão perdido quanto às vezes parecia. A certa altura, Bunny e Phyllis Austin sentiram que deveriam retornar para a Austrália, deixando Buchman na Europa. “Ah, não, não”, disse Buchman. Os

Austin, após reflexão, ainda pensavam que era isso que deveriam fazer, e disseram isso a ele mais uma vez. “Volte e me veja amanhã de manhã”, disse Buchman. Na manhã seguinte, eles disse: 'Sim, vão para a Austrália. A verdade é que eu simplesmente não queria que você me abandonasse.

Sua própria resposta à questão natural de por que nunca se casou foi invariavelmente: "Porque nunca fui orientado a isso". Aos vinte e poucos anos, ele tinha, como a maioria dos jovens, sua lista de "possíveis" e, um pouco mais tarde, parece ter demonstrado mais do que um interesse amigável por Edith Randall durante seus encontros na Europa. Mas ele escreveu para sua mãe, de Seul, em 1918: “Pode ser um alívio para você saber que ainda sou solteiro e espero continuar solteiro pelo resto da vida”.<sup>1027</sup> Se, como acreditava seu primo Fred Fetherolf, ele, como Bacon considerava a esposa e os filhos como “impedimentos para grandes empreendimentos”, não sabemos, embora seja claro que Buchman sempre e cada vez mais se sentiu chamado para tais empreendimentos. A Sra. Adams, sua anfitriã em Kuling e amiga de longa data, escreveu à sua mãe em 1922: 'Nossas orações e amor significarão mais para ele com o passar dos anos, especialmente se não parecer ser o propósito de Deus conceder-lhe a companhia de uma esposa - embora ele mereça uma das melhores.<sup>1028</sup> Não faltaram, até bem longe em sua vida, mulheres que alegremente teriam arriscado se casar com ele; mas ele parece ter aceitado, com igual alegria, que sua vida estava destinada a ser única.

O instinto de fazer casa nunca o abandonou. Ele o utilizava aonde quer que fosse, sempre cuidando para que seus amigos e visitantes fossem bem cuidados em todos os aspectos. “Isto é ultrajante”, disse ele no meio de uma grande conferência internacional. 'Esta não é a maneira como devemos viver.' Ele havia visto água suja num vaso de flores; então todos os vasos de flores tiveram que ser limpos e reabastecidos. As refeições também tinham de ser servidas adequadamente: 'Minha mãe nunca empilhava.' Mas às vezes ele ansiava pelo ambiente. Certa vez, do lado de fora de sua casa em Allentown, quando ela foi alugada para outras pessoas, ele disse: 'Sabe, o que eu realmente gostaria de fazer seria morar naquela casa e administrá-la perfeitamente.' É duvidoso que isso o satisfizesse por muito tempo; mas a viagem constante tinha um custo invisível.

---

<sup>1027</sup> Buchman para mãe, 23 de maio de 1918.

<sup>1028</sup> Sra. Adams para Sra. Buchman, 15 de setembro de 1922.

Como era então a vida privada de Buchman? O que ele gostava de fazer, além de seguir a sua vocação que sem dúvida apreciava?

Ele não fumava nem bebia álcool. Vindo de uma casa onde o vinho aparecia na mesa como algo natural, ele desistiu do álcool enquanto estava em Overbrook para ajudar sua cozinheira dipsomaniaca, Mary Hemphill. Mas aqui, como em outros lugares, ele não era rígido em regras. Quando recebido por uma modesta família francesa, Buchman aceitou naturalmente o vinho bastante comum que serviam. No dia seguinte, quando um importante casal francês lhe ofereceu uma excelente safra, ele recusou. Quando um fabricante suíço de charutos lhe perguntou o que deveria fazer em relação ao seu negócio, ele respondeu: “Fazer os melhores charutos da Suíça”, e a um cervejeiro inglês que queria ajudar a refazer o mundo, “Fazer cerveja melhor”.

Buchman gostava de comer. “Seu derrame não se deveu apenas à preocupação de que seus homens fossem levados para o exército”, disse Campbell certa vez. 'Ele adorava comida rica - sopas grossas, sobremesas cremosas, pato assado, vacherins - todas as coisas que os médicos modernos abominam. Na sua opinião, esses alimentos eram uma fonte de energia. Escusado será dizer que esta dieta teve de ser modificada depois disso, embora ele continuasse a fornecer essa comida aos seus convidados, de acordo com o lema da Pensilvânia: “Boa comida e bom cristianismo andam juntos”. Mais tarde na vida, ele não comia muito e talvez nunca tenha estado, em quantidade, à altura da norma Pensilvânia-Holanda. Ele precisava, porém, ficar de olho no peso e nem sempre recebia bem os comentários do médico. Faltar ou dedicar cada vez menos tempo aos exercícios não ajudou.

Nos dias anteriores ao derrame, ele caminhava pelo campo sempre que podia e adorava andar a cavalo. Sua última viagem parece ter sido em dezembro de 1940. Com meia dúzia de outros, ele passou dez dias no México. No caminho de volta para o norte, eles se hospedaram em uma fazenda que recebia convidados. “Tomámos o pequeno-almoço numa magnífica e enorme mesa de carvalho”, recorda John Cotton Wood, que fazia parte do grupo, “e depois Frank levou-nos para fora, onde os cavalos nos esperavam. Subimos nas selas e seguimos pelo rancho com Frank na liderança.

Mesmo depois do derrame, ele gostava de caminhar, quando podia fazê-lo. “Ele se deleitou com o mundo da natureza ao seu redor”, escreve Wood. 'Ele notou o fino rendilhado de galhos e galhos de uma árvore. Ele notou os pássaros. Quer estivesse caminhando em um

lindo parque com vista para a Golden Gate de São Francisco ou em um pomar nas colinas tirolenses do norte da Itália, ele muitas vezes ficava perdido e de boca aberta com o que seus olhos e sentidos captavam.'

“Ele era muito meticuloso em sua vida, sem ser exigente com as pessoas ao seu redor”, escreve Loudon Hamilton. “Ele identificou e preferiu a qualidade.”<sup>1029</sup> Esse instinto pelo genuíno abrangia tanto pessoas quanto objetos. “Que homem horrível é esse”, comentou certa vez, depois que um visitante saiu. 'Ele conversa.'

Ele amava coisas bonitas. Sir Neil Cochran-Patrick tinha em sua casa em Ayrshire algumas belas peças de porcelana que estavam na família há muito tempo. Ele ficou surpreso quando Buchman pôde lhe dizer a origem de cada peça. Quando minha esposa e eu lhe demos uma tigela de cristal cheia de flores silvestres suíças, seus olhos brilharam com genuína apreciação. Mas o seu julgamento poderia ser anulado pelo desejo de encorajar um indivíduo. Uma certa senhora presenteou-o com uma imponente estátua de mármore italiano de uma das Musas, a ser colocada no número 45 da Berkeley Square. Alguns de seus amigos acharam isso um pouco esmagador e a Sra. Nell Glover, a talentosa mulher de Yorkshire que estava combinando a mobília da casa em um todo harmonioso, disse-lhe isso. “Isso é uma grande arte, e eu sei”, respondeu ele. 'Isso fica.' E aconteceu, num canto do hall de entrada.<sup>1030</sup>

Ele nunca comprou nenhum quadro, porcelana ou obra de arte para si. Na verdade, ele raramente comprava alguma coisa, exceto para dar aos outros. As pessoas que compareciam às festas em Oxford lembram-se melhor dele em flanelas e uma jaqueta esporte de tweed cinza em formato de espinha de peixe. Em Caux, era mais comum um terno. Seu guarda-roupa, segundo Campbell, geralmente consistia em dois ternos - um azul e outro cinza-, uma jaqueta esporte e flanela, além de vestido e roupas matinais para raras ocasiões oficiais. Havia também uma camisa velha muito apreciada e um roupão antigo. A única vez que alguém se lembra dele chorando por causa de sua deficiência foi quando ele lutou para colocar a mão paralisada naquele roupão. 'Ah, essa coisa! ', ele gritou frustrado. 'Eu sou um aleijado.'

---

<sup>1029</sup> Hamilton, notas não publicadas.

<sup>1030</sup> Ele estava certo. Quando o número 45 da Berkeley Square foi vendido, a estátua foi comprada pelo Fitzwilliam Museum, Cambridge.

Muitas vezes em sua vida ele usou roupas descartadas de outras pessoas e incentivou seus amigos a não se orgulharem demais de fazê-lo. “O seu problema é que você se recusa a ser um dos pobres merecedores”, disse certa vez a um colega escocês. No entanto, ele sempre conseguiu manter aquela aparência impecável que Begbie e Russell notaram nos anos vinte e trinta.

Ele vivia, segundo Campbell, principalmente de presentes que recebia no Natal ou em seu aniversário - ou, às vezes, de presentes pessoais que lhe eram dados durante uma conferência. O dinheiro poderia passar rapidamente por suas mãos. 'Ele olhava para você e dizia: 'Você precisa de um terno novo.' Ou se alguém lhe desse US\$ 500 no Natal, ele convocaria a equipe com ele e daria US\$ 10 a cada um.' Campbell acrescenta que nunca, durante todos os anos em que o serviu, Buchman lhe deu qualquer dinheiro, exceto um pequeno presente de Natal. 'Ele pagou as contas onde tivemos que ficar com ele. Mas sabia que servimos com a mesma liberdade que ele. Anos depois, seus presentes de aniversário poderiam chegar a somas consideráveis. Em 1958, por exemplo, foram listados presentes de 138 pessoas no valor de pouco menos de US\$ 67 mil, variando de dois presentes de US\$ 5mil a um de US\$ 5,00 de Brooks Onley, o motorista negro de um amigo, e US\$ 1,00 de Martha Lambert.

Campbell afirma que Buchman “nunca se preocupou com dinheiro”. Corderoy diz que às vezes sim. O mais perto que o ouvi de expressar tal preocupação foi em Caux, quando, diante de uma crise, ele disse: 'Sei que não deveria ter medo, mas me pergunto como conseguiremos fazer isso.' Contudo, ele nunca limitou os seus empreendimentos ao dinheiro, se houvesse, que tinha em mãos ou que poderia razoavelmente esperar.

A leitura favorita de Buchman eram os jornais. Ele lia o *The Times* sempre que podia, sempre começando pelos obituários. Seus livros favoritos eram biografias. Os diários e cartas da Rainha Vitória o fascinaram. Ele adorava informações privilegiadas sobre figuras públicas – inclusive fofocas – embora não as repassasse. Ele estava interessado em qualquer coisa que lhe desse a sensação de um país, um governo ou uma comunidade. Os países, para ele, eram as pessoas que neles conhecia. Às vezes, isso lhe dava uma visão distorcida, mas geralmente as notícias colhidas de vários ângulos o mantinham muito bem-informado.

O que John Wood lembra principalmente é o “deleite pela vida, um deleite pelas festas” de Buchman; um deleite nas cidades e nos cafês, um deleite no que estava

acontecendo”. Ele nunca resistiu a um desfile, a uma banda ou a uma procissão. Tinha que ir ver e levava todos que quisessem ir junto. Também gostava de almoços ou jantares públicos, porque o ajudavam a sentir o clima de um país ou de uma comunidade, além de lhe darem a oportunidade de conhecer pessoas. Não que ele quisesse conhecer todo mundo, por mais “ilustres que fossem”. Quando seu anfitrião quis apresentá-lo a Anthony Eden, no auge da popularidade de Eden, ele não se interessou. “Não é nosso trabalho ajudar cães mancos em stiles”, disse ele.

Ocasões e locais públicos também lhe proporcionavam uma pausa bem-vinda numa vida de equipa em que estava sempre rodeado de pessoas que queriam consultá-lo. Certa noite, no início de 1946, ele disse a Corderoy que precisava sair do número 45 da Berkeley Square. 'Eu me sinto enfiado aqui. Na Brown's sempre havia gente nova indo e vindo. Eles foram ao Berkeley Grill, onde Lorde Bossom apareceu e os convidou para jantar com ele. Bossom estava muito preocupado com o carvão e disse ter visto o primeiro-ministro, Clement Attlee, que também estava preocupado. Buchman mencionou *O Fator Esquecido*. Onde ele poderia colocá-lo na Londres em ruínas? *The Cripplegate*, perto de St. Paul. Ainda está entre os escombros e está vazio”, disse Bossom. “Bom, foi uma noite bem passada”, disse Buchman enquanto voltava mancando para *Berkeley Square*. Depois, olhando para as janelas iluminadas da casa, ele disse: “Só a história mostrará se estávamos certos ou errados ao ocupar aquele lugar”. Nos vinte anos seguintes, outros centros em outros países foram cedidos ou adquiridos, e Buchman os acolheu e até os iniciou. Mas nunca perdeu um pouco de nostalgia pela vida mais livre de um hotel, onde podia conhecer pessoas inesperadas e ver o mundo passar. 'Você nunca o entenderá', disse um dos primeiros associados, 'a menos que se lembre de que ele foi criado em um hotel bem perto dos trilhos da ferrovia.'

Nos Estados Unidos, nas décadas de 1940 e 1950, ele nunca perderia o programa de Charlie McCarthy no rádio, se pudesse evitar. O que ele gostou, segundo Campbell, foi o tratamento irreverente dispensado aos grandes pelo manequim de Edgar Bergen. Na verdade, ele tomaria medidas extremas para ouvi-lo - escapando de uma reunião importante, interrompendo uma entrevista com um magnata do cinema, desaparecendo com a imitação mais próxima que conseguisse do seu invisível movimento prateado dos anos trinta. Um dia ele ouviu o programa e sua repetição e então comentou: 'Charlie deve vir para Caux!'

Três de seus amigos, Campbell, Cece Broadhurst e Charles Haines, costumavam apresentar seu próprio 'show de McCarthy' em festas, zombando dele e de outros colegas com bochechas afetuosas ou pontiagudas. Broadhurst e Richard Hadden,<sup>1031</sup> um pianista talentoso em tudo, de Chopin ao jazz, também apresentaram uma apresentação temática que o encantou. As noites cheias de humor hilário e muitas vezes brilhante eram uma característica da vida ao seu redor e um elemento frequente em festas e conferências. Buchman ria e ria, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto, enquanto as pessoas temiam que ele pudesse cair da cadeira. “Aquilo foi pura diversão”, comentou ele depois de uma dessas noites.

Por outro lado, ele também gostava de ficar sentado em completo silêncio com os amigos. Um de seus colegas franceses, Michel Sentis, lembra-se de uma noite em Caux, quando ficaram sentados por uma hora olhando o sol se pôr sobre o lago e tingir as montanhas em frente, “sem dizer nada, apenas aproveitando o silêncio”. Não houve necessidade de dizer nada, porque estávamos cientes da terceira pessoa acima de nós dois que mantinha a conversa. Certa ocasião, sentado com alguns amigos, ele pensou: “Deus esteja na minha cabeça. Enquanto Deus estiver na minha cabeça, posso dar boas risadas.”<sup>1032</sup> Em outro, com Campbell, Austin e Martin, ele disse: 'Sou um homem velho de 72 anos e estou feliz por ter você comigo. Não são muitos os velhos que têm amigos como você.

Ele não era musical e não gostava de concertos sérios. Só ia por causa de algum convidado ou, mais frequentemente, de algum amigo músico, como Artur Rodzinski. Ele gostava de algo com batida e melodia. “Essa música é linda”, disse ele quando uma marcha de Souza tocou no rádio. “Isso é música, eu entendo.” Depois de um concerto de Gracie Fields, que ele aproveitou ao máximo, Buchman comentou pensativamente: “Não acho que seria um sucesso como cantor de concertos”. Naquela noite ele rezou por Gracie Fields e para que Capri, onde ela morava, fosse “limpa”.

Ele usou muito a música vocal em seu trabalho, tanto um refrão quanto vários trios e quartetos, especialmente os três californianos “Irmãos Colwell” com suas espirituosas canções atuais. Um dia, um diplomata veio almoçar com Buchman e foi devidamente

---

<sup>1031</sup> Hadden e sua esposa, Frances Roots, foram os primeiros pianistas ocidentais a dar concertos na China comunista após a revolução cultural.

<sup>1032</sup> Diários de Martin, 28 de junho de 1951.

entretido pelo coro com várias canções edificantes sobre o seu país. “Ele acordou quando a cantoria começou”, relata um dos participantes. 'Quando ele saiu, Frank assumiu o treinamento do coro. Eles aprenderam "Stars in My Crown", que cantavam lenta e suavemente. Então Frank agitou os braços com grande efeito e treinou-os como cantar. Ele também insistiu que as palavras de "The Longest Porch" fossem audíveis. Para quem afirma não apreciar música, ele fez um trabalho maravilhoso com eles.<sup>1033</sup>

O teatro que ele sempre amou. Suas cartas da Filadélfia, na década de 1890, anunciavam que ele tinha visto Henry Irving e Ellen Terry em Robespierre e Bernhardt como Ophelia - "Pense nisso, a atriz mais notável do mundo", muitas vezes a principal expressão de sua mensagem - provavelmente o primeiro líder espiritual a fazê-lo em tal escala desde a Idade Média. A ideia lhe ocorreu quando, em 1937, ele viajou de uma festa em Brighton para Londres para ver a peça *Great Possessions*, de William Douglas-Home, na qual o Grupo de Oxford foi tratado com humor não cruel. Ele levou consigo um jovem formado em Oxford e, na viagem de volta, surpreendeu-o ao dizer: "Você escreverá as peças de que o mundo e nós precisamos". Esse homem nunca escreveu uma peça, mas mais tarde apresentou Peter Howard ao Rearmamento Moral, que posteriormente escreveu muitas. O outro principal dramaturgo entre os colegas de Buchman foi Alan Thornhill, com quem ele havia conversado sobre teatro quando se conheceram, na década de 1920.

Phyllis Austin, que trabalhou com alguns dos principais diretores de teatro e cinema, era da opinião de que ele teria sido um grande diretor. “Seu timing foi impecável e todas as suas sugestões foram diretas”, disse ela. Ele nunca conseguiu entender, entretanto, a necessidade de ensaio. 'Onde você esteve?' ele perguntava indignado a Campbell, que muitas vezes agia além de seu tratamento médico, quando ele voltava de uma sessão cansativa. Para ele, uma peça estava pronta para entrar no palco quando era escrita, assim como suas secretárias descobriram que muitas vezes ele parecia esperar que uma carta, uma vez ditada, já estivesse datilografada. Cece Broadhurst disse-lhe uma manhã que teve uma ideia para um musical. 'Tudo bem', disse Buchman, 'podemos comer esta noite?'

Tirar férias ou tirar uma folga não teria ocorrido a Buchman. Ele foi embora para ambientes mais calmos quando sua saúde assim o exigiu: Bunny e Phyllis Austin descrevem um desses 'descansos' na Itália quando Buchman tinha 77 anos. Pela primeira vez, a festa foi

---

<sup>1033</sup> *ibid.*, 10 de maio de 1951.

pequena - Buchman, os Austin, Paul Campbell e Jim Baynard-Smith, um de seus assistentes pessoais. Eles ficaram em um hotel. Buchman estava com poucas forças, mas queria manter contato com seus amigos em outras partes do mundo. Austin mencionou precipitadamente que sabia digitar um pouco. Instantaneamente, Buchman começou: 'Então anote isso - "Querido...". E durante dias Austin e Campbell lutaram com a máquina de escrever, Buchman ditando praticamente sem parar para primeiros-ministros, presidentes, o padre na Ilha de Mackinac, o cozinheiro na balsa da ilha e uma infinidade de outros.

Ao seguir esse método de não fazer nada, Buchman também fez amizade com a administração e a equipe do hotel. Mario, o garçom que trazia seu café da manhã todas as manhãs, chegou um dia aos prantos. Seu pai havia morrido. O próprio Buchman foi de carro até a aldeia de Mario, subiu os degraus de madeira até a sala de estar e passou duas horas com Mario e sua família. Outro garçom escapou três vezes das câmaras de gás durante a guerra, viveu de raízes e grama durante semanas e ingressou no Partido Comunista depois da guerra. Ele e Buchman tiveram longas conversas e um dia ele disse a Phyllis Austin: 'Eu estaria disposto a morrer por aquele homem'. O gerente e sua mãe de noventa anos, a empregada, tornaram-se amigos.

À medida que as forças de Buchman voltavam, outros amigos começaram a vir vê-lo e, quando a árvore de Natal e a creche foram colocadas, comunistas, membros da realeza, senhoras idosas e meninos pequenos reuniram-se em torno deles com Buchman e seu grupo. A camareira, encontrando-se mais tarde com alguém da família real, disse alegremente: 'Olá, Sra. Queen!'<sup>1034</sup>

Foi durante este 'feriado' que Buchman encontrou novamente o rei Miguel da Romênia. É claro que eles se conheciam desde a infância, quando Buchman visitou sua avó, a rainha Maria, em Bucareste. Desde então, ele foi rei duas vezes, primeiro de 1927 a 1930, na ausência de seu pai, e depois de 1940 a 1947, após a morte de seu pai. Neste último período, ele derrubou a ditadura fascista de Antonesco, mas foi forçado ao exílio pelos comunistas em 1947. Agora, em 23 de dezembro de 1955, veio tomar chá com Buchman, junto com sua mãe, a rainha Helen, e sua esposa, Rainha Ana. Sobre essa época, o Rei Michael escreve: 'Uma coisa de que me lembro tão bem do carinho de Frank foi minha própria experiência depois de encontrá-lo novamente em 1955. Com minha tristeza e

---

<sup>1034</sup> Austin e Konstam, pp.

infelicidade por ter perdido meu país, minha amargura cresceu por causa de um sentimento de não pertencimento. Depois do nosso encontro, senti que esse grande fardo foi retirado da minha mente e da minha alma. Percebi que nenhum problema era grande ou pequeno demais para ele. O maior ou o menor problema na vida de outra pessoa recebeu dele o mesmo cuidado amoroso.<sup>1035</sup> Depois disso, ele e sua esposa fizeram visitas frequentes a Caux de sua casa em Genebra e participaram de várias atividades do RAM durante a vida de Buchman e depois disso.

Sentar-se junto a um presépio no Natal era uma das grandes delícias de Buchman. Ele, às vezes, ficava sentado por longos períodos olhando para ele, vivendo uma experiência além dos sentidos, comentando ocasionalmente consigo mesmo: 'Não é maravilhoso? Não é maravilhoso? A experiência espiritual nunca deixou de enchê-lo desse sentimento de admiração. Ele sempre prolongava o "Natal" o máximo possível, às vezes deixando a árvore montada por semanas. E a passagem de ano fez parte do misto de celebração e reflexão. "Eu costumava ir à igreja com minha mãe para o culto noturno", disse ele certa vez. 'Chamávamos isso de 'busca do coração'. Costumávamos pensar no ano passado e no futuro. Era uma noite solene.

A força do efeito de Buchman sobre as pessoas pode ter surgido em parte da sua capacidade de concentração no momento presente e na pessoa presente. Amigos dizem que onde quer que alguém estivesse com ele, ele vivia como se fosse ficar lá para sempre e tratava cada amizade como se fosse permanente, apesar do fato de que ele poderia não estar naquele lugar há anos e nunca mais voltar de novo. Também em termos de pessoas, ele criou a sua casa à sua volta, onde quer que estivesse.

Buchman gostava da companhia das crianças e as levava a sério. Ele disse a uma mãe que estava muito ansiosa para que sua filha se comportasse bem, para parar de reprimi-la, e insistiu em deixar a menininha tagarelar durante todo o longo trajeto de carro que ele fazia com a família. Ele sentou-se com uma menina de doze anos que se sentia sobrecarregada e em quarenta e cinco minutos contou-lhe a história do movimento sindical, cobrindo os Mártires de *Tolpuddle*, os direitos dos trabalhadores, as horas de trabalho, e depois disse: 'Adeus, tenha um bom mandato. "Fiquei tão feliz que ele me tratou como uma adulta", ela disse. Uma garotinha, participando de uma conferência com seus pais, quebrou seu cavalo

---

<sup>1035</sup> Crossroad/ Encruzilhada.

de brinquedo e imediatamente saiu em busca do “Tio Frank – ele é o homem mais forte daqui”. As crianças enviavam-lhe cartas, cartões de Natal e mesadas, e cada uma recebia uma resposta pessoal.

Junto com o coração caloroso e a mente retentiva vinha um temperamento explosivo. Às vezes ele estava certo, às vezes ele estava errado. Às vezes ele pedia desculpas, às vezes não. As pessoas às vezes achavam que ele era uma pessoa desconfortável de se conviver, porque era imprevisível. Mas o temperamento, ou mesmo a raiva, eram frequentemente sinais de amizade e preocupação. Perguntei a Campbell, que o via mais do que qualquer outra pessoa, com que frequência Buchman perdia a paciência. “Muito raramente, na verdade”, ele respondeu. “E era um homem difícil de ficar zangado porque se sentia que o motivo dele era geralmente altruísta”, acrescentou. — Ele não gostava de certas coisas, mas não ficava bravo.

De acordo com Corderoy, a imprevisibilidade de Buchman não era um capricho, mas muitas vezes uma travessura. Certamente ele tinha um senso de humor vivo. “Você mudará mais pessoas puxando as pernas do que chutando o traseiro”, disse ele. E ele não se levava muito a sério. Ele comentou sobre um retrato que havia sido pintado dele: 'Oh, está em algum porão agora, e de vez em quando os ratos saem e dão uma olhada nele!'

Buchman, entretanto, levou seu trabalho a sério. Uma de suas principais aversões era o “eufemismo”. Lembro-me dele chamando alguns de nós, britânicos, de lado em nossa primeira visita à América e dizendo que, a menos que disséssemos as coisas em alto e bom som, ninguém nos ouviria. Não é que ele desejasse que exagerássemos - Russell comenta em *For Sinners Only/ Somente para Pecadores* que ele muitas vezes ouvia Buchman contar as mesmas histórias, mas nunca o ouviu alterá-las na menor maneira para causar efeito - mas ele sentia que desonrávamos a Deus se de alguma forma subestimávamos o que Ele havia feito em nossas vidas ou em qualquer situação. “Fale direito, mas nunca além da sua experiência”, ele costumava dizer.

Suas exortações podiam, no entanto, levar a exageros por parte de colegas que tentavam agradá-lo, e às vezes por parte do próprio Buchman, quando repetia as avaliações de outros sem que fossem pesquisadas. Algo que era um fator importante na solução de um problema tornava-se, na linguagem comum, a resposta para todo o caso. Nos seus discursos, teve o cuidado de raramente ou nunca fazer declarações pessoais sobre tais situações, mas citava as opiniões públicas de políticos, jornais ou outras autoridades locais. Mas em seus

discursos posteriores, redigidos por outros, embora sempre lidos e alterados por ele, às vezes eram percebidas imprecisões. Num discurso, por exemplo, foi dito que o *Times* da Índia tinha “publicado uma página inteira” de notícias do RAM quando na verdade o Rearmamento Moral as tinha inserido como um anúncio pago de página inteira. O editor do *Times* da Índia salientou isto, muito acertadamente, numa carta ao *London Times*<sup>1036</sup>. Tornou-se quase um incidente internacional. Quando me encontrei novamente com o redator do discurso, perguntei-lhe como tinha sido cometido um erro tão tolo.

“Erro?” ele disse. “Foi publicado pelo jornal. É o que dizem na América.”

Após pequenos incidentes como este, os adversários de Buchman, com quase monopólio da imprensa em alguns países, construíam a ilusão de que todas as conquistas atribuídas a Buchman - e que ele atribuía a Deus - eram exageros, se não puras mentiras. O que tornou isto particularmente irônico foi o fato de, ao nível mais profundo, tais “resultados” significarem pouco para Buchman pessoalmente. Ele sentia uma tremenda urgência de levar a potência e a relevância de Deus a todos, e que muitos estavam tão secularizados que só prestavam atenção aos resultados práticos - mas esta mesma urgência por vezes fornecia munições que derrotavam as suas próprias intenções.

Houve momentos em que Buchman sentiu-se abalado em sua crença de que Deus o havia abandonado.

- “Estou perdido”, disse ele num desses períodos.

- Eu ficaria surpreso se você não estivesse às vezes, respondeu a pessoa que estava com ele.

Este sentimento é bem conhecido de quem procura orientar a sua vida para Deus. No caso de Buchman, ele também estava muitas vezes em terreno desconhecido, buscando o próximo passo para alguma pessoa ou um grande grupo de pessoas. Além de se sentir perdido, ele frequentemente sentia medo. 'Sem medo' se repete constantemente em seus pensamentos escritos ou ditados. Certa vez, no meio de uma reunião, ele disse de repente:

- 'Ah, não tenha medo, é tão estúpido', levantou-se e sacudiu-se para se livrar disso.

Parece ter sido uma mistura de medos humanos comuns – de cometer erros, fazer planos errados, perder a direção de Deus – e um medo mais místico. 'Você teme o amor de Deus?' um amigo uma vez perguntou a ele. “Sim”, ele respondeu, com ênfase. Este é um

---

<sup>1036</sup> Os tempos, 27 de junho de 1960.

medo presumivelmente conhecido apenas por aqueles que se aproximaram o suficiente do amor de Deus para compreender o seu poder. E não há dúvida de que a relação com Deus foi aquela que Buchman mais assiduamente cultivou para si mesmo e que mais urgentemente quis partilhar com outras pessoas.

Ele estava disposto a sentir e encarar uma perda. 'Acordado, como o pássaro no galho, com a boca aberta, olhos e ouvidos bem abertos, às vezes parecendo absolutamente gagá no meio da multidão, mas profundamente em paz, ouvindo para captar o mais leve sussurro de Deus', Baynard-Smith o descreve num coquetel festas ou recepções diplomáticas. 'Então, como a vela enchendo, ele partiu em uma nova direção, mente e corpo curvando-se à brisa predominante de orientação, correndo a todo vapor, livre. Essa foi a impressão que ele causou, totalmente indiferente ao que os outros poderiam pensar dele.

O que mais satisfiz Buchman foi sentar-se calmamente e procurar a mente de Deus. Ele gostava de fazer isso com outras pessoas, mas também passava muito tempo fazendo isso sozinho. Os pensamentos muitas vezes lhe ocorriam durante os períodos de vigília durante a noite. Depois do derrame, quando não conseguia escrever, sempre tinha uma campainha ao lado da cama. “A campainha tocava às duas ou três da manhã”, diz Campbell. 'Muitas vezes suas primeiras palavras seriam: 'Qual é a sua orientação?', quando você não conseguia nem ver direito. Ele estava ouvindo a Deus e presumiu que você estava fazendo o mesmo. Eu costumava ficar tão irritado. Então ele ditava - geralmente pensamentos gerais sobre planos ou pensamentos para prosseguir ou interromper alguma atividade. Ele nunca me ditou pensamentos que tinha para outras pessoas. Ele contaria isso diretamente à pessoa em questão no dia seguinte ou por carta. Pode haver apenas uma nota, “Veja X”.

Depois voltava a dormir, às vezes acordando para planejar o dia com um grupo maior de colegas às sete ou sete e meia, às vezes acordando apenas às nove com as palavras: 'Agora vamos tomar café da manhã'. Tudo dependia do que ele estivera fazendo na noite anterior. «Mas», diz Campbell, «ele poderia igualmente chamar alguns colegas às cinco da manhã e começar a trabalhar. Nos últimos anos, a noite e o dia começaram a perder o seu significado. Mas todos os dias de sua vida ele gostaria que você lesse a Bíblia para ele, em primeiro lugar - sempre um salmo e muitas vezes o Novo Testamento também.<sup>1037</sup> Ele sempre queria que você orasse com ele na hora de dormir. Ele mesmo não orava com frequência. Ele estava

---

<sup>1037</sup> Os favoritos eram Salmos 23, 32, 103 e 121, 2 Timóteo 2 e João 17.

muito exausto. Ele faria com que você fizesse isso. Ele orava outras vezes, pelo seu país ou pelo seu povo, mas era mais um homem ouvinte. “Um ótimo dia, sublinhado três vezes” era um pensamento comum. Ele tinha grandes expectativas. 'Eu entendo isso à minha maneira americana', disse ele um dia a um amigo: '69 vezes um grande dia de poder.'

A comunhão de Buchman com Deus, a sua “orientação”, não era, evidentemente, apenas uma questão de manhã cedo. Ele não dividia a vida em momentos de escuta e outros momentos. Ele tentava estar constantemente atento, esperando a qualquer momento “uma nova revelação”. Numa grande decisão, segundo Campbell, ele frequentemente incluía um grande número de pessoas, ouvindo o que acontecia a todos, especialmente os mais jovens e os mais novos, pesando cuidadosamente cada contribuição, mesmo que tomasse a decisão final. Havia também aquele olhar perdido e de busca que Grevenius observou na Suécia e Baynard-Smith observou em recepções públicas. Muitos vivenciavam esse processo de busca mais intimamente ao consultá-lo sobre assuntos pessoais.

A Sra. van Beuningen, que esteve na América durante 1939 e início de 1940, queria retornar à Holanda assim que a Noruega e a Dinamarca fossem invadidas em 9 de abril de 1940. Ele ressaltou a ela que as coisas específicas que ela tinha recebido instruções para tentar e fazer não haviam sido concluídos; eles ouviram e ela ficou. Encontrando Buchman novamente em Nova Iorque um pouco mais tarde, ela lhe disse que agora sentia que deveria ir para casa. Ele ficou em silêncio. Então, ele disse: 'Sim, é hora de ir.' Ela queria voltar por Roma e ver o Papa, a quem teve excelentes apresentações. 'Não. Não dessa vez. Vá direto para casa’, respondeu Buchman. Ela o fez e chegou à Holanda no dia 9 de maio, dia em que o país foi invadido. O seu trabalho durante a guerra salvou a vida de centenas de prisioneiros de guerra.<sup>1038</sup>

Um amigo americano que estava com ele na Europa ouviu dizer que a mãe dela estava doente, mas que não havia pressa em voltar. Ela conversou sobre isso com Buchman e eles ouviram juntos. “Vá”, disse Buchman. 'Vá imediatamente.' Ela não foi imediatamente e já era tarde demais.

Corderoy descreve Buchman como “uma pessoa em crescimento – não perfeita, mas sempre em crescimento”. O homem que se recusou a ser confinado às suas tão queridas origens holandesas da Pensilvânia e aos métodos tradicionais do estabelecimento missionário

---

<sup>1038</sup> Charlotte van Beuningen: Um Novo Mundo para meus Netos (Himmat Publications, 1969), pp.

americano na China, que só chegou a Oxford aos quarenta e poucos anos, lançou o Rearmamento Moral aos sessenta ou falou em termos de uma ideologia moral e espiritual até os sessenta e cinco anos, estava sempre em busca de novos insights e novos impulsos. 'Ainda não exploramos as grandes fontes criativas da Mente de Deus', disse ele ao lançar o Rearmamento Moral em East Ham, e no último ano de sua vida ele disse a um amigo: 'Estou aprendendo mais sobre o Rearmamento Moral todos os dias.'

A maioria das pessoas pensava no Grupo de Oxford e no Rearmamento Moral como movimentos que ele fundou - uma noção que ele negou veementemente. Sobre o Grupo de Oxford, ele costumava dizer: 'Você não pode ingressar nele e não pode renunciar. Você está dentro ou fora de acordo com a qualidade de vida que está vivendo a qualquer momento. Às vezes eu mesmo estou fora disso.'

Quando, em 1948, o astro de cinema Joel McCrea perguntou: 'Bem, Frank, como vai o RAM?' ele respondeu pensativamente: 'Ah, acho que ocasionalmente ilustramos isso.'

Um dos que estavam com ele comentou-lhe enquanto voltavam para casa: 'Parece que tenho uma concepção de Rearmamento Moral diferente da sua. Pensei que você tivesse fundado isso.'

“Não, descobri – descobri”, respondeu Buchman imediatamente. 'Todos podem ser codescobridores.'

“Suponho que o futuro do Rearmamento Moral, tal como você o concebe, está nas suas ilustrações futuras”, disse este companheiro mais tarde naquele dia.

“Claro”, disse Buchman. 'É propriedade de Deus, não minha.'

Em Garmisch-Partenkirchen, alguns meses depois, ele contou a vários colegas um pouco mais sobre como via a situação: “Em Keswick experimentei os processos recuperativos e restauradores de Deus. O Rearmamento Moral é um desses momentos na vida de qualquer pessoa. O seu futuro está nesses momentos que ocorrem no futuro, em vidas diferentes, em países diferentes, sendo o resultado ilustrado nas circunstâncias nacionais. É a continuidade de tais momentos na vida de todos os tipos de pessoas, cujo resultado por vezes afeta os governos... A irmandade pode encarar com entusiasmo a aventura de receber mais divulgações.

'O Reino de Deus simboliza uma experiência definida diretamente observável por outra pessoa, mas não facilmente descrita. O que é observável é uma paz, uma confiança,

uma recuperação da liberdade e espontaneidade de pensamento, de vontade e de coragem. Isso não se pode conectar! Você tem que experimentar por você mesmo.'

“Com o mundo ainda em construção”, acrescentou, “o que pretende o Rearmamento Moral refazer? Refazer o que está errado? É mais do que isso. É adicionar ao que é certo. Está dando origem a alternativas relevantes ao mal na economia, na política governamental e assim por diante. É buscar a experiência de Deus para a raça humana e estar aberto a todos”.

Um ano antes de sua morte, doente e exausto, ele reclamou um dia: 'Não vou durar'. Então, ele se animou e disse: 'Estava aqui antes de eu chegar. Acho que estará aqui depois que eu partir.

**‘BUCHMAN KI JAI!’**

Ao longo dos anos, Buchman manteve contato com Mahatma Gandhi. Quando ele estava em Londres para a Mesa Redonda de 1931, foi tomar chá com Buchman no Brown's com seu filho Devadas. “Frank percebeu que meu pai nunca carregava dinheiro com ele, na verdade ele não podia porque estava vestido com seu dhoti que não tinha recipiente para isso”, Devadas disse a Michael Barrett anos depois. “Quando chegamos ao Brown's Hotel, Frank estava esperando na calçada com o dinheiro para o táxi, além de uma gorjeta para o motorista. Depois do chá, ele colocou meu pai em outro táxi e pagou ao motorista a passagem até o East End de Londres, mais gorjeta. É por isso que sempre mando meu carro para buscá-lo no aeroporto quando ele passa pela Índia.

Buchman e Gandhi também mantiveram correspondência em vários momentos.<sup>1039</sup> No geral, porém, Buchman manteve seu contato por meio de amigos em comum como Charles F. Andrews e Metropolitan Foss Westcott, e colegas como Roger Hicks, Bishop West e a professora birmanesa. Ma Nyein Tha, que visitou Gandhi em seu ashram. Ocasionalmente, Gandhi fez críticas ao trabalho de Buchman. No entanto, Hicks - que passou muitos anos na Índia e permaneceu no ashram por semanas a fio - contou a Gandhi sobre as mudanças de caráter em certos funcionários britânicos, notadamente Lionel Jardine, então Comissário da Receita na Província da Fronteira Noroeste, e o efeito desta mudança em trazer a paz entre hindus e muçulmanos. Hicks escreve que quando eles se encontraram novamente em maio de 1940, 'Gandhi me lembrou das histórias que eu lhe contei sobre Jardine e disse que pediu a Khan Sahib, o ministro-chefe da província, que as investigasse e "eram todas verdadeiras". Ele considerou que esta era a coisa mais importante que vinha do Ocidente hoje. Se os motivos e a conduta dos homens pudessem ser mudados, o tabuleiro de xadrez ficaria perturbado e tudo poderia acontecer. Ele me pediu para ir ver o vice-rei e dizer-lhe que, se esse espírito prevalecesse, a Índia e a Grã-Bretanha seriam capazes de chegar a um acordo imediatamente.'<sup>1040</sup>

---

<sup>1039</sup> Esta correspondência é mencionada em outros artigos, mas está perdida.

<sup>1040</sup> Roger Hicks, MS autobiográfico não publicado, capítulo 6, 'Living with Mahatma Gandhi'.

Buchman tinha uma simpatia natural pelos países recém-independentes da Ásia e, em 1952, aceitou convites para levar uma equipe internacional à Índia, Ceilão e Paquistão. O convite indiano veio em setembro de 1950 de dezoito personalidades ilustres chefiadas por G. L. Nanda, então Ministro do Planejamento em Delhi.<sup>1041</sup> O primeiro-ministro do Ceilão, Dudley Senanayake, e membros de seu governo e da oposição enviaram um convite semelhante, e os ministros paquistaneses repetiram o que foi dado pessoalmente a Buchman por Mohammad Ali Jinnah - e aceite por ele - durante as conversações sobre a independência em Londres.

Não é fácil determinar exatamente quando a aceitação desses convites por Buchman foi conhecida por seus colegas. De qualquer forma, vazou em Caux durante agosto de 1952 a notícia de que Buchman pretendia partir em 10 de outubro. Entretanto, decorriam discussões com vários “especialistas” indianos sobre a escala do empreendimento. Alguns sugeriram a Buchman que algumas dúzias de pessoas eram o máximo que poderiam ser acomodadas. Hicks, retornando de dois anos no subcontinente, defendeu cinquenta e recebeu a resposta: 'Estamos levando duzentas pessoas e cinco peças'. No evento, foram realizadas apenas três jogadas de RAM, mas estas envolveram oito toneladas de equipamentos.

As coisas agora começaram a acontecer rapidamente. A KLM ofereceu um DC6, e os holandeses que estavam em Caux prometeram a tarifa fretada. O primeiro carregamento de avião tornou-se em grande parte uma questão de “porta-vozes” e da tripulação avançada, e de pessoas que pudessem responder afirmativamente à pergunta: “Você foi vacinado e pode partir no sábado?” Trinta e cinco nações estiveram representadas.

Na noite anterior à partida, Buchman ofereceu um jantar para os trabalhadores empregados em Caux e suas esposas - pedreiros, estucadores e faxineiros - juntamente com o carteiro, o chefe da estação e um ministro egípcio que ainda estava lá. “Característica da fala de Buchman”, observou Morris Martin. 'Humor, valorização dos trabalhadores, mais humor, o alcance mundial de Caux, além de uma medida de desafio pessoal e de esforço.' Depois anunciou que estava a dar presentes aos “bons filhos”, que eram quatro casais recém-

---

<sup>1041</sup> Outros membros do comitê de convite incluíam R. K. Patil e G. L. Mehta, membros da Comissão Nacional de Planejamento; Khandubhai Desai, presidente do Congresso Sindical Nacional Indiano; Sir Lakhshmanaswami Mudaliar, vice-chanceler da Universidade de Madras; Dr. B. C. Roy, ministro-chefe de Bengala Ocidental; K. M. Patnaik, Presidente da Assembleia Legislativa de Orissa; Dr. Sampuranand, Ministro da Educação nas Províncias Unidas; A. N. Sinha, Ministro do Trabalho em Bihar; J. R. D. Tata, Presidente da Tata Industries.

casados entre os seus trabalhadores a tempo inteiro. Depois disso ele convocou 'os logo casados'. Isto provocou ainda mais entusiasmo, pois naquele dia dois casais ficaram noivos. Então Buchman disse que outro casal estava prestes a acontecer, mas que “o jovem ainda está lá em cima pedindo casamento”. Quando a dupla radiante chegou, os aplausos foram formidáveis.<sup>1042</sup>

Foi um dia longo, cheio de decisões e que terminou depois da meia-noite, mas Buchman saiu do quarto para o aeroporto às 6h30 da manhã seguinte. No caminho para a porta da frente, ele exclamou de repente: “Clutterbuck. Ele vem esta semana. Não se esqueça de Clutterbuck! Um rápido trabalho de detetive revelou que ele se referia a um certo Sr. Puttkammer, da Ilha Mackinac, e o carro partiu.

A primeira parada foi no Cairo. No aeroporto, Buchman foi recebido por um funcionário que disse que o primeiro-ministro, general Neguib, gostaria de recebê-lo às 8h30 daquela noite. Entretanto, o Dr. Abdel Khalek Hassouna, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros e mais tarde Secretário-Geral da Liga Árabe, visitou Buchman na hora entre o regresso de Gaza e o voo para as Nações Unidas em Nova Iorque.

Neguib estava ansioso para ouvir as notícias recentes do Rearmamento Moral. Depois de meia hora, ele perguntou: 'Você me daria a honra de jantar comigo? Se for mais conveniente para você, providenciarei isso no seu hotel. Assim começou uma longa noite durante a qual o General se encontrou com muitos colegas de Buchman. Depois do jantar, ele perguntou: "O que o senhor faria, Dr. Buchman, com um garotinho que não é uma criança problemática, mas tem muita vitalidade e não gosta de livros - e eu quero que ele goste de livros?"

“Deixe-o ler os livros que quiser, não aqueles que você acha que ele deveria ler”, respondeu Buchman. 'Você deve atrair o interesse dele. Então faça com que ele mude os outros. O garoto comum não tem o suficiente para fazer. Não faça coisas por ele. Atire nele na vida de outras pessoas. Tenho comigo o filho de um ministro das Relações Exteriores<sup>1043</sup>. O pai dele dirige a OTAN, mas ele teve dificuldade em dirigir o filho. Diante disso, Neguib jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada alta. Na manhã seguinte, ele estava no aeroporto às 8h para se despedir de Buchman.

---

<sup>1042</sup> Martin, relato de viagem à Ásia.

<sup>1043</sup> Ole Bjørn Kraft, Ministro das Relações Exteriores da Dinamarca, Presidente da OTAN 1952-3.

Mais uma vez foi um longo dia para alguém cuja saúde estava tão precariamente equilibrada quanto a de Buchman. Alguns dias daquele verão ele foi registrado por Campbell como “cheio de energia”. Em outros, ele só conseguia ficar deitado na cama, e Campbell diagnosticou “perigo de insuficiência cardíaca sempre que não está deitado”. Dois dias antes de partir de Caux, uma mulher que limpava sua sala de estar o ouviu dizer em voz alta na casa ao lado: 'Senhor, não posso fazer isso. Eu não posso fazer isso. Jim Baynard-Smith, um antigo oficial do exército e ajudante-de-campo do Governador do Sudão, que iniciou o seu período de cinco anos cuidando das necessidades pessoais de Buchman nesta viagem, ficou surpreendido com a sua resiliência. “Às vezes ele parecia completamente acabado”, diz ele, “mas duas horas depois ele reviveu de repente. Acho que tem algo a ver com o fato de ele gostar das pessoas. “Ao contrário de alguns de nós”, acrescentou Baynard-Smith, “ele nunca se recolhia quando estava cansado. Ele teve o bom senso de ir para a cama. Ele dizia: "Oh, vocês devem fazer isso. Vocês têm energia. Odeio como pecado ir para a cama, mas vou."

Depois de uma noite tranquila em Karachi, o grupo desembarcou em Colombo para ser recebido no aeroporto. Buchman e Baynard-Smith descobriram que estavam sendo cuidados em seu hotel pelo carregador que sempre cuidou do pai de Baynard-Smith quando ele visitava Colombo vindo de sua plantação de chá. A partir da conversa que se seguiu, Buchman teve a ideia de ir às colinas para visitar a cidade sagrada de Kandy e encontrar os amigos fazendeiros dos Baynard-Smiths. O modo de vida deles o interessou e divertiu. “Se eles tivessem verdadeiros madrugadores, teriam menos drinques ao pôr do sol”, comentou ele. Ele também viu sua qualidade e potencial. “Nada teria maior poder aqui do que um humilde inglês que admitisse os seus erros”, acrescentou. Depois de quatro dias ele voltou, relaxado, embora com uma aparência um pouco dilapidada, anunciando que havia começado a sentir o clima do país.

A sua equipe, entretanto, estava a entrar na vida de Colombo a vários níveis, desde as fações estalinistas e trotskistas nos sindicatos dos estivadores até aos dignitários do comitê de convite. Eles disseram a Buchman em seu retorno, entretanto, que as peças seriam apresentadas no Salão da Associação Budista de Jovens, embora o melhor lugar fosse o Teatro Regal, agora um cinema e com lotação completa. “Querido Senhor, viveremos algum dia com esta baixa taxa de mortalidade!” explodiu Buchman. 'As coisas devem ser melhores, absolutamente melhores, MELHORES!' Um grupo foi enviado para encontrar os pesos

pesados do comitê de convites, todos descobertos na festa de aniversário de Sir John Kotelawala. Uma carta deles garantiu o lançamento do cinema – por um preço. Eles ficaram discutindo sobre isso com o gerente, enquanto Buchman se alegrou por eles estarem entrando em ação. Surya Sena, a conhecida cantora de música folclórica cingalesa, que era secretária do comitê de convite, já tinha contado a Buchman sobre o plano do comitê de cobrar entre 3 e 20 rúpias pelos lugares nas peças. “Não, não”, respondeu Buchman. 'Não haverá cobrança em nenhum lugar do teatro... Não vim para a Ásia para receber, mas para dar.'

'Como diabos podemos cobrir as despesas de duzentas pessoas por dez dias?' protestou Surya.

“O Senhor providenciará”, disse Buchman, e, na sua autobiografia, Surya Sena observa: “Cada cêntimo da despesa foi coberto.”<sup>1044</sup>

As próprias peças - *The Forgotten Factor*, *Jotham Valley* e *Annie the Valiant*<sup>1045</sup> - foram incluídas no repertório e foram um enorme sucesso. O primeiro-ministro e seis membros do gabinete, com quarenta e três deputados e diplomatas a condizer, compareceram na primeira noite. A população sitiou o teatro, um homem caminhando quarenta e seis quilômetros e esperando seis horas na fila sob o sol quente para entrar. Todos os assentos estavam ocupados e a polícia estimou que 500 pessoas ficavam nos corredores e nos fundos para cada apresentação. Ninguém foi rejeitado.

O assunto do momento era o acordo de troca recém-negociado pelo Ministro do Comércio, R. G. Senanayake – conhecido como “China Dick” – através do qual o Ceilão deveria trocar a sua borracha por arroz chinês. O Ceilão sempre foi um exportador, não um importador, de arroz. Mas as terras de arroz tinham sido destinadas a culturas mais lucrativas como o chá e a borracha e, além disso, para poupar mão-de-obra, as sementes de arroz eram espalhadas em vez de serem plantadas da maneira antiga, reduzindo assim por vezes a colheita para cerca de um quarto da produção anterior.

Um dia, o Ministro da Alimentação convidou Buchman para assistir a uma demonstração do antigo método feita por mil mulheres nos verdejantes arrozais a noventa quilômetros da cidade. Buchman tirou os sapatos e as meias, arregaçou as calças e plantou o primeiro broto - para ele um exercício doloroso. Paul Kurowski, o mineiro alemão, e muitos

---

<sup>1044</sup> Surya Sena: *Do Sri Lanka eu canto* (Ranco, Colombo, 1978), pp.

<sup>1045</sup> Uma peça sobre a vida de Annie Jaeger.

outros visitantes seguiram o exemplo. Quando solicitado a se dirigir aos trabalhadores, Buchman disse: “O que vocês estão fazendo hoje é muito significativo. Há arroz suficiente no mundo para as necessidades de todos, mas não para a ganância de todos.<sup>1046</sup> E há outra grande verdade que quero expressar. Se todos se importarem o suficiente e todos compartilharem o suficiente, todos não terão o suficiente?”

O primeiro-ministro deu uma recepção no jardim de sua residência, Temple Trees, e Kotelawala, que logo o sucederia, fez o mesmo. As sessões da conferência que encerrou a visita contaram com a participação de ministros, líderes da oposição, diplomatas do Oriente e do Ocidente, padres budistas, missionários cristãos, plantadores e trabalhadores de chá, estivadores e o superintendente das docas, crianças em idade escolar - um grupo animado e imprevisível mistura. Em Bombaim, Buchman recebeu um telegrama do primeiro-ministro e do líder da oposição, S.W.R.D. Bandaranaike, expressando ‘profunda gratidão’. “Sentimos que chegou a hora da continuação deste trabalho na Ásia no interesse da unidade, da segurança e da paz”, dizia.<sup>1047</sup> Mas a mensagem que mais o agradou foi a de “China Dick”, que disse: “Definitivamente trouxe um alívio à tensão, mesmo no Gabinete.”<sup>1048</sup>

A viagem para Bombaim foi um descanso feliz, especialmente para a equipe de palco que trabalhava há quarenta e oito horas praticamente sem dormir. Mas nem tudo foi feriado. Na primeira noite,



Buchman plantando arroz em 1952 no Ceilão (Sri Lanka), no início de uma viagem por países asiáticos.

©David Channer/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>1046</sup> Esta frase foi amplamente atribuída a Gandhi. Na verdade, apareceu pela primeira vez no discurso de Buchman na Câmara Municipal de East Ham, em 4 de junho de 1938.

<sup>1047</sup> Dudley Senanayake e SWRD Bandaranaike para Buchman, 21 de novembro de 1952.

<sup>1048</sup> R. G. Senanayake para Buchman, data desconhecida; Martin, conta asiática.

Buchman disse a um dos membros do coro: “Na nossa última noite no mar, daremos um concerto para todos”, e pareceu surpreso quando foi informado que amanhã seria a última noite. Contudo, o concerto realizou-se, precedido de uma reiteração das regras sanitárias para a viagem. Nenhuma fruta deve ser comida a menos que esteja protegida por uma casca, e nenhuma salada deve ser consumida. Outras precauções remontavam claramente à experiência indiana de Buchman, trinta anos antes: todos tinham de usar topee - e faixa na barriga. “Isso também vale para você, Emily”, interrompeu Buchman, apontando para a venerável Sra. John Henry Hammond, nascida Vanderbilt. A ciência de Buchman pode ter sido um pouco ultrapassada, mas no final da viagem de oito meses o grupo de duzentos tinha viajado por todo o subcontinente sem quase nenhuma doença grave.

Enquanto o SS Strathmara entrava no porto de Bombaim, um grande aviso: 'Bem-vindo! A Recepção RAM' tornou-se visível e, abaixo dela, podia-se ver o prefeito de Bombaim e a maior parte do comitê convidativo de Bombaim. No dia seguinte à chegada, uma conferência de imprensa de duas horas transformou-se num debate violento sobre o Rearmamento Moral entre os jornalistas presentes, com Buchman, segundo o seu secretário, “num dos seus estados de espírito sorridentes e silenciosos, sentado feliz no fogo cruzado”.<sup>1049</sup>

As opiniões expressas refletiam a situação da Índia, cinco anos após a Independência e quatro desde o assassinato de Gandhi. A unidade alcançada na luta pela liberdade e em torno da personalidade de Gandhi tinha desaparecido, e o espírito do “Gandhismo” estava desvanecendo-se. Nehru era seu herdeiro político; mas ninguém herdou seu manto moral. Um líder do Partido do Congresso disse a Buchman: “Não temos dez homens no Parlamento com o velho idealismo. A independência não resolveu os nossos problemas. Ninguém quer voltar, mas não sabemos como seguir em frente.” O comunismo atraiu muitos intelectuais, mesmo porque era aquilo que aqueles que consideravam os seus antigos exploradores mais detestavam: alguns consideravam Buchman e os seus colegas “anticomunistas”, outros simplesmente sentiam-se contrários a todas as “ideias ocidentais”, boas ou não.

Buchman apresentou a sua opinião em privado: «Numa ideologia materialista, a autoridade última é um homem ou uma linha partidária, uma vontade humana, e a base última para a mudança é a força. Numa ideologia moral, a autoridade última é a vontade de Deus e a base para a mudança é o consentimento.» Mas nesta conferência de imprensa pouco disse,

---

<sup>1049</sup> Martin, conta asiática.

porque sentiu que, naquele momento, só as peças que trouxera poderiam transmitir o que ele queria dizer aos corações e mentes indianos. A primeira noite de Jotham Valley deu início à bola rolar. Morarji Desai, então ministro-chefe do Estado de Bombaim, surpreendeu a todos ao admitir, no palco seguinte, que tinha visto uma semelhança entre ele e o hipócrita irmão mais velho da peça. No dia seguinte, um jornalista, que o criticara violentamente, agradeceu-lhe e perguntou se poderiam encontrar-se.



Buchman (à esquerda) com J.P.Narayan, líder do Partido Socialista Praja da Índia.

©David Channer/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

Socialistas como J. P. Narayan, que se separara de Gandhi para seguir o caminho marxista, mas que agora procurava novas ideias, conversaram longamente com os visitantes. Em cooperação com líderes sindicais socialistas como Purshottam Tricumdas, o fundador do Partido Socialista, e sindicatos inclinados ao Congresso como os trabalhadores do cimento de H. N. Trivedi, convocaram grandes reuniões para ouvir Buchman e outros oradores.

Após quatro semanas de peças e reuniões, S. A. Sabavala refletiu no *Bombay Chronicle*: 'Até agora ninguém tentou analisar as razões do ressentimento óbvio à sua filosofia simples (do RAM). Orgulhamo-nos de ser filhos de Mahatma Gandhi, o homem que viveu os ensinamentos de Cristo e do Buda. Desde a Independência, desenvolvemos um complexo de superioridade em relação ao nosso espiritualismo e um elevado sentido e compreensão dos valores não materialistas. Agora chega um grupo de homens e mulheres, não-índios, que estão praticando o que pregamos. Eles estão invadindo o que pensávamos ser nosso domínio exclusivo e muitos de nós não gostamos nada disso. Penso que grande parte da hostilidade e da exibição de falta de educação na conferência de imprensa do Dr. Buchman deriva deste ressentimento específico... A verdade é que nós, os herdeiros de Gandhi, temos um pouco de vergonha de que outros estejam fazendo o que ele nos disse para fazer e que

dizemos que estamos fazendo... Acho que o RAM vai pegar na Índia pós-liberdade. Representa um desafio tal como Gandhiji fez há muitos anos.<sup>1050</sup>

Nem todos concordaram com Sabavala. Em particular, o semanário de extrema-esquerda de grande circulação, Blitz, publicou relatórios adversos sobre toda a viagem. Mesmo assim, a partida de Bombaim quase foi aplaudida. Multidões bloquearam a plataforma ferroviária e grupos de três sindicatos - estivadores, cimenteiros e trabalhadores têxteis - chegaram com faixas e gritos de 'Buchman ki jai!' As guirlandas se multiplicaram. Muitos convocaram o coro internacional para cantar o hino nacional, como faziam todas as noites no teatro. Buchman foi às lágrimas: 'Eles são um grande povo. Alguns deles disseram: "Deus esteja convosco". Pensei: "Se isso puder ser uma realidade, então a Índia poderá liderar as nações".'

Muitos superlativos surgiriam no caminho de Buchman durante esta turnê. O Ministro do Ceilão nas Nações Unidas classificou a sua visita como de igual importância para a vinda da Independência, enquanto o Embaixador da Tailândia referiu-se a ele como um "segundo Buda". "Quando a história do século for escrita, pensaremos em FDR, em Estaline, em Churchill, Hitler, Mussolini, Gandhi", declarou o presidente do Bombay Rotary Club. 'Mas se o credo de "o que é certo e não quem está certo" tiver sucesso na permanência, então veremos o nome de Frank Buchman ali."<sup>1051</sup>

Buchman não ficou muito impressionado. A certa altura, ele ditou estes pensamentos a Baynard-Smith: 'Seja calmo, prudente, não se importando com o que os homens dizem, nem sendo mantido em suas artimanhas por seus elogios irrefletidos. Seja um simples homem de Deus, e então Deus amará você. Uma banda leal sobre você. Laços de profundo carinho. Dispostos a dar tudo de si, ou estarão enquanto vocês trabalharem juntos.

Uma de suas principais fontes pessoais de equilíbrio durante a turnê foram os hinos antigos, que Baynard-Smith o ouvia repetir para si mesmo repetidas vezes. 'Nada trago em minha mão, simplesmente me agarro à Tua Cruz'; 'Jesus, eu tomei minha cruz'; 'Jesus, amante da minha alma'; 'Na Cruz, na Cruz onde vi a luz pela primeira vez...'; 'Perverso e tolo, muitas vezes me desviei, mas apaixonado Ele me procurou...'; ' por uma paixão apaixonada pelas

---

<sup>1050</sup> Bombay Chronicle, 20 de novembro de 1952. Este foi o primeiro de treze suplementos especiais dedicados à viagem pelos principais jornais indianos, publicados por sua própria iniciativa e às suas custas.

<sup>1051</sup> 25 de novembro de 1952.

almas'; e muitos mais. Na hora de dormir, ele repetia muitas vezes: 'Jesus, tomei minha cruz, toda. Para partir e Te seguir; Desamparado, desprezado, abandonado, daqui tudo será meu.'

A comitiva seguiu para Delhi via Ahmedabad e Agra. Em Ahmedabad visitaram o ashram de Gandhi e foram recebidos por funcionários do sindicato têxtil que ele fundara; em Agra eles viram o Taj Mahal ao luar. Embora uma viagem de trem na Índia fosse uma experiência nova para a maioria, Buchman desfrutou dessa visão renovada de uma terra sem idade após 26 anos de ausência. Ao chegar a Delhi, ele deu 100 rúpias ao atendente do vagão-leito. Quando um veterano indiano do partido protestou que isso era demais, ele respondeu irritado: 'Ele cuidou de mim. Estou cuidando dele.'

Nas últimas semanas, seus pensamentos se voltaram cada vez mais para Pandit Nehru. Nehru relata em sua autobiografia que Buchman lhe deu um livro - era *Begbie's Life Changers* - quando eles se conheceram em Belgaum em 1924 e que ele o leu "com espanto", pois as "conversões e confissões repentinas... pareceram-me ir mal com a intelectualidade".<sup>1052</sup> Eles se encontraram novamente dezoito meses depois na Suíça, onde Nehru havia trazido sua esposa por sua saúde e onde ele estava tendo a chance de ver a política indiana em um cenário mais amplo, um processo que o levou a adotar sua própria marca particular de marxismo. "Há muito tempo eu era atraído pelo socialismo e pelo comunismo", ele escreve. "... Enquanto o resto do mundo estava nas garras da depressão e regredindo em alguns aspectos, no país soviético um grande mundo novo estava sendo construído diante de nossos olhos... Rússia à parte, a teoria e a filosofia do marxismo iluminaram muitos cantos escuros da minha mente."<sup>1053</sup>

No meio desse processo, Buchman o convidou para uma festa em uma casa na Holanda, e Nehru escreveu lamentando não poder deixar sua esposa comparecer. Ele disse que estava "muito interessado" em *Life Changers*: "Lembro-me bem da descrição no livro do fim de semana em Cambridge. Na altura não compreendi muito bem o significado das mudanças súbitas provocadas na vida dos indivíduos... Posso compreender o valor da franqueza absoluta. Mas de alguma forma a ideia de curas pela fé não me atrai muito. E isso acontece apesar do fato de o Sr. Gandhi, por quem tenho grande respeito, dar maior ênfase à

---

<sup>1052</sup> Jawaharlal Nehru: Uma Autobiografia (John Lane e Bodley Head, 1936), pp 153-4.

<sup>1053</sup> Jawaharlal Nehru: Uma Autobiografia (Jawaharlal Nehru Memorial Foundation, Nova Delhi, 1980)

fé. Talvez a minha formação científica inicial, bem como a irreverência geral da era moderna, sejam parcialmente responsáveis por isto.'

«Ainda estou obcecado pelo problema indiano», prosseguiu Nehru, «tanto no seu aspecto nacionalista mais restrito como na sua relação com o resto do mundo, mas surgem dúvidas e não parece nenhuma solução óbvia (sic). Acolha, portanto, com satisfação a oportunidade de me retirar por algum tempo de uma participação ativa em movimentos públicos e de olhar para eles, se possível, do ponto de vista de alguém de fora. E agora, longe da Índia, ocorrem-me muitas questões - sobre a tendência geral da cultura e da civilização ocidentais, do industrialismo e afins - e há poucas respostas. Mas a questão que me afeta e preocupa mais do que qualquer outra', acrescentou, 'é: qual é o meu dever para com a Índia e como posso servi-la melhor e conciliar esse dever com as minhas outras responsabilidades.'

Sobre o fim de semana na Holanda, ele escreveu: “Sinto-me muito tentado a vir. Não tenho certeza se serei útil nas discussões e conversas amigáveis que acontecerão lá, mas a companhia de pessoas sérias e atenciosas é sempre atraente e por isso gostaria de ir. Estou preso aqui há algum tempo e não posso deixar minha esposa. Mas mais tarde talvez eu consiga fazê-lo.”<sup>1054</sup>

Em setembro de 1926, os dois homens encontraram-se para almoçar em Genebra, a pedido de Nehru, com o arcebispo sueco Söderblom como um terceiro improvável, claramente incluído por Buchman. Nehru e Buchman almoçaram juntos mais uma vez, desta vez após a morte de sua esposa em 1936. “Ele teve uma vida triste”, dizia Buchman frequentemente sobre ele.

Nehru foi consultado sobre a presente visita. Ele passou pelo comitê de convite original com Hicks, eliminando seis que considerava próximos demais do governo, mas deixando seu Ministro do Planejamento, G. L. Nanda. Ele enviou uma mensagem de que esperava ver Buchman novamente e designou Jaipur House, a antiga casa dos marajás de Jaipur, como base para a força de Buchman enquanto estivesse em Delhi. Sua atitude foi educada, até generosa, em vez de entusiasmada.

Buchman, de acordo com Baynard-Smith, parece ter sentido que de alguma forma falhou com Nehru durante as reuniões anteriores. Agora ele tinha outra chance e não teria sido Buchman se suas expectativas não fossem altas. “Nehru perceberá que esta filosofia é a

---

<sup>1054</sup> Jawaharlal Nehru para Buchman, 1º de maio de 1926.

sua melhor aposta”, “Nehru recorrerá cada vez mais a você” e “Nehru vê a importância deste trabalho” são o tipo de frases que aparecem nas notas que ele ditou. Ao mesmo tempo, ele sentiu que não deveria abordar o Primeiro-Ministro. 'Apreste-se devagar... Ele virá em sua direção.'

No primeiro dia em Delhi, Buchman e toda a sua equipe depositaram uma coroa de flores em Raj Ghat, o local onde Gandhi foi cremado, e mais tarde Buchman dirigiu-se a um grande número de membros de ambas as Câmaras do Parlamento, presididos pelo Vice-Presidente. Ele também foi oficialmente recebido pela cidade. Então ele se contentou em descansar até que as peças terminassem seu trabalho. Tal como em Bombaim, as multidões eram grandes e entusiasmadas. Um Ministro de Gabinete chegou e encontrou seu lugar ocupado. Um porteiro falou palavras fortes ao ocupante, que respondeu: 'Quem você pensa que eu sou? Eu também sou ministro! Ambos foram encaixados de alguma forma.'

Logo os convites estavam chegando a Buchman em grande quantidade e rapidamente. O presidente Rajendra Prasad, antigo colega de Gandhi, recebeu-o e à sua equipa no antigo Palácio do Vice-reinado onde este homem simples, em virtude do seu cargo, teve de viver. Seu rosto iluminou-se quando ouviu falar dos tempos passados com trabalhadores em Bombaim, Ahmedabad e outros lugares. “Ah, você está levando isso para o povo”, disse ele.

Outro dia, o vice-presidente (mais tarde presidente), Dr. S. Radhakrishnan, convidou Buchman para tomar chá. Ele conhecia algo do trabalho de Buchman desde sua época como professor de Religião e Filosofia Oriental em Oxford. Mais tarde, ele foi embaixador em Moscou e agora perguntava a Buchman como os comunistas poderiam ser mudados. Na sua visita de despedida a Estaline, contou ele, contou ao ditador sobre o imperador indiano Asoka que, depois de caminhar através do sangue até ao seu trono, renunciou à guerra e promoveu a religião e era agora muito venerado em toda a Ásia. havia sugerido, que outros ditadores poderiam seguir. “Bem, passei cinco anos num seminário teológico”, respondeu Stalin. 'Pode acontecer, mas acho que não.'<sup>1055</sup>

Numa cerimónia presidida pelo Presidente da Índia, para celebrar o décimo nono centenário da chegada de São Tomás à Índia, foi oferecido a Buchman um assento na frente com os diplomatas e outros dignitários. Em vez disso, ele escolheu um assento na quinta fila.

---

<sup>1055</sup> Em 1951, um repórter do Los Angeles Evening Herald Express perguntou a Buchman se ele poderia mudar Stalin. 'Eu não poderia', respondeu Buchman. 'Mas Deus poderia.' (13 de março de 1951).

Nehru avistou Buchman e passou vários minutos conversando com ele antes de se juntar à festa na plataforma. No final da ocasião, a pessoa com quem Buchman escolheu para conversar foi John R. Mott, seu velho amigo e mentor.

Nehru sugeriu que ele poderia vir tomar chá com Buchman em Jaipur House no dia 3 de janeiro. Buchman teve muito cuidado ao planejar a ocasião para que Nehru conhecesse aqueles que seriam de maior interesse para ele e para que se sentisse tratado não como uma figura pública, mas como um ser humano. Ele conversou meia hora com Buchman e ficou muito emocionado quando o coro cantou o hino nacional e outras músicas. Após a sua 'Canção da Índia' houve um longo silêncio e aqueles que estavam perto do Primeiro-Ministro notaram que havia lágrimas nos seus olhos. Buchman ficou encantado com a ocasião. “Fizemos o incomum e ninguém pediu que ele falasse”, disse ele. Nehru contou à irmã, a Sra. Vijaya Lakshmi Pandit, o quanto havia gostado da tarde. Ele também tinha sido representado anteriormente numa cerimônia em Nova Deli, quando o ministro alemão presenteou Buchman com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito do seu país. Mas havia poucos sinais de que o primeiro-ministro estivesse se voltando para Buchman da maneira que esperava.

O Natal foi uma época movimentada. Todas as noites, incluindo o dia de Natal, era apresentada uma peça de teatro e, previamente, aconteciam os mais variados jantares na Jaipur House. O coro - muitos dos quais tiveram que combinar o canto para os convidados com a mudança no tempo para participar da peça - cantou canções de Natal, encerrando com um quadro requintado da Mãe e do Filho. Cristãos, muçulmanos, hindus, sikhs e budistas ficaram fascinados. “Eu costumava pensar no Natal como uma orgia de bebedeiras”, disse um ilustre indiano aos Austin. 'Começo a entender do que se trata.’<sup>1056</sup>

Em 6 de janeiro, a Rádio Tashkent, transmitida para a Índia e o Paquistão, disparou o primeiro de uma série de ataques soviéticos contra a viagem de Buchman à Índia. Seguiu-se, em 8 de janeiro, um artigo destacado no Pravda, com data de Deli, e uma palestra no serviço doméstico da Rádio de Moscovo intitulada “O buchmanismo é a arma ideológica dos belicistas”. No dia seguinte, o mesmo comentarista, Georgi Arbatov, repetiu suas alegações no serviço ultramarino da Rádio de Moscou. Os quatro relatórios cobriam terreno semelhante - o “hitlerista” Buchman e os seus colegas pretendiam “penetrar na esfera da vida política da

---

<sup>1056</sup> Austin e Konstam, p. 191.

Índia” em nome do “imperialismo americano”. Os financiadores do Rearmamento Moral, de acordo com a transmissão de 9 de janeiro, foram “mantidos em segredo”, mas eram conhecidos por incluir Firestone, Rockefeller, o Los Angeles Times, a “US West Coast Shipping Company e outros representantes do capital monopolista dos EUA”.

A transmissão do serviço doméstico de Arbatov foi uma repetição revisada de uma palestra que ele havia proferido na mesma estação em 21 de novembro de 1952, estimulada pela publicação do livro de Peter Howard, *The World Rebuilt*, no ano anterior. Arbatov descreveu o Rearmamento Moral como “uma ideologia universal” e citou uma declaração de que “tem o poder de atrair mentes revolucionárias radicais”. O 'Rearmamento Moral', disse ele, 'substitui a inevitável guerra de classes pela "luta permanente entre o bem e o mal"... O Rearmamento Moral, além de construir cabeças de ponte em cada continente e treinar quadros que seriam capazes de espalhar a ideologia buchmanista entre as massas, iniciou agora a sua tarefa decisiva, a expansão total do buchmanismo em todo o mundo.' Nesta versão revisada ele adicionou uma descrição da atual visita indiana. “A imprensa americana na Índia levantou uma grande confusão, glamorizando Buchman e propagando as suas ideias”, observou Arbatov, enquanto a “imprensa democrática indiana”, a propósito da qual citou Blitz, “reagiu de forma diferente”.

Este ataque teve, a princípio, pouco impacto. O musical Jotham Valley foi apresentado a 20.000 trabalhadores do partido na Conferência do Partido do Congresso de toda a Índia em Hyderabad, enquanto se preparavam para as reuniões públicas de 200.000 pessoas. O Nizam de Hyderabad patrocinou uma exibição especial exclusivamente para sua família, família e governo. O seu ministro-chefe, que recebeu os visitantes, convidou alguns a ficarem para fazer face ao interesse do seu povo.

Em Madras, os estudantes fizeram piquetes no teatro com cartazes e panfletos, usando slogans retirados diretamente das conversações de Tashkent e Moscovo e ligando o Rearmamento Moral a “capitalistas monopolistas como Rockefeller, Henry Ford e Paul Hoffman” e a “inimigos da classe trabalhadora europeia como Léon Blum, Kurt Schumacher e Giuseppe Saragat', então líderes Socialistas Democráticos em França, Alemanha e Itália, respectivamente. Mas o entusiasmo geral pelas peças logo atraiu os manifestantes para dentro do teatro e a agitação desapareceu.

Aqui no Sul, o comunismo tinha muitos adeptos nas universidades e noutros locais. Nem o Cristianismo - que era mais forte aqui do que em qualquer outro lugar da Índia - nem o “Gandhismo”, tal como tinham sido vividos, pareciam fornecer uma alternativa adequada.

Certa tarde, Buchman perguntou a um “gandhiano” proeminente: "O que Gandhi diria ao Sul sendo dominado por uma ideologia estranha à Índia?"

Gandhi respondeu: 'Os sentimentos de Gandhi estão morrendo lentamente. Tornou-se uma coisa individualista, não mais um fator social. Gandhi lutou pelos oprimidos, pelos pobres, pelos frustrados. Mas depois que ele foi, as coisas mudaram. Existem novos problemas e não encontramos novas respostas.'

“Talvez você tenha que se dedicar ao verdadeiro problema”, disse Buchman. 'Você terá que criar muitos homens que viverão o que Gandhi viveu, e talvez você tenha que ser um deles.'

A resposta do Gandhi foi honesta. “Vivi e trabalhei com Gandhi durante trinta anos, mas nunca quis ficar sozinho com ele”, disse ele. 'Eu fugia dele. Agarrei minha fraqueza para mim porque não queria que ela fosse tirada de mim.'

O interesse público em Madras era imenso que nenhum teatro era grande o suficiente e a indústria cinematográfica da cidade assumiu o controle. Primeiro uma e depois outra companhia cedeu espaço para a encenação das peças. Finalmente, o estúdio Vahini construiu para eles o maior palco da Índia. No último dia, três apresentações tiveram que ser realizadas para acomodar a multidão. A essa altura, Buchman havia decidido que sua força deveria permanecer mais tempo no subcontinente, e foram enviados telegramas para a Birmânia, a Tailândia e o Japão, cancelando qualquer visita imediata.

Phyllis Austin tinha uma lembrança particularmente vívida da época em Madras. Ela estava andando pelo corredor de um hotel com Buchman, o corredor tão longo e o calor tão intenso que era quase demais para ele. “De um dos quartos saiu um velho varredor enlameado e curvado, um “intocável”. Frank fez uma reverência, tirou o chapéu e disse, com grande entusiasmo: "Que prazer, que prazer em conhecê-lo." O velho ficou surpreso e depois olhou para Frank, que obviamente estava falando sério. O homem hesitou, depois se endireitou até ficar bem ereto e um grande sorriso se espalhou por seu rosto. De repente, por um momento ele pareceu recuperar a dignidade.

Buchman resumiu as suas esperanças para a Índia numa mensagem de Ano Novo, amplamente publicada: “Os homens têm fome de pão, de paz e da esperança de uma nova ordem mundial. Ante uma unidade liderada por Deus, todos os problemas serão resolvidos. As mãos estarão cheias de trabalho, os estômagos com comida e os corações vazios com uma ideologia que realmente satisfaça.”<sup>1057</sup>

Em Calcutá, talvez mais do que em qualquer outra cidade, o contraste entre ricos e pobres e o choque da guerra de classes eram fortemente evidentes. Os trabalhadores e o grupo de empregadores que viajavam com Buchman encontraram o seu caminho para as casas de líderes sindicais, alguns não muito longe de Moscovo ou Pequim. Rajani Mukherjee, vice-presidente do Congresso dos Sindicatos Socialistas de Bengala Ocidental (Hind Mazdoor Sabha), comentou: “Os trabalhadores asiáticos têm suspeitado do Ocidente. O Rearmamento Moral não vem do Ocidente para o Oriente, nem do Oriente para o Ocidente. Vem de homem para homem. Quando vi as suas peças, pensei: “Você não é contra o comunismo ou qualquer outro 'ismo'. Você está muito além do comunismo. Você está reavaliando o marxismo em relação aos problemas modernos e aos valores morais.”<sup>1058</sup>

Um dia, em Calcutá, Buchman estava sentado ouvindo Deus com um grupo maior, quando um homem desconhecido entrou e sentou-se no fundo. Depois de alguns minutos, Buchman disse: 'O único pensamento que tive foi: 'Pare de roubar'. Eu não sei o que isso significa. Pode significar que meu relógio foi roubado outro dia. Pode referir-se a mim mesmo, embora já faça alguns anos que não roubo nada. Só não sei o que isso significa. Neste ponto o homem desconhecido escapou. 'Quem era aquele?' perguntou Buchman. Ninguém sabia. No dia seguinte, porém, ele voltou. Ele era um rico homem de negócios Marwari. “Estou surpreso de como Buchman conhece meu problema”, disse ele. 'Há anos que venho sonegando meus impostos.' Ele havia enviado um cheque ao departamento fiscal no valor de muitos milhares de rúpias naquela manhã. Mais tarde, ele convidou Buchman e duzentos de seus colegas para se encontrarem com um grupo de homens de negócios, aos quais ele disse ter decidido ser honesto no futuro.<sup>1059</sup>

---

<sup>1057</sup> Hindustan Times, etc., 2 de janeiro de 1953; Buchman, pág. 205.

<sup>1058</sup> Duncan Corcoran para Buchman, 24 de março de 1953.

<sup>1059</sup> Peter Howard: O Segredo de Frank Buchman (Heinemann, 1961), p. 31.

Buchman foi de Calcutá a Darjeeling para ver o túmulo do metropolita Foss Westcott na St Paul's School, 250 metros acima da cidade. Ele disse aos meninos: 'Estou pensando no metrô. Ele costumava sentar-se na cadeira do Bispo, mas tinha um daqueles livrinhos pretos. Ele ouvia todas as manhãs... tinha uma casa grande, mas morava naquela casinha de telhado. Foi na casa dele que conheci Gandhi. Conhecemos todo mundo lá.

“Aos dezessete anos eu era um patife”, continuou ele. 'Tinha todo tipo de problema... Costumava ir a uma capela como esta. Um bom sujeito, o sal da terra, costumava pregar, mas nunca tocou nos meus problemas. E a escola é o momento em que você enfrenta seus problemas... Você trapaceou na escola? Eu trapaceei. Fui pego uma vez. Também pegava dinheiro e comprava doces para as meninas. Sempre fui atencioso com as outras pessoas!' Seu público ficou encantado.

No fim de semana seguinte, ele foi convidado a voltar para revelar um busto de Westcott e novamente passou um tempo conversando com os meninos. Desta vez ele contou-lhes sobre a sua própria experiência de mudança – o ressentimento que o levou à Europa, a descoberta na pequena capela em Keswick: “Nunca tinha experimentado a Cruz. Simplesmente não significou nada para mim. Eu tinha sete pessoas de quem não gostava. Mas nesta capela eu realmente vi Cristo na Cruz. Foi uma visão. Saí daquele lugar como um homem diferente. Ele então pediu a um dos meninos que lesse a inscrição na placa memorial a Westcott. Nele estão as palavras: “Um grande santo, mas amigo dos pecadores e amado por muitos deles”. “Isso é o que importa para mim”, disse Buchman. 'E se você quiser colocar algo em minha lápide, espero que seja algo assim: “Aqui está alguém que entendeu.”’<sup>1060</sup>

De volta a Calcutá, o sucessor de Foss Westcott, o Metropolita Mukerjee, resumiu a visita ao local: “Se pelo menos uma centena de britânicos na Índia tivessem vivido o seu cristianismo como estas pessoas vivem, a Índia teria sido um país muito diferente.”<sup>1061</sup>

Uma viagem à Caxemira para descansar a equipe após seis meses de trabalho intensamente árduo foi muito apreciada. Porém, depois de dez dias a demanda local pelas peças tornou-se irresistível e Buchman decidiu ceder. A Caxemira foi um dos principais pontos de discórdia entre a Índia e o Paquistão, uma área importante e extremamente sensível. O primeiro-ministro, Xequê Abdullah - um muçulmano que se aliou a Gandhi nas questões

---

<sup>1060</sup> Martin, conta asiática.

<sup>1061</sup> *ibid.*

nacionais e que foi parcialmente responsável pela adesão da Caxemira à Índia em vez do Paquistão na Independência - compareceu às peças e às reuniões, uma após a outra, inicialmente por insistência de seus dois filhos. Um deles causou-lhe profunda impressão ao admitir que foi ele quem liderou uma greve estudantil quando seu pai era ministro da Educação. O Xequê Abdullah disse a Buchman: “Você tem aqui a resposta para a Índia e o Paquistão. É preciso paciência. Vi a resposta nas peças e é Deus”. Sua esposa acrescentou: “Quando vi as peças, soube que o Espírito de Deus estava ali. É algo que não se encontra muito no mundo hoje, e estamos gratos.”

Chegou a hora de seguir para o Paquistão, uma viagem que só seria possível voltando via Amritsar e com dificuldade, já que nenhum grande grupo de estrangeiros havia feito isso desde a Partição. A maior parte do grupo de 150 pessoas decolou por uma rota de superfície circular para Karachi, enquanto Buchman voou com um grupo avançado de cinco pessoas, parando em Delhi no caminho. “Foi animador”, registra um diário contemporâneo, “encontrar muitos rostos novos, a maioria estudantes que haviam mudado nas últimas semanas, incluindo um membro da equipe de Nehru que, sempre curioso, o questionara sobre sua mudança para tanto tempo que chegou meia hora atrasado ao Parlamento.”<sup>1062</sup>

Um desses estudantes lembrou-se, anos depois, da impressão que Buchman lhe causou: “A primeira vez que o vi foi no inverno em Delhi. Ele usava um terno de tweed e uma gravata listrada de vermelho e preto. Andava com uma bengala e tinha um rosto redondo e flácido, e eu pensei que ele era um fracasso total e me perguntei como diabos ele conseguiu que essas pessoas fizessem todas essas coisas por ele. A segunda vez que o vi foi depois de uma reunião. Eu não sabia que ele estava lá - estava sentado no fundo. “Oh, eu me lembro de você”, ele disse – e havia algo em seus olhos que era desafiador, penetrante e direto. Então fui vê-lo sair do aeroporto. Ele segurou minha mão e disse: “A Índia é um grande país. Continue assim. Você será muito útil. Deus o abençoe”. E eu sabia que aquele homem estava tentando me transmitir algo, e quase rezando para que isso penetrasse em meu coração. Ele não era um homem de palavras – isso deixou uma impressão profunda em mim – mas um homem que queria ir além das palavras para algo muito mais profundo em minha alma e espírito.”

---

<sup>1062</sup> *ibid.*

A visita ao Paquistão cumpriu a promessa que Buchman tinha feito a Mohammed Ali Jinnah em Dezembro de 1946. As conversações de Londres sobre a Independência tinham chegado a um impasse. Jinnah e toda a sua delegação foram ver *The Forgotten Factor*. A representação do empregador duro como um homem que “não se mexia” o fez cócegas e ele riu alto – a primeira vez, comentaram seus companheiros, que o viram sorrir desde que chegaram a Londres. Depois do jantar, ele pediu a Buchman que levasse a peça ao Paquistão assim que a nação fosse criada. “Isso mostra a resposta aos ódios do mundo”, disse ele. 'Desculpas honestas - essa é a chave de ouro.' 'Mas quem colocará essa chave na fechadura da história e abrirá os portões do futuro?' comentou Buchman mais tarde. Nem Jinnah, Nehru nem os britânicos o fizeram nesta ocasião. O homem da Scotland Yard ligado a Jinnah disse a Buchman: “O vice-rei, Nehru e Jinnah deveriam ter visto esta peça na primeira noite em que estiveram em Londres!”<sup>1063</sup>

Parado agora em frente ao túmulo de Jinnah, Buchman repetiu as palavras de Jinnah para ele em Londres sete anos antes e relembrou seu primeiro encontro em 1924 em Belgaum. “Que o Paquistão se levante e viva como resposta”, foi a sua oração. Mais tarde, jantando com o Gabinete, ele se viu sentado ao lado do genro de outro conhecido de Belgaum, um dos irmãos Ali, e contou-lhe sua conversa com Lorde Reading sobre eles.

Buchman seguiu para Teerã, deixando as peças para serem exibidas em Karachi. Ele havia sido convidado por outro convidado anterior em Caux, o Dr. Matine-Daftary, genro do primeiro-ministro Mossadegh. Mais da metade do partido de Buchman era britânico, e a tensão sobre a nacionalização dos campos petrolíferos persas por Mossadegh era alta entre os dois países; mas foi dada a garantia de que, se viessem com Buchman, os britânicos seriam recebidos como convidados do governo. Mossadegh e Buchman se encontraram, ambos animados, cada um surpreso e aliviado ao descobrir que o outro era diferente das reportagens da imprensa. Buchman contou uma série de histórias de pessoas difíceis que se tornaram diferentes e, com o filho de Mossadegh por perto, incluiu entre elas histórias de pais e filhos difíceis.

'Como você consegue esses resultados?' disse Mossadegh. 'Espero que você não tenha a mesma dificuldade comigo.'

---

<sup>1063</sup> É feita referência a esta visita em Stanley Wolpert: *Jinnah of Pakistan* (OUP, 1984), p.303.

Buchman contou-lhe mais uma história - e terminou: 'Isso é tudo que faço. Veja, eu faço coisas simples, mas é disso que o mundo precisa.'<sup>1064</sup>

Talvez valha a pena, na tentativa de compreender Buchman, transcrever aqui mais detalhadamente alguns dos pensamentos que ele chamou Baynard-Smith para escrever durante as noites na Índia, e tentar ver em que consistiam.

Durante uma das primeiras noites em Bombaim, Buchman ditou: 'Você será guiado além dos seus sonhos mais loucos. Deus tem uma parte única para você e seu trabalho na Índia. Os topos de mil colinas são seus. Politicamente, a Índia terá um lugar importante no futuro.'

Pouco antes de ir para Delhi, ele ditou: 'Eu os conduzirei em Delhi como os liderei anos atrás, e trabalharei poderosamente através de vocês. Minha vontade e caminho, não o seu. Os homens saberão que é a vontade de Deus e não qualquer obra. Eu vou falar com você. Não faça nenhum movimento com Nehru. Ele virá até você. Sozinho nas montanhas, longe dos outros, vou lhe contar o poderoso segredo que reconquistará a Índia ao seu devido lugar. Esteja alerta, solidário, constante. Dias melhores serão seus.'

Em outra ocasião, mais tarde: 'Você é necessário na Índia. Você pode criar aqui um organismo que decidirá o futuro do mundo. Fique perto de Deli e Nehru... Ele comprometerá seu forte braço direito. Ele virá em sua direção... Ele selecionará seu próprio plano. Os dias em Hyderabad serão monumentais. Fique em segundo plano, mas você também estará em primeiro plano. Fique neste país por enquanto. Conflitos e rumores de guerras. Sua equipe tem a habilidade para enfrentar a situação...Construa personalidades construtivas que possam lidar com a situação em qualquer lugar...Lucknow ajudará. Os Munshis serão grandes trunfos... Vocês não irão para a Birmânia agora. Nem no Japão este ano. Ressoará o Japão a partir de Deli.'

Na manhã da sua entrevista com o Presidente Prasad, ele ditou: "O Presidente está tão preocupado como qualquer outro com o fato de a filosofia de Gandhiji não ser implementada e irá agarrar-se ansiosamente ao que podemos dar."

O que devemos achar de tais pensamentos, escritos durante a noite há algumas décadas?

---

<sup>1064</sup> Martin, conta asiática.

Certa vez perguntei a Michael Barrett sobre as ideias aparentemente fantásticas que ele escreveu para Buchman nessas ocasiões. Qual era o seu propósito? 'Garantia', respondeu ele, e, de fato, muitas dessas grandes visões poderiam ter surgido dele - ou brotado de dentro dele - para lhe dar coragem para enfrentar as imensas tarefas que havia assumido com tão escassos recursos. Além disso, talvez fossem pensamentos que emergiam do espírito de um americano criado na era da expansão, um homem que, nas palavras de Loudon Hamilton, “não tinha um osso negativo no corpo”. Eram uma indicação de atitude e não de ação; e quando se tratava de ação, os testes de bom senso e integridade espiritual estavam ali para serem aplicados. O resumo de Baynard-Smith sobre a atitude de Buchman na Índia é “uma busca persistente pela vontade de Deus”.

Claramente, nas passagens citadas acima, há muitas promessas ou esperanças não cumpridas. Por um lado, o Presidente da Índia estava preocupado exactamente como Buchman previu e, após a entrevista, foi amigo do Rearmamento Moral até ao dia da sua morte. Os Munshis foram de grande ajuda e mantiveram contacto ao longo dos anos. E o Rearmamento Moral tem, desde então, tido um lugar permanente na Índia, representado mais particularmente pelo alcance do centro de conferências construído em Panchgani, perto de Pune. Por outro lado, “um organismo que decidirá o futuro do mundo” não se tornou visível na Índia. Nem Nehru “se voltava cada vez mais” para Buchman.

No último ponto, contudo, é discutível que algo tenha acontecido a Nehru nos últimos anos da sua vida que aproximou o seu pensamento do de Buchman, para grande surpresa dos seus colegas. Muitos deles - T. T. Krishnamachari, um dos seus membros do gabinete, e Sanjiva Reddi, um futuro presidente da Índia, por exemplo - comentaram com que frequência, a partir do final de 1955, ele falou da importância para o indivíduo e para a nação dos padrões morais e espirituais. O próprio Nehru disse ao seu biógrafo, Michael Brecher, em junho de 1956: 'Se eles (os padrões morais e espirituais) desaparecerem, acho que todo o avanço material que você possa ter não levará a nada que valha a pena.'<sup>1065</sup>

Após a morte de Nehru, Reddi descreveu num discurso público em Londres a excitação quando falou pela primeira vez sobre tais valores num comício no estado de Andhra. “Os líderes do Partido do Congresso, que tantas vezes tinham ouvido o primeiro-ministro dizer que as siderúrgicas e as fábricas eram os verdadeiros templos da Índia,

---

<sup>1065</sup> Michael Brecher: Nehru, Uma Biografia Política (OUP, 1959), pp.

aglomeraram-se à sua volta e disseram: “O que lhe aconteceu, Panditji?”, relatou Reddi. “Sim”, respondeu Nehru, “eu mudei”. Acredito que a mente humana está faminta por algo mais profundo em termos de desenvolvimento moral e espiritual, sem o qual o avanço material não vale a pena.<sup>1066</sup> É até possível que alguém influenciado por Buchman possa ter contribuído para a sua mudança de pensamento. Appadorai Aaron, secretário da YMCA em Glasgow, retornou à Índia em 1955, depois de estar em Caux, e começou a passar algum tempo em silêncio todas as manhãs. Quando ele contou isso ao vice-presidente Radhakrishnan, um antigo amigo de escola, Radhakrishnan comentou: 'Você deve conhecer Nehru. Eu vou providenciar isso. Eles se conheceram e Panditji disse: 'As pessoas me elogiam. Eles não me dizem a verdade e sinto-me fora de sintonia com o país.' Aaron disse-lhe que um tempo diário de meditação silenciosa o ajudaria a “ler os personagens dos homens”. “Isso soa como Rearmamento Moral”, disse Nehru. 'Não importa como você chama isso. O importante é tentar — respondeu Aaron. Alguns dias depois, eles se conheceram numa recepção em Delhi. “Tenho tentado o que você sugeriu”, disse Nehru. 'Acho que é uma grande ajuda.'<sup>1067</sup>

Como Buchman financiou a expedição ao Ceilão, à Índia e ao Paquistão – e outros empreendimentos ainda maiores dos anos seguintes?

Durante a expedição asiática, os comités de convite dos diferentes países e regiões assumiram certas responsabilidades - os comités do Ceilão e de Bombaim, por exemplo, pagando todas as despesas enquanto o grupo estava com eles. Como sempre, ninguém que viajava com Buchman recebia salário. Mas havia custos pesados de transporte e outros e, no caso da Índia, tal como em muitas operações do pós-guerra, o dinheiro vinha dos mais variados quadrantes. Buchman nunca emitiu apelos públicos do tipo usual na maioria das instituições de caridade ou feitos por muitos evangelistas da TV americana hoje. Às vezes, uma coleta matinal de domingo numa assembléia em Caux ou Mackinac era dedicada a um propósito específico, mas geralmente tornava-se conhecido informalmente que um determinado empreendimento havia sido decidido e as pessoas então apresentavam presentes de acordo com seus meios, desejos e orientação interior. Às vezes eram quantias grandes, como quando o grupo de holandeses financiou o primeiro dos três aviões para a Índia. Além

---

<sup>1066</sup> Extraído de discurso de Sanjiva Reddi no Westminster Theatre, Londres, 1972.

<sup>1067</sup> Contado a Hicks por Appadorai Aaron.

disso, justamente nessa época, uma inglesa recebeu uma grande herança familiar e doou £50.000 para a viagem pela Ásia.

Para outros empreendimentos e para a condução geral do trabalho de Buchman havia, além de pequenos doadores, outros grandes doadores, um tanto à moda da Sra. Tjader muito antes. Como ela, eles geralmente eram motivados por alguma ajuda específica que Buchman havia dado a eles ou a membros de suas famílias. Bernard Hallward, de Montreal, que restaurou uma grande soma à alfândega canadense em 1932, e sua esposa Alice, foram consistentemente generosos.

Outro casal que doou com frequência foi o Sr. e a Sra. Albert H. Ely, de Washington, DC. “Querido Frank”, escreveram no seu aniversário em 1951, “você nos deu um lar sólido, muitos anos felizes e uma chance de lutar com você na maior revolução de todos os tempos. Nosso presente de aniversário este ano são dez mil bênçãos, com seus símbolos, e a oração de que Deus possa lhe dar mais dez mil dias felizes e alegres.<sup>1068</sup> Em junho de 1949, os Elys escreveram que vários casais haviam assumido a responsabilidade de aumentar o valor mensal pagamentos para a compra do centro de Los Angeles, e anexou US\$ 25.000 para cobrir o pagamento de junho.<sup>1069</sup>

Em outubro de 1951, Gilbert Harris, que havia desistido de seu emprego depois de dezessete anos no Chase National Bank para ser o tesoureiro do trabalho de Buchman na América, escreveu: “Finalmente chegou o cheque “milagroso”. Custava \$ 124.843,75 e veio de T. Henry Williams. Foi ainda mais bem-vindo porque estávamos numa situação financeira bastante difícil.<sup>1070</sup>

Quer tenha sido um cheque 'milagroso' porque o dinheiro era muito necessário e pelo qual orávamos ou porque o doador, T. Henry Williams, o inventor da máquina de moldagem de pneus de Akron, estava tendo dificuldade em conseguir o dinheiro que há muito desejava para dar, não é conhecido. Sabe-se que Williams já havia escrito sobre seus esforços para liberar dinheiro de um negócio no qual tinha sócios e vários compromissos.

A Sra. John Henry Hammond, que participou na viagem asiática, foi outra doadora frequente e generosa. Em 5 de janeiro de 1957, ela escreveu: 'Esta é a orientação que recebi

---

<sup>1068</sup> Sr. e Sra. Albert H. Ely para Buchman, 4 de junho de 1951.

<sup>1069</sup> *ibid.*, 2 de junho de 1949.

<sup>1070</sup> Gilbert Harris para Buchman, 23 de outubro de 1951.

esta manhã: "Quem faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe... Seu dinheiro pertence a Deus... Dê um milhão". do seu capital. Faça com que US\$ 100.000 sejam destinados ao trabalho na África... Este presente ajudará minha família a ver por que sinto que o RAM é a única esperança para o mundo...

"Este é um momento crítico. Deus tem um trabalho para eu fazer. Quero estar disponível. Por que contar com os Fords e os Rockefellers quando estou comprometido em refazer o mundo?...De graça como você recebeu, você também deve dar .... Sua grata amiga, Emily.<sup>1071</sup>

Certamente não fazia sentido esperar por Ford ou Rockefeller. O primeiro foi generoso com a hospitalidade e fez um pequeno presente. Este último nunca deu nada. Nenhum centavo jamais foi solicitado, e Buchman estava determinado a mantê-lo assim. Ele, no entanto, sentiu-se mal quando grandes empresas ou sindicatos aos quais o Rearmamento Moral, como subproduto do seu trabalho espiritual, tinha prestado serviço, deram em troca pouca ajuda prática. Sua secretária escreveu em seu diário de 18 de janeiro de 1951: 'Frank, cheio de energia, começou a sentir o erro de nossos amigos que haviam se beneficiado tanto pelo fato de o RAM não ter doado com mais generosidade. Patterson estava enviando US\$ 10 mil pessoalmente, mas F esperava algo grande da empresa.

W. A. Patterson foi presidente da United Airlines, com sede em Chicago. Quinze dias antes, conforme relatado no New York Herald-Tribune, ele havia falado numa assembleia do RAM em Washington, juntamente com funcionários da Associação de Pilotos de Companhias Aéreas: 'O Sr. Patterson disse que quando uma greve de pilotos parecia inevitável há quatro meses porque as negociações estavam num impasse após 119 reivindicações sindicais, ele foi informado de que Lawrence Shapiro, presidente do comitê de reclamações dos pilotos, queria falar com ele sobre o RAM.

"Eu não sabia nada sobre RAM, mas muito sobre Larry Shapiro - e não era bom", disse Patterson. "Ele foi classificado como o nosso negociador mais duro - um homem que não cederia um centímetro. Imagine a minha surpresa quando ele começou a sua conferência sugerindo que usássemos 'absoluta honestidade, pureza, amor e altruísmo' como base para reabrir as discussões sobre gestão laboral. Ele... me convenceu de sua sinceridade. Então marcamos uma reunião em Denver, em 26 de outubro."

---

<sup>1071</sup> Sra. John Henry Hammond para Buchman, 5 de janeiro de 1957.

“Ao final de cinco dias em torno de uma mesa de conferência, disse o Sr. Patterson, a administração e os trabalhadores de forma aberta, franca e totalmente sem rancor, reduziram as 119 demandas originais para treze”. Oito das treze demandas foram totalmente resolvidas e o restante será concluído nas próximas semanas, disse Patterson.

"Se alguém tivesse me dito há sessenta dias que não estávamos caminhando para um ataque devastador e prolongado, eu teria dito que eles estavam sonhando", disse Patterson. “Estávamos tentando há dezesseis meses evitar uma greve, que eu sabia que custaria à nossa empresa pelo menos US\$ 12 milhões e também seria uma possível ameaça à segurança nacional. mais importante, nasceu um novo espírito de confiança e confiança.”<sup>1072</sup>

Na verdade, nem na América nem na Grã-Bretanha as empresas industriais deram grandes somas ao trabalho de Buchman. No exercício financeiro que incluiu a morte de Buchman, a contribuição das empresas industriais na Grã-Bretanha foi uma fração superior a 1% do total recebido, tal como aconteceu no ano seguinte. Na América, a contribuição da indústria em 1962 e 1963 foi de aproximadamente 0,5% do total recebido.

Na verdade, uma análise de qualquer ano mostra que as grandes doações foram excepcionais. No ano da morte de Buchman, 84,9% dos contribuintes na Grã-Bretanha doaram menos de £ 10 e 0,4% £ 1.000 ou mais, enquanto na América 85,2% deram menos de US\$ 100 e 14,8% mais de US\$ 100 <sup>1073</sup>.

---

<sup>1072</sup> New York Herald-Tribune, 4 de janeiro de 1951.

<sup>1073</sup> As contas do Grupo de Oxford na Grã-Bretanha estão arquivadas no Departamento de Registro de Empresas da Junta Comercial, onde podem ser inspecionadas.

**DOIS ATAQUES E UM AVISO**

A última visita de Buchman em sua viagem de volta da Índia foi em Istambul e seu último encontro lá foi com o Patriarca Ecumênico da Igreja Ortodoxa, Atenágoras de Constantinopla. O Patriarca era uma figura imponente, com um metro e noventa de altura e encimado por uma mitra alta. Ele havia passado treze anos na América e era, na verdade, cidadão americano.

“Dou-lhe as boas-vindas como novo apóstolo”, foram suas primeiras palavras a Buchman. Ele acomodou seus convidados e depois continuou com um sorriso: 'Eu o sigo, Dr. Buchman, em minha "televisão" pessoal aonde quer que você vá. Eu leio tudo que você escreve. Eu recebo sua inspiração. Muito mais pessoas do que você imagina são seus seguidores e pertencem à sua irmandade e ao seu exército. Pertencço de todo o coração ao seu programa, não só por causa do meu cargo, mas porque pessoalmente acredito nele. Algo me disse que você viria, mas sua estadia é muito curta.

O Patriarca, explicou ele, ficou impressionado com o movimento feito em sua direção por Ahmed Emin Yalman, editor do importante jornal turco Vatan, após sua visita a Caux em 1946. Yalman primeiro se reconciliou com seu antigo inimigo, o então Primeiro-Ministro. Ministro, e comecei a trabalhar para um melhor entendimento com a Grécia. Então, ele se aproximou do Patriarca. Juntos, eles entraram numa mesquita, uma antiga catedral cristã. “Aqui estou levado a rezar”, dissera o Patriarca, lançando a unidade da fé num Deus único sobre o grupo dividido que os acompanhava.

“É tudo tão simples”, comentou Buchman quando Atenágoras terminou a sua história.

'A verdade é simples', respondeu o Patriarca, 'mas infelizmente as pessoas não gostam de coisas simples. Eles os querem complicados. Na Última Ceia não houve credos nem doutrinas, mas um mandamento – unidade no amor.'

Quando Buchman partiu, uma hora depois, para pegar seu avião, o Patriarca olhou-o severamente: 'Eu gostaria de mantê-lo aqui como prisioneiro, mas você é um pássaro livre e voa para longe. Deus o abençoe. Você é um São Paulo moderno.

“Não, não”, disse Buchman. 'Sou um homem muito simples.'<sup>1074</sup>

Talvez fosse irônico que esta entrevista tivesse ocorrido no momento em que Buchman regressava à Europa para enfrentar ataques graves. Na Índia, pouco depois de ter começado a mais forte ofensiva de propaganda de Moscovo contra o seu trabalho, ele ouviu rumores de que dois organismos diferentes no Ocidente - o Secretariado da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (CISL)<sup>1075</sup> e o Conselho Social e Industrial da Igreja da Inglaterra - estavam produzindo relatórios sobre suas atividades.

Ambos os relatórios se centravam no trabalho do Rearmamento Moral na indústria, uma das suas principais ênfases desde a Segunda Guerra Mundial. A visão de Buchman para a indústria foi, desde o início, simples e exaltada. O seu objetivo era “produzir o suficiente para as necessidades de todos”.<sup>1076</sup> A necessidade básica era uma nova motivação nas pessoas a todos os níveis. 'Suponha que todos se importassem o suficiente, todos compartilhassem o suficiente, todos não teriam o suficiente?' ele havia dito na Prefeitura de East Ham em 1938. '... Somente um novo espírito nos homens pode trazer um novo espírito na indústria. A indústria pode ser a pioneira de uma nova ordem, onde o serviço substitui o egoísmo e onde o planeamento industrial se baseia na orientação de Deus.'<sup>1077</sup>

Ele sentia que a gestão e o trabalho podiam “trabalhar juntos, como os dedos da mão”<sup>1078</sup> e, para tornar isso possível, pretendia responder “à obstinação na gestão e no trabalho, que são ao mesmo tempo tão certos e tão errados”.<sup>1079</sup>

Esta filosofia era, na opinião de Buchman, a resposta à guerra de classes que estava sendo travada de forma desperdiçada por pessoas de ambos os lados. Ele não via a função do Rearmamento Moral como a de tomar partido em panaceias econômicas - empresa privada versus nacionalização, por exemplo - nem como a elaboração de soluções detalhadas para fábricas ou indústrias específicas. Essa foi a tarefa das pessoas envolvidas em cada situação. O papel do Rearmamento Moral era oferecer a experiência que libertaria os corações e as mentes dessas pessoas das motivações ou preconceitos que impedem soluções justas. Buchman acreditava que se '*o fator esquecido*' do plano e propósito de Deus se tornasse uma

---

<sup>1074</sup> Martin, conta asiática.

<sup>1075</sup> Criada em 1944 como uma dissidência da Federação Mundial de Sindicatos, liderada pelos comunistas.

<sup>1076</sup> Buchman, pág. 161.

<sup>1077</sup> *ibid.*, pp. 46-7.

<sup>1078</sup> *ibid.*, pág. 65.

<sup>1079</sup> *ibid.*, pág. 198.

realidade para as pessoas em qualquer situação, elas seriam livres para encontrar soluções que anteriormente lhes haviam escapado. Seria necessário muito trabalho e negociações detalhadas. Nem tudo seria resolvido automaticamente apenas pela mudança das pessoas, mas muitas vezes o caminho para o pensamento criativo ficava bloqueado até que alguém mudasse - e, no mundo em geral, essa era a última coisa que as pessoas pensavam ser possível.

No entanto, em 1953, numerosos homens de negócios e industriais em muitas partes do mundo tentavam conduzir os seus negócios com base nestes princípios e, de acordo com William Grogan, Vice-Presidente Internacional do Sindicato Americano dos Trabalhadores dos Transportes, "entre 1946 e 1953, o governo nacional líderes sindicais, dirigentes sindicais locais, delegados sindicais e membros sindicais de base de setenta e cinco países receberam formação "em Caux e na Ilha de Mackinac, ou nos seus próprios países".<sup>1080</sup> Nem todos estes, claro, tiveram aplicaram os princípios da RAM quando chegaram em casa, nem todos aqueles que o fizeram tiveram resultados surpreendentes para relatar; mas Evert Kupers, durante vinte anos Presidente da Confederação Holandesa de Sindicatos, afirmou que "os milhares de pessoas que visitaram Caux ficaram profundamente impressionados com a sua mensagem para a nossa época e com a verdadeira camaradagem que aí encontraram".<sup>1081</sup>

Equipes equipadas com peças de teatro já atuavam na maioria dos países industriais avançados, bem como em muitos países em desenvolvimento. Eles usaram praticamente os mesmos métodos usados no Ruhr e nas minas de carvão britânicas. Na Grã-Bretanha, este trabalho espalhou-se por muitas situações nas docas, na indústria automóvel e noutros locais. Por exemplo, em Mackinac, em 1951, Buchman foi presenteado com um modelo de trator, simbolizando o fim de um conflito de personalidade na fábrica da *Ford Motor Company* em Dagenham entre um delegado sindical responsável por 16.000 homens e o superintendente do prédio de montagem. Os resultados foram refletidos em gráficos de produtividade e remuneração. O superintendente, H. W. Whatham, falando com o organizador, Arthur Morrell, ao seu lado, disse: 'A eficiência da produção atingiu 100,4 por cento, a mais alta de todos os tempos desde a guerra. Nem uma única queixa deixou a linha de montagem sem solução desde que começamos o rearmamento moral. Eliminamos as horas extras no

---

<sup>1080</sup> Grogan, pág. 140.

<sup>1081</sup> Prefácio a *World Labour e Caux* (Caux, fevereiro de 1950).

departamento de expedição de exportação e os homens estão recebendo aumentos salariais.”<sup>1082</sup> Buchman sempre zombou de Whatham com seus números. “Meu padrão é 100%”, ele dizia. 'Como você consegue 100,4 por cento?'<sup>1083</sup>

Um desenvolvimento mais abrangente ocorreu na indústria têxtil francesa através da iniciativa de Maurice Mercier, secretário-geral dos sindicatos têxteis da *Force Ouvrière*, e dos empregadores têxteis franceses que conheceu em Caux. Numa primeira visita a Caux em 1949, Mercier «observou que os empregadores de quase todos os países, transportados para esta atmosfera, estavam a reconsiderar os seus pontos de vista originais e ultrapassados e a tornar-se mais facilmente conscientes da sua responsabilidade como homens e como empregadores».<sup>1084</sup> Ele próprio tinha abandonado o Partido Comunista quando viu o movimento da Resistência degenerar em ciúmes mesquinhos e intrigas obscuras depois da guerra. A conferência em Caux e o subsequente encontro com Buchman trouxeram-lhe uma nova perspectiva. “A guerra de classes hoje”, disse ele, “significa metade da humanidade contra a outra metade, cada uma possuindo um poderoso arsenal de destruição. Nem um grito de ódio, nem uma hora de trabalho perdida, nem uma gota de sangue derramado – essa é a revolução à qual o Rearmamento Moral chama patrões e trabalhadores.”<sup>1085</sup>

Por iniciativa daqueles que se reuniram em Caux, alguns gestores e trabalhadores têxteis assinaram um acordo nacional em 1 de Fevereiro de 1951 - o primeiro em França desde a guerra. Foi também o primeiro a garantir aos colaboradores uma participação nos benefícios de uma maior produtividade. Seiscentos mil trabalhadores receberam imediatamente grandes aumentos salariais. No mesmo ano, por iniciativa de Mercier, oitenta delegações de fábricas têxteis compostas por empregadores, trabalhadores e funcionários reuniram-se em conferências de Rearmamento Moral.

Dois anos mais tarde, em 9 de Junho de 1953, os empregadores têxteis e os sindicatos - excepto a CGT comunista - assinaram um acordo solene "em total abertura, no interesse comum dos trabalhadores, das empresas e do país", que foi a pedra fundamental de uma política de cooperação para os próximos vinte anos. Ao abrigo deste regime, os trabalhadores

---

<sup>1082</sup> transcrições de Mackinac, junho de 1952.

<sup>1083</sup> Buchman recusou-se a citar este número na sua transmissão seguinte, contentando-se com o valor do mês anterior de 99,43 por cento, que já era melhor do que qualquer coisa desde a guerra.

<sup>1084</sup> Marcel, pág. 113.

<sup>1085</sup> Piguet e Sentis: *Ce Monde que Dieu nous confie* (Centurion, 1979), p. 64.

têxteis foram também os primeiros em França a beneficiar, entre outras coisas, de um regime de pensões de reforma e de subsídio de desemprego parcial. Um subsequente acordo anti-inflação foi considerado pelo Primeiro-Ministro Antoine Pinay como “uma das primeiras conquistas sólidas no caminho da mudança que é indispensável à sobrevivência económica do país”.<sup>1086</sup> Só em 1968 é que os empregadores a nível nacional de outras indústrias foram obrigados a conceder aos seus trabalhadores o mesmo nível de benefícios sociais que os trabalhadores têxteis tinham recebido voluntariamente.

O papel de Buchman na ajuda a tais transformações geralmente acontecia quando pessoas da indústria o encontravam em Caux, Mackinac ou em outro lugar. Muitas vezes eram pessoas que estavam no centro de grandes batalhas industriais nos seus países. Assim, no verão de 1950, Dan Hurley, presidente do Sindicato Nacional Amalgamado de Estivadores e Estivadores da Grã-Bretanha, veio para Caux. Foi ele quem iniciou a greve portuária britânica em 1949, declarando “negro” o navio canadiano Beaverbrae – uma greve que teria custado à economia britânica o equivalente a toda a Ajuda Marshall recebida da América nesse ano.

Hurley escreveu a Buchman depois de chegar em casa: 'Minha perspectiva certamente adotou um aspecto inteiramente novo, e como se tornou muito mais fácil ver o ponto de vista do outro sujeito, e não estar preparado para sempre para insistir na doutrina muito agressiva que faz parte da minha política há muito tempo... Bem, Frank, não importa quanto tempo demore até nos encontrarmos novamente, sempre me lembrarei de você como o vi pela última vez, em seu quarto, não enfermo, mas descansando depois de um árduo dia de trabalho, que suponho ter sido uma réplica de seus dias desde a inauguração de Caux. Que esforço deve ser ensinar à humanidade uma ideologia, que por muitos como eu é abordada com muita suspeita e, ainda assim, com toda essa tensão que nós, tolos, impomos a você, você é capaz de parecer o mais sereno pessoa que conheci.'<sup>1087</sup>

Hurley foi um dos muitos estivadores que conheceu Buchman e seus colegas. Quando *The Forgotten Factor* foi exibido em Poplar, no leste de Londres, em novembro de 1951, dez

---

<sup>1086</sup> *ibid.*, pág. 46.

<sup>1087</sup> Dan Hurley para Buchman, (sem data) 1950. Final de setembro, quando discursou em Caux em 10 de setembro.

funcionários atuais e antigos de três sindicatos portuários rivais enviaram convites a todos os membros do Parlamento, bem como a estivadores e empregadores portuários.

Efeitos semelhantes poderiam ser citados em muitos países. Alguns foram noticiados na imprensa local ou nacional,<sup>1088</sup> enquanto outros foram registados em vários Serviços de Informação sobre Rearmamento Moral. Na verdade, foi nesses relatos nas publicações do RAM que o compilador do relatório da CISL se baseou no que se revelou ser um ataque intransigente ao Rearmamento Moral.

A existência deste relatório foi revelada pela primeira vez num boletim diário emitido pelo Secretariado da CISL durante o Terceiro Congresso Mundial da Confederação em Estocolmo, em julho de 1953. Afirmava que 'foi apresentado um relatório sobre o Movimento de Rearmamento Moral, liderado pelo Dr. com especial referência às suas tentativas de incursão no domínio das relações laborais» e acrescentou que «os sindicatos livres fariam bem em proteger-se contra qualquer interferência de entidades cujo apoio financeiro seja, em qualquer caso, duvidoso». A imprensa mundial concluiu naturalmente que, como relataram o *New York World-Telegram* e o Sun, “a reunião da CISL em Estocolmo aprovou uma resolução condenando o RAM pelos “esforços antisíndicas”.<sup>1089</sup>

Não foi assim. Existia um projeto de relatório, que foi apresentado ao Executivo pelo Secretariado em Estocolmo. Mas nem na reunião de Estocolmo, nem em qualquer outro momento, este relatório ou qualquer resolução relativa ao mesmo foi apresentado ou votado pelo próprio Congresso, o único órgão autorizado a fazer declarações políticas em nome da Confederação. No entanto, o relatório foi publicado no mês de setembro seguinte como um suplemento ao Boletim Informativo do Secretariado.<sup>1090</sup> Mais uma vez houve publicidade a nível mundial.

O relatório declarou ter sido preparado a pedido dos Sindicatos Socialistas da Índia, Hind Mazdoor Sabha (HMS). O presidente do HMS, Sibnath Banerjee, negou prontamente que ele ou o seu executivo tivessem feito tal pedido. Mais tarde, descobriu-se que um funcionário do HMS tinha feito um inquérito pessoal e não oficial, como resultado da ampla

---

<sup>1088</sup> Por exemplo Miami Herald (25 de março de 1950): 'National Airlines. Sindicato dos Pilotos resolve queixas. Filosofia do rearmamento moral inaugura uma era de compreensão'.

<sup>1089</sup> New York World-Telegram and Sun, 14 de julho de 1953; relatórios semelhantes no The Times, 6 de julho de 1953, Daily Herald, 8 de julho de 1953.

<sup>1090</sup> Boletim Informativo da CISL, Vol. IV, nº 18 (84), 15 de setembro de 1953.

resposta ao Rearmamento Moral na Índia. Um funcionário do Secretariado da CISL sugeriu então que ele apresentasse o seu inquérito por escrito, o que permitiria a elaboração de um relatório.

O tema do relatório era que “o RAM interferia nas atividades sindicais” e estava envolvida em “esforços anti-sindicais, ao ponto de tentar fundar “sindicatos amarelos””. Afirmou também que «os resultados da RAM na indústria são ilusórios» e que as suas «fontes financeiras duvidosas. . . significa que o movimento tem de fazer concessões que dificilmente estão de acordo com o programa original de Buchman”. Com esta última declaração, o relatório presumivelmente quis dizer que a RAM recebia grandes somas da indústria e era, portanto, tendenciosa a favor da gestão. Nenhum inquérito foi dirigido pela CISL ao Rearmamento Moral antes desta alegação ser feita. A Federação Americana do Trabalho e o Congresso das Organizações Industriais (AFL e CIO) fizeram essas investigações e foram demonstrados que, no ano relevante, não foram recebidas contribuições das maiores organizações ou empresas industriais da América, e que na Grã-Bretanha presentes de todas as fontes industriais representaram menos de três por cento do total.

As provas apresentadas para fundamentar as principais acusações consistiram em nove citações de publicações do RAM e nove pareceres de membros do Conselho Executivo da CISL ou de organizações afiliadas, aos quais foi enviado um questionário. As nove citações da literatura sobre RAM foram apresentadas sob o subtítulo “RAM forneceu as provas”. Mas, ao examinar os textos originais, tornou-se evidente que sete deles tinham sido editados de tal forma que alteraram completamente o seu significado, enquanto os outros dois, mesmo nas suas formas truncadas, tinham pouco a ver com as acusações feitas.<sup>1091</sup>

As nove “opiniões” impressas no relatório foram correctamente descritas desta forma, uma vez que apenas uma delas continha uma declaração factual de qualquer tipo - uma declaração que foi, aliás, declarada mal-informada por um dos homens referidos, que desde

---

<sup>1091</sup> Julian Thornton-Duesbery, então Mestre do St Peter's College, Oxford, em *The Open Secret of RAM* (Blandford, 1964, pp. 96-119), imprimiu os textos originais dos itens citados e as versões da CISL lado a lado. "O objetivo desta edição "altamente preconceituosa" foi tentar provar que o RAM "interfere nos assuntos sindicais", comentou. "Os textos originais, não editados, provam exatamente o contrário... Estudo dos textos não editados, também, deixa claro que o autor do relatório não foi capaz de apresentar um único exemplo de qualquer tentativa de fundar um "sindicato amarelo".' Thornton-Duesbery também imprimiu abaixo de cada item os comentários dos dirigentes sindicais sobre a situação em questão, comentários que contradizem as interpretações do relatório. Estas declarações foram enviadas à CISL, mas nunca foram publicadas por esse órgão.

então se tornou o Presidente da filial do próprio sindicato do funcionário reclamante na área. Sete das opiniões eram hostis ao Rearmamento Moral, uma neutra e uma favorável. Não se sabe se esta foi uma amostra representativa das respostas ao questionário enviado pelo Secretariado da CISL. Outras respostas favoráveis ao Rearmamento Moral foram posteriormente enviadas ao editor e ignoradas. A resposta favorável do vice-presidente executivo do CIO americano, John Riffe, foi incluída na versão original do relatório de julho, mas omitida na versão final de setembro.

Tanto quanto sei, nenhum órgão sindical nacional adoptou o relatório da CISL. Na Grã-Bretanha, o Congresso Sindical e o Partido Trabalhista dissociaram-se expressamente dele com base na liberdade de consciência dos seus membros.<sup>1092</sup> Os monitores das emissões e da imprensa da Europa de Leste comentaram, no entanto, sobre a utilização que fizeram do projeto de relatório, mesmo antes da sua publicação, e os meios de comunicação social mundiais, incapazes de verificar rapidamente as fontes do relatório, deram-lhe ampla publicidade quando foi publicado. Mais tarde, alguns editores, ao descobrirem os seus defeitos, começaram a perguntar-se porque é que a CISL tinha agido de forma tão precipitada. O *Der Bund* de Berna arriscou a possibilidade de que o relatório pudesse ser “um ovo de cuco posto por Moscovo no ninho dos seus oponentes para levantar suspeitas tanto sobre eles como sobre o Rearmamento Moral, para criar confusão”.<sup>1093</sup> Dr. William Bohn, editor do O semanário social-democrata de Nova Iorque, *The New Leader*, foi mais cauteloso quanto à origem do relatório, mas claro quanto à sua falsidade: 'Estas acusações, aparentemente lançadas com o apoio de uma organização tão respeitada (como a CISL), criaram uma grande impressão em muitas partes do mundo. Mas à medida que o tempo passou e novos factos surgiram, o seu impacto tendeu a desvanecer-se. Parece-me que, no geral, os homens e mulheres do RAM saíram do conflito com cores vivas. É perturbador notar que as acusações feitas contra o RAM pelo Secretariado da CISL anticomunista foram captadas por Moscou.’<sup>1094</sup>

---

<sup>1092</sup> George Woodcock, Secretário Geral do TUC, para James Haworth, 28 de abril de 1954; declaração de Len Williams, Agente Nacional e posteriormente Secretário Geral do Partido Trabalhista (*Eastern Standard*, 2 de abril de 1954).

<sup>1093</sup> *Der Bund*, 27 de setembro de 1953.

<sup>1094</sup> *O Novo Líder*, 15 de fevereiro de 1954.

Buchman estava convencido de que o relatório da CISL era “apenas a ronda inicial de uma ofensiva mundial”, mas não se comprometeu quanto à sua fonte. Ele parece ter estado principalmente interessado em ver como a oposição afetaria as pessoas. “A perseguição é o fogo que forja os profetas – e os que desistem”, costumava dizer. Ele ficou particularmente satisfeito com a ação direta de John Riffe quando a questão foi levantada na Convenção do CIO de 1953, onde, coincidentemente, a posição de Riffe como Vice-Presidente Executivo estava em fase de ratificação.

Desafiado por membros proeminentes sobre a sua relação com o Rearmamento Moral, Riffe disse: 'Alguns de vocês conheceram pessoas no Rearmamento Moral; alguns de vocês ainda não. Bem, você está olhando para um agora... Ninguém pode se opor a que John Riffe abandone o uísque, o pôquer e muitas outras coisas que ele não deveria estar fazendo. Agora, se o contato com o RAM torna um sindicalista como eu honesto e decente e com um amor altruísta pelos seus semelhantes, isso está interferindo no trabalho? Se isso me der uma vida familiar feliz novamente e me fizer fazer meu trabalho com maior responsabilidade, isso será prejudicial ao trabalho?

'Milhões de nossos membros acreditam nestes princípios. Não há um homem nesta sala que não diria que eles estão certos. Mas todos nós os vivemos? Estou em suas mãos. Não importa o que você decida, não vou guardar nenhuma amargura.'

Do silêncio, um membro levantou-se: 'Ouvimos o Vice-Presidente Executivo. Sabemos como ele viveu. Eu só gostaria de poder viver assim. Quando toda a Convenção se reuniu e Riffe foi confirmado em seu cargo, ninguém se opôs a ele e ele foi eleito por aclamação. O Presidente do Comité Internacional também deixou claro que não tinha sido autorizado nenhum relatório constitucionalmente válido da CISL e que a AFL também se recusara a condenar o Rearmamento Moral.<sup>1095</sup> O comentário de Buchman foi: 'Grato por um amigo inteligente e atencioso como John.'

Entretanto, James Haworth, presidente da Associação dos Funcionários Assalariados dos Transportes na Grã-Bretanha, um antigo deputado e membro do Executivo do Partido Trabalhista, tinha ido a Bruxelas para confrontar o Secretariado da CISL com as imprecisões do seu relatório. Ele teve uma entrevista com o Secretário-Geral e o oficial que compilou o relatório. “Analisámos o Relatório em detalhe e, quando saí, tive a impressão de que este

---

<sup>1095</sup> A história completa é contada em Grogan, pp. 147-51.

seria retirado”, escreveu Haworth.<sup>1096</sup> Foi - mas só doze anos mais tarde, em 18 de Agosto de 1966, quando o Secretário-Geral da CISL, Omer Bécu, escreveu ao Rearmamento Moral em Londres, confirmando a “atitude de estrita neutralidade” da CISL em relação ao Rearmamento Moral, e divulgou a sua carta aos meios de comunicação social.<sup>1097</sup>

Seja qual for o motivo do compilador do “relatório da CISL”, a maior parte dos sindicalistas que, sem o examinarem de perto, lhe emprestaram a autoridade do Boletim da CISL, foram provavelmente movidos por uma emoção humana bastante simples - a sensação de que um organismo externo estava caça furtiva em suas conservas. Este mesmo sentimento parece ter sido pelo menos um factor por detrás do lançamento do relatório do Conselho Social e Industrial da Igreja de Inglaterra.

Durante a primavera e o verão de 1952, *The Forgotten Factor* foi apresentado em uma série de centros industriais britânicos, a convite da administração local e de líderes sindicais. Em cada cidade, o elenco e a equipe acompanhante foram recebidos por líderes da Igreja que descobriram que a peça estimulava o interesse por assuntos espirituais entre pessoas que tinham pouco contato com a religião organizada. Esse, por exemplo, foi o tema do sermão do Reitor de Portsmouth num culto de ação de graças pela sua visita à Catedral de Portsmouth,<sup>1098</sup> e o pensamento por trás de uma carta de apoio do Bispo de Coventry ao jornal diário daquela cidade.<sup>1099</sup> O Moderador da Igreja da Escócia, o Reverendo G. Johnson Jeffrey, escreveu a 1.560 ministros escoceses anunciando a visita da peça a Glasgow como “um empreendimento de fé que merece a maior atenção de todos os líderes da Igreja”.<sup>1100</sup>

Em Sheffield, entretanto, a peça encontrou uma recepção diferente por parte de um grupo influente de clérigos. Uma prestigiada missão industrial, liderada pelo capelão industrial do Bispo, Canon E. R. Wickham, já estava trabalhando lá, e logo se tornou evidente que Wickham e aqueles próximos a ele desaprovavam a intervenção do Rearmamento Moral e consideravam o Fator Esquecido como um obstáculo, em vez de uma ajuda, para o trabalho que estavam fazendo. O próprio Bispo de Sheffield, o Rev. L. S. Hunter, expressou esta

---

<sup>1096</sup> Thornton-Duesbery, pp. 120-22, Apêndice VII, Haworth: 'Rearmamento Moral para Socialistas'.

<sup>1097</sup> Serviço de Imprensa e Rádio da CISL, 18 de Agosto de 1966.

<sup>1098</sup> 11 de maio de 1952.

<sup>1099</sup> Coventry Evening Telegraph, 7 de junho de 1952.

<sup>1100</sup> Carta do Rev. G. Johnson Jeffrey, 20 de maio de 1952.

opinião quando, dirigindo-se à Convocação de York logo após a visita do *The Forgotten Factor*, rejeitou a peça, que ele próprio não tinha visto, como 'emocionalismo superficial e psicologia superficial' e acrescentou: 'É assustador a facilidade com que alguns industriais e outros caem na habilidade de vendas do RAM.'<sup>1101</sup>

O Bispo foi Vice-Presidente do recém-fundado Conselho Social e Industrial da Igreja da Inglaterra, e na sua quarta reunião em 26 de fevereiro de 1953, a que ele presidiu, o Conselho decidiu que 'deveria considerar a publicação de um relatório sobre o Rearmamento Moral'. Três meses antes, o Conselho tinha pedido a Gerald Steel, Director-Geral da United Steel Company, com sede em Sheffield e membro do Conselho, que produzisse um breve relato de fatos do trabalho do Rearmamento Moral na indústria, que ele agora apresentava. Ao apresentá-lo, ele disse que 'conhecia várias pessoas que eram extremamente críticas em relação à Igreja e que diziam que o RAM era de primeira classe e que a Igreja, tanto quanto podiam perceber, estava a zombar dela, e não o fizeram. penso muito na Igreja nesse aspecto.' Ele achava que a Igreja deveria deixar clara a sua posição. Isto foi geralmente acordado e a questão foi passada ao Comitê Permanente do Conselho.<sup>1102</sup>

O Comitê Permanente criou um grupo de trabalho. O Cônego Cyril Hudson de St Albans, que se comprometeu a ser tanto Convocador quanto Secretário, escolhido como Presidente, 'agindo por sua própria iniciativa',<sup>1103</sup> o Bispo de Colchester, o Rt Revd F. D. V. Narborough, que tinha sido um crítico consistente do trabalho de Buchman desde década de 1920. Canon Wickham foi cooptado. Outro dos cooptados havia expressado pouco antes forte desaprovação do trabalho de Buchman numa conversa com trabalhadores do RAM. Nenhum dos sugeridos no Conselho ou no Comitê Permanente que tiveram associação recente com o Rearmamento Moral foi incluído ou consultado. O Rev. Dennis Nineham<sup>1104</sup> e o Bispo Geoffrey Alien<sup>1105</sup> foram convidados a redigir os capítulos teológico e psicológico do

---

<sup>1101</sup> 14 de maio de 1952. Reimpresso em Sheffield Diocesan Review, agosto de 1952. Os observadores ficaram ainda mais surpresos com o discurso do bispo por causa da descrição amplamente simpática do trabalho de Buchman dada em seu livro, *A Parson's Job* (SCM Press, 1931, pp. 86-8) escrito quando Arquidiácono de Northumberland.

<sup>1102</sup> *ibid.*, 26 de fevereiro de 1953.

<sup>1103</sup> Atas do Comitê Permanente, 13 de maio de 1953.

<sup>1104</sup> Na época, diretor do Ripon Hall, Oxford, e mais tarde bispo de Derby. No início dos anos 30, como capelão do Lincoln College, Oxford, ele havia trabalhado em estreita colaboração com o Grupo Oxford, mas até então, em suas próprias palavras, 'não tinha tido nenhuma atividade ativa associação há muitos anos'.

<sup>1105</sup> Professor de Teologia Bíblica e Histórica, King's College, Londres, 1954-1958.

relatório, enquanto o Cônego Wickham seria encarregado do terceiro e último capítulo, 'O Pensamento Social do RAM'.<sup>1106</sup>

O Conselho de Gestão do Grupo de Oxford só soube que o Grupo de Trabalho estava em funcionamento quando três indivíduos que tinham sido ajudados pelo Rearmamento Moral - o Presidente da Câmara de Folkestone, um professor de história no Greenwich Naval College e um jovem clérigo do East End - foram informalmente abordados para prestar depoimento pelo Bispo Narborough ou pelo Cônego Hudson, nenhum dos quais, segundo estes indivíduos, escondeu a sua hostilidade em relação ao Rearmamento Moral. Estes três sentiram-se incompetentes para dar testemunho do trabalho nacional e mundial do RAM, mas estavam dispostos a dar a sua experiência pessoal, desde que alguns dos responsáveis centrais por todo o trabalho também fossem convidados. Esta condição não foi aceita, então eles recusaram.

Ao longo de 1953 praticamente não houve contacto entre o Grupo de Trabalho e pessoas identificadas com o Rearmamento Moral. O cônego Wickham passou algumas horas em Caux. Canon Hudson jantou com R. C. Mowat, o professor de história, e três amigos, a convite de Mowat. Finalmente, por insistência de Mowat, parecia prestes a realizar-se uma reunião entre o Grupo de Trabalho e o Conselho de Gestão do Grupo de Oxford, tendo o Bispo Narborough sugerido 27 de Janeiro de 1954 como uma data conveniente.

Duas semanas antes dessa data ocorreram acontecimentos que destruíram essa oportunidade. O *Daily Telegraph* publicou cartas do Cônego Wickham e do Bispo Narborough criticando fortemente o Rearmamento Moral.<sup>1107</sup> Sir Lynden Macassey, que presidiu a numerosos tribunais governamentais e assessorava o Grupo de Oxford, ficou escandalizado pelo facto de o presidente e membro de um órgão «preparar o que se deve presumir ter a intenção de ser um relatório justo e imparcial. . .' deveriam 'escrever cartas partidárias à imprensa pública condenando o que eles tiveram que investigar...' 'Seria difícil,

---

<sup>1106</sup> *ibid.* e 2 de julho de 1953.

<sup>1107</sup> *Daily Telegraph*, 13 e 21 de janeiro de 1954. A carta do Cônego Wickham de 13 de janeiro foi respondida por uma forte declaração do Moderador da Igreja da Escócia e dos líderes de todas as Igrejas Livres em 15 de janeiro. Outros que escreveram em protesto à medida que a controvérsia se desenvolvia incluíam o Metropolitano da Índia, o Mais Rev. Arabindo Nath Mukerjee, nove bispos suecos, e Dr. Toyohiko Kagawa e Bispo Augustine Takasa do Japão. Estas e outras declarações, algumas das quais apareceram em jornais britânicos, são coletadas no Relatório sobre Rearmamento Moral, editado por R. C. Mowat (Blandford, 1955). Nenhum deles é citado no relatório.

se não impossível', acrescentou ele, 'imaginar uma ação paralela... no caso de qualquer comitê ou tribunal que estava empenhado em formar um julgamento sobre uma importante controvérsia...'<sup>1108</sup> O Arcebispo de Canterbury, Dr. Geoffrey Fisher, opinou: 'Deve-se supor que este Grupo de Trabalho não foi concebido para consistir inteiramente de pessoas imparciais', mas uma semana mais tarde garantiu ao seu correspondente, o Presidente da Câmara de Folkestone: 'Permita-me apenas sublinhar que nenhum tipo de relatório deste Grupo de Trabalho chegará à imprensa ou será tornado público. . .'<sup>1109</sup>

Quando se reuniu em 28 de janeiro de 1954, o Conselho pai inicialmente pareceu quase tão chocado quanto Sir Lynden. Anotou que as cartas eram “não apenas imprudentes, mas impróprias”, enquanto um membro sênior, o bispo de Birmingham, as considerava como “viciando todo o trabalho do subcomitê”. No final, porém, o Conselho concordou que o Grupo de Trabalho não deveria ser demitido, mas que o próprio Conselho deveria escrever ao Grupo de Oxford e convidar dois ou três representantes para se reunirem com ele.<sup>1110</sup> No dia seguinte, o seu Secretário enviou este convite - o primeiro comunicação recebida pelo Grupo de Oxford do Conselho ou do Grupo de Trabalho.

Apesar de tudo o que se passou, o Grupo de Oxford decidiu que ainda deveria estar preparado para se reunir com o Conselho. Ao aceitarem o convite, impuseram duas condições, comuns em tais casos: em primeiro lugar, que o Conselho lhes fornecesse uma lista de assuntos sobre os quais eram necessárias informações para que pudessem tê-las disponíveis, e em segundo lugar, que pudessem trazer uma taquigrafia competente redator para que uma nota literal das discussões pudesse ser feita.<sup>1111</sup> O conselho respondeu que se o Grupo sentisse que as discussões tinham que ser 'investidas com tanta formalidade', seria melhor 'adiar qualquer reunião por enquanto'.<sup>1112</sup> O Grupo de Oxford reiterou oficialmente

---

<sup>1108</sup> Observações de Sir Lynden Macassey, QC, em Declaração do Conselho de Administração do Grupo de Oxford a respeito do método de elaboração do Relatório sobre Rearmamento Moral adotado pelo Conselho Social e Industrial (fevereiro de 1955), pp. Foi Sir Lynden quem conduziu uma investigação anterior do Grupo de Oxford para o Bispo de Londres.

<sup>1109</sup> Arcebispo Fisher para John Moncrieff, 22 e 26 de janeiro de 1954.

<sup>1110</sup> Ata do Conselho Social e Industrial, 28 de janeiro de 1954.

<sup>1111</sup> D. C. Grimshaw, Secretário Interino do Grupo Oxford, para J. A. Guillam Scott, Secretário do Conselho Social e Industrial, 17 de fevereiro de 1954.

<sup>1112</sup> J. A. Guillam Scott para secretário interino do Grupo Oxford, 22 de fevereiro de 1954.

por duas vezes a sua vontade de se reunir com o Conselho. Em ambas as ocasiões, o Conselho recusou.<sup>1113</sup>

Assim, em 28 de janeiro de 1955, o relatório foi entregue à imprensa, antes de ter sido visto pela Assembleia da Igreja e sem que tivesse ocorrido qualquer reunião entre o Conselho ou o seu Grupo de Trabalho e qualquer responsável pelo trabalho sobre o qual reportavam. Histórias proeminentes foram publicadas no dia seguinte em todos os jornais britânicos e em muitos outros jornais. As manchetes típicas eram “Utópico e Escapista” (*The Times*), “Psicologicamente perigoso: Dois Dissidentes” (*Daily Telegraph*) e “Os buchmanistas deveriam pensar mais: a Igreja carece de vigor” (*News Chronicle*).

Não se sabe por que motivos o Dr. Fisher deu garantias ao vereador Moncrieff - e também, ao que parece, o Lorde Hardinge de Penshurst - de que "nenhum tipo de relatório será... tornado público", pois fica claro nas suas atas que o Conselho e o Grupo de Trabalho já há muito tinham em mente a publicação. No dia 9 de Novembro, contudo, no que parece ser uma confusão indigna, o Arcebispo escreveu ao Secretário do Conselho insistindo que qualquer relatório deveria ser publicado pelo Conselho “por sua própria autoridade como o seu próprio relatório” e não, como o Conselho pretendia, por o Grupo de Trabalho. 'Desde que isso seja feito', disse ele, 'minha resposta (Lorde Hardinge) é válida.' O Conselho, então, gentilmente reverteu a sua decisão.<sup>1114</sup>

Os dois dissidentes mencionados na manchete do *Daily Telegraph* foram o general Sir Colin Jardine e Gerald Steel, o industrial que escreveu o esboço original do trabalho do Rearmamento Moral na indústria. Eles só foram autorizados a fazer breves declarações formais no relatório. No debate da Assembleia da Igreja, Jardine protestou entre “aplausos” contra a impropriedade que levou o Bispo Narborough e o Cónego Wickham a escreverem à imprensa,<sup>1115</sup> enquanto Steel escreveu ao Secretário do Conselho: “As frases (no relatório) serão citadas fora do seu contexto - e certas frases irrisórias do relatório são a matéria de que são feitas as manchetes.<sup>1116</sup> Idealismo e boa vontade, por outro lado, não são "notícias", e referências à sinceridade, coragem e abnegação dos adeptos do RAM provavelmente

---

<sup>1113</sup> *ibid.*, 12 de março e 12 de abril de 1954.

<sup>1114</sup> Atas do Conselho Social e Industrial, 4 de dezembro de 1954.

<sup>1115</sup> Os tempos, 16 de fevereiro de 1955.

<sup>1116</sup> Algumas dessas 'sentenças irrisórias' não parecem ter estado no texto original, mas foram adicionadas por um pequeno comitê de edição. O Bispo de Sheffield, na reunião do Conselho de 9 de dezembro de 1954, tentou remover duas delas contra a defesa bem-sucedida de Canon Hudson.

aparecerão em letras muito pequenas, se é que aparecerão. Acredito que a publicação causará muita angústia a esses homens e mulheres de boa vontade, será um retrocesso no seu trabalho e refletirá pouco crédito para a Igreja.<sup>1117</sup>

No que diz respeito à publicidade, ele provou ser um verdadeiro profeta. Embora, após um debate animado de dois dias, o relatório não tenha sido adoptado, mas apenas “recebido” pela Assembleia, e apenas com a ressalva de que “esta Assembleia não deseja registar qualquer julgamento sobre os méritos ou deméritos do RAM”<sup>1118</sup>. O efeito da publicidade inicial não foi eliminado. A impressão mundial foi dada de que o Rearmamento Moral havia sido condenado por toda a Igreja da Inglaterra.

Esta impressão, talvez de forma natural, foi autodestrutiva para aqueles no Conselho que esperavam genuinamente melhorar o trabalho do Rearmamento Moral. As pessoas que tinham sofrido um tal ataque público universal tendiam a sentir-se sitiadas e não só a ignorar os elogios ocasionais contidos no relatório, mas também a não estarem dispostas a prestar atenção a qualquer conselho útil. Por exemplo, o capítulo do Bispo Alien sobre a “Psicologia do Reavivamento de Grupo” (que ele declarou especificamente “não pretende ser uma descrição do RAM na sua forma atual”) foi uma discussão útil sobre os perigos de qualquer associação de pessoas tornar-se dependente uns dos outros. Ele enfatizou acertadamente que nas relações entre pais e filhos, entre sacerdote ou professor e discípulo, psicólogo e paciente, o parceiro menor não deve permanecer dependente do mais velho ou não “crescerá na maturidade e no poder da sua própria personalidade livre”. O presente livro terá mostrado quão intensamente Buchman sentiu esse perigo e que medidas drásticas ele tomou para tentar evitá-lo. Nem sempre teve sucesso: mas as restrições ao Rearmamento Moral como “psicologicamente perigoso” - acrescentadas ao tema do Bispo Alien, ao que parece, por outro lado - certamente nunca teriam aparecido se o Grupo de Trabalho tivesse contido alguém com conhecimentos até -conhecimento da vida interior da irmandade do Rearmamento Moral, ou mesmo, talvez, se o Conselho tivesse aceitado o repetido convite do Grupo de Oxford para se encontrar com os seus representantes responsáveis.

Esta falta de contato fez com que os redatores do relatório voltassem a estudar a literatura sobre RAM: e por alguma razão foi um estudo seletivo. Nenhum dos escritos de

---

<sup>1117</sup> Gerald Steel para Scott, 16 de dezembro de 1954.

<sup>1118</sup> Os tempos, 17 de fevereiro de 1955.

teólogos, como Streeter ou Thornton-Duesbery ou dos professores alemães Karl Adam ou Werner Schöllgen, por exemplo, são mencionados, e os próprios discursos de Buchman são mencionados apenas uma vez. A literatura mencionada raramente dava qualquer relato da vida devocional do indivíduo ou da vida coletiva daqueles que trabalhavam com o Rearmamento Moral, mas preocupava-se principalmente em dar boas novas do poder de Deus em ação na sociedade. Também neste caso o contacto pessoal adequado teria sido útil para uma avaliação informada.

O professor Nineham, em seu capítulo, 'A Teologia do RAM', queria que o RAM produzisse definições teológicas precisas para doutrinas como o Pecado, a Expição, a Encarnação e a Ressurreição. Isto mostrou uma falta de compreensão da função do Rearmamento Moral, que não era definir a doutrina. Qualquer tentativa nesse sentido teria alterado a sua natureza de organismo para seita, a antítese daquilo que Buchman pretendia.

Buchman esteve fora da Grã-Bretanha, excepto durante alguns meses, durante os anos em que este relatório estava a ser planeado, preparado, publicado e debatido, mas foi mantido amplamente informado sobre os diferentes incidentes. À medida que tomou conhecimento dos métodos utilizados pelo Conselho Social e Industrial, pareceu-lhe que, por mais bem-intencionada que fosse a maioria dos seus membros, o seu Grupo de Trabalho tinha um núcleo ativo que desejava, por qualquer razão, tornar seu trabalho mais difícil. Uma noite em Marrocos, na Primavera de 1954 - depois das cartas ao *Daily Telegraph* e da renovada recusa do Conselho em se reunir com representantes do Grupo de Oxford - ele expressou a Baynard-Smith a ideia de que Tom Driberg estava envolvido algures nos bastidores: 'O político maduro conhece Driberg e o avalia. O povo da Igreja é enganado por sua posição. Ele é um artigo inteligente.

Buchman pode ter estado certo ou errado ao deduzir uma ligação de Driberg com o relatório da Igreja Anglicana. Nada evidente apareceu para provar isso. Pode ser uma coincidência que ele tenha vivido, tido o seu eleitorado e sido diretor da igreja na diocese em que o Bispo Narborough serviu, e tenha sido proeminente no movimento Socialista Cristão com o qual tanto o Bispo como o Cónego Wickham simpatizavam. Eles, é claro, não teriam conhecimento das suas ligações com a KGB, das quais Buchman e os seus colegas tinham sido avisados por fontes tão variadas como Walton Cole, quando era editor-chefe da Reuters e membro do Comité Central da União Comunista. Partido da Grã-Bretanha. O que está claro

é que ele nunca, desde 1928, esteve ausente de qualquer movimento britânico importante contra Buchman, e que fez uso extensivo do relatório tanto na altura como num livro publicado após a morte de Buchman.

Tal como acontece com o relatório da CISL, no entanto, o principal interesse de Buchman foi com aqueles que defenderam o seu trabalho na Assembleia da Igreja. Eles incluíam o arqui-diácono de Halifax, que pediu que a Assembleia passasse a tratar de outros assuntos; Sir Cyril Atkinson, que desejava que a Assembleia declarasse que o relatório era “prejudicial e injusto para um grande movimento religioso”; Lorde Selborne, que disse tê-lo lido “com profundo pesar e não pouco ressentimento”, e o Reitor de Exeter, que fez uma tentativa de última hora para que o relatório fosse retirado. Buchman estava particularmente interessado na intervenção do Reitor de Westminster, Dr. A. C. Don, que, como Capelão do Arcebispo Lang, conduziu a investigação anterior e muito mais completa sobre Buchman e seu trabalho. No debate, afirmou que «o relatório deu-lhe a impressão de falta de abertura de espírito num ou dois casos. Ele sentiu que nada de bom resultaria para o RAM ou para a Igreja da Inglaterra se continuasse o debate...’ A Assembleia, continuou ele, ‘deveria evitar dizer coisas que possam ser falsas e pouco caridosas, e assim alienar a Igreja de Inglaterra, muitas pessoas boas e de elevados princípios que - quer a Assembleia gostasse ou não - encontraram no RAM algo que não conseguiram encontrar em outro lado.’<sup>1119</sup>

Nem o relatório nem o debate trouxeram qualquer benefício a nenhuma das partes. A suposta condenação da Igreja foi utilizada pelos inimigos do Rearmamento Moral e, naturalmente, tornou muitos cristãos cautelosos ou mesmo desdenhosos na sua atitude. Aqueles associados ao Rearmamento Moral que eram membros da Igreja da Inglaterra continuaram a frequentar suas igrejas, onde somente poderiam receber os sacramentos, mas isso reforçou em muitos a impaciência com a ‘ineficácia’ da Igreja, como admitido em relatório e, em alguns casos, um sentimento injustificado de superioridade.

Para além destes ataques públicos díspares ao seu trabalho, Buchman tinha uma preocupação constante e de longo prazo: a atitude de Roma. Centenas de católicos vinham para Caux todos os anos, e ele encontrava muitos nas docas de Londres e nas fábricas da França, Itália e América. Ele próprio manteve a atitude que expressou a um importante jesuíta inglês já em 1933, quando escreveu: “O nosso princípio sempre foi o de enviar todos os

---

<sup>1119</sup> *ibid.*, 16 de fevereiro de 1955.

católicos romanos de volta aos seus pais para confissão...”<sup>1120</sup> Quanto aos não católicos romanos, crentes que tiveram uma experiência de Deus através de seu trabalho, ele acrescentou na mesma carta: 'Toda a nossa política é deixar que cada indivíduo decida a qual igreja ele será orientado a ir. Muitos tornaram-se católicos romanos convictos.' Ele sentia que qualquer renovação da fé que Deus o usasse para trazer a alguém deveria aumentar, e não enfraquecer, a sua lealdade primária.

Foi apenas no verão de 1951 que Buchman percebeu que uma nova situação estava se desenvolvendo. Em agosto daquele ano, o Santo Ofício formulou uma advertência de três pontos aos católicos, que não foi divulgada à imprensa nem enviada imediatamente às Nunciaturas de todo o mundo, mas que se tornou conhecida em Caux. Ele dizia:

1. Não é próprio que os sacerdotes do clero diocesano ou regular, ou, a fortiori, as religiosas, participem nas reuniões do Rearmamento Moral.

2. Se circunstâncias especiais tornarem desejável tal participação, peça-se previamente autorização à Sagrada Congregação do Santo Ofício; será concedido apenas a sacerdotes instruídos e experientes.

3. Finalmente, não é apropriado que os fiéis aceitem qualquer cargo de responsabilidade no movimento do Rearmamento Moral, e muito menos participem nas chamadas 'equipes políticas'.

Isto foi uma grande surpresa para Buchman, pois as relações amistosas que mantinha desde 1948 com o Bispo da região de Caux, Monsenhor Charrière, o levaram a acreditar que a Igreja Católica estava tomando uma atitude positiva em relação à sua ação. Mas Charrière deixou claro que o aviso era um assunto sério, embora tenha providenciado que os padres servissem na capela católica que faz parte dos edifícios da assembleia de Caux.

Como é seu costume, o Santo Ofício não deu quaisquer razões para a sua acção. Os muitos amigos católicos de Buchman que fizeram investigações em Roma trouxeram a confirmação de que a declaração veio da mais alta autoridade em questões dogmáticas e que não havia possibilidade de discussão. Ao mesmo tempo, ficou-lhes claro que a advertência não equivalia a uma condenação e, de facto, uma torrente de católicos continuou a chegar a Caux. Entre eles estavam teólogos ilustres como Karl Adam, professor de Teologia Dogmática na Universidade de Tübingen, e Werner Schöllgen, professor de Teologia Católica

---

<sup>1120</sup> Buchman para Francis Woodlock, SJ, 23 de outubro de 1933.

na Universidade de Bonn, ambos os quais registraram suas impressões favoráveis. O Professor Adam escreveu no *Tübingen Theological Quarterly*: “Não foram meros sonhadores que seguiram o movimento que, no espaço de trinta anos, se transformou numa grande ofensiva mundial, mas sim intelectuais proeminentes, estadistas e políticos mundialmente famosos, grandes industriais e líderes operários, sindicalistas, estivadores e mineiros, homens de todas as condições, desde ministros a cozinheiros. Todos eles tinham um objetivo: resolver as questões políticas, econômicas, sociais e culturais mais difíceis à luz do Evangelho. E é espantoso, é maravilhoso como, vez após vez, são os conceitos simples e claros do Sermão da Montanha que lançam luz sobre os problemas políticos e econômicos mais complicados. Os quatro absolutos, o desafio à entrega total a Deus, a fé no poder da Cruz de Cristo e o “tempo de silêncio” que Buchman exorta, são elementos básicos da vida cristã, são o cristianismo vivido. É por isso que a mensagem de Buchman é, em sua essência, uma mensagem cristã. Pode-se compreender por que o católico não encontra novas verdades em Caux. Mas, abalado nas suas raízes, ele tem de admitir que em Caux o cristianismo foi compreendido e vivido mais profundamente do que em muitas comunidades católicas. Em resposta à pergunta “O que Caux tem para dar aos católicos?” Monsenhor Eugène Fischer, Decano da Catedral de Estrasburgo, respondeu: "A primeira coisa que nos impressiona em Caux é o incômodo da nossa consciência. Acredito que fora das ordens religiosas, não há lugar na face da terra onde tanto a oração sobe." <sup>1121</sup>

O Dr. Adam escreveu em 1952, enquanto o Professor Schöllgen dedicou um capítulo ao Rearmamento Moral no seu livro *Actuelle Moralprobleme* 1955.<sup>1122</sup> E durante este período o Padre Riccardo Lombardi, um Jesuíta, sentiu-se livre para convidar Buchman para discursar numa reunião de uma centena de padres em Roma quando ele estava lançando seu movimento 'Per Il Mondo Migliori'. Mas o Santo Ofício acabou por enviar o seu aviso às Nunciaturas de todo o mundo e, em dezembro de 1957, foi publicado em posição privilegiada na primeira página do *L'Osservatore Romano*.<sup>1123</sup>

O aviso foi um grande constrangimento para Buchman. Embora muitos italianos tenham vindo para Caux, por exemplo, ele não estava livre para trabalhar em Itália pela

---

<sup>1121</sup> Karl Adam escrevendo em *Tübingen Theological Quarterly*, edição da primavera de 1952; reimpresso *Vaterland*, Lucerna, 12 de agosto de 1952.

<sup>1122</sup> Werner Schöllgen: *Aktuelle Moralprobleme* (Patmos Verlag, setembro de 1955).

<sup>1123</sup> *L'Osservatore Romano*, 9-10 de dezembro de 1957.

reconciliação europeia como tinha feito em França e na Alemanha. De Gasperi, quando primeiro-ministro, foi impedido de visitar Caux pelas dúvidas então dominantes no Santo Ofício. Além disso, alguns dos católicos romanos que trabalharam em estreita colaboração com Buchman o deixaram, embora outros tenham sido encorajados pelos seus conselheiros espirituais a continuar o trabalho que tinha sido a sua vocação pessoal. Vários cardeais e bispos que conheceram Buchman pessoalmente e desenvolveram confiança nele, deixaram-no saber que ainda confiavam nele. Mas ele e os seus colegas ficaram perplexos com a decisão do Santo Ofício e ainda ignoravam as razões por trás dela.

O conde Lovera di Castiglione fez fortes representações ao Santo Ofício, sem efeito. Ele também deu conselhos a Buchman e seus colegas, que foram menos atendidos do que deveriam. Por exemplo, ele expressou advertências sobre o uso da linguagem. As pessoas no Rearmamento Moral por vezes caíam em “generalizações que fazem parecer que o RAM tinha iniciado uma actividade que nunca existiu antes e que não existe em mais lado nenhum hoje”, escreveu ele. 'Conheço bem os homens do RAM e suas intenções puras. Outros, no entanto, consideram as suas afirmações excessivas, não exatamente justas, e uma demonstração de presunção inata.'<sup>1124</sup>

As razões da decisão do Santo Ofício finalmente ficaram claras para Buchman, mas apenas gradualmente. Eram uma combinação de preocupações pastorais compreensíveis e um profundo “mal-entendido” – uma palavra que o próprio Cardeal Alfredo Ottaviani, então Prefeito do Santo Ofício, usou mais tarde.<sup>1125</sup>

A preocupação do Santo Ofício em 1951, quase uma década antes do Vaticano II, era se seria perigoso permitir que católicos e não-católicos participassem conjuntamente numa acção que se baseava na herança espiritual de cada um. Havia o receio de que as diferenças entre as heranças pudessem ser obliteradas, conduzindo ao “indiferentismo”, ou seja, “a afirmação do valor igual das várias confissões religiosas que afirmam ter origem em Cristo”. “Não dizemos que o Rearmamento Moral ensina esta igualdade de valores”, escreveu um observador em Roma, “ele a respira e a vive, o que pode ser um método mais discreto, mas

---

<sup>1124</sup> Conde Carlo Lovera di Castiglione para Philippe Mottu, 18 de novembro de 1951.

<sup>1125</sup> Gabriel Marcel: *En Chemin, vers quel éveil?* (Edições Gallimard, 1971), pp.

é também uma forma mais eficaz de divulgá-la involuntariamente”.<sup>1126</sup> Portanto, parecia perigoso permitir a participação dos católicos.

“Meus amigos e eu oferecemos fatos que poderiam acalmar esta preocupação pastoral natural”, diz Michel Sentis, um católico francês que trabalha com Buchman. 'Na prática, dissemos, o Rearmamento Moral não fez com que as pessoas negassem a sua herança espiritual; pelo contrário, muitas vezes levou os indivíduos a renovarem os laços enfraquecidos com a sua própria igreja. As “conversões” das quais o Rearmamento Moral foi o instrumento foram conversões dentro das confissões religiosas das pessoas envolvidas, ou conversões do ateísmo. Estes fatos foram ouvidos com simpatia, mas disseram-nos que a Igreja julgaria a longo prazo se a nossa visão optimista era justificada.'

“Houve uma série de outras críticas, que poderiam ser resumidas como a conclusão de que os não-católicos no Rearmamento Moral tinham um modo de pensamento e uma concepção espiritual que diferiam da tradição católica”, continua Sentis. «Estas críticas, que eram, obviamente, justificadas, pareciam-nos revelar uma falta de realismo sobre o diálogo necessário entre as diferentes confissões cristãs. Em vez de desencorajar os católicos que trabalham com o Rearmamento Moral, pensamos que a Igreja deveria tentar esclarecer as questões para eles, como alguns bispos já estavam fazendo para os membros das suas próprias dioceses.'

O 'mal entendido' foi mais sério. Como resultado de informações distorcidas, o Santo Ofício teve naquela época uma impressão inexata, na verdade totalmente equivocada, da estrutura real do Rearmamento Moral. Estava convencido de que por trás da falta de estrutura organizada que Buchman sempre encorajou, havia uma hierarquia cuidadosamente escondida, semelhante à de várias sociedades secretas que tinha encontrado no passado. Esta visão está por trás da proibição de os católicos ocuparem cargos de responsabilidade; e também deu origem a suspeitas de duplicidade, o que fez com que todas as informações fornecidas por fontes do Rearmamento Moral fossem recebidas com desconfiança. Assim, por exemplo, os depoimentos do conde Lovera di Castiglione foram desconsiderados, pois se pensava que ele havia sido enganado.

---

<sup>1126</sup> Monsenhor Leon-Joseph Suenens (então Bispo Auxiliar de Malines): *Que penser du Réarmement moral* (Edições Universitárias, 1953), p. 90.

A noção de que o Rearmamento Moral é uma sociedade secreta com uma hierarquia oculta foi inicialmente debatida, numa forma relativamente simples, num panfleto publicado em Paris em 1949 por um certo “Michel Rovers”, mas desde então foi elaborada, no provas de um informante que um oficial mais tarde descreveu como tendo “a alma de um traidor”, numa forma mais complicada. Cresceu até o ponto em que o Santo Ofício acreditava que o Rearmamento Moral estava estritamente organizado em sete graus, indo desde 'o Fundador' sozinho no primeiro grau, 'a Equipe Política de quatorze membros' no segundo grau, 'a Equipe Central (sessenta e dois membros)' no terceiro grau, 'os trabalhadores a tempo integral (mais de mil)' no quarto grau, 'os amigos', 'os apoiantes' e 'os contactos' no quinto, sexto e sétimo graus, respetivamente.

A existência deste mal-entendido só se tornou conhecida por Buchman e seus amigos depois que um deles, um católico, convocado por um funcionário do Santo Ofício, foi subitamente confrontado com a questão a que “grau” do RAM ele pertencia. Perplexo, mas lembrando-se do exemplo de São Paulo, a quem tentou seguir mancando, ele respondeu: 'O menor dos menores.' Ele foi, portanto, classificado como um mero “contato” e encorajado a manter seu contato com o Rearmamento Moral. Ele obteve desta palestra uma ou duas dicas sobre onde estava o mal-entendido, mas o significado completo de sua entrevista só se tornou

claro para ele em 1958, quando a fantástica história foi apresentada em um dos cinco artigos da revista quinzenal jesuíta, *Civiltà Cattolica*,<sup>1127</sup> pelo Padre Prudenzio Damboriena, que atacou o Rearmamento Moral



Peter Howard (centro), agricultor, autor e desportista, a quem Buchman confiou o seu trabalho pouco antes de morrer. ©David Channer/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>1127</sup> *Civiltà Cattolica*, números de 14 de junho, 12 de julho, 13 de setembro, 25 de outubro e 13 de dezembro de 1958, vol. II, págs. 570-84; Vol. III, págs. 143-56, 584-90; Vol. IV, pp. 260-72 e 623-34 respectivamente.

no influente *Monitor Ecclesiasticus*<sup>1128</sup> durante o ano anterior.

A dificuldade enfrentada pelos funcionários sinceros, que dispunham apenas de informações de segunda mão, era encontrar um escaninho onde pudesse ser colocado o organismo criado por Buchman. Alguns padres, sem dúvida desejando ajudar, tentaram identificá-lo com organismos puramente seculares como o Rotary ou o movimento Escoteiro, e insistiram que se Buchman promettesse nunca mais usar linguagem religiosa - o nome de Cristo, o Espírito Santo e a Cruz de Cristo, por exemplo - tudo ficaria bem. Na ausência de Buchman, foram mantidas conversas com Peter Howard. O registo de uma dessas conversas mostra claramente que a sua tentativa não poderia ter levado a lado nenhum. Um padre instou Howard a retirar toda a terminologia religiosa das declarações do Rearmamento Moral. Howard disse: 'Se alguém vier até mim e perguntar onde mudei, posso contar a ele?' 'Sim', foi a resposta. 'Se ele então me perguntar onde encontro o poder para quebrar hábitos de pecado, posso dizer-lhe 'Cristo'?' continuou Howard. — Não, você não deve de forma alguma mencionar Cristo. Esse é o ponto que estamos discutindo. Tal atitude estava obviamente fora de questão.

---

<sup>1128</sup> *Monitor Ecclesiasticus* (Roma, 1957), Série III, pp.

## LIBERDADE

Ao mesmo tempo que o Santo Ofício tornava pública a sua atitude no *L'Osservatore Romano*, desenvolvia-se em alguns círculos de Roma uma corrente de simpatia pelo Rearmamento Moral, que se fazia sentir muito discretamente para não minar a autoridade do Santo Ofício. Em particular, as pessoas que trabalhavam em torno de Monsenhor Giovanni Battista Montini, Pró-Secretário de Estado de Pio XII, que se tornaria Papa Paulo VI, sempre acolheram com agrado as notícias das ações de Rearmamento Moral e estavam ansiosas por se manterem informadas.

Quando Robert Schuman deixou Caux, em 13 de setembro de 1953, virou-se para Buchman e disse: - 'Quer ajudar-nos em Marrocos?'

- "Com prazer", disse Buchman, "mas não falo árabe."

- "Isso não importa", respondeu Schuman. 'Use francês.'

Buchman explicou que tinha ido para Grenoble quando jovem para tentar aprender francês,<sup>1129</sup> mas 'só me restam duas palavras - "mauvais garcon"!'.

"Isso irá levá-lo por um longo caminho", riu Schuman, "e, além disso, você se dá bem sem a linguagem. Você fala a linguagem do coração."

Duas semanas mais tarde, a atenção de Buchman foi novamente atraída forçosamente para os problemas do Norte de África francês, quando o jornalista socialista francês, Jean Rous,<sup>1130</sup> trouxe dois nacionalistas, um marroquino e outro tunisiano, a Caux.

O tunisino era Mohammed Masmoudi, o principal representante do Néo-Destour, o partido nacionalista ilegal, em liberdade em França. O seu líder, Habib Bourguiba, foi preso em 1952 e Masmoudi, sem documentos de identidade, atravessou secretamente a fronteira para a Suíça em Saint-Gingolph, no lado oposto do Lago de Genebra a partir de Caux. Ele tinha motivos para odiar os franceses. Ele próprio esteve alguns dias numa cela de condenado e, enquanto estava em Caux, soube que seu irmão havia sido preso.

O marroquino era Si Bekkai, que acabara de renunciar ao cargo de Paxá de Sefrou. Coronel do exército francês durante a Segunda Guerra Mundial, ele perdera uma perna em

<sup>1129</sup> Isso foi em julho de 1912, durante férias no Penn State College.

<sup>1130</sup> Na época trabalhava para Franc-Tireur, Paris.

sua defesa. Mas quando, naquele mês de agosto, os franceses depuseram o sultão Sidi Mohammed Ben Youssef e o deportaram para Madagáscar, Si Bekkai renunciou ao seu cargo e exilou-se em Paris. O sultão foi deposto devido à sua simpatia pelo movimento de independência e substituído pelo seu tio Ben Arafa. O poderoso paxá de Marraquexe, El Glaoui, sentindo que o sultão estava a promover um movimento demasiado precipitado para a independência, encorajou os franceses na sua deposição. Si Bekkai chegou a Caux perplexo e amargurado.

Buchman conheceu Masmoudi e Si Bekkai e aprendeu muito sobre a situação nos seus países. Ele também os apresentou aos seus colegas franceses, que os surpreenderam pela admissão aberta dos erros franceses. Acima de tudo, ele viu que eles ouviam a história interna das reconciliações realizadas em Caux entre franceses e alemães. Masmoudi foi particularmente afetado. “Eu disse a mim mesmo”, escreveu ele mais tarde, “que, afinal, as relações entre a França e a Tunísia nunca foram tão más como as entre a França e a Alemanha”. Quando ele recebeu uma carta de sua mãe de oitenta anos que terminava: 'Deus o abençoe, meu filho. Deus amaldiçoe os franceses', ele respondeu que ela deveria de fato continuar a pedir a Deus que o abençoasse, mas deveria parar de amaldiçoar os franceses.<sup>1131</sup> Em seu terceiro dia em Caux, ele declarou publicamente que estava preparado para se encontrar com qualquer representante do governo colonial e acreditava que “no espírito dos quatro princípios do Rearmamento Moral” ele, tal como os alemães e os franceses, poderiam chegar a um entendimento.

Si Bekkai também falou. “Tenho tentado encontrar uma fórmula que permita ao meu país e à França romper o atual impasse e preservar a amizade franco-marroquina”, disse ele. 'Caux forneceu milagrosamente a resposta às perguntas que tenho feito, sem qualquer ódio ou amargura. Comprometo-me, por este meio, a pôr em prática os quatro padrões morais do Rearmamento Moral, pois sei que para mudar o meu país, que precisa de mudar, tenho de mudar a mim mesmo. Se tive dúvidas sobre França, peço desculpa aos meus amigos franceses aqui e em outros lugares.'<sup>1132</sup>

Buchman ouviu de Si Bekkai muito sobre o impasse marroquino e particularmente sobre o papel desempenhado por El Glaoui, cujo apoio foi decisivo para os franceses.

---

<sup>1131</sup> Gabriel Marcel: Mais decisivo que a violência (Plon, 1971), p. 65.

<sup>1132</sup> Courier du Maroc, 3 de outubro de 1953.

De Caux, Buchman voltou para a Itália e, no início de fevereiro, partiu para Marraquexe com Paul Campbell, John Wood, Morris e Enid Martin e Jim Baynard-Smith. Antes de deixar Caux, ele disse a esses colegas que pensava que El Glaoui seria afetado. Ele também sabia que o general Antoine Béthouart, o ex-alto comissário francês na Áustria que esteve em Caux em 1951, estaria lá, e esperava que ele e Pierre Lyautey, sobrinho do marechal que criou o Marrocos francês, os ajudassem a encontrar-se com as pessoas relevantes.

Em Marraquexe, os Béthouarts já estavam instalados no hotel de Buchman quando ele chegou. Para começar, ele passava a maior parte do tempo na cama, descansando e pensando. O Paxá, El Glaoui e sua família ocupavam grande parte de sua mente. A inatividade física renovou suas forças; mas quando regressou, ele manteve uma inatividade social deliberada que permitiu que outros tomassem a iniciativa. Ele tinha o pensamento recorrente: 'Nosso trabalho é buscar homens, extrair liderança'.

Depois de alguns dias, Buchman e seu grupo jantaram com os Béthouarts, que então combinaram um encontro com as autoridades francesas. Então M e Mme Lyautey ofereceram-lhes um chá, no qual conheceram visitantes internacionais como o Príncipe Guilherme da Suécia e seu filho, o Conde Bernadotte, e também o advogado filho de El Glaoui, Si Abdessadeq, presidente do Tribunal Chereefian em Marraquexe, cujas opiniões políticas diferiam das de seu pai.

Pouco depois, Abdessadeq chegou para passar a noite. Os pensamentos anteriores de Buchman eram: 'Um tempo livre, natural e de coração aberto. Ele definirá grande parte do ritmo com sua inteligência viva. Ele está faminto da comunhão que precisa aqui. Ele assumirá uma liderança totalmente nova. Ao refletir sobre a ocasião na hora de dormir, Buchman disse: 'Uma ótima noite - novos horizontes estão surgindo. Ele estava profundamente dominado por sua concha de polidez. O convidado os convidou para jantar no sábado seguinte.

Na semana seguinte, o novo sultão faria a sua primeira visita oficial a Marraquexe. Na sexta-feira, três bombas foram lançadas contra El Glaoui, seu anfitrião, enquanto rezava na mesquita. Duas pessoas foram mortas e vinte e seis feridas pelos dois primeiros, o terceiro rolando aos pés de El Glaoui, mas não explodindo. O jantar de Abdessadeq seria no dia seguinte. Foi um banquete nobre, ao estilo marroquino, os convidados sentados em divãs numa mesa redonda, o anfitrião atizando o fogo com uma adaga longa e curva que trazia no

cinto. Havia dez pratos e dez palavras diferentes para descrever cada prato: um cordeiro inteiro assado e uma dúzia de frangos; cuscuz; uma pastilha parecida com uma pequena roda recheada de pombo, amêndoas e ovos; peixe; bolos de mel, iogurte, laranja, café, leite de amêndoa, chá de menta. Tudo era comido com a mão direita, e o anfitrião escolhia o melhor pedaço de carne da travessa central e o oferecia ao convidado de honra. Para os convidados ocidentais foi uma noite exótica.

De volta ao hotel, Buchman comentou com Baynard-Smith: 'Sadeq vê o desafio já claro. Ele tem estatura para levar a nação à sanidade, quando chegar a hora. Depois desta noite, os colegas de Buchman jogaram tênis com ele e tiveram muitas conversas. Buchman conheceu quatro de seus irmãos, mas não seu pai, o Paxá.

Quando o sultão chegou, alguns dias depois, foi recebido por milhares de membros da tribo de El Glaoui, montados em magníficos cavalos árabes com selas de cores vivas e carregando mosquetes de comprimento assustador. O amor de Buchman pelas procissões o levou ao telhado do hotel para vê-las passar. Abdessadeq então fez com que o grupo fosse escoltado até um lugar de honra nas muralhas da cidade para ver seu pai cumprimentar o sultão com os tradicionais presentes de tâmaras e leite. Sob a pompa, porém, o fervor nacionalista marroquino contra o fantoche francês continuou a ferver. O sultão foi ferido por granadas de mão atiradas contra ele durante as orações da sexta-feira seguinte. O Paxá de 84 anos levou o Sultão ao seu palácio e imediatamente voltou e atirou pessoalmente no agressor do Sultão.

Enquanto isso, Buchman mantinha contato detalhado com suas forças em todo o mundo por meio de sua enorme correspondência. Ele manteve em mente o trabalho contínuo na Índia e os ataques ao Rearmamento Moral no relatório da CISL e no relatório que está sendo preparado pelo Conselho Social e Industrial da Igreja da Inglaterra. Ele se alegrou com a notícia do tempo que passou com o filho de Mahatma Gandhi, Manilal, na África do Sul; de novas aberturas na Itália e França, e da recepção de uma delegação do Rei da Arábia Saudita. No entanto, certa manhã, um pensamento lhe ocorreu, sobre o qual ele fez seu próprio comentário: 'Ore com inteligência por uma experiência da Cruz de Cristo e como apresentá-la a cada um de nossos obreiros. É maravilhoso que escrevam e digam que rezam por mim todos os dias, mas gostaria que todos tivessem uma experiência da Cruz de Cristo para que pudessem apresentá-la de forma inteligente a qualquer pessoa.'

Entre os franceses, oficiais e não oficiais, que o partido de Buchman conheceu estava Pierre Chavanne, um jovem colono francês de segunda geração que cultivava 300 hectares - dois terços de cereais, um terço de fruta - a 20 milhas de Marraquexe. Seu nome foi dado a Buchman em Caux por uma tia dele. Ele estava concentrado no seu próprio sucesso pessoal e comercial, um agnóstico de tendências marxistas que tinha opiniões liberais sobre a política marroquina. Estas opiniões, no entanto, foram formadas sem qualquer contato pessoal com os marroquinos - uma atitude comum que criou muito ressentimento entre os marroquinos instruídos, que sentiam que mesmo os liberais franceses estavam apenas explorando seu país. Alguns membros do partido de Buchman também conheceram um amigo de Chavanne, Philippe Lobstein, inspetor de escolas em Marraquexe. Tal como Chavanne, um esquerdista na política, ele era, no entanto, um protestante semi-praticante. Sua esposa era ortodoxa e eles emigraram da Alsácia em 1948.

Ambos os casais ficaram intrigados, embora não convencidos, pelos amigos de Buchman. Chavanne só se encontrou com Buchman uma vez no Marrocos, fora de um salão onde



Ahmed Guesoous, do movimento clandestino marroquino, com Pierre Chavanne (à direita), um colono francês.

©Jeremy McCabe LBIPP/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

ambos assistiam a uma palestra sobre a situação local. “Ele não era o tipo de grande homem que eu procurava”, diz Chavanne. “Não fiquei muito impressionado com ele.” Os Chavannes e Lobstein concordaram, contudo, em reunir-se em Caux no verão seguinte, e lá todos decidiram experimentar a aplicação do Rearmamento Moral nas suas vidas privadas e profissionais. Isto levou-os a rever não só as suas relações pessoais, mas também a sua atitude para com os marroquinos, e a tornarem-se tão preocupados com o futuro do país como os

próprios marroquinos. Chavanne diz: 'Descobri que não tinha mais medo dos marroquinos e percebi que tinha sido um liberal tanto por medo quanto por preocupação - o mesmo medo que fez com que outros franceses se tornassem reacionários.'

No outono de 1954, logo após o seu regresso de Caux, uma invasão de gafanhotos ameaçou devastar as terras agrícolas em torno de Marraquexe. Os serviços agrícolas marroquinos tomaram as medidas necessárias e o perigo foi evitado. Chavanne agradeceu a Ahmed Guessous, chefe do departamento agrícola provincial, algo que ele diz que nunca teria feito sem a mudança que viveu em Caux. “Você é o primeiro francês que me agradeceu por alguma coisa”, respondeu Guessous. Chavanne continuou: 'Quero pedir desculpas pela forma egoísta como tenho vivido no seu país e pela minha atitude para com o seu povo.' Falou da sua visita a Caux e acrescentou: 'Decidi agora servir o seu país com base nos padrões do Rearmamento Moral.'

Guessous estava interessado, mas desconfiado. Ele pôde descobrir, através de sua equipe, os detalhes da vida em todas as fazendas da região. Ele descobriu que os Chavannes, por respeito aos seus trabalhadores muçulmanos, tinham decidido abandonar o consumo de álcool, tornando mais tarde a sua decisão final, deitando fora as garrafas restantes. Guessous também descobriu que as relações de trabalho na fazenda dos Chavannes eram melhores do que em outras. Isso ajudou a convencê-lo de que Chavanne estava falando sério.

Naquele mesmo outono, foi recusada a admissão a uma das filhas de Guessous num jardim de infância francês. Ele estava convencido de que a decisão foi baseada na discriminação racial. Ele levou o assunto a Lobstein, que lembra: 'Meu coração estava com ele. Lembrei-me da irmandade que vi em Caux e senti-me impelido a fazer alguma coisa. Ele foi até a autoridade competente e conseguiu que a decisão — tomada, descobriu-se, porque a criança era um pouco pequena demais — fosse revertida. “Guessous ficou muito emocionado com isso e nos convidou para ir à sua casa”, continua Lobstein. 'Havia vinho na mesa e quando dissemos que não o bebíamos por respeito ao Islã, Guessous respondeu: 'Estou grato. Se você tivesse aceitado, a educação nos teria obrigado a bebê-lo também.'

Os Chavannes, Lobsteins e Guessouses tornaram-se grandes amigos e frequentemente se visitavam. Só agora os franceses descobriram que Guessous era um dos líderes clandestinos regionais do movimento nacionalista Istiqlal, que estava determinado a livrar-se do jugo francês por todos os meios possíveis. Os três homens decidiram ir juntos para

Caux em 1955, e só a intervenção dos seus novos amigos franceses junto das autoridades tornou possível a viagem de Guessous. O seu motivo para ir foi principalmente contrariar as declarações conciliatórias feitas lá pelo seu amigo Si Bekkai no ano anterior. Ele próprio chegou no segundo aniversário do exílio do sultão. Naquele dia ocorreram violentos motins em Oued-Zem, no centro de Marrocos, durante os quais muitos franceses foram mortos e o exército francês sofreu terríveis represálias. Guessous ficou muito chateado com isso, mas, ao mesmo tempo, impressionado com o tamanho e o alcance da assembleia em Caux. Ele ficou particularmente comovido com o fato de a bandeira marroquina ter sido hasteada em sua homenagem, uma rara cortesia antes da independência.

Para dar as boas-vindas a Guessous, Buchman pediu a Campbell que presidisse a primeira reunião. Campbell fez um relato entusiástico da sua estadia em Marrocos e uma descrição entusiasmada da hospitalidade marroquina, tomando como exemplo a forma como foram recebidos num castelo de Glaoua. Ele descreveu El Glaoui como “um poderoso líder do Sul de Marrocos”.

No final da reunião, Guessous, pálido de raiva, abordou Campbell: “Considero Caux um lugar sagrado; mas ao falar aqui do nosso pior inimigo, El Glaoui, você falou do diabo encarnado. Não ficarei em Caux se o nome dele for mencionado novamente. Campbell convidou Guessous, Chavanne e Lobstein para almoçar. Chavanne recusou. “Dissemos a Campbell que ele não tinha a menor ideia da situação em Marrocos ou nunca teria cometido tal gafe, e Guessous manifestou o seu ódio por El Glaoui como o traidor que se vendeu aos franceses”, recorda Lobstein. Campbell ouviu em silêncio. Então, no final da refeição, ele disse: 'Eu também conheci o ódio pelas pessoas. Minha própria experiência é que estou tão próximo de Deus quanto da pessoa de quem estou mais dividido.' Houve silêncio. “Sou um bom muçulmano”, disse Guessous, “mas se estou tão próximo de Deus como estou de El Glaoui, tenho um longo caminho a percorrer”.

Logo depois, Guessous partiu para se curar em Plombière. “A frase de Campbell continuava me perseguindo por toda parte”, disse ele mais tarde. 'Sendo muçulmano, a ideia de que não estava realmente submetido a Deus era terrível. Decidi que não poderia descansar até entender tudo direito.

De volta a Marrocos, Guessous entrou em contacto com Abdessadeq, filho de El Glaoui, que já conhecia. Discutiram a situação crítica no país e Guessous sugeriu que se encontrasse com El Glaoui para tentar encontrar algum ponto em comum.

Abdessadeq já havia pedido a Guessous para conhecer seu pai, mas sempre recebeu uma recusa educada. A essa altura, ele estava cético em relação a tal encontro, pois pensava que seu pai estava preso em uma posição irreversível.<sup>1133</sup>

Abdessadeq enfrentava um verdadeiro dilema. Por um lado, tinha uma certa simpatia pelo movimento nacionalista e, por outro, mantinha um respeito considerável pela personalidade e pelas opiniões do seu pai - e as posições políticas do Istiqlal e do El Glaoui eram diametralmente opostas. Apesar de suas dúvidas, porém, ele considerou valioso continuar saindo com Guessous e tentar preparar seu pai para conhecê-lo.

Os franceses, entretanto, confrontados com a não aceitação de Ben Arafa pela população e o seu desejo crónico de abdicar, criaram em 15 de outubro um Conselho do Trono de quatro homens como uma solução provisória que esperavam acalmar a situação. O Istiqlal recusou-se a aceitar os seus membros como representantes do país. «Neste momento», escreve Gavin Maxwell na sua história da família Glaoua, «as tribos berberes do Médio Atlas e das montanhas do Rif estavam num estado de rebelião aberta»<sup>1134</sup> e havia o perigo de irromper uma guerra de guerrilha entre a crescente forças nacionalistas e o exército de ocupação francês e os seus apoiantes.

Foi no dia 25 de outubro que, graças à ação concertada de Guessous e Abdessadeq, ocorreu uma série de acontecimentos que tiveram consequências imprevistas.

Naquela manhã, Guessous foi recebido em Rabat pelo Comité Executivo do Istiqlal. Contou-lhes o seu plano de encontrar El Glaoui, que o caminho tinha sido preparado por Abdessadeq e que o objetivo era induzir El Glaoui a mudar a sua atitude em relação ao Conselho do Trono e ao Sultão. O Executivo, inicialmente surpreso e cético, finalmente autorizou Guessous e dois deles a realizar a missão. Abdessadeq esperava lá fora no salão e,

---

<sup>1133</sup> As dúvidas de Abdessadeq são confirmadas no livro de Gavin Maxwell, *The Lords of the Atlas: The Rise and Fall of the House of Glaoua 1893-1956* (Longmans, 1966), p. 255. Maxwell dá crédito a Abdessadeq, Chavanne e Guessous pelos seus papéis na reviravolta de El Glaoui, embora desconheça muitos detalhes aqui relatados e obtidos dos participantes.

<sup>1134</sup> Maxwell, pág. 257.

ao ser informado da decisão do Executivo, levou imediatamente os três nacionalistas ao encontro do seu pai.

Isto aconteceu no mesmo dia em que El Glaoui era esperado em Rabat para reconhecer o Conselho do Trono. Velho e doente, o Paxá tinha partido de Marraquexe naquela manhã e encontrava-se então no seu palácio em Casablanca, a caminho de Rabat. Lá ele recebeu a delegação.

Após as apresentações de Abdessadeq, Guessous abriu o diálogo dizendo a El Glaoui que lamentava toda a amargura que nutriu contra ele durante muitos anos. Essa honestidade e humildade tocaram profundamente o velho, e ele abraçou Guessous. Os espectadores encontraram lágrimas vindo aos seus olhos.

O Paxá então pediu aos visitantes que ficassem para almoçar. Foi durante esta refeição que Guessous, apoiado pelos seus colegas e por Abdessadeq, apresentou o seu plano de reconciliação nacional, baseado numa reconciliação entre o próprio El Glaoui e o sultão Sidi Mohammed Ben Youssef. Trabalharam muito e conseguiram formular, aos poucos, os cinco pontos em que se poderia basear um acordo. El Glaoui quis então dar aos seus visitantes uma grande soma em dinheiro como agradecimento. Recusaram, dizendo que foram acionados apenas pela preocupação com o que era melhor para todas as partes e para o país como um todo. Às 15h15, El Glaoui partiu para Rabat.

Em Rabat o esperava o Conselho do Trono. O seu presidente recebeu-o e perguntou-lhe se desejava fazer alguma declaração. Então, nas palavras de Maxwell, El Glaoui 'entrou na sala do trono, e perante o Conselho fez o discurso que desvalorizou todo o trabalho de toda a sua vida: "Eu me identifico com a vontade do povo marroquino para a restauração do legítimo Sultão Mohammed Ben Youssef e pelo seu retorno imediato de Madagascar." A breve sessão terminou com cenas de júbilo incrédulo. [El Glaoui] e a sua comitiva deixaram o Palácio e encontraram uma vasta multidão que os esperava lá fora, entre eles jornalistas clamorosos de todas as nações. Eles o cercaram quando ele entrou no carro, dizendo: "Excelência, mostre-nos sua declaração!" mas o velho agora mostrava sinais de fadiga aguda e respondeu: "Dirija-se ao meu filho Si Abdessadeq."<sup>1135</sup> Esta declaração ficou conhecida como 'a bomba do Paxá'.

---

<sup>1135</sup> *ibid.*, pág. 258.

A extensão e o caráter inesperado da explosão estão refletidos na matéria de primeira página do L'Express do dia seguinte, sob o título "El Glaoui chama de volta Ben Youssef!" «O General Latour, residente geral em Marrocos, chegou ontem à noite de avião a Paris. Durante a sua viagem, o golpe de teatro mais surpreendente dos últimos anos ocorreu em Rabat», escreveu o correspondente especial do jornal. 'El Glaoui, o inimigo declarado do antigo Sultão, emitiu publicamente uma declaração no Palácio Imperial apelando ao regresso de Sidi Mohammed Ben Youssef ao trono. Nem M. Edgar Faure, nem M. Pinay, nem o General Latour foram informados das intenções de El Glaoui... Foi depois de se reunir com o Conselho do Trono que ele conseguiu que um de seus filhos, que há muito favorecia os nacionalistas, lesse a declaração que ironicamente combinou a sua "gratidão" pela França com o seu desejo, juntamente com a massa do povo marroquino, de se colocar sob a autoridade de Ben Youssef... o Governo francês enfrenta agora uma situação inacreditável em Marrocos.'<sup>1136</sup> O jornal prosseguia dizendo que esta ação do principal adversário do sultão exilado tornara inevitável o seu regresso ao poder.

Ao retornar de Madagascar, o sultão instalou seu quartel-general em St Germain-en-Laye. Lá El Glaoui, acompanhado por Abdessadeq, veio prestar-lhe homenagem. Ajoelhou-se diante do sultão e, quase num sussurro, implorou misericórdia para com alguém que havia perdido o caminho e se extraviado. Segundo o *The Times*, «o Sultão tentou várias vezes interromper esta declaração - exclamando: "Não fales do passado: o passado está esquecido" - e levantar El Glaoui dos joelhos, onde, no entanto, permaneceu durante todo o entrevista. Na sua resposta, Ben Youssef (sic) declarou: "O futuro é o que conta. Somos todos filhos de Marrocos: você também é filho de Marrocos e é pelas suas ações no futuro que será julgado."

«Sob quaisquer padrões», comentou o jornal, «parece marcar uma reconciliação final entre os dois adversários, e o gesto de El Glaoui teve uma nobreza e grandeza que faltam a algumas das profissões de lealdade que diariamente chegam a St Germain por parte de outros antigos apoiantes de Ben Arafa.'<sup>1137</sup>

A participação de Buchman nestes acontecimentos não foi esquecida em Marrocos. Quando o primeiro governo de Marrocos independente foi formado, Si Bekkai, o visitante de Caux em 1953, era o seu primeiro-ministro. Enquanto negociava com os franceses em Aix-

---

<sup>1136</sup> L'Express, 26 de outubro de 1955: 'Le Glaoui Rappelle Ben Youssef!'.

<sup>1137</sup> The Times, 9 de novembro de 1955.

les-Bains, ele escreveu a Buchman: “Nestas negociações, garanto-lhe que não perdi de vista os quatro padrões do Rearmamento Moral. Mais do que nunca, espero que vocês e todos os membros do RAM nos ajudem de todas as maneiras a resolver a crise franco-marroquina.”<sup>1138</sup> Uma vez no cargo, ele enviou a Buchman uma mensagem dizendo: 'Estamos determinados a fazer do Rearmamento Moral o filosofia e prática do nosso governo.'<sup>1139</sup>

Em junho de 1956, o Sultão, agora Rei Mohammed V, recebeu os Chavannes, Lobsteins, Guessous e outros que participaram nestes eventos. Ele também enviou uma mensagem a Buchman: 'Agradeço-lhe tudo o que fez por Marrocos, pelos marroquinos e por mim durante estes últimos anos difíceis. O rearmamento moral deve tornar-se para nós, muçulmanos, um incentivo tanto quanto o é para vocês, cristãos, e para todas as nações. O rearmamento material por si só se revelou um fracasso. O Rearmamento Moral continua a ser essencial. O meu desejo é que a sua mensagem, que se baseia nos valores morais essenciais e na Vontade de Deus, chegue às massas deste país. Temos total confiança no trabalho que você está realizando.'<sup>1140</sup>

Mohammed Masmoudi, o revolucionário tunisino, regressou a Paris após a sua visita a Caux em 1953. No centro RAM em Paris conheceu alguns dos franceses mais preocupados com a Tunísia, entre eles Jean Basdevant, então responsável pelos assuntos tunisinos no Quai d 'Ou diga. Conheceu também Robert Schuman, então Ministro dos Negócios Estrangeiros, que ficou comovido com a história da sua experiência em Caux. Pierre Mendès-France já se tinha oferecido para defender Masmoudi quando este foi preso e, quando se tornou primeiro-ministro em 1954, os dois homens conversaram. Seguiu-se a viagem histórica de Mendès-France a Túnis, quando prometeu autogoverno interno à Tunísia. Embora ainda tivesse menos de trinta anos, Masmoudi foi nomeado um dos três Ministros de Estado para negociar a independência com o governo francês. Após nove meses de negociações difíceis, a independência foi concedida e Masmoudi tornou-se o primeiro embaixador na França.

Ao longo deste período, Masmoudi manteve contato próximo com Buchman. Num momento difícil das negociações com a França, soube que Buchman estava de passagem por Paris e correu até a Gare de Lyon para vê-lo. “Você será o William Pitt da Tunísia”, disse-lhe

---

<sup>1138</sup> Si Bekkai para Buchman, agosto de 1955.

<sup>1139</sup> Motu, pág. 30.

<sup>1140</sup> cf. Courrier du Maroc, 18 de janeiro e 2 de junho de 1955.

Buchman. Em dezembro de 1956, enquanto liderava a primeira delegação tunisina às Nações Unidas em Nova Iorque, o Presidente Bourguiba declarou: “É preciso dizer ao mundo o que o Rearmamento Moral fez pelo nosso país.”<sup>1141</sup> Dizer que Buchman ou Rearmamento Moral trouxesse a independência a Marrocos ou à Tunísia seria, evidentemente, um disparate. A maré dos tempos e a determinação do povo acabariam por conseguir isso de qualquer forma. Mas foi Robert Schuman quem escreveu a Buchman: “Não pode haver dúvida de que a história da Tunísia e de Marrocos teria sido diferente se não fosse o Rearmamento Moral.”<sup>1142</sup>

No caso da Argélia, pessoas importantes de ambos os lados se reuniram em Caux; mas esta abordagem falhou e foi necessária uma guerra terrível e a intervenção de DeGaulle para trazer a independência ao país.

A visita de Buchman ao Marrocos foi sua segunda e última viagem à África. Os seus encontros com os africanos tiveram lugar nas assembleias de Verão em Caux ou Mackinac, ou em capitais europeias como Londres e Paris, e a sua compreensão das questões teve de ser construída sobre elas.

Um exemplo notável ocorreu em Caux, em 1955, quando um grupo de africanos de vários países, entre eles membros de novos parlamentos, estudantes, líderes sindicais e mulheres poderosas do mercado, estiveram presentes. Eles pareciam felizes no início, mas depois de uma semana começaram a procurar Henry Macnicol, um escocês que os acompanhou desde a África, e dizer: 'Nós gostamos de Caux. Agora, por favor, faça o favor de nos fazer ver mais da Europa? Foi um pedido perfeitamente natural, mas que preocupou Macnicol, pois ele sentia que ainda não haviam aproveitado ao máximo o que Caux tinha a oferecer. Ele foi ver Buchman e desabafou suas ansiedades. Buchman olhou para ele e disse: 'Você está todo ferrado. Vá para a cama! Os africanos são todos almas imortais. “Fui para a cama”, diz Macnicol, “mas não parei de me preocupar. O que aconteceria com minha delegação sem mim?

Na manhã seguinte, Buchman reuniu os africanos. “Passei grande parte da noite passada em África pensando”, disse ele. 'Eu entendo que alguns de vocês estão amargos. Eu posso entender isso. Mas se eu fosse você eu iria me livrar disso. Só vai lhe causar úlceras! Depois prosseguiu: “A África não foi feita para ser dividida entre o Oriente e o Ocidente,

---

<sup>1141</sup> Motu, pág. 132.

<sup>1142</sup> *ibid.*

mas sim para falar ao Oriente e ao Ocidente com uma resposta. Acho que pode vir na forma de uma peça. Você acha que poderia escrever uma peça?

Ifoghale Amata, então um jovem licenciado pela Universidade de Ibadan, na Nigéria Ocidental, recorda: “Trinta de nós, africanos, reunimo-nos depois do almoço e rapidamente começamos a discutir sobre o que deveria constar da peça. Então alguém pediu um tempo de silêncio. Quando todos reunimos nossos pensamentos, anotei-os e percebi que Manasseh Moerane<sup>1143</sup> também estava fazendo o mesmo. Todos eles se encaixavam de uma maneira estranha. Quando terminei, eu disse: “Tenho o primeiro ato aqui”. “E eu tenho o segundo”, disse Manassés. Dr. Karbo, um ganês, disse que tentaria o terceiro. Saí e trabalhei direto, tomando chá e jantando, até as três da manhã seguinte. Manassés também fez o mesmo, e pela manhã Karbo, Manassés e eu lemos o que havíamos escrito aos trinta. Passamos as horas seguintes finalizando juntos os atos e, às cinco horas, dissemos a Frank que tínhamos a peça finalizada.

A peça contava a história de um país africano emergindo para a independência, registrando vividamente as reações insensíveis do governador colonial e as intrigas e contra intrigas de políticos que representavam diferentes tribos e fações. A liberdade é alcançada quando uma mudança de atitude ocorre tanto no Governador como em alguns dos líderes africanos.

Só faltou o título. Buchman já tinha pensado que deveria ser a Liberdade, mas não queria impor as suas ideias. Depois de alguma discussão entre os africanos não ter produzido nenhuma ideia clara, ele sugeriu: 'Por que não ver qual palavra aparece com mais frequência no texto?' Eles contaram e descobriram que a “liberdade” apareceu quarenta e oito vezes. Foi aprovado por unanimidade.

Amata continua: 'Então Frank disse: 'Tudo bem. Teremos isso amanhã à noite.' De alguma forma, conseguimos. Após a apresentação, ele anunciou: “Esta peça será exibida no Westminster Theatre, em Londres, hoje, durante uma semana”. Isso também aconteceu.

Esses africanos permaneceram juntos e espalharam a sua peça por todo o mundo. Mais tarde, foi transformado em longa-metragem colorido, o primeiro feito por africanos, e

---

<sup>1143</sup> Então vice-presidente dos professores negros da África do Sul e mais tarde editor do The World, Joanesburgo.

foi adotado por vários países como filme nacional para exibição em ocasiões oficiais. Ainda está sendo mostrado em vários idiomas.

O Quênia, nos anos imediatamente anteriores à independência, sentiu os seus efeitos. Alguns dos colegas de Buchman no Quênia conheciam Jomo Kenyatta e os líderes britânicos envolvidos



Jomo Kenyatta apresenta oradores do RAM na sua escola de formação de professores no Quênia.

©David C. Sturdy/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

muito antes da eclosão do Mau Mau em 1952, mas pouca impressão discernível estava sendo causada sobre a situação naquele país. Então, em 1954, o coronel encarregado do campo de reabilitação de Mau Mau em Athi River tomou a atitude incomum de admitir aos detidos que sentia que a arrogância e o egoísmo de pessoas como ele ajudaram a criar a atmosfera que deu origem a Mau Mau. A partir de agora, ele ofereceu-se para trabalhar com qualquer pessoa, negra ou branca, que desejasse reconstruir o Quênia com base no Rearmamento Moral. Em julho de 1954, o *The Times*<sup>1144</sup> noticiava que 270 detidos graves naquele campo tinham cortado as suas ligações com Mau Mau. Em 1955, o número era 600. Dois deles escreveram a Buchman: 'Se o Rearmamento Moral pode mudar os Mau Mau radicais como nós, que estávamos cheios de ódio... pode mudar qualquer tipo de coração duro.'<sup>1145</sup>

Foram dois destes homens que, com a permissão das autoridades britânicas, levaram o filme *Freedom* para Kenyatta, na sua prisão solitária. Mostraram-lhe o documento em inglês, mas já tinha sido traduzido para o suaíli, e agora Kenyatta pediu que uma versão em suaíli fosse feita e usada no Quênia. Stanley Kinga, um dos ex-Mau Mau, havia ido a Buchman antes, dizendo. 'Tivemos orientação de Deus para traduzir a Liberdade para o suaíli,

---

<sup>1144</sup> Os tempos, 14 de julho de 1954.

<sup>1145</sup> Leonard e Flora Kibuthu para Buchman, 13 de dezembro de 1958.

mas não sabemos onde conseguir o dinheiro.' 'Bem', respondeu Buchman, 'você recebeu orientação para traduzir o filme, agora pode ter orientação sobre onde conseguir o dinheiro.' O dinheiro foi angariado, Freedom foi dublado em suaíli e foi mostrado a um milhão de quenianos nos meses anteriores às primeiras eleições, ao ar livre, nos cinemas e nas casas. O Repórter de Nairobi escreveu na Primavera de 1961: "O RAM fez muito para estabilizar a nossa recente campanha eleitoral."<sup>1146</sup> Nesse Verão, Kenyatta enviou a sua filha Margaret, recentemente eleita Presidente da Câmara de Nairobi, para Caux.

Gabriel Marcel, o filósofo católico francês, que foi para Caux num clima céptico em 1956, estava particularmente interessado nestes acontecimentos em África. «O que me parece absolutamente maravilhoso e providencial», escreveu ele, «é a confluência que surgiu entre o Rearmamento Moral e as jovens nações que estão nascendo para a liberdade. Nisto, como em outros aspectos, Frank Buchman demonstrou um sentido verdadeiramente profético.»<sup>1147</sup>

Como exemplo do impacto do próprio Buchman sobre os líderes africanos, Marcel cita a experiência de Tolon Na, um distinto muçulmano, então presidente do Conselho dos Territórios do Norte do Gana e mais tarde Alto Comissário em Lagos. "Foi numa das reuniões matinais em Caux", relatou o Tolon Na. 'Frank estava lá e alguém falou sobre roubo e o que isso custou à nação. Então, virando-se para mim, enquanto eu estava perto dele, com um sorriso no rosto, Frank perguntou calmamente: "Quando foi a última vez que você roubou?"

'Isso me pareceu uma carga de profundidade. Meu coração pulou da boca para fora. Retirei-me para o meu quarto e orei a Allah para que me levasse sob Seus cuidados amorosos, arrependendo-me de todos os males que havia cometido desde a infância. Enquanto estava deitado ali sozinho, senti que Deus ainda estava esperando por uma resposta à pergunta de Frank. Foi o maior desafio que já enfrentei na minha vida. Eu pensei e pensei. Por fim, o alívio veio quando decidi anotar o número de vezes (até onde me lembro) que havia roubado desde a infância. Tomei nota para devolver todos os livros que trouxe para casa das escolas em que ensinei; também anotei todas as pessoas a quem devia desculpas pelos erros que lhes cometi. Decidi viver o estilo de vida de Frank.'<sup>1148</sup> O próprio Buchman tinha um profundo

---

<sup>1146</sup> Citado em Time and Tide, Londres, 2 de setembro de 1965.

<sup>1147</sup> Gabriel Marcel falando em Caux, 1956, citado em Frank Buchman - Eighty, p. 50.

<sup>1148</sup> Marcel, Nova Esperança para o Mundo, p. 174.

respeito por esse homem. Ele disse uma vez: 'Se Jesus Cristo viesse à Terra agora, ele se pareceria com o Tolon Na.'

Buchman sabia que as intensas pressões morais, ideológicas e psicológicas sobre os líderes africanos iriam tornar-se mais fortes. Já em 1949, o Dr. Nnamdi Azikiwe, Presidente do Conselho Nacional da Nigéria e dos Camarões, foi levado por um amigo a uma casa de Rearmamento Moral, numa altura em que tinha vindo a Londres para negociar o progresso em direção à liberdade, mas estava sendo difamado na imprensa tabloide como 'Black Mischief'. "Esta é a primeira noite na Inglaterra em que sou tratado como um igual e espero que goste de música e discuta as coisas em pé de igualdade com os homens brancos", comentou ele. Para surpresa de alguns dos seus apoiantes na Grã-Bretanha, incluindo o Comunista Daily Worker<sup>1149</sup>, que suspeitava erradamente que o Colonial Office estava envolvido nisso, ele foi para Caux em vez de ir para a Conferência dos Direitos Civis, de linha partidária, em Praga, de onde ele deveria seguir para Moscou.<sup>1150</sup>

Falando três anos depois a estudantes nigerianos, ele disse: "Sei que foi uma bomba quando foi divulgada a notícia de que eu estava indo para Caux. Foram feitas acusações contra mim, mas não me importei porque minha consciência me disse que era o foi a coisa certa quando vi o que estava sendo feito lá para salvar a humanidade. Fiquei atraído pelo Rearmamento Moral porque senti que aqueles que o pregavam também o estavam vivendo..."<sup>1151</sup>

Azikiwe tornou-se o primeiro governador-geral e depois presidente da Nigéria independente. Após sua visita inicial a Caux, ele visitou Buchman várias vezes. Quando o viu em Londres, em 19 de maio de 1960, disse que, embora não pudesse afirmar ter vivido de acordo com os padrões do Rearmamento Moral, a sua visita a Caux tinha-lhe dado uma nova perspectiva. Ele sempre quis ser o primeiro primeiro-ministro da Nigéria. Ele era, quando a Independência foi declarada, Primeiro-Ministro da Região Leste. Foi-lhe oferecido o cargo de primeiro-ministro da Nigéria se se combinasse com o Ocidente contra o Norte,

---

<sup>1149</sup> Trabalhador Diário, 18 de dezembro de 1949.

<sup>1150</sup> Certa vez contei essa história a Björn Hallström, que na época era editor do jornal comunista no norte da Suécia, mas que desde então havia deixado o Partido. 'Você não precisa me contar essa história', ele interrompeu. 'Eu fui o homem encarregado de sentar-se ao lado de Zik na planície de Praga. Eu tinha no bolso um discurso que esperávamos que ele fizesse e que seria o sinal para um massacre preparado dos britânicos na Nigéria. Mas Zik nunca apareceu, e quando Cheguei a Praga e fui preso por não tê-lo trazido.

<sup>1151</sup> Zik, Discursos Seleccionados do Dr. Nnamdi Azikiwe (OUP, 1961), cap. 14, 'Zik sobre o Rearmamento Moral'.

mas recusou, pois achava que isso significaria a eventual dissolução da Nigéria. Em vez disso, ele aceitou a posição de figura de presidente, enquanto um nortista tornou-se primeiro-ministro.

Buchman também causou um impacto considerável num dos homens no centro do movimento nacionalista negro na África do Sul. William Nkomo foi o



Buchman com delegados em Caux da Nigéria, Quênia e África do Sul, em 1952. ©Jeremy McCabe LBIPP/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

primeiro presidente da Liga da Juventude do Congresso Nacional Africano, um grupo de homens mais jovens que sentiam que o corpo principal estava a mover-se demasiado lenta e pacificamente. Em 1953, ele foi a uma conferência de Rearmamento Moral em Lusaka, capital do que era então a Rodésia do Norte, e foi profundamente afetado ao ouvir e conhecer George Daneel, o esportista Afrikaner e Dominee que conheceu Buchman em 1929. No ano seguinte, Nkomo veio para Caux, onde Buchman fez amizade com ele e, por razões que ele próprio conhece, o apelidou de 'Diamond Dick'. “Diamond Dick”, uma figura robusta ostentando uma pequena barba pontiaguda que era a insígnia do nacionalismo, sentia-se perfeitamente à vontade na atmosfera de Caux e respondia a uma visão mais ampla do que apenas o seu próprio país e povo.

Buchman, com a sua combinação de realismo e optimismo, esperava que tais homens compreendessem os seus objetivos e, com o passar dos anos, houve um fluxo constante de líderes revolucionários de África para Caux e Mackinac. Nkomo descreve Buchman falando uma noite em Mackinac após a primeira apresentação de uma nova peça que ele e seus colegas africanos escreveram recentemente, *The Next Phase/ A Próxima Fase*. 'Ele disse ao público: 'Vocês têm ouvido os santos da África'. Ele nos chamou de santos, embora soubesse que éramos malandros. Isso nos desafiou mais do que qualquer coisa poderia fazer. Nenhum

de nós teve um sono reparador naquela noite. Passamos por nossas próprias vidas e vimos os lugares onde precisávamos ser diferentes.<sup>1152</sup>

Naquela mesma noite, Buchman dissera a estes africanos: “Noventa e sete por cento de África pertence a vocês. A interpretação que Nkomo fez disto foi interessante: 'Ele não quis dizer que



Buchman com William Nkomo, fundador da Liga Juvenil do ANC da África do Sul, e sua esposa. ©MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

devíamos dominar África através da subversão, etc., mas que através da mudança poderíamos corrigir os erros na África e desempenhar o nosso legítimo papel.<sup>1153</sup> Embora nunca renuncie aos seus objetivos políticos, o de Nkomo os métodos de trabalho para alcançá-los mudaram consideravelmente ao longo dos anos. O seu próprio veredicto foi: 'Não sou menos revolucionário porque acredito em Deus. Luto agora com maior paixão por uma África sem ódio, sem medo e sem ganância, povoada por homens e mulheres livres.'<sup>1154</sup> Dois meses antes da sua morte, o *Rand Daily Mail* chamou-o de 'o pai de todos os negros'.<sup>1155</sup> No contexto da África Austral, o compromisso com a guerra espiritual de pessoas como Nkomo e Daneel e muitos outros de todas as raças foi testado até ao ponto de ruptura e mantido, mesmo quando as pressões contrárias aumentaram ao longo dos anos.

A mensagem de Natal de Buchman para 1956 refletia as suas abundantes esperanças para a África: “No primeiro Natal, homens sábios vieram da Arábia e da África para reconhecer a esperança do mundo. Hoje a Arábia e a África podem ser a fonte inesperada que dá a resposta ao caos... É o momento do milagre. Um mouro veio adorar o Menino; o Egito

---

<sup>1152</sup> Frank Buchman -Oitenta, p. 100.

<sup>1153</sup> *ibid.*

<sup>1154</sup> Serviço de Informação MRA, 31 de março de 1972.

<sup>1155</sup> *Rand Daily Mail*, Joanesburgo, 15 de Janeiro de 1972.

acolheu o Menino Jesus e um africano carregou a Cruz até ao Calvário. A voz desta África pode falar a todos os corações humildes em todos os lugares.'

Quatro anos mais tarde, o Congo Belga estava no auge da pré-independência. Desenvolveram-se numerosos conflitos, entre eles uma luta entre as tribos Lulua e Baluba, na qual centenas de pessoas foram mortas. Buchman recebeu uma carta de um chefe dos Lulus, que tinha visto o filme *Liberdade* numa conferência em Bruxelas e foi levado por ele a procurar um entendimento com um líder Baluba que também estava lá. Os líderes de ambas as tribos viajaram juntos para Caux para pedir a ajuda do Rearmamento Moral em seu país. Um deles foi o Grande Chefe Kalumba dos Lulus. Ele conversou sobre a situação com Buchman, que lhe prometeu que haveria paz entre as duas tribos antes de ele morrer.

Quinze voluntários de oito países deixaram Caux de uma só vez. "Gostaria que fossem mil e quinhentos", disse Buchman, "mas devemos fazer o que pudermos." O grupo incluía ex-homens Mau Mau, sul-africanos brancos e os irmãos Colwell. Visitaram todas as capitais provinciais e, durante alguns dos dias mais sombrios, foram diretamente responsáveis por evitar o derramamento de sangue em certos locais. Os irmãos Colwell fizeram quatrocentas transmissões pela Rádio Leopoldville, contendo canções e histórias em francês e nas línguas indígenas.

O Bispo Auxiliar de Leopoldville, Monsenhor Malula, descreveu estas transmissões como a "única voz da sanidade para a nação". As comunidades católicas foram duramente pressionadas, pois a amargura contra os brancos em geral era muitas vezes vingada nos padres brancos que agora não abandonavam os congolese. O Arcebispo de Stanleyville, Monsenhor Kinsch, disse à força do Rearmamento Moral: 'Não posso dizer-lhes o que significa para mim ouvir as coisas que estão dizendo. Esta é a mensagem do Evangelho, e ela sai com mais força dos seus lábios do que dos meus. Ele insistiu em que eles viessem para ficar com ele, e quando soube que o Rearmamento Moral foi financiado pela doação sacrificial de milhares de pessoas em todo o mundo, ele foi ao seu cofre e ofereceu um presente com o mesmo espírito.<sup>1156</sup>

Enquanto isso, Buchman desempenhava seu papel em Caux. "Quatro homens do Congo encontraram-se no meu quarto no domingo de manhã", escreveu ele a Robert Schuman. 'Eram quatro homens com ideias diferentes e opostas. Dois eram belgas, um deles

---

<sup>1156</sup> Bremer Hofmeyr para Buchman, 18 de junho de 1960.

era governador com 27 anos de experiência e o outro era banqueiro. O banqueiro disse: “Não há ódio no Congo”.

‘Os outros dois eram congolezes. Um deles baixou a cabeça. Finalmente, ele disse: "Sinto que devo lhe dizer que existe uma lista negra de homens brancos a ser liquidada após a independência. Fui um dos que a elaborou." "Mas", acrescentou, "aqui em Caux vi como estava errado. Temos de aprender a mudar os homens, tanto brancos como negros. Caso contrário, destruiremos África." Uma hora depois, ele disse isso na reunião da Assembleia pública, na mesma plataforma de onde você uma vez falou conosco.

'O governador belga acrescentou: "Nós, belgas, temos sido superiores e por isso somos responsáveis pelo ódio que existe no país. Agora temos de trazer uma resposta e criar uma base real para a liberdade." Dois dias depois, toda a Bélgica leu isto no Le Soir. O que é significativo é que o congolês que fez esta declaração corajosa é o braço direito do Primeiro-Ministro Lumumba em Bruxelas.<sup>1157</sup>

A força de Rearmamento Moral no Congo foi implorada por toda parte para permanecer mais tempo, e permaneceu por mais de três anos até a chegada da independência. Muitas vezes corriam perigo pessoal considerável: um dos sul-africanos brancos, por exemplo, só foi salvo do ataque pelo aparecimento oportuno de um dos seus ex-colegas Mau Mau.

Um ano depois da conversa de Buchman com o Grande Chefe Kalumba - no dia da morte de Buchman - chegou a Caux um telegrama vindo de Kalumba dizendo que um tratado de paz entre os Lulus e Balubas tinha sido assinado na presença do Presidente Kasavubu.<sup>1158</sup>

Como é que Buchman, sem formar uma seita ou ordem, sem vincular ninguém por voto, contrato ou garantia financeira, reuniu tantos colegas dos mais diversos tipos, a tempo



Hans Bjerkholt, pioneiro comunista norueguês.  
©Arthur Strong/MRA Produções  
[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>1157</sup> Buchman para Robert Schuman, 27 de junho de 1960.

<sup>1158</sup> Grande Chefe Kalumba para Buchman, 7 de agosto de 1961.

inteiro e a tempo parcial, que permaneceram com ele durante toda a sua vida e uns com os outros? após?

Certamente não foi a eloquência ou qualquer carisma habitual de um líder religioso ou político popular. Não havia nada extravagante ou emocionante nele. Ninguém o chamou de bonito; alguns realmente o achavam feio. “Deus sabia o que ele estava fazendo quando me deu esse nariz”, disse ele. 'Ele não queria que as pessoas se sentissem atraídas por mim pessoalmente.'

**'SEMPRE GOSTEI DAS PESSOAS'**

A sua própria explicação, quando lhe perguntaram no início da década de 1950, foi: “Sempre gostei das pessoas.” E embora alguns não gostassem dele cordialmente, pessoas muito diferentes também gostavam dele. Por exemplo, um dos fundadores do Partido Comunista Norueguês, Hans Bjerkholt, escreve: “O meu primeiro encontro com Frank Buchman mostrou-me um homem muito humilde, um homem dotado de um carinho e compreensão excepcionais para com as outras pessoas, um homem que não pensava em si mesmo. Certa vez, quando me encontrei com ele, olhou para mim e disse: "Sinto que ainda resta em você algo da sua antiga vida." Essa foi uma maneira muito diplomática de colocar as coisas. A verdade é que ainda restava em mim muito da minha antiga vida.”<sup>1159</sup>

Bjerkholt considerou tal preocupação um sinal de amizade. O mesmo aconteceu com um empresário internacional, um dinamarquês, a quem Buchman disse sem rodeios que precisava de três coisas; 'Humildade, humildade e humildade.' O dinamarquês ficou grato e, ao longo dos anos, desenvolveu-se de acordo. Mas nem todo mundo entendeu dessa forma. Um industrial e político britânico demonstrou interesse crescente no trabalho de Buchman na indústria e prometeu abrir muitas portas. Ele visitou Caux no final dos anos 40 e expressou o desejo de conversar com alguns dos mineiros de lá.

Paul Campbell, que esteve presente na conversa, contou a Buchman mais tarde naquele dia: 'Ele entrou e assumiu o comando imediatamente, sem ser apresentado. Ele tirou um grande maço de cigarros do bolso e os distribuiu. Quase todos recusaram, o que o perturbou bastante, mas ele sentou-se, bufando, e dominou a discussão. Buchman, sabendo que alguns dos mineiros tinham silicose e, para alívio de suas esposas, haviam acabado de parar de fumar, ficou furioso. Vá e conte àquele homem o que ele fez”, disse ele a Campbell.

Campbell fez isso. O industrial ficou furioso. “Sou diretor-gerente”, disse ele. 'Eu sei como fazer contato com os homens e é assim que se faz.' Campbell respondeu que também

---

<sup>1159</sup> Marcel, Nova Esperança para o Mundo, pp. 89-90.

poderia destruí-los. O industrial desceu a montanha no trem seguinte, a caminho da Grã-Bretanha.

“Tudo bem”, disse Buchman. 'Você o persegue colina abaixo, persegue-o colina abaixo, continue assim.' Campbell ficou aliviado com o fim da luta, mas desceu a colina e atacou o industrial novamente na plataforma da linha principal. O industrial nunca mais chegou perto do Rearmamento Moral e adiou muitos outros. Buchman não se importou. Ele estava pensando nos mineiros e em ajudar o industrial a perceber sua atitude arrogante para com eles e para com os trabalhadores em geral.

Buchman correu riscos semelhantes com pessoas muito mais importantes para a sua vida diária e conforto do que um industrial visitante. Enquanto convalescia do derrame, ele dependia completamente de Campbell, que cuidava dele dia e noite, raramente conseguindo dormir mais de duas horas ininterruptas. De acordo com Campbell, Buchman sentiu em determinado período que estava confiando demais em sua experiência médica e muito pouco em seu contato com Deus. Um dia houve algo errado com o estômago de Buchman. Campbell deu-lhe o diagnóstico.

— Você não sabe nada sobre estômagos, não é? perguntou Buchman. Campbell, que estudou estômagos num dos melhores hospitais da América, ficou indignado.

Dois dias depois, Buchman disse: 'Acho que não vamos mais chamá-lo de 'doutor'.'

“Apenas frases simples, mas que frases para um jovem médico orgulhoso”, diz Campbell. Ele ficou profundamente magoado. De repente, ele pareceu não conseguir fazer nada certo aos olhos de Buchman. Ele disse a Barrett: 'Os médicos foram feitos para ajudar. Parece que estou piorando Frank. Acho melhor ir para casa.'

'O que você quer dele?' perguntou Barreto.

'Para ser apreciado de vez em quando. Nem sempre estar sob críticas. Para poder dizer à minha família que estou fazendo algo que vale a pena.'

'Voltar para o Canadá curaria esse desejo de apreciação?' perguntou Barreto.

Campbell entendeu a questão e decidiu que faria o que Deus quisesse, independentemente de como fosse tratado por Buchman ou qualquer outra pessoa. 'Buchman não poderia saber de nada sobre aquela decisão da meia-noite. Mas desde o primeiro momento, na manhã seguinte, toda a sua atitude foi diferente. Ele não poderia ter ficado mais agradecido”, acrescenta Campbell.

Outro exemplo foi Peter Howard, o jornalista do Express que se juntou aos amigos britânicos de Buchman durante a guerra. Quando conheceu Buchman na América, em 1946, sua vida havia mudado muito. Ele também renunciou ao seu emprego altamente remunerado e arriscou a inimizade de amigos poderosos para anunciar em três livros amplamente lidos que acreditava que o caminho de Buchman era a melhor esperança para o mundo.

Imediatamente eles conheceram Buchman e ele se sentiu solidário. Buchman disse nos primeiros dias que achava que Howard poderia ser o 'Henry Drummond de sua geração'. Ele o convocou para falar perante o melhor público que conseguiu reunir na América e o apresentou a todos os seus amigos. Eles trabalharam juntos por alguns anos. Buchman gostou muito de ter perto dele uma mente tão viva e contemporânea, um homem que durante sete anos foi um jornalista político proeminente e antes disso capitão da Inglaterra no futebol de rugby.

A carreira de Howard no rugby mostrou sua vontade de ferro. Ao nascer, sua perna esquerda era muito fina e o calcanhar estava preso ao joelho. Ele teve que cortar o tendão de Aquiles e durante anos andou, correu e jogou com ferros nas pernas. Duas vezes na infância ele quebrou a perna fina - uma perna que era pouco mais que uma coluna de osso e alguns centímetros mais curta que a outra. "Não jogue futebol, meu rapaz", disseram os médicos; mas isso o deixou ainda mais interessado em se destacar no rugby. Ele chegou ao topo. Seu tempo na agitação da Fleet Street, trabalhando em estreita colaboração com seu temperamental proprietário, Lorde Beaverbrook, o fortaleceu ainda mais.

Buchman percebeu essas coisas. Ele também sentiu que havia "algo de sua antiga vida nele". Ele percebeu também que Howard estava se tornando dependente dele - que queria agradar Buchman como antes desejara agradar Beaverbrook, o que ele considerava um ponto de referência inadequado.

O desconforto de Buchman em relação a Howard coincidiu, de forma bastante desconhecida para ele, com Howard recebendo dois pensamentos em um momento de escuta: 'Viva a pureza absoluta por Minha causa. O coração desta revolução será o seu lar permanente pelo resto da sua vida.' As possíveis implicações desses pensamentos o deixaram perplexo. Ele não contou a ninguém sobre eles, mas decidiu secretamente que não estava disposto a ir tão longe e "para compensar esse compromisso começou a prestar atenção especial a Buchman, a bajulá-lo e a elogiá-lo".

Buchman decidiu - se por pensamento, "orientação" ou instinto, não se sabe - que agora deveria arriscar tudo com Howard. "De um dia para o outro", escreveu Howard mais tarde, "Buchman trancou e trancou todas as portas e janelas do nosso relacionamento. Nada que eu pudesse fazer estava certo. Pública e privadamente, dentro e fora de época, fui repreendido e atacado. Buchman estava determinado a que eu me voltasse somente para Deus e para nenhuma autoridade humana como base de minha vida. Certa vez, durante uma refeição para a qual foram convidados muitos convidados importantes, pediram-me que me sentasse à mesa de Buchman. Quando Buchman chegou e me viu lá, disse imediatamente e em voz alta: "Leve-o embora. Não vou me sentar à mesa com ele. Não o quero entre essas pessoas". O incidente foi típico do nosso relacionamento naquela época, e as coisas continuaram assim por quase quatro anos.

Foi um risco real. Poucas pessoas, talvez, teriam suportado esses anos e permanecido fiéis à sua vocação, especialmente porque Beaverbrook foi assíduo nas suas ofertas de emprego renovado que, insinuou ele, levaria a um cargo de editor. Howard poderia ter conseguido o dinheiro, mas sentiu que o seu trabalho com a equipa do Rearmamento Moral na Alemanha e noutros lugares era o lugar para ele, qualquer que fosse o seu lugar com Buchman.

Uma ou duas vezes ao longo desses anos, Buchman e Howard sentaram-se e ouviram orientação juntos. Cada vez que o pensamento de Buchman para Howard vinha no verso do hino de Augustus Toplady:

*Nada trago em minha mão, simplesmente me agarro à Tua Cruz;*

*Nu, venha a Ti para se vestir;*

*Desamparado, busque graça em Ti;*

*Imundo, eu voo para a fonte;*

*Lave-me, Salvador, ou eu morro.*

Certa vez, Howard lhe perguntou: 'Até quando continuarei neste estado de escuridão e desespero?' Buchman respondeu. 'Eu simplesmente não sei. A decisão é sua, não minha.

Finalmente, um dia em Berlim, Howard decidiu que, não importava o que isso significasse, ele iria fazer o que Deus lhe pedisse. Ele disse aos seus amigos em Berlim que queria tomar esta decisão diante de Deus, e fê-lo, de joelhos, com eles.

A tal decisão foi imediatamente posta à prova. Chegou um telegrama de Buchman convidando todos os que estavam em Berlim, exceto Howard, a se encontrarem com ele na Suíça. Howard voltou para passar o verão em sua fazenda em Suffolk com sua família e descobriu que era capaz de ajudar as pessoas espiritualmente de maneira mais eficaz do que antes.

“Depois de dois meses”, escreve Howard, “cheguei um convite para se encontrar com Buchman. Ele foi educado, mas não mais do que isso. As barreiras ainda estavam de pé. Ele queria ver se eu realmente estava falando sério ou se ainda dependia do favor de algum homem vivo. Então, depois de algumas semanas, enquanto caminhava pelo corredor, senti um braço passar pelo meu e ouvi a voz de Buchman ao meu lado: "Como nos velhos tempos, não é?" Isso foi tudo.'

Um dia, em Roma, os dois homens conversaram sobre aqueles anos difíceis e Howard pediu desculpas por “fugir de Buchman”. “Sim, senti que você fez isso”, disse Buchman. — Acho que foi tudo culpa minha. Eu poderia ter facilitado as coisas para você. Eu poderia ter conversado com você desde o início, mas não tive forças, ou talvez não fosse o momento. Howard disse que alguém chegava a um lugar onde, sem pecado consciente, simplesmente não sabia para onde ou como se voltar. 'Eu entendo isso', disse Buchman, 'e senti isso em você, mas sempre e sempre soube que você mudaria.' 'Sabe', acrescentou ele, 'tive que estar pronto para arriscar todos os relacionamentos da vida, sete dias por semana, durante os últimos quarenta anos. Caso contrário, o nosso trabalho não estaria onde está hoje no mundo.'<sup>1160</sup>

Durante seus dias no deserto, Howard às vezes se perguntava se havia outros motivos, menos altruístas, no tratamento que Buchman dispensava a ele. “Lembro-me que a ideia passou pelo meu coração tolo”, escreveu ele a Roger Hicks, “de que Frank poderia ter ficado irritado com a atenção então dada aos meus escritos e por isso queria manter-me reprimido ou limitar o meu campo de ação...” Mas a pura verdade e a verdadeira questão é que por muito, muito tempo eu não queria ser como Jesus em meu coração, queria continuar sendo como Howard em meu coração, tanto em meu coração quanto em muitas outras partes da

---

<sup>1160</sup> Howard, O Segredo de Frank Buchman, pp.

minha anatomia. E a atmosfera que Frank cria ao seu redor é o lugar mais difícil em que meu caminho pode ter prioridade. É contra isso que as pessoas realmente se levantam.<sup>1161</sup>

Embora provavelmente tudo pudesse e devesse ter terminado mais cedo, é difícil encontrar qualquer explicação adequada, exceto a última de Howard. Ele era relativamente novo no Rearmamento Moral e não havia possibilidade de suplantar Buchman, e o tremendo escopo que lhe foi dado nos onze anos seguintes, quando se tornou o companheiro de maior confiança de Buchman, argumenta contra qualquer desejo de manter o homem mais jovem por último.

A filha de Howard, Anne Wolrige Gordon, conclui: 'A aparente dureza com que Buchman tratou Howard neste período foi, na realidade, uma medida de sua confiança nele. Ele viu em Howard a possibilidade de uma grande liderança, juntamente com as fraquezas do orgulho, da presunção e da dependência da aprovação do homem. Buchman pretendia produzir um homem cuja lâmina fosse afiada e cuja vida estivesse livre de todos os apegos humanos.'<sup>1162</sup>

Howard não foi a única pessoa a ser mantida à distância por um período mais curto ou mais longo. Austin, por outro lado, disse uma vez que nunca se lembrava de Buchman ter dito uma palavra dura para ele. Buchman, de fato, tentou dar a cada pessoa o que mais a ajudasse a alcançar uma maior maturidade em cada momento particular. Assim, ele esperou vinte anos antes de apontar a um artista que havia transferido para si mesmo a afeição pelo pai, que o rejeitara. A esposa deste homem, que por vezes era tratada de forma mais severa, diz que a impressão dominante que tinha de Buchman na década de 1940 era a da sua ternura: "Sabíamos que não era por desânimo ou despeito que ele por vezes dizia algo muito duro. Ele nunca usou isso contra ninguém. Não houve nenhum de nós que não pudesse ir até ele e

---

<sup>1161</sup> Peter Howard para Roger Hicks, 1º de abril de 1950.

<sup>1162</sup> Wolrige Gordon: Peter Howard - Vida e Cartas (Hodder e Stoughton, 1969), p. 156. Um bispo que leu o livro da filha de Howard me disse que não conseguia entender o tratamento dado por Buchman a Howard nesse período. Lembrei-lhe o tratamento duro de Inácio de Loyola para com seu sucessor, Diego Laynez, conforme descrito por Pedro Ribadeneira, amigo e primeiro biógrafo de ambos os homens. Ribadeneira ficou surpreso com isso, especialmente porque Inácio lhe havia assegurado "que não havia nenhum homem na Sociedade a quem ela devia mais e ele disse ao Padre que o designava para ser seu sucessor". antes de morrer, ele mostrou tanta severidade para com este Padre que às vezes isso o deixou completamente miserável...', continua ele. 'A razão foi que o Beato Padre desejava fazer do Padre Laynez um santo, e habituá-lo às dificuldades. com o objetivo de ser General, para que, a partir do que ele próprio passou, pudesse aprender a governar os outros.'(Citado em James Broderick: The Origin of the Jesuits (Longmans Green, 1940), pp. 259-60.

discutir qualquer coisa, incluindo planos, problemas ou pensamentos que tínhamos, e ter todo o seu interesse e atenção.'

A atitude de Buchman muitas vezes dependia da atitude da outra pessoa. “Ele era amigo dos pecadores, mas odiava a hipocrisia”, diz outro inglês. Este homem, nacionalmente conhecido em sua esfera, alistou-se em Buchman, mas várias vezes saiu e fez coisas que trouxeram descrédito temporário ao trabalho de Buchman. Na primeira ocasião, o único comentário de Buchman foi: 'Bem, pensei que você iria se safar! Venha junto comigo. Teremos a oportunidade de conversar.

Numa segunda ocasião, mais calamitosa, o homem só conseguiu dizer: 'Você pode me perdoar, Frank?'

'Perdoar você!' foi a resposta. 'Eu fiz isso há muito tempo.'

Numa terceira ocasião, esse homem disse: 'Não sei o que posso dizer, exceto que sei que você é meu amigo'.

'É', respondeu Buchman, 'haveria algo muito errado com o velho Frankie se ele não estivesse.'

“Nenhuma palavra de censura”, comenta este homem. 'As censuras não estavam em sua constituição. Apenas incentivo e olhar para o futuro. Arrependimento recreativo, não remorso estultificante.'

Buchman me disse uma vez, no final da década de 1930: 'Nunca retirei meu amor de ninguém'.

Imediatamente após a breve conversa de Buchman com Howard na passagem, ele começou a perguntar a Howard se as ações que ele estava tomando ou havia tomado eram certas ou erradas. 'Você sempre me dará a correção que preciso, não é?' ele disse. 'Eu sou como todo mundo. Preciso de correção todos os dias da minha vida, mas muito poucas pessoas têm o cuidado ou o bom senso para me dar isso.' De acordo com sua filha, Howard fez isso fielmente nos anos que se seguiram. Campbell e Phyllis Austin, em cujos julgamentos Buchman confiou muito, contaram ocasiões em que contestaram suas decisões e quando ele admitiu que estava errado. A maioria dos seus colegas teve experiências semelhantes de vez em quando, mas muito poucos tiveram a coragem de falar consistentemente quando discordavam. Ele nem sempre facilitou isso. Certa vez, ele disse a Corderoy: 'Siga-o, não a mim'. — Você torna tudo muito difícil — respondeu Corderoy.

Austin diz que às vezes acha que deveria ter sido mais firme com Buchman. Em 1948, por exemplo, Buchman estava convencido de que *The Good Road/ O Bom Caminho* deveria ser filmado. “Mostramos isso em Hollywood e obtivemos uma resposta tremenda”, diz Austin. 'A certa altura, tínhamos um estúdio que se ofereceu para filmar, um homem pronto para dirigi-lo e a Technicolor preparada para nos dar o filme - tudo por nada. Então fomos ver Frank. Ele disse: “Não, não, não. Darryl Zanuck vai fazer este filme”. Zanuck nunca fez nada e deixamos a América sem que nada fosse feito. No verão seguinte, a pedido de Buchman, ocupámos um grande edifício em Lausanne e gastámos muito tempo e dinheiro a tentar fazê-lo nós próprios. Foi um fiasco colossal. No final, Frank nos deu uma bronca pelo fiasco e então, tarde demais, alguns de nós disseram a ele que ele estava errado e que Zanuck nunca teve a intenção de fazer o filme. Frank disse: "Cometi um erro - e quando cometo erros, cometo grandes erros! Teremos que atribuir isso à experiência." Ele teria nos respeitado se tivéssemos sido honestos e apaixonados em primeiro lugar.

Michel Sends, nessa época com vinte e poucos anos, era frequentemente o intermediário de Buchman com Robert Schuman. Sendo católico, foi-lhe pedido o seu conselho sobre assuntos relativos à Igreja, sobre os quais a compreensão de Buchman era limitada, embora nem sempre reconhecesse o fato. “Buchman era um personagem muito forte e foi um desafio para todos que tentaram trabalhar com ele não se submeter a esse personagem forte, mas permanecer em pé de igualdade”, diz Sentis. 'Ele tinha um jeito enérgico de dizer as coisas, era muito claro e tinha muitas coisas para decidir e não tinha muito tempo para fazê-lo. Se você discordasse, tinha que dizer sem rodeios que achava que ele estava no caminho errado. Você tinha que resolver o problema. Então, se você estivesse certo, ele percebeu rapidamente. Muitas pessoas tiveram uma impressão errada de Buchman porque se submeteram a ele.

Sentis foi um entre centenas de jovens que Buchman treinou ajudando-os a tomar iniciativas. Um ano ele enviou Sentis para Roma. “De quanto dinheiro você vai precisar?” ele perguntou. Sentis fez um cálculo aproximado e Buchman deu-lhe o dinheiro. 'A vida era muito mais cara do que eu pensava. Foi um trabalho de uma semana e, ao final de três dias, fiquei sem dinheiro. O que eu iria fazer? Liguei para Frank. "Como você está, Michel?" ele disse. Eu disse a ele, sem mencionar dinheiro, pois me sentia culpado por meus cálculos terem sido tão imprecisos. De repente, ele me perguntou:

- Como você está se saindo com o dinheiro?
- Frank, estou quase fora de mim, eu disse.
- Foi o que pensei, respondeu ele.
- Então eu lhe enviei mais alguns por cabo.

Em vez de corrigir meus cálculos errados, ele me deixou ir a Roma e descobrir por mim mesmo. Ele me ensinou uma lição sem me dar nenhuma.

Mas, também com Sentis, Buchman poderia ser perspicaz. “Meu último contato com ele foi em julho de 1961, apenas um mês antes de sua morte. Frank estava bastante fraco, agora cego, e passou quase o dia todo na cama. Tinha acabado de regressar da Tunísia, onde me encontrei com o Presidente Bourguiba. Entrei em seu quarto, sentindo-me muito importante, e fiz um grande relato de minha visita. "Tudo bem, tudo bem", disse ele. No dia seguinte, encontrei-me novamente em seu quarto com outras pessoas, planejando o dia, e fiz uma sugestão para a reunião matinal. "Quem é aquele?" ele disse. Eu dei meu nome. “Você veio me ver ontem, Michel”, disse ele. "Você estava tão cheio de si que não consegui entender nada do que você disse. Você só estava interessado no que tinha feito. Se quiser trabalhar assim, é melhor ir embora." Eu me senti extremamente infeliz porque era verdade.

“Nunca senti nenhum constrangimento com Frank”, conclui Sentis. 'Ele esperava que cada pessoa lhe trouxesse algo novo. E não apenas grandes verdades espirituais, mas coisas simples. Certa vez, levei alguns amigos americanos dele pela França.

- "Onde você almoçou?" "O que você comeu?" Ele queria saber todos os detalhes. Tínhamos comido caracóis.

- “Nunca viajarei com você pela França”, disse ele. "Gosto de franceses, mas não de caracóis!"

Rajmohan Gandhi, neto do Mahatma e de Rajagopalachari, foi outro jovem que Buchman treinou. Seu pai, Devadas, editor do Hindustan Times, ajudou Buchman na Índia em 1952 e 1953. Ele e Rajmohan conheceram Buchman na Europa em 1956 e, enquanto aprendia jornalismo no The Scotsman em Edimburgo, Rajmohan ficou com um médico amigo de Buchman. Em 1957, ele apareceu em Mackinac, onde viu Buchman pela primeira vez durante um período, embora Buchman não prestasse muita atenção nele naquela época.

Mais tarde, porém, Buchman enviou Gandhi em diversas missões. No início de 1959, enviou-o a um primeiro-ministro asiático para avisá-lo de que um dos seus conselheiros mais

próximos era desleal e tinha graves fraquezas morais. Gandhi tinha 24 anos e Buchman, na América, deu-lhe 250 dólares, disse-lhe para colocá-los em cheques de viagem e seguir viagem. “Primeiro tive de encontrar a minha passagem, o que foi uma das minhas primeiras experiências de “fé e oração””, diz Gandhi. “Então perguntei a Buchman como deveria encontrar o primeiro-ministro.

' "Eu não sei", disse Buchman. "Você será guiado."

'Consegui um encontro com o primeiro-ministro um ou dois dias depois de chegar à sua capital. Eu disse a ele para ter cuidado com esse homem, sentindo que o que eu disse talvez fosse verdade, mas não tinha certeza. O primeiro-ministro não ficou tão zangado como eu temia, dizendo sem veemência que não havia muita coisa nas acusações. Mais tarde houve um golpe. O primeiro-ministro foi deposto; o conselheiro não era. “Buchman viu toda a aventura como uma boa maneira de treinar um jovem para fazer coisas difíceis”, comenta Gandhi.

Em outra ocasião, Buchman enviou Gandhi aos Estados Unidos com um americano mais velho, porque estava descontente com aspectos do trabalho do Rearmamento Moral naquele país. “No início, lutei para corrigir tudo o que considerava não ser o melhor”, diz Gandhi, “e recebi relatos agradáveis de que Buchman estava interessado no meu trabalho. Então, tive medo de ter estabelecido relacionamentos confortáveis e fiquei ansioso com as opiniões sobre mim entre as pessoas com quem estava.

“Depois de alguns meses, voltei para Buchman em Caux. No dia seguinte, fui convidado a falar. Buchman não estava presente, mas ouviu pelo alto-falante de seu quarto. Ele mandou me chamar. "Você está em sua melhor forma?" ele perguntou.

- "Frank, eu... hã... cheguei ontem", respondi, tentando transmitir que qualquer fraqueza poderia ser atribuída ao cansaço.

- "Algo está errado com você. Eu pude sentir isso em sua voz. O que é?" disse Buchman.

De repente pensei nos relacionamentos confortáveis. - “Acho que tentei agradecer as pessoas”, eu disse.

- "Chocante", disse Buchman. “Chocante, eu não esperava isso. Chocante, estou com vergonha.” Isso durou vários minutos. Finalmente, várias pessoas, na sua maioria africanas, começaram a entrar na sala. Buchman começou a cumprimentá-los. Então ele se virou para

mim e disse: “Diga a estes homens o que está acontecendo em nosso trabalho na África”. Não achei justo que ele, depois de me ter dado uma surra tão grande, me obrigasse a contar sobre África, mas contei-o. Então ele me fez falar sobre outra parte do mundo. Aprendi com isso que ele esperava enfrentá-lo com firmeza e resolução, e confiava que você continuaria a lutar instantaneamente e nunca exigiria férias para se recuperar.'

'Buchman', escreve Howard, 'lutou fortemente, com uma ferocidade que parecia irracional, contra a fraqueza daqueles que tentavam confiar nele como homem'. Ele estava lutando contra o desejo de agradar que tão facilmente se insinua em qualquer grupo de pessoas, seja um gabinete, uma empresa ou um sindicato, onde há um líder ou líderes enérgicos, e outros que preferem ser dependentes ou temem que falar abertamente afetaria suas carreiras. Principalmente no final da década de 1950 - quando ficava confinado no seu quarto durante dias seguidos e os seus contatos se limitavam aos que cuidavam dele e aos que vinham vê-lo - isto tornou-se um perigo entre os seus colegas. Por exemplo, se ele percebesse uma fraqueza de caráter em alguém e a desafiasse, essa pessoa às vezes transmitia a pressão para os outros, e um ponto destinado a um indivíduo poderia se tornar uma regra geral. Ele odiava esse “papagaio”, que também chamava de “agradar aos homens”, mas mais frequentemente de “homossexualidade”.

Ele pode ter usado essa palavra para chocar as pessoas e torná-las realidade, mas certamente levou à confusão. Certa vez, em Los Angeles, quando estava sentado com Lorde Hardinge e Oliver Corderoy, alguém entrou e lhe contou sobre tal incidente. 'Homossexualidade chocante!' ele explodiu. Lorde Hardinge ficou surpreso. 'Buchman tem muitos problemas com seu pessoal nesse tipo de coisa?' ele perguntou a Corderoy, presumindo que Buchman estava lidando com um caso de homossexualidade física. Mais tarde, Corderoy contou a Buchman sobre a confusão que havia causado e perguntou-lhe o que ele queria dizer com “homossexualidade”. “Mesmice”, disse Buchman. 'Vamos ter essa mesmice por toda parte? Papagaio para agradar. Mesmice. Sim é isso.'

“Para ele”, conclui Corderoy, “a adoração das pessoas, inclusive dela própria, era uma espécie de homossexualidade espiritual. Trouxe uma mesmice em vez da diversidade que surge quando Deus é o ponto de referência. Se ele levantasse alguma questão, sempre esperava que as pessoas buscassem orientação divina para si mesmas, mas muitas vezes nós não o fizemos.'

Isolado em seus últimos anos da massa de sua força por causa da doença, informado - e às vezes mal-informado - apenas por aqueles que cuidavam dele ou vinham vê-lo, a visão de Buchman sobre um indivíduo ou uma situação às vezes tornava-se distorcida. Mas no início da década de 1950, quando ele estava relativamente bem e todos estavam sobrecarregados com tarefas muito maiores do que podiam realizar, tarefas que os lançavam de volta a Deus, isso ocorreu em grande parte no futuro.

Às vezes, não raramente com o passar do tempo, Buchman costumava gritar com seus colegas. Austin ressalta que as pessoas às vezes têm uma pele tão dura de autoestima ou hipocrisia que essa pode ser a única maneira de superar isso, mas admite que “Frank, especialmente quando estava com dor, era muito violento em sua repreensão”. A Dra. Irene Gates, que sabia ser severa com ele, avisou-o em algum momento de 1941, depois de ele ter repreendido alguns de seus colegas com uma considerável explosão de temperamento, que, se quisesse viver, teria que renunciar a esse tipo de explosão.

É claro que existem diferentes tipos de raiva. Existe a raiva que surge do ódio ao mal e faz parte da capacidade de amar o bem, e existe a raiva que vem do orgulho ferido, de um ego ferido ou da simples irritação. Buchman exibiu ambos. Sua raiva geralmente era curativa, e as pessoas raramente a experimentavam sem receber a mão do humor ou da compaixão logo após o argumento ter sido exposto. Às vezes, também, ele questionava severamente as ideias das pessoas, para testar até que ponto elas estavam arraigadas. Ele temia, e com razão, que eles fossem expressos para tentar agradá-lo; mas, se a convicção fosse genuína e a pessoa lutasse por ela, a sua resposta geralmente se transformaria em entusiasmo.

Uma pessoa que nunca teve medo de entrar em conflito com Buchman foi Irene Laure, a líder da Resistência Francesa a quem ele ajudou a superar o seu ódio pelos alemães. “Ele estava na cama, em seu quarto em Caux, e éramos vários lá”, lembra ela. “Ele queria que eu visitasse - não, ele recebeu orientação de Deus para que eu visitasse - um certo monsenhor em Roma. “Sinto muito, Frank, mas não posso fazer isso”, eu disse. “Não tenho nada a dizer ao Vaticano.” Mas ele recebeu orientação de que eu era a pessoa certa, então houve imediatamente uma batalha. “Sim.” “Não.” “Sim.” “Não.” Isso durou algum tempo. Ao lado dele, na cabeceira da cama, estava sua bengala. Exasperado, ele pegou e me bateu. Todo mundo ficou perplexo. “Uh là là”, disse meu marido, Victor, “o que vai acontecer agora?” O que aconteceu foi que o bom Deus me fez rir. “É uma sorte sua ser Frank Buchman”, eu disse.

"Caso contrário eu teria arrancado seus olhos!" A atmosfera relaxou. E era verdade que eu era a pessoa certa para o trabalho. Eu fui e fiz isso. "Ele era impossível – insuportável", acrescenta ela com um sorriso. 'Ele fez você fazer coisas que você achava que não poderia fazer.'

Mais tarde, Madame Laure estava passando pelo quarto de Buchman em Caux quando Campbell apareceu dizendo que Buchman se recusava a tomar o remédio. Madame Laure, enfermeira de profissão, pegou o frasco e entrou. — Você acha que poderia ser razoável pelo menos uma vez na vida e tomar seu remédio? ela exigiu. Buchman aceitou.

Irène Laure costuma contar como Buchman enviou seu filho, Louis, e um amigo francês para desenvolver seu trabalho no Brasil. Foi numa assembleia do RAM em 1952, durante a qual Laure e o seu amigo dedicaram mais tempo à cidade e à praia do que às sessões. Buchman mandou buscá-los.

"Deus me disse para colocar em suas mãos a mudança do Brasil – um país várias vezes maior que a França", anunciou ele quando eles entraram. Eles ficaram pasmos e perguntaram o que fariam lá. "É muito simples", disse ele. "Quando você chega lá, você planta um poste no chão do aeroporto e depois outro bem longe dele. Então você amarra uma corda entre os postes e se suspende na corda. Vá para onde o Espírito Santo soprar em você. Eles deixaram o quarto dele um pouco mais sábios - mas ele capturou a imaginação deles.

#### Dr. Heinrich Ströter e Madame Irène Laure em Caux

Eles foram para o Brasil e algumas das primeiras pessoas que contataram foram os estivadores de Santos, que os levaram até os estivadores do Rio de Janeiro. Tais mudanças ocorreram no porto do Rio que o filme *Homens do Brasil* foi feito e exibido em todo o mundo. Os estivadores levaram o trabalho de Buchman para todo o Brasil e para muitos outros países da América do Sul.

As relações pessoais de Buchman com as mulheres eram tão variadas quanto as próprias mulheres. Ele tratou Eleanor Forde, a primeira mulher a viajar com o Grupo de Oxford, como uma companheira próxima e confiável. As mulheres frequentemente lideravam reuniões em festas caseiras na década de 1930, e muitas das iniciativas maiores surgiram através delas. 'O que devemos fazer a seguir?' Buchman perguntou a uma sala cheia de colegas no final da festa em Oxford em 1931. Fora do silêncio, Eleanor Forde surgiu da última fila: 'Acho que deveríamos ir para o Canadá.' "É isso", disse Buchman. 'Vá e prepare-

o.' Ela o fez, a campanha começando apenas um ano depois. Da mesma forma, a Sra. Alexander Whyte, com quase três vezes a idade de Eleanor Forde, primeiro o levou a Genebra. Dezenas de outros exemplos poderiam ser citados, antes e depois do derrame.

“Frank respondeu à centelha nas pessoas, independentemente do sexo”, escreve Signe Strong, a artista norueguesa que esteve com ele quando jovem durante a guerra. “Ele respeitava a coragem e a confiança demonstradas pelas mulheres,

letradas ou iletradas, que se apresentavam em público, abriam as suas casas, apresentavam-nos aos seus amigos, arriscavam as suas reputações.<sup>1163</sup> Uma das pessoas que ele mais amava e respeitava era Annie Jaeger, o pequeno lojista de Stockport. Quando ela falou em uma reunião de estudantes de Oxford na década de 30 e alguns pareciam entediados, ele disse: 'Escutem: ela tem mais de Cristo em seu dedo mínimo do que a maioria de vocês tem em todo o corpo.'

Tanto com as mulheres como com os homens, Buchman era imprevisível. Para uma garota que saiu de uma conferência para perseguir um homem que se mostrou bem diferente do que ela imaginava, ele simplesmente disse quando ela voltou: 'Deixa pra lá. Há muitos peixes melhores no mar. Para outro, que tinha o hábito de tais expedições, ele disse: 'Cuidado. Um dia você fará isso com muita frequência. E um dia ela o fez - embora muitos anos depois ela tenha aparecido novamente, dizendo: 'É maravilhoso estar de volta.'

Ele ficou encantado com uma jovem jornalista sueca que disse, numa reunião em Caux, que pensava que no futuro usaria o batom para engraxar os sapatos vermelhos. Aconteceu que algumas princesas fortemente pintadas estavam sentadas perto dele, e ele comentou com elas, não muito baixinho: 'Vocês ouviram?'



Em Caux: Dr. Heinrich Ströter (Alemanha), cumprimenta Madame Irène Laure (França).

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>1163</sup> Signe Strong para o autor, 15 de abril de 1984.

Buchman pediu a este jornalista que cuidasse de uma loira sueca incrivelmente bela - uma garota que tinha feito tudo e estado em todos os lugares, mas que mudou drasticamente depois de conhecê-lo em Caux. "Ela era muito real", diz o jornalista. 'É por isso que ela nunca teve medo de Frank, e ele adorou conhecer essa garota linda e real. Houve um milagre completo. A luz externa se apagou, a luz interna acendeu. Ela começou a ajudar as pessoas. Avançou com a verdadeira energia sueca, o fogo subindo como um rio através de Caux - um maravilhoso presente de Deus que cortava a irrealidade sempre que ela o encontrava.

'Então, um dia ela desmaiou, chorou e quis ver Frank novamente. Nós dois fomos convidados para um chá. Ela disse, ali entre as xícaras de chá: "Frank, estou vazia. Não tenho mais nada para dar", e começou a chorar.

- "Você diz que está vazia", disse Frank.

- "Sim."

- "Nada mais para dar?"

- "Não, Frank."

- "Maravilhoso", disse Frank - e deu-lhe um lenço para secar as lágrimas.

Ela olhou para ele espantada, com aqueles grandes olhos azuis. Então ele disse:

- "É isso. É assim que deveria ser. 'Nada em minha mão eu trago, simplesmente me agarro à Tua Cruz...'", e ele passou por todo o versículo. "Veja, você dá tudo e então é Jesus quem fará isso por você. Jesus fez isso e Jesus fará isso".

Ela recostou-se na cadeira e disse:

- "Que maravilha".'

Buchman acreditava que havia uma conexão definida entre a pureza sexual e até que ponto as pessoas estavam disponíveis para serem usadas pelo Espírito Santo. A pureza absoluta, afirmou ele, referia-se a um domínio mais amplo do que o sexo, mas a forma como as pessoas lidavam com esse instinto poderoso era importante. Não se tratava de regras ou proibições, mas de aproveitamento máximo das energias dos afetos. Kenaston Twitchell, um homem casado e com três filhos, enunciou a filosofia de Buchman sobre o assunto: 'Um homem ou mulher solteiro encontra na disciplina e na liberdade da pureza absoluta a satisfação completa e o uso livre de toda energia e afeto. O homem e a mulher casados encontram exatamente a mesma liberdade neste redirecionamento do instinto, juntamente

com qualquer uso natural que Deus possa dirigir dele... Nesse renascimento do caráter surge um amor ardente pelas pessoas que dá sem exigir em troca.<sup>1164</sup>

Na década de 1930 e na década de 1940, durante a guerra, aqueles que trabalhavam mais estreitamente com Buchman, com exceção de pessoas mais velhas como os Twitchells e os Hamiltons, eram em sua maioria solteiros. É provável que as bases do trabalho mundial de Buchman não pudessem ter sido lançadas sem um núcleo de pessoas “soltas”, não amarradas pelas crianças pequenas e pelos lares que elas necessitariam. Se isso estava na mente de Buchman, não se sabe, mas não foi a principal consideração dos próprios jovens. Ao entregarem as suas vidas a Deus para a reconstrução do mundo, eles entregaram nas Suas mãos os seus afetos, as suas carreiras e os seus futuros, incluindo a questão de se casariam ou não. O critério não era seus desejos pessoais, mas se eles poderiam, naquele momento, ser mais bem usados por Ele, casados ou solteiros, e embora muitos já estivessem apaixonados pela pessoa com quem finalmente se casaram, a maioria sentia que ainda não era o momento.

Eles eram jovens viris e muitas vezes atraentes. Signe Strong escreve sobre essa época: “Havia uma grande liberdade entre os sexos, no sentido de que não havia 'pesca'. As amizades podiam florescer; mas nunca eram exclusivas... Grande discernimento e força vieram daqueles anos – que nem sempre foram fáceis, mas cheios de trabalho criativo.”<sup>1165</sup>

Depois da guerra houve uma onda de casamentos, que Buchman saudou com alegria. Para um casal que esperou doze anos antes de ficar noivo, ele disse: 'Já faz muito tempo.' Ao longo de sua vida, ele demonstrou um interesse ativo e solidário pelos casamentos de seus colegas - e não hesitou em incitar alguns dos mais cautelosos a mergulharem. Para um jovem, a quem Buchman sentiu-se indevidamente hesitante, ele enviou uma toalha de mesa bordada. Por outro lado, às vezes ele desejava, com ou sem razão, que os casais adiassem os seus casamentos, possivelmente porque sentia que as pessoas envolvidas ainda não eram suficientemente maduras para lidarem entre si, bem como com as exigências da sua vocação. Muitos continuaram a viajar com Buchman depois de se casarem; outros instalaram-se com as suas famílias para gerir os centros que então se abriam por todo o mundo; alguns montaram casas particulares e as usaram como base para a expansão do trabalho de Buchman em suas comunidades.

---

<sup>1164</sup> H. Kenaston Twitchell: *A Força de uma Nação* (Rearmamento Moral, Los Angeles, 1948), pp.

<sup>1165</sup> Signe Strong para o autor, 25 de abril de 1984.

Buchman pensava que a disciplina no casamento não era menos necessária do que a disciplina fora dele. Ele também não achava que as pessoas casadas deveriam necessariamente ter menos mobilidade do que quando eram solteiras. Isso às vezes levava a longas separações entre maridos e esposas, e até mesmo entre pais e filhos. Ocasionalmente, as separações eram erradas ou muito longas. Ao mesmo tempo, se Buchman ouvisse falar de doença, morte na família ou alguma outra crise doméstica, ele enviaria uma mensagem e financiamento para levar um filho, pai ou parceiro no primeiro avião para casa.

Um dos colegas mais próximos de Buchman relata como Buchman o ajudou a se aproximar de sua esposa. “Tenho pensado em você”, disse-lhe Buchman um dia. 'Você ainda não é governado pelas ideias de sua mãe?'

- “Frank, ela morreu há dez anos”, respondeu o homem.

- “Eu sei disso”, disse Buchman. — Mas as ideias dela sobre o dever, uma cólica, ainda prende você. Isso não ajuda sua esposa.

O homem continua: - 'Conversamos por uma hora e na manhã seguinte contei isso à minha esposa. Ela teve um paroxismo de lágrimas. Eu não consegui consolá-la.

- "Eu sei e sinto isso há anos", ela disse finalmente. "Isso vem arruinando nosso casamento. Sempre me comparando com sua mãe, sempre senti que estava ficando em segundo lugar em relação a ela."

Marcou um novo começo para nós.

Buchman poderia ser particularmente vigoroso com mulheres fortes se sentisse que elas estavam tentando dominar outras pessoas ou seu trabalho. Ele estava apto, se um de seus colegas casados parecesse subjugado, a culpar sua esposa, às vezes injustamente. Em alguns casos, estas esposas sentiram-se incapazes de se aproximar dele - e à medida que ele foi ficando mais velho e mais confinado, esta dificuldade aumentou, deixando algumas sem saber onde estavam e o que fazer.

Questões de relacionamento, dentro e fora do casamento, muitas vezes surgiram nas sessões de treinamento de Buchman com suas equipes, seja nos primeiros dias em Oxford, durante a estada em Tahoe durante a guerra, ou mais tarde em Caux ou Mackinac ou em outro lugar. Sobre uma dessas ocasiões na Caxemira, em 1953, Victor Sparre, o artista norueguês, escreve: “Durante uma semana inteira, Buchman deu-se a tarefa de abrir os nossos olhos para a natureza humana. A essência deste ensinamento era que por trás das nossas paixões reside

a vontade de controlar o mundo e dominar os nossos semelhantes. Mesmo em nossa vida amorosa, essa vontade permanece oculta. Através da graça, o ato de amor pode ser um ato criativo. Mas quando a autogratificação deixa de lado o elemento criativo, esse amor só é usado para autosatisfação e violência contra os outros. Os estados ditatoriais podem ser vistos como a organização em massa destas paixões pervertidas nos indivíduos.<sup>1166</sup>

Durante estes dias em Caxemira, Buchman falou dos pré-requisitos para encontrar uma abertura ao espírito de Deus e da alegria de tê-lo. “Ele percebeu que alguns de nós ficamos um pouco relaxados e paqueradores

naqueles meses de trabalho duro em um país quente e romântico”, diz Virginia Crary<sup>1167</sup> da Califórnia. 'Ele foi perspicaz, sabendo como essas coisas poderiam absorver alguém e torná-lo insensível aos outros - mas ele foi compreensivo.' “Vocês, meninos, em geral, estão muito bem”, disse ele aos seus jovens amigos certa manhã. 'Eu confiaria em vocês em qualquer lugar. Mas quando as meninas estão por aí...' 'Vocês precisam de alguma coisa', acrescentou ele, 'se quiserem mudar a sociedade.' Então ele continuou. 'Vocês sabem, nós temos um Salvador maravilhoso. Ele tem essa qualidade incrível – ele entende. Ele se livra de todas as manchas, não importa qual seja.

De volta a Oslo, Sparre, que havia largado o pincel por dois anos para viajar com Buchman, contou sobre suas viagens pela Índia. Um amigo boêmio dele falou deles com inveja e perguntou, com um certo desdém: 'Você não pode me arranjar um emprego como



Victor Sparre, pintor norueguês.

©MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>1166</sup> Victor Sparre, corda Stenene skal (Tiden Norsk Forlag, 1974), p. 62.

<sup>1167</sup> Agora Virgínia Goulding.

esse?' “Eu expliquei”, escreve Sparre, “que nessas viagens você vivia de maneira muito semelhante a um monge mendicante medieval: não possuindo nada, vivendo com o que lhe era dado, ficando onde lhe ofereciam uma cama, abstendo-se totalmente de álcool, tabaco e de ser mulherengo. Naquela época, também, era obrigatório vestir-se elegantemente como um inglês, em todos os detalhes, até os sapatos engraxados. O interesse do meu amigo esfriou...

'Eu não tinha me aderido a nenhum movimento ou organização. Eu havia encontrado uma nova vida, como artista e como homem; basicamente era um modo de vida anarquista, já que as regras são supérfluas quando as pessoas vivem abertamente e se preocupam totalmente umas com as outras. Foi uma vida livre liderada por uma força misteriosa invisível, o Espírito Santo; todos seguiram a voz interior, sem empregos fixos, sem salários, sem cadeias de comando.'

“Os movimentos idealistas têm um padrão típico de desenvolvimento”, acrescenta Sparre. “O que começa como algo libertadoramente novo e vivo torna-se rígido e morto atrás das grades da teoria e da organização. Frank Buchman costumava balançar a cabeça quando alguém queria afirmar com muita certeza o que era o RAM. Que seja um lago onde o elefante possa nadar e o cordeiro possa passear, disse ele. É claro que sempre houve alguns aspirantes a sargentos que queriam nos ensinar o que consideravam ser a ideologia do RAM, mas mesmo eles ajudaram o indivíduo a encontrar seu próprio caminho, aprendendo a resistir a eles. Para mim, o RAM sempre foi uma escola para se manter por conta própria, não para se apoiar em outras pessoas, mas para alcançar a realidade firme que transcende a todos nós.”<sup>1168</sup>

A maioria – e o número ainda aumenta – alcançou esta liberdade independente sob Deus. Mas é muito fácil, em qualquer grande associação de pessoas, civis ou espirituais, tornar-se um “sargento-mor” ou, o que é igualmente errado, tornar-se dependente de um “sargento-mor” e conformar-se com uma decisão tomada por outros, não porque tenha sido comissionado por Deus, mas para dar um passo momentaneamente elegante. Quando isso acontece, a vida e a orientação divina secam. Alguns casais, depois do tempo que passaram na Caxemira, por exemplo, sentiram-se chamados a tomar uma decisão de abstinência no casamento, algo semelhante à tomada por Mahatma Gandhi. Para aqueles que tomaram esta - e outras medidas de abnegação - por uma vocação genuína, isso não trouxe tensão, mas

---

<sup>1168</sup> Sparre, *A Chama na Escuridão*, pp. 121-2.

maior liberdade. O objetivo de Buchman sempre foi aquele sobre o qual Sparre escreve: que o Rearmamento Moral deveria ser “uma escola para se manter de pé, não para se apoiar em outras pessoas, mas para alcançar a realidade firme que transcende a todos nós”.

## VIAGENS MUNDIAIS

Buchman passou grande parte do período intermediário de sua vida fora de seu país. Durante os seus últimos vinte anos, uma época em que a América se tornou progressivamente mais dominante nos assuntos mundiais, ele passou mais tempo lá, e ficou feliz por fazê-lo, pois amava profundamente o país.

Em meados da década de 1950, Buchman criticou a mentalidade dos Estados Unidos em relação à Rússia e à China. Ele não acreditava que o comunismo fosse o caminho certo para o mundo. Mas ele temia a superficialidade que, segundo ele, fazia a América redobrar os seus esforços militares, políticos e materiais sem definir uma filosofia alternativa - e, acima de tudo, a complacência que a tornava incapaz de perceber os pensamentos e sentimentos de outras nações.

Numa assembleia de Rearmamento Moral em Washington no Ano Novo de 1955, Buchman ouviu ministros, banqueiros, líderes militares e culturais da Ásia e de África. O que lhe disseram o convenceu de que era o momento certo para uma nova iniciativa em escala mundial. A Conferência de Bandung dos Estados Afro-Asiáticos, realizada em abril desse ano, confirmou esta convicção. O Ministro das Relações Exteriores do Iraque, Dr. Fadhil Jamali, havia falado com Buchman em São Francisco em 1945 sobre um mundo preso “entre a revolução materialista e a reação materialista”, e agora em Bandung, na presença de Chou En-lai e Nehru, ele disse: - “Devemos trabalhar com base no rearmamento moral, através do qual homens de todas as raças e nações com corações limpos



Dr. Jamali, Ministro das Relações Exteriores do Iraque, na Conferência de Bandung de 1955 de países não alinhados.

©David Channer/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

e sem rancor ou ódio se aproximem uns dos outros com humildade, admitam os seus próprios erros e trabalhem pela harmonia e paz mútuas. O mundo transformar-se-ia então num campo integral, sem campos orientais ou ocidentais.”<sup>1169</sup>

Com Jamali em Bandung estavam homens que Buchman conheceu: o príncipe (mais tarde rei) Faisal da Arábia Saudita, que também o conheceu em São Francisco em 1945; Dr. Abdel Khalek Hassouna, Secretário-Geral da Liga Árabe; El Azhari, primeiro-ministro do Sudão, que o visitou em Londres; Dr. Luang Vichien, Diretor Geral do Ministério da Cultura da Tailândia; Sir John Kotelawala, primeiro-ministro do Ceilão; U Nu, primeiro-ministro da Birmânia; Mohammed Ali, primeiro-ministro do Paquistão, e o general Romulo, que se tornou embaixador das Filipinas nos EUA em 1955. Era nestes homens que Buchman pensava enquanto planeava.

Ole Bjørn Kraft, o antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros dinamarquês, já tinha proposto que ele e outros nove membros ou antigos membros de governos europeus pudessem ir, a título privado, conversar com os governos sobre o Rearmamento Moral. Quando esta proposta chegou a Buchman em Santa Bárbara, Califórnia, ele reuniu uma dúzia de amigos. Sentiu que o plano era bom, mas inadequado: queria abordar o curso dos acontecimentos de forma mais direta.

Peter Howard estava trabalhando na ideia de uma peça musical em grande escala sobre o tema de um mundo dividido. O grupo ficou quieto por um tempo. Depois, com grande força, Buchman disse: 'Temos de alcançar mil milhões de pessoas na Ásia. Deixe esses homens irem até lá e levem essa peça com eles. Faça disso uma “missão mundial”'.<sup>1170</sup> A peça ainda não estava terminada. O elenco seria grande. O empreendimento custaria pelo menos um quarto de milhão de dólares, nenhum dos quais estava à vista. Seria necessário transporte para duzentas pessoas e muita bagagem. Mas o tamanho do projeto pôs as pessoas em movimento. Os políticos europeus aceitaram esta expansão dos seus planos e aderiram.

A peça de Howard, *The Vanishing Island*, retratou dois países. Primeiro, a terra de Eiluph'mei (Eu me amo) que tinha fé, mas não a vivia; ela transformou liberdade em favoritismo. A outra, Weiheitu (Eu te odeio), tinha uma fé que vivia plena e apaixonadamente

---

<sup>1169</sup> Afro-americano, 26 de abril de 1955.

<sup>1170</sup> Peter Howard: Uma ideia para ganhar o mundo (Blandford, 1955), pp. A história detalhada dos preparativos e da jornada da 'Missão Mundial' é contada neste livro.

- o impulso e a disciplina do ódio para conquistar o mundo. O tom era de sátira afiada, mas também de compaixão, pois reconhecia as raízes humanas das condições de cada lado. O objetivo era mostrar a futilidade tanto da “revolução materialista” como da “reação materialista” – retomando as alternativas de Jamali em Bandung – e dar corpo e osso ao conceito de resposta que ele ali expressou. «Esta peça», escreveu o autor, «não é, evidentemente, a história de nenhum país. É a história de cada país e de cada coração humano no mundo hoje”.

Alguns amigos de Buchman em Hollywood perceberam o que ele pretendia fazer. Lewis Allen, o diretor do filme, cancelou compromissos para produzir o show. Herbert Weiskopf treinou o coro, Nico Charisse deu-lhes a coreografia, Thomas Peluso passou três noites seguidas arranjando a partitura musical e Reginald Owen e Ivan Menzies se ofereceram para interpretar papéis principais sem salário. Thomas Peluso disse ao elenco: 'Esta é a melhor coisa que já fiz... a coisa mais singular dos meus quarenta e dois anos como maestro.'

O elenco e figuras públicas de vários países reuniram-se na Ilha de Mackinac em maio de 1955. Durante junho, julho e agosto, 244 pessoas de vinte e oito nacionalidades visitariam dezoito países em quatro continentes. Em onze países seriam convidados do governo. Ásia e África seriam os primeiros continentes visitados. Mas as exibições preliminares foram realizadas no Teatro Nacional, em Washington, e cada apresentação foi concluída com breves discursos dos porta-vozes nacionais. Um dos mais eficazes foi Mohammed Masmoudi. Agora membro do Gabinete Tunisino, estava ao lado do Secretário de Estado Francês da Aeronáutica no Governo Mendès-France, Diomède Catroux, e disse: 'Sem o Rearmamento Moral, estaríamos hoje envolvidos na Tunísia numa guerra até a morte contra a França... A Tunísia seria agora uma segunda Indochina.'<sup>1171</sup>

Vale a pena listar alguns outros que participaram da Missão, pois indicam o calibre daqueles que Buchman esperava 'refazer o mundo' com ele, e muitos eram seus amigos pessoais. William Nkomo, o fundador e primeiro presidente da Liga da Juventude do Congresso Nacional Africano, veio da África do Sul; o Tolon Na, então membro do Parlamento, de Gana; e Basil Okwu, membro da Assembleia da Região Leste, da Nigéria.

---

<sup>1171</sup> Motu, pág. 132.

James Haworth e Lady Dollan, membros recentes da Executiva Nacional do Partido Trabalhista Britânico, acompanharam um grupo de militares britânicos seniores, incluindo o Vice-Marechal da Aeronáutica T. C. Traill, o Contra-Almirante Sir Edward Cochrane, o Contra-Almirante O. W. Phillips e o Major-General G. O. R. Channer. Ole Bjørn Kraft, Ministro dos Negócios Estrangeiros dinamarquês de 1950 a 1953 e Presidente da NATO durante o seu último ano de mandato, o Dr. Oskar Leimgruber, um recente Chanceler da Confederação Suíça, e Eugène Claudius-Petit, membro de dez governos franceses do pós-guerra, estavam entre os políticos do continente europeu. O major Kahi Harawira representou o povo Maori da Nova Zelândia, e Majid Movaghar, editor de jornal, representou o Xá do Irã. Do Japão veio Kanju Kato, o Ministro do Trabalho do pós-guerra, com a sua esposa, Shidzue, que era senadora, ambos membros seniores do Partido Socialista, e Niro Hoshijima, membro da Dieta; e de Taiwan, Daniel Lew, conselheiro técnico da delegação chinesa na ONU. Charles Deane, um congressista da Carolina do Norte, estava entre os americanos na missão.



O Tolon Na, Presidente do Conselho dos Territórios do Norte de Gana, em Caux.

©Robert J Fleming/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

A Missão Mundial foi lançada. Faltava, porém, um fator importante: o transporte para transportar a Missão ao redor do mundo. Os aviões fretados eram esquivos e caros. Na audiência em Washington estava o presidente de uma companhia aérea que operava aviões fretados para o governo dos Estados Unidos, transportando soldados do Japão. Seus aviões partiram dos Estados Unidos vazios e, se fosse dada permissão oficial, estariam disponíveis. Um grupo de líderes do Congresso buscou uma reunião de emergência com o Secretário do

Exército e, enquanto o elenco fazia uma última apresentação em Los Angeles, foi avisado que os aviões foram liberados e todo o grupo poderia decolar no horário previsto. O próprio presidente da companhia aérea pagou a conta dos aviões até Tóquio. A fé – severamente testada até ao último momento – foi justificada.

Enquanto isso, em Washington, desenvolvia-se um contra-ataque. Na primeira apresentação, um “investigador do governo”, munido de um gravador, fez gravações de determinados trechos do musical, dos quais foram distribuídas citações isoladas a diversos parlamentares. Tiradas do contexto, estas pareciam mostrar que a peça era um ataque prejudicial à “democracia americana” e tinha tendências “pró-comunistas”. O retrato da visita de um ditador ao mundo livre foi considerado absurdo (isto foi antes de Krushchev, com as suas táticas de bater sapatos, visitar os Estados Unidos). Uma referência ao enchimento de urnas e uma apresentação de homens de negócios "ocupados com os seus negócios" numa sociedade alegremente inconsciente da sua própria irrelevância foram consideradas um ataque exclusivo à América - embora outros países visitados posteriormente pensassem igualmente que estavam a ser retratado. Um coro de jornalistas, para quem tudo o que era negativo era “notícia” e tudo o que era positivo era “propaganda”, foi alvo de ressentimentos por parte da imprensa. A principal ofensa da peça foi que ela era, como os acontecimentos provaram, muito profética. Mas o boato de que era “pró-comunista” espalhou-se entre membros de alto escalão da administração Eisenhower, que não o tinham visto.

Quando a Missão Mundial chegou ao Japão, alguns dias depois, houve uma frieza na recepção da peça pelos americanos, que contrastou com o entusiasmo do público local. Uma conversa casual revelou que um telegrama do Departamento de Estado tinha sido enviado a todas as embaixadas na rota da Missão afirmando que a peça “ridicularizava a democracia ocidental, enfatizava o neutralismo e representava um ganho global para o conceito soviético”.

As investigações mostraram que o telegrama foi assinado com as iniciais do Secretário de Estado Dulles, assim como muitas outras comunicações do seu gabinete que ele não tinha visto pessoalmente. Mas antes de serem identificadas as pessoas realmente responsáveis pela elaboração e envio da diretiva, uma nova grande tempestade rebentou em Washington. Outros senadores e congressistas, convencidos do valor da Missão Mundial, solicitaram o uso de três aviões do Serviço Militar de Transporte Aéreo Americano para

transportar o grupo de Manila a Genebra - uma viagem de dois meses cuidadosamente planejada, paga pelo Rearmamento Moral na taxa de fretamento aprovada. Os aviões foram disponibilizados, mas a revista Time atacou esta medida, e alguns jornais de Washington deram expressão pública aos boatos privados de que *The Vanishing Island/A Ilha Perdida* era “pró-comunista”.<sup>1172</sup>

Quando foi feita uma tentativa, a partir dos mesmos locais em Washington, de impedir o trecho Cairo-Nairóbi da viagem, o almirante Byrd interveio para que a prorrogação fosse aprovada. Mais tarde, no retorno da Missão, ele repassou a sequência dos acontecimentos. Kenaston Twitchell escreveu a Buchman, que dirigia a batalha de Washington a partir da Costa Oeste, que “Byrd verificou as informações sobre o telegrama e informou que ele havia sido enviado pelo Departamento de Estado quarenta e oito horas após a partida da força. Ele ficou profundamente perturbado pelo fato de que a única oposição, além da dos comunistas, era dos consulados e embaixadas americanas.<sup>1173</sup> Byrd também confirmou que o investigador do “governo” na apresentação em Washington estava operando não oficialmente e não em seu próprio nome;<sup>1174</sup> e que o homem que redigiu a mensagem do Departamento de Estado deu informações falsas sobre o Rearmamento Moral a um importante congressista.

Entretanto, a Missão Mundial deslocava-se de país em país, primeiro através da Ásia, depois para a África Oriental. Em Taiwan, Peter Howard perturbou as autoridades americanas ao falar na rádio sobre os erros infligidos à China pelo Ocidente, bem como sobre os erros de Pequim; em Madras, um grupo extremista tentou impedir a aterragem dos aviões americanos por violar a neutralidade da Índia, mas um corpo mais forte de opinião indiana insistiu em acolher a Missão; no Cairo, as ordens de Washington para retirar a utilização dos aviões aguardavam-nas, e foi preciso que Herbert Hoover Jr. e Byrd conseguissem rescindilas. Mas em Rangum, um Embaixador Asiático declarou publicamente: “Olhei para o Ocidente com desprezo. Achei que o Ocidente, com a bomba de hidrogênio, estava nos levando à destruição... Quando assisti a obra *A Ilha Perdida* e vi todas as nações no palco -

---

<sup>1172</sup> Martin MSS.

<sup>1173</sup> HK Twitchell para Buchman, 8 de outubro de 1955.

<sup>1174</sup> Vários anos depois, o investigador escreveu uma carta de desculpas a Peter Howard, dizendo que ele havia 'vendido uma lista de mercadorias' sobre o Rearmamento Moral e se arrependia muito de tê-lo deturpado. (Martin M.SS.)

especialmente os estadunidenses - todos os meus preconceitos desapareceram e minha amargura pelo Ocidente desapareceu com eles.<sup>1175</sup>

Os diplomatas russos na rota ficaram tão perturbados quanto os americanos. O primeiro-secretário russo no Cairo sentiu que o segundo ato era um ataque aos soviéticos, mas acrescentou: “O futuro depende de vocês ou de nós. Não acredito que vocês jamais mudarão a motivação de um capitalista, mas aprecio o quão fortemente vocês acreditam que estão fazendo isso.’

O que consideraram ser uma reportagem unilateral da viagem na imprensa dos Estados Unidos levou um grupo de empresários estadunidenses a comprar espaço na revista Time e em jornais diários para complementar e corrigir as suas histórias. Isso inaugurou nos anos seguintes um fluxo de páginas que apareceram, às vezes como presente do jornal, mas mais frequentemente pagas por particulares em diferentes cidades, e que logo foram copiadas em outros países. Estes veicularam a notícia num momento em que alguns setores da imprensa adotavam um boicote. Sir Beverley Baxter, deputado, abordou este ponto na sua crítica de *A Ilha Perdida* quando se tratou de Londres: “Aparentemente, apenas dois jornais londrinos consideraram adequado registrar este evento”, escreveu ele. “O boicote há muito estabelecido continua. Na minha opinião, isto não foi um bom jornalismo. Se uma comédia musical fosse apresentada em Londres, não importa de que fonte, os críticos de teatro deveriam ter relatado suas qualidades. Se, na opinião de Fleet Street, o programa fosse propaganda, ainda assim poderia ser tratado com base nos seus méritos profissionais, que eram muitos. E por que o Dr. Buchman não deveria usar o teatro para propaganda? Bernard Shaw nunca fez isso por mais nada, e Shakespeare não estava de forma alguma isento da acusação.<sup>1176</sup>

Caux, quando a Missão Mundial chegou lá, estava a todo vapor com 931 pessoas de trinta e sete nações participando da assembleia naquele momento. Buchman, que acompanhou a missão na Ilha de Mackinac, acompanhou seus relatórios com intenso interesse e mudou-se para a Europa para recebê-los em sua chegada a Caux. Ele não ficou surpreso com as tentativas feitas para impedir a conclusão da tarefa. 'Esse retrocesso é

---

<sup>1175</sup> Howard, Uma ideia para ganhar o mundo, p. 52.

<sup>1176</sup> Everybody's Weekly, Londres, 16 de junho de 1956.

esperado. É uma expressão da nossa filosofia materialista e temos de aceitá-la. Mas isso é a América! ele comentou tristemente.

Imediatamente a seguir, no início de setembro, Buchman partiu para Itália onde passou o outono, enquanto *A Ilha Perdida* foi encenada primeiro nas principais cidades suíças e depois, durante novembro e dezembro, nas quatro capitais escandinavas. Em Helsínquia, U Nu, que acabara de chegar de Moscovo, acompanhou o Presidente Kekkonen ao espetáculo e na primeira noite em Estocolmo, o Rei, que estava presente com o Primeiro-Ministro Erlander, foi aplaudido de pé na lotada *Royal Opera House*. Em seguida, o elenco seguiu Buchman para a Itália, fazendo sua primeira apresentação lá em 27 de dezembro, em Sesto San Giovanni, um subúrbio de Milão dominado pelos comunistas. Eles foram acompanhados pelo elenco africano do Freedom, e na primeira fila da sua atuação sentou-se o presidente da Câmara Comunista e o seu conselho.

Um resultado inesperado foi que Luigi Rossi, proprietário do jornal comunista local, pediu desculpas ao padre responsável pela paróquia de Sesto, a quem tinha difamado, e encontrou o caminho de volta à sua fé.<sup>1177</sup> Monsenhor Montini, que recentemente se tornara Arcebispo de Milão, ao chegar, prestou especial atenção aos redutos comunistas dentro e ao redor da cidade, e foi mantido informado sobre esses desenvolvimentos. No dia de Ano Novo de 1956, quando celebrou a missa solene na Catedral de Milão, Buchman foi convidado a sentar-se no coro enquanto seus duzentos colegas recebiam assentos na primeira fila da nave. Montini referiu-se a eles em sua homilia e recebeu Buchman e alguns de seus amigos no pátio de seu palácio após a cerimônia.

Enquanto isso, Buchman estava prestes a partir para a Austrália. Ele recebeu um convite de cinco políticos baseados em Melbourne, chefiados pelo Ministro Federal do Interior, Sir Wilfrid Kent-Hughes, com quem se encontrou pela última vez em 1921 nos aposentos de Loudon Hamilton em Oxford. Ele levou consigo cerca de trinta pessoas, incluindo Hamilton; George West, que foi bispo de Rangum; Coronel Malise Hore-Ruthven, irmão do anterior Governador-Geral da Austrália, e sua família; Bunny e Phyllis Austin; os três Irmãos Colwell dos Estados Unidos com suas canções ocidentais; Paul Campbell, Jim Baynard-Smith e o príncipe Ricardo de Hesse, a quem ele havia convidado para ir com ele à Austrália trinta anos antes, mas que na época não pôde ou não quis ir.

---

<sup>1177</sup> Rossi conta a história completa em Marcel, *Fresh Hope for the World*, pp. 74-9.

O grupo partiu em 5 de janeiro de 1956 de Gênova em um navio de emigrantes italianos. A primeira parada foi em Palermo, onde embarcaram centenas de sicilianos que iam cortar cana-de-açúcar em Queensland. O capitão era um tipo cavalheiresco, extremamente orgulhoso e patriótico. Quando o navio passou pela Somalilândia italiana, a única colônia italiana remanescente, ele estava determinado a que seus visitantes internacionais vissem os fortes ainda ocupados por tropas italianas, e levou o navio tão perto que teve que fazer uma curva de noventa graus na última minuto para evitar as pedras. “Podíamos ver os tubarões nadando enquanto ele levantava bandeiras, vaiava e enviava sinais”, diz Baynard-Smith.

Duas semanas depois, ao se aproximarem de Perth, onde o capitão sabia que Buchman tinha compromissos planejados, uma neblina desceu. Deveria prosseguir a dezoito nós, com a buzina de neblina soando a cada dez segundos, ou agir com cautela e fazer com que Buchman faltasse aos seus compromissos? Ele escolheu o primeiro. 'Foi um risco calculado', disse ele a Baynard-Smith, 'mas eu sabia que era certo trazer o Dr. Buchman a tempo.'

“Frank gostou muito do navio e das fraquezas imprudentes do capitão”, acrescenta Baynard-Smith. Uma semana depois, porém, ao chegar a Melbourne, a confiança de alguns membros do partido ficou um tanto abalada. Depois de desembarcarem, as autoridades australianas convocaram uma inspeção e exercícios no barco salva-vidas. O sinal foi dado - e todos os barcos salva-vidas, exceto um, ficaram enferrujados nos turcos e não se moveram. Aquele que alcançou a água afundou imediatamente.

Buchman foi recebido com entusiasmo. Mas a temperatura em Perth à sua chegada era de 40°C graus e os seus amigos australianos continuaram a pedir-lhe desculpa por isso. 'Não vim até aqui para falar sobre o tempo!' ele finalmente explodiu. Ele falou mais tarde sobre “a natureza descontraída e amante do prazer das pessoas”. Não poupe a si mesmo, à sua saúde ou a qualquer outra coisa. Já é tarde, de fato. 'O coração da Austrália é saudável', acrescentou ele, 'está apenas dominado pela indisciplina.'

Ele não se poupou. Muitas vezes passou mal e sentiu dores nesta viagem, e seus amigos ficaram alarmados ao ver que sua visão estava falhando. "Estou diminuindo", disse ele a George Wood, que ele havia levado para o Canadá quando tinha dezoito anos e que estava agora morando em Melbourne. Foi notado pela primeira vez aqui que Buchman formava cada vez mais sua avaliação das pessoas por meio de suas vozes.

Esta avaliação foi demasiado criteriosa pela metade para o conforto de um australiano. Depois de uma recepção que lhe foi dada, Buchman perguntou a esse jovem se ele conhecia uma certa figura pública, que estivera presente e flertava de forma bastante escandalosa. “Quando eu disse que sim”, escreve este australiano, “ele me perguntou se eu orava por aquele homem e se gostaria de fazê-lo agora. Nós fizemos. Então Frank sugeriu que, embora já fosse tarde, eu deveria ir ver esse homem e trazer-lhe uma resposta para o seu problema, acrescentando: "Se eu fosse ele, estaria acordado esperando que alguém viesse me ajudar. " Embora achasse que esse cenário era improvável, fui vê-lo, com base na fé de Frank. Não fiquei muito surpreso quando se revelou uma sessão tempestuosa e me mostraram a porta. Dois dias depois, porém, o homem me convidou para almoçar e foi totalmente honesto sobre o flerte que Frank notara. Essa conversa o libertou e o levou a anos de casamento feliz e serviço eficaz ao país. Frank não ficou nem um pouco surpreso com o resultado feliz de sua sugestão.

Buchman ficou apenas dez dias em Melbourne. Parece ter havido algum mal-entendido com aqueles que o perguntaram sobre o que ele tinha em mente. “Eles pensaram que seriam testemunhas de algum tipo de cruzada evangelística e ficaram bastante chateados com a partida repentina de Buchman para Canberra”, diz James Coulter, o homem que planejou o convite. “Na verdade, ele não estava bem e Melbourne não combinava com ele. Buchman apenas disse: “Vamos para Canberra”.

“Buchman não procurou encontrar-se com políticos”, segundo um jornalista de Canberra, “mas a sua porta estava aberta. Ele não era orientado para o sucesso de forma alguma. Se estivesse, teria reduzido os obstáculos, tornado tudo mais fácil.” Na verdade, ele viu o Dr. Evatt, o líder da Oposição, o Presidente da Câmara e numerosos deputados, incluindo Kim Beazley, que esteve em Caux em 1953 e iria tornar-se um Ministro do Trabalho reformador da Educação. Ele foi calorosamente recebido pelo Governador-Geral, Marechal de Campo Sir William Slim, que se lembrou de uma visita do RAM ao Imperial Defense College na Grã-Bretanha. O primeiro-ministro Menzies não estava interessado em conhecê-lo.

Embora Buchman estivesse dormindo em um hotel, ele estabeleceu sua base em Canberra com quatro jovens promissores, dois jornalistas e dois funcionários do governo, que moravam juntos em um bangalô suburbano tranquilo. Eles compareceram a uma das

primeiras reuniões de Buchman na capital e Buchman os fez conversar. Segundo um deles, John Farquharson, então repórter de uma agência de notícias nacional, sua primeira pergunta foi o que sentiam um pelo outro. 'Tendo contado a ele com toda a honestidade, descobrimos que havíamos estabelecido um novo relacionamento entre nós, e fui incumbido de convidá-lo para uma refeição em nosso estabelecimento. Ele respondeu: "Ora, eu ficaria encantado. Muito obrigado."

O outro jornalista, Peter Barnett, então correspondente político do *The West Australian*, diz sobre aquele primeiro encontro: "Nunca esquecerei a sensação de paz que encheu a sala naquela manhã, como uma luz". O quarteto, lembra ele, considerou o convite para almoçar uma espécie de risco. 'A sala de jantar era pequena; a casa estava limpa, mas não muito arrumada; e na cozinha tínhamos um fogão elétrico velho e engraçado e a porta do forno não ficava fechada. Frank chegou. E com ele estavam oito pessoas. Ficamos surpresos ao ver tantos em nossa pequena sala de jantar - na verdade, os convidados tiveram que andar de lado para chegar aos seus lugares. Frank se divertiu imensamente. Tanto que durante as seis semanas seguintes ele veio pelo menos uma vez por dia à nossa casa para comer.

"Seus gostos eram simples, e ainda bem porque o fogão da cozinha não suportaria nada difícil. A dieta de Frank era mais ou menos padrão: sopa de milho, cordeiro assado com geleia de menta e arroz doce com leite, terminando com chá Earl Grey. Durante estes dias a nossa casa serviu para receber algumas das pessoas mais ilustres da capital nacional. Felizmente, uma senhora americana que viajava com Frank apareceu e ajudou a cozinhar.

A mãe de Farquharson estava hospedada com eles na época, uma pessoa tímida que sentia que seu lugar era na cozinha. Buchman insistiu que ela se sentasse à direita dele na mesa, diz Barnett. 'Em poucos minutos ela estava relaxada e ela e Frank conversavam como velhos amigos.'

"Aqueles foram os dias mais privilegiados de nossas vidas", refletiu Barnett anos depois, quando era correspondente da Australian Broadcasting Corporation em Washington. "Conhecemos Frank como homem. Ele era um pai gentil, afetuoso e bem-humorado com todos nós. Não importa como ele se sentisse, que hora do dia fosse, ele era sempre o mesmo. Ele irradiava uma paz alegre. A forte luz australiana afetou seus olhos. Mas, com dor ou não, Frank estava sempre feliz. Embora estivesse parcialmente paralisado, ele se alimentava

sozinho, com seus dedos longos, soberbos, expressivos e sensíveis. Ele nunca assumiu que era o chefe, mas sempre se comportou como um convidado na casa.

“Nós o achamos fascinante”, escreve Oliver Warin, geólogo do governo. 'O que ele diria a seguir? Era totalmente imprevisível e possuía um grande senso de diversão. Quando alguém o lembrou de um incidente do dia anterior, ele disse: "Eu sei. Acordei rindo disso esta manhã." Ele também era simplesmente uma pessoa muito interessante; fez muito, esteve em tantos lugares, conheceu e conversou profundamente e por muito tempo com tantas pessoas!

“Uma noite e um acompanhamento no dia seguinte, lembro-me particularmente”, continua Warin. “Frank falou de alguém com quem estava saindo naquela noite e convidou os visitantes para acompanhá-lo. Ele não me convidou particularmente e eu não fui, nem me senti excluída. Para dizer a verdade, eu geralmente me considerava uma espécie de coadjuvante na companhia de Frank. No dia seguinte recebi uma ligação no escritório. Será que eu poderia sair para almoçar com Frank? Quando cheguei em casa, Frank, que sempre sentimos ser um espírito robusto, travesso e vital, mantido cativo em um corpo frágil, estava balançando no degrau da frente, esperando para me cumprimentar. "Lamento não ter convidado você para se juntar a mim ontem à noite", disse ele. “E só quero que você saiba que sou o tipo de sujeito que comete esse tipo de erro.”

O quarto integrante do quarteto, Allan Griffith, era um membro júnior do gabinete do primeiro-ministro. Um dia, Buchman entrou e encontrou seus anfitriões conversando. 'Como estão as coisas?' ele perguntou. 'Tudo bem', disse um. “Tudo bem, que se dane”, disse Griffith. "Acabamos de ter uma briga monumental." Buchman achou muito divertido. “Você não precisa pensar que eu não sabia”, disse ele, e tudo se dissolveu em risadas.

Griffith lembra melhor que Buchman estava constantemente pensando no futuro. A discriminação racial nos estados do sul da América estava em sua mente. “As pessoas querem que eu vá para lá, mas ainda não é a hora”, disse ele a Griffith. 'Não tenho os meios certos para ir, nem as pessoas ou as armas certas para levar.' “Ele estava sempre lutando com situações em todo o mundo, além de viver intensamente no presente”, diz Griffith.

“Eu diria que ele é o homem mais impressionante que conheci”, disse Barnett em seu escritório em Washington. 'Era um velho doente e fraco, mas tinha uma tremenda força interior e uma base espiritual. Raramente vi alguém nesta idade com tanta coragem e disciplina, com tal combinação de compaixão e quase crueldade contra qualquer coisa que

impedisse o progresso da obra de Deus como ele a via. Ele poderia ser muito duro com sua equipe experiente. Às vezes eu os vi atordoados pelo fogo de sua ira. Não havia nenhuma sensação de petulância contínua. Foi uma chama instantânea e então acabou. E acima de tudo estava seu senso de humor abundante e sua gentileza, mas ultrajante, de puxar as pernas.

“E então chegou meu último dia em Canberra”, concluiu Barnett. 'Antes do almoço do último dia ele falou comigo como um pai. “O que você precisa é de fé”, ele me disse. "Não desmaie nem tenha medo, não desmaie nem tenha medo." Então, com um brilho nos olhos, ele imitou um velho com uma voz aguda e trêmula e acrescentou: "Você terá isso até ser um homem velho como eu e suas pernas não aguentarem mais e te tirarem do chão. Para o túmulo!"

“Depois do almoço, caminhei lentamente com ele pelo gramado, sob o sol brilhante de um dia dourado de outono, até o carro que esperava na calçada. No meio do caminho, ele parou e seu rosto estava radiantemente feliz – uma imagem gravada para sempre em minha mente. E então ele riu livremente como um menino e disse: “Meu Deus, Peter, não foi divertido!” Aos setenta e sete anos, a vida era assim para ele, e foi exatamente o que ele fez para nós quatro que o conhecemos pela primeira vez.

Farquharson disse que todos os quatro tinham fé antes da chegada de Buchman. “Através da sua visita”, diz ele, “vimos como isso poderia ser aplicado no nosso trabalho e na formulação de políticas”.

A avaliação do próprio Buchman foi: 'Tanta coisa aconteceu em Canberra que nunca será desfeita.' Certamente isso aconteceu com esses jovens, que passaram a assumir grandes responsabilidades. Barnett, quando este artigo foi escrito, era chefe da Radio Australia, a rede de transmissão internacional do país; Farquharson é editor associado do Canberra Times; Warin é Diretor de Exploração da Utah Company com sede em São Francisco e um geólogo conhecido internacionalmente; enquanto Griffith passou trinta e um anos no departamento de primeiro-ministro até sua aposentadoria em 1982. Quando Griffith se aposentou, o Sydney Morning Herald encabeçou uma avaliação de meia página: "Griffo está indo: Fraser perde uma terceira perna". Descrevendo-o como “um homem que se veste de forma desarrumada e com um intelecto imaculadamente arrumado” que “consegue dar-se bem com pessoas que

não se dão bem”, o artigo nomeou-o como “o poder anónimo por detrás dos maiores impulsos políticos da Austrália”.<sup>1178</sup>

Durante toda a viagem à Austrália, e à Nova Zelândia, que foi sua próxima parada, Buchman ficou muito preocupado com a crescente crise no Oriente Médio. Em Perth, ele soube da morte de El Glaoui e telegrafou a Abdessadeq: “Profundamente triste. As recentes reconciliações históricas do seu pai foram os seus atos de estadista mais significativos, virando a chave para o seu país e abrindo novos capítulos na nacionalidade de Marrocos. Mensagens amorosas aos seus irmãos Mohamed, Abdullah e Ahmed.”<sup>1179</sup>

O conhecimento, a partir do seu contacto pessoal com o Norte de África, de que havia uma resposta pronta do mundo muçulmano com base em valores morais, criou em Buchman uma inquietação crescente relativamente à atitude dos políticos ocidentais nesta altura. Seis meses antes da desastrosa expedição franco-britânica ao Canal de Suez, ele observou: “Eden e companhia não sabem como lidar com as pessoas, por isso têm de tentar livrar-se delas. Isto faz deles mártires e inflama os sentimentos de uma nação.’ Um dia ele disse que às vezes imaginava um líder muçulmano levantando-se da oração e tendo que dizer para si mesmo: ‘O comunismo quer dominar o meu país para tornar o mundo diferente. A América quer comprar o meu país para que possa permanecer como está. A sua própria esperança era que os países muçulmanos se tornassem “um cinturão de sanidade para unir o Oriente e o Ocidente e trazer o renascimento moral”. A Baynard-Smith acrescentou: “Se a Grã-Bretanha e a América derrotassem o comunismo hoje, o mundo estaria num estado pior do que está. O fato de o outro homem estar errado não significa que eu esteja certo.

Ao chegar à Nova Zelândia, ele ficou emocionado ao saber que Sir Willoughby Norris, o governador-geral, telefonara pessoalmente para perguntar se gostaria de levar seu grupo para tomar chá. Entre os políticos, conheceu melhor o Ministro da Agricultura, Keith Holyoake, que se tornaria Primeiro-Ministro em 1960. Também passou algum tempo com o povo Maori e, como convidado do Rei Koroki em Ngaruawahia, desafiou o povo Maori a tornarem-se porta-vozes. para a Nova Zelândia. Raramente, em sua vida ou depois, uma grande força de Rearmamento Moral viajou para qualquer lugar do mundo sem representação Maori.

---

<sup>1178</sup> Sydney Morning Herald, 16 de janeiro de 1984.

<sup>1179</sup> Notas de James Baynard-Smith sobre a turnê.

Christchurch, quando a visitou, estava repleta de comentários hipócritas sobre um julgamento sensacional em que duas garotas tinham sido condenadas à prisão pelo homicídio da mãe de uma delas, que tinha tentado romper a sua ligação lésbica. Uma menina era filha de um reitor de universidade; a mãe era chefe do conselho local de orientação matrimonial e estava separada do marido. Certa tarde, Buchman desapareceu da casa onde estava hospedado. Ele voltou tarde, pensativo e silencioso. Ele pediu para ser levado à prisão onde as meninas haviam sido inicialmente detidas e ficou sentado no carro. 'Eu estava tão cansado de todas as fofocas sobre elas por parte de pessoas que nada fizeram para ajudar; ocorreu-me que poderia ir e orar por elas', disse ele. No dia seguinte, ele enviou um casal que viajava com ele a Wellington para ver o Chefe das Prisões, que lhes deu permissão para visitar uma das meninas que havia sido transferida para Auckland. Esta e outras visitas, juntamente com o fato de Buchman ter se preocupado o suficiente para rezar por ela fora da prisão, levaram finalmente à restauração da fé e da esperança na menina, que foi libertada pouco tempo depois e assumiu um trabalho útil na vida.

Foi enquanto estava em Christchurch que Buchman fez uma alteração surpreendente em seus planos. Ao chegar à Nova Zelândia, ele anunciou, para consternação de alguns de seus companheiros, que permaneceria na região por dois anos. Isto pode ter sido um dispositivo, consciente ou inconsciente, para levá-los a assumir o tipo de responsabilidade que esperariam assumir nos seus próprios países. Porém, uma tarde, enquanto descansava, depois de apenas duas semanas no país, ele se assustou com o pensamento: "O inferno está se espalhando na Grã-Bretanha. Todo o seu trabalho será demolido, a menos que você esteja no comando. Depressa, volte logo.

O que motivou esse pensamento não sabemos. De acordo com Campbell, Buchman ficou perturbado porque os relatórios que recebeu da turnê do *The Vanishing Island* se concentraram em discursos e multidões e pouco falaram sobre mudanças nas pessoas. Parece provável, por notas estranhas, que ele tivesse a sensação de que o elenco do musical, que tão brilhantemente concluiu a sua missão à volta do mundo, estava ficando preocupado com o sucesso público e a negligenciar as necessidades de cada pessoa, ao máximo ponto da arrogância. Ele evidentemente temia que isso significasse, em particular, outro conflito com Peter Howard, que, nos anos que se seguiram à reconciliação em Caux, se tornara o seu colega de maior confiança e alguém a quem ele considerava responsável pela conduta

daqueles que estavam com ele. 'Sem apaziguamento. A abnegação de viver sem a aprovação do outro. Cuidado o suficiente para entrar em conflito', diziam alguns de seus pensamentos na época. "Quero viver o mais próximo possível da maneira que Ele disse", observou ele alguns dias depois. 'Trinta e três anos do berço à cruz, e nem um momento desperdiçado consigo mesmo.'

Buchman não voltou imediatamente para a Grã-Bretanha, mas decidiu fazer visitas abreviadas ao Japão, Taiwan, Filipinas, Tailândia e Birmânia. Ele pode ter pensado que poderia complementar o que a obra *Ilha Perdida* havia alcançado nesses países, passando tempo com certos indivíduos. Ele telegrafou para seus possíveis anfitriões, revisando seus planos, e dentro de duas semanas estava em Tóquio.

A semana em Tóquio foi uma série tumultuada de compromissos com indivíduos e grupos de todos os tipos. Cerca de seiscentos japoneses de todas as classes sociais compareceram a assembleias em Caux ou Mackinac desde aquela primeira festa, sete anos antes, e queriam ver Buchman e fazê-lo conhecer seus amigos. Só no aeroporto, algumas centenas de pessoas esperavam, incluindo líderes dos principais partidos políticos, que tinham vindo de um debate violento, mas pareciam estranhamente unidos na presença de Buchman. Na conferência de imprensa de noventa minutos, de fato, quando Buchman mencionou que num parlamento que visitou recentemente um líder da oposição chamou o Primeiro-Ministro de "charlatão", "um ligeiro choque pareceu abalar" o Senador Socialista Togano e a filha do Primeiro-Ministro, Sra. Furusawa, que estavam de pé um de cada lado dele. Em meio a algumas risadas, o senador contou então como havia dito recentemente a mesma coisa sobre o primeiro-ministro Hatoyama e que agora se arrependia.

O dia seguinte deveria ser um dia de descanso para Buchman. Mas, depois de um almoço oficial, chegou uma série de indivíduos em busca de conversas pessoais - primeiro Taizo Ishizaka, chefe da empresa Toshiba, a quem Buchman felicitou pela sua liderança econômica, acrescentando: 'No clamor dos negócios é preciso reservar tempo para ponderar questões mais profundas, para dar a ênfase moral e espiritual sem a qual nunca iremos satisfazer as necessidades dos nossos países, ou das nossas famílias.'

'Eu sou exatamente como os "homens de negócios ocupados, ocupados" em *The Vanishing Island*', respondeu Ishizaka, 'sempre pensando no próximo passo que devo dar, e

isso é errado.<sup>1180</sup> Ele foi seguido pelo presidente da Toyo Rayon, o editor do Mainichi e o Governador do Banco do Japão.

Houve recepções do Governador de Tóquio e do Ministro das Finanças Ichimada, e depois líderes da Seinendan, uma organização jovem com quatro milhões de membros, visitaram Buchman. Ele pediu-lhes que viessem para Mackinac no próximo verão.

No quinto dia, aniversário do Imperador, Buchman e toda a sua equipe tomaram o café da manhã com o Primeiro-Ministro e um rebanho dos seus filhos e netos. Assim como Buchman, ele se movia com dificuldade após um derrame, mas não permitiu que isso interferisse em sua atividade ou em seu bom humor. Agradeceu a Buchman particularmente pelo que o Rearmamento Moral fez por sua filha e seu marido. Ele foi convidado a escrever para a edição japonesa do Reader's Digest na série “O homem mais inesquecível que conheci”. Nele, ele descreveu a visita de Buchman, terminando com as palavras: “Nós, japoneses, não devemos trair a sua convicção de que o Japão pode ser o farol e a potência da Ásia. Ao encarar a cena da Dieta, não posso deixar de desejar que o espírito do RAM permeie a vida de cada membro. Quando o povo do Japão e do mundo viver o espírito do RAM a verdadeira paz virá.”<sup>1181</sup>

Quando Buchman apareceu na galeria de visitantes ilustres da Câmara Alta, dois dias depois, foi aplaudido, que aparentemente nunca havia sido dado a ninguém além de um convidado de Estado ou de um parlamentar sênior. Passando para a Câmara Baixa, ele encontrou uma luta acirrada em andamento. O Governo estava tentando fazer aprovar um projeto de lei de reforma eleitoral que os Socialistas pensavam que os privaria de cinquenta assentos. Os socialistas já tinham forçado duas sessões noturnas e planeavam aproveitar o dia seguinte, que por acaso era 1 de maio, para criar tumultos nas ruas. Os Conservadores,

---

<sup>1180</sup> Sob Ishizaka, a Toshiba foi pioneira no milagre econômico do Japão. Entwistle descreve o papel da administração e dos sindicalistas influenciados pelo Rearmamento Moral na criação de melhores relações industriais dentro da Toshiba e de outras empresas elétricas, bem como nas indústrias têxtil, de construção naval e indústrias siderúrgicas, o que foi um fator importante nesta recuperação. Num prefácio do livro, Toshiwo Doko, Presidente Honorário da Keidanren, a Federação Japonesa de Organizações Económicas, escreve: 'O Rearmamento Moral ajudou a liderança política, financeira e laboral do Japão para perceber que uma sociedade sólida deve ser baseada em padrões morais universais. Como Presidente da Ishikawajima Harima Heavy Industries, tive experiência pessoal de uma mudança em grande escala trazida para a empresa através desta influência.' (Entwistle, Japan's Decisive Decade, xv.

<sup>1181</sup> Reader's Digest, Japão, maio de 1956.

entretanto, pensavam em usar poderes policiais dentro da Dieta, uma medida que lembrava os velhos tempos repressivos.

Durante o almoço e depois numa reunião lotada, Buchman trouxe um clima de alegria e relaxamento a esta situação fortemente carregada. Os membros mais antigos dos dois principais partidos, Niro Hoshijima e Tetsu Katayama, que conheciam bem Buchman, deram-lhe as boas-vindas, cada um sublinhando a oportunidade da sua visita. “Dar as boas-vindas a este homem de paz neste momento de crise dá-me esperança de que encontraremos uma resposta para o impasse entre os nossos partidos”, disse Katayama, o antigo primeiro-ministro socialista. Buchman contou então com detalhes coloridos as histórias das recentes reconciliações na Tunísia e no Marrocos. Naquela noite, numa reunião noutra local em Tóquio, Hoshijima subitamente subiu à plataforma e anunciou que tinha acabado de chegar da Dieta, onde uma reunião especial entre os partidos tinha acordado que o projeto de lei ofensivo deveria ser enviado de volta à comissão. “A violência foi evitada e devemos isso ao Dr. Buchman”, disse ele, um veredicto logo endossado pelos senadores socialistas Togano e Kato.

Quando o Ministro das Finanças, Ichimada e Hoshijima, ouviu pela primeira vez sobre a visita pretendida de Buchman, sentiu que o país deveria homenageá-lo e que a condecoração apropriada seria a Ordem do Sol Nascente, Primeira Classe, que raramente era concedida. Quando esta condecoração foi concedida a um estrangeiro, estiveram envolvidos três órgãos - o Gabinete, o Ministério da Casa Imperial e a Embaixada competente. Com o primeiro-ministro, os ministros dos Negócios Estrangeiros e outros colegas convencidos da importância de Buchman para a sua nação, não encontraram dificuldades com o Gabinete ou com a Casa Imperial. Para sua surpresa, encontraram resistência amarga e determinada do Embaixador Americano, que, repetindo o telegrama de Washington na época de *A Ilha Perdida*, afirmou que o Rearmamento Moral seguia a linha do Partido Comunista, e que Buchman era um egoísta, que era persona non grata na Embaixada. Perante uma delegação de senadores manteve esta atitude. Diante desta oposição, alguns dos membros mais cautelosos do Gabinete, conscientes da necessidade de manter a boa vontade com o seu poderoso aliado americano, quiseram recuar, mas Ichimada deixou escapar tal hipocrisia. “Todos vocês sabem que Buchman merece esta honra”, declarou ele, desprezando a timidez

deles. No final, Buchman recebeu a honraria - Segunda Classe, pois o protocolo impedia a concessão do primeiro grau sem recomendação do Embaixador.

Em Taiwan ele recebeu uma condecoração e viu muitos velhos amigos de quarenta anos antes. Eles o aceleraram a caminho de Manila. Aqui ele conheceu o presidente Magsaysay. No café da manhã no Palácio Malacañang, Buchman disse apenas uma frase, transmitindo a Magsaysay as saudações de Monsenhor Paul Yu-pin, Arcebispo de Nanquim. De resto, ele deixou que as diferentes personalidades que o acompanhavam causassem impacto. Magsaysay comentou mais tarde ao seu assessor, Major Palaypay: 'Acabei de conhecer um grupo único e fascinante de pessoas, que nos trouxe respostas em vez de nos sobrecarregar com problemas.' Palaypay visitou Mackinac no verão seguinte e experimentou uma profunda mudança de atitude em relação aos japoneses, que o condenaram à morte durante a guerra. Quando o Primeiro-Ministro Kishi visitou Manila em dezembro de 1957, Palaypay foi designado como seu assessor pelo Presidente Garcia, que o sucedeu após a morte de Magsaysay, em Março, num desastre de avião.<sup>1182</sup>

No Vietnã, Buchman foi recebido pelo Presidente Ngo Dinh Diem e pelo seu Gabinete. A guerra entre o Norte e o Sul estava na sua fase inicial, mas o dilema básico da intervenção ocidental já era evidente. O Presidente estava muito interessado na abordagem do Rearmamento Moral ao seu povo. "O povo da Ásia só pode acolher o Rearmamento Moral com entusiasmo, pois há muito tempo que espera do Ocidente uma mudança de atitude", disse ele. Pessoalmente, ele disse a Buchman: 'Quando a fé e a esperança passarem, o amor sempre permanecerá e por isso eu lhe agradeço do fundo do meu coração.'<sup>1183</sup>

Na Tailândia, o primeiro-ministro Pibulsonggram, que esteve em Caux, foi o anfitrião de Buchman e conferiu-lhe uma condecoração em nome do rei. Buchman também se encontrou com o Ministro das Relações Exteriores, Príncipe Wan, então Presidente da Assembleia das Nações Unidas.

Na Birmânia, o primeiro-ministro U Nu voou das colinas até Rangum para salvar seu convidado da difícil viagem até ele. Era o mês do 2500º aniversário da iluminação do Buda.

---

<sup>1182</sup> Frank Buchman - Oitenta, pp.

<sup>1183</sup> Diários de Martin, 7 de maio de 1956.

«Esta nova era», disse Buchman, «pode abrir uma porta para um novo mundo. . . Todo homem pode ser iluminado por Deus.' Então Buchman falou sobre a orientação que teve para fazer essa jornada.

U Nu comentou: - 'E você ouviu claramente?'

- “Ora, sim”, disse Buchman. 'Eu anotei. Deus deu ao homem dois ouvidos e uma boca; por que não ouvimos o dobro do que falamos?'

U Nu contou como teve uma experiência semelhante apenas uma vez - sobre um assunto que dizia respeito à sua família - e do seu desejo de encontrar uma forma de encontrar essa orientação para as suas responsabilidades mais amplas. Participando desta longa conversa estava o braço direito de U Nu, U Thant, mais tarde secretário-geral das Nações Unidas.

Buchman voou para Roma, de onde viajou de trem. Em Milão houve um intervalo de onze minutos entre os trens, e ocorreu o que Buchman chamou de “a coisa mais maravilhosa que vi em toda a viagem”. Um grupo de amigos veio encontrá-lo, entre eles uma revolucionária comunista perneta chamada Rolanda Biotello, que estivera em Caux e cuja vida havia mudado. Buchman imediatamente perguntou a ela sobre seu irmão, Remo, um líder comunista dos trabalhadores dos bondes de Milão.

- “Ora, ele está aqui”, disse ela.

Buchman, passando o braço em volta de Remo, viu que ele estava muito doente. Mas veio contar a Buchman que havia se



U Nu, primeiro-ministro da Birmânia, visita Buchman em Tucson, Arizona, em 1960.

©L. A. Demmers/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

casado com sua esposa na igreja no dia anterior. Ela era católica romana e sempre implorava que ele se casasse com ela. Quando Remo morreu, dois meses depois, Buchman estava em Caux e mandou celebrar uma missa por ele na capela católica de lá.

Também em Londres, Buchman recebeu sua quarta condecoração da viagem, desta vez do governo das Filipinas. Embora apreciasse o espírito por trás dessas honrarias, ele comentou ironicamente: 'Elas certamente me pesam'.

De volta a Londres, a ênfase de Buchman, segundo Campbell, era “restaurar o compromisso com a mudança dos indivíduos como expressão primária do Rearmamento Moral”. Roland Wilson escreve: “Foi nessa época que Buchman lidou fielmente com meu próprio sentimento de satisfação com resultados em larga escala. Fui ao quarto dele e descrevi-lhe as filas do teatro para *The Vanishing Island* e a resposta entusiástica. “Sim”, disse ele, “este é um bom trabalho de reconhecimento. Mas lembre-se de que nosso trabalho se baseia no punhado de homens com quem passei sete anos na Penn State.”<sup>1184</sup>

“Fui criado para ser pobre em termos de bens”, disse Buchman. 'As pessoas primeiro; tijolos e argamassa mais tarde. Mas o crescimento do Rearmamento Moral na América tornou inevitável uma maior provisão. Em 1952, a Sra. John Henry Hammond ofereceu sua casa de campo, Dellwood, em Mount Kisco, nos arredores de Nova Iorque, como um novo centro - o equivalente, no Leste, ao antigo clube residencial em Los Angeles, comprado em 1948.

A Ilha de Mackinac continuou a ser o principal local de reunião das assembleias americanas, mas as acomodações disponíveis ainda eram inadequadas. De vez em quando, Buchman contratava todo o Grand Hotel, e outros edifícios da ilha eram alugados, arrendados ou comprados, mas os ilhéus viviam do comércio turístico e alguns alegavam que a sua subsistência estava ameaçada pela expansão do RAM. Para atender a isso, Buchman começou a pensar em construir seu próprio centro permanente e a planejar sua construção da maneira mais útil economicamente para a ilha.

Buchman tinha muitos amigos entre os ilhéus. Quando a sua sorte estava em zero durante a guerra devido à proibição do turismo, as suas conferências mantiveram-nos em movimento e trouxeram à ilha a boa e necessária publicidade. Ele ajudou fornecendo trabalho nos tempos difíceis do pós-guerra, especialmente nos invernos rigorosos, quando, com o lago congelado e a neve profunda, normalmente não havia trabalho. Também se preocupou com

---

<sup>1184</sup> Wilson para o autor, 21 de janeiro de 1985.

o serviço de saúde, e os médicos de sua equipe assumiram o atendimento médico da ilha durante todo o ano.

No centro da ilha viviam índios descendentes das tribos originárias da região, ao lado de americanos de origem inglesa, francesa e negra. Buchman fez amizade com eles especialmente. Ele os convidava para refeições e, quando ouvia que um ou outro estava doente, mandava um de seus ocupados jovens para a floresta com uma refeição quente para o sofredor. Ele estava orgulhoso de sua associação com os índios como irmão de sangue da tribo Stoney. Alguns índios da Ilha de Mackinac, envergonhados de sua ascendência, autodenominavam-se franceses. Conhecendo alguns deles um dia, ele disse: - 'Ouvi dizer que você é francês.'

- 'Sim', eles responderam.

- "Isso é muito interessante", disse Buchman. 'Eu também sou índio.'

Certa vez, quando estava prestes a deixar a ilha para a Europa com cem pessoas, Buchman surpreendeu Kenaston Twitchell, que estava envolvido com mil detalhes da partida, pedindo-lhe que largasse tudo e fosse com ele. Ele teve a ideia repentina de "ir para a casa de Gladys Hubbard". A Sra. Hubbard era uma mulher negra que frequentemente ajudava na cozinha para as conferências. Depois de vários meses no hospital, acabava de regressar à sua casa, no centro da ilha. Eles descobriram que ela estava orando para ver Buchman. Então, foi levada ao sol para cumprimentá-lo. - "Eu só queria uma coisa", ela disse, "que você orasse comigo antes de ir."

Em 1954, um terreno no canto sudeste da ilha tornou-se disponível e foi adquirido por um grupo de empresários que o cedeu ao Rearmamento Moral. O sonho de Buchman de um centro adequadamente projetado começou a tomar forma. Caracteristicamente, o primeiro edifício que ergueu não foi uma residência, nem mesmo uma sala de conferências, mas um teatro. As fundações foram arrancadas da rocha, a construção foi feita no inverno rigoroso, e a primeira peça apresentada foi *The Vanishing Island/ A Ilha Perdida* antes de partir para Washington e Ásia.

**CURA – EXTREMO ORIENTE E PROFUNDO SUL**

A resposta à Missão Mundial com *The Vanishing Island/ A Ilha Perdida* trouxe demandas ainda maiores à Ilha de Mackinac como centro de treinamento. Um complexo de edifícios foi projetado para se harmonizar com o estilo e os materiais tradicionais da ilha e, durante o inverno de 1955, foi iniciada uma construção em grande escala. Buchman estava na Europa e logo partiria para a Austrália e a Ásia. Antes de partir de Gênova, ele recebeu uma carta de Gilbert Harris, que administrava o financiamento da construção. O dinheiro estava entrando - um industrial canadense vendeu seu negócio e disponibilizou uma quantia em dinheiro - presentes em madeira, materiais de construção, promessas de móveis, mas não era suficiente. Cento e quinze ilhéus remunerados trabalhavam arduamente, bem como quarenta e cinco voluntários do Rearmamento Moral, e a massa salarial semanal era pesada. Harris pediu um ritmo mais cauteloso na construção.

Buchman respondeu: 'Sei quantas dificuldades existem para conseguir dinheiro para esse estupendo trabalho em Mackinac, mas Deus tem muitos ajudantes prontos. Garanto que Ele tem pessoas que tornarão isso possível. Simpatizo muito com você e às vezes sinto que o fardo é demais para qualquer um; então o inesperado acontece. É pela fé e pela oração que nosso dinheiro vem. Estou grato pela sua cautela empresarial, mas quero que você siga comigo e com o povo da América na dimensão do que precisa ser feito, não do que pensamos que podemos fazer. Quero que você me ajude a sempre viver onde confio não no que tenho, mas no que Deus dá. É uma grande liberdade e funciona.'<sup>1185</sup>

Em cada etapa do edifício, as acomodações mal ficavam prontas e eram preenchidas. Quando Buchman conheceu líderes do Seinendan em Tóquio em 1956, ele os convidou para suas assembleias no exterior. No início da primavera de 1957, Sontoku Ninomiya, o diretor da forte organização juvenil de 4.300.000 pessoas, disse aos amigos de Buchman em Tóquio que havia recebido um convite para enviar 500 delegados ao Festival Internacional da Juventude em Moscou naquele verão. A sua organização, que era oficialmente apolítica e cujo objetivo era promover a vida cultural do Japão, tornou-se uma arena de conflito

---

<sup>1185</sup> Buchman para Gilbert Harris, 15 de dezembro de 1955.

ideológico, e os comunistas do Executivo Nacional aproveitaram o convite como uma oportunidade para influenciar grande parte da liderança do movimento. Ninomiya queria saber se o Rearmamento Moral poderia fazer uma contraproposta. Logo uma carta estava a caminho de Buchman sugerindo que cem dos líderes da província fossem convidados para Mackinac. Buchman respondeu imediatamente garantindo a viagem de volta e um mês de estadia, embora, na época, não soubesse de onde viria o dinheiro.

Este convite provocou uma tempestade no Executivo Central de Seinendan, mas foi aceito numa reunião especial por 85 votos a 65. Assim, enquanto um punhado foi para Moscovo, 104 partiram para Mackinac, juntamente com outros cinquenta japoneses, trinta das Filipinas e vinte da Coreia.

A delegação Seinendan era os ossos e nervos do Japão. Todos demonstraram qualidades de liderança, mas os seus horizontes limitavam-se às suas quintas, aldeias, cidades e prefeituras. Entwistle, quando chegou a Mackinac cerca de duas semanas depois deles, achou-os muito inseguros. “Eles estavam cercados por pessoas estranhas, língua e comida estranhas e um estilo de vida muito diferente”, escreve ele. «Eles também se depararam com o desafio de olharem para si próprios à luz de padrões morais absolutos e na perspectiva de uma luta mundial de ideias... Alguns mergulharam em argumentos para atenuar os desafios morais com que foram confrontados. Alguns retiraram-se para o seu próprio mundo; eles deixaram seus relógios no horário de Tóquio... e tentaram comer e dormir de acordo com o horário de casa. Vários deles logo tomaram decisões sobre suas vidas, enfrentando problemas básicos como roubo, infidelidade conjugal, suborno e ódio, e estavam experimentando corrigir o que haviam feito de errado e como viver no futuro.<sup>1186</sup>

O primeiro-ministro Kishi estava visitando o presidente Eisenhower no mesmo momento, e



*Nobusuke Kishi, Prime Minister of Japan, maintained close links with Buchman. ©MRA Productions*

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

---

<sup>1186</sup> Entwistle, *Década Decisiva do Japão*, pp. 160-61.

alguns dos altos japoneses como Niro Hoshijima e o senador Shidzue Kato, com vários líderes Seinendan, foram de Mackinac a Washington para encontrá-lo em sua chegada. Ele passou uma hora com eles antes de ver Eisenhower, e eles lhe contaram sobre a iniciativa de Buchman. Ele lamentou não poder marcar uma visita a Mackinac, mas propôs uma conversa com Buchman por telefone. A conversa de uma hora entre os dois homens na manhã seguinte foi amplificada para que as mil pessoas presentes na assembleia pudessem ouvir. Kishi perguntou como estavam os jovens japoneses, ao que Buchman respondeu: 'Estamos ensinando-os a não ir para a direita nem para a esquerda, mas a seguir em frente.' A certa altura, o Primeiro-Ministro disse diretamente aos jovens japoneses: 'Espero que compreendam plenamente o Rearmamento Moral e que transmitam o seu espírito a todo o vosso ser e o levem de volta ao Japão.'<sup>1187</sup>

“Algumas noites depois”, relata Entwistle, “os japoneses eletrizaram a conferência montando uma produção de canções, danças e esquetes. A apresentação foi tanto um florescimento de suas mudanças pessoais e crescente maturidade quanto uma interpretação do melhor de sua cultura distinta. Combinava graça, beleza e muito humor sincero. Frank Buchman ficou tão encantado com tudo isso que se levantou por volta da meia-noite e disse que eles deveriam fazer sua apresentação nas cidades que deveriam visitar, partindo em alguns dias. Para qualquer outro grupo a ideia teria parecido uma loucura mas de alguma forma com a ajuda do trabalho 24 horas por dia uma equipe de palco foi montada, um cenário portátil foi feito, os salões foram reservados e os convites foram enviados às pressas para amigos em Detroit Washington e Nova Iorque.<sup>1188</sup> O grupo de duzentos entrevistados da administração e dos trabalhadores da Ford's e dos líderes da convenção da NAACP<sup>1189</sup> em Detroit foi recebido na Câmara e no Senado em Washington e recebeu almoço dos delegados das Nações Unidas em Nova York. Eles então retornaram a Mackinac, trazendo consigo o embaixador japonês na ONU. Logo depois, metade dos delegados de Seinendan tiveram que voltar para casa, enquanto os demais ficaram para treinamento adicional.

Os que permaneceram decidiram transformar suas esquetes em uma peça através da qual pudessem retratar suas novas ideias ao retornarem. Um deles, um empresário de uma

---

<sup>1187</sup> *ibid.*, pág. 161.

<sup>1188</sup> *ibid.*, pp. 161-2.

<sup>1189</sup> Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor.

pequena cidade com formação agrícola, chamado Yoshinori Yamamoto, contou uma história de vida familiar, realista e comovente porque se baseava nas experiências da vida real de muitos deles. Eles chamaram-lhe *Road to Tomorrow/ Caminho para o Amanhã*, e tocaram-no nos meses seguintes em muitas partes do Japão.

Kishi decidiu visitar os vizinhos do Sudeste Asiático do Japão naquele outono de 1957, na esperança de revitalizar as relações económicas com eles. Antes de deixar Tóquio, foi visitado pelo senador Kato, que lhe ofereceu o apoio da oposição se, antes de discutir as relações comerciais nestes países, ele primeiro expressasse as sinceras desculpas do povo japonês pelos erros do passado. O senador Kato contou a Kishi sobre a visita da obra “A Ilha Perdida” a Manila. Ela descreveu a respiração ofegante quando Hoshijima começou a falar com mil filipinos na odiada língua japonesa, e os aplausos estrondosos quando o seu pedido de desculpas e a promessa de reparações do governo, que ele tinha o poder de anunciar, foram traduzidos.

Kishi acatou o conselho da Sra. Kato quando foi para as Filipinas, Coreia, Birmânia e finalmente Austrália. O *Sydney Morning Herald*<sup>1190</sup> escreveu editorialmente: 'Não podemos nos dar ao luxo de viver em um passado amargo... Kishi executou uma missão delicada com tato hábil. Sua turnê quebra-gelo. . . dificilmente poderia ter sido uma experiência agradável. Mas ninguém poderia ter ido mais longe na reparação oficial dos pecados do seu país.'

O Washington Evening Star comentou: 'O primeiro-ministro Kishi está agora de volta a Tóquio depois de ter completado uma das missões mais incomuns já empreendidas por um estadista de sua categoria. Nas últimas três semanas, ele visitou nada menos que nove nações que o Japão ocupou ou ameaçou conquistar. . . e em cada um destes países ele pediu desculpas publicamente pelas ações do seu país durante a guerra.'<sup>1191</sup>

No regresso de Kishi a Tóquio, ele disse à imprensa: 'Fiquei impressionado com a eficácia do Rearmamento Moral na criação de unidade entre povos que foram divididos. Eu mesmo experimentei o poder do pedido de desculpas honesto para curar as feridas do passado. Esta ideia é mais necessária neste momento crítico da nossa história.'<sup>1192</sup>

---

<sup>1190</sup> Sydney Morning Herald, 5 de dezembro de 1957.

<sup>1191</sup> Washington Evening Star, 18 de dezembro de 1957.

<sup>1192</sup> Entwistle, A Década Decisiva do Japão, p. 173.

Entre outras questões, Kishi também reabriu a questão das relações com a Coreia, segundo linhas sugeridas pela primeira vez numa conferência de Rearmamento Moral em Baguio, nas Filipinas, em março de 1957, e enfatizadas pelo Senador Kato na Comissão dos Negócios Estrangeiros, em 30 de Abril. Depois de uma segunda conferência em Baguio, durante a qual a peça *Road to Tomorrow/ Caminho para o Amanhã* de Seinendan foi exibida em Manila com o mesmo efeito do *The Vanishing Island/ A Ilha Perdida*, Kishi decidiu dar uma recepção em sua residência oficial em 12 de abril de 1958 para reconhecer o papel do Rearmamento Moral em ajudar o Japão a recuperar o respeito de outras nações. No dia 10 de abril, um dos seus irmãos faleceu, pelo que não pôde comparecer, mas pediu ao Vice-Ministro Parlamentar dos Negócios Estrangeiros, Takizo Matsumoto, que falasse por ele. Matsumoto revisou as etapas sucessivas:

1. No final da década de 1940, os primeiros japoneses autorizados a viajar para o exterior foram recebidos em conferências do Rearmamento Moral nos Estados Unidos.

2. A histórica “Missão ao Ocidente” em 1950 – a visita a Caux, à Europa e aos Estados Unidos – restabeleceu o contacto com os europeus e permitiu aos membros da Dieta discursar no Congresso dos Estados Unidos.

3. Os bons ofícios de Buchman e dos seus colegas forneceram o único meio para os delegados japoneses do Tratado de Paz de São Francisco em 1951 se encontrarem pessoalmente com os delegados asiáticos, americanos e europeus.

4. A inclusão dos japoneses na Missão Mundial em 1955 foi a primeira ocasião para visitarem outros países asiáticos.

5. Kensuke Horinouchi, como Embaixador em Taiwan, evitou uma ruptura séria com o Governo Nacionalista Chinês, o único aliado diplomático próximo que o Japão tinha na Ásia, naquela altura.

6. As duas conferências RAM em Baguio deram aos japoneses oportunidades de estabelecer contatos amplos com os seus antigos inimigos asiáticos e conduziram diretamente a avanços diplomáticos nas negociações com os governos coreano e filipino.

Resumindo este registo, Matsumoto afirmou: 'Falo em nome do Governo, e especialmente do Ministério dos Negócios Estrangeiros, quando digo que em cada momento crítico fomos ajudados pelos serviços do Rearmamento Moral.'<sup>1193</sup>

---

<sup>1193</sup> *ibid.*, pág. 176.

Matsumoto também falou por si. Durante a recepção, ele chamou Entwistle de lado e disse que havia decidido conduzir sua campanha eleitoral para a Dieta com base nos princípios do RAM: ele analisou seus discursos e eliminou as referências amargas aos candidatos da oposição.

As políticas iniciadas por Kishi foram concretizadas pelo seu sucessor, Takeo Fukuda, que entretanto trouxe para Caux.

Em 1958, o Presidente Garcia das Filipinas fez uma visita oficial ao Japão. O seu anfitrião na Dieta foi Niro Hoshijima, e o Presidente declarou: 'A amargura dos anos anteriores está sendo lavada pela compaixão e pelo perdão.'<sup>1194</sup>

Outro dos objetivos há muito acalentados por Buchman - dar alguma contribuição para melhores relações raciais nos Estados Unidos - começou a tornar-se possível e mais urgente durante aquele Verão de 1957. Ele tinha - como dissera a Griffith na Austrália no ano anterior - recusado anteriormente convites para intervir nos estados do Sul porque lhe faltavam as pessoas e os meios para tornar tal intervenção eficaz. A iniciativa finalmente começou de forma inusitada.

Enquanto a delegação Seinendan estava em Mackinac, duas atrizes chegaram lá de forma independente no decorrer de uma única semana. Uma delas foi Muriel Smith, a mezzo-soprano que criou o papel de Carmen Jones na Broadway, e em Londres cantou Carmen no Covent Garden e tocou por cinco anos consecutivos no *Drury Lane Theatre*, primeiro no Pacífico Sul e depois em *The King and I*. A outra era Ann Buckles, uma jovem estrela em ascensão da Broadway que aparecia em *Mr. Thing e Pyjama Game*. Muriel Smith conheceu os jovens japoneses e ficou particularmente comovida com a honestidade de um deles, que enfrentou as implicações das coisas terríveis que cometeu durante a guerra. Peter Howard levou Ann Buckles para ver Buchman. Ela estava prestes a se separar do marido, mas não contou a ninguém. "Eu conversava o tempo todo, tentando impressioná-lo", lembra ela. 'Buchman apenas me lançou um olhar longo e tranquilo e disse uma frase: "O divórcio é antiquado." Isso me assustou. Eu estava tentando fingir que o divórcio não importava, mas me sentia mal por dentro. Ele viu isso. Ele não disse mais nada. Ele apenas olhou. Logo depois me mandou flores e me convidou para tomar chá. Falei por quarenta e cinco minutos. No final, ele disse: "Se eu tiver alguma orientação sobre isso, eu lhe direi; se não tiver, não

---

<sup>1194</sup> *ibid.*, pág. 175.

me incomodará". Percebi que ele era um homem verdadeiro com as palavras e que eu podia confiar nele.

Ambas as mulheres ficaram fascinadas pela atmosfera criativa de Mackinac - a escrita, a música, o teatro - e, acima de tudo, pela ideia de que os seus talentos poderiam ser usados de forma construtiva. Eles ficaram, apesar das ligações de longa distância de seus agentes. Buchman viu neles o que a princípio eles não veriam em si mesmos: uma dramatização da resposta aos problemas raciais da América. Muriel Smith, uma negra americana, foi criada no Harlem e ela e sua mãe conheceram verdadeiras privações. A Sra. Smith falava muitas vezes do dia marcante em que finalmente poderia comprar um par de meias para a filha. Ann Buckles era uma loira marcante no início de sua carreira e veio do sul do estado do Tennessee. Com o passar das semanas, eles começaram a resolver os muitos fatores que os dividiam e a se tornarem amigos.

Alan Thornhill e Cece Broadhurst decidiram escrever um musical para eles. Foi baseado na história de vida de Mary McLeod Bethune, filha de escravos que, começando com apenas um dólar na bolsa, traduziu sua determinação de que seu povo tivesse a chance de uma boa educação na primeira faculdade americana fundada por um negro, e finalmente tornou-se conselheiro especial do presidente Roosevelt. Conhecendo o Rearmamento Moral alguns anos antes, ela disse a Buchman: 'Fazer parte desta grande força unificadora é a experiência culminante da minha vida.' Então eles chamaram a peça de *The Crowning Experience/ A Experiência Culminante*.

Outro drama de longa duração ocorreu simultaneamente, na vida das duas atrizes. Certa vez, quando estavam



As atrizes da Broadway, Muriel Smith (à direita) e Ann Buckles, interpretaram os protagonistas do musical *The Crowning Experience*, que liderou o trabalho de Buchman pela reconciliação racial nos EUA, 1957-58. ©Arthur Strong/MRA Produções [View Photo Thumbnail Navigator](#)

sendo feitas algumas gravações com uma orquestra sinfônica para o filme seguinte, elas estavam dividindo um quarto de hotel. “Muriel tinha uma voz gloriosa”, diz Ann Buckles. “Quando ela cantava, a orquestra se iluminava, mas quando eu cantava, eles pareciam taciturnos, talvez porque a comédia musical americana fosse novidade para eles. Aí eu voltava para o hotel e tinha que ouvir Muriel cantarolando e cantando a noite toda. Uma noite eu finalmente gritei: "Cale a boca!" Fiquei chocada com o que fiz. Muriel apenas disse: "Você teria me dito para calar a boca antes se eu fosse branca?" Ela havia apontado minha atitude racista. Esse foi o fim da conversa naquela noite. Na manhã seguinte, Frank mandou nos chamar e ficamos petrificadas porque estávamos gritando. Ele disse: "Temos um juiz sul-africano e um líder negro africano retornando à África do Sul para obter a liberdade através do Conselho de Censores. Vocês poderiam vir almoçar e nos contar como encontraram a unidade?" Muriel e eu nos retiramos envergonhadas e começamos a ser honestas.'

Quando *The Crowning Experience/ A experiência culminante* foi inaugurada em Atlanta, Geórgia, em janeiro de 1958, 11.000 pessoas assistiram durante o primeiro fim de semana. Depois da primeira noite, a rádio local anunciou, como que espantada: "Não houve incidentes no Auditório Cívico". Durante as primeiras apresentações, policiais à paisana faziam parte do público, mas logo perceberam que sua presença era desnecessária e deixaram de comparecer. Em seguida, a peça passou do Auditório Cívico para o Teatro Tower, onde o gerente providenciou assentos iguais para brancos e negros, algo que nunca havia acontecido antes em Atlanta. “Cheguei apreensivo e saí exaltado”, disse ele após a primeira apresentação. A esposa de um ministro branco comentou: 'Há anos que ouvimos o tiquetaque de uma bomba à espera de explodir na nossa cidade. Agora estamos ouvindo o tique-taque do Espírito Santo. Vocês vieram na hora certa.'<sup>1195</sup>

A peça durou cinco meses em Atlanta. Um importante advogado negro, o Coronel A. T. Walden, observou: “Após a visita da *The Crowning Experience*, Atlanta nunca mais será a mesma.<sup>1196</sup> É um fato que a integração foi conseguida lá com calma e sabedoria nos anos seguintes, e John Kennedy, depois de se tornar presidente, mandou chamar Walden para ouvir a história por trás disso.

---

<sup>1195</sup> Austin e Konstam, pp.

<sup>1196</sup> *ibid.*, pág. 218.

Quando *A Experiencia Culminante* teve uma exibição de sete semanas em Washington naquele verão, atraiu 80 mil pessoas, mais do que qualquer peça nos 123 anos de história do Teatro Nacional. Em setembro, a coluna do jornal sindicalizado de Drew Pearson descreveu o seu efeito em Atlanta e acrescentou: “Por trás do que aconteceu na Geórgia está uma história ainda mais surpreendente de como pessoas dedicadas de todas as esferas da vida estão organizando-se para encontrar uma solução para um problema que os nossos líderes políticos não conseguimos resolver - o desafio explosivo de *Little Rock*.”<sup>1197</sup>

A explosão da violência em Little Rock, Arkansas, sobre a integração de crianças negras e brancas nas escolas, foi notícia mundial no outono de 1957, e foi um dos eventos que estimulou a escrita e produção de *A Experiencia Culminante*. Buchman, que na época tinha um grupo de africanos negros e brancos com ele na América, incentivou-os a levar o filme *Freedom/ Liberdade* para Little Rock. Mostraram-no primeiro aos líderes da comunidade branca, depois às tropas federais que tinham sido enviadas para lá, às autoridades escolares e aos líderes dos comitês de integração negra. Entre estes últimos estava a Sra. L. C. Bates, então presidente da NAACP de Arkansas. Ela arriscou a vida levando para uma escola branca todas as manhãs o grupo de crianças negras por causa de cuja presença ali eclodiram os tumultos. Depois de ver *Liberdade*, a Sra. Bates veio com um grupo de ambas as raças de Little Rock a Mackinac. Lá, ela decidiu visitar o governador do Arkansas, Orval Faubus, que, sem ela saber, também tinha visto *Liberdade*. A entrevista resultante foi descrita por um comentarista de notícias da rádio CBS, resumindo os principais acontecimentos de 1959, como “possivelmente o acontecimento noticioso mais significativo do ano que marca o fim de uma guerra civil de cem anos nos Estados Unidos da América”.<sup>1198</sup>

A história por trás deste evento foi contada pelo semanário negro, o *Pittsburgh Courier*<sup>1199</sup>, sob o título: 'Bates enfatiza o papel que o RAM desempenhou no "milagre" de Little Rock'. O jornal cita o marido da Sra. Bates, L. C. Bates, dizendo: 'Esta semana, a Sra. Bates, uma forte inimiga do governador Faubus, encontrou-se com o governador por mais de duas horas. Foi a sua experiência com o RAM que lhe deu coragem para solicitar esta consulta. Provavelmente foi algo de Rearmamento Moral nele que o fez aceitar. É difícil

---

<sup>1197</sup> Detroit Free Press, 21 de setembro de 1958. (Nota: 'Drew Pearson está de férias breves. A coluna de hoje foi escrita por um assistente, Tom McNamara.')

<sup>1198</sup> 31 de dezembro de 1959.

<sup>1199</sup> Pittsburgh Courier, 2 de janeiro de 1960.

avaliar agora, mas pode ser um ponto de viragem. Se incutirmos o RAM na população de Little Rock, isso transformará a cidade do caos em felicidade.

Seis anos mais tarde, o London Observer noticiou: “O Governador Faubus parece estar agora a liderar um movimento para promover a integração no seu Estado... Quaisquer que sejam as motivações, os resultados são notáveis. Na integração escolar, melhores empregos para os negros e na desagregação de restaurantes e hotéis, o Arkansas fez mais progressos do que qualquer outro estado, de acordo com a antiga adversária do governador, a Sra. L. C. Bates, secretária de campo da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor em Arkansas.”<sup>1200</sup>

Buchman, devido à idade e aos crescentes problemas de saúde, nem sempre pôde participar nestas aventuras, mas ninguém duvidou de quem estava por detrás das iniciativas. Em 1958, a Associação Nacional de Clubes de Mulheres Negras, na sua convenção em Detroit, concedeu-lhe um troféu permanente como “o maior humanitário de todos”.

A delegação Seinendan e aqueles que os acompanhavam da Coreia e das Filipinas foram apenas uma fração daqueles que vieram para a Ilha de Mackinac no verão de 1957. Outras delegações chegaram durante a assembleia de cinco meses da Tailândia, Vietnã, Birmânia, Índia, Camboja e Taiwan. Chegaram dois aviões especiais da Europa, além de outros partidos da Itália e da Alemanha, esta última incluindo cinquenta e cinco estudantes. Cinquenta e três chegaram da Islândia em meados de agosto, e perto do final Buchman almoçou com um influente grupo de sudaneses, trazido por Ahmed el Mahdi, neto do Mahdi, que então estudava em Oxford.<sup>1201</sup> Outro visitante foi Charles Assalé, o líder de um dos partidos que lutavam pela independência dos Camarões. “Comi o pão da amargura durante toda a minha vida”, disse ele a Buchman. Ao regressar, reconciliou-se com Ahmadu Ahidjo, o seu maior rival, e juntos conseguiram, três anos depois, chegar a um acordo de paz com a França. Ahidjo posteriormente tornou-se presidente e nomeou Assalé primeiro-ministro. Vários destes grupos escreveram peças para serem apresentadas em casa, enquanto um grupo de deputados e outros do Gana e da Nigéria levaram a sua, *The Next Phase*, para Washington. Além disso, indivíduos e grupos vinham de toda a América e do Canadá.

---

<sup>1200</sup> Observer, Londres, 23 de janeiro de 1966.

<sup>1201</sup> Mais tarde, ele ocupou vários cargos de gabinete em vários governos.

Tudo isto teria sido impossível se o novo centro não tivesse sido construído e a construção continuasse durante os anos seguintes. Por fim, durante as filmagens de *The Crowning Experience*, grande parte delas realizadas na ilha, um diretor de cinema canadense, impressionado com a expertise e dedicação de alguns dos jovens que faziam o trabalho técnico, sugeriu a Buchman que construísse um estúdio para fazer filmes em vez de permanecer dependentes de estúdios comerciais. Buchman respondeu com entusiasmo característico. “No próximo ano, produziremos um filme do RAM por semana para atingir milhões”, escreveu ele numa carta.<sup>1202</sup> O estúdio foi construído durante o inverno de 1959-60, em temperaturas abaixo de zero, por duzentos ou mais voluntários do RAM. Dois aviões carregados de amigos de Buchman em Hollywood - atrizes e atores, diretores e técnicos, liderados pelo veterano ator de faroeste Joel McCrea e sua família - vieram no verão seguinte para inspecionar o prédio. Todos ficaram muito impressionados com a qualidade do edifício e com as suas instalações, mas levantaram grandes dúvidas quanto à sua localização. Como poderia ser adequadamente empregado numa ilha isolada por lagos congelados e ventos cortantes desde o início do inverno até o final da primavera?

Buchman, agora com oitenta anos e nunca conseguindo compreender os aspectos práticos das operações técnicas, deixou que sua visão superasse seu bom senso. Houve dúvidas entre seus colegas, mas ele não quis ouvi-los. Ele preferia ouvir os entusiastas cujas opiniões correspondiam às suas. O estúdio foi utilizado ocasionalmente nos anos seguintes, mas nunca em qualquer escala que justificasse os custos de sua criação em dinheiro e mão de obra.

---

<sup>1202</sup> Buchman para Ahmed el Mahdi, 29 de dezembro de 1959.

**ABRINDO CAMINHO ATÉ A PORTA DELE**

Em junho de 1958, Buchman celebrou um octogésimo aniversário que, alguns meses antes, nem ele nem seus amigos esperavam que ele celebrasse. Nos dois anos anteriores, sua saúde resistiu à extenuante viagem de seis meses à Austrália e à Ásia, após a qual ele conduziu uma grande assembleia em Mackinac e lançou *The Crowning Experience* nos estados do sul dos Estados Unidos. No inverno de 1957, porém, sua saúde piorou gravemente, e Campbell diagnosticou o problema principal como cardíaco. Ele foi aconselhado a buscar um clima mais quente e aceitou o convite para morar na casa de uma família em Miami.

Sua chegada coincidiu com um período de clima úmido e opressivo e ele não respondeu ao descanso, como geralmente acontecia. Ocasionalmente, ele ficava extremamente irritado com as pessoas ao seu redor, sua raiva originando-se em parte da frustração com sua própria incapacidade de fazer o que achava que precisava ser feito. Seu arrependimento, segundo sua secretária, foi imediato.

— Por que você não me manda ir para o inferno? ele disse uma vez com um sorriso.

— 'Eu poderia.'

Ele lembrou que seu pai sofria de arteriosclerose e se tornara continuamente difícil e até violento nos últimos anos. 'Se algum dia você me ver ficando assim, atire em mim!' disse Buchman. Ele nunca se tornou assim. Mas não há dúvida de que as suas artérias vinham endurecendo há vários anos e que o seu temperamento - e julgamento - eram por vezes afetados.

Naquele inverno ele estava apático. Sua correspondência, embora tão variada e fascinante como sempre, não o interessou. Um dia ele perguntou quanto dinheiro tinha nas duas contas que controlava pessoalmente. Um continha setecentos dólares, o outro trezentos. Esvaziou ambos com quatro cheques para famílias de trabalhadores na Europa, a quem enviava presentes de vez em quando. 'Se eu pudesse evitar', disse ele uma vez, 'teria vergonha de morrer com algum dinheiro no banco.'

Em abril ele desenvolveu pneumonia. Durante duas semanas sabia pouco do que acontecia ao seu redor. Um dia ele decidiu onde seria seu funeral e pediu que um aviso de

obituário fosse redigido e lido para ele. Então, ele olhou para cima e anunciou com um brilho que pensava que viveria até os 94 anos. Aos poucos, superou o cansaço. Em 5 de maio, ele escreveu a Peter Howard: “Meu plano atual é ficar quieto e interpretar *Brer Rabbit*. Não tenho forças para mais. No entanto, duas semanas depois, viajou de trem para Nova Iorque, cumpriu várias funções lá e, em 2 de junho, chegou a Mackinac, pronto para as comemorações do aniversário.

Os aniversários de Buchman sempre foram importantes para ele e gostou especialmente deste, pois os amigos ao seu redor o ajudavam a comemorar e mensagens chegavam até ele de todas as partes do mundo. Um editorial do *Frankfurter Allgemeine Zeitung* dizia: ‘... Frank Buchman coloca uma diplomacia moral... ao lado da diplomacia política das nações... Como embaixador moral, Frank Buchman goza, muito além de todas as fronteiras nacionais, de uma confiança quase ilimitada. O seu papel altruísta de mediador, quase sempre invisível ao público, é repetidamente invocado. Este homem que, sem sentimentalismo, sem dons oratórios dramáticos, fascina, no entanto, os seus ouvintes, tornou-se cada vez mais a consciência do mundo.’<sup>1203</sup>

Esta nova doença, no entanto, restringiu ainda mais a ele e ao acesso que sua crescente força permanente tinha a ele. Mais e mais informações eram filtradas por várias mentes, tanto no caminho até ele quanto na volta, e às vezes eram distorcidas no caminho. Uma primeira reação a um relato sobre as ações de alguém, talvez incompleto, pode ser transmitida com uma dureza que ele não teria necessariamente demonstrado se tivesse visto pessoalmente a pessoa. Talvez a proteção daqueles que estavam perto dele tenha sido exagerada; ou em sua fraqueza ele mesmo ordenou isso. Um trabalhador em tempo integral, com vinte anos de experiência, querendo discutir divergências sinceras, deixou o trabalho porque não conseguiu passar oito vezes pela tela de proteção. Uma jovem que acreditava que a sua mãe doente precisava dela noutra país recebeu uma longa carta assinada em seu nome dizendo-lhe em termos fortes que o seu papel era cuidar de certas raparigas asiáticas numa assembleia e que ela deveria confiar a sua mãe a Deus. No entanto, quando, duas semanas depois, ela finalmente conseguiu vê-lo pessoalmente, ele disse: “Vá imediatamente”, e claramente não se lembrava de nenhuma carta desse tipo ter sido enviada. Se isso foi esquecimento ou se uma carta foi escrita para ele após uma primeira resposta impensada, não está claro.

---

<sup>1203</sup> Frankfurter Allgemeine Zeitung, 4 de junho de 1958.

Desenvolveu-se um verdadeiro problema de comunicação, difícil para todos os envolvidos. Nos dias anteriores ao acidente vascular cerebral, todos os contatos tinham sido pessoais e diretos; nos anos seguintes, esse contato tornou-se mais limitado; agora era ainda mais esparso, e alguns de seus velhos amigos às vezes se sentiam isolados.

Esta dificuldade foi ampliada por um grande aumento no número de trabalhadores a tempo inteiro no final dos anos cinquenta. Buchman ainda originou muitas iniciativas frutíferas e foi tão eficaz e compassivo como sempre ao conhecer pessoas - especialmente pessoas novas para ele - cara a cara. Mas era-lhe impossível conhecer a situação pessoal das suas centenas de colegas a tempo inteiro em todo o mundo, e os erros relativos a eles tornaram-se mais frequentes.

À medida que o inverno se aproximava, ele foi novamente instado a encontrar um clima mais quente, e seus médicos sugeriram o deserto seco do Sudoeste. Amigos em Tucson, Arizona, alugaram uma casa em torno da qual cactos, sálvia e choupos se estendiam por quilômetros até o sopé das montanhas de Santa Catalina. Abaixo, o chão descia para uma visão noturna do deserto repleto de milhares de luzes da cidade de Tucson, em rápido crescimento.

Aqui ele poderia restaurar suas forças enquanto se mantinha em contato com os acontecimentos em todo o mundo e recebia um fluxo de visitantes. Ele escreveu a um amigo: 'Gostaria que você pudesse ver a cena, pois de um lado vejo uma extensão de cactos - alguns com duzentos anos de idade - e do outro um pomar de laranjeiras, limoeiros e cunquate... Ao lado na casa há ciprestes e, além de tudo, as montanhas com vista para as partes mais bonitas da Grécia. É um lugar amplo e tenho trinta pessoas hospedadas comigo. Nunca me senti cansado nem por um momento, e dia após dia há sol em abundância.'<sup>1204</sup> Ele gostou tanto dos primeiros meses lá que amigos generosos o compraram para ser sua casa de inverno.

A casa em Tucson deu a Buchman espaço para a hospitalidade que ele adorava oferecer. Como antigamente, criou um clima de preocupação concentrada com os indivíduos, a começar pelo jardineiro mexicano, jovem amargurado que assumiu para cuidar da casa. De vez em quando ele ficava ausente por um dia ou dois. Buchman diagnosticou com precisão um problema com a bebida e disse que se o jovem, Arnold, fosse fazer jardinagem, ele teria que parar de beber. Isto produziu uma ausência de várias semanas durante as quais, em vez

---

<sup>1204</sup> Buchman ao Príncipe Ricardo de Hesse, novembro/dezembro de 1959 (Martin MSS).

de contratar outro homem, a família cuidou da horta da melhor maneira possível. Buchman estava mais interessado em Arnold do que no destino das rosas e das árvores cítricas.

Arnold finalmente voltou. Buchman convidou-o para tomar café e bolo e contou-lhe sobre seu próprio trabalho. No final, Buchman deu-lhe um caderno. 'O que vou fazer com isso?' perguntou Arnold. Alguém lhe disse que a mudança em sua vida começou com a anotação de tudo que não correspondia aos quatro padrões morais absolutos. 'Bem, então', disse Arnold, 'é melhor eu ter dois cadernos.'

Arnold contou a seu pai sobre essas descobertas, e o problema ainda mais agudo de seu pai com a bebida foi curado. Quando ele trouxe a esposa para almoçar, ela disse: 'Espero que ajamos corretamente - meu marido e eu não saímos para comer juntos há vinte anos.' Depois disso, o pai veio regularmente podar as cem roseiras ao redor da casa e mais tarde conseguiu um emprego como jardineiro no hospital municipal.

Certa noite, o encanador local, um agnóstico, trouxe seu filho adolescente rebelde para jantar e falou sobre seu agnosticismo. Quando a refeição terminou, Buchman disse ao filho: 'Normalmente agradeço a Deus pela refeição depois de comê-la. No entanto, hoje acho que todos cantaremos "Pois ele é um companheiro muito bom". O filho tornou-se um visitante frequente.

Numa festa do chá, o leiteiro disse que queria conversar. Eles se sentaram e o leiteiro explodiu: 'Estou casado há quase trinta anos. Há alguns meses, minha esposa entrou em um ônibus Greyhound, conheceu um homem com metade de sua idade e nunca mais voltou.

'Você sempre foi honesto com sua esposa?' disse Buchman.

O leiteiro começou a chorar: no dia em que nasceu o filho mais velho, ela o fez prometer que não beberia, mas ele bebeu, teve problemas com uma mulher e nunca lhe contou. Ele foi para casa e escreveu para sua esposa. Depois disso, muitas vezes ele trazia leite de graça para a casa.

Um produtor de carne local ofereceu a Buchman toda a carne de que sua família precisava, desde que ele tivesse um freezer. Um agricultor que entregava fruta e legumes ouviu falar desta oferta, saiu imediatamente e comprou uma. O cowboy que trazia os suprimentos regulares de carne durante o inverno sempre ficava para almoçar e quase sempre trazia outro cowboy com ele - a maior experiência de suas vidas, disseram.

Logo o xerife, o prefeito e o general que comandava a base aérea local começaram a chegar. O General disse aos seus amigos: 'Vocês devem ir conhecer Frank Buchman. Você consegue a melhor comida e conhece as pessoas mais interessantes do mundo. Depois de seis meses, o barbeiro de Buchman comentou: "O senhor esteve no centro da cidade apenas algumas vezes, doutor, mas a cidade inteira veio vê-lo, e aparentemente o mundo inteiro".

Isto tornou-se cada vez mais verdadeiro. Num inverno, quando houve uma conferência da RAM voltada principalmente para a Ásia em Los Angeles, os participantes seguiram-se até Tucson em grupos de dois ou três. Coreanos e japoneses, chineses de Hong Kong e Taiwan, malaios e papuas, australianos e neozelandeses predominaram por um tempo. Depois houve uma onda de Hollywood, depois as festas regressaram à Europa e África.

Entre os japoneses estava Saburo Chiba, então presidente do Comitê de Segurança da Dieta, que veio passar um dia lá dentro. Alguém disse: 'Ele fez uma longa jornada. Vamos dar-lhe um bom quarto e deixá-lo descansar.

'Descansar?' respondeu Buchman. 'Aqui está um homem que pode afetar a vida de uma nação. Vamos aproveitar cada minuto para proporcionar a ele uma experiência máxima de mudança.'

Chiba era agnóstico, amigável, mas cauteloso. Ele sentou-se para tomar café da manhã com Buchman e seus amigos em um quarteto para as oito. Contaram-se histórias de como as diferenças raciais estavam a ser melhoradas na América e noutros lugares através da mudança nas pessoas, e como os comunistas em vários países diziam ter encontrado uma ideia melhor. O café da manhã durou até vinte para o meio-dia.

O almoço foi uma refeição japonesa tão bem-preparada que Chiba insistiu em conhecer os cozinheiros. "Se você tem uma ideia que transforma a filha de um banqueiro de Wall Street em uma cozinheira tão boa quanto aquela, e ela faz isso sem ser paga, sua ideia deve ser muito grande", disse Chiba a Buchman depois.

No final da tarde, enquanto Chiba se preparava para partir, Buchman disse:

- Tive uma ideia para você esta manhã.

- Qual foi?

- O mundo inteiro entrará em seu coração. Você deixará o mundo inteiro entrar em seu coração.

Ao se despedir no aeroporto, Chiba disse: - Hoje, pela primeira vez na minha vida, encontrei Deus. Pouco depois, Buchman soube que a atmosfera da vida familiar dos Chiba havia mudado fundamentalmente.

U Nu, ainda primeiro-ministro da Birmânia, anunciou-se subitamente numa viagem pela América. Queria terminar a conversa que iniciara com Buchman dois anos antes, em Rangum. Pouco depois dessa palestra, U Nu fez um discurso ao seu partido, contando as suas próprias desonestidades juvenis e apelando ao fim da corrupção moral no seu partido e na nação. Quando, pouco mais tarde, ele se aposentou do cargo, o povo exigiu seu retorno para liderar a nação. Agora ele queria saber como unir seu país. Com um excelente curry birmanês - os cozinheiros haviam ensaiado no dia anterior - Buchman fez com que vinte pessoas contassem a U Nu, em poucas frases, sua experiência de orientação divina. Então ele chamou U Nu de lado em particular e avisou-o sobre um homem próximo a ele que ele acreditava ter planos subversivos para o país.

“Você deve aprender a ler as pessoas como um livro”, disse ele ao primeiro-ministro.

'Como posso?' perguntou U Nu.

'Você tem que se conhecer e ser absolutamente honesto consigo mesmo. Ouça e você saberá. O que torna homens e mulheres cegos para os outros é que eles se permitem as mesmas fraquezas.'

No aeroporto, U Nu disse: 'Sem o Rearmamento Moral o meu país irá para o campo da ditadura.' Ele subiu na rampa e disse: 'Venha logo para a Birmânia, venha logo, venha logo.' U Nu disse sobre Buchman após a sua morte: “Certamente não houve outra pessoa nos nossos tempos com uma capacidade tão infinita de amizade e confiança”.<sup>1205</sup>

Tópicos de outros eventos mundiais levaram de volta a Tucson. O Dr. Abdel Khalek Hassouna, Secretário-Geral da Liga Árabe, contou a Buchman como, durante a crise do Líbano daquele Outono, quando os fuzileiros navais americanos desembarcaram em Beirute, ele teve uma clara convicção, uma noite no Cairo, de voar imediatamente para Nova Iorque. Com o apoio do governo egípcio, reuniu os delegados árabes, mantendo-os em sessão até encontrarem uma fórmula unânime. Gromyko, o Ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, retirou a sua oposição e as Nações Unidas votaram a favor da resolução árabe por oitenta votos a zero - um acontecimento quase sem precedentes. 'Da noite para o dia',

---

<sup>1205</sup> Transcrições de Caux, 9 de setembro de 1961.

escreveu o *The Times*<sup>1206</sup>, uma transformação quase mágica ocorreu na cena.' O *Washington Post*<sup>1207</sup> descreveu-o como um “triunfo” para o Dr. Hassouna. O primeiro-ministro sudanês foi citado no mesmo sentido num artigo intitulado: 'Pista de sobrevivência? Nações Árabes Demonstram Espírito de Rearmamento Moral na ONU.'<sup>1208</sup>

Também em Tucson, Buchman continuou o treinamento de sua equipe. Sua primeira preocupação foi a qualidade de vida dentro de sua própria casa - 'tudo sob a orientação de Deus e não o que achamos que é bom'. “Tenho uma família aqui que trabalha unida e ninguém recebe um centavo”, disse ele. Mas esta unidade não surgiu por acaso. Trabalhar juntos na cozinha, por exemplo, significava muitas horas e muita habilidade. Uma vez, quando as duas meninas que trabalhavam lá se desentenderam, ele parou de receber convidados por duas semanas. Uma das meninas era americana, a outra suíça. Cada uma tinha certeza de que sua maneira de fazer as coisas era a melhor. Buchman disse que sentiu o gosto da tensão na comida. “Vocês estão irritados um com o outro”, ele disse a eles. 'Vocês são pessoas teimosas que querem fazer tudo do seu jeito, quando precisam ascender a algo elevado e nobre.' As duas meninas mudaram e começaram a aproveitar a vida novamente. Buchman então retomou sua hospitalidade habitual.

Buchman também preparou grupos de pessoas para retornarem aos seus países. Oito japoneses foram vê-lo em Tucson antes de voltar para casa. Assim que se sentaram para almoçar, Buchman perguntou: - Qual é o seu plano para o Japão? Houve silêncio.

- Vocês estão unidos? ele perguntou. Novamente houve silêncio.

- Sei que fizeram um bom trabalho no Japão”, continuou Buchman, “mas o que está acontecendo com sua nação? Qual é o seu verdadeiro problema?”

“Comunismo”, alguém respondeu.

“Não, não, não”, disse Buchman. “É corrupção e amantes em altos cargos. Vocês resolverão esses problemas? Adoro o Japão e estou preocupado com o que está acontecendo.

Os japoneses saíram da sala. Eles foram honestos um com os outros sobre o ciúme e a amargura entre eles e foram então capazes de decidir o que precisava ser feito.

---

<sup>1206</sup> Os tempos, 22 de agosto de 1958.

<sup>1207</sup> *Washington Post*, 25 de agosto de 1958.

<sup>1208</sup> *State Times*, Jackson, Miss. citado em Charis Waddy: *The Muslim Mind*: (Longman, 1976, pp. 99-102), onde a história completa deste evento é contada.

Em três dias, um deles, Masahide Shibusawa, escreveu uma peça, *Shaft of Light/ Raio de Luz*. Foi tão direto ao retratar pessoas proeminentes no Japão que eles ficaram com medo do que poderia acontecer com eles e seus filhos se o levassem a cabo. Eles leram para Buchman. “Vá para onde as pedras são ásperas”, disse ele. 'As pessoas podem querer atirar em você, mas você salvará sua nação e as gerações futuras ficarão gratas.'

Um mês depois, a peça foi encenada em Tóquio, a 400 metros do prédio da Dieta. Ela causou sensação. Um oficial de segurança superior, observando a descrição do suborno em altos cargos e uma amante, que era espiã, ligada a um Ministro do Gabinete, disse: 'É um exagero. Você não pode continuar com essa peça. É perigoso.' Alguns dias depois ele voltou para eles. “Eu estava errado”, disse ele. 'Eu investiguei tudo e é tudo verdade.' O primeiro-ministro mandou chamar as pessoas que visitavam Buchman. Contaram-lhe os fatos, tal como os viam, sobre o seu próprio gabinete.

“Vocês são as únicas pessoas que amam o nosso país o suficiente para nos dizer a verdade”, disse ele. 'Continue falando comigo assim. A porta está sempre aberta para você.

Enquanto isso, Buchman teve que travar uma batalha muito mais difícil, muito mais perto de casa. Após seu retorno da Ásia em 1956, ele conversou com Peter Howard sobre as consequências da turnê da obra *A Ilha Perdida*. Embora reconhecesse a imensa tarefa que Howard e seus colegas haviam empreendido, ele os considerava responsáveis pela atitude errada adotada pela força itinerante. Mesmo assim, Buchman não perdeu a fé em e para Howard. Mas alguns daqueles que sofreram com sua língua afiada, ou que tinham inveja de sua aparente posição, começaram a prejudicar a mente de Buchman contra ele. Fraco, cada vez mais na cama durante dias seguidos e constantemente sob a pressão das decisões a serem tomadas, Buchman muitas vezes não sabia o que pensar.

Isso veio à tona em 1957 em Mackinac, onde algumas pessoas evitaram e pressionaram Howard e sua família. Howard perguntou a Buchman o que ele deveria fazer. “Continue fazendo o que tem feito”, disse Buchman. No entanto, a certa altura, Howard sentiu que precisava mudar sua família de Mackinac. Ele voltou para a Grã-Bretanha com eles e morou em sua fazenda. Ele manteve seu compromisso.

Depois de alguns meses, Howard recebeu o que acreditava ser uma orientação divina para se juntar a Buchman em Tucson. Ele foi levando consigo sua esposa Doë, e sua filha, Anne. Teve uma conversa franca e completa com Buchman, mas manteve-se discreto. Então,

um dia, ele pensou que deveria falar depois da exibição pública de um filme, como tantas vezes fizera antes. Mencionou isso em uma reunião de planejamento. Imediatamente, a fúria irrompeu entre alguns dos presentes que estavam determinados a que Howard nunca retomasse sua antiga proeminência. O barulho foi tão alto que chegou até Buchman lá em cima. Ele perguntou a alguém o que estava acontecendo. Quando ouviu isso, ele desceu as escadas gritando: 'Venham aqui, cada um de vocês!' Então ele assustou todos eles. “Aqui estou eu, um velho na cama”, disse ele. — Confiei em vocês para me dizer a verdade. Mas vocês me enganaram sobre Peter. Vocês me contaram histórias sobre ele. Eu conversei com ele sobre isso ponto por ponto, e elas não são verdadeiras.

Ele sentiu uma nova qualidade em Howard desde seu retorno. O processo de libertação da opinião alheia, iniciado em suas lutas anteriores, foi levado um passo adiante durante os dias de descanso e pensamento de Howard na Inglaterra. Agora eles começaram novamente a trabalhar como colegas próximos. “Quero prestar uma homenagem a Peter”, disse Buchman algum tempo depois. 'Trabalhei com ele noite e dia nas últimas semanas. Ele chega às 4h45 da manhã para ajudar a escrever cartas para pessoas de todo o mundo. Ele muda as pessoas; guarda a força da vida. Lê sua Bíblia todos os dias e tem algo pungente para extrair dela. Você passa por momentos incomparáveis quando as pessoas se movem com você de forma altruísta assim.

Embora a partir de então o homem mais jovem passasse grande parte do seu tempo viajando pelo mundo e assumisse as detalhadas responsabilidades diárias do trabalho, enquanto o homem mais velho muitas vezes tinha que ficar parado, eles nunca mais se separaram em espírito.

De Tucson, Buchman retornou a Mackinac no verão de 1959. Aqui, em seu octogésimo primeiro aniversário, um musical chamado Pickle Hill, escrito por Howard durante as semanas em Tucson, teve sua estreia. Era a história de Bill Pickle, o contrabandista, e as primeiras experiências de Buchman no Penn State College. O terceiro homem dessa história, Blair Buck, estava com Buchman na plateia na noite de estreia. Buchman estava tão envolvido no drama que às vezes ele mesmo respondia na primeira fila quando perguntas eram feitas à sua personalidade no palco. “É assim que se faz”, disse ele depois. 'Que estratégia Deus deu - foram pessoas, pessoas, pessoas. Você tinha que estar alerta o tempo todo.

Os visitantes de Mackinac naquele verão foram tão variados como sempre. Entre eles estavam o filósofo católico francês Gabriel Marcel; Rajmohan Gandhi; chefes de tribos indígenas norte-americanas do oeste do Canadá; U Narada, Secretário da Associação dos Abades Presidentes da Birmânia; o Presidente Muçulmano do Parlamento Sudanês, Sayed Shingetti; o Arcebispo católico de Beirute, Dom Naba'a, delegações militares do Pentágono, grupos de agricultores japoneses da Califórnia e um representante do Governo do Irão que veio conferir uma condecoração. Um grupo de rastafarianos revolucionários chegou da Jamaica. Amargamente anti-brancos, eles deviam lealdade ao imperador da Etiópia e ouviram com espanto quando Buchman lhes contou sobre sua amizade com ele durante seus anos solitários de exílio, quando o Brown's Hotel era sua base em Londres. Um executivo do cinema de Hollywood, ao final de suas primeiras vinte e quatro horas em Mackinac, comparou a conferência a uma Série Mundial de beisebol, a uma luta pelo campeonato mundial e aos Jogos Olímpicos, tudo comprimido em um dia e acompanhado pela Orquestra Filarmônica.

Enquanto esta conferência acontecia em Mackinac, uma assembleia paralela acontecia em Caux, com a qual Buchman mantinha contato quase diário. Para lá compareceu uma delegação do estado de Kerala, no sul da Índia, que acabara de passar por um período de regime comunista - o primeiro estado a tornar-se comunista através das urnas. No início desse ano, confrontadas com a ameaça de impor a doutrinação comunista nas escolas, as comunidades cristã e hindu uniram-se o suficiente para derrubar o governo; mas houve confusão sobre o que fazer a seguir. A delegação a Caux incluía membros de ambas as fações religiosas, entre eles o veterano líder hindu Mannath Padmanabhan, um inimigo de longa data do cristianismo em Kerala. Ele e os líderes cristãos não conversaram durante o caminho.

Em Caux Padmanabhan, que falava apenas Malayalam, era um observador atento de tudo. Depois de três dias, ele comentou que havia uma atmosfera estranha em Caux. 'O que é isso?' ele foi questionado. "É uma sensação de pureza", disse ele. 'O extraordinário é que pode existir num lugar onde há tantos cristãos.' 'Veja, um cristão para nós', acrescentou ele, 'é um inglês gordo com um charuto na boca, uma de nossas garotas no braço e uma garrafa de uísque no bolso.'

Certa noite, a delegação de Kerala viu Pickle Hill no teatro Caux. A reação deles foi: 'Esta peça foi escrita para nós'. Um líder católico foi diretamente a Padmanabhan e pediu

desculpas pela sua amargura contra ele. Poucos meses depois, o Arcebispo Católico de Trivandrum descreveu o resultado numa mensagem a Buchman: “A história registrará a nossa gratidão permanente a Mannath Padmanabhan... por criar a unidade de todas as comunidades após o seu regresso de Caux.”<sup>1209</sup>

Durante todo aquele verão em Mackinac, apesar do sucesso da assembleia, Buchman parece ter ficado profundamente preocupado com sua equipe. Este desconforto pode, na verdade, ser rastreado até muito antes, certamente até 1957. Enquanto se preparava para Mackinac naquele ano, ele disse a alguns dos americanos e europeus que estavam com ele: 'Estamos todos realmente mudando as pessoas? Alguns de vocês estão tão engomados, cozidos e passados – só precisamos nos trocar e vestir roupas limpas. Apenas uma pessoa pode cancelar o pecado, e essa pessoa é Jesus.'

Ele deveria retornar ao ataque com mais força em vários momentos durante a assembleia de 1959. “Tenho a impressão de que você acha que as coisas podem ser alcançadas sem mudar as pessoas”, disse ele em maio. «Estamos aqui para renovar o nosso compromisso e para nos libertarmos dos escombros. Um homem está vivo ou morto. Mudando as pessoas ou não. Homens emplumados – temos alguns na irmandade. Mulheres mandonas transformam os homens em covardes. Homens impuros tornam mulheres mandonas. Algum de vocês se recusou a atender às necessidades básicas das nações? Os países tornam-se facilmente campos nos quais trabalhamos, em vez de se tornarem forças para refazer o mundo... O que quer que eu tenha feito, não fui eu. Acordei cedo e sempre havia o pensamento divino. Deve ser o seu segredo. O Espírito Santo simplesmente abandonando Sua verdade. Essa é a promessa de Cristo: “Aquele que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora”.

Esse desconforto ainda o acompanhava em outubro. Ele parece ter sentido que muitos dos seus colegas se tornaram dependentes uns dos outros e perderam o espírito contagioso que muda vidas, e que isso estava a conduzir, à medida que os números aumentavam, a um institucionalismo que ele sempre procurou evitar - o que ele chamou uma “mentalidade de movimento”. “Alguns de nós”, disse ele nesta altura, “talvez já tenhamos feito bluff durante demasiado tempo para sermos suficientemente genuínos para salvar as nossas nações. Judas sentiu um tremendo remorso. Mas Pedro se arrependeu. Judas estava apaixonado pela sua

---

<sup>1209</sup> Arcebispo Gregorius to Buchman, citado em Buchman, p. 262.

interpretação da mensagem que Cristo proclamou. Amar a ideia do Rearmamento Moral não substitui o amor de Deus que nos lava, nos liberta e nos põe para trabalhar.

Certa tarde, depois de descansar, ele contou a alguns amigos uma experiência que lhe fora muito vívida: 'Foi como se algo tivesse descido do céu. Tive uma noção consciente do que temos que fazer. Vi que Caux e Mackinac teriam que se unir e aprenderíamos juntos a apresentar uma resposta mundial.' O escopo e o custo da proposta são uma indicação da urgência que ele sentia. Três semanas depois, os principais elementos da conferência de Caux foram transferidos para Mackinac, o que significava que Buchman tinha consigo a maior parte da sua força a tempo inteiro num só lugar - pela última vez, descobriu-se, numa tal escala.

Parece que o seu comentário ao ver Pickle Hill no início do verão - "eram pessoas, pessoas, pessoas" - não foi apenas uma lembrança entusiástica, mas uma dica para os outros e um desafio para si mesmo. No dia em que deixou Mackinac no final da sessão, ele reuniu todos nos edifícios e lembrou para eles e para si mesmo a experiência pessoal que esteve na raiz do seu trabalho ao longo dos anos:

- Fiquei acordado a maior parte da noite e tive uma sensação sinistra de que nos saímos bem, em geral, mas que ainda há áreas a serem possuídas, disse ele.

- Eu li o nono capítulo de Atos. Leia e tenha certeza de que é a sua experiência. Conheço uma época da minha vida em que não tive isso e pensei que estava indo muito bem. Ainda há algumas pessoas que sinto que não alcançaram essa experiência. Eles não foram comissionados pelo Deus Vivo para levar esta mensagem às nações. Eu não gostaria de ir hoje se não tivesse uma noção clara do que está prometido naquele capítulo.

“Houve um tempo na minha vida em que eu era igual a alguns de vocês. Estava no norte da Inglaterra. Eu me divertia. Uma tarde tive o desejo de ir assistir a um culto. Eu fui; havia apenas dezessete pessoas lá. Aquele orador fez por mim o que ninguém jamais havia feito. Ela falou direto comigo sobre a Cruz de Cristo... Percebi que Deus nosso Pai cuidou tanto de nós que deu Seu Filho único. Isso nunca havia me tocado antes. Mas aquele orador naquele dia teve o vento do Espírito. Eu dei minha vida inteira e completamente. Aprendi algo que nunca tinha conhecido antes: ouvir. Ouvi a voz mansa e delicada me dizer: “Arrependa-se”. Tive uma educação bastante boa, mas precisava de algo muito simples e real. E aconteceu. Cheguei à experiência de São Paulo. Eu ouvi o vento do céu e ele passou

sobre mim e através de mim e saí daquele lugar como um homem diferente. O velho se foi. Senti-me feliz novamente... Quer seja judeu ou gentio, democrata ou comunista, é uma experiência que todos podem ter.

'Então eu saí e conheci um jovem, apenas um jovem lâmina. Ele disse: "Que tal uma caminhada?" Passamos por Derwentwater. Contei-lhe a minha experiência, aquela revelação da Cruz de Cristo que atendeu à minha necessidade imediata. E antes de chegarmos ao fim da caminhada, ele também teve a mesma experiência.

“Precisamos de uma busca apaixonada pelo indivíduo”, continuou ele. 'São aqueles que estão a favor de Deus e aqueles que estão contra Ele. Se você está na corrente principal da vontade de Deus para você, não depende de resultados. É Deus quem dá os resultados.'

Alguns cristãos sinceros têm-se perguntado como Buchman poderia regressar repetidamente à sua experiência em Keswick e, ao mesmo tempo, ajudar homens como U Nu e Abdel Khaiek Hassouna nas suas vidas pessoais e públicas, sem exigir que se juntassem à Igreja Cristã. Certamente não foi porque a sua fé ou dependência de Cristo diminuiu com o passar dos anos – muito pelo contrário.

A chave parece ter sido que Buchman se dedicou a ajudar as pessoas que conheceu a dar o próximo passo que Deus lhes estava revelando. Seus amigos de outras religiões sabiam o que ele acreditava e o que ele tentava viver – e foram atraídos por isso. Ele respeitava suas crenças sinceras e sabia que muitas vezes eles haviam absorvido uma ideia distorcida do cristianismo pela maneira como viam viver as pessoas dos países chamados cristãos. Ele viu a sua parte como demonstrar a beleza e a relevância da presença viva de Cristo numa pessoa ou numa comunidade - e deixar espaço para o Espírito Santo trabalhar nos seus corações como Ele desejasse. Ele tinha certeza de que Deus poderia tornar Sua vontade conhecida a qualquer pessoa, assim como fez aos judeus no Antigo Testamento, e que Ele não perguntou primeiro se a pessoa que O procurava era um cristão, uma pessoa de alguma fé diferente ou, como os comunistas do Ruhr, sem qualquer fé. Assim, no sentido mais profundo, ele não aspirava a fazer proselitismo, mas a colocar as pessoas em contacto com o Espírito que “sopra onde quer”.

Assim, com U Nu, ele se concentrou em ajudá-lo a acreditar que poderia receber orientação. Ao líder muçulmano ganense, o Tolon Na, ele simplesmente comentou: 'Quando foi a última vez que você roubou?' Quando ele emergiu, ainda um bom muçulmano, da

violenta reavaliação de sua vida na qual esse único comentário o lançara, o Tolon Na havia corrigido tudo em sua vida que ele podia ver ter feito de errado. Ele frequentemente explicava que a Cruz significava para ele que quando a vontade de Deus cruzasse a sua vontade, ele deveria escolher a vontade de Deus.

“A genialidade do Rearmamento Moral”, escreve o teólogo alemão, Professor Klaus Bockmühl, “é trazer a substância espiritual central do Cristianismo (que muitas vezes ele demonstra de uma forma mais fresca e poderosa do que o fazem as Igrejas) de uma forma secular e forma acessível. Daí a ênfase em padrões morais absolutos. Mas a direção do Espírito Santo é igualmente essencial.” “A genialidade”, acrescenta Bockmühl, “está no equilíbrio dos dois.”<sup>1210</sup>

---

<sup>1210</sup> Klaus Bockmühl ao autor, 3 de março de 1984.

## A BATALHA DO HOMEM CEGO

Um produto de grande alcance desta assembleia de 1959 foi um panfleto de 32 páginas intitulado Ideologia e Coexistência. Depois de 1956, quando Krushchev denunciou Estaline, pareceu a muitos amantes da democracia e da paz que a antiga agressividade da União Soviética estava a dar lugar a uma competição mais moderada. A frase “coexistência pacífica”, que Krushchev popularizou, levou à esperança de que o mundo estava a emergir numa rivalidade menos perigosa entre as democracias e as ditaduras comunistas.

Buchman não concordou com esta opinião. Ele vinha proclamando há mais de uma dúzia de anos que a democracia sem uma ideologia moral e espiritual no seu cerne não era páreo para os totalitários de direita ou de esquerda. No seu discurso de abertura na assembleia em 1959, ele citou com aprovação as palavras de um antigo Chefe de Operações Navais e Embaixador Americano em Moscovo, o Almirante William Standley, de que “a escolha pela América é o rearmamento moral ou o comunismo”.<sup>1211</sup> Ambos Standley e Buchman referiam-se às ideologias e não às organizações. Nenhum dos dois teria dito que a escolha era entre o Grupo de Oxford e o Partido Comunista. Buchman almejava uma revolução através da qual a Cruz de Cristo pudesse mudar tanto os comunistas como os não comunistas.

O panfleto, por outro lado, passou grande parte do seu espaço alertando as pessoas sobre as estratégias e táticas do comunismo. Citou ideólogos russos, chineses e outros da época para mostrar que o objetivo a longo prazo do comunismo revolucionário ainda era a dominação mundial, e alertou os líderes ocidentais de que, se quisessem encontrar os comunistas em igualdade de condições, necessitariam de uma filosofia defendida com a mesma paixão. e planejar e um modo de vida mais disciplinado. A palavra “ideologia” foi definida como “uma ideia que domina toda a pessoa – os seus motivos, o seu pensamento, a sua vida – e luta com uma estratégia para fazer com que todos os outros vivam da mesma maneira”.

---

<sup>1211</sup> Buchman, pág. 251.

Buchman foi citado no sentido de que “a batalha pela América é a batalha pela mente da América”. “O pensamento de uma nação está em ruínas antes de uma nação estar em ruínas”, continuava a citação. “As pessoas ficam confusas sobre se é uma questão de ser de direita ou de esquerda, mas a única coisa que realmente precisamos é ser guiados pelo Espírito Santo de Deus... A América não tem muito da sua grande herança moral. Basta pensar, se não conseguirmos dar ênfase a um clima moral, para onde irá a nossa democracia? Alguns de nós temos estado tão ocupados cuidando dos nossos próprios assuntos que nos esquecemos de cuidar da nação... A verdadeira linha de batalha no mundo de hoje não é entre classe e classe, não entre raça e raça. A batalha é entre Cristo e o Anticristo. Escolha hoje a quem você servirá.”<sup>1212</sup>

Durante os meses seguintes, equipes de Rearmamento Moral em muitas partes do mundo começaram a trabalhar traduzindo, imprimindo e distribuindo milhões de cópias do livreto, e quando Buchman abriu a conferência de verão em Caux, em junho de 1960, ele afirmou que 73 milhões de cópias haviam sido perdidas. nos lares dos Estados Unidos, Canadá e Europa Ocidental, bem como da Índia, América Latina, Austrália e Japão.<sup>1213</sup> Foi traduzido para vinte e quatro línguas e tornou-se a publicação mais amplamente distribuída que o Rearmamento Moral alguma vez produziu.

Foi também o mais polêmico. Na Finlândia, por exemplo, o Presidente Kekkonen mandou chamar Lennart Segerstråle, o reputado pintor, que era o presidente do órgão jurídico do Rearmamento Moral naquele país, e repreendeu-o severamente por organizar a sua distribuição a milhões de lares finlandeses. Por outro lado, o grande ancião do socialismo finlandês, Väinö Tanner, disse que era exatamente o que era necessário para clarificar a mente das pessoas.

Em retrospectiva, muitas pessoas dentro do Rearmamento Moral duvidaram da sabedoria da medida, uma vez que criou uma imagem anticomunista que era uma simplificação grosseira da filosofia do Rearmamento Moral. Buchman estava, no entanto, de coração e alma por trás do empreendimento. Ele simplesmente sentiu que um aviso e um desafio eram urgentemente necessários e, como sempre, pouco se importou com as imagens

---

<sup>1212</sup> Ideologia e Coexistência (Rearmamento Moral, 1959), p. 30.

<sup>1213</sup> Buchman, pág. 259.

públicas ou com a reputação do seu trabalho. Caracteristicamente, ele fez o que lhe parecia certo, às vezes com o mínimo de consulta, e deixou as faíscas caírem onde queriam.

Enquanto seus amigos trabalhavam com Ideologia e coexistência, Buchman deixou Mackinac e voltou para a beleza de Tucson. No caminho, ele fez duas visitas - a primeira ao padre da ilha, padre Ling, que estava doente no hospital St Ignace, do outro lado da água de Mackinac. Ele havia passado quarenta anos na ilha e ia ver Buchman uma vez a cada quinze dias, sempre que ele estava lá. Agora o velho padre estava morrendo lentamente. Ele saiu da cama para conversar com Buchman, que no ano anterior havia contratado um de seus amigos para cuidar do companheiro mais próximo do pai, seu cachorro Max. Os dois homens despediram-se, cada um sabendo que era a última vez.

A segunda visita foi a Anoka, Minnesota, à casa de seu tio, falecido na Guerra Civil. Ele e seus companheiros ouviram mais uma vez como o tio tinha ido para a guerra, deixando sua esposa e um bebê com apenas uma moeda de cinquenta centavos, uma moeda que foi novamente distribuída respeitosamente.

Em Tucson os telegramas, telexes e telefonemas chegavam incessantemente. Ele trabalhava duro na cama, de manhã cedo, e durante o almoço e o jantar com seus convidados. Alguns eram figuras públicas, alguns velhos amigos; alguns ambos. À medida que envelhecia, ele dispensava cada vez mais a formalidade e dizia sem rodeios o que pensava. Uma proeminente mulher do Comitê Republicano falava sem parar enquanto seu marido silencioso comia resignadamente. Finalmente Buchman viu uma abertura e disse: 'Senhora, você precisa ouvir o dobro do que fala!' O marido ergueu os olhos com alegria e fez seu primeiro comentário sobre a refeição. A esposa começou a ouvir e a conversa do almoço continuou até o chá da tarde ser servido.

Nos primeiros meses de 1960, Buchman pensava frequentemente num grupo de mineiros alemães que iniciava uma digressão mundial com a sua peça *Hoffnung* (Esperança). O show estava acontecendo em Roma no dia 20 de fevereiro, e ele despachou Howard para se juntar a eles lá. Deveria então seguir para Chipre e Kerala. Um dos maiores simpatizantes de Buchman em Roma foi o cardeal Eugène Tisserant, então decano do Colégio dos Cardeais. Quinze meses antes, apenas duas semanas após a eleição do Papa João XXIII, ele tinha informado a Buchman através de um amigo que acreditava que uma nova atitude em relação ao seu trabalho estava a caminho. “O novo Papa terá uma visão ampla desta questão”, dissera

ele a um dos colegas de Buchman em Roma. 'Eu o conheço. Eu conheço o Dr. Buchman. Ele entende. Ele coloca os católicos para cuidar dos católicos em Caux. Todas as minhas informações são positivas e favoráveis. Ele nunca tira ninguém de sua Igreja... Acredito que você tenha problemas com alguns bispos... Falei com Suenens. Ele era contra. Suas opiniões não são a última palavra. Garanto-lhe mais uma vez que algo será feito.'<sup>1214</sup>

O Cardeal tinha sido até recentemente Prefeito da Congregação das Igrejas Orientais e estava particularmente interessado em Kerala, onde conhecia intimamente a situação, bem como muitas das personalidades envolvidas. Assim, quando, em fevereiro de 1960, recebeu um convite para uma apresentação privada de Hoffnung, aceitou imediatamente. No último momento, porém, decidiu não comparecer, atendendo a um pedido urgente de um funcionário do Santo Ofício. Quatro dias depois, ele estava se encontrando com o Papa João XXIII e levantou com ele o assunto do Rearmamento Moral. Ele descreveu a conversa deles para dois amigos de Buchman dois dias depois. 'Faz muito tempo, eu tinha dois volumes para entregar a ele, mas não mencionamos nada', disse ele. 'Toda a audiência falou sobre o Rearmamento Moral... O Papa parece ter ouvido pouco sobre o seu trabalho, exceto quando ele estava na França... Eu disse a ele que por causa da visita desta peça a Kerala eu estava ansioso para Veja. Conte-lhe o que já tinha acontecido em Kerala através do Rearmamento Moral - como a liderança hindu e a liderança católica se uniram em Caux e como isso me foi relatado por Rajmohan Gandhi. Conte-lhe sobre o excelente trabalho realizado em Mackinac e Caux, e como os católicos que iam para lá nunca eram colocados sob a direção espiritual de não católicos. Falei-lhe então da importância da obra na Ásia, conforme me foi relatada. Conte-lhe então sobre o apoio do Cardeal Liénart e o forte apoio do Cardeal Gushing.'<sup>1215</sup>

---

<sup>1214</sup> Andrew Mackay para Buchman, 13 de novembro de 1958.

<sup>1215</sup> O Cardeal Achille Liénart permaneceu um amigo fiel do Rearmamento Moral desde 1948. Isto foi originalmente ocasionado pelo que ele viu acontecer na indústria em sua diocese de Lille, e uma vez descreveu o Rearmamento Moral como 'uma ruptura do chicotear os cristãos que se esqueceram de sua missão.' (Arnold Lunn: Catholics and MRA, memorando não publicado, setembro de 1953.) O cardeal Cushing, de Boston, deu muitas indicações de seu apoio. Ele escreveu a Eugene von Teuber nessa época: "Eu mesmo e muitos outros foram inspirados por católicos e não católicos afiliados a este movimento... O MRA faz um bem tremendo. Não conheço nenhum católico que já tenha sido identificado com ele que não tenha se tornado um católico melhor. ...Continue o bom combate: você está do lado dos anjos.' (Cushing para von Teuber, 12 de novembro de 1960.)

'O Papa', continuou Tisserant, ficou muito interessado e comentou que eu provavelmente tinha feito a coisa certa ao não ir à peça.' Tisserant resumiu a ocasião como “um momento muito valioso”.<sup>1216</sup>

Para Buchman esta notícia foi particularmente bem-vinda. Parecia uma luz no fim de um túnel escuro. Durante dez anos ele achou difícil entender por que seu trabalho era julgado duramente por algumas autoridades da Igreja Romana. Os não católicos no Rearmamento Moral começaram a compreender melhor a Igreja e a perceber que, ao insistirem ingenuamente nas suas próprias ideias e métodos, tinham por vezes sido ofensivos. Isso havia

parado, mas parecia fazer pouca diferença.

Na verdade, só alguns anos depois da morte de Buchman é que se tornou claro que o relatório de Tisserant era o início de uma nova situação. O espírito ecumênico do Concílio Vaticano ainda tinha de fazer o

seu trabalho, e os contatos pessoais com o Cardeal Ottaviani, o chefe do Santo Ofício

na altura do seu aviso, estavam quase dez anos à frente. Gabriel Marcel relatou que Ottaviani disse então: 'Houve uma vez um mal-entendido, mas tudo acabou.'<sup>1217</sup>

Duas semanas depois de receber a notícia da ação de Tisserant em Roma, Konrad Adenauer convidou Buchman para encontrá-lo em Los Angeles, onde receberia um diploma honorário da Universidade da Califórnia. No mês de dezembro anterior, Buchman tivera uma



Konrad Adenauer veio para Caux em setembro de 1948. Aqui ele visitou Buchman em Los Angeles em 1960, quando era chanceler.

©Richard Tegström/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>1216</sup> *ibid.*, 28 de fevereiro de 1960.

<sup>1217</sup> Marcel, *En chemin, vers quel éveil*, pp.

falsa troca de cartas com o décimo oitavo neto do chanceler, Sven-Georg, o primeiro filho de Georg Adenauer. Buchman escreveu ao bebê de três meses o quanto discordava da afirmação de Krushchev de que os netos dos estadistas de hoje seriam comunistas. Seguiu-se uma longa carta com notícias de todo o mundo para apoiar a sua afirmação de que essas crianças seriam revolucionários cristãos que mudariam os comunistas. Ele se divertiu com a resposta que chegou: 'Querido tio Frank, muito obrigado, também em nome de meus pais e de meu avô, pela carta gentil e comovente que recebi hoje. É a primeira carta da minha jovem vida e devido à sua importância, quereirei mantê-la segura. 'Estou muito bem, só que às vezes, à noite, quando sinto fome, tenho que chorar por mais ou menos uma hora.

'Sei que meus pais acompanham seu trabalho com grande interesse e agradecemos por todos os problemas que você enfrenta e pela ajuda que está dando ao nosso mundo. Meus pais e eu enviamos a vocês na América nossas melhores saudações de Natal e Ano Novo, mas acima de tudo desejamos a vocês e àqueles que trabalham com vocês saúde, sucesso e felicidade no próximo ano.

— Então, mais uma vez, muito obrigado pela sua amável carta. Muitas saudações amorosas do seu amigo, Sven-Georg Adenauer.<sup>1218</sup>

Um eco desta correspondência pode ser visto num artigo que o Chanceler concordou em publicar no *New York Journal-American*<sup>1219</sup> antes da sua visita à América. Não foi uma obra-prima literária, sendo um resumo de suas muitas mensagens anteriores a Buchman e declarações públicas sobre o Rearmamento Moral. No entanto, ele comentou que, por sua vez, estava “convencido de que os netos de Krushchev não serão comunistas” e prestou homenagem ilimitada à contribuição do próprio Buchman para a reabilitação da Alemanha após a guerra, ao seu trabalho pela paz durante os quinze anos pós-guerra. anos de guerra e a necessidade contínua da sua mensagem nos próximos anos. - “Neste momento de confusão na Europa, precisamos, e especialmente na Alemanha dividida, de uma ideologia que traga clareza e poder moral à definição das relações internacionais”, começou por dizer. 'Uma nação com uma ideologia está sempre na ofensiva. Uma nação sem ideologia está satisfeita consigo mesma e está morta.' “Comece por si mesmo – esse, na minha opinião, é o desafio básico do RAM”, concluiu. 'Que este desafio ressoe por todo o mundo e em todas as nações.'

---

<sup>1218</sup> Sven-Georg Adenauer para Buchman, 17 de dezembro de 1959.

<sup>1219</sup> New York Journal-American, 31 de janeiro de 1960.

Buchman sentou-se com o grupo do Chanceler na cerimônia de graduação e participou de três outras ocasiões em que Adenauer discursou, incluindo um pequeno almoço em 19 de março. No jantar cívico, o Chanceler disse a Buchman: 'Devo dizer-lhe o quanto valorizo você e seu trabalho. É absolutamente essencial para a paz do mundo.'<sup>1220</sup>

Buchman agora achava cada vez mais difícil se movimentar. Ele geralmente era transportado em uma cadeira de rodas, sua força era estritamente limitada e sua visão continuava a falhar. No caminho para consultar um oftalmologista de Tucson, seus companheiros notaram que ele se esforçava para distinguir as montanhas, as árvores e os edifícios. Esperando no consultório, ele ficou sentado ansioso, alerta, testando sua visão na fresta de luz que entrava pela porta da sala mal iluminada e na luminária da mesa do médico. Ele havia trazido um livro para ele, já com a inscrição: 'Ao Dr. Sherwood Burr, que está me ajudando a enxergar novamente, com gratidão.'

Ao examiná-lo, Burr perguntou: 'De onde você vem?'

“Pennsburg, Pensilvânia”, disse Buchman.

'As pessoas em casa sabem o quão famoso você é?'

“Ah, não”, riu Buchman.

'O que você vê na tela?'

'Nada.' Uma pausa. 'Só consigo distinguir um raio de luz.'

Na tela havia um enorme 'E'. Uma lente permitiu-lhe ver. Mas nada poderia ajudá-lo a distinguir algo menor, apesar dos pacientes experimentos do especialista e dos esforços concentrados de Buchman.

'Há quanto tempo você não consegue ler?'

'Cerca de um ano.'

Burr endireitou-se e olhou para Buchman. 'Doutor', disse ele lentamente, 'receio que não haja nenhum dispositivo óptico feito atualmente que possa melhorar sua visão.'

— Você quer dizer que não há esperança. Suponho que isso levará à cegueira total?

— “Essa é a maneira sensata de ver as coisas”, disse Burr, “mas você pode ficar com o que tem, pelo tempo que precisar; e só o Senhor sabe por quanto tempo você vai precisar, e Ele não fala.'

---

<sup>1220</sup> Arizona Daily Star, 22 de março de 1960.

— 'Sim, isso mesmo, só o Senhor sabe.' Buchman sorriu. 'Ele não fala..., mas precisamos fazê-lo falar.' Depois entregou a Burr o livro com a inscrição.

Com o mesmo espírito animado, ele reuniu a sua equipa, de 150 pessoas, para acompanhá-lo naquela que se revelou a sua última viagem através do Atlântico. Ele convidou vários de seus colegas americanos para acompanhá-lo, cada um com uma carta pessoal.

No dia 1º de abril ele deixou Tucson, dizendo que os dois invernos que passou lá foram dos mais felizes de sua vida. Durante a última semana a casa ficou lotada de amigos dos mais variados tipos. Um empreiteiro e sua companheira – uma das esposas veio da Itália – prepararam na cozinha um jantar de despedida napolitano de grandes proporções. Os convidados incluíam autoridades municipais, distritais e empresariais, o fornecedor de sorvete com sua família, um banqueiro, estudantes estrangeiros; todos os aspectos da vida da cidade pareciam estar presentes.

Buchman, porém, não olhou para trás. “Precisamos de algo novo, algo absolutamente novo”, disse ele aos que o acompanhavam. 'Que a graça de Deus repouse sobre nós para nos permitir ser diferentes sem fim - constantemente renovados. Estamos sendo elevados para esferas nas quais não trabalhamos até agora. Tudo deve ser diferente. Nossas nações devem ser diferentes.

'Estamos prontos para a batalha ideológica? Não, nós não estamos. Fizemos um pouco, mas precisamos fazer muito mais.'<sup>1221</sup>

---

<sup>1221</sup> Spoerri, Dinâmica fora do silêncio, p. 206.

## ENCONTRANDO TEMPO PARA MORRER

Enquanto o *SS América* descia o rio Hudson, passando pelos resplandecentes arranha-céus, Buchman disse ao seu grupo de vinte e quatro pessoas: "Durante esta viagem alcançaremos todas as pessoas a bordo". Algo assim aconteceu, embora ele próprio raramente saísse de sua cabine. O comissário apresentou o filme *The Crowning Experience* duas vezes por demanda do público. O capitão deu uma recepção à festa e o chefe do Sindicato Marítimo Nacional a bordo pediu-lhes que discursassem numa reunião especial do sindicato às dez horas da noite. O local da reunião estava lotado e, após o término do horário combinado para o discurso, a assistência pediu mais. Alguns ficaram conversando até as três da manhã. Um homem corpulento da casa de máquinas comentou: 'Essa foi a melhor reunião sindical que já tivemos. O navio inteiro está falando sobre isso. Cada vez que tenho uma briga em casa vou para o mar. Uma grande fila significa a Ásia, uma pequena significa o Caribe. Esta foi uma linha de tamanho médio. Decidi escrever para a velha amanhã.

Entre o partido de Buchman estava Eudocio Ravines, do Peru. Ele tinha sido o delegado sul-americano no Comintern e responsável pela criação do primeiro governo de frente popular no continente. Tinha sido treinado por Mao Tsé-tung naquilo a que chamou a "Via Yenan" de tomada de poder comunista, que se concentrava na exploração das fraquezas morais do mundo burguês.<sup>1222</sup> Desiludido com o comunismo, encontrou então um objetivo mais amplo através do Rearmamento Moral. Quando ele, sua esposa e filha falaram juntos na reunião do sindicato a bordo, o público, muitos de Cuba e da América Latina, ficou perplexo. O comissário de bordo de Buchman veio a Ravines e disse:

— Eu também sou do Peru. Meu tio colocou você na prisão. Diga-me o que mudou você. Quando Buchman ofereceu uma gorjeta no final da viagem, o comissário recusou.

---

<sup>1222</sup> Ver Ravinas: *The Yeman Way* (Scribners, 1951), pp.

— Você não me deve nada, disse ele, e acrescentou a um espectador: Aquele homem, Frank Buchman, é uma maravilha. Três ou quatro homens como ele virariam o mundo de cabeça para baixo.

Ao passar por Paris na altura da fracassada Conferência de Cimeira de Maio de 1960, Buchman recebeu o General Speidel, Comandante das Forças Terrestres da OTAN. “O nosso ponto mais fraco na NATO é a esfera ideológica”, disse o General. 'Não fizemos quase nada... O Rearmamento Moral tem sido pioneiro no que a Europa realmente precisa de fazer para chegar positivamente a outros continentes.' Ele exemplificou a acção dos mineiros alemães que levaram a sua peça Hoffnung não só à Grã-Bretanha, França e Itália, mas também a Chipre, Kerala e Tóquio. “Esse é o tipo de iniciativa de que a OTAN é incapaz, mas deve ser feita para que a liberdade cresça no mundo”, disse Speidel.<sup>1223</sup>

O Chefe da Polícia de Paris fez uma reverência respeitosa ao ser apresentado a Buchman numa recepção. 'Ah', disse Buchman, 'somos colegas.' E tirou do bolso um cartão que dizia, para grande diversão do parisiense, que Buchman era o Exmo. Xerife da cidade de Tucson, Arizona'.

Durante estes meses, Buchman esteve cada vez mais confinado à cama, seja em Paris, Caux, Londres, Milão ou Roma, mas a sua mente estava constantemente trabalhando sobre como satisfazer as exigências de mão-



Buchman trabalhando em sua cama.  
© Arquivo Buchman/MRA Productions  
[View Photo Thumbnail Navigator](#)

de-obra que o enfrentavam em todos os continentes. Seu planejamento imaginativo teria sido notável num homem muito mais jovem. Alguns dos jovens revolucionários japoneses, membros da organização Zengakuren, cujas manifestações na Primavera de 1960 impediram

---

<sup>1223</sup> Martin MSS.

a visita do Presidente Eisenhower ao Japão,<sup>1224</sup> foram posteriormente afetados pelo Rearmamento Moral. Buchman os convidou para ir a Caux e os encorajou a escrever uma peça, *O Tigre*, que percorreu a Europa e, na América, chamou a atenção do ex-presidente. Eisenhower ouviu a história deles por uma hora. “Este é o último ato dos motins de junho”, disse ele, “e tem um final feliz”.

Líderes do Brasil, Peru, Argentina e outros países latino-americanos convidaram esses japoneses para seus países e, durante os últimos meses de sua vida, Buchman enviou-os e um grupo de outras trinta nações para a América do Sul. Em Manaus, no Rio Amazonas, no Brasil, noventa mil pessoas compareceram uma noite para assistir *O Tigre*. No Recife, no coração do Nordeste assolado pela pobreza, os fidelistas acorreram às apresentações. Alguns mudaram e foram fundamentais para diminuir a corrupção, a corrupção, a embriaguez e a corrupção no porto.

As forças aéreas do Brasil e do Peru levaram todo o grupo para áreas remotas. Os índios norte-americanos, liderados pelo Chief Walking Buffalo em seu nonagésimo ano, foram ao encontro de seus irmãos sul-americanos, cumprindo uma promessa feita a Buchman um ano antes em Mackinac. Na fortaleza montanhosa de Sacsahuaman, logo acima de Cuzco, onde trinta anos antes Buchman vira os estudantes em revolta, quarenta mil indianos viram *O Tigre*, empoleirado nas laterais de um gigantesco anfiteatro natural. A festa também visitou Machu Picchu, a ‘cidade perdida’ dos Incas, que havia sido redescoberta pelo pai de um deles.

Um dos que vieram a Caux naquele verão foi o Dr. Bernardus Kaelin, que de 1947 até o ano anterior foi Abade Primaz da Ordem Beneditina. Ele veio porque durante o inverno anterior viu o efeito do *Hoffnung* em diversas escolas católicas na Suíça. Depois de vários dias, ele pediu permissão para falar e divulgou seu discurso à imprensa. O “Rearmamento Moral”, começou ele, “pode conquistar todos os homens porque os seus padrões são universalmente válidos. Não é uma religião nem um substituto para a religião. Não é uma seita. Tem quatro pilares poderosos sobre os quais a vida humana deve basear-se. Todo homem deve aceitar essas ideias se for honesto consigo mesmo.”

---

<sup>1224</sup> A recusa dos Seinendan em participar dos tumultos, juntamente com o apoio dos social-democratas liderados pelo senador Kato, contribuíram muito para construir a nação unida neste momento. (cf. Entwistle, *Japan's Decisive Decade*, pp. 181-6.

O Abade Kaelin continuou dizendo que “Bento também deseja os quatro padrões de honestidade absoluta, pureza, altruísmo e amor” e “ordena ao abade e ao monge que realmente moldem suas vidas de acordo com a orientação de Deus”. “Há tantas pessoas que estão muito familiarizadas com a religião, mas para quem ela é capital desempregado”, acrescentou. 'É por isso que é uma grande satisfação para mim que tantas pessoas no Rearmamento Moral vivam a sua ideologia de forma séria e consistente... Durante a grave situação mundial dos séculos V e VI, Bento XVI ensinou através da sua vida e da sua governar o que as nações devem fazer para se tornarem e permanecerem sólidas. Assim, no século XI, ele se tornou um dos fundadores da civilização ocidental. Menciono este fato para encorajar o Rearmamento Moral hoje...É uma nova forma concebida para prevenir uma falsa ideologia.'<sup>1225</sup>

Buchman gostou muito da personalidade e visão do Abade. Ele viu nele muitas das qualidades que havia adorado em B. H. Streeter vinte e cinco anos antes. “Ele é um prelado de grande coração, franco e lutador”, escreveu ele ao padre Ling.<sup>1226</sup> Kaelin acompanhou-o a St. Gallen quando o governo cantonal lhe ofereceu um jantar de recepção em outubro, e mais tarde juntou-se a Buchman na Itália, depois de a cidade ancestral dos Buchman, Bischofszell, deu a Buchman uma recepção semelhante.

Com exceção de três semanas em Caux no Natal, Buchman passou os quatro meses seguintes na Itália. Ele levou para Milão as peças que vinha apresentando na Suíça, *O Furacão e a Escada*, de Howard, e o filme *Homens do Brasil*. A resposta foi ótima,



Buchman tomando chá com o professor BH Streeter.

©Richard N. Haile FIBP FRPS/MRA Productions

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

<sup>1225</sup> Buchman, pp.

<sup>1226</sup> Buchman ao Padre Ling, 11 de outubro de 1960.

principalmente no subúrbio de *Sesto San Giovanni*. O Abade Kaelin, tal como Streeter muito antes, ficou encantado por ser recebido nas casas dos trabalhadores comunistas - velhos amigos de visitas anteriores do Rearmamento Moral - e por ter a nova alegria de trazer indivíduos de volta a Deus e à Igreja. Recebendo no Natal uma advertência do Santo Ofício, ele obedientemente parou de falar em público sobre o Rearmamento Moral, mas em novembro viajou para Roma para contar as suas experiências aos seus muitos amigos, entre eles os Cardeais Tisserant e Bea.

Buchman esteve excepcionalmente ativo em suas três semanas em Caux naquele Natal. Participou das reuniões matinais dos dias 20 e 21 de dezembro, além de oferecer chás para os convidados principais. “Aqui tivemos um dia de Natal poderoso”, escreveu ele a um amigo na América. ‘Os gregos e os turcos de Chipre trouxeram mensagens do Arcebispo Makarios e do Dr. Kuçuk.’<sup>1227</sup> Um africano, que quando esteve aqui anteriormente estava tão possuído pelo ódio pelo homem branco que não conseguia terminar um discurso na plataforma, levantou-se e levantou-se. homem livre, pronto para assumir uma posição de grande responsabilidade em seu país.<sup>1228</sup> Ele passou apenas oito dos vinte e um dias inteiramente na cama e apareceu no hall de entrada para cumprimentar seus convidados principais e conversar com muitos durante as refeições.

Depois de Caux, Buchman e um grupo de mais de trinta pessoas retornaram a Roma. Ele ficou até 6 de março, e foi novamente um período agitado, combinando muitas reuniões individuais com exibições privadas do filme *The Crowning Experience*. Entre os seus visitantes estavam a viúva do Signor Marconi e a viúva e filha do ex-Primeiro-Ministro de Gasperi. No dia 7 de fevereiro, o médico de Don Luigi Sturzo veio tomar chá e disse o quanto seu paciente havia falado do trabalho de Buchman durante suas últimas semanas, referindo-se a ele como “fogo do céu”.<sup>1229</sup> Buchman preparou um dossiê a pedido do Cardeal Tisserant e recebeu vários convidados. de bispos, incluindo o Arcebispo Gregorius, que trouxe as últimas notícias de Kerala. Uma tarde, ele também deu chá ao Padre Damboriena, o homem

---

<sup>1227</sup> Presidente e Vice-Presidente respectivamente. Em 1960, em reconhecimento à ajuda do MRA, enviaram conjuntamente a primeira bandeira do Chipre independente para Buchman em Caux.

<sup>1228</sup> Buchman para Mary Reynolds, 26 de dezembro de 1960.

<sup>1229</sup> Sturzo, na velhice, foi encorajado pelo Rearmamento Moral. Quando ouviu de Irene e Victor Laure como eles haviam encontrado a fé em Deus, ele comentou: 'Agradeço a Deus por ter encontrado aliados na luta pela moralidade. rearmamento do mundo.' Seu último livro foi intitulado Rearmamento Moral.

que em 1957 escreveu os artigos na *Civiltà Cattolica* e no *Monitor Ecclesiasticus* que espalharam os equívocos mais fantásticos sobre o seu trabalho.

Em seu retorno a Caux, Buchman recebeu notícias de estreias de sucesso de *The Crowning Experience* em Roma e Milão. Um crítico de Milão escreveu: “Isso transcende o teatro. Um filme com a maior força moral e espiritual alguma vez produzida pela indústria.”<sup>1230</sup> Isto confirmou exatamente a visão do próprio Buchman sobre o filme, que não elevou a sua opinião sobre a imprensa ou sobre os seus colegas nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, onde o público comercial era menos entusiasmado.

Durante todo este ano, Buchman foi possuído por um tremendo senso de urgência. Foi em parte causada pelos avanços que ele acreditava que o comunismo mundial estava fazendo - embora tenha dito aos seus colegas que eles viveriam para ver o comunismo como uma força esgotada. Ocasionalmente - especialmente na América, onde ser "contra o comunismo" lhe parecia a forma barata de muitas pessoas evitarem a necessidade de enfrentar os seus próprios pecados - ele proibiu a sua equipe de sequer mencionar a palavra. Sempre sustentou que a mensagem do Rearmamento Moral teria sido necessária se o Comunismo nunca tivesse existido, e ainda seria necessária se este desaparecesse da terra. A sua principal preocupação agora, portanto, era com o que ele via como a crescente decadência nas nações, e particularmente entre os seus líderes.

Este sentido de urgência levou-o a produzir três importantes pronunciamentos públicos em três meses naquele verão. Todos foram reproduzidos em dezenas de jornais de todo o mundo, como anúncios pagos de página inteira. Ele irritou-se com o que considerou um boicote da imprensa e sentiu que esta era a única maneira de transmitir a sua mensagem.

A primeira das três declarações de Buchman, em abril de 1961, tinha o título “Todas as barreiras morais foram derrubadas”. Foi estimulado por uma palestra, na qual estive presente, entre ele e Sir Richard Livingstone, antigo vice-reitor da Universidade de Oxford. Livingstone lhe dissera: “Quando você e eu éramos jovens, havia barreiras morais. Nem sempre os cumprimos, mas sempre sabíamos quando os tínhamos cruzado. Hoje todas as cercas foram derrubadas. Buchman deu exemplos vívidos de como as pessoas em todo o mundo estavam começando a reconstruir os fundamentos morais das suas nações, começando por si mesmas. Terminou citando a resposta de um almirante americano quando questionado

---

<sup>1230</sup> Arturo Lanocita no *Corriere della Sera*, 23 de junho de 1961.

por colegas cínicos por que ele havia participado três vezes de assembleias de Rearmamento Moral. “Aprendi”, dissera o almirante, “o que significa uma ideologia: começar a fazer o que devíamos ter feito desde o início e fazê-lo todos os dias, todos os dias, durante o resto das nossas vidas”.

'Solid Rock and Shifting Sand', em maio, foi o relatório de uma ampla série de iniciativas. Começando com o que o El País de Montevideú descreveu como “a maior ofensiva ideológica empreendida no continente latino-americano”, liderada pela peça japonesa O Tigre, ele percorreu campanhas semelhantes em países asiáticos e africanos e concluiu com o seu próprio desafio: “O mundo está no fio da navalha da decisão. Devemos fazer tudo para salvar as nossas nações.'

Em 4 de junho de 1961, ele deu o que acabou sendo seu último chamado – uma autobiografia e um testamento, intitulado “*Brave Men Choose/ Homens corajosos escolhem*”. Concluía: 'Esta é a palavra de um homem que, no seu octogésimo terceiro aniversário, passou uma longa vida em todo o mundo, conhecendo e encontrando homens, que viram o desenvolvimento de duas ideologias materialistas e a devastação de duas guerras mundiais, o recuo da liberdade e agora o avanço de uma resposta poderosa... Não há neutralidade na batalha entre o bem e o mal. Nenhuma nação pode ser salva de forma barata. Será necessário o melhor de nossas vidas e a flor de nossas nações para salvar a humanidade. Se fizermos tudo por Deus, venceremos.'<sup>1231</sup>

Buchman estava dirigindo o seu desafio não apenas ao mundo em geral, mas também a si próprio e aos seus amigos mais próximos. “Sinto profundamente o ponto crucial que atingimos nas nossas vidas, pessoalmente e como força”, escreveu ele a dois deles. “Enfrentamos um momento desesperador no mundo e não podemos continuar a viver como vivemos.”<sup>1232</sup> Mais particularmente, o mal-estar que ele sentia durante alguns anos em relação a alguns dos seus colegas mais antigos veio à tona. Estava em agonia de espírito com o que considerava ser seu fracasso em transmitir-lhes a profundidade de sua própria experiência. Seriam eles capazes de enfrentar o futuro sem ele, uma situação que não poderia agora ser adiada por muito tempo?

---

<sup>1231</sup> Buchman, pp.

<sup>1232</sup> Buchman para Anon. (Martin MSS).

A sua inquietação, nesta altura, centrou-se nos seus colegas estadunidenses, embora pudesse igualmente ter sido nos grupos britânicos, suíços ou outros grupos nacionais, como aconteceu em diferentes momentos. 'Como eles perderam terrivelmente a verdade de Deus, aqueles estadunidenses que são “*a menina dos meus olhos*” ', ditou ele no início de 18 de julho. 'Senti isso tão fortemente esta manhã que esperava vir lhe contar isso, mas estou cansado.' Ele fez com que Howard lesse essas palavras em uma reunião de todos os seus colegas americanos em Caux naquela tarde. “Mas Deus segue em frente”, acrescentou, “e todos aqueles que conhecem a verdade serão libertados. É meu desejo consumado para todos vocês.

A reunião fez parte de uma série que aconteceu todas as tardes durante um mês. Garrett Stearly escreve que eles foram “um esforço por todos os meios possíveis para gerar em seus colegas mais próximos uma experiência mais profunda e libertadora do Espírito Santo. Buchman mostrou-se completamente insatisfeito com a nossa qualidade de liderança, achando-nos com mentalidade de movimento, imitadores de si mesmo em vez de guiados por Deus, envoltos numa forma ideológica em vez de ter liberdade para seguir os novos caminhos do Espírito... Diariamente ele tentava trazer vida a experiência interior de Cristo que ele viu em nós no passado.

O objetivo de Buchman era impecável, mas é duvidoso que reuniões repetidas fossem o método mais eficaz para remediar a situação, especialmente porque Buchman estava muitas vezes demasiado fraco para estar presente e tinha de transmitir o seu pensamento e as suas críticas em segunda mão. Alguns deles eram imprecisos e outros ficaram distorcidos na transmissão. Muitos de seus velhos amigos ficaram perplexos. Em particular, quando as pessoas o procuravam, Buchman era tão prestativo como sempre. Os Stearlys foram dois dos que foram conversar com ele. Eles lhe contaram algo que estava impedindo sua eficácia espiritual. 'Imediatamente renasceu um afeto vivo.' Outros tentaram, mas acharam-no fraco demais para recebê-los.

A assembleia, entretanto, prosseguia em seu ritmo habitual. Em meados de julho, os seis abades budistas que tinham sido enviados pela Associação dos Abades Presidentes da Birmânia para celebrar o aniversário do homem que, segundo eles, “vem apenas uma vez em mil anos”, regressaram a casa. Um avião especial chegou da América do Sul e 129 pessoas voltaram para lá para reforçar a campanha. Vieram delegações do Laos e do Quênia, e aviões

e comboios especiais chegaram de toda a Europa. Um telegrama foi recebido do primeiro-ministro Kishi em nome de vários líderes japoneses em vários campos, anunciando a sua intenção de "criar este ano um Centro Asiático RAM em Odawara onde os estadistas do Oriente e do Ocidente possam reunir-se e desenvolver uma estratégia para salvar nossos continentes".<sup>1233</sup> O Primeiro-Ministro também anunciou que visitaria Caux em agosto, tal como o Primeiro-Ministro U Nu da Birmânia.

Buchman foi forçado a passar quase todo o verão na cama, saindo de seu quarto sempre que podia para cumprimentar seus convidados ou vê-los em sua sala de estar. Ele acordava cedo e fazia planos para eles, ou conversava sobre as notícias com os colegas, decidia o que fazer, lia telegramas para ele e sempre, de manhã e à noite, pedia a Bíblia. "Sou um cavalo velho", disse ele alegremente a alguns convidados um dia, "e não sobrou muito de mim. Meu lado direito está paralisado e não posso ficar sozinho. Preciso de alguém comigo o tempo todo. É um trabalho horrível. Mas ainda posso continuar!

No final de julho, ele decidiu que precisava de uma folga de Caux. Sem dúvida, o que ele considerava um período de fracasso com seus colegas estadunidenses ainda pesava muito sobre ele. Ele disse a Campbell: 'Devemos deixar essas pessoas aqui e retirar-nos para um lugar onde possamos pensar no que faremos a seguir.' E refletiu para outro: 'Talvez eu tenha chegado ao fim da minha utilidade para o Grupo.' Mas enquanto isso, o planejamento das visitas de Kishi e U Nu estava em primeiro lugar em seu pensamento. Irène Laure, que o viu diversas vezes, achou sua mente tão perspicaz e voltada para o futuro como sempre.

No dia 22 de julho escreveu a Maria Luz, filha do seu primeiro anfitrião, trinta e três anos antes, no Waldlust Hotel em Freudenstadt: «O meu coração está voltado para Freudenstadt e pretendo visitá-la muito em breve. Estou muito cansado e preciso de um verdadeiro descanso, e quero voltar aos velhos lugares que são sempre uma lembrança tão perfumada. Haveria quatro de nós na festa.

'Eu gostaria de um quarto com aquela vista maravilhosa, pois tenho que passar o dia descansando e tem que ter alguém de plantão no quarto ao lado o tempo todo.

'Que alegria será estar com você novamente.'

---

<sup>1233</sup> Nobusuke Kishi para Buchman, março de 1961.

Em sua última manhã em Caux, ele convidou vários amigos para sua sala de estar. A um deles ele escreveu: 'Estou indo embora, cansado, e preciso descansar, mas Deus tem sido muito bom. Vejo você às 14h45 para me despedir.

Um vaso de rosas estava na mesa ao lado dele e, à medida que cada um chegava, recebia uma. Ele se despediu, encorajando-os no que estavam fazendo - Muriel Smith e Ann Buckles, uma das suíças que cozinhavam em sua cozinha, dois amigos recém-chegados dos Estados Unidos, Peter e Doë Howard, e uma dúzia de outros que levariam adiante o programa diário com os mil convidados em Caux. Então, pontual como sempre, ele partiu para Freudenstadt.

As amplas vistas do campo, o ar saudável da floresta de pinheiros, a sensação de uma mão líder que o trouxe de volta a Freudenstadt deram início ao seu trabalho revigorante. Cedo, na segunda manhã, ele pensou: 'Foi aqui que Deus falou pela primeira vez com você sobre o quadro dos problemas do mundo. Você será poderosamente usado. Primeiro você precisa ficar bom.

Dois dias de descanso e, no terceiro dia, chegou o primeiro convidado - o príncipe Ricardo de Hesse, de carro para passar o fim de semana em Caux. Naquela manhã, Buchman acordou às três. Para Paul Campbell ele ditou os pensamentos que lhe ocorreram: 'Aqui Deus falou primeiro com você. Ele falará novamente. Faça deste um centro para o trabalho mundial. Aqui você entregará sua vida e morrerá. Você pode ver grandes vistas daqui. Toda a Alemanha se levantará. Os planos de inverno serão desenvolvidos. Nestes três dias você está marcando passo. O Príncipe Richard será de grande ajuda. Este *caminho Frank Buchman* será um marco para o mundo inteiro. As pessoas virão aqui em massa.

O *caminho Frank Buchman* era o caminho que ligava o Waldlust Hotel à floresta, por onde ele havia caminhado em 1938, quando teve a ideia de um “rearmamento moral e espiritual para todas as nações”. Foi oficialmente nomeado em 17 de abril de 1956 pelo prefeito e pela Câmara Municipal de Freudenstadt. Buchman não pisava ali desde aquele dia de maio de 1938. No dia 4 de agosto, um glorioso dia de verão, a Srta. Luz enviou-lhe uma mensagem dizendo que o tempo estava tão perfeito que ele não deveria perder o sol. Ele desceu e foi recebido inesperadamente em uma mesa de almoço vizinha pelo governador do Paquistão Oriental, general Azam Khan, e seu embaixador de Bonn. O governador quis agradecer-lhe pelo que tinha feito pelo seu país e Buchman deu-lhe um livro.

Buchman foi empurrado por toda a extensão do *Frank Buchmanweg* (caminho F.B.) em sua cadeira de rodas e, embora não soubesse ler, olhou as placas que o marcavam para o visitante. Feliz, mas cansado, ele voltou para seu quarto. No dia seguinte, ele trabalhou em uma mensagem para Caux e leu para ele uma carta de Howard: "Seus propósitos amadurecerão rapidamente, revelando-se a cada hora." Ontem, enquanto alguns de nós contávamos as últimas novidades aos nossos convidados à mesa, uma sensação avassaladora da maravilha do que Deus está fazendo no mundo me abalou profundamente. É incrível ter a oportunidade de viver neste momento da história e estar preocupado com o que Deus está fazendo através das nações.

'É uma alegria ouvir sua voz tão forte e clara ao telefone e espero que a comida, o ar e a força do lugar onde você está o refresquem poderosamente.'

Buchman estava pensando particularmente na visita de Kishi a Caux para discutir o centro de reunião do Rearmamento Moral japonês. Na manhã de domingo, 6 de agosto, ele sentiu a urgência de enviar um telegrama a Kishi, dando-lhe uma ampla perspectiva sobre sua visita à Europa. Contou-lhe sobre os planos que estavam sendo feitos para que ele se encontrasse com os líderes britânicos em Londres e ofereceu-lhe a hospitalidade do número 45 de Berkeley Square. Citou uma carta de Eisenhower parabenizando os japoneses da obra *O Tigre* por sua "esplêndida cruzada" e disse-lhe que o procurador-geral Robert Kennedy havia recebido membros do elenco em sua visita a Lima. Então, convidou Kishi para trazer todo o seu grupo para Caux com ele.



Agosto de 1961. Última despedida da Europa com os mineiros do Ruhr montando guarda.

©Arthur Strong/MRA Produções

[View Photo Thumbnail Navigator](#)

O telegrama foi discutido com Howard em Caux por telefone e despachado. Buchman estava mentalmente feliz, mas cansado. 'Como estão meus estadunidenses?' foi sua pergunta final. A ideia de que ele poderia morrer em Freudenstadt não pesava sobre ele nem sobre aqueles que estavam com ele. Não havia sensação de iminência. Então, às 14h, ele sentiu uma dor aguda no peito. O especialista local, que veio imediatamente, havia feito uma visita a Caux em suas férias, alguns dias antes. Ele aliviou a dor. De vez em quando Buchman ficava inconsciente, mas cada vez que recuperava a consciência queria saber que notícias haviam chegado. Foi sua primeira pergunta na manhã seguinte, após uma noite agitada. Naquela tarde houve mais um choque e o veredito do médico foi “mortalmente grave”. Amigos ao redor do mundo foram notificados. O príncipe Richard veio de Kronberg, Howard começou imediatamente em Caux.

Enquanto Buchman pairava entre a vida e a morte, suas passagens favoritas da Bíblia eram lidas. Quando o Príncipe Richard leu o Salmo 23, Buchman captou o som de sua voz e sorriu. Então, não muito depois, ele caiu em completa inconsciência. Às 21h45, o último suspiro o deixou como um suspiro.

Houve choque e tristeza no hotel, como também mundo afora. A família Luz, os funcionários do hotel, amigos da cidade carregando uma profusão de rosas e flores do jardim, entraram no quarto para uma última despedida. Uma das empregadas do hotel que cuidava de seu quarto foi encontrada ajoelhada ao lado de sua cama e contou sobre a breve conversa com ele que tornou sua vida diferente.

Na sexta-feira, 11 de agosto, a cidade de Freudenstadt entregou-se à memória de Buchman. Foi o anfitrião de centenas de pessoas de muitos países que compareceram, dos representantes oficiais dos governos federal e provinciais alemães, dos mineiros do Ruhr em uniformes pretos que permaneceram como guarda de honra ao redor do caixão abaixo do crucifixo do século XIV na igreja. Eles compareciam ao serviço religioso pela manhã e à reunião pública no Kursaal à tarde, e quando a noite começou a cair, muitos caminharam ao longo do *Frank Buchmanweg*.

**AVALIAÇÕES**

Durante a última manhã de sua vida, enquanto Buchman estava deitado entre dois mundos, ele levou meia hora, interrompido por momentos de dor, para dizer: “Quero que a Grã-Bretanha seja governada por homens governados por Deus. Quero ver o mundo governado por homens governados por Deus. Por que não deixar Deus governar o mundo inteiro?”

O funeral de Buchman ocorreu em Allentown e ele foi enterrado no tranquilo terreno da família ao lado de seus pais. A ocasião atraiu pessoas de vários países, assim como outras visitas ao seu país ao longo dos anos. Com exceções como David Miller, editor do *Morning Call*, e seus colegas de classe Arthur Keller e Nimson Eckhart, seus concidadãos muitas vezes não sabiam o que fazer com as pessoas que ele costumava levar para casa - entre elas estranhas criaturas exóticas vestidas com os trajes nacionais da Suíça, Índia ou Japão para alguma ocasião pública. Sua faculdade, Muhlenberg, concedeu-lhe um doutorado honorário aos quarenta e tantos anos, mas ele tinha 80 anos quando foi considerado digno da 'Mula' de Muhlenberg, reservada para aqueles considerados como tendo prestado um serviço realmente distinto à comunidade. Agora, porém, o povo de Allentown lotou a igreja e um salão adjacente para o culto.

As mensagens enviadas ao seu funeral, não menos que as dos presentes, mostraram o volume e a variedade das suas amizades. O menino que se sentou ao lado dele no ensino médio, o porteiro em Utrecht a quem ele deu um livro em 1936, o capitão do navio que o levou para a Austrália em 1956, e os porta-vozes dos índios Stoney que telegrafaram: “O mundo inteiro é órfão, como nos sentimos quando soubemos da sua morte”, estavam entre os milhares que enviaram telegramas e cartas. Houve mensagens de Carl Hambro, Adenauer, Schuman, U Nu, Kishi, do Rei de Marrocos, dos chefes rivais das tribos Lulua e Baluba do Congo, e do Presidente e Vice-Presidente de Chipre. Saragat expressou a profunda tristeza dos sociais-democratas italianos e da sua família, e o ex-presidente René Coty da França chamou Buchman de “o apóstolo perfeito da revolução moral”. As centenas de obituários de

jornais variavam desde uma apreciação generosa, passando por comentários ponderados, até ao artigo de Driberg, que concluía que a história se lembraria dele, se o fizesse, “pela sua flagrante declaração: “Agradeço a Deus por um homem como Adolf Hitler””<sup>1234</sup>

O testamento de Buchman era tão simples quanto os seus bens. Ele possuía apenas o título da casa de sua família em Allentown e duas contas bancárias: uma pessoal contendo algumas centenas de dólares que ele não teve tempo de doar, e outra contendo alguns milhares que lhe foram dados em seu recente aniversário para serem usados. a seu critério, para o Rearmamento Moral. Seu testamento dizia: 'Eu gostaria de ter prata e ouro para cada um, mas como meus recursos são tão estritamente limitados, eu dou, planejo e lego todos os meus bens, sejam eles quais forem e onde quer que estejam, para o "Rearmamento Moral" absolutamente. Há muitos que eu gostaria de ter incluído num testamento como este, mas quero que todos sintam que têm uma parte ao participarem na bênção inestimável que chegou a eles e a mim através do Grupo de Oxford e do Rearmamento Moral. A melhor maneira de perpetuar este dom é levar adiante uma filosofia que seja adequada para uma crise mundial e que, finalmente, levará as nações à tão esperada Idade de Ouro, inaugurada pela maior revolução de todos os tempos, pela qual a Cruz de Cristo transformará o mundo.'

Essa foi a sua declaração final: o Grupo de Oxford e o Rearmamento Moral não foram criações suas, mas um presente de Deus para ele e para todos os que estavam preparados para recebê-los; eles eram, e devem continuar sendo, propriedade de Deus, não de organizações, mas instrumentos do Espírito Santo; ele confiou naqueles que deixou para trás para serem sensíveis o suficiente ao espírito de Deus para encontrar Seu plano para cada nova situação. Por trás disso estava a mesma visão – cheia de fé, otimista, às vezes excessivamente otimista – que o animou durante toda a sua vida.

Como descrever Frank Buchman duas décadas ou mais após sua morte? Muitos referiram-se a ele como um estadista, um termo completamente impróprio se a definição do Dicionário Oxford – “uma pessoa qualificada ou que desempenha um papel de liderança na gestão dos assuntos do Estado” – for correta. No entanto, Kishi, na sua última mensagem, chamou-o de “um dos grandes estadistas da Ásia”, uma descrição ainda mais impressionante tendo em conta o tempo muito limitado que passou na Ásia, mas que ilustra o sentido em que a palavra poderia ser usada com justiça. Pois, embora nunca tenha gerido assuntos de Estado,

---

<sup>1234</sup> Daily Herald, 9 de agosto de 1961.

Buchman foi, sem dúvida, um catalisador da reconciliação entre os Estados da Ásia, tal como o foi em outros lugares.

Alguns dos seus colegas mais próximos – e alguns como o irmão Roger de Taizé, que nunca o conheceu – falaram dele como um santo. Donald Attwater, em sua introdução ao *The Penguin Dictionary of Saints*, escreve: 'Um santo não é isento de defeitos: ele nem sempre pensa ou se comporta bem ou com sabedoria: aquele que tem a oportunidade de se opor a ele nem sempre está errado ou tolo... Ele, ou ela, é canonizada porque sua vida diária pessoal foi vivida, não apenas bem, mas em um nível heróico de fidelidade e integridade cristã...'<sup>1235</sup> Se tal vida heróica é uma qualificação, é difícil negar a Buchman algum grau de santidade - uma noção, aliás, que ele não só teria negado, mas também rejeitado, pois tenderia a diferenciá-lo e a contradizer a sua afirmação de que a forma como tentava viver era apenas uma “vida normal”, aberta a qualquer pessoa. Para um homem que tentasse mudar o mundo, a denominação, como salienta Dietmar Lamprecht na sua biografia de São Francisco, acarretaria uma dupla desvantagem: «Assim como se pode evitar o desafio de uma vida exemplar, menosprezando-a, procurando as fraquezas e, finalmente, consolando-a. dizer "não é realmente nada de especial", escreve ele, "assim também alguém pode abandonar o chamado de um santo, elevando-o a algo extraordinário, entre os altares e os vitrais, zombando do desafio de seu vida, declarando-a inatingível.'<sup>1236</sup>

Pessoalmente, prefiro pensar em Buchman como um profeta ambientado numa era apocalíptica, uma época em que Deus está sendo empurrado para um gueto privado e onde os padrões morais estão caindo, uma época em que as civilizações mostram sinais de desintegração e o próprio mundo se sente em perigo de extinção.

Como os profetas ao longo dos tempos, ele trouxe para os seus dias um diagnóstico que atravessa a moda contemporânea. Nem todas as suas profecias de destruição ou de libertação foram cumpridas, mas o seu pensamento tinha uma precisão e uma universalidade que penetrava em pessoas de todos os tipos em todos os continentes. Ele disse pouco de novo, mas fez com que velhas verdades esquecidas parecessem subitamente relevantes para

---

<sup>1235</sup> O Dicionário Penguin de Santos (1966), pp.

<sup>1236</sup> Dietmar Lamprecht: *Die Stadt auf dem Berge* (Vandenhoeck Ruprecht, 1976), Introdução.

gerações sucessivas. Por exemplo, o Dr. Karl Wick, editor do diário suíço Vaterland, escreveu que “trouxe o silêncio do mosteiro para a casa, para o mercado e para a sala de reuniões”.<sup>1237</sup>

Ao responder à minha surpreendente pergunta se ele realmente pensava, como me dissera, que “Buchman foi um ponto de viragem na história do mundo moderno”, o Cardeal König<sup>1238</sup> escreveu: “No século passado, houve um sentimento entre intelectuais que poderíamos construir um mundo melhor sem Deus. Depois veio a Primeira Guerra Mundial e muitos sentiram que muitas coisas tinham corrido mal. Buchman estava entre eles e começou a pensar no que poderia ser feito. A sua grande ideia era mostrar que o ensino de Jesus Cristo não é apenas um assunto privado, mas tem a grande força para mudar toda a estrutura das ordens sociais da economia, das ideias políticas, se combinarmos a mudança de estruturas com uma mudança de coração. Nesse sentido, ele abriu uma abordagem completamente nova à religião, aos ensinamentos de Jesus Cristo e à vida do homem moderno.”<sup>1239</sup>

König, que nunca conheceu Buchman, baseou a sua avaliação nas suas próprias observações dos últimos anos: 'Onde quer que o Rearmamento Moral esteja ativo, emerge um novo mundo - primeiro em pequenos círculos, mas a atividade mostra quão grande é a força... Se Considero as informações que chegam até mim de todo o mundo, vejo mudanças que são visíveis e efeitos sociais que são tangíveis. Isto deve vir da fé do homem que estava no início, caso contrário não poderia explicar o que aconteceu desde então em tantos lugares. "Pelos seus frutos você os conhecerá." Do fruto você volta à raiz.’<sup>1240</sup>

É demasiado cedo para chegar a qualquer conclusão definitiva sobre o lugar de Buchman na história, mas as observações de König ilustram o que foi, talvez, a sua maior realização - a criação de uma rede mundial de pessoas empenhadas em levar a cabo o mesmo trabalho, “um grupo de pessoas”, nas palavras do antigo Arcebispo de Iorque, Lorde Blanch,

---

<sup>1237</sup> Artigo in Silva, 25 de março de 1962.

<sup>1238</sup> O Cardeal Franz König, Arcebispo de Viena, é uma das principais autoridades na Europa Oriental e na relação do Cristianismo com outras religiões. De acordo com Mary Craig (Man from a Far Country, Hodder e Stoughton, 1979, p.175), ele foi a escolha geral para Papa em determinado momento durante o Conclave de outubro de 1978, mas recusou.

<sup>1239</sup> Declaração enviada pelo Cardeal Franz König ao autor, 15 de novembro de 1984.

<sup>1240</sup> *ibid.*, 18 de novembro de 1984.

“que irão a qualquer lugar e farão qualquer coisa se forem chamadas por Deus para o fazer”.<sup>1241</sup>

Das multidões que Buchman alcançou de uma forma ou de outra durante a sua vida, muitas reagiram hostilmente ou foram indiferentes. Um número muito grande, entretanto, foi influenciado para o bem em pelo menos algum aspecto, e muitas vezes o efeito foi permanente. Um acadêmico holandês que conheci recentemente por acaso é típico. Ao ouvir o nome de Buchman, exclamou: 'Ele mudou completamente minha vida quando eu tinha dezenove anos. Não tenho escutado Deus todos os dias, mas um alicerce foi lançado e sempre permaneceu.' Milhares foram mais longe e comprometeram-se a trabalhar juntos para alterar o clima moral e espiritual do mundo. É esta irmandade dedicada que homens como König e Blanch observaram em ação.

Em vários momentos da sua vida, muitos dos que foram ajudados por Buchman desistiram de trabalhar em estreita colaboração com ele, por vezes abandonando alguns dos princípios que ele defendia, mas mais frequentemente aplicando o que aprenderam nas suas carreiras individuais, leigas ou eclesiásticas, e em alguns casos que criaram “spin-offs” como Alcoólicos Anônimos, Movimento de Fé no Trabalho de Shoemaker e dezenas de outros que poderiam ser citados. Isto também aconteceria após a sua morte, e mais particularmente após a morte do seu sucessor, Peter Howard - quando, aliás, uma série de obituários prematuros do Rearmamento Moral apareceram na imprensa.

Buchman diria em diversos momentos que queria que “todos os meus belos cavalos corressem juntos, pescoço a pescoço”. Certa manhã, em 1960, durante o café da manhã, ele acrescentou: 'Quando eu partir, a Obra será dirigida por um gabinete de amigos que pensam da mesma forma em todo o mundo. Mas você ainda não está pronto para isso. Primeiro haverá um homem. Então aconteceu. Nos anos que se seguiram à morte prematura de Howard em 1965, após um trabalho considerável, essa liderança coletiva passou a existir. Sob a sua direção informal, todos são lançados de volta à sua relação independente com Deus, como Buchman sempre pretendeu, uma vez que não existe uma autoridade humana única a quem se referir. A concretização ativa ou não dos objetivos de Buchman no próximo século

---

<sup>1241</sup> Lord Blanch para Gordon Wise. Falando em Tirley Garth, Cheshire, em 10 de junho de 1984, Lorde Blanch comentou: 'A MRA consegue mobilizar sua experiência...com habilidade e rapidez e é capaz de convocar um grupo de pessoas que irão a qualquer lugar e farão qualquer coisa se forem chamadas. por Deus para fazer isso.

dependerá de todos os que beneficiaram da sua vida - uma seção transversal muito mais ampla da humanidade do que aqueles que alguma vez reconheceram a sua dívida - conduzirem as suas vidas e instituições no espírito do qual, no último ano da sua vida, falou com Jean Rey, o Presidente da Comissão Europeia.

Rey, visitante frequente de Caux, parabenizava Buchman pelas diversas conquistas que observou e atribuiu à sua influência. 'Você deve se sentir muito orgulhoso de tudo isso', disse ele.<sup>1242</sup>

“Não me sinto assim”, respondeu Buchman. 'Não tive nada a ver com isso. Deus faz tudo. Eu apenas obedeço e faço o que Ele diz.'

Foi uma reafirmação de sua estimativa anterior de sua vida: 'Fui maravilhosamente conduzido até aqueles que estavam prontos'.

---

<sup>1242</sup> Ver Howard, O Segredo de Frank Buchman, p. 13.

## RECONHECIMENTOS

Sou grato a três autores que me permitiram citar seus livros extensamente.

Irving Harris permitiu-me citar o seu relato do primeiro encontro entre Buchman e Sam Shoemaker de sua biografia de Shoemaker, *The Breeze of the Spirit* (Seahury, 1978).

Katharine Makower em *Follow My Leader* (Kingsway, 1984) esclareceu-me ainda mais sobre a visita de dois homens de Cambridge, Murray Webb-Peploe e Godfrey Buxton, à América com Buchman em 1921.

Nos capítulos dedicados ao Japão e ao seu povo, confiei muito em memórias inéditas e no recente livro *Japan's Decisive Decade*, de Basil Entwistle. Professor Ezra F. Vogel, Presidente do Conselho do Leste de Estudos Asiáticos na Universidade de Harvard, escreve: 'Basil Entwistle estava em uma posição incomum no início do período pós-Segunda Guerra Mundial para entrar em contato com as pessoas no Japão que emergiriam como líderes na economia e no governo dirigindo o milagre japonês... Ele escreveu um relato extremamente cuidadoso, preciso, informativo e inspirador de suas experiências. Para aqueles de nós que leram à distância sobre estes grandes líderes, é uma história fascinante.'

Gostaria também de agradecer aos muitos outros autores que citei mais brevemente, todos reconhecidos nas Referências de Fonte.

Estou também grato ao pessoal das bibliotecas mencionadas no Prefácio, às quais acrescentaria as bibliotecas das Universidades de Oslo e Uppsala.